

# NOVO TESTAMENTO 2



COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

---

WARREN W. WIERSBE

# COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

*Novo Testamento*  
*Volume II*

WARREN W. WIERSBE

# COMENTÁRIO BÍBLICO EXPOSITIVO

*Novo Testamento*  
*Volume II*

WARREN W. WIERSBE

TRADUZIDO POR  
SUSANA E. KLASSEN

1ª Edição

**Geográfica**  
editora

Santo André, SP - Brasil  
2007

**Comentário Bíblico Expositivo**  
**Categoria: Teologia / Referência**

---

Copyright © 2001 por Warren W. Wiersbe  
Publicado originalmente pela Cook Communications Ministries,  
Colorado, EUA.

*Título Original em Inglês:* The Bible Exposition Commentary – New  
Testament: Vol. II

*Preparação:* Liege Maria de S. Marucci  
*Revisão:* Theófilo Vieira  
*Capa:* Cláudio Souto  
*Diagramação:* Viviane R. Fernandes Costa  
*Impressão e Acabamento:* Geográfica Editora

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida  
Revista e Atualizada, 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indi-  
cação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em maio de 2006.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Wiersbe, Warren W.  
Comentário Bíblico Expositivo : Novo Testamento : volume II / Warren  
W. Wiersbe ; traduzido por Susana E. Klassen. – Santo André, SP :  
Geográfica editora, 2006.

Título original: The Bible Exposition Commentary -  
New Testament: Vol. II

ISBN 85-89956-52-0

1. Bíblia A.T. – Comentários I. Título.

06-3697

CDD-225.7

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Comentários : Novo Testamento : Bíblia 225.7
  2. Novo Testamento : Bíblia : Comentários 225.7
- 

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Geo-Gráfica e editora Ltda.

Av. Presidente Costa e Silva, 2151 - Pq. Capuava - Santo André - SP - Brasil

Site: [www.geograficaeditora.com.br](http://www.geograficaeditora.com.br)



# SUMÁRIO

EFÉSIOS.....	07
FILIPENSES.....	80
COLOSSENSES.....	132
1 TESSALONICENSES.....	201
2 TESSALONICENSES.....	248
1 TIMÓTEO.....	272
2 TIMÓTEO.....	311
TITO.....	336
FILEMOM.....	349
HEBREUS.....	355
TIAGO.....	429
1 PEDRO.....	499
2 PEDRO.....	562
1 JOÃO.....	608
2 JOÃO.....	684
3 JOÃO.....	692
JUDAS.....	699
APOCALIPSE.....	720



**FSC**

**Fontes Limpas**

Grupo de produtos proveniente de florestas  
bem manejadas e outras fontes controladas

C61, SW - C0C - 1682

[www.fsc.org](http://www.fsc.org)

© 1996 Forest Stewardship Council

A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada  
na fabricação do papel interno deste produto provém  
de florestas gerenciadas de uma maneira  
responsável, seguindo rigorosos critérios sociais e  
ambientais e cuja origem é controlada.

# EFÉSIOS

## ESBOÇO

**Tema-chave:** As riquezas do cristão em Cristo

**Versículo-chave:** Efésios 1:3

## I. DOCTRINA: NOSSAS RIQUEZAS EM CRISTO – CAPÍTULOS 1 – 3

A. Nossos bens espirituais em Cristo – 1:4-14

1. Da parte do Pai – 1:4-6
2. Da parte do Filho – 1:7-12
3. Da parte do Espírito – 1:13,14  
Primeira oração – pedindo iluminação – 1:15-23

B. Nossa situação espiritual em Cristo – 2:1-22

1. Exaltados e assentados no trono – 2:1-10
2. Reconciliados e colocados no templo – 2:11-22  
Segunda oração – pedindo capacitação – 3:1-21  
(os vv. 2-13 são um interlúdio)

## II. DEVER: NOSSAS RESPONSABILIDADES EM CRISTO – CAPÍTULOS 4 – 6

A. Andar em união – 4:1-16

B. Andar em pureza – 4:17 – 5:17

1. Andar de modo diferente dos outros gentios – 4:17-32
  2. Andar em amor – 5:1-6
  3. Andar como filhos da luz – 5:7-14
  4. Andar com cuidado – 5:15-17
- C. Andar em harmonia – 5:18 – 6:9

1. Maridos e esposas – 5:18-33

2. Pais e filhos – 6:1-4

3. Senhores e servos – 6:5-9

D. Andar em vitória – 6:10-24

## CONTEÚDO

1. Santos que vivem  
(Ef 1:1-3)..... 8
2. Grandes riquezas  
(Ef 1:4-14)..... 12
3. O extrato bancário  
(Ef 1:15-23)..... 17
4. Fora do cemitério  
(Ef 2:1-10)..... 21
5. A grande missão de paz  
(Ef 2:11-22)..... 27
6. O segredo é revelado  
(Ef 3:1-13)..... 33
7. Usem suas riquezas  
(Ef 3:14-21)..... 39
8. Vamos andar juntos  
(Ef 4:1-16)..... 44
9. Vida nova, roupas novas  
(Ef 4:17-32)..... 50
10. Imitando nosso Pai  
(Ef 5:1-17)..... 56
11. O lar é um pedaço do céu  
(Ef 5:18-33)..... 62
12. O senhorio de Cristo  
(Ef 6:1-9)..... 68
13. Estamos no exército  
(Ef 6:10-24)..... 74

# SANTOS QUE VIVEM

## EFÉSIOS 1:1-3

Ela entrou para a história como a “mulher mais sovina da América” e, no entanto, quando morreu em 1916, “Hetty” Green deixou um espólio estimado em mais de 100 milhões de dólares. Ela comia mingau de aveia frio para não gastar gás de cozinha. Seu filho teve de sofrer uma amputação, pois ela demorou tanto tempo para encontrar atendimento gratuito que o caso tornou-se incurável. Era rica e, no entanto, escolheu viver como indigente.

Excêntrica? Sem dúvida alguma! Maluca? Talvez... mas não a ponto de alguém provar isso. Foi tão insensata que apressou a própria morte ao sofrer uma apoplexia, enquanto discutia sobre as vantagens de beber leite desnatado! No entanto, inúmeros cristãos hoje em dia vivem como Hetty Green: possuem riquezas ilimitadas a sua disposição e, no entanto, vivem como indigentes. Foi para cristãos desse tipo que Paulo escreveu a Epístola aos Efésios.

### 1. O AUTOR (EF 1:1A)

Há certos nomes na história que identificamos de imediato, e “Paulo” é um deles. Seu nome, originalmente, era “Saulo” (At 7:58); e, uma vez que era da tribo de Benjamim (Fp 3:5), é provável que tenha recebido esse nome por causa de Saul, o primeiro rei de Israel (1 Sm 9). Ao contrário de seu homônimo, Saulo de Tarso era obediente e fiel em seu serviço ao Senhor. Rabino devoto, Saulo tornou-se um líder do movimento anticristão em Jerusalém (At 9:1, 2; Gl 1:13, 14). Mas, enquanto exercia essa atividade, Paulo foi “capturado” por Jesus Cristo e convertido (At 9:3ss; 26).

Saulo de Tarso tornou-se Paulo, o apóstolo aos gentios (At 9:15). Enquanto ministrava na igreja de Antioquia, foi chamado pelo Espírito para levar o evangelho aos gentios e obedeceu (At 13:1-3). O Livro de Atos registra três jornadas missionárias que levaram Paulo a diversas partes do império romano em uma das maiores empreitadas evangelísticas da história da Igreja. Paulo ministrou pela primeira vez em Éfeso por volta do ano 53, mas não ficou na cidade (At 18:19-21). Dois anos depois, enquanto realizava sua terceira jornada missionária, Paulo passou pelo menos dois anos em Éfeso e providenciou para que toda a região fosse evangelizada (At 19:1-20). Durante esses anos, fundou uma igreja forte na cidade dedicada ao culto da deusa Diana. Para uma descrição do ministério de Paulo em Éfeso, ver Atos 20, e, para uma explicação sobre a oposição que o ministério de Paulo sofreu nesse local, ver Atos 19:21-41.

Quase dez anos depois, Paulo escreveu a seus amigos queridos em Éfeso. O apóstolo estava preso em Roma (Ef 3:1; 4:1; 6:20) e desejava compartilhar com esses cristãos as grandes verdades que o Senhor havia lhe ensinado acerca de Cristo e da Igreja. A fim de entender melhor o contexto histórico, é interessante comparar Efésios 6:21, 22 com Colossenses 4:7-9 e Filemom. Um escravo chamado Onésimo fugiu de seu senhor, Filemom, que vivia em Colossos. Enquanto estava em Roma, Onésimo encontrou-se com Paulo e se converteu. Tíquico, um dos pastores da igreja de Colossos, que talvez se reunia na casa de Filemom, também estava em Roma para discutir alguns problemas com Paulo. Assim, o apóstolo aproveitou a presença desses dois homens e enviou três cartas a seus amigos: A Epístola aos Efésios, a Epístola aos Colossenses e a Epístola a Filemom. Ao mesmo tempo, enviou Onésimo de volta a seu senhor.

Assim, a carta foi escrita em Roma por volta do ano 62 d.C. Apesar de estar sendo julgado, Paulo demonstrou sua preocupação com as igrejas que havia fundado. Como apóstolo, “enviado com uma comissão”, tinha a obrigação de lhes ensinar a Palavra

de Deus e de procurar edificá-las na fé (Ef 4:11, 12).

## 2. A CONGREGAÇÃO (EF 1:1B, 2)

É de se surpreender que Paulo dirija sua carta aos *santos*? Afinal, os santos são pessoas que já morreram e que, em vida, alcançaram tamanha proeminência espiritual que receberam esse título especial: *santos*. Ou será que não é bem assim?

Nenhuma palavra do Novo Testamento sofreu mais do que o termo *santo*. Até mesmo o dicionário define um *santo* como “uma pessoa oficialmente reconhecida por sua santidade de vida”. Quem é encarregado desse reconhecimento oficial? Normalmente, alguma instituição religiosa, e o processo pelo qual o indivíduo torna-se um santo é conhecido como *canonização*. A vida da pessoa falecida é examinada com cuidado, a fim de averiguar se ela é qualificada para receber esse título. Se o caráter e a conduta da pessoa são considerados irrepreensíveis e se ela realizou pelo menos dois milagres, então é qualificada para a canonização.

Por mais interessante que seja esse procedimento, não encontramos fundamento para ele na Bíblia. Em nove ocasiões desta carta sucinta, Paulo dirige-se a seus leitores chamando-os de santos (Ef 1:1, 15, 18; 2:19; 3:8, 18; 4:12; 5:3; 6:18). São santos vivos, não mortos, apesar de, outrora, terem estado mortos “nos [seus] delitos e pecados” (Ef 2:1-3). Também fica claro que jamais realizaram algum milagre, apesar de terem *experimentado* um milagre ao crer em Cristo como seu Salvador (Ef 2:4-10).

O termo *santo* é apenas uma das muitas designações usadas no Novo Testamento para descrever “aquele que creu em Jesus Cristo como Salvador”. A pessoa está “viva” não apenas fisicamente, mas também espiritualmente (Ef 2:1). Os cristãos são chamados de *discípulos* (At 9:1, 10, 19, 25, 26, 36, 38), *aqueles que são do Caminho* (At 9:2) e *santos* (At 9:13, 32, 41).

A designação *santo* significa alguém “separado”. É relacionada a *santificado*, que significa “colocado à parte”. Quando o pecador crê em Jesus Cristo como Salvador, é

tirado “do mundo” e colocado “em Cristo”. O cristão está *no* mundo fisicamente, mas não é *do* mundo espiritualmente (Jo 17:14-16). Como um mergulhador, ele existe e atua num ambiente que lhe é estranho mediante o uso de um equipamento especial – nesse caso, a presença interior do Espírito Santo de Deus. Todo cristão verdadeiro possui o Espírito Santo (Rm 8:9; 1 Co 6:19, 20), e é pelo poder do Espírito que os cristãos são capazes de existir e de atuar no mundo.

Agora, a pergunta importante: de que maneira essas pessoas de Éfeso tornaram-se santas? A resposta pode ser encontrada em duas palavras “fiéis” e “graça” (Ef 1:1, 2). Quando Paulo dirige sua carta aos “santos... e fiéis em Cristo Jesus”, não está se dirigindo a dois grupos diferentes. O termo *fiel* refere-se “àqueles que crêem em Cristo Jesus”. Essas pessoas não eram salvas porque levavam uma vida fiel, mas sim porque depositaram sua fé em Cristo e receberam a salvação. Esse fato fica claro em Efésios 1:12-14, 19.

O termo *graça* é usado doze vezes em Efésios e se refere à “bondade de Deus para com pessoas indignas”. A graça e a fé aparecem juntas com freqüência na Bíblia e, com certeza, devem atuar juntas na salvação, pois a única forma de experimentar a graça e a salvação é por meio da fé (Ef 2:8, 9).

A expressão “em Cristo [Jesus]” é usada quinze vezes nessa carta! Descreve a situação espiritual do cristão: ele é identificado com Cristo, está em Cristo e, portanto, pode lançar mão das riquezas de Cristo para sua vida diária.

## 3. O OBJETIVO (EF 1:3)

Mesmo que trate de vários assuntos diferentes, cada livro da Bíblia tem seu tema e sua mensagem específicos. Gênesis é o livro dos *princípios*; Mateus é o livro do *reino*; Gálatas é o livro da *liberdade*. Efésios 1:3 apresenta o tema desta epístola: *as riquezas do cristão em Cristo*.

**A fonte de nossas bênçãos.** “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.” Deus o Pai nos tornou ricos em Jesus Cristo! Quando nascemos de novo e passamos

a fazer parte da família de Deus, nascemos ricos. Por meio de Cristo, temos parte nas riquezas da graça de Deus (Ef 1:7; 2:7), na glória de Deus (Ef 1:18; 3:16), na misericórdia de Deus (Ef 2:4) e nas "insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3:8). Nosso Pai celestial não é pobre; ele é rico - e nos tornou ricos em seu Filho.

J. Paul Getty, um dos homens mais abastados do mundo, tinha um patrimônio estimado de 1,3 milhões de dólares. A renda semanal de alguns dos "xeiques do petróleo" é de vários milhões. No entanto, toda essa opulência não passa de uma ninharia, se comparada às riquezas espirituais que temos em Cristo. Nesta carta, Paulo explica o que são essas riquezas e como podemos fazer uso disso para ter uma vida cristã verdadeira.

**A abrangência de nossas bênçãos.** Temos "toda sorte de bênção espiritual", uma declaração que pode ser traduzida por "todas as bênçãos do Espírito", com referência ao Espírito Santo de Deus. No Antigo Testamento, Deus prometeu bênçãos materiais a Israel, seu povo aqui na Terra, como recompensa por sua obediência (Dt 28:1-13). Hoje, ele promete suprir todas as nossas necessidades "segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus" (Fp 4:19), mas não promete nos resguardar da pobreza nem da dor. O Pai nos deu todas as bênçãos do Espírito, tudo de que precisamos para ter uma vida cristã bem-sucedida e gratificante. *O espiritual é mais importante do que o material.*

O Espírito é mencionado diversas vezes nessa carta, pois ele canaliza as riquezas do Pai para nós por meio do Filho. A falta de conhecimento ou de dependência da provisão do Espírito Santo corresponde a uma vida de pobreza espiritual. Não é de se admirar que Paulo tenha começado seu ministério em Éfeso perguntando a alguns cristãos professos se conheciam, de fato, o Espírito Santo (At 19:1-7). Hoje se pode perguntar aos que se dizem cristãos se receberam o Espírito Santo quando creram em Cristo. Se a resposta for negativa, não houve salvação verdadeira. "E, se alguém não tem o Espírito

de Cristo, esse tal não é dele" (Rm 8:9). A menos que tenhamos o *testemunho* do Espírito (Rm 8:15, 16), não podemos lançar mão das *riquezas* do Espírito.

**A esfera das nossas bênçãos.** Nossas bênçãos encontram-se "nas regiões celestiais em Cristo", uma oração que talvez possa ser traduzida mais claramente por "nas coisas do céu em Cristo". A pessoa não salva se interessa primeiramente pelas *coisas da Terra*, pois esse é o lugar onde ela vive. Jesus chama indivíduos desse tipo de "filhos do mundo" (Lc 16:8). A vida cristã gira em torno do céu. Sua cidadania encontra-se no céu (Fp 3:20); seu nome está escrito no céu (Lc 10:20); seu Pai está no céu (Cl 3:1ss). O evangelista D. L. Moody costumava advertir sobre pessoas que "pensavam tanto no céu a ponto de não valerem coisa alguma na Terra", mas não é isso o que Paulo está descrevendo. As "regiões celestiais" referem-se ao lugar onde Jesus Cristo encontra-se neste exato momento (Ef 1:2) e onde o cristão está assentado com ele (Ef 2:6). Nossas batalhas não são contra carne e sangue na Terra, mas sim contra as potestades satânicas "nas regiões celestes" (Ef 6:12).

Na verdade, o cristão atua em duas esferas: na humana e na divina, na visível e na invisível. Em termos físicos, encontra-se na Terra, em um corpo humano, mas em termos espirituais, encontra-se assentado com Cristo na esfera celestial - esfera que oferece o poder e a direção para a vida aqui na Terra. O presidente dos Estados Unidos não está sempre em sua cadeira no gabinete da Casa Branca, mas essa cadeira representa a esfera de sua vida e poder. Não importa onde ele esteja, ele é o presidente, pois somente ele tem o privilégio de ocupar esse lugar. O mesmo acontece com o cristão: encontra-se assentado nas regiões celestiais com Jesus Cristo, e essa é a base de sua vida e poder.

Quando Vitória era jovem, não lhe foi revelado que seria a próxima governante da Inglaterra para que não se tornasse uma garotinha mimada. Quando, por fim, seu tutor permitiu que ela descobrisse por sua própria conta que, um dia, seria a rainha



da Inglaterra, ela reagiu declarando: "Então, vou me comportar bem!" Sua vida seria regida por seu cargo. Onde quer que estivesse, Vitória seria controlada pelo fato de que se assentava no trono da Inglaterra.

Para os leitores de Paulo, era bastante significativo ele estar escrevendo sobre riquezas, pois Éfeso era considerado o "banco" da Ásia. A cidade abrigava uma das sete maravilhas do mundo, o templo magnífico de Diana, constituindo um centro não apenas de idolatria, mas também de riquezas. Alguns dos maiores tesouros de arte do mundo antigo encontravam-se nesse templo grandioso. Em sua carta, Paulo compara a Igreja de Cristo com um templo e explica a grande

riqueza que Cristo tem em sua Igreja. O apóstolo usou o termo "riquezas" anteriormente, mas pode ser interessante observar outros termos "financeiros", como *herança* (Ef 1:11, 14, 18; 5:5); *plenitude* (Ef 1:10, 23; 3:19; 4:13); *encher* (4:10; 5:18). Paulo está dizendo: "sejam ricos!"

#### 4. A ANÁLISE

A epístola de Paulo aos Efésios é tão bem estruturada quanto o grande templo de Diana e contém belezas e riquezas ainda maiores! *Her damos as riquezas pela fé e as investimos por meio das obras. Sem esse equilíbrio, nossos bens espirituais não nos trazem benefício algum.*

## GRANDES RIQUEZAS

EFÉSIOS 1:4-14

Uma das tiras de história em quadrinhos mais engraçadas que já vi mostrava um advogado todo empolado lendo o testamento de um cliente a um grupo de parentes gananciosos. A legenda dizia: "Eu, John Jones, mental e fisicamente apto, gastei tudo o que tinha!"

Quando Jesus escreveu seu testamento para a Igreja, nos deu acesso a suas riquezas espirituais. Em vez de gastar tudo, Jesus Cristo pagou por tudo. Sua morte na cruz e sua ressurreição viabilizaram nossa salvação.

Ele nos incluiu em seu testamento e morreu a fim de que esse testamento pudesse entrar em vigor. Então, ressuscitou dentre os mortos para se tornar nosso Advogado no céu e garantir que as cláusulas do testamento fossem devidamente cumpridas!

Nesta frase extensa, Paulo cita apenas algumas das bênçãos que fazem parte da nossa riqueza espiritual.

### 1. BÊNÇÃOS DE DEUS, O PAI (EF 1:4-6)

**Ele nos escolheu (v. 4).** Esta é a doutrina maravilhosa da *eleição*, uma doutrina que deixa alguns maravilhados e outros perplexos. Um professor do seminário me disse certa vez: "Tente explicar a eleição e pode acabar perdendo o juízo; tente livrar-se dela e perderá a alma!" Todos os cristãos concordam que a salvação começa em Deus, não no ser humano. "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros" (Jo 15:16). Abandonado aos próprios recursos, o pecador não procura Deus (Rm 3:10, 11); em seu amor, é Deus quem procura o pecador (Lc 19:10).

Convém observar que Deus nos escolheu mesmo antes de criar o universo, de modo que nossa salvação deve-se inteiramente a sua graça, não a qualquer coisa que tenhamos feito. Ele nos escolheu *em Cristo*, não em nós mesmos. Também nos escolheu com um propósito: para sermos santos e irrepreensíveis. Na Bíblia, a eleição é sempre *para* alguma coisa. É um privilégio que traz consigo uma grande responsabilidade.

O pecador reage à graça de Deus contra a própria vontade? Não, porque a graça de Deus cria dentro dele a disposição para agir. O mistério da soberania divina e da responsabilidade humana não será desvendado nesta vida. Tanto uma quanto a outra são ensinadas na Bíblia (Jo 6:37) e são verdades e essenciais.

Podemos observar que as três Pessoas da Trindade encontram-se envolvidas na salvação (ver também 1 Pe 1:3). No que se refere a Deus Pai, fomos salvos quando ele nos escolheu em Cristo na eternidade passada. Mas isso não é suficiente para concretizar a salvação. No que se refere a Deus Filho, fomos salvos quando ele morreu por nós na cruz. No que se refere a Deus Espírito, fomos salvos quando cedemos à sua persuasão e recebemos a Cristo como Salvador. O que teve início na eternidade passada cumpre-se no presente e se estende para sempre!

**Ele nos adotou (v. 5).** Deparamo-nos aqui com o verbo *predestinar*, que com tanta freqüência é interpretado de maneira equivocada. De acordo com seu uso na Bíblia, refere-se, *essencialmente*, ao que Deus faz pelos salvos. As Escrituras não ensinam, em parte alguma, que certas pessoas são predestinadas para o inferno, pois esse termo refere-se apenas aos filhos de Deus. *Predestinar* significa simplesmente "ordenar de antemão, predeterminar". A eleição refere-se a *peessoas*, enquanto a predestinação refere-se a *propósitos*. Os acontecimentos ligados à crucificação de Cristo foram predestinados (At 4:25-28). Deus predestinou nossa adoração (Ef 1:5) e nossa conformidade com Cristo (Rm 8:29, 30), bem como nossa herança futura (Ef 1:11).

A adoção possui sentido duplo, presente e futuro. Não entramos na família de Deus por adoção, mas sim por regeneração – pelo novo nascimento (Jo 3:1-18; 1 Pe 1:22-25). A adoção é o ato pelo qual Deus coloca os que nasceram de novo em uma posição de filhos adultos dentro de sua família. Faz isso para que possamos começar *de imediato* a nos apropriar de nossa herança e a desfrutar nossas riquezas espirituais! Um bebê não pode herdar legalmente uma herança (Gl 4:1-7), mas um adulto sim... e deve fazer isso! Isso significa que não precisamos esperar até nos tornarmos experientes na fé para nos apropriarmos de nossas riquezas em Cristo.

O sentido *futuro* da adoção encontra-se em Romanos 8:22, 23, o corpo glorificado que receberemos quando Jesus voltar. Diante de Deus, já somos considerados adultos em sua família, mas o mundo não consegue ver isso. Quando Cristo voltar, essa adoção se tornará pública, para que todos vejam!

**Ele nos aceitou (v. 6).** Não podemos nos tornar aceitáveis a Deus; mas ele, em sua graça, providenciou para que fôssemos aceitos em Cristo. Essa é nossa posição eterna e imutável. A segunda parte desse versículo também pode ser traduzida literalmente por “[a graça] *da qual ele nos cobriu* no Amado”. A idéia é a mesma. Pela graça de Deus em Cristo, somos aceitos por ele. Ao escrever a epístola a Filemom para incentivá-lo a aceitar de volta seu escravo fugido, Onésimo, Paulo usa a mesma argumentação. “Pagarei qualquer coisa que porventura ele lhe deva. Receba-o como receberias a mim” (Fm 17-19, parafraseado). Não é difícil ver o paralelo.

## 2. BÊNÇÃOS DE DEUS, O FILHO (EF 1:7-12)

Não devemos imaginar que cada Pessoa da Trindade opere de modo independente, pois todas trabalharam juntas para possibilitar nossa salvação. No entanto, cada Pessoa tem um ministério especial a realizar, um “depósito espiritual” com o qual contribui em nossa vida.

**Ele nos remiu (v. 7a).** O verbo *remir* significa “comprar e libertar mediante o pagamento de um preço”. Havia no império

romano cerca de seis milhões de escravos comprados e vendidos como se fossem objetos. No entanto, era possível comprar um escravo para libertá-lo, e foi isso o que Jesus fez por nós. Pagou com o próprio sangue (1 Pe 1:18ss) e, desse modo, nos libertou da Lei (Gl 5:1), da escravidão do pecado (Rm 6) e do poder de Satanás e do mundo (Gl 1:4; Cl 1:13, 14). Se fôssemos escravos, seríamos pobres, mas somos ricos porque somos filhos!

**Ele nos perdoou (v. 7b).** O verbo *perdoar* significa “levar embora”. Essa idéia nos traz à memória o ritual realizado em Israel no Dia da Expição, quando o sumo sacerdote enviava o bode expiatório para o deserto (Lv 16). Primeiro, o sacerdote sacrificava um de dois bodes e aspergia o sangue diante de Deus sobre o propiciatório. Em seguida, confessava os pecados de Israel, enquanto impunha as mãos sobre o outro bode que, depois, era levado ao deserto para nunca mais ser visto. Cristo morreu para levar nossos pecados embora, a fim de que nunca mais sejam vistos (Sl 103:12; Jo 1:29). Não há qualquer acusação registrada contra nós, pois nossos pecados foram levados embora! O pecado nos empobrece, mas a graça nos enriquece!

**Ele nos revelou a vontade de Deus (vv. 8-10).** Esta epístola fala com freqüência do plano de Deus para seu povo, plano não plenamente compreendido nem mesmo no tempo de Paulo. O termo *mistério* não tem relação alguma com coisas sinistras. Antes, refere-se a “um ‘segredo sagrado’ outrora oculto, mas agora revelado ao povo de Deus”. Nós, cristãos, fazemos parte do “círculo mais íntimo” de Deus. Tomamos conhecimento do segredo de que, um dia, Deus unirá todas as coisas em Cristo. Desde que o pecado entrou no mundo, tudo se encontra em um processo de desintegração. Primeiro, o homem foi separado de Deus (Gn 3). Depois, o homem foi separado do homem, quando Caim matou Abel (Gn 4). Os seres humanos tentaram manter algum tipo de unidade ao construir a torre de Babel (Gn 11), mas Deus julgou-os e dispersou-os pelo mundo afora. Deus chamou Abraão e

fez distinção entre judeus e gentios, mantendo essa distinção até a morte de Cristo na cruz. O pecado continua a causar separação por toda parte, mas em Cristo Deus reunirá todas as coisas no apogeu das eras. Fazemos parte desse plano eterno extraordinário!

**Ele nos fez herança (vv. 11, 12).** Algumas versões da Bíblia dizem “no qual também obtivemos uma herança”, mas essa frase pode ser traduzida por “no qual fomos também feitos herança”. As duas afirmações são verdadeiras, e uma inclui a outra. Em Cristo, temos uma herança maravilhosa (1 Pe 1:1-4), e em Cristo somos uma herança. Somos preciosos para ele. Que preço altíssimo Deus pagou para nos comprar e nos tornar parte de sua herança! Deus, o Filho, é o presente de amor do Pai para nós; e nós somos o presente de amor do Pai para o Filho. Ao ler João 17, é possível observar quantas vezes Cristo nos chama de “aqueles que me deste”. A Igreja é o corpo de Cristo (Ef 1:22, 23), seu edifício (Ef 2:19-22), e sua noiva (Ef 5:22, 23); a herança futura de Cristo encontra-se entrelaçada com sua Igreja. Somos “co-herdeiros com Cristo” (Rm 8:17), o que significa que ele não pode apropriar-se de sua herança sem nós!

### 3. BÊNÇÃOS DE DEUS, O ESPÍRITO SANTO (EF 1:13, 14)

Da eternidade passada (Ef 1:4-6) e da história passada (Ef 1:7-12), vamos agora para a experiência imediata dos cristãos efésios. O Espírito Santo havia operado na vida deles, e sabiam disso.

**Ele nos selou (v. 13).** O processo todo da salvação é apresentado nesse versículo, de modo que devemos examiná-lo com cuidado. Ele nos mostra de que maneira um pecador torna-se um santo. Primeiro, o pecador ouve o evangelho da salvação. São as boas-novas de que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou (1 Co 15:1ss). Os efésios eram gentios, e o evangelho foi dado para a salvação “primeiro do judeu” (Rm 1:16). Mas Paulo, um judeu, levou o evangelho aos gentios ao compartilhar com eles a Palavra de Deus.

Os efésios ouviram “a palavra da verdade” e descobriram que era, para eles, “o evangelho da vossa salvação” (Ef 1:13). Apesar de a Bíblia ensinar a eleição, também declara: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15). A pessoa que está evangelizando não discute a eleição com os não salvos, pois se trata de um “segredo de família” dos santos. Simplesmente anuncia a verdade do evangelho e convida os outros a crerem em Cristo. O Espírito Santo cuida do resto. D. L. Moody costumava orar: “Senhor, salva os eleitos e, depois, elege mais alguns!” O mesmo Deus que determina o fim – a salvação das almas – também determina os meios para alcançar esse fim – a pregação do evangelho no poder do Espírito.

Os efésios ouviram a Palavra e creram, e foi essa fé que os salvou (Ef 2:8, 9). É um padrão de acordo com o que Paulo escreveu em Romanos 10:13-15. Convém ler essa passagem com grande atenção, pois constitui o plano de Deus para o evangelismo. Quando os efésios creram, foram “selados com o Espírito Santo”. A expressão “tendo nele também crido” indica que receberam o Espírito no mesmo instante em que creram em Cristo. Receber o Espírito não é uma experiência subsequente à conversão (ler At 10:34-48).

A que se refere esse ato de selar realizado pelo Espírito Santo? Em primeiro lugar, indica uma *transação concluída*. Até hoje, quando documentos legais importantes são tramitados, recebem um selo oficial para indicar a conclusão da transação. Esse selo também denota *posse*: Deus colocou seu selo em nós, pois nos comprou, de modo que pertencemos a ele (1 Co 6:19, 20). Indica, ainda, *segurança e proteção*. O selo romano colocado no túmulo de Jesus tinha esse significado (Mt 27:62-66). Assim, o cristão pertence a Deus e está seguro e protegido, pois faz parte de uma transação completada. De acordo com João 14:16, 17, o Espírito Santo habita no cristão para sempre. É possível entristecer o Espírito e, desse modo, perder as bênçãos de seu ministério (Ef 4:30), mas ele não nos abandona.

Um selo também pode ser usado como marca de *autenticidade*. Assim como a assinatura numa carta atesta a genuinidade do documento, a presença do Espírito prova que o cristão é autêntico. “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9). O que garante a autenticidade de nossa fé não é apenas a confissão de nossos lábios, nossas atividades religiosas ou boas obras, mas também o testemunho do Espírito.

**Ele nos deu um penhor (v. 14).** *Penhor* é uma palavra fascinante! No tempo de Paulo, significava “uma entrada paga para garantir a compra final de um bem ou propriedade”. Ainda hoje, costuma-se pagar uma entrada na compra de um imóvel ou de algum outro bem de valor mais elevado. O Espírito Santo é a “primeira prestação” e garantia de Deus a seus filhos de que ele terminará sua obra e, no devido tempo, os conduzirá à glória. O “resgate da sua propriedade” refere-se à redenção do corpo na volta de Cristo (Rm 8:18-23; 1 Jo 3:1-3). Esse “resgate” dá-se em três estágios:

- *Fomos remidos* pela fé em Jesus Cristo (Ef 1:7).
- *Estamos sendo remidos* à medida que o Espírito Santo opera em nossa vida e nos torna mais semelhantes a Cristo (Rm 8:1-4).
- *Seremos remidos* quando Cristo voltar e nos tornarmos como ele.

No entanto, o termo traduzido por *penhor* também significa uma “aliança de noivado”. É assim que esse termo costuma ser usado hoje em dia na Grécia. Afinal, o anel de noivado não é uma garantia de que certas promessas serão cumpridas? Nosso relacionamento com Deus, por meio de Cristo, não é simplesmente de caráter *comercial*; é uma experiência pessoal de amor. Cristo é o noivo e a Igreja é a noiva. Sabemos que ele voltará para tomar sua noiva para si, pois ele nos fez essa promessa e nos deu o Espírito como “aliança de noivado”. Que maior garantia poderíamos querer?

Neste capítulo, examinamos algumas doutrinas bíblicas fundamentais, todas relacionadas ao tema das nossas riquezas em Cristo. Pode ser proveitoso recapitular o que esses versículos ensinam.

1. *As verdadeiras riquezas vêm de Deus.* É um grande estímulo saber que o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão operando em nosso favor, a fim de nos enriquecer. Deus não apenas nos abençoa “ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17), mas também nos concede riquezas *eternas* sem as quais todos os outros bens não teriam valor algum.

Uma esposa aflita procurou um conselheiro cristão e lhe contou a triste história de seu casamento que estava preste a chegar ao fim.

– Mas temos tanta coisa! – comentou a mulher várias vezes. – Veja só este anel de diamante em meu dedo. Vale uma fortuna! Temos uma mansão cara em um condomínio de alto padrão. Temos três carros e uma casa nas montanhas. Temos tudo o que dinheiro pode comprar!

– É bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar – o conselheiro lhe respondeu –, desde que não perca as coisas que o dinheiro *não* pode comprar. De que lhe adiante ter uma mansão, se você não tem um lar? De que lhe serve um anel caríssimo, se você não tem amor?

Em Cristo, temos “tudo o que dinheiro não pode comprar”, e essas riquezas espirituais dão acesso a todos os bens da vasta criação de Deus. Desfrutamos as dádivas porque conhecemos e amamos o Doador.

2. *Todas essas riquezas são concedidas pela graça de Deus e para sua glória.* É interessante observar que, depois de cada seção principal em Efésios 1:4-14, Paulo acrescenta o propósito dessas dádivas. Por que Deus, o Pai, nos escolheu, adotou e aceitou? “Para louvor da glória de sua graça” (Ef 1:6). Por que Deus, o Filho, nos remiu, perdoou, revelou a nós a vontade de Deus e nos fez parte da herança de Deus? “A fim de sermos para louvor da sua glória” (Ef 1:12). Por que Deus, o Espírito, nos selou e se tornou a garantia das nossas bênçãos

futuras? “[Para] louvor da sua glória” (Ef 1:14).

Muitas vezes, imaginamos que o motivo principal pelo qual Deus salva os pecadores é sua compaixão por eles ou seu desejo de livrá-los do julgamento eterno; mas o propósito supremo de Deus é sua glória. A criação revela sua sabedoria e poder, enquanto a Igreja revela seu amor e graça. Não podemos fazer coisa alguma para conquistar ou merecer essas riquezas espirituais; só nos resta recebê-las pela graça, mediante a fé.

3. *Essas riquezas são apenas o começo!* Há sempre mais riquezas espirituais das quais podemos nos apropriar no Senhor em nossa jornada com ele. A Bíblia é nosso guia; o Espírito Santo é nosso Mestre. Ao sondar a Palavra de Deus, descobrimos riquezas cada vez maiores que possuímos em Cristo, planejadas pelo Pai, compradas pelo Filho e oferecidas pelo Espírito. Não temos necessidade alguma de viver em pobreza quando toda a riqueza de Deus está a nosso dispor!

Um amigo meu discutia alguns problemas financeiros com a esposa, e nenhum

dos dois percebeu que o filho pequeno estava ouvindo. Por fim, o menino interrompeu a conversa e sugeriu:

- É simples: é só escrever num daqueles pedaços de papel...

O menino ainda não entendia que era necessário ter dinheiro no banco para cobrir o que fosse escrito “num daqueles pedaços de papel”. Mas, tratando-se de nossas riquezas espirituais, esse é um problema que nunca enfrentamos.

Charles Spurgeon escreveu um pequeno livro de devocionais chamado *Um talão de cheques do banco da fé*. Nele, oferecia uma promessa da Bíblia para cada dia do ano acompanhada de uma mensagem devocional curta. Descrevia cada promessa como sendo tão real quanto dinheiro no banco a qualquer um que se apropriasse dela pela fé, como quem escreve um cheque de um valor que se encontra em sua conta bancária. Pela fé, podemos nos apropriar das promessas de Deus e lançar mão de sua riqueza ilimitada para suprir todas as nossas necessidades.



## O EXTRATO BANCÁRIO

EFÉSIOS 1:15-23

No dia 6 de janeiro de 1822, a esposa de um pastor pobre na Alemanha deu à luz um menino. Mal sabia ela que, um dia, seu filho ficaria conhecido no mundo inteiro e se tornaria extremamente rico. Quando Heinrich Schliemann tinha 7 anos de idade, ficou fascinado com uma gravura que retratava a antiga cidade de Tróia em chamas. Ao contrário da maioria das pessoas, Heinrich acreditava que os dois grandes poemas de Homero, a *Íliada* e a *Odisséia*, eram baseados em fatos reais e se pôs a provar sua convicção. Em 1873, descobriu o local da antiga cidade de Tróia, além de um tesouro fabuloso, que contrabandeou para fora do país, provocando a ira do governo turco. Schliemann tornou-se um homem rico e famoso, pois ousou acreditar num relato antigo e agiu em função de sua fé.

Descobrimos que, quando aceitamos a Cristo, “nascemos ricos”. Mas não basta saber esse fato; devemos também crescer no entendimento do que são nossas riquezas, a fim de usá-las para a glória de Deus. Muitos cristãos nunca verificam seu “extrato bancário” para descobrir as riquezas espirituais abundantes que Deus depositou na conta deles por meio de Jesus Cristo. São como o falecido editor de jornais William Randolph Hearst, que investiu uma fortuna para colecionar obras de arte do mundo todo. Um dia, Hearst deparou-se com a descrição de alguns objetos de valor que desejou incluir em sua coleção e enviou seu agente para o exterior a fim de encontrar as tais peças. Depois de meses de busca, o agente enviou-lhe um relatório contando que finalmente havia achado os tesouros e comunicando

que estavam guardados num dos depósitos de Hearst. O magnata havia procurado desesperadamente algo que já lhe pertencia! Se houvesse olhado a relação de seus próprios tesouros, teria poupado um bocado de trabalho e dinheiro.

O desejo de Paulo era que os cristãos de Éfeso entendessem a grande riqueza que tinham em Cristo. O apóstolo sabia da fé e do amor dos efésios e se regozijava com eles. A vida cristã possui duas dimensões inseparáveis: a fé em Deus e o amor aos homens. No entanto, Paulo sabia que a fé e o amor eram apenas o começo. Havia muito mais para os efésios descobrirem, e foi por isso que o apóstolo orou por eles e por nós.

Nas orações que Paulo fez na prisão (Ef 1:15-23; 3:14-21; Fp 1:9-11; Cl 1:9-12), encontramos as bênçãos que desejava que seus convertidos desfrutassem. Em nenhuma dessas orações, ele pede coisas materiais. Sua ênfase é sobre a percepção espiritual e sobre o verdadeiro caráter cristão. Não pede que Deus lhes dê aquilo que não têm, mas sim que Deus lhes revele o que já possuem.

Antes de estudar os quatro pedidos de Paulo em sua “súplica por iluminação”, devemos observar dois fatos. Em primeiro lugar, esse esclarecimento vem do Espírito Santo. Ele é o “Espírito de sabedoria e entendimento” (Is 11:2; Jo 14:25, 26; 16:12-14). O ser humano não é capaz de compreender as coisas de Deus contando apenas com sua mente natural. Precisa que o Espírito o ilumine (1 Co 2:9-16). O Espírito Santo revela a verdade da Palavra e, então, nos dá a sabedoria para compreendê-la e aplicá-la. Também nos concede o poder – a capacitação – para colocar a verdade em prática (Ef 3:14-21).

Em segundo lugar, essa iluminação é dada ao coração daquele que crê (Ef 1:18). Consideramos o coração a parte emocional do ser humano, mas, na Bíblia, ele representa o ser interior e inclui as emoções, a mente e a volição. O ser interior, o coração, possui faculdades espirituais paralelas aos sentidos do corpo. Pode ver (Sl 119:18; Jo 3:3), ouvir (Mt 13:9; Hb 5:11), provar (Sl 34:8; 1 Pe 2:3), cheirar (Fp 4:18; 2 Co 2:14) e tocar (At 17:27). Era a isso que Jesus se referia quando disse

do povo: “vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem” (Mt 13:13). A incapacidade de ver e compreender as coisas espirituais não deve ser atribuída à inteligência, mas sim ao coração. Os olhos do coração devem ser abertos pelo Espírito de Deus.

### 1. PARA CONHEÇERMOS A DEUS (EF 1:17B)

Trata-se, evidentemente, da mais elevada de todas as formas de conhecimento. O *ateu* afirma que não há Deus a ser conhecido, e o *agnóstico* afirma que, se há um Deus, não temos como conhecê-lo. No entanto, Paulo teve um encontro com Deus na pessoa de Jesus Cristo e sabia que um ser humano não é capaz de entender verdadeiramente coisa alguma sem o conhecimento de Deus.

Essa ignorância intencional de Deus conduziu a humanidade à corrupção e à condenação. Em Romanos 1:18ss, Paulo descreve os estágios da degeneração humana: ignorar a Deus deliberadamente, dedicar-se à idolatria (colocar uma mentira no lugar da verdade) e, por fim, se entregar à imoralidade e à indecência. Onde isso começa? Na recusa em conhecer a Deus como Criador, Sustentador, Governante, Salvador e Juiz.

O cristão deve crescer no conhecimento de Deus. A salvação é o conhecimento pessoal de Deus (Jo 17:3). A santificação é o conhecimento crescente de Deus (Fp 3:10). A glorificação é o conhecimento perfeito de Deus (1 Co 13:9-12). Uma vez que fomos criados à imagem de Deus (Gn 1:26-28), quanto melhor o conhecermos, melhor conheceremos a nós mesmos e uns aos outros. Não basta conhecer a Deus somente como Salvador. Devemos conhecê-lo como Pai, Amigo e Guia, e, quanto melhor o conhecermos, mais gratificante será nossa vida espiritual.

Certa vez, um cristão comentou comigo depois de um estudo bíblico:

– Foi bom eu ter vindo hoje! Aprendi dois versículos para usar contra meu vizinho insuportável!

Sem dúvida, há ocasiões em que a Palavra de Deus é como uma espada para

derrotar o inimigo, mas esse não é o propósito maior do texto bíblico.

### 2. PARA CONHEÇERMOS O CHAMAMENTO DE DEUS (EF 1:18A)

O termo *chamado* é de grande importância para o vocabulário cristão. A palavra *igreja* é uma combinação de dois termos gregos que significam “chamado para fora”. Paulo não se cansava de testemunhar que Deus o havia chamado “pela sua graça” (Gl 1:15); e lembrou a Timóteo que o cristão possui uma “santa vocação [chamado]” (2 Tm 1:9). Fomos “[chamados] das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9), e até mesmo “[chamados] à sua eterna glória” (1 Pe 5:10). O chamamento de Deus se dá por causa de sua graça, não de algum mérito que porventura tenhamos.

Paulo deseja que nos conscientizemos da esperança que possuímos em virtude desse chamamento (Ef 4:4). Alguns chamamentos não oferecem esperança alguma, mas nosso chamamento em Cristo nos garante um futuro maravilhoso. É importante lembrar sempre que, na Bíblia, o termo *esperança* não significa “espero que isso aconteça”, como uma criança que espera ganhar uma bicicleta no Natal. Esse termo bíblico implica “certeza quanto ao futuro”. O cristão espera, evidentemente, pela volta de Jesus Cristo para buscar sua Igreja (1 Ts 4:13-18; 1 Jo 3:1-3). Quando estávamos perdidos, “não [tínhamos] esperança” (Ef 2:12); mas em Jesus, temos “uma viva esperança” (1 Pe 1:3) que nos dá ânimo a cada dia.

Kenneth Chafin, um conhecido escritor batista, conta a história de um pastor e de um diácono que foram visitar uma família não cristã que estava indo aos cultos em sua igreja. Ao parar o carro em frente à casa, viram que era quase uma mansão, cercada por um gramado impecável. Havia dois carros na garagem e, por uma janela panorâmica, podia-se ver o pai lá dentro, sentado numa grande poltrona, assistindo à televisão. O diácono voltou-se para o pastor e perguntou:

– Que boas-novas temos para anunciar a alguém como *ele*?

Como é fácil confundir preços com valores. Éfeso era uma cidade rica. Abrigava o templo de Diana, uma das maravilhas do mundo antigo. Hoje, apesar de ser um paraíso arqueológico, perdeu sua riqueza e esplendor. Mas neste exato momento, os cristãos que viveram em Éfeso estão no céu, desfrutando a glória de Deus!

A esperança referente a nosso chamado deve ser uma força dinâmica em nossa vida, estimulando-nos a ser puros (1 Jo 2:28 – 3:3), obedientes (Hb 13:17) e fiéis (Lc 12:42-48). O fato de que, um dia, veremos Cristo e seremos como ele deve nos motivar a viver como Cristo hoje.

### 3. PARA CONHECERMOS AS RIQUEZAS DE DEUS (EF 1:18B)

Essa oração não se refere à nossa herança em Cristo (Ef 1:11), mas sim à herança dele em nós. Trata-se de uma verdade extraordinária – que Deus nos considera parte de sua grande riqueza! Assim como a riqueza de uma pessoa traz honra para seu nome, a Igreja também glorificará a Deus por causa do que ele investiu nos santos. Quando Jesus Cristo voltar, viveremos “para louvor da glória de sua graça” (Ef 1:6).

Deus nos trata com base no futuro, não no passado. Quando Gideão foi covarde, Deus lhe disse: “O SENHOR é contigo, homem valente” (Jz 6:12). E Jesus declarou ao irmão de André: “Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)” (Jo 1:42).

Gideão tornou-se um homem de grande bravura, e Simão tornou-se Pedro, uma rocha. Nós, cristãos, vivemos no futuro; nossa vida é controlada por aquilo que seremos quando Cristo voltar. Uma vez que somos herança de Deus, vivemos de modo a lhe agradecer e a glorificá-lo.

Essa verdade indica que Cristo não entrará em sua glória prometida até que a Igreja esteja presente para compartilhá-la com ele. Foi isso que ele pediu antes de morrer, e sua oração será respondida (Jo 17:24). Cristo será glorificado em nós (2 Ts 1:10), e nós seremos glorificados nele (Cl 3:4). A consciência desse fato deve levar o cristão

a viver de maneira dedicada e consagrada ao Senhor.

### 4. PARA CONHECERMOS O PODER DE DEUS (EF 1:19-23)

Ao nos tornar sua herança, Deus demonstra seu amor. Ao nos prometer um futuro maravilhoso, ele estimula nossa esperança. Paulo oferece algo para desafiar nossa fé: “a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos” (Ef 1:19). Essa verdade é tão magnífica que Paulo usa uma porção de palavras diferentes do vocabulário grego para mostrá-la com clareza: *dunamis* – “poder”, como nas palavras dínamo e dinamite; *energeia* – “operação”, como em energia; *kratos* – “forte”; *ischus* – “poder”. Efésios 1:19 pode ser traduzido por: “E qual a grandeza insuperável de seu poder para conosco que cremos, segundo a operação do poder da sua força”. O apóstolo está se referindo à energia divina, dinâmica e eterna que se encontra a nosso dispor!

Afinal, de que adianta possuir riquezas quando não se tem energia para usá-las? Ou o medo de que ladrões a levarão é tanto que não se é capaz de desfrutá-las? John D. Rockefeller foi o primeiro bilionário do mundo. Diz-se que, durante muitos anos, ele viveu à base de leite e biscoitos por causa de problemas de estômago decorrentes de uma preocupação excessiva com suas riquezas. Raramente desfrutava uma boa noite de sono e sempre tinha guardas a sua porta. Rico, porém miserável! Quando começou a dividir sua riqueza com outras pessoas por meio de grandes projetos filantrópicos, sua saúde melhorou consideravelmente, e ele viveu até uma idade avançada.

Nós, cristãos, precisamos de poder por vários motivos. Em primeiro lugar, somos fracos demais por natureza para dar o devido valor e nos apropriarmos dessas riquezas, a fim de usá-las corretamente. “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26:41). Entregar essa riqueza espiritual imensa a um simples ser humano, vivendo com sabedoria e força humanas, seria como entregar uma bomba atômica a uma criança de 2 anos de idade. O poder de Deus

capacita-nos para que usemos as riquezas de Deus.

No entanto, há um segundo motivo pelo qual precisamos do poder de Deus. Há inimigos que desejam tomar essas riquezas de nós (Ef 1:21; 6:11, 12). Jamais seríamos capazes de derrotar esses adversários espirituais com as próprias forças, mas é possível fazê-lo pelo poder do Espírito. Paulo tem como objetivo conscientizar-nos da grandeza do poder de Deus, de modo que não falhemos no uso de nossas riquezas e que não sejamos privados delas pelo inimigo.

A ressurreição de Jesus Cristo manifestou esse poder. No Antigo Testamento, as pessoas mediam o poder de Deus por sua criação (Is 40:12-27) ou pelo milagre do êxodo de Israel do Egito (Jr 16:14). Hoje em dia, porém, medimos o poder de Deus pelo milagre da ressurreição de Cristo. Ela não se limita a Cristo ter sido trazido de volta dos mortos, pois ele também subiu ao céu e está assentado no lugar de autoridade, à destra de Deus. Ele não é somente nosso Salvador; também é Soberano (At 2:25-36). Nenhuma autoridade ou potestade – seja humana ou espiritual – é maior do que Jesus Cristo, o Filho exaltado de Deus. Ele está “acima de tudo” e nenhum inimigo futuro poderá vencê-lo, pois ele já foi exaltado muito acima de todas as potências.

Mas de que maneira isso se aplica a nós hoje? Em Efésios 1:22, 23, Paulo esclarece a aplicação prática. Pelo fato de sermos cristãos, fazemos parte da Igreja, o corpo de Cristo, e ele é o Cabeça. Isso significa que existe uma ligação viva entre nós e Cristo. Em termos físicos, a cabeça controla o corpo e garante seu funcionamento adequado. Danos causados a certas regiões do cérebro podem provocar deficiências e paralisia a partes correspondentes do corpo. Cristo é nosso Cabeça espiritual. Somos ligados a ele por meio do Espírito como membros de seu corpo. Isso significa que temos parte em sua ressurreição, ascensão e exaltação. (Paulo

explica isso em mais detalhes posteriormente.) Também nos encontramos assentados nos lugares celestiais (Ef 2:6), e todas as coisas estão debaixo de nossos pés.

Não é de se admirar que Paulo deseje que saibamos da “suprema grandeza do seu poder para com os que cremos”! Sem esse poder, não é possível lançar mão de nossa grande riqueza em Cristo.

Lembro-me de acompanhar uma senhora de nossa igreja ao hospital para tentar convencer o marido dela a assinar um documento autorizando-a a usar a conta corrente dele para pagar algumas dívidas. O homem estava tão debilitado que não conseguiu assinar o documento. Por fim, diante de algumas testemunhas, ele fez um X no papel. A fraqueza dele quase privou a esposa de seus bens.

Por intermédio de Cristo, que ressuscitou e subiu ao céu, o poder do Espírito Santo encontra-se à disposição de todos os cristãos, pela fé. Seu poder é “para com os que cremos” (Ef 1:19). É a graça que provê as riquezas, mas é a fé que se apropria delas. Somos salvos “pela graça [...] mediante a fé” (Ef 2:8, 9), e vivemos “pela graça de Deus” (1 Co 15:10).

Nos quatro Evangelhos, vê-se o poder de Deus operando no ministério de Jesus Cristo, mas no Livro de Atos, vê-se o mesmo poder operando em homens e mulheres comuns, membros do corpo de Cristo. Pedro passou por uma transformação extraordinária entre o fim dos Evangelhos e o começo de Atos. A que se deveu essa mudança tão radical? Ao poder da ressurreição de Jesus Cristo (At 1:8).

A maior falta de energia hoje em dia não acontece em nossas grandes cidades e a maior falta de combustível não afeta nossos carros. Falta energia, combustível e poder em nossa vida. A oração de Paulo será respondida em sua vida? Você começará, a partir de hoje, a conhecer por experiência própria o ser de Deus – seu chamamento, suas riquezas e seu poder?

## FORA DO CEMITÉRIO

EFÉSIOS 2:1-10

**D**epois de descrever nossos *bens* espirituais em Cristo, Paulo volta a atenção para uma verdade complementar: nossa *posição* espiritual em Cristo. Primeiro, explica o que Deus fez pelos pecadores em geral; em seguida, fala do que Deus fez mais especificamente pelos gentios. O pecador que creu em Cristo foi exaltado e assentado no trono (Ef 2:1-10), e os judeus e gentios que creram foram reconciliados e edificados juntos no templo (Ef 2:11-22). Que milagre da graça de Deus! Somos tirados do grande cemitério do pecado e colocados na sala gloriosa do trono.

Talvez a maneira mais fácil de abordar esse parágrafo longo seja observar dentro dele quatro obras específicas.

### 1. A OBRA DO PECADO CONTRA NÓS (EF 2:1-3)

Certa vez, uma editora pediu uma foto minha que pudesse usar para ampliar em tamanho real e colocar em seu estande num congresso para promover minhas fitas casete. Um amigo meu tirou a foto, e foi uma experiência nova para mim. Estava acostumado a posar sentado para fotos que mostravam só a cabeça e os ombros, o que é muito diferente de ficar em pé para uma foto de corpo inteiro. Tive de prestar atenção em minha postura, os pés precisavam ficar no lugar certo, e os braços e mãos, normalmente meio esquecidos, tinham de estar na posição correta. Felizmente, meu amigo fotógrafo era profissional, e conseguimos uma foto boa em pouco tempo. Nestes três versículos, Paulo apresenta um retrato completo da condição espiritual

deplorável da pessoa não salva. Observe suas características:

**Está morta (v. 1).** É evidente que se trata de uma morte espiritual; ou seja, essa pessoa não é capaz de entender nem de apreciar as coisas espirituais. Não possui qualquer vida espiritual e, por si mesma, não é capaz de fazer coisa alguma agradável a Deus. Assim como uma pessoa fisicamente morta não reage a estímulos aplicados ao corpo, também a pessoa espiritualmente morta não consegue reagir às coisas espirituais. Um cadáver não é capaz de ouvir as conversas que se passam no velório. Não tem fome nem sede; não sente dor; está morto. O mesmo se aplica ao ser interior do não salvo.

Suas faculdades espirituais não funcionam e não podem funcionar, enquanto Deus não lhe der vida. Essa morte espiritual é causada pelos "delitos e pecados" (Ef 2:1). "Porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23). Na Bíblia, a *morte* significa, essencialmente, "separação", não apenas em termos físicos, como o espírito separado do corpo (Tg 2:26), mas também em termos espirituais, como o espírito separado de Deus (Is 59:2).

O incrédulo não está enfermo; está morto! Não precisa ser reanimado; precisa ser ressuscitado. Todos os pecadores estão mortos, e a única diferença entre um pecador e outro é seu estado de decomposição. Os perdidos abandonados nos becos da cidade parecem mais decrépitos do que um líder proeminente também não salvo, mas os dois se encontram igualmente mortos em pecado – e um cadáver não pode estar mais morto do que outro! Isso significa que nosso mundo é um grande cemitério, cheio de pessoas que, mesmo vivas, estão mortas (1 Tm 5:6).

**É desobediente (vv. 2, 3a).** Esse foi o começo da morte espiritual do homem – sua desobediência à vontade do seu Criador. Deus disse: "Porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2:17). Satanás disse: "É certo que não morreréis" (Gn 3:4), e porque creram numa mentira, o primeiro homem e a primeira mulher pecaram e experimentaram a morte espiritual

imediate e, posteriormente, a morte física. Desde então, a humanidade tem vivido em desobediência a Deus. Há três forças que estimulam o ser humano a desobedecer: o mundo, o diabo e a carne.

O mundo faz pressão sobre cada pessoa para que viva em conformidade com o sistema (Rm 12:2). Jesus Cristo não era "deste mundo", e seu povo também não é (Jo 8:23; 17:14). Mas, consciente ou inconscientemente, os incrédulos são controlados pelos valores e pelas atitudes deste mundo.

O diabo é "o espírito que agora atua nos filhos da desobediência". Isso não significa que Satanás opere pessoalmente na vida de cada indivíduo não salvo, uma vez que ele é um ser criado e limitado pelo espaço. Ao contrário de Deus, que é onipresente, Satanás não pode estar em todo lugar ao mesmo tempo. Mas, por meio de seus ajudantes, os demônios (Ef 6:11, 12), e de seu poder sobre o sistema deste mundo (Jo 12:31), Satanás influencia a vida de todos os não salvos e também procura influenciar a vida dos cristãos. Ele deseja tornar todos "filhos da desobediência" (Ef 2:2; 5:6). Ele próprio foi desobediente a Deus e quer que outros também o sejam.

Um dos principais instrumentos de Satanás para levar as pessoas a desobedecer a Deus é a mentira. Satanás é um mentiroso (Jo 8:44), e foi sua mentira no início da história do mundo - "é certo que não morrereis" - que lançou toda a raça humana nas profundezas do pecado. As multidões incrédulas que vivem dentro do sistema do mundo hoje em dia desobedecem a Deus porque crêem nas mentiras de Satanás. Quando uma pessoa crê numa mentira e a coloca em prática, torna-se filha da desobediência.

A carne é a terceira força que estimula o não salvo a desobedecer a Deus. Ao falar da *carne*, Paulo não está se referindo ao corpo, pois o corpo humano, em si, não é pecaminoso. A *carne* diz respeito à natureza decaída com a qual nascemos, que deseja controlar o corpo e a mente e nos fazer desobedecer a Deus. Um evangelista amigo meu certa vez anunciou que pregaria sobre o seguinte tema: "Por que seu cachorro

comporta-se como um cachorro" e, evidentemente, muitas pessoas que gostavam de cães se interessaram pelo tema e foram ouvir a mensagem. O conteúdo de sua pregação era óbvio, mas com freqüência ignorado: "Um cachorro comporta-se como um cachorro porque tem a natureza de um cachorro". Se, de algum modo, pudéssemos transplantar a natureza de um cachorro para um gato, o comportamento do gato mudaria radicalmente. Por que o pecador comporta-se como pecador? Porque tem a natureza de um pecador (Sl 51:5; 58:3). A Bíblia refere-se a essa natureza pecaminosa como "a carne".

É de se admirar que o incrédulo seja desobediente a Deus? Afinal, é controlado pelo mundo, pelo Diabo e pela carne, os três grandes inimigos de Deus! E não é capaz de mudar sua natureza nem de vencer com as próprias forças o mundo e o diabo. Precisa da ajuda externa que só pode vir de Deus.

**É depravada (v. 3b).** O pecador vive para agradar "os desejos da carne e os anseios da mente" (tradução literal). Seus atos são pecaminosos porque seus apetites são pecaminosos. Quando usamos o adjetivo *depravado* para descrever um indivíduo não salvo, não estamos dizendo que ele faz somente o mal, ou que é incapaz de fazer qualquer bem. Antes, simplesmente dizemos que é incapaz de fazer qualquer coisa para merecer a salvação ou para se adequar aos padrões elevados da santidade de Deus. Jesus disse que os pecadores fazem o bem uns aos outros (Lc 6:33) e a seus filhos (Lc 11:13), mas não podem fazer coisa alguma considerada espiritualmente agradável a Deus. Os habitantes de Malta que ajudaram Paulo e seus amigos depois do naufrágio sem dúvida fizeram boas obras, mas ainda assim precisavam ser salvos (At 28:1, 2).

**Está condenada (v. 3c).** Por sua natureza, filhos da ira! Por suas obras, filhos da desobediência! O não salvo já está condenado (Jo 3:18). A sentença foi declarada, mas Deus, em sua misericórdia, está adiando a execução dessa sentença (2 Pe 3:8-10). O ser humano não é capaz de salvar a



si mesmo, mas Deus, em sua graça, entra em cena para possibilitar a salvação. “Mas Deus” – que diferença enorme essas duas palavras fazem! Isso nos leva à segunda obra.

## 2. A OBRA DE DEUS POR NÓS (Ef 2:4-9)

O homem pecaminoso é colocado em segundo plano, e a atenção volta-se agora para Deus. “Ao SENHOR pertence a salvação!” (Jn 2:9). Somos lembrados de quatro coisas que Deus fez em favor dos pecadores, a fim de salvá-los das conseqüências de seus pecados.

**Ele nos amou (v. 4).** Por natureza, “Deus é amor” (1 Jo 4:8). Mas Deus amaria mesmo que não houvesse pecadores, pois o amor faz parte do seu ser. De acordo com os teólogos, o amor é um dos atributos de Deus. No entanto, Deus apresenta dois tipos de atributos: aqueles que possui de per si (atributos intrínsecos, como a vida, o amor e a santidade) e aqueles por meio dos quais se relaciona com sua criação, especialmente com o ser humano (atributos relativos). Por exemplo: Deus é, por natureza, *verdade*, mas quando se relaciona aos seres humanos, a verdade de Deus transforma-se em *fidelidade*. Deus é, por natureza, *santo*; mas, em relação ao homem, essa santidade torna-se *justiça*.

O amor é um dos atributos intrínsecos de Deus, mas quando esse amor é relacionado aos pecadores, transforma-se em *graça* e *misericórdia*. Deus é “rico em misericórdia” (Ef 2:4) e em “graça” (Ef 2:7), e essas riquezas possibilitam a salvação do pecador. Algumas pessoas ficam estarecidas quando descobrem que não somos salvos “pelo amor de Deus”, mas sim pela misericórdia e pela graça de Deus. Em sua misericórdia, ele deixa de nos dar aquilo que merecemos; em sua graça, ele nos dá aquilo que não merecemos. E tudo isso é possível por causa da morte de Jesus Cristo na cruz. Foi no Calvário que Deus demonstrou seu ódio pelo pecado e seu amor pelos pecadores (Rm 5:8; Jo 3:16).

**Ele nos vivificou (v. 5).** Isso significa que nos deu vida, mesmo quando estávamos mortos em pecados. Realizou essa ressurreição

espiritual pelo poder do Espírito, por meio da Palavra. Os quatro Evangelhos relatam que Jesus ressuscitou três pessoas dentre os mortos: o filho de uma viúva (Lc 7:11-17), a filha de Jairo (Lc 8:49-56) e Lázaro (Jo 11:41-46). Em cada caso, deu vida ao proferir a Palavra. “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz” (Hb 4:12). Essas três ressurreições físicas retratam a ressurreição espiritual que ocorre quando o pecador ouve a Palavra e crê (Jo 5:24).

Mas nossa ressurreição espiritual é muito maior, pois realiza nossa união com Cristo: Deus “nos deu vida juntamente com Cristo”. Somos unidos com ele como membros do seu corpo (Ef 1:22, 23), de modo que compartilhamos sua vida ressurreta e seu poder (Ef 1:19, 20).

**Ele nos exaltou (v. 6).** Não somos ressuscitados dentre os mortos e abandonados no cemitério. Uma vez que fomos unidos com Cristo, também fomos exaltados com ele e compartilhamos de seu trono nos lugares celestiais. Em termos físicos, estamos na Terra, mas, em termos espirituais, estamos “nos lugares celestiais em Cristo Jesus”. Assim como Lázaro, fomos chamados do túmulo para nos assentar com Cristo e desfrutar sua comunhão (Jo 12:1, 2).

**Ele nos guarda (vv. 7-9).** O propósito de Deus ao nos redimir não é apenas nos salvar do inferno, por maior que seja essa obra. Seu propósito maior ao nos salvar é que a Igreja glorifique a graça de Deus por toda a eternidade (Ef 1:6, 12, 14). Assim, se Deus tem um propósito eterno para cumprirmos, ele nos guardará por toda a eternidade. Considerando-se que não fomos salvos por causa de nossas obras, não podemos perder nossa salvação por causa de nossas obras más. A graça representa a salvação inteiramente à parte de qualquer mérito nosso. Significa que Deus faz tudo por amor a Jesus! Nossa salvação é a dádiva de Deus. (No grego, o demonstrativo *isto* em Efésios 2:8 é neutro; enquanto fé é um substantivo *feminino*. Logo, *isto* não pode se referir à fé. Refere-se, antes, à experiência da salvação em sua totalidade, inclusive a fé.) A salvação é uma dádiva, não uma recompensa.

A salvação não pode ser “de obras”, pois a obra salvadora já foi concluída na cruz. Essa é a obra que Deus realiza *por nós* e é uma obra consumada (Jo 17:1-4; 19:30). Não podemos acrescentar coisa alguma a ela (Hb 10:1-14); não ousamos subtrair coisa alguma dela. Quando Jesus morreu, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo em duas partes, mostrando que, a partir de então, o caminho para Deus estava aberto. Não havia mais necessidades de realizar sacrifícios aqui na Terra. Um único sacrifício – o do Cordeiro de Deus – havia consumado a grande obra da salvação. Deus fez tudo, e o fez por sua graça.

O pecado opera contra nós, e Deus opera por nós, mas a grande obra da conversão é apenas o começo.

### 3. A OBRA DE DEUS EM NÓS (EF 2:10A)

“Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus”. A palavra grega traduzida por “feitura” é *poiema*, de onde vem nosso termo “poema”. Significa “aquilo que é feito, um produto manufaturado”. Em outras palavras, nossa conversão não é o fim; é apenas o começo. Fazemos parte da nova criação de Deus (ver 2 Co 5:17), e Deus continua a operar em nós, a fim de nos tornar conformes com seu plano para nossa vida. Seu propósito é nos fazer mais semelhantes a Cristo (Rm 8:29).

Mas de que maneira Deus opera em nós? Por meio do Espírito Santo, “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13). Cristo consumou sua obra de redenção na cruz, mas ressuscitou dentre os mortos e voltou para o céu, de onde realiza sua obra inacabada de aperfeiçoar a sua igreja (Ef 4:7-16; Hb 13:20, 21). Cristo capacita-nos para nossa jornada e nosso trabalho aqui na Terra. Para isso, emprega três instrumentos especiais: a Palavra de Deus (1 Ts 2:13), a oração (Ef 3:20, 21) e o sofrimento (1 Pe 4:11-14). Ao ler a Palavra de Deus, compreendê-la, meditar sobre ela e se alimentar dela, a Palavra opera na vida, purificando-a e nutrindo-a. Ao orar, o Espírito de Deus opera na pessoa e libera poder. E, quando

alguém sofre, o Espírito de Deus ministra à vida. O sofrimento conduz de volta à Palavra e à oração, e o ciclo se repete.

Muitos cristãos acreditam que a conversão é a única experiência importante e que não há nada depois. Trata-se, porém, de uma idéia equivocada. Podemos usar a ressurreição de Lázaro como exemplo. Depois que Jesus ressuscitou Lázaro dentre os mortos, disse: “Desatai-o e deixai-o ir” (Jo 11:44). Em outras palavras: “Agora, esse homem está vivo. Tirem-no da sua mortalha!” Paulo tem esse conceito em mente em Efésios 4:22-24: “no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade”. Colossenses 3:1 apresenta a mesma mensagem: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto”.

O mesmo poder de ressurreição que nos salvou e nos tirou do cemitério do pecado pode nos ajudar diariamente a viver para Cristo e a glorificá-lo. Deus pagou um alto preço ao realizar sua obra por nós na cruz. Hoje, com base nesse preço pago no Calvário, ele opera em nós de modo a nos tornar mais semelhantes a Cristo. Deus não pode realizar sua obra *em nós* antes de consumir sua obra *por nós*, quando cremos em seu Filho. Além disso, não pode operar *por meio* de nós antes de operar *em nós*. Por isso, é importante separar um tempo cada dia para estudar a Palavra e orar, como também é importante sujeitar-se a Cristo em tempos de sofrimento. Afinal, é por intermédio da Palavra, da oração e do sofrimento que Deus opera em nós.

A Bíblia mostra vários exemplos desse princípio. Deus passou quarenta anos operando na vida de Moisés antes de poder agir por meio dele. No começo de seu ministério, Moisés era impetuoso e dependia das próprias forças. Matou um egípcio e teve de fugir do Egito, o que dificilmente pode ser considerado um bom começo para um ministério. Mas, durante os quarenta

anos que passou trabalhando como um humilde pastor de ovelhas no deserto, Moisés experimentou a obra de Deus em sua vida, preparando-o para mais quarenta anos de serviço dedicado.

Há outros exemplos. José sofreu durante treze anos antes de Deus colocá-lo no trono do Egito como o segundo em autoridade depois do Faraó. Davi foi ungido rei ainda adolescente, mas só subiu ao trono depois de sofrer vários anos no exílio. O apóstolo Paulo passou três anos na Arábia depois de sua conversão, período durante o qual, sem dúvida alguma, experimentou a obra mais profunda de Deus preparando-o para o ministério. Deus precisa operar em nós antes de operar *por meio* de nós; e isso nos leva à quarta obra desta passagem.

#### **4. DEUS OPERA POR MEIO DE NÓS (EF 2:10B)**

Somos "criados em Cristo Jesus para boas obras". Não somos salvos *por* boas obras, mas *para* boas obras. O conhecido teólogo João Calvino escreveu: "Somente a fé justifica, mas a fé justificadora não pode jamais estar só". Não somos salvos pela fé acrescida de obras, mas sim por uma fé operante. A passagem fundamental que trata desse tema é Tiago 2, em que o autor ressalta que a fé salvadora deve sempre redundar em uma vida transformada. Não basta dizer que temos fé; devemos demonstrá-la pelas nossas obras.

A Bíblia fala de vários tipos diferentes de obras. Existem as "obras da lei" que não podem salvar (Gl 2:16; 3:11). Existem também as "obras da carne", relacionadas em Gálatas 5:19-21. Paulo fala das "obras das trevas" (Rm 13:12; Ef 5:11). Tudo indica que as "obras mortas", mencionadas em Hebreus 6:1, são as que conduzem à morte, pois "o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23). As "obras de justiça" em Tito 3:5 referem-se às obras religiosas ou a outros atos de bondade que os pecadores tentam realizar a fim de obter a salvação. Isaías declara que "todas as nossas justiças [são] como trapo da imundícia" (Is 64:6). Se nossas obras de justiça são imundas, podemos imaginar a aparência de nossos pecados!

As "obras" sobre as quais Paulo escreve em Efésios 2:10 apresentam duas características especiais. Em primeiro lugar, são "boas" obras, em contraste com as "obras das trevas" e as "obras perversas". Ao fazer um contraste entre Efésios 2:10 e Efésios 2:2, vemos como Satanás opera dentro dos não salvos e, portanto, as obras desses indivíduos não podem ser boas. Mas é Deus quem opera no cristão, e, portanto, suas obras são boas – não porque o próprio indivíduo é bom, mas porque possui uma natureza que lhe foi dada por Deus e porque o Espírito Santo opera nele e por meio dele, a fim de produzir essas boas obras.

Infelizmente, muitos convertidos subestimam o lugar das boas obras na vida cristã. Uma vez que não somos salvos pelas boas obras, tem-se a idéia equivocada de que, na verdade, as obras são más. "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5:16). Não realizamos boas obras para glorificar a nós mesmos, mas sim para glorificar a Deus. Paulo desejava que Cristo fosse engrandecido em seu corpo, mesmo que isso significasse a morte (Fp 1:20, 21). Devemos "[superabundar] em toda boa obra" (2 Co 9:8) e "[frutificar] em toda boa obra" (Cl 1:10). Um dos resultados de um conhecimento da Bíblia é que o cristão torna-se "perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3:17). Como cristãos, devemos ser "zeloso[s] de boas obras" (Tt 2:14). Nossas boas obras são, na verdade, "sacrifícios espirituais" que oferecemos a Deus (Hb 13:16).

É importante observar que não criamos essas boas obras. Elas são resultantes da operação de Deus em nosso coração. "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13). O segredo das boas obras de Paulo era a "graça de Deus" (1 Co 15:10). Nossas boas obras demonstram que nascemos de novo. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7:21). Também são

testemunho para os perdidos (1 Pe 2:12). Garantem aos salvos o direito de serem ouvidos.

Um pastor amigo meu conta de uma senhora cristã que costumava visitar um lar de idosos próximo a sua casa. Um dia, notou um homem sentado sozinho olhando para a bandeja do jantar.

– Qual o problema? – perguntou a mulher gentilmente.

– Eu lhe digo! – respondeu o homem com um sotaque forte. – Eu sou judeu e não posso comer isto aqui!

– O que você gostaria de comer? – perguntou a mulher.

– Gostaria de uma tigela de sopa bem quente.

A mulher voltou para casa, preparou uma sopa e, com a permissão da administração do asilo, serviu-a ao homem. Nas semanas subseqüentes, visitou aquele senhor várias vezes, sempre levando o tipo de comida de que ele gostava e, por fim, acabou conduzindo-o a Cristo. Sem dúvida, preparar sopa pode ser um sacrifício espiritual, uma boa obra para glória de Deus.

No entanto, essas obras não apenas são boas, mas também foram “preparadas”. “Boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10). Esse termo só é usado no original do Novo Testamento mais uma vez, em Romanos 9:23: “a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão”. O incrédulo anda “segundo o curso deste mundo” (Ef 2:2), mas o cristão

anda nas boas obras que Deus preparou para ele.

Que declaração extraordinária! Significa que Deus tem um plano para nossa vida e que devemos andar dentro da vontade dele, a fim de realizar esse plano. Paulo não está falando de “destino” – uma sina pessoal que controla nossa vida a despeito de qualquer coisa que façamos. Está falando do plano elaborado pela graça de um Pai celestial amoroso, que deseja o que há de melhor para nós. A vontade de Deus vem do coração de Deus. “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11). Descobrimos a vontade maravilhosa de Deus para nossa vida à medida que esta nos é revelada pelo Espírito através da Palavra (1 Co 2:9-13).

Pode ser proveitoso encerrar este capítulo com um balanço pessoal. Qual destas quatro obras você está experimentando em sua vida? O pecado atua contra você, pois ainda não creu em Cristo? Então creia nele agora! Você já experimentou a obra de Deus *por você, em você e por seu intermédio*?

Está usando as vestes de um morto ou as vestes da graça? Desfrute a liberdade que possui em Cristo ou ainda está preso pelos hábitos de sua antiga vida no cemitério do pecado? Como cristão, você foi ressuscitado e assentando em um trono. Viva de acordo com sua posição em Cristo! Ele operou *por você*; agora, permita que ele opere *em você e por seu intermédio*, a fim de lhe dar uma vida empolgante e criativa para a glória de Deus.

## A GRANDE MISSÃO DE PAZ

EFÉSIOS 2:11-22

**“Paz em nosso tempo! Paz com honra!”** Alguns ainda se lembram dessas palavras do primeiro ministro inglês, Sir Neville Chamberlain, quando ele voltou de uma série de conferências na Alemanha em 1938. Estava certo de que havia detido Adolf Hitler. E, no entanto, um ano depois, Hitler invadiu a Polônia e, em 3 de setembro de 1939, a Inglaterra declarou guerra contra a Alemanha. A grande missão de paz de Chamberlain havia fracassado.

Ao que parece, essa é a sina da maioria das missões de paz. Li em algum lugar que, entre 1500 a.C. e 850 d.C., foram seladas 7.500 “alianças eternas” entre diferentes nações na esperança de promover a paz, mas nenhuma delas durou mais de dois anos. A única aliança eterna que perdurou – e que jamais será rompida – foi aquela feita pelo Deus eterno, selada pelo sangue de Jesus Cristo. Nesta seção, Paulo explica a missão de paz de Cristo, uma obra momentosa que pode ser sintetizada em três palavras extremamente importantes: separação, reconciliação e unificação.

### 1. SEPARAÇÃO: A SITUAÇÃO ANTERIOR DOS GENTIOS (EF 2:11, 12)

Nos dez primeiros versículos de Efésios 2, Paulo tratou da salvação dos pecadores em geral; agora se volta para a obra específica de Cristo em favor dos gentios. A maioria dos convertidos da igreja de Éfeso era gentia e sabia que grande parte do plano de Deus no Antigo Testamento envolvia o povo de Israel. Durante séculos, a “circuncisão” (o povo de Israel) havia desprezado a “incircuncisão” (os gentios), uma atitude que

jamais havia feito parte das intenções de Deus para seu povo. O fato de o judeu receber um sinal físico da aliança não comprovava que ele era um homem de fé (Rm 2:25-29; Gl 5:6; 6:15). Os que creram em Cristo receberam a circuncisão espiritual “não por intermédio de mãos” (Cl 2:11).

Mas desde o momento em que chamou Abraão, Deus fez uma distinção entre judeus e gentios. Seu propósito com isso não era que os judeus se vangloriassem, mas que fossem uma bênção e ajudassem os gentios. Deus os separou para usá-los como um canal de sua revelação e bondade às nações pagãs. Infelizmente, porém, Israel preservou essa diferença em termos nacionais e ritualísticos, mas não em termos morais. Israel tornou-se como as nações perdidas a seu redor. Por esse motivo, Deus teve de disciplinar seu povo em várias ocasiões, uma vez que se recusaram a manter a separação espiritual e a ministrar às nações em nome do Deus verdadeiro.

A palavra mais apropriada para descrever os gentios é *sem*. Essa carência revelava-se em vários aspectos.

**Sem Cristo.** Os efésios adoravam a deusa Diana e, antes de ouvirem o evangelho, não sabiam coisa alguma a respeito de Cristo. Os que afirmam que as religiões pagãs são tão aceitáveis para Deus quanto a fé cristã terão dificuldade em aceitar essa passagem, pois Paulo refere-se à situação dos efésios sem Cristo como uma tragédia incontestável. No entanto, é importante ter sempre em mente que todo indivíduo não salvo, quer judeu quer gentio, está “fora” de Cristo e que isso representa condenação.

**Sem cidadania.** Deus chamou o povo de Israel e os constituiu em uma nação, à qual ele deu suas leis e bênçãos. Um gentio podia passar a fazer parte de Israel como prosélito, mas não nascia nessa nação tão especial. Israel era a nação de Deus em um sentido que não se aplicava a nenhum povo gentio.

**Sem alianças.** Por certo, os gentios faziam parte da aliança de Deus com Abraão (Gn 12:1-3), mas Deus não fez aliança alguma com as nações gentias. Os gentios eram

“estrangeiros” e “forasteiros” – fato que o povo de Israel não permitia jamais que esquecessem. Muitos fariseus costumavam orar diariamente: “Ó Deus, dou-te graças, pois sou judeu, não gentio”.

**Sem esperança.** De acordo com os historiadores, uma grande nuvem de desesperança cobria o mundo antigo. As filosofias eram vazias; as tradições estavam sumindo; as religiões mostravam-se incapazes de ajudar o ser humano a encarar tanto a vida quanto a morte. As pessoas ansiavam por trespassar esse véu e encontrar do outro lado alguma mensagem de esperança, mas tal mensagem não existia (1 Ts 4:13-18).

**Sem Deus.** Os pagãos tinham uma profusão de deuses, como Paulo descobriu em Atenas (At 17:16-23). Alguém disse que, naquela época, era mais fácil encontrar um deus do que um homem em Atenas. “Há muitos deuses e muitos senhores” (1 Co 8:5). No entanto, por mais religiosos ou moralmente virtuosos que fossem, os pagãos não conheciam o Deus verdadeiro. O autor do Salmo 115 apresenta um contraste entre o Deus verdadeiro e os ídolos dos pagãos.

Convém observar que a situação espiritual dos gentios não foi causada por Deus, mas sim pelos próprios pecados acintosos deles. Paulo afirmou que os gentios conheciam o Deus verdadeiro, mas se recusavam deliberadamente a honrá-lo (Rm 1:18-23).

A história das religiões não mostra o ser humano partindo do politeísmo (vários deuses) e, depois, descobrindo gradativamente o único Deus verdadeiro. Antes, mostra a triste realidade de indivíduos conscientes da verdade sobre Deus deliberadamente se afastando dela! Não se trata de uma história de evolução, mas sim de involução! Os onze primeiros capítulos de Gênesis mostram o declínio da raça humana e, de Gênesis 12 (o chamado de Abraão) em diante, a história do povo de Israel. Deus separou Israel dos gentios para que também pudesse salvar os gentios. “Porque a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22).

Deus chamou o povo de Israel, começando com Abraão, para que, por seu intermédio, se revelasse como o único Deus

verdadeiro. Deu sua Palavra a seu povo escolhido e, por meio deles, enviou ao mundo o Salvador (Rm 9:1-5). Israel deveria ser luz para os gentios, a fim de que estes também fossem salvos. Mas, infelizmente, Israel tornou-se como os gentios e, por pouco, sua luz não se apagou. Esse fato serve de advertência para a Igreja nos dias de hoje. É quando se parece menos com o mundo que a Igreja pode fazer mais pelo mundo.

## 2. RECONCILIAÇÃO: A OBRA DE DEUS EM FAVOR DOS GENTIOS (EF 2:13-18)

As palavras “mas, agora” em Efésios 2:13 são paralelas a “mas Deus” em Efésios 2:4. As duas expressões referem-se à intervenção de Deus pela graça em favor dos pecadores. A palavra-chave desta seção é “inimizade” (Ef 2:15, 16); e podemos observar que é uma inimizade dupla: entre os judeus e gentios (Ef 2:13-15) e entre os pecadores e Deus (Ef 2:16-18). Nesta passagem, Paulo descreve a maior missão de paz da história: Jesus Cristo não apenas reconciliou judeus e gentios, mas também reconciliou ambos com ele próprio em um só corpo, a Igreja.

O termo *reconciliar* significa “estabelecer paz entre”. Um marido aflito deseja ser reconciliado com a esposa que o abandonou; uma mãe preocupada deseja ser reconciliada com uma filha desobediente; e o pecador perdido precisa ser reconciliado com Deus. O pecado é o grande separador neste mundo. Tem causado separação entre as pessoas desde o início da história humana. Quando Adão e Eva pecaram, foram separados de Deus. Não tardou para que seus filhos fossem separados um do outro e para que Caim matasse Abel. A Terra encheu-se de violência (Gn 6:5-13), e o julgamento parecia a única solução possível. No entanto, mesmo depois do dilúvio, os seres humanos pecaram contra Deus e uns contra os outros e tentaram até se unir sem a ajuda de Deus. O resultado foi outro julgamento que dispersou as nações e confundiu as línguas. Foi então que Deus chamou Abraão, e, por meio do povo de Israel, Jesus Cristo veio ao mundo. Foi sua obra na cruz que aboliu a inimizade entre os



judeus e os gentios e entre os pecadores e Deus.

**A inimizade entre os judeus e os gentios (vv. 13-15).** Deus fez distinção entre judeus e gentios para cumprir seus propósitos de salvação. Mas, uma vez que esses propósitos foram cumpridos, deixou de haver qualquer diferença. Na verdade, fazia parte de seu plano que tal distinção fosse eliminada para sempre, o que ocorreu por intermédio da obra de reconciliação realizada por Cristo.

Era essa lição que a Igreja tinha tanta dificuldade em compreender. Durante séculos, os judeus haviam sido diferentes dos gentios – na religião, na maneira de se vestir, na alimentação e nas leis. Até Pedro ser enviado aos gentios (At 10), a Igreja não teve problemas. Mas a partir do momento em que os gentios começaram a ser salvos dentro dos mesmos termos que os judeus, os conflitos começaram a surgir. Os cristãos judeus repreenderam Pedro por visitar os gentios e comer com eles (At 11), e alguns representantes da Igreja reuniram-se para uma assembléia importante visando determinar o lugar dos gentios dentro da Igreja (At 15). Um gentio deveria passar a ser judeu antes de se tornar cristão? A conclusão a que chegaram foi: “Não! Judeus e gentios são salvos da mesma forma: pela fé em Jesus Cristo”. A inimizade não existia mais!

A causa dessa inimizade era a Lei, pois ela fazia clara distinção entre judeus e gentios. As leis alimentares lembravam os judeus de que Deus havia determinado uma diferença entre alimentos limpos e imundos (Lv 11:44-47). Mas os gentios não obedeciam a essas leis e, portanto, eram considerados impuros. O profeta Ezequiel lembrou os sacerdotes de sua incumbência de ensinar o povo de Israel “a distinguir entre o santo e o profano e [...] entre o imundo e o limpo” (Ez 44:23). Os preceitos dados por Deus a Israel constituíam um muro de separação entre os judeus e as outras nações. Aliás, havia um muro no templo judeu separando o pátio dos gentios do restante da área do templo. Os arqueólogos descobriram uma inscrição do templo de Herodes que diz:

Nenhum estrangeiro pode transpor a barreira que cerca o santuário e seus recintos. Qualquer um flagrado em tal ato poderá culpar somente a si mesmo pela morte decorrente dessa transgressão.

Foi esse muro que o povo pensou que Paulo havia ultrapassado com seus amigos gentios, quando os judeus o atacaram e ameaçaram matá-lo no templo (At 21:28-31).

A fim de judeus e gentios se reconciliarem, era preciso derrubar esse muro, e foi isso o que Cristo fez na cruz. Jesus pagou com seu sangue para acabar de uma vez por todas com a inimizade. Quando ele morreu, o véu do templo foi literalmente rasgado ao meio, e o muro de separação foi (figurativamente) derrubado. Ao cumprir os preceitos da Lei em sua vida justa e ao levar sobre si a maldição da Lei em sua morte sacrificial (Gl 3:10-13), Jesus removeu as barreiras legais que separavam os judeus dos gentios. Durante séculos, houve uma distinção entre eles, mas hoje “não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:12, 13).

Judeus e gentios foram unidos em Jesus Cristo. “Ele é a nossa paz” (Ef 2:14). Por meio de Cristo, os gentios que estavam longe foram aproximados (Ef 2:13, 17). Assim, a obra de Cristo redundou no fim da inimizade pela abolição da Lei e pela criação de um novo homem, a Igreja, o corpo de Cristo. O termo *abolir* significa simplesmente “anular”. A Lei não tem mais poder sobre judeus nem gentios, uma vez que, em Cristo, todos os que crêem não estão sob a Lei, mas sim sob a graça. A justiça da Lei, que revelava a santidade de Deus, continua sendo o padrão de Deus. No entanto, ela é cumprida no cristão pelo Espírito Santo (Rm 8:1-4). A Igreja primitiva demorou a se acostumar com a idéia de que “não há distinção”. Na verdade, há certos grupos religiosos que até hoje não aprenderam essa lição, pois estão tentando colocar os cristãos debaixo da Lei outra vez (Gl 4:8-11; 5:1; Cl 2:13-23).

Cristo é “a nossa paz” (Ef 2:14) e ele “[fez] a paz” (Ef 2:15). Em Efésios 2:15, o verbo *fazer* significa “criar”. A Igreja, o corpo de Cristo, é a nova criatura de Deus (2 Co 5:17). Na velha criatura, tudo se desintegra por causa do pecado, mas na nova criatura, a justiça promove a unidade. “Des-sarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). Podemos fazer um contraste entre a antiga situação dos gentios e sua nova situação ao observarmos o modo maravilhoso como Cristo operou em favor deles na cruz.

<i>Antiga situação</i>	<i>Nova situação</i>
“Sem Cristo”	“em Cristo Jesus”
Separados	(Ef 2:13)
“Estranhos”	“nação santa” (1 Pe 2:9)
“Forasteiros”	“já não sois estrangeiros” (Ef 2:19)
“Sem esperança”	“chamados numa só esperança” (Ef 4:4)
“Sem Deus” (Ef 2:12)	“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 1:3)

**A inimizade entre os pecadores e Deus (vv. 16-18).** Não era necessário apenas que os gentios fossem reconciliados com Deus, mas também que tanto judeus quanto gentios fossem reconciliados com Deus. Foi a essa conclusão que os apóstolos chegaram na assembléia em Jerusalém, registrada em Atos 15. De acordo com Pedro, Deus “não estabeleceu distinção alguma entre nós [judeus] e eles [gentios], purificando-lhes pela fé o coração [...]. Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram” (At 15:9, 11). A questão não era os gentios passarem a ser judeus para se tornarem cristãos, mas sim os judeus reconhecerem que eram pecadores como os gentios. “Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:22, 23). A mesma Lei que separava os gentios dos judeus também separava os homens de Deus, e Cristo levou sobre si a maldição da Lei.

Um homem e uma mulher foram, um dia, a meu escritório e disseram que precisavam de ajuda.

– Minha esposa e eu queremos *recancelar*... – disse ele meio atrapalhado. Entendi que o ele tinha em mente era dizer “reconciliar”, mas, em certo sentido, “recancelar” era mesmo a palavra certa. Haviam pecado um contra o outro (e contra o Senhor), e não poderia haver harmonia entre eles até seus pecados fossem cancelados.

Um Deus de amor deseja reconciliar o pecador consigo, mas um Deus de santidade deve certificar-se de que o pecado será julgado. Deus resolveu esse problema enviando seu Filho para ser o sacrifício pelos nossos pecados, revelando, desse modo, seu amor e, ao mesmo tempo, cumprindo os preceitos da justiça (ver Cl 2:13, 14).

Jesus Cristo é “a nossa paz” (Ef 2:14), ele “[fez] a paz” (Ef 2:15) e “evangelizou paz” (Ef 2:17). Como Juiz, poderia ter vindo para declarar guerra. Mas, em sua graça, ele veio trazer uma mensagem de paz (Lc 2:8-14; 4:16-19). Em Cristo, judeus e gentios têm paz entre si e todos têm livre acesso a Deus (Rm 5:1, 2). Isso nos traz à memória o véu que se rasgou quando Cristo morreu (Mt 27:50, 51; Hb 10:14-25). A reconciliação está consumada!

### 3. UNIFICAÇÃO: A SITUAÇÃO DE JUDEUS E GENTIOS EM CRISTO (EF 2:19-22)

Paulo repete o termo “um” para enfatizar a obra unificadora de Cristo: “de ambos fez um” (Ef 2:14); “um novo homem” (Ef 2:15); “um só corpo” (Ef 2:16); “um Espírito” (Ef 2:18). Cristo superou todo o distanciamento e divisão espiritual. Nos últimos versículos deste capítulo, Paulo apresenta três retratos que ilustram a unidade dos judeus e gentios dentro da Igreja.

**Uma só nação (v. 19a).** Israel era a nação escolhida de Deus, mas o povo rejeitou seu Redentor e sofreu as conseqüências. O reino lhes foi tirado e “entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mt 21:43). Essa “nova nação” é a Igreja, a “raça eleita [...] povo de propriedade exclusiva de Deus” (Êx 19:6; 1 Pe 2:9). No Antigo Testamento,

as nações eram separadas de acordo com sua descendência de Sem, Cam ou Jafé (Gn 10). No Livro de Atos, vemos essas três famílias unidas em Cristo. Em Atos 8, um descendente de Cam – o tesoureiro etíope – é salvo; em Atos 9, um descendente de Sem – Saulo de Tarso – torna-se o apóstolo Paulo; em Atos 10, os descendentes de Jafé – os gentios da casa de Cornélio, o centurião romano – são salvos. O pecado dividiu a humanidade, mas Cristo, pelo seu Espírito, promove a unidade. Todos os cristãos, qualquer que seja sua origem étnica, pertencem à nação santa e são cidadãos do céu (Fp 3:20, 21).

**Uma só família (v. 19b).** Por meio da fé em Cristo, passamos a fazer parte da família de Deus e ele se torna nosso Pai. Essa família maravilhosa pode ser encontrada em dois lugares, “tanto no céu como sobre a terra” (Ef 3:15). Os cristãos vivos estão aqui na terra; os cristãos que morreram estão no céu. Nenhum dos filhos de Deus está “debaixo da terra” (Fp 2:10) ou em qualquer outro lugar do universo. A despeito de todas as distinções raciais, nacionais ou físicas que possuímos, somos todos irmãos e irmãs dentro dessa família.

**Um só templo (vv. 20-22).** No Livro de Gênesis, Deus “andava” com seu povo (Gn 5:22, 24; 6:9); mas em Êxodo, decidiu “habitar” com seu povo (Êx 25:8). Deus habitou no tabernáculo (Êx 40:34-38) até que os pecados de Israel obrigaram a glória a partir (1 Sm 4). Posteriormente, Deus habitou no templo (1 Rs 8:1-11); mas, infelizmente, Israel voltou a pecar, e a glória partiu outra vez (Ez 10:18, 19). A próxima habitação de Deus foi o corpo de Cristo (Jo 1:14), que os homens pregaram numa cruz. Hoje, por intermédio do Espírito Santo, Deus habita na Igreja, o templo de Deus. Não habita em templos construídos por mãos humanas, nem mesmo nos templos da igreja (At 7:48-50). Antes, habita no coração dos que creem em Cristo (1 Co 6:19, 20), e na Igreja como um todo (Ef 2:20-22).

O alicerce da Igreja foi lançado pelos apóstolos e pelos profetas do Novo Testamento. Jesus Cristo é o Fundamento (1 Co

3:11) e a Pedra Angular (Sl 118:22; Is 8:14). A pedra angular é responsável pela integridade da estrutura; Jesus Cristo uniu judeus e gentios na Igreja. Essa referência ao templo era significativa tanto para os judeus quanto para os gentios da igreja de Éfeso. Os judeus se lembrariam do templo de Herodes em Jerusalém, e os gentios pensariam no grande templo de Diana. Um dia, os dois templos seriam destruídos, mas o templo de Cristo permanecerá para sempre. “Edificarei a minha igreja” (Mt 16:18). O Espírito Santo realiza essa obra pegando pedras mortas do poço do pecado (Sl 40:2), dando-lhes vida e colocando-as com todo amor no templo de Deus (1 Pe 2:5). Esse templo é “bem ajustado” como corpo de Cristo (Ef 2:21; 4:16), de modo que cada parte cumpre o propósito determinado por Deus.

Ao fazer uma retrospectiva deste capítulo, não podemos deixar de louvar a Deus pelas obras de sua graça em favor dos pecadores. Por meio de Cristo, ele nos ressuscitou dentre os mortos e nos assentou no trono. Ele nos reconciliou e nos colocou em seu templo. Nem a *morte* nem o *distanciamento* espiritual podem derrotar a graça de Deus! Ele, porém, não apenas nos salvou individualmente, como também nos incluiu em sua Igreja coletivamente. Que privilégio enorme fazer parte do plano eterno de Deus!

Isso nos leva a duas aplicações práticas ao encerrar este estudo.

Em primeiro lugar, você já experimentou pessoalmente a graça de Deus? Você se encontra espiritualmente morto e afastado de Deus? Ou já creu em Cristo e recebeu a vida eterna que somente ele pode dar? Se não tem certeza da sua situação espiritual, gostaria de instá-lo a se entregar a Cristo pela fé e crer nele. Como a nação de Israel, talvez você tenha recebido vários privilégios espirituais, mas tenha rejeitado o Deus que os concedeu. Ou, como os gentios, talvez tenha se afastado de Deus para viver deliberadamente em pecado e desobediência. Em qualquer um dos casos, “não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória

de Deus" (Rm 3:22, 23). Invoque o nome de Cristo, e ele o salvará.

Em segundo lugar, se você já é um cristão, está levando outros à fé em Cristo? Como alguém que foi ressurreto dentre os mortos, você está andando "em novidade de vida" (Rm 6:4)? Compartilha as boas-novas da "paz com Deus" com os que ainda estão em guerra com ele?

Jesus Cristo morreu para promover a reconciliação. Devemos viver de modo a tornar a mensagem da reconciliação algo pessoal. Deus "nos deu o ministério da reconciliação" (2 Co 5:18). Somos seus embaixadores da paz (2 Co 5:20). Nossos pés devem estar calçados "com a preparação do evangelho da paz" (Ef 6:15). "Bem-aventurados os

pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5:9).

Um missionário pregava na feira de um vilarejo, e algumas pessoas riam dele, pois não era um homem muito bem-apegoado. Ele ignorou a zombaria por algum tempo, mas, por fim, disse à multidão: "É verdade que eu não tenho cabelos bonitos, pois sou praticamente careca. Também não tenho dentes bonitos, pois isto aqui é uma dentadura feita por um protético. Não tenho um rosto bonito nem posso comprar roupas sofisticadas. Mas de uma coisa estou certo: tenho pés formosos!" E citou o versículo de Isaías: "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz" (Is 52:7). Você tem pés formosos?

# O SEGREDO É REVELADO

EFÉSIOS 3:1-13

Há algum tempo atrás, depus em uma audiência pela guarda de uma criança. Fiquei feliz pelo fato de o processo estar correndo em um tribunal do interior e não de uma cidade grande, pois foi minha primeira experiência como testemunha. Depois disso, descobri que a localização do tribunal não faz muita diferença. Todos os julgamentos podem ser difíceis, e depor como testemunha não é nada divertido.

A primeira pergunta do procurador pegou-me desprevenido.

- Reverendo, o senhor acredita que um homem que cumpriu pena pode ser considerado apto para educar uma criança?

Minha resposta não agradou muito ao juiz, pois eu deveria ter dito apenas "sim" ou "não". Em vez disso, comecei falando lentamente, tentando ganhar tempo:

- Bem, creio que depende do homem. Algumas pessoas bastante conhecidas foram para prisão e contribuíram com suas experiências para fazer do mundo um lugar melhor. Foi o caso de John Bunyan e do grande apóstolo Paulo.

Poderia ter dado mais exemplos da Bíblia, mas senti que o tribunal não estava considerando minha resposta aceitável.

Em duas ocasiões nessa carta, Paulo lembra seus leitores de que ele é um prisioneiro (Ef 3:1; 4:1) e, ao concluí-la, refere-se a si mesmo como "embaixador em cadeias" (Ef 6:20). Sem dúvida, os efésios estavam perguntando: "Por que Paulo está preso em Roma? Por que Deus permitiu uma coisa dessas?" Neste parágrafo, Paulo explica sua situação e, ao mesmo tempo, esclarece uma das grandes verdades desta carta, o "mistério" da

Igreja. No Novo Testamento, um *mistério* não é algo enigmático ou indecifrável, mas sim "uma verdade que Deus manteve oculta em eras passadas, mas que agora foi revelada àqueles que pertencem à sua família". Um mistério é um "segredo santo", obscuro para os incrédulos, mas compreendido e guardado como um bem valioso pelo povo de Deus.

Paulo explica o mistério – os cristãos gentios encontram-se unidos aos cristãos judeus em um só corpo, a Igreja (Ef 3:6). O apóstolo havia mencionado anteriormente essa nova obra de Deus, de modo que seus leitores já estavam a par do conceito (Ef 1:10; 2:11, 22). Agora, porém, Paulo explica o impacto extraordinário desse "segredo santo" que tomou conta de sua vida e de seu ministério. Na verdade, sua explicação é quase uma digressão da carta, pois o apóstolo começa esta seção com a intenção de orar por seus leitores. É interessante comparar Efésios 3:1 e 14. O uso que ele faz dos termos "prisioneiro" e "gentios" leva-o a esse esclarecimento importante acerca do "mistério da igreja", e, em sua explicação, Paulo mostra que esse "mistério" é relevante para quatro partes envolvidas.

## 1. SUA RELEVÂNCIA PARA PAULO (EF 3:1-5)

A melhor maneira de compreender a importância do "mistério" para a vida de Paulo é observar as duas descrições que ele faz de sua própria pessoa nesta seção. Começa chamando a si mesmo de "prisioneiro" (Ef 3:1) e, em seguida, usa a designação "ministro" (Ef 3:7). Paulo era prisioneiro porque cria no novo plano de Deus, cujo propósito era unir os cristãos judeus e gentios em um só corpo, a Igreja. Para os judeus ortodoxos do tempo de Paulo, os gentios não passavam de "cães", e a atitude de alguns dos judeus cristãos para com os gentios não era muito melhor.

Quando Cristo o salvou, Paulo era um líder do judaísmo ortodoxo (Gl 1:11-24; Fp 3:1-11); e, no entanto, pela providência divina, começou seu ministério em uma igreja em Antioquia, constituída tanto de judeus

quanto de gentios (At 11:19-26). Na assembléia realizada em Jerusalém para determinar a posição dos cristãos gentios, Paulo defendeu bravamente a graça de Deus e a unidade da Igreja (At 15; Gl 2:1-10).

Desde o início da vida cristã do apóstolo, Deus deixou claro para ele que o havia chamado para levar o evangelho aos gentios (At 9:15; 26:13-18), e Paulo permaneceu fiel a esse chamado. Sempre que ministrava, fundava igrejas locais constituídas de cristãos judeus e gentios, todos "um em Cristo Jesus" (Gl 3:28).

Uma vez que era o "apóstolo dos gentios" (Rm 11:13; 15:15, 16; Ef 3:8; 1 Tm 2:7), foi acusado de ter preconceito contra os judeus, especialmente contra os cristãos judeus de Jerusalém e da Judéia em geral. A oferta especial que Paulo levantou para os cristãos necessitados na Judéia tinha o propósito de mostrar a boa vontade existente entre essas igrejas e as igrejas que Paulo fundou (Rm 15:25-33). Paulo entregou a oferta pessoalmente (At 21:17-19), e tudo indica que foi bem recebido pelos cristãos da Judéia. Apesar das medidas drásticas que o apóstolo tomou para tranquilizar os cristãos judeus, houve tumulto no templo, e Paulo foi levado para a prisão (At 21:30-33). Ele se defendeu apresentando seu testemunho pessoal, e a multidão lhe deu ouvidos até ele falar dos "gentios". Ao ouvirem esse termo, os judeus revoltaram-se novamente (At 22:22, 23). O restante do Livro de Atos relata a jornada de Paulo de Jerusalém a Roma como "prisioneiro de Cristo Jesus, por amor [dos] gentios" (Ef 3:1). Se Paulo tivesse cedido em sua mensagem e incentivado os preconceitos egoístas dos judeus, provavelmente teria sido solto.

Paulo não apenas era um "prisioneiro" por causa do "mistério", como também era um "ministro". Deus lhe deu uma "dispensação" (mordomia), a fim de que pudesse ir aos gentios com as boas-novas da salvação em Cristo e também com a mensagem de que, a partir de então, judeus e gentios eram um em Cristo. O termo "dispensação" vem de duas palavras gregas: *oikos*, que significa "casa", e *nomos*, que significa "lei". Nosso

termo "economia" é uma derivação direta do grego *oikonomia*, "a lei da casa" ou "mordomia, intendência". Ao longo das eras, Deus administra seu plano de várias maneiras, e, por vezes, os estudiosos da Bíblia chamam essas formas variadas de intendência de "dispensações" (Ef 1:9, 10). Os princípios de Deus não mudam, mas seus métodos de tratar com a humanidade variam no decorrer da história. "Ao discernir as eras, vemos que as Escrituras harmonizam-se com elas", escreveu Agostinho.

Deus fez de Paulo um despenseiro do "mistério" e lhe deu a responsabilidade de compartilhar esse mistério com os gentios. Não bastava ganhá-los para Cristo e formar congregações locais. O apóstolo também deveria ensinar-lhes sobre sua posição maravilhosa em Cristo como membros do corpo, participando da graça de Deus em pé de igualdade com os judeus. Essa verdade não havia sido revelada nas Escrituras do Antigo Testamento. Sua revelação se deu por meio dos apóstolos e profetas do Novo Testamento (ver Ef 4:11) por intermédio do Espírito Santo. Deus revelou-a pessoalmente a Paulo e o incumbiu de compartilhá-la com os cristãos gentios. Essa foi a "dispensação" – ou intendência – que o apóstolo recebeu do Senhor. Paulo havia sido um despenseiro fiel e, agora, se encontrava preso em Roma. Como José no Antigo Testamento, sua intendência leal resultou em sua prisão. Mas, no final, tudo o que sucedeu a ambos serviu para glorificar a Deus grandemente e para salvar judeus e gentios.

## 2. SUA RELEVÂNCIA PARA OS GENTIOS (EF 3:6-8)

Em Efésios 2:11-22, descobrimos que a obra de Cristo na cruz não se ateve à salvação dos pecadores como indivíduos. Também reconciliou judeus e gentios uns com os outros e com Deus. Essa é a verdade que Paulo apresenta aqui, e podemos imaginar como eram, de fato, boas-novas! A verdade do "mistério" revela aos cristãos gentios que eles têm um relacionamento novo e maravilhoso por meio de Jesus Cristo.

Em primeiro lugar, são co-herdeiros com os judeus e têm parte nas riquezas espirituais que Deus lhes deu em função de sua aliança com Abraão (Gl 3:29). Em Cristo, não há qualquer vantagem ou desvantagem em ser judeu ou gentio, pois participamos juntos das riquezas de Cristo. Os gentios também são membros do corpo de Cristo, a Igreja. "Há somente um corpo" (Ef 4:4). O nascimento humano determina as distinções raciais, mas o nascimento espiritual promove nossa união como membros do mesmo corpo (1 Co 12:12-14). Cristo é o Cabeça desse corpo (Ef 5:22, 23), e cada membro participa do ministério (Ef 4:10-13). Além disso, em seu novo relacionamento, os gentios são co-participantes das promessas de Deus. Em outros tempos, se encontravam fora da aliança e não tinham direito algum de reivindicar as promessas de Deus (Ef 2:12); mas agora, em Cristo, compartilham das promessas de Deus com os cristãos judeus. Em Romanos 11:13-15, Paulo explica que os cristãos gentios têm parte nas riquezas que Deus deu a Israel. Mas em Romanos 11:1-12, explica que, mesmo com a existência da Igreja, Deus não cancelou suas promessas a Israel. Hoje, a Igreja compartilha das riquezas espirituais de Israel, mas, um dia, Deus restaurará seu povo e cumprirá as promessas com respeito a sua terra e a seu reino.

"O mistério" não apenas permite que os gentios entrem em um novo relacionamento, como também revela a existência de um novo poder a sua disposição (Ef 3:7). Esse poder é demonstrado na vida de Paulo. Deus o salvou pela graça e lhe deu uma dispensação, um ministério especial para os gentios. O termo grego para "força", no versículo 7, é *energeia*, de onde vem a palavra "energia". O termo grego para "poder" é *dunamis*, de onde vêm as palavras "dinâmico" e "dinamite". Paulo já havia falado sobre esse grande poder em Efésios 1:19-23, e voltará a mencioná-lo em Efésios 3:20 e Efésios 4:16. O grande poder da ressurreição de Cristo encontra-se a nossa disposição para a vida e o serviço diário.

Por fim, os gentios têm novas riquezas a sua disposição: as "insondáveis riquezas de

Cristo" (Ef 3:8). Em ocasião anterior, Paulo as chama de "suprema riqueza" (Ef 2:7), mas aqui as descreve como sendo "insondáveis". Também podem ser descritas como "imperscrutáveis", ou seja, tão vastas que não é possível encontrar seu fim. (Alguns estudiosos acreditam que o sentido de "imperscrutável" também indica que tal mistério não poderia ser esquadrihado no Antigo Testamento, uma vez que Deus o havia mantido oculto.)

Essas riquezas estão à disposição de todos os cristãos? Sem dúvida! Na verdade, Paulo deixa claro que ele próprio não tinha qualquer direito especial de reivindicar as riquezas de Deus, pois se considerava "o menor de todos os santos" (Ef 3:8). O nome *Paulo* (Paulus) quer dizer "pequeno" em latim, e talvez Paulo usasse esse nome por saber quanto era insignificante (At 13:9). Ele chama a si mesmo de "o menor dos apóstolos" (1 Co 15:9), mas pelo menos era um apóstolo, o que é mais do que podemos dizer a nosso respeito. Aqui, ele se refere a si mesmo como "o menor de todos os santos" (Ef 3:8) e, posteriormente, afirma ser "o principal [dos pecadores]" (1 Tm 1:15). A compreensão das verdades profundas da Palavra de Deus não torna o ser humano orgulhoso; antes, lhe dá um coração quebrantado e contrito.

### 3. SUA RELEVÂNCIA PARA OS ANJOS (EF 3:9, 10)

Talvez a esta altura você esteja se perguntando: "Por que Deus manteve oculto por tantos séculos esse segredo sobre a igreja?" Por certo, o Antigo Testamento afirma claramente que Deus salvaria os gentios por meio de Israel, mas em parte alguma diz que tanto judeus quanto gentios formariam uma nova unidade: a Igreja, o corpo de Cristo. Foi esse mistério que o Espírito revelou a Paulo e aos outros líderes da Igreja primitiva e que os judeus tiveram tanta dificuldade em aceitar.

Paulo diz que os "principados e potestades" também fazem parte desse grande segredo. Deus está "instruindo" os anjos por meio da Igreja! Paulo usa a designação

“principados e potestades” para referir-se aos seres angelicais – tanto os bons quanto os maus – criados por Deus (Ef 1:21; 6:12; Cl 1:16; 2:15). Os anjos são seres criados e não são oniscientes. Na verdade, Pedro mostra que, no período do Antigo Testamento, os anjos tinham curiosidade acerca do plano da salvação que Deus realizava na Terra (1 Pe 1:10-12). Sem dúvida, os anjos regozijam-se quando um pecador se arrepende (Lc 15:10); Paulo sugere que os anjos observam as atividades da congregação local (1 Co 11:10). Nas palavras do apóstolo, “nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens” (1 Co 4:9).

Mas, afinal, o que os anjos aprendem com a Igreja? “A multiforme sabedoria de Deus” (Ef 3:10). Sem dúvida, os anjos sabem do poder de Deus, observável em sua criação. No entanto, a sabedoria de Deus manifesta em sua nova criação, a Igreja, é algo inédito para eles. Os não salvos, inclusive os filósofos sábios, olham para o plano divino de salvação e o consideram “loucura” (1 Co 1:18-31). Mas os anjos vêem Deus realizar seu plano de salvação e louvam sua sabedoria. Paulo a chama de *multiforme sabedoria*, expressão que tem o sentido de “variado” ou “multicolorido”, indicando a beleza e a variedade da sabedoria de Deus em seu grande plano de salvação.

No entanto, essa verdade apresenta outra faceta a ser explorada. O que os anjos *maus* estão aprendendo com o “mistério” de Deus? Que seu líder, Satanás, não possui sabedoria alguma! Satanás conhece a Bíblia e entendeu, pelos escritos do Antigo Testamento, que o Salvador viria, quando ele viria, como ele viria e onde ele viria. Com respeito à redenção, também entendeu por que ele viria. Mas, em parte alguma do Antigo Testamento, Satanás encontrou profecias acerca da Igreja, o “mistério” dos judeus e gentios unidos em um só corpo! Satanás foi capaz de ver judeus incrédulos rejeitando seu Messias e gentios crendo no Messias, mas não pôde ver tanto judeus quanto gentios unidos em um só corpo, assentados com Cristo nos lugares celestiais, completamente vitoriosos sobre o Inimigo! Se Satanás

tivesse entendido toda a abrangência da obra da cruz, sem dúvida teria mudado seus planos de acordo com isso.

Deus ocultou esse plano maravilhoso “desde os séculos”, mas agora deseja que esse “mistério” seja conhecido por sua Igreja. Foi por isso que ordenou Paulo como “despenseiro” dessa grande verdade. Uma tradução mais apropriada para Efésios 3:9 pode ser: “e fazer todos os homens compreenderem o que vem a ser a dispensação do mistério”. Encontramos aqui uma declaração extraordinária: agora, *todos os cristãos* devem ser despenseiros fiéis dessa grande verdade! Esse “segredo santo”, tão importante para Paulo, para os gentios e para os anjos, agora se encontra em *nossas mãos*!

#### 4. DEVE SER RELEVANTE AOS CRISTÃOS DE HOJE (EF 3:11-13)

Quando Deus salvou Paulo, confiou-lhe os tesouros preciosos do evangelho (1 Tm 1:11). O apóstolo, por sua vez, transmitiu essas verdades a pessoas fiéis, exortando-as a guardá-las e a compartilhá-las (2 Tm 2:2). “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado” (1 Tm 6:20). No fim de sua vida, Paulo declarou para a glória de Deus: “Guardei a fé” (2 Tm 4:7). Durante o período apostólico, as verdades do evangelho e o “mistério” foram guardados, pregados e transmitidos a cristãos fiéis.

No entanto, ao estudar a história da Igreja, observamos que, uma a uma, várias dessas verdades fundamentais da Palavra de Deus foram se perdendo ao longo dos séculos. Deus sempre teve um povo fiel – uma minoria –, mas muitas verdades preciosas da Palavra foram soterradas pela teologia, pela tradição e pelos rituais. Então, o Espírito de Deus começou a abrir os olhos das almas que buscavam tais verdades, e estas lhe foram reveladas novamente. Martinho Lutero defendeu a justificação pela fé. Outros líderes espirituais redescobriram a pessoa e a obra do Espírito Santo, a verdade gloriosa da volta de Jesus Cristo e a alegria da vida cristã vitoriosa. Nos últimos anos, a revelação desse “mistério” tem voltado a despertar o coração do povo de Deus.



Alegramo-nos por ser um só corpo “em Cristo Jesus”.

A maioria das pessoas se lembra de Napoleão Bonaparte como o aspirante a conquistador da Europa. Pouca gente pensa nele como um patrono das artes e ciências, e, no entanto, ele foi um benfeitor nessas duas áreas. Em julho de 1798, Napoleão começou a ocupar o Egito, mas em setembro de 1801 foi obrigado a retirar-se. Em termos de planos militares e políticos, esses três anos foram um fracasso absoluto, mas representaram uma vitória numa área de grande interesse de Bonaparte – a arqueologia. Isso porque, em agosto de 1799, um francês chamado Boussand descobriu a Pedra de Roseta em um local a cerca de cinquenta quilômetros de Alexandria. Essa descoberta deu aos arqueólogos a chave para compreender os hieróglifos egípcios e abriu a porta para os estudos modernos sobre o Egito.

O “mistério” é a “Pedra de Roseta” de Deus. É a chave para aquilo que ele prometeu no Antigo Testamento, que Cristo fez nos Evangelhos e a Igreja fez no Livro de Atos, para o que Paulo e outros escritores ensinam nas Epístolas e o que Deus ainda realizará, conforme se encontra registrado no Livro de Apocalipse. O plano de Deus para os dias de hoje não é a “supremacia de Israel” (Dt 28:1-13), mas sim a liderança de Cristo sobre sua Igreja. Hoje, estamos debaixo de uma “dispensação” diferente daquela de Moisés e dos profetas e devemos cuidar para não fazer confusão com aquilo que Deus já esclareceu.

Muitas igrejas de nosso tempo se mostram fracas e inexpressivas porque não compreendem o que possuem em Cristo. Isso se deve, em muitos casos, a líderes espirituais que não são bons “despenseiros do mistério”. Uma vez que não “[manejam] bem a palavra da verdade” (2 Tm 2:15), confundem as pessoas com respeito a sua posição espiritual no Senhor e as privam da riqueza espiritual que se encontra a seu dispor em Cristo.

Essa verdade maravilhosa com respeito à Igreja não é um “plano B” que Deus elaborou depois da criação. Pelo contrário, faz

parte do propósito eterno de Deus em Cristo (Ef 3:11). Ignorar essa verdade é pecar contra o Pai que a intentou, contra o Filho que a tornou possível e contra o Espírito que hoje procura operar em nossa vida de modo a cumprir os desígnios de Deus. Quando compreendemos esse fato, crescemos em confiança e em fé (Ef 3:12). Quando sabemos o que Deus está fazendo no mundo e cooperamos com ele, podemos estar certos de que ele operará *em nós* e *a nosso favor*. Todos os seus recursos divinos encontram-se à disposição dos que desejam de coração fazer sua vontade e ajudá-lo a cumprir seus propósitos aqui na Terra.

A Igreja primitiva acreditava que o evangelho pertencia aos judeus, pois havia sido transmitido primeiramente *para eles* e, em seguida, *por meio deles*. Antes de Pedro ser orientado por Deus a levar as boas-novas aos gentios (At 10), os judeus cristãos acreditavam que um gentio precisava tornar-se judeu antes de se converter à fé cristã! Aos poucos, o Espírito Santo revelou à Igreja que Deus fazia algo novo: estava chamando um povo para seu nome, constituído tanto de judeus quanto de gentios (At 15:14). Dentro da igreja, não há distinções nacionais, raciais, políticas, físicas ou sociais. Não há “judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

O discernimento acerca do plano de Deus em nossa era não apenas leva o cristão a confiar no Senhor, mas também lhe dá coragem em meio às situações difíceis da vida. O sofrimento de Paulo pelos gentios representaria glória para os gentios. No tempo do Antigo Testamento, quando o povo de Deus obedecia, Deus os abençoava em termos materiais, nacionais e físicos (Dt 28); e, se lhe desobedeciam, ele retirava essas bênçãos. Mas não é assim que Deus se relaciona com sua Igreja nos dias de hoje. Nossas bênçãos são espirituais, não materiais (Ef 1:3); *todas* elas nos foram dadas inteiramente em Cristo. Apropriamo-nos delas pela fé, mas se desobedecermos a Deus, ele não as revogará. Simplesmente deixaremos de desfrutá-las e de ser enriquecidos por elas.

Sem dúvida, Paulo era um homem consagrado e cheio do Espírito mas, ainda assim, sofria na prisão. O apóstolo deixa claro que nem sempre o cristão consagrado experimentará bênçãos físicas e materiais (2 Co 4:7-12; 11:23 - 12:10).

Estava indo de carro para um compromisso e tentei usar um mapa que havia encontrado no porta-luva (tenho um péssimo senso de direção e, normalmente, minha esposa é quem serve de "navegadora"...). Por algum motivo, não conseguia encontrar a estrada na qual precisava entrar, de modo que parei em um posto para pedir informação.

- Esse mapa é do tempo da minha avó! - exclamou o frentista. - Vou arranjar um mapa atualizado para o senhor. É só seguir as indicações que não tem erro. - Ele estava certo. Segui o mapa novo e cheguei em tempo para meu compromisso.

Quem não entende o "mistério" de Deus em sua Igreja tenta avançar em sua jornada

espiritual orientando-se pelo mapa errado. Ou, ainda, podemos dizer que tentam construir uma casa usando o projeto errado. As igrejas de Deus na Terra - as congregações locais - não devem ser panelinhas gentias nem judaicas. Uma igreja alemã que se recusa a receber um membro sueco é tão antibíblica quanto uma congregação de judeus que rejeita um gentio. A Igreja de Deus não deve estar presa à cultura, às classes sociais ou a qualquer outra distinção física. É uma entidade espiritual que deve sujeitar-se à autoridade de Jesus Cristo no poder do Espírito.

Deus tem um "segredo", mas deseja revelá-lo! Se compreendermos qual é nossa posição extraordinária em Cristo, viveremos de acordo com ela e compartilharemos a bênção com outros. Esse segredo, tão importante para Paulo, para os gentios e para os anjos, também deve ser importante para nós hoje.

## USEM SUAS RIQUEZAS

EFÉSIOS 3:14-21

Esta passagem é a segunda de duas orações registradas em Efésios. A primeira encontra-se em Efésios 1:15-23 e enfatiza o *esclarecimento*, enquanto esta enfatiza a *capacitação*. Não se refere tanto ao *saber*, mas sim ao *ser*. É uma questão de apropriar-se, pela fé, do que Deus tem para nós e de fazer disso uma parte essencial da vida. Paulo está dizendo: “Quero que tomem posse de sua riqueza, percebam como ela é imensa e comecem a usá-la”.

Convém observar que, como as outras orações do apóstolo na prisão (Fp 1:9-11; Cl 1:9-12), estas duas súplicas tratam da condição espiritual do ser interior, não das necessidades materiais do corpo. Claro que não é errado orar pedindo que Deus supra necessidades físicas e materiais, mas a ênfase aqui é sobre a vida espiritual. Paulo sabia que, havendo ordem no ser interior, as necessidades do ser exterior também serão atendidas em seu devido tempo. Muitas de nossas orações concentram-se naquilo que precisamos no plano físico e material, mas não expressam as necessidades mais profundas do coração. Pode ser proveitoso fazer nossas as palavras dessas orações da prisão e pedir que Deus trate de nosso ser interior, pois é nos lugares mais profundos de nosso ser que se encontram as maiores necessidades.

### 1. A INVOCAÇÃO (EF 3:14, 15)

A primeira coisa que chama a atenção é a postura de Paulo: “Me ponho de joelhos” (o que deve ter sido uma experiência interessante para o soldado romano ao qual Paulo estava acorrentado!). Em parte alguma a Bíblia ordena que se assuma uma postura

especial para orar. Abraão permaneceu em pé diante do Senhor quando orou por Sodoma (Gn 18:22), e Salomão também estava em pé quando orou consagrando o templo (1 Rs 8:22). Davi “ficou [se assentou] perante [o SENHOR]” (1 Cr 17:16) ao orar pelo futuro do seu reino. E Jesus “prostrou-se sobre o seu rosto” (Mt 26:39) enquanto orava no Getsêmani.

A ênfase sobre a postura espiritual fica extremamente clara em Efésios. Como pecadores, encontramos-nos sepultados em um cemitério (Ef 2:1). Mas quando cremos em Cristo, somos ressuscitados dos mortos e assentados com Cristo nos lugares celestiais (Ef 2:4-6). Uma vez *assentados* com Cristo, poderemos *andar* de modo agradável a ele (Ef 4:1, 17; 5:2, 8, 15) e *ficar firmes* contra o diabo (Ef 6:10-13). No entanto, a postura que liga o “assentar” com o “andar” é o “ajoelhar-se”. É por meio da oração que nos apropriamos das riquezas que nos permitem viver e lutar como cristãos. O mais importante não é dobrar os joelhos literalmente, mas sim prostrar o coração e a vontade diante do Senhor e pedir que ele supra nossas necessidades.

Paulo dirige sua oração ao “Pai”. Na Bíblia, a oração é dirigida ao Pai, por meio do Filho e no Espírito. Esse é o padrão, mas podemos encontrar petições dirigidas ao Filho e, possivelmente, ao Espírito (1 Ts 3:12, 13). Em Efésios 1:3, Paulo chama o “Pai” de “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele era o “Deus [...] de nosso Senhor Jesus Cristo” quando Jesus estava aqui na Terra, pois, como homem, Jesus viveu na dependência total de Deus. Esse título nos faz lembrar a humanidade de Cristo. Mas Deus é o “Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”, pois Jesus Cristo é o Deus eterno, e esse título nos faz lembrar sua divindade.

Em certo sentido, porém, os seres humanos em geral e os cristãos em particular encontram-se relacionados à paternidade de Deus. Paulo afirma que do Pai divino “toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra”. O termo “família” pode ser traduzido por “paternidade”. Toda paternidade no céu e na Terra tem origem no Pai e

toma dele seu nome. Ele é o grande Ser Original; toda paternidade não passa de uma imitação. Adão é chamado de “filho de Deus” (Lc 3:38), em uma referência a sua criação. Os cristãos são “filhos de Deus” por meio do novo nascimento (Jo 1:11-13; 1 Jo 3:1, 2). Não se pode dizer que todos os seres humanos são filhos de Deus por natureza. Pelo contrário, são filhos da desobediência e filhos da ira (Ef 2:2, 3). Como Criador, Deus é o Pai de cada pessoa; mas como Salvador, é Pai apenas dos que crêem. As Escrituras não falam, em parte alguma, de uma paternidade universal e salvadora de Deus. “Importa-vos nascer de novo” (Jo 3:7).

## 2. A PETIÇÃO (EF 3:16-19)

Paulo faz quatro pedidos em sua oração, mas estes não devem ser considerados petições individuais e isoladas. Esses quatro pedidos assemelham-se mais a quatro partes de um telescópio. Um pedido conduz ao próximo, e assim por diante. O apóstolo ora para que o ser interior seja espiritualmente fortalecido, o que, por sua vez, conduzirá a uma experiência mais profunda com Cristo. Essa experiência mais profunda permitirá uma compreensão do grande amor de Deus, que resultará em “ser [tomado] de toda a plenitude de Deus”. Assim, Paulo ora pedindo força, profundidade, compreensão e plenitude.

**Força (v. 16).** A presença do Espírito Santo na vida do cristão dá testemunho de sua salvação (Rm 8:9), mas o poder do Espírito dá a capacitação necessária para sua vida, e é esse poder que Paulo deseja para seus leitores. “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1:8). Jesus realizou seu ministério na Terra pelo poder do Espírito (Lc 4:1,14; At 10:38), e esse é o único recurso disponível para a vida cristã nos dias de hoje. Ao lermos o Livro de Atos, vemos a importância do Espírito Santo na vida da igreja, pois o Espírito é mencionado 59 vezes ao longo desse livro, o que corresponde a um quarto das referências feitas a essa pessoa da Trindade em todo o Novo Testamento. Alguém disse: “Se Deus tirasse o Espírito Santo deste mundo, a maioria das obras dos cristãos prosseguiria... e ninguém perceberia

a diferença!” Uma afirmação triste porém verdadeira.

O poder do Espírito é concedido “segundo a riqueza da sua glória” (Ef 3:16). Cristo voltou à glória e enviou o Espírito do céu para habitar dentro do seu povo e lhe dar poder. Não é necessário trabalhar para obtê-lo. Como é maravilhoso que Deus não nos conceda o poder do Espírito “de parte da sua riqueza”, mas sim “segundo a sua riqueza”. Se um bilionário dá dez dólares a alguém, trata-se de uma doação *de parte* de suas riquezas; mas se ele dá um milhão de dólares, trata-se de uma doação *segundo* suas riquezas ou *de acordo* com elas. No primeiro caso, há uma *porção*, e, no segundo, uma *proporção*.

Esse poder encontra-se à disposição do “ser interior”, ou seja, da parte espiritual do ser humano onde Deus habita e opera. O ser interior do pecador está morto (Ef 2:1), mas recebe vida quando Cristo é convidado a entrar. O ser interior pode ver (Sl 119:18), ouvir (Mt 13:9), provar (Sl 34:8) e sentir (At 17:27), e deve ser “exercitado” (1 Tm 4:7, 8). Também deve ser purificado (Sl 51:7) e nutrido (Mt 4:4). O ser exterior é perecível, mas o ser interior pode ser renovado espiritualmente, a despeito da deterioração física (2 Co 4:16-18). É esse poder interior que permite ao cristão ser vitorioso.

Ao afirmar que o Espírito Santo dá poder ao ser interior, dizemos que todas as nossas faculdades espirituais são controladas por Deus e que as exercitamos e crescemos na Palavra (Hb 5:12-14). Só é possível viver corretamente para a glória de Deus quando nos entregamos ao Espírito e permitimos que ele exerça controle absoluto. Para tanto, devemos alimentar nosso ser interior com a Palavra de Deus, orar e adorar, nos manter puros e exercitar nossos sentidos por meio da obediência que vem do amor.

**Profundidade (v. 17).** A fim de transmitir o conceito de profundidade espiritual, Paulo usa três imagens, ocultas em três verbos: “habitar”, “arraigado” e “alicerçado”. O verbo habitar significa, literalmente (segundo a tradução do dr. Kenneth Wuest), “fazer morada e sentir-se em casa”. Sem dúvida,

Cristo já residia no coração dos efésios, pois de outro modo Paulo não teria se dirigido a eles como "santos" em efésios 1:1. Paulo está pedindo que o povo de Deus tenha uma experiência mais profunda com Cristo. Seu desejo é que Cristo não apenas habite, mas também se sinta em casa no coração dos cristãos, indicando uma comunhão cada vez mais íntima, não um relacionamento superficial.

A vida de Abraão ilustra essa verdade. Quando Deus estava prestes a abençoar Abraão com um filho, visitou o patriarca hebreu acompanhado de dois anjos. Eles entraram na tenda, conversaram com Abraão e até comeram com ele. Sentiram-se em casa, pois ali vivia um homem fiel e obediente. Os visitantes também estavam lá para investigar os pecados de Sodoma, pois Deus planejava destruir tanto essa cidade quanto a cidade vizinha de Gomorra. Ló, um homem temente ao Senhor, vivia em Sodoma, e Deus desejava alertá-lo antes de mandar o julgamento. Deus enviou os dois anjos para cumprir essa missão, mas ele próprio não entrou na cidade (Gn 18 - 19). Ao contrário da tenda de Abraão, a casa de Ló não era um lugar onde Deus se sentia à vontade.

O verbo "arraigado" remete-nos à botânica. Uma árvore deve ter raízes profundas, a fim de se manter firme e obter nutrientes do solo; o cristão deve encontrar-se profundamente arraigado no amor de Deus. O Salmo 1:1-3 apresenta uma descrição perfeita dessa palavra, e Jeremias 17:5-8 é um excelente comentário. Uma das perguntas mais importantes que um cristão pode fazer a si mesmo é: "de onde tiro meu sustento e estabilidade?" A fim de ter poder, a vida cristã precisa de profundidade.

"Alicerçar" é um verbo relacionado à arquitetura e se refere aos fundamentos sobre os quais edificamos. Nas duas primeiras igrejas que pastoreei, tivemos o privilégio de construir um templo novo e, nos dois projetos, a impressão era que levaria uma eternidade para levantar a construção. Na segunda obra, gastamos uma soma exorbitante para examinar o solo, pois estávamos construindo no leito de um lago que havia secado. Depois

disso, os trabalhadores passaram várias semanas moldando as sapatas de concreto. Um dia, me queixei com o arquiteto, e ele respondeu:

- Pastor, os alicerces são a parte mais importante da construção. Não se pode levantar um edifício alto sem alicerces profundos.

Desde então, essa frase tem sido um sermão para mim.

As provações da vida testam a profundidade da nossa experiência. Se dois universitários dividem um apartamento e se desentendem, podem procurar outra pessoa com quem morar, pois se trata de um arranjo temporário. Mas se um marido e uma esposa que se amam enfrentam um conflito, essa provação servirá para aprofundar ainda mais seu relacionamento, à medida que procurarem resolver seus problemas. A tempestade revela a força das raízes. Jesus contou uma história sobre dois construtores, ressaltando que um deles não edificou alicerces profundos (Mt 7:24-29). Paulo orou para que os cristãos tenham uma experiência mais profunda com Cristo, pois somente esse tipo de experiência poderá sustentá-los durante as tribulações mais severas da vida.

**Compreensão (vv. 18, 19a).** O termo "compreensão" vem do latim *prehendere*, que significa "prender", "segurar" e dá a idéia de tomar algo para si. Compreender não significa apenas entender algo no plano mental, mas também assimilar esse entendimento no plano pessoal. Em outras palavras, uma pessoa pode entender um conceito sem tomá-lo para si. A preocupação de Paulo é que nos apropriemos da imensidão do amor de Deus. Ele deseja que vivamos em quatro dimensões. Ao dar a terra a Abraão, Deus ordenou: "Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura" (Gn 13:17). Abraão teve de dar um passo de fé e se apropriar de sua herança. Hoje, porém, temos uma herança em quatro dimensões: largura, comprimento, altura e profundidade. A quarta dimensão de Deus é o amor!

No entanto, nos vemos diante de um paradoxo, pois Paulo deseja que conheçamos pessoalmente “o amor de Cristo, que excede todo entendimento”. Sabemos da existência de certas dimensões, mas estas não podem ser medidas. Esse “amor de Cristo, que excede todo o entendimento” é paralelo às “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3:8). Somos tão ricos em Cristo que nossas riquezas não podem ser calculadas nem pelo mais moderno dos computadores.

Certa vez, vi uma história em quadinhos que mostrava um homem conversando com um vendedor de barcos. Ao redor deles, o *showroom* estava cheio de iates e barcos sofisticados. Abaixo da figura estava escrito: “Se o senhor precisa perguntar o preço, é porque são caros demais para o seu bolso!”

Nenhum cristão precisa preocupar-se com seus recursos espirituais, questionando se estão à altura das exigências da vida. Se orar pedindo força e profundidade espiritual, será capaz de compreender – apropriar-se – de todos os recursos do amor e da graça de Deus. “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13). E qual é o resultado disso?

**Plenitude (v. 19b).** Diz-se que a natureza tem aversão ao vácuo. Isso explica por que o ar e a água ocupam imediatamente qualquer espaço vazio. A natureza *divina* também tem aversão ao vácuo. Deus deseja que experimentemos plenitude. Uma tradução mais clara é “ser tomado *por* toda plenitude de Deus”. O Espírito Santo é o *meio* pelo qual obtemos essa plenitude (Ef 5:18), cuja *medida* é o próprio Deus (Ef 4:11-16). É triste quando os cristãos usam medidas erradas para examinar sua vida espiritual. Gostamos de tomar como parâmetro os cristãos mais fracos que conhecemos e, então, nos gloriar do que supomos ser nossa superioridade espiritual. Paulo diz que Cristo é a medida e que não podemos (nem devemos) nos gloriar de coisa alguma. Quando alcançarmos a plenitude *de Cristo*, então teremos chegado ao limite.

Em certo sentido, o cristão já “[está] aperfeiçoado em Cristo” (ver Cl 2:9, 10, em que

“aperfeiçoado” significa “cheio até o limite”). No que se refere a nossa posição, estamos completos nele, mas em termos práticos, desfrutamos somente da graça que somos capazes de compreender pela fé. Os recursos estão a nossa disposição. Tudo o que é preciso fazer é desfrutá-los. Mais adiante, Paulo voltará a tratar dessa plenitude (Ef 5:18-21), de modo que faremos outros comentários sobre o assunto na seção correspondente.

### 3. A BÊNÇÃO (EF 3:20, 21)

Não é de se admirar que, depois de contemplar uma experiência espiritual tão maravilhosa, Paulo tenha irrompido em uma doxologia, uma bênção apropriada para essa oração. Convém notar, mais uma vez, a ênfase trinitária das palavras do apóstolo: Paulo ora a Deus Pai pedindo o poder interior de Deus Espírito, oferecido a nós por meio de Deus Filho.

Talvez a melhor maneira de compreender um pouco da grandeza dessa doxologia seja observar sua forma esquemática:

Àquele que é  
poderoso para fazer *tudo*  
*mais* do que tudo  
*infinitamente* mais do que tudo

Ao que parece, Paulo deseja usar todas as palavras possíveis para comunicar a imensidão do poder de Deus que encontramos em Jesus Cristo. O apóstolo encerra os dois capítulos anteriores com louvores a Deus por sua grande vitória em Cristo. Afirma que o poder de Cristo é tão grande que ele ressuscitou dentre os mortos e subiu aos lugares celestiais *acima de todas as coisas* (Ef 1:19-23) e reconciliou judeus e gentios uns com os outros e com Deus, e agora Deus está edificando um templo para sua glória eterna (Ef 2:19-22). Mas neste parágrafo que estamos estudando, Paulo diz algo maravilhoso: esse poder *infinitamente maior do que tudo* está a nossa disposição e vai muito além de tudo o que pedimos ou pensamos! Em outras palavras, assim como o amor de Cristo, seu poder excede toda compreensão e parâmetro humano. E é exatamente esse tipo

de poder que precisamos para andar com Cristo e obter vitória nas batalhas espirituais.

O termo grego usado para “poder” é *dunamis*, a mesma palavra encontrada em Efésios 3:7, e “operar” é *energeia* (energia), que aparece também em Efésios 1:11, 19; 2:2; 3:7 e 4:16. Existe certa energia potencial disponível, mas não utilizada, como a energia guardada em uma pilha. Mas a energia de Deus é poder operante – poder que atua em nossa vida. Esse poder opera em nós, no ser interior (Ef 3:16). Convém ler Filipenses 2:12, 13, pois são versículos paralelos. É o Espírito Santo que libera o poder da ressurreição de Cristo em nossa vida.

Em um dia de inverno, precisava comparecer a um compromisso importante em Chicago, e, na noite anterior, toda a região foi atingida por uma forte tempestade de neve. A casa onde eu estava não tinha garagem, de modo que o carro não apenas ficou todo coberto de neve, mas também cheio de gelo nos pára-lamas e pára-choques. Depois que limpei a parte de cima, não foi difícil remover o acúmulo de gelo na parte inferior. Fui até um posto para abastecer e, ao pressionar o botão no painel para abrir o tanque de combustível, percebi que o mecanismo não estava funcionando. O frentista olhou debaixo do pára-choque e descobriu o problema. Ao tirar o gelo acumulado, eu havia rompido o cabo que ligava a tampa à bateria.

Ao que parece, é isso o que acontece com muitos cristãos. Foram desligados de sua fonte de energia. A incredulidade, os pecados não confessados, o desleixo no modo

de viver e o caráter mundano das idéias e ações podem privar o cristão da energia e do poder necessários, tornando-o inadequado para ser usado por Deus. “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Por que Deus compartilha seu poder conosco? A fim de que possamos construir grandes igrejas para nossa própria glória? A fim de nos envaidecermos com nossas realizações? De maneira alguma! “A ele seja a glória na Igreja”. O Espírito de Deus foi concedido para glorificar o Filho de Deus (Jo 16:14). A Igreja está aqui na Terra para glorificar a Cristo. Se nossa motivação maior for glorificar a Deus edificando sua Igreja, então Deus compartilhará seu poder conosco. O poder do Espírito não é um luxo, é uma necessidade.

O mais impressionante é que tudo o que fizermos no poder de Deus hoje glorificará a Cristo “por todas as gerações, para todo o sempre” (Ef 3:21). O maior ministério da Igreja ainda está por vir. Aquilo que fazemos no presente é uma preparação para as eras eternas, quando glorificaremos a Cristo para sempre.

Ele é capaz de fazer *tudo* – *mais* do que tudo – *infinitamente* mais do que tudo!

Vamos começar a usar nossas riquezas espirituais, abrindo o coração para o Espírito Santo e seguindo o exemplo de Paulo, pedindo força para o ser interior, a fim de alcançar uma nova profundidade no amor de Cristo, crescer em compreensão e experimentar a plenitude espiritual. “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4:2).

## VAMOS ANDAR JUNTOS

### EFÉSIOS 4:1-16

Todas as epístolas de Paulo apresentam um excelente equilíbrio entre doutrina e dever, e Efésios é o exemplo perfeito. Os três primeiros capítulos tratam de doutrina, de nossas riquezas em Cristo, enquanto os três últimos capítulos explicam os deveres, nossas responsabilidades em Cristo. A idéia central na primeira metade do livro é “riqueza”, e a palavra-chave da última metade é *andar* (Ef 4:1, 17; 5:2, 8, 15). Nestes três capítulos, Paulo nos admoesta a andar em *unidade* (Ef 4:1-16), *pureza* (Ef 4:17 – 5:17), *harmonia* (Ef 5:18 – 6:9) e *vitória* (Ef 6:10-24).

Essas quatro maneiras de andar formam um paralelo perfeito com as doutrinas básicas que o apóstolo ensinou nos três primeiros capítulos.

Nossas riquezas Chamados pela graça para pertencer ao corpo de Cristo (cap. 1)	Nosso andar Andar de modo digno de nosso chamado – a unidade do corpo (4:1-16)
Ressuscitados dentre os mortos (2:1-10)	Andar em pureza – despir-se da mortalha (4:17 – 5:17)
Reconciliados (2:11-22)	Andar em harmonia (5:18 – 6:9)
A vitória de Cristo sobre Satanás é o mistério (cap. 3)	Andar em vitória (6:10-24)

Antes de estudar esta seção em detalhes, devemos observar dois termos importantes de Efésios 4:1: *rogo* e *pois*. O termo *pois* indica que Paulo baseia suas exortações ao dever

nas doutrinas ensinadas nos três primeiros capítulos (Rm 12:1, 2 são versículos paralelos). A vida cristã não se fundamenta na ignorância, mas sim no conhecimento, e, quanto maior nossa compreensão da doutrina bíblica, mais fácil será cumprir os deveres bíblicos. Quando as pessoas dizem: “não venha me falar de doutrina – deixe-me viver como um cristão!”, revelam sua ignorância acerca da maneira de o Espírito Santo operar na vida do cristão. Uma confissão semelhante de ignorância é dizer: “as convicções não são importantes; o que importa é viver da maneira correta”. Claro que as convicções são importantes, pois elas determinam nosso comportamento.

O termo *rogar* indica que Deus, em seu amor, nos insta a viver para sua glória. Não segue mais o padrão do Antigo Testamento, no qual ele dizia: “se me seguir, eu o abençoarei”. Agora, Deus diz: “Eu já o abençoei; agora, obedeça-me em resposta a meu amor e a minha graça”. Ele nos chamou de modo maravilhoso em Cristo; nossa responsabilidade é viver à altura desse chamado.

A idéia central destes dezesseis versículos iniciais é a unidade dos cristãos em Cristo. Trata-se simplesmente da aplicação prática da doutrina ensinada na primeira metade da epístola: Deus está constituindo um corpo e construindo um templo. Reconciliou os judeus e gentios uns com os outros e consigo mesmo em Cristo. A unidade dos cristãos em Cristo já é uma realidade espiritual. Nossa responsabilidade é guardar, proteger e preservar essa unidade. Para isso, precisamos entender quatro fatos importantes.

#### 1. A GRAÇA DA UNIDADE (EF 4:1-3)

Unidade não é uniformidade. A unidade é de origem interior e constitui uma graça espiritual, enquanto a uniformidade é resultante de pressão exterior. Em outra epístola, Paulo usa o corpo humano para retratar a unidade cristã (1 Co 12) e adapta a mesma ilustração para esta seção (Ef 4:13-16). Cada parte do corpo é diferente das outras, e, no entanto, todas constituem uma só unidade e trabalham em conjunto.



A fim de preservar a “unidade do Espírito”, devemos possuir as graças cristãs indispensáveis, e sete delas se encontram relacionadas nesta passagem. A primeira é a *humildade*. Alguém disse: “humildade é a graça que perdemos quando descobrimos que a possuímos”. Ser humilde significa colocar Cristo em primeiro lugar, os outros em segundo e a si mesmo em último. Significa conhecer a si mesmo, aceitar-se e ser o que é para a glória do Senhor. Deus não condena o indivíduo por aceitar a si mesmo e aos dons que tem (Rm 12:3), mas não deseja que ninguém se considere *superior* nem *inferior* ao que de fato é.

*Mansidão* não é fraqueza, mas sim poder sob controle. Moisés era um homem manso (Nm 12:3), no entanto, podemos ver o poder enorme que exercia. Jesus Cristo era “manso e humilde de coração” (Mt 11:29), mas expulsou os cambistas do templo. Na língua grega, esse termo é usado tanto para um remédio que dá alívio, como para um potro domado e para um vento suave. Todos esses casos implicam um poder controlado.

Junto à mansidão vem a *longanimidade*, que significa, literalmente, “de longo ânimo”, dotado da capacidade de tolerar desconforto sem revidar. Isso nos leva à *paciência* ou a capacidade de suportar, uma graça que não pode ser experimentada sem amor. “O amor é paciente, é benigno” (1 Co 13:4). Na verdade, Paulo está descrevendo alguns dos “frutos do Espírito” (Gl 5:22, 23), pois a “unidade do Espírito” (Ef 4:3) é resultado de “[andar] no Espírito” (Gl 5:16).

A próxima graça que contribui para a unidade do Espírito é a *diligência*. O significado literal é “mostrar-se desejoso de manter ou de guardar a unidade do Espírito”. Certa vez, ouvi um cristão de longa data dizer a dois jovens recém-casados:

– É muito bom saber que vocês se amam, mas se querem que seu casamento dê certo, vão ter de trabalhar para valer!

O verbo usado neste versículo encontra-se no particípio presente, indicando que devemos nos esforçar constantemente para manter a unidade. Na verdade, é quando pensamos que as coisas estão mais tranquilas

que Satanás desfere seus golpes para destruir a unidade. A unidade espiritual de um lar, de uma classe de escola dominical ou de uma igreja é responsabilidade de todas as pessoas envolvidas e também um trabalho infundável.

A última graça é a *paz*: “no vínculo da paz”. Para a descrição mais vívida de guerra e paz no Novo Testamento, é interessante ler Tiago 3:13 a 4:10. Convém observar que o motivo para as guerras que acontecem em nível exterior são as guerras em andamento em nível interior. Se um cristão não está em paz com Deus, não será capaz de conviver em paz com os outros cristãos. Quando a “paz de Deus” reina em nosso coração, podemos construir a unidade (Cl 3:15).

## 2. A BASE PARA A UNIDADE (Ef 4:4-6)

Hoje em dia, muitas pessoas tentam unir os cristãos de forma não bíblica. Fazem declarações do tipo: “não estamos interessados em doutrinas, mas sim no amor; vamos colocar de lado as doutrinas e amar uns aos outros!” Mas Paulo não discute a unidade espiritual nos três primeiros capítulos; só toca nesse assunto depois de ter lançado os alicerces doutrinários. Apesar de nem todos os cristãos apresentarem um consenso quanto a algumas questões secundárias da doutrina cristã, há uma concordância geral com respeito às verdades fundamentais da fé. A unidade construída sobre qualquer outra base que não seja a doutrina bíblica apóia-se em alicerces extremamente instáveis. Nesta passagem, Paulo cita sete realidades espirituais básicas que unem todos os cristãos verdadeiros.

**Um só corpo.** Trata-se, evidentemente, do corpo de Cristo, do qual todo cristão é membro, inserido nessa unidade em sua conversão pelo Espírito de Deus (1 Co 12:12-31). Esse corpo único é o modelo para as muitas congregações locais que Deus estabeleceu ao redor do mundo. O fato de uma pessoa fazer parte de um corpo não a isenta da responsabilidade de fazer parte de uma congregação local, pois é nessa comunidade que usa seus dons espirituais e ajuda outros a crescer.

**Um só Espírito.** O mesmo Espírito Santo habita em cada um dos cristãos, de modo que pertencemos uns aos outros no Senhor. Encontramos cerca de doze referências ao Espírito Santo em Efésios, pois ele é essencial para a nossa vida cristã.

**Uma só esperança da nossa vocação.** Trata-se de uma referência à volta do Senhor para levar sua Igreja ao céu. O Espírito Santo que habita em nós é a garantia dessa promessa maravilhosa (Ef 1:13, 14). Paulo sugere que o cristão consciente da existência de um só corpo, que anda no Espírito e aguarda a volta do Senhor promoverá a paz, não o tumulto.

**Um só Senhor.** Ele é o Senhor Jesus Cristo que morreu por nós, vive por nós e, um dia, voltará para nos buscar. É difícil entender como dois cristãos que dizem servir ao mesmo Senhor não conseguem andar em união. Alguém perguntou a Ghandi, o líder espiritual indiano: "Qual é o maior empecilho para o crescimento do cristianismo na Índia?" Ao que ele respondeu: "Os cristãos". Reconhecer o senhorio de Cristo é um passo enorme em direção à unidade espiritual no meio de seu povo.

**Uma só fé.** Existe um conjunto definido de verdades que Cristo confiou a sua Igreja, que constitui "a fé". Judas a chama de "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3). Os primeiros cristãos professavam um conjunto de doutrinas básicas que ensinavam, guardavam e transmitiam a outros (2 Tm 2:2). Os cristãos podem discordar de certas questões de interpretação e prática eclesial, mas todos os seguidores autênticos de Cristo concordam no que diz respeito "à fé", e se afastar "da fé" é provocar desunião dentro do corpo de Cristo.

**Um só batismo.** Uma vez que, nesta passagem, Paulo está tratando do corpo único, esse "um só batismo" é, provavelmente, o batismo do Espírito pelo qual, na conversão, ele insere no corpo de Cristo o pecador que crê (1 Co 12:13). Não se trata de uma experiência que ocorre depois da conversão nem de uma experiência que o cristão deva pedir a Deus ou buscar. A Palavra ordena que sejamos cheios do Espírito (Ef 5:18), mas em

momento algum ordena que sejamos batizados com o Espírito, pois já o fomos na conversão. No que se refere ao corpo único, existe um só batismo – o batismo do Espírito. Mas no que se refere às congregações locais, há dois batismos: o batismo do Espírito e o batismo com água.

**Um só Deus e Pai.** Paulo gosta de enfatizar Deus como Pai (Ef 1:3, 17; 2:18; 3:14; 5:20). A união maravilhosa dos cristãos na família de Deus fica evidente nessas palavras, pois Deus está acima de todas as coisas, operando por meio de todas as coisas e em todas as coisas. Somos filhos dentro da mesma família, amando e servindo ao mesmo Pai, de modo que devemos ser capazes de andar juntos em união. Em uma família humana, os membros devem dar e receber, a fim de manter a união do lar em amor, e o mesmo se aplica à família celestial de Deus. A oração que Jesus ensinou a seus discípulos é dirigida ao "Pai nosso" e não a "meu Pai".

Uma das grandes preocupações de Paulo é que os cristãos não rompam a unidade do Espírito ao concordar com falsas doutrinas (Rm 16:17-20), e o apóstolo João faz uma advertência semelhante (2 Jo 6-11). A igreja local não pode crer na paz a qualquer preço, pois a sabedoria de Deus é, "primeiramente, pura; depois, pacífica" (Tg 3:17). A pureza da doutrina não produz, em si mesma, unidade espiritual, pois há igrejas fortes no que diz respeito à fé, mas fracas no que diz respeito ao amor. Por isso, Paulo une as duas coisas: "seguindo a verdade em amor" (Ef 4:15).

### 3. OS DONS PARA A UNIDADE (EF 4:7-11)

Nesta seção, Paulo passa dos elementos comuns a todos os cristãos para a diversidade entre os cristãos. Trata da variedade e da individualidade dentro da unidade do Espírito. Deus concede a cada cristão pelo menos um dom espiritual (1 Co 12:1-12), que deve ser usado para unir e edificar o corpo de Cristo. Devemos fazer uma distinção entre "dons espirituais" e "aptidões naturais". Quando nascemos neste mundo, Deus nos

deu certas aptidões naturais, talentos para áreas específicas, como a mecânica, a arte, os esportes ou a música. Nesse sentido, nem todos os seres humanos são iguais, pois alguns são mais inteligentes, fortes ou talentosos do que outros. Mas, na esfera espiritual, cada cristão possui pelo menos um dom espiritual, quaisquer que sejam suas aptidões naturais. Um dom espiritual é uma aptidão divinamente concedida para servir a Deus e aos outros cristãos de modo a glorificar a Cristo e a edificar os irmãos e irmãs na fé.

De que maneira o cristão pode descobrir e desenvolver seus dons? Pela comunhão com outros cristãos na congregação local. Os dons não são brinquedos para nossa própria diversão, mas sim instrumentos para a edificação. Se não forem usados com amor, tornam-se armas de combate, como aconteceu na igreja de Corinto (1 Co 12 - 14). Os cristãos não devem viver isolados, pois, afinal de contas, são membros do mesmo corpo.

Paulo ensina que os dons são concedidos por Cristo por meio do Espírito Santo (Ef 4:8-10). Cristo subiu ao céu vitorioso para sempre. Vemos aqui a imagem de um conquistador militar levando seus cativos e dividindo os espólios com seus seguidores. Neste caso, porém, os "cativos" não são seus inimigos, mas sim os que lhe pertencem. Os pecadores eram prisioneiros do pecado, mas Satanás foi levado cativo por Cristo. Até mesmo a morte é um inimigo derrotado! Quando veio à Terra, Cristo experimentou as mais profundas humilhações (Fp 2:5-11), mas quando subiu ao céu, experimentou a mais elevada exaltação possível. Paulo cita o Salmo 68:18, aplicando a Jesus Cristo um cântico de vitória escrito por Davi (Ef 4:8).

O Novo Testamento apresenta três listas de dons espirituais: 1 Coríntios 12:4-11, 27-31; Romanos 12:3-8 e Efésios 4:11. Uma vez que essas listas não são idênticas, é possível que Paulo não tenha citado todos os dons que se encontram disponíveis. De acordo com o apóstolo, alguns dons são mais importantes do que outros, mas todos os cristãos são necessários para que o corpo possa funcionar normalmente (1 Co 14:5, 39).

Paulo não cita propriamente os "dons", mas sim os quatro grupos de pessoas que os possuem e que Deus colocou na igreja.

**Apóstolos (v. 11a).** Esse termo significa "alguém que foi enviado com uma comissão". Jesus tinha muitos discípulos, mas escolheu doze apóstolos (Mt 10:1-4). Um *discípulo* é um "seguidor" ou "aprendiz", mas um *apóstolo* é um "representante nomeado por Deus". Os apóstolos deveriam dar testemunho da ressurreição (At 1:15-22), de modo que precisavam ser homens que haviam visto o Cristo ressurreto pessoalmente (1 Co 9:1, 2). Hoje em dia, não existem mais apóstolos no sentido mais estrito do termo no Novo Testamento. Esses homens ajudaram a lançar os alicerces da Igreja, "o fundamento dos apóstolos e profetas" (Ef 2:20), e uma vez que esses alicerces estavam prontos, os apóstolos deixaram de ser necessários. Deus autenticou o ministério deles por meio de milagres (Hb 2:1-4), de modo que não se deve esperar que esses mesmos sinais sejam realizados hoje. É evidente que, em um sentido mais amplo, todo cristão tem um ministério apostólico. "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20:21).

**Profetas (v. 11b).** Costumamos imaginar o profeta como aquele que prediz acontecimentos futuros, mas essa não é sua função principal. O profeta do Novo Testamento era uma pessoa que proclamava a Palavra de Deus (At 11:28; Ef 3:5). Os cristãos da Igreja primitiva não tinham Bíblias, e o Novo Testamento ainda não havia terminado de ser escrito. De que maneira, então, as congregações locais poderiam saber qual era a vontade de Deus? O Espírito compartilhava a verdade de Deus com os que possuíam o dom da profecia. Paulo sugere que o dom da profecia era associado à compreensão de "todos os mistérios e toda a ciência" (1 Co 13:2), referindo-se, evidentemente, às verdades espirituais. O propósito da profecia era a "edificação, exortação e consolação" (1 Co 14:3, tradução literal). Os cristãos de hoje não obtêm o conhecimento espiritual *diretamente* do Espírito Santo, mas sim *indiretamente*, ao receber a instrução da Palavra por meio do Espírito. Assim como os

apóstolos, os profetas tiveram um ministério fundacional na Igreja primitiva e não são necessários hoje (Ef 2:20).

**Evangelistas (v. 11c).** "Portadores das boas-novas". Esses indivíduos viajavam de um lugar para outro pregando o evangelho e ganhando almas para Cristo (At 8:26-40; 21:28). Todos os ministros devem evangelizar, mas isso não significa que todos sejam evangelistas (2 Tm 4:5). Os apóstolos e profetas lançaram os alicerces para a Igreja, e os evangelistas edificaram sobre esses fundamentos ao ganhar os perdidos para Cristo. Por certo, na Igreja primitiva, cada cristão era uma testemunha (At 2:41-47; 11:19-21), como também devemos ser. Hoje, porém, continuam existindo pessoas que possuem o dom de evangelizar. O fato de um cristão não possuir esse dom não é desculpa para a falta de interesse pela alma dos perdidos e pela negligência no testemunho.

**Pastores e mestres (v. 11d).** O fato de o pronome "outros" não ser repetido entre esses dois termos indica que se trata de um único cargo com dois ministérios. A designação *pastor* dá a entender que a congregação local é um rebanho de ovelhas (At 20:28), e que é responsabilidade desse ministro alimentar e conduzir o rebanho (1 Pe 5:1-4, em que "presbítero" é outro nome para "pastor"). Ele o faz por meio da Palavra de Deus, o alimento que nutre as ovelhas. A Palavra é a vara que guia e que disciplina as ovelhas. A Palavra de Deus oferece proteção e provisão para a igreja local, e não há entretenimento, comunhão ou qualquer outra atividade religiosa que possa tomar seu lugar.

#### 4. O CRESCIMENTO DA UNIDADE (EF 4:12-16)

Nesta seção, Paulo olha para a Igreja em dois níveis. Vê o corpo de Cristo constituído de verdadeiros cristãos crescendo gradualmente até atingir a maturidade espiritual, "à medida da estatura da plenitude de Cristo". Mas também vê a congregação local de cristãos ministrando uns aos outros, crescendo juntos e, desse modo, experimentando unidade espiritual.

Um missionário autônomo procurou um pastor amigo meu para pedir uma contribuição financeira.

- Para qual missão você trabalha? - perguntou meu amigo.

- Não estou ligado a nenhuma organização - respondeu o missionário.

- Então, de que igreja você é membro? - perguntou meu amigo em seguida.

- Sou membro da igreja invisível! - replicou o outro.

Um tanto desconfiado, meu amigo indagou:

- Quais os horários de culto em sua igreja? Quem é o pastor?

Exasperado, o missionário exclamou:

- Sua igreja não é a verdadeira igreja. Pertencço à única igreja de verdade, que é a igreja invisível!

Ao que meu amigo respondeu:

- Pois bem, eis aqui uma contribuição em dinheiro invisível para ajudar você com seu ministério na igreja invisível!

Esse pastor não estava negando a existência do corpo único de Cristo. Antes, afirmava que a *igreja invisível* (uso o termo apenas dentro desse contexto, pois é uma designação que não aparece em parte alguma da Bíblia) ministra por meio da *igreja visível*.

Os líderes aptos devem "preparar os santos para o trabalho do ministério, visando a edificação do corpo de Cristo" (tradução literal). Os membros da igreja não contratam um pastor e lhe pagam um salário para que ele faça todo o trabalho. Antes, o convidam e seguem sua liderança, enquanto ele, por meio das Escrituras, os prepara a fim de que trabalhem na obra (2 Tm 3:13-17). Os cristãos crescem quando se alimentam da Palavra de Deus e ministram uns aos outros. A primeira evidência de crescimento espiritual é a *semelhança a Cristo*.

A segunda evidência é a *estabilidade*. O cristão maduro não segue as novidades religiosas que surgem a cada dia. Os charlatões também estão presentes nos meios evangélicos, e seu objetivo é raptar os filhos de Deus e levá-los para suas seitas, mas o cristão maduro reconhece as falsas doutrinas e

se mantém afastado delas. Os membros das seitas não tentam ganhar almas para Cristo nem fundam ministérios assistenciais em lugares pobres, pois não têm boas-novas a pessoas vivendo na miséria. Seu grande alvo é o cristão imaturo, o que explica por que tantas seitas estão cheias de pessoas de igrejas locais, especialmente das congregações que não alimentam suas ovelhas com a Palavra de Deus.

A terceira evidência de maturidade é a *verdade combinada com o amor*: “seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15). Alguém disse bem que verdade sem amor é brutalidade, mas amor sem verdade é hipocrisia. Há quem pense que, se amamos alguém, devemos proteger essa pessoa da verdade para não magoá-la. Uma das marcas da maturidade é a capacidade de compartilhar a verdade com os irmãos e irmãs em Cristo e fazê-lo em amor. “Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos” (Pv 27:6).

Outra evidência de maturidade é a *cooperação* (Ef 4:16). Sabemos que, como membros de um só corpo e de uma congregação local, pertencemos uns aos outros, influenciamos uns aos outros e precisamos uns dos outros. Cada cristão, por mais insignificante

que pareça ser, tem um ministério a realizar junto a outros cristãos. O corpo cresce quando os indivíduos crescem, e os indivíduos crescem quando se alimentam da Palavra e ministram uns aos outros. Convém observar novamente a ênfase sobre o amor: “suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4:2); “seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15); “efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor” (Ef 4:16). O amor é o sistema circulatório do corpo. De acordo com pesquisas científicas, os bebês que não recebem carinho não crescem normalmente e são mais susceptíveis a doenças, enquanto os bebês que são amados e recebem carinho crescem normalmente e são mais fortes. O mesmo se aplica aos filhos de Deus. Um cristão isolado não pode ministrar a outros nem ser ministrado por eles por meio dos dons.

Assim, a unidade espiritual não é algo que criamos. Antes, é algo que já possuímos em Cristo, que devemos proteger e manter. A verdade une, mas as mentiras dividem. O amor une, mas o egoísmo divide. Assim, “seguindo a verdade em amor”, preparemos e edifiquemos uns aos outros, para que todos possamos crescer e nos tornar mais semelhantes a Cristo.

## VIDA NOVA, ROUPAS NOVAS

EFÉSIOS 4:17-32

**A** Bíblia foi escrita não apenas para ser estudada, mas também para ser obedecida, e é por isso que as expressões como “pois”, “portanto” e “por essa razão” são repetidas com tanta freqüência na segunda metade de Efésios (4:1, 17, 25; 5:1, 7, 14, 15, 17, 24). Paulo estava dizendo: “Eis o que Cristo fez por vocês. Diante disso, eis o que vocês devem fazer para Cristo”. Devemos ser praticantes da Palavra, não apenas ouvintes (Tg 1:22). O fato de termos sido chamados em Cristo (Ef 1:18) deve servir de motivação para andarmos em unidade (Ef 4:1-16). E o fato de termos sido ressuscitados dentre os mortos (Ef 2:1-10) deve nos motivar a andar em pureza (Ef 4:17 – 5:17) ou, como Paulo diz em Romanos: “andemos nós em novidade de vida” (Rm 6:4). Estamos vivos em Cristo, não mortos no pecado; portanto: “[nos despojemos] do velho homem [...] e [nos revistamos] do novo homem” (Ef 4:22, 24). Vamos tirar nossas vestes de mortos e colocar as vestes da graça!

### 1. A ADMOESTAÇÃO (EF 4:17-19)

Temos aqui um exemplo dos imperativos negativos da vida cristã: “Não mais andeis como também andam os gentios”. Os cristãos não devem imitar o estilo de vida dos incrédulos a seu redor. Estes se encontram “mortos nos [seus] delitos e pecados” (Ef 2:1), enquanto os salvos foram ressuscitados dentre os mortos e receberam a vida eterna em Cristo. Paulo explica a diferença entre os cristãos e os incrédulos.

Em primeiro lugar, os cristãos têm uma forma de pensar diferente dos incrédulos. Convém observar a ênfase desta passagem

sobre a mente: pensamentos (Ef 4:17), ignorância (v. 18), “aprendeste a Cristo” (v. 20) e entendimento (v. 23). A salvação começa com o arrependimento, que é uma mudança de disposição mental. Quando a pessoa crê em Cristo, toda a sua visão de mundo é transformada, inclusive seus valores, seus objetivos e sua forma de encarar a vida. O que há de errado com a forma de pensar do incrédulo? Seus pensamentos são fúteis (“ vaidade”). Não cumprem qualquer propósito concreto. Uma vez que não conhece a Deus, é incapaz de entender verdadeiramente a si mesmo e ao mundo que o cerca. Esse triste fato é relatado em Romanos 1:21-25. Nosso mundo de hoje possui muito conhecimento, mas pouca sabedoria. Thoreau expressou tal verdade de maneira primorosa, quando disse que temos “meios cada vez mais perfeitos para alcançar fins sempre imperfeitos”.

O pensamento da pessoa incrédula é fútil porque é obscurecido. Ela se considera esclarecida por rejeitar a Bíblia e acreditar nas filosofias da moda, quando, na verdade, está em trevas. “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1:22). Acreditam, de fato, que são pessoas sábias. Satanás cegou o entendimento dos incrédulos (2 Co 4:3-6), pois não deseja que vejam a verdade em Jesus Cristo. Trata-se de uma cegueira da mente que não lhes permite pensar com clareza sobre as coisas espirituais.

É evidente que o incrédulo encontra-se morto em sua ignorância espiritual. A verdade e a vida andam juntas. Se cremos na verdade de Deus, recebemos a vida de Deus. Seria de se imaginar que o incrédulo fizesse de tudo para sair de uma situação espiritual tão terrível. Infelizmente, porém, encontra-se escravizado pela dureza de seu coração. Tornou-se insensível, pois se entregou ao pecado que o controla. Convém ler Romanos 1:18-32 para uma imagem mais nítida e completa desses três versículos curtos.

O cristão não pode seguir o exemplo do incrédulo, pois experimentou o milagre de ser ressuscitado dentre os mortos. Sua vida tem propósito e não é fútil. Sua mente encontra-se repleta da luz da Palavra de Deus,

e seu coração transborda com a plenitude da vida de Deus. Ele entrega seu corpo a Deus como instrumento de justiça (Rm 6:13) e não ao pecado nem à satisfação de sua concupiscência egoísta. Em todos os sentidos, o cristão é diferente do incrédulo, daí a admoestação: "Não mais andeis como também andam os gentios [incrédulos]".

## 2. A ARGUMENTAÇÃO (Ef 4:20-24)

Paulo reforça sua admoestação com um argumento proveniente da experiência espiritual de seus leitores. Mais uma vez, a ênfase é sobre o pensamento ou sobre a forma do cristão de ver o mundo. "Mas não foi assim que aprendestes a Cristo" (Ef 4:20). O apóstolo não diz "aprendeste sobre Cristo", pois é possível aprender sobre Cristo e jamais experimentar a salvação. "Aprender a Cristo" significa ter um relacionamento pessoal com ele de modo a conhecê-lo melhor a cada dia. Posso aprender sobre Winston Churchill, pois tenho vários de seus livros e tenho meios de adquirir outros escritos sobre sua vida. No entanto, não posso aprender a Churchill, pois ele está morto. Jesus Cristo está vivo! Portanto, posso "aprender a Cristo" por meio da comunhão pessoal com ele.

Essa comunhão é baseada na Palavra de Deus, capaz de ensinar "a verdade", conforme se encontra em Cristo. Quanto melhor a minha compreensão da Palavra de Deus, melhor meu conhecimento do Filho de Deus, pois a Bíblia toda é uma revelação do Senhor Jesus Cristo (Lc 24:27; Jo 5:39). O homem incrédulo é espiritualmente ignorante, enquanto o cristão sabe das coisas da Palavra. O homem incrédulo não conhece a Cristo, enquanto o cristão cresce em seu conhecimento de Cristo a cada dia. Cremos na verdade e recebemos a vida; portanto, devemos andar "no caminho", não de acordo com o exemplo do mundo incrédulo.

No entanto, essa experiência de salvação é mais profunda, pois resulta em uma nova posição diante de Deus. O velho homem (a vida antiga) foi colocado de lado, de modo que podemos, agora, andar em novidade de vida por meio de Cristo. Efésios 4:22-24 é um resumo de Romanos 5 a 8,

em que Paulo explica a identificação do cristão com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. O apóstolo também trata desse tema em Efésios 2:4-6 e em Colossenses 3. Como cristãos, não mudamos apenas nossa maneira de pensar, mas também nossa cidadania. Somos "novas criaturas" em Cristo (2 Co 5:17), e, portanto, as idéias e desejos da velha criatura não devem mais controlar nossa vida.

A ilustração mais simples dessa grandiosa verdade pode ser encontrada no relato da ressurreição de Lázaro em João 11. Lázaro, um amigo de Jesus, já estava no túmulo fazia quatro dias, quando Jesus e seus discípulos chegaram a Betânia; até mesmo Marta reconheceu que, àquela altura, o corpo em decomposição estaria cheirando mal (Jo 11:39). No entanto, Jesus proferiu sua palavra, e Lázaro voltou dos mortos, ilustrando João 5:24. É interessante observar as palavras seguintes de Jesus: "Desatai-o e deixai-o ir" (Jo 11:44). Removam a mortalha! Lázaro não pertencia mais ao antigo domínio da morte, pois estava vivo. Por que continuar vestido com os panos de um morto? Dispam-se do velho homem e se revistam do novo homem!

Foi com base nesse fato que Paulo desenvolveu sua argumentação: o cristão não pertence mais à velha corrupção do pecado; antes, é uma nova criatura em Cristo. Removam a mortalha! Mas como fazer isso? "e vos renoveis no espírito do vosso entendimento" (Ef 4:23). A conversão é uma crise que conduz a um processo. Por meio de Cristo, recebemos, de uma vez por todas, uma nova posição como novas criaturas, e a cada dia devemos nos apropriar pela fé daquilo que ele nos deu. À medida que entregamos todo nosso ser a Deus, sua Palavra renova nossa mente (Rm 12:1, 2). "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17:17). À medida que a mente compreende a verdade da Palavra de Deus, é transformada gradativamente pelo Espírito, uma renovação que produz uma vida transformada. Em termos físicos, somos o que comemos, mas em termos espirituais, somos o que pensamos. "Como imagina em sua alma,

assim ele é" (Pv 23:7). Por isso é importante que o cristão dedique diariamente um tempo para meditar na Palavra, orar e ter comunhão com Cristo.

### 3. A APLICAÇÃO (Ef 4:25-32)

Paulo não se atém a explicar o princípio e a deixar por isso mesmo. Antes, procura sempre aplicá-lo às diferentes áreas da vida que precisam ser transformadas, e tem coragem até de citar pecados específicos. Nesta seção, o apóstolo fala de cinco pecados, diz que devemos evitá-los e explica por quê.

**Mentira (v. 25).** Uma mentira é uma declaração contrária aos fatos, feita com a intenção de enganar. Se digo a alguém que é meio dia, mas depois descubro que meu relógio está atrasado, não se trata de uma mentira. Mas se lhe digo a hora errada a fim de que a pessoa se atrase para uma reunião e, de algum modo, eu seja beneficiado, então estou mentindo. Satanás é um mentiroso (Jo 8:44) e deseja que todos creiam que Deus é mentiroso. "É assim que Deus disse [?]" (Gn 3:1). Sempre que dizemos a verdade, o Espírito de Deus opera, mas sempre que contamos uma mentira, Satanás entra em ação. Por vezes, queremos crer que estamos ajudando as pessoas ao mentir para elas, mas não é assim que funciona. Podemos não ver as tristes conseqüências de imediato, mas, mais cedo ou mais tarde, elas aparecerão. "Porque mentira alguma jamais procede da verdade" (1 Jo 2:21). O inferno foi preparado para "todo aquele que ama e pratica a mentira" (Ap 22:15). Isso não significa que toda pessoa que mentiu algum dia irá para o inferno, mas sim que as pessoas cuja vida é controlada pela mentira – que amam a mentir e que inventam mentiras – estão condenadas à perdição eterna. A vida do cristão deve ser controlada pela verdade.

Convém observar o motivo que Paulo dá para se dizer a verdade: pertencemos uns aos outros e a Cristo. Ele nos insta a edificar o corpo de Cristo (Ef 4:16) e a fazê-lo em verdade. "Seguindo a verdade em amor" (Ef 4:15). Como "membros uns dos outros", exercemos influência mútua, e não é possível edificar uns aos outros sem a verdade.

O primeiro pecado a ser julgado na Igreja primitiva foi a mentira (At 5:1-11).

**Ira (vv. 26, 27).** A ira é uma exacerbação emocional causada por algo que nos desagrada. A ira, em si, não é pecado, pois Deus pode irar-se (Dt 9:8, 20; Sl 2:12). A "ira do SENHOR" manifesta-se em várias ocasiões ao longo do Antigo Testamento (Nm 25:4; Jr 4:8; 12:13). A ira santa de Deus faz parte de seu julgamento sobre o pecado, como fica claro na ira demonstrada por Jesus ao purificar o templo (Mt 21:12, 13). A Bíblia fala com freqüência da ira "se acender" (Êx 4:14; Nm 11:10; Dt 6:15; Js 7:1; 2 Sm 6:7, etc.), comparando-a ao fogo. Por vezes, a ira de uma pessoa arde em segredo – o que pode ser chamado de *rancor*; mas essa mesma ira pode irromper subitamente e destruir – o que pode ser chamado de *furor*.

É difícil praticar a ira santa ou a indignação justa, pois nossas emoções são distorcidas pelo pecado e não temos a onisciência de Deus, que vê tudo claramente e sabe de tudo o que está para acontecer. Ao que parece, segundo o princípio do Novo Testamento, devemos nos irar contra o pecado, mas amar as pessoas. "Vós que amais o SENHOR, detestai o mal" (Sl 97:10).

É possível irar-se sem pecar, mas quem pecar deve acertar a questão sem demora e não deixar que o Sol se ponha sobre sua ira. "Entra em acordo sem demora com o teu adversário" (Mt 5:25). "Vai argüi-lo entre ti e ele só" (Mt 18:15). Se não for apagado pelo perdão, o fogo da ira se espalhará e destruirá a obra de Deus. Jesus deixou claro que a ira é o primeiro passo para o homicídio (Mt 5:21-26), pois ela dá espaço para o inimigo trabalhar em nossa vida, e Satanás é homicida (Jo 8:44). Satanás odeia a Deus e ao povo de Deus, e, quando encontra um cristão que tem em seu coração as centelhas da ira, ele as atiza e põe mais lenha na fogueira, causando grandes estragos no meio do povo de Deus e na Igreja de Deus. Tanto a mentira quanto a ira "[dão] lugar ao diabo" (Ef 4:27).

Quando eu morava em Chicago, uma dentre trinta e cinco mortes ocorridas na cidade era por assassinato, e a maioria desses



crimes envolvia parentes e amigos – aquilo que a lei chama de “crime passional”. Dois amigos começam a discutir (muitas vezes, quando há dinheiro em jogo), e um deles se enraivece, puxa uma faca ou arma de fogo e mata o outro. Horácio estava certo quando disse: “a ira é uma forma temporária de insanidade”.

Uma mulher tentou justificar seu mau humor dizendo:

- Na hora, eu estouro, mas depois passa...

- Igual a um revólver – respondeu um amigo. - Veja só o estrago que deixa para trás.

“Qualquer um pode se irar”, escreveu Aristóteles. “Mas irar-se com a pessoa certa, na medida certa, no momento certo, com o propósito certo e da maneira certa, isso não é fácil.”

Salomão apresenta uma excelente solução: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (Pv 15:1).

**Roubo (v. 28).** “Não furtarás” é um dos Dez Mandamentos, e, ao dar essa ordem, Deus instituiu o direito à propriedade privada. Uma pessoa tem o direito de transformar a própria força em ganho e de usar esse ganho como lhe aprouver. Deus deu uma porção de leis ao povo de Israel com respeito à proteção de sua propriedade, e nossa lei atual incorporou vários desses princípios. Roubar ou furtar era um pecado típico dos escravos no tempo de Paulo. Muitas vezes, esses escravos não eram tratados corretamente e viviam em estado constante de necessidade, praticamente sem qualquer amparo da lei. Ao escrever a Tito, Paulo insta-o a admoestar os escravos a que “não furtem”, mas que sejam fiéis a seus senhores (Tt 2:10). No entanto, esse tipo de crime não se limitava apenas aos escravos e era cometido pelos cidadãos em geral, pois Paulo está escrevendo a trabalhadores assalariados da igreja de Éfeso (Ef 4:28).

Além de ser mentiroso e homicida, Satanás também é ladrão. “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10). Transformou Judas em ladrão

(Jo 12:6) e faria o mesmo conosco se tivesse a oportunidade. Quando tentou Eva, o inimigo fez dela uma ladra, pois ela tomou para si um fruto que lhe era proibido. Eva, por sua vez, levou Adão a roubar. O primeiro Adão roubou e foi expulso do paraíso; mas Cristo, o último Adão, disse a um ladrão: “Hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43).

Paulo acrescenta o motivo para a admoestação. Devemos dizer a verdade porque somos “membros uns dos outros”. Devemos controlar nossa ira para não “dar lugar ao diabo”. Devemos trabalhar e não roubar, a fim de ter “com que acudir ao necessitado”. Seria de se esperar que o apóstolo dissesse: “Trabalhe a fim de ter o suficiente para si mesmo e não ser tentado a roubar”. Em vez disso, porém, ele colocou o trabalho humano em um patamar muito mais elevado. Trabalhar para ajudar a outros é exatamente o oposto de roubar, ou seja, prejudicar a outros. Com essa admoestação, Paulo tenta evitar o perigo de até mesmo o trabalho honesto tornar-se egoísta. Sem dúvida, era uma regra fundamental da Igreja primitiva: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2 Ts 3:10). Um cristão preguiçoso rouba de si mesmo, dos outros e de Deus. É evidente que Paulo não escrevia a cristãos que não *podiam* trabalhar por causa de alguma deficiência incapacitante, mas sim aos que não *queriam* trabalhar.

O próprio Paulo era um exemplo de trabalhador diligente, pois enquanto fundava igrejas locais, trabalhava fazendo tendas. Todo rabino judeu aprendia um ofício, pois eles mesmos diziam: “Aquele que não ensina o filho a trabalhar, o ensina a roubar”. Ao longo das Escrituras, vemos que os homens que Deus chamou estavam ocupados quando receberam seu chamado. Moisés cuidava de ovelhas; Gideão malhava o trigo no lagar; Davi cuidava dos rebanhos de seu pai; e os quatro primeiros discípulos lançavam ou remendavam redes de pesca. O próprio Jesus trabalhou como carpinteiro.

**Palavras torpes (v. 29).** Há uma relação muito próxima entre o coração e a boca. “Porque a boca fala do que está cheio o

coração" (Mt 12:34). Quando uma pessoa aceita a Cristo, esperamos ver mudanças em sua maneira de falar. É interessante estudar a ocorrência da palavra *boca* no Livro de Romanos e ver como Cristo transforma o discurso de uma pessoa. A boca do pecador é "cheia de maldição e de amargura" (Rm 3:14); mas quando ele crê em Cristo, com sua boca "[confessa] Jesus como Senhor" (Rm 10:9, 10). A boca do pecador condenado é calada diante do trono de Deus (Rm 3:19); mas da boca do cristão saem louvores a Deus (Rm 15:6). Um discurso transformado é reflexo de um coração transformado. Sem dúvida, Paulo sabia dessa mudança por experiência própria, pois antes de ser salvo, quando era rabino, vivia "respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor" (At 9:1). Mas, depois que creu em Cristo, passou por uma mudança: "pois ele está orando" (At 9:11). Das ameaças para a oração em um passo de fé!

O termo traduzido por *torpe* também é usado em Mateus 7:17, 18 para se referir a frutos podres, e é uma designação para coisas sem valor, más ou estragadas. Nossas palavras não precisam ser "sujas" para ser sem valor. Por vezes, seguimos a maioria e tentamos impressionar as pessoas mostrando que não somos tão puritanos quanto imaginam. Talvez essa tenha sido a motivação de Pedro quando a serva o acusou de ser um dos discípulos de Cristo e ele "começou [...] a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem!" (Mt 26:74). Por vezes, os desejos do velho homem reaparecem quando permitimos que "linguagem obscena" saia da nossa boca (Cl 3:8). Devemos nos lembrar que, antes de sermos salvos, estávamos espiritualmente mortos (Ef 2:1-3) e, como Lázaro, nossa deterioração produzia um odor desagradável a Deus. Não é de se admirar que Paulo tenha escrito sobre os ímpios que "a garganta deles é sepulcro aberto" (Rm 3:13).

A solução para esse problema é ter um coração repleto de bênçãos. Assim, preencha seu coração com o amor de Cristo, para que seus lábios profiram apenas palavras

puras e piedosas. Nossa palavra deve ser sempre moderada e, conforme o conselho de Paulo, "sempre agradável, temperada com sal" (Cl 4:6). O apóstolo diz que devemos falar de modo a edificar, não a destruir nossos ouvintes. Também devemos nos lembrar sempre de que nossas palavras têm poder, tanto para o bem quanto para o mal. Elas devem ministrar graça e ajudar a aproximar outras pessoas de Cristo. Por certo, Satanás incentiva o tipo de discurso que rebaixa as pessoas e destrói a obra de Cristo. Para os que precisam ser lembrados do poder da língua, convém ler o terceiro capítulo de Tiago.

**Amargura (vv. 30-32).** Estes versículos advertem sobre vários pecados de atitude e desenvolvem um pouco mais aquilo que Paulo escreveu sobre a ira. A *amargura* refere-se a uma hostilidade arraigada que corrompe o ser interior. Alguém faz algo que nos contraria, e nutrimos uma disposição negativa para com essa pessoa. "Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura" (Cl 3:19). A amargura conduz à cólera, que é a manifestação exterior e explosiva de sentimentos interiores. A raiva e a ira com freqüência levam ao tumulto ("gritaria") e à maledicência ("blasfêmia"). O primeiro caso envolve um conflito corporal, e o segundo, um conflito verbal. É difícil crer que um cristão possa agir dessa maneira, mas isso acontece e, por esse motivo, o salmista nos adverte: "Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!" (Sl 133:1).

Um senhor de idade bem-apeado passou por meu escritório um dia para me perguntar se eu poderia realizar a cerimônia de seu casamento. Sugeriu que ele me apresentasse à noiva para que pudéssemos conversar e nos conhecer, uma vez que não gosto de fazer o casamento de pessoas desconhecidas.

- Antes de ela entrar - disse ele -, deixe-me explicar nossa situação. Nós dois já fomos casados antes... um com o outro! Eu me zangava muito e acabamos nos separando. Então, cometi uma insensatez e pedi o divórcio. Acho que nós dois éramos orgulhosos demais para pedir perdão. Ao longo desses anos, nós dois vivemos sozinhos e,

agora, percebemos quanto fomos tolos. Nossa amargura nos privou das alegrias da vida, e agora desejamos nos casar novamente. Quem sabe o Senhor pode nos dar alguns anos de felicidade antes de morreremos.

A amargura e ira, muitas vezes decorrentes de situações triviais, são capazes de destruir lares, igrejas e amizades.

Paulo apresenta três motivos pelos quais devemos evitar a amargura. Em primeiro lugar, ela *entristece o Espírito Santo*. Ele habita dentro do cristão, e, quando o coração está cheio de amargura e de ira, o Espírito se entristece. Os que são pais têm uma idéia desse sentimento quando vêem os filhos brigando em casa. O Espírito Santo encontra sua maior alegria em um ambiente de amor, alegria e paz, pois esses são o “fruto do Espírito” que ele produz em nossa vida quando lhe obedecemos. O Espírito Santo não pode nos deixar, pois nos selou até o dia em que Cristo voltará para nos levar para nosso lar. Não perdemos a salvação por causa de nossas atitudes pecaminosas, mas, sem dúvida alguma, perdemos a alegria da salvação e a plenitude das bênçãos do Espírito.

Em segundo lugar, nosso pecado *entristece a Deus o Filho*, que morreu por nós. Em terceiro lugar, entristece a *Deus o Pai*, que nos perdoou quando aceitamos a Cristo. Aqui, Paulo identifica, de maneira específica, a causa fundamental da atitude amargurada:

nossa incapacidade de perdoar. Um espírito rancoroso dá espaço ao trabalho do diabo e se torna um campo de batalha para os cristãos. Se alguém nos magoa, intencionalmente ou não, e não perdoamos essa pessoa, começamos a desenvolver uma amargura que endurece nosso coração. Devemos ter um coração terno e bondoso, mas, em vez disso, ficamos com o coração empedernido e amargurado. Na verdade, não estamos magoando a pessoa que nos feriu, mas apenas a nós mesmos. A amargura no coração nos faz tratar os outros da mesma forma que Satanás os trata, quando deveríamos tratá-los como Deus nos tratou. Em sua graça e bondade, ele nos perdoou, e devemos perdoar os outros. Não perdoamos para nosso próprio bem (apesar de sermos abençoados nesse processo), nem para o bem dos outros, mas sim por amor a Jesus Cristo. Aprender a perdoar e a esquecer é um dos segredos da vida cristã feliz.

Assim, devemos andar de modo puro, porque somos membros uns dos outros; Satanás quer espaço para agir em nossa vida; devemos compartilhar com os outros; devemos edificar uns aos outros; e não devemos entristecer a Deus. Afinal, fomos ressuscitados dentre os mortos... então por que ainda usar vestes de mortos? Jesus nos diz o mesmo que falou sobre Lázaro: “Desatai-o e deixai-o ir”.

## IMITANDO NOSSO PAI

EFÉSIOS 5:1-17

O termo traduzido por “imitadores”, em Efésios 5:1, também apresenta o tema desta seção. Paulo argumenta que os filhos são como os pais, fato que, para os que têm filhos, pode ser ao mesmo tempo animador e embaraçoso. Quase todos nós já vimos uma criança sentada no banco do motorista do carro tentando dirigir como o pai ou a mãe. Também não é difícil ver crianças imitando os pais em suas tarefas diárias e, infelizmente, fazendo os gestos de quem fuma ou toma alguma bebida alcoólica. É bem possível que a maior parte do aprendizado das crianças se dê pela observação e imitação.

Somos filhos de Deus, e devemos imitar o Pai. Essa é a base para as três admoestações desta seção. Deus é amor (1 Jo 4:8), portanto, devemos andar em amor (Ef 5:1, 2). Deus é luz (1 Jo 1:5), portanto, devemos andar como filhos da luz (Ef 5:3-14). Deus é verdade (1 Jo 5:6), portanto, devemos andar em sabedoria (Ef 5:15-17). É evidente que cada uma dessas formas de andar é parte da exortação de Paulo para que andemos de modo puro.

### 1. ANDAR EM AMOR (EF 5:1, 2)

Esta admoestação está ligada aos dois últimos versículos do capítulo anterior, em que Paulo nos adverte sobre a amargura e a ira. É triste quando essas atitudes aparecem na família de Deus. Como pastor, vi muito rancor e amargura na vida de pessoas em funerais e até mesmo em casamentos. Seria de se imaginar que, ao compartilhar a tristeza da perda de um ente querido ou a alegria da união de um casal, as pessoas esqueceriam o passado e tentariam entender-se. Mas

não é o que acontece. É preciso ter amor verdadeiro no coração, “porque o amor cobre multidão de pecados” (1 Pe 4:8).

Paulo apresenta vários motivos pelos quais o cristão deve andar em amor.

**Ele é um filho de Deus.** Uma vez que nasceu de novo pela fé em Cristo, o cristão é “co-participante da natureza divina” (2 Pe 1:4); e, uma vez que “Deus é amor”, nada mais lógico do que os filhos de Deus andarem em amor. Quando Paulo incentiva seus leitores a “andar em amor”, não está pedindo que façam algo estranho à vida cristã, pois recebemos uma nova natureza que deseja expressar-se em amor. A velha natureza é essencialmente egoísta e, por esse motivo, levanta muros e declara guerra. Mas a nova natureza é amorosa e, portanto, constrói pontes e declara a paz.

**Ele é um filho amado de Deus.** “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados”. Que maravilhoso pensar que Deus refere-se a nós da mesma forma que se refere a Jesus Cristo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:17). Por certo, o Pai nos ama da mesma forma que ama seu Filho (Jo 17:23). Nascermos para um relacionamento amoroso com o Pai, que deve resultar em demonstração de amor pelo modo de vivermos. O que mais o Pai poderia fazer a fim de expressar seu amor por nós? Será que está pedindo muito ao dizer que devemos “andar em amor” para lhe agradecer?

**Ele foi comprado por um alto preço.** “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15:13). Mas ele deu a vida pelos inimigos (Rm 5:10). Nosso amor por ele é uma resposta a seu amor por nós. Paulo compara o sacrifício de Cristo na cruz com o “aroma suave” dos sacrifícios do Antigo Testamento, apresentados no altar do templo (Lv 1:9, 13, 17; 2:9). O conceito de “aroma suave” expressa simplesmente que o sacrifício é agradável a Deus. Não é uma sugestão de que Deus se agrade do pecado ao exigir a morte nem do fato de seu Filho precisar ter morrido para salvar os pecadores. Antes, mostra que a morte de Cristo satisfaz a Lei santa de Deus e, portanto, é aceitável

e agradável ao Pai. Os sacrifícios de aroma suave são descritos em Levítico 1 a 3: o holocausto, a oferta de manjares e a oferta pacífica. O holocausto retrata a consagração de Cristo a Deus; os manjares, a perfeição de seu caráter; e as ofertas pacíficas, o fato de ele ter promovido a paz entre os pecadores e Deus. Uma vez que a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa (Lv 4 – 5) retratam Cristo tomando o lugar do pecador, não são consideradas ofertas de “aroma suave”. Por certo, não há nada de agradável no pecado!

Paulo começa com o “andar em amor”, pois o amor é o elemento fundamental da vida cristã. Se andarmos em amor, não desobedeceremos a Deus nem faremos mal a outros, “pois quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Rm 13:8). É o Espírito Santo quem coloca esse amor em nosso coração (Rm 5:5).

## 2. ANDAR COMO FILHOS DA LUZ (EF 5:3-14)

Uma vez que “Deus é luz” e estamos imitando o Pai, devemos andar na luz e não ter qualquer relação com as trevas do pecado. Para deixar isso claro, Paulo apresenta três descrições dos cristãos.

**Somos santos (vv. 3, 4).** Ou seja, “separados”, e não pertencemos mais ao mundo de trevas a nosso redor. Fomos “[chamados] das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9). Está abaixo da dignidade dos santos entregar-se aos pecados do mundo de trevas, e Paulo cita alguns desses pecados nesta passagem. Ele nos adverte sobre os pecados (impudícia e impurezas) tão comuns no tempo dele e nos dias de hoje. Infelizmente, esses pecados têm invadido os lares de cristãos, causando grande tristeza nas igrejas locais. Pode parecer que a “cobiça” está fora de lugar ao ser mencionada junto com a impureza, mas os dois pecados são apenas expressões diferentes da mesma fraqueza básica da natureza decaída: o desejo descontrolado. O impuro e o cobiçoso desejam satisfazer um apetite tomando algo que não lhes pertence. “A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos” (1 Jo

2:16) descreve esses dois pecados. “Que não haja sequer sinal desses pecados!”, diz Paulo.

Em Efésios 5:4, somos advertidos sobre os pecados da língua que, como se sabe, são, na verdade, pecados do coração. Não é difícil ver a relação entre os pecados citados em Efésios 5:3 e os mencionados em Efésios 5:4. Quem possui desejos abjetos normalmente desenvolve uma forma de falar e um senso de humor igualmente abjetos, e, com frequência, são pessoas que cometem ou cometeram pecados sexuais e gostam de fazer piadas sobre esse tipo de coisa. Pode-se dizer muita coisa a respeito do caráter de uma pessoa ao se considerar o que a faz rir e o que a faz chorar. O santo de Deus não vê graça alguma em linguagem torpe nem em piadas obscenas. *Palavras* vãs não são humor inocente, mas sim conversas sem sentido que degradam o ser humano e que não edificam nem ministram graça alguma aos ouvintes (Ef 4:29). Paulo não está condenando as conversas corriqueiras do dia-a-dia, pois parte considerável de nossa comunicação encaixa-se nessa categoria. Antes, está condenando conversas insensatas, que não cumprem qualquer propósito salutar.

*Chocarrices* é a tradução de uma palavra que significa “fácil de alterar”. O que sugere um tipo de pessoa com facilidade para distorcer qualquer declaração e transformá-la em piada vulgar. O senso de humor apurado é uma bênção, mas quando associado a uma mente impura ou a motivações abjetas, transforma-se em maldição. Algumas pessoas astutas são capazes de, em um instante, poluir qualquer conversa com piadas sempre inoportunas (“inconvenientes”). É muito melhor ter na ponta da língua ações de graças ao Senhor! Esta é, sem dúvida, a maneira mais apropriada de dar glória a Deus e de manter pura a conversa.

Uma mulher cristã foi à comemoração de aniversário de casamento de uns amigos, sem saber que, depois do jantar, haveria uma apresentação humorística de gosto duvidoso. O suposto comediante tentou divertir o público com piadas vulgares que aviltavam tudo o que os convidados cristãos consideravam

santo e honrado. A certa altura, o comediante ficou com a boca seca e pediu, em voz alta, a um dos garçons:

– Poderia me trazer um copo de água, por favor?

Foi então que a mulher cristã acrescentou:

– Aproveite e traga também uma escova de dente e uma barra de sabão!

Por certo, lavar a boca com sabão não resolve o problema das conversas vulgares, mas todos entenderam o que a mulher quis dizer.

Os cristãos que guardam a Palavra de Deus no coração (Cl 3:16) sempre terão a palavra temperada com sal (Cl 4:6), pois a graça no coração manifesta-se em graça nos lábios.

**Somos reis (vv. 5, 6).** Entramos no reino de Deus quando aceitamos a Cristo (Jo 3:3), mas também aguardamos a revelação plena de seu reino quando Cristo voltar (2 Tm 4:1). Paulo deixa claro que quem vive em pecado de modo persistente e deliberado não terá parte no reino de Deus. “Não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5:21). *Incontinente* é uma tradução do termo grego  *pornos*, de onde vem nossa palavra *pornografia*, e se refere a “alguém que pratica relações sexuais ilícitas”. Os moralmente impuros e os aventos serão julgados com os incontinentes. Paulo equipara a avareza à idolatria, pois consiste na adoração de algo além de Deus. Essas advertências tratam da prática habitual do pecado, não de um ato pecaminoso isolado. Davi cometeu adultério e, no entanto, Deus o perdoou; quando chegou sua hora, Deus o levou para o céu. Certamente Davi foi disciplinado pelo seu pecado, mas não foi rejeitado por Deus.

No tempo de Paulo, havia falsos mestres afirmando que os cristãos poderiam viver em pecado e permanecer impunes. Esses enganadores usavam de vários argumentos para convencer os convertidos ignorantes de que era possível pecar repetidamente e, ainda assim, entrar no reino de Deus. “Vocês são salvos pela graça!”, diziam. “Portanto, pequem à vontade para que a graça de Deus

possa superabundar!” Paulo responde a essa argumentação absurda em Romanos 6. O pecado na vida do cristão é diferente do pecado na vida de um incrédulo: é pior! Deus julga o pecado onde quer que ele o encontre e não deseja encontrá-lo na vida dos próprios filhos. De acordo com minha opinião pessoal, nenhum cristão verdadeiro pode se perder, mas cada um prova a realidade de sua fé por uma vida obediente.

Muitos professam a fé, mas não possuem a fé (Mt 7:21-23). Um cristão não é *impecável*, mas é, cada vez mais, uma pessoa *sem pecado* em sua vida. Uma vez que um cristão é um rei, não é digno de sua posição entregar-se às práticas do mundo perdido que não faz parte do reino de Deus.

**Somos luz (vv. 7-14).** Essa imagem é a tônica da passagem, pois Paulo admoesta seus leitores: “andai como filhos da luz”. Convém ler 2 Coríntios 6:14 a 7:1, um texto paralelo que apresenta o contraste existente entre o filho de Deus e o não salvo. Paulo não diz que estávamos “em trevas”, mas sim que “éramos trevas”. Agora que somos salvos: “Que comunhão [pode haver] da luz com as trevas?” Afinal, a luz produz frutos, mas as obras das trevas são estéreis em tudo o que se refere às coisas espirituais. “Porque o fruto da luz [ou ‘a luz’] consiste em toda bondade, e justiça, e verdade”. É impossível permanecer nas trevas e na luz ao mesmo tempo!

A luz produz “bondade”, uma das manifestações do fruto do Espírito (Gl 5:22). A bondade é o “amor em ação”. A justiça refere-se à retidão de caráter diante de Deus e de atitudes diante dos homens. Essas duas qualidades são baseadas na *verdade*, que é a conformidade com a Palavra e a vontade de Deus.

Jesus falou sobre a luz e as trevas em várias ocasiões. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5:16). “Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as

suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus" (Jo 3:20, 21).

Andar como "filhos da luz" significa viver diante de Deus, sem esconder coisa alguma. É relativamente fácil esconder coisas de outras pessoas, pois elas não conseguem ver nosso coração e nossa mente, mas "todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4:13). Toda vez que tomo um avião, preciso passar por uma inspeção e deixar que os encarregados da segurança examinem minha bagagem. Não me importo nem um pouco, pois sei que é uma medida que ajuda a detectar a presença de bombas. Nunca tive medo de passar por um dos equipamentos de raios X nem de submeter minha bagagem à verificação, pois sei que não tenho coisa alguma a esconder.

Um escritor pediu permissão a Charles Spurgeon para escrever a história da vida dele, ao que o grande pregador respondeu: "Você pode escrever minha vida no firmamento; não tenho nada a esconder!"

Mas "andar como filhos da luz" também significa revelar a luz de Deus em nossa vida diária. Por meio de nosso caráter e conduta, levamos a luz de Deus a um mundo em trevas. O entendimento da pessoa incrédula encontra-se cegado por Satanás (2 Co 4:3, 4) e pelo pecado (Ef 4:17-19). A luz só pode penetrar seu entendimento quando lhe testemunhamos e falamos de Cristo. Assim como uma pessoa saudável pode ajudar um enfermo, também um filho de Deus pode conduzir um pecador perdido das trevas para a maravilhosa luz de Deus.

A luz revela a Deus; a luz produz frutos; mas a luz também mostra o que está errado. Nenhum cirurgião deseja operar em uma sala escura, pois qualquer erro pode custar uma vida. Como um artista poderia pintar um quadro fiel a uma paisagem real sem qualquer luz? A luz revela a verdade e mostra o caráter, real das coisas. Isso explica por que os incrédulos procuram ficar longe da igreja e da Bíblia. A luz de Deus revela seu verdadeiro caráter, e, talvez, este não seja muito agradável. Quando nós, cristãos andamos na luz, nos recusamos a ter comunhão

com as trevas e revelamos os elementos sombrios do pecado, mostrando como são de fato.

Jesus disse: "Eu vim como luz para o mundo" (Jo 12:46). Também declarou a seus discípulos: "Vós sois a luz do mundo" (Mt 5:14). Quando Cristo estava aqui na Terra, a perfeição de seu caráter e de sua conduta mostrava a pecaminosidade dos que se encontravam a seu redor. Esse é um dos motivos pelos quais os líderes religiosos o odiavam e tentaram destruí-lo. "Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado" (Jo 15:22). Assim como uma pessoa saudável revela, ainda que inconscientemente, as deficiências e enfermidades dos que ela visita no hospital, também o cristão revela as trevas e o pecado a seu redor só de viver como um seguidor de Cristo. Paulo diz para vivermos em equilíbrio, dando um exemplo positivo ao andar na luz e mostrando o aspecto negativo ao denunciar a perversidade dos que estão em trevas. Não basta simplesmente mostrar a perversidade dos que vivem na escuridão. Não basta apenas denunciar o pecado. Também é preciso dar frutos.

No entanto, Efésios 5:11 acautela-nos sobre a maneira correta de lidar com as "obras infrutíferas das trevas". Ao que parece, o lema hoje em dia é: "sempre diga o que pensa!" No entanto, em se tratando de mostrar as coisas imundas que vêm das trevas, essa prática pode ser perigosa, pois, mesmo inconscientemente, é possível acabar divulgando e promovendo o pecado. Paulo diz que "o só referir é vergonha" (Ef 5:12). Alguns pregadores gostam de revelar tudo o que é sensacional, tanto que seus sermões estimulam desejos ilícitos e dão aos inocentes mais informações do que precisam saber. "Quero que sejais sábios para o bem e simples para o mal" (Rm 16:19).

Lembro-me de um amigo que trabalhava com jovens e que achava importante ler tudo o que os adolescentes estavam lendo "para entendê-los melhor"; sua mente tornou-se tão poluída que ele próprio caiu em pecado. O cristão não precisa realizar uma autópsia de um corpo em decomposição para

mostrar seu estado de putrefação. Tudo o que precisa fazer é acender a luz! "Porque tudo que se manifesta é luz" (Ef 5:13).

Quando pensamos em luz, pensamos em despertar para um novo dia, e é essa imagem que Paulo apresenta (Ef 5:14), parafraseando Isaías 60:1. Encontramos a mesma imagem em Romanos 13:11-13 e 1 Tessalonicenses 5:1-10. A manhã de Páscoa em que Cristo ressuscitou dentre os mortos foi o raiar de um novo dia para o mundo. Nós, cristãos, não estamos adormecidos em pecado e morte. Fomos ressuscitados dentre os mortos por meio da fé em Cristo. As trevas do cemitério ficaram para trás, e agora andamos na luz da salvação. A salvação é o começo de um novo dia, e devemos viver como quem pertence à luz, não às trevas. "Lázaro, vem para fora!"

O cristão não tem nada a fazer nas trevas. Ele é um *santo*, o que significa que tem direito "à parte que [lhe] cabe da herança dos santos na luz" (Cl 1:12). Ele é um *rei*, pois foi "[liberto] do império das trevas e [...] [transportado] para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1:13). Ele é "luz no Senhor" (Ef 5:8).

### 3. ANDAR EM SABEDORIA (EF 5:15-17)

A expressão "vede prudentemente" também pode ser traduzida por "sede circunspetos". O termo *circunspeto* vem de duas palavras latinas que significam "olhar ao redor". O grego tem o sentido de precisão e exatidão, ou seja, "andem com cuidado e exatidão". O oposto seria andar de modo descuidado e sem a devida orientação e prudência. Não podemos deixar a vida cristã por conta do acaso. Devemos tomar decisões sábias e procurar fazer a vontade de Deus.

Eféios 5:14, 15 são versículos inter-relacionados. Ao que parece, Paulo está dizendo: "Não andem enquanto dormem! Acordem! Abram os olhos! Aproveitem o dia ao máximo!" Infelizmente, muita gente que se diz cristã passa pela vida como um sonâmbulo, sem fazer o melhor uso possível das oportunidades que tem de viver para Cristo e servi-lo. Paulo apresenta vários motivos para sermos precisos e cuidadosos em nosso modo de andar.

**É um sinal de sabedoria (v. 15).** Somente um insensato deixa-se levar pelos ventos e marés. Um homem sábio define um curso, põe-se a velejar e usa o leme para chegar a seu destino. Quando um homem quer construir uma casa, a primeira coisa que faz é desenhar o projeto, a fim de saber como executar a obra. Quantos cristãos, porém, planejam seu dia a fim de usar de modo sábio suas oportunidades? É verdade que não sabemos o que o dia pode trazer (Tg 4:13-17). Mas também é verdade que uma vida planejada está mais preparada para lidar com acontecimentos inesperados. Como disse alguém: "Quando um piloto não sabe para que porto está rumando, nenhum vento é o certo".

**A vida é curta (v. 16a).** "Remir o tempo" significa aproveitá-lo ao máximo. De acordo com um velho ditado chinês: "A oportunidade usa um topete pelo qual você pode agarrá-la assim que a vê chegar. Depois que ela passa, ninguém consegue pegá-la". O termo *oportunidade* vem do latim e significa "em direção ao porto". Indica um navio aproveitando o vento e a maré para chegar ao ancoradouro em segurança. A brevidade da vida é um forte argumento para que se faça o melhor uso possível das oportunidades que Deus dá.

**Os dias são maus (v. 16b).** No tempo de Paulo, isso significava que a perseguição romana estava a caminho (1 Pe 4:12-19). Vemos como é insensato desperdiçar as oportunidades de ganhar os perdidos quando consideramos que, em breve, podemos ser privados de todas elas pelo avanço do pecado na sociedade! Se os dias eram maus no tempo em que Paulo escreveu esta carta, o que dizer dos dias de hoje?

**Deus nos deu entendimento (v. 17a).** O termo *compreender* indica que devemos usar nossa mente para descobrir e colocar em prática a vontade de Deus. Muitos cristãos imaginam que descobrir a vontade de Deus é uma experiência mística que sobrepuja o raciocínio claro. Descobrimos a Deus à medida que ele transforma a nossa mente (Rm 12:1, 2); essa transformação é resultante da Palavra de Deus, da oração, da meditação e da adoração. Se Deus nos deu



entendimento, espera que o usemos. Isso significa que descobrir a vontade de Deus envolve coletar fatos, examiná-los, ponderá-los e orar ao Senhor pedindo sabedoria (Tg 1:5). Deus não deseja que simplesmente saibamos qual é sua vontade, mas que também a compreendamos.

***Deus tem um plano para a nossa vida (v. 17b).*** Paulo menciona esse plano em Efésios 2:10. Deus nos salvou e tem um propósito para nós, portanto devemos descobri-lo e conduzir a vida de acordo com ele. Deus revela seu plano por meio de sua Palavra (Cl 1:9, 10), de seu Espírito em nosso

coração (Cl 3:15) e das circunstâncias (Rm 8:28). O cristão pode andar com cuidado e exatidão, pois sabe o que Deus deseja dele. Como o empreiteiro que segue o projeto de construção, o cristão realiza o que o Arquiteto planejou.

Encerra-se aqui a seção que chamamos de "Andar em Pureza". Sua ênfase é sobre a nova vida contrastada com a antiga vida, imitando a Deus, não ao mundo perverso a nosso redor. Na seção seguinte - "Andar em Harmonia", Paulo trata de relacionamentos e mostra como a vida em Cristo pode transformar nosso lar em um pedaço do céu.

## O LAR É UM PEDAÇO DO CÉU

EFÉSIOS 5:18-33

**N**as palavras de Charles Haddon Spurgeon: “Quando o lar é governado pela Palavra de Deus, podemos convidar anjos para se hospedarem conosco, e eles se sentirão à vontade”.

O problema é que muitos lares não são governados pela Palavra de Deus – mesmo aqueles constituídos por cristãos professos –, e as conseqüências são trágicas. Alguns lares, em vez de hospedarem anjos, parecem deixar que os demônios tomem conta. Muitos casamentos acabam na justiça, e ninguém sabe por que tantos homens e mulheres vivem emocionalmente divorciados, ainda que continuem debaixo do mesmo teto. O poeta William Cowper chamou o lar de “único êxtase do Paraíso que sobreviveu à Queda”, mas muitos lares parecem mais um posto avançado do inferno, não um pedaço do céu.

A solução está no Espírito Santo de Deus. Somente pelo poder do Espírito podemos andar em harmonia como maridos e esposas (Ef 5:22-33), pais e filhos (Ef 6:1-4), empregadores e empregados (Ef 6:5-9). A unidade do povo de Deus descrita por Paulo em Efésios 4:1-16 deve traduzir-se na vida diária, a fim de desfrutar a harmonia que é um antegoço do céu na Terra.

“Enchei-vos do Espírito” é a ordem de Deus, e ele espera que obedecemos. Trata-se de um imperativo no plural, de modo que se aplica a todos os cristãos, não apenas a uns poucos escolhidos. O verbo é usado no tempo presente – “continuem enchendo-vos” – referindo-se, portanto, a uma experiência que devemos desfrutar constantemente, não apenas em ocasiões especiais. O verbo

também é passivo. Não enchemos a nós mesmos; antes, permitimos que o Espírito nos encha. Nesse contexto, o verbo “encher” não tem relação alguma com quantidade ou conteúdo, como se fôssemos receptáculos vazios que precisam de certa quantidade de combustível espiritual para prosseguir. Na Bíblia, *encher* significa “ser controlado por”. “Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira” (Lc 4:28), ou seja, “se deixaram controlar pela ira” e, por isso, tentaram matar Jesus. “Mas os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja” (At 13:45), isto é, controlados pela inveja, os judeus opuseram-se ao ministério de Paulo e Barnabé. Ser “cheio do Espírito” é ser controlado todo o tempo pelo Espírito em nossa mente, em nossas emoções e na volição.

Quando uma pessoa aceita a Cristo como Salvador, é batizada imediatamente pelo Espírito e passa a fazer parte do corpo de Cristo (1 Co 12:13). Em momento algum, o Novo Testamento ordena que sejamos batizados pelo Espírito, pois essa é uma experiência definitiva que ocorre na conversão. Em Pentecostes, os cristãos foram batizados pelo Espírito quando este desceu sobre eles, formando, desse modo, o corpo de Cristo (At 1:4, 5). Mas também “ficaram cheios do Espírito Santo” (At 2:4), e foi esse preenchimento que lhes deu o poder de que precisavam para testemunhar de Cristo (At 1:8). Em Atos 2, os cristãos judeus foram batizados pelo Espírito, e em Atos 10, os cristãos gentios experimentaram o mesmo batismo (At 10:44-48; 11:15-17). Assim, o corpo de Cristo formou-se com judeus e gentios (Ef 2:11-22). Esse batismo histórico, em dois estágios, nunca mais se repetiu, assim como também não houve outro Calvário. No entanto, esse batismo torna-se pessoal quando o pecador aceita a Cristo e o Espírito passa a habitar dentro dele, inserindo-o no corpo de Cristo. O batismo do Espírito significa que passamos a pertencer ao corpo de Cristo, enquanto o preenchimento com o Espírito significa que meu corpo pertence a Cristo.

Costumamos pensar no poder do Espírito como o elemento necessário para pregar

e testemunhar, o que é uma idéia correta (ver At 4:8, 31; 6:3, 5; 7:55; 13:9; os apóstolos foram cheios do Espírito repetidamente depois da experiência inicial em Pentecostes). Mas Paulo escreve que a plenitude do Espírito também é necessária no lar. A fim de que nosso lar seja um pedaço do céu na Terra, devemos ser controlados pelo Espírito Santo. Mas como uma pessoa pode saber se está cheia ou não do Espírito? Paulo afirma que há três evidências da plenitude do Espírito na vida do cristão: ele é *alegre* (Ef 5:19), *agradecido* (Ef 5:20) e *submisso* (Ef 5:21-33). Paulo não menciona milagres, línguas ou manifestações especiais. Afirma que o lar pode ser um pedaço do céu na Terra, se todos os membros da família forem controlados pelo Espírito e forem alegres, agradecidos e submissos.

### 1. ALEGRES (EF 5:19)

A alegria é um fruto do Espírito (Gl 5:22). A alegria cristã não é uma emoção superficial que sobe e desce como um termômetro acompanhando as mudanças do clima no lar. Antes, é uma experiência profunda de suficiência e segurança apesar das circunstâncias a nosso redor. Os cristãos podem ter alegria mesmo em meio à dor e ao sofrimento. Esse tipo de alegria não é um termômetro, mas sim um termostato. Em vez de subir e descer de acordo com a situação, ela determina a temperatura espiritual das circunstâncias. Paulo expressa tal verdade muito bem, quando escreve: "Porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Fp 4:11).

A fim de ilustrar essa alegria, Paulo emprega uma imagem conhecida: a embriaguez: "E não vos embriagueis com vinho [...] mas enchei-vos do Espírito" (Ef 5:18). Quando os cristãos em Pentecostes foram cheios com o Espírito, a multidão acusou-os de estarem inebriados com vinho novo (At 2:13-15). Havia tamanha alegria no meio deles que os incrédulos não conseguiram pensar em uma comparação melhor. No entanto, podemos extrair algumas lições práticas importantes por meio de contrastes. Em primeiro lugar, o bêbado está sob o controle

de outra força, uma vez que o álcool possui efeito sedativo. Experimenta uma sensação de grande alívio – todos os seus problemas se dissipam e tudo lhe parece perfeito. O bêbado não tem vergonha de se expressar (apesar de suas palavras e atitudes serem vergonhosas) e não consegue esconder o que está se passando em sua vida.

Ao transpor essa imagem para o cristão cheio do Espírito Santo, vemos que Deus controla sua vida; ele experimenta uma alegria profunda e não tem medo de se expressar para a glória de Deus. Claro que o bêbado está descontrolado, uma vez que o álcool afeta seu cérebro; mas o cristão experimenta um maravilhoso domínio próprio que, na verdade, é Deus no controle. O domínio próprio é um fruto do Espírito (Gl 5:23). "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (1 Co 14:32). O bêbado faz papel de tolo e causa embaraço para si mesmo, mas o cristão cheio do Espírito glorifica a Deus e está disposto a ser considerado "[louco] por causa de Cristo" (1 Co 4:10). O bêbado chama a atenção para si mesmo, enquanto o cristão cheio do Espírito dá testemunho de Cristo.

Por certo, não é difícil viver e trabalhar com alguém que é cheio do Espírito e alegre. Uma pessoa assim tem um cântico em seu coração e em seus lábios. Os bêbados costumam cantar, mas suas canções revelam apenas o estado corrompido de seu coração. O cântico do cristão cheio do Espírito vem de Deus e não pode ser entoado sem o poder do Espírito. Deus até lhe dá cânticos no meio da noite (Sl 42:8). Apesar da dor e da vergonha, Paulo e Silas foram capazes de cantar louvores a Deus em uma prisão em Filipos (At 16:25), e o resultado foi a conversão do carcereiro e de sua família. Que grande alegria eles experimentaram no meio da noite... e nem precisaram se embriagar para desfrutá-la!

"O bar é o lugar onde os amigos se encontram!" Esse era o *slogan* de uma campanha em um encarte especial do jornal que visava promover, durante um mês, os bares da cidade. Decidi conferir a veracidade dessa declaração e, nas semanas seguintes,

colecionei recortes de notícias relacionadas a bares – todas elas falando de brigas e homicídios. O lugar onde os amigos se encontram! No entanto, essa manchete do jornal me fez lembrar que é comum pessoas que bebem juntas experimentarem certa afinidade e sociabilidade. Esse fato não deve servir de justificativa para o consumo de bebidas alcoólicas, mas argumenta em favor da ilustração de Paulo: os cristãos cheios do Espírito Santo gostam de ficar juntos e de experimentar uma união alegre no Senhor. Não precisam dos recursos artificiais do mundo, pois têm o Espírito de Deus, e ele é tudo de que necessitam.

## 2. AGRADECIDOS (EF 5:20)

Alguém definiu o lar como “o lugar onde recebemos o melhor tratamento e do qual mais nos queixamos”. Uma grande verdade!

– Meu pai só fala comigo para me dar bronca ou perguntar sobre minhas notas – disse-me um adolescente. – Todo mundo precisa de um pouco de estímulo de vez em quando!

De acordo com os conselheiros matrimoniais, uma das principais causas de problemas conjugais é que os cônjuges não dão o devido valor um ao outro. Expressar nossa gratidão a Deus e uns pelos outros é um dos segredos do lar feliz, e é o Espírito Santo que nos concede a graça da gratidão.

De que maneira um coração agradecido promove a harmonia no lar? Em primeiro lugar, as pessoas verdadeiramente agradecidas têm consciência de que são enriquecidas pela vida dos outros, o que também é um sinal de humildade. Quem acredita que o mundo sempre lhe deve algo nunca expressa gratidão. Acredita que faz um favor aos outros ao permitir que lhe sirvam. O coração agradecido normalmente é humilde e reconhece de bom grado que Deus é a fonte de “Toda boa dádiva e todo dom perfeito” (Tg 1:17). Como o presente de Maria para Jesus em João 12, a gratidão enche a casa com seu bom perfume.

Sem dúvida, todos nós somos gratos por certas coisas em ocasiões especiais; mas Paulo ordena a seus leitores que sejam gratos

por todas as coisas em todo o tempo. Essa exortação, por si mesma, mostra quanto precisamos do Espírito Santo, pois jamais seríamos capazes de obedecer a esse mandamento com as próprias forças. Podemos, de fato, ser gratos em tempos de sofrimento, de decepção e até mesmo de tristeza profunda? É importante lembrar que Paulo estava na prisão quando escreveu essas palavras e, no entanto, se mostrou agradecido por aquilo que Deus fazia na vida dele e em favor dele (Ef 1:16; 5:4, 20; Fp 1:3; Cl 1:3, 12; 2:7; 3:17; 4:2). Quando um cristão se vê em uma situação difícil, ele deve, imediatamente, dar graças ao Pai em nome de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito, a fim de guardar seu coração da murmuração e da preocupação. O diabo entra em ação quando o cristão começa a se queixar, mas as ações de graças no Espírito derrotam o inimigo e glorificam ao Senhor. “Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5:18).

A palavra *gratidão* tem origem no mesmo radical que a palavra *graça*. Se experimentamos a graça de Deus, devemos ser gratos por aquilo que Deus nos dá. Se refletíssemos mais sobre a graça de Deus, seríamos mais gratos.

## 3. SUBMISSOS (EF 5:21-33)

Paulo aplica o princípio da harmonia a maridos e esposas (Ef 5:21-33), a pais e filhos (Ef 6:1-4), a senhores e servos (Ef 6:5-9) e começa com uma admoestação para que um se sujeite ao outro (Ef 5:21). Isso quer dizer que os filhos podem dar ordens aos pais, ou que os mestres devem obedecer aos servos? De maneira alguma! A *submissão* não tem relação alguma com a *hierarquia* de autoridade; antes, é o que governa a *operação* da autoridade, a forma como esta é exercida e recebida. Em várias ocasiões, Jesus tentou ensinar seus discípulos a não impor sua autoridade e a não procurar engrandecer-se à custa de outros. Infelizmente, eles não conseguiram aprender essa lição, e até mesmo na última ceia ainda discutiam sobre quem era o maior dentre eles (Lc 22:24-27). Quando Jesus lavou os pés dos discípulos, ensinou-lhes

que o maior é aquele que usa sua autoridade para edificar os outros, diferente dos fariseus, que buscavam cada vez mais autoridade para engrandecer a si mesmos. Os cristãos devem considerar “os outros superiores a si mesmos” (Rm 12:10; Fp 2:1-4). É próprio do ser humano tentar promover a si mesmo, mas o Espírito Santo nos capacita para que nos sujeitemos aos outros.

Ao estudar as palavras de Paulo aos maridos e esposas, devemos lembrar que estava escrevendo a cristãos. Ele não sugere em nenhum lugar que as mulheres sejam inferiores aos homens ou que lhes sejam sujeitas em toda situação. O fato de usar Cristo e a Igreja como ilustração é evidência de que tem o lar cristão em mente.

**Mulheres, sejam submissas (vv. 22-24).** O apóstolo dá dois motivos para essa ordem: o senhorio de Cristo (Ef 5:22) e a liderança do homem em Cristo (Ef 5:23). Quando a esposa cristã sujeita-se a Cristo e deixa que ele seja o Senhor de sua vida, não tem dificuldade em sujeitar-se a seu marido. Isso não significa que ela deva tornar-se uma escrava, pois o marido também deve sujeitar-se a Cristo. Se ambos vivem sob o senhorio de Cristo, o resultado só pode ser harmonia. Liderança não é ditadura. “Um ao outro, ambos ao Senhor.” A esposa e o marido cristãos devem orar juntos e dedicar tempo ao estudo da Palavra, a fim de conhecerem a vontade de Deus para sua vida pessoal e para seu lar. Na maioria dos conflitos conjugais que tenho tratado como pastor, o marido e a esposa não se sujeitam a Cristo, não lêem a Palavra e não buscam a vontade de Deus a cada dia.

Isso explica por que um cristão deve se casar com outro cristão e não viver “em jugo desigual” com um incrédulo (2 Co 6:14-18). Se o cristão é submisso a Cristo, não procurará começar um lar que desobedece à Palavra de Deus. Um lar desse tipo é um convite a uma guerra civil desde o princípio. No entanto, há outro elemento importante a ser considerado. O casal cristão deve sujeitar-se ao senhorio de Cristo mesmo antes de se casar. A menos que orem juntos e que busquem sinceramente a vontade de

Deus em sua Palavra, seu casamento começará a ser edificado sobre alicerces fracos. Os pecados cometidos antes do casamento (“Somos cristãos – não precisamos nos preocupar com as conseqüências disso!”) acabam causando problemas depois do casamento. Sem dúvida, Deus pode perdoar, mas ainda assim algo extremamente precioso se perdeu. Dr. William Culbertson, ex-presidente do Instituto Bíblico Moody, costumava advertir sobre “as tristes conseqüências dos pecados perdoados”, e os noivos cristãos devem dar ouvidos a esse aviso.

**Maridos, amem sua esposa (vv. 25-33).** Paulo tem mais coisas a dizer aos maridos cristãos do que às esposas. O padrão que determina para eles é extremamente elevado: amem sua esposa “como também Cristo amou a igreja”. Paulo exalta o amor conjugal ao nível mais alto possível, pois vê no lar cristão uma imagem do relacionamento entre Cristo e a Igreja. Deus instituiu o casamento por vários motivos. Dentre outras coisas, o casamento supre as necessidades *emocionais* do ser humano. “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18). O casamento também tem o propósito *social* de gerar filhos para dar continuidade à raça humana (Gn 1:28). Paulo fala de um propósito *físico* do casamento: ajudar o homem e a mulher a satisfazerem os desejos naturais que Deus lhes deu (1 Co 7:1-3). Mas em Efésios 5, Paulo fala de um propósito *espiritual* do casamento, à medida que o marido e a esposa experimentam, um em relação ao outro, a submissão e o amor de Cristo (Ef 5:22, 23).

Se o marido tomar o amor de Cristo pela Igreja como padrão para o amor por sua esposa, ele a amará de modo *sacrificial* (Ef 5:25). Cristo entregou-se pela Igreja; da mesma forma, o marido entrega-se, por amor, à esposa. Jacó amava tanto a Raquel que se sacrificou catorze anos trabalhando para obtê-la como esposa. O verdadeiro amor cristão “não procura os seus interesses” (1 Co 13:5) – não é egoísta. Se um marido é submisso a Cristo e cheio do Espírito Santo, seu amor sacrificial pagará de bom grado o preço necessário para que sua esposa possa servir e glorificar a Cristo no lar.

O amor do marido também será *santificador* (Ef 5:26, 27). O termo *santificar* significa "separar". Na cerimônia de casamento, o marido é separado para a esposa, e esta é separada para o marido. Qualquer interferência nesse arranjo feito por Deus é pecaminosa. Nos dias de hoje, Cristo está purificando sua Igreja pelo ministério de sua Palavra (Jo 15:3; 17:17). O amor do marido pela esposa deve ser purificador para ela (e para ele), de modo que ambos possam se tornar cada vez mais semelhantes a Cristo. Até mesmo seu relacionamento físico deve estar sob o controle de Deus, a fim de ser um canal para o enriquecimento espiritual e para o prazer pessoal (1 Co 7:3-5). O marido não deve "usar" a esposa para seu prazer; antes, deve demonstrar um amor bondoso, mutuamente gratificante e santificador. O casamento é uma experiência de crescimento constante quando Cristo é o Senhor do lar. O amor sempre cresce e enriquece, enquanto o egoísmo faz justamente o contrário.

A Igreja de hoje não é perfeita; tem máculas e rugas. As máculas são causadas pela contaminação exterior, enquanto as rugas vêm da deterioração interior. Uma vez que a Igreja é contaminada pelo mundo, precisa ser sempre purificada, e o agente dessa purificação é a Palavra de Deus. "E a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tg 1:27). Estritamente falando, não deve haver rugas na Igreja, pois elas são evidência de envelhecimento e de deterioração interior. À medida que a Igreja é nutrida pela Palavra, essas rugas devem desaparecer. Como uma linda noiva, a Igreja deve ser pura e jovem, o que é possível por meio do Espírito de Deus aplicando a Palavra de Deus. Um dia, quando Cristo voltar, a Igreja será apresentada no céu como uma noiva imaculada (Jd 24).

O amor do marido pela esposa deve ser sacrificial e santificador, mas também deve ser *gratificante* (Ef 5:28-30). No relacionamento conjugal, o marido e a esposa tornam-se "uma só carne". Portanto, tudo o que um faz ao outro, faz a si mesmo. Trata-se de uma experiência mutuamente gratificante. O homem que ama a esposa está, na verdade,

amando o próprio corpo, uma vez que ele e a esposa são uma só carne. Ao amá-la, ele também a nutre. Assim como o amor é o sistema circulatório do corpo de Cristo (Ef 4:16), também é o alimento do lar. Não são poucas as pessoas que confessam ter "fome de amor". No lar cristão, ninguém deve carecer de amor, pois marido e esposa devem amar um ao outro de modo a suprir suas necessidades físicas, emocionais e espirituais. Se ambos se sujeitarem a Cristo, viverão um relacionamento tão gratificante que não serão tentados a buscar qualquer coisa fora do casamento.

O lar cristão deve ser uma ilustração da relação de Cristo com sua Igreja. Cada cristão é um membro do corpo de Cristo e deve ajudar a nutrir o corpo em amor (Ef 4:16). Somos um em Cristo. A Igreja é seu corpo e sua noiva, e o lar cristão é uma imagem divinamente instituída desse relacionamento. Sem dúvida, isso torna o casamento um assunto extremamente sério.

Paulo refere-se à criação de Eva e à constituição do primeiro lar (Gn 2:18-24). Adão teve de dar uma parte de si mesmo para receber sua noiva, mas Cristo entregou-se inteiramente para comprar sua noiva na cruz. Deus abriu o lado de Adão, mas o ser humano perverso traspassou o lado de Cristo. A união entre marido e esposa é tamanha que se tornam "uma só carne", uma união ainda mais íntima do que a existente entre pais e filhos. A união do cristão com Cristo é mais íntima ainda e, ao contrário do casamento humano, permanecerá pela eternidade. Paulo encerra com uma admoestação final para que o marido ame a esposa e para que a esposa reverencie (respeite) o marido, e tudo isso requer o poder do Espírito Santo.

Se a esposa e o marido cristãos têm o poder do Espírito para capacitá-los e o exemplo de Cristo para incentivá-los, por que tantos casamentos cristãos não dão certo? Alguém está fora da vontade de Deus. Só porque dois cristãos se conhecem e se dão bem, isso não significa que são feitos um para o outro. Na verdade, nem todos os cristãos devem se casar. Por vezes, é da vontade de

Deus que um cristão permaneça solteiro (Mt 19:12; 1 Co 7:7-9). É errado um cristão se casar com um incrédulo, mas também é errado dois cristãos se casarem fora da vontade de Deus.

Mesmo que dois cristãos se casem dentro da vontade de Deus, devem permanecer dentro dela, a fim de que seu lar seja a expressão criativa da comunhão planejada por Deus. "Mas o fruto do Espírito é: amor" (Gl 5:22), e, a menos que marido e esposa estejam andando no Espírito, não poderão compartilhar o amor de Cristo, cuja descrição tão bela encontra-se em 1 Coríntios 13. A maioria dos problemas conjugais tem origem no pecado, e todo o pecado tem origem no egoísmo. A submissão a Cristo e um ao outro é a única maneira de vencer o egoísmo, pois quando nos sujeitamos, o Espírito Santo nos enche e nos torna capazes de amar um ao outro de maneira sacrificial, santificadora e gratificante: da maneira como Cristo ama a Igreja.

A fim de experimentar a plenitude do Espírito uma pessoa deve, antes, ter o Espírito em sua vida, ou seja, ser cristã. Em seguida, deve haver um desejo sincero de glorificar a Cristo, uma vez que esse é o motivo pelo qual o Espírito Santo foi concedido (Jo 16:14). Não usamos o Espírito Santo; antes,

somos usados por ele. Deve haver um anseio profundo pela plenitude de Deus, uma confissão de que não podemos fazer a vontade dele sem seu poder. Devemos nos apropriar da promessa de João 7:37-39: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba". Devemos nos entregar a Cristo pela fé e, pela fé, pedir-lhe a plenitude do Espírito e recebê-la. Quando nos virmos alegres, agradecidos e submissos, saberemos que Deus respondeu à nossa oração.

Há mais um fator importante a ser considerado. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para operar em nossa vida. Ao ler Colossenses 3:16 - 4:1, podemos observar um paralelo com essa passagem de Efésios. Também podemos observar que receber a plenitude da Palavra de Deus produz alegria, gratidão e submissão. Em outras palavras, quando somos controlados pela Palavra de Deus, somos cheios do Espírito de Deus. Não apenas maridos e esposas, mas todo cristão precisa dedicar tempo diário à Palavra de Cristo, deixando que esta habite nele ricamente, pois só então o Espírito de Deus poderá operar na vida de modo a tornar a pessoa alegre, agradecida e submissa. É isso o que significa transformar o lar - ou qualquer outro lugar onde Deus nos coloque - em um pedaço do céu.

# O SENHORIO DE CRISTO

EFÉSIOS 6:1-9

Depois de assistir a um programa de televisão sobre a juventude rebelde, o marido comentou com a esposa:

- Que confusão! O que nossa geração fez de errado?

E a esposa respondeu calmamente:

- Teve filhos.

Temos a impressão de que, para todo lado que olharmos na sociedade moderna, vemos antagonismo, divisão e rebelião. Maridos e esposas se divorciando, filhos se rebelando contra pais, patrões e funcionários procurando novas maneiras de evitar greves e de manter a economia aquecida. Tentamos melhorar a situação pelo ensino, pela legislação e por uma porção de outras abordagens, mas nada parece funcionar. A solução de Paulo para o antagonismo no lar e na sociedade é a *regeneração*: um novo coração dado por Deus e uma nova sujeição a Cristo e uns aos outros. O plano maravilhoso de Deus é "em Cristo, de fazer [tudo] convergir nele" (Ef 1:9, 10). Paulo indica que essa harmonia espiritual começa na vida dos cristãos que se sujeitam ao senhorio de Cristo.

Nesta seção, o apóstolo admoesta quatro grupos de cristãos sobre o que fazer para ter harmonia em Cristo.

## 1. FILHOS CRISTÃOS (EF 6:1-3)

Paulo não diz aos pais para admoestarem os filhos; ele mesmo o faz. Os filhos estavam presentes na congregação quando essa carta foi lida. Será que entenderam o que Paulo escreveu? Será que *nós* entendemos? A família toda participava do culto e, sem dúvida, os pais explicavam a Palavra aos filhos

quando estavam em casa. O apóstolo apresenta quatro motivos para os filhos obedecerem aos pais.

**São cristãos ("no Senhor", v. 1a).** Este argumento é uma aplicação do tema da seção toda: "sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5:21). Quando alguém se torna cristão, não é liberado das obrigações normais da vida. Antes, sua fé em Cristo deve fazer desse indivíduo um filho mais dedicado em seu lar. Para os colossenses, Paulo reforçou essa admoestação dizendo: "pois fazê-lo é grato diante do Senhor" (Cl 3:20). Vemos aqui a harmonia no lar: a esposa é submissa ao marido "como ao Senhor"; o marido ama a esposa "como também Cristo amou a igreja"; e os filhos obedecem "no Senhor".

**A obediência é correta (v. 1b).** Deus instituiu uma ordem natural que mostra claramente quando um ato é correto. Uma vez que foram os pais que colocaram o filho no mundo, e uma vez que eles têm mais conhecimento e sabedoria do que o filho, é correto o filho obedecer aos pais. Até mesmo os filhotes dos animais são ensinados a obedecer. A "versão moderna" de Efésios 6:1 seria: "pais, obedçam a seus filhos, pois isso os manterá satisfeitos e trará paz a seu lar". Mas isso é contrário à ordem natural instituída por Deus!

**A obediência é ordenada (v. 2a).** Aqui, Paulo cita o quinto mandamento (Êx 20:12; Dt 5:16) e o aplica ao cristão do Novo Testamento. Isso não significa que o cristão viva "sob a Lei", pois Cristo nos libertou tanto da maldição quanto do jugo de escravidão da Lei (Gl 3:13; 5:1). Mas a justiça da Lei ainda revela a santidade de Deus, e o Espírito Santo nos capacita a que pratiquemos essa justiça em nossa vida diária (Rm 8:1-4). Nove dos Dez Mandamentos são repetidos nas epístolas do Novo Testamento, a fim de serem observados pelos cristãos, com exceção de "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar". É tão errado um cristão desonrar aos pais quanto o era para um judeu do Antigo Testamento.

"Honrar" os pais significa muito mais do que simplesmente obedecer a eles. Significa



mostrar respeito e amor por eles, cuidar deles enquanto precisarem de nós e procurar honrá-los pela maneira como vivemos.

Um rapaz e uma moça vieram me procurar, pois estavam querendo se casar. Perguntei-lhes se os pais dos dois haviam concordado com o casamento. Eles trocaram um olhar envergonhado e confessaram:

– Tínhamos esperança de que o senhor não fizesse essa pergunta...

Passei uma hora tentando convencê-los de que era um direito dos pais deles se regozijarem com esse acontecimento e que a exclusão deles causaria mágoas profundas, as quais talvez nunca fossem curadas.

– Mesmo que eles não sejam cristãos – expliquei –, são seus pais, e vocês lhes devem amor e respeito.

Por fim, eles concordaram, e os planos que fizemos juntos agradaram a ambas as famílias. Se tivéssemos seguido o primeiro plano do casal, os dois teriam perdido a credibilidade para testemunhar a seus familiares. Em vez disso, puderam dar um bom testemunho de Jesus Cristo.

**A obediência traz bênçãos (vv. 2b-3).** O quinto mandamento é acompanhado de uma promessa: “para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá” (Êx 20:12). A princípio, essa promessa foi feita ao povo de Israel, quando este entrou em Canaã, mas Paulo aplica-a aos cristãos de hoje, dizendo que o filho cristão que honrar ao pai pode esperar duas bênçãos. As coisas irão bem para ele e ele terá vida longa na Terra. Isso não significa que todas as pessoas que morreram jovens desonraram os pais. O apóstolo está declarando um princípio: quando os filhos obedecem aos pais no Senhor, evitam muitos pecados e perigos e, desse modo, muitas coisas que poderiam ameaçar ou encurtar sua vida. Todavia, a vida não é medida apenas pela extensão de tempo, mas também pela qualidade da experiência. Deus enriquece a vida do filho obediente, a despeito de quanto dure aqui na Terra. O pecado sempre empobrece; a obediência sempre enriquece.

Assim, o filho deve aprender a obedecer ao pai e à mãe, não apenas porque são seus

pais, mas porque Deus assim o ordenou. A desobediência aos pais é uma forma de rebelião contra Deus. A situação triste dos lares de hoje é resultante da rejeição à Palavra de Deus (Rm 1:28-30; 2 Tm 3:1-5). A criança é, por natureza, egoísta, mas, pelo poder do Espírito Santo, pode aprender a obedecer aos pais e glorificar a Deus.

## 2. PAIS CRISTÃOS (EF 6:4)

Se forem deixadas por conta própria, as crianças tornam-se rebeldes, de modo que é necessário os pais educarem os filhos. Anos atrás, o duque de Windsor disse: “Numa casa norte-americana, tudo é controlado por botões, menos os filhos”. A Bíblia registra os resultados infelizes da negligência dos pais para com os filhos, quer dando um mau exemplo, quer deixando de discipliná-los corretamente. Davi mimou Absalão e deu um péssimo exemplo, e as conseqüências foram trágicas. Eli não disciplinou os filhos, e estes, além de desgraçarem seu nome, trouxeram derrota sobre a nação de Israel. Em sua velhice, Isaque mimou Esaú, e sua esposa demonstrou favoritismo por Jacó, resultando em um lar dividido. Jacó cultivava seu favoritismo por José, quando Deus resgatou o menino de modo providencial e o levou para o Egito, onde o transformou em um homem de caráter. Paulo diz que o pai tem várias responsabilidades para com os filhos.

**Não deve provocá-los.** No tempo de Paulo, o pai exercia autoridade suprema sobre a família. Quando uma criança nascia em uma família romana, por exemplo, era tirada do quarto e colocada diante do pai. Se ele a pegasse no colo, era sinal de que a aceitava no lar. Mas se não a pegasse, indicava que não a aceitava, e a criança deveria ser vendida, dada ou abandonada para morrer. Sem dúvida, o verdadeiro amor paterno não permitia tamanhas atrocidades, mas tais práticas eram legais naquela época. Paulo diz aos pais: “Não usem sua autoridade para abusar de seus filhos; pelo contrário: incentivem e edifiquem a criança”. Para os colossenses, o apóstolo escreveu: “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem

desanimados" (Cl 3:21). Assim, o oposto de "provocar" é "animar".

Eu estava dando uma palestra a um grupo de estudantes sobre a oração e dizendo que nosso Pai celeste está sempre disponível quando o buscamos. Para ilustrar esse fato, contei que a recepcionista do escritório de nossa igreja tem uma lista que eu preparei com o nome de todas as pessoas que podem falar comigo a qualquer momento, não importa o que eu esteja fazendo. Mesmo que esteja em uma reunião do conselho ou no meio de uma sessão de aconselhamento, se alguma dessas pessoas telefonar, a recepcionista deve me chamar imediatamente. Minha família está no topo da lista. Ainda que o assunto pareça ser de importância secundária, quero que minha família saiba que estou disponível. Depois dessa palestra, um dos rapazes me perguntou:

– Você não quer me adotar? Nunca consigo falar com meu pai... E preciso tanto do incentivo dele!

Os pais provocam e desanimam os filhos quando dizem uma coisa e fazem outra, sempre criticando e nunca elogiando, sendo incoerentes e injustos na disciplina, mostrando favoritismo dentro de casa, fazendo promessas e não cumprindo, deixando de levar a sério problemas extremamente importantes para os filhos. Os pais cristãos precisam da plenitude do Espírito para se mostrarem sensíveis às necessidades e aos problemas dos filhos.

**Deve nutri-los.** O texto diz: "criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor". O verbo traduzido por "criar" é a mesma palavra traduzida por "alimentar" em Efésios 5:29. O marido cristão deve nutrir a esposa e os filhos dando-lhes amor e ânimo no Senhor. Não basta cuidar dos filhos fisicamente providenciando alimento, abrigo e roupas. Também deve lhes dar alimento emocional e espiritual. O desenvolvimento do menino Jesus é um exemplo para nós: "E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2:52). Vemos aqui um crescimento equilibrado: intelectual, físico, espiritual e social. Em parte alguma da Bíblia, a educação dos filhos é apresentada

como responsabilidade de alguma pessoa ou instituição fora do lar, por mais que tais elementos externos colaborem no processo. Deus incumbiu os pais de ensinar aos filhos os valores mais essenciais.

**Deve discipliná-los.** O termo "criar" dá a idéia de aprendizado por meio da disciplina. É traduzido por "corrigir" em Hebreus 12. Alguns psicólogos modernos opõem-se ao conceito "antiquado" de disciplina, e muitos educadores seguem essa filosofia. Dizem que devemos deixar as crianças se expressarem e que, se as disciplinarmos, iremos distorcer seu caráter. No entanto, a disciplina é um princípio fundamental da vida e uma demonstração de amor. "Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe" (Hb 12:6). "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina" (Pv 13:24).

É preciso, porém, certificar-se de estar disciplinando os filhos da maneira correta. Em primeiro lugar, deve-se discipliná-los em amor, não com raiva, a fim de não ferir o corpo nem a alma da criança ou, possivelmente, os dois. Quem não é disciplinado, evidentemente, não pode disciplinar a outros, e explosões de raiva nunca trazem benefício algum para os filhos nem para os pais.

Além disso, a disciplina deve ser justa e coerente.

– Meu pai é capaz de usar um canhão para matar um pernilongo! – disse-me um adolescente. – Posso cometer homicídio e nada acontece ou posso ser considerado culpado de absolutamente tudo!

A disciplina coerente aplicada com amor dá segurança à criança. Ela pode não concordar conosco, mas pelo menos sabe que nos importamos o suficiente para criar alguns muros de proteção a seu redor até ela ser capaz de tomar conta de si mesma.

– Nunca soube quais eram os meus limites – comentou uma moça rebelde –, pois meus pais nunca se importaram comigo o suficiente para me disciplinar. Acabei concluindo que, se não era importante para eles, então por que deveria ser importante para mim?

**Deve instruí-los e incentivá-los.** Esse é o significado do termo "admoestação". A fim de educar o filho, o pai e a mãe não usam apenas ações, mas também palavras. No Livro de Provérbios, por exemplo, temos um registro inspirado de um pai compartilhando conselhos sábios com o filho. Os filhos nem sempre apreciam nossos conselhos, mas isso não elimina nossa obrigação de instruí-los e de incentivá-los. É evidente que nossa instrução deve sempre estar de acordo com a Palavra de Deus (ver 2 Tm 3:13-17).

Quando a Suprema Corte deu seu veredicto contrário à obrigatoriedade de orar nas escolas públicas, o famoso cartunista Herblock publicou uma tira no jornal *Washington Post* mostrando um pai irado sacudindo um jornal para a família e gritando:

- Só faltava essa! Agora querem que a gente ouça as crianças orando em casa?

A resposta é: sim! O lar é o lugar onde as crianças devem aprender sobre o Senhor e a vida cristã. É hora de os pais cristãos pararem de empurrar a responsabilidade para os professores da escola dominical e das escolas cristãs e começarem a educar seus filhos.

### 3. SERVOS CRISTÃOS (EF 6:5-8)

O termo "servos" refere-se, sem dúvida alguma, a escravos cristãos, mas certamente podemos aplicar essas palavras aos empregados cristãos de hoje. Naquele tempo, é provável que houvesse cerca de seis milhões de escravos no império romano, e a escravidão era uma prática amplamente aceita. Em parte alguma do Novo Testamento a escravidão, *em si*, é atacada ou condenada, apesar de a tônica geral do evangelho ser contra tal prática. O ministério de Paulo não era derrubar o império romano nem quaisquer das suas normas instituídas, mas sim pregar o evangelho e ganhar os perdidos para Cristo. Por certo, no final das contas, seu trabalho evangelístico levou à destruição do império romano, mas essa não era a motivação principal do apóstolo. Assim como a pregação de Wesley e de Whitefield resultou na abolição da escravatura e no fim do trabalho infantil, na restauração da dignidade

da mulher e no cuidado para com os necessitados, também o ministério de Paulo contribuiu para acabar com a escravidão e promover a liberdade. No entanto, o apóstolo teve o cuidado de não confundir o sistema social com a ordem espiritual na Igreja (1 Co 7:20-24).

Paulo admoesta os servos a serem obedientes e apresenta vários bons motivos. Em primeiro lugar, estavam, na realidade, servindo a Cristo. Por certo, possuíam um "senhor segundo a carne", mas seu Senhor verdadeiro estava no céu (Ef 6:9). O fato de tanto um empregado quanto seu patrão serem cristãos não é desculpa para que qualquer uma das partes trabalhe menos. Antes, é um bom motivo para cada um ser mais fiel ao outro. O empregado deve demonstrar o devido respeito para com seu empregador e não tentar se aproveitar dele. Deve dedicar toda a sua atenção e energia ao trabalho que está realizando ("na sinceridade do vosso coração"). A melhor maneira de testemunhar no local de trabalho é demonstrar diligência e competência. O empregado cristão evita o "serviço de aparência", trabalhando apenas quando o patrão está olhando ou trabalhando com afinco dobrado quando está sendo observado, a fim de dar a impressão de que é um funcionário exemplar.

Em segundo lugar, fazer um bom trabalho é a vontade de Deus. Para o cristão, não existe uma divisão entre sagrado e secular. Um cristão pode fazer qualquer trabalho honesto como um ministério para Cristo e para a glória de Deus. Assim, o empregado deve realizar seu trabalho "de coração", pois está servindo a Cristo e fazendo a vontade de Deus. Por vezes, esses escravos tinham de realizar tarefas que detestavam, mas, ainda assim, deviam cumpri-las, desde que não fossem contrárias à vontade de Deus. As expressões "sinceridade do coração" e "fazendo, de coração, a vontade de Deus" mostram a importância de uma atitude correta do coração no trabalho.

Em terceiro lugar, Paulo argumenta que eles serão recompensados pelo Senhor (Ef 6:8). Naquele tempo, por mais instruídos e cultos que fossem, os escravos eram tratados

como propriedade de seu senhor. Havia a possibilidade de um escravo culto que se tornava cristão ser tratado com mais severidade por seu senhor por causa da sua fé, mas esse tratamento ríspido não deveria impedir o servo de dar o melhor de si (1 Pe 2:18-25). Devemos servir a Cristo, não aos homens, pois receberemos nossa recompensa de Cristo, não dos homens.

#### 4. SENHORES CRISTÃOS (EF 6:9)

A fé cristã não promove a harmonia eliminando distinções sociais ou culturais. Os servos continuam sendo servos mesmo depois que aceitam a Cristo, e os senhores continuam sendo senhores. Antes, a fé cristã traz harmonia ao operar no coração. Cristo não nos dá uma nova organização, mas sim uma nova motivação. Tanto o servo quanto o senhor estão servindo a Cristo e procurando lhe agradar e, desse modo, podem trabalhar juntos para a glória de Deus. Quais são as responsabilidades do senhor (patrão) cristão com respeito a seus empregados?

**Deve se preocupar com o bem-estar deles.** "De igual modo procedei para com eles." Se o patrão espera que os trabalhadores se empenhem ao máximo por ele, então ele próprio deve dar o melhor de si por eles. O patrão serve ao Senhor de coração e espera que seus empregados façam o mesmo. Não deve, portanto, explorar os que trabalham para ele.

Um dos melhores exemplos bíblicos é Boaz, no Livro de Rute. Ele cumprimentava seus trabalhadores dizendo: "O SENHOR seja convosco!" e eles respondiam: "O SENHOR te abençoe!" (Rt 2:4). Boaz mostrava-se sensível para com as necessidades de seus empregados e foi generoso para com Rute, uma desconhecida. Seu relacionamento com os empregados era de respeito mútuo e de desejo de glorificar ao Senhor. Como é triste quando um empregado comenta:

- Meu patrão se diz cristão, mas não parece!

**Não deve ameaçá-los.** Os senhores romanos tinham poder e autoridade legal para matar um escravo rebelde, apesar de poucos usarem desse direito. Os escravos eram

caros demais para serem destruídos. Paulo sugere que o senhor cristão tem um modo mais apropriado de incentivar a obediência e o serviço do que as ameaças de castigo. O poder negativo do medo pode tornar o trabalhador menos produtivo, e é difícil manter esse tipo de motivação por muito tempo. A motivação positiva oferecida ao "[tratar] os servos com justiça e com equidade" (Cl 4:1) é muito superior. O indivíduo que tem parte nos frutos de seu labor trabalhará com mais capricho e afinco. Até mesmo no Antigo Testamento encontramos este mesmo conselho: "Não te assenhorearás dele com tirania; teme, porém, ao teu Deus" (Lv 25:43).

**Deve sujeitar-se ao Senhor.** "Sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está no céu" (Ef 6:9). Vemos aqui o senhorio de Cristo na prática. A esposa sujeita-se ao marido "como ao Senhor" (Ef 5:22), e o marido ama a esposa "como também Cristo amou a igreja" (Ef 5:25). Os filhos obedecem aos pais "no Senhor" (Ef 6:1), e os pais educam seus filhos "na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6:4). Os servos são obedientes "como a Cristo" (Ef 6:5), e os senhores tratam os servos como seu Senhor que "está no céu" lhes ordena. Ao sujeitar-se ao Senhor, a pessoa não tem problema em sujeitar-se à autoridade de outrem.

Jesus disse que, para exercer autoridade, é preciso, antes de tudo, ser um servo (Mt 25:21). Quem não está debaixo de qualquer autoridade não tem direito algum de exercer autoridade. Isso explica por que muitos dos grandes homens da Bíblia foram servos antes de Deus lhes dar autoridade: José, Moisés, Davi e Neemias são apenas alguns exemplos. Mesmo depois que um indivíduo torna-se um líder, deve continuar liderando para servir. De acordo com um provérbio africano: "O chefe é o servo de todos". "E quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo" (Mt 20:27).

Um amigo meu foi promovido a um cargo elevado de diretoria e, infelizmente, o poder lhe subiu à cabeça. Desfrutava tudo o que sua posição lhe oferecia e mais um pouco e nunca deixava passar uma oportunidade de mostrar a seus funcionários quem estava no

comando. Com isso, porém, perdeu o respeito dos funcionários, e a produtividade e eficiência no departamento dele caíram de tal modo que a empresa teve de colocar outra pessoa em seu lugar. Meu amigo esqueceu que tinha um "Senhor no céu" e, por isso, não conseguiu ser um bom "senhor na Terra".

**Não deve ter favoritismo.** Deus não faz acepção de pessoas. Julgará o senhor e o servo por seus pecados ou recompensará o senhor e o servo por sua obediência (Ef 6:8). Um patrão cristão não tem privilégios junto a Deus só por causa de seu cargo nem deve demonstrar favoritismo para com os que se encontram debaixo de sua autoridade. Paulo adverte Timóteo: "guardes estes

conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade" (1 Tm 5:21). Uma das maneiras mais rápidas de um líder causar divisão no meio de seus seguidores é demonstrar favoritismo e parcialidade.

Encerra-se aqui a seção que chamamos de "Andar em harmonia". Se estivermos cheios do Espírito Santo e se formos alegres, agradecidos e submissos, poderemos desfrutar harmonia nos relacionamentos em geral ao viver e trabalhar com outros cristãos. Também teremos mais facilidade em trabalhar e em testemunhar a incrédulos que, talvez, discordem de nós. O fruto do Espírito é o amor, o elemento de coesão mais poderoso do mundo.

## ESTAMOS NO EXÉRCITO

- EFÉSIOS 6:10-24

**M**ais cedo ou mais tarde, todo cristão percebe que sua vida com Cristo é um campo de batalha e não um parque de diversões, e que, se não contar com a ajuda do Senhor, o inimigo que tem diante de si é muito mais forte do que ele. É apropriado Paulo usar uma imagem militar para ilustrar o conflito do cristão com Satanás. Ele próprio encontrava-se acorrentado a um soldado romano (Ef 6:20), e, por certo, seus leitores estavam acostumados com os soldados e seus equipamentos de guerra. Na verdade, Paulo demonstra uma predileção por ilustrações militares (2 Co 10:4; 1 Tm 6:12; 2 Tm 2:3; 4:7).

Como cristãos, enfrentamos três inimigos: o mundo, a carne e o diabo (Ef 2:1-3). "O mundo" refere-se ao sistema ao nosso redor que se opõe a Deus e satisfaz "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 Jo 2:15-17). "Uma sociedade sem Deus" – essa é uma definição simples, mas precisa, do que vem a ser "o mundo". "A carne" é a velha natureza que herdamos de Adão, uma natureza que se opõe a Deus e que não é capaz de fazer qualquer coisa espiritual para agradar a Deus. Mas, por meio de sua morte e ressurreição, Cristo venceu o mundo (Jo 16:33; Gl 6:14), a carne (Rm 6:1-6; Gl 2:20) e o diabo (Ef 1:19-23). Em outras palavras, como cristãos, não estamos lutando *para conquistar* a vitória, mas sim lutando *em* vitória! O Espírito de Deus nos capacita para que nos apropriemos, pela fé, da vitória de Cristo.

Nos últimos versículos de sua carta, Paulo trata de quatro verdades que, ao serem compreendidas e aplicadas por seus leitores, permitirão que vivam de modo vitorioso.

## 1. O INIMIGO (EF 6:10-12)

A unidade de inteligência militar desempenha papel crucial em uma guerra, pois permite que os oficiais conheçam e compreendam o inimigo. Se não soubermos quem é o inimigo, onde ele está e o que é capaz de fazer, teremos dificuldade em derrotá-lo. Deus nos instrui sobre o inimigo não apenas em Efésios 6, mas ao longo de toda a Bíblia, de modo que não há motivos para sermos pegos de surpresa.

**O líder – Satanás.** O inimigo tem vários nomes. *Diabo* significa "acusador", pois ele acusa o povo de Deus dia e noite diante do trono de Deus (Ap 12:7-11). *Satanás* significa "adversário", pois ele é inimigo de Deus. Também é chamado de "tentador" (Mt 4:3), "homicida" e "mentiroso" (Jo 8:44). É comparado a um leão (1 Pe 5:8), a uma serpente (Gn 3:1; Ap 12:9) e a um anjo de luz (2 Co 11:13-15), sendo também denominado "o deus deste século" (2 Co 4:4).

De onde veio esse espírito criado que procura se opor a Deus e derrotar a obra divina? Vários estudiosos acreditam que, na criação inicial, ele era Lúcifer, o "filho da alva" (Is 14:12-15) lançado por terra por causa de seu orgulho e de seu desejo de ocupar o trono de Deus. A origem de Satanás ainda envolve inúmeros mistérios, mas seus atos e seu destino certamente não constituem mistério algum! Uma vez que é um ser criado e que não é eterno como Deus, seus conhecimentos e atividades são limitados. Ao contrário de Deus, Satanás não é onisciente, onipotente e onipresente. Então, como consegue operar de modo tão eficaz em tantas partes distintas do mundo? Ele o faz por meio de uma rede organizada de ajudantes.

**Os ajudantes de Satanás.** Paulo os chama de "principados e potestades [...] dominadores [...] forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6:12). Charles B. Williams propõe a seguinte tradução para esse versículo: "Pois nossa peleja não é somente contra inimigos humanos, mas contra os governantes, autoridades e poderes cósmicos deste mundo tenebroso; ou seja, contra os exércitos de espíritos do mal que nos desafiam na luta celestial". Este texto indica

a existência de um exército definido de criaturas demoníacas que assistem Satanás em seus ataques contra os cristãos. O apóstolo João dá a entender que um terço dos anjos caiu junto com Satanás, quando ele se rebelou contra Deus (Ap 12:4), e Daniel escreveu que os anjos de Satanás lutam contra os anjos de Deus para obter o controle das nações (Dn 10:13-20). Há uma batalha espiritual em andamento neste mundo, e “nas regiões celestiais” nós, cristãos, participamos desse conflito. Tendo consciência desse fato, “andar em vitória” torna-se algo de importância vital para nós e para Deus.

O cerne da questão é que nossa batalha não é contra seres humanos, mas sim contra poderes espirituais. Estamos perdendo tempo lutando contra pessoas quando deveríamos lutar contra o diabo, que procura controlar os indivíduos e transformá-los em inimigos da obra de Deus. Durante o ministério de Paulo em Éfeso, ocorreu um tumulto que poderia ter destruído a igreja (At 19:21-41). Essa revolta não foi causada apenas por Demétrio e por seus companheiros; por trás deles estavam Satanás e seus ajudantes. Sem dúvida, Paulo e a igreja oraram, e a oposição foi calada. O conselho do rei da Síria a seus soldados pode ser aplicado a nossa batalha espiritual: “Não pelejareis nem contra pequeno nem contra grande, mas somente contra o rei” (1 Rs 22:31).

**As aptidões de Satanás.** As admoestações de Paulo indicam que Satanás é um inimigo forte (Ef 6:10-12) e que precisamos do poder de Deus para sermos capazes de enfrentá-lo. Não devemos jamais subestimar o poder do diabo. Não é por acaso que ele é comparado com um leão e com um dragão! O Livro de Jó mostra o que ele pode fazer com o corpo, o lar, as riquezas e os amigos de uma pessoa. Jesus chama Satanás de ladrão, e diz que ele vem para “roubar, matar e destruir” (Jo 10:10). Satanás não é apenas forte, mas também astuto e malicioso, e lutamos contra “as ciladas do diabo”. Aqui, as *ciladas* referem-se a “artifícios astuciosos, estratagemas”. O cristão não pode se dar o luxo de “lhe [ignorar] os desígnios”

(2 Co 2:11). Algumas pessoas são sagazes e cheias de ardis “que induzem ao erro” (Ef 4:14), mas, por trás delas, se encontra o maior de todos os enganadores: Satanás. Ele se faz passar por anjo de luz (2 Co 11:14) e procura cegar a mente humana para a verdade da Palavra de Deus. O fato de Paulo usar o termo “luta” indica que estamos envolvidos em um confronto direto e que, portanto, não somos apenas expectadores de um jogo. Satanás deseja usar nosso inimigo externo, o mundo, bem como nosso inimigo interno, a carne, para nos derrotar. Suas armas e seu plano de batalha são terríveis.

## 2. O EQUIPAMENTO (EF 6:13-17)

Uma vez que lutamos contra inimigos na esfera espiritual, precisamos de equipamentos ofensivos e defensivos. Deus nos supriu com “toda a armadura”, e não devemos deixar parte alguma de fora. Satanás sempre procura uma área desprotegida para usar como ponto de partida para seus ataques (Ef 4:27). Paulo ordena a seus leitores que vistam a armadura, tomem as armas e resistam a Satanás, e só podemos fazer tudo isso pela fé. Sabendo que Cristo já conquistou Satanás e que temos uma armadura e armas espirituais a nossa disposição, aceitamos pela fé aquilo que Deus nos dá e enfrentamos o inimigo. O dia é mau e o inimigo é mau, mas “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8:31).

**O cinto da verdade (v. 14a).** Satanás é um mentiroso (Jo 8:44), mas o cristão cuja vida é controlada pela verdade o derrotará. O cinto mantinha unidas as outras partes da armadura, e a verdade é o elemento de integração na vida do cristão vitorioso. Um homem de integridade que tem a consciência limpa pode enfrentar o inimigo sem medo. O cinto também segurava a espada. A menos que pratiquemos a verdade, não podemos usar a Palavra da verdade. Uma vez que a mentira entra na vida do cristão, tudo começa a se desintegrar. Por mais de um ano, o rei Davi mentiu sobre seu pecado com Bate-Seba, e nada deu certo. Os Salmos 32 e 51 falam do preço que ele teve de pagar.

**A couraça da justiça (v. 14b).** Essa parte da armadura, feita de placas ou de cadeias de metal, cobria a parte posterior e anterior do corpo desde o pescoço até a cintura. Simboliza a justificação do cristão em Cristo (2 Co 5:21) e sua vida justa no Senhor (Ef 4:24). Satanás é o acusador, mas não pode acusar o cristão que está vivendo corretamente no Espírito. O tipo de vida que levamos ou nos fortalecerá de modo a resistirmos aos ataques de Satanás ou dará espaço para que ele nos derrote (2 Co 6:1-10). Quando Satanás acusa o cristão, é a justiça de Cristo que garante a salvação do que crê. Mas se não acompanharmos nossa posição justificada em Cristo com a prática da justiça na vida diária, daremos ocasião aos ataques de Satanás.

**As sandálias do evangelho (v. 15).** Os soldados romanos usavam sandálias com cravos na sola para dar mais apoio aos pés durante a batalha. A fim de "resistir" e de "permanecer inabaláveis", precisamos calçar os pés com o evangelho. Pelo fato de termos com Deus a paz que vem do evangelho (Rm 5:1), não precisamos temer os ataques de Satanás nem dos homens. Devemos estar em paz com Deus e uns com os outros, a fim de derrotarmos o diabo (Tg 4:1-7). No entanto, essas sandálias têm mais um significado. Devemos estar preparados, cada dia, para levar o evangelho da paz ao mundo perdido. O cristão mais vitorioso é o que dá testemunho. Se calçarmos as sandálias do evangelho, teremos os "pés formosos" mencionados em Isaías 52:7 e em Romanos 10:15. Satanás declarou guerra, mas somos embaixadores da paz (2 Co 5:18-21) e, como tal, levamos conosco o evangelho da paz a todo lugar para onde vamos.

**O escudo da fé (v. 16).** Esse escudo grande - normalmente, medindo cerca de 1,20m de altura por 60 centímetros de largura - era feito de madeira e revestido de couro resistente. O soldado o segurava diante de si para protegê-lo de lanças, flechas e "dardos inflamados". As beiradas do escudo tinham um formato que permitia a uma linha inteira de soldados encaixar um escudo no

outro e marchar sobre o inimigo como uma parede sólida. Essa idéia sugere que os cristãos não estão sozinhos na batalha. A "fé" mencionada nesse versículo não é a fé salvadora, mas sim a fé viva, a confiança nas promessas e no poder de Deus. A fé é uma arma defensiva que nos protege dos dardos inflamados de Satanás. No tempo de Paulo, os soldados atiravam flechas cujas pontas eram mergulhadas em alguma substância inflamável, acesas e lançadas contra o inimigo. Satanás lança "dardos inflamados" em nosso coração e em nossa mente: mentiras, pensamentos blasfemos, pensamentos de ódio contra outros, dúvidas e desejos ardentes pelo pecado. Se não apagarmos esses dardos pela fé, eles começam um incêndio dentro de nós, e desobedecemos a Deus. Não temos como saber quando Satanás lançará um desses dardos contra nós, de modo que devemos sempre viver pela fé e usar o escudo da fé.

**O capacete da salvação (v. 17).** Satanás deseja atacar nossa mente, e foi assim que derrotou Eva (Gn 3; 2 Co 11:1-3). O capacete da salvação refere-se à mente controlada por Deus. É triste que muitos cristãos não considerem o intelecto importante, quando, na realidade, ele tem papel crucial no crescimento, no serviço e na vitória do cristão. Quando Deus controla a mente, Satanás não consegue fazer o cristão se desviar. A pessoa de fé que estuda a Bíblia e que aprende o significado das Escrituras não se deixará enganar com facilidade. Precisamos ser "instruídos, segundo é a verdade em Jesus" (Ef 4:21). Devemos "[crescer] na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3:18). Em todo lugar onde ministrava, Paulo sempre ensinava aos recém-convertidos as verdades da Palavra de Deus, e era esse capacete que os protegia das mentiras de Satanás.

Certa tarde de domingo, visitei um homem que havia sido diácono em uma congregação local, mas que se envolvera com uma seita. Sentamo-nos à mesa, ambos com a Bíblia aberta, e procurei lhe mostrar a verdade da Palavra de Deus, mas percebi que mentiras cegavam seu entendimento.



– Como foi que você se afastou de uma igreja que ensina a Bíblia e se envolveu com essas crenças? – perguntei. Sua resposta me deixou pasmado.

– Sabe, pastor, a culpa é da igreja. Eu não conhecia coisa alguma da Bíblia, e a igreja também não me ensinou coisa alguma. Queria estudar a Palavra, mas ninguém me explicou como fazê-lo. Então, a congregação me elegeu diácono, um cargo para o qual eu não estava preparado. O peso foi grande demais para mim. Um dia, ouvi um homem pregando sobre a Bíblia no rádio e tive a impressão de que ele sabia o que dizia. Comecei a ler sua revista e a estudar seus livros, e agora estou convencido de que ele tem razão.

É triste que, ao receber esse homem, sua igreja não tenha lhe provido o capacete da salvação. Se tivessem praticado a verdade encontrada em 2 Timóteo 2:2, ele não teria sido mais uma vítima da guerra espiritual.

**A espada do Espírito (v. 17b).** Essa espada é a arma ofensiva que Deus nos dá. O soldado romano usava embainhada em seu cinto uma espada curta para combates corpo a corpo. Hebreus 4:12 compara a Palavra de Deus com uma espada pois é afiada e capaz de penetrar o ser interior da mesma forma como a espada material trespassa o corpo. Quando a Palavra nos convenceu do pecado, nosso coração foi “compungido” (At 2:37). Pedro tentou usar a espada para defender Jesus no Getsêmani (Lc 22:47-51), mas, em Pentecostes, aprendeu que a “espada do Espírito” é muito mais poderosa. Moisés também tentou conquistar pela espada (Êx 2:11-15), mas descobriu que a Palavra de Deus, por si mesma, era suficiente para derrotar o Egito.

Uma espada material trespassa o corpo, mas a Palavra de Deus trespassa o coração. À medida que a espada material é usada, ela perde o corte; mas quando a Palavra de Deus é usada em nossa vida, torna-se cada vez mais afiada. Uma espada material deve ser empunhada por um soldado, mas a espada do Espírito tem seu próprio poder, pois é “viva, e eficaz” (Hb 4:12). O Espírito escreveu a Palavra, e o Espírito empunha a

Palavra quando a aceitamos pela fé e a usamos. Uma espada material fere e mata, enquanto a espada do Espírito cura feridas e vivifica. Mas quando usamos a espada contra Satanás, desferimos um golpe que o enfraquece e o impede de atrapalhar a obra de Deus.

Quando foi tentando por Satanás no deserto, Cristo usou a espada do Espírito e derrotou o inimigo. Jesus declarou três vezes: “está escrito” (Lc 4:1-13). É interessante observar que Satanás também pode citar a Palavra: “porque está escrito” (Lc 4:10), mas não o faz de maneira completa. O inimigo tenta usar a Palavra de Deus para nos confundir, de modo que é importante conhecer todas as palavras que Deus nos deu. Alguém disse que é possível provar qualquer coisa usando a Bíblia – o que é verdade, quando usamos versículos fora de contexto, omitimos palavras e aplicamos certos versículos indevidamente aos cristãos de hoje. Quanto melhor se conhece a Palavra de Deus, mais fácil é detectar as mentiras de Satanás e rejeitar suas ofertas.

Em certo sentido, a “armadura de Deus” é uma imagem de Jesus Cristo. Ele é a Verdade (Jo 14:6); ele é nossa justiça (2 Co 5:21) e nossa paz (Ef 2:14). Nossa fé só é possível por causa de sua fidelidade (Gl 2:20); ele é nossa salvação (Lc 2:30); e é a Palavra de Deus (Jo 1:1, 14). Isso significa que, quando aceitamos a Cristo, também recebemos a armadura. Paulo disse aos romanos como fazer uso da armadura (Rm 13:11-14): despertar (Rm 13:11), deixar o pecado (“as obras das trevas”) e “[ revesti-se ] das armas da luz” (Rm 13:12). Fazemos isso “[ revestindo-nos ] do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13:14). Pela fé, colocamos a armadura e cremos que Deus dará a vitória. No momento da salvação, vestimos a armadura de uma vez por todas. No entanto, devemos nos apropriar dela cada dia. Quando o rei Davi tirou sua armadura e voltou para seu palácio, colocou-se em mais perigo do que se estivesse no campo de batalha (2 Sm 11). Nunca estamos fora do alcance dos ardis de Satanás, de modo que jamais devemos ficar sem a armadura completa de Deus.

### 3. A ENERGIA (Ef 6:18-20)

A oração é a energia que capacita o soldado cristão a usar a armadura e a empunhar a espada. Não somos capazes de lutar na batalha com nosso poder, por mais fortes ou habilidosos que julguemos ser. Quando Amaleque atacou Israel, Moisés foi para o alto do monte a fim de orar, enquanto Josué usava a espada no vale (Êx 17:8-16). Os dois elementos foram essenciais para derrotar Amaleque: a intercessão de Moisés no monte e a espada de Josué em ação no vale. A oração é o poder para a vitória, mas não se trata de um tipo qualquer de oração. Paulo diz como orar para derrotar Satanás.

**Orar em todo tempo.** É evidente que isso não significa “proferir orações o tempo todo”. Não somos ouvidos por causa de nossas “vãs repetições” (Mt 6:7). “[Orar] sem cessar” (1 Ts 5:17) significa estar sempre em comunhão com o Senhor, estar conectado com ele a todo tempo. Ao orar, o ideal é nunca dizer: “Senhor, colocamos em tua presença...”, pois, na verdade, nunca deixamos a presença dele! O cristão deve orar “em todo tempo”, pois está sempre sujeito a tentações e a ataques do diabo. Um ataque surpresa já derrotou mais de um cristão que se esqueceu de “orar sem cessar”.

**Orar com toda oração.** Existe mais de uma forma de orar: oração, súplica, intercessão e ação de graças (Fp 4:6; 1 Tm 2:1). O cristão que ora apenas para pedir coisas para si está perdendo as bênçãos resultantes da intercessão e da ação de graças. Na verdade, a ação de graças é uma grande arma para derrotar Satanás. Assim como o louvor, a oração tem poder transformador. A intercessão por outros pode trazer vitória em nossa própria vida. “Mudou o SENHOR a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos” (Jó 42:10).

**Orar no Espírito.** De acordo com o modelo bíblico, oramos ao Pai, por meio do Filho e no Espírito. Romanos 8:26, 27 mostra que a única maneira de orar dentro da vontade de Deus é pelo poder do Espírito. De outro modo, nossas orações podem ser egoístas e estar fora do que Deus deseja.

No tabernáculo do Antigo Testamento, antes do véu que dava acesso ao Santo dos Santos, havia um pequeno altar de ouro em que o sacerdote queimava incenso (Êx 30:1-10; Lc 1:1-11). O incenso retrata a oração e, para ser queimado no tabernáculo ou templo, deveria ser preparado de acordo com as instruções de Deus, não segundo alguma fórmula humana. O fogo do altar retrata o Espírito Santo, pois é ele que “acende” nossas orações dentro da vontade de Deus. É possível orar com fervor na carne e não se comunicar com Deus. Também é possível orar tranquilamente no Espírito e ver a mão de Deus fazer grandes coisas.

**Orar com os olhos abertos.** Vigiar significa “manter-se alerta”. A injunção para “vigiar e orar” aparece com frequência na Bíblia. Quando Neemias estava restaurando os muros de Jerusalém e o inimigo tentava impedi-lo de realizar essa obra, Neemias derrotou os adversários vigiando e orando. “Porém nós oramos ao nosso Deus e, como proteção, pusemos guarda contra eles” (Ne 4:9). “Vigiar e orar” é o segredo para vencer o mundo (Mc 13:33), a carne (Mc 14:38) e o diabo (Ef 6:18). Pedro adormeceu quando deveria estar orando, e o resultado foi a vitória de Satanás (Mc 14:29-31, 67-72). Deus espera que usemos os sentidos que nos deu para que, conduzidos pelo Espírito, possamos perceber quando Satanás está começando a operar.

**Continuar a orar.** A palavra *perseverança* significa, simplesmente, “persistir em algo e não desistir”. Os primeiros cristãos oravam dessa maneira (At 1:14; 2:42; 6:4), e devemos seguir seu exemplo (Rm 12:12). A perseverança na oração não significa que estamos tentando convencer Deus, mas sim que estamos profundamente interessados e preocupados, e que não conseguimos descansar enquanto não recebemos uma resposta de Deus. Nas palavras de Robert Law: “Orar não é insistir para que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim para que a vontade de Deus seja feita na Terra” (*Tests of Life*, [Grand Rapids: Baker, 1968]). A maioria desiste

exatamente quando Deus está preste a dar a vitória. Nem todos têm a disposição necessária para passar uma noite inteira em oração sincera, mas todos podemos perseverar muito mais do que costumamos fazer. A Igreja primitiva orou incessantemente enquanto Pedro estava na prisão e, no último instante, Deus lhe deu a resposta (At 12:1-19). Devemos continuar orando até que o Espírito nos oriente a parar ou até que Deus responda. Justamente no momento que sentirmos vontade de desistir, Deus dará a resposta.

**Orar por todos os santos.** As primeiras palavras da oração que Jesus ensinou são: "Pai nosso" e não "meu Pai". Oramos como parte de uma grande família que também conversa com Deus e devemos orar pelos demais membros da família. Até mesmo Paulo pediu o apoio dos efésios em oração - ele que já havia sido arrebatado ao terceiro céu e voltado. Se Paulo precisava das orações dos santos, tanto mais nós também precisamos! Se minhas orações cooperam para que outros santos derrotem Satanás, essa vitória também me ajudará. Convém observar que Paulo não pede que orem por seu bem-estar ou segurança, mas pela eficácia em seu testemunho e ministério.

#### 4. O ENCORAJAMENTO (EF 6:21-24)

Não estamos travando essa batalha sozinhos. Há outros cristãos conosco na luta, e devemos ter a preocupação de encorajar uns aos outros. Paulo animou os efésios; Tíquico encorajou Paulo (At 20:4); e Paulo o estava enviando de volta a Éfeso, a fim de ser um estímulo para os cristãos de lá. Paulo não era o tipo de missionário que guardava segredo sobre o que lhe acontecia. Desejava que o povo de Deus soubesse o que Deus fazia, como suas orações estavam sendo respondidas e como Satanás agia para se opor à obra. Suas motivações não eram egoístas nem tentava extrair algo deles.

É um grande estímulo saber que fazemos parte da família de Deus! Em parte alguma do Novo Testamento encontramos um cristão isolado. Os cristãos são como ovelhas: vivem em rebanhos. A igreja é um exército, e os soldados precisam permanecer juntos e lutar juntos.

É interessante observar as palavras que Paulo usa para encerrar esta carta: *paz, amor, fé e graça!* O apóstolo estava numa prisão em Roma e, no entanto, era mais rico do que o imperador. Quaisquer que sejam nossas circunstâncias, em Jesus Cristo somos abençoados com "toda sorte de bênção espiritual"!

# FILIPENSES

## ESBOÇO

**Tema-chave:** A alegria do Senhor

**Versículo-chave:** Filipenses 3:1

### I. DETERMINAÇÃO – CAPÍTULO 1

- A. A cooperação no evangelho – 1:1, 11
- B. O progresso do evangelho – 1:12-26
- C. A fé do evangelho – 1:27-30

### II. SUBMISSÃO – CAPÍTULO 2

- A. O exemplo de Cristo – 2:1-11
- B. O exemplo de Paulo – 2:12-18
- C. O exemplo de Timóteo – 2:19-24
- D. O exemplo de Epafrodito – 2:25-30

### III. DISPOSIÇÃO ESPIRITUAL – CAPÍTULO 3

- A. O passado de Paulo – 3:1-11  
(o contador – “considero”)
- B. O presente de Paulo – 3:12-16  
(o atleta – “avanço”)
- C. O futuro de Paulo – 3:17-21  
(o estrangeiro – “aguardo”)

### IV. SEGURANÇA – CAPÍTULO 4

- A. A paz de Deus – 4:1-9
- B. O poder de Deus – 4:10-13

- C. A provisão de Deus – 4:14-23

## CONTEÚDO

- 1. Nutrindo a alegria  
(Fp 1:1-11)..... 81
- 2. Procuram-se pioneiros  
(Fp 1:12-26)..... 85
- 3. A seus postos!  
(Fp 1:27-30)..... 90
- 4. O exemplo supremo  
(Fp 2:1-11)..... 94
- 5. A prática da vida cristã  
(Fp 2:12-18)..... 99
- 6. Colaboradores inestimáveis  
(Fp 2:19-30)..... 104
- 7. Aprendendo a contar  
(Fp 3:1-11)..... 108
- 8. Vamos vencer a corrida!  
(Fp 3:12-16)..... 114
- 9. Vivendo no futuro  
(Fp 3:17-21)..... 119
- 10. Vencendo a ansiedade  
(Fp 4:1-9)..... 123
- 11. O segredo do contentamento  
(Fp 4:10-23)..... 127
- 12. Colocando Filipenses em  
prática..... 131

# NUTRINDO A ALEGRIA

## FILIPENSES 1:1-11

**Q**ue tal vocês virem aqui em casa para termos um tempo de comunhão?

- Marcamos dois gols no jogo e depois tivemos uma ótima comunhão.

- A comunhão no retiro foi muito abençoada.

As pessoas parecem entender o termo *comunhão* de várias maneiras diferentes, e, talvez, como acontece com as moedas antigas, ele esteja perdendo seu cunho original. Se não queremos que esse termo bíblico tão maravilhoso saia de circulação, devemos tomar algumas providências para resgatar seu significado verdadeiro.

Apesar das circunstâncias difíceis em que se encontra como prisioneiro em Roma, Paulo se regozija. O segredo dessa alegria é a *determinação* do apóstolo; ele vive somente para Cristo e para o evangelho (Cristo é citado 18 vezes em Fp 1 e o evangelho é mencionado seis vezes). "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1:21). Mas o que vem a ser essa "determinação"? É uma atitude que diz: "o que acontece comigo não importa, desde que Cristo seja glorificado e o evangelho seja levado a outros". Paulo regozija-se apesar de sua situação, pois ela fortalece sua *cooperação no evangelho* (Fp 1:1-11), favorece o *progresso do evangelho* (Fp 1:12-26) e guarda a *fé do evangelho* (Fp 1:27-30).

O termo *cooperação* também pode ser traduzido por *comunhão*, que significa, simplesmente, "ter em comum". Mas a verdadeira comunhão cristã é muito mais profunda do que apenas fazer uma refeição ou jogar futebol juntos. Muitas vezes, aquilo que pensamos ser "comunhão" é, na verdade,

apenas amizade ou um bom relacionamento entre conhecidos. Não podemos desfrutar comunhão com alguém a menos que tenhamos algo em comum e, no caso da comunhão cristã, isso significa ter a vida eterna dentro do coração. A menos que a pessoa tenha aceitado Jesus Cristo como seu Salvador, não tem conhecimento algum da "cooperação [comunhão] no evangelho". Em Filipenses 2:1, Paulo escreve sobre a "comunhão do Espírito", pois quando uma pessoa nasce de novo, recebe o dom do Espírito (Rm 8:9). Também há uma "comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3:10). Quando compartilhamos aquilo que temos com os outros, também temos comunhão (Fp 4:15, "se associou").

Assim, a verdadeira comunhão cristã é muito mais do que ter o nome no rol de membros ou comparecer a uma reunião. É possível estar fisicamente próximo das pessoas e espiritualmente separado delas. Uma das fontes da alegria cristã é essa comunhão que os cristãos têm em Jesus Cristo. Paulo estava em Roma e seus amigos estavam a quilômetros de distância em Filipos, mas sua comunhão espiritual era real e gratificante. Quando temos determinação, não nos queixamos das circunstâncias, pois sabemos que as dificuldades redundarão no fortalecimento da comunhão no evangelho.

Em Filipenses 1:1-11, Paulo usa três idéias que descrevem a verdadeira comunhão cristã. A presença na memória (Fp 1:3-6), a presença no coração (Fp 1:7, 8) e a presença nas orações (Fp 1:9-11).

### 1. A PRESENÇA NA MEMÓRIA (FP 1:3-6)

É impressionante ver Paulo pensando nos outros, não em si mesmo. Enquanto o apóstolo aguarda seu julgamento em Roma, os cristãos de Filipos lhe vêm à memória, e ele se alegra com as recordações que tem deles. Ao ler Atos 16, descobrimos que algumas coisas que aconteceram a Paulo em Filipos poderiam ter deixado lembranças tristes. Foi preso e açoitado ilegalmente, colocado no tronco e humilhado diante do povo. Mas até mesmo essas memórias alegam o coração de Paulo, pois foi por meio desse

sofrimento que o carcereiro conheceu a Cristo! Paulo se lembra de Lídia e de sua casa, da jovem serva infeliz, liberta da possessão demoníaca, e também de outros cristãos queridos de Filipos (vale a pena perguntar: “será que somos o tipo de cristão que traz alegria ao pastor quando ele se lembra de nós?”).

É possível que Filipenses 1:5 seja uma referência a sua cooperação *financeira* com Paulo, assunto ao qual ele volta em Filipenses 4:14-19. A igreja de Filipos foi a única congregação que contribuiu para sustentar o ministério de Paulo. A expressão “boa obra”, em Filipenses 1:6, pode ser uma referência a esse compartilhamento de seus recursos; essa obra foi iniciada pelo Senhor, e Paulo estava certo de que o Senhor a continuaria e completaria.

Mas não se foge do significado do texto ao aplicar esses versículos à salvação e à vida cristã. Ninguém é salvo pelas boas obras (Ef 2:8, 9). A salvação é a boa obra de Deus na vida do indivíduo, efetuada quando cremos em seu Filho. Em Filipenses 2:12, 13, vemos que Deus continua a trabalhar em nós por meio de seu Espírito. Em outras palavras, a salvação compreende uma obra tripla:

- a obra que Deus realiza *por nós* – a salvação;
- a obra que Deus realiza *em nós* – a santificação;
- a obra que Deus realiza *por meio de nós* – o serviço.

Essa obra terá continuidade até vermos Cristo e, então, será consumada. “Seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3:2).

Paulo se alegra em saber que Deus continua a operar na vida de seus irmãos e irmãs em Cristo em Filipos. Afinal, essa é a verdadeira base para comunhão cristã jubilosa: Deus operando em nossa vida diariamente.

– Estamos tendo certo atrito em casa – comentou com o conselheiro uma esposa preocupada. – Não sei exatamente qual é o problema.

– O atrito pode ter duas causas – disse o conselheiro e, para exemplificar, pegou dois blocos de madeira que estavam sobre a sua mesa. – Ocorre quando um bloco se move e o outro não, ou quando os dois se movem em direções contrárias. Qual é seu caso?

– Preciso admitir que, ultimamente, minha vida cristã sofreu um retrocesso; meu marido, no entanto, tem crescido na fé –, reconheceu a esposa. – Preciso voltar a ter comunhão com o Senhor.

## 2. A PRESENÇA NO CORAÇÃO (FP 1:7, 8)

Passamos a um nível um pouco mais profundo, pois podemos pensar em outras pessoas sem que estejam em nosso coração. O amor profundo de Paulo por seus amigos é algo que não pode ser disfarçado nem escondido.

O amor cristão é o maior elemento de união e a prova da salvação: “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14). É o “lubrificante espiritual” que garante o bom funcionamento do motor de nossa vida. É interessante observar como Paulo usa a expressão “todos vós” com frequência nesta epístola, referindo-se diretamente a todos os seus leitores em pelo menos nove ocasiões. Ele não deseja deixar ninguém de fora!

De que maneira Paulo demonstrava seu amor por eles? Em primeiro lugar, estava sofrendo por eles. Suas cadeias eram prova de seu amor. Ele era “prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios” (Ef 3:1). O julgamento de Paulo daria ao cristianismo a oportunidade de receber uma audiência justa diante das autoridades romanas. Uma vez que Filipos era uma colônia de Roma, o veredicto também afetaria os cristãos filipenses. O amor de Paulo não era da boca para fora; era algo que ele praticava. O apóstolo considerava suas circunstâncias difíceis uma oportunidade para defender e confirmar o evangelho, o que seria benéfico para os irmãos em Cristo em toda a parte.

Mas como os cristãos podem aprender a colocar em prática esse tipo amor?

– Eu me dou melhor com meus vizinhos incrédulos do que com meus parentes convertidos –, um homem comentou com seu pastor. – Sei que “o ferro com o ferro se afia”, mas estou cansado dessa gente!

O amor cristão não é algo que geramos dentro de nós, mas sim algo que Deus faz em nós e por meio de nós. Paulo ansiava por seus amigos “na terna misericórdia de Cristo Jesus” (Fp 1:8). Não se trata do amor de Paulo transmitido a eles por meio de Cristo, mas sim do amor de Cristo transmitido por meio de Paulo. “Porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5:5). Quando permitimos que Deus realize sua “boa obra” em nós, passamos a amar uns aos outros cada vez mais.

Como saber se estamos verdadeiramente ligados a outros cristãos em amor? Em primeiro lugar, quando nos preocupamos com eles. Os cristãos em Filipos preocupavam-se com Paulo e enviaram Epafrodito para lhe ministrar. Paulo também se preocupava extremamente com seus amigos em Filipos, especialmente quando Epafrodito caiu enfermo e não pôde voltar de imediato (Fp 2:25-28). “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3:18).

Outra evidência do amor cristão é uma disposição de perdoar uns aos outros. “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados” (1 Pe 4:8).

– Conte-nos algumas das burradas que sua esposa já fez – disse o locutor de rádio a um dos participantes de seu programa.

– Não me lembro de nada – respondeu o participante.

– Não acredito! Você deve se lembrar de pelo menos uma asneira dela! – insistiu o locutor.

– Não me lembro mesmo – disse o participante. – Amo muito minha esposa e simplesmente não guardo coisas desse tipo na memória.

O amor “não se ressentido do mal”, diz 1 Coríntios 13:5.

Os cristãos que praticam o amor sempre experimentam alegria, pois as duas coisas são

resultado da presença do mesmo Espírito Santo. “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria...” (Gl 5:22).

### 3. A PRESENÇA NAS ORAÇÕES (Fp 1:9-11)

Paulo alegra-se com as recordações que tem de seus amigos em Filipos e com seu amor cada vez maior por eles. Também se alegra em se lembrar deles diante do trono da graça em oração. O sumo sacerdote de Israel usava sobre o peito uma vestimenta especial chamada de “peitoral do juízo”. Nela se encontravam engastadas doze pedras preciosas, e em cada uma estava gravado o nome de uma das tribos de Israel (Êx 28:15-29). Como o sacerdote, Paulo trazia o povo junto ao coração em amor. Talvez a maior comunhão cristã e alegria que podemos experimentar nesta vida encontre-se diante do trono da graça, ao orarmos uns com os outros e uns pelos outros.

Vê-se aqui uma oração pedindo maturidade, e Paulo começa com o *amor*. Afinal, se o amor cristão se desenvolver corretamente, o resto será consequência. O apóstolo pede que os filipenses experimentem amor *abundante* e *discernente*. O amor cristão não é cego! O coração e a mente trabalham juntos para que se tenha amor discernente e discernimento amoroso. Paulo deseja que seus amigos cresçam em discernimento, ou seja, na capacidade de “fazer distinção entre coisas diferentes”.

A capacidade de distinguir é um sinal de maturidade. Quando uma criança está aprendendo a falar, às vezes chama todo animal quadrúpede de “au-au”. Mas, à medida que se desenvolve, descobre que existem gatos, ratos, vacas e outras criaturas quadrúpedes. Para uma criança, todos os carros são iguais, mas com certeza não é o caso para o adolescente aficionado por automóveis! Ele é capaz de identificar as diferenças entre os modelos antes mesmo de seus pais conseguirem distinguir a marca. O amor discernente é um dos sinais inequívocos de maturidade.

Paulo também ora pedindo que tenham um *caráter* cristão maduro e que sejam

“sinceros e inculpáveis”. O termo grego traduzido por “sinceros” pode ter vários significados. Alguns o traduzem por “testado à luz do sol”. O cristão sincero não tem medo de ser exposto à luz.

O vocábulo correspondente a *sincero* também significa “girar em uma peneira”, o que sugere a idéia de separar a palha do trigo. Em ambos os casos, a verdade é a mesma: Paulo ora para que seus amigos tenham um caráter que possa ser testado e aprovado. Na língua portuguesa, o adjetivo “sincero” vem do latim *sinceru*, que significa “sem mistura, não adulterado, puro”.

Paulo ora por eles para que tenham amor e caráter cristão maduros, “inculpáveis para o Dia de Cristo”(Fp 1:10)

Isso significa que a vida não deve ser motivo de tropeço para outros e que estamos preparados para o tribunal de Cristo em sua volta (ver 2 Co 5:10; 1 Jo 2:28).

Há aqui dois testes excelentes para usar como referência ao exercitar o discernimento espiritual: (1) Esse ato será tropeço para outros? (2) Ficarei envergonhado se Jesus voltar agora?

Paulo também ora para que tenham um serviço cristão maduro. Deseja que sejam plenos e abundantes em frutos (Fp 1:11). Não está interessado apenas nas “atividades da igreja”, mas sim no tipo de fruto espiritual produzido quando se está em comunhão com Cristo. “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim” (Jo 15:4). Muitos cristãos tentam “gerar resultados” por meio dos próprios esforços em vez de permanecer em Cristo e permitir que ele produza os frutos.

Qual é o “fruto” que Deus deseja ver em nossa vida? Sem dúvida, o “fruto do Espírito” (Gl 5:22, 23), o caráter cristão que

glorifica a Deus. Paulo compara o trabalho de ganhar almas perdidas para Cristo com a produção de fruto (Rm 1:13) e cita a “santidade” como um fruto espiritual (Rm 6:22). Exorta-nos, ainda, a “[frutificar] em toda boa obra” (Cl 1:10). Hebreus fala do louvor como o “fruto [dos] lábios” (Hb 13:15).

A árvore frutífera não faz barulho enquanto produz sua safra; apenas permite que a vida interior trabalhe de maneira natural, redundando em frutos. “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

A diferença entre o fruto espiritual e a “atividade religiosa” humana é que o fruto glorifica a Jesus Cristo. Sempre que alguém faz algo pelas próprias forças, há a tendência de vangloriar-se. O verdadeiro fruto espiritual é tão lindo e maravilhoso que ninguém é capaz de assumir o crédito; a glória deve ser dada somente a Deus.

Eis, portanto, a verdadeira comunhão cristã: o compartilhamento é um elemento em comum bem mais profundo que a simples amizade. A presença na memória, no coração e nas orações – esse é tipo de comunhão que produz alegria e *que é resultante de uma mente determinada*.

Muito a contragosto, Jerry teve de ir a Nova Iorque para se submeter a uma cirurgia complexa. Preferia ser operado na própria cidade, pois não conhecia uma viva alma naquela metrópole inamistosa. Mas quando Jerry e a esposa chegaram ao hospital, havia um pastor esperando por eles com um convite para que ficassem hospedados em sua casa até se adaptarem. A operação foi séria, e a recuperação no hospital foi longa e difícil, mas a comunhão com o pastor e a esposa dele renovaram a alegria de Jerry e de sua esposa. Eles aprenderam que as circunstâncias não precisam nos privar da alegria, se permitirmos que fortaleçam a comunhão no evangelho.



## PROCURAM-SE PIONEIROS

FILIPENSES 1:12-26

Mais do que qualquer outra coisa, o desejo de Paulo como missionário era pregar o evangelho em Roma. Centro de um império grandioso, Roma era a principal cidade daquela época. Se Paulo a conquistasse para Cristo, milhões de pessoas seriam alcançadas pela mensagem da salvação. Essa oportunidade era uma das prioridades críticas do apóstolo, pois ele diz: "Depois de haver estado ali [Jerusalém], importa-me ver também Roma" (At 19:21). Quando estava em Corinto, escreveu: "Por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma" (Rm 1:15).

Paulo desejava ir a Roma como evangelista, mas, em vez disso, foi como *prisioneiro*! Poderia ter escrito uma longa epístola só sobre essa experiência. Em vez disso, porém, ele a resume como "as coisas que me aconteceram" (Fp 1:12). O relato dessas "coisas" encontra-se em Atos 21:17 - 28:31 e começa com a prisão ilegal de Paulo no templo em Jerusalém. Os judeus pensaram que ele havia profanado o templo permitindo a entrada de gentios nos átrios sagrados e os romanos pensaram que o apóstolo era um renegado egípcio que fazia parte da lista de homens mais procurados pela lei. Paulo tornou-se o centro de tramas políticas e religiosas e permaneceu preso em Cesaréia por dois anos. Quando, finalmente, apelou para César (o que era um privilégio de todo cidadão romano), foi enviado para Roma. A caminho da capital, seu navio naufragou. O relato dessa tempestade e da fé e coragem de Paulo é uma das narrativas mais dramáticas da Bíblia (At 27). Depois de três meses

de espera na ilha de Malta, Paulo finalmente embarcou para Roma, a fim de comparecer à audiência perante César.

Para muitos, todos esses acontecimentos poderiam parecer uma sucessão de fracassos, mas não para um homem determinado e preocupado em falar de Cristo e do evangelho. A alegria de Paulo não era decorrente de circunstâncias ideais; ele se alegrava em ganhar outros para Cristo. E se as circunstâncias favoreciam o progresso do evangelho, era só o que importava para ele! O termo *progresso* significa "avanço pioneiro". É um termo militar grego que se referia aos engenheiros do exército que avançavam à frente das tropas para abrir caminho em novos territórios. Paulo descobriu que, na realidade, não se encontrava confinado numa prisão, pois sua situação havia lhe aberto novos campos de ministério.

Muitos já ouviram falar de Charles Haddon Spurgeon, o famoso pregador inglês, mas poucos conhecem a história de sua esposa, Susannah. Quando ainda eram recém-casados, a Sra. Spurgeon desenvolveu uma enfermidade crônica e, ao que tudo indicava, seu único ministério seria o de encorajar o marido e orar por seu trabalho. Mas Deus colocou em seu coração o desejo de compartilhar os livros de seu marido com pastores que não tinham recursos para comprar esse material. Em pouco tempo, tal desejo levou à criação do Fundo para Livros. Essa obra de fé equipou milhares de pastores com instrumentos importantes para seu trabalho. Mesmo sem poder sair de casa, a Sra. Spurgeon supervisionou pessoalmente todo esse ministério pioneiro.

Deus ainda deseja que seus filhos levem o evangelho a novos campos. Deseja que sejamos pioneiros e, por vezes, cria situações em que não podemos ser outra coisa senão pioneiros. Na verdade, foi assim que o evangelho chegou pela primeira vez a Filipos! Paulo havia tentado entrar em outra região, mas Deus repetidamente havia fechado as portas (At 16:6-10). Paulo desejava levar a mensagem para o Oriente, às regiões da Ásia, mas Deus o dirigiu a pregar no Ocidente, em regiões da Europa. A história

da humanidade teria sido muito diferente se Deus houvesse permitido que Paulo seguisse os próprios planos!

Por vezes, Deus usa instrumentos estranhos para nos ajudar a ser pioneiros do evangelho. No caso de Paulo, três instrumentos o ajudaram a levar o evangelho aos pretorianos, a guarda de elite de César: suas *cadeias* (Fp 1:12-14), seus *críticos* (Fp 1:15-19) e sua *crise* (Fp 1:20-26).

### 1. AS CADEIAS DE PAULO (FP 1:12-14)

O mesmo Deus que usou o bordão de Moisés, os jarros de Gideão e a funda de Davi usou as cadeias de Paulo. Os romanos sequer suspeitavam que as correntes que colocaram nos punhos do apóstolo o *libertarian* ao invés de *prendê-lo*! Como o próprio apóstolo escreveu em uma ocasião posterior em que também estava preso: “estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada” (2 Tm 2:9). Em lugar de se queixar das suas cadeias, Paulo consagrou-as a Deus e pediu que as usasse para o avanço pioneiro do evangelho. E Deus respondeu a suas orações.

Em primeiro lugar, essas cadeias deram a Paulo a oportunidade de ter *contato com os perdidos*. Ele permanecia acorrentado a um soldado romano vinte e quatro horas por dia! Cada soldado cumpria um turno de seis horas, o que significava que Paulo poderia testemunhar a pelo menos quatro homens todos os dias! É possível imaginar a situação desses soldados, presos a um homem que orava “sem cessar”, que sempre conversava com outros sobre a vida espiritual e que escrevia constantemente para igrejas espalhadas por todo o império. Em pouco tempo, alguns desses soldados também aceitaram a Cristo. Paulo pôde levar o evangelho à guarda de elite pretoriana, algo que teria sido impossível se estivesse livre.

Mas as cadeias permitiram que Paulo tivesse contato com outro grupo de pessoas: os oficiais do tribunal de César. O apóstolo encontrava-se em Roma como prisioneiro do Estado, e seu caso era importante. O governo romano estava prestes a determinar a situação oficial da “seita cristã”. Era apenas

mais uma seita do judaísmo ou algo novo e possivelmente perigoso? Deve ter sido uma satisfação enorme para Paulo saber que os oficiais de César eram obrigados a estudar as doutrinas da fé cristã!

Às vezes, Deus precisa colocar “cadeias” em seu povo para que realizem um avanço pioneiro que não poderia se dar de outra maneira. Algumas mães talvez se sintam presas ao lar enquanto cuidam dos filhos, mas Deus pode usar essas “cadeias” para alcançar pessoas com a mensagem da salvação. Susannah Wesley criou dezenove filhos numa época em que não havia eletrodomésticos nem fraldas descartáveis! Dessa família numerosa vieram John e Charles Wesley, cujos ministérios estremeceram as ilhas britânicas. Fanny Crosby ficou cega quando tinha um mês e meio de idade, mas já em sua infância mostrou-se determinada a não permitir que as cadeias da escuridão a prendessem. Os hinos e cânticos que ela escreveu ao longo da vida foram usados por Deus de maneira poderosa.

Eis o segredo: quando existe determinação, olha-se para as circunstâncias como oportunidades de Deus para o avanço do evangelho, e há regozijo com *aquilo que Deus fará em vez de queixas por aquilo que Deus não fez*.

As cadeias de Paulo não apenas o colocaram em contato com os perdidos, mas também serviram para *encorajar os salvos*. Ao verem a fé e a determinação de Paulo, muitos cristãos de Roma tiveram sua coragem renovada (Fp 1:14) e “[ousaram] falar com mais desassombro a palavra de Deus”. Aqui, o verbo *falar* não se refere às “pregações”, mas sim às conversas diárias. Sem dúvida, muitos romanos comentavam o caso de Paulo, pois questões legais desse tipo eram de grande interesse para essa nação de legisladores. Os cristãos de Roma, solidários a Paulo, aproveitavam essas conversas para falar de Jesus Cristo. O desânimo costuma espalhar-se, mas o bom ânimo também! Por causa da atitude alegre de Paulo, os cristãos de Roma foram encorajados novamente a testemunhar de Cristo com grande ousadia.

Enquanto convalescia no hospital depois de um acidente grave de carro, recebi uma carta de um homem que eu não conhecia, mas que parecia ter as palavras certas para tornar meu dia mais alegre. Recebi várias cartas dele, cada uma melhor do que a anterior. Depois de me recuperar, me encontrei com ele pessoalmente. Qual não foi minha surpresa ao descobrir que o homem era diabético, cego e perdera uma das pernas (posteriormente, sua outra perna também teve de ser amputada); vivia com a mãe idosa e cuidava dela! Era, sem dúvida alguma, um indivíduo preso pelas cadeias de suas circunstâncias, mas, ao mesmo tempo, inteiramente livre para ser um pioneiro do evangelho! Teve oportunidade de falar de Cristo em escolas, agremiações, na Associação Cristã de Moços e em reuniões de profissionais que jamais convidariam um pastor como palestrante. Meu amigo era determinado e vivia para Cristo e para o evangelho. Por isso, experimentou a alegria de contribuir para o progresso do evangelho.

Talvez nossas cadeias não sejam tão dramáticas ou difíceis, mas, sem dúvida, Deus pode usá-las da mesma forma.

## 2. OS CRÍTICOS DE PAULO (FP 1:15-19)

É difícil imaginar que alguém se opusesse a Paulo, mas era exatamente isso o que alguns cristãos de Roma faziam. As igrejas da capital estavam divididas. Alguns grupos pregavam a Cristo com sinceridade, visando a salvação dos perdidos. Outros, porém, pregavam a Cristo por motivos escusos, procurando dificultar ainda mais a situação de Paulo. Estes últimos usavam o evangelho como um meio de alcançar propósitos egoístas. É possível que tais indivíduos fizessem parte da ala "legalista" da igreja, contrária ao ministério de Paulo aos gentios e a sua ênfase sobre a graça de Deus em vez de na obediência à Lei judaica. A inveja e a contenda andam juntas, da mesma forma que o amor e a unidade são inseparáveis.

Paulo usa em Filipenses 1:15 um termo interessante: *porfia*, palavra que dá a idéia de "polêmica, rivalidade, competição para receber o apoio de outros". O objetivo de

Paulo era glorificar a Cristo e levar as pessoas a seguir ao Senhor; o objetivo de seus críticos era promover a si mesmos e granjear seguidores para si. Em vez de perguntarem: "você já aceitou a Cristo?", perguntavam: "de que lado você está, do nosso ou do de Paulo?" Infelizmente, esse tipo de "politicagem religiosa" ainda existe hoje, e quem a pratica precisa conscientizar-se de que apenas faz mal a si mesmo.

Quem tem a mente determinada vê os críticos como mais uma oportunidade de contribuir para o progresso do evangelho. Como soldado fiel, Paulo sabia que estava "incumbido da defesa do evangelho" (Fp 1:16). Era capaz de regozijar-se, não com os críticos egoístas, mas com o fato de que *pregavam a Cristo!* Não havia inveja alguma no coração de Paulo. Ele não se importava se alguns eram a favor dele e outros contra. Para ele, o mais importante era a pregação do evangelho de Jesus Cristo!

Sabe-se, pelos registros históricos, que dois grandes evangelistas ingleses, John Wesley e George Whitefield, discordavam sobre questões doutrinárias. Os dois tiveram um ministério bem-sucedido, pregando para milhares de pessoas e vendo multidões se entregarem a Cristo. Diz-se que alguém perguntou a Wesley se ele esperava ver Whitefield no céu, ao que o evangelista respondeu:

- Creio que não o verei no céu.
- Então você não acredita que ele seja convertido?
- Claro que ele é convertido! - exclamou Wesley -, mas não espero vê-lo no céu porque ele estará tão próximo do trono de Deus e eu estarei tão longe que não conseguirei enxergá-lo!

Apesar de discordar de seu irmão em Cristo sobre algumas questões, Wesley não tinha inveja alguma em seu coração e não tentou opor-se ao ministério de Whitefield.

Em geral, é difícil aceitar críticas, especialmente quando passamos por situações difíceis, como era o caso de Paulo. De que maneira o apóstolo conseguiu regozijar-se mesmo em meio a tanta reprovação? Ele era determinado! Filipenses 1:19 indica que Paulo esperava que sua causa fosse vitoriosa ("me

redundará em libertação”) por causa das orações de seus amigos e da provisão do Espírito Santo de Deus. O termo grego traduzido por *provisão* dá origem à palavra “coral”. Sempre que uma cidade grega organizava alguma festa especial, alguém precisava bancar cantores e dançarinos. A doação precisava ser generosa, de modo que o termo adquiriu a conotação de “suprir com generosidade e abundância”. Paulo não estava dependendo dos próprios recursos escassos, mas sim dos recursos generosos de Deus, ministrados pelo Espírito Santo.

Além de participar do avanço pioneiro do evangelho em Roma por meio de suas cadeias e de seus críticos, Paulo usou, ainda, um terceiro meio.

### 3. A CRISE DE PAULO (FP 1:20-26)

Por causa das cadeias de Paulo, Cristo tornou-se *conhecido* (Fp 1:13), e por causa dos críticos de Paulo, Cristo foi *pregado* (Fp 1:18). Mas por causa da crise de Paulo, Cristo foi *engrandecido!* (Fp 1:20). Havia a possibilidade de Paulo ser considerado traidor de Roma e de ser executado. Ao que parece, seu julgamento preliminar fora favorável, mas o apóstolo ainda não recebera o veredicto final. Mas o corpo de Paulo não lhe pertencia, e seu único desejo (resultante de sua determinação) era engrandecer a Cristo em seu corpo.

Cristo precisa ser engrandecido? Afinal o que um simples ser humano pode fazer para engrandecer o Filho de Deus? Considere, por exemplo, as estrelas, muito maiores que o telescópio, mas bem distantes. O telescópio as “aproxima” de nós. O corpo do cristão deve ser um telescópio que diminui a distância entre Jesus Cristo e as pessoas. Para muitos, Cristo é uma figura histórica distante e nebulosa que viveu há séculos. Mas quando os incrédulos observam o cristão passar por uma crise, podem ver Jesus mais de perto. Para o cristão comprometido, Cristo está conosco aqui e agora.

Enquanto o telescópio aproxima o que está distante, o microscópio amplia o que é pequeno. Para o incrédulo, Jesus não é grande. Outras pessoas e coisas são muito mais

importantes do que ele. Mas, ao observar o cristão passar por uma experiência de crise, o incrédulo deve ser capaz de enxergar a verdadeira grandeza de Jesus Cristo. O corpo do cristão é uma lente que torna o “Cristo pequeno” dos incrédulos extremamente grande e o “Cristo distante”, extremamente próximo.

Paulo não temia a vida nem a morte! De uma forma ou de outra, desejava engrandecer a Cristo em seu corpo. Não é de se admirar que tivesse alegria!

Paulo confessa que se encontra diante de uma escolha difícil. Para o bem dos cristãos em Filipos, era necessário que ele permanecesse vivo, mas seria muito melhor partir e estar com Cristo. O apóstolo chega à conclusão de que Cristo permitiria que ele vivesse não apenas com o propósito de “[contribuir] para o progresso do evangelho” (Fp 1:12), mas também “para o [...] progresso e gozo da fé [dos filipenses]” (Fp 1:25). Desejava que desbravassem novas áreas de crescimento espiritual. (A propósito, Paulo admoestou Timóteo, o jovem pastor, a ser um pioneiro em novos territórios espirituais na própria vida e ministério. Ver 1 Tm 4:15, em que o termo “progresso” é usado com o mesmo sentido.)

Paulo era um homem e tanto! Dispôs-se a adiar sua ida para o céu a fim de ajudar os cristãos a crescerem e a ir para o inferno a fim de ganhar os perdidos para Cristo! (Rm 9:1-3).

É evidente que Paulo não tinha medo da morte, pois significava apenas “partir”. Esse termo era usado pelos soldados e se referia a “desarmar a tenda e prosseguir viagem”. Que retrato da morte do cristão! A “tenda” em que vivemos é desarmada pela morte, e o espírito vai para o lar, viver com Cristo no céu (ver 2 Co 5:1-8). Os marinheiros também usavam essa palavra com o sentido de “soltar as amarras da embarcação e pôr-se a navegar”. Lorde Tennyson usou a mesma imagem para a morte em seu conhecido poema “Cruzando a Barra” [*Crossing the Bar*].

Todavia, *partir* também era um termo burocrático e descrevia a libertação de um

prisioneiro. O povo de Deus encontra-se preso às limitações do corpo e às tentações da carne, mas a morte os libertará dessa servidão. Ou, ainda, serão libertos quando Cristo voltar, se isso acontecer antes de morrerem (Rm 8:18-23). Por fim, *partir* era um termo usado pelos agricultores para se referir ao ato de remover o jugo dos bois. Paulo havia levado o jugo de Cristo, que era suave (Mt 11:28-30), mas também havia carregado inúmeros fardos em seu ministério (ver alguns deles em 2 Co 11:22 - 12:10). Partir e estar com Cristo significava colocar de lado todos os fardos, pois seu trabalho na Terra estaria consumado.

Em todos os sentidos, não há coisa alguma que prive uma pessoa determinada de sua alegria. "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1:21). Maltbie Babcock, o conhecido músico e hinólogo do século XIX, disse: "A vida é aquilo para que estamos vivos".

Quando minha esposa e eu saímos às compras, o que menos gosto de fazer é entrar

nas lojas de armarinhos, mas acabo acompanhando minha esposa, pois ela adora olhar tecidos. Se, por acaso, a caminho de uma dessas lojas, passamos por uma livraria, sou eu que me empolgo e não quero mais ir embora. O que mais nos interessa é o que representa a "vida" para nós. No caso de Paulo, Cristo era sua vida. Cristo o empolgava e fazia sua vida valer a pena.

Filipenses 1:21 pode ser usado como um teste valioso para nossa vida ao completar as lacunas: "Para mim, o viver é \_\_\_\_\_, e o morrer é \_\_\_\_\_".

"Para mim, o viver é *dinheiro*, e o morrer é *deixar tudo para trás*."

"Para mim, o viver é *fama*, e o morrer é *ser esquecido*."

"Para mim, o viver é *poder*, e o morrer é *perder tudo*."

A fim de ter alegria apesar das circunstâncias e de contribuir para o progresso do evangelho, devemos fazer nossas as convicções de Paulo: "Para mim, o viver é *Cristo*, e o morrer é *lucro*!" (*itálico do autor*).

## A SEUS POSTOS!

FILIPENSES 1:27-30

A vida cristã não é um parque de diversão, mas sim um campo de batalha. Somos *filhos* na família de Deus, desfrutando a *comunhão* do evangelho (Fp 1:1-11); somos *servos*, contribuindo para o *progresso* do evangelho (Fp 1:12-26); mas também somos *soldados*, defendendo a *fé* do evangelho. O cristão determinado pode experimentar a alegria do Espírito Santo, mesmo em meio às batalhas.

A “fé evangélica” é o conjunto de verdades divinas dadas à Igreja. Judas chama-a de “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3). Paulo adverte, em 1 Timóteo 4:1, que, “nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé”. Deus confiou esse tesouro espiritual a Paulo (1 Tm 1:11), o qual, por sua vez, o confiou a outros, como Timóteo (1 Tm 6:20), cuja responsabilidade era passá-lo adiante para outros ainda (2 Tm 2:2). É por isso que a Igreja deve se empenhar no ministério de ensino, de modo que cada nova geração de cristãos conheça, valorize e use a grande herança de fé.

Existe, porém, um inimigo decidido a roubar o tesouro do povo de Deus. Paulo havia se deparado com esse adversário em Filipos e agora o enfrentava em Roma. Se Satanás conseguir privar os cristãos de sua fé e de suas claras doutrinas, poderá, então, enfraquecer e derrotar o ministério do evangelho. É triste ouvir pessoas dizendo hoje em dia:

- Não me importo com as crenças dos outros, desde que vivam corretamente.

As convicções determinam o comportamento, e, em última análise, convicções erradas significam uma vida errada. Toda congregação local está apenas a uma geração

da extinção. Não é de se admirar que Satanás se dedique especialmente a atacar os mais jovens, procurando afastá-los “da fé”.

De que maneira os cristãos lutam contra esse inimigo: “As armas da nossa milícia não são carnis” (2 Co 10:4). Pedro desembainhou uma espada no Getsêmani, e Jesus o repreendeu (Jo 18:10, 11). Usamos armas espirituais: a Palavra de Deus e a oração (Ef 6:11-18; Hb 4:12), e devemos depender do Espírito Santo, que nos dá o poder de que precisamos. Mas um exército deve lutar *unido*, e é por isso que Paulo envia estas admoestações aos seus amigos em Filipos. Ele explica, neste parágrafo, que há três elementos essenciais para a vitória na luta para manter a integridade da “fé”.

### 1. COERÊNCIA (FP 1:27A)

A maior arma contra o inimigo não é um sermão inspirador nem um livro poderoso, mas sim a vida coerente dos cristãos.

O verbo que Paulo usa é relacionado à *política* e significa “ter um comportamento condizente com sua condição de cidadão”. Minha esposa e eu estávamos em Londres e decidimos visitar o zoológico da cidade. Embarcamos no ônibus e nos acomodamos em nossos assentos para desfrutar o passeio, o que foi impossível por causa de alguns passageiros em uma das fileiras da frente, conversando em voz alta e dizendo coisas vulgares. Infelizmente, eram norte-americanos, e vimos os ingleses ao redor meneando a cabeça e franzindo a testa como quem diz: “LOGO se vê que são dos Estados Unidos...”. Ficamos envergonhados, pois sabíamos que aquelas pessoas não representavam, de fato, o que há de melhor nos cidadãos de nosso país.

Paulo dá a entender que nós, cristãos, somos cidadãos do céu e que, enquanto estamos aqui na Terra, devemos nos comportar de maneira condizente com nossa cidadania. O apóstolo volta a tratar desse conceito em Filipenses 3:20. Para o povo de Filipos, essa expressão provavelmente era bastante significativa, pois Filipos era uma colônia romana, e seus cidadãos eram, na realidade, cidadãos de Roma protegidos pela

lei romana. A Igreja de Jesus Cristo é uma colônia do céu na Terra! Devemos nos comportar como cidadãos do céu.

Assim, é preciso nos perguntar, com frequência, se nos comportamos de maneira digna do evangelho. Devemos “[andar] de modo digno da vocação a que [fomos] chamados” (Ef 4:1), o que significa “[viver] de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado” (Cl 1:10). Não cultivamos um bom comportamento a fim de ir para o céu, como se pudéssemos ser salvos pelas boas obras; antes, nosso comportamento deve ser exemplar, porque nosso nome já está escrito no céu, onde temos nossa cidadania.

O único evangelho que o mundo conhece é o que vê refletido na vida dos cristãos.

Capítulo por capítulo, a cada dia,  
Por meio das coisas que fazes  
E das palavras que dizes,  
Estás a escrever um evangelho.  
Quer fiel quer verdadeiro,  
Os homens lêem o que escreves.  
O que é o evangelho  
Segundo tua vida?

(autor desconhecido)

“O evangelho” é a boa-nova de que Cristo morreu por nossos pecados, foi sepultado e ressuscitou (1 Co 15:1-8). Há somente uma “boa nova” da salvação; qualquer outro evangelho é falso (Gl 1:6-10). A mensagem do evangelho é a boa-nova de que os pecadores podem se tornar filhos de Deus por meio da fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Jo 3:16). Acrescentar qualquer coisa ao evangelho é o mesmo que destituí-lo de seu poder. Não somos salvos de nossos pecados pela fé em Cristo *mais* alguma coisa; somos salvos *somente* pela fé em Cristo.

– Alguns conhecidos nossos têm uma idéia completamente errada do evangelho – comentou um membro da igreja ao pastor. – Pode indicar alguns livros que possamos lhes dar para ler?

O pastor abriu a Bíblia em 2 Coríntios 3:2 – “Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens” – e disse:

– Nem o melhor livro do mundo é capaz de substituir seu modo de viver. Permitam que essas pessoas vejam Cristo em seu comportamento e vocês terão oportunidades de compartilhar o evangelho de Cristo com elas.

A maior arma contra o diabo é uma vida piedosa. Uma congregação que se comporta de maneira condizente com suas convicções derrotará o inimigo. Eis o primeiro elemento essencial para a vitória nesta batalha.

## 2. COOPERAÇÃO (FP 1:27B)

Paulo muda sua ilustração da política para os esportes. A expressão traduzida por “lutando juntos” dá origem à palavra “atletismo”. Paulo vê a igreja como uma equipe e lembra os cristãos de que é seu trabalho em equipe que conquista as vitórias.

Não se deve esquecer que havia dissensão na igreja de Filipos. Um dos problemas envolvia duas mulheres que não se entendiam (Fp 4:2). Ao que parece, os membros da igreja tomavam partido, como acontece com frequência, e a divisão resultante atrapalhava o trabalho da igreja. O inimigo tem prazer em ver divisões nos ministérios locais. Seu lema é “dividir e conquistar” e, muitas vezes, ele é bem-sucedido. A única maneira de os cristãos vencerem o maligno é permanecendo unidos.

Ao longo desta epístola, Paulo usa um recurso interessante para enfatizar a importância da união. Na língua grega, o prefixo *sun-* significa “com, junto”; quando é usado com diversas palavras, intensifica a idéia de união. (Sua função é semelhante àquela de nosso prefixo *co-*.) O apóstolo emprega esse prefixo em pelo menos dezesseis ocasiões em sua carta aos filipenses, deixando a mensagem bastante clara a seus leitores. Em Filipenses 1:27, o termo grego utilizado é *sunathleo*, que significa “lutar juntos como atletas”.

Um jogador de basquete insatisfeito resolveu conversar com seu técnico e disse:

– Não vejo sentido em continuar vindo aos treinos, pois o Mike faz o trabalho do time todo... Os outros jogadores são dispensáveis.

O técnico entendeu o que estava acontecendo e respondeu:

– Só porque o Mike tem mais oportunidades de arremessar não significa que o restante do time seja desnecessário. Alguém precisa armar as jogadas e, sem vocês, ele não teria como fazer nem uma só cesta.

Às vezes, um time tem sua “estrela” que se torna o centro das atenções e dos elogios, e pode acontecer de esse jogador dificultar as coisas para o restante do time. A equipe não trabalha em conjunto com igualdade, mas sim se esforçando para que um de seus membros se destaque. Uma atitude dessas é garantia de derrotas. O apóstolo João teve de lidar com um homem chamado Diótrefes, “que [gostava] de exercer a primazia” (3 Jo 9). E o próprio João – juntamente com Tiago – pediu um trono especial no céu (Mt 20:20-28). A palavra-chave é *juntos*: firmes em um só espírito, lutando juntos contra o inimigo, unidos em mente e coração.

Não é difícil expandir essa imagem da igreja local como um time de atletas. Cada pessoa tem seu devido lugar e incumbência, e se cada um fizer seu trabalho, estará colaborando com os demais. Nem todo mundo pode ser capitão ou artilheiro! O time precisa seguir as regras que se encontram na Palavra de Deus. Seu único objetivo é honrar a Cristo e fazer sua vontade. Se trabalharmos todos juntos, poderemos alcançar esse objetivo, ganhar o prêmio e glorificar ao Senhor. Mas no instante em que um de nós começar a desobedecer às regras, a faltar nos treinos (a vida cristã exige disciplina) ou a buscar a própria glória, o trabalho em equipe desaparecerá e, em seu lugar, surgirão divisões e competição.

Em outras palavras, Paulo lembra, mais uma vez, de que precisamos ser *determinados*. Quem vive para Cristo e para o evangelho e pratica o “trabalho em equipe” segundo os princípios cristãos, pode ter alegria na vida, mesmo enquanto combate o inimigo. Claro que há certas pessoas com as quais não podemos colaborar (2 Co 6:14-18; Ef 5:11), mas há muitas com as quais *pode-mos* e devemos cooperar.

Somos cidadãos do céu e, portanto, devemos andar de modo coerente. Fazemos parte do mesmo “time” e, portanto, devemos trabalhar de modo cooperativo. Resta, ainda, um terceiro elemento essencial para o sucesso: a *confiança*.

### 3. CONFIANÇA (Fp 1:28-30)

“Não se assustem com seus adversários!” A palavra que Paulo usa retrata um cavalo se acovardando da batalha. É óbvio que ninguém deve se lançar ao combate cegamente; entretanto, nenhum cristão verdadeiro deve evitar deliberadamente enfrentar o inimigo. Nestes versículos, Paulo apresenta vários estímulos para fortalecer nossa confiança durante a batalha.

Em primeiro lugar, *as lutas provam que somos salvos* (Fp 1:29). Não apenas cremos em Cristo, mas também sofremos por Cristo. Paulo chama isso de “comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3:10). Por algum motivo, muitos recém-convertidos acreditam que aceitar a Cristo é o mesmo que colocar um ponto final em todas as lutas. Na realidade, esse é apenas o começo de *novas batalhas*. “No mundo, passais por aflições” (Jo 16:33). “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12).

Mas a presença de conflito é um *privilegio*; sofremos “por Cristo”. Na realidade, Paulo diz que essas dificuldades são “concedidas”: são uma dádiva! Se estivéssemos sofrendo por uma causa própria, não seria privilégio algum, mas pelo fato de estarmos sofrendo por Cristo e com Cristo, é uma grande honra. Afinal, ele sofreu por nós, e o mínimo que podemos fazer para demonstrar amor e gratidão é ter a disposição de sofrer por ele.

O terceiro estímulo é saber que *outros passam pelo mesmo conflito* (Fp 1:30). Satanás deseja nos convencer de que estamos sozinhos na batalha e de que nossas dificuldades são singulares, mas não é o caso. Paulo lembra os filipenses de que ele próprio está passando pela mesma dificuldade que os cristãos enfrentam a centenas de quilômetros de Roma! Uma mudança na posição



geográfica não costuma resolver problemas espirituais, pois a natureza humana é a mesma, onde quer que nos encontremos, e o inimigo é o mesmo em toda parte. Saber que meus irmãos e irmãs em Cristo também participam da batalha é um grande estímulo para prosseguir e orar por eles da mesma forma como oro por mim.

Na verdade, enfrentar conflitos espirituais é uma das formas de crescer em Cristo. Deus dá as forças necessárias para permanecermos firmes contra o inimigo, e essa confiança prova ao adversário que ele foi vencido e que estamos do lado vitorioso (Fp 1:28). Os filipenses haviam visto Paulo passar por dificuldades quando estava com eles

(ver At 16:19ss) e haviam testemunhado sua firmeza no Senhor. O termo grego traduzido por "combate", no versículo 30, é *agonia*, palavra que também existe na língua portuguesa e que, em Lucas 22:44, é usada para a luta de Cristo no Getsêmani. Ao enfrentar o inimigo e depender do Senhor, ele proverá tudo o que é preciso para a batalha. O inimigo se encherá de temor, quando vir a confiança que Deus dá.

Assim, a determinação permite que tenhamos alegria em meio à batalha, pois produz coerência, cooperação e confiança dentro de nós. Experimentamos a alegria de trabalhar em equipe de maneira espiritual ao lutar juntos pela fé do evangelho.

## O EXEMPLO SUPREMO

### FILIPENSES 2:1-11

As pessoas podem nos privar da alegria. Paulo enfrentava problemas com os romanos (Fp 1:15-18) e também com os filipenses, e eram estes últimos que mais o preocupavam. Quando Epafrodito lhe trouxe a oferta generosa da igreja de Filipos e transmitiu a preocupação da congregação de lá com Paulo, também trouxe más notícias sobre uma possível divisão na igreja. Ao que parece, sua união estava sendo ameaçada tanto por elementos exteriores (falsos profetas; Fp 3:1-3) quanto interiores (membros que não se entendiam; Fp 4:1-3). Paulo não explica o motivo da discussão entre Evódia (“fragrância”) e Síntique (“afortunada”).

Paulo sabia de algo que certos obreiros da igreja hoje parecem ignorar: há diferença entre *unidade* e *uniformidade*. A verdadeira unidade espiritual é de origem interior, vem do coração. A uniformidade é resultado de pressão exterior. Por isso, Paulo começa esta seção apelando para as motivações espirituais mais elevadas possíveis (Fp 2:1-4). Uma vez que os cristãos de Filipos estão “em Cristo”, isso deve lhes servir de estímulo, a fim de se esforçarem para ter unidade e amor, não divisão e rivalidade. Com toda bondade, Paulo diz à igreja: “Suas desavenças revelam que há um problema espiritual em sua comunhão. Esses desentendimentos não serão resolvidos com regras nem com ameaças, mas sim com seu coração sendo posto em ordem com Deus e uns com os outros”. Paulo desejava que compreendessem que a causa fundamental dos problemas ali era o *egoísmo*, o qual, por sua vez, nasce do *orgulho*. Não pode

haver alegria na vida do cristão que se coloca acima de outros.

O segredo da alegria apesar das circunstâncias encontra-se na *determinação*. O segredo da alegria apesar das pessoas encontra-se na *submissão*. O versículo-chave é: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2:3). Filipenses 1 fala de “Cristo em primeiro lugar”, enquanto Filipenses 2 fala dos “outros em seguida”. Paulo, o evangelista, em Filipenses 1, torna-se Paulo, o servo, em Filipenses 2.

É importante entender a que a Bíblia refere-se quando fala de “humildade”. Creio que foi Andrew Murray quem disse que “a pessoa humilde não faz pouco de si mesma; simplesmente não pensa em si mesma!” A humildade é a graça que perdemos quando descobrimos que a possuímos. O cristão verdadeiramente humilde conhece e aceita a si mesmo (Rm 12:3). Entrega-se a Cristo para ser um servo, a fim de que sua vida e seus talentos sejam usados para a glória de Deus e para o bem dos outros. Os “outros” são o elemento-chave deste capítulo (Fp 2:3, 4); os olhos do cristão não estão voltados para si mesmo, mas sim para as necessidades dos outros.

Ser submisso não significa que o cristão está à disposição de todos para satisfazer seus desejos, ou que seja um “capacho” para todos! Há quem tente comprar amigos e manter a unidade da igreja “cedendo” aos caprichos e desejos de todos. De maneira alguma é isso o que Paulo sugere. As Escrituras expressam o conceito com perfeição: “nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2 Co 4:5). Se tivermos a determinação de Filipenses 1, não será difícil termos a submissão de Filipenses 2.

Paulo apresenta quatro exemplos de submissão: Jesus Cristo (Fp 2:1-11), o próprio Paulo (Fp 2:12-18), Timóteo (Fp 2:19-24) e Epafrodito (Fp 2:25-30). É evidente que o exemplo supremo é Jesus, e Paulo começa por ele. Jesus Cristo ilustra as quatro características do indivíduo com uma atitude submissa.

## 1. ELE PENSA NOS OUTROS, NÃO EM SI MESMO (FP 2:5, 6)

O "sentimento" de Cristo refere-se à "atitude" demonstrada por Cristo. O versículo 5 pode ser traduzido, literalmente, por: "sua atitude deve ser a mesma que a de Jesus Cristo". Afinal, nossa visão de mundo tem conseqüências. Se for egoísta, nossos atos serão destrutivos e trarão desunião. Tiago diz a mesma coisa (ver Tg 4:1-10).

Estes versículos de Filipenses remetem à eternidade passada. A "forma de Deus" não tem qualquer relação com o formato ou o tamanho de Deus, pois ele é Espírito (Jo 4:24) e, como tal, não pode ser considerado em termos humanos. Quando a Bíblia fala dos "olhos do Senhor" ou da "mão do Senhor", não afirma que Deus possui forma humana. Antes, está usando termos humanos para descrever atividades e atributos divinos (as características de Deus). A palavra "forma" refere-se à "expressão exterior da natureza interior". Isso significa que, na eternidade passada, *Jesus Cristo era Deus*. Aliás, Paulo afirma que ele era "igual a Deus". Outros versículos, como João 1:1-4; Colossenses 1:15 e Hebreus 1:1-3, também afirmam que Jesus Cristo é Deus.

Sem dúvida, como Deus, Jesus Cristo não precisava de coisa alguma! Tinha toda a glória e o louvor do céu e, juntamente com o Pai e com o Espírito, reinava sobre o universo. Mas Filipenses 2:6 declara um fato extraordinário: ele não considerava sua igualdade com Deus "usurpação" nem "algo a que se apegar egoisticamente". Jesus não pensava em si mesmo, pensava nos outros. Sua visão de mundo (ou atitude) era de preocupação abnegada pelos outros. Esse é "o mesmo sentimento que houve também em Cristo", uma atitude que diz: "não posso guardar meus privilégios para mim mesmo, devo usá-los para beneficiar a outros e, a fim de fazê-lo, colocarei esses privilégios de lado e pagarei o preço necessário".

Um repórter entrevistava um consultor famoso da área de recursos humanos, responsável pela colocação de centenas de funcionários em diversas empresas. Quando

o repórter lhe perguntou qual era o segredo de seu sucesso, o consultor respondeu:

- Se você deseja descobrir o verdadeiro caráter de um funcionário, não lhe dê responsabilidades, e sim *privilégios*. A maioria das pessoas consegue lidar com as responsabilidades se tiver um salário à altura, mas só os verdadeiros líderes conseguem administrar seus privilégios. Um líder usará seus privilégios para ajudar a outros e construir a organização; um homem de menos caráter usará os privilégios para promover a si mesmo.

Jesus usou seus privilégios celestiais para o bem de outros: para *nosso* bem.

Podé ser interessante fazer um contraste entre a atitude de Cristo, a de Lúcifer (Is 14:12-15) e a de Adão (Gn 3:1-7). Muitos estudiosos da Bíblia acreditam que a queda de Lúcifer é uma descrição da queda de Satanás. Em outros tempos, ele era o maior dos seres angelicais, próximo ao trono de Deus (Ez 28:11-19), mas desejou *assentar-se no trono* de Deus! Lúcifer disse: "Seja feita a minha vontade!", enquanto Jesus disse: "Seja feita a tua vontade". Lúcifer não se contentou em ser uma criatura; quis ser o Criador! Jesus era o Criador e, no entanto, se tornou homem voluntariamente. A humildade de Cristo é uma repreensão ao orgulho de Satanás.

Lúcifer não se contentou em ser rebelde sozinho; invadiu o Éden e provocou o ser humano para que também se rebelasse. Adão tinha tudo de que precisava; na realidade, era "rei" sobre a criação de Deus ("tenha ele domínio" Gn 1:26). Mas Satanás disse: "como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal". O homem tentou, deliberadamente, se apropriar de algo fora de seu alcance e, como resultado, lançou a humanidade inteira no abismo do pecado e da morte. Adão e Eva pensaram apenas em si mesmos; Jesus pensou nos outros.

É de se esperar que pessoas incrédulas sejam egoístas e cobiçosas, mas não esperamos isso de cristãos que experimentaram o amor de Cristo e a comunhão do Espírito (Fp 2:1, 2). Em mais de vinte ocasiões, ao longo do Novo Testamento, Deus nos instrui

sobre como viver “uns com os outros”. Devemos nos preferir uns aos outros (Rm 12:10), edificar uns aos outros (1 Ts 5:11) e carregar os fardos uns dos outros (Gl 6:2). Não devemos julgar uns aos outros (Rm 14:13), mas sim admoestar uns aos outros (Rm 15:14). O termo “outros” é a palavra-chave do vocabulário do cristão que exercita a submissão.

## 2. ELE SERVE (FP 2:7)

Pensar nos “outros” apenas em sentido abstrato não é suficiente; devemos considerar a essência do verdadeiro serviço. Um filósofo conhecido escreveu palavras cheias de entusiasmo sobre a educação dos filhos, mas abandonou os próprios filhos. Não teve dificuldade em amar as crianças de maneira abstrata, mas a aplicação prática mostrou-se muito diferente da teoria. Jesus pensou nos outros e *se tornou um servo!* Paulo acompanha os passos da humilhação de Cristo: (1) esvaziou-se, colocando de lado o uso independente de seus atributos divinos; (2) tornou-se humano permanentemente, em um corpo físico sem pecado; (3) usou esse corpo para ser servo; (4) levou esse corpo à cruz e morreu voluntariamente.

Que graça maravilhosa! Do céu à Terra, da glória à vergonha, de Senhor a servo, de vida à morte, “até à morte e morte de cruz”! Na era do Antigo Testamento, Cristo havia visitado a Terra em certas ocasiões para realizar alguns ministérios especiais (como vemos em Gn 18), mas essas visitas eram temporárias. Quando Cristo nasceu em Belém, entrou em união *permanente* com a humanidade, união da qual não poderia haver qualquer saída. Pela própria vontade, humilhou-se, a fim de nos exaltar! É interessante observar que, em Filipenses 2:7, Paulo volta a usar a palavra “forma”: “a expressão exterior da natureza interior”. Jesus não fingiu que era um servo nem fez o papel de servo como se fosse um ator. *Ele se tornou, verdadeiramente, um servo!* Essa era a expressão autêntica de sua natureza mais íntima. Ele foi o Homem-Deus, a Divindade e a humanidade unidas em um só ser: e ele veio como servo.

Ao ler os quatro Evangelhos, podemos observar como é Jesus quem serve aos outros, não o contrário. Ele se coloca à disposição de pessoas de todo tipo: pecadores, meretrizes, coletores de impostos, enfermos e aflitos. “Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28). No cenáculo, quando os discípulos se recusaram claramente a ministrar uns aos outros, Jesus levantou-se, pôs de lado seu manto, colocou uma toalha longa de linho ao redor da cintura e *lavou os pés deles!* (Jo 13). Assumiu a posição do mais humilde dos servos e colocou a submissão em prática. Não é de se admirar que Jesus tenha experimentado tanta alegria!

Durante a Guerra Civil nos Estados Unidos, o general George B. McClellan foi colocado à frente do poderoso exército do Potomac, em grande parte, porque contava com o apoio da opinião pública. Ele se considerava um líder militar extraordinário e gostava quando as pessoas o chamavam de “jovem Napoleão”. No entanto, seu desempenho ficou muito aquém do esperado. O presidente Lincoln nomeou-o comandante supremo de suas tropas, na esperança de colocá-lo à frente no campo de batalha, mas, ainda assim, McClellan procrastinou para entrar em ação. Certa noite, Lincoln e dois de seus assessores foram fazer uma visita ao general e descobriram que ele estava em um casamento. Os três se assentaram e esperaram; uma hora depois, o general chegou em casa. Sem dar qualquer atenção ao presidente, McClellan foi para seus aposentos e não voltou mais. Meia hora depois, Lincoln pediu a um empregado da casa para dizer ao general que se encontravam a sua espera. O servo voltou e avisou que McClellan já estava dormindo.

Os assessores de Lincoln ficaram furiosos, mas o presidente levantou-se e se pôs a caminho de casa.

- Não é hora de brigar por causa de questões de etiqueta ou de dignidade pessoal - explicou o presidente. - Eu seria capaz de segurar as rédeas do cavalo de McClellan se isso nos desse vitória.

Essa atitude de humildade contribuiu para tornar Lincoln um grande homem e um grande presidente. Não pensava em si mesmo, apenas em servir aos outros. O serviço é o segundo sinal de submissão.

### 3. ELE SE SACRIFICA (Fp 2:8)

Muitas pessoas estão dispostas a servir aos outros desde que isso não lhes custe coisa alguma. Mas se precisarem pagar algum preço, perdem o interesse no mesmo instante. Jesus tornou-se "obediente até à morte e morte de cruz" (Fp 2:8). Não morreu como um mártir, mas sim como Salvador. Entregou a vida voluntariamente pelos pecados do mundo.

Nas palavras de J. H. Jowett: "O ministério que não custa coisa alguma não realiza coisa alguma". A fim de haver bênção, também é preciso haver sacrifício. Um missionário estava em uma festa religiosa no Brasil andando no meio das barraquinhas e observando o que cada uma oferecia. No alto de uma delas, viu um cartaz que dizia: "Cruzes em Promoção" e pensou consigo mesmo: "É exatamente isso o que muitos cristãos procuram hoje em dia: cruzes que não lhes custem quase nada. A cruz de meu Senhor custou caro. Por que minha cruz deveria ser diferente?"

Quem tem uma atitude de submissão não evita sacrifícios; vive para a glória de Deus e para o bem dos outros; se há um preço para honrar a Cristo e ajudar o semelhante, está disposto a pagá-lo. Essa foi a atitude de Paulo (Fp 2:17), Timóteo (Fp 2:20) e também Epafrodito (Fp 2:30). A fim de ser uma expressão verdadeira do ministério cristão, o serviço precisa ser acompanhado de sacrifício.

Em seu livro *Dedication and Leadership [Dedicação e Liderança]*, Douglas Hyde explica como os comunistas conseguiram ser bem-sucedidos em sua proposta. O próprio Hyde foi membro do Partido Comunista durante vinte anos e, portanto, entende sua filosofia. Afirma que os comunistas nunca pedem que um indivíduo faça um "serviço pequeno e sem importância". Em vez disso, pedem sempre que realize com ousadia uma

tarefa que lhe custará algo. Fazem exigências pesadas que são atendidas de imediato. Hyde chama isso de "disposição para se sacrificar", um dos fatores mais importantes no sucesso da proposta do Partido Comunista. Espera-se que até mesmo os membros mais jovens do movimento estudem, sirvam, contribuam e obedeçam, e são justamente essas exigências que os atraem.

O conselho da igreja estava reunido para programar a participação dos jovens nos cultos de domingo, e um dos membros sugeriu que os adolescentes poderiam recepcionar as pessoas, dirigir uma oração e apresentar algumas músicas especiais. Um representante dos adolescentes que participava da reunião levantou-se e disse:

– Para falar a verdade, estamos cansados de ficar com as coisas mais simples. Gostaríamos de fazer algo mais complexo e, quem sabe, ter uma participação maior durante o ano todo. Os adolescentes conversaram e oraram sobre isso, e gostaríamos de trabalhar em um projeto de reforma do porão da igreja para usá-lo como sala de aula. Também gostaríamos de visitar membros idosos da congregação semanalmente e levar CDs com a gravação dos cultos para eles. E, se não houver problemas, gostaríamos de ir ao parque todos os domingos à tarde para evangelizar. Esperamos que vocês concordem.

O rapaz assentou-se, e o novo pastor de jovens sorriu consigo mesmo. Havia desafiado os adolescentes a se dedicarem a um projeto que lhes custasse algo, e eles aceitaram o desafio com grande entusiasmo. Sabia que é preciso fazer sacrifícios para o crescimento e o ministério serem autênticos.

O teste da submissão não se refere apenas ao que estamos dispostos a suportar em termos de sofrimento, mas também ao que estamos dispostos a oferecer em termos de sacrifício.

Um dos paradoxos da vida cristã é que, quanto mais damos, mais recebemos; quanto mais sacrificamos, mais Deus abençoa. A submissão produz alegria, pois ela nos torna mais semelhantes a Cristo. Isso significa que participamos de sua alegria ao participar também de seu sofrimento. É evidente

que, quando a verdadeira motivação é o amor (Fp 2:1), o sacrifício nunca é medido nem mencionado. A pessoa que sempre fala dos sacrifícios que faz não tem uma atitude de submissão.

Ser cristão *lhe* custa alguma coisa?

#### 4. ELE GLORIFICA A DEUS (Fp 2:9-11)

Este é, evidentemente, o objetivo maior de tudo o que fazemos: glorificar a Deus. Paulo adverte sobre a "vanglória" em Filipenses 2:3. O tipo de rivalidade que coloca um cristão contra outro e um ministério contra outro não é espiritual nem gratificante, apenas fútil e vão. Jesus humilhou-se pelos outros; Deus o exaltou acima de todas as coisas, e o resultado dessa exaltação foi a glória de Deus.

A exaltação de Cristo começou com sua ressurreição. Quando os homens sepultaram o corpo de Jesus, foi a última coisa que mãos humanas *lhe* fizeram. Desse ponto em diante, foi Deus quem operou. Os homens fizeram as piores coisas possíveis ao Salvador, mas Deus o exaltou e honrou. Os homens ridicularizaram e maldisseram seu nome, mas o Pai *lhe* deu um nome glorioso! Assim como, em sua humilhação, ele foi chamado "Jesus" (Mt 1:21), em sua exaltação ele foi chamado "Senhor" (Fp 2:11; ver At 2:32-36). Ressuscitou dentre os mortos e voltou em vitória para o céu, elevando-se ao trono do Pai.

Sua exaltação incluiu autoridade soberana sobre todas as criaturas no céu, na terra e debaixo da terra. Todas se prostrarão diante dele (ver Is 45:23). É bem provável que a expressão "dabaixo da terra" refira-se aos pecadores perdidos, pois a família de Deus está no céu ou na terra (Ef 3:14, 15). Um dia, todos se prostrarão diante dele e confessarão que ele é Senhor. Claro que as pessoas podem se prostrar e confessar *hoje*

e receber a dádiva da salvação que ele oferece (Rm 10:9, 10). Prostrar-se diante do Senhor hoje significa salvação; prostrar-se diante dele no dia do julgamento significa condenação.

O propósito da humilhação e exaltação de Cristo é a glória de Deus (Fp 2:11). Quando Jesus enfrentou a cruz, pensou, acima de tudo, na glória de Deus: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti" (Jo 17:1). Além disso, ele nos deu essa glória (Jo 17:22), e um dia participaremos dela com Cristo no céu (Jo 17:24; ver Rm 8:28-30). A obra da salvação é muito maior do que apenas a redenção de uma alma perdida, por mais maravilhosa que seja tal redenção. A salvação tem como propósitos supremo a glória de Deus (Ef 1:6, 12, 14).

Uma vez que a pessoa com atitude submissa vive para os outros, deve esperar sacrifício e serviço, mas, no final, tudo redundará em glória. "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1 Pe 5:6). José sofreu e serviu durante treze anos; depois disso, Deus o exaltou à posição de segundo no poder no Egito. Davi foi ungido rei quando era apenas um adolescente. Viveu muitos anos de dificuldade e sofrimento, mas no tempo certo, Deus o exaltou como rei de Israel.

A alegria da submissão não é resultante apenas de ajudar a outros e de participar da comunhão dos sofrimentos de Cristo (Fp 3:10), mas principalmente de saber que estamos glorificando a Deus. Deixamos nossa luz brilhar por meio de nossas boas obras e, desse modo, glorificando ao Pai no céu (Mt 5:16). Talvez não vejamos a glória no presente, mas a veremos quando Jesus voltar e recompensar seus servos fiéis.

## A PRÁTICA DA VIDA CRISTÃ

FILIPENSES 2:12-18

Nas palavras de Mark Twain: “Poucas coisas são mais difíceis de suportar do que o incômodo de um bom exemplo”. Talvez o que mais nos perturbe em um bom exemplo seja sua ineficácia em nossa vida. A admiração por um grande indivíduo pode servir de inspiração, mas não traz capacitação. A menos que uma pessoa consiga entrar em nossa vida e instilar em nós suas aptidões, não seremos capazes de nos elevar ao mesmo nível que ela em suas realizações. Precisamos de algo além do exemplo exterior; precisamos de poder interior.

Paulo acabou de apresentar Jesus Cristo como o grande Exemplo no exercício da submissão. Lemos suas palavras e concordamos com elas, *mas como as colocar em prática?* De que maneira um ser humano mortal pode esperar alcançar o mesmo nível de realizações que Jesus Cristo? Até a idéia de tentar imitá-lo parece arrogância! Por um lado, tenta-se desenvolver humildade e, por outro, alimenta-se o orgulho ao ousar imitar o Senhor Jesus Cristo!

Na verdade, não se trata de um dilema tão complicado. Paulo não pede que busquemos atingir um alvo impossível, mesmo considerando que, quanto mais elevado for nosso objetivo, mais sublimes devem ser nossas realizações. Antes, o apóstolo apresenta o *padrão* divino para a submissão e o *poder* para realizar o que Deus ordenou. “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar” (Fp 2:13). Não conseguimos seguir esse exemplo por imitação, mas sim por encarnação: “Cristo vive em mim” (Gl 2:20). A vida cristã não é uma série de altos e baixos, mas sim um processo

constante, em que Deus opera em nós, enquanto praticamos o que ele ensina. Cultivasse a submissão ao lançar mão das provisões que Deus coloca a nossa disposição.

### 1. DEVEMOS CUMPRIR UM PROPÓSITO (Fp 2:12, 14-16)

“Desenvolvi a vossa salvação” (Fp 2:12) não é o mesmo que “conquistai a vossa salvação”. Em primeiro lugar, Paulo está escrevendo a leitores já “santos” (Fp 1:1), ou seja, que já aceitaram a Cristo e foram separados para ele. O verbo “desenvolver” tem o sentido de “trabalhar até a consumação”, como quem trabalha em um problema de matemática até chegar ao resultado final. No tempo de Paulo, esse termo também se referia a “trabalhar em uma mina” extraindo dela o máximo possível de minério valioso, ou “trabalhar em um campo” obtendo a melhor colheita possível. O propósito que Deus deseja que alcancemos é a semelhança a Cristo, “para [sermos] conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29). A vida acarreta problemas, mas Deus nos ajuda a lidar com eles. Assim como uma mina ou um campo, nossa vida tem um potencial tremendo, e Deus quer nos ajudar a usar esse potencial ao máximo.

Cindy não estava muito contente quando foi visitar a família nas férias da faculdade. Os pais notaram seu comportamento estranho, mas tiveram a sabedoria de esperar até que ela lhes contasse o que estava acontecendo. Terminado o jantar, ela disse:

- Pai, mãe, preciso lhes dizer algo, mas temo que vou magoá-los.

- Conte-nos o que está em seu coração e nós entenderemos - disse o pai. - Queremos orar sobre a questão, seja ela qual for.

- Vocês sabem que, quando eu estava no ensino médio, sempre falava em fazer enfermagem. Acho que pelo fato de a mãe ser enfermeira, imaginei que vocês gostariam que eu seguisse a mesma carreira. Mas não posso mais fazer isso. Deus não quer que eu seja uma enfermeira!

A mãe sorriu e segurou a mão de Cindy.

- Ah! meu amor, nosso maior desejo é que a vontade de Deus se cumpra em sua

vida. Se você fizer qualquer outra coisa fora da vontade dele, *todos* nós ficaremos infelizes!

Cindy havia tomado uma decisão corajosa; encarou a vontade de Deus e decidiu que desejava desenvolver a *própria* salvação – a própria vida cristã –, não uma carreira à qual outra pessoa desejava que ela se dedicasse.

Uma das coisas maravilhosas da vida cristã é saber que Deus tem um plano para nós (Ef 2:10) e que nos ajudará a levar esse plano a cabo para a glória dele. Nosso Deus é um Deus de variedade infinita! Se não existem duas flores ou dois flocos de neve exatamente iguais, por que dois cristãos deveriam ser idênticos? Todos devemos ser semelhantes a Cristo, *mas também devemos ser nós mesmos*.

A oração “desenvolvi a vossa salvação” provavelmente é uma referência aos problemas específicos da igreja de Filipos, mas também se aplica a cada cristão como indivíduo. Não devemos ser “imitações baratas” de outras pessoas, especialmente dos “grandes homens e mulheres de fé”. Devemos seguir somente o que vemos de Cristo na vida dessas pessoas. “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Co 11:1). Todo “santo exemplar” tem pés de barro e, por fim, pode acabar nos desapontando, mas Cristo jamais nos desapontará.

Em Filipenses 2:14, 15, Paulo contrasta a vida do cristão com a dos que vivem no mundo. Os não salvos queixam-se e discutem, mas o cristão se regozija. A sociedade em que vivemos é “pervertida e corrupta”, mas o cristão é reto, pois orienta a vida segundo a Palavra de Deus, o parâmetro perfeito. O mundo é escuro, mas os cristãos brilham como luzes resplandecentes. O mundo não tem coisa alguma a oferecer, mas o cristão oferece a Palavra da vida, a mensagem da salvação por meio da fé em Cristo. Em outras palavras, ao permitir que Deus cumpra seus propósitos em nossa vida, tornamo-nos testemunhas mais aptas para um mundo que precisa desesperadamente de Cristo. Ao aplicar essas características a Jesus, podemos ver como ele teve uma vida perfeita em um mundo imperfeito.

É importante observar que esse propósito é alcançado “no meio de uma geração pervertida e corrupta” (Fp 2:15). Paulo não admoesta os cristãos a se isolarem do mundo nem a viverem em “quarentena espiritual”. Os fariseus eram tão alienados e isolados da realidade que desenvolveram uma justiça própria artificial, inteiramente distinta da justiça que Deus desejava que cultivassem em sua vida. Em decorrência disso, sujeitaram o povo a uma religião de medo e de servidão (ver Mt 23) e crucificaram a Cristo, porque ele ousou opor-se a esse tipo de religião. Não vemos os propósitos de Deus se cumprirem em nossa vida quando nos isolamos do mundo, mas sim quando ministramos ao mundo.

## 2. DEVEMOS RECEBER PODER (Fp 2:13)

Paulo apresenta o seguinte princípio: Deus deve operar *em* nós antes de poder operar *por* meio de nós. Esse princípio pode ser visto em ação ao longo de todo o relato bíblico, na vida de homens como Moisés, Davi, os apóstolos e outros. Deus tem um propósito especial para cada um; cada ser humano é singular, não uma imitação de outro indivíduo. No caso de Moisés, por exemplo, Deus precisou operar na vida dele durante quarenta anos, preparando-o para que pudesse agir por meio dele. *Deus se interessa mais pelo obreiro do que pela obra*. Se a vida do obreiro estiver dentro dos propósitos de Deus, a obra também estará.

Muitos cristãos obedecem a Deus apenas em função de pressões exteriores, não do poder interior. Paulo advertiu os filipenses que o importante não era a presença dele em seu meio, mas sim o desejo deles de obedecer e de agradar a Deus (Fp 1:27; 2:12). Não seriam capazes de desenvolver a vida cristã em função de Paulo, pois talvez ele não ficasse mais muito tempo com eles. É triste ver que alguns ministérios da igreja enfraquecem ou desintegram quando ocorre alguma mudança na liderança. Nossa tendência é agradar aos homens e obedecer a Deus somente quando outros nos observam. Mas quando nos entregamos ao poder de Deus dentro de nós, a



obediência deixa de ser uma luta e se torna um prazer.

O poder que opera em nós é o poder do Espírito Santo de Deus (Jo 14:16, 17, 26; At 1:8; 1 Co 6:19, 20). O termo "energia" vem da palavra grega traduzida por "efetua" em Filipenses 2:13. É a energia de Deus que opera em nós e por meio de nós! O mesmo Espírito Santo que deu poder a Cristo enquanto ele ministrou aqui na Terra também pode nos dar poder. Mas devemos reconhecer que a energia da carne (Rm 7:5) e do diabo (Ef 2:2; 2 Ts 2:7) também estão operando. Por causa da morte, ressurreição e ascensão de Cristo, temos a nosso dispor a energia de Deus (Ef 1:18-23). O poder está a nosso alcance, mas de que maneira devemos usá-lo? Quais são os instrumentos que, pelo seu Espírito, Deus usa para operar em nossa vida? São três: a Palavra de Deus, a oração e o sofrimento.

**A Palavra de Deus.** "Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2:13). A energia de Deus é liberada em nossa vida por meio de sua Palavra inspirada. A mesma palavra que fez o universo existir pode liberar poder divino em nossa vida! No entanto, temos a responsabilidade de *apreciar* a Palavra e não tratá-la da mesma forma que tratamos as palavras dos homens. A Palavra de Deus é singular: é inspirada, infalível e investida de autoridade. Se não dermos o devido valor à Palavra, Deus não poderá liberar sua energia em nossa vida.

Devemos, também, nos *apropriar* da Palavra, isto é, "acolhê-la". Isso significa mais do que ouvi-la ou mesmo lê-la e estudá-la. "Acolher" a Palavra de Deus significa recebê-la de bom grado e assimilá-la como parte do nosso ser interior. A verdade de Deus é o alimento do ser espiritual.

Por fim, devemos *aplicar* a Palavra; ela só opera nos que crêem. Quando cremos na Palavra de Deus e agimos de acordo com

essa fé, o poder de Deus é liberado em nossa vida. A promessa do anjo a Maria em Lucas 1:37 – "Porque para Deus não haverá impossíveis" – pode ser traduzida por: "Nenhuma palavra de Deus é destituída de poder". A Palavra de Deus tem o poder de realização, e a fé libera esse poder.

Vemos essa verdade na prática ao observar a vida de Jesus. Ele ordenou a um homem aleijado que estendesse a mão, e sua ordem deu poder para que o homem obedecesse e fosse curado (Mt 12:13). Ele ordenou que Pedro fosse a seu encontro andando sobre as águas, e sua ordem capacitou Pedro a obedecer enquanto ele exerceu fé (Mt 14:22-33). É a fé nas promessas de Deus que libera o poder de Deus. Ele não só ordena, mas também nos capacita a obedecer. O Espírito Santo registrou as promessas para nós na Palavra e ele nos dá fé para nos apropriarmos dessas promessas. "Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio" (2 Co 1:20).

**A oração.** Assim, quem deseja que o poder de Deus opere em sua vida, deve dedicar um tempo diário à Palavra de Deus. Também deve orar, pois a oração é o segundo instrumento que Deus usa para operar na vida de seus filhos. "Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3:20). O Espírito Santo está intimamente relacionado à prática da oração em nossa vida (Rm 8:26, 27; Zc 12:10). O Livro de Atos deixa claro que a oração é uma fonte divinamente ordenada de poder espiritual (At 1:14; 4:23-31; 12:5, 12), e que a Palavra de Deus e a oração andam juntas (At 6:4). A menos que o cristão separe tempo para orar, Deus não pode operar nele nem por meio dele. As pessoas que Deus usou ao longo da Bíblia e da história da Igreja eram indivíduos que oravam.

**O sofrimento.** O terceiro instrumento de Deus é o *sofrimento*. O Espírito de Deus opera de maneira especial na vida dos que sofrem para a glória de Cristo (1 Pe 4:12-19).

O "fogo ardente" das tribulações purifica o cristão e lhe dá poder para servir ao Senhor. O próprio Paulo experimentou o poder de Deus na cadeia em Filipos, onde foi açoitado e colocado no tronco; a prova disso é que, mesmo em meio ao sofrimento, o apóstolo conseguiu cantar e louvar a Deus (At 16:19-33). O "fogo ardente" de sua tribulação também permitiu que ele perdoasse o carcereiro. Não foi o terremoto que convenceu esse homem de seu pecado; pelo contrário, o terremoto quase o levou ao suicídio! Foi a palavra de encorajamento de Paulo que tocou seu coração: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!" (At 16:28). Esse amor bondoso quebrantou o coração do homem; ele se prostrou diante de Paulo e perguntou como poderia ser salvo.

A Palavra de Deus, a oração e o sofrimento são os três instrumentos que Deus usa em nossa vida. Da mesma forma que a eletricidade precisa de um condutor, o Espírito Santo opera pelos meios que Deus proveu. Ao ler a Palavra e orar, o cristão torna-se mais semelhante a Cristo; e quanto mais semelhante a Cristo ele se torna, mais o mundo se opõe a ele. Essa "comunhão dos seus sofrimentos" (Fp 3:10) a cada dia conduz o cristão de volta à Palavra e à oração, de modo que os três instrumentos trabalham juntos para prover o poder espiritual necessário para glorificar a Cristo.

A fim de ter uma atitude de submissão e a alegria que a acompanha, é necessário reconhecer que é preciso cumprir um propósito (o plano de Deus para a vida), receber poder (o Espírito Santo) e crer em uma promessa.

### **3. DEVEMOS CRER EM UMA PROMESSA (Fp 2:16-18)**

Qual é a promessa? A *submissão redundando em alegria*. A filosofia do mundo diz que a alegria vem da agressão: precisamos lutar contra todos para obter o que desejamos e, quando conseguirmos o que queremos, teremos alegria. O exemplo de Jesus é prova suficiente de que a filosofia do mundo está errada. Em momento algum ele usou a

espada ou qualquer outra arma; no entanto, venceu a maior de todas as batalhas da história: a batalha contra o pecado, a morte e o inferno. Derrotou o ódio ao demonstrar amor e subjugou as mentiras com a verdade. *Foi vitorioso porque se entregou!* Nós, cristãos, também devemos ter a ousadia de crer em sua promessa: "Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado" (Lc 14:11). "Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5:3).

Quem possui e pratica uma atitude de submissão tem alegria no porvir (Fp 2:16) e alegria aqui e agora (Fp 2:17, 18). No Dia de Cristo (ver Fp 1:6, 10), Deus recompensará os que lhe foram fiéis. O "gozo do teu Senhor" será uma parte da recompensa (Mt 25:21). O cristão fiel descobrirá que seu sofrimento na Terra foi transformado em glória no céu! Verá que seu trabalho não foi em vão (1 Co 15:58). Foi esse mesmo tipo de promessa de alegria futura que ajudou o Salvador em seu sofrimento na cruz (Hb 12:1, 2).

Mas não precisamos esperar até a volta de Cristo para experimentar a alegria que vem da submissão. Esse gozo é uma realidade presente (Fp 2:17, 18), que se concretiza por meio do sacrifício e do serviço. É impressionante que, em dois versículos nos quais trata de sacrifício, Paulo afirme que se alegra e inste os cristãos a também se alegrarem. A maioria das pessoas associa o sofrimento à tristeza, mas Paulo vê seus sofrimentos e sacrifício como portas para uma alegria mais profunda em Cristo.

Em Filipenses 2:17, Paulo compara sua experiência de sacrifício com a libação derramada pelo sacerdote (Nm 15:1-10). Havia a possibilidade de Paulo ser condenado em seu julgamento em Roma e executado, mas isso não o privou de sua alegria. Sua morte seria um sacrifício voluntário, um ministério sacerdotal por amor a Cristo e à igreja e, portanto, lhe seria motivo de gozo. O sacrifício e o serviço são característicos da submissão (Fp 2:7, 8, 21, 22, 30), e a pessoa que tem uma atitude submissa experimenta alegria, mesmo em meio ao sofrimento.

É preciso ter fé para exercitar submissão. Devemos crer que as promessas de Deus são verdadeiras e que realizarão em nossa vida a mesma obra que realizaram na vida de Paulo. Deus opera em nós pela Palavra, pela oração e pelo sofrimento, e

sua operação reflete-se na prática e serviço da vida diária. Deus cumpre seus propósitos em nós quando cremos em sua Palavra e a aceitamos. Cristo nos dá o exemplo, e o Espírito Santo nos dá a energia de que precisamos, e o resultado é alegria!

## COLABORADORES INESTIMÁVEIS

FILIPENSES 2:19-30

Um repórter de San Bernardino, Califórnia, contratou um homem para se deitar na sarjeta de uma rua movimentada. Centenas de pessoas passaram por ele, mas nenhuma parou para ajudá-lo nem demonstrou qualquer preocupação!

Alguns anos atrás, os jornais de todo o país noticiaram que 38 pessoas viram um homem seguir e, por fim, atacar uma moça, e nenhuma delas sequer chamou a polícia!

Dois adolescentes de Detroit encontraram em uma cabine telefônica uma mulher que havia tido um ataque cardíaco. Carregaram-na até uma casa na vizinhança onde pediram ajuda. O dono da casa mandou que tirassem aquela mulher de sua varanda e que fossem embora.

Um médico do Estado do Kentucky estava a caminho da casa de um paciente quando viu um acidente na estrada. Parou no local para prestar socorro aos feridos e, depois, seguiu para seu compromisso. Um dos motoristas que ele socorreu o processou!

Será que é possível ser um "bom samaritano" hoje em dia? Será que todos devem endurecer o coração para se proteger? Talvez o sacrifício e o serviço sejam virtudes antigas que não têm mais lugar naquilo que chamamos de civilização moderna. Convém observar que, mesmo no tempo de Paulo, a preocupação mútua não era uma virtude comum. Os cristãos em Roma não estavam muito interessados nos problemas dos filipenses, e Paulo não conseguiu encontrar uma pessoa sequer entre eles que estivesse disposta a ir até Filipos (Fp 2:19-21). Na verdade, as coisas não mudaram muito.

Neste parágrafo, Paulo continua a discorrer sobre a submissão. Já fez uma *descrição* da atitude submissa mediante o exemplo de Jesus Cristo (Fp 2:1-11). Explicou a *dinâmica* da submissão na própria experiência (Fp 2:12-18). E agora, apresenta dois colaboradores de seu ministério, Timóteo e Epafrodito, e o faz por um motivo específico. Sabe que seus leitores poderão dizer: "Jesus Cristo e Paulo são exemplos impossíveis de seguir! Afinal, Jesus é o Filho de Deus, e Paulo é um apóstolo escolhido que vivenciou experiências espirituais extraordinárias". Assim, Paulo apresenta dois "santos comuns", homens que não eram apóstolos nem realizavam grandes sinais e prodígios. Seu desejo é deixar claro que a atitude de submissão não é um luxo desfrutado apenas por uns poucos escolhidos, mas sim uma necessidade para que o cristão tenha alegria, bem como uma oportunidade a *todos* os convertidos.

### 1. TIMÓTEO (FP 2:19-24)

É provável que Paulo tenha encontrado Timóteo em sua primeira viagem missionária (At 14:6ss) e que o rapaz tenha se convertido nessa ocasião (1 Co 4:17). Tudo indica que a mãe e a avó de Timóteo se converteram antes dele (2 Tm 1:3-5). Ele era filho de mãe judia e de pai gentio, mas Paulo o considerava seu "amado filho" (2 Tm 1:2). Quando Paulo voltou de Derbe e Listra em sua segunda viagem missionária, chamou o jovem Timóteo para ser um de seus colaboradores (At 16:1-4). Em certo sentido, Timóteo substituiu João Marcos, o qual Paulo havia se recusado a levar consigo nessa viagem por causa de um incidente anterior em que Marcos havia abandonado seu trabalho (At 13:13; 15:36-41).

Aprendemos, pela experiência de Timóteo, que a atitude de submissão não é algo que surge de modo repentino e automático na vida do cristão. Timóteo teve de desenvolver e de cultivar a "mente de Cristo". Não tinha uma inclinação natural para servir, mas, ao longo de sua caminhada com o Senhor e de seu trabalho com Paulo, tornou-se um servo no qual Paulo poderia confiar e que

Deus poderia abençoar. Observe algumas características desse rapaz.

**Pensava como servo (vv. 19-21).** Em primeiro lugar, Timóteo demonstrava preocupação natural pelas pessoas e por suas necessidades. Não estava interessado em “fazer amigos e influenciar pessoas”; importava-se sinceramente com o bem-estar físico e espiritual dos outros. Paulo preocupava-se com a igreja de Filipos e desejava enviar alguém para transmitir essa preocupação e descobrir exatamente o que se passava ali. Por certo, havia centenas de cristãos em Roma (Paulo saúda 26 pelo nome em Rm 16); no entanto, nenhum deles se mostrou disposto a fazer essa viagem! “Todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus” (Fp 2:21). Em certo sentido bastante real, todos vivemos em Filipenses 1:21 ou em Filipenses 2:21!

Mas Timóteo importava-se com o bem-estar de seus semelhantes e pensava como servo. É uma pena que os cristãos de Roma estivessem tão envolvidos com os próprios problemas e desavenças (Fp 1:15, 16) a ponto de não ter tempo para a obra importante do Senhor. Essa uma das grandes tragédias causadas pelos problemas internos das igrejas; eles consomem tempo, energia e preocupação que deveriam estar sendo dedicados a coisas mais essenciais. Timóteo não estava interessado em apoiar um partido nem em promover alguma causa que provocasse divisões, mas apenas na situação espiritual do povo de Deus; e essa preocupação lhe ocorria *naturalmente*. De que maneira essa preocupação espontânea se desenvolveu? A resposta encontra-se na característica seguinte desse jovem extraordinário.

**Havia sido treinado como servo (v. 22).** Paulo não colocou Timóteo em sua “equipe” no mesmo dia em que o rapaz se converteu. O apóstolo era sábio demais para cometer um erro desses. Ele o deixou como membro da igreja de Derbe e Listra, uma congregação onde Timóteo cresceu nas coisas espirituais e aprendeu como servir ao Senhor. Quando Paulo voltou à região alguns anos depois, descobriu com grande alegria que “davam bom testemunho [de

Timóteo] os irmãos em Listra e Icônio” (At 16:2). Anos depois, Paulo escreveu a Timóteo sobre a importância de permitir que os novos convertidos cresçam antes de colocá-los em cargos de maior responsabilidade no ministério (1 Tm 3:6, 7).

Um cantor famoso de casas noturnas visitou um pastor e anunciou que havia sido salvo e desejava servir ao Senhor.

– O que devo fazer agora? – perguntou o recém-convertido.

– Bem, sugiro que você comece a participar de uma igreja séria e comece a crescer – disse o pastor, e, depois, perguntou: – Sua esposa é cristã?

– Não – respondeu o cantor. – Espero ganhá-la para Cristo. Mas será que devo esperar? Gostaria de fazer algo para Deus de imediato.

– Você não precisa esperar para testemunhar de Cristo – explicou o pastor. – Envolve-se com o trabalho da igreja e use seus talentos para Cristo.

– Mas você não sabe quem sou eu? – protestou o homem. – Eu sou um cantor famoso... Todos me conhecem. Quero começar minha própria organização, gravar discos, me apresentar para multidões...

– Se você se precipitar, pode acabar fazendo mal a si mesmo e ao seu testemunho – disse o pastor. – E o melhor lugar para começar a ganhar almas para Cristo é seu próprio lar. Deus lhe dará oportunidades de servir quando você estiver preparado. Enquanto isso, estude a Palavra e dê a si mesmo a chance de crescer.

O homem não seguiu o conselho do pastor. Em vez disso, criou uma grande organização e começou a trabalhar por conta própria. Seu “sucesso” durou menos de um ano. Não apenas perdeu seu testemunho, porque não teve forças para carregar os fardos pesados da obra que se dispôs a realizar, como também se afastou da esposa e do restante da família por causa de suas viagens freqüentes. Acabou ingressando em uma “comunidade alternativa” e, falido e humilhado, desapareceu do ministério público.

– Seus galhos espalharam-se demais enquanto as raízes não eram profundas –,

comentou um pastor. – Quando isso acontece, a árvore tomba.

Paulo não cometeu esse erro com Timóteo. Deu-lhe tempo para desenvolver raízes profundas e, depois, chamou o rapaz para acompanhá-lo em suas viagens missionárias. Ensinou a Palavra a Timóteo e deixou que ele observasse como realizava seu ministério apostólico na prática (2 Tm 3:10-17). Foi assim que Jesus treinou seus discípulos. Junto com a instrução pessoal, deu-lhes oportunidades práticas de ganhar experiência. A experiência sem instrução pode gerar desânimo, e a instrução sem experiência pode gerar inatividade espiritual. As duas coisas são importantes.

**Recebeu a recompensa de servo (vv. 23, 24).** Timóteo sabia, por experiência própria, o que significava sacrificar-se e servir (Fp 2:17), mas Deus o recompensou por sua fidelidade. Em primeiro lugar, Timóteo teve a alegria de ajudar a outros. Por certo, houve tribulações e dificuldades, mas também houve bênçãos e vitórias. Pelo fato de Timóteo ser um “servo bom e fiel” (Mt 25:21), teve a alegria de trabalhar com o grande apóstolo Paulo e ajudá-lo em algumas de suas incumbências mais difíceis (1 Co 4:17ss; Timóteo é mencionado pelo menos 24 vezes nas epístolas de Paulo).

Mas talvez a maior recompensa que Deus deu a Timóteo foi tê-lo escolhido para ser substituto de Paulo quando o apóstolo foi chamado para junto do Senhor (ver 2 Tm 4:1-11). Paulo desejava ir a Filipos pessoalmente, mas teve de enviar Timóteo em seu lugar. Uma honra e tanto! Timóteo não apenas serviu a Paulo e foi como um filho para ele, mas também assumiu seu lugar! Hoje, cristãos de toda parte o têm em alta consideração, algo que o jovem Timóteo jamais imaginou enquanto estava ocupado servindo a Cristo.

Não é possível gerar uma atitude submissa com uma hora de sermão, uma semana de retiro espiritual ou mesmo um ano de serviço. Como no caso de Timóteo, a submissão desenvolve-se dentro de nós à medida que nos entregamos ao Senhor e procuramos servir aos outros.

## 2. EPAFRODITO (Fp 2:25-30)

Paulo era um “hebreu de hebreus”. Timóteo era parte judeu e parte gentio (At 16:1). E, tanto quanto sabemos, Epafrodito era inteiramente gentio; era membro da igreja de Filipos e arriscou a saúde e a vida para levar a oferta missionária dos filipenses ao apóstolo em Roma (Fp 4:18). Seu nome significa “agradável”, um adjetivo que condiz com esse cristão!

**Era um cristão equilibrado (v. 25).** Paulo não se cansa de falar de Epafrodito: “meu irmão, cooperador e companheiro de lutas”. Essas descrições são paralelas ao que o apóstolo escreveu sobre o evangelho no primeiro capítulo desta epístola:

“meu irmão”	a “cooperação no evangelho” (Fp 1:5);
“cooperador”	o “progresso do evangelho” (Fp 1:12);
“companheiro de lutas”	a “fé evangélica” (Fp 1:27).

Epafrodito era um cristão equilibrado

O equilíbrio é importante para a vida cristã. Alguns enfatizam tanto a “comunhão” que se esquecem do progresso do evangelho. Outros se encontram de tal modo envolvidos com a defesa da “fé evangélica” que não desenvolvem a comunhão com outros cristãos. Epafrodito não caiu nessas armadilhas. Era como Neemias, o homem que reconstruiu os muros de Jerusalém segurando a pá em uma das mãos e a espada na outra (Ne 4:17). Não podemos construir com uma espada nem combater com uma pá! Precisamos desses dois instrumentos para realizar a obra do Senhor.

**Era um cristão interessado pelo próximo (vv. 26, 27, 30).** Como Timóteo, Epafrodito se preocupava com os semelhantes. Em primeiro lugar, demonstrou sua preocupação por Paulo. Quando a notícia de que Paulo era prisioneiro em Roma chegou a Filipos, Epafrodito se ofereceu para fazer a viagem longa e perigosa até a capital do império, ficar ao lado de Paulo e ajudá-lo. Levou consigo a oferta de amor da igreja, protegendo-a com a própria vida.

As igrejas de hoje precisam de homens e mulheres que se preocupem com as missões em locais mais difíceis do serviço cristão. Nas palavras de um líder missionário: "O maior problema em nossas igrejas é que temos espectadores demais e participantes de menos". Epafrodito não se contentou apenas em contribuir financeiramente. Ofereceu a *si mesmo* para ajudar a levar a contribuição arrecadada!

Mas Epafrodito também se preocupava com *sua congregação local*. Depois de chegar a Roma, caiu doente com uma enfermidade grave e quase morreu. Em função disso, teve de adiar a volta a Filipos, deixando apreensivos os membros de sua igreja. Epafrodito não se afligiu com a própria situação, mas com a *preocupação dos cristãos de Filipos!* Vivia de acordo com Filipenses 1:21, e não de acordo com Filipenses 2:21. Como Timóteo, demonstrava preocupação natural pelo próximo. O termo "angustiado", em Filipenses 2:26, é o mesmo usado para descrever Cristo no Getsêmani (Mt 26:37). Como Cristo, Epafrodito sabia o significado do sacrifício e do serviço (Fp 2:30), as duas características marcantes da atitude submissa.

***Era um cristão abençoado (vv. 28-30).*** Como seria triste viver uma vida inteira sem ser bênção para alguém! Epafrodito foi uma

bênção para Paulo. Ficou com ele na prisão e não permitiu que a própria enfermidade atrapalhasse seu serviço. Ele e Paulo devem ter passado bons momentos juntos! Além disso, foi uma bênção para a própria igreja. Paulo admoestou a igreja a honrá-lo por seu sacrifício e serviço (Cristo recebe a glória, mas não há nada de errado em um servo receber honra; ver 1 Ts 5:12, 13). Não há contradição alguma entre Filipenses 2:7 ("a si mesmo se esvaziou") e Filipenses 2:29 ("e honrai sempre a homens como esse"). Cristo "se esvaziou" em seu ato bondoso de humilhação, e Deus o exaltou. Epafrodito sacrificou-se sem visar qualquer recompensa, e Paulo incentivou a igreja a honrá-lo para a glória de Deus.

Epafrodito foi uma bênção para Paulo e para a própria igreja, assim como é uma bênção *para nós hoje!* Ele é prova de que a vida alegre é uma vida de serviço e de sacrifício e de que a atitude de submissão é eficaz. Juntos, ele e Timóteo são um estímulo para que nos sujeitemos ao Senhor e uns aos outros no Espírito de Cristo. Jesus Cristo é o Exemplo que devemos seguir. Paulo mostra o poder (Fp 4:12-19); Timóteo e Epafrodito são a prova de que essa atitude funciona.

Você está disposto a deixar que o Espírito reproduza em você "a mente de Cristo"?

# APRENDENDO A CONTAR

## FILIPENSES 3:1-11

Assim como as circunstâncias e as pessoas, as coisas também podem roubar nossa alegria e é sobre esse “ladrão” que Paulo fala em Filipenses 3. É importante entender a mensagem geral deste capítulo antes de examiná-lo em detalhes, de modo que o esboço abaixo pode ser proveitoso.

Versículos 1-11	Versículos 12-16	Versículos 17-21
O passado de Paulo	O presente de Paulo	O futuro de Paulo
O contador “Considero”	O atleta “Prossigo”	O estrangeiro “Aguardo”
Novos valores	Novo vigor	Nova visão

O que Paulo está descrevendo é a “disposição espiritual”. Em Filipenses 3:18, 19, fala dos que se dizem cristão e “só se preocupam com as coisas terrenas”, mas em Filipenses 3:20, descreve o cristão autêntico que “pensa nas coisas do alto”. Convém lembrar que a cidade de Filipos era, na verdade, uma colônia romana, uma “Roma fora de Roma”. Nesse mesmo sentido, o povo de Deus é uma colônia do céu na Terra. “Nossa pátria está nos céus” (Fp 3:20), e olhamos para a Terra do ponto de vista do céu. Essa é disposição espiritual.

É fácil envolver-se com as “coisas” – não apenas as tangíveis e visíveis, mas também as intangíveis, como reputação, fama, realizações. Paulo escreve sobre “o que, para mim, era lucro” (Fp 3:7); e também fala das “coisas que para trás ficam” e das “que diante de mim estão” (Fp 3:13). No caso de Paulo, algumas dessas “coisas” eram intangíveis, como, por exemplo, suas realizações

no âmbito religioso (Gl 1:14), sua presunção e moralidade. Podemos cair na armadilha tanto das coisas tangíveis como das intangíveis e, como resultado, perder a alegria.

Mas as coisas tangíveis não são, em si mesmas, pecaminosas. Deus criou todas as coisas, e a Bíblia declara que são boas (Gn 1:31). Deus sabe que precisamos de certas coisas para viver (Mt 6:31-34). Na verdade, ele “tudo nos proporciona ricamente para o nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). Mas Jesus adverte que a vida não consiste na abundância das coisas que possuímos (Lc 12:15). A quantidade não garante qualidade. Muitas pessoas têm as coisas que o dinheiro pode comprar, mas perderam as coisas que o dinheiro não pode comprar.

A palavra-chave em Filipenses 3:1-11 é “considerar” (Fp 3:7, 8, 13). No grego, são usadas duas palavras diferentes, mas a idéia é a mesma: “avaliar, analisar”. “A vida que não é examinada não é digna de ser vivida”, disse Sócrates. No entanto, poucas pessoas se dão ao trabalho de examinar com seriedade os valores que controlam suas decisões e rumos. Hoje em dia, muitos são escravos das “coisas” e, como resultado, não apresentam a verdadeira alegria cristã.

No caso de Paulo, as “coisas” em função das quais ele vivia antes de conhecer a Cristo pareciam extremamente louváveis: uma vida reta, obediência à Lei, a defesa da religião de seus antepassados. Mas nenhuma dessas coisas lhe dava satisfação nem o tornava aceitável diante de Deus.

Como a maioria dos religiosos de hoje, Paulo tinha moralidade *suficiente* para não se colocar em situações difíceis, mas *insuficiente* para levá-lo ao céu! Não eram as coisas ruins que mantinham Paulo afastado de Jesus, mas sim eram as coisas boas! Ele teve de perder sua “religião” para encontrar a salvação.

Um dia, o rabino Saulo de Tarso encontrou-se com Jesus Cristo, o Filho de Deus; nesse dia, os valores de Saulo mudaram (ver At 9:1-31). Quando Saulo fez um balanço do seu livro-caixa para avaliar sua riqueza, descobriu que, em Jesus Cristo, tudo pelo que havia vivido não passava de refugo.



Nesta seção, o apóstolo explica que existem apenas dois tipos de justiça: pelas obras e pela fé, e somente a justiça pela fé é aceitável a Deus.

### 1. A JUSTIÇA PELAS OBRAS (FP 3:1-6)

**A exortação (vv. 1-3).** A expressão “quanto ao mais”, no versículo 1, não indica que Paulo está preste a encerrar a carta, pois ele continua escrevendo. Antes, serve para dar início a uma nova sessão. Paulo já havia advertido os filipenses anteriormente, mas volta a alertá-los: “Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão!” A quem ele está se referindo nessa advertência tripla? A resposta remete à história do início da Igreja.

Desde o princípio, o evangelho foi dado “primeiramente a vós outros [os judeus]” (ver At 3:26; Rm 1:16), de modo que os sete primeiros capítulos do Livro de Atos falam somente de cristãos judeus ou de gentios prosélitos (At 2:10). Em Atos 8:5-25, a mensagem é levada a Samaria, o que não causou grande polêmica, uma vez que os samaritanos eram, pelos menos em parte, judeus. A discórdia começa quando Pedro leva o evangelho aos gentios em Atos 10. Ele é convocado, oficialmente, a prestar contas de suas atividades (At 11). Afinal, os gentios, em Atos 10, se converteram à fé cristã *sem aderirem antes ao judaísmo*, acontecimento inteiramente novo na Igreja. Pedro explicou que Deus o havia orientado a pregar aos gentios, e tudo indicava que a questão havia sido resolvida.

Mas essa trégua não durou muito tempo. Paulo foi enviado pelo Espírito Santo a ministrar especificamente aos gentios (At 13:1-3; 22:21). Pedro havia aberto a porta da fé aos gentios em Atos 10, e Paulo seguiu seu exemplo na primeira viagem missionária (ver At 14:26-28). Não tardou para que os cristãos judeus mais rígidos se opusessem ao ministério de Paulo e fossem a Antioquia ensinar que era necessário os gentios se sujeitarem às regras do judaísmo a fim de serem salvos (At 15:1). A assembléia em Jerusalém, descrita em Atos 15, foi realizada para tratar desse desentendimento. O resultado

da assembléia foi a aprovação do ministério de Paulo e a vitória do evangelho da graça de Deus. Os gentios *não* precisavam tornar-se prosélitos a fim de se converterem ao cristianismo.

Os dissidentes, porém, não se deram por satisfeitos. Depois do insucesso de sua oposição a Paulo em Antioquia e em Jerusalém, seguiram o apóstolo por toda parte tentando roubar seus convertidos e suas igrejas. Os estudiosos da Bíblia chamam esse grupo de falsos mestres que tentavam misturar a Lei e a graça de “judaizantes”. A Epístola aos Gálatas foi escrita, principalmente, para combater esses falsos ensinamentos. É a esse grupo de judaizantes que Paulo faz referência em Filipenses 3:1, 2, usando três termos para descrevê-los.

“Cães.” O judeu ortodoxo costumava chamar o gentio de “cão”, mas Paulo chama os judeus ortodoxos de “cães”! O objetivo do apóstolo não é insultar esses falsos mestres judeus, mas sim compará-los aos animais carniceiros que as pessoas decentes consideravam tão desprezíveis. Como cães, esses judaizantes mordiam os calcanhares de Paulo e o seguiam de um lugar para outro ladrando suas falsas doutrinas. Eram agitadores e infectavam as vítimas com idéias perigosas.

“*Maus obreiros.*” Esses homens ensinavam que a salvação do pecador dava-se pela fé *mais* as boas obras, especialmente as obras da Lei. Mas Paulo declara que suas “boas obras”, na verdade, são obras *perver-*sas, pois são realizadas pela carne (velha natureza), não pelo Espírito, glorificando ao obreiro, não a Jesus Cristo. Efésios 2:8-10 e Tito 3:3-7 deixam claro que ninguém pode ser salvo por suas boas obras, mesmo que estas sejam de cunho religioso. As boas obras de um cristão constituem consequência de sua fé, não os alicerces de sua salvação.

“*Falsa circuncisão.*” No original, Paulo faz um jogo de palavras com o termo “circuncisão”. A palavra traduzida por “falsa circuncisão” significa, literalmente, “mutilação”. Os judaizantes acreditavam que a circuncisão era essencial para a salvação (At 15:1; Gl 6:12-18); mas Paulo afirma que a circuncisão

em si não passa de mutilação! A verdadeira experiência cristã é uma circuncisão espiritual em Cristo (Cl 2:11), não requer uma operação física. A circuncisão, o batismo, a Ceia do Senhor, o dízimo, bem como qualquer outra prática religiosa, não são capazes de salvar o ser humano de seus pecados. Somente a fé em Jesus Cristo pode salvar.

Em um contraste com os falsos cristãos, Paulo descreve os cristãos autênticos, a “verdadeira circuncisão” (para um texto paralelo, ver Rm 2:25-29).

*Ele adora a Deus no Espírito.* Não depende das próprias boas obras, que são apenas obras da carne (ver Jo 4:19-24).

*Ele se gloria em Jesus Cristo.* Quem depende da religião costuma gloriar-se do que fazem. O verdadeiro cristão não tem motivo algum para gloriar-se (Ef 2:8-10). Toda a sua glória está em Cristo! Em Lucas 18:9-14, Jesus propõe uma parábola que descreve essas duas atitudes opostas.

*Ele não confia na carne.* De acordo com a filosofia religiosa em voga hoje, “Deus ajuda a quem se ajuda”. Essa idéia também era comum no tempo de Paulo e é tão errada hoje quando era naquela época (Paulo usa o termo “carne” para designar a “velha natureza” que recebemos em nosso nascimento). A Bíblia não tem coisa alguma positiva a dizer a respeito da “carne”, e, no entanto, quase todas as pessoas hoje se fiam inteiramente naquilo que elas próprias são capazes de fazer para agradar a Deus. A carne apenas corrompe os desígnios de Deus na Terra (Gn 6:12). No que se refere à vida espiritual, não serve para coisa alguma (Jo 6:63) e não tem nada de bom em si (Rm 7:18). Não é de se admirar que não devemos confiar na carne!

Uma senhora discutia com seu pastor a questão da fé e das obras.

– Creio que alcançar o céu é como remar um barco – disse a mulher. – Um remo representa a fé, o outro, as obras. Quando usamos os dois juntos, conseguimos chegar aonde queremos. Quando usamos apenas um, nos movemos em círculos.

– Sua ilustração só tem um problema – respondeu o pastor. – Ninguém vai para o céu num barco a remo!

Há somente uma “boa obra” que pode levar o pecador para o céu: a obra que Cristo consumou na cruz (Jo 7:1-4; 19:30; Hb 10:11-14).

*O exemplo (vv. 4-6).* Paulo não está falando em termos hipotéticos; *sabia* por experiência própria como era inútil tentar obter a salvação por meio das boas obras. Quando era um jovem estudante, assentara-se aos pés do grande rabino Gamaliel (At 22:3). Tinha diante de si uma carreira promissora como líder religioso judeu (Gl 1:13, 14); no entanto, abriu mão de tudo isso para se tornar um membro odiado da “seita cristã” e pregador do evangelho! Na verdade, os judaizantes faziam concessões indevidas a fim de evitar a perseguição (Gl 6:12, 13), enquanto Paulo era fiel à mensagem da graça de Cristo e, como resultado, estava sendo perseguido.

Nesta seção extremamente autobiográfica, Paulo examina a própria vida. Ele se torna um “auditor” que confere os livros-caixa para ver quanta riqueza tem e descobre que *está falido!*

*A relação de Paulo com a nação.* Ele nasceu em uma família hebraica pura e, quando foi circuncidado, passou a fazer parte de uma aliança. Não era um prosélito nem tampouco um descendente de Ismael (o outro filho de Abraão) ou de Esaú (o outro filho de Isaque). Os judaizantes entenderiam a referência de Paulo à tribo de Benjamim, pois Benjamim e José eram os filhos prediletos de Jacó. Havia nascido de Raquel, sua esposa mais amada. O primeiro rei de Israel era da tribo de Benjamim, e essa pequena tribo permaneceu fiel a Davi durante a rebelião de Absalão. O legado humano que Paulo havia recebido era algo de que poderia se orgulhar! Ao ser medido por esse parâmetro, ele era impecável.

*A relação de Paulo com a Lei.* “Quanto à lei, fariseu, [...] quanto à justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3:5, 6). Para os judeus do tempo de Paulo, o fariseu era o que havia alcançado o ápice da experiência religiosa, o ideal mais elevado que um judeu poderia almejar. Se alguém era digno de ir para o céu, esse alguém era o fariseu! Guardava a

doutrina ortodoxa (ver At 23:6-9) e tentava cumprir fielmente todos os deveres religiosos (Lc 18:10-14). Apesar de, hoje em dia, empregar-se o termo “fariseu” em referência a pessoas hipócritas, esse não era o uso comum da palavra no tempo de Paulo. Ao ser medido pela justiça da Lei, Paulo era irrepreensível. Guardava a Lei e as tradições perfeitamente.

A relação de Paulo com os inimigos de Israel. Mas não basta crer na verdade; também é preciso opor-se às mentiras. Paulo defendia sua fé ortodoxa perseguindo os seguidores “[daquele] embusteiro”, Jesus (Mt 27:62-66). Ele participou do apedrejamento de Estêvão (At 7:54-60) e, depois disso, liderou os ataques contra a Igreja em geral (At 8:1-3). Mesmo anos depois, Paulo reconheceu seu papel na perseguição da Igreja (At 22:1-5; 26:1-11; ver também 1 Tm 1:12-16). Todo judeu podia de vangloriar de sua linhagem (ainda que não pudesse assumir o crédito por isso). Alguns judeus, podiam vangloriar-se de sua dedicação à religião judaica. Mas Paulo podia vangloriar-se de tudo isso e também de seu zelo em perseguir a Igreja.

A essa altura, podemos perguntar: “Como era possível um homem tão sincero quanto Saulo de Tarso estar tão errado?” A resposta é simples: *ele usou os parâmetros errados!* Como o jovem rico (Mc 10:17-22) e o fariseu na parábola de Jesus (Lc 18:10-14), Saulo de Tarso olhava para o ser exterior, não para o ser interior. Comparava-se a padrões definidos por homens, não por Deus. No que se referia a seu cumprimento exterior dos requisitos da Lei, Paulo era impecável, mas se esqueceu de considerar os pecados interiores que cometia. No Sermão do Monte, Jesus deixa claro que, além dos atos pecaminosos, também existem atitudes e apetites pecaminosos (Mt 5:21-48).

Ao olhar para si mesmo ou para os outros, Saulo de Tarso considerava-se justo. Mas, um dia, enxergou a si mesmo em comparação com Jesus Cristo! Foi então que mudou seus parâmetros e valores e abandonou a “justiça pelas obras” em troca da justiça em Jesus Cristo.

## 2. A JUSTIÇA PELA FÉ (Fp 3:7-11)

Quando Paulo se encontrou com Jesus Cristo na estrada para Damasco (At 9), creu em Jesus e se tornou um filho de Deus. Foi um milagre instantâneo da graça de Deus, do mesmo tipo que acontece hoje, quando os pecadores reconhecem sua necessidade e se voltam para o Salvador pela fé. Quando Paulo teve seu encontro com Cristo, percebeu como suas boas obras eram fúteis e como sua suposta justiça era pecaminosa, e uma transação maravilhosa ocorreu. Paulo perdeu algumas coisas, mas ganhou muito mais do que havia perdido!

**As perdas de Paulo (v. 7).** Para começar, ele perdeu tudo o que era *lucro para ele pessoalmente sem Deus*. Por certo, Paulo tinha uma excelente reputação como estudioso (At 26:24) e líder religioso. Orgulhava-se de sua herança judaica e de suas realizações religiosas. Todas essas coisas lhe eram preciosas e lhe traziam benefícios. Sem dúvida, tinha muitos amigos que admiravam seu zelo. Mas ao comparar esses tesouros com aquilo que Jesus Cristo poderia oferecer, Paulo percebeu que todas as coisas que lhe eram mais caras não passavam de “refugo”. Os próprios “tesouros” davam-lhe glória pessoal, mas não glorificavam a Deus. Constituíam “lucro” somente para ele, portanto eram egoístas.

Isso não significa que Paulo repudiasse sua rica herança como judeu ortodoxo. Ao ler as cartas do apóstolo e acompanhar seu ministério no Livro de Atos, vemos como ele estimava tanto seu sangue judeu quanto sua cidadania romana. Converter-se ao cristianismo não o tornou *menos* judeu. Na verdade, fez dele um judeu *completo*, um verdadeiro filho de Abraão, tanto em termos espirituais quanto físicos (Gl 3:6-9). Ele também não rebaixou seus padrões de moralidade ao perceber como a religião farisaica era superficial. Em vez disso, aceitou o padrão ainda *mais elevado* de vida – a conformidade com Jesus Cristo (Rm 12:1, 2). Quando uma pessoa torna-se cristã, Deus remove o que é pernicioso e aperfeiçoa tudo o que é bom.

**Os lucros de Paulo (vv. 8-11).** Mais uma vez, somos lembrados das palavras de Jim

Elliot: "Sábio é aquele que dá o que não pode guardar a fim de ganhar o que não pode perder". Essa foi a experiência de Paulo: perdeu sua religião e reputação, mas ganhou muito mais do que perdeu.

O *conhecimento de Cristo* (v. 8). Trata-se de algo muito maior do que o conhecimento sobre Cristo, pois Paulo possuía esse tipo de informação histórica antes de ser salvo. Ter "conhecimento de Cristo" significa ter um relacionamento pessoal com ele pela fé. É essa experiência que Jesus menciona em João 17:3. Sabemos muita coisa sobre muita gente, até mesmo sobre pessoas que viveram séculos atrás, mas são poucos os que conhecemos pessoalmente. "O cristianismo é Cristo." A salvação é conhecer a Cristo de maneira pessoal.

A *justiça de Cristo* (v. 9). Quando Paulo era fariseu, a justiça era o grande objetivo de sua vida, mas era uma justiça própria e por obras, algo que ele jamais conseguiria obter completamente. Mas quando Paulo creu em Cristo, perdeu essa justiça própria e ganhou a justiça de Cristo. O termo técnico para essa transação é *imputação* (ver com atenção Rm 4:1-8) e significa "depositar na conta de alguém". Paulo olhou para a própria "conta bancária" e descobriu que estava espiritualmente falido. Olhou para a de Cristo e viu que o Senhor era perfeito. Quando Paulo aceitou a Cristo, descobriu que Deus havia depositado a justiça de Cristo em sua conta! Descobriu também que seus pecados haviam sido colocados na conta de Cristo na cruz (2 Co 5:21). E Deus prometeu ao apóstolo que jamais imputaria contra ele suas transgressões. Que experiência maravilhosa da graça de Deus!

Romanos 9:30 a 10:13 é uma passagem paralela a ser lida com bastante atenção. O que Paulo diz sobre a nação de Israel vale para a própria vida dele antes de ser salvo. Também vale para muitos religiosos de hoje; recusam abrir mão da própria justiça para receber o dom gratuito da justiça de Deus. Muitos religiosos sequer admitem que *precisam* de qualquer justiça. Como Saulo de Tarso, usam a si mesmas ou aos Dez Mandamentos como parâmetro e não conseguem

ver a *interioridade* do pecado. Paulo teve de abrir mão de sua religião para receber a justiça, mas não considerou isso um sacrifício.

A *comunhão de Cristo* (vv. 10, 11). Para Paulo, sua conversão não foi o fim, mas sim o começo. Sua experiência com Cristo foi tão extraordinária que transformou sua vida. E essa experiência continuou ao longo dos anos subsequentes. Foi uma experiência pessoal ("para o conhecer"), à medida que o apóstolo caminhou com Cristo, orou, obedeceu à sua vontade e procurou glorificar seu nome. Quando vivia debaixo da Lei, tudo o que Paulo tinha a seu dispor era uma série de regras. Mas em Cristo, tinha um Amigo, um Mestre, um Companheiro constante! Também foi uma experiência poderosa ("e o poder da sua ressurreição"), à medida que o poder da ressurreição de Cristo passou a operar na vida do apóstolo. "Cristo vive em mim" (Gl 2:20). Podemos ler sobre as convicções de Paulo acerca do poder da ressurreição de Cristo e daquilo que ele é capaz de fazer na vida dos cristãos em Efésios 1:15-23 e 3:13-21.

Além disso, foi uma experiência *dolorosa* ("e a comunhão dos seus sofrimentos"). Paulo sabia que era um privilégio sofrer por Cristo (Fp 1:29, 30). Na verdade, o sofrimento havia estado presente nessa experiência desde o princípio (At 9:16). Ao crescer em nosso conhecimento de Cristo e em nossa experiência de seu poder, sofremos ataques do inimigo. Paulo, que em outros tempos havia sido o perseguidor, aprendeu o que significava ser perseguido. Mas valeu a pena, pois andar com Cristo também foi uma experiência *prática* para ele ("conformando-me com ele na sua morte"). Paulo viveu para Cristo porque morreu para si mesmo (Rm 6 explica essa verdade); tomou sua cruz diariamente e seguiu seu Mestre. O resultado dessa morte foi uma ressurreição espiritual (Fp 3:11) que levou Paulo a andar "em novidade de vida" (Rm 6:4). O apóstolo resume sua experiência toda em Gálatas 2:20, de modo que convém ler esse versículo.

Sem dúvida, Paulo ganhou muito mais do que perdeu. Seus lucros foram tão admiráveis que, em termos comparativos, o apóstolo

considerou que todas as outras "coisas" não passavam de refugo! Não é de se admirar que tivesse alegria - sua vida não dependia das "coisas" baratas do mundo, mas sim dos valores eternos que se encontram em Cristo. Paulo possuía uma "disposição espiritual" e olhava para as "coisas" da Terra do ponto de vista do céu. Quem vive em função das "coisas" jamais encontra a felicidade verdadeira, pois precisa sempre

proteger seus tesouros e se preocupar se seus bens estão desvalorizando. O mesmo não acontece com o cristão que tem uma disposição espiritual; seus tesouros em Cristo não podem ser roubados e nunca perdem o valor.

Talvez seja um bom momento de você se transformar em um contador e fazer um balanço em sua vida, de modo a determinar o que é mais importante para você.

## VAMOS VENCER A CORRIDA!

FILIPENSES 3:12-16

A maioria das pessoas lê biografias para satisfazer a curiosidade a respeito de grandes nomes, na esperança de descobrir o "segredo" de sua grandeza. Lembro-me de participar de um congresso em que um médico idoso prometeu contar o segredo de sua vida longa e saudável. (Ele havia sido médico de um dos presidentes dos Estados Unidos. Não me lembro de qual, mas, na época, me pareceu que devia ter sido de Washington ou Jefferson.) Esperamos com grande expectativa para descobrir o segredo da longevidade e, no auge da palestra, o médico disse:

- Bebam oito copos de água por dia!

Em Filipenses 3, Paulo apresenta sua biografia espiritual, seu passado (Fp 3:1-11), presente (Fp 3:12-16) e futuro (Fp 3:17-21). Vimos Paulo como o "contador" que descobriu novos valores depois de seu encontro com Jesus Cristo. Nesta seção, o vemos como "atleta", cheio de vigor espiritual, avançando para a linha de chegada da corrida cristã. Na última seção, veremos Paulo como o "estrangeiro", cuja cidadania encontra-se no céu e que aguarda a vinda de Jesus Cristo. Em cada uma dessas experiências, o apóstolo coloca em prática a disposição espiritual; observa as coisas da Terra do ponto de vista de Deus. Em decorrência disso, não se perturba com o que ficou para trás, nem com o que está ao redor ou adiante dele - as coisas não o privam de sua alegria!

Em suas epístolas, Paulo usa várias ilustrações para comunicar a verdade acerca da vida cristã. Quatro tipos de imagens destacam-se em particular: a militar ("Revestivos de toda a armadura"), a arquitetônica

("Habitação de Deus"), a agrícola ("Aquilo que o homem semear, isso também ceifará") e a atlética. Neste parágrafo, Paulo é o atleta. Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto ao esporte específico descrito pelo apóstolo - se é uma corrida a pé ou uma corrida de carros. Na verdade, não faz diferença, mas prefiro a imagem da corrida de carros. O carro grego usado nos Jogos Olímpicos e em outros eventos era, na verdade, uma pequena plataforma com uma roda de cada lado. O condutor não tinha muitos lugares onde se segurar durante o percurso na pista. Precisava inclinar-se para frente e retesar todos os nervos e músculos, a fim de manter o equilíbrio e controlar os cavalos. O verbo "avançar", em Filipenses 3:13, significa, literalmente, "se esticar como quem está em uma corrida".

É importante observar que Paulo não diz como alcançar a salvação. Se fosse o caso, o apóstolo estaria descrevendo a salvação pelas obras ou por esforço próprio, o que seria uma contradição com as palavras dos onze primeiros versículos de Filipenses 3. A fim de participar das competições na Grécia, o atleta deveria ser cidadão grego. Não competia para obter a cidadania. Em Filipenses 3:20, Paulo lembra seus leitores de que "nossa pátria está nos céus". Uma vez que já somos filho de Deus por meio da fé em Cristo, temos a responsabilidade de "completar a carreira" e de alcançar os objetivos que Deus estipulou para nós. Trata-se de uma ilustração clara de Filipenses 2:12, 13: "desenvolvi a vossa salvação [...] porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar". Cada cristão está em uma pista de corrida; cada um tem uma raia específica, dentro da qual deve correr, e cada um tem um objetivo a alcançar. Quem alcançar o objetivo que Deus planejou será recompensado. Quem falhar, perderá a recompensa, mas não a cidadania (ver 1 Co 3:11-15, em que a mesma idéia é apresentada usando uma imagem arquitetônica).

Todos desejamos ser "cristãos vitoriosos" e cumprir os propósitos para os quais fomos salvos. Quais são os elementos essenciais

para vencer a corrida e, um dia, receber a recompensa prometida?

### 1. INSATISFAÇÃO (FP 3:12, 13A)

“Não julgo havê-lo alcançado.” Essa é uma declaração de um cristão consagrado que nunca se deu por satisfeito com suas realizações espirituais. É evidente que Paulo estava satisfeito com Jesus Cristo (Fp 3:10), mas não com a própria vida cristã. Uma “insatisfação santa” é o primeiro elemento essencial para avançar na corrida cristã.

Harry saiu do escritório do gerente com uma expressão tão desconsolada que, por pouco, não fez murchar as rosas na mesa da secretária.

– O que aconteceu? Você foi demitido?  
– perguntou ela.

– Não. Mas ele arrasou comigo por causa de minhas vendas. Não consigo entender; no último mês recebi uma porção de pedidos e pensei que ele me elogiaria. Em vez disso, mandou que eu melhorasse meu desempenho.

Mais tarde, a secretária conversou com o chefe sobre Harry. O chefe riu e disse:

– O Harry é um dos nossos melhores vendedores e não gostaria de perdê-lo. Mas ele tem a tendência de descansar em seus louros e de se contentar com seu desempenho. Se eu não o deixasse irritado comigo uma vez por mês, não venderia tanto.

Muitos cristãos contentam-se com a própria situação, pois comparam sua “carreira” com a de outros cristãos, normalmente com a dos que não fazem grande progresso. Se Paulo tivesse se comparado com outros, seria tentado a se orgulhar e, talvez, a relaxar um pouco. Afinal, eram poucos os cristãos de seu tempo que haviam tido experiências como as dele! Mas Paulo não se comparou com outros; antes, se comparou *consigo mesmo* e com *Jesus Cristo!* O uso dos termos *perfeição* e *perfeitos*, em Filipenses 3:12 e 15, explica seu raciocínio. Ainda não alcançou a perfeição (Fp 3:12), mas já é “perfeito” [maduro] (Fp 3:15), e uma das características dessa maturidade é a consciência da própria *imperfeição!* O cristão maduro faz uma auto-avaliação honesta e se esforça para melhorar.

Em várias ocasiões, a Bíblia adverte sobre o perigo de iludir-se quanto à própria condição espiritual. É dito da igreja de Sardes: “tens nome de que vives e estás morto” (Ap 3:1). Sua reputação não correspondia à realidade. A igreja de Laodicéia vangloriava-se de sua riqueza, mas aos olhos de Deus era “infeliz [...] miserável, pobre, [cega] e [nua]” (Ap 3:17). Ao contrário da igreja de Laodicéia, os cristãos de Esmirna consideravam-se pobres, quando, na verdade, eram ricos! (Ap 2:9). Sansão pensou que ainda tinha força quando, na realidade, a havia perdido (Jz 16:20).

Mas, ao realizar essa auto-avaliação, corre-se o risco de cair em dois extremos: (1) considerar-se *melhor* do que é; ou (2) considerar-se *pior* do que é. Paulo não se enganava a respeito de si mesmo; ainda precisava “prosseguir” a fim de “conquistar aquilo para o que também [foi] conquistado por Cristo Jesus”. Uma insatisfação divina é essencial para o progresso espiritual. “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sl 42:1, 2).

### 2. DEDICAÇÃO (FP 3:13B)

“Uma coisa” – essa é uma expressão importante para a vida cristã. “Só uma coisa te falta”, disse Jesus para o jovem rico que se considerava justo (Mc 10:21). “Pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa”, explicou para Marta quando ela criticou sua irmã (Lc 10:42). “Uma coisa sei”, exclamou o homem que passou a ver pelo poder de Cristo (Jo 9:25). “Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei”, testemunhou o salmista (Sl 27:4). Muitos cristãos estão envolvidos demais com “várias coisas”, quando, na verdade, o segredo do progresso é concentrar-se em “uma coisa”. Foi a partir dessa decisão que a vida de D. L. Moody mudou. Antes do incêndio trágico de Chicago, em 1871, Moody estava envolvido com a divulgação da Escola Bíblica Dominical, com a Associação Cristã de Moços, com encontros evangélicos e com várias outras atividades, mas, depois do

incêndio, tomou o propósito de se dedicar exclusivamente ao evangelismo. A declaração "Mas uma coisa faço" tornou-se realidade para ele e, como resultado, milhões de pessoas ouviram o evangelho.

O cristão deve dedicar-se a "correr a carreira cristã". Nenhum atleta é bem-sucedido ao fazer de tudo; seu sucesso deve-se a sua *especialização*. Existem uns poucos atletas proficientes em vários esportes, mas constituem uma exceção. Os vencedores são os que se concentram e mantêm os olhos fixos em seu objetivo, sem deixar que coisa alguma os distraia. Dedicam-se inteiramente a seu chamado. Como Neemias, o governador que reconstruiu os muros de Jerusalém, respondem aos convites que podem distraí-los dizendo: "Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer" (Ne 6:3). Um "homem de ânimo dobre [é] inconstante em todos os seus caminhos" (Tg 1:8). A concentração é o segredo do poder. Se um rio transborda além de suas margens, a região ao redor transforma-se em um pântano, mas se esse rio é represado e controlado, torna-se fonte de energia. Trata-se única e exclusivamente de uma questão de valores e de prioridades, de viver em função do que é mais importante.

### 3. DIREÇÃO (FP 3:13C)

O incrédulo é controlado pelo passado, mas o cristão que participa da corrida olha para o futuro. Podemos imaginar o que aconteceria em uma corrida, se os condutores dos carros (ou os corredores) comessem a olhar para trás! Se o agricultor que está arando não deve olhar para trás (Lc 9:62), quanto mais o condutor, pois, se o fizer, o resultado poderá ser uma colisão e ferimentos graves.

Estamos acostumados a falar de "passado, presente e futuro", mas devemos imaginar que o tempo flui do futuro para o presente e, então, para o passado. O cristão deve estar voltado para o futuro, "esquecendo-[se] das coisas que para trás ficam". Convém lembrar que, na terminologia da Bíblia, o verbo "esquecer" não significa "deixar de lembrar". A menos que se trate de um caso de senilidade, de hipnose ou de problemas neurológicos,

nenhum indivíduo maduro é capaz de se esquecer do que aconteceu no passado. Às vezes, desejamos ter a capacidade de apagar certas memórias, mas sabemos que isso não é possível. Na Bíblia, "esquecer" significa "não ser mais influenciado ou afetado por algo". Quando Deus promete: "Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre" (Hb 10:17), não está sugerindo que terá uma crise conveniente de memória curta! Isso é impossível para Deus. Antes, está dizendo: "não os acusarei desses pecados; não afetam mais sua situação diante de mim nem influenciam minha atitude para com eles".

Assim, "esquecendo-me das coisas que para trás ficam" não indica uma proeza mental impossível nem um exercício psicológico por meio do qual tentamos apagar os pecados e erros do passado. *Significa, apenas, que quebramos o poder do passado sobre o futuro*. Não é possível mudar o passado, mas mudar seu significado é algo que se pode fazer. Havia coisas no passado de Paulo que talvez servissem de peso para atrasá-lo em sua corrida (1 Tm 1:12-17), mas se tornaram inspirações para fazê-lo correr ainda mais rápido. Os acontecimentos não mudaram, o que mudou foi sua maneira de encará-los.

Um bom exemplo desse princípio é José (Gn 45:1-15). Quando se encontrou com seus irmãos pela segunda vez e lhes revelou sua identidade, não guardou mágoa deles. Sem dúvida, o haviam maltratado, mas ele olhou para o passado do ponto de vista de Deus. Em decorrência disso, não foi capaz de acusar os irmãos de coisa alguma. José sabia que Deus tinha um plano para sua vida - uma carreira para ele completar -, e ao realizar esse plano e olhar para o futuro, rompeu o poder do passado.

Muitos cristãos encontram-se acorrentados aos arrependimentos do passado. Tentam correr para trás! Não é de se admirar que vivam tropeçando e atrapalhando outros corredores! Alguns corredores cristãos distraem-se com os sucessos do passado, não com os fracassos, o que é igualmente prejudicial. "As coisas que para trás ficam" devem



ser deixadas de lado, e “as que diante de mim estão” devem tomar seu lugar.

É possível ter insatisfação, dedicação e direção e, ainda assim, perder a corrida e a recompensa. Há um quarto elemento essencial.

#### 4. DETERMINAÇÃO (Fp 3:14)

“Prossigo!” O mesmo verbo é usado em Filipenses 3:12, e tem o sentido de esforço intenso. Os gregos costumavam usar esse termo para descrever um caçador perseguindo avidamente a presa. Um indivíduo não se torna um atleta vencedor ouvindo palestras, lendo livros ou torcendo em jogos. Antes, o atleta bem-sucedido entra no jogo e se mostra determinado a vencer! O mesmo zelo que Paulo manifestava ao perseguir a Igreja (Fp 3:6) pode ser observado em seu serviço a Cristo. Aliás, não seria maravilhoso se os cristãos demonstrassem tanta determinação em sua vida espiritual quanto demonstram quando vão à academia ou jogam futebol no fim de semana?

Vemos aqui dois extremos a serem evitados: (1) “eu devo fazer tudo!”; e (2) “Deus deve fazer tudo!” O primeiro descreve o ativista; o segundo, o quietista, e os dois estão condenados a fracassar. “Deus cuidará de tudo!” pode ser um lema de efeito, mas não descreve inteiramente o processo da vida cristã. Que capitão diria a seu time:

– Muito bem, pessoal, vamos deixar o técnico cuidar de tudo!

No entanto, nenhum capitão diria aos demais jogadores:

– Ouçam apenas o que eu digo e esqueçam o técnico!

Os dois extremos estão errados.

O corredor cristão com disposição espiritual sabe que Deus deve operar *nele* e capacitá-lo para vencer a corrida (Fp 2:12, 13). “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5). Deus opera *em nós* para que possa operar *por meio de nós*. Quando o indivíduo dedica-se às coisas da vida espiritual, Deus lhe dá maturidade e o fortalece para a corrida. “Exercita-te, pessoalmente, na piedade” (1 Tm 4:7, 8). Alguns cristãos ficam tão ocupados “morrendo para si mesmos”

que não voltam à vida para completar a carreira! Outros estão tão certos de que podem se dar bem sozinhos que nunca fazem uma pausa para ler a Palavra, orar nem pedir o poder do Senhor.

Que alvo é esse rumo ao qual o corredor prossegue com tanta determinação espiritual? “O prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:14). Quando alcançar o alvo, receberá a recompensa! Mais uma vez, Paulo não está sugerindo que o céu se alcança pelo esforço próprio, mas apenas que, assim como o atleta é recompensado por seu desempenho, o cristão fiel também será coroado quando Jesus Cristo voltar. (Ver 1 Co 9:24-27, um texto paralelo, e observar que, ao contrário da corrida em que somente *um* atleta recebe o prêmio, *todos* os cristãos podem receber a recompensa. Além disso, a coroa de louros dos Jogos Olímpicos murchava, mas a coroa que Cristo dá é imarcescível.) O mais importante é alcançar o objetivo que Deus estabeleceu para cada um. Não importa qual seja o sucesso aos olhos dos homens, não haverá recompensa se não “[conquistar] aquilo para o que também [foi] conquistado por Cristo Jesus” (Fp 3:12).

#### 5. DISCIPLINA (Fp 3:15, 16)

Não basta correr com disposição e vencer a corrida; o corredor também deve obedecer às regras. Nos jogos gregos, os juizes eram extremamente rígidos com respeito aos regulamentos, e o atleta que cometesse qualquer infração era desqualificado. Não perdia a cidadania (apesar de desonrá-la), mas perdia o privilégio de participar e de ganhar um prêmio. Em Filipenses 3:15, 16, Paulo enfatiza a importância de os cristãos lembrarem as “regras espirituais” que se encontram na Palavra.

Um dos maiores atletas norte-americanos foi Jim Thorpe. Em 1912, nas Olimpíadas de Estocolmo, ele venceu o pentatlo e o decatlo e foi considerado, inquestionavelmente, o herói dos jogos. Mas, no ano seguinte, os oficiais descobriram que Thorpe havia jogado em um time de basquete semiprofissional, tendo perdido, portanto, sua condição de

amador. Por causa disso, teve de devolver suas medalhas de ouro e seu troféu, e seus recordes olímpicos foram removidos dos registros. Thorpe pagou um alto preço por infringir as regras (o Comitê Olímpico lhe reoutorgou as medalhas em 1985).

Era esse tipo de situação que Paulo tinha em mente em 1 Coríntios 9:24-27: "Todo atleta em tudo se domina" (1 Co 9:25). O atleta que se recusa a treinar é desqualificado, como também o é o atleta que transgride as regras do jogo. "Igualmente, o atleta não é coroado se não lutar segundo as normas" (2 Tm 2:5). Não se trata da opinião *dele* nem da dos *espectadores*, mas sim do que os juízes decidem. Um dia, todo cristão vai se encontrar diante do tribunal de Cristo (Rm 14:10-12). O termo grego para "tribunal" é *bema*, a mesma palavra usada para descrever o lugar onde os juízes olímpicos

entregavam os prêmios! Se nos disciplinarmos a obedecer às regras, receberemos o prêmio.

O relato bíblico é repleto de gente que começou a corrida com grande sucesso, mas que fracassou no final por não atentar para as regras de Deus. Não perderam a salvação, mas perderam a recompensa (1 Co 3:15). Foi o que aconteceu com Ló (Gn 19), Sansão (Jz 16), Saul (1 Sm 28; 31), Ananias e Safira (At 5). E pode acontecer conosco! É empolgante participar diariamente da corrida "olhando firmemente para [...] Jesus" (Hb 12:1, 2). Será ainda mais emocionante ouvir o chamado lá do alto e Jesus voltar para nos levar ao céu! Então, nos veremos diante do *bema* para receber nossa recompensa! Era essa perspectiva futura que motivava Paulo e que também pode servir de motivação para nós.

## VIVENDO NO FUTURO

FILIPENSES 3:17-21

É estranho ver Paulo *chorando* em uma carta cheia de alegria! Talvez esteja se lamentando por si mesmo e por sua situação difícil! Não, ele é um homem de *determinação*, e as circunstâncias não o desanimam. Será que está chorando por causa do que alguns cristãos de Roma faziam com ele? Não, ele tem uma atitude de *submissão* e não permite que as pessoas o privem de sua alegria. Essas lágrimas não são por si mesmo, mas por outros. Uma vez que Paulo tem *disposição espiritual*, encontra-se profundamente entristecido pelo modo de vida de alguns que se dizem cristãos, pessoas que “se preocupam com as coisas terrenas”.

Apesar de não ser possível afirmar com certeza, é bem provável que Filipenses 3:18, 19 seja uma descrição dos judaizantes e de seus seguidores. Sem dúvida, Paulo está escrevendo sobre cristãos professos, não sobre gente de fora da igreja. Os judaizantes eram “inimigos da cruz de Cristo”, pois acrescentavam a Lei de Moisés à obra da redenção que Cristo havia realizado na cruz. Por causa de sua obediência às leis alimentares do Antigo Testamento, pode-se dizer que “o deus deles é o ventre” (ver Cl 2:20-23); e sua ênfase sobre a circuncisão corresponderia a glorificar-se em algo que deveria ser motivo de vergonha (ver Gl 6:12-15). Esses indivíduos não tinham disposição espiritual, mas sim inclinação para as coisas terrenas. Apegavam-se a credos religiosos e a rituais terrenos que Deus havia dado a Israel e se opunham às bênçãos que o cristão tem em Cristo (Ef 1:3; 2:6; Cl 3:1-3).

O adjetivo “espiritual” é usado tão indevidamente quanto o termo “comunhão”. Muita gente acredita que o “cristão espiritual” é místico, distante, sem qualquer senso prático e dado a devaneios. Quando ora, sua voz adquire um tom lúgubre e trêmulo e faz grandes esforços para informar a Deus coisas que ele já sabe. Infelizmente, esse tipo de piedade fervorosa é um péssimo exemplo do que vem a ser a verdadeira espiritualidade. A pessoa que possui uma disposição espiritual não precisa ser mística nem deixar de ser prática. Pelo contrário, a disposição espiritual leva o cristão a pensar com mais clareza e a fazer as coisas com mais eficiência.

Ter “disposição espiritual” significa, simplesmente, olhar para a Terra do ponto de vista do céu. “Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3:2). D. L. Moody costumava repreender os cristãos por “pensarem tanto no céu a ponto de não valerem coisa alguma na Terra”, e sua exortação continua sendo pertinente. Os cristãos possuem dupla cidadania – celestial e terrena –, e nossa cidadania no céu deve nos tornar pessoas melhores na Terra. O cristão com disposição espiritual não se sente atraído pelas “coisas” deste mundo. Toma suas decisões com base em valores eternos, não nos modismos passageiros da sociedade. Por causa de seus valores terrenos, Ló escolheu as planícies irrigadas do Jordão e acabou perdendo tudo. Moisés recusou os prazeres e tesouros do Egito, pois sua vida tinha um propósito infinitamente mais maravilhoso (Hb 11:24-26). “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8:36). “Pois a nossa pátria está nos céus” (Fp 3:20). O termo grego traduzido por “pátria” ou “cidadania” dá origem à palavra “política” em nossa língua. É relacionado ao comportamento de um indivíduo como cidadão de uma nação. Paulo nos incentiva a ter disposição espiritual e, para isso, resalta as características do cristão cuja cidadania está no céu. Assim como Filipo era uma colônia de Roma em território estrangeiro, também a Igreja é uma “colônia do céu” na Terra.

## 1. NOSSO NOME ESTÁ REGISTRADO NO CÉU

Os cidadãos de Filipos desfrutavam do privilégio de ser cidadãos de Roma fora de Roma. Quando um bebê nascia em Filipos, era necessário incluir seu nome nos registros locais. Quando o pecador aceita a Cristo e se torna um cidadão do céu, seu nome é escrito no "Livro da Vida" (Fp 4:3).

A cidadania é importante. Quando viajamos para outro país, é essencial ter um passaporte que comprove nossa cidadania. Ninguém quer ter a mesma sina que Philip Nolan no conto clássico *The Man Without a Country* [O Homem sem País]. Nolan amaldiçoou o nome de seu país e, por isso, foi condenado a viver a bordo de um navio e nunca mais ver sua terra natal nem sequer ouvir seu nome ou receber notícias acerca do seu progresso. Passou 56 anos em uma viagem interminável de navio em navio, de mar em mar e, por fim, foi sepultado nas águas do oceano. Nolan foi um "homem sem país".

O nome do cristão está escrito no Livro da Vida, e é isso o que determina sua entrada final no país celestial (Ap 20:15). Quando confessamos Cristo na Terra, ele confessa nosso nome no céu (Mt 10:32, 33). Nosso nome "está arrolado nos céus" (Lc 10:20) e ficará registrado lá para sempre (o verbo grego traduzido por "arrolar", em Lc 10:20, encontra-se no tempo perfeito: está e permanecerá arrolado de uma vez por todas).

Uma amiga minha que mora em Washington D.C. providenciou para que meu filho e eu fizéssemos um *tour* pela Casa Branca. Disse que deveríamos estar em certo portão às 8 horas da manhã e pediu que levássemos algum documento de identificação. David e eu fomos até o portão onde, muito educadamente, um guarda perguntou nosso nome. Nós lhe respondemos, mostrando nossos documentos, e ele disse:

– Muito bem, Sr. Warren Wiersbe e David, vocês podem entrar!

Conseguimos entrar na Casa Branca porque nossos nomes estavam anotados em uma lista apropriada, na qual foram incluídos a pedido de outra pessoa. O mesmo se

aplica a nossa entrada no céu: quando aceitamos a Cristo, nosso nome foi registrado, e entraremos na glória somente por causa dos méritos dele e de sua intercessão.

## 2. FALAMOS A LINGUAGEM DO CÉU

Os que "só se preocupam com as coisas terrenas" *falam* de coisas terrenas. Afinal, o que sai da boca revela o que se encontra no coração (Mt 12:34-37). O não salvo não compreende as coisas do Espírito de Deus (1 Co 2:14-16), de modo que não é capaz de falar sobre esses assuntos. Os cidadãos do céu compreendem as coisas espirituais, gostam de falar sobre elas e de compartilhá-las uns com os outros.

"Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro" (1 Jo 4:5, 6).

Mas falar a linguagem do céu não envolve apenas o *que se diz*; também se refere a *como se diz*. O cristão com disposição espiritual não sai por aí citando versículos bíblicos o dia todo! Tem cuidado, porém, de falar de maneira a glorificar a Deus. "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um" (Cl 4:6). Nossas palavras devem demonstrar moderação e pureza. "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem" (Ef 4:29).

## 3. OBEDECEMOS ÀS LEIS DO CÉU

Os cidadãos de Filipos não eram governados pela legislação grega, mas sim pelas leis de Roma, apesar de estarem a centenas de quilômetros da capital do império. Na verdade, foi por causa dessa política que Paulo acabou sendo preso quando visitou Filipos pela primeira vez (At 16:16-24). O apóstolo usou sua cidadania romana para lhe garantir proteção sob a lei romana (At 16:35-40; 21:33-40; 22:24-30).\*

Em Filipenses 3:17, Paulo adverte os cristãos filipenses a não imitarem o tipo errado de cidadão. "Sede imitadores meus." É evidente que Paulo era imitador de Cristo, de modo que não se trata de uma admoestação egotista (1 Co 11:1). Paulo considerava-se um "estrangeiro" neste mundo, um "peregrino e forasteiro" (ver 1 Pe 2:11). Sua vida era governada pelas leis do céu, e era isso o que o tornava diferente. Preocupava-se com os outros, não consigo mesmo; estava interessado em dar, não em receber; era motivado pelo amor (2 Co 5:14), não pelo ódio. Pela fé, Paulo obedecia à Palavra de Deus, sabendo que, um dia, seria recompensado. Ainda que, no presente, estivesse sofrendo oposição e perseguição dos homens, no dia do julgamento final, seria vitorioso.

Infelizmente, como no tempo de Paulo, ainda há quem afirme ser cidadão do céu, mas cuja vida não condiz com essa declaração. Pode ser um indivíduo zeloso em suas atividades religiosas, até mesmo austero em suas disciplinas, mas não mostrar qualquer sinal de que é o Espírito de Deus que controla sua vida. Tudo o que faz é motivado pela carne; ele próprio recebe toda a glória e, para piorar, além de estar desviado, também faz outros se desviarem. Não é de se admirar que Paulo tenha chorado por isso.

#### 4. SOMOS LEAIS À CAUSA DO CÉU

A cruz de Jesus Cristo é o tema da Bíblia, o cerne do evangelho e a principal fonte de louvor no céu (Ap 5:8-10). A cruz é prova do amor de Deus pelos pecadores (Rm 5:8) e de sua aversão ao pecado. Ela condena o que o mundo valoriza. Julga a humanidade e declara o veredicto incontestável: *culpados!*

Em que sentido os judaizantes eram "inimigos da cruz de Cristo"? Em primeiro lugar, a cruz deu cabo da religião do Antigo Testamento. Através do véu do templo rasgado em duas partes, Deus anunciava que o caminho para ele se encontrava aberto por meio de Cristo (Hb 10:19-25). Quando Jesus clamou: "Está consumado!", fez um único sacrifício por todos os pecados e, desse modo, pôs fim ao sistema sacrificial (Hb 10:1-14).

Por meio de sua morte e ressurreição, Jesus realizou a "circuncisão espiritual" que tornava a circuncisão ritual desnecessária (Cl 2:10-13). Tudo aquilo que os judaizantes defendiam havia sido eliminado pela morte de Cristo na cruz!

Além do mais, tudo aquilo a que se dedicavam era condenado pela cruz. Jesus havia derrubado o muro de separação entre judeus e gentios (Ef 2:14-16), e os judaizantes estavam reconstruindo esse muro! Obedeciam às "ordenanças da carne" (Hb 9:10), regras atraentes para a carne e não dirigidas pelo Espírito. O verdadeiro cristão crucifica a carne (Gl 5:24) e também o mundo (Gl 6:14). No entanto, os judaizantes preocupavam-se "com as coisas terrenas". A cruz deve ser o centro da vida do cristão. Ele não se gloria em homens, em religião nem nas próprias realizações; ele se gloria na cruz (Gl 6:14).

Paulo chora porque sabe o que o futuro reserva para esses homens: "O destino deles é a perdição" (Fp 3:19). Essa palavra dá a idéia de esbanjamento e de extravio" (é traduzida por "desperdício" em Mc 14:4). Esse é o termo usado no texto original, quando Judas é chamado de "filho da perdição" (Jo 17:12). Uma vida desperdiçada e uma eternidade de perdição! Entretanto, o verdadeiro filho de Deus, cuja cidadania está no céu, tem um futuro esplendoroso.

#### 5. AGUARDAMOS O SENHOR DO CÉU

Os judaizantes viviam no passado, tentando convencer os filipenses a voltar a Moisés e à Lei, mas o verdadeiro cristão vive no futuro, aguardando a volta de seu Salvador (Fp 3:20, 21). Como *contador* em Filipenses 3:1-11, Paulo descobriu *novos valores*. Como *atleta* em Filipenses 3:12-16, demonstrou *novo vigor*. Agora, como *estrangeiro*, tem uma *nova visão*: "Aguardamos o Salvador!" É essa expectativa da vinda de Cristo que motiva o cristão com disposição espiritual.

Uma esperança futura exerce grande poder no presente. Por causa da expectativa de habitar em uma cidade, Abraão contentou-se em viver em uma tenda (Hb 11:13-16). Por causa da expectativa de

recompensas do céu, Moisés dispôs-se a abrir mão dos tesouros na Terra (Hb 11:24-26). Por causa "da alegria que lhe estava proposta" (Hb 12:2), Jesus dispôs-se a sofrer na cruz. O fato de que Jesus Cristo vai voltar é uma forte motivação para vivermos de modo consagrado e para trabalharmos com dedicação *hoje*. "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (ver 1 Jo 2:28 - 3:3).

O cidadão do céu que vive na Terra não fica desanimado, pois sabe que, um dia, seu Senhor vai voltar. Continua realizando seu trabalho com toda dedicação para que seu Senhor não volte e o encontre vivendo em desobediência (Lc 12:40-48). O cristão com disposição espiritual não vive em função das coisas deste mundo; antes, vive na expectativa das coisas do mundo por vir. Isso não significa que ignora suas responsabilidades diárias ou delas descuida, mas sim que seus atos no presente são governados por aquilo que Cristo fará no futuro.

Paulo menciona, de modo específico, que o cristão receberá um corpo glorificado, como o corpo de Cristo. Hoje, vivemos em um "corpo de humilhação" (Fp 3:21);

mas quando virmos a Cristo, receberemos um corpo de glória. Acontecerá num instante, num piscar de olhos (1 Co 15:42-53)! Então, todas as coisas do mundo deixarão de ter valor para nós, como não devem, relativamente, ter hoje em dia! Se estivermos vivendo no futuro, exercitaremos a disposição espiritual e viveremos para as coisas verdadeiramente importantes.

Quando Jesus voltar, há de "subordinar a si todas as coisas" (Fp 3:21b). O termo "subordinar" significa "organizar em ordem de dependência, do inferior ao superior". Esse é o problema hoje em dia: *não colocar as coisas na devida ordem de prioridade*. Uma vez que nossos valores encontram-se distorcidos, desperdiçamos nosso vigor em atividades inúteis, e nossa visão está de tal modo obscurecida que a volta de Cristo não parece ter qualquer poder para motivar nossa vida. Viver no futuro significa deixar que Cristo ordene as coisas de acordo com a verdadeira importância. Significa vislumbrar sempre os valores celestiais e ter a ousadia de crer na promessa de Deus que diz: "aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2:17).

## VENCENDO A ANSIEDADE

### FILIPENSES 4:1-9

Se havia alguém com desculpas de sobra para se preocupar era o apóstolo Paulo. Seus amigos cristãos queridos desentendiam-se entre si, e ele não estava por perto para ajudá-los. Não dá para ter idéia do motivo da contenda entre Evódia e Síntique, mas se sabe que causava divisão na igreja. Além dessa possível dissensão em Filipos, Paulo também teve de tratar das desavenças entre os cristãos em Roma (Fp 1:14-17). E, de mais a mais, ainda pairava no ar a possibilidade da própria execução! Sem dúvida, Paulo tinha boas desculpas para ficar ansioso – *mas não foi o que fez!* Em vez disso, concentrou-se em explicar a seus leitores o segredo da vitória sobre a preocupação.

O que é ansiedade? A palavra grega traduzida por *ansiosos*, em Filipenses 4:6, significa “atraídos para direções diferentes”. Nossas esperanças nos puxam para um lado, nossos medos para o outro, e a tensão torna-se insuportável. O sentido da palavra *ansiedade* é associado a *angústia*, que pode significar “estreiteza, aperto”. Quando ficamos ansiosos, sentimos-nos “apertados” e “estrangulados” a ponto de ter sintomas físicos bastante claros: dores de cabeça, no pescoço e nas costas e úlceras. A preocupação afeta o raciocínio, a digestão e até mesmo a coordenação motora.

Do ponto de vista espiritual, a ansiedade é constituída de *pensamentos* (a mente) e de *sentimentos* (o coração) incorretos acerca de circunstâncias, pessoas e coisas. A ansiedade é a grande usurpadora da alegria. No entanto, não basta dizer a si mesmo: “pare de se preocupar”. A força de vontade não é capaz de pegar esse ladrão, pois ele tem a

colaboração de elementos internos. Para vencer a ansiedade, é preciso ter mais do que boas intenções. O melhor antídoto é a *segurança*: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fp 4:7). Quando temos segurança, a paz de Deus nos guarda (Fp 4:7) e o Deus da paz nos guia (Fp 4:9). Com esse tipo de proteção, que motivo há para ficar ansioso?

A fim de vencer a ansiedade e de experimentar segurança, devemos cumprir três condições que Deus determinou: orar corretamente (Fp 4:6, 7), pensar corretamente (Fp 4:8) e viver corretamente (Fp 4:9).

#### 1. ORAR CORRETAMENTE (FP 4:6, 7)

Paulo não escreve: “ore sobre isso!” É sábio demais para dar esse tipo de conselho. Antes, usa três palavras para descrever a “oração correta”: *oração*, *súplica* e *ações de graças*. Orar corretamente envolve esses três elementos. *Oração* é um termo geral usado para se referir às petições que fazemos ao Senhor. Tem a conotação de reverência, devoção e adoração. Sempre que nos vemos ansiosos, a primeira coisa a fazer é ficar sozinhos com Deus e adorá-lo. É preciso demonstrar reverência por Deus e ver sua grandeza e majestade, conscientizando-nos de que ele é grande o suficiente para resolver nossos problemas. Muitas vezes, nos colocamos apressadamente diante do trono de Deus, quando deveríamos nos aproximar dele com calma e com profunda reverência. O primeiro passo para orar corretamente é a *adoração*.

O segundo é a *súplica*, uma expressão sincera a Deus das necessidades e dos problemas enfrentados. Não há lugar para orações indiferentes e insinceras! Apesar de sabermos que não somos ouvidos em função de “vãs repetições” (Mt 6:7, 8), também sabemos que o Pai deseja que sejamos honestos em nossas petições (Mt 7:1-11). Foi assim que Jesus orou no Getsêmani (Hb 5:7) e, enquanto seus discípulos mais próximos dormiam, ele transpirava gotas de sangue! A súplica não é uma questão de energia carnal, mas sim de fervor espiritual (Rm 15:30; Cl 4:12).

Depois da adoração e da súplica, vem a *apreciação*, dando graças a Deus (ver Ef 5:20; Cl 3:15-17). Sem dúvida, o Pai gosta de ouvir os filhos dizerem: "muito obrigado!" Quando Jesus curou dez leprosos, um deles voltou para agradecer (Lc 17:11-19), e nos perguntamos se a porcentagem é mais elevada hoje. Ninguém hesita em pedir, mas demonstrar apreciação é mais raro.

É possível observar que orar corretamente não é algo instantâneo no cristão, pois depende de uma disposição correta. Por isso, a fórmula de Paulo para ter paz encontra-se no *final* de sua Epístola aos Filipenses, não no *começo*. Quem tem a *determinação* de Filipenses 1 é capaz de oferecer *adoração* (como poderia uma pessoa de mente dobre adorar a Deus?). Quem tem a *submissão* de Filipenses 2 é capaz de apresentar *súplicas* (como pode uma pessoa orgulhosa pedir algo a Deus?). Quem tem a *disposição espiritual* de Filipenses 3 é capaz de demonstrar *apreciação* (uma pessoa preocupada com as coisas terrenas não reconhece que Deus lhe deu algo e, portanto, não acredita que tem motivos para ser agradecida!). Em outras palavras, deve-se colocar em prática Filipenses 1, 2 e 3, a fim de ser possível experimentar a *segurança* de Filipenses 4.

Paulo aconselha levar tudo a Deus em oração – "sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições" – e admoesta a que não andemos *ansiosos de coisa alguma* e que oremos sobre *todas as coisas*. Existe a *tendência* de orar pelas "grandes coisas" da vida e de esquecer de orar pelas "pequenas coisas", que muitas vezes acabam crescendo e se transformando em grandes coisas! Conversar com Deus a respeito de *tudo* o que nos preocupa é o primeiro passo para vencer a ansiedade.

Como resultado, a "paz de Deus" guardará a mente e o coração. Não podemos nos esquecer de que, nessa ocasião, Paulo encontrava-se acorrentado a um soldado romano que o guardava dia e noite. Da mesma forma, a "paz de Deus" nos guarda em duas áreas que geram preocupação: o coração (sentimentos incorretos) e a mente (pensamentos incorretos). Quando entregamos o

coração a Cristo e recebemos a salvação, "temos paz com Deus" (Rm 5:1); mas a "paz de Deus" conduz a níveis mais profundos de suas bênçãos. Isso não corresponde a uma ausência de provações exteriores, mas significa segurança interior tranqüila a despeito de circunstâncias, pessoas ou coisas.

Daniel dá um exemplo maravilhoso da paz experimentada por meio da oração. Quando o rei anunciou que todos os seus súditos deveriam adorar somente a ele, Daniel foi para seu quarto, abriu as janelas e orou, como sempre fazia (Dn 6:1-10). É importante observar a maneira de Daniel dirigir-se ao Senhor: "orava, e dava graças" (Dn 6:10) e suplicava (Dn 6:11). Oração, súplica, ações de graças! E o resultado foi a paz perfeita *em meio às dificuldades!* Daniel conseguiu passar uma noite com leões na mais perfeita paz, enquanto o rei não conseguiu dormir *no próprio palácio* (Dn 6:18).

A primeira condição para ter segurança e vitória sobre a ansiedade é orar corretamente.

## 2. PENSAR CORRETAMENTE (Fp 4:8)

A paz envolve o coração e a *mente*. "Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito [mente] é firme; porque ele confia em ti" (Is 26:3). Pensamentos incorretos geram sentimentos incorretos, e logo o coração e a mente vêem-se divididos e estrangulados pela ansiedade. É preciso ter consciência de que os pensamentos são reais e poderosos, mesmo que não possam ser vistos, pesados nem medidos. Precisamos "[levar] cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10:5).

Semeie um pensamento, colha uma ação.

Semeie uma ação, colha um hábito.

Semeie um hábito, colha um caráter.

Semeie um caráter, colha um destino!

Paulo descreve em detalhes as coisas em que devemos pensar como cristãos.

***Tudo o que é verdadeiro.*** Segundo Walter Cavert, uma pesquisa sobre a ansiedade mostrou que apenas 8% das coisas que



deixam as pessoas ansiosas são motivos legítimos para preocupação. Os outros 92% são imaginários, nunca aconteceram ou envolvem questões fora do controle das pessoas. Satanás é mentiroso (Jo 8:44) e deseja corromper a mente com suas mentiras (2 Co 11:3). Satanás continua a nos abordar da mesma forma que abordou Eva no jardim: “É assim que Deus disse...?” (Gn 3:1ss). O Espírito Santo controla a mente por meio da verdade (Jo 17:17; 1 Jo 5:6), mas o diabo tenta controlá-la por meio de mentiras. *Sempre que cremos em uma mentira, Satanás assume o controle!*

**Tudo o que é respeitável e justo.** Ou seja, tudo o que é “digno de respeito e correto”. Muitas coisas não são respeitáveis, e os cristãos não devem pensar nelas. Isso não significa enterrar a cabeça na areia e evitar tudo o que é desagradável, mas sim não dedicar atenção a coisas desonrosas nem permitir que elas controlem os pensamentos.

**Tudo o que é puro, amável e de boa fama.** “Puro” refere-se, provavelmente, à pureza moral, uma vez que as pessoas daquela época, como as de hoje, eram constantemente tentadas pela impureza sexual (Ef 4:17-24; 5:8-12). “Amável” significa “belo, atraente”. “De boa fama” refere-se ao que é “digno de ser comentado, atraente”. O cristão deve encher a mente com os pensamentos mais nobres e elevados, não com os pensamentos abjetos deste mundo depravado.

**Tudo o que tem virtude e louvor.** Se tem *virtude*, servirá de motivação para nos aperfeiçoar; se tem *louvor*, é digno de ser recomendado a outros. Nenhum cristão pode se dar o luxo de desperdiçar “energia mental” com pensamentos que o rebaixam ou que prejudicam outros quando compartilhados.

Ao comparar essa lista com a descrição que Davi faz da Palavra de Deus, no Salmo 19:7-9, vemos um paralelo. O cristão que enche o coração e a mente com a Palavra de Deus tem um “radar embutido” que detecta pensamentos indevidos. “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço” (Sl 119:165). Os pensamentos corretos nascem da meditação diária na Palavra de Deus.

### 3. VIVER CORRETAMENTE (FP 4:9)

Não é possível separar atos exteriores de atitudes interiores. O pecado sempre resulta em inquietação (a menos que a consciência esteja cauterizada), enquanto a pureza resulta sempre em paz. “O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre” (Is 32:17). “A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica” (Tg 3:17). A vida correta é uma condição necessária para se experimentar a paz de Deus.

Paulo considera quatro atividades: “aprender e receber” e “ouvir e ver”. Uma coisa é *aprender* a verdade e outra bem diferente é *recebê-la* e assimilá-la no ser interior (ver 1 Ts 2:13). Não basta ter fatos na cabeça, é preciso ter verdades no coração. Ao longo de seu ministério, Paulo não apenas *ensinou* a Palavra, mas também *viveu* na prática para que seus ouvintes pudessem vê-la em sua vida. Nossa experiência deve ser semelhante à de Paulo. Devemos aprender a Palavra, recebê-la, ouvi-la e colocá-la em prática. “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes” (Tg 1:22).

A “paz de Deus” é um parâmetro que nos ajuda a determinar se estamos dentro da vontade de Deus. “Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração” (Cl 3:15). Se estivermos andando no Senhor, a paz de Deus e o Deus da paz exercerão sua influência sobre nosso coração. Sempre que desobedecemos, perdemos a paz e sabemos que fizemos algo de errado. A paz de Deus é o “árbitro” que “nos dá um cartão amarelo”!

Orar corretamente, pensar corretamente e viver corretamente: essas são as condições para ter segurança e vitória sobre a ansiedade. Se Filipenses 4 é o “capítulo da paz” do Novo Testamento, Tiago 4 é o “capítulo da guerra” e começa com a seguinte pergunta: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?”. Tiago explica as causas da guerra: *orações incorretas* (“Pedis e não recebeis, porque pedis mal”; Tg 4:3); *pensamentos incorretos* (“vós que sois de ânimo dobre, limpai o vosso coração”; Tg 4:8); e uma *vida incorreta* (“não compreendeis que a amizade do mundo é

inimiga de Deus?"; Tg 4:4). Não há meio-termo. Ou nos entregamos inteiramente ao Espírito de Deus e oramos, pensamos e vivemos corretamente, ou nos entregamos à carne e ficamos divididos e ansiosos.

Não há com que se preocupar! E a preocupação é pecado! (ver Mt 6:24-34). Com a paz de Deus para nos guardar e o Deus da paz para nos guiar, *que motivos temos para nos preocupar?*

---

## O SEGREDO DO CONTENTAMENTO

FILIPENSES 4:10-23

O problema é que ele parece mais um termômetro do que um termostato!

Esse comentário de um dos diáconos despertou a curiosidade do pastor. Estavam conversando sobre alguns candidatos para o conselho, e alguém citou o nome de Jim.

- Digo isso, pastor - o diácono explicou -, porque um termômetro não muda coisa alguma, apenas registra a temperatura. Está sempre subindo ou descendo. Mas um termostato regula a temperatura do ambiente em que se encontra e faz as alterações necessárias. Jim é como um termômetro: não tem poder de mudar as coisas. Na verdade, ele se deixa afetar pelas coisas!

O apóstolo Paulo era um termostato. Em vez de ter altos e baixos espirituais de acordo com a mudança das situações, ele prosseguia com determinação, fazendo seu trabalho e servindo a Cristo. Suas referências pessoais no final desta carta mostram que ele não era vítima das circunstâncias, mas sim vitorioso sobre as circunstâncias: "De tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência" (Fp 4:12); "Tudo posso" (Fp 4:13); "Recebi tudo e tenho abundância" (Fp 4:18). Paulo não precisava ser paparicado para estar contente; seu contentamento vinha dos recursos espirituais que Cristo lhe provia abundantemente.

Contentamento não é o mesmo que complacência, como também não é falsa paz com base na ignorância. O cristão complacente não se preocupa com os outros, enquanto o cristão contente deseja compartilhar suas bênçãos. O contentamento não é uma fuga da batalha, mas sim paz e confiança permanentes em meio à batalha. "Aprendi a viver

contente em toda e qualquer situação" (Fp 4:11). Duas palavras desse versículo são de importância crítica: "aprendi" e "contente".

O verbo "aprender" refere-se a "aprender por experiência". Esse contentamento espiritual não era algo que ele havia assimilado imediatamente depois da conversão. O apóstolo teve de passar por várias experiências difíceis, a fim de aprender a viver contente. O adjetivo "contente", na verdade, significa "contido, calmo". É a descrição de um homem cujos recursos encontram-se dentro dele, de modo que não precisa depender de substitutos externos. O termo grego significa "auto-suficiente" e era uma das palavras prediletas dos filósofos estoicos. Mas o cristão não é auto-suficiente; sua suficiência encontra-se em Cristo. Uma vez que Cristo vive em nós, estamos à altura das exigências da vida.

Neste capítulo, Paulo fala de três recursos espirituais maravilhosos que nos dão suficiência e contentamento.

### 1. A PROVIDÊNCIA SOBERANA DE DEUS (Fp 4:10)

Nesta era de grandes realizações científicas, ouvimos falar cada vez menos da providência de Deus. Por vezes, temos a impressão de que o mundo é uma enorme máquina natural, cujas engrenagens não podem ser detidas em seu movimento nem pelo próprio Deus. Mas as Escrituras falam claramente de obras providenciais de Deus na natureza e na vida de seu povo. O termo "providência" vem de duas palavras do latim: *pro*, "antes" e *video*, "ver". A providência de Deus significa, simplesmente, que Deus vê de antemão. Não quer dizer que Deus apenas sabe de antemão, pois envolve muito mais que mero conhecimento. É a obra que Deus realiza antecipadamente, ordenando as circunstâncias e situações de modo a cumprirem os propósitos divinos.

A história conhecida de José e de seus irmãos ilustra o significado da providência (Gn 37 - 50). Os irmãos de José o invejavam e, por isso, o venderam como escravo quando ele estava com apenas 17 anos de idade. Foi levado para o Egito, onde Deus

revelou que, depois de sete anos de fartura, haveria sete anos de fome e de escassez. Pela interpretação que José deu ao sonho do Faraó, os egípcios tomaram conhecimento de tal fato, e, por causa disso, José foi elevado à posição de segundo no poder sobre todo o Egito. Depois de vinte anos de separação, José e seus irmãos se reconciliaram e entenderam o que o Senhor havia feito.

Nas palavras de José: "Para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós" (Gn 45:5). "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gn 50:20). Essa é a providência de Deus: sua mão governando e predominando sobre as situações da vida. Paulo experimentou essa providência em sua vida e ministério e, por isso, escreveu: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8:28). Em sua providência, Deus despertou o interesse da igreja de Filipos pelas necessidades de Paulo, e sua demonstração de afeto chegou no momento em que Paulo precisava mais de seu amor! Os filipenses preocupavam-se com o apóstolo, mas, até então, não haviam tido oportunidade de ajudar. Muitos cristãos de hoje têm a oportunidade, mas lhes falta o interesse de ajudar.

A vida não é uma série de acidentes, mas sim uma sucessão de compromissos marcados. "Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir" (Sl 32:8). Abraão chamou Deus de "Jeová-Jiré" que significa "O SENHOR Proverá" (Gn 22:14). "Depois de fazer sair todas as [ovelhas] que lhe pertencem, vai adiante delas" (Jo 10:4). Esta é a providência de Deus, uma fonte maravilhosa de contentamento.

## 2. O PODER INFALÍVEL DE DEUS (Fp 4:11-13)

Mais que depressa, Paulo deixa claro a seus amigos que não está se queixando! Sua felicidade não depende das circunstâncias nem das coisas; sua alegria é proveniente de algo mais profundo, separado de sua pobreza ou prosperidade. Quase todos nós aprendemos

a "estar humilhado[s]", pois quando as dificuldades surgem, corremos imediatamente para o Senhor, mas poucos sabem "ser honrado[s]". A prosperidade causa mais estragos na vida dos cristãos do que a adversidade. "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma" (Ap 3:17).

A expressão "tenho experiência", em Filipenses 4:12, possui sentido diferente do verbo "aprender" em Filipenses 4:11. "Ter experiência" significa "iniciado no segredo". O termo grego no original era usado pelas religiões pagãs com referência a seus "segredos mais íntimos". Por meio das tribulações e provações, Paulo foi "iniciado" no segredo maravilhoso do contentamento a despeito da pobreza ou da prosperidade. "Tudo posso naquele [em Cristo] que me fortalece" (Fp 4:13). Era o poder de Cristo dentro dele que lhe dava contentamento espiritual.

Um forte nevoeiro na região do aeroporto de O'Hare em Chicago provocou atraso no horário de partida de meu vôo. Estava sentado na sala de espera do terminal lendo um livro e pedindo em silêncio que Deus fizesse sua vontade naquela viagem. Perto de mim, um senhor esperava pelo mesmo vôo, andando de um lado para outro feito um leão enjaulado, praguejando contra o nevoeiro e tornando o ambiente ainda mais pesado. Enquanto o observava, pensei comigo mesmo: "eis um homem sem qualquer recurso interior". Mais tarde, quando ele me perguntou como eu conseguia estar tão calmo mesmo com todos os vôos atrasados, tive a oportunidade de compartilhar o evangelho com ele.

Certa vez, quando voltávamos da região Norte do Estado de Nova Iorque para Chicago com uma escala na cidade de Nova Iorque, nosso vôo teve de ficar sobrevoando o aeroporto Kennedy durante quase uma hora, esperando permissão para aterrissar. Quando a comissária de bordo anunciou que chegaríamos com uma hora de atraso, um dos passageiros gritou:

– Então traga as biritas!

Quando as coisas davam errado para ele, beber era seu único recurso.

A natureza toda depende de recursos ocultos. Árvores de grande porte lançam raízes profundas no solo para retirar dele a água e os minerais. Rios nascem em montes cobertos de neve. A parte mais importante de uma árvore é a que não podemos ver: seu sistema de raízes; e a parte mais importante da vida do cristão é a que só Deus pode ver. A menos que lancemos mão dos recursos profundos de Deus pela fé, não seremos capazes de suportar as pressões da vida. Paulo dependia do poder de Cristo operando em sua vida (ver Fp 1:6, 21; 2:12, 13; 3:10). “Tudo posso – em Cristo!” Esse era o lema de Paulo e também pode ser o nosso.

A tradução de J. B. Phillips de Filipenses 4:13 diz: “Estou pronto para qualquer coisa por meio da força Daquele que vive dentro de mim”. E a *Bíblia Viva* assim traduz esse versículo: “porque eu posso fazer todas as coisas que Deus me pede com a ajuda de Cristo, que me dá a força e o poder”. Qualquer que seja a tradução de nossa preferência, todas dizem a mesma coisa: o cristão tem *dentro de si* todo o poder de que precisa para lidar com as exigências da vida. Só temos de liberar esse poder pela fé.

Uma leitura essencial para todo cristão é *O segredo espiritual de Hudson Taylor* [Editora Mundo Cristão, esgotado], escrito por Howard Taylor e esposa, pois essa obra ilustra o princípio do poder interior na vida do grande missionário aos chineses. Durante muitos anos, Hudson Taylor trabalhou com afinco, achando que confiava em Cristo para suprir suas necessidades, mas, de alguma forma, não sentia liberdade nem alegria alguma em seu ministério. Então, um amigo lhe escreveu uma carta que lhe abriu os olhos para a suficiência de Cristo. “Não temos poder quando confiamos na própria fidelidade, mas sim quando olhamos fixamente para Aquele que é fiel!”, escreveu o amigo. A partir de então, a vida de Taylor não foi mais a mesma. A cada momento, lançava mão do poder de Cristo para lidar com todas as suas responsabilidades ao longo do dia, e o poder de Cristo o fortaleceu.

Jesus ensina essa mesma lição no sermão sobre a videira e os ramos em João 15. Ele é a Videira e nós somos os ramos. O único propósito do ramo é dar frutos; de outro modo, só serve para ser queimado. O ramo não produz frutos com as próprias forças, mas sim usando da vida que flui na Videira. “Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5). Quando o cristão permanece em comunhão com Cristo, o poder de Deus o fortalece. “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13).

A providência soberana de Deus e o amor imutável de Deus são dois recursos espirituais dos quais podemos nos valer, a fim de ter suficiência para viver corretamente. Existe, porém, um terceiro recurso.

### 3. A PROMESSA IMUTÁVEL DE DEUS (FP 4:14-20)

Paulo agradece à igreja de Filipos a oferta generosa e a compara a três coisas bastante conhecidas.

**Uma árvore brotando (v. 10).** No original, o termo traduzido por “renovar” refere-se a uma flor se abrindo ou a uma árvore brotando ou florescendo. Muitas vezes, passamos por “invernos espirituais”, mas quando chega a primavera, as bênçãos e a vida se renovam. A árvore, em si, não é desarraigada e carregada para algum outro lugar; as circunstâncias são as mesmas. O que muda é a *nova vida interior*.

**Um investimento (vv. 14-17).** Paulo considera a oferta missionária dos filipenses um investimento que lhes seria extremamente lucrativo. O verbo “associar” corresponde ao termo “comunhão”. Nesse acordo, a igreja deu riquezas *materiais* a Paulo e recebeu riquezas *espirituais* do Senhor. É o Senhor quem cuida da contabilidade e jamais sonegará dividendos espirituais. A igreja que não compartilha com outros suas riquezas materiais é uma igreja pobre.

**Um sacrifício (v. 18).** Para o apóstolo, a oferta também é um sacrifício espiritual colocado sobre o altar para a glória de Deus. A vida cristã tem certos “sacrifícios espirituais” (ver 1 Pe 2:5). Devemos entregar o nosso corpo como sacrifício espiritual (Rm

12:1, 2) e também o louvor de nossos lábios (Hb 13:15). As boas obras são um sacrifício para o Senhor (Hb 13:16), como também o são as almas perdidas que temos o privilégio de ganhar para Cristo (Rm 15:16). Aqui, Paulo vê os cristãos filipenses como sacerdotes, entregando suas ofertas como sacrifícios ao Senhor. Lembrando das palavras de Malaquias 1:6-14, devemos apresentar ao Senhor o que temos de melhor.

No entanto, Paulo não considera essa oferta uma dádiva apenas dos filipenses. Para ele, é o suprimento divino de suas necessidades. O apóstolo depositava sua confiança no Senhor. Há um contraste interessante entre Filipenses 4:18 e 19, e podemos parafrasear a declaração do apóstolo da seguinte maneira: "Vocês supriram a *minha* necessidade, e Deus suprirá a *sua* necessidade. Vocês supriram *uma* das minhas necessidades, mas meu Deus proverá *todas* as suas necessidades. Vocês contribuíram apesar da sua *pobreza*, mas Deus suprirá suas necessidades usando das *riquezas* da glória dele!"

Deus não prometeu suprir nossa ganância. O filho de Deus que vive de acordo com a vontade de Deus, servindo para a glória de Deus, tem todas as necessidades supridas. Hudson Taylor costumava dizer: "Quando a

obra de Deus é realizada à maneira de Deus e para a glória de Deus, nunca falta a provisão de Deus".

Um jovem pastor assumiu o ministério em uma igreja acostumada a levantar os fundos necessários para as despesas anuais por meio de jantares, bazares e outros eventos do gênero. Deixou claro para o conselho da igreja que ele não concordava com esse procedimento.

- Vamos orar e pedir que Deus supra todas as necessidades - sugeriu. - No final do mês, paguem todas as contas e deixem meu salário por último. Se não houver dinheiro suficiente para me pagar, ficarei sem salário, mas a igreja não será prejudicada. Creio, porém, que haverá o suficiente e que ninguém passará necessidade.

O conselho imaginou que seria o fim daquele pastor e da igreja. No entanto, todas as contas foram pagas todos os meses e, no final do ano, pela primeira vez em muito tempo, ainda havia dinheiro no caixa.

O contentamento é resultante de recursos adequados. Nossos recursos são a providência de Deus, o poder de Deus e as promessas de Deus. Esses recursos capacitaram Paulo para lidar com tudo o que a vida exigiu dele e podem fazer o mesmo por nós.

## COLOCANDO FILIPENSES EM PRÁTICA

**A**gora que completamos o estudo desta carta ao mesmo tempo empolgante e prática, não devemos esquecer o que aprendemos! A melhor parte do estudo bíblico não é o aprendizado, mas sim a prática. Eis, portanto, algumas sugestões para manter a alegria em sua vida.

1. *Entregue sua mente ao Senhor no começo de cada dia.* Esse passo faz parte da dedicação:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo [...]. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:1, 2). Entregue seu corpo, sua mente e sua volição a Deus pela fé ao iniciar um novo dia.

2. *Permita que o Espírito Santo renove sua mente por meio da Palavra.* A leitura sistemática e diária da Bíblia é essencial para ter vitória e alegria.

3. *Ao orar, peça a Deus que lhe dê determinação, submissão, atitude espiritual e segurança.* Ao pensar nos compromissos ao longo do dia, certifique-se de que nenhum de seus planos acabe privando-o da alegria

que Deus deseja lhe dar. Talvez você precise se encontrar com alguma pessoa da qual você não gosta. Peça a Deus que lhe dê a submissão necessária. Ou, talvez, precise passar por uma experiência difícil. Nesse caso, seja determinado, olhando firmemente para Cristo e para o evangelho, não apenas para suas preferências pessoais.

4. *Fique atento para seus pensamentos ao longo do dia.* Se perceber que está perdendo a paz interior e a alegria, pare e faça um balanço da situação. *Estou sendo determinado? Acabei de perder uma oportunidade de glorificar a Cristo? Ou será que fui um tanto agressivo e me esqueci da submissão?* Se você descobrir que pecou, confesse seu pecado imediatamente ao Senhor (1 Jo 1:9). Quando for possível, repare seu erro. Caso não possa fazê-lo, peça que Deus lhe dê outra oportunidade de testemunhar.

5. *Guarde as portas de sua mente.* Lembre-se da admoestação de Paulo em Filipenses 4:8: “Tudo o que é verdadeiro [...] respeitável [...] justo [...] puro [...] amável [...] de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. Quando algum pensamento insensível ou impuro entrar em sua mente, *livre-se dele no mesmo instante.* Se cultivá-lo, ele criará raízes e crescerá, privando você da alegria. Por vezes, Satanás lança “dardos inflamados” e, por vezes, usa outras pessoas para fazerem isso por ele. Uma das melhores maneiras de derrotar o tipo errado de pensamento é ocupar a mente com as Escrituras; portanto, dedique-se a memorizar a Palavra de Deus.

6. Jesus em primeiro lugar, depois os outros e, por fim, nós mesmos. O resultado: temos alegria.

# COLOSSENSES

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Jesus Cristo é preeminente

**Versículo-chave:** Colossenses 1:18

### I. DOCTRINA: A PREMINÊNCIA DE CRISTO É DECLARADA – CAPÍTULO 1

- A. Na mensagem do evangelho – 1:1-12
- B. Na redenção – 1:13, 14
- C. Na Criação – 1:15-17
- D. Na igreja – 1:18-23
- E. No ministério de Paulo – 1:24-29

### II. PERIGO: A PREMINÊNCIA DE CRISTO É DEFENDIDA – CAPÍTULO 2

- A. Cuidado com as vãs filosofias – 2:1-10
- B. Cuidado com o legalismo religioso – 2:11-17
- C. Cuidado com as disciplinas criadas por homens – 2:18-23

### III. DEVER: A PREMINÊNCIA DE CRISTO É DEMONSTRADA – CAPÍTULOS 3 – 4

- A. Na pureza pessoal – 3:1-11
- B. Na comunhão cristã – 3:12-17
- C. No lar – 3:18-21

D. No trabalho diário – 3:22 – 4:1

E. No testemunho cristão – 4:2-6

F. No serviço cristão – 4:7-18

## CONTEÚDO

- 1. De Paulo, com amor  
(Cl 1:1, 2)..... 133
- 2. Milagres em Colossos  
(Cl 1:3-8)..... 138
- 3. A oração de um prisioneiro  
(Cl 1:9-12)..... 144
- 4. Senhor sobre todas as coisas  
(Cl 1:13-20)..... 150
- 5. O ministério de um homem  
(Cl 1:21 – 2:3)..... 156
- 6. Santos vivos e alertas  
(Cl 2:4-15)..... 162
- 7. Cuidado!  
(Cl 2:16-23)..... 168
- 8. O céu na Terra  
(Cl 3:1-11)..... 174
- 9. Vestidos a caráter  
(Cl 3:12-17)..... 180
- 10. Um assunto de família  
(Cl 3:18 – 4:1)..... 185
- 11. As palavras têm poder  
(Cl 4:2-9)..... 190
- 12. Amigos, romanos, compatriotas  
(Cl 4:10-18)..... 195



# DE PAULO, COM AMOR

## COLOSSENSES 1:1, 2

**O**s corpos celestes exercem alguma influência sobre nossa vida? Milhões de pessoas que consultam o horóscopo todos os dias diriam que sim. Nos Estados Unidos, circulam diariamente cerca de 1.750 jornais e, desses, 1.220 trazem informações astrológicas!

Existe alguma relação entre a alimentação e a vida espiritual?

Deus comunica-se conosco de maneira direta em nossa mente ou apenas por meio de sua Palavra, a Bíblia?

As religiões orientais têm algo a oferecer aos cristãos evangélicos?

Apesar de parecerem extremamente contemporâneas, essas questões são tratadas por Paulo em sua magnífica Epístola aos Colossenses. Esta carta é tão relevante para nós hoje quanto era para os cristãos do ano 60 d.C., quando Paulo a escreveu.

### 1. A CIDADE

Colossos era uma dentre três cidades situadas a cerca de 160 quilômetros de Éfeso. As outras duas eram Laodicéia e Hierápolis (Cl 4:13, 16). Uma rota comercial importante cortava a região, transformando-a em ponto de encontro do Oriente com o Ocidente. Durante algum tempo, as três cidades cresceram e prosperaram igualmente, mas, aos poucos, Colossos foi ficando para trás. Para os padrões de hoje, não passava de uma cidade pequena; e, no entanto, a igreja de lá era importante o suficiente para o apóstolo Paulo lhe dar atenção especial.

Filosofias de todo tipo misturavam-se nessa região cosmopolita, e não faltavam charlatães religiosos. Havia uma grande

comunidade judaica em Colossos e também um afluxo de novas idéias e doutrinas do Oriente, criando um ambiente propício para as mais diversas especulações religiosas e heresias.

### 2. A IGREJA

Colossos provavelmente não teria sido sequer mencionada no Novo Testamento não fosse por sua igreja. A cidade não é citada em parte alguma do Livro de Atos, pois Paulo não fundou a igreja colossense nem chegou a visitá-la. O apóstolo *ouviu* falar de sua fé (Cl 1:4, 9), mas não chegou a se encontrar pessoalmente com esses cristãos (Cl 2:1). Uma igreja de pessoas desconhecidas numa cidade pequena recebe uma carta inspirada do grande apóstolo Paulo!

Como foi que a igreja de Colossos começou? Foi resultado dos três anos de ministério de Paulo na cidade de Éfeso (At 19:20:17-38). O testemunho da igreja de Éfeso foi tão eficaz que “[deu] ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos” (At 19:10), dentre eles, os habitantes de Colossos, Laodicéia e Hierápolis.

Quando examinamos as pessoas que aparecem nas cartas que Paulo escreveu enquanto estava preso (ver Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemom e 2 Timóteo), podemos imaginar como a igreja de Colossos foi fundada. Durante o ministério de Paulo em Éfeso, pelo menos dois homens colossenses – Epafras e Filemom – aceitaram a Jesus Cristo (ver Fm 19). Ao que tudo indica, Epafras foi um dos principais fundadores da igreja de Colossos, pois pregou o evangelho a seus amigos colossenses (Cl 1:7) e também ministrou nas cidades de Hierápolis e Laodicéia (Cl 4:12, 13).

Um grupo de cristãos reunia-se na casa de Filemom (Fm 2). É bem provável que Áfia e Arquipo, mencionados nesse versículo, fossem, respectivamente, esposa e filho de Filemom, e que Arquipo fosse o pastor da igreja (Cl 4:17).

Encontramos aqui uma lição valiosa: Deus nem sempre precisa de um apóstolo ou de um “obreiro de tempo integral” para

começar um ministério. Também não precisa de prédios sofisticados nem de grandes organizações. Vemos aqui dois leigos usados por Deus para iniciar ministérios em pelo menos três cidades. Faz parte do plano de Deus que cristãos de regiões urbanas maiores (como era o caso de Éfeso) alcancem as cidades menores com o evangelho. Sua igreja está ajudando a evangelizar os campos missionários de cidades pequenas?

A congregação de Colossos era constituída, principalmente, de membros gentios. Os pecados a que Paulo se refere (Cl 3:5-9) costumavam ser associados aos gentios, e sua declaração sobre o mistério aplica-se mais aos gentios do que aos judeus (Cl 1:25-29). É provável que, quando Paulo escreveu a carta, a igreja tivesse uns cinco anos desde sua fundação.

### 3. A CRISE

Paulo escreveu à igreja de Colossos porque uma crise dentro da congregação estava preste a destruir esse ministério. Ao comparar as cartas da prisão, chegamos à seguinte reconstituição dos acontecimentos.

Na época, Paulo era prisioneiro em Roma (At 21:17 - 28:31). Ele encontrou um escravo fugido chamado Onésimo que pertencia a Filemom, um dos líderes da igreja de Colossos. Paulo levou Onésimo a Cristo e, depois, escreveu uma carta a Filemom, pedindo que seu amigo perdoasse Onésimo e o recebesse de volta como um irmão no Senhor.

Nessa mesma época, Epafras foi a Roma pedir a ajuda de Paulo. Algumas doutrinas novas estavam sendo ensinadas em Colossos e se infiltrando na igreja, causando transtornos. Assim, Paulo escreveu esta carta aos colossenses a fim de refutar esses ensinamentos heréticos e de apresentar claramente a verdade do evangelho.

Epafras ficou com Paulo em Roma (Cl 4:12, 13), enquanto Onésimo e Tíquico levaram as epístolas de Paulo a seus destinatários: Efésios 6:21; Colossenses 4:7-9 e Filemom. Paulo refere-se a Epafras como "prisioneiro comigo", uma designação que também usa para Aristarco (Cl 4:10; Fm 23),

indicando que Epafras permaneceu *voluntariamente* ao lado de Paulo a fim de ajudá-lo. Aristarco e Epafras não eram prisioneiros porque transgrediram a lei e foram presos. Eram companheiros voluntários de Paulo, que sacrificaram o próprio conforto para auxiliá-lo.

A heresia que ameaçava a paz da igreja de Colossos era uma combinação de filosofias orientais e de legalismo judaico com elementos de uma crença que os estudiosos da Bíblia chamam de gnosticismo. Esse nome vem do termo grego *gnosis*, que significa "saber" (um *agnóstico* é alguém que não sabe). Os gnósticos consideravam-se "conhecedores" das verdades profundas de Deus. Eram a "aristocracia espiritual" da igreja.

Em primeiro lugar, essa heresia prometia às pessoas uma união tão íntima com Deus a ponto de atingirem a "perfeição espiritual". Os que aceitassem os ensinamentos e cerimônias prescritas pelos gnósticos alcançariam a plenitude espiritual. Falava-se, ainda, de um "conhecimento pleno", de uma profundidade espiritual que só os iniciados poderiam desfrutar. Dizia-se que tal "sabedoria" os libertava das coisas terrenas e os ligava às coisas celestiais.

É evidente que esses ensinamentos não passavam de filosofia humana, com base em tradições, não na verdade divina (Cl 2:8). Desenvolveram-se a partir da seguinte pergunta filosófica: *por que o mal existe no mundo se a criação é obra de um Deus santo?* Ao especular e ponderar sobre tal questão, esses filósofos chegaram à conclusão de que a matéria era má. Em seguida, concluíram, equivocadamente, que um Deus santo não poderia ter contato com essa matéria má, de modo que deveria existir uma série de "emanações" de Deus em sua criação. Acreditavam em um universo espiritual poderoso, que usava as coisas materiais para atacar a humanidade. Também aceitavam uma forma de astrologia, crendo que seres angelicais governavam sobre os corpos celestiais e influenciavam os acontecimentos na Terra (ver Cl 1:16; 2:10, 15).

Além dessas especulações vindas do Oriente, havia também uma forma de legalismo

judaico. Os mestres acreditavam que o rito da circuncisão era benéfico para o desenvolvimento espiritual (Cl 2:11). Ensinavam que a Lei do Antigo Testamento, especialmente as regras alimentares, também ajudava a alcançar a perfeição espiritual (Cl 2:14-17). Uma série de normas precisas determinava o que era mau e o que era bom (Cl 2:21).

Uma vez que consideravam a matéria má, precisavam encontrar maneiras de controlar a própria natureza humana, enquanto buscavam a perfeição. Em decorrência disso, surgiram duas práticas. Uma linha de pensamento acreditava que a matéria só poderia ser dominada pela disciplina rígida e pelo asceticismo (Cl 2:23). A outra linha acreditava que era aceitável envolver-se com todo tipo de pecado, pois, afinal, a matéria era perversa mesmo! Ao que parece, a primeira opinião era a que predominava em Colossos.

É fácil perceber como esse tipo de ensinamento abalava os alicerces da fé cristã. Em primeiro lugar, esses hereges atacavam a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Para eles, Cristo era apenas uma das muitas “emanações” de Deus, não o Filho de Deus vindo ao mundo como homem. A Encarnação representa Deus conosco (Mt 1:23), mas esses falsos mestres afirmavam que Deus mantém-se afastado de nós! Quando cremos no Filho de Deus, não temos necessidade de intermediários entre nós e o céu!

Em sua obra na cruz, Jesus Cristo resolveu, de uma vez por todas, a questão do pecado (Cl 1:20) e derrotou completamente os poderes satânicos (Cl 2:15). Também pôs fim aos requisitos da Lei (Cl 2:14-17). A preeminência de Cristo é absoluta (Cl 1:18; 3:11). Todas as necessidades do cristão são supridas no Senhor Jesus!

A matéria não é má, nem é mau o corpo humano. Todo indivíduo nasce com uma natureza humana decaída que deseja controlar o corpo e usá-lo para o pecado, mas o corpo, em si, não é mau. Se o fosse, Jesus Cristo jamais teria vindo ao mundo em um corpo humano nem teria desfrutado as bênçãos diárias da vida ao ministrar aqui na Terra, como participar de festas de casamento

e aceitar convites para jantar. Dietas e disciplina podem ser benéficas para a saúde, mas não têm poder algum de desenvolver a verdadeira espiritualidade (Cl 2:20-23).

Quanto à astrologia e à influência dos anjos e corpos celestes, Paulo condena-as energeticamente. Jesus derrotou na cruz todos os poderes satânicos (Cl 2:15). Os cristãos não precisam se voltar para os rudimentos do mundo (Cl 2:8, 20). O termo traduzido por “rudimentos” significa “seres ou princípios elementares”. Nesse caso, se refere aos seres que (de acordo com os gnósticos) controlavam os corpos celestiais, os quais, por sua vez, controlavam os acontecimentos na Terra. Cristãos que consultam horóscopo colocam a superstição no lugar da revelação e negam a Pessoa e a obra de Cristo.

Esse falso ensinamento era uma combinação falaz de vários elementos: legalismo judaico, filosofia oriental, astrologia pagã, misticismo, asceticismo e até uma pitada de cristianismo. Havia algo para todos os gostos, e era justamente isso o que tornava essas doutrinas tão perigosas. Os falsos mestres afirmavam que não estavam *negando* a fé cristã, mas sim elevando seu nível. Ofereciam plenitude e liberdade, uma vida gratificante com soluções para todos os problemas.

Temos alguma heresia semelhante nos dias de hoje? Sem dúvida! E é igualmente falaz e perigosa. Quando consideramos Jesus Cristo e a revelação cristã apenas *parte* de uma filosofia ou sistema religioso mais amplo, deixamos de lhe dar preeminência. Quando buscamos a todo custo a “perfeição espiritual” ou a “plenitude espiritual” por meio de fórmulas, disciplinas ou rituais, retrocedemos em vez de avançar. Os cristãos devem guardar-se de misturar a fé cristã com quaisquer outras coisas, como ioga, meditação transcendental, misticismo oriental, por mais atraentes que sejam. Também devemos nos acautelar dos mestres que pregam uma “vida mais profunda” e oferecem fórmulas para obter vitória e plenitude, mas deixam de fora a consagração ao Senhor. Jesus Cristo deve ser preeminente em todas as coisas!

Essa heresia entrava em conflito direto com os ensinamentos de Paulo e adotava

uma visão negativa da vida: “Deus está distante, a matéria é má, e os poderes demoníacos são uma ameaça constante”. A fé cristã ensina que Deus está próximo de nós, que ele fez todas as coisas boas (apesar de ser possível usá-las para o mal) e que Cristo libertou seu povo dos poderes das trevas (Cl 1:13). Essa heresia transformava o mundo em uma prisão assustadora, enquanto Jesus deixa claro que o Pai opera neste mundo e cuida de seus filhos. Por fim, esses falsos mestres tentavam transformar as pessoas de fora para dentro por meio de dietas e disciplinas, enquanto o verdadeiro crescimento espiritual vem do ser interior.

#### 4. A CORRESPONDÊNCIA

Dentro desse contexto, podemos agora nos voltar para a Epístola de Paulo aos Colossenses e observar, em linhas gerais, o que o apóstolo escreveu a esses cristãos. Sabemos que sua Epístola aos Efésios foi escrita e enviada na mesma época que esta carta aos colossenses. Tendo isso em mente, podemos encontrar vários paralelos entre as duas cartas. No entanto, a ênfase de Efésios é sobre a Igreja, o corpo de Cristo, enquanto a ênfase de Colossenses é sobre Cristo, o Cabeça do corpo.

Nesta carta, Paulo emprega o vocabulário dos falsos mestres, mas não adota as suas definições. Usa as palavras com seu verdadeiro sentido cristão. Ao estudar Colossenses, encontraremos palavras como *plenitude*, *perfeito* e *pleno*: termos usados pelos hereges gnósticos. No texto original, Paulo emprega o termo *todos* e seus correlatos mais de trinta vezes. Também escreve sobre a *sabedoria*, uma palavra-chave do vocabulário gnóstico, e discorre sobre anjos e espíritos.

Seu tema principal é a *preeminência de Jesus Cristo* (Cl 1:18; 3:11). Não precisamos nos preocupar com mediadores angelicais ou emanações espirituais. Deus enviou seu Filho para morrer por nós! Todo o que crê em Jesus Cristo é salvo e se torna parte de seu corpo, a Igreja, do qual ele é o Cabeça (Cl 1:18). Estamos unidos com Cristo em um relacionamento vivificador!

Além disso, não é preciso acrescentar coisa alguma a esse relacionamento, pois cada cristão está aperfeiçoado em Cristo (Cl 2:10). Toda a plenitude de Deus habita em Cristo (Cl 2:9), e participamos dessa plenitude! “Porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade” (Cl 2:9, 10).

Enquanto estava em um aeroporto esperando meu vôo, fui abordado por um rapaz tentando vender um livro. Pela capa chamativa, ficava claro que era um livro sobre mitos e filosofias orientais.

– Eu tenho um livro que me dá tudo de que preciso – disse ao rapaz enquanto tirava uma Bíblia de dentro de minha pasta.

– Não somos contra a Bíblia! – ele me garantiu. – Só estamos oferecendo algo mais, que torna nossa fé ainda melhor.

– Ninguém pode me oferecer mais do que aquilo que Jesus Cristo já me deu – respondi, abrindo minha Bíblia em Colossenses 2, mas, a essa altura, o rapaz já havia partido apressado.

Infelizmente, muitos cristãos acreditam que há pessoas, religiões ou disciplinas que podem acrescentar algo a sua experiência espiritual. No entanto, já possuem tudo de que precisarão ao longo da vida na Pessoa e obra de Jesus Cristo.

Paulo não começa atacando os falsos mestres e suas doutrinas, mas sim exaltando Jesus Cristo e mostrando sua preeminência em cinco áreas: a mensagem do evangelho, a redenção, a criação, a igreja e o ministério do próprio apóstolo. As pessoas para as quais Paulo escreve tornaram-se cristãs pela mensagem do evangelho pregada por Epafras. Se essa mensagem era errada, então, na verdade, os colossenses nem sequer eram salvos!

Depois de mostrar a preeminência de Cristo, Paulo ataca os hereges no próprio território deles. Em Colossenses 2, desmascara as falsas origens de seus ensinamentos e mostra como contradizem tudo o que o apóstolo ensinou sobre Jesus Cristo. O cristão que dominar o conteúdo deste capítulo dificilmente será enganado por alguma

forma inovadora e atraente de "cristianismo aperfeiçoado".

Mas Paulo não se atém a refutar os hereges, pois ainda deseja dizer algumas palavras importantes à igreja. Em Colossenses 3 e 4, o apóstolo apresenta o mais poderoso antídoto para os falsos ensinamentos: *uma vida piedosa*. Os que dizem: "não me importo com o que você acredita, desde que viva corretamente" não raciocinam com lógica. *As convicções determinam o comportamento*. Quem crê que a matéria é má, usa o corpo de determinada forma; quem, entretanto, crê que o corpo é templo do Espírito Santo, o usa de acordo com essa convicção.

Doutrinas erradas geram um modo de vida errado. Doutrinas corretas devem conduzir a um modo de vida correto. Nos dois últimos capítulos, Paulo aplica a preeminência de Cristo à vida diária. Se Cristo for, de fato, preeminente em nossa vida, nós o glorificaremos guardando nossa pureza, desfrutando a comunhão com os outros santos, amando uns aos outros no lar, sendo fiéis no trabalho e procurando testemunhar de Cristo e servi-lo da melhor maneira possível. A doutrina que não conduz à responsabilidade não tem proveito algum para nós.

Vários estudiosos da Bíblia acreditam que Colossenses é a epístola mais profunda que Paulo escreveu. Isso não deve nos impedir de ler e estudar essa carta maravilhosa, mas é preciso abordar seus capítulos

com cautela, evitando a superficialidade. Se não dependermos do Espírito de Deus para nos instruir, não entenderemos as verdades que Deus deseja que aprendamos.

A Igreja de hoje precisa encarecidamente da mensagem de Colossenses. Vivemos em uma época na qual a tolerância religiosa considera "todas as religiões igualmente boas". Alguns tentam aproveitar o que há de melhor em cada sistema religioso e criar a própria religião particular. Para muitos, Jesus Cristo é apenas *um* dentre vários mestres religiosos com a mesma autoridade que outros. Pode ser proeminente, mas, por certo, não é preeminente.

Vivemos uma era de "sincretismo". Muitos procuram harmonizar e unir diversas linhas de pensamento e criar uma religião superior. Em sua tentativa de entender as crenças de outros, nossas igrejas evangélicas correm o risco de diluir a fé. O misticismo, o legalismo, as religiões orientais, o asceticismo e as filosofias humanas estão se infiltrando silenciosamente nas congregações. Não negam a Cristo, mas o desentronizam e o privam da preeminência que lhe é devida.

Ao estudar esta carta empolgante, deve-se dar ouvidos às advertências de Paulo: "Ninguém vos engane com raciocínios falazes" (Cl 2:4); "Ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas" (Cl 2:8); "Ninguém, pois, vos julgue" (Cl 2:16).

# MILAGRES EM COLOSSOS

## COLOSSENSES 1:3-8

O famoso pregador escocês Alexander Whyte era conhecido por suas expressões de gratidão. Gostava de escrever cartões postais para as pessoas, agradecendo-lhes alguma gentileza ou a bênção que haviam sido em sua vida. Essas mensagens muitas vezes eram acompanhadas de palavras de encorajamento que falavam ao coração nos momentos de maior necessidade. A apreciação é um remédio para a alma.

O apóstolo Paulo também se destaca por suas palavras de encorajamento, e esta epístola é um bom exemplo da virtude da gratidão. Nesta seção (que, no original em grego, é constituída de uma só frase longa), ele dá graças pelo que Cristo fez na vida dos cristãos colossenses. No entanto, o apóstolo também menciona ações de graças em outras cinco partes desta carta: Colossenses 1:12; 2:7; 3:15,17 e 4:2: Quando nos lembramos que Paulo escreveu esta epístola *na prisão*, sua atitude de gratidão é ainda mais extraordinária.

Devemos seguir o exemplo de Paulo e ser gratos pelo que Deus realiza na vida das pessoas. Como cristão, somos membros de um só corpo (1 Co 12:12, 13). O fortalecimento de um dos membros do corpo contribui para fortalecer o corpo todo. Se uma igreja experimenta o toque de reavivamento do Senhor, beneficia todas as igrejas. Nesta expressão de gratidão, Paulo observa os estágios da experiência espiritual dos cristãos colossenses.

### 1. OUVIRAM O EVANGELHO (Cl 1:5B-7)

As boas-novas do evangelho não eram originais de sua cidade. Foram levadas até lá

por um mensageiro chamado Epafras. Ele próprio era um cidadão de Colossos (Cl 4:12, 13) que se encontrara com Paulo e aceitara Jesus Cristo. É provável que sua conversão tenha ocorrido durante os três anos do ministério de Paulo em Éfeso (At 19:10).

Depois de salvo, Epafras compartilhou as boas-novas com os parentes e amigos em sua cidade natal. Talvez tivesse sido mais interessante para Epafras ficar com Paulo em Éfeso, onde tantas coisas maravilhosas aconteciam, mas sua responsabilidade prioritária era levar o evangelho à própria cidade (ver Mc 5:19).

O evangelho é a boa-nova de que Jesus Cristo resolveu o problema do pecado por meio de sua morte, sepultamento e ressurreição. O termo *evangelho* significa "boas-novas". Infelizmente, algumas pessoas dão testemunho do evangelho como se fosse más notícias de condenação.

Lembro-me do líder de uma igreja que parecia mais um advogado de acusação do que uma testemunha. Estava sempre condenando as pessoas por seus pecados, mas nunca lhes falava da boa-nova do perdão pela fé em Cristo.

No entanto, podemos aprender uma lição com ele. Ao testemunhar, devemos nos lembrar de enfatizar a boa-nova do evangelho (ver 1 Co 15:1-8). Nesta seção de sua epístola aos Colossenses, Paulo faz uma recapitulação das características dessa mensagem empolgante do evangelho.

***Ela está centrada em uma Pessoa: Jesus Cristo.*** O tema desta epístola é a preeminência de Jesus Cristo e, sem dúvida, ele é preeminente no evangelho. Os falsos mestres que invadiram a igreja de Colossos tentaram tirar Jesus Cristo de seu lugar de preeminência; porém, colocar Cristo em qualquer outro lugar é o mesmo que destruir o evangelho. Foi *Cristo* quem morreu por nós e ressuscitou. A mensagem do evangelho não está centrada em uma filosofia, uma doutrina ou um sistema religioso, mas sim em Jesus Cristo, o Filho de Deus.

***Ela é a "palavra da verdade" (v. 5).*** Isso significa que ela vem de Deus e é confiável. "A tua palavra é a verdade" (Jo 17:17).

Muitas mensagens e idéias podem ser consideradas *verdadeiras*, mas somente a Palavra de Deus pode ser chamada de *verdade*. Satanás é mentiroso, e crer nas verdades dele é ser enganado e conduzido pelo caminho que leva à morte (Jo 8:44). Jesus é a Verdade (Jo 14:6); quando cremos nele, experimentamos vida. Os seres humanos tentaram, sem sucesso, destruir a verdade de Deus, mas a Palavra da verdade permanece!

Todo mundo crê em algo. Mas o valor da fé é proporcional ao valor de seu objeto. O pagão que vive na selva adora um deus de pedra; o pagão culto da cidade adora o dinheiro, os bens ou o *status*. Em ambos os casos, trata-se de uma fé vazia. O verdadeiro cristão crê em Jesus Cristo, e essa fé é fundamentada na Palavra da verdade. Qualquer outra fé não passa de superstição e não tem poder para salvar.

***Ela é a mensagem da graça de Deus (v. 6b).*** É comum fazer confusão entre duas palavras do vocabulário cristão: *graça* e *misericórdia*. Deus, em sua graça, nos dá o que não merecemos e, em sua misericórdia, deixa de nos dar aquilo que merecemos. A graça é o favor de Deus demonstrado a pecadores indignos. O evangelho é *boa-nova* por causa da graça: Deus está disposto e é capaz de salvar todos os que crerem em Jesus Cristo.

John Selden (1584-1654), um grande historiador e perito legal inglês, possuía uma biblioteca com oito mil títulos e era conhecido por sua erudição. Quando estava à beira da morte, disse ao arcebispo Ussher: "Examinei grande parte do conhecimento que existe no meio dos homens e tenho um escritório abarrotado de livros e de manuscritos sobre vários assuntos. Mas, no momento, não consigo me lembrar de coisa alguma de todos esses textos em que possa descansar minha alma a não ser as palavras das Sagradas Escrituras: 'Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens' (Tt 2:11)".

***Ela é para o mundo todo (v. 6).*** No início de meu ministério, um de meus pregadores preferidos era Walter Wilson, de Kansas City. Sua forma de se expressar era

única, e podia fazer verdades antigas parecerem novas e empolgantes. Certa vez, o ouvi citar João 3:16 e perguntar: "Se você tivesse de dar um presente apropriado para o mundo inteiro, o que daria?"

Em seguida, fez uma relação de várias possibilidades e mostrou como cada um desses itens não seria apropriado para todos: livros (muita gente não sabe ler); alimentos (as pessoas consomem alimentos diferentes nas diversas regiões do mundo); roupas (os climas são diferentes); dinheiro (nem toda cultura tem um sistema monetário). Por fim, chegou à conclusão lógica e correta de que somente o evangelho, com sua dádiva de vida eterna, é apropriado para o mundo inteiro.

Paulo diz que o evangelho dá frutos em todo o mundo. A Palavra de Deus é a única semente que pode ser plantada em qualquer lugar e dar frutos. O evangelho pode ser pregado "a toda criatura debaixo do céu" (Cl 1:23). A ênfase de Paulo é sobre "todo homem" (Cl 1:28). Os falsos mestres não levam sua mensagem a todo o mundo. Vão apenas aonde o evangelho já foi e tentam fazer os convertidos se desviarem. *Eles não têm boas-novas para anunciar aos pecadores perdidos!*

É preciso ouvir o evangelho de Jesus Cristo para ser salvo. E, a fim de que todos ouçam o evangelho, nós, salvos, devemos levar a mensagem até as pessoas. Você está fazendo sua parte?

## **2. CRERAM EM JESUS CRISTO (CL 1:4)**

É possível ouvir e não crer, apesar de a Palavra de Deus ter o poder de gerar fé nos que ouvem (Rm 10:17). Milhões de pessoas ouviram as boas-novas da salvação e, no entanto, não creram, mas os que crêem em Jesus Cristo recebem de Deus a dádiva da vida eterna (Jo 3:14-18).

Não somos salvos por crer *na fé*. Existe hoje em dia um "culto à crença" que promove a fé, mas não tem relação alguma com Jesus Cristo. Até mesmo algumas canções conhecidas transmitem a mensagem da "fé na fé". De acordo com a atitude moderna: "Se você tiver fé, tudo dará certo". Mas a

Testamento não ensina o tipo de “cristianismo individual” tão comum hoje: pessoas que ignoram a igreja local e buscam alimento espiritual em livros, programas de rádio e de televisão e em mensagens gravadas.

Epafras era um ministro fiel. Não apenas ganhava pessoas para Cristo, mas também lhes ensinava a Palavra e as ajudava a crescer. Além disso, orava por elas (Cl 4:12, 13), a fim de que crescessem em maturidade em Jesus Cristo. Ao ver o perigo que rondava os membros da igreja, Epafras foi a Roma buscar o conselho de Paulo. Amava seus irmãos e irmãs em Cristo e desejava protegê-los de falsas doutrinas que poderiam destruir sua comunhão e atrapalhar seu desenvolvimento espiritual.

O termo “discípulo” é usado mais de 260 vezes nos Evangelhos e no Livro de Atos, e o verbo que pode ser traduzido por “aprender na condição de discípulo” é usado 25 vezes no Novo Testamento. Naquele tempo, o discípulo não era apenas um indivíduo que se assentava junto ao mestre para ouvi-lo. Antes, era alguém que vivia com o mestre e que aprendia ao ouvir, observar e viver. O discipulado envolvia muito mais do que se matricular em um curso e participar de palestras. Implicava uma entrega total ao mestre e significava aprender na prática. Talvez os residentes de medicina e os estagiários sejam os exemplos modernos que mais se aproximam do conceito de discipulado.

Mas nós, que discipulamos outros cristãos, devemos ter o cuidado de não ser um empecilho. Não devemos fazer discípulos *para nós mesmos*, mas sim para Jesus Cristo. Devemos aproximar as pessoas de Cristo para que o amem e lhe obedeam. Epafras ensinou seu povo fielmente e o levou para mais perto de Jesus Cristo, mas os falsos mestres chegaram para “roubar discípulos” (Paulo adverte sobre esse problema em At 20:28-30). A tendência da natureza humana é ter um desejo de seguir outros seres humanos, não Deus, e de ansiar por “algo novo” em vez das verdades fundamentais do evangelho.

Chegamos, agora, aos resultados dos esforços de Epafras.

#### 4. TORNARAM-SE FIEIS EM CRISTO (Cl 1:6, 8)

A Palavra de Deus é uma semente (Lc 8:11), o que significa que tem vida (Hb 4:12). Quando é plantada no coração, pode produzir frutos. “Em todo o mundo, [a palavra da verdade do evangelho] está produzindo fruto e crescendo” (Cl 1:6).

Perto da estação King’s Cross em Londres, há um cemitério com um túmulo muito diferente, onde se encontra sepultada a agnóstica Lady Ann Grimston. O túmulo todo é de mármore, demarcado por uma laje também de mármore. Antes de morrer, Lady Ann disse em tom sarcástico para uma amiga:

– Claro que é verdade que voltarei a viver, assim como é verdade que uma árvore brotará de meu corpo sepultado.

Incrédula, Lady Ann Grimston recusou-se a acreditar que havia vida depois da morte. No entanto, *uma árvore brotou de seu túmulo!* Uma sementinha criou raízes e, ao crescer, rachou o mármore e arrancou até a cerca de metal do chão! Como uma semente, a Palavra de Deus tem vida e poder.

Quando a Palavra de Deus é plantada e cultivada, produz frutos. A fé, a esperança e o amor são algumas das primícias da colheita espiritual. Essas virtudes espirituais fazem parte dos sinais de que uma pessoa verdadeiramente nasceu de novo (ver Rm 5:1-4; Ef 1:13-15; 1 Ts 1:3; Hb 6:9-12; 1 Pe 1:3-9).

A fé é produzida ao ouvir a Palavra de Deus (Rm 10:17). Nossa vida cristã inicia com a fé *salvadora*, mas esse é apenas o começo. Aprendemos a andar pela fé (2 Co 5:7) e a trabalhar pela fé (1 Ts 1:3). É a fé que confere poder a nossa oração (Lc 17:5, 6) e que também serve de escudo para os dardos inflamados de Satanás (Ef 6:16).

O amor é outra prova da verdadeira salvação, pois a pessoa não salva preocupa-se primeiramente consigo mesma (Ef 2:1-3). O fato de os colossenses amarem *todos* os santos era prova de que Deus os havia transformado e dado a eles vida eterna. O amor cristão não é um sentimento superficial que produzimos em nós mesmos; antes, é obra



do Espírito Santo em nosso coração (Rm 5:5; Cl 1:8). Convém observar que Colossenses 1:8 é o único versículo nesta epístola que menciona o Espírito Santo, e o faz com relação ao amor.

O Espírito concede esse amor por “todos os santos” (Cl 1:4), não apenas pelos membros da própria congregação. Como cristãos, precisamos nos conscientizar da imensidão do amor de Deus e compartilhá-lo com todos os santos (Ef 3:17-19). Os cristãos devem estar “vinculado[s] juntamente em amor” (Cl 2:2), de modo que haja verdadeira unidade espiritual para a glória de Deus. Nosso vínculo unificador é o amor (Cl 3:14). A uniformidade é resultante de pressões exteriores, enquanto a unidade é resultante da compaixão interior.

A *esperança* também é uma característica do cristão. Os que não têm Deus e não estão em Cristo não têm esperança (Ef 2:11, 12; 1 Ts 4:13). Na Bíblia, o termo “esperança” não expressa o desejo de que algo aconteça. Nossa esperança em Cristo é tão certa e garantida quanto nossa fé em Cristo. Uma vez que Cristo está em nós, temos a “esperança da glória” (Cl 1:27).

Os falsos mestres tentaram inquietar os cristãos de Colossos e afastá-los da esperança do evangelho (Cl 1:23), mas Paulo deixou claro que essa esperança “está preservada nos céus” para os cristãos (Cl 1:5). O termo traduzido por “preservada” tem o sentido de “reservada, armazenada ou separada para alguém”. Era usado para se referir a uma soma em dinheiro guardada ou escondida em algum lugar. O tempo verbal indica que essa esperança foi preservada *de uma vez por todas* para que nada possa tirá-la de nós. Não apenas essa esperança (nossa herança eterna) foi reservada para nós como também estamos sendo guardados pelo poder de Deus, a fim de podermos, um dia, desfrutar o céu (1 Pe 1:1-5). Estamos sendo guardados para a glória!

Qual é a relação entre a fé, a esperança e o amor? Sem dúvida, quanto mais amamos alguém, mais confiamos nessa pessoa. A confiança que depositamos em conhecidos é diferente daquela que depositamos em

um amigo íntimo. Ao conhecer melhor a Deus, confiaremos cada vez mais nele e o amaremos cada vez mais. O amor e a fé estimulam um ao outro.

Mas a esperança também oferece uma contribuição inestimável. Sempre que há um relacionamento de fé e amor, há uma esperança crescente. Quando um homem e uma mulher se apaixonam e aprendem a confiar um no outro em função desse amor, seu futuro sempre parece mais promissor. Paulo ensinou que a esperança é uma força motivadora para o amor e a fé: “desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos; *por causa da esperança* que vos está preservada nos céus” (Cl 1:4, 5).

A esperança bendita de ver Jesus Cristo e de estar com ele no céu é uma força poderosa na vida do cristão. Quando nos damos conta da alegria que teremos no céu, nosso amor por Cristo torna-se ainda mais intenso. O fato de *saber* que estaremos com ele na glória nos estimula a confiar ainda mais nele. Nem mesmo os problemas e tribulações aqui na Terra podem nos fazer abrir mão dessa esperança.

Observe que a perspectiva de alguma felicidade faz as pessoas amarem umas às outras ainda mais – como as crianças antes do Natal ou durante as férias com a família. A promessa radiante do céu estimula nossa fé e desenvolve nosso amor. Assim, a fé e o amor trabalham em conjunto para tornar o presente mais agradável e o futuro mais empolgante.

É muito triste ver divisões e dissensões no meio dos cristãos. Não estou sugerindo que todos devem unir-se e formar uma “super igreja”, mas creio que poderia haver mais amor e compreensão no meio do povo de Deus. O fato de que vamos viver juntos no céu deveria nos incentivar a amar uns aos outros aqui na Terra. Esse é um dos motivos pelos quais Cristo já colocou sua glória em nosso ser interior. “Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (Jo 17:22).

A esperança de ver Cristo e ir para o céu não deve motivar apenas a fé e o amor, mas

também a vida de santidade. "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 Jo 3:3). Quando eu era recém-convertido, um amigo mais velho me preveniu:

- Não faça coisa alguma que o envergonharia se Jesus voltasse naquele momento!

Apesar de ter seus méritos, essa é uma visão um tanto negativa da promessa do céu. Aliás, João adverte que, se não permanecermos em Cristo (se não nos mantivermos em comunhão com ele em obediência), poderemos ficar envergonhados quando ele voltar (1 Jo 2:28).

No entanto, essa verdade tem um aspecto positivo. É preciso manter a vida em ordem para que, quando Jesus voltar, nada obscureça o primeiro encontro com ele. Entraremos no gozo e na glória de sua presença com segurança e amor! Pedro afirma que "é desta maneira que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno" (2 Pe 1:11).

A esperança do céu também é um estímulo em tempos de sofrimento (1 Pe 1:4-9). Como cristãos, temos nossa parcela de sofrimento, mas, em meio às tribulações, podemos "[exultar] com alegria indizível e cheia de glória" (1 Pe 1:8). Quando os incrédulos sofrem, desanimam e querem desistir. Mas quando os cristãos sofrem, sua fé pode se

tornar mais forte, e seu amor, mais profundo, porque sua esperança brilha com maior intensidade.

Como saber que temos essa esperança? A promessa é dada "pela palavra da verdade do evangelho" (Cl 1:5). Como cristãos, não temos de nos esforçar para gerar dentro de nós mesmos um sentimento agradável de esperança. A Palavra imutável de Deus garante que nossa esperança está segura em Cristo. Essa esperança é comparada a uma âncora (Hb 6:19) que nunca se parte nem é levada pela correnteza.

Não é de se admirar que Paulo fosse grato pelos cristãos de Colossos! Quando o apóstolo estava em Éfeso, Deus lhe deu "milagres extraordinários" (At 19:11). Mas nenhum milagre é maior do que a salvação do pecador perdido. Por meio do testemunho fiel de Epafras, Deus realizou milagres da graça em Colossos.

Você já experimentou o milagre da salvação? Caso sua resposta seja afirmativa, continue crescendo e dando frutos para o Senhor. A mesma Palavra que lhe deu vida quando creu em Cristo continuará a nutrir essa vida e a fazer de você um cristão fiel e frutuoso.

Há "milagres do evangelho" da graça ocorrendo onde você mora?

## A ORAÇÃO DE UM PRISIONEIRO

COLOSSENSES 1:9-12

As orações de Paulo em suas cartas da prisão são inigualáveis. Os pedidos de suas orações giram em torno das bênçãos *espirituais*, não de questões físicas ou materiais. É evidente que não há nada de errado em orar por necessidades físicas ou materiais. Mas as necessidades espirituais são imensamente mais importantes.

De que maneira você oraria por um grupo de pessoas desconhecidas? Tudo o que Paulo sabia a respeito dos cristãos de Colossos era o que havia ouvido de Epafras, o pastor fiel da igreja colossense. O apóstolo sabia que falsos ensinamentos ameaçavam essa congregação, de modo que concentra sua oração nesse problema e faz três pedidos.

### 1. PEDE INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL (Cl 1:9)

Os falsos mestres prometeram aos cristãos colossenses que receberiam revelações especiais se aceitassem novas doutrinas. Palavras como *conhecimento*, *sabedoria* e *discernimento espiritual* faziam parte de seu vocabulário religioso, de modo que Paulo usa os mesmos termos em sua oração.

Satanás é extremamente ardiloso! Gosta de tomar emprestadas palavras do vocabulário cristão, mas não usa o dicionário cristão. Essas palavras já faziam parte da terminologia cristã muito antes de serem adotadas pelos falsos mestres.

A expressão "por esta razão" liga a oração ao que Paulo escreveu aos colossenses em Colossenses 1:6: "entendestes a graça de Deus na verdade". O relato de Epafras convenceu Paulo de que esses cristãos verdadeiramente conheciam a Cristo e haviam

nascido de novo. Mas ainda tinham muito o que aprender *de Cristo e sobre ele!* O apóstolo lhes dizia que não precisavam ter uma nova experiência espiritual, mas sim crescer naquilo que já haviam experimentado.

Quando alguém nasce de novo e passa a fazer parte da família de Deus pela fé em Jesus Cristo, nasce com tudo de que precisa para crescer e amadurecer. Esse é o tema de colossenses: "Nele, estais aperfeiçoados" (Cl 2:10). Nenhuma outra experiência é necessária além do novo nascimento. Paulo adverte a igreja a não procurar algo novo, mas sim a continuar crescendo naquilo que recebeu no princípio.

Todo cristão precisa ter "conhecimento da sua vontade [de Deus]". O termo grego traduzido por "conhecimento" nesse versículo tem o sentido de "conhecimento pleno". Sempre temos coisas novas a aprender sobre Deus e sua vontade para nossa vida. Nenhum cristão pode ousar dizer que já possui esse conhecimento pleno e, portanto, não precisa mais aprender coisa alguma. Como o calouro na faculdade que entregou um trabalho de dez páginas sobre "A História do Universo", o cristão que afirmasse possuir tal conhecimento só estaria declarando sua ignorância.

A vontade de Deus é uma parte importante da vida cristã vitoriosa. Deus deseja que *conheçamos* sua vontade (At 22:14) e também que a *compreendamos* (Ef 5:17). Deus não é um ditador distante que dá ordens sem qualquer explicação. Uma vez que somos seus amigos, podemos saber o que está fazendo e por quê (Jo 15:13-15). Ao estudar sua Palavra e orar, descobrimos verdades novas e empolgantes sobre a vontade de Deus para seu povo.

O termo *pleno* (e seus correlatos) é uma palavra-chave na Epístola aos Colossenses. Também era uma palavra-chave nos ensinamentos dos falsos mestres que invadiram a igreja de Colossos. Paulo emprega essa palavra e suas variações com frequência (ver Cl 1:19, 25; 2:2, 9, 10; 4:12, 17 [*cumprir* = "completar"]). Esse termo dá a idéia de estar plenamente equipado. Era usado para descrever um navio pronto para uma viagem.

Em Cristo, o cristão tem tudo de que precisa para sua jornada aqui no mundo. “Nele, estais aperfeiçoados” (Cl 2:10). “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude” (Jo 1:16).

Na linguagem do Novo Testamento, *cheio* significa “controlado por”. Quando estamos cheios de raiva, somos controlados por esse sentimento. Assim, “[encher-se] do Espírito” (Ef 5:18) significa ser “controlado pelo Espírito”. Portanto, Paulo ora para que esses cristãos sejam controlados pelo pleno conhecimento da vontade de Deus.

Mas como isso acontece? De que maneira os cristãos crescem no pleno conhecimento da vontade de Deus? As últimas palavras de Paulo em Colossenses 1:9 dão a resposta: “em toda a sabedoria e entendimento espiritual”. *Compreendemos a vontade de Deus pela Palavra de Deus*. O Espírito Santo ensina a sujeição a ele (Jo 14:26; 16:13). Ao orar e buscar de coração a verdade de Deus, ele concede, por meio do Espírito, a sabedoria e o discernimento necessários (Ef 1:17).

A vontade *geral* de Deus a seus filhos é apresentada claramente na Bíblia. A vontade *específica* de Deus para determinada situação deve sempre estar de acordo com o que ele já revelou em sua Palavra. Quanto maior for nosso conhecimento da vontade geral de Deus, mais facilidade teremos de determinar sua orientação específica na vida diária. Paulo não incentiva os colossenses a buscar visões ou vozes. Antes, ora para que possam aprofundar-se na Palavra de Deus e, desse modo, ter mais sabedoria e discernimento com respeito à vontade de Deus. Seu desejo era que tivessem “toda sabedoria”; não precisavam saber tudo, mas sim ter toda sabedoria necessária para tomar decisões e viver de maneira agradável a Deus.

A inteligência espiritual é o começo de uma vida cristã vitoriosa e frutuosa. Deus não recompensa, de maneira alguma, a ignorância. Certa vez, ouvi um pastor dizer:

– Nunca *istudei* na escola. Só sô um crenete *ingnorante* e tô contente desse jeito!

Uma pessoa não precisa ter escolaridade para obter inteligência espiritual, mas também não precisa exaltar sua “ingnorança”.

Grandes homens de Deus como Charles Spurgeon, G. Campbell Morgan e H. A. Ironside nunca tiveram o privilégio de receber treinamento bíblico formal. No entanto, foram estudantes dedicados da Palavra, aprendendo suas verdades mais profundas por meio de longas horas de estudo, meditação e oração. O primeiro passo para a plenitude de vida é a inteligência espiritual – crescer na vontade de Deus pelo conhecimento da Palavra de Deus.

## 2. PEDE OBEDIÊNCIA PRÁTICA (CL 1:10)

Os falsos profetas em Colossos atraíam pessoas com sua oferta de “conhecimento espiritual”, mas não relacionavam esse conhecimento à vida. Na vida cristã, o conhecimento e a obediência andam juntos. *Aprender e viver* não são duas coisas separadas. A sabedoria que Paulo pede em sua oração não é simplesmente um conhecimento intelectual de verdades espirituais profundas (ver Cl 1:28; 2:3; 3:16; 4:5). A verdadeira sabedoria espiritual deve se refletir na vida diária. A sabedoria e a inteligência prática devem andar juntas (ver Êx 31:3; Dt 4:6; 1 Co 1:19).

Em meu ministério pastoral, encontro pessoas que se encantam com “o estudo das verdades mais profundas da Bíblia”. Normalmente, ganham um livro ou fitas de algum líder espiritual. Em pouco tempo, de tão expertas que ficam, tornam-se insensatas! As “verdades mais profundas” que descobrem só servem para distraí-las da vida cristã prática. Em vez de levar o coração a arder de devoção por Cristo (Lc 24:32), essas idéias tornam seus adeptos orgulhosos e causam problemas nos lares e nas igrejas. Todas as verdades bíblicas são práticas, não apenas teóricas. Se estivermos crescendo em conhecimento, também deveremos crescer na graça (2 Pe 3:18).

O caráter prático da vida cristã pode ser resumido em duas palavras: *andar* e *trabalhar*. A seqüência é importante: primeiro a sabedoria, depois o andar e, por fim, o trabalhar. Não podemos trabalhar para Deus a menos que estejamos andando com ele, mas não podemos andar com ele se não soubermos sua vontade. O cristão que dedicar um

tempo diário à leitura da Palavra e à oração (At 6:4) conhecerá a vontade de Deus e poderá andar com ele e trabalhar para ele.

Afinal, o propósito da vida não é agradar a nós mesmos, mas sim agradar ao Senhor. Devemos andar *de modo digno da nossa vocação* (Ef 4:1) e *de modo digno do evangelho* (Fp 1:27), ou seja, *de modo digno de Deus* (1 Ts 2:12). Em resumo, devemos andar de maneira a *agradar a Deus* (1 Ts 4:1).

Não somos nós que trabalhamos para Deus; é ele quem opera em nós e por meio de nós, a fim de produzir os frutos de sua graça (Fp 2:12, 13). O serviço cristão nasce da devoção cristã. O trabalho que fazemos é um transbordamento da vida que levamos. Somente ao permanecer em Cristo é que produzimos frutos (Jo 15:1ss).

Deus deve preparar os obreiros antes de realizarem a obra. Deus passou treze anos preparando José para seu ministério no Egito e oitenta anos preparando Moisés para liderar Israel. Jesus passou três anos ensinando a seus discípulos como dar frutos, e até mesmo o apóstolo Paulo, um homem instruído, precisou de um curso de "pós-graduação" na Arábia antes de servir a Deus com eficiência. Um bebê recém-nascido é capaz de chorar e de fazer com que todos notem sua presença, mas não é capaz de trabalhar. Um cristão recém-convertido pode dar testemunho de sua fé e até ganhar outros para Cristo, mas deve ser ensinado a andar e a aprender a sabedoria de Deus antes de ser colocado em um cargo de responsabilidade.

A sabedoria de Deus revela a vontade divina. Ao obedecer à vontade do Senhor em nossa caminhada, poderemos trabalhar para ele e dar frutos. Nosso serviço para Deus não será apenas ocasional; antes, "[frutificaremos] em toda boa obra" (Cl 1:10). Essa experiência traz um resultado abençoado: o crescimento "no pleno conhecimento de Deus" (Cl 1:10). Ao andar com Deus e trabalhar para ele, cresceremos cada vez mais no conhecimento de Deus.

Um elemento absolutamente essencial da vida cristã é o *equilíbrio*. Por certo, conheceremos a Deus cada vez mais ao orar em particular e meditar em sua Palavra. No

entanto, também precisamos conhecê-lo ao caminhar em nossa vida diária e trabalhar, a fim de ganhar outros e de ajudar o povo de Deus.

A adoração e o serviço não são mutuamente exclusivos. As duas coisas andam juntas. Quando estava ministrando aqui na Terra, Cristo retirava-se para orar, depois saía para servir. Precisamos evitar os extremos do misticismo sem aplicação prática e do entusiasmo carnal. Ao passar tempo com Deus, entendemos mais dele e de sua vontade para nossa vida, e ao arregaçar as mangas e obedecer a suas ordens, aprendemos cada vez mais.

Obedecer de modo prático significa agradecer a Deus, servir-lhe e conhecê-lo melhor. Qualquer doutrina que isola o cristão das necessidades do mundo que o cerca não é uma doutrina espiritual. O evangelista D. L. Moody costumava dizer que "toda Bíblia deve ser encapada com couro de sapato". Paulo concordaria com ele.

O apóstolo orou pedindo inteligência espiritual; pediu também que essa inteligência redundasse em obediência prática. No entanto, há um terceiro pedido que completa os outros dois e, sem o qual, a vida cristã não pode ter maturidade.

### 3. PEDE EXCELÊNCIA MORAL (Cl 1:11, 12)

A sabedoria e a conduta devem sempre ser relacionadas ao caráter moral. Um dos grandes problemas do mundo evangélico hoje é sua ênfase no "conhecimento espiritual" e no "serviço cristão" sem associar esses dois elementos importantes ao caráter pessoal.

Alguns mestres e pastores, por exemplo, afirmam ter a sabedoria de Deus e, no entanto, não demonstram amor, bondade e outras qualidades fundamentais que conferem beleza e distinção à vida cristã. Até mesmo alguns dos grandes evangelistas que escrevem textos para os meios evangélicos vêm-se tão ocupados servindo a Deus que não têm tempo de confirmar certas informações e acabam publicando mentiras. Assinei certo periódico religioso durante alguns meses, mas, quando descobri que não tinha uma sessão de "cartas para o editor" (a não

ser para elogios) e que nunca publicava correções nem se desculpava por erros, parei de ler a tal revista.

O conhecimento, a conduta, o serviço e o caráter devem sempre andar juntos. Conhecemos a vontade de Deus para poder obedecer a ela; e, ao lhe obedecer, servimos a Deus e crescemos em caráter cristão. Apesar de ninguém ser perfeitamente equilibrado nesses quatro elementos, devemos nos esforçar para desenvolver tal equilíbrio.

É a energia de Deus que dá poder. Uma tradução literal de Colossenses 1:11 seria: "sendo fortalecidos com toda força de acordo com o poder de sua glória". Paulo usa dois termos gregos diferentes para se referir à energia de Deus: *dunamis* (de onde temos a palavra "dinamite"), que significa "poder inerente", e *kratos*, que significa "poder manifesto" colocado em ação. A virtude da vida cristã é apenas resultado do poder de Deus operando em nossa vida. O crescimento e a maturidade só ocorrem quando nos sujeitamos ao poder de Deus e permitimos que ele opere em nós.

Costumamos pensar no poder glorioso de Deus sendo revelado em grandes feitos: o povo de Israel atravessando o mar Vermelho; Davi liderando seu exército vitorioso; ou Paulo ressuscitando alguém dentre os mortos. Mas a ênfase dessa passagem é sobre o caráter cristão: paciência, longanimidade, alegria e ações de graças. As vitórias interiores da alma são tão grandes quanto (senão maiores do que) as vitórias públicas registradas nos anais da história. Para Davi, demonstrar domínio próprio quando Simei o provocava foi uma vitória maior do que matar Golias (2 Sm 16:5-13). "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade" (Pv 16:32).

A palavra *perseverança* significa "paciência para suportar circunstâncias difíceis". O oposto é desânimo. Essa palavra nunca é usada com referência a Deus, pois ele jamais enfrenta circunstâncias difíceis. Nada é impossível para Deus (Jr 32:27).

A perseverança é uma característica importante da vida cristã em processo de

amadurecimento. Quem não aprende a ser perseverante dificilmente aprende alguma outra coisa. Como cristãos, podemos nos regozijar até nas tribulações, "sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança" (Rm 5:3, 4).

Jamais se deve imaginar que perseverança seja sinônimo de resignação. Perseverança é *paciência em ação*. Não é sentar-se em uma cadeira de balanço e esperar que Deus faça alguma coisa. É o soldado no campo de batalha, permanecendo em combate mesmo quando as circunstâncias mostram-se desfavoráveis. É o corredor na pista, recusando-se a parar, pois deseja vencer a corrida (Hb 12:1).

Muitos cristãos têm a tendência de desistir quando as circunstâncias tornam-se difíceis. O falecido V. Raymond Edman, ex-presidente do Wheaton College (Illinois) e um homem piedoso, costumava lembrar seus alunos de que: "É sempre cedo demais para desistir".

Penso com frequência em suas palavras quando me vejo envolvido em situações difíceis. Não é o talento nem o treinamento que garantem a vitória, mas sim a perseverança. "Foi com perseverança que o caracol conseguiu chegar até a arca", disse Charles Spurgeon.

Além de perseverança, precisamos também de *longanimidade*, um termo relacionado ao "domínio-próprio" e o oposto de vingança. A perseverança refere-se principalmente às circunstâncias, enquanto a longanimidade refere-se às pessoas. Deus é longânimo para com as pessoas por causa de seu amor e sua graça (2 Pe 3:9). A longanimidade é um fruto do Espírito (Gl 5:22). Faz parte das "vestes da graça" que o cristão deve usar (Cl 3:12).

É impressionante como as pessoas são capazes de suportar pacientemente circunstâncias difíceis e, ainda assim, perder a paciência com um amigo ou ente querido. Moisés mostrou-se paciente durante seu conflito com o Faraó no Egito, mas não teve paciência com o próprio povo e, com isso, perdeu o direito de entrar na Terra Prometida

(Nm 20). “Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio” (Pv 25:28).

Se estivermos crescendo espiritualmente, a perseverança e a longanimidade andarão juntas. Paulo as relaciona como características do verdadeiro ministro de Jesus Cristo (2 Co 6:4-6). Sem dúvida, o apóstolo demonstrou essas virtudes na própria vida (2 Tm 3:10). O grande exemplo de perseverança e de longanimidade no Antigo Testamento é Jó (Tg 5:10, 11). No Novo Testamento, o maior exemplo é, obviamente, Jesus Cristo.

Para Deus, é fácil realizar milagres na esfera material ou física, pois tudo na criação obedece a suas ordens. Jesus curou a orelha de Malco, mas não conseguiu mudar de imediato o coração de Pedro e remover o ódio e a violência presentes dentro dele (Lc 22:50, 51). Deus tirou água da rocha, mas não pôde forçar Moisés a ser paciente.

Um pastor costumava visitar um rapaz cristão que havia sofrido queimaduras graves. O rapaz precisava permanecer imóvel por várias horas e tinha grande dificuldade em realizar as tarefas mais simples.

Certo dia, o rapaz disse ao pastor:

– Gostaria que Deus fizesse um milagre e me curasse.

– Deus está fazendo um milagre – respondeu o pastor –, mas não do tipo que você está esperando. Nas últimas semanas, tenho visto você desenvolver paciência e bondade. Para mim, isso é um milagre maior do que a cura do seu corpo.

O poder de Deus é demonstrado na vida não apenas pela perseverança e longanimidade, mas também pela *alegria*. Quando as circunstâncias são difíceis, devemos demonstrar perseverança *alegre*, e quando não é fácil conviver com as pessoas, devemos demonstrar longanimidade *alegre*. Há um tipo de perseverança que “suporta sem prazer algum”. Paulo ora pedindo que os cristãos de Colossos tenham perseverança e longanimidade *com alegria*.

Costumamos usar os termos *alegria* e *felicidade* de maneira intercambiável, mas é importante fazer uma distinção. A felicidade muitas vezes depende do que acontece.

Se as circunstâncias são favoráveis e as pessoas são agradáveis, ficamos felizes. Mas a alegria não depende das circunstâncias nem das pessoas. Filipenses, a epístola mais alegre de Paulo, foi escrita enquanto ele estava preso e corria o risco de ser martirizado por causa de sua fé.

Somente o Espírito de Deus operando dentro de nós pode nos dar alegria quando precisamos enfrentar circunstâncias e pessoas problemáticas. “Mas o fruto do Espírito é: [...] alegria” (Gl 5:22). A alegria não é algo que criamos, mas sim algo que o Espírito Santo produz em nós – é “alegria no Espírito Santo” (Rm 14:17).

Lembro-me de várias ocasiões em minha vida em que as circunstâncias indicavam dificuldades e, possivelmente, derrota. No entanto, meu coração enchia-se de uma alegria espiritual que só poderia vir do Senhor. Infelizmente, também me lembro de um número demasiado de ocasiões em que cedi aos problemas e perdi a alegria e também a vitória.

A quarta evidência do poder de Deus na vida é a *gratidão*. Os cristãos cheios do Espírito Santo são alegres e gratos (Ef 5:18-20). Quando perdemos a alegria, começamos a nos queixar e nos tornamos críticos.

A Epístola aos Colossenses é cheia de ações de graças. Paulo dá graças pela igreja em Colossos (Cl 1:3) e ora pedindo que seus membros cresçam em suas ações de graças a Deus (Cl 1:12). A vida cristã deve ser abundante em ações de graças (Cl 2:7). Um dos sinais de crescimento espiritual no estudo pessoal da Bíblia é a gratidão (Cl 3:15-17). Nossas orações devem sempre incluir ações de graças (Cl 4:2). O cristão cheio do Espírito, cheio da Palavra e vigilante em oração demonstra seu desenvolvimento espiritual por meio de sua atitude de apreciação e de gratidão a Deus.

Algumas pessoas apreciam a natureza, outras não; estas últimas precisam, de maneira especial, do poder de Deus para expressar gratidão. É preciso lembrar que toda boa dádiva vem de Deus (Tg 1:17) e que ele é (como dizem os teólogos): “A Fonte, o Sustentado e o Fim de todas as coisas”. Até o próprio fôlego é uma dádiva de Deus.

Muitos anos atrás, a Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois, possuía uma equipe de salva-vidas que ajudava passageiros dos barcos no lago Michigan. No dia 8 de setembro de 1860, um barco de passageiros chamado *Lady Elgin* foi a pique perto de Evanston, e um estudante de teologia, Edward Spencer, salvou sozinho dezessete pessoas. O esforço daquele dia causou danos permanentes a sua saúde e ele não pôde continuar sua preparação para o ministério. Quando faleceu alguns anos depois, alguém observou que nenhuma das dezessete pessoas salvas foi agradecer a ele.

A gratidão é o oposto do egoísmo. A pessoa egoísta diz: "Eu mereço o que recebo; os outros têm a obrigação de me fazer feliz!" Mas o cristão maduro tem consciência de que a vida é uma dádiva de Deus e de que as bênçãos da vida vêm somente das mãos generosas de Deus.

Por certo, a bênção que deve sempre motivar nossas expressões de gratidão é o fato de que Deus nos "fez idôneos à parte que [nos] cabe da herança dos santos na luz" (Cl 1:12). O termo *idôneos* significa

"qualificados": Deus nos qualificou para o céu! E, enquanto esperamos pela volta de Cristo, desfrutamos a parte que nos cabe da herança espiritual que temos nele (Ef 1:11, 18-23).

No Antigo Testamento, o povo de Deus possuía uma herança *terrena*, a terra de Canaã. Os cristãos de hoje têm uma esperança *espiritual* em Cristo. Canaã não é um retrato do céu, pois não haverá batalhas nem derrotas no céu. Canaã é um retrato de nossa herança *presente* em Cristo. Devemos tomar posse de nossa herança ao confiar nas promessas de Deus (Js 1:1-9). A cada dia, tomamos posse de nossas bênçãos e, com isso, nos tornamos cada vez mais gratos ao Senhor.

Ao recapitular essa oração maravilhosa, vemos quão penetrante ela é. Precisamos de inteligência espiritual a fim de viver de modo agradável a Deus. Também precisamos de obediência prática em nossa caminhada e trabalho. Mas o resultado de tudo isso deve ser poder espiritual no ser interior, o qual gera perseverança e longanimidade alegre com ações de graças. Você tem orado dessa maneira ultimamente?



# SENHOR SOBRE TODAS AS COISAS

COLOSSENSES 1:13-20

Os falsos mestres de Colossos, como os de hoje, não *negavam* a importância de Jesus Cristo. Antes, eles o *desentronizavam*, dando-lhe proeminência, mas não preeminência. De acordo com sua filosofia, Jesus Cristo era apenas uma das muitas “emanações” provenientes de Deus, por meio das quais os seres humanos poderiam alcançar o Ser divino. É justamente essa idéia que Paulo refuta nesta seção.

É provável que nenhum parágrafo do Novo Testamento contenha tanta doutrina concentrada sobre Jesus Cristo quanto este. Podemos ir direto ao cerne da questão, se lembrarmos que Paulo escreveu esta carta a fim de provar a preeminência de Cristo, usando, para isso, quatro argumentos irrefutáveis.

## 1. CRISTO É O SALVADOR (CL 1:13, 14)

O maior problema do ser humano é o pecado, problema que não pode ser resolvido por nenhum filósofo ou líder religioso. Os pecadores precisam de um Salvador. Esses dois versículos apresentam uma imagem vívida dos quatro atos de salvação realizados por Cristo em favor de nós.

**Ele nos libertou (v. 13a).** Esse termo significa “livrou do perigo”. Não poderíamos nos livrar da culpa e do castigo pelo pecado por conta própria, mas Jesus era capaz de nos libertar, e foi o que fez. Não corremos mais o perigo de passar a eternidade separados de Deus. A espada do julgamento de Deus estava sobre nossa cabeça!

Mas o livramento envolve algo mais: fomos libertos da autoridade de Satanás e dos poderes das trevas. Os falsos mestres gnósticos acreditavam que uma organização de

espíritos perversos controlava o mundo (ver Cl 1:16; 2:10, 15): anjos, arcanjos, principados, potestades, soberanias, domínios e tronos. John Milton usa esses títulos ao descrever as forças de Satanás em sua obra *Paraíso Perdido* [*Paradise Lost*].

**Ele nos transportou (v. 13b).** O verbo “transportar” era usado para descrever a deportação de uma população de um país para outro. A história registra que Antíoco, o Grande, transportou cerca de dois mil judeus da Babilônia para Colossos.

Jesus Cristo não nos libertou da escravidão para nos deixar vagando sem rumo. Ele nos colocou no próprio reino de luz e nos deu a vitória sobre o reino de trevas de Satanás. Os governantes terrenos transportavam os povos que derrotavam, mas Jesus Cristo transportou os vencedores.

A expressão *do Filho do seu amor* pode ser traduzida também por “do seu Filho querido”. No batismo e na transfiguração de Jesus Cristo, o Pai declarou que Jesus era seu “Filho amado” (Mt 3:17; 17:5). Esse fato lembra o preço que o Pai pagou quando entregou seu Filho por nós. Também lembra que seu reino é um reino de amor e de luz.

A experiência de Israel no Antigo Testamento é uma ilustração dessa experiência espiritual, pois Deus os livrou da escravidão do Egito e os levou para a Terra Prometida de sua herança. O Senhor nos tira das trevas para poder nos levar para a luz.

**Ele nos redimiu (v. 14a).** Esse termo significa “libertar um prisioneiro mediante o pagamento de um resgate”. Paulo não sugere que Jesus pagou um resgate a Satanás, a fim de nos livrar do reino das trevas. Por meio de sua morte e ressurreição, Jesus cumpriu os requisitos sagrados da Lei de Deus. Satanás tenta nos acusar e aprisionar, pois sabe que somos culpados de transgredir a Lei de Deus. Mas o resgate já foi pago no Calvário, e, pela fé em Jesus, fomos libertos.

**Ele nos perdoou (v. 14b).** A redenção e a remissão (perdão; NVI) andam juntas (Ef 1:7). O termo traduzido por *remissão* (*perdão*) tem o sentido de “mandar embora” ou

de “cancelar uma dívida”. Cristo não apenas nos libertou e nos transferiu para um novo reino como também cancelou todas as dívidas para que não voltemos a ser escravos. Não há coisa alguma em nossa “ficha” que Satanás possa usar contra nós!

Nos últimos anos, a igreja tem redescoberto a liberdade do perdão. O perdão que Deus oferece aos pecadores é um ato de sua graça. Não merecemos ser perdoados nem podemos conquistar o perdão. Saber que fomos perdoados permite que tenhamos comunhão com Deus, que desfrutemos sua graça e que procuremos fazer sua vontade. O perdão não é um pretexto para pecar; antes, é um estímulo à obediência. Pelo fato de termos sido perdoados, podemos perdoar a outros (Cl 3:13). A parábola do servo que não perdoou deixa claro que um espírito amargurado sempre nos faz perder a liberdade (Mt 18:21-35).

Jesus Cristo é preeminente na salvação. Nenhuma outra pessoa poderia nos redimir, perdoar, tirar do reino de Satanás, levar para o reino de Deus e fazer tudo isso inteiramente pela graça. Contudo, nossa salvação teve um preço. Moisés e Israel só tiveram de derramar o sangue dos cordeiros para ser libertos do Egito; mas Jesus derramou seu sangue para nos livrar do pecado.

## 2. CRISTO É O CRIADOR (CL 1:15-17)

Os falsos mestres mostravam-se extremamente confusos quanto à Criação. Ensinavam que a matéria, inclusive o corpo humano, era má. Também ensinavam que Jesus Cristo não teve um corpo de verdade, uma vez que isso o teria colocado em contato com essa matéria perniciosa. Os resultados desses falsos ensinamentos foram trágicos: em um extremo, o asceticismo radical e, no outro, o pecado desenfreado. Afinal, se o corpo é pecaminoso, só nos resta tentar escravizá-lo ou desfrutá-lo ao máximo.

Nesta seção, Paulo explica quatro aspectos da relação de Jesus Cristo com a criação.

**Ele existia antes da criação (v. 15).** O termo *primogênito* não se refere ao tempo, mas sim ao lugar ou situação. Jesus Cristo não foi o primeiro ser criado, uma vez que

ele próprio é o Criador de todas as coisas. O fato de ser *primogênito* significa, apenas, que é o “primeiro em importância, do primeiro escalão”. Por certo, Davi não foi o primeiro filho de Jessé e, no entanto, foi chamado de “primogênito” (Sl 89:27). O *primogênito de toda a criação* significa “anterior a toda a criação”. Jesus não é um ser criado; ele é o Deus eterno.

Paulo usa a palavra *imagem* para deixar esse fato claro. Ela significa “uma representação e revelação exata”. O autor da Epístola aos Hebreus afirma que Jesus Cristo é “a expressão exata do seu Ser” (Hb 1:3). Jesus poderia dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14:9). Em sua essência, Deus é invisível, mas em Jesus Cristo ele se revelou a nós (Jo 1:18). A natureza revela a existência, o poder e a sabedoria de Deus, mas a natureza não pode revelar a própria essência de Deus. É somente em Jesus Cristo que o Deus invisível revela-se perfeitamente. Uma vez que nenhuma simples criatura pode revelar a Deus perfeitamente, então procede que Jesus Cristo é Deus.

**Ele criou todas as coisas (v. 16a).** Uma vez que Cristo criou todas as coisas, ele próprio não foi criado. A conjunção “pois”, logo no início desse versículo, pode ser traduzida por “porque”. Jesus Cristo é o primogênito de tudo *porque* foi ele quem criou todas as coisas. Não é de se admirar que os ventos e as ondas lhe obedecessem e que as enfermidades e a morte desaparecessem diante dele... Afinal, ele é Senhor sobre tudo. “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele” (Jo 1:3). Isso inclui todas as coisas no céu e na Terra, quer visíveis quer invisíveis. Todas as coisas estão sob sua autoridade.

**Todas as coisas existem para ele (v. 16b).** Todas as coisas existem *nele*, para ele e por meio dele. Jesus Cristo é o Âmbito da existência de todas as coisas, o Agente por meio do qual todas vieram a existir e Aquele para o qual foram criadas.

O uso que Paulo faz de três preposições diferentes é uma forma de refutar a filosofia dos falsos mestres. Durante séculos, os filósofos gregos ensinaram que todas as coisas precisavam de uma causa primária, uma causa

instrumental e uma causa final. A causa primária é o plano, a causa instrumental é o poder e a causa final é o propósito. Tratando-se da criação, Jesus Cristo é a causa primária (foi ele quem a planejou), a causa instrumental (foi ele quem a realizou) e a causa final (ele a fez para o próprio prazer).

Se todas as coisas na criação existem para ele, nenhuma delas pode ser má em si mesma (com exceção de Satanás e dos anjos caídos; mas até eles são usados por Deus para realizar sua vontade). Os preceitos dos gnósticos acerca da criação não passam de tolices (Cl 2:20-23). Segue-se, também, que, mesmo estando sob a escravidão do pecado (Rm 8:22), a criação de Deus pode ser usada para a glória de Deus e desfrutada pelo povo de Deus (1 Tm 6:17).

**Ele mantém a união de todas as coisas (v. 17).** O verbo *subsistir* também pode ser traduzido, nesse contexto, por "existir em união". Um guia levou um grupo a um laboratório atômico e explicou como toda a matéria é composta de partículas elétricas que se movimentam rapidamente. Os visitantes observaram alguns modelos de moléculas e se admiraram ao descobrir que a matéria é constituída, fundamentalmente, de espaços. Durante o período de perguntas, um dos visitantes quis saber:

- Se a matéria é composta dessa maneira, o que mantém a coesão de tudo? - O guia não teve resposta para essa pergunta.

Mas o cristão tem a resposta: Jesus Cristo! Uma vez que "Ele é antes de todas as coisas", pode mantê-las em união. Trata-se de mais uma declaração de que Jesus Cristo é Deus. Somente Deus existe antes de toda a criação e somente Deus pode dar coesão à criação. Considerar Jesus Cristo inferior a Deus é o mesmo que desentronizá-lo.

Havia um hino chamado "Este é o mundo de meu Pai" que costumava me incomodar. Tempos atrás, eu pensava que Satanás e o pecado controlavam o mundo. Mudei de idéia desde então, e agora canto esse hino com alegria e vitória. Jesus Cristo fez todas as coisas, e, por meio dele, todas as coisas permanecem em união. Sem dúvida, este é o mundo de meu Pai!

### 3. CRISTO É O CABEÇA DA IGREJA (Cl 1:18)

Encontramos diversas imagens da Igreja no Novo Testamento, e o corpo é uma das mais importantes (Rm 12:4ss; 1 Co 12:14; Ef 4:8-16). Nenhuma denominação ou igreja local pode se considerar "o corpo de Cristo", pois esse corpo é constituído de *todos* os cristãos verdadeiros. Quando uma pessoa crê em Jesus Cristo, é batizada no mesmo instante pelo Espírito Santo de modo a se tornar parte desse corpo (1 Co 12:12, 13). O batismo do Espírito não é uma experiência que ocorre depois da conversão, mas sim no momento em que a pessoa aceita a Cristo.

Todo cristão é membro desse corpo espiritual, e Jesus Cristo é o cabeça. De acordo com seu uso na língua grega, o termo "cabeça" referia-se à "fonte" ou "origem" bem como a um "líder, governante". Jesus Cristo é a Origem e o Líder de seu corpo, a Igreja. Paulo o chama de "princípio", indicando que Jesus Cristo tem precedência no tempo no que se refere a sua Igreja. O termo "princípio" também pode ser traduzido por "aquele que dá origem".

Qualquer que seja o nome escolhido, afirmará a preeminência de Jesus Cristo na Igreja. Originou-se nele e opera nele. Como cabeça da Igreja, Jesus Cristo lhe dá vida por meio de seu Espírito. Também concede dons às pessoas e as coloca em sua Igreja para servir ao Senhor onde se fizerem necessárias. Por meio de sua Palavra, Jesus Cristo nutre e purifica sua Igreja (Ef 5:25-30).

Nenhum cristão na Terra é cabeça da Igreja. Essa posição é reservada exclusivamente para Jesus Cristo. Vários líderes religiosos podem ter fundado congregações ou denominações, mas somente Jesus Cristo é o Fundador da Igreja, que é seu corpo. Essa Igreja é constituída de todos os cristãos verdadeiros e teve início em Pentecostes. Foi nessa ocasião que o Espírito Santo desceu sobre os cristãos e os batizou de modo a formar um só corpo espiritual.

A existência de "somente um corpo" neste mundo (Ef 4:4) não elimina nem minimiza a necessidade de grupos *locais* de cristãos. O fato de pertencermos à Igreja universal

não nos isenta de responsabilidades para com a igreja local. Não posso ministrar à Igreja toda, mas posso fortalecer e edificar a Igreja ministrando ao povo de Deus em uma congregação local.

Jesus Cristo é o cabeça e o princípio da Igreja; também é o “primogênito de entre os mortos”. Vimos o termo “primogênito” em Colossenses 1:15. Paulo não diz que Jesus foi a primeira pessoa a ser ressuscitada dentre os mortos, pois não foi o caso. No entanto, Cristo é a Pessoa mais importante dentre todas as que ressuscitaram, pois sem a ressurreição dele não poderia haver ressurreição para os outros (1 Co 15:20ss).

Parece estranho Paulo usar o termo *primogênito*, que se refere a nascimento, com relação à morte, pois os dois conceitos parecem opostos. No entanto, o túmulo foi como um ventre do qual Cristo surgiu em vitória, pois a morte não pôde detê-lo (At 2:24). O Filho foi gerado na glória da ressurreição (Sl 2:7; At 13:33).

Isso nos leva ao tema desta seção: “para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1:18). Esse foi o propósito de Deus ao fazer de seu Filho o Salvador, Criador e Cabeça da Igreja. O termo traduzido por “primazia” não é usado em nenhuma outra passagem do Novo Testamento. É relacionado à palavra traduzida por “primogênito” e exalta a posição singular de Jesus Cristo. “Cristo é tudo em todos” (Cl 3:11).

Em 1893, a feira conhecida como World’s Columbian Exposition foi realizada em Chicago e foi visitada por mais de 21 milhões de pessoas. Um dos eventos da exposição foi o Parlamento Mundial das Religiões, um encontro de representantes de religiões de todo o mundo com o objetivo de compartilhar o “melhor” de cada crença, talvez até de criar uma nova religião para o mundo.

O evangelista D. L. Moody considerou esse evento uma excelente oportunidade para evangelizar. Usou igrejas, alugou teatros e até mesmo a tenda de um circo (quando não havia espetáculos) para apresentar o evangelho de Jesus Cristo. Seus amigos queriam que Moody falasse contra o Parlamento das Religiões, mas ele se recusou.

“Vou tornar Jesus Cristo tão atraente”, disse o evangelista, “que as pessoas se voltarão para ele”. Moody sabia que Jesus Cristo é o Salvador preeminente, não apenas mais um dos muitos “líderes religiosos” da história. A Campanha de Chicago foi, provavelmente, a maior campanha evangelística da vida de D. L. Moody, e milhares de pessoas entregaram a vida a Cristo.

Mas os falsos mestres de Colossos não poderiam dar a Jesus Cristo a posição de preeminência, pois, de acordo com sua filosofia, Jesus Cristo era uma das muitas “emanações” de Deus. Não era, portanto, o único caminho para Deus (Jo 14:6), mas sim um dos degraus da escada! Alguém disse bem que: “Se Jesus Cristo não é Senhor de tudo, não pode ser Senhor de coisa alguma”.

Até aqui, estudamos três argumentos em favor da preeminência de Jesus Cristo: ele é o Salvador, ele é o Criador e ele é o Cabeça da Igreja. Esses argumentos revelam o relacionamento de Cristo com os pecadores, com o universo e com os cristãos. Mas e quanto a seu relacionamento com Deus, o Pai?

#### 4. ELE É O AMADO DO PAI (CL 1:19, 20)

Paulo já afirmou que Jesus Cristo é o “Filho do seu amor [de Deus]” (Cl 1:13). Os que crêem em Jesus Cristo como Salvador são aceitos “no Amado” (Ef 1:6). Por esse motivo, Deus pode nos chamar de amados (Cl 3:12).

Em seguida, Paulo faz um grande avanço em sua argumentação ao declarar que, em Cristo, “reside toda a plenitude”! O termo grego traduzido por “plenitude” é *pleroma*. Trata-se de um termo técnico do vocabulário dos falsos mestres gnósticos e significa “a soma total dos poderes e atributos divinos”. Observamos anteriormente que Paulo usa essa palavra importante em oito ocasiões no texto original de sua Epístola aos Colossenses, dirigindo-se aos falsos mestres nos próprios termos que usavam.

A palavra “residir” é igualmente importante. Significa muito mais do que apenas “morar”. A forma verbal quer dizer: “estar no lar em caráter permanente”. O falecido

Kenneth S. Wuest, conhecido especialista na língua grega, ressaltou que essa plenitude “não consistia de algo acrescentado a seu ser como algum elemento não natural, mas sim de algo que era parte permanente de sua essência” (*Ephesians and Colossians in the Greek New Testament*, Eerdmans, p. 187).

O Pai não concederia seu *pleroma* em caráter permanente a algum ser criado. O fato de que “aprouve a Deus” ter sua plenitude em Cristo comprova que Jesus Cristo é Deus. “Porque todos nós temos recebido da sua plenitude [de Cristo]” (Jo 1:16). “Porquanto, nele [em Cristo], habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9).

Uma vez que Jesus Cristo é Deus, ele é capaz de fazer o que nenhum mero ser humano jamais poderia fazer: reconciliar os pecadores com um Deus santo. Quando o primeiro homem e a primeira mulher pecaram, declararam guerra contra Deus, mas Deus não declarou guerra contra eles. Em vez disso, procurou Adão e Eva e lhes proveu algo para cobrir seus pecados.

A mente natural do pecador não salvo encontra-se em guerra com Deus (Rm 8:7). O pecador pode ser sincero, religioso e até mesmo moral, mas ainda assim está em guerra com Deus.

De que maneira o Deus santo pode ser reconciliado com o ser humano pecador? Deus poderia rebaixar seus padrões, fechar os olhos para o pecado e fazer concessões aos seres humanos? Se agisse assim, o universo se desintegraria! Deus deve ser coerente consigo mesmo e guardar a própria Lei santa.

Talvez o ser humano pudesse encontrar uma forma de agradar a Deus. Mas, por causa de sua natureza, o homem encontra-se separado de Deus e, por causa de seus atos, está alienado de Deus (Cl 1:21). Os pecadores estão “mortos nos [seus] delitos e pecados” (Ef 2:1ss) e, portanto, não são capazes de fazer coisa alguma para salvar-se nem para agradar a Deus (Rm 8:8).

A fim de ocorrer a reconciliação entre o ser humano e Deus, a iniciativa e a ação devem partir do Ser divino. Deus foi reconciliado com o homem *em Cristo* (2 Co 5:19).

Mas não foi a encarnação de Cristo que efetou esse conagração, como também não foi seu exemplo ao viver entre os homens. A paz entre Deus e o homem foi feita por meio da morte de Cristo. Ele “[fez] a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1:20).

Claro que os falsos mestres ofereciam certa reconciliação entre os homens e Deus. No entanto, não era completa nem definitiva. De acordo com os mestres gnósticos, os anjos e as “emanações” poderiam, de algum modo, aproximar os seres humanos de Deus. Mas a reconciliação que temos em Jesus Cristo é perfeita, completa e definitiva. Mais do que isso, a reconciliação em Cristo *envolve todo o universo!* Ele “[reconcilia] consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1:20).

No entanto, não devemos concluir, equivocadamente, que reconciliação universal é a mesma coisa que salvação universal. O “universalismo” ensina que todos os seres, inclusive os que rejeitaram Jesus Cristo, serão salvos algum dia. Não era nisso que Paulo cria. O conceito de “restauração universal” não fazia parte da teologia de Paulo, pois ele ensinava claramente que os pecadores precisavam crer em Jesus Cristo a fim de ser salvos (2 Ts 1).

Paulo afirma que, na cruz, Cristo resolveu o problema do pecado de uma vez por todas. Isso significa que, um dia, Deus poderá unir em Cristo tudo o que lhe pertence (Ef 1:9, 10). Poderá glorificar os cristãos e castigar os incrédulos, e *o fará com justiça*, por causa da morte de Cristo na cruz. Ninguém – nem mesmo Satanás – pode acusar Deus de ser injusto, pois o pecado foi tratado efetivamente na cruz.

Se Jesus Cristo é apenas um simples homem ou uma emanação de Deus, não é capaz de reconciliar os homens com Deus. O único árbitro capaz de reunir o Ser divino e os seres humanos é Aquele que, na própria pessoa, é *tanto Deus quanto homem*. Ao contrário do que os gnósticos ensinavam, Jesus Cristo era um ser humano real, com um corpo real. Era Deus habitando em carne humana (Jo 1:14). Quando morreu na cruz, cumpriu os requisitos justos da Lei, pois

sofreu o castigo pelos pecados dos homens (1 Pe 2:24). A reconciliação foi consumada na cruz (Rm 5:11).

Ao fazer uma recapitulação dessa seção profunda (estudada aqui apenas de modo superficial), observamos uma série de verdades importantes.

Em primeiro lugar, Jesus Cristo cuidou de todas as coisas. Todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Existia antes de todas as coisas e, hoje, mantém a união de todas as coisas. Reconciliou todas as coisas mediante a cruz. Não é de se admirar que Paulo tenha declarado que "em todas as coisas [Cristo tem] a primazia" (Cl 1:18).

Em segundo lugar, tudo de que precisamos encontra-se em Jesus Cristo. Nele, temos toda a plenitude de Deus e somos "aperfeiçoados" (Cl 2:10). Não há necessidade de acrescentar coisa alguma à pessoa ou à obra de Cristo. Acrescentar qualquer coisa a ele é o mesmo que subtrair de sua glória. Dar-lhe proeminência em lugar de preeminência é o mesmo que desentronizá-lo.

Em terceiro lugar, Deus tem prazer em ver seu Filho, Jesus Cristo, honrado e recebendo preeminência. Algumas pessoas dizem que são cristãs, mas ignoram ou negam

Jesus Cristo. Dizem adorar somente ao Pai, pois o resto é dispensável.

Todavia, Jesus deixou claro que não apenas o Pai, mas também o *Filho* deve ser adorado, "a fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou" (Jo 5:23, 24).

O falecido M. R. DeHaan, conhecido por seus programas evangélicos de rádio, contou de um pastor que foi confrontado por um membro de uma seita que rejeitava a divindade de Jesus Cristo.

- Jesus não pode ser o Filho eterno de Deus, pois o pai é sempre mais velho que o filho - disse o homem. - Se o Pai não é eterno, então ele não é Deus. Se Jesus é seu Filho, então ele não é eterno.

O pastor não hesitou em sua resposta: "O que faz de uma pessoa um pai é justamente ter um filho. Se Deus é o Pai eterno, deve ter um Filho eterno! Isso significa que Jesus é eterno e, portanto, que ele é Deus!"

Jesus Cristo é o Salvador, o Criador, o Cabeça da Igreja e o Amado do Pai. Ele é o Deus eterno e merece a preeminência em nossa vida.

Jesus Cristo tem a primazia em sua vida?

## O MINISTÉRIO DE UM HOMEM

COLOSSENSES 1:21 – 2:3

Qual seria sua reação se você recebesse uma carta de um desconhecido, um homem que está na prisão acusado de ser um revoltoso e arruaceiro?

Os cristãos de Colossos depararam-se com esse problema. Sabiam que Paulo havia tido um papel importante na conversão de Epafras, o pastor da igreja colossense. Também sabiam que Epafras havia ido a Roma para aconselhar-se com Paulo e que ainda não havia regressado. Os membros da igreja receberam a carta de Paulo entregue por Tíquico e Onésimo. No entanto, os falsos mestres de Colossos vinham difamando Paulo e instilando dúvidas na mente dos colossenses: “por que dar ouvidos a um prisioneiro político?”, perguntavam, “será que ele é confiável?”

Por certo, Paulo estava ciente dessa situação, de modo que fez uma pausa na primeira parte de sua carta para apresentar uma explicação. O apóstolo empolgou-se de tal modo ao exaltar Jesus Cristo que não demonstrou qualquer interesse em escrever a respeito de si mesmo! Nesta seção, Paulo explica seus três ministérios.

### 1. PREGAR O EVANGELHO (Cl 1:21-23)

Apesar de Paulo não ter evangelizado os colossenses pessoalmente, foi seu ministério em Éfeso que levou à fundação da igreja em Colossos. Deus o fez ministro (Cl 1:25). Grande parte de seu ministério consistia em pregar as boas-novas da salvação pela fé em Jesus Cristo. Era um ministério de reconciliação (2 Co 5:17-21). Paulo recapitula para os leitores a experiência espiritual deles.

**Sua alienação no passado (v. 21a).** O apóstolo usa o termo “estranhos” para falar da situação dos colossenses. Os gentios de Colossos estavam alienados de Deus e separados das bênçãos espirituais de Israel (Ef 2:11ss). Os deuses que adoravam eram falsos, e seus rituais religiosos não solucionavam o problema do pecado e da culpa.

No entanto, essa alienação não se devia apenas a sua condição como gentios, mas também a suas práticas e atitudes pecaminosas. Os gentios eram *inimigos*, ou seja, “ativamente hostis em relação a Deus”. Apesar de não terem recebido a Lei divina, tal qual foi dada por Deus a Israel, esses gentios conheciam a verdade a respeito de Deus por meio da criação e da consciência (Rm 1:18ss). Não poderiam alegar ignorância quando fossem convocados ao tribunal divino.

A inimizade em sua mente redundava em obras perversas. Tanto em atitudes quanto em ações, estavam em guerra com Deus. “Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8:7). Isso explica por que o incrédulo precisa arrepende-se – mudar sua forma de pensar – antes de receber a salvação.

**Sua reconciliação no presente (vv. 21b, 22).** Eles não buscaram a reconciliação com Deus; foi Deus quem tomou a iniciativa em seu amor e graça. O Pai enviou o Filho para morrer na cruz, a fim de que os pecadores fossem reconciliados com Deus. Jesus morreu por nós quando “nós ainda éramos fracos” (Rm 5:6) e não podíamos fazer coisa alguma por nós mesmos. Morreu por nós “sendo nós ainda pecadores” e “inimigos” dele (Rm 5:8, 10).

Paulo enfatiza o corpo físico de Jesus Cristo pregado na cruz. Os falsos mestres negavam a Encarnação e ensinavam que Jesus Cristo não havia possuído um corpo humano de verdade. Uma vez que sua filosofia afirmava que toda a matéria era má, eram obrigados a chegar a essa conclusão equivocada. No entanto, o Novo Testamento deixa claro que Jesus teve um corpo humano completo e que levou nossos pecados sobre esse corpo na cruz (1 Pe 2:24).

Essa reconciliação tem como objetivo a *santidade pessoal*. Deus não fez a paz (Cl 1:20) para que continuássemos sendo rebeldes! Ele nos reconciliou consigo mesmo para que pudéssemos ter parte em sua vida e santidade. Somos apresentados a Deus “santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (Cl 1:22).

O termo “santo” indica algo “separado, consagrado a Deus”. No Novo Testamento, os santos não eram pessoas falecidas que, em vida, haviam realizado milagres e nunca havia pecado. Os santos do Novo Testamento eram pessoas vivas, que criam em Jesus Cristo. Paulo escreve esta carta para os santos vivos (Cl 1:2).

O termo grego traduzido por “inculpável” significa “sem defeito”. Essa palavra era usada para os sacrifícios oferecidos no templo, que não deveriam ter qualquer defeito. É espantoso saber que Deus olha para seus filhos e não vê defeito algum neles! Deus nos escolheu para sermos “santos e irrepreensíveis perante ele” (Ef 1:4).

*Irrepreensível* significa “livre de acusações”. Uma vez que fomos reconciliados com Deus, não podemos mais ser acusados de coisa alguma (Rm 8:31-34). O desejo de Satanás, o “acusador de nossos irmãos” (Ap 12:1-12), é nos incriminar, mas Deus não aceita suas acusações (ver Zc 3). As pessoas podem nos acusar de uma série de coisas, mas não podem mudar nosso relacionamento com Deus.

O mais importante na vida cristã não é como parecemos aos próprios olhos ou aos olhos de outros (1 Co 4:1-4), mas sim como parecemos aos olhos de Deus. Lembro-me de aconselhar uma pessoa cristã que tinha o costume de lembrar a si mesma dos seus pecados e erros do passado. Parecia sentir prazer em receber críticas dos outros. Lembrei-a repetidamente daquilo que ela era aos *olhos de Deus*. Sua ênfase constante sobre seus fracassos era uma negação da obra que Jesus Cristo havia realizado por ela na cruz. Demorou algum tempo, mas, por fim, ela aceitou sua nova posição maravilhosa em Cristo e começou a vencer suas atitudes críticas e depressivas.

A ênfase de Paulo sobre nossa posição como santos diante de Deus é, sem dúvida alguma, um ataque aos falsos mestres, pois eles prometiam a seus seguidores um tipo de “perfeição” que nada mais poderia lhes conferir. Assim, o apóstolo estava dizendo: “Vocês já se encontram aperfeiçoados em Cristo; por que buscar essa perfeição em algum outro lugar?”

**Sua glorificação no futuro (v. 23).** A “esperança do evangelho” é a “bendita esperança” da volta de nosso Senhor (Tt 2:13). Paulo falou sobre isso anteriormente: “[a] esperança que vos está preservada nos céus” (Cl 1:5). Mais adiante neste capítulo, ele a chama de “esperança da glória” (Cl 1:27).

Houve um tempo em que os gentios de Colossos não tinham esperança (Ef 2:12), pois viviam sem Deus. Mas quando foram reconciliados com Deus, receberam uma esperança maravilhosa de glória. Um dia, todos os filhos de Deus estarão com Cristo no céu (Jo 17:24). Na realidade, nosso futuro é tão certo que, segundo o apóstolo, *já fomos glorificados!* (Rm 8:30). Estamos apenas aguardando a revelação dessa glória quando Jesus Cristo voltar (Rm 8:17-19).

A declaração de Paulo aos colossenses parece lançar uma sombra de dúvida sobre a certeza de nossa glória futura (ver Cl 1:23). É possível o cristão perder a salvação? Não, pois a conjunção *se* não indica dúvida nem apresenta uma condição para “manter a salvação”.

Nesse versículo, Paulo usa a imagem de uma casa construída firmemente sobre sua fundação. A cidade de Colossos ficava em uma região conhecida por seus terremotos, e a palavra “deixando afastar” pode se referir a algo “atingido por um terremoto”. O apóstolo está dizendo: “Se vocês são verdadeiramente salvos e edificados sobre uma fundação sólida – Jesus Cristo –, permanecerão na fé, e nada poderá abalá-los. Vocês ouviram o evangelho e creram em Jesus Cristo, e ele os salvou”.

Em outras palavras, ninguém é salvo pelo fato de permanecer na fé, mas o fato de permanecer na fé prova que é salvo. Todo cristão deve testar a própria fé e examinar



seu coração, a fim de se certificar que é um filho de Deus (2 Co 13:5; 2 Pe 1:10ss).

## 2. SOFRER PELOS GENTIOS (Cl 1:24-27)

Os inimigos de Paulo faziam questão de ressaltar que o apóstolo era prisioneiro em Roma. É provável que os falsos mestres em Colossos ridicularizassem Paulo e usassem isso como arma para lutar contra a verdade do evangelho. No entanto, Paulo usa essa mesma arma para derrotar os inimigos e desenvolver um relacionamento mais próximo com a igreja de Colossos.

**O regozijo de Paulo (v. 24).** “Em vez de me envergonhar de meu sofrimento, estou me regozijando nele!” De que maneira alguém pode se regozijar em seu sofrimento? Em primeiro lugar, Paulo sofre por causa de Jesus Cristo. É “a comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3:10). Como os primeiros apóstolos, Paulo alegra-se de ser “[considerado digno] de sofrer afrontas por esse Nome” (At 5:41). Um cristão não deve sofrer como um “ladrão, ou malfeitor”, mas é uma honra “sofrer como cristão” (1 Pe 4:15, 16). Há bênção e recompensa especial reservadas aos que sofrem por amor a Cristo (Mt 5:10-12).

Paulo tem um segundo motivo para se regozijar em seu sofrimento: sofre por amor aos gentios. Era o apóstolo aos gentios (Ef 3:1-13). Na verdade, estava preso em Roma por causa de seu amor pelos gentios. Havia sido preso em Jerusalém sob falsas acusações, e os judeus ouviram sua defesa até que ele disse a palavra “gentios” (ver At 22:21ss). Foi essa palavra que os enfureceu e que os fez pedir a execução do apóstolo (o relato empolgante desse episódio encontra-se em At 21 - 28). Assim, os cristãos gentios de Colossos tinham motivos de sobra para amar o apóstolo e ser gratos por seu ministério especial aos gentios.

Vemos, ainda, um terceiro motivo para o regozijo de Paulo: sofre por amor ao corpo de Cristo, a Igreja. Houve um tempo em que Paulo perseguiu a Igreja e a fez sofrer. Mas agora, dedicara a vida para cuidar da Igreja. Ao contrário do que fazem alguns cristãos, o apóstolo não perguntou: “o que eu vou ganhar com isso?”, mas sim: “quanto

Deus permitirá que eu contribua?”. O fato de Paulo estar na prisão não o impediu de ministrar à igreja.

É importante observar, porém, que esses sofrimentos não têm relação alguma com o sofrimento sacrificial de Cristo na cruz. Somente o Cordeiro de Deus sem pecado poderia morrer pelos pecados do mundo (Jo 1:29). Paulo afirma estar “[preenchendo] o que resta das aflições de Cristo” (Cl 1:24). As *aflições* referem-se às pressões da vida, às perseguições que Paulo suportou. Em momento algum esse termo é usado para o sofrimento sacrificial de Jesus Cristo.

O sofrimento de Cristo chegou ao fim, mas seu corpo, a Igreja, ainda sofre ao permanecer firme na fé. No céu, o cabeça da Igreja sente o sofrimento de seu povo (“Saulo, Saulo, por que me persegues?” [At 9:4]). Paulo suportava sua parcela de aflições, como outros o fariam depois dele. Mas o apóstolo não se queixa. “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2 Co 1:5).

**A responsabilidade de Paulo (vv. 25-27).** Se Paulo tivesse cedido aos judeus e parado de ministrar aos gentios, poderia ter sido poupado de um bocado de sofrimento. Mas o apóstolo não poderia abandonar seu chamado por causa da própria segurança e conforto. Havia sido escolhido por Deus para ministrar; havia recebido uma “dispensação” (intendência) e precisava ser fiel a seu chamado (1 Co 4:2). Não era uma questão de escolha; havia sido chamado para obedecer à Palavra de Deus. Essa declaração pode significar: “devo pregar a Palavra em sua totalidade, sem fazer quaisquer concessões no que diz respeito à verdade”. Também pode significar: “sou comissionado pela Palavra de Deus e devo ser fiel no cumprimento de meu dever”.

A mensagem especial de Paulo com respeito aos gentios refere-se àquilo que ele chamava de *mistério*. Hoje em dia, um mistério pode parecer algo sombrio, talvez até assustador; mas não era assim que a palavra costumava ser definida no tempo de Paulo.

Os falsos mestres usavam esse termo para descrever os segredos internos de sua religião. Um *mistério* é um “segredo santo”, oculto no passado, mas revelado no presente pelo Espírito Santo (ver Ef 3:1-13).

Deus chamou a nação de Israel para ser seu povo, deu-lhes sua Lei (inclusive o sacerdócio e os sacrifícios) e uma terra maravilhosa. Declarou que, um dia, um rei estabelecerá um reino glorioso e cumpriria as muitas promessas feitas a Abraão e Davi. Os profetas do Antigo Testamento escreveram sobre um Messias que sofreria e sobre um Messias que reinaria, sem conseguir explicar essa aparente contradição (ver 1 Pe 1:9-12). Não sabiam que o Messias teria de sofrer antes de poder entrar na glória (Lc 24:13-27).

Jesus Cristo veio ao mundo, foi rejeitado por seu povo e crucificado. Ressuscitou dentre os mortos e voltou para o céu. Isso significava que o reino prometido por Deus para Israel havia sido abandonado? Não, pois Deus havia dado início a um novo plano – seu “mistério” – não explicado pelos profetas do Antigo Testamento. O mistério é que hoje Deus está unindo judeus e gentios na Igreja (Ef 2:11-22). Quando a Igreja estiver completa, Jesus Cristo voltará e levará seu povo para o céu (1 Ts 4:13-18). Então, tratará Israel novamente como uma nação e estabelecerá seu reino prometido (At 15:12-18).

Podemos imaginar o impacto dessa mensagem aos gentios. Não eram mais excluídos da glória e das riquezas da graça de Deus! Na dispensação do Antigo Testamento, um gentio precisava tornar-se judeu a fim de ter parte nas bênçãos de Israel. Mas na nova dispensação, tanto judeus quanto gentios são salvos pela fé em Jesus Cristo (Rm 10:12, 13). Não é de se admirar que os falsos mestres judeus se opusessem a Paulo! O apóstolo teve a ousadia de dizer: “Não há diferença alguma!”

Nós, que crescemos em um ambiente influenciado pelo cristianismo, temos a tendência de não dar o devido valor a tudo isso. Mas podemos ter uma idéia da empolgação que essa mensagem deve ter gerado em uma igreja constituída de recém-convertidos que não vinham de um contexto cristão. Em

outros tempos, estavam fora da aliança de Deus; agora, eram membros de sua família. Em outros tempos, viviam em ignorância e morte espiritual; agora, estavam vivos e participavam das riquezas da sabedoria de Deus em Cristo. Em outros tempos, não tinham esperança alguma; agora, tinham uma esperança gloriosa, pois Cristo vivia neles! Seria bom resgatar em nossos dias um pouco da empolgação desse “primeiro amor”.

Tive o privilégio de ministrar durante três semanas na África, onde encontrei alguns dos cristãos mais consagrados que já conheci. Ensinei a Palavra a mais de quinhentos pastores no Quênia durante quase uma semana, e cada encontro foi um desafio e uma bênção para mim. Muitos desses pastores ainda traziam em seu corpo as marcas do paganismo e idolatria e, no entanto, seu rosto resplandecia com a alegria do Senhor. Fui à África para ministrar a essas pessoas, mas *elas ministraram a minha vida!* Lembraram-me de dar o devido valor às riquezas gloriosas que tenho em Jesus Cristo.

### 3. LUTAR PELOS SANTOS (Cl 1:28 – 2:3)

Vimos Paulo como pregador, compartilhando o evangelho, e Paulo como prisioneiro, sofrendo pelos gentios.

Vemos, agora, Paulo, o guerreiro de oração, lutando em suas súplicas pelos santos como indivíduos, para que estes amadurecessem na fé. As expressões “esforçando-me” (Cl 1:29) e “luta” (Cl 2:1) fazem parte do vocabulário atlético e se referem ao esforço vigoroso de um corredor para vencer a corrida. O termo “agonia” vem dessa palavra grega.

**O ensino de Paulo (v. 28a).** “O qual” se refere, obviamente, a Jesus Cristo. “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor” (2 Co 4:5). Os falsos mestres exaltavam a si mesmos e a seus grandes feitos “espirituais”. Pregavam um conjunto de ensinamentos, enquanto Paulo pregava uma Pessoa. Os gnósticos pregavam filosofia e tradições humanas vazias (Cl 2:8), enquanto Paulo proclamava Jesus Cristo. Os falsos mestres apresentavam listas de regras e preceitos (Cl 2:16, 20, 21), enquanto Paulo

apresentava Cristo. Que diferença entre esses dois ministérios!

Paulo não apenas pregava a Palavra (o termo "pregar" significa "anunciar com autoridade, como um arauto"), como também advertia. É bom proclamar verdades positivas, mas também é necessário advertir o povo de Deus sobre as mentiras do inimigo (At 20:31). Na realidade, os cristãos devem admoestar uns aos outros ("aconselhai-vos" em Cl 3:16). Paulo considerava-se pai espiritual das igrejas locais, e era seu dever advertir seus filhos (1 Co 4:14).

Mas o apóstolo também era um mestre da verdade. Não basta advertir as pessoas; também devemos ensinar-lhes as verdades positivas da Palavra de Deus. Não iríamos muito longe se as placas de sinalização nas estradas indicassem os lugares aonde não podemos chegar por esse caminho. Convém ganhar um indivíduo para Cristo e, depois, adverti-lo sobre os perigos que a esperam; mas também é importante ensinar a esse recém-convertido as verdades fundamentais da vida cristã.

Paulo não apenas pregava Cristo, mas também "ensinava Cristo", pois em Cristo "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2:3). Não era necessário apresentar algum ensinamento novo, pois tudo o que todo cristão precisa saber é relacionado a Jesus Cristo. "Ensinando a todo homem em toda a sabedoria" (Cl 1:28). A sabedoria é o uso correto do conhecimento. Os falsos mestres prometiam às pessoas uma "sabedoria oculta" que lhes permitiria ingressar em uma "elite espiritual". Mas toda a verdadeira sabedoria espiritual só pode ser encontrada em Jesus Cristo.

**O objetivo de Paulo (v. 28b; 2:2, 3).** O apóstolo desejava apresentar todo cristão "perfeito em Cristo". O adjetivo *perfeito* era uma das palavras prediletas dos mestres gnósticos. Descrevia o discípulo que não era mais um novato, mas que havia amadurecido e era plenamente versado nos segredos da religião. Paulo usa esse termo com o sentido de "completo, maduro em Cristo". Esse é o objetivo de toda pregação, advertência e ensino.

Quais são os sinais dessa maturidade espiritual? Paulo os descreve a seguir (Cl 2:2).

**Conforto:** "para que o coração deles seja confortado". *Confortar* significa "dar forças". Ao encorajar uma pessoa, damos-lhe novo ânimo e forças. Uma comiseração superficial normalmente faz o outro se sentir pior, enquanto o verdadeiro encorajamento espiritual pode ser restaurador e fazer aflorar o que há de melhor na pessoa.

**Carinho:** "vinculado juntamente em amor". O cristão maduro ama seus irmãos e irmãs e procura ser um pacificador, não um agitador. Participa da unidade espiritual da igreja. Uma pessoa imatura costuma ser egoísta e causar divisões.

**Enriquecimento:** "toda a riqueza". Paulo mencionou anteriormente as riquezas de Cristo (Cl 1:27). Muitos cristãos estão vivendo como indigentes quando poderiam estar vivendo como reis. Os cristãos maduros não se queixam do que não têm. Antes, usam os recursos inesgotáveis que se encontram a seu dispor em Jesus Cristo.

**Esclarecimento:** "forte convicção do entendimento". O cristão maduro tem em seu coração a certeza de que é filho de Deus. O conhecimento espiritual que possui em Cristo o instrui e orienta a cada dia. Em várias ocasiões, aconselhei cristãos que me falaram de sua falta de certeza da salvação. Todos eles, sem exceção, negligenciavam a Palavra de Deus e viviam em ignorância.

Deus deseja que nós, como seus filhos, tenhamos entendimento, sabedoria e conhecimento (Cl 2:2, 3). O termo traduzido por *entendimento* significa, literalmente, "colocar junto". É a capacidade de avaliar as coisas. A *sabedoria* implica a capacidade de defender o que entendemos. O *conhecimento* sugere a capacidade de assimilar a verdade. Todos esses termos também eram usados pelos gnósticos.

**A intercessão de Paulo (1:29 - 2:1).** "Para isso é que eu também trabalho até a exaustão, agonizando" - essa é a tradução literal da primeira parte de Colossenses 1:29. Uma imagem e tanto da oração! A maior parte de nossas orações é calma e confortável,

e, no entanto, Paulo usava seus músculos espirituais como um corredor grego empenhando-se ao máximo nos Jogos Olímpicos. Também ensinou Epafra a orar dessa maneira (Cl 4:12).

Isso não significa que as orações serão mais eficazes se for despendida energia carnal de todo tipo. Também não significa que devemos "lutar com Deus" e cansá-lo até ele suprir nossas necessidades. Paulo descreve uma luta *espiritual*; era o poder de Deus operando em sua vida. A verdadeira oração é dirigida ao Pai (Mt 6:9) por meio do Filho (em seu nome; Jo 14:13, 14), no poder do Espírito Santo (Jd 20). A operação do Espírito em nossa vida permite que oremos com grande poder, dentro da vontade de Deus.

De que maneira o Espírito ajuda em nossas orações? Em primeiro lugar, ele nos ensina a Palavra e nos mostra a vontade de Deus (Jo 16:13-15). A oração não é uma tentativa de nossa parte de fazer Deus mudar de idéia. É descobrir o que Deus tem em mente e pedir de acordo com sua vontade (1 Jo 5:14, 15). O Espírito Santo intercede constantemente por nós, apesar de não ouvirmos sua voz (Rm 8:26, 27). Ele

conhece a vontade do Pai e nos ajuda a orar dentro dessa vontade.

Há ocasiões em que simplesmente não sentimos vontade de orar - e é justamente nesses momentos que mais precisamos orar! Não importa como estejamos nos sentindo, o Espírito nos dá energia divina para orar. O poder da ressurreição de Jesus Cristo está à nossa disposição (Ef 3:20, 21).

Nestes versículos, Paulo explicou seu ministério e, ao fazê-lo, calou as acusações do inimigo. Também estimulou a afeição dos cristãos quando estes perceberam quanto o apóstolo havia feito por eles.

Nem todos nós somos chamados para ser apóstolos, mas cada um de nós tem um ministério que nos foi dado por Deus. Podemos compartilhar o evangelho e ganhar almas para Cristo. Podemos sofrer por Cristo e cumprir o ministério que Deus nos deu. Podemos lutar em oração pelo povo de Deus e estimular seu amadurecimento. Paulo tinha tempo para ministrar a *indivíduos*; é interessante observar a repetição de "todo homem" em Colossenses 1:28. Se ministrarmos a apenas alguns cristãos, estaremos ajudando a igreja toda. Você está cumprindo o ministério que Deus lhe deu?

## SANTOS VIVOS E ALERTAS

## COLOSSENSES 2:4-15

Lembro-me de um pastor que estava preocupado com alguns estabelecimentos de reputação duvidosa que haviam se instalado perto de uma escola. Seus protestos acabaram levando o problema para a justiça, e o advogado de defesa esforçou-se ao máximo para envergonhar o ministro do evangelho.

– Não é verdade que o senhor é pastor? – perguntou o advogado. – E um pastor não é alguém que cuida de ovelhas? – O pastor concordou com a definição.

– Sendo assim, por que o senhor não está cuidando de suas ovelhas?

– Porque hoje eu estou lutando contra os lobos! – respondeu o pastor sem hesitar. Uma excelente resposta!

Sabendo que havia inimigos atacando a igreja de Colossos, Paulo ofereceu encorajamento. Se os colossenses dessem ouvidos a suas admoestações, poderiam vencer o inimigo.

### 1. CONTINUEM A PROGREDIR NA VIDA ESPIRITUAL (Cl 2:4-7)

Não podemos permanecer parados na vida cristã; ou progredimos, ou regredimos gradativamente. “Prossigamos rumo à maturidade!” – esse é um convite que devemos aceitar (Hb 6:1, tradução literal). O cristão que não progride na vida espiritual torna-se um alvo fácil para o inimigo atacar e destruir.

**A necessidade de progresso (v. 4).** Satanás é um enganador. Seu objetivo é fazer os cristãos se desviarem, e, para isso, usa palavras enganosas. O termo grego empregado neste versículo descreve os argumentos persuasivos de um advogado. Satanás é mentiroso (Jo 8:44) e, por meio de suas

mentiras, conduz os cristãos pelo caminho errado. É importante exercitar o discernimento espiritual e continuar a crescer no conhecimento da verdade espiritual.

**A natureza do progresso (vv. 5-7).** A fim de enfatizar sua admoestação, Paulo usa várias imagens vívidas para ilustrar o progresso espiritual.

**O exército (v. 5).** As palavras *ordem* e *firmeza* fazem parte do vocabulário militar. Descrevem um exército firmemente unido contra o inimigo. A *ordem* indica a organização hierárquica do exército, com cada soldado no devido posto. Nem todos podem ser generais, mas um general jamais poderia travar sozinho uma batalha. A *firmeza* retrata os soldados em formação de combate, colocando-se diante do inimigo como uma frente coesa. Os cristãos devem avançar com disciplina e obediência como fazem os soldados no campo de batalha.

**O peregrino (v. 6).** A vida cristã é comparada a uma peregrinação, e os cristãos devem aprender a caminhar. Paulo já incentivou seus leitores a andar “de modo digno do Senhor” (Cl 1:10) e volta a usar essa imagem mais adiante (Cl 3:7; 4:5). Na Epístola aos Efésios, carta escrita na mesma época que a Epístola aos Colossenses, Paulo usa essa imagem pelo menos sete vezes (Ef 2:2, 10; 4:1, 17; 5:2, 8, 15).

Devemos andar em Cristo da mesma forma como aceitamos a Cristo no princípio: *pela fé*. Os mestres gnósticos desejavam introduzir algumas “verdades inéditas” acerca da maturidade cristã, mas Paulo os condena claramente. “Vocês começaram a caminhar com Cristo e agora devem continuar com Cristo”, escreve o apóstolo. “Vocês começaram sua jornada pela fé e devem continuar pela fé. Essa é a única maneira de progredir na vida espiritual.”

**A árvore (v. 7a).** O termo “radicados” [enraizados] vem da agricultura. O tempo do verbo, no grego, indica uma ação realizada de uma vez por todas e continuamente. Os cristãos não devem ser como ervas sem raízes, que se deixam levar “por todo vento de doutrina” (Ef 4:14). Também não devem ser árvores “transplantadas” que

trocam repetidamente de solo. Uma vez arraigados na fé em Cristo, não há necessidade de mudar a terra a seu redor. As raízes extraem todo o alimento de que a árvore precisa para crescer e também lhe dão força e estabilidade.

*O edifício (v. 7b).* “Edificar” é um verbo que vem da arquitetura e, nesse caso, é usado no tempo presente: “sendo edificados”. Quando cremos em Cristo e recebemos a salvação, somos colocados sobre um alicerce, a partir do qual crescemos na graça. O termo *edificar* pode ser encontrado com frequência nas cartas de Paulo. Progredir na vida espiritual significa edificar o templo para a glória de Cristo.

*A escola (v. 7c).* É a Palavra de Deus que edifica e fortalece o cristão. Epafras havia ensinado as doutrinas da Palavra fielmente aos colossenses (Cl 1:7). Mas os falsos mestres solapavam essa doutrina. Os cristãos que estudam a Palavra tornam-se firmes na fé. Satanás tem dificuldade em enganar o cristão instruído na Palavra.

*O rio (v. 7d).* O termo “crescendo” é usado com frequência por Paulo. Sugere a imagem de um rio transbordando de suas margens. Nossa primeira experiência no Senhor é beber da água da vida pela fé e, depois disso, ele coloca dentro de nós um poço artesiano de água viva (Jo 4:10-14). Mas esse poço artesiano deve formar “rios de água viva” (Jo 7:37-39) que vão se tornando cada vez mais profundos. É provável que Paulo tivesse em mente a imagem do rio fluindo do santuário (Ez 47) e se aprofundando em seu curso. Infelizmente, muitos cristãos não estão progredindo, e, em vez de um rio caudaloso, sua vida não passa de um filete de água superficial.

Paulo volta a falar de “ações de graças” (ver Cl 1:3, 12). Um dos sinais de maturidade cristã é um espírito grato. O cristão que cresce em ações de graças está fazendo progresso real!

Ao recapitular essas imagens do progresso espiritual, vemos como o cristão em crescimento pode derrotar o inimigo com facilidade e não se deixar desviar. Se suas raízes espirituais forem profundas em Cristo,

não terá interesse em qualquer outro solo. Se Cristo for seu alicerce firme, não terá necessidade de mudar. Se estiver estudando e crescendo na Palavra, não será facilmente atraído por falsas doutrinas. E se seu coração estiver transbordando de ações de graças, nem sequer pensará em abandonar a plenitude que possui em Cristo. Um cristão radicado, edificado e grato não se desviará.

## 2. FIQUEM ALERTAS PARA OS PERIGOS ESPIRITUAIS (Cl 2:8-10)

Paulo continua com a imagem militar e adverte: “Cuidado para que ninguém os leve embora cativos” (tradução literal). Como nas seitas de hoje, os falsos mestres não se esforçavam para ganhar os perdidos, mas sim para “levar embora” convertidos das igrejas! A maioria dos membros de seitas com os quais conversei fazia parte, outrora, de alguma denominação cristã.

De que maneira os falsos mestres enredam as pessoas? A resposta é simples: os “cativos” desconhecem as verdades da Palavra de Deus e se encantam com a filosofia e a ilusão vazia dos falsos mestres (isso não quer dizer que *todas* as filosofias sejam erradas, pois existe uma filosofia cristã de vida. O termo “filosofia” significa, apenas, “amar a sabedoria”). Quando uma pessoa não conhece as doutrinas da fé cristã, pode ser facilmente enredada pelas falsas religiões.

Há vários motivos para que a filosofia dos falsos mestres seja repleta de “vãs sutilezas” (Cl 2:8). Em primeiro lugar, é uma tradição humana, não a verdade da Palavra de Deus. O termo “tradição” significa “aquilo que é passado adiante”, e existe uma tradição cristã verdadeira (1 Co 15:3ss; 2 Ts 2:15; 3:6; 2 Tm 2:2). O mais importante a se considerar sobre qualquer ensinamento é sua origem: é divina ou humana? Os líderes religiosos do tempo de Jesus tinham várias tradições, as quais guardavam com grande zelo (Mt 15:1-20). Até mesmo o apóstolo Paulo, antes de conhecer a Cristo, era “extremamente zeloso das tradições” (Gl 1:14).

Se um cristão recém-convertido em um campo missionário distante visitasse várias de nossas igrejas, provavelmente ficaria

estarrecido com as idéias e práticas que adotamos e que não têm qualquer base bíblica. Nossas tradições humanas costumam ser mais importantes para nós do que as doutrinas dadas por Deus nas Escrituras! Apesar de não ser errado ter tradições na igreja que nos façam lembrar de nossa herança piedosa, devemos ter cuidado para não equiparar essas tradições à Palavra de Deus.

Havia, ainda, outro motivo para as tradições dos falsos mestres serem repletas de "vãs sutilezas": eram elaboradas segundo os "rudimentos do mundo". O termo grego traduzido por "rudimentos" refere-se a "um elemento de uma fileira ou série" e tem vários significados: (1) os sons ou letras elementares, o abecedário; (2) os elementos básicos do universo, como no caso de 2 Pedro 3:10-12; (3) os elementos básicos do conhecimento, os princípios de um sistema, como no caso de Hebreus 5:12. Mas, no grego antigo, essa palavra também era usada para "os espíritos elementares do universo, os anjos que influenciavam os corpos celestiais". Fazia parte do vocabulário da astrologia religiosa daquela época.

Os gnósticos acreditavam que os anjos e os corpos celestes influenciavam a vida das pessoas. As advertências de Paulo aos colossenses quanto à "lua nova" e a outras práticas religiosas definidas pelo calendário (Cl 2:16) podem estar relacionadas a esse ensinamento gnóstico, apesar de os judeus também usarem o calendário para fins religiosos (Gl 4:10). Uma coisa é certa: esses ensinamentos sobre demônios e anjos não faziam parte da verdadeira doutrina cristã; pelo contrário, podiam até ser considerados satânicos.

O fato de esses ensinamentos não serem "segundo Cristo" é suficiente para nos alertar sobre o perigo dos horóscopos, mapas astrais, tabuleiros de Ouija e outras práticas espíritas. A astrologia e seu estudo místico do sistema zodiacal são contrários aos ensinamentos da Palavra de Deus. O cristão que se envolve com o misticismo e o ocultismo está procurando problemas.

Por que seguir uma filosofia vã quando temos toda a plenitude em Cristo? É como

desprezar um rio que sacia nossa sede para beber das cisternas sujas do mundo (Jr 2:13). Claro que os falsos mestres de Colossos não pediram aos cristãos que abandonassem Cristo. Pediram que tornassem Cristo *parte* de seu novo sistema. Com isso, porém, o removiam de seu devido lugar de preeminência.

Assim, Paulo oferece o único antídoto eficaz e duradouro para todos os falsos ensinamentos: "Toda a plenitude se encontra em Cristo e vocês foram completados nele. *Por que, então, precisariam de alguma outra coisa?*" (ver Cl 2:9, 10).

Vimos o termo "plenitude" (*pleroma*) anteriormente (Cl 1:19). Significa "a soma total do que Deus é, todo o seu ser e seus atributos". Essa palavra era usada pelos gnósticos, mas não lhe atribuíam o mesmo significado que Paulo. Para eles, o *pleroma* era a origem de todas as "emanações" por meio das quais os seres humanos poderiam se aproximar de Deus. O estágio mais elevado da experiência religiosa gnóstica era participar do *pleroma*.

É evidente que tais emanações de Deus não existem. A ponte sobre o abismo entre o céu e a Terra foi construída na encarnação de Jesus Cristo. Ele é chamado de "Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)" (Mt 1:23). Jesus Cristo é a plenitude de Deus, e essa plenitude habita *corporalmente* nele de modo contínuo e permanente. Mais uma vez, Paulo refuta a doutrina gnóstica segundo a qual a matéria é má e, portanto, Jesus não teve corpo humano.

Quando Jesus Cristo subiu ao céu, ele o fez em um corpo humano. Por certo, era um corpo glorificado, mas ainda assim era real. Depois de sua ressurreição, Jesus fez questão de mostrar claramente a seus discípulos que ele era a mesma Pessoa no mesmo corpo; não era um fantasma ou espírito (ver Jo 20:19-29). Há um Homem glorificado no céu! O Deus-Homem, Jesus Cristo, corporifica a plenitude de Deus!

O mais extraordinário é que *todos os cristãos têm parte nessa plenitude!* "Também, nele, estais aperfeiçoados" (Cl 2:10). O tempo do verbo grego indica que essa plenitude é uma experiência permanente. A tradução

bastante literal de Kenneth Wuest diz: “E vocês estão nele, tendo sido completamente preenchidos, com o resultado presente de que se encontram em um estado de plenitude”.

Quando uma pessoa nasce de novo e passa a fazer parte da família de Deus, nasce completa em Cristo. Seu crescimento espiritual não se dá por *adição*, mas sim por *nutrição*. Cresce de dentro para fora. Não precisamos acrescentar coisa alguma a Cristo, pois ele já é a própria plenitude de Deus. À medida que os cristãos lançam mão da plenitude de Cristo, são “tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3:19). Do que mais podemos precisar?

É verdade que o cristão enfrenta perigos espirituais. A prova fundamental de qualquer ensinamento religioso é: “que lugar Jesus Cristo – sua Pessoa e sua obra – ocupa nesse ensinamento?” Ele nega a divindade ou a humanidade de Cristo? Afirma que o cristão deve ter alguma “experiência nova” para suplementar sua experiência com Cristo? Em caso afirmativo, trata-se de um ensinamento errado e perigoso.

### 3. USEM SUAS PROVISÕES ESPIRITUAIS (CL 2:11-15)

Convém lembrar que os falsos ensinamentos que ameaçavam a igreja de Colossos eram constituídos de vários elementos: misticismo oriental, astrologia, filosofia e legalismo judaico. É desse último elemento que Paulo trata na seção final de sua epístola. Ao que parece, os falsos mestres faziam questão de que seus convertidos se submetessem à circuncisão e obedecessem à lei do Antigo Testamento.

O legalismo gnóstico não era exatamente igual ao legalismo praticado pelos judaizantes que Paulo refuta em sua Epístola aos Gálatas. Os mestres judeus que Paulo combate em Gálatas insistiam que a circuncisão e a obediência à Lei eram necessárias para a salvação (ver At 15 para uma parte do contexto desse problema). O legalismo gnóstico afirmava que a Lei judaica ajudava o cristão a se tornar mais espiritual. Se fossem circuncidados e observassem as leis alimentares e os dias santos, poderiam se tornar parte da

“elite espiritual” da igreja. Infelizmente, temos muitas pessoas com idéias parecidas em nossas igrejas hoje em dia.

Paulo deixa claro que os cristãos não estão sujeitos, em qualquer sentido, ao sistema legal do Antigo Testamento, e que tal sistema *não pode lhes oferecer qualquer benefício espiritual*. Jesus Cristo – e mais nada – é suficiente para suprir todas as nossas necessidades espirituais, pois toda a plenitude de Deus encontra-se nele. Somos identificados com Jesus Cristo, pois ele é o cabeça do corpo (Cl 1:18), e somos membros do corpo (1 Co 12:12, 13). Paulo explica os quatro aspectos de nossa identificação com Jesus Cristo, diante dos quais não apenas é desnecessário, mas também pecaminoso, envolver-se com qualquer tipo de legalismo.

**Circuncidados nele (v. 11).** A circuncisão era um sinal da aliança de Deus com o povo de Israel (Gn 17:9-14). Apesar de ser uma operação física, possuía significado espiritual. O problema era que o povo judeu dependia do caráter físico dessa prática, não do espiritual. Uma simples operação física não pode jamais transmitir graça espiritual (Rm 2:25-29). Em várias ocasiões ao longo do Antigo Testamento, Deus advertiu seu povo para deixar seus pecados e experimentar a circuncisão *espiritual* do coração (Dt 10:16; 30:6; Jr 4:4; 6:10; Ez 44:7). Há quem cometa o mesmo erro hoje em dia ao depender de algum ritual religioso – como a Ceia do Senhor ou o batismo – para a salvação.

O cristão não precisa ser fisicamente circuncidado, pois já foi espiritualmente circuncidado por meio de sua identificação com Jesus Cristo. No entanto, há um contraste entre a circuncisão judaica e a circuncisão espiritual do cristão em Cristo:

<i>Judeus</i>	<i>Cristãos</i>
cirurgia exterior	interior – o coração
apenas uma parte do corpo	todo o corpo da carne (pecados)
realizada por mãos humanas	não por intermédio de mãos
não oferece qualquer ajuda espiritual para conquistar o pecado	capacita os cristãos a vencerem o pecado



Quando Jesus Cristo morreu e ressuscitou, conquistou a vitória completa e definitiva sobre o pecado. Não apenas morreu por nossos pecados (salvação), mas também “para o pecado” (santificação; ver Rm 6:10ss). Jesus Cristo fez por nós o que a Lei não era capaz de fazer. A velha natureza (o “corpo da carne”) foi despojada – tornada inoperante –, de modo que não precisamos mais ser escravos de seus desejos. A velha natureza pecaminosa não foi erradicada, pois ainda podemos pecar (1 Jo 1:5 – 2:6). No entanto, seu poder é rompido ao nos entregarmos a Cristo e andarmos no poder do Espírito.

**Vivos nele (vv. 12, 13).** Aqui, Paulo usa a ilustração do batismo. É importante lembrar que, no Novo Testamento, o termo *batismo* tem tanto sentido literal quanto sentido figurativo. O sentido literal é “mergulhar, fazer submergir”. O sentido figurativo é “ser identificado com”. O povo de Israel, por exemplo, foi “[batizado] [...] com respeito a Moisés” ao passar pelo mar Vermelho (1 Co 10:1, 2). Não foi um batismo com água, pois atravessaram o mar a pés enxutos, mas, por meio dessa experiência, a nação foi identificada com Moisés.

Nesta seção de sua carta, Paulo usa o termo *batismo* com sentido figurativo, pois não há água material que possa sepultar uma pessoa com Cristo ou ressuscitá-la em Cristo. O batismo com água por imersão é uma imagem dessa experiência espiritual. Ao ser salva, a pessoa é batizada no mesmo instante pelo Espírito e passa a fazer parte do corpo de Cristo (1 Co 12:12, 13), sendo identificada com o cabeça, Jesus Cristo. Essa identificação significa que *tudo o que aconteceu com Cristo também aconteceu conosco*. Quando ele morreu, nós morremos com ele. Quando ele foi sepultado, nós fomos sepultados. Quando ele ressuscitou, ressuscitamos com ele – e deixamos para trás a mortalha da vida antiga (Cl 3:1-14).

Tudo isso se deu “mediante a fé no poder de Deus” (Cl 2:12). Fomos transformados pelo poder de Deus, não pelo poder da água. O Espírito de Deus nos identificou com Jesus Cristo, e fomos sepultados com ele,

ressuscitados com ele e vivificados com ele! (Os verbos gregos são bastante significativos: co-sepultar, co-ressuscitar e co-vivificar.) Temos vida eterna porque Deus ressuscitou seu Filho dentre os mortos.

A aplicação prática é clara: uma vez identificados com Cristo, e ele é a plenitude de Deus, *do que mais podemos precisar?* Experimentamos a energia de Deus por meio da fé em Cristo, então por que buscar a Lei, que não tem vida alguma? Deus perdoou todas as nossas transgressões (Cl 2:13b), e, portanto, nos encontramos perfeitamente justificados diante dele.

**Livres da Lei nele (v. 14).** Jesus Cristo não apenas tomou sobre si nossos pecados na cruz (1 Pe 2:24), mas também levou a Lei para a cruz, onde a pregou e tirou do caminho para sempre. A Lei era indiscutivelmente contrária a nós, pois era impossível cumprir suas exigências santas. Apesar de Deus não ter dado os Dez Mandamentos aos gentios, as exigências justas da Lei – as normas sagradas de Deus – foram “gravadas no seu coração” (Rm 2:12-16).

Quando derramou seu sangue pelos pecadores, Jesus liquidou a dívida imensa que esses transgressores possuíam por causa de sua desobediência à Lei sagrada de Deus. Nos tempos bíblicos, os registros financeiros, muitas vezes, eram feitos em pergaminhos, e a escrita poderia ser apagada ao lavar o pergaminho. Essa é a imagem que Paulo descreve.

Como o Deus santo pôde ser justo ao liquidar uma dívida? Essa transação foi justa, porque seu Filho pagou toda a dívida ao morrer na cruz. O juiz que liberta um homem culpado de um crime faz pouco caso da lei e deixa a parte prejudicada sem qualquer reparação. Deus pagou a dívida do pecado ao entregar seu Filho na cruz e, ao mesmo tempo, guardou a santidade da Lei.

Mas Jesus Cristo não se ateu a liquidar a dívida: tomou a lei que nos condenava e a colocou de lado para que não vivêssemos mais debaixo de seu domínio. Fomos “libertados da lei” (Rm 7:6). “Não [estamos] debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6:14).

Isso não significa que vivemos sem lei, pois a justiça da lei se cumpre em nós ao andarmos no poder do Espírito (Rm 8:4). Nosso relacionamento com Jesus Cristo nos permite obedecer a Deus por amor, não por medo servil.

**Vitoriosos nele (v. 15).** Na cruz, Jesus não apenas tratou dos problemas do pecado e da Lei, mas também de Satanás. Ao falar sobre sua crucificação, Jesus disse: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo 12:31). A morte de Cristo na cruz pareceu uma grande vitória para Satanás, quando, na verdade, foi uma grande derrota da qual Satanás jamais conseguirá se recuperar.

Jesus conquistou três vitórias na cruz. Em primeiro lugar, ele “[despojou] os principados e as potestades” (Cl 2:15), tirando de Satanás e de seu exército quaisquer armas que tivessem. Satanás não pode fazer mal ao cristão que não se coloca no caminho do mal. É quando deixamos de orar (como Pedro fez) que nos expomos aos ataques de Satanás.

Em segundo lugar, Jesus “publicamente os expôs [os inimigos]” (Cl 2:15), mostrando claramente a dissimulação e abjeção de Satanás.

Em sua morte, ressurreição e ascensão, Cristo vindicou a Deus e venceu o diabo.

Sua terceira vitória encontra-se no termo *triumfando*. Sempre que um general romano conquistava uma grande vitória em terras estrangeiras, fazia muitos cativos, tomava muitos espólios e se apossava de novos territórios para Roma, era homenageado com um desfile oficial conhecido como “triumfo romano”. Paulo faz alusão a esse costume em sua segunda epístola aos Coríntios (ver 2 Co 2:14). Jesus Cristo conquistou vitória absoluta, voltando à glória em um grande cortejo triunfal (Ef 4:8ss), com isso humilhando e derrotando Satanás.

Nós, cristãos, temos parte nessa vitória sobre o diabo. Não precisamos nos preocupar com forças elementares que governam os planetas e tentam influenciar a vida dos homens. Os exércitos satânicos de principados e potestades estão derrotados e humilhados! Ao tomar posse da vitória de Cristo, usar o equipamento que ele fornece (Ef 6:10ss) e confiar nele, estamos livres da influência do diabo.

Que posição e provisão maravilhosas temos em Cristo! Você vive à altura dessa realidade pela fé?

## CUIDADO!

### COLOSSENSES 2:16-23

**S**inais de advertência, como luzes vermelhas piscando no cruzamento de uma estrada com uma ferrovia e o desenho de uma caveira com dois ossos cruzados em uma embalagem de álcool, fazem parte da vida diária. As crianças precisam ser ensinadas a atentar para essas advertências, e os adultos devem ser lembrados de não se acostumar demais com elas. As advertências são uma questão de vida ou morte.

A vida espiritual também tem seus perigos e advertências. Moisés alertou os israelitas sobre o perigo de esquecer o Senhor uma vez que se tivessem assentado na Terra Prometida (Dt 6:12). Jesus empregou, em várias ocasiões, expressões como: "Acautelai-vos", "Guardai-vos" e "Tende cuidado" (Mt 7:15; Mc 12:38; Lc 12:15).

Paulo já preveniu os colossenses quanto aos falsos mestres (Cl 2:8). Nesta seção de sua carta, ele dá três advertências às quais devemos atentar a fim de desfrutar a plenitude em Jesus Cristo.

#### 1. "NINGUÉM, POIS, VOS JULGUE" (Cl 2:16, 17)

Trata-se de uma advertência que mostra o perigo do *legalismo* dos mestres gnósticos de Colossos. Suas doutrinas consistiam em uma mistura estranha de misticismo oriental com legalismo judaico e uma pitada de filosofia e preceitos cristãos. Ao que parece, o legalismo judaico desempenhava papel de grande importância. Não é de surpreender, pois, que a natureza humana prospere em meio a "deveres religiosos". Tratando-se de fazer coisas espirituais, a carne é fraca (Mt 26:41), mas tratando-se de seguir regras e

normas religiosas, a carne é forte. De algum modo, a prática de uma rotina religiosa faz inchar o ego e leva a pessoa a contentar-se com a própria justiça. Ao tratar desse problema, Paulo apresenta três fatos importantes.

**A base da liberdade (v. 16a).** Encontra-se no termo "pois", que liga esta discussão aos versículos anteriores. A base para a liberdade é a Pessoa e a obra de Jesus Cristo. Toda a plenitude de Deus habita corporalmente nele (Cl 2:9). Na cruz, Cristo liquidou a dívida e revogou o domínio da Lei (Cl 2:14). Como cristãos, não estamos mais debaixo da Lei, mas sim da graça (Rm 6:14ss).

Os cristãos gentios em Colossos não viviam debaixo da Lei de Moisés, uma vez que a Lei havia sido dada somente a Israel (Rm 9:4). Parece estranho que, uma vez convertidos ao cristianismo, quisessem agora se sujeitar ao legalismo judaico! Paulo teve o mesmo problema com os gentios na igreja da Galácia e refutou o legalismo judaico em sua Epístola aos Gálatas (Gl 3:1ss).

Quem julga um cristão porque este não vive debaixo das leis judaicas está, na verdade, julgando Jesus Cristo. Está dizendo que Cristo não consumou a obra da salvação na cruz e que devemos acrescentar algo a essa obra. Também, que Jesus Cristo não é suficiente para todas as necessidades espirituais dos cristãos. Os falsos mestres de Colossos prometiam uma "vida espiritual mais profunda" a todos os que guardassem a Lei dos judeus. Externamente, suas práticas pareciam espirituais, mas, na verdade, não aperfeiçoavam em nada o ser interior.

**A escravidão do legalismo (v. 16).** Que ninguém diga o contrário: o legalismo é uma forma de escravidão! Pedro diz que os legalistas "[põem] sobre a cerviz dos discípulos um jugo" (At 15:10). Paulo usa essa mesma imagem quando adverte em Gálatas: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão" (Gl 5:1).

Essas normas legalistas aplicavam-se à comida e à bebida (ingerir ou se abster). Dentro do sistema do Antigo Testamento, certos alimentos eram considerados "limpos" e outros "imundos" (ver Lv 11). Mas Jesus

deixou claro que o alimento, *em si*, é neutro. Era o que vinha do coração que tornava a pessoa espiritual ou não espiritual (Mt 15:1-20). Pedro foi lembrado dessa lição no terraço de uma casa em Jope (At 10:9ss) e em Antioquia, ao ser repreendido por Paulo (Gl 2:11ss). “Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos, se não comermos, e nada ganharemos, se comermos” (1 Co 8:8).

É bem provável que Deus tenha dado instruções acerca dos alimentos por intermédio de Moisés, tanto por motivos físicos quanto espirituais. Essa questão que Paulo levanta é diferente. Caso uma pessoa sintasse mais saudável abstendo-se de certos alimentos, deve praticar tal abstenção e cuidar de seu corpo. No entanto, não deve julgar os que se alimentam de outra maneira nem fazer disso uma prova de espiritualidade. Romanos 14 e 15 é a passagem-chave sobre esse assunto.

O sistema legalista envolvia não apenas a dieta, mas também os *dias*. Mais uma vez, trata-se de algo tirado das leis dadas a Moisés. No Antigo Testamento, o povo de Israel deveria observar semanalmente o *shabbath*, que correspondia ao sétimo dia da semana (Êx 20:9-11). É errado chamar o domingo de “*shabbath* cristão”, pois não recebe essa designação no Novo Testamento. O domingo é o “dia do Senhor” (Ap 1:10), o primeiro dia da semana (At 20:7; 1 Co 16:2), o dia em que se comemora a ressurreição vitoriosa de Jesus Cristo dentre os mortos (Jo 20:1, 19, 26).

Os judeus também observavam os dias de festa (Lv 25) e as celebrações especiais da “lua nova” (ver Is 1:13). Sua religião era intimamente ligada ao calendário. Tudo isso tinha função apropriada dentro da antiga dispensação, mas não deveria ser parte permanente da fé dentro da nova dispensação (ver Jo 1:17). A Lei exerceu o papel de aio que ajudou a educar e a disciplinar Israel durante sua infância como nação, preparando o povo para a vinda do Messias. Depois da vinda de Jesus, o aio não precisava mais desempenhar essas funções (Gl 3:24 - 4:11).

Isso significa que a Lei do Antigo Testamento não contribui, de maneira alguma, para o cristão do Novo Testamento? Certamente que não! A Lei continua a revelar a santidade de Deus, e Jesus Cristo pode ser visto em seus preceitos (Lc 24:27). “Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo” (1 Tm 1:8). A Lei revela o pecado e adverte sobre suas conseqüências, mas não tem poder algum de evitar o pecado nem de redimir o pecador. Somente a graça pode realizar essa obra.

**A bênção da graça (v. 17).** A Lei é apenas uma sombra; em Cristo, porém, temos a realidade, a substância. “Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros” (Hb 10:1). Por que voltar às sombras se temos a realidade de Jesus Cristo? É como tentar abraçar uma miragem quando a realidade está logo ao lado!

Quem observa religiosamente certos regimes alimentares e datas tem uma aparência de espiritualidade, mas suas práticas não podem mudar o coração. O legalismo é tão bem aceito porque, dentro desse sistema, é possível “medir” nossa vida espiritual – e até nos vangloriar dela! Mas, de modo algum, está à altura de Cristo! (Ef 4:13).

## 2. “NINGUÉM SE FAÇA ÁRBITRO CONTRA VÓS” (Cl 2:18, 19)

Essa oração também pode ser traduzida por: “ninguém vos declare indignos de um prêmio”. Trata-se de uma expressão dos meios esportivos: o árbitro desqualifica o competidor porque este não obedeceu às regras. O competidor não deixa de ser um cidadão de sua terra, mas perde a honra de ganhar o prêmio. Um cristão que não obedece às orientações de Deus não perde a salvação, mas perde a aprovação do Senhor e as recompensas que ele prometeu aos que forem fiéis (1 Co 3:8).

Por um ato de sua graça, Deus prometeu recompensas aos que o servirem. Claro que não deve coisa alguma a ninguém! Nossa gratidão a Deus por ter-nos salvo do julgamento deveria ser tal a ponto de o servirmos quer haja recompensa, quer não. É provável que a maioria dos servos de Deus

lhe obedeça por amor e devoção, sem jamais pensar em recompensa. Assim como há diferentes graus de castigo no inferno (Mt 23:14), também haverá graus diferentes de glória no céu – mesmo se considerando que todos os cristãos serão como Cristo em seu corpo glorificado. O puritano Thomas Watson expressou esse fato perfeitamente: “Todo vaso de misericórdia será enchido [no céu], mas alguns vasos terão capacidade para receber mais conteúdo do que outros”.

Existe, portanto, o risco de que a forma de viver hoje prive a pessoa das recompensas e glórias do amanhã. O perigo que Paulo tem em mente é o *misticismo* oriental, a idéia de que é possível ter uma experiência imediata com o mundo espiritual de forma inteiramente independente da Palavra de Deus ou do Espírito Santo. Os falsos mestres em Colossos tinham visões e faziam contato com anjos. Ao ignorar a Palavra de Deus e o Espírito de Deus, abriam as portas para todo tipo de atividade demoníaca, pois Satanás sabe falsificar experiências (2 Co 11:13-15).

A palavra traduzida por “enfatuado” é relacionada às religiões místicas da época e descreve a atitude dos “plenamente iniciados nos mistérios da religião e que adentravam o santuário interior”. Nenhum cristão precisa passar por uma cerimônia de iniciação a fim de entrar na presença de Deus. Podemos ter “intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19). Podemos “[Achegar-nos], portanto, confiadamente, junto ao trono da graça” (Hb 4:16). E, quanto a cultuar os anjos, devemos nos lembrar de que *eles são nossos servos!* Os anjos são “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação” (Hb 1:14).

É evidente que todo esse cerimonial místico era envolvido por uma falsa humildade que, na verdade, era uma expressão de orgulho. “Não sou bom o suficiente para me aproximar diretamente de Deus”, dizia o gnóstico, “portanto, dirigir-me-ei antes a um dos anjos”.

Tentar alcançar Deus Pai por qualquer outro meio além de seu Filho, Jesus Cristo, é

idolatria. Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e o homem (Jo 14:6; 1 Tm 2:5). Quem adora a Deus por meio de anjos ou de santos que se encontram no céu não demonstra que é humilde, mas sim que não se sujeita à autoridade da Palavra de Deus. Na verdade, revela um tipo sutil de presunção que coloca as tradições humanas no lugar da Palavra de Deus. Tal indivíduo é “enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal” (Cl 2:18).

A verdadeira adoração sempre coloca a pessoa em uma posição de humildade. A *mente* se enche de reverência pela grandeza de Deus; o *coração* se enche de amor por Deus; e a *volição* sujeita-se aos propósitos de Deus. Os gnósticos interessavam-se, essencialmente, por um “conhecimento espiritual mais profundo” e ignoravam a verdade de Deus. Seus “segredos íntimos” enchiam sua cabeça de orgulho, mas não lhes davam um coração ardente nem uma volição submissa. “O saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1 Co 8:1).

Convém observar que a verdadeira experiência espiritual com Deus conduz à submissão e ao serviço. Quando Jó se encontrou com o Senhor, disse: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5, 6). Pedro prostrou-se diante do Senhor e suplicou: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (Lc 5:8). Isaías viu o Senhor e confessou quanto era pecador (Is 6), quando João viu Cristo ressurreto: “[caiu] aos seus pés como morto” (Ap 1:17).

A familiaridade vulgar com que algumas pessoas se dirigem a Deus em oração ou se referem a ele em testemunhos e conversas beira, por vezes, a blasfêmia. O bispo Westcott da Grã-Bretanha, um homem piedoso e autor de uma série de comentários eruditos acerca de vários livros da Bíblia, escreveu certa vez: “Todo ano me faz estremecer diante da insolência com que as pessoas falam das coisas espirituais”.

Infelizmente, essa religião que torna o indivíduo “enfatuado, sem motivo algum, em sua mente carnal” é apenas um substituto

para o verdadeiro alimento espiritual de Jesus Cristo, o cabeça do corpo, sua Igreja. Essa é uma das várias passagens do Novo Testamento que retratam a Igreja como o corpo de Cristo (ver Rm 12:4ss; 1 Co 12 - 14; Ef 4:4-16; Cl 1:18, 24). Pela obra do Espírito Santo, todos os cristãos são membros do corpo espiritual, a Igreja (1 Co 12:12, 13). Como cristãos, ministramos uns aos outros no corpo da mesma forma que as várias partes do corpo humano cooperam umas com as outras (1 Co 12:14ss).

O cristão que não se nutre do alimento espiritual provido por Cristo e por outros cristãos fica debilitado. Os falsos mestres não estavam ligados ao Cabeça, portanto se encontravam espiritualmente subnutridos, mas *eles* se consideravam grandes conhecedores da religião. Que absurdo serem-se como gigantes, quando, na verdade, não passavam de pigmeus!

Os falsos mestres estavam ansiosos por ganhar convertidos para sua causa, mas o corpo espiritual cresce por meio da *nutrição*, não da *adição*. Cada uma das partes do corpo de Cristo, inclusive “juntas e ligamentos”, é importante para o crescimento do corpo. Qualquer que seja o dom espiritual do cristão, ele é importante para a igreja. Na verdade, alguns indivíduos que não exercem ministérios espetaculares em posições de evidência, mas que trabalham nos bastidores, são tão importantes quanto os que aparecem em público.

É por meio da adoração, da oração e da Palavra de Deus que lançamos mão dos recursos espirituais de Cristo. Todos nós devemos fazer parte de uma igreja local, onde podemos exercitar nossos dons espirituais (Ef 4:11-17). “A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1 Co 12:7). Em lugar algum o Novo Testamento fala de “santos isolados” fora da igreja local.

Mas é possível participar de uma igreja e, ainda assim, não usar dos recursos oferecidos pelo cabeça nem se valer do sustento do corpo espiritual. Os falsos mestres de Colossos tentavam introduzir seus ensinamentos na congregação local e, se houvessem

sido bem-sucedidos, teriam feito o sustento espiritual *diminuir* em vez de *umentar*. Se os membros da congregação local não permanecerem em Cristo, não se sujeitarem ao Espírito e não obedecerem à Palavra, não poderão experimentar a vida oferecida pelo cabeça, Jesus Cristo.

O “misticismo religioso” exerce forte atração sobre as pessoas. A possibilidade de descobrir mistérios, de ser iniciado em segredos profundos e de ter contato com o mundo espiritual lhes parece fascinante.

Deus, porém, condena categoricamente esse tipo de prática. O verdadeiro cristão gloria-se em Cristo, não nas próprias experiências. Segue a Palavra guiado pelo Espírito Santo e, ao permanecer em Cristo, é abençoado e dá muitos frutos. Não procura outra experiência senão aquela que o liga ao cabeça, Jesus Cristo.

### 3. “NÃO VOS DEIXEIS ESCRAVIZAR!” (CL 2:20-23)

Paulo condenou o legalismo e o misticismo e, agora, ataca e condena o *asceticismo*. Um asceta exercita a abnegação rigorosa e até mesmo a mortificação com o objetivo de tornar-se mais espiritual. As práticas ascéticas eram comuns durante a idade média: usar vestes de pêlos junto ao corpo, dormir em camas duras, flagelar-se, passar dias ou anos sem falar, fazer longos jejuns ou ficar sem dormir etc.

O legalismo e o asceticismo são, sem dúvida alguma, relacionados, pois, com frequência, os ascetas sujeitam-se a diversas regras e normas: “não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro” (Cl 2:21). Certos alimentos ou práticas são considerados profanos e devem ser evitados. Outras práticas são santas e não devem jamais ser negligenciadas. A vida inteira do asceta é envolta por sistema de regras.

Como cristãos, reconhecemos que a disciplina física é necessária à vida. Há quem coma demais e fique obeso. Há quem beba café ou refrigerante demais e fique agitado e irritável. Cremos que nosso corpo é o templo do Espírito Santo (1 Co 6:19, 20) e, no entanto, às vezes não cuidamos dele como

deveríamos. Paulo disciplinava o corpo e o mantinha sob controle (1 Co 9:27), indicando que há um lugar na vida cristã para o devido cuidado com o corpo.

Mas o asceta espera santificar a alma disciplinando o corpo, e é essa heresia que Paulo ataca. Assim como as datas e as dietas não têm valor em termos de santificação, também a disciplina carnal com esse propósito é inútil. Nesta seção, Paulo apresenta vários argumentos para advertir os cristãos sobre o asceticismo religioso carnal.

**A posição espiritual do cristão (v. 20).**

O asceticismo é relacionado aos rudimentos do mundo, não às riquezas do reino. Vimos a palavra *rudimentos* anteriormente e descobrimos que são os “elementos básicos, o abecedário” de algo (Cl 2:8). Nesse caso, os “rudimentos do mundo” referem-se às regras e normas acerca dos alimentos. Como cristãos, estamos mortos para tudo isso em função de nossa união com Jesus Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição (ver Rm 6; Cl 2:12-15). Apesar de estarmos *no* mundo fisicamente, não somos *do* mundo espiritualmente (Jo 17:15, 16). Fomos transportados para o reino de Deus (Cl 1:13) e, portanto, governamos nossa vida de acordo com as leis de Deus, não segundo as regras dos homens.

Isso não significa que os cristãos vivam sem lei. Um aluno de uma universidade cristã disse-me, certa vez, que não considerava “espiritual” ter de obedecer a regras! Lembrei-o de que os cristãos devem sempre respeitar as autoridades (1 Pe 2:11ss) e de que ele estava ciente das regras antes de se mudar para o *campus*. Se não concordava com elas, deveria ter ficado em casa! Paulo não aconselha ninguém a ser rebelde; antes, adverte as pessoas a não pensarem que são espirituais só porque obedecem a certas regras e normas organizacionais.

**A futilidade das regras ascéticas (vv. 21, 22).** Em primeiro lugar, essas regras não vieram de Deus; foram inventadas por homens. Deus “nos proporciona [todas as coisas] ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). Os alimentos foram criados por Deus “para serem recebidos, com ações de graças”

(1 Tm 4:3). Mas os “preceitos e doutrinas” dos falsos mestres tomaram o lugar da Palavra de Deus (ver Mc 7:6-9). As doutrinas eram as idéias nas quais os falsos mestres acreditavam, e os preceitos eram as regras que criavam ao aplicar tais doutrinas às coisas práticas da vida diária.

Deus deu os alimentos para serem usados, e “com o uso, [eles] se destroem” (Cl 2:22). Jesus explicou que a comida ia para o estômago, não para o coração (Mc 7:18ss). Quem se recusa a ingerir certos alimentos, por acreditar que se contaminará, não entende o que Jesus e Paulo ensinaram: “Eu sei e estou persuadido, no Senhor Jesus, de que nenhuma coisa é de si mesma impura” (Rm 14:14).

Muitos cristãos não hesitam em criticar monges da Antiguidade, místicos orientais e faquires muçulmanos ou hindus, mas são incapazes de ver esse mesmo erro em nossas igrejas. Apesar de relacionarmos facilmente a disciplina física com a saúde, não existe relação alguma entre tal disciplina e a santidade. É possível abster-se deliberadamente de certos alimentos ou bebidas a fim de não ofender um cristão mais fraco (Rm 14:13ss), mas não se deve dizer que tal abstinência torna alguém mais espiritual do que outro irmão que come tais alimentos e que dá graças a Deus por eles (Rm 14:6).

**O engano do asceticismo (v. 23).** Quem pratica o asceticismo tem “reputação” de espiritualidade, mas o produto não faz jus à promoção. Fico admirado ao ver pessoas cultas se reunirem aos milhares para ver e ouvir gurus e outros líderes espirituais do Oriente, cujos ensinamentos não têm poder algum de mudar o coração humano. Esse tipo de culto não passa de auto-imposição e não corresponde à verdadeira adoração a Deus, que deve ser “em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Sua humildade é falsa, e suas disciplinas rigorosas não mudam coisa alguma em seu ser interior.

Apesar de certamente ser melhor exercitar o domínio próprio do que se entregar aos apetites físicos do corpo, não se deve pensar que a motivação para esse autocontrole

seja, necessariamente, de caráter *espiritual*. Os ascetas de várias religiões não cristãs demonstram impressionante autocontrole. Os estóicos e suas filosofias ascéticas eram bastante conhecidos no tempo de Paulo. Seus seguidores eram capazes de imitar qualquer disciplina apresentada pelos mestres gnósticos.

O poder de Cristo na vida do cristão não se atém apenas a refrear os desejos da carne, *mas também coloca novos desejos em seu coração*. A natureza determina o desejo. O cristão possui dentro de si a natureza do próprio Deus (2 Pe 1:4), e isso significa que tem ambições e desejos piedosos. Não precisa da *lei exterior* para controlar seus apetites, pois tem *vida interior*! As regras rigorosas dos ascetas “não têm valor algum contra a sensualidade” (Cl 2:23). No máximo, fazem aflorar o que há de pior, em vez de estimularem o que há de melhor. Nos dois últimos capítulos desta epístola, Paulo explica de que maneira a nova vida atua no cristão de modo a lhe dar pureza e vitória.

Esta seção encerra o segundo capítulo de Colossenses, cuja ênfase é sobre o *perigo*.

Paulo defendeu a preeminência de Jesus Cristo e refutou as falsas doutrinas do legalismo, do misticismo e do asceticismo. Cabe a nós crer nas palavras do apóstolo e praticar esses princípios espirituais.

A resposta para o legalismo é a realidade espiritual que temos em Cristo. A resposta para o misticismo é a união espiritual com Cristo, o Cabeça da Igreja. A resposta para o asceticismo é nossa posição em Cristo na morte, sepultamento e ressurreição.

Todas essas coisas são colocadas em prática diariamente mediante a comunhão com Cristo por meio da adoração, da Palavra e da oração. Quando nos entregamos ao Espírito, que habita em nós, recebemos o poder de que precisamos para a vida diária. Pela comunhão com outros cristão, contribuímos espiritualmente para o crescimento do corpo e da igreja, e os demais membros do corpo contribuem conosco. Que maneira maravilhosa de viver!

Cristo é preeminente em sua vida? Você extrai dele poder espiritual ou depende de algum substituto “religioso” criado por homens?



## O CÉU NA TERRA

## COLOSSENSES 3:1-11

**N**os dois últimos capítulos de Colossenses, Paulo parte para a aplicação prática das doutrinas que ensinou até aqui. Afinal, de nada adianta os cristãos *declararem e defenderem* a verdade, mas não a *demonstrarem* em sua vida. Certos cristãos defendem a verdade sem hesitar, mas sua vida pessoal nega as doutrinas que afirmam prezar. “No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras” (Tt 1:16).

Devemos lembrar que as religiões pagãs do tempo de Paulo praticamente não tratavam da moralidade pessoal. Um adorador poderia se prostrar diante de um ídolo, colocar uma oferta sobre o altar e voltar à vida habitual de pecado. As crenças de um indivíduo não tinham qualquer relação direta com seu comportamento, e ninguém o condenava por isso.

Mas a fé cristã introduziu um conceito inteiramente novo na sociedade pagã: nossas convicções são intimamente ligadas a nosso comportamento! Afinal, crer em Cristo significa estar unido a ele, e, se participamos de sua vida, devemos seguir seu exemplo. Ele não pode viver em nós pelo seu Espírito e permitir que permaneçamos em pecado. Nesta seção, Paulo relaciona a doutrina com o dever dando três instruções a seus leitores.

### 1. “BUSCAI AS COISAS LÁ DO ALTO” (Cl 3:1-4)

A ênfase é sobre o relacionamento do cristão com Cristo.

**Morremos com Cristo (v. 3a).** A explicação mais completa dessa verdade maravilhosa

pode ser encontrada em Romanos 6 a 8. Não apenas Cristo morreu *por* nós (substituição) como também morremos *com* ele (identificação). Cristo não apenas morreu *pelo* pecado, levando sobre si o castigo, como também morreu *para* o pecado, rompendo seu poder. Uma vez que estamos “em Cristo”, por meio da obra do Espírito Santo (1 Co 12:13), morremos com Cristo. Isso significa que é possível ter vitória sobre a velha natureza pecaminosa que deseja nos controlar. “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” (Rm 6:2).

**Vivemos em Cristo (v. 4a).** Cristo é nossa vida. A vida eterna não é um elemento celestial que Deus concede quando nós, pecadores, cremos no Salvador. A vida eterna é o próprio Jesus Cristo. “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 Jo 5:12). Estamos mortos e vivos ao mesmo tempo: mortos para o pecado e vivos em Cristo.

Alguém disse: “A vida é aquilo para que estamos vivos”. Uma criança pode se empolgar quando conversamos com ela sobre um jogo de futebol ou uma taça de sorvete. Um adolescente pode se empolgar ao conversar sobre carros e namoro. Paulo escreve: “Porquanto, para mim, o viver é Cristo” (Fp 1:21). Cristo era a vida de Paulo, e ele se empolgava com qualquer coisa relacionada a Cristo. O mesmo deve ocorrer com todos os cristãos.

Anos atrás, ouvi uma história sobre duas irmãs que gostavam de ir a danceterias e a festas extravagantes. Um dia, elas se converteram e descobriram a nova vida em Cristo. Quando receberam um convite para uma festa, responderam com as seguintes palavras:

– Infelizmente não poderemos comparecer, pois acabamos de morrer.

**Somos ressuscitados com Cristo (v. 1a).** É possível estar vivo e, ainda assim, estar na cova. Durante a Segunda Guerra Mundial, vários refugiados judeus esconderam-se em um cemitério; sabe-se até de um bebê que nasceu em um dos túmulos. Entretanto, quando Jesus nos deu vida, ele nos tirou do túmulo e nos colocou no trono celestial!

Cristo está assentado à destra de Deus, onde também estamos assentados “em Cristo”.

A conjunção condicional “se” não indica que, talvez, os leitores de Paulo não tenham sido “ressuscitados juntamente com Cristo”, pois, como cristãos, fomos todos identificados com Cristo em sua morte, ressurreição e ascensão. O sentido mais exato desse termo seria “uma vez que”. Nossa posição exaltada em Cristo não é algo hipotético, tampouco um alvo que devemos nos esforçar para alcançar. É um fato consumado.

***Estamos ocultos em Cristo (v. 3b).*** Não pertencemos mais ao mundo, mas sim a Cristo; a fonte de vida que desfrutamos encontra-se somente nele. A. T. Robertson, conhecido estudioso da língua grega, comenta sobre essa questão: “Eis que estamos em Cristo que, por sua vez, está em Deus, e nenhum ladrão, nem mesmo o próprio Satanás, pode nos separar do amor de Deus em Jesus Cristo (Rm 8:31-39)” (*Paul and the Intellectuals [Paulo e os Intelectuais]*, Broadman, p. 98).

A vida cristã é uma “vida oculta” no que se refere ao mundo, pois o mundo não conhece a Cristo (ver 1 Jo 4:1-6). Nossa esfera de vida não se encontra aqui na Terra, mas sim no céu; e as coisas que nos atraem e empolgam também pertencem ao céu, não à Terra. Isso não significa que devemos ignorar nossas responsabilidades neste mundo. Antes, indica que nossa motivação e nossa força vêm do céu, não da Terra.

***Somos glorificados em Cristo (v. 4b).*** Neste momento, Cristo está assentado à destra do Pai, mas um dia ele voltará, a fim de buscar seu povo e de levá-lo para seu lar (1 Ts 4:13-18). Quando o fizer, entraremos na glória eterna com Cristo. Quando Jesus for revelado em sua glória, também seremos revelados em glória. De acordo com o apóstolo Paulo, *já fomos glorificados!* (Rm 8:30). Essa glória simplesmente ainda não foi revelada. Cristo já nos deu sua glória (Jo 17:22), mas sua revelação plena aguarda a volta do Salvador (Rm 8:17-25).

Ao considerar nossa maravilhosa identificação com Cristo, é possível observar que temos uma grande responsabilidade: “Buscai

as coisas lá do alto” (Cl 3:1). Por meio da morte, sepultamento, ressurreição e ascensão de Cristo, fomos separados da antiga vida deste mundo, e agora pertencemos a uma nova vida celestial.

Mas de que maneira “[buscamos] as coisas lá do alto”? O segredo encontra-se em Colossenses 3:2: “Desenvolvam o hábito de voltar a mente – a atenção – para as coisas do alto, não para as coisas da Terra” (tradução literal). Nossos pés devem estar na Terra, mas nossa mente deve estar no céu. Não estamos sugerindo com isso que (como D. L. Moody costumava dizer): “pensamos tanto nas coisas do céu a ponto de não valermos coisa alguma na Terra”. Pelo contrário, as questões práticas do dia-a-dia são realizadas segundo a orientação de Cristo no céu, e olhamos para a Terra do ponto de vista do céu.

Enquanto estava em Washington participando de um congresso, assisti a uma audiência de um comitê do Senado na televisão. Se bem me lembro, avaliavam um candidato para o cargo de embaixador dos Estados Unidos. Quando liguei a televisão, o hoje falecido senador Hubert Humphrey estava fazendo um comentário: “Convém lembrar que, na política, sua posição depende da cadeira que ocupa”. Referia-se, obviamente, às cadeiras reservadas para cada partido no Senado, mas apliquei essa declaração imediatamente a minha posição em Cristo. Minha maneira de viver e de andar no dia-a-dia depende do lugar onde estou assentado – e *estou assentado com Cristo nos lugares celestiais!*

Quando a nação de Israel chegou à fronteira da Terra Prometida, os israelitas recusaram-se a entrar e, por causa de sua obstinada incredulidade, tiveram de vagar pelo deserto durante quarenta anos (ver Nm 13 e 14). Uma geração inteira – todos aqueles com vinte anos de idade ou mais – morreu no deserto, com exceção de Calebe e Josué, os dois únicos espias que creram em Deus. De que maneira Calebe e Josué “conquistaram a vitória” durante esses quarenta anos difíceis no deserto? *Sua mente e coração estavam em Canaã!* Sabiam que havia uma

herança a sua espera e viveram à luz dessa herança.

A rainha da Inglaterra tem certos poderes e privilégios porque se assenta no trono. O presidente dos Estados Unidos tem privilégios e poderes porque se assenta à mesa na sala oval da Casa Branca. O cristão está assentado no trono com Cristo. Devemos voltar constantemente a atenção e os sentimentos para as coisas do céu por meio da Palavra, da oração, da adoração e do serviço. É possível desfrutar "dias do céu acima da [na] Terra" (Dt 11:21), se guardarmos o coração e a mente nos lugares celestiais.

## 2. "FAZEI, POIS, MORRER A VOSSA NATUREZA TERRENA" (Cl 3:5-9)

Passamos do positivo para o negativo. Alguns não gostam do negativo e acreditam que é necessário haver ensino positivo, não advertências e admoestações negativas. Mas as ordens e advertências negativas desenvolvem-se a partir de verdades positivas da doutrina cristã. Por isso, Paulo escreve: "Fazei, pois, morrer".

Não há palavras positivas suficientes para curar um apêndice rompido. O médico deve fazer algo aparentemente "negativo" e remover o apêndice. Milhares de palavras sobre a beleza não são capazes de produzir um jardim bem cuidado. Para isso, o jardineiro deve arrancar as ervas daninhas! Os elementos positivos e negativos andam juntos, e a ausência de um deles causa desequilíbrio.

Devemos "[fazer], pois, morrer a [nossa] natureza terrena". Uma vez que morremos com Cristo (Cl 3:3), temos poder espiritual para mortificar os desejos terrenos e carnis que nos controlam. Paulo chama isso de "[considerarmo-nos] mortos para o pecado" (Rm 6:11). Jesus usou essa mesma idéia ao dizer: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti" (Mt 5:29, 30).

É evidente que nem Paulo nem Jesus se referiam a uma cirurgia *literal*. O pecado não vem do olho, da mão ou do pé, mas sim do coração, que abriga desejos perversos. Séculos atrás, na Inglaterra, a pena para um batedor de carteiras condenado por seu crime era a amputação da mão direita. Se

houvesse uma segunda condenação, a mão esquerda era amputada. Um ladrão perdeu as duas mãos e continuou a "trabalhar" usando os dentes! A cirurgia física não tem poder algum de mudar o coração.

Paulo não apenas usa uma abordagem negativa nesse parágrafo, como também *especifica certos pecados*, algo que não é do agrado de todos. Esses pecados dizem respeito à velha natureza e não cabem na nova vida em Cristo. Além disso, Deus julga os que cometem tais pecados, e Deus não faz acepção de pessoas. A ira divina recaiu sobre o mundo gentio por causa desses pecados (Rm 1:18ss), e seu furor voltará a se manifestar. "Por estas coisas é que vem a ira de Deus" (Cl 3:6).

A "prostituição" refere-se à imoralidade sexual em geral. A "impureza" pode ser definida como "a impudícia concupiscente relacionada à luxúria e à vida libertina". A "paixão lasciva" descreve o estado mental que estimula a impureza sexual. Quem nutre esse tipo de apetite sempre encontra oportunidade de satisfazê-lo. O "desejo maligno" refere-se aos "anseios abjetos e perversos". Fica claro que os desejos e apetites conduzem às ações. A fim de purificar os atos, é preciso, antes, purificar a mente e o coração.

O que desejamos determina o que fazemos. Se eu estimular em meus filhos um apetite por doces, precisarei satisfazer esse apetite. Se eles se tornarem obesos e começarem a ter problemas de saúde, terei de mudar esse apetite e de ensiná-los a gostar de outros tipos de alimentos.

"Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sl 51:10). Essa deve ser nossa oração, pois é do coração "que procedem os maus desígnios" (Mc 7:21-23).

Depois de especificar esses pecados, Paulo acrescenta "a avareza, que é idolatria" (Cl 3:5b). A "avareza" é o pecado de sempre querer mais, sejam coisas ou prazeres. A pessoa avara nunca se contenta com o que tem e, normalmente, inveja o que os outros têm. Trata-se de uma forma de idolatria, pois a avareza coloca as coisas no lugar de Deus. O último dos Dez Mandamentos diz: "Não cobiçarás" (Êx 20:17), pois esse

pecado pode nos levar a quebrar os outros nove mandamentos. Quem cobiça desonra a Deus, usa o nome de Deus em vão, mente, rouba e comete todo tipo de transgressão a fim de satisfazer seus desejos pecaminosos.

Infelizmente, por vezes, os cristãos de nossas igrejas caem em pecados como esses. Todas as epístolas do Novo Testamento enviadas às igrejas locais mencionam esses pecados e advertem sobre eles. Lembro-me de um pastor que pregou uma série de sermões sobre os pecados dos santos. Uma pessoa de sua congregação procurou-o para expressar sua insatisfação e dizer que seria melhor o pastor pregar essas mensagens para os perdidos.

- Afinal - disse a pessoa -, o pecado na vida do cristão é diferente do pecado na vida de outros indivíduos.

- Tem razão - respondeu o pastor. - É bem *pior!*

Depois de advertir sobre os pecados sensuais, Paulo fala dos perigos dos pecados relacionais (Cl 3:8, 9). G. Campbell Morgan chamava-os de "pecados de boa reputação". Estamos tão acostumados com a ira, com as atitudes críticas, com a mentira e com o humor vulgar no meio dos cristãos que não nos perturbamos nem sentimos qualquer culpa em relação a esses pecados. Ficamos estarecidos quando algum membro da igreja comete um pecado sensual, mas somos capazes de ver essa mesma pessoa enfurecer-se numa reunião de negócios e chamar sua atitude de "indignação justa".

A figura usada aqui é a de uma pessoa trocando de roupa: "despistes [...] revestistes [...]" (Cl 3:9, 10). Trata-se de uma idéia relacionada à ressurreição de Jesus Cristo (Cl 3:1), pois quando ressuscitou dentre os mortos, Jesus Cristo deixou para trás os panos com os quais havia sido sepultado (Jo 20:1-10). Havia entrado em uma vida ressurreta gloriosa e não tinha mais necessidade de usar a mortalha. O mesmo aconteceu com Lázaro, quando Jesus o ressuscitou dentre os mortos e disse aos presentes: "Desatai-o e deixai-o ir" (Jo 11:44).

A mortalha representa a vida antiga, com seus atos pecaminosos. Agora que temos

uma nova vida em Cristo, devemos andar "em novidade de vida", despindo-nos dos velhos atos e desejos (Rm 6:4). Fazemos isso ao viver de acordo com nossa posição em Cristo, considerando-nos mortos para a velha natureza e vivos para a nova.

Paulo começa com a "ira", a "indignação" e a "maldade", pecados que envolvem uma atitude perversa em relação ao semelhante. O termo "ira" também é usado em Colossenses 3:6 com respeito à ira de Deus. A ira descreve atitudes habituais, enquanto a "indignação" refere-se a explosões de raiva. Deus tem o direito de irar-se contra o pecado e de julgá-lo, pois é um Deus santo e justo. Na verdade, os cristãos devem ter uma "ira santa" contra o pecado (Ef 4:26). Mas nenhum de nós tem o direito de fazer papel de Deus, julgando e condenando outros por suas atitudes. A "maldade" é uma disposição maligna para com uma pessoa. Quem age com maldade contra alguém se entristece com seu sucesso e se alegra com suas dificuldades. A maldade é uma atitude pecaminosa.

A "blasfêmia" descreve o discurso maledicente e destrutivo. No meio dos cristãos, é comum esse tipo de fofoca maliciosa aparecer disfarçado de preocupação espiritual:

- Só estou lhe contando isso a respeito de tal pessoa porque sei que vai querer orar sobre o assunto.

A maledicência é fruto da maldade (1 Pe 2:1). Quem tem inimizade profunda por alguém usa todas as oportunidades que se apresentam para dizer algo negativo a seu respeito.

A "linguagem obscena" é, obviamente, todo tipo de palavra torpe, de comunicação vulgar e de humor de baixo calão. Por algum motivo, certos cristãos pensam que é másculo ou moderno usar esse tipo de linguagem. O humor vulgar insinua-se facilmente no meio das conversas. Devemos atentar para Colossenses 4:6: "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal", lembrando que o sal é um símbolo de pureza e que a graça e a pureza andam juntas.

O último pecado que Paulo cita é a "mentira" (Cl 3:9). Faz a mesma advertência aos

cristãos de Éfeso (Ef 4:25). Satanás é um mentiroso (Jo 8:44), enquanto o Espírito Santo é o “Espírito da verdade” (Jo 14:17; 15:26). Quando um cristão mente, coopera com Satanás; quando diz a verdade em amor (Ef 4:15), coopera com o Espírito de Deus.

A mentira consiste em qualquer distorção da verdade, *mesmo quando as palavras são fiéis à realidade*. O tom de nossa voz, nosso olhar ou um gesto podem alterar o sentido de uma frase. A motivação do coração também pode distorcer o significado real. Se meu relógio não está certo e eu informo a hora errada para alguém, isso não é mentira. A mentira envolve a intenção de enganar com o propósito de obter algum benefício. Diz um antigo provérbio que “a meia-verdade é uma mentira inteira”.

O bispo Warren A. Candler pregava sobre as mentiras de Ananias e Safira (At 5) e perguntou a sua congregação:

– Se Deus ainda matasse as pessoas por mentirem, onde eu estaria? – os membros da igreja sorriram discretamente, mas mudaram logo de expressão quando o bispo gritou: – Estaria bem aqui, *pregando para uma igreja vazia!*

### 3. TORNAI-VOS SEMELHANTES A CRISTO (CL 3:10, 11)

Uma vez que estamos vivos em Cristo, devemos buscar as coisas lá do alto. E, uma vez que morremos com Cristo, devemos nos despir das coisas que pertencem à vida terrena e de pecados do passado. Proceder dessa maneira faz-nos semelhantes a Jesus Cristo! Deus quer nos renovar e nos conformar à imagem de seu Filho!

Os verbos gregos traduzidos por “despir-se” e “revestir-se” (Cl 3:9, 10) indicam um ato definitivo. Ao crer em Cristo, despimo-nos da vida antiga e nos revestimos da nova. O velho homem foi sepultado, e o novo homem assume o controle. O verbo “refazer”, por sua vez, é usado no original no particípio presente passivo: “o que está constantemente sendo refeito”. A *crise* da salvação conduz a um *processo* de santificação, cujo objetivo é uma crescente semelhança a Cristo.

Os gregos tinham duas palavras diferentes para se referir a algo *novo*. O termo *neos*, que significa “temporalmente novo”. Usa-se essa palavra, na forma de prefixo, em termos como “neo-ortodoxia” ou “neoclassicismo”. O termo *kainos* referia-se a algo “qualitativamente novo, inédito”. Por vezes, as duas palavras são usadas de modo intercambiável no Novo Testamento, mas ainda assim apresentam uma diferença fundamental.

O cristão revestiu-se, de uma vez por todas, do “novo homem” (*neos*) e, em decorrência disso, está sendo renovado (*kainos*). Há uma mudança qualitativa, pois está se tornando semelhante a Jesus Cristo. O “novo Homem” é Jesus Cristo, o último Adão (1 Co 15:45), o cabeça das novas criaturas (2 Co 5:17).

De que maneira ocorre essa renovação? Por meio do conhecimento. A palavra *conhecimento* era um termo-chave do vocabulário gnóstico. Mas o suposto conhecimento espiritual dos gnósticos jamais seria capaz de mudar a vida de uma pessoa, tornando-a semelhante a Cristo. Quanto melhor o cristão conhecer a Cristo, mais semelhante a ele se tornará (Fp 3:10).

O ser humano foi criado à imagem de Deus (Gn 1:26, 27). Isso inclui a personalidade (intelecto, emoções, volição) e a espiritualidade (o homem não é apenas um corpo físico). Quando o ser humano pecou, essa imagem de Deus foi corrompida e se tornou decaída. Os filhos de Adão nasceram com a imagem de seu pai (Gn 5:1, 3). Apesar da destruição causada pelo pecado, o ser humano ainda tem a imagem de Deus (Gn 9:6; Tg 3:9).

Fomos *formados* à imagem de Deus e *deformados* em relação a essa imagem. Mas, por meio de Jesus Cristo, podemos ser *transformados* à imagem de Deus! Devemos ser renovados no espírito de nosso entendimento (Ef 4:23). Ao crescer no conhecimento da Palavra de Deus, seremos transformados pelo Espírito de Deus para compartilhar da imagem gloriosa de Deus (2 Co 3:18). Deus nos transforma ao renovar nossa mente (Rm 12:2), processo que envolve o estudo da

Palavra de Deus. É a verdade que liberta da antiga vida (Jo 8:31, 32).

O propósito de Deus para nós é que “[sejamos] conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29). Essa conformidade refere-se ao caráter, à qualidade espiritual do ser interior. Quando Jesus Cristo vier, seremos como ele e teremos um corpo glorificado (1 Jo 3:1-3); mas, enquanto esperamos por sua volta, podemos nos tornar mais semelhantes a sua imagem sagrada. Trata-se de um processo de renovação constante, à medida que o Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para operar em nós.

Diferenças e particularidades humanas não devem ser uma barreira para a vida de santidade na igreja. Todas as distinções humanas se desvanecem em Jesus Cristo (Cl 3:11). Em Cristo, não há nacionalidade (“não pode haver grego nem judeu”), e diferenças religiosas passadas não são levadas em conta (“circuncisão nem incircuncisão”). Os gnósticos ensinavam que a circuncisão era importante para a vida espiritual (Cl 2:11ss). Mas Paulo deixa claro que essa cirurgia física tradicional não conferia qualquer vantagem espiritual.

Também não há diferenças culturais em Cristo (“bárbaro, cita”). Para os gregos, todos os outros povos eram bárbaros; e os citas eram os mais reles dos bárbaros! Mas, em Jesus Cristo, a origem étnica de uma pessoa não representa qualquer vantagem ou desvantagem. O mesmo se aplica a sua condição econômica ou política (“escravo, livre”). Paulo deixa claro que um escravo deve procurar obter sua liberdade (1 Co 7:20-23), mas que não deve se considerar *espiritualmente* inferior por causa de sua posição social.

Todas as distinções humanas dizem respeito ao “velho homem”, não ao “novo

homem”. Em sua Epístola aos Gálatas, Paulo acrescenta: “nem homem nem mulher” e, desse modo, elimina até mesmo as diferenças entre os sexos. A conclusão do apóstolo: “Cristo é tudo em todos”. “Porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

É errado edificar a comunhão de uma igreja sobre qualquer outro alicerce além de Jesus Cristo, sua Pessoa e sua obra. Ministérios construídos sobre distinções humanas, como raça, cor ou posição social, não são bíblicos. Um dos sinais de crescimento espiritual e de renovação da mente é essa disposição de receber e amar todos os que verdadeiramente conhecem a Cristo e procuram glorificá-lo. Os “super-santos” gnósticos cometiam o erro de tentar isolar os cristãos colossenses do restante da igreja. Apesar de não perdermos *fisicamente* a herança nacional quando nos tornamos cristãos, não usamos essa herança como prova de espiritualidade.

“Cristo é tudo em todos”: essa é a ênfase da carta aos colossenses. “Para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1:18). Uma vez que temos plenitude em Cristo, podemos olhar além das diferenças terrenas que separam as pessoas e desfrutar a unidade espiritual no Senhor. Devemos permanecer alertas, pois os falsos mestres de hoje, como os falsos mestres gnósticos, tentam privar o povo de Deus da riqueza de sua unidade em Cristo.

Estamos vivos em Cristo; portanto, devemos buscar as coisas lá do alto. Estamos mortos em Cristo; portanto, devemos fazer morrer as coisas terrenas. Podemos nos tornar semelhantes a Cristo; portanto, devemos permitir que o Espírito Santo renove nossa mente, conformando-nos cada vez mais à imagem de Deus.

## VESTIDOS A CARÁTER

### COLOSSENSES 3:12-17

**E**sta seção completa a exortação de Paulo aos cristãos para que vivam em santidade. Dá continuidade à ilustração das vestes: “despistes [...] revestistes [...]” (Cl 3:8-10). O apóstolo exorta seus leitores a se despirem da mortalha do pecado e da antiga vida e a colocarem as vestes santas da graça e da nova vida em Cristo (Rm 6:4).

#### 1. A GRAÇA DE CRISTO (Cl 3:12-14)

A graça é o favor de Deus para com os pecadores indignos. Paulo lembra os colossenses daquilo que a graça de Deus fez por eles.

**Deus os escolheu (v. 12a).** O termo “eleitos” significa “escolhidos de Deus”. As palavras de Deus a Israel por intermédio de Moisés ajudam a entender o significado da salvação pela graça: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava [...] o SENHOR vos tirou com mão poderosa e vos resgatou da casa da servidão, do poder de Faraó, rei do Egito” (Dt 7:7, 8).

O milagre da *eleição* divina não depende de coisa alguma que alguém seja ou tenha feito, pois Deus nos escolheu em Cristo “antes da fundação do mundo” (Ef 1:4). Se Deus salvasse o pecador com base em seu mérito ou em suas obras, ninguém seria salvo. Tudo se dá pela graça de Deus, a fim de glorificar a Deus.

Por certo, a *eleição* é um “segredo santo” que diz respeito aos filhos de Deus. Não é uma doutrina que nós, cristãos, devemos explicar a não salvos. “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2:19), de modo

que devemos deixar por conta dele a realização de seus propósitos eternos. Nossa tarefa é compartilhar as boas-novas do evangelho com o mundo perdido.

**Deus os separou (v. 12).** Esse é significado da palavra “santo”. Quem crê em Cristo é separado do mundo para o Senhor. Não somos de nós mesmos; pertencemos inteiramente ao Senhor (1 Co 6:19, 20). Assim como a cerimônia de casamento separa um homem e uma mulher um para o outro de modo exclusivo, a salvação separa o cristão exclusivamente para Jesus Cristo. Não seria horrível se, no fim do casamento, o noivo fugisse com uma das madrinhas? É igualmente horrível ver o cristão viver em função do mundo e da carne.

**Deus os ama (v. 12).** Quando um incrédulo peca, é uma criatura transgredindo as leis do Criador e Juiz santo. Mas quando um cristão peca, é um filho de Deus entristecendo o coração amoroso do Pai. O amor é a motivação mais forte do mundo. À medida que o amor do cristão por Deus cresce, também aumenta seu desejo de obedecer ao Senhor e de andar na novidade de vida que possui em Jesus Cristo.

**Deus os perdoou (vv. 13, 14).** “Perdoando todos os nossos delitos” (Cl 2:13). O perdão de Deus é completo e definitivo; não é condicional nem parcial. De que maneira um Deus santo perdoa pecadores culpados? Isso é possível pelo sacrifício de Jesus Cristo na cruz. Deus nos perdoou “em Cristo” (Ef 4:32), não por algum mérito nosso.

Escolhidos por Deus, separados para Deus, amados e perdoados por Deus! A soma de tudo isso é *graça*! Por causa dessas bênçãos da graça, o cristão tem algumas responsabilidades sérias diante de Deus. Deve revestir-se das virtudes da vida cristã, das quais Paulo cita oito.

1. “Revesti-vos [...] de ternos afetos de misericórdia” (Cl 3:12). O texto grego usa a expressão *entranhas de compaixão*, pois, para o povo grego, as emoções mais profundas encontravam-se na região intestinal, enquanto para nós, elas se encontram no coração. Como cristãos, devemos demonstrar sentimentos ternos de compaixão uns para com

os outros (ver Fp 2:1ss). Não se trata de algo que ligamos e desligamos, como um aparelho de televisão. Antes, é uma atitude constante do coração que nos torna pessoas tratáveis.

2. "Revesti-vos [...] de bondade" (Cl 3:12). Fomos salvos por causa da bondade de Deus para conosco por meio de Jesus Cristo (Ef 2:7; Tt 3:4). Devemos, por nossa vez, demonstrar bondade para com os semelhantes. Deus ordena que "[sejamos] uns para com os outros benignos" (Ef 4:32).

Um dos retratos mais belos de bondade na Bíblia é a forma de o rei Davi tratar Mefibosete, o príncipe aleijado (ver 2 Sm 9). O desejo de Davi era demonstrar a bondade de Deus com a família do rei Saul por causa de seu amor por Jônatas, filho de Saul. O rapaz escolhido foi Mefibosete, um filho aleijado de Jônatas. Se Davi tivesse agido segundo a justiça, teria condenado Mefibosete, pois ele pertencia a uma família condenada. Mas Davi agiu segundo o amor e a graça.

Davi procurou Mefibosete e lhe garantiu que não precisava temê-lo. Convidou-o para viver no palácio como membro da sua família e para comer à mesa farta do rei. Assim é a bondade de Deus! Como cristãos, experimentamos uma bondade ainda maior, pois somos filhos de Deus e viveremos com ele no céu para sempre!

3. "Revesti-vos [...] de humildade" (Cl 3:12). O mundo pagão do tempo de Paulo não admirava a humildade, mas sim o orgulho e a autoridade. Jesus Cristo é o maior exemplo de humildade (Fp 2:1ss). Ser humilde não significa menosprezar-se. Antes, é ter uma opinião apropriada de si mesmo, segundo a vontade de Deus (Rm 12:3). A pessoa humilde pensa primeiro nos outros, não em si mesma.

4. "Revesti-vos [...] de mansidão" (Cl 3:12). Mansidão não é sinônimo de fraqueza; é poder sob controle. Essa palavra era usada para descrever o vento que abrandava o calor, o remédio que curava ou um potro domado. Todos esses casos implicam poder: o vento pode se transformar em tempestade; uma superdose de remédio pode ser mortal; um cavalo pode se soltar e fugir.

Mas esse poder está sob controle. A pessoa mansa não precisa perder as estribeiras, pois tem tudo sob controle.

5. "Revesti-vos [...] de longanimidade" (Cl 3:12). Essa palavra significa, literalmente, "longo ânimo". A pessoa irritável fala e age de modo impulsivo e não tem autocontrole. Quando um indivíduo é longânimo, consegue suportar as provocações de pessoas e de circunstâncias sem se vingar. A capacidade de irar-se é positiva, pois demonstra caráter santo. Mas é errado irar-se rapidamente com as coisas erradas e por motivos errados.

6. Revesti-vos da capacidade de suportar (Cl 3:13). O verbo "suportar" significa, literalmente, "escorar" ou "reter". Deus suporta os pecadores, pois ele retém seu julgamento (Rm 2:4; 3:25). A mansidão, a longanimidade e a capacidade de suportar andam juntas.

7. Revesti-vos de perdão (Cl 3:13). Esse é o resultado lógico de tudo o que Paulo escreveu até aqui nesta seção. Não basta ao cristão suportar as tristezas e as provocações sem se vingar; também deve perdoar os que causam dificuldades. Se não o fizer, sentimentos de maldade começarão a nascer em seu coração, levando a outros pecados de conseqüências ainda mais graves.

O perdão faz parte da semelhança a Cristo (Ef 4:32) e abre o coração para a plenitude do amor de Deus. No momento em que tivermos alguma queixa contra alguém, devemos perdoar essa pessoa em nosso coração (o "perdão em família" é um outro assunto: deve-se procurar aquele que nos ofendeu e tentar ajudá-lo em amor; ver Mt 18:15-35).

8. Revesti-vos de amor (Cl 3:14). Essa é a mais importante das virtudes cristãs e age como um "cinto" que mantém unidas as outras virtudes. Todas as qualidades espirituais citadas por Paulo são aspectos do verdadeiro amor cristão, como se vê ao ler 1 Coríntios 13. O amor é o primeiro do fruto do Espírito; as outras virtudes são decorrentes dele: alegria (Cl 3:16), paz (Cl 3:15), longanimidade, ternos afetos de misericórdia, bondade e mansidão (Cl 3:12).



Quando o amor governa nossa vida, une todas essas virtudes espirituais de modo a haver beleza e harmonia, demonstrando, desse modo, maturidade espiritual. Essa harmonia e maturidade promovem o equilíbrio e o crescimento, algo que o sistema gnóstico jamais seria capaz de fazer.

## 2. A PAZ DE CRISTO (Cl 3:15)

Neste versículo, Paulo passa do caráter para a conduta. De que maneira o cristão pode saber se está fazendo a vontade de Deus? Uma indicação é a paz de Cristo no coração e na igreja. Quando o cristão perde a paz interior, sabe que, de algum modo, desobedeceu a Deus.

O termo traduzido por "árbitro" faz parte do vocabulário esportivo e se refere "àquele que preside os jogos e distribui os prêmios". Paulo usa uma variação dessa palavra em outra passagem de sua Epístola aos Colossenses: "Que ninguém vos declare indignos de um prêmio" (Cl 2:18, tradução literal). Os jogos gregos tinham juizes (também chamados de *árbitros*) que rejeitavam competidores não qualificados e também desqualificavam os que desrespeitavam as regras.

A paz de Deus é o "árbitro" do coração do cristão e da igreja. Quem obedece à vontade de Deus tem paz interior, mas ao sair de sua vontade (mesmo que involuntariamente), perde sua paz.

Entretanto, devemos ter cuidado com uma falsa paz no coração. Jonas desobedeceu a Deus deliberadamente e, no entanto, conseguiu dormir no porão de um navio *no meio de uma tempestade!* Dizer: "estou sentindo paz sobre essa questão" não é prova suficiente de que estamos fazendo a vontade de Deus. Devemos orar, nos entregar a sua vontade e buscar sua orientação nas Escrituras. Essa paz no coração, *de per si*, nem sempre é a paz de Deus.

Há outro elemento envolvido: se tivermos paz no coração, estaremos em paz com a igreja. Somos chamados a constituir um só corpo, e nossa relação com os membros da congregação deve ser de harmonia e de paz. Se estivermos fora da vontade de Deus,

certamente traremos discórdia e desarmonia para a igreja. Jonas pensou que estava em paz, quando, na verdade, seu pecado provocou uma tempestade!

Quando um cristão perde a paz de Deus, começa a tomar rumos fora da vontade do Senhor. Volta-se para as coisas do mundo e da carne, a fim de compensar a falta de paz interior. Tenta escapar, mas não consegue fugir *de si mesmo!* Somente quando confessa seu pecado, aceita o perdão de Deus e faz a vontade de Deus é que experimenta a paz de Deus no coração.

Quando houver paz no coração, haverá louvor nos lábios: "sede agradecidos" (Cl 3:15). É impossível ver um cristão fora da vontade de Deus louvando sinceramente ao Senhor. Quando Davi encobriu seus pecados, perdeu a paz e a capacidade de louvar (Sl 32; 51). Quando confessou seu pecado, voltou a entoar os cânticos de louvor.

## 3. A PALAVRA DE CRISTO (Cl 3:16)

Trata-se, evidentemente, da Palavra de Deus. Os falsos mestres chegaram a Colossos com tradições e filosofias humanas e preceitos religiosos. Tentaram conciliar a Palavra de Deus com seus ensinamentos, mas não havia como fazê-lo. A Palavra de Deus sempre engrandece a Jesus Cristo.

Não foi a palavra dos falsos mestres que trouxe a salvação aos colossenses, mas sim a Palavra da verdade do evangelho (Cl 1:5). Essa mesma palavra nos dá vida, sustenta e fortalece (1 Pe 1:22 - 2:3). Se permitirmos que a Palavra "habite, ricamente, em [nós]", ela transformará nossa vida. O verbo *habitar* significa "sentir-se em casa". A Palavra de Deus se sentirá em casa no coração de quem experimentar a graça e a paz de Cristo. Descobriremos como a Palavra é repleta de tesouros que enriquecem a vida.

Contudo, não devemos imaginar que Paulo está escrevendo apenas para os cristãos como indivíduos, pois se dirige à igreja como um todo. "Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo" - ou seja, assim como habita ricamente em cada membro da igreja, também habitará ricamente na comunhão da igreja.

Como no tempo de Paulo, as congregações locais de hoje correm o perigo de subestimar a Palavra de Deus. Parece haver carência do ensino da Bíblia nas classes de escola dominical e no púlpito. Há um interesse muito maior em filmes, apresentações musicais e várias formas de entretenimento do que na Palavra de Deus. Muitas pessoas salvas não podem dizer com sinceridade que a Palavra habita ricamente em seu coração, pois não dedicam tempo para lê-la, estudá-la e memorizá-la.

De acordo com Paulo, existe uma relação clara entre o conhecimento da Bíblia e a expressão de adoração em cânticos. Uma das maneiras de ensinar e de encorajar a si mesmo e a outros é cantar a Palavra de Deus. Mas quem não conhece nem compreende as Escrituras, não pode cantá-las de coração.

Talvez essa "carência de Bíblia" em nossas igrejas seja uma das causas do grande número de cânticos mais recentes que fogem das verdades bíblicas. Assim como um pastor não tem direito algum de pregar uma mentira, um cantor não tem direito algum de cantar uma mentira. Os grandes cânticos de fé foram escritos, em sua maioria, por cristãos que conheciam as doutrinas da Palavra de Deus. Muitos cânticos que consideramos "cristãos" hoje em dia são escritos por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento das Escrituras. É perigoso separar o louvor a Deus da Palavra de Deus.

Os salmos eram, evidentemente, cânticos do Antigo Testamento. Durante séculos, as igrejas de países de língua inglesa cantavam somente versões metrificadas dos Salmos. Alegro-me em ver que estamos voltando a cantar as Escrituras, especialmente os Salmos. Os hinos são cânticos de louvor a Deus escritos por cristãos, mas não originários dos Salmos. A Igreja de hoje tem uma rica herança de hinos que, infelizmente, encontra-se um tanto esquecida. Os cânticos espirituais são expressões de verdades bíblicas distintas dos salmos e hinos. Ao cantar um hino, nos dirigimos ao Senhor, e ao cantar um cântico espiritual, nos dirigimos uns aos outros.

Paulo descreve um culto em uma congregação local (1 Co 14:26; Cl 3:16). É interessante observar que o cristão canta não apenas para o Senhor e para os outros, mas também *para si mesmo*. Os cânticos devem ser sinceros, não só da boca para fora. Mas, se a Palavra de Deus não estiver no coração, não poderemos cantar de coração. Vê-se, assim, como é importante conhecer a Palavra de Deus, pois ela enriquece a adoração pública e particular ao Senhor.

Devemos cantar com gratidão, pois temos a graça de Deus no coração. Somente pela graça podemos cantar quando sofremos ou quando as circunstâncias parecem desfavoráveis. Sem dúvida, foi só pela graça que Paulo e Silas conseguiram cantar na prisão em Filipos (At 16:22-25). Os cânticos não devem ser uma demonstração de talento carnal; antes, devem revelar a graça de Deus no coração.

Alguém disse que, a fim de ter uma vida cristã bem-sucedida, devemos atentar para três tipos de impressos: a Bíblia, o talão de cheques e o hinário. Uso o hinário com frequência em minha devocional diária, pois ele me ajuda a expressar meu louvor a Deus. À medida que o cristão crescer em seu conhecimento da Palavra, sentirá o desejo de crescer também em suas expressões de louvor. Aprenderá a apreciar os grandes hinos da igreja, os hinetos e cânticos espirituais que ensinam verdades espirituais. Cantar apenas os cânticos mais elementares da fé é privar-se de enriquecimento espiritual.

Antes de passar à próxima seção, observaremos um paralelo importante com Efésios 5:18 a 6:9: Em sua Epístola aos Efésios, Paulo enfatiza o estar cheio do Espírito; em sua Epístola aos Colossenses, enfatiza o estar cheio da Palavra. *Mas os sinais dessa plenitude espiritual são os mesmos!* Como identificar um cristão cheio do Espírito? Ele é alegre, grato e submisso (Ef 5:19-21), e todas essas características manifestam-se em seus relacionamentos em casa e no trabalho (Ef 5:22 - 6:9). Como identificar um cristão cheio da Palavra de Deus? Ele é alegre, grato e submisso (Cl 3:16 - 4:1).

#### 4. O NOME DE CRISTO (Cl 3:17)

Na sociedade moderna, não damos muita atenção aos nomes. Mas no mundo antigo, o nome de uma pessoa era considerado de suma importância. Em várias ocasiões no Antigo Testamento, Deus mudou o nome de uma pessoa por causa de alguma experiência nova ou de algum acontecimento.

Como cristãos, levamos o nome de Cristo. O termo *cristão* aparece apenas três vezes em todo o Novo Testamento (At 11:26; 26:28; 1 Pe 4:16). A princípio, era uma designação depreciativa, mas aos poucos se tornou um nome honrado. Assim, o nome de Cristo representa *identificação*: pertencemos a Jesus Cristo.

Mas seu nome também representa *autoridade*. O nome de uma pessoa assinado em um cheque autoriza o saque daquele valor no banco. O nome de um presidente num decreto o transforma em lei. Da mesma forma, é em nome de Jesus Cristo que temos autoridade para orar (Jo 14:13, 14; 16:23-26). Uma vez que Jesus Cristo é Deus e que morreu por nós, temos autoridade em seu nome.

Tudo o que se diz deve ser associado ao nome de Jesus Cristo. Deve-se glorificar seu nome com palavras e com obras. Qualquer coisa permitida na vida que não possa ser associada ao nome de Jesus é pecado. Deve-se dizer e fazer tudo na autoridade do nome de Cristo e para a honra desse nome.

Levar o nome de Jesus é um privilégio enorme, mas também uma grande responsabilidade. Por causa do nome de Cristo, há perseguição (Jo 15:20, 21). Observei, em conversas, que alguém dizer que é batista, presbiteriano, luterano ou mesmo ateu não provoca qualquer reação mais exaltada. Mas dizer que é cristão e incluir o nome de Cristo na conversa, quase de imediato,

provoca algum tipo de reação, normalmente negativa.

Os pais procuram ensinar os filhos a honrar o nome da família. Em poucos minutos, uma pessoa pode macular o nome que seus antepassados levaram anos para construir. O nome hebraico *Judá*, por exemplo, é respeitado e significa "louvor". O equivalente no Novo Testamento é "Judas"... E quem chamaria seu filho por esse nome?

Convém observar que Paulo volta a falar de ações de graças nesta carta aos colossenses. Tudo o que se faz em nome de Cristo deve ser acompanhado de ações de graças. Quem não é capaz de dar graças por algo, não deve fazê-lo nem dizê-lo! Esta é a quinta de seis referências às ações de graça na Epístola aos Colossenses (Cl 1:3, 12; 2:7; 3:15, 17; 4:2). Ao lembrar que Paulo era prisioneiro em Roma quando escreveu esta carta, sua ênfase sobre as ações de graças torna-se ainda mais extraordinária.

Ao recapitular essas quatro motivações para a vida piedosa, o que chama a atenção é a centralidade de Jesus Cristo. Perdoados porque Cristo nos perdoou (Cl 3:13). A paz de Cristo deve ser o árbitro em nosso coração (Cl 3:15). A palavra de Cristo deve habitar em nós ricamente (Cl 3:16). O nome de Cristo deve ser nossa identificação e autoridade. "Cristo é tudo em todos" (Cl 3:11).

Na união com Cristo por meio do Espírito Santo que habita nós, há todos os recursos de que precisamos para uma vida de santidade. No entanto, as motivações dos indivíduos devem ser espirituais. Quem experimenta a graça de Cristo deseja viver para ele. Enriquecidos com a Palavra de Cristo e enobrecidos com o nome de Cristo, queremos honrá-lo e glorificá-lo. Que outra motivação maior podemos desejar?

## UM ASSUNTO DE FAMÍLIA

COLOSSENSES 3:18 – 4:1

A fé em Jesus Cristo não muda apenas os indivíduos, mas também os lares. Nesta seção, Paulo dirige-se aos membros da família: maridos, esposas e filhos e também aos servos da casa. Tudo indica que essas pessoas eram cristãs, uma vez que o apóstolo roga que vivam de maneira agradável a Jesus Cristo.

Algo está extremamente errado nos lares de hoje. As últimas pesquisas que li com respeito à situação nos Estados Unidos mostram como, hoje em dia, há mais lares desfeitos do que em qualquer outra época. Famílias com um só dos pais tornam-se cada vez mais comuns. Mais de 50% das mães trabalham fora, sendo que muitas ainda têm filhos pequenos. Crianças e adolescentes norte-americanos típicos, entre 6 e 16 anos de idade, passam de 20 a 24 horas por semana diante da televisão e são extremamente influenciadas por aquilo a que assistem. O abuso infantil também continua a crescer, com dois a quatro milhões de casos registrados por ano, muitos deles jamais são relatados.

O lar foi a primeira instituição criada por Deus na Terra (Gn 2:18-25; Mt 19:1-6). A situação nos lares mostra como anda a situação da sociedade e do país. A desintegração dos lares é um dos sinais do fim dos tempos (2 Tm 3:1-5). Séculos atrás, Confúcio disse: “A força de uma nação vem da integridade de seus lares”. Uma das coisas mais importantes a fazer como indivíduos é ajudar a edificar lares cristãos piedosos. Paulo dirigiu-se a diferentes membros da família e ressaltou os fatores que contribuem para um lar sólido e temente a Deus.

### 1. MARIDOS E ESPOSAS: AMOR E SUBMISSÃO (Cl 3:18, 19)

Paulo não se dirige às esposas primeiro porque precisam atentar mais para suas palavras! O evangelho mudou radicalmente a posição da mulher no mundo romano, dando-lhes liberdade e valor. Algumas mulheres não sabiam lidar com sua nova situação e, por esse motivo, Paulo lhes envia essa admoestação (outras semelhantes podem ser encontradas em Ef 5:18ss e 1 Pe 3:1ss).

Não se deve confundir *submissão* com “escravidão” ou “subjugação”. Esse termo faz parte do vocabulário militar e significa, simplesmente, “organizar em hierarquia”. O fato de um homem ser soldado raso e outro ser coronel não significa que um seja, necessariamente, *melhor* do que o outro. Significa apenas que ocupam postos diferentes.

Deus faz todas as coisas “com decência e ordem” (1 Co 14:40). Se não houvesse hierarquia na sociedade, viveríamos no caos. O fato de uma mulher sujeitar-se a seu marido não sugere que o homem seja melhor do que a mulher. Significa, apenas, que o homem tem uma posição de autoridade e é responsável pela liderança do lar.

Sua autoridade não é um governo ditatorial ou tirano, mas sim uma liderança amorosa. Na verdade, tanto o marido quanto a esposa devem sujeitar-se ao *Senhor* e *um ao outro* (Ef 5:21). Trata-se de respeito mútuo debaixo do senhorio de Jesus Cristo.

A verdadeira submissão espiritual é o segredo do crescimento e da realização. Quando uma mulher cristã sujeita-se ao Senhor e ao marido, experimenta liberdade e realização que não teria de qualquer outro modo. Esse amor e submissão mútuos criam um ambiente de crescimento no lar que permite tanto ao marido quanto à esposa se tornarem tudo o que Deus deseja que venham a ser.

O fato de as esposas cristãs estarem “no Senhor” não é pretexto para uma vida de independência egoísta. Muito pelo contrário, pois sua salvação torna importante que obedeçam à Palavra e que se sujeitem ao marido. Apesar de ser verdade que, em Jesus Cristo, não há “nem homem nem mulher”

(Gl 3:28), também é verdade que a submissão é um sinal de que a esposa pertence a Jesus Cristo.

Contudo, o marido tem a responsabilidade de amar a esposa; e o termo usado para "amor" nessa passagem é *ágape*: o amor que Cristo tem pela Igreja e que envolve sacrifício e serviço. Um casamento pode começar com o amor romântico normal, mas deve se aprofundar de modo a se tornar o amor *ágape* espiritual que vem somente de Deus. Na passagem paralela (Ef 5:18ss), Paulo deixa claro que o marido deve amar a esposa "como também Cristo amou a igreja". Jesus Cristo deu tudo pela Igreja! Morreu voluntariamente por nós! A medida do amor de um homem pela esposa não é a quantidade de presentes ou de palavras, mas sim os atos sacrificiais e a preocupação com sua felicidade e bem-estar.

Paulo acrescenta uma palavra especial de advertência aos maridos: "e não a trateis com amargura" (Cl 3:19). O marido deve ter cuidado para não guardar rancor da esposa por causa de algo que ela tenha feito ou deixado de fazer. Uma "raiz de amargura" no lar pode contaminar todo o relacionamento e dar espaço para Satanás agir (Ef 4:31; Hb 12:15). O marido cristão e sua esposa são francos e honestos um com o outro e não escondem seus sentimentos nem mentem um para o outro. Dizer "a verdade em amor" (Ef 4:15) é uma boa maneira de resolver as diferenças em família. Quem quer ter um lar feliz, é sábio não deixar o sol se pôr sobre a ira (Ef 4:26).

O marido que ama verdadeiramente a esposa não terá uma atitude severa nem dominadora. "O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal" (1 Co 13:4, 5).

Para a esposa, não é muito difícil sujeitar-se a um marido que a ama. Ela sabe que ele deseja o melhor para ela e que não fará coisa alguma para prejudicá-la. O amor do marido pela esposa pode ser visto em seu sacrifício por ela, enquanto o amor da esposa pelo

marido pode ser visto em sua submissão a ele. Onde há sacrifício e submissão, em um ambiente de amor, existe um lar feliz.

Um casamento feliz não se desenvolve sozinho; é algo que precisa ser cultivado constantemente. Ao andar com Cristo em sujeição a ele, não há dificuldade em sujeitar-se e em procurar servir uns aos outros. Mas onde houver egoísmo, também haverá conflito e divisão. Se houver amargura no coração, mais cedo ou mais tarde, também haverá problemas no lar.

De onde se tiram as forças e o amor para a sujeição? Do Senhor. Quem usa as "vestes da graça" descritas anteriormente (Cl 3:5-14) tendo o coração cheio da paz de Cristo e de sua palavra, contribui para a alegria e a harmonia no lar. Aquele que vive para agradecer a Cristo em primeiro lugar, depois aos outros e, por último, a si mesmo, constrói um casamento sólido e um lar espiritual.

## 2. PAIS E FILHOS: ENCORAJAMENTO E OBEDIÊNCIA (Cl 3:20, 21)

Paulo dirige parte de sua carta aos filhos nos lares cristãos. Os filhos são um fruto natural do casamento; felizes são os filhos que nascem em um lar cristão onde há amor e submissão. A instrução de Deus para nossos primeiros pais foi: "Sede fecundos, multiplicai-vos" (Gn 1:28), ordem dada antes, de o homem pecar. A relação conjugal e a geração de filhos não são pecaminosas; antes, fazem parte da ordem divina para o ser humano. Ao terem filhos, marido e esposa participam da atividade criadora de Deus.

Fala-se muito sobre os direitos dos filhos, e, de fato, eles *têm* seus direitos. Um deles é o direito de nascer. Outro, é o direito de nascer em um lar cristão consagrado, onde são educados e "[criados] na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6:4). Têm o direito de ser educados por pais piedosos que lhes ensinarão a Palavra de Deus e as disciplinarão em amor.

John H. Starkey, um criminoso inglês violento, assassinou a esposa, foi condenado e executado. As autoridades pediram que o general William Booth, fundador do Exército da Salvação, realizasse o funeral. Suas

primeiras palavras ao encarar a multidão revoltada e irada foram:

- John H. Starkey não teve uma mãe que orava!

Os filhos têm direitos, mas também têm responsabilidades, e a maior de todas é obedecer. Devem obedecer “em tudo”, não apenas naquilo que lhes convém. Seus pais lhes pedirão que façam alguma coisa errada? Não, se esses pais forem submissos ao Senhor e um ao outro e se amarem um ao outro e a seus filhos.

O filho que não aprende a obedecer aos pais dificilmente se sujeitará a *qualquer* autoridade quando adulto. Afrontará os professores, a polícia, os patrões e qualquer pessoa que tente exercer autoridade sobre ele. O colapso da autoridade em nossa sociedade reflete o colapso da autoridade no lar.

Em sua maioria, os filhos não *criam* problemas, mas apenas os *revelam*. Os pais que não conseguem disciplinar a si mesmos não são capazes de disciplinar os filhos. Se um pai e uma mãe não estiverem *debaixo* de alguma autoridade, não poderão *exercer* autoridade sobre outros. Só quando os pais sujeitam-se um ao outro e ao Senhor é que podem exercer autoridade espiritual e física apropriada e equilibrada sobre os filhos.

A *medida* da obediência dos filhos é “em tudo”, e a *motivação* é o desejo de agradar ao Senhor. Quando os pais não são submissos ao Senhor, o filho pode lhes dar prazer sem agradar ao Senhor. A família que vive em um ambiente de amor e de verdade, que lê a Palavra de Deus e cujos membros oram juntos, terá mais facilidade para descobrir a vontade de Deus e para agradar ao Senhor.

A palavra “pais”, em Colossenses 3:21, refere-se tanto aos pais quanto às mães, como é o caso também em Hebreus 11:23. Paulo deixa claro que os pais devem facilitar ao máximo a obediência dos filhos. “Pais, não irriteis os vossos filhos” (Cl 3:21) é uma ordem aos pais, e como é desobedecida! Muitas vezes, os pais automaticamente dizem *não* quando os filhos pedem alguma coisa, quando, na verdade, deveriam ouvir e avaliar cada pedido com atenção. Com freqüência, os pais mudam de idéia e criam

problemas para os filhos, oscilando, por vezes, entre a permissividade extrema e o legalismo extremo. Pais e mães devem encorajar os filhos, não desanimá-los. Uma das coisas mais importantes que os pais podem fazer é passar tempo com os filhos. Uma pesquisa realizada em uma cidade pequena mostrou que os homens daquela localidade passavam apenas 37 segundos por dia com os filhos pequenos! É um grande estímulo para os filhos saber que os pais, por mais ocupados que sejam, têm tempo – e *fazem* tempo – para ficar com eles.

Os pais também precisam ouvir e ser pacientes enquanto os filhos falam com eles. Um ouvido atento e um coração amoroso sempre andam juntos.

- Você teve tempo para me fazer – disse uma criança para o pai –, mas não tem tempo para me ouvir! – Uma acusação e tanto!

A vida não é fácil para as crianças, especialmente para as que são cristãs. Seus problemas podem parecer pequenos para nós, mas são enormes para elas! Os pais cristãos devem ouvir com atenção, compartilhar os sentimentos e frustrações de seus filhos, orar com eles e procurar encorajá-los. O lar deve ser o lugar mais feliz e mais agradável do mundo!

Filhos desanimados ficam expostos aos ataques de Satanás e do mundo. Quando uma criança não é devidamente encorajada em casa, procura a auto-afirmação em outros lugares. É triste ver que alguns pais cristãos não ajudam os filhos a desenvolver sua personalidade, seus dons e suas habilidades. Mais triste ainda é quando pais cristãos comparam um filho com outro e, desse modo, criam uma rivalidade desnecessária dentro do lar.

Por vezes, os pais usam os filhos como armas para lutar um contra o outro. O pai proíbe o filho de fazer algo e a mãe veta essa ordem e dá sua aprovação. A criança fica entre os dois e logo aprende a usar essa situação em seu favor. O resultado é uma tragédia espiritual e moral.

O lar verdadeiramente cristão é um lugar de encorajamento. Nesse lar, a criança

encontra refúgio das batalhas e, ao mesmo tempo, forças para lutar nessas batalhas e carregar os fardos do processo de amadurecimento. Encontra um coração amoroso, olhos atentos, ouvidos prontos a escutar e mãos dispostas a ajudar. Não deseja estar em nenhum outro lugar, pois o lar supre suas necessidades. Nesse tipo de lar, é natural a criança crer em Cristo e ter o desejo de viver para ele.

### 3. SENHORES E SERVOS: HONESTIDADE E DEDICAÇÃO (Cl 3:22 - 4:1)

A escravidão era uma prática estabelecida no tempo de Paulo. Havia cerca de seis milhões de escravos no império romano, muitos deles pessoas cultas com grandes responsabilidades nas casas de famílias de classe alta. Também era comum os escravos ajudarem a educar e a disciplinar as crianças.

Por que a Igreja daquela época não se opôs abertamente à escravidão e não procurou aboli-la? Dentre outras coisas, a Igreja era um grupo minoritário sem qualquer poder político para mudar uma prática tão entranhada na ordem social. Paulo fez questão de instruir os escravos cristãos a buscarem sua liberdade, se tivessem oportunidade de fazê-lo (1 Co 7:21); mas não defendeu a rebelião ou subversão da ordem existente.

Convém observar que o propósito da Igreja primitiva era espalhar o evangelho e ganhar almas, não se envolver em ações sociais. Se os primeiros cristãos tivessem sido considerados uma seita antigovernamental, esse rótulo teria representado grande empecilho para o evangelismo e a expansão da Igreja. Apesar de ser bom e correto o cristão envolver-se na promoção da honestidade e da moralidade no governo e na sociedade, essa preocupação não deve jamais tomar o lugar da comissão de ir por todo o mundo e pregar o evangelho (Mc 16:15).

É importante lembrar que a Epístola aos Colossenses é uma das três cartas que Paulo escreveu quando estava preso em Roma. As outras duas são Efésios e Filemom. Podemos ver a atitude do apóstolo em relação à escravidão ao ler sua carta a Filemom. Paulo não aconselhou Filemom a tratar seu

escravo fugido com severidade, mas sim a recebê-lo como um irmão, apesar de ainda ser escravo. Aliás, Onésimo, o escravo, foi um dos homens que levaram esta carta a Colossos (Cl 4:9)!

O servo cristão devia obediência absoluta a seu senhor como um ministério a Cristo. Se um servo cristão possuía um senhor cristão, não deveria aproveitar-se dele só porque eram irmãos em Cristo. Antes, deveria trabalhar com mais afinco ainda, justamente por também ser um cristão. Deveria ser honesto e se dedicar inteiramente a seu senhor. Seu trabalho deveria ser feito com alegria, não de má vontade, como ao Senhor, não para os homens. "A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (Cl 3:24).

Os servos cristãos precisavam de sinceridade e de honestidade para agradar a Deus e servir a seus senhores de maneira aceitável. As instruções desta passagem enfatizam o aspecto *positivo* da obediência. Os servos devem obedecer a fim de agradar a Deus, não apenas para evitar algum castigo. Mesmo que seus senhores não os elogiassem, receberiam a recompensa do Senhor. De modo semelhante, se desobedecessem, o Senhor trataria com eles, ainda que seus senhores aqui na Terra não o fizessem. Deus não faz acepção de pessoas (At 10:34; Rm 2:11; Ef 6:9; Tg 2:1, 9).

Apesar de não haver escravos em nossa sociedade, esses princípios aplicam-se a qualquer tipo de relação trabalhista honesta. Um funcionário cristão deve ser exemplar e obedecer às ordens sem discutir. Deve servir a Cristo e não apenas ao patrão; deve trabalhar, esteja alguém observando ou não. Se seguir esses princípios, receberá a recompensa de Cristo, mesmo que seus patrões aqui na Terra não o reconheçam nem recompensem.

Tenho um amigo que, anos atrás, foi demitido por seu excesso de dedicação. Estava guardando dinheiro para fazer faculdade e se esforçava ao máximo para trabalhar bem a cada dia. O problema é que seu zelo tornava evidente a preguiça de alguns dos demais funcionários, e eles começaram a reagir. Um deles fez uma acusação falsa

contra meu amigo que, por sua vez, foi demitido. Perdeu o emprego, mas manteve o caráter, e o Senhor o recompensou.

No mundo complicado e competitivo de hoje, às vezes é difícil para o cristão obedecer a Deus e manter o emprego ou ser promovido. Mas ele deve continuar obedecendo a Deus e confiando que ele suprirá todas as necessidades. Os colegas de trabalho não cristãos podem aproveitar-se do funcionário cristão, mas até isso será uma oportunidade de dar seu testemunho de forma prática. Ganhar uma alma perdida é muito mais importante do que ter um aumento de salário.

Senhores e servos, do mesmo modo que maridos e esposas e que pais e filhos, também têm responsabilidades mútuas. Paulo admoesta os senhores cristãos a tratarem seus servos com justiça e honestidade. Para os senhores romanos, esse era um conceito novo, pois os escravos eram considerados "objetos", não pessoas. Os senhores tinham controle quase absoluto sobre seus escravos e poderiam fazer com eles o que bem entendessem. Poucos senhores romanos pensavam em tratar os escravos com justiça, pois, a seu ver, escravos não mereciam coisa alguma.

O evangelho não acabou imediatamente com a escravidão, mas, aos poucos, mudou a relação entre senhores e servos. Os padrões e pressões sociais eram contrários aos ideais cristãos, mas ainda assim o senhor cristão deveria viver de acordo com esses ideais, tratando o servo como indivíduo e como irmão em Cristo (Gl 3:28) e, portanto, não deveria maltratá-lo. Afinal, no Senhor, o servo era um homem livre, e o senhor era um servo de Cristo (1 Co 7:22). Da mesma forma, nas relações sociais e físicas, é preciso sempre ser governados pelas relações espirituais.

Ao recapitular esta seção extremamente prática de Colossenses, vê-se, mais uma vez, a preeminência de Jesus Cristo em nossa vida como cristãos. Cristo deve ser o cabeça do lar. Na verdade, esta série de admoestações é uma aplicação prática de Colossenses 3:17: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus". Nos relacionamentos diários, devemos viver pelo poder e pela autoridade de Cristo. Se ele for preeminente em nossa vida, amaremos uns aos outros, nos sujeitaremos uns aos outros, obedeceremos e trataremos uns aos outros com justiça no Senhor.

Pode ser interessante rever Efésios 5:18 a 6:9 e observar os paralelos com esta passagem que acabamos de estudar. Essa seção de Efésios enfatiza a plenitude do Espírito Santo, enquanto a Epístola aos Colossenses enfatiza a plenitude da Palavra, mas as evidências são as mesmas: uma vida de alegria, gratidão e submissão. Estar cheio do Espírito significa ser controlado pela Palavra.

A plenitude do Espírito e a plenitude da Palavra são essenciais no lar. Se os membros da família forem controlados pelo Espírito de Deus e pela Palavra de Deus, serão alegres, gratos e submissos, e não terão grandes dificuldades em conviver uns com os outros. Também os empregados e empregadores cristãos tratarão uns aos outros com justiça, se estiverem cheios do Espírito e da Palavra.

O cerne de todo problema é o que está no coração, e somente o Espírito de Deus e a Palavra de Deus podem mudar e controlar o coração.

As pessoas com as quais você convive podem observar que você está cheio do Espírito e da Palavra?



# AS PALAVRAS TÊM PODER

## COLOSSENSES 4:2-9

Jamais subestime o poder das palavras. Um juiz profere uma sentença, e a vida de um homem é salva ou condenada. Um médico diz algumas palavras, e um paciente alegre-se imensamente ou se entrega ao desespero. Quer na comunicação oral quer na escrita, as palavras têm grande poder. Alguém me disse que, para cada palavra do livro *Mein Kampf* [Minha luta], de Adolf Hitler, 125 pessoas perderam a vida na Segunda Guerra Mundial.

O poder das palavras é uma dádiva de Deus e deve ser usado da maneira determinada por Deus. No Livro de Tiago, a língua é comparada a um freio e a um leme, a um incêndio e a uma criatura venenosa, a uma árvore frutífera e a uma fonte (Tg 3). Esses três pares de imagens ensinam que a língua tem poder de dirigir, destruir e deleitar. A língua é apenas um pequeno órgão do corpo, mas pode realizar grandes coisas para o bem ou para o mal.

Nesta seção curta, Paulo ressalta quatro ministérios importantes da palavra.

### 1. A ORAÇÃO (Cl 4:2, 3A)

Orar e adorar são as duas maneiras mais sublimes de usar a dádiva da fala. Paulo não tem vergonha de pedir a seus amigos que orem por ele. Apesar de ser apóstolo, precisava ser sustentado por orações em sua vida e ministério. Se um grande cristão como Paulo sentia a necessidade desse apoio em oração, tanto mais nós precisamos desse tipo de auxílio espiritual! Nestas poucas palavras, Paulo descreve as características de uma vida de oração espiritual e realizadora.

Em primeiro lugar, nossa oração deve ser *fiel*: “Perseverai na oração” (Cl 4:2). Isso significa: “Persistam em sua vida de oração; sejam dedicados; não desistam” (ver At 1:14; 2:46). Muitos cristãos oram ocasionalmente, quando têm vontade ou quando estão passando por uma crise. Deus ordena que oremos “sem cessar” (1 Ts 5:17). Isso não quer dizer que devemos andar de um lado para o outro murmurando preces o dia inteiro. Antes, significa que devemos estar em comunhão constante com Deus, de modo que a oração seja algo tão normal para nós quanto a respiração.

Não se trata, porém, de Deus mostrar-se relutante em atender e, portanto, ser necessário “cansá-lo” com nossas orações. Pelo contrário: Deus tem prazer em responder a nossas súplicas. Mas, por vezes, adia a resposta a fim de aumentar nossa fé e devoção e de realizar seus propósitos no tempo certo. Nem sempre sua demora é uma negação. Quando a pessoa continua a orar, o coração é preparado para a resposta que Deus dará. Vê-se crescendo em graça mesmo antes de recebermos a resposta.

Nossa oração também deve ser *vigilante*. Devemos estar despertos e alertas ao orar. A injunção “Vigiai e orai!” é usada com frequência na Bíblia. Aparece pela primeira vez no relato bíblico quando Neemias reconstruía os muros e as portas de Jerusalém: “Porém nós oramos ao nosso Deus e, como proteção, pusemos guarda contra eles [os inimigos], de dia e de noite” (Ne 4:9). Jesus usou essas palavras (Mc 13:33; 14:38), e Paulo também (Ef 6:18).

A oração fastidiosa e indiferente não tem poder algum. Se não houver fogo no altar, o incenso não subirá a Deus (Sl 141:2). A verdadeira oração requer energia e vigilância, duas coisas que só podem vir do Espírito Santo de Deus. Orações corriqueiras são orações sem resposta.

A oração deve, ainda, ser *grata*: “Vigilando com ações de graças” (Cl 4:2). As ações de graças são um ingrediente importante para a oração eficaz (Fp 4:6). Quem apenas pede e nunca agradece a Deus por suas dádivas é egoísta. A gratidão sincera a Deus

é uma das melhores maneiras de acrescentar fervor à oração.

Temos tantos motivos para ser gratos! Já observamos a ênfase de Paulo sobre as ações de graças nesta Epístola aos Colossenses (Cl 1:3, 12; 2:7; 3:15, 17; 4:2). Ao lembrar que Paulo era um prisioneiro quando escreveu esta carta, sua ênfase torna-se ainda mais extraordinária.

Por fim, a oração deve ser *propositada*: “Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós” (Cl 4:3). Muitas vezes, nossas orações são vagas e gerais: “Senhor, abençoa os missionários!” Seria muito melhor orar por necessidades específicas. Ao fazê-lo, é possível identificar a resposta de Deus e louvá-lo por ela. Talvez seja nossa falta de fé que nos leve a orar de maneira geral, não específica.

Alguém disse bem que o propósito da oração não é conseguir que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita na Terra. Orar não é dizer a Deus o que fazer ou o que dar. Orar é pedir a Deus aquilo que ele deseja fazer e dar, de acordo com sua vontade (1 Jo 5:14, 15). Quem lê a Palavra e tem comunhão com o Pai descobre sua vontade e pede com ousadia que ele faça conforme planejou. Richard Trench (1807-1886), arcebispo de Dublin, expressou essa verdade com perfeição: “Orar não é superar a má vontade de Deus; antes, é apropriar-se de sua boa vontade”.

É evidente que é possível orar no coração sem usar a dádiva da fala (1 Sm 1:13), usando apenas palavras não pronunciadas de modo audível. A verdadeira oração deve vir do coração, quer as palavras sejam proferidas quer não.

Para exemplos excelentes, convém estudar as orações de Paulo na prisão (Fp 1:9-11; Ef 1:15-23; 3:14-21; Cl 1:9-12).

## **2. A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA (Cl 4:3B, 4)**

Paulo não pede que Deus abra as portas da prisão, mas sim que abra as portas do ministério (1 Co 16:9; At 14:27). Para o apóstolo, era mais importante ser um ministro fiel do que um homem livre. Convém observar que,

em todas as suas orações na prisão, a preocupação de Paulo não é com sua segurança pessoal nem com ajuda material, mas com bênçãos e caráter espirituais.

Paulo estava na prisão por causa do “mistério de Cristo”, que dizia respeito aos gentios (ver Ef 3:1-13). Esse mistério envolvia o propósito de Deus para os gentios em relação a Israel, pois na Igreja judeus e gentios são um só corpo (Ef 2:11-22). É interessante ler o relato da prisão de Paulo no templo de Jerusalém (At 21:18 – 22:30) e observar que os judeus deram ouvidos ao apóstolo até que ele proferiu a palavra “gentios” (At 22:21, 22). Foram a preocupação de Paulo com os gentios e seu ministério junto a eles que o colocaram na prisão.

Mesmo no meio de alguns cristãos judeus, havia certo tipo de intolerância que estimulava o desprezo pelos gentios (At 15:1ss). Alguns membros desse grupo bastante legalista desejavam que os gentios se tornassem cerimonialmente judeus antes de se converterem à fé cristã! Paulo e Barnabé encararam com ousadia essa ameaça ao evangelho da graça, e o conselho decidiu a seu favor. Mas o partido legalista continuou se opondo ao apóstolo e a seu ministério. Esses judeus não desejavam que as boas-novas do mistério de Cristo chegassem aos gentios. Queriam manter seu ar de superioridade judaica.

É estranho Paulo pedir a Deus para ajudá-lo a fazer exatamente o que havia provocado sua prisão. O apóstolo não tinha intenção alguma de abandonar seu ministério nem de mudar sua mensagem. Quando John Bunyan foi preso por pregar ilegalmente, as autoridades lhe disseram que o libertariam se ele promettesse deixar de pregar. “Se eu sair da prisão hoje”, respondeu Bunyan, “amanhã, com a ajuda de Deus, estarei pregando o evangelho novamente”.

De que maneira Paulo conseguiu compartilhar o mistério de Cristo enquanto estava na prisão? O caso do apóstolo foi discutido por várias pessoas, e ele também testemunhou para os guardas aos quais estava preso (Fp 1:12-18). É possível imaginar como era estar acorrentado ao apóstolo Paulo! Por

meio de seu testemunho, o evangelho foi levado a partes de Roma que teriam sido inacessíveis a Paulo, caso ele estivesse em liberdade. Havia cristãos até na “casa de César” (Fp 4:22).

O poder de proclamar o evangelho vem da oração. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus quando nos aproximamos do trono da graça e pedimos a bênção de Deus. Não se deve jamais separar a Palavra de Deus da oração, pois o Senhor uniu as duas (At 6:4).

Um homem visitava o Tabernáculo de Spurgeon, em Londres, acompanhado do pastor Charles Spurgeon, que lhe mostrava o local.

– Gostaria de ver a casa de força deste ministério? – perguntou Spurgeon levando o visitante para um auditório no piso inferior. – É deste lugar que vem nossa energia, pois enquanto estou pregando no andar de cima, centenas de pessoas de minha congregação estão orando nesta sala. – É de se admirar que Deus abençoasse Spurgeon quando ele pregava a Palavra?

Como membros da igreja, podemos ajudar nosso pastor a pregar a Palavra orando por ele. Ninguém deve dizer ao pastor:

– Bem, o mínimo que posso fazer é orar...

O *máximo* que alguém pode fazer é orar! Podemos orar por nosso pastor enquanto ele estuda e medita sobre a Palavra e se prepara, pedindo que o Espírito Santo lhe dê *insights* profundos sobre as verdades das Escrituras. Também podemos pedir que nosso pastor pratique a Palavra que prega, de modo que seja vista em sua vida. Enquanto o pastor prega, podemos orar para que o Espírito lhe dê liberdade de expressão e para que a Palavra alcance as mentes e os corações com poder. (Também é bom orarmos pelos outros líderes da igreja.)

A proclamação da Palavra de Deus é um grande privilégio e uma responsabilidade enorme. Não é preciso ser pastor ordenado ou missionário para compartilhar a Palavra de Deus. Mesmo em nossas conversas diárias, podemos lançar a semente da Palavra no coração de outros e orar para que Deus regue essa semente e a faça dar frutos.

### 3. O TESTEMUNHO AOS PERDIDOS (Cl 4:5, 6)

A expressão “os que são de fora” refere-se aos de fora da família de Deus. Jesus fez uma distinção entre seus discípulos e os que eram de fora (Mc 4:11), e Paulo faz essa mesma separação (1 Co 5:12, 13). Os que nasceram de novo são “membros espirituais”, pois pertencem à família de Deus e participam de sua vida.

Como cristãos, porém, não devemos jamais ter um “complexo de superioridade santificado”. Cabe a nós testemunhar aos perdidos que nos cercam e procurar trazê-los para a família de Deus. Em primeiro lugar, temos a responsabilidade de nos *portar com sabedoria* (Cl 4:5), uma referência clara à vida diária. Os de fora e ainda não salvos observam os cristãos com espírito bastante crítico. Não se deve ter coisa alguma na vida que coloque o testemunho em risco.

Conta-se uma história a respeito de Will H. Houghton, que pastoreou a Igreja Batista do Calvário, na cidade de Nova Iorque e, posteriormente, foi presidente do Instituto Bíblico Moody, em Chicago, até vir a falecer em 1946. De acordo com o relato, quando Houghton começou a pastorear o Tabernáculo Batista em Atlanta, um homem dessa cidade contratou um detetive particular para segui-lo e fazer um relatório de sua conduta. Depois de algumas semanas, o detetive relatou ao homem que o havia contratado que a vida de Houghton condizia com sua mensagem e, como resultado, o tal homem se converteu.

O que significa “portar-se com sabedoria”? Significa ter o cuidado de não dizer nem fazer coisa alguma que dificulte o testemunho do evangelho. Também significa estar alerta e usar as oportunidades que Deus dá para testemunhar pessoalmente. “[Remir] o tempo” é fazer bom uso de todas as ocasiões oportunas (Ef 5:16). Trata-se de um termo comercial que retrata o cristão como um despenseiro fiel, que reconhece uma oportunidade quando ela surge. Da mesma forma que um comerciante não perde um bom negócio, o cristão usa todas as oportunidades para ganhar uma alma para Cristo.

*Portar-se com sabedoria* também inclui trabalhar, pagar as contas e cumprir as promessas. É preciso “[portar-se] com dignidade para com os de fora” (1 Ts 4:12). Um amigo meu foi a uma loja fazer uma compra para sua igreja. O vendedor lhe perguntou:

– Fulano de tal é membro da sua igreja? – Meu amigo disse que sim, e o vendedor lhe contou quanto essa pessoa devia na loja dele e como era difícil negociar com ela. Provavelmente, não adiantaria nada meu amigo testemunhar de Cristo a esse vendedor.

Os cristãos em geral, mas especialmente os líderes, devem “[ter] bom testemunho dos de fora” (1 Tm 3:7). Ao convidar alguém para pastorear a igreja, os membros devem conduzir uma investigação junto aos vizinhos dessa pessoa e também junto aos comerciantes que a conhecem para descobrir como é seu testemunho. Apesar de os não salvos se encontrarem em trevas espirituais (2 Co 4:3, 4), são capazes de grande discernimento no que se refere às coisas da vida (Lc 16:8). É triste quando uma igreja convida um pastor que não pagou as contas e deixou para trás um péssimo testemunho aos incrédulos.

Não basta portar-se com sabedoria e cuidado diante dos de fora. Também é preciso *falar* com eles e compartilhar a mensagem do evangelho. Mas deve-se ter o cuidado de dizer palavras controladas pela *graça*, de modo que apontem para Cristo e glorifiquem ao Senhor. Isso significa que a *graça* deve estar presente em nosso coração (Cl 3:16), pois a boca fala aquilo que está no coração. Tendo *graça* no coração e nos lábios, seremos testemunhas fiéis, não juizes ou advogados de acusação!

Jesus Cristo falava com *graça*. “Todos lhe davam testemunho, e se maravilhavam das palavras de *graça* que lhe saíam dos lábios” (Lc 4:22). Dentre as muitas declarações acerca de Jesus Cristo no Salmo 45 (um salmo messiânico), encontra-se esta: “nos teus lábios se extravasou a *graça*” (Sl 45:2). Mesmo quando estava tratando do pecado, Cristo proferiu palavras repletas de *graça*.

O que dizemos deve “[transmitir] *graça* aos que ouvem” (Ef 4:29). Mas é impossível

fazer isso, a menos que a *graça* esteja presente em nosso coração e em nossas palavras. “Seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15) – esse é o ideal de Deus para nossas conversas.

Por que Paulo acrescentou a expressão “temperada com sal” (Cl 4:6)? Naquele tempo, o sal era usado para temperar e para conservar. Devemos colocar sal nas palavras para que sejam puras e devidamente temperadas. “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe” (Ef 4:29).

O sal também era acrescentado aos sacrifícios (Lv 2:13). Talvez Paulo estivesse sugerindo que se deve considerar as palavras sacrifícios oferecidos a Deus, da mesma forma que nosso louvor é um sacrifício espiritual (Hb 13:15). Pensar nas palavras como sacrifícios a Deus ajuda, sem dúvida alguma, a dizer a coisa certa da maneira certa.

É triste quando um cristão fala com rispidez e vulgaridade, especialmente quando há não salvos ouvindo. “Estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor” (1 Pe 3:15, 16). A mansidão é o oposto da rispidez, e o temor é o oposto da arrogância. Na conversação cristã, não há lugar para uma atitude presunçosa. Devemos ter convicções firmes e não fazer concessões indevidas, mas também cultivar um espírito bondoso de amor.

É preciso haver coerência entre a forma de *viver* e a forma de *falar* do cristão. Uma vida de indiferença cala o testemunho dos lábios. Quando o caráter, a conduta e a conversa trabalham em conjunto, o resultado é um testemunho eficaz.

#### **4. OS FARDOS COMPARTILHADOS (CL 4:7-9)**

Paulo não relata sua situação pessoal em detalhes nesta carta. Deixa ao encargo de seus dois irmãos espirituais, Tíquico e Onésimo, dividir seus fardos com a igreja de Colossos. Trata-se de mais um ministério maravilhoso das palavras: compartilhamos nossas necessidades e fardos com outros que, por sua vez, nos encorajam e ajudam.

Quando Paulo saiu de Éfeso, estava acompanhado de sete cristãos – dentre eles, Tíquico (At 20:4). Esses homens ajudaram Paulo a levar a oferta de amor das igrejas gentias aos cristãos pobres da Judéia (1 Co 16:1; 2 Co 8 – 9). É possível que Tíquico e Trófimo sejam os dois irmãos aos quais Paulo se refere em sua segunda epístola aos Coríntios (ver 2 Co 8:19-24).

Tíquico permaneceu na prisão com Paulo e, sem dúvida alguma, lhe foi útil de várias maneiras. O apóstolo escolheu Tíquico e Onésimo para entregarem suas cartas aos efésios (Ef 6:21) e aos colossenses (Cl 4:7-9). Por certo, também levaram a carta pessoal a Filemom. Paulo instruiu Tíquico a compartilhar com os cristãos colossenses todos os detalhes de sua situação em Roma.

A descrição do apóstolo revela que Tíquico era um cristão consagrado. Era um *irmão amado*, disposto a permanecer junto de Paulo mesmo em meio a uma situação difícil. Como é animador ter um cristão ao lado quando tudo parece contra nós!

Tíquico também era um *ministro fiel*. Seu amor revelou-se na prática. Ministrou ao apóstolo Paulo e também *por* ele, ao ajudá-lo em suas inúmeras obrigações. Alguém disse bem que a capacidade mais importante do mundo é a capacidade de ser confiável. Paulo podia confiar que Tíquico faria todo o trabalho necessário.

Tíquico também era *conservo* de Paulo. Apesar de ele próprio não ser apóstolo, ajudava Paulo em seu ministério apostólico. Paulo e Tíquico trabalharam juntos no serviço ao Senhor. Posteriormente, Paulo enviou Tíquico a Creta (Tt 3:12) e, em seguida, a Éfeso (2 Tm 4:12).

Não foi fácil para Tíquico relacionar-se com Paulo, o prisioneiro, pois Paulo tinha muitos inimigos. Também não foi fácil para ele viajar tanto, ajudando o apóstolo em suas diversas tarefas. Tíquico não escolheu o caminho fácil, mas sim o caminho certo. As igrejas de hoje precisam de mais membros como Tíquico!

Paulo também menciona Onésimo, um colossense (“que é do vosso meio”). Era o escravo fugido que pertencia a Filemom e que se entregara a Cristo pelo ministério de Paulo em Roma. Paulo enviou Onésimo de volta a seu senhor com uma carta pedindo que Filemom o recebesse e perdoasse. É interessante observar que Paulo também chamou Onésimo de *fiel* e *amado*. Onésimo se convertera havia pouco tempo, mas já se mostrara digno dessa descrição de Paulo.

Esses dois homens tinham diante de si dois ministérios a realizar: encorajar os cristãos colossenses e informá-los sobre a situação de Paulo. É errado o povo de Deus compartilhar informações dessa maneira? Claro que não! Paulo não estava pedindo dinheiro nem comiseração. Desejava que os cristãos de Colossos soubessem de sua situação para que orassem por ele. Apesar de ser verdade que alguns obreiros cristãos usam as circunstâncias de maneira egoísta a fim de conseguirem sustento, esse não era o caso de Paulo. Queria apenas que seus amigos colossenses soubessem dos fatos e o sustentassem em oração.

Nossa família recebe várias cartas de missionários. Lemos todas elas e procuramos anotar as principais dificuldades e necessidades. Em minha devocional particular, uso vários calendários de oração que me ajudam a lembrar de orar por necessidades específicas em diferentes ministérios. Gosto de saber dos fatos para interceder especificamente. Também gosto de ficar sabendo como Deus tem respondido às orações, pois esses relatos estimulam minha fé.

Orar, proclamar a Palavra, testemunhar e compartilhar os fardos – eis quatro ministérios maravilhosos das palavras. É muito melhor envolver-se com esses ministérios do que usar a língua para fofocas, críticas maliciosas e outros propósitos pecaminosos.

Façamos a oração de Davi: “Põe guarda, SENHOR, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios” (Sl 141:3).

## AMIGOS, ROMANOS, COMPATRIOTAS

COLOSSENSES 4:10-18

**P**aulo não se dedicava apenas a ganhar almas para Cristo, mas também a fazer amigos. Se meus cálculos estão corretos, encontramos mais de 100 cristãos (alguns citados por nome, outros não) relacionados a Paulo no Livro de Atos e em suas epístolas. Só em Romanos 16, ele fala de 26 amigos!

Era costume do apóstolo encerrar suas cartas com saudações pessoais. Naquele tempo, os amigos não se encontravam com frequência, e o sistema postal era lento e limitado. É evidente que as saudações de Paulo não eram apenas sociais; transmitiam preocupação espiritual verdadeira por seus amigos. Nesta seção final, Paulo envia saudações pessoais aos colossenses da parte de seis colaboradores de seu ministério: Aristarco, João Marcos e Jesus Justo, três judeus, e Epafras, Lucas e Demas, três gentios. Em seguida, Paulo acrescenta saudações especiais para duas congregações, com uma palavra específica a um dos pastores.

É provável que, a princípio, não fiquemos profundamente comovidos ao ler esses nomes. Mas ao olhar os bastidores e descobrir as situações dramáticas que esses homens viveram ao trabalhar com Paulo, essa lista torna-se emocionante. É possível dividi-la em três grupos.

### 1. AQUELES QUE FICARAM (Cl 4:10, 11, 14A)

Este grupo é constituído de três judeus (Aristarco, João Marcos e Jesus Justo) e um gentio (Lucas), todos caracterizados por sua fidelidade para com o apóstolo Paulo em seu momento de grande necessidade. Esses foram os homens que ficaram.

**Aristarco (v. 10a).** Esse judeu da Macedônia é identificado como companheiro de prisão e de trabalho de Paulo (Cl 4:11) e também como seu companheiro de viagem (At 19:29). Na verdade, era originário de Tessalônica (At 20:4) e arriscou a vida voluntariamente na insurreição em Éfeso (At 19:28-41). Acompanhou Paulo na viagem de navio para Roma (At 27:2), o que significa que também passou pela tempestade e naufrágio que Lucas descreve de maneira tão vívida em Atos 27.

Aristarco permaneceu ao lado de Paulo a despeito das circunstâncias – uma insurreição em Éfeso, uma viagem, uma tempestade e até mesmo uma prisão. É pouco provável que Aristarco fosse um prisioneiro oficial de Roma. Ao que tudo indica, a designação “prisioneiro comigo” significa que Aristarco sujeitou-se a ser confinado com Paulo, a fim de poder ajudar e consolar o apóstolo. Foi um prisioneiro voluntário por amor a Jesus Cristo e ao evangelho.

Paulo não poderia ter realizado tudo o que fez sem a ajuda de seus amigos. Aristarco destaca-se como um dos maiores colaboradores do apóstolo. Não procurou trabalhos fáceis nem fugiu quando as coisas se complicaram. Sofreu e labutou com Paulo.

**João Marcos (v. 10b).** Marcos, o autor do segundo Evangelho, teve um papel muito importante na história da Igreja em seu início. Também era judeu, originário de Jerusalém, onde sua mãe, Maria, havia aberto a casa para os cristãos (At 12:12). João Marcos era primo de Barnabé, o homem que acompanhou Paulo em sua primeira viagem missionária (At 13:1-3). É bem possível que João Marcos tenha aceitado a Cristo pelo ministério de Pedro (1 Pe 5:13).

Quando Paulo e Barnabé partiram para a primeira viagem missionária, levaram João Marcos consigo como seu assistente. É provável que fosse encarregado da parte operacional da viagem. Mas, quando surgiram dificuldades, João Marcos abandonou os dois evangelistas e voltou para sua casa em Jerusalém (At 13:5-13).

As Escrituras não dizem o que levou Marcos a desistir. Talvez tenha sido medo, uma

vez que o grupo estava prestes a entrar em uma região perigosa. Talvez tenha sido ressentimento, uma vez que Paulo assumiu a liderança da missão no lugar de Barnabé, parente de Marcos. Ou, talvez, João Marcos simplesmente tenha se ofendido com o ministério de Paulo aos gentios. Qualquer que tenha sido seu motivo ou pretexto, ele deixou os dois e voltou para casa.

Posteriormente, quando Paulo e Barnabé se propuseram a realizar a segunda viagem, Paulo se recusou a levar João Marcos com eles (At 15:36-41). Paulo errou em sua avaliação desse jovem? Talvez, mas não podemos culpar o apóstolo por ser cauteloso, uma vez que João Marcos havia falhado com eles no passado. Paulo não estava organizando uma campanha para ganhar popularidade, mas sim uma expedição para ganhar almas para Cristo. Não havia perigo nem dificuldade que impedisse o apóstolo de alcançar os incrédulos com o evangelho. Infelizmente, João Marcos foi a causa da separação de Paulo e Barnabé. Devemos nos lembrar, porém, que Paulo perdoou João Marcos e o elogiou: "Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério" (2 Tm 4:11).

Marcos, Tito e Timóteo foram rapazes que atuaram como representantes especiais do apóstolo Paulo. Ele podia enviá-los a igrejas que passavam por problemas, confiando que seriam capazes de ajudar a resolver tais situações. Pela graça de Deus, Marcos superou seu erro do passado e se tornou um servo valioso de Deus, sendo até escolhido para escrever o Evangelho que leva seu nome!

João Marcos é um incentivo a todos os que falharam na primeira tentativa de servir a Deus. Em vez de ficar amuado em um canto, voltou para o ministério e se mostrou fiel ao Senhor e ao apóstolo Paulo. Foi um dos homens que ficaram.

Podemos acrescentar que é bom ser como Barnabé e exortar no Senhor cristãos mais jovens. Duvido que João Marcos teria conseguido superar seu erro sem a ajuda de seu primo Barnabé. Deus usou Barnabé para encorajar João Marcos e para restaurá-lo ao serviço do Senhor. Barnabé fez jus a seu nome: "filho de exortação" (At 4:36).

**Jesus Justo (v. 11).** Foi um cristão que serviu junto com Paulo, mas não sabemos coisa alguma a seu respeito. *Jesus* (Josué) era um nome judaico bastante comum, e não era raro os judeus também terem um nome romano (*Justus* ou *Justo*). Um exemplo disso é João Marcos. *Jesus Justo* representa os cristãos fiéis que servem ao Senhor, mas cujas obras não são anunciadas pelo mundo afora. Podemos apenas dizer que foi companheiro de trabalho de Paulo e que consolou o apóstolo. Todavia, o Senhor tem um registro preciso da vida desse homem e o recompensará apropriadamente.

**Lucas (v. 14a).** Lucas foi uma figura importante para a Igreja primitiva. Era gentio e, no entanto, foi escolhido por Deus para escrever o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos. É provável que seja o único autor gentio de um livro da Bíblia. Esse colaborador, grandemente amado por Paulo, também era médico. Os gregos haviam realizado contribuições vitais para o desenvolvimento da medicina, e os médicos da época eram tidos em altíssima consideração. Apesar de Paulo ter o poder de curar pessoas, viajava acompanhado de um médico!

Lucas juntou-se à equipe de Paulo em Troas (o verbo em At 16:10 é conjugado na primeira pessoa do plural). Viajou com o apóstolo para Jerusalém (At 20:5ss) e o acompanhou em sua viagem a Roma (At 27:1ss). Sem dúvida, a presença de Lucas e sua aptidão profissional foram um grande estímulo a Paulo durante esse tempo extremamente difícil. Apesar de Deus fortalecer e curar de maneira miraculosa e de fazê-lo em certas ocasiões, também usa meios naturais, como os medicamentos. Quando minha esposa e eu ministrávamos a missionários na África, fomos acompanhados na viagem por um médico amigo nosso e sua esposa, e ficamos gratos por sua ajuda.

Lucas permaneceu ao lado de Paulo até o final (ver 2 Tm 4:11). Deus usou Lucas para escrever o Livro de Atos e para relatar a história inspirada da Igreja primitiva e do ministério de Paulo. Lucas é um exemplo extraordinário do profissional que usa suas aptidões para servir ao Senhor e que se dispõe

a ir a qualquer lugar que o Senhor o enviar. Cristão querido, médico de grande competência, amigo dedicado e historiador meticoloso – tudo reunido em uma só pessoa!

## 2. AQUELE QUE OROU (Cl 4:12, 13)

Falamos de Epafras no início deste estudo, pois ele foi um dos homens que fundou a igreja em Colossos (Cl 1:7, 8). Havia aceitado a Cristo pelo ministério de Paulo em Éfeso e voltado para casa a fim de compartilhar as boas-novas da salvação. É bem provável que Epafras também tenha fundado as igrejas em Laodicéia e Hierápolis (Cl 4:13). Podemos dizer que Epafras foi um missionário no meio do próprio povo.

O que o motivava a compartilhar o evangelho? Ele era “servo de Cristo Jesus” (Cl 4:12). Paulo o chama de “nosso amado conservo [...] fiel ministro de Cristo” (Cl 1:7). Epafras amava a Jesus Cristo e desejava lhe servir e compartilhar sua mensagem de salvação. Mas não o fez sozinho, pois também acreditava no ministério da igreja local e na colaboração com outros cristãos. Não era apenas um *servo*, mas também um *conservo*.

Certo dia, conversei com o diretor de uma missão sobre um amigo em comum que havia sido obrigado a renunciar a seu posto em um campo missionário.

– Não foi um problema de pecado nem algo do gênero – explicou o diretor. – A maior complicação era seu isolamento. Não conseguia trabalhar bem com outras pessoas. No campo missionário, ou se trabalha em equipe, ou não se faz coisa alguma.

Um dos segredos do ministério de Epafras era sua vida de oração. Paulo sabia disso, pois os dois dividiam o mesmo quarto, e o apóstolo podia observar quando Epafras orava. Quais as características da vida de oração desse homem?

**Orava constantemente (v. 12 – “continuamente”).** Era um bom exemplo da admoestação de Paulo: “Perseverai na oração” (Cl 4:2). Epafras não orava apenas quando tinha vontade, como fazem muitos cristãos hoje em dia. Também não orava apenas quando alguém mandava que o fizesse ou somente quando outros cristãos oravam.

Estava constantemente em oração, buscando a bênção de Deus.

**Orava fervorosamente (v. 12 – “esforçando-se sobremaneira”).** O termo no original quer dizer “agonizando”. É a mesma palavra usada com respeito à oração de Jesus no Getsêmani (Lc 22:44). Ao que tudo indica, para Epafras a oração era mesmo assunto sério! Essa palavra grega era usada para descrever atletas empenhando-se ao máximo em sua modalidade. Se os membros das igrejas de hoje se esforçassem tanto em oração quanto o fazem na prática de outras atividades, teríamos um reavivamento!

**Orava pessoalmente (v. 12 – “por vós”).** Epafras não orava pelas pessoas ao redor do mundo sem mencionar alguém em particular. Concentrava sua intercessão nos santos de Colossos, Laodicéia e Hierápolis. Sem dúvida, citava o nome de alguns deles. Para Epafras, a oração não era um exercício religioso impessoal, pois levava essas pessoas no coração e orava por elas pessoalmente.

**Orava claramente.** Se alguém perguntasse a Epafras pelo que ele orava, ele não teria problema algum em responder. Seu grande desejo era que os convertidos dessas congregações amadurecessem em sua fé cristã. Paulo usa quatro palavras bastante expressivas para resumir a oração de Epafras, e essas quatro palavras resumem a mensagem da Epístola aos Colossenses: “perfeitos... plenamente... toda... vontade”.

A preocupação de Epafras era a de que esses cristãos conhecessem a vontade de Deus, mas desejava que se envolvessem com toda a vontade de Deus, não apenas com parte dela (“toda” é a palavra-chave de Colossenses usada, com variações, mais de trinta vezes ao longo da epístola). Também desejava que se apresentassem *perfeitos* e *plenos* dentro da vontade de Deus. Os mestres gnósticos prometiam aos cristãos tal “perfeição e maturidade”, mas não conseguiam cumprir sua promessa. Somente em Jesus Cristo somos capazes de ter essas bênçãos: “porquanto, nele [Cristo], habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados” (Cl 2:9, 10).



Seu pedido dá a idéia de maturidade e de certeza absoluta da vontade de Deus e é paralelo à tônica da oração de Paulo (Cl 2:2). Estar “plenamente convictos em toda a vontade de Deus” é uma bênção extraordinária! O cristão não precisa andar sem rumo pela vida. Pode conhecer e desfrutar a vontade de Deus. Ao descobrir a vontade de Deus e viver de acordo com ela, o cristão amadurece na fé e experimenta a plenitude de Deus.

**Orava sacrificialmente (v. 13 – “muito se preocupa”).** Essa expressão também pode ser traduzida por “muito se aflige”. A verdadeira oração é difícil. Quando Jesus orou no Getsêmani, suou grandes gotas de sangue. Paulo travava uma “grande luta” (agonia) ao orar pelos colossenses (Cl 2:1), e Epafras afligia-se por eles. Isso não significa que seja necessário lutar com Deus para conseguir uma resposta dele, mas sim que é preciso dedicar-se à oração com zelo e interesse. Se não houver interesse, não haverá bênção. Aplicando a esse contexto as palavras de John H. Jowett sobre a pregação: “A oração que não custa coisa alguma não realiza coisa alguma”.

Todos os homens que estavam com Paulo foram citados e elogiados de alguma forma, mas Epafras é o único elogiado por seu ministério de oração. Isso não significa que os outros não oravam, mas sugere que essa era a preocupação central do ministério de Epafras. Ele foi prisioneiro com Paulo (Fm 23), mas nem mesmo o encarceramento pôde impedi-lo de se aproximar do trono de Deus e de orar por seus irmãos e irmãs das igrejas.

E. M. Bounds foi um guerreiro de oração da geração passada. Costumava levantar-se de madrugada e orar várias horas antes de começar o dia de trabalho. Seus muitos livros sobre a oração dão testemunho do fato de que Bounds, assim como Epafras, sabia como afligir-se em oração diante de Deus.

Fico impressionado com o fato de Epafras orar por cristãos de três cidades. Hoje, devemos nos dar por felizes quando os membros da igreja oram pela própria igreja e pastor, quanto mais por cristãos de outros lugares! Talvez um dos motivos pelos quais

continuamos à espera de um avivamento é que não oramos fervorosamente uns pelos outros.

### 3. AQUELE QUE SE DESVIU (Cl 4:14B)

Demás é citado apenas três vezes nas cartas de Paulo, e uma dessas referências conta uma história triste. Primeiro, ele é chamado “cooperador” e relacionado a três homens de valor: Marcos, Aristarco e Lucas (Fm 24). Em seguida, é chamado simplesmente de “Demás”, sem qualquer identificação ou elogio (Cl 4:14). A terceira referência, porém, conta o que foi feito de Demás: “Porque Demás, tendo amado o presente século, me abandonou” (2 Tm 4:10).

A certa altura em sua vida, João Marcos havia abandonado Paulo, mas havia sido restaurado. Demás abandonou Paulo e, ao que parece, nunca foi restaurado. Seu pecado foi amar este mundo. O termo “século” refere-se a todo o sistema que controla o mundo, ou seja, à “sociedade sem Deus”. Em sua primeira epístola, o apóstolo João ressalta que o mundo atrai os cristãos com “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 Jo 2:15-17). Não sabemos em qual dessas três armadilhas Demás caiu; talvez nas três.

Mas sabemos que o cristão de hoje pode sucumbir ao mundo exatamente como Demás fez. É fácil manter uma aparência religiosa e, ao mesmo tempo, viver para as coisas deste mundo. Demás pensou que poderia servir a dois senhores, mas acabou sendo obrigado a escolher; infelizmente, fez a escolha errada.

Paulo deve ter ficado profundamente magoado quando Demás o abandonou. Sua atitude também prejudicou a obra do Senhor, pois os obreiros são sempre poucos para toda obra que precisa ser realizada. Mais do que tudo, porém, essa decisão prejudicou Demás, pois ele desperdiçou sua vida em coisas passageiras. “Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17).

Depois de transmitir as saudações de amigos e conselhos, o próprio Paulo saúda as igrejas de Laodicéia e Hierápolis. Seus

membros nunca haviam se encontrado com o apóstolo (Cl 2:1), mas ainda assim ele se interessava por eles e se preocupava com seu bem-estar espiritual.

#### 4. SAUDAÇÕES FINAIS (CL 4:15-18)

A única coisa que sabemos sobre Nínia é que uma igreja reunia-se em sua casa. (Algumas versões dão a entender que Nínia era uma mulher, outras, que era um homem.) Nos primeiros séculos da Igreja, as congregações locais reuniam-se nos lares dos membros. Ainda hoje, muitas novas igrejas começam dessa maneira. Foi somente quando a fé cristã emergiu da perseguição e recebeu a aprovação oficial do governo que foram construídos os primeiros templos da Igreja. Na verdade, não importa onde as congregações se reúnem, desde que Jesus Cristo esteja no centro da comunhão (para outros exemplos de igrejas que se reuniam em lares, ver Rm 16:5 e 1 Co 16:19).

A grande preocupação de Paulo era que a Palavra de Deus fosse lida e estudada nessas igrejas. O verbo “ler”, aqui, significa “ler em voz alta”. Não havia uma cópia da carta para cada membro da igreja. Tenho a forte convicção de que precisamos resgatar a leitura da palavra de Deus em público dentro de muitas de nossas igrejas. O imperativo “Aplica-te à leitura” (1 Tm 4:13) refere-se à leitura da Palavra de Deus em público.

Convém observar que várias cartas de Paulo aplicavam-se a *todas* essas congregações. Em meu ministério, tenho compartilhado a Palavra de Deus em diversos lugares e situações, e ela sempre toca o coração e supre as necessidades. Mesmo em culturas distintas, a Palavra de Deus tem uma mensagem para o coração. As Escrituras não devem ser editadas nem mudadas, a fim de serem relevantes para diferentes problemas e situações, pois elas sempre se aplicam.

Não sabemos ao certo o que era “a [epístola] dos de Laodicéia”. Alguns estudiosos acreditam que a Epístola aos Efésios é essa carta de paradeiro desconhecido, mas essa idéia não passa de especulação. O fato de essa epístola ter se perdido não significa que nos falte uma parte da Palavra inspirada

de Deus. Algumas das correspondências de Paulo com a igreja de Corinto também se perderam. Deus não apenas inspirou a Palavra como também, em sua providência, se certificou de que nada do que deveria fazer parte dessa Palavra se extraviasse. Em vez de conjecturar acerca do que não temos, devemos nos dedicar ao que temos!

Ao compararmos Colossenses 4:17 com Filemom 2, temos a impressão de que Arquipo era da família de Filemom. É possível que fosse filho de Filemom e pastor da igreja que se reunia na casa deste último. Claro que não há provas disso, mas parece uma conclusão lógica. Nesse caso, Áfia era esposa de Filemom.

Paulo dirige suas últimas palavras antes da saudação a Arquipo e o encoraja a permanecer fiel em seu ministério. Será que Arquipo estava desanimado? Teriam os falsos mestres gnósticos invadido sua igreja, causando problemas para ele? Não se sabe. Mas se pode dizer que os pastores das congregações locais enfrentam muitos problemas e carregam muitos fardos, de modo que precisam, com freqüência, de uma palavra de estímulo.

Paulo lembra Arquipo de que seu ministério era uma dádiva de Deus e de que ele era um despenseiro de Deus; teria, um dia, de prestar contas de seu trabalho. Uma vez que o Senhor lhe dera esse ministério, também o ajudaria a levá-lo a cabo. O ministério não é algo que fazemos para Deus, mas sim algo que Deus faz em nós e por meio de nós.

O termo “cumprir” dá a idéia de que Deus tem propósitos claros a serem realizados por seus servos. Sua obra em nós e por meio de nós completa as boas obras que preparou para nós (ver Ef 2:10). Sem dúvida, o verbo “cumprir” também é paralelo ao tema da Epístola aos Colossenses – a plenitude de Cristo à disposição de cada um dos cristãos. Somos capazes de cumprir os ministérios porque fomos “aperfeiçoados” por meio de Jesus Cristo.

A menos que haja uma aplicação prática para a doutrina da Bíblia, o estudo será em vão. Depois de ler e de estudar esta carta,

fica evidente que, em Jesus Cristo, a pessoa tem tudo o que deseja ou de que precisa. Toda a plenitude de Deus está em Jesus Cristo, e fomos aperfeiçoados nele. Que grande estímulo essas palavras devem ter sido para Arquipo! E que grande estímulo devem ser para nós hoje!

Paulo costumava ditar suas cartas a um secretário (ver Rm 16:22) e, depois, assinar seu nome no final, acrescentando sempre uma frase sobre a graça de Deus, pois essa era sua "marca registrada" (ver 2 Ts 3:17, 18). A combinação de sua assinatura com a "graça" comprovava que a carta era autêntica.

O Novo Testamento contém várias referências às cadeias de Paulo e ao fato de ele ser prisioneiro (ver At 20:23; 23:18, 29; 26:29; Fp 1:7, 13, 14, 16; 2 Tm 1:8; 2:9; Fm 10, 13; Ef 3:1; 4:1). Por que Paulo deseja que se recordem de suas "algemas"? Principalmente porque são uma lembrança do amor dele pelas almas perdidas, especialmente pelos gentios. Ele era "prisioneiro de Cristo

Jesus, por amor de vós, gentios" (Ef 3:1). As cadeias de Paulo eram prova de sua obediência ao Senhor e de sua disposição de pagar qualquer preço para que os gentios ouvissem o evangelho.

Mesmo hoje, ainda há cristãos consagrados na prisão como consequência de sua fidelidade ao Senhor. Devemos lembrar deles e orar por eles. "Lembra-vos dos encarcerados, como se presos com eles" (Hb 13:3).

Ao chegar ao final de nosso estudo desta carta extraordinária, convém lembrar que somos completos em Jesus Cristo. Deve-se ter cuidado com quaisquer ensinamentos que prometam "algo mais" além do que já temos em Cristo. Toda a plenitude de Deus encontra-se em Jesus Cristo, e ele preparou as pessoas perfeitamente para a vida que Deus deseja para cada uma. Não vivemos nem crescemos por *adição*, mas sim por *apropriação*.

Que o Senhor nos ajude a viver como cristãos completos em Cristo.

# 1 TESSALONICENSES

## ESBOÇO

**Tema-chave:** A vinda de Cristo para buscar sua Igreja

**Versículo-chave:** 1 Tessalonicenses 5:9, 10

## I. PAULO RECORDA – CAPÍTULOS 1 – 3

- A. Como a igreja nasceu – 1
- B. Como a igreja foi nutrida – 2
- C. Como a igreja foi estabelecida – 3

## II. PAULO EXORTA – CAPÍTULOS 4 – 5

(Como a Igreja deve andar)

- A. Em santidade – 4:1-8
- B. Em harmonia – 4:9, 10
- C. Em honestidade – 4:11, 12
- D. Em esperança – 4:13 – 5:11
- E. Em serviço – 5:12-28

## CONTEÚDO

- 1. Nasce uma igreja..... 202
- 2. O perfil da igreja ideal  
(1 Ts 1:1-10)..... 207
- 3. Ajudando o bebê a crescer  
(1 Ts 2:1-12)..... 212
- 4. Dores de crescimento  
(1 Ts 2:13-20)..... 217
- 5. Agüentem firme!  
(1 Ts 3:1-13)..... 222
- 6. Como agradar ao Pai  
(1 Ts 4:1-12)..... 227
- 7. O consolo de sua vinda  
(1 Ts 4:13-18)..... 232
- 8. Não sejam sonâmbulos!  
(1 Ts 5:1-11)..... 237
- 9. Tudo em família  
(1 Ts 5:12-28)..... 242

## NASCE UMA IGREJA

Um pai levou o filho a um museu de uma cidade grande imaginando que o passeio seria divertido. Mas, por duas horas, o menino não fez outra coisa senão suspirar e resmungar. Por fim, perguntou um tanto desesperado:

– Pai, por que a gente não vai a algum lugar onde as coisas são de verdade?

É assim que algumas pessoas se sentem quando lêem a Bíblia. Pensam que estão em um museu religioso, olhando artefatos antigos sem significado algum no mundo científico atual. *Que engano!* Nenhum livro é mais significativo para a vida e mais relevante para os problemas do que a Bíblia. Não é de se admirar que William Lyon Phelps, por muitos anos chamado de “professor mais inspirativo de Yale”, tenha dito: “Estou convicto de que o conhecimento da Bíblia sem um curso universitário é mais valioso do que um curso universitário sem a Bíblia”.

A primeira e a segunda epístolas aos Tessalonicenses são duas das mais antigas escritas por Paulo (é possível que a Epístola aos Gálatas tenha sido escrita primeiro). Essas duas cartas eram dirigidas a pessoas reais, que vivenciavam problemas reais, em um meio nada favorável à fé cristã. É possível identificar-se facilmente com os tessalonicenses, pois hoje se enfrentam vários problemas parecidos. Uma vez que se entende o contexto, o motivo e a bênção dessas duas cartas, vemos como são atuais e práticas.

### 1. O CONTEXTO

A cidade de Tessalônica ainda existe, mas é chamada hoje de Tessalonique (conhecida antigamente como Salônica). Cidade

comercial e industrial da Grécia, sua população é a segunda maior do país depois de Atenas. Durante a Primeira Guerra Mundial foi uma importante base aliada. Na Segunda Guerra, foi dominada pelo exército alemão, e os cerca de 60 mil habitantes judeus foram deportados e exterminados.

É uma cidade antiga, que recebeu, inicialmente, o nome de Terma por causa das várias fontes termais em suas cercanias. Em 315 a.C., seu nome foi mudado para Tessalônica em homenagem à meia-irmã de Alexandre, o Grande. Quando Roma conquistou a Macedônia, em 168 a.C., a cidade foi transformada em capital da província. No tempo de Paulo, havia cerca de 200 mil habitantes no local, a maioria gregos, além de alguns romanos e de uma forte minoria de judeus. Hoje, com cerca de 300 mil habitantes, é uma das poucas cidades que restaram da era apostólica do Novo Testamento.

O doutor Lucas explica como Paulo chegou a Tessalônica e como a igreja foi fundada (At 17:1-15). Paulo foi à Macedônia em resposta ao “chamado” de um homem macedônio que lhe pediu: “Passa à Macedônia e ajuda-nos” (At 16:9). Paulo, Silas, Lucas e Timóteo passaram primeiro por Filipos, onde levaram Lídia e sua família a Cristo e fundaram uma igreja. Paulo e Silas foram detidos pelas autoridades sob acusações falsas, açoitados e presos. Mas Deus os libertou, e puderam dar testemunho ao carcereiro e levar sua família a Cristo.

Depois de encorajar os recém-convertidos, Paulo e seus amigos partiram de Filipos (é possível que Lucas tenha ficado lá mais algum tempo) e percorreram os cerca de 160 quilômetros até a importante cidade de Tessalônica. O fato de passarem por Anfípolis e Apolônia (At 17:1) sem ministrar nessas cidades não significa que não se preocupavam com as pessoas desses locais, mas sim que seguiam a política de Paulo de ministrar nos grandes centros urbanos e, depois, enviar cristãos desses locais para as cidades menores ao redor.

Paulo havia sido comissionado para levar o evangelho aos gentios (At 9:15; Ef 3:1-12), mas sempre começava o ministério no

meio dos judeus. Na sinagoga local, reuniam-se pessoas que conheciam e reverenciavam a Lei do Antigo Testamento, e os ouvintes mostravam-se interessados pela pregação de Paulo, pelo menos antes de as perseguições iniciarem. Além disso, havia sempre muitos gentios “tementes a Deus” na sinagoga, e, por meio deles, Paulo podia passar a testemunhar aos gentios pagãos. Ao acrescentar a esses fatos a responsabilidade que Paulo sentia pelos judeus (Rm 9:1-3; 10:1), bem como o princípio histórico de levar o evangelho “primeiro [ao] judeu” (Rm 1:16), entendemos por que Paulo e seus colaboradores começavam seu trabalho na sinagoga.

É interessante estudar as palavras que Lucas usa para descrever o ministério público de Paulo na sinagoga (At 17:2, 3). “Arraçoar” significa “discorrer usando perguntas e respostas”. Talvez um sinônimo apropriado seja “dialogar”. “Expor” quer dizer, simplesmente, “explicar”. O apóstolo lia uma passagem das Escrituras do Antigo Testamento e explicava seu significado com referência a Jesus Cristo e ao evangelho. “Demonstrar” significa, literalmente, “colocar ao lado”. Paulo lhes apresentava as Escrituras de maneira ordenada, mostrando-lhes como se harmonizavam. E o verbo “anunciar” também pode ser traduzido por “pregar”. O apóstolo não apenas ensinava as Escrituras, mas também proclamava a Cristo e instava seus ouvintes a aceitarem o Salvador pela fé.

É possível aprender muita coisa com a abordagem de Paulo ao evangelismo. Ele usava a Palavra de Deus e anunciava o Filho de Deus. Partia daquilo que as pessoas conheciam e as conduzia à verdade do evangelho (quando pregava aos gentios, começava com o Deus da criação, uma vez que não tinham conhecimento algum das Escrituras do Antigo Testamento; ver At 14:8-18; 17:16ss).

O apóstolo ministrou na sinagoga durante três sábados, e o Senhor operou em poder. Muitos creram em Jesus Cristo e foram salvos, inclusive algumas mulheres da alta sociedade. Os judeus incrédulos, porém, começaram a se opor a seu trabalho, de modo que Paulo e seus colaboradores tiveram

de deixar a cidade. Deslocaram-se cerca de 64 quilômetros até Beréia, onde puderam ministrar com grande eficácia; mas os judeus de Tessalônica os seguiram e causaram problemas. Então, Paulo partiu para Atenas e, de lá, para Corinto.

Quanto tempo o apóstolo ministrou em Tessalônica? As palavras “por três sábados” (At 17:2) indicam apenas três semanas ou significam que ele ministrou esse tempo *na sinagoga* e, depois, continuou seu trabalho em algum outro lugar? Sabemos que Paulo ficou na cidade tempo suficiente para receber duas “ofertas para missões” da igreja de Filipos (Fp 4:16). Além disso, o apóstolo trabalhou fazendo tendas para se sustentar (1 Ts 2:9; 2 Ts 3:6-15).

Se Paulo passou apenas três semanas em Tessalônica, com certeza ensinou aos recém-convertidos os fundamentos da doutrina bíblica. Ao estudar essas duas cartas, vê-se que quase todas as principais doutrinas da fé cristã são mencionadas.

Apesar de o ministério de Paulo em Tessalônica não ter sido longo, foi sólido o desenvolvimento. Ao partir para Atenas, Paulo pediu a Timóteo e Silas que permanecessem na cidade ajudando a nova igreja e que se encontrassem com ele depois. Quando os três voltaram a se reunir, Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para encorajar os cristãos e para assegurá-los de seu amor e interesse por eles (o apóstolo tentou voltar em outras duas ocasiões, mas foi impedido de fazê-lo; ver 1 Ts 2:17, 18). Quando Timóteo se encontrou com Paulo em Corinto e lhe deu seu relatório sobre a igreja de Tessalônica, Paulo escreveu a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. A Segunda Epístola aos Tessalonicenses foi escrita pouco tempo depois.

Podemos extrair algumas lições importantes desse contexto. Em primeiro lugar, fica evidente que *Deus usa pessoas*. Deus não enviou anjos para evangelizar Tessalônica; antes, enviou um rabino judeu convertido e seus amigos, inclusive um rapaz parte judeu e parte gentio. Deus ainda usa pessoas – indivíduos dedicados, dispostos

a obedecer a suas instruções e a compartilhar sua mensagem.

Em segundo lugar, o evangelho ainda é “o poder de Deus para a salvação” (Rm 1:16). Não foi preciso muito tempo para fundar uma igreja em Tessalônica. O poder de Deus mostrou-se eficaz para transformar vidas, e a igreja foi fundada em menos de um mês. Paulo lembra os tessalonicenses de que “nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo” (1 Ts 1:5).

Por fim, Satanás continua opondo-se ao evangelho e perseguindo o povo de Deus; *mas sua perseguição é uma forma de promover o crescimento*. Ao estudar estas duas cartas, vê-se que o Espírito de Deus dá forças e ânimo aos santos sofredores em meio às dificuldades da vida cristã.

## 2. O MOTIVO

Por que Paulo escreveu estas duas cartas? Em primeiro lugar, queria assegurar os tessalonicenses de seu amor e interesse por eles. Afinal, havia deixado a cidade às pressas durante a noite e não desejava que imaginassem que os havia abandonado. Além disso, os inimigos de Paulo estavam atacando seu caráter e dizendo aos recém-convertidos que seu líder era, na verdade, um charlatão que pregava a religião só para ganhar dinheiro (1 Ts 2). Havia, por toda a Grécia, uma porção de impostores itinerantes que faziam exatamente isso, e alguns estavam espalhando o boato de que Paulo era um deles. Nesta carta, Paulo assevera seu amor pelos leitores e sua honestidade ao lhes ministrar.

Ao escrever esta carta, o apóstolo visava outro propósito: desejava alicerçá-los na fé cristã, especialmente com respeito à volta de Cristo. Ao que parece, a igreja sofria perseguições terríveis, e períodos como esse costumam ser propícios para a tentação de fazer concessões indevidas e de desanimar. Ao lembrar os cristãos da igreja das verdades da fé cristã e daquilo que Deus havia feito por eles em Cristo, Paulo estimulou-os a manter-se firmes e a dar continuidade a seu forte testemunho.

Também os estimulou a viver em santidade. É importante lembrar que, nessas cidades antigas, não faltavam tentações à imoralidade, e a maioria das pessoas não condenava os pecados sexuais. Esta carta enfatiza a pureza de vida, conceito que também precisa ser ressaltado nas igrejas de hoje.

Os recém-convertidos estavam confusos quanto à volta de Jesus Cristo. Paulo havia lhes dito que Cristo voltaria nos ares e que os levaria para seu lar, mas alguns dentre eles haviam falecido. Entristecidos, os outros cristãos imaginavam se seus irmãos falecidos seriam incluídos no arrebatamento da Igreja, pergunta que Paulo responde em 1 Tessalonicenses 4:13-18.

Ocorria, ainda, outra confusão. Tendo em vista a intensidade das perseguições, alguns dos cristãos acreditavam que o “Dia do Senhor” havia chegado (é possível que uma carta falsificada tenha contribuído para aumentar essa confusão; ver 2 Ts 2:1, 2). Paulo escreveu 2 Tessalonicenses para esclarecer essa doutrina e para assegurá-los de que o Dia do Senhor ainda não havia chegado.

Por fim, nessa carta o apóstolo procurou sanar algumas deficiências da igreja. Certos membros não respeitavam nem honravam devidamente seus líderes espirituais (1 Ts 5:12, 13). Outros se recusavam a trabalhar, usando como argumento a vinda iminente do Senhor (2 Ts 3:6ss). Também havia, durante os cultos da congregação, certa desordem que precisava ser corrigida (1 Ts 5:19-21).

Hoje em dia, ainda há confusão quanto à profecia bíblica; pastores que pregam na televisão e no rádio contradizem uns aos outros (e a Bíblia) e deixam os cristãos perplexos. O Dia do Senhor está próximo? Há certos sinais que devem ocorrer antes da volta de Cristo? O povo de Deus terá de passar pelo Dia do Senhor (a Tribulação) antes de Jesus voltar? Paulo responde a tais perguntas importantes nestas duas cartas inspiradas.

E quanto à questão da *santidade prática*? Não é fácil para o cristão evitar a contaminação do mundo. Os mercadores do sexo oferecem seus produtos em quase todas as

bancas de jornal. A imoralidade e a infidelidade são temas comuns de programas de rádio e de televisão bem como de canções populares. Os péssimos exemplos de pessoas famosas dão espaço para os jovens alegarem que, afinal, “é isso o que todo mundo faz”.

Além da necessidade de mais cautela na vida diária, também é preciso mais ordem e respeito dentro das igrejas. Descobri que a falta de respeito pela liderança espiritual é a principal causa dos conflitos e divisões nas igrejas. Precisamos encarecidamente atentar para as palavras de Paulo em 1 Tessalonicenses 5:12, 13 e 2 Tessalonicenses 3:6-15.

Falando francamente, há certos pastores que não merecem ser seguidos. Não são espirituais, não se preocupam com os perdidos e consideram o ministério apenas um meio de ganhar a vida sem grandes dificuldades. Um pastor não deve *exigir* respeito, mas sim *merecer* respeito, como Paulo fez por meio de sua vida dedicada e de seu ministério sacrificial.

A Primeira Epístola aos Tessalonicenses é a carta de um pai espiritual a seus filhos na fé. Paulo descreve a igreja como uma família (o termo “irmão[s]” é usado 18 vezes na primeira carta e 9 na segunda) e lembra os tessalonicenses do que Deus fez por eles por meio de seu ministério.

A segunda carta foi escrita para retificar certas idéias equivocadas e práticas incorretas com respeito à doutrina da volta do Senhor.

Vimos o contexto e os motivos pelos quais Paulo escreveu estas cartas. Consideraremos, a seguir, a bênção destas epístolas e descobriremos o que podem significar para nós.

### 3. A BÊNÇÃO

Cada epístola do Novo Testamento tem a própria mensagem especial, ou bênção. Romanos, por exemplo, enfatiza a justiça de Deus e mostra que Deus é justo ao se relacionar tanto com pecadores quanto com cristãos. A Primeira Epístola aos Coríntios fala da sabedoria de Deus, enquanto a Segunda Epístola aos Coríntios trata do consolo de Deus. Gálatas é a carta sobre a liberdade, e

Filipenses é a carta sobre a alegria, enquanto Efésios enfatiza a riqueza que temos em Cristo Jesus.

Qual é a bênção especial contida na mensagem de 1 e 2 Tessalonicenses? *É a mensagem a respeito da volta de Jesus Cristo e de como essa doutrina fundamental pode afetar nossa vida e nossas igrejas, tornando-nos mais espirituais.* Cada capítulo de 1 Tessalonicenses termina com uma referência à vinda de Jesus Cristo, e cada referência relaciona a doutrina a um aspecto prático da vida cristã. Eis um resumo:

- 1:10 – salvação e segurança;
- 2:19, 20 – evangelismo e serviço;
- 3:11-13 – estabilidade na vida cristã;
- 4:13-18 – força em meio à tristeza;
- 5:23, 24 – santificação de vida.

Em outras palavras, Paulo não considera essa doutrina uma teoria a ser discutida, mas sim uma verdade a ser vivida. Estas cartas incentivam a viver “no tempo futuro”, uma vez que Jesus pode aparecer a qualquer momento. Deve-se praticar a promessa de sua volta em nosso modo de vida.

Ao estudar 2 Tessalonicenses, encontrem-se outras verdades sobre acontecimentos futuros e a Igreja. Convém ter em mente que a segunda carta foi escrita para corrigir uma confusão a respeito da volta de Cristo. Alguns cristãos acreditavam que o Dia do Senhor (o tempo de Tribulação) havia chegado e se perguntavam quando o Senhor apareceria. Talvez a melhor maneira de compreender as principais mensagens destas duas cartas seja fazer um contraste entre elas:

<i>1 Tessalonicenses</i>	<i>2 Tessalonicenses</i>
Cristo vem nos ares para buscar sua Igreja (4:13-18).	Cristo vem à Terra com sua Igreja (1:10).
Um arrebatamento repentino e secreto pode acontecer a qualquer momento. Pode ocorrer hoje.	Uma crise que faz parte de um plano determinado.
O Dia de Cristo.	Pode ocorrer só após certos acontecimentos. O Dia do Senhor.



É verdade que cristãos consagrados diferem em suas interpretações das profecias, especialmente em relação ao fato de a Igreja escapar ou estar presente no período da Tribulação. Minha posição pessoal é que a Igreja será levada ao céu antes da Tribulação e, depois, voltará à Terra com o Senhor para encerrar o período de Tribulação (Ap 19:11ss). A meu ver, 1 Tessalonicenses enfatiza o arrebatamento da Igreja, e 2 Tessalonicenses, a revelação do Senhor com a Igreja quando ele vier para julgar o mundo.

Devemos ter cuidado, porém, para não deixar que as lições espirituais práticas dessas verdades percam-se no meio dos debates sobre suas interpretações. Para mim, é um estímulo ler o que Leon Morris escreve em seu excelente *The New International Commentary [Novo Comentário Internacional]* (Eerdmans, 1959, p. 152). Em seu estudo de 1 Tessalonicenses 5:1-3, Morris discute se os cristãos escaparão da Tribulação ou se serão deixados na Terra para enfrentar esse período terrível. "A linguagem deste capítulo pode ser entendida das duas formas", diz ele e, em seguida, afirma a própria posição de que a Igreja passará pela Tribulação. Por fim, acrescenta: "Mas reconheço plenamente que não é sábio de

nossa parte condenar os que interpretam tais passagens de outro modo".

Em outras palavras, podemos discordar civilizadamente. Minha convicção pessoal é que seremos libertos da "ira vindoura" (1 Ts 1:10; 5:9, 10). Creio que o Senhor deseja que vivamos na constante expectativa de sua volta. Estudei com cuidado a argumentação em favor de outras opiniões e respeito os indivíduos que as defendem, mas devo discordar deles em amor.

Paulo não escreveu estas cartas para criar controvérsias. Seu desejo era que suas palavras abençoassem a vida das pessoas e as igrejas. A doutrina da volta de Cristo não é um brinquedo para nossa diversão nem uma arma para brigarmos, mas sim um instrumento de edificação. Os cristãos podem discordar quanto a alguns detalhes da profecia bíblica, mas todos nós cremos que Jesus Cristo voltará para recompensar os salvos e julgar os perdidos. E todos devemos viver em função de sua vinda.

O estudo destas cartas deve servir de segurança para o futuro, de encorajamento para o testemunho e para a vida com o Senhor, de consolo na perda de entes queridos cristãos e de estabilidade em um mundo extremamente incerto.

# O PERFIL DA IGREJA IDEAL

## 1 TESSALONICENSES 1:1-10

Você certamente já ouviu algum pastor dizer:

- Se você encontrar uma igreja perfeita, não se torne membro dela, pois, se o fizer, ela deixará de ser perfeita!

Uma vez que as congregações locais são constituídas de seres humanos, salvos pela graça de Deus, nenhuma igreja é perfeita. Mas algumas se encontram mais próximas do ideal do Novo Testamento do que outras. A igreja de Tessalônica encaixava-se nessa categoria. Em pelo menos três ocasiões nesta epístola, Paulo dá graças pela igreja e pela maneira como ela respondeu a seu ministério (1 Ts 1:2; 2:13; 3:9). Nem todo pastor pode ser tão grato.

Que características tornavam esta igreja próxima do ideal e um motivo de alegria para o coração de Paulo?

### 1. UM POVO ELEITO (1 Ts 1:1-4)

O termo "igreja", em 1 Tessalonicenses 1:1, significa "um povo chamado para fora". Todos os chamados sobre os quais lemos na Bíblia indicam eleição divina: Deus chama um povo, separando-o deste mundo e para si (At 15:13-18). Sete vezes em João 17, Jesus refere-se aos cristãos como os que o Pai lhe deu (Jo 17:2, 6, 9, 11, 12, 24). Paulo declara sua certeza de que os tessalonicenses haviam sido escolhidos por Deus (1 Ts 1:4).

A doutrina da eleição divina confunde alguns e assusta outros e, no entanto, nenhuma dessas reações é justificada. Um professor do seminário me disse certa vez: "Tente explicar a eleição divina e pode acabar perdendo o juízo; tente livrar-se dela e perderá a alma!"

Enquanto vivermos deste lado do céu, jamais seremos capazes de entender o conceito da eleição em sua totalidade. Mas não se deve ignorar essa importante doutrina ensinada ao longo de todas as Escrituras. Observemos alguns fatos evidentes acerca da eleição divina.

**A salvação começa com Deus.** "Porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação" (2 Ts 2:13). "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros" (Jo 15:16). "Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo" (Ef 1:4). Todo o plano da salvação nasceu no coração de Deus muito antes de o homem ser criado ou de o universo ser formado.

**A salvação envolve o amor de Deus.** Paulo afirma que os santos são irmãos amados (ver 1 Ts 2:17), não só pelo apóstolo, mas também por Deus. Foi o amor de Deus que tornou possível o Calvário em que Jesus Cristo morreu por causa de nossos pecados (Rm 5:8). Mas não é o amor de Deus que salva o pecador, e sim sua graça. Em sua graça, ele nos dá aquilo que não merecemos e, em sua misericórdia, deixa de nos dar o que merecemos. Isso explica por que Paulo costumava começar suas cartas dizendo: "em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo, graça e paz a vós outros" (1 Ts 1:1).

**A salvação envolve fé.** "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé" (Ef 2:8). Paulo, Silas (cujo nome é escrito aqui na forma romana) e Timóteo levaram o evangelho a Tessalônica e pregaram no poder de Deus (1 Ts 1:5). Alguns dos que ouviram a mensagem creram, deixaram a idolatria e se voltaram para o verdadeiro Deus vivo (1 Ts 1:9). O Espírito de Deus usou a Palavra de Deus para gerar fé (Rm 10:17). Paulo chama isso de "santificação do Espírito e fé na verdade" (2 Ts 2:13).

**A salvação envolve a Trindade.** Ao ler esta carta, deparamo-nos com a doutrina da Trindade. Os cristãos crêem em um Deus que existe na forma de três Pessoas: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. É importante ter em mente que essas três Pessoas participam da salvação. Isso nos ajuda a escapar dos extremos perigosos que

negam a responsabilidade humana ou minimizam a soberania divina, pois a Bíblia ensina ambas as coisas.

No que se refere a Deus Pai, fui salvo quando ele me escolheu em Cristo antes do início do mundo. No que se refere a Deus Filho, fui salvo quando ele morreu por mim na cruz. E, no que se refere a Deus Espírito Santo, fui salvo em uma noite de sábado, em maio de 1945, quando ouvi a Palavra e aceitei a Jesus Cristo. Naquele momento, todas as peças do plano da salvação se encaixaram e me tornei um filho de Deus. Se alguém tivesse me perguntado naquela noite se eu era um dos eleitos, não teria sabido o que responder. Naquela ocasião, não fazia idéia do que era a eleição, mas o Espírito Santo testemunhou em meu coração que eu era filho de Deus.

**A salvação transforma a vida.** Como Paulo sabia que esses tessalonicenses eram eleitos de Deus? Por meio da mudança que observou na vida deles. Ao comparar 1 Tessalonicenses 1:3 com 1 Tessalonicenses 1:9, 10, verifica-se:

A operosidade da vossa fé. / Deixando os ídolos, vos convertestes a Deus.

A abnegação do vosso amor. / Para servirdes o Deus vivo e verdadeiro.

A firmeza da vossa esperança. / Para aguardardes do céu o seu Filho.

Quem afirma ser um dos eleitos de Deus, mas cuja vida não mudou, está apenas enganando a si mesmo. *Deus transforma seus escolhidos.* Isso não significa que somos perfeitos, mas sim que possuímos uma nova vida que não pode ser escondida.

A fé, a esperança e o amor são as três virtudes cardeais da vida cristã e as três maiores evidências da salvação. A fé deve sempre levar às obras (Tg 2:14-26). Alguém disse que: "Não somos salvos pela fé em conjunto com as obras, mas sim por uma fé operante". Se os tessalonicenses tivessem continuado a adorar ídolos mortos e, ao mesmo tempo, a professar sua fé no Deus vivo, teriam demonstrado que não faziam parte dos eleitos de Deus.

Outra evidência da salvação é o amor: "porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5:5). Somos "por Deus instruídos que [devemos amar] uns aos outros" (1 Ts 4:9). Servimos a Cristo porque o amamos, e essa é a "abnegação do vosso amor" à qual Paulo se refere. "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15).

A terceira evidência da salvação é a esperança com a qual se aguarda pela volta de Jesus Cristo (1 Ts 1:10). A volta de Jesus Cristo é o tema central das epístolas aos tessalonicenses. Os não salvos não aguardam com grande expectativa a volta do Senhor. Quando o Senhor arrebatou sua Igreja nos ares, os incrédulos ficaram surpresos (1 Ts 5:1-11).

A fé, a esperança e o amor são evidências da eleição. Essas qualidades espirituais estão ligadas entre si e só podem vir de Deus. Para mais exemplos, ver as seguintes passagens: 1 Coríntios 13:13; Romanos 5:1-5; Gálatas 5:5, 6; Colossenses 1:4, 5; Hebreus 6:10-12; 10:22-24; 1 Pedro 1:21, 22.

Uma igreja local deve ser constituída de eleitos salvos pela graça de Deus. Um dos problemas das igrejas de hoje é a presença em seu meio de não salvos, cujos nomes encontram-se registrados no rol de membros, mas não no Livro da Vida do Cordeiro. Todo membro da igreja deve examinar seu coração e se certificar de que é, verdadeiramente, nascido de novo e faz parte dos eleitos de Deus.

## 2. UM POVO EXEMPLAR (1 Ts 1:5-7)

Desde o início desta igreja, Paulo a contemplou com alegria e gratidão, como cristãos dignos deste nome. São exemplares em diversas áreas de sua vida.

**Receberam a Palavra (v. 5).** O evangelho chegou até eles pelo ministério de Paulo e de seus colaboradores. Muitos pregadores e filósofos itinerantes daquela época só estavam interessados em ganhar dinheiro à custa de pessoas ignorantes. Mas o Espírito Santo usou a Palavra com grande poder, e os tessalonicenses responderam recebendo

tanto a mensagem quanto os mensageiros. Apesar das perseguições em Filipos, Paulo e Silas tiveram “ousada confiança em nosso Deus, para [...] anunciar o evangelho” (1 Ts 2:2); e o povo creu e foi salvo. Em momento algum perderam o anseio pela Palavra de Deus (1 Ts 2:13).

**Seguiram seus líderes espirituais (v. 6a).** O termo “imitadores” indica que esses recém-convertidos não apenas aceitaram a mensagem e os mensageiros, mas também imitaram a vida deles. Em decorrência disso, foram terrivelmente perseguidos. É importante que cristãos novos na fé respeitem a liderança espiritual e aprendam com cristãos mais maduros. Assim como um bebê recém-nascido precisa de uma família, também um recém-nascido na fé precisa da igreja local e de seus líderes. “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hb 13:17). Não basta aos cristãos maduros *ganhar* almas para Cristo; também devem *cuidar* dessas almas e incentivar os recém-convertidos a obedecer à Palavra de Deus.

**Sofreram por Cristo (v. 6b).** Ao deixar os ídolos para servir a Deus, esses cristãos provocaram a ira de amigos e parentes e sofreram perseguições. Sem dúvida, alguns perderam o emprego por causa de sua nova fé. Assim como os judeus incrédulos perseguiram os cristãos na Judéia, também os gentios incrédulos perseguiram os cristãos tessalonicenses (1 Ts 2:14-16). A fé é sempre provada, e a perseguição é uma das formas de testá-la (Mt 13:21; 2 Tm 3:12).

**Encorajaram outras igrejas (v. 7).** Os cristãos podem ser motivo de ânimo ou de desânimo a outros. Esse princípio também se aplica às igrejas. Paulo usou as igrejas da Macedônia como estímulo para a igreja de Corinto contribuir com a oferta missionária (2 Co 8:1-8). Apesar de serem novos na fé, os tessalonicenses deram um bom exemplo que serviu de encorajamento para as congregações a seu redor. As igrejas não devem competir entre si de maneira mundana, mas

podem “[estimular] ao amor e às boas obras” (Hb 10:24).

A igreja de Tessalônica mostrou-se exemplar em todos os sentidos. Seu segredo era sua fé, esperança e amor, os três elementos espirituais que motivam a vida cristã.

### 3. UM POVO ENTUSIASMADO (1 Ts 1:8)

A “operosidade da [sua] fé, e abnegação do [seu] amor” expressavam-se em seu testemunho do evangelho a outros. Eram tanto “receptores” (a Palavra chegou até eles; 1 Ts 1:5) quanto “transmissores” (a palavra repercutiu deles; 1 Ts 1:8). Todo cristão em toda congregação local deve receber e transmitir a Palavra de Deus.

O verbo “repercutir” significa “soar como uma trombeta”. Mas os tessalonicenses não estavam se vangloriando, tocando trombetas diante de si como faziam os fariseus (Mt 6:1-4). Antes, anunciavam as boas-novas da salvação, e sua mensagem tinha um som claro e certo (1 Co 14:8). Em todo lugar por onde Paulo passava, ouvia as pessoas comentarem sobre a fé dos cristãos de Tessalônica.

É responsabilidade e privilégio da igreja local levar a mensagem da salvação ao mundo perdido. No final de cada um dos quatro Evangelhos e no começo do Livro de Atos, encontra-se uma comissão que deve ser obedecida pelas igrejas (Mt 28:18-20; Mc 16:15, 16; Lc 24:46-49; Jo 20:21; At 1:8). Muitas congregações contentam-se em sustentar uma equipe de obreiros para testemunhar e ganhar almas para Cristo. Mas nas igrejas do Novo Testamento, a congregação toda estava envolvida na transmissão das boas-novas (At 2:44-47; 5:42).

De acordo com um estudo recente sobre o crescimento da igreja, cerca de 70% a 80% desse crescimento é resultado do testemunho a amigos e parentes. Apesar de a visitação evangelística e de outros métodos de expansão serem proveitosos, é o contato pessoal que gera a colheita.

Mas a eleição e o evangelismo andam juntos. Quem diz: “Deus não precisa de minha ajuda para salvar os que ele escolheu” não entende o que é eleição nem o que é evangelismo. Na Bíblia, a eleição sempre

envolve *responsabilidade*. Deus escolheu o povo de Israel e fez dele uma nação eleita para que testemunhasse aos gentios.

Da mesma forma, Deus escolheu a Igreja para testemunhar hoje. O fato de sermos o povo eleito de Deus não nos exime da responsabilidade de evangelizar. Pelo contrário, a doutrina da eleição é um dos maiores estímulos ao evangelismo.

A experiência de Paulo em Corinto (At 18:1-11) ilustra perfeitamente essa verdade. Corinto era uma cidade perversa e um lugar difícil para começar uma igreja. Seus habitantes eram pecadores iníquos (1 Co 6:9-11), mas Paulo pregou a Palavra fielmente. Quando os judeus incrédulos começaram a persegui-lo, Paulo saiu da sinagoga e passou a ensinar na casa de Justo. Então, o Senhor encorajou o apóstolo dizendo: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (At 18:9, 10). O fato de Deus ter eleito cidadãos de Corinto estimulou Paulo a permanecer na cidade por um ano e meio.

Se a salvação fosse uma obra humana, teríamos todo direito de desanimar e desistir. Mas a salvação é uma obra divina, e Deus usa pessoas para chamar seus eleitos. "Para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho" (2 Ts 2:14). O mesmo Deus que determinou o *fim* (a salvação dos perdidos), também determina o *meio* (a pregação do evangelho). Não há conflito entre a soberania divina e a responsabilidade humana, apesar de não sermos capazes de conciliar essas duas realidades.

Hoje, é necessário haver mais igrejas com pessoas cheias de entusiasmo para compartilhar a mensagem da salvação. Enquanto escrevo, 2,4 bilhões de pessoas não têm qualquer testemunho visível do evangelho nem qualquer igreja em seu meio. Apesar da expansão dos programas de rádio e de televisão bem como dos textos impressos, estamos perdendo território no trabalho de alcançar os perdidos. Você é um cristão entusiasmado? Sua igreja testemunha com entusiasmo?

#### 4. UM POVO ESPERANÇOSO (1 Ts 1:9, 10)

A *operosidade de sua fé* tornava-os um povo eleito, pois deixaram seus ídolos, voltaram-se para Deus e creram em Jesus Cristo. A *abnegação de seu amor* tornava-os um povo exemplar e entusiasmado, que colocava em prática a Palavra de Deus e compartilhava o evangelho. A *firmeza de sua esperança* fazia deles um povo esperançoso, que aguardava a volta do Senhor.

Nestes versículos, Paulo relaciona a segunda vinda de Cristo à salvação. Uma vez que haviam aceitado a Cristo, aguardavam sua volta com alegre expectativa e sabiam que seriam libertos "da ira vindoura" (1 Ts 1:10). Paulo repete esse fato em 1 Tessalonicenses 5:9, 10 e dá mais detalhes em 2 Tessalonicenses 1:5-10.

Enquanto adoravam ídolos, os tessalonicenses não tinham esperança alguma. Mas depois que creram no "Deus vivo", passaram a ter uma "viva esperança" (ver 1 Pe 1:2, 3). Os que foram criados dentro da doutrina cristã não conseguem entender a escravidão da idolatria pagã. Antes de Paulo chegar até eles com o evangelho, eram pessoas sem esperança "e sem Deus no mundo" (Ef 2:12). No Salmo 115, encontra-se uma descrição clara da vida de idolatria.

Os cristãos são "filhos do Deus vivo" (Rm 9:26). Seu corpo é "santuário do Deus vivente" (2 Co 6:16), habitado pelo "Espírito do Deus vivente" (2 Co 3:3). A Igreja é "a igreja do Deus vivo" (1 Tm 3:15); e Deus está preparando para ela a "cidade do Deus vivo" (Hb 12:22). O Deus vivo nos deu uma esperança viva ao ressuscitar seu Filho Jesus Cristo dentre os mortos.

Convém distinguir dois aspectos da vinda do Senhor. Em primeiro lugar, Jesus Cristo virá nos ares para buscar sua Igreja (1 Ts 4:13-18), dando início, desse modo, a um período de Tribulação na Terra (1 Ts 5:1-3). No final desse período, Cristo voltará à Terra com sua Igreja (2 Ts 1:5-10; Ap 19:11-21), derrotará os inimigos e estabelecerá seu reino (Ap 20:1-6).

A palavra traduzida por "aguardardes", em 1 Tessalonicenses 1:10, significa "aguardar alguém com paciência, confiança e

expectativa". Aguardar envolve atividade e perseverança. Alguns dos cristãos tessalonicenses pararam de trabalhar e se tornaram fofoqueiros desocupados, alegando que o Senhor estava preste a voltar. Mas, se cremos, de fato, que o Senhor está voltando, provaremos nossa fé mantendo-nos ocupados e obedecendo à Palavra de Deus. A parábola dos talentos que Jesus contou (Lc 19:11-27) ensina que devemos nos manter ocupados (nesse caso, "negociar", investindo o dinheiro) até sua volta.

Os cristãos aguardam a volta de Jesus Cristo, e ele pode voltar a qualquer momento. Não esperamos "sinais", mas sim o Salvador. Aguardamos a redenção do corpo (Rm 8:23-25) e a esperança da justiça (Gl 5:5). Quando Jesus Cristo voltar, receberemos um novo corpo (Fp 3:20, 21) e sere-mos como ele (1 Jo 3:1, 2). Ele nos levará ao lar que preparou (Jo 14:1-6) e nos recompensará pelos serviços que prestamos em seu nome (Rm 14:10-12).

Uma igreja local que vive, de fato, a expectativa de ver Jesus Cristo a qualquer momento é um grupo vibrante e vitorioso. Esperar a volta de Cristo é uma grande motivação para ganhar almas (1 Ts 2:19, 20) e

para desenvolver a firmeza na fé (1 Ts 3:11-13). Também é um consolo maravilhoso em meio ao sofrimento (1 Ts 4:13-18) e um grande estímulo para uma vida piedosa (1 Ts 5:23, 24). É triste quando as igrejas se esquecem dessa doutrina tão importante; e é mais triste ainda quando as igrejas crêem nessa doutrina e pregam sobre ela, mas não a colocam em prática.

Paulo lembra como esta igreja nasceu (1 Ts 1:3) e dá graças por suas características espirituais: são eleitos, exemplares, entusiasmados e esperançosos. Mas as igrejas são constituídas de indivíduos. Ao falar da igreja, não se deve dizer "eles", mas sim "nós". Afinal, *nós somos a igreja!* Isso significa que se nós tivermos essas características espirituais, nossas igrejas se transformarão naquilo que Deus deseja que sejam. Como resultado, ganharemos os perdidos para Cristo e glorificaremos ao Senhor.

O perfil da igreja ideal é o perfil do cristão ideal: *eleito* (nascido de novo), *exemplar* (imitando as pessoas certas), *entusiasmado* (dando testemunho do evangelho) e *esperançoso* (aguardando diariamente a volta de Jesus Cristo). Talvez seja hora de fazer um balanço.

## AJUDANDO O BEBÊ A CRESCER

### 1 TESSALONICENSES 2:1-12

O primeiro capítulo de 1 Tessalonicenses mostra Paulo, o evangelista. Este capítulo mostra Paulo, o pastor, pois explica de que maneira o grande apóstolo cuidava dos recém-convertidos nas igrejas que havia fundado. Paulo considerava "a preocupação com todas as igrejas" (2 Co 11:28) uma responsabilidade maior do que todos os sofrimentos e dificuldades que enfrentava em seu ministério (2 Co 11:23ss).

Assim como Deus usa pessoas para levar o evangelho aos perdidos, também usa pessoas para cuidar dos bebês na fé e para ajudá-los a alcançar a maturidade. A igreja em Tessalônica nasceu da *pregação* fiel do apóstolo e de seus colaboradores e foi nutrida pelo *pastoreio* fiel de Paulo e de seus amigos nessa congregação recém-nascida. Este cuidado ajudou os tessalonicenses a permanecerem firmes em meio às perseguições.

Nestes versículos, Paulo lembra os membros da igreja do tipo de ministério que realizou ao ensinar e cuidar da jovem igreja. Vemos aqui três retratos de seu ministério.

#### 1. O DESPENSEIRO FIEL (1 Ts 2:1-6)

Deus confiou o evangelho a Paulo (ver 1 Ts 2:4). Não era uma mensagem que o apóstolo havia inventado, nem tampouco a havia recebido de homens (Gl 1:11, 12). Paulo considerava-se um despenseiro da mensagem de Deus.

O despenseiro não possui bens próprios, mas usufrui de tudo o que pertence a seu senhor. José foi despenseiro ("mordomo") na casa de Potifar (Gn 39:1-6). Administrava os negócios e usava as riquezas de seu dono visando o bem-estar do senhor. Um dia, todo

despenseiro prestará contas da forma como administrou o que lhe foi confiado (Lc 16:1, 2). Se for considerado infiel, sofrerá as conseqüências.

A mensagem do evangelho é um tesouro que Deus nos confiou. Não se deve enterrá-la, mas sim a investir de modo a multiplicar-se e gerar "dividendos espirituais" para a glória de Deus. Alguns cristãos acreditam que a única responsabilidade da igreja é proteger o evangelho dos que desejam alterá-lo (Gl 1:6-9). Mas isso não é tudo; também devemos *compartilhar* o evangelho, pois, de outro modo, o estaremos protegendo em vão.

A fidelidade é a qualidade mais importante de um despenseiro (1 Co 4:1, 2). Ele pode não ser benquisto aos olhos dos homens, mas não deve ousar ser infiel aos olhos de Deus. "Não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração" (1 Ts 2:4). O cristão que procura agradar a todos perderá a aprovação de Deus. Quem observa as características do ministério de Paulo como despenseiro entende o significado da fidelidade.

**O estilo de seu ministério (vv. 1, 2).** Paulo e Silas haviam sido açoitados e humilhados em Filipos e, no entanto, foram pregar em Tessalônica. A maioria de nós teria tirado férias ou encontrado algum pretexto para não ministrar. Paulo era corajoso e persistente. Possuía uma "ousadia santa" resultante de sua dedicação a Deus. Como os outros apóstolos antes dele, Paulo proclamava as boas-novas com toda intrepidez (At 4:13, 29, 31).

Pregava o evangelho "em meio a muita luta". "Luta" é um termo esportivo que significa "competição, esforço". O mundo grego conhecia bem as competições atléticas, e Paulo usa esse conceito para ilustrar verdades espirituais (1 Co 9:24-27; Fp 3:13, 14; 2 Tm 4:7). Emprega essa mesma palavra em Filipenses 1:30, em que retrata a vida cristã como uma competição atlética que exige dedicação e energia. Não havia sido fácil começar uma igreja em Filipos, e não foi fácil começar outra em Tessalônica.

**A mensagem de seu ministério (v. 3a).** "Pois a nossa exortação não procede de

engano." Aqui, Paulo garante a seus leitores que sua mensagem é verdadeira. O apóstolo menciona o evangelho em seis ocasiões nesta carta. Esta mensagem da morte e ressurreição de Cristo (1 Co 15:1-6) é real e o único evangelho verdadeiro (Gl 1:6-12). Paulo recebeu este evangelho de Deus, não de homens. É a única boa-nova que salva o pecador.

**O motivo de seu ministério (v. 3b).** Não era culpado de *impureza*, pois seu motivo era genuíno. É possível pregar a mensagem certa por motivos errados (Fp 1:14-19). Infelizmente, no tempo de Paulo, alguns usavam o evangelho com "intuitos gananciosos" (1 Ts 2:5). O apóstolo era franco e honesto em todas as coisas e até trabalhava com as próprias mãos para levantar seu sustento (ver 2 Ts 3:8-10).

Paulo era extremamente sensível quanto a questões que envolviam dinheiro. Não desejava dar motivo a ninguém para acusá-lo de ser um "mercador da religião" (1 Co 9:1-18). Como apóstolo, tinha o privilégio de receber sustento. Mas abriu mão desse privilégio, a fim de permanecer livre de qualquer acusação que pudesse desacreditar seu ministério.

**O método de seu ministério (vv. 3c-6).** Paulo não usava de dolo nem de artifícios para ganhar convertidos. O termo traduzido por *dolo* tem o sentido de "colocar a isca no anzol". Em outras palavras, Paulo não pegava as pessoas em armadilhas prometendo a salvação, como um vendedor astuto faz para as pessoas comprarem seus produtos. Testemunho pessoal e "técnicas de venda" são duas coisas bem diferentes. A salvação não se dá por uma argumentação astuta nem por uma apresentação refinada. Antes, é resultado da Palavra de Deus e do poder do Espírito Santo (1 Ts 1:5).

É comum ouvir coisas como: "O método utilizado não importa; o importante é transmitir a mensagem certa". Mas alguns métodos são indignos do evangelho. São métodos baratos, enquanto o evangelho é precioso, pois exigiu a morte do único Filho de Deus. São mundanos e antropocêntricos, enquanto o evangelho é uma mensagem divina que gira em torno da glória de Deus.

Os inimigos de Paulo em Tessalônica o acusaram de mascatear essa nova mensagem visando apenas o lucro. Ao descrever a si mesmo como despenseiro fiel, Paulo responde a essas críticas, e *os leitores de Paulo sabem que ele está dizendo a verdade* (observe o uso do verbo "saber" em 1 Ts 1:5; 2:1, 5, 11; 3:3, 4; 4:2; 5:2). Paulo apela para o testemunho de Deus (1 Ts 2:5) e para o próprio testemunho. O apóstolo tem "sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (At 24:16).

Paulo abominava a bajulação (1 Ts 2:5). Davi também odiava esse pecado. "Falam com falsidade uns aos outros, falam com lábios bajuladores e coração fingido" (Sl 12:2).

Li, certa vez, que o bajulador não é um comunicador, mas sim um manipulador. O bajulador pode usar tanto a verdade quanto a mentira para alcançar seu propósito perverso, que é controlar as decisões das pessoas de modo a beneficiá-lo.

Alguns chegam a bajular a si mesmos. "Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos" (Sl 36:2). Esse foi o pecado de Hamã, o homem perverso do Livro de Ester. Estava tão preocupado em lisonjear a si mesmo que tramou o extermínio de todos os judeus para alcançar esse objetivo.

Alguns tentam bajular a Deus. "Lisonjeavam-no [a Deus], porém de boca, e com a língua lhe mentiam" (Sl 78:36). A lisonja é uma forma de mentira. Significa dizer uma coisa a Deus com os lábios, enquanto o coração está afastado dele (Mc 7:6).

Alguns cristãos tentam fazer amigos e influenciar pessoas apelando para o ego. O verdadeiro ministério do evangelho trata do pecado e do julgamento com honestidade em amor e não dá espaço para o incrédulo vangloriar-se de coisa alguma a seu próprio respeito. O método de Paulo era tão puro quanto seu motivo: apresentava a Palavra de Deus no poder do Espírito e confiava na operação de Deus.

## 2. A MÃE CARINHOSA (1 Ts 2:7, 8)

A ênfase do despenseiro é sobre a *fidelidade*; a ênfase da mãe é sobre a *ternura*. Como apóstolo, Paulo era um homem de autoridade,



mas sempre usava essa autoridade com amor. Os bebês na fé sentiam seu cuidado terno ao lhes ministrar. Era, de fato, como uma mãe carinhosa que cuidava dos filhos.

Cuidar de crianças exige tempo e energia. Paulo não entregava seus convertidos a babás; antes, fazia sacrifícios e cuidava deles pessoalmente. Não lhes dizia para "ler um livro" como substituto para seu ministério pessoal (apesar de literatura cristã de boa qualidade ser um instrumento útil para o crescimento dos recém-convertidos).

Paulo mostrava-se paciente com os cristãos novos. Hoje, nossos quatro filhos são adultos, mas posso garantir que minha esposa e eu precisamos de um bocado de paciência antes de eles alcançarem a maturidade. (Em compensação, nossos pais também precisaram ter paciência conosco!) Os filhos não crescem de uma hora para outra. Todos passam pelas dores de crescimento e enfrentam problemas ao longo do processo de amadurecimento. O amor de Paulo pelos convertidos tornava-o paciente, pois "o amor é paciente, é benigno" (1 Co 13:4).

Paulo também os nutria. O versículo de 1 Tessalonicenses 2:7 pode ser assim traduzido: "qual mãe que amamenta e cuida dos próprios filhos". Que lição é tirada dessa afirmação? *A mãe que amamenta oferece parte da própria vida ao filho.* É exatamente isso o que Paulo escreve em 1 Tessalonicenses 2:8. A mãe que amamenta não pode entregar seu filho aos cuidados de outra pessoa. O bebê deve ficar em seus braços, próximo a seu coração.

A mãe que amamenta ingere os alimentos e os transforma em leite para o filho. O cristão maduro alimenta-se da Palavra de Deus e compartilha esse alimento com os cristãos mais novos, para que possam crescer (1 Pe 2:1-3). Uma criança que ainda mama pode ficar doente por causa de algo que a mãe ingeriu. O cristão que está nutrindo outros deve ter cuidado para que ele próprio não se alimente de coisas erradas.

Além de fazer sacrifícios, de ter paciência e de alimentar, a mãe também *protege* o filho. Foi esse fato que permitiu ao rei Salomão descobrir qual mulher era a mãe

verdadeira da criança sobrevivente (1 Rs 3:16-28). Paulo estava disposto não apenas a oferecer o evangelho, mas também a própria vida. Seu amor pelos tessalonicenses era tão grande que morreria por eles, se necessário.

No entanto, não é fácil "amamentar". Até mesmo Moisés sentiu o peso de cuidar do povo de Deus. "Concebi eu, porventura, todo este povo? Dei-o eu à luz, para que me digas: Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama, à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais?" (Nm 11:12). Mas se não for dado o leite da Palavra aos recém-convertidos, eles jamais amadurecerão de modo a serem capazes de desfrutar a carne da Palavra (Hb 5:10-14).

### 3. O PAI PREOCUPADO (1 Ts 2:9-12)

Paulo considerava-se "pai espiritual" dos cristãos de Tessalônica, o mesmo sentimento que tinha para com os santos de Corinto. "Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; pois eu, pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus" (1 Co 4:15). O Espírito de Deus usou a Palavra de Deus no ministério de Paulo, e muitos em Tessalônica nasceram de novo e passaram a fazer parte da família de Deus.

O verdadeiro pai é não apenas o que gera filhos, mas também o que cuida deles. Ao defender seu trabalho das falsas acusações, Paulo ressalta três de seus deveres como pai espiritual dos tessalonicenses.

**Seu trabalho (v. 9).** O pai trabalha para sustentar a família. Apesar de os cristãos em Filipos terem lhe enviado ajuda financeira (Fp 4:15, 16), Paulo continuou fazendo tendas para sustentar-se. Ninguém poderia acusá-lo de se aproveitar do ministério. Posteriormente, Paulo usou esse fato para envergonhar os cristãos preguiçosos da igreja de Tessalônica (2 Ts 3:6ss).

O apóstolo emprega os termos "labor e fadiga". J. B. Phillips traduz essas palavras como "nossas lutas e trabalho árduo". Também podem ser traduzidas por "labuta e dificuldade". Não era fácil fazer tendas e ministrar a Palavra ao mesmo tempo. Não é de

se admirar que Paulo labutasse “noite e dia” (At 20:31). Esforçava-se desse modo porque amava os cristãos e desejava ajudá-los o máximo possível. “Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco e não vos serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos” (2 Co 12:14).

**Seu viver (v. 10).** Os pais devem viver de modo a ser bons exemplos para os filhos. Os cristãos tessalonicenses eram testemunhas de que o apóstolo vivia de modo exemplar em todos os sentidos. Nenhum dos membros da congregação poderia acusar Paulo de ser mau exemplo. Além disso, Deus estava a par da vida do apóstolo, e Paulo poderia chamar Deus para testemunhar que ele havia levado uma vida consagrada, enquanto cuidava da família da igreja.

Paulo vivia de modo piedoso. No grego, “ser piedoso” significa “cumprir com todo zelo as funções que Deus lhe confere”. Ao considerar o termo “piedoso”, deve-se pensar em piedade no sentido mais puro da palavra, não como designação para uma falsa religiosidade. Essa mesma palavra é usada para o caráter de Deus em Apocalipse 15:4 e 16:5.

Sua vida também era justa. O adjetivo refere-se a sua integridade e a sua retidão de caráter e comportamento. Não se trata da “justiça da lei”, mas sim da justiça prática que Deus efetua em nossa vida, à medida que nos entregamos a ele (Fp 3:4-10).

Por fim, a vida de Paulo era “irrepreensível”. O significado literal dessa palavra é “aquilo em que não se pode encontrar falta alguma”. Seus inimigos o acusavam, mas jamais poderiam apresentar qualquer prova que o incriminasse. Os cristãos devem ser “irrepreensíveis e sinceros” (Fp 2:15).

**Suas palavras (vv. 11, 12).** Um pai não deve apenas sustentar a família com seu trabalho e ensinar-lhe com seu exemplo, mas também deve ter tempo para conversar com os membros da família. Paulo sabia da importância de ensinar aos recém-convertidos as verdades que os ajudariam a crescer no Senhor.

O apóstolo tratava de cada cristão  *pessoalmente*. “Como pai a seus filhos” (1 Ts 2:11). Por mais ocupado que fosse, Paulo ainda tinha tempo para o aconselhamento pessoal dos membros da congregação. Não há nada de errado em os líderes da igreja se dirigirem a grupos maiores, mas dedicar tempo a encontros pessoais também é necessário. Apesar de pregar a grandes multidões, Jesus nunca estava ocupado demais para conversar com indivíduos. Por certo, se trata de um trabalho difícil e que exige muito do obreiro, mas também é um trabalho gratificante que glorifica a Deus.

Paulo  *exortava* os recém-convertidos. É o que um pai faz com os filhos, pois as crianças desanimam com facilidade. Os cristãos novos na fé precisam de alguém para exortá-los no Senhor. O termo “exortar” significa “chamar para junto de si, encorajar”. Não quer dizer que Paulo ralhava com eles, mas sim que os animava a prosseguir em sua jornada com o Senhor.

Certa vez, uma ouvinte de meu programa de rádio me escreveu agradecendo pelo encorajamento que havia recebido por meio de uma das mensagens do programa.

- Quando vamos à igreja - escreveu -, o pastor só nos acusa e repreende. Estamos cansados disso. É revigorante ouvir algumas palavras de estímulo!

Paulo também os  *consolava*. Esse termo tem a mesma conotação de “encorajamento”, mas com ênfase sobre a  *atividade*. Paulo não apenas os fazia sentir-se melhor, mas também estimulava neles um desejo de aprimorar-se em termos práticos. O pai não deve mimar o filho; antes, quando a criança falha, deve incentivá-la a tentar outra vez. O encorajamento cristão não deve ser uma anestesia que faz a pessoa dormir, mas sim um estimulante que a desperta para se esforçar mais.

Por fim, Paulo os  *admoestava*. Essa palavra significa que Paulo compartilhava com eles da própria experiência com o Senhor. Tem a conotação de testemunho pessoal. Por vezes, é preciso passar por dificuldades para ter a capacidade de compartilhar com os recém-convertidos o que o Senhor faz.

Deus “nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus” (2 Co 1:4).

Nós, pais, sabemos que nossos filhos (especialmente os adolescentes) não gostam de nos ouvir dizer: “Quando eu era criança...”. Mas se trata de uma parte importante da educação deles. É maravilhoso quando um “pai espiritual” pode encorajar e ajudar os “filhos” com as próprias experiências com o Senhor. “Vinde, filhos, e escutai-me; eu vos ensinarei o temor do SENHOR” (Sl 34:11).

Qual era o propósito desse ministério como pai dos cristãos? O objetivo do apóstolo era que seus filhos andassem “por modo digno de Deus” (1 Ts 2:12). Assim como um pai deseja se orgulhar dos filhos, também o Senhor deseja ser glorificado pela vida de seus filhos. “Fiquei sobremodo alegre em ter encontrado dentre os teus filhos os que andam na verdade” (2 Jo 4). Paulo ministrava de maneira tão pessoal pois os estava ensinando a andar.

Toda criança precisa aprender a andar e deve ter bons exemplos a seguir. Paulo os admoesta a andar “de modo digno do Senhor” (ver Cl 1:10 e Fp 1:27). Também devemos andar de modo “digno da vocação a que [fomos] chamados” (Ef 4:1). Deus nos chamou; somos salvos pela graça. Fazemos

parte de seu reino e de sua glória. Um dia, entraremos no reino eterno e participaremos de sua glória. Tal segurança deve governar nossa vida e criar em nós o desejo de agradecer ao Senhor.

O verbo em 1 Tessalonicenses 2:12 encontra-se no tempo presente: “que vos está chamando continuamente”. Deus nos chamou para a salvação (2 Ts 2:13, 14) e está sempre nos chamando para uma vida de santidade e obediência. “Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:15, 16).

Esta passagem é um excelente exemplo do acompanhamento aos recém-convertidos no Novo Testamento. Paulo mostrou como criar os bebês na fé. É preciso ser despenheiro fiel, mãe carinhosa e pai preocupado. Se não formos fiéis a Deus, poderemos nos tornar “mães e pais corujas” que só mimam os filhos. As crianças precisam tanto de amor quanto de disciplina. Na verdade, a disciplina é um sinal de amor.

Não é de se admirar que a igreja de Tessalônica estivesse prosperando apesar das perseguições e, ainda, compartilhando o evangelho com outros em um raio de vários quilômetros. Haviam nascido da maneira correta (1 Ts 1) e sido criados da maneira correta (1 Ts 2). Eis um bom exemplo a seguir.

## DORES DE CRESCIMENTO

### 1 TESSALONICENSES 2:13-20

Não era fácil ser cristão em Tessalônica, onde os convertidos enfrentavam perseguições e sofrimento. Sua situação explica a escolha de palavras de Paulo: “tribulações” (1 Ts 1:6; 3:3), aqui, um sinônimo de “aflições” ou de “pressões das circunstâncias”; “padecer” (1 Ts 2:14), o mesmo termo usado para os sofrimentos de Cristo; “perseguir” (1 Ts 2:15), ou seja, “expulsar e rejeitar”; “adversários” (1 Ts 2:15), uma palavra que se refere a ventos contrários que dificultam o avanço; e “barrar” (1 Ts 2:18), um verbo que retrata uma estrada precária e intransitável.

Mas mesmo em meio a esse sofrimento, os cristãos tessalonicenses experimentaram alegria. Receberam a Palavra ministrada por Paulo “em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo” (1 Ts 1:6). Sem dúvida, Paulo preocupava-se com os irmãos que passavam por aflições; mas o apóstolo também se alegrava (1 Ts 2:19, 20), pois essas lutas cumpriam a promessa de Cristo: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16:33).

Ao procurar ganhar os perdidos e glorificar ao Senhor, as igrejas sentem “dores de crescimento”. Podemos não experimentar perseguições políticas e religiosas como os primeiros cristãos (apesar de, em algumas partes do mundo, a perseguição ainda ser tão intensa hoje quanto era no tempo de Paulo). Mas se estivermos vivendo “piedosamente em Cristo” (2 Tm 3:12), sofreremos por amor a ele. Neste parágrafo, Paulo explica os recursos divinos a nosso dispor em tempos de sofrimento e de perseguição.

### 1. A PALAVRA DE DEUS DENTRO DE NÓS (1 Ts 2:13)

A igreja havia sido fundada sobre a Palavra de Deus (1 Ts 1:6), a mensagem do evangelho de Jesus Cristo. A mesma Palavra que traz a salvação capacita a viver para Cristo e a suportar o sofrimento por amor a ele. Paulo era grato porque os santos de Tessalônica apresentavam atitudes espirituais corretas com respeito à Palavra de Deus, que os ajudava a suportar o tempo de sofrimento.

**Apreciavam a Palavra.** Não a receberam como palavra de homens, mas sim como a Palavra de Deus. Não devemos jamais tratar a Bíblia como um livro qualquer, pois sua origem, seu caráter, seu conteúdo e seu preço são inteiramente distintos. A Bíblia é a Palavra de Deus. Foi inspirada pelo Espírito de Deus (2 Tm 3:16) e escrita por homens de Deus usados pelo Espírito (2 Pe 1:20, 21). A Palavra de Deus é santa, pura e perfeita (Sl 19:7-9). A Bíblia foi escrita a um alto preço, não só para seus autores, mas também para Jesus Cristo, que se tornou Homem para que recebêssemos a Palavra de Deus.

A maneira de um cristão tratar a Bíblia mostra a consideração que tem por Jesus Cristo. Ele é o Verbo vivo (Jo 1:1, 14), e a Bíblia é o verbo escrito; mas, *em sua essência*, os dois são a mesma coisa. Os dois são *pão* (Mt 4:4; Jo 6:48), *luz* (Sl 119:105; Jo 8:12) e *verdade* (Jo 14:6; 17:17). O Espírito Santo gerou Jesus Cristo por meio de uma mulher santa (Lc 1:35) e gerou a Bíblia por meio de homens santos (2 Pe 1:20, 21). Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus (Rm 1:25), e a Palavra de Deus permanecerá para sempre (Sl 119:89; 1 Pe 1:23, 25).

Pode ser preconceito pessoal, mas não gosto de ver uma Bíblia no chão nem debaixo de uma pilha de livros. Quando carrego vários livros com minha Bíblia, procuro me lembrar de colocar a Bíblia por cima de tudo. Quem dá o devido valor à Palavra inspirada de Deus revela essa apreciação na forma de tratar a Bíblia.

Você prefere a Bíblia aos *alimentos*? A Palavra de Deus é *pão* (Mt 4:4), *leite* e *carne* (Hb 5:11-14) e até *mel* (Sl 119:103). Maria escolheu a Palavra, enquanto Marta, sua

irmã, ocupou-se preparando uma refeição (Lc 10:38-42). Maria foi abençoada, enquanto Marta perdeu a vitória.

Você prefere a Palavra de Deus ao *dinheiro*? O servo de Deus que escreveu o Salmo 119 deixa claro que a Palavra de Deus era mais preciosa para ele do que “todas as riquezas” (Sl 119:14), do que “milhares de ouro ou de prata” (Sl 119:72), do que “ouro refinado” (Sl 119:127) e até do que “grandes despojos” (Sl 119:162).

Lembro-me de um jovem casal que procurei ajudar em uma das igrejas onde fui pastor. Tinham um filho adorável, mas não eram muito zelosos quanto à frequência aos cultos e à escola dominical. Em decorrência disso, o garotinho não recebia a educação cristã de que precisava. Ao visitar o casal, descobri o porquê: o pai desejava ganhar mais dinheiro, de modo que trabalhava aos domingos para receber horas extras. Não precisava trabalhar no Dia do Senhor, mas preferia o dinheiro à Palavra de Deus. Ganhou mais dinheiro, mas não conseguiu guardá-lo. O garotinho adoeceu, e o casal teve de gastar todas as suas economias para pagar os médicos.

Você prefere a Bíblia ao *sono*? “Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras” (Sl 119:148). Os judeus observavam três vigílias: a primeira, do pôr-do-sol às 22 horas; a segunda, das 22 horas às 2 da madrugada e a terceira, das 2 da madrugada até o nascer do sol. O salmista abria mão do sono três vezes durante a noite para poder passar tempo com a Palavra. Mas alguns cristãos sequer conseguem se levantar no domingo de manhã para estudar a Palavra.

A fim de receber vitória em meio ao sofrimento, é preciso dar o devido valor à Palavra. Existe, porém, outra atitude necessária para com a Bíblia.

**Apropriavam-se da Palavra.** Paulo usa duas palavras diferentes para “receber”: a primeira significa, simplesmente, “aceitar de outrem”, enquanto a segunda, “acolher”, significa “receber de bom grado, com alegria”. Uma se refere a “escutar com os ouvidos”, enquanto a outra se refere a “escutar com o

coração”. Os cristãos em Tessalônica não apenas *ouviram* a Palavra, mas também a *aceitaram* em seu ser interior e a *assimilaram* em sua vida.

Jesus advertiu o povo repetidamente sobre a forma errada de ouvir, e suas advertências continuam sendo necessárias. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 13:9). Em outras palavras: “certifiquem-se de que estão ouvindo”. Devemos usar bem todas as oportunidades que tivermos de ouvir a Palavra de Deus.

Mas Jesus dá outra advertência em Marcos 4:24: “Atentai *no que ouvís*” [grifos nossos]. Quantas vezes os cristãos ouvem a Palavra de Deus na escola dominical e na igreja, entram no carro, ligam o rádio e escutam programas que só contribuem para apagar as impressões deixadas pela Palavra.

Quando minha esposa e eu visitamos algumas igrejas na Grã-Bretanha, algo que chamou nossa atenção foi o fato de as pessoas se manterem assentadas depois da bênção final. Meditavam sobre a Palavra e deixavam que o Espírito lhes ministrasse. Trata-se de uma prática muito mais adequada do que sair apressadamente da igreja, contando piadas para os amigos.

A terceira advertência de Jesus encontra-se em Lucas 8:18: “Vede, pois, *como ouvís*” [grifo nosso]. Existem muitos ouvintes indiferentes, que não conseguem concentrar-se em ouvir os ensinamentos da Palavra de Deus. Essas pessoas têm “coceira nos ouvidos” e querem apenas entretenimento religioso (2 Tm 4:3). Alguns cristãos também são “tardios em ouvir” (Hb 5:11), preguiçosos demais para se concentrar e prestar atenção. Um dia desses, as igrejas se verão desnutridas por causa da falta “de ouvir as palavras do Senhor” (Am 8:11). Muitas congregações colocaram o entretenimento no lugar da pregação da Palavra de Deus, e muitas pessoas não acolhem mais a Palavra.

De que maneira nos apropriamos da Palavra? Ao compreendê-la e recebê-la no coração e ao meditar sobre ela, de modo a assimilá-la no ser interior. A meditação está para a vida espiritual como a digestão está para a vida física. Sem digerir os alimentos,

não é possível sobreviver. A meditação requer tempo, mas é a única maneira de apropriar-se da Palavra e de crescer.

**Aplicavam a Palavra.** Obedeciam às Escrituras pela fé, e a Palavra operava em sua vida. Não basta dar o devido valor às Escrituras ou mesmo apropriar-se delas. É preciso aplicá-las à vida tornando-se ouvintes e praticantes da Palavra (Tg 1:19-25).

A Palavra de Deus tem o poder de realizar a vontade de Deus. "Porque para Deus não haverá impossíveis" (Lc 1:37). Alguém disse bem que "Os mandamentos de Deus sempre vêm acompanhados da capacitação para lhes obedecer". Jesus ordenou a um aleijado que estendesse a mão - justamente o que ele não poderia fazer. Mas essa ordem lhe deu o poder de obedecer. Ele creu na palavra, obedeceu e foi curado (Mc 3:1-5). Quando cremos na Palavra de Deus e lhe obedecemos, o Senhor libera o poder - a energia divina - que opera em nossa vida de modo a cumprir seus propósitos.

A Palavra de Deus dentro do cristão é uma grande fonte de poder em tempos de tribulação e de sofrimento. Quem aprecia devidamente a Palavra (coração), apropria-se da Palavra (mente) e aplica a Palavra (volição), seu ser como um todo será controlado pela Palavra de Deus, e o Senhor lhe dará vitória.

## 2. O POVO DE DEUS AO REDOR (1 Ts 2:14-16)

Em meu trabalho pastoral, observo com frequência como os indivíduos aflitos tornam-se mais egocêntricos e pensam que são os únicos cristãos passando pela fornalha da provação. Todos passam por aflições humanas normais, como enfermidades, dores e tristeza, mas me refiro ao que sofremos *por ser cristãos*.

Talvez alguém tenha sido deserdado pela família por causa da fé; ou talvez tenha deixado de receber uma promoção no trabalho por ser cristão. Essas experiências nos afligem, mas não são exclusividade nossa. Outros cristãos passam pelas mesmas tribulações, e muitos, em outras partes do mundo, enfrentam dificuldades bem maiores.

Os santos de Tessalônica não apenas eram imitadores de Cristo e de Paulo (1 Ts 1:6), mas também se tornaram imitadores dos cristãos judeus em sua experiência de perseguição. Os cristãos da Judéia sofreram nas mãos dos judeus, enquanto os cristãos de Tessalônica sofreram nas mãos dos gentios. É preciso lembrar, porém, que mesmo essa perseguição gentia foi estimulada por judeus incrédulos (At 17:5, 13). Jesus prometeu que isso aconteceria (Jo 15:18-27).

Paulo demonstrava intolerância religiosa ao acusar os judeus de matar Jesus Cristo e de perseguir os cristãos? Não, estava apenas declarando um fato histórico. Em momento algum as Escrituras acusam *todos* os judeus de algo que apenas *alguns* deles fizeram em Jerusalém e na Judéia, quando Cristo foi crucificado e a igreja foi fundada. Os romanos também participaram do julgamento e da morte de Cristo, e, aliás, foram *nossos* pecados que o enviaram à cruz (Is 53:6). A fé cristã não tem lugar para o anti-semitismo. O próprio Paulo amava seus compatriotas judeus e fez todo o possível para ajudá-los (At 24:17; Rm 9:1-5).

Deus chamou Israel para ser uma bênção ao mundo inteiro (Gn 12:1-3; 22:18). Foi por meio de Israel que ele deu suas promessas e sua aliança, bem como sua Palavra; e foi por meio de Israel que Jesus Cristo, o Salvador, veio ao mundo. "A salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). Os primeiros cristãos eram judeus, como também o era Paulo, o maior missionário cristão.

Por que, então, os líderes de Israel rejeitaram Jesus Cristo oficialmente e perseguiram seus seguidores? *Ao fazê-lo, apenas repetiram os pecados de seus pais*. Seus antepassados haviam perseguido os profetas muito antes de Jesus Cristo vir ao mundo (Mt 5:10-12). Não conseguiam entender que sua Lei era uma preparação temporária para a Nova Aliança da graça de Deus. A rejeição da verdade de Deus era uma forma de protegerem suas tradições humanas (Mc 7:1-8). A parábola que Jesus conta em Lucas 20:9-19 explica a atitude pecaminosa desses indivíduos.

O mais triste era que Israel estava "enchendo a medida de seus pecados" (1 Ts 2:16)

e acumulando ira para o dia do julgamento. Essa imagem é usada em Gênesis 15:16, e Jesus a emprega em seu sermão contra os fariseus (Mt 23:32). Deus espera pacientemente enquanto os pecadores se rebelam contra ele e sua medida de pecados e de julgamento vai se enchendo. No devido tempo, a paciência de Deus se esgotará e sobrevirá o julgamento.

Em certo sentido, Israel já havia sido julgado; era um povo disperso, e sua nação na Palestina estava sob o domínio romano (ver Dt 28:15ss). Mas um julgamento ainda maior lhes sobreviria no ano 70 d.C., quando os exércitos romanos sitiariam Jerusalém, destruiriam a cidade e o templo e encerrariam o período da paciência de Deus com seu povo durante o ministério dos apóstolos (ver Mt 22:1-11). É uma triste verdade que os justos sofrem por causa dos pecados de ímpios.

Paulo encoraja os cristãos aflitos garantindo-lhes que suas experiências não eram novas nem isoladas. Outros cristãos haviam sofrido antes deles e também sofriam com eles. As igrejas da Judéia não foram exterminadas pelas aflições; antes, haviam sido purificadas e expandidas. Mas os perseguidores estavam enchendo a medida de ira acumulada sobre sua cabeça. Os santos foram totalmente salvos (Hb 7:25), mas a ira sobrevirá definitivamente sobre os pecadores (1 Ts 2:16).

Vemos aqui um dos grandes méritos da igreja local: é possível permanecer unidos em tempos de dificuldade e encorajar uns aos outros. Foi quando Elias isolou-se dos outros fiéis de Israel que ele desanimou e quis desistir. Um dos motivos pelos quais Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica foi para animar os cristãos de lá (1 Ts 3:1-4). Um santo solitário encontra-se extremamente vulnerável aos ataques de Satanás. Precisamos uns dos outros nas batalhas da vida.

### 3. A GLÓRIA DE DEUS DIANTE DE NÓS (1 Ts 2:17-20)

Paulo não se envergonha de declarar sua afeição pelos cristãos tessalonicenses. Sente como se houvesse sido "orfanado" (1 Ts 2:17), uma vez que era sua mãe e seu pai

espiritual (1 Ts 2:7, 11). Paulo quis ficar mais tempo em Tessalônica para ajudar a alicerçá-los na fé, mas o inimigo o expulsou de lá. Sua ausência, porém, era apenas física; em seu coração, ainda estava com eles (ver Fp 1:7).

Paulo esforçou-se ao máximo para voltar a Tessalônica, mas Satanás estava "destruindo a estrada e colocando obstáculos" (tradução literal de "nos barrou" em 1 Ts 2:18). Paulo sente o mesmo tipo de anseio profundo de estar com eles que Jesus sentiu de estar com seus discípulos antes de sua morte (Lc 22:15).

Mas o apóstolo não olha para trás nem se entrega à tristeza ou remorso. Antes, olha para frente e se regozija. Para o cristão, o melhor ainda está por vir. Paulo volta-se para o futuro e, pela fé, vê seus amigos na presença de Jesus Cristo na glória.

Em tempos de dificuldades e de tribulações, é importante olhar para o que há pela frente. Paulo vivia no tempo futuro bem como no presente. Suas ações eram governadas por aquilo que Deus ainda faria. Ele sabia que Jesus Cristo voltaria e que o recompensaria por seu ministério fiel; naquele dia, os santos de Tessalônica glorificariam a Deus e alegrariam o coração de Paulo. Como diz uma canção: "Tudo isso valerá a pena quando virmos Jesus".

O fato de que, um dia, compareceremos ao tribunal de Cristo deve nos motivar a permanecer firmes apesar das dificuldades. É necessário lembrar que o mais importante é a *fidelidade* (1 Co 4:2). No tribunal de Cristo, as obras serão julgadas e as recompensas serão concedidas (Rm 14:10-12; 1 Co 4:1-5; 2 Co 5:9, 10). Em suas cartas, Paulo costumava apresentar essas recompensas como *coroas*. O termo usado refere-se à "coroa de um vencedor" das competições esportivas, não à coroa de um rei. É a palavra *stephanos*, da qual vem o nome Estêvão.

Paulo não diz que ele receberia uma coroa, apesar de isso ficar subentendido. Antes, diz que os *próprios santos* serão sua coroa, quando ele os encontrar no tribunal de Cristo. Por certo, alguns cristãos da igreja não estavam vivendo como deveriam, e outros eram um fardo para Paulo. Mas quando

o apóstolo olhava adiante e os via na glória, eles alegravam seu coração.

Essa alegria de saudar os cristãos no céu é acompanhada de uma advertência solene: perderemos parte da alegria se chegarmos ao céu de mãos vazias. O cristão que não tentou de coração ganhar outros para Cristo não experimentará essa glória e felicidade, quando Jesus Cristo voltar. Não basta “[aguardarmos] dos céus o seu Filho” (1 Ts 1:10). Também é preciso dar testemunho de Deus e trabalhar para seu Filho, a fim de que, ao chegar ao céu, tenhamos troféus a apresentar para a glória de Deus. Há alegria e recompensa especiais reservadas aos que levam outros a Cristo (Dn 12:3).

Também há uma coroa para o cristão que disciplina o corpo e que o mantém controlado para a glória de Deus (1 Co 9:24-27). O domínio próprio é produzido pelo Espírito (Gl 5:23). Uma vez que o corpo é templo de Deus, deve-se ter o cuidado de não o profanar. O ato supremo de entrega do corpo a Deus é morrer por amor a ele, ato para o qual também há uma coroa reservada (Ap 2:10). Os que amarem a vinda de Cristo também receberão a “coroa da justiça” (2 Tm 4:8). O pastor fiel, por sua vez, receberá a “coroa da glória” (1 Pe 5:4).

Não se deve jamais considerar as recompensas futuras uma forma de se destacar dos demais santos. Como os anciãos descritos em Apocalipse 4:4 (uma imagem da Igreja glorificada), adoraremos ao Senhor e colocaremos nossas coroas a seus pés (Ap 4:10). Afinal, o trabalho foi feito pelo poder de Cristo e para sua glória, de modo que ele merece todo o louvor.

O fato de Deus haver prometido recompensas é uma demonstração de sua graça. Deus poderia exigir nossos serviços apenas com base em tudo o que ele fez por nós. Nossa motivação para lhe servir é o amor. Em sua graça, ele nos concede recompensas, a fim de que tenhamos algo a lhe oferecer.

Os cristãos de Tessalônica devem ter sentido grande ânimo ao ler esta carta. Passavam por perseguições e sofrimentos intensos, e talvez alguns deles estivessem se sentindo tentados a desistir.

Paulo enviou-lhes uma mensagem de estímulo: “Não desistam! Apropriem-se dos recursos espirituais que vocês possuem em Jesus Cristo. Vocês têm a Palavra de Deus dentro de vocês, o povo de Deus a seu redor e a glória de Deus diante de vocês. Não há motivo para desistir”.



## AGÜENTEM FIRME!

### 1 TESSALONICENSES 3:1-13

Antes de a criança aprender a andar, precisa aprender a ficar em pé e, normalmente, os pais a ensinam a fazer as duas coisas. Paulo era a mãe e o pai espiritual desses cristãos, mas havia sido obrigado a deixar Tessalônica. Como poderia, então, ajudar esses recém-convertidos a aprender a manter-se firmes em meio às tribulações da vida?

Nos dois primeiros capítulos, Paulo explica de que maneira a igreja nasceu e foi nutrida. Agora, trata do passo seguinte no processo de amadurecimento: como a igreja deve se manter firme em sua posição. A palavra-chave deste capítulo é *confirmar* (1 Ts 3:2, 13). A idéia central é expressada em 1 Tessalonicenses 3:8: "Porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor".

Paulo explica três ministérios que realizou, a fim de ajudar esses cristãos a se estabelecerem firmemente.

#### 1. ENVIU UM COLABORADOR (1 Ts 3:1-5)

Quando Paulo e seus amigos deixaram Tessalônica, foram ministrar a Palavra em Beréia, mas os agitadores de Tessalônica os seguiram e incitaram oposição. Paulo partiu para Atenas, enquanto Silas e Timóteo permaneceram em Beréia (ver At 17:10-15). Ao que parece, Timóteo foi ao encontro de Paulo em Atenas (observar o uso da primeira pessoa do plural em 1 Ts 3:1, 2), mas o apóstolo enviou-o de volta a Tessalônica, a fim de ajudar a jovem igreja que passava por tribulações. Vários fatores importantes contribuíram para essa decisão.

**A preocupação de Paulo (v. 1).** A expressão "pelo que", no início deste capítulo, se

refere a 1 Tessalonicenses 2:17-20, em que Paulo expressa seu grande amor pelos cristãos. Por causa desse amor ele não poderia abandoná-los em seu momento de necessidade espiritual. Paulo não era apenas um evangelista, mas também um pastor. Sabia que ganhar almas era apenas parte da missão que Deus havia lhe confiando. Os recém-convertidos de Tessalônica precisavam ser ensinados e firmados na fé.

Assim, Paulo escolheu ficar sozinho em Atenas, a fim de que Timóteo voltasse a Tessalônica e fortalecesse os santos de lá. Outra forma de traduzir "ficar", em 1 Tessalonicenses 3:1, é "ser deixado", com o sentido de "deixar entes queridos ao morrer". Em 1 Tessalonicenses 2:17, Paulo sente-se "orfanado" da presença de seus amigos de Tessalônica, e o termo grego também pode significar "destituído" ou "desolado". Paulo não era um "pastor mercenário" que abandonava as ovelhas quando surgia algum perigo (Jo 10:12, 13). Foi uma grande tristeza para ele ter de deixar esses recém-convertidos.

Trata-se de uma boa lição aos obreiros cristãos de hoje. Paulo amava tanto os cristãos de Tessalônica que teria arriscado a vida a fim de voltar para junto deles. Amava tanto os santos de Filipos que estava disposto a adiar sua partida para o céu, só para ter mais tempo de encorajá-los (Fp 1:22-26). Desejava entregar a si mesmo e a seus recursos por eles, como os pais que provêem a seus filhos amados. "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma" (2 Co 12:15).

**O caráter de Timóteo (v. 2).** Nem todo cristão está preparado para fortalecer na fé outros convertidos. O ideal seria que todo cristão mais maduro ajudasse irmãos e irmãs em Cristo a crescer e a se firmar nas próprias pernas. Infelizmente, alguns cristãos são como aqueles descritos em Hebreus 5:11-14. Regrediram em sua caminhada espiritual e se esqueceram das verdades básicas das Escrituras. Em vez de ensinarem a outros, eles próprios precisam ser ensinados novamente. Passam por uma segunda infância espiritual.

Timóteo era o homem ideal para ser enviado à igreja, a fim de ajudá-la a permanecer

firme. Timóteo e Tito eram os “agentes especiais” de Paulo, que os comissionava a igrejas problemáticas. O apóstolo enviou Timóteo a Corinto, a fim de ajudar a resolver os problemas naquela congregação (1 Co 16:10, 11). Também planejava enviar Timóteo para ajudar os santos em Filipos (Fp 2:19-23).

Que tipo de pessoa está apta para ajudar cristãos mais novos na fé a crescer no Senhor? Em primeiro lugar, *a própria pessoa deve ser cristã!*: “Enviamos nosso irmão Timóteo” (1 Ts 3:2). Não é possível conduzir outros a lugares por onde não passamos nem compartilhar o que não temos. Paulo havia levado Timóteo à fé em Cristo (1 Tm 1:2), de modo que ele era, verdadeiramente, um irmão.

Mas Timóteo também era um *ministro*. Trata-se simplesmente do termo grego para servo. Nossa palavra “diácono” vem desse termo. Timóteo não tinha medo de trabalhar. Havia se mostrado fiel em seu serviço junto com Paulo (Fp 2:22) e sabia ministrar às igrejas. Firmar recém-convertidos na fé não é uma tarefa simples. São pessoas com muitos problemas que, com freqüência, não crescem tão rapidamente quanto gostaríamos. Ensinar esses bebês na fé requer amor e paciência, duas qualidades que Timóteo possuía.

Timóteo era um bom *companheiro de equipe*: era um “cooperador”. Não tentava fazer tudo sozinho nem convencer as pessoas a segui-lo. Em primeiro lugar, era um cooperador de Deus. Era Deus quem operava em sua vida e por meio dela, a fim de realizar sua obra (ver 1 Co 3:9 e Fp 2:13).

Mas Timóteo também era um bom cooperador com outros cristãos. Obedeceu ao apóstolo Paulo e deixou Atenas para ir a Tessalônica, voltando a encontrar-se com ele em Corinto, dando-lhe notícias da igreja tessalônica. Não é de se admirar que o apóstolo tenha escrito sobre Timóteo: “Porque a ninguém tenho de igual sentimento que, sinceramente, cuide dos vossos interesses” (Fp 2:20).

**O conflito da igreja (vv. 3-5).** As aflições e tribulações que sofremos por ser cristãos são fatos previstos, não obra do acaso.

Devemos esperar “[padecer] por Cristo” (Fp 1:29). A perseguição não é algo estranho para o servo de Deus (1 Pe 4:12ss); antes, é parte normal da vida cristã. Paulo havia lhes dito isso repetidamente enquanto estava com eles. É preciso advertir os recém-convertidos de que as coisas não serão fáceis ao procurarem viver para Cristo; de outro modo, quando vierem as tribulações, esses bebês na fé se sentirão desanimados e derrotados.

Por certo, quem está por trás dessas perseguições é Satanás, o inimigo dos cristãos (1 Ts 3:5). Ele é o Tentador e aquele que procura destruir nossa fé (1 Ts 3:5-7, 10). Como um leão que ruge, Satanás ronda os cristãos; devemos “[resistir]-lhes firmes na fé” (1 Pe 5:8, 9). Quando Satanás tentou Eva, começou enfraquecendo sua fé em Deus: “É assim que Deus disse?” (Gn 3:1). Satanás engana como uma serpente (2 Co 11:3) e devora como um leão (1 Pe 5:8). Usa todos os meios possíveis para atacar o cristão e para debilitar sua fé em Deus.

O termo “inquietar”, em 1 Tessalonicenses 3:3, é interessante. Significa, literalmente, “sacudir a cauda, bajular”. A idéia é que o Inimigo, com freqüência, lisonjeia o cristão a fim de fazê-lo desviar-se. Satanás disse a Eva que, se ela comesse do fruto, seria como Deus, e ela se deixou enganar por sua lisonja. Satanás é mais perigoso quando bajula do que quando mostra sua ira.

Timóteo recebeu a incumbência de fortalecer esses cristãos e de encorajá-los (exortá-los) em sua fé. É a fé em Deus que nos mantém firmes quando o inimigo ataca. Sem fé em Deus, somos derrotados. “E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 Jo 5:4).

## 2. ESCREVEU-LHES UMA CARTA (1 Ts 3:6-8)

Timóteo encontrou-se com Paulo em Corinto (At 18:5) e lhe deu as boas-novas de que as coisas estavam indo bem em Tessalônica. A oração “trazendo-nos boas notícias” é o equivalente exato de “pregando as boas-novas do evangelho”. Para Paulo, receber as notícias transmitidas por Timóteo foi como ouvir o evangelho.

Timóteo relatou que os recém-convertidos estavam se mantendo firmes na fé apesar das perseguições. Não acreditaram nas mentiras que o inimigo havia lhes contado sobre Paulo; antes, continuavam a amá-lo e a tê-lo em alta consideração.

Em resposta às boas-novas, Paulo lhes escreveu esta carta. O apóstolo escreveu várias epístolas que não fazem parte do Novo Testamento (1 Co 5:9), mas as duas cartas à igreja tessalônica foram incluídas na Palavra inspirada de Deus.

Isso indica que a Palavra de Deus é um dos melhores instrumentos para firmar os recém-convertidos na fé. "Assim, pois, irmãos, permaneçam firmes e guardem as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa" (2 Ts 2:15). Quando Jesus foi tentado por Satanás, usou a Palavra de Deus para derrotá-lo (Mt 4:1-11). Paulo admoestou os cristãos em Éfeso a empunhar "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6:17) em sua batalha contra Satanás e seus ajudantes demoníacos.

A Bíblia é capaz de fortalecer, pois é inspirada por Deus (2 Tm 3:16). Não é apenas um livro que apresenta idéias religiosas ou bons conselhos morais; é a própria Palavra de Deus. É "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça". Alguém disse bem que: "a doutrina mostra o que é certo; a repreensão diz o que não está certo; a correção mostra como fazer o que é certo; e a instrução diz como nos manter no caminho certo".

A Primeira Epístola aos Tessalonicenses é repleta de doutrinas bíblicas. Todas as principais doutrinas da fé são mencionadas nesses capítulos curtos. Há dezenas de referências a Deus Pai e a Jesus Cristo, e pelo menos quatro referências ao Espírito Santo (1 Ts 1:5, 6; 4:8; 5:19). Nesta epístola, Paulo trata do pecado e da salvação, da doutrina da Igreja, do trabalho do ministério e, especialmente, da doutrina do fim dos tempos. Uma vez que Paulo não ficou muito tempo em Tessalônica, é admirável que tenha ensinado tanta coisa a seus convertidos.

R. W. Dale foi pastor da Igreja Congregacional de Carr's Lane na Inglaterra durante

quase cinqüenta anos. Iniciou uma série de sermões sobre as doutrinas bíblicas fundamentais, pois estava ciente de que seus membros não poderiam permanecer firmes na fé se não conhecessem as próprias convicções e o motivo de as possuírem. Nessa ocasião, outro pastor disse a Dale:

- Eles não vão aceitar...

Ao que ele respondeu:

-Terão de aceitar!

De fato, a congregação aceitou a instrução doutrinária e foi fortalecida.

Quando aceitei a Cristo, não era comum as igrejas terem cursos de acompanhamento para recém-convertidos como acontece hoje. Meu "curso de acompanhamento" foi uma série de estudos bíblicos sobre a Epístola aos Hebreus, ministrada por um leigo muito competente na própria sala de estar de sua casa. Mas o que aprendi firmou-me na Palavra e me fortaleceu na fé.

O conhecimento prático da Bíblia é essencial para o crescimento e para a estabilidade espiritual. A Palavra de Deus é *alimento* para nos nutrir (Mt 4:4), *luz* para nos conduzir (Sl 119:105) e uma *arma* para nos defender (Ef 6:17). "Assim diz o Senhor!": esse é nosso fundamento firme. Um dos motivos pelos quais Deus instituiu as igrejas locais foi para que os cristãos pudessem crescer na Palavra e, assim, ajudar outros a crescer (2 Tm 2:2; Ef 4:11-16).

Paulo enviou-lhes um colaborador que os firmou na Palavra. Também lhes escreveu uma carta tratando das doutrinas fundamentais da fé cristã. Mas o apóstolo ministrou-lhes ainda de outra forma.

### 3. OROU POR ELES (1 Ts 3:9-13)

A Palavra de Deus e a oração devem andar juntas. O profeta Samuel disse ao povo de Israel: "Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito" (1 Sm 12:23). Pedro disse: "e, quanto a nós [os apóstolos], nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra" (At 6:4). Paulo dá essa mesma ênfase: "Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e

dar herança entre todos os que são santificados" (At 20:32).

Como Jesus orou por seus discípulos, Paulo orou pelos cristãos tessalonicenses para que sua fé não vacilasse (Lc 22:31, 32). Ministrei durante várias semanas no Quênia e em Zaire e, ao voltar para casa, estava plenamente convicto de que, mais do que qualquer outra coisa, os missionários e igrejas nacionais precisam de *oração*. Não basta ensinar-lhes a verdade bíblica; também precisamos sustentá-los com nossas orações.

Paulo apresenta três pedidos específicos em sua oração. Primeiro, ora para que a *fé dos tessalonicenses amadureça* (1 Ts 3:10). Paulo pediu a Deus que lhe permitisse ministrar pessoalmente em Tessalônica, mas Deus não atendeu esse pedido. O apóstolo ansiava por vê-los novamente; ansiava por lhes ministrar e ajudar sua fé a amadurecer. O termo traduzido por "reparar" tem o sentido de "ajustar, equipar, prover". É usado até para se referir a alguém consertando redes de pesca (Mc 1:19). Nossa fé nunca atinge a perfeição; precisa sempre ser ajustada e aumentada. Vivemos "de fé em fé" (Rm 1:17).

Abraão é um excelente exemplo desse princípio. Deus o chamou para ir à terra de Canaã, e, quando o patriarca chegou, descobriu uma grande fome. Deus permitiu essa fome para que a fé de Abraão fosse testada. Infelizmente, Abraão foi reprovado e desceu ao Egito em busca de ajuda.

A cada passo do caminho, Deus permitiu que Abraão passasse por experiências que o obrigaram a confiar no Senhor e a crescer em sua fé. A fé é como um músculo: ela se fortalece com o uso. Abraão teve problemas com Ló, seu sobrinho mundano, e também com sua esposa e respectiva serva, Hagar. A maior prova à qual sua fé foi submetida se deu quando Deus pediu que Abraão sacrificasse seu filho amado, Isaque.

A fé que não pode ser provada não é digna de confiança. Deus não prova nossa fé para destruí-la, mas sim para desenvolvê-la. Se Abraão não tivesse aprendido a confiar em Deus durante o período de fome,

jamais teria aprendido a confiar nele em outras dificuldades. Paulo orou para que os cristãos aflitos em Tessalônica crescessem na fé, e Deus atendeu seu pedido. Em sua segunda carta, o apóstolo escreve: "Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira" (2 Ts 1:3).

O segundo pedido de Paulo é para que o *Senhor faça crescer o amor dos tessalonicenses* (1 Ts 3:12). Tempos de sofrimento podem alimentar o egoísmo. Pessoas perseguidas muitas vezes se tornam egocêntricas e exigentes. O que a vida faz conosco depende do que ela encontra em nós; a fornalha da aflição é o melhor instrumento para revelar o verdadeiro ser interior. Em tempos de provação, algumas pessoas constroem muros ao redor de si. Outras constroem pontes e se achegam ao Senhor e a seu povo. Foi isso o que Paulo pediu aos cristãos de Tessalônica, e Deus atendeu seu pedido: "O vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando" (2 Ts 1:3).

A fé progressiva em Deus deve redundar em amor crescente pelos outros. Somos "por Deus instruídos que [devemos amar-nos] uns aos outros" (1 Ts 4:9), e algumas dessas lições são ensinadas com mais eficácia na escola do sofrimento. José sofreu durante treze anos em decorrência da inveja e da perseguição de seus irmãos. No entanto, aprendeu a amá-los, apesar do ódio que sentiam por ele. Os legalistas judeus perseguiram Paulo de cidade em cidade, e, no entanto, Paulo amava seus compatriotas de tal modo que estava disposto a morrer por eles (Rm 9:1-3).

Quando aconselho jovens casais que se preparam para o casamento, costumo perguntar ao homem: "Se sua esposa se tornasse paraplégica três semanas depois do casamento, seu amor por ela seria suficiente para você ficar com ela e cuidar dela?" O verdadeiro amor aprofunda-se em tempos de dificuldade, enquanto o romance superficial desvanece quando surgem as provações.

Mas o verdadeiro amor cristão não é demonstrado apenas aos convertidos; é um amor "para com todos" (1 Ts 3:12). Amamos

uns aos outros, mas também amamos os perdidos e os inimigos. O amor abundante não pode ser contido. Deve ter liberdade de se expandir e de alcançar a todos.

Em terceiro lugar, Paulo ora pedindo *santidade de vida* (1 Ts 3:13). Mais uma vez, é a volta de Jesus Cristo que motiva o cristão a viver em santidade. A volta de nosso Senhor também é uma fonte de estabilidade para a vida cristã. Onde há estabilidade pode haver santidade; e onde há santidade há segurança. As duas coisas andam juntas.

Convém observar que as orações de Paulo por seus amigos não são descuidadas nem ocasionais. O apóstolo intercede por eles “noite e dia”; também ora “com máximo empenho”. No original, é usado o mesmo termo traduzido por “infinitamente mais” em Efésios 3:20. A verdadeira oração é um trabalho árduo. Epafras deve ter aprendido com Paulo a orar por seu povo: “se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus” (Cl 4:12).

Toda a Trindade faz parte dessa oração. Paulo dirige-se ao Pai e ao Filho em 1 Tessalonicenses 3:11. No versículo 12, “o Senhor” pode ser uma referência ao Espírito Santo, uma vez que “nosso Senhor Jesus”, no final de 1 Tessalonicenses 3:13, sem dúvida, se refere a Cristo. Se esse é o caso, tanto quanto sei, essa é a única oração do Novo Testamento dirigida ao Espírito Santo. O padrão bíblico da oração é ao Pai, por meio do Filho, no Espírito. Uma vez que o Espírito Santo é o Santificador do cristão, e que essa é uma oração pedindo santidade, é apropriado que o apóstolo se dirija ao Espírito.

Paulo terminou 1 Tessalonicenses 2 com uma referência ao lugar dos santos na volta de Cristo e encerra esse capítulo da mesma forma. Ora para que os convertidos se apresentem irrepreensíveis e santos diante de Deus na volta de Cristo. Uma vez que todos os cristãos serão transformados de modo a se tornarem semelhantes a Cristo quando ele voltar (1 Jo 3:2), Paulo não pode estar se referindo a nossa condição pessoal no céu. Antes, está falando da vida dos santos aqui na Terra, a qual será examinada no tribunal de Cristo. Em momento algum seremos confrontados com nossos pecados no céu, pois não são mais lembrados (Rm 8:1; Hb 10:14-18). Mas nossas obras serão provadas, e é impossível separar a conduta do caráter.

A oração de Paulo ensina a interceder não apenas pelos recém-convertidos, mas também por todos os cristãos. Devemos pedir que sua fé amadureça, que seu amor cresça e que seu caráter e conduta sejam santos e irrepreensíveis diante de Deus. “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3).

Ao recapitular 1 Tessalonicenses 3, observa-se como é importante cuidar dos cristãos novos na fé. Não basta levar alguém a Cristo. Também se deve conduzir a pessoa ao longo da vida cristã e ajudá-la a se firmar. Se o recém-convertido não estiver firme na fé, será derrubado quando soprarem os ventos da perseguição. Se não conseguir permanecer em pé, não será capaz de aprender a andar.

O que fazer, então? Animá-lo e ficar ao lado dele até que amadureça. Podemos compartilhar a Palavra de Deus e orar. Foi isso que Paulo fez – e funcionou!

## COMO AGRADAR AO PAI

### 1 TESSALONICENSES 4:1-12

Hoje em dia, a caminhada está se tornando uma forma cada vez mais comum de exercício e de esporte ao ar livre. Não é raro vermos pessoas sozinhas, famílias e grupos caminhando em parques, bosques e trilhas à beira de estradas.

A vida cristã pode ser comparada a uma caminhada. Na verdade, esta é uma das imagens prediletas de Paulo: “Que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Ef 4:1); “Que não mais andeis como também andam os gentios” (Ef 4:17); “Andai em amor” (Ef 5:2); “Andai como filhos da luz” (Ef 5:8).

A vida cristã começa com um passo de fé. Mas esse passo conduz a uma caminhada de fé, “visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Co 5:7). O conceito de caminhada indica progresso, e devemos progredir na vida cristã (Fp 3:13-16; Hb 6:1). Caminhar também requer força, e Deus prometeu: “Eu te fortaleço e te ajudo, e te sustento com minha destra fiel” (Is 41:10).

Mas é preciso certificar-se de estar “andando na luz”, pois o inimigo coloca armadilhas e desvios no caminho para nos pegar (1 Jo 1:5-7). É evidente que, no final da jornada desta vida, entraremos na presença do Senhor. “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gn 5:24).

Paulo descreve três maneiras segundo as quais o cristão deve andar:

#### 1. ANDAR EM SANTIDADE (1 Ts 4:1-8)

O ambiente moral do império romano não era nada salutar. A imoralidade era um modo de vida, e, graças ao trabalho dos escravos, as pessoas livres tinham tempo de sobra para

se entregar aos prazeres da moda. A mensagem cristã falando da vida de santidade era algo inédito nessa cultura, e não era fácil aos recém-convertidos lutar contra as tentações a seu redor. Paulo apresenta quatro motivos pelos quais deveriam viver em santidade e não se entregar à sensualidade.

**Para agradar a Deus (v. 1).** Todo mundo vive para agradar a alguém. Muitas pessoas vivem para agradar a si mesmas e não têm sensibilidade alguma para com as necessidades dos outros. Nas palavras de William Hazlitt: “A essência de uma jornada é a mais perfeita liberdade de pensar, sentir, fazer o que for mais apazível”. Esse conselho pode funcionar quando estamos em férias, mas não se aplica de maneira alguma à vida diária. Como cristãos, não dá para viver agradando somente a nós mesmos (Rm 15:1).

Também é preciso ter cuidado no que se refere a agradar aos outros. É possível agradar aos outros e honrar a Deus, mas também é possível desonrar a Deus. “Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1:10). Essa foi a atitude de Paulo ao ministrar em Tessalônica. “Assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração” (1 Ts 2:4).

Agradar a Deus deve ser a principal motivação da vida cristã. Os filhos devem viver de modo a agradar ao pai. O Espírito Santo opera em nossa vida efetuando “tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2:13). Enoque andou com Deus, e, antes de Deus o levar para o céu, Enoque “obteve testemunho de haver agradado a Deus” (Hb 11:5). Jesus disse: “Eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29).

Agradar a Deus significa muito mais do que simplesmente fazer a vontade de Deus. É possível obedecer a Deus e, ainda assim, não lhe agradar. Jonas é um exemplo disso. Ele obedeceu às ordens de Deus, mas não o fez de coração. Deus abençoou sua Palavra, mas não pôde abençoar seu servo. Assim, Jonas assentou-se do lado de fora de Nínive, zangado com todos, inclusive com o Senhor! Nossa obediência deve ser: “não servindo à vista, como para agradar a homens,

mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus" (Ef 6:6).

Como saber o que agrada a Deus? Da mesma forma que descobrimos o que agrada a nosso pai humano: ouvindo-o e convivendo com ele. Ao ler a Palavra e ter comunhão por meio da adoração e do serviço, conhecemos mais do coração de Deus, o que, por sua vez, nos mostra a vontade de Deus.

**Para obedecer a Deus (vv. 2, 3).** Ao ministrar em Tessalônica, Paulo transmitiu aos cristãos as instruções de Deus com referência à pureza pessoal. O termo traduzido aqui por "instruções" faz parte do vocabulário militar e se refere a ordens dadas por oficiais superiores. Somos soldados do exército de Deus e devemos obedecer a suas ordens. "Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou" (2 Tm 2:4).

Em 1 Tessalonicenses 4:3, Paulo lembra esses recém-convertidos de que a imoralidade sexual não é agradável a Deus. Foi Deus quem criou o sexo e ele tem a autoridade para determinar seu uso. Desde o princípio, ele instituiu o casamento como união sagrada entre um homem e uma mulher. Deus criou o sexo tanto para a continuidade da raça humana quanto para o prazer dos cônjuges. "Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula" (Hb 13:4). As instruções de Deus com referência ao sexo não têm como objetivo privar as pessoas da alegria, mas sim protegê-las de modo a que não percam a alegria. "Não adulterarás" é um mandamento que levanta um muro ao redor do casamento, não para torná-lo uma prisão, mas sim um jardim belo e seguro.

Não precisamos buscar a vontade de Deus quanto a essa questão, pois ele já a expressou claramente. Sua ordem é "que vos abstenhais da prostituição", e não há teologia liberal ou filosofia moderna que possa mudar essa injunção. Ao longo de toda a Bíblia, Deus adverte sobre o pecado sexual, e devemos dar ouvidos a essas advertências. O propósito de Deus é a *nostra santificação*, para que possamos levar uma vida separada de pureza mental e física.

**Para glorificar a Deus (vv. 4, 5).** Trata-se do lado positivo do mandamento de Deus. Os cristãos devem ser diferentes dos incrédulos. Os gentios (não salvos) não conhecem a Deus; logo, vivem na iniquidade. Mas nós conhecemos a Deus e temos o dever de glorificá-lo neste mundo. "Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição" (1 Ts 4:3).

A expressão "Saiba possuir o próprio corpo", em 1 Tessalonicenses 4:4, é clara, pois o corpo é um vaso de Deus (ver 2 Co 4:7; 2 Tm 2:20, 21). Mas também pode significar "aprenda a viver com a própria esposa", pois a esposa e o marido são uma só carne, e a esposa é "como parte mais frágil" (1 Pe 3:7). Prefiro a primeira interpretação, pois Paulo está escrevendo a *todos* os cristãos, não apenas aos casados. O cristão que comete um pecado sexual peca contra o próprio corpo (1 Co 6:19, 20) e priva Deus da glória que ele deveria receber por meio da vida do cristão.

Isso explica o rigor das exigências que Deus impõe aos líderes espirituais (1 Tm 3). Se eles não são capazes de governar o próprio lar, como poderão liderar a igreja? Se glorificarmos a Deus com nosso corpo, será possível glorificá-lo também com o corpo que é a igreja.

**Para ser poupado do julgamento de Deus (vv. 6-8).** Deus não faz acepção de pessoas; deve disciplinar seus filhos quando pecam (Cl 3:23-25). Uma senhora da igreja criticou o pastor porque ele pregava contra o pecado na vida dos santos.

– Afinal – disse a senhora –, o pecado na vida do cristão é diferente do pecado na vida do incrédulo.

– Sem dúvida – respondeu o pastor. – É bem *pior!*

Apesar de ser verdade que o cristão não se encontra mais sob condenação (Jo 5:24; Rm 8:1), também é verdade que não estamos isentos de colher o que semeamos na carne (Gl 6:7, 8). Quando o rei Davi cometeu adultério, tentou encobrir seu pecado, mas Deus o disciplinou com severidade (nos Salmos 32 e 51, vemos o que ele perdeu durante esses meses). Quando Davi confessou seu

pecado, Deus o perdoou; *mas Deus não mudou as conseqüências*. Davi colheu o que semeou e passou por experiências dolorosas.

Um cristão pode querer argumentar que é um eleito de Deus, que pertence ao Senhor e que ele não pode rejeitá-lo. A eleição não é uma desculpa para pecar, mas sim um estímulo para viver em santidade. "Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação" (1 Ts 4:7). "Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos" (1 Pe 1:15). O privilégio da eleição também envolve a responsabilidade da obediência (Dt 7:6, 11).

Andar em santidade inclui ter um relacionamento correto com Deus Pai (que nos chamou), Deus Filho (que morreu por nós) e Deus Espírito Santo (que habita em nós). É a presença do Espírito Santo que transforma nosso corpo em templo de Deus (1 Co 6:19, 20). Além disso, ao andar em Espírito, obtém-se vitória contra as concupiscências da carne (Gl 5:16ss). Desprezar as instruções de Deus é o mesmo que atrair sobre si o julgamento de Deus e entristecer o Espírito de Deus.

De que maneira o Espírito de Deus nos ajuda a viver com integridade, livres da impureza sexual? Em primeiro lugar, ele cria em nós desejos santos que nos levam a ansiar pela Palavra de Deus (1 Pe 2:1-3), não pelos refugos contaminados da carne (Rm 13:12-14). Também nos ensina a Palavra e nos ajuda a lembrar das promessas de Deus em momentos de tentação (Jo 14:26; Ef 6:17). Ao nos entregarmos ao Espírito, ele nos dá poder para que andemos em santidade e não nos desviemos pelos caminhos das concupiscências do mundo e da carne. O fruto do Espírito sobrepuja as obras da carne (Gl 5:16-26).

Paulo dedicou um bocado de espaço a esse tema da pureza sexual, pois era um problema crítico na Igreja daquela época. *E continua sendo uma questão crítica na Igreja hoje*. Muita gente não considera mais os votos matrimoniais sagrados, e o divórcio (mesmo no meio dos cristãos) não é mais governado pela Palavra de Deus. Existem

"igrejas gays", onde homossexuais "amam uns aos outros" e afirmam ser cristãos. O sexo antes do casamento e a pornografia são práticas aceitas em vários meios religiosos. E, no entanto, Deus diz que devemos andar em santidade.

## 2. ANDAR EM HARMONIA (1 Ts 4:9, 10)

A transição da *santidade* para o *amor* é natural. Paulo faz essa transição na oração registrada em 1 Tessalonicenses 3:11-13. Assim como o amor de Deus é santo, nosso amor por Deus e pelos outros também deve nos motivar a viver em santidade. Quanto mais vivermos de maneira semelhante a Cristo, mais amaremos uns aos outros. O cristão que verdadeiramente ama o irmão não peca contra ele (1 Ts 4:6).

A língua grega tem quatro termos básicos para "amor". *Eros* refere-se ao amor físico e dá origem à palavra *erótico*. O amor *eros* não é, necessariamente, pecaminoso, mas no tempo de Paulo, a ênfase era sensual. Esse termo não é usado em parte alguma do Novo Testamento. Outra palavra, *storge* (pronuncia-se STOR-guei), refere-se ao amor da família, o amor dos pais pelos filhos. Esse termo também não aparece no Novo Testamento, apesar de uma palavra relacionada a ele ser traduzida por "amor fraternal" em Romanos 12:10.

As duas palavras mais usadas para amor são *philia* e *ágape*. O amor *philia* é o amor da profunda afeição, manifesto em uma amizade ou no casamento. Mas o amor *ágape* é o amor que Deus demonstra para conosco. Não é um amor baseado apenas em sentimentos, mas sim expresso na volição. O amor *ágape* trata os outros da maneira como Deus os trataria, a despeito dos sentimentos ou das preferências pessoais.

O termo *filadélfia* é traduzido por "amor fraternal". Uma vez que nós, cristãos, pertencemos à mesma família e temos o mesmo Pai, devemos amar uns aos outros. Aliás, Paulo diz: "vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros". Deus Pai nos ensinou a amar uns aos outros quando entregou Cristo para morrer por nós na cruz. "Nós amamos porque ele nos



amou primeiro" (1 Jo 4:19). Deus Filho nos ensinou a amar uns aos outros quando disse: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34). E o Espírito Santo nos ensinou a amar uns aos outros derramando o amor de Deus em nosso coração (Rm 5:5), quando aceitamos a Cristo.

É possível observar que os animais fazem *instintivamente* o que precisam para sobreviver. Os peixes não fazem curso de natação, apesar de acompanharem o curso dos rios, e, por natureza, as aves abrem e batem as asas para voar. É a *natureza* que determina a ação. O peixe nada porque tem a natureza de peixe; o falcão voa porque tem a natureza de falcão. E o cristão ama porque tem a natureza de Deus (2 Pe 1:4), e "Deus é amor" (1 Jo 4:8).

Desde o princípio, os cristãos tessalonicenses se distinguiram por sua fé, esperança e amor (1 Ts 1:3). Timóteo relatou as boas-novas de seu amor (1 Ts 3:6), de modo que Paulo não os está exortando a adquirir algo que já não possuem. Antes, os encoraja a ter mais de algo que já desfrutam. É impossível ter amor cristão demais. Paulo orou pedindo: "O Senhor vos faça crescer e aumentar no amor" (1 Ts 3:12); e Deus atendeu seu pedido (ver 2 Ts 1:3).

De que maneira Deus faz nosso amor "crescer e aumentar"? Colocando-nos em circunstâncias que nos obrigam a praticar o amor cristão. O amor é o "sistema circulatório" do corpo de Cristo, mas se nossos músculos não são exercitados, a circulação é prejudicada. As dificuldades que nós, cristãos, temos *uns com os outros* são oportunidades de crescermos em amor. Isso explica por que os cristãos que tiveram mais problemas entre si muitas vezes são os que, para espanto do mundo, têm amor mais profundo uns pelos outros.

### 3. ANDAR EM DIGNIDADE (1 Ts 4:11, 12)

A palavra traduzida por "dignidade", em 1 Tessalonicenses 4:12, se refere a algo "apropriado, conveniente". Em 1 Coríntios 14:40, é traduzida por "com decência": "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem". A ênfase é sobre o testemunho do cristão aos

que são de fora da igreja. "Os de fora" é uma designação comum para os incrédulos.

Os cristãos não têm obrigação apenas de amar uns aos outros, mas também de dar bom testemunho às pessoas do mundo. A grande preocupação de Paulo era que os cristãos tessalonicenses trabalhassem honestamente por seu salário e não se tornassem aproveitadores, dependendo do sustento de incrédulos. A declaração: "E a diligenciardes por viver tranqüilamente" (1 Ts 4:11) parece um paradoxo; se formos diligentes, é bem provável que não tenhamos uma vida tranqüila. Mas a ênfase é sobre a tranqüilidade da mente e do coração, a paz interior que permite ao indivíduo ser adequado por meio da fé em Cristo. Paulo não desejava que os santos corressem de um lado para o outro criando problemas ao ganhar seu pão de cada dia.

A maioria dos gregos desprezava o trabalho manual. Quase todo o trabalho desse tipo era feito por escravos. Sabemos que Paulo fazia tendas e, quando estava em Tessalônica, fez questão de dar o exemplo de trabalho árduo (ver 1 Ts 2:6; 2 Ts 3:6ss). Infelizmente, alguns recém-convertidos na igreja interpretaram incorretamente a doutrina da volta de Cristo e deixaram de trabalhar, a fim de esperar pela vinda do Senhor. Por causa disso, eram sustentados por outros cristãos, que talvez nem possuíssem recursos suficientes para a própria família. Esses fanáticos também não podiam pagar suas contas e, portanto, perderam o testemunho junto aos comerciantes incrédulos.

- Minha esposa vai fazer uma cirurgia plástica - um homem comentou com seu amigo. - Vou suspender todos os cartões de crédito dela!

Como é fácil comprar coisas de que não precisamos com dinheiro que não temos e perder não apenas o crédito, mas também o testemunho como cristãos! "Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas [dinheiro] de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?" (Lc 16:11). As igrejas e os cristãos que defendem a ortodoxia mas não pagam as contas não têm qualquer ortodoxia a defender.

“Esforcem-se para... cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos” (1 Ts 4:11; NVI), foi o que o apóstolo ordenou aos tessalonicenses. Os ociosos passam o tempo interferindo nos assuntos de outros e metendo a si mesmos e a outros em apuros. “Pois, de fato, estamos informados de que, entre vós, há pessoas que andam desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia” (2 Ts 3:11). “Não sofra, porém, nenhum de vós [...] como quem se intromete em negócios de outrem” (1 Pe 4:15).

Os cristãos ocupados com os negócios do Pai (Lc 2:49) não têm tempo de se meter nos assuntos dos outros. Infelizmente, até mesmo um grupo de estudo bíblico pode ser uma oportunidade de fazer fofocas (“compartilhar para que o outro possa orar mais especificamente pelo assunto”), substituindo o verdadeiro serviço cristão.

Como cristãos, devemos atentar para nosso relacionamento “com os de fora”. Precisamos de graça e de sabedoria para manter o contato sem nos deixar influenciar e para ser diferentes sem nos tornar condenatórios e orgulhosos. “Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora” (Cl 4:5).

Se não tivermos tal sabedoria espiritual, faremos mais mal do que bem.

Há vários excelentes motivos para os cristãos trabalharem, sendo um dos mais importantes prover para sua família (1 Tm 5:8). Por que os cristãos deveriam ser dispensados de trabalhar, se os incrédulos têm empregos para pagar as contas? Também trabalhamos a fim de ter algo para dar aos necessitados (Ef 4:28); mas, “se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2 Ts 3:10). O trabalho não é maldição, mas sim bênção. Deus incumbiu Adão de realizar certas tarefas no jardim do Éden. A maldição refere-se à fadiga e ao suor, não ao trabalho em si (Gn 2:15 e 3:17ss).

Ao recapitular esta seção, vê-se como a vida cristã é extremamente prática. O cristão obediente andar *em santidade*, abstenendo-se dos pecados sexuais; também andar *em harmonia*, amando os irmãos em Cristo; e *em dignidade*, trabalhando com suas mãos e não se intrometendo em assuntos alheios. Quando os incrédulos virem Cristo ser engrandecido em uma vida assim, expressarão sua oposição invejosa ou seu desejo de ter uma vida semelhante. De qualquer modo, Deus é glorificado.

# O CONSOLO DE SUA VINDA

## 1 TESSALONICENSES 4:13-18

O mundo pagão do tempo de Paulo não tinha esperança alguma de vida depois da morte. Uma inscrição típica encontrada em um túmulo demonstra esse fato:

Eu não existia.  
Vim a existir.  
Não existo.  
Não me importo.

Apesar de alguns filósofos, como Sócrates, terem procurado provar a existência de felicidade depois da morte, o mundo pagão não tinha coisa alguma que lhe servisse de garantia.

Os cristãos em Tessalônica estavam preocupados com seus entes queridos que haviam falecido. E se o Senhor voltasse? O que seria feito dessas pessoas? Estariam, de algum modo, em situação de desvantagem? Os que estiverem vivos quando Cristo voltar terão algum privilégio em relação aos cristãos que faleceram? Neste parágrafo, Paulo responde a essas perguntas e baseia seu encorajamento e consolo em cinco fatos fundamentais.

### 1. REVELAÇÃO: TEMOS A VERDADE DE DEUS (1 Ts 4:13, 15A)

De que maneira o ser humano mortal pode transcender o túmulo e encontrar segurança e paz para o próprio coração? Desde os tempos do Antigo Testamento até hoje, a humanidade tem procurado resolver o enigma da morte e da vida no além. Os filósofos esforçam-se para encontrar uma resposta. Os espíritas tentam comunicar-se com os que se encontram no além.

No mundo moderno, os cientistas investigam as experiências de pessoas que afirmam ter morrido e voltado a viver. Também estudam fenômenos inexplicáveis, na esperança de encontrar uma pista para o mistério da vida depois da morte.

Paulo resolve o problema ao escrever: "Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor" (1 Ts 4:15). Nós, cristãos, não precisamos ficar imaginando como é a vida depois da morte, pois temos a revelação de Deus em sua Palavra. Por que colocar especulações humanas no lugar da revelação divina?

É importante observar que a revelação com respeito à morte e à vida no além não foi dada de uma só vez. Muitas seitas usam versículos dos livros de Salmos e Eclesiastes como "provas" para suas doutrinas falsas. A impressão é que esses versículos ensinam que o túmulo é o fim, ou que a alma "dorme" até o momento da ressurreição. Não podemos esquecer que a revelação de Deus foi *gradativa* e *progressiva* e que culminou na vinda de Cristo, "o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2 Tm 1:10). Ao buscar uma revelação completa sobre o assunto, é preciso voltar-se para o Novo Testamento.

Deus deu a Paulo uma revelação especial com respeito à ressurreição e à volta de Cristo (ver 1 Co 15:51-54). Os ensinamentos de Paulo conferem com os ensinamentos de Jesus a esse respeito (Jo 5:24-29; 11:21-27). Além disso, a revelação é baseada no fato histórico da ressurreição de Cristo. Uma vez que nosso Salvador conquistou a morte, não é preciso temer a morte nem o futuro (1 Co 15:12ss). A autoridade da Palavra de Deus nos dá a segurança e o consolo de que precisamos.

### 2. REGRESSO: CRISTO VAI VOLTAR (1 Ts 4:14, 15)

Observamos anteriormente que as epístolas aos Tessalonicenses enfatizam a volta de Cristo. Paulo relaciona a volta de Cristo à salvação (1 Ts 1:9, 10), ao serviço (1 Ts 2:19, 20) e à estabilidade (1 Ts 3:11-13). Neste

parágrafo, ele a relaciona à tristeza e mostra de que maneira a doutrina da volta de Cristo pode ser um consolo para os aflitos.

O apóstolo usa o verbo “dormir” para se referir aos cristãos que faleceram. Jesus usou essa mesma expressão (Jo 11:11-13). Paulo faz questão de afirmar que Jesus “morreu”; o termo “dormir” não se aplica a sua experiência. É por causa da morte de Cristo que não precisamos temer a morte.

Paulo, porém, não diz que a *alma* dorme quando morremos. Deixa claro que a alma do cristão vai para junto do Senhor: “assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem” (1 Ts 4:14). Não poderá trazê-los em sua companhia se não estiverem com ele. Não é a alma que dorme, mas sim o *corpo*. A definição bíblica da morte pode ser encontrada em Tiago 2:26: “Porque, assim como o corpo sem espírito é morto [...]”. Na morte, o espírito deixa o corpo que, por sua vez, adormece e deixa de funcionar. Se a pessoa aceitou a Cristo como Salvador, a alma-espírito vai para junto do Senhor. “[...] deixar o corpo e habitar com o Senhor” (2 Co 5:8).

A realidade da volta de Cristo é um consolo em meio à tristeza da perda de um ente querido, pois sabemos que ele trará consigo os que morreram “em Cristo”. Lembro-me de dizer a um amigo:

– Soube que você perdeu sua esposa. Minhas condolências.

– Eu não a perdi – ele respondeu. – Não podemos dizer que perdemos algo quando sabemos onde está, e *eu sei onde minha esposa está!*

Pela autoridade da Palavra de Deus, sabemos o que acontecerá: um dia, Jesus Cristo voltará e trará seu povo consigo.

Ninguém sabe quando isso acontecerá, e é errado determinar datas. O fato de Paulo conjugar o verbo na primeira pessoa do plural, em 1 Tessalonicenses 4:15, 17, indica que esperava estar vivo quando o Senhor voltasse. Os teólogos chamam esse conceito de doutrina da volta iminente de Cristo. O adjetivo “iminente” caracteriza algo que pode ocorrer a qualquer momento. Como cristãos, não procuramos sinais e sabemos

que não será preciso ocorrer algo especial antes de Cristo voltar. Esses grandes acontecimentos se darão “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1 Co 15:52).

Jesus Cristo voltará “nos ares”, onde nos encontraremos com ele (1 Ts 4:17). Milhões de pessoas desaparecerão repentinamente! Os funcionários do acampamento de uma igreja fizeram uma simulação detalhada de um “arrebatamento”, enquanto o diretor do local estava fora. Quando ele voltou, todos haviam desaparecido, havia roupas no chão, como se as pessoas tivessem passado por elas, um barco motorizado vazio movia-se em círculos pelo lago, e tudo funcionando na cozinha sem ninguém por perto. Um telefonema feito da cidade no momento exato (“O que está acontecendo? Todo mundo sumiu daqui!”) deu ainda mais realidade à simulação. “Devo admitir que, por um instante, fiquei abalado”, disse o diretor. Podemos imaginar o impacto que esse acontecimento terá sobre o mundo perdido!

### 3. RESSURREIÇÃO: OS CRISTÃOS MORTOS VOLTARÃO À VIDA (1 Ts 4:15, 16)

Quando Paulo pregou a doutrina da ressurreição aos filósofos atenienses, quase todos zombaram dele (At 17:32). A grande esperança dos gregos era justamente *livrar-se do corpo*. Por que alguém desejaria que seu corpo fosse ressuscitado? Além disso, como seria possível ressuscitar o corpo, uma vez que seus elementos estariam decompostos e misturados com a terra? Para eles, a doutrina da ressurreição era absurda e impossível.

Quando Jesus Cristo voltar nos ares, dará “a sua palavra de ordem [...] e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Ts 4:16). Isso não significa que ele reconstituirá os elementos do corpo, pois a ressurreição não é uma “reconstrução”. Paulo trata da ressurreição em 1 Coríntios 15:35ss. Compara a ressurreição do corpo humano à planta que nasce de uma semente. A flor não é idêntica à semente plantada, e, no entanto, há uma relação de continuidade entre as duas. Os cristãos receberão um corpo glorificado como o corpo glorificado de Cristo (Fp 3:20, 21; 1 Co 15:47-58). O corpo morto é a “semente”

plantada no solo, e o corpo da ressurreição é a "flor" que nasce dessa semente.

Passagens como João 5:28, 29 e Apocalipse 20:1-6 indicam que haverá *duas* ressurreições. Quando Jesus Cristo voltar nos ares, chamará para si somente os salvos pela fé nele. Essa é a "primeira ressurreição" ou a "ressurreição da vida". No fim dos tempos, pouco antes de Deus criar os novos céus e a nova terra, haverá outra ressurreição, chamada de "segunda ressurreição" ou "ressurreição do julgamento". Creio que entre esses dois acontecimentos ocorrerá a Tribulação na Terra e o reino milenar.

No tempo de Paulo, os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos, mas os saduceus não (At 23:8). Jesus ensinou a doutrina da ressurreição e calou os saduceus (Mt 22:23-33). As Escrituras do Antigo Testamento também ensinam esse preceito (Jó 14:13-15; 19:23-27; Sl 16:9-11; Dn 12:2). O fato de Jesus haver ressuscitado dentre os mortos prova a existência da ressurreição.

Três sons peculiares farão parte desse acontecimento: o brado de Cristo, o som da trombeta e a voz do arcanjo. Jesus Cristo dará uma "palavra de ordem", como fez do lado de fora do túmulo de Lázaro (Jo 11:43). "Os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão" (Jo 5:28).

Em 1 Coríntios 15:52, sua volta também é relacionada ao som da trombeta. As trombetas eram um instrumento bastante conhecido no meio do povo de Israel; serviam para declarar guerra e anunciar ocasiões e épocas especiais, e também para reunir o povo para viajar (ver Nm 10). No império romano, as trombetas eram usadas para anunciar a chegada de uma pessoa importante. Quando Deus entregou a Lei a Israel, esse acontecimento foi precedido do toque de uma trombeta (Êx 19:18-20).

O que vem a ser a "voz do arcanjo"? O único arcanjo mencionado na Bíblia é Miguel (Jd 9). Ao que parece, ele ministrava de maneira especial a Israel (Dn 10:21; Ap 12:7). De acordo com Daniel 10:13, há mais de um arcanjo, de modo que não sabemos ao certo se essa será a voz de Miguel. De qualquer modo, as hostes angelicais

participarão do brado de vitória quando Cristo voltar.

A doutrina cristã da ressurreição garante que a morte não é o fim. A sepultura não é o ponto final. O corpo adormece, mas a alma vai para junto do Senhor (Fp 1:20-24). Quando o Senhor voltar, trará a alma consigo, ressuscitará o corpo em glória e unirá corpo e alma em um único ser que compartilhará da sua glória para sempre. Isso nos leva ao quarto fato que traz consolo e segurança diante da morte.

#### 4. ARREBATAMENTO: OS CRISTÃOS VIVOS SERÃO LEVADOS (1 Ts 4:17)

O termo *arrebatamento* vem do latim *rapto*, que significa "agarrar, levar embora", do qual procede o termo "raptar".

Certa vez, ouvi Kenneth S. Wuest, estudioso da língua grega, pregar sobre esta passagem e explicar os diversos significados do termo traduzido por "arrebatados" em 1 Tessalonicenses 4:17. Cada um desses significados acrescenta uma verdade particular à doutrina da volta de Cristo.

**"Pegar rapidamente."** Essa é a tradução adequada para o termo em Atos 8:39, em que o Espírito "arrebatou a Filipe" depois de ele haver levado o etíope à fé em Cristo. Quando o Senhor voltar nos ares, os que estiverem vivos serão levados embora rapidamente, num piscar de olhos. Isso significa que devemos viver cada momento na expectativa da vinda de nosso Senhor, a fim de que, ao voltar, ele não nos encontre fora de sua vontade (1 Jo 3:1-3).

**"Tomar à força."** Ver João 6:15. Isso significa que Satanás e seus exércitos tentarão nos impedir de deixar a Terra? Não, mas creio que dá a entender que alguns dos santos estarão tão apegados ao mundo que precisarão ser literalmente levados à força. Como Ló sendo livrado de Sodoma, serão salvos por um triz (Gn 19:16).

**"Tomar para si."** Esse é o arrebatamento do ponto de vista de Cristo, pois ele voltará para tomar sua noiva para si.

**"Levar para outro lugar."** Paulo usa essa palavra ao descrever sua visita ao céu (2 Co 12:1-4). Jesus Cristo foi preparar um lar para

nós (Jo 14:1-6), e quando ele vier, nos levará para esse lugar glorioso. Somos peregrinos e estrangeiros no mundo. Nossa verdadeira cidadania está no céu (Fp 3:20, 21).

**“Livrar do perigo.”** Ver Atos 23:10. Trata-se de uma indicação de que a Igreja será levada para seu lar antes da Tribulação que Deus enviará ao mundo. 1 Tessalonicenses 1:10 e 5:9 parecem afirmar isso claramente.

O mundo incrédulo terá consciência desse acontecimento? Ouvirão o brado, a trombeta e a voz? O texto de 1 Coríntios 15:52 dá a entender que isso ocorrerá de modo extremamente rápido, num piscar de olhos. Uma vez que o brado, a voz e a trombeta se referem ao povo de Deus, não há motivo para crer que a multidão incrédula ouvirá tais sons. Se isso ocorrer, ouvirão sons sem sentido (ver Jo 12:27-30). Milhões de pessoas desaparecerão instantaneamente e, sem dúvida, haverá grande confusão e preocupação. Com exceção dos que conhecerem os ensinamentos bíblicos, o mundo não entenderá o que aconteceu.

## 5. ENCONTRO: OS CRISTÃOS ESTARÃO PARA SEMPRE COM O SENHOR (1 Ts 4:17, 18)

Quando o Senhor vier buscar os cristãos, nos encontraremos com ele pessoalmente nos ares. O termo grego traduzido por “encontro” tem o sentido de “encontrar-se com alguém da realeza ou com alguma pessoa importante”. Caminhamos com Cristo pela fé aqui na Terra, mas nos ares, “haveremos de vê-lo como ele é” e nos tornaremos semelhantes a ele (1 Jo 3:1, 2). Um encontro e tanto!

Será *glorioso*, pois teremos um corpo glorificado. Quando estava aqui na Terra, Jesus orou para que, um dia, víssemos e compartilhássemos sua glória (Jo 17:22-24). O sofrimento que suportamos hoje será transformado em glória quando Cristo voltar (Rm 8:17-19; 2 Co 4:17, 18).

Será *eterno*, pois “estaremos para sempre com o Senhor”. Eis o que ele prometeu: “voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14:3). O objetivo da redenção não é apenas nos salvar do julgamento, mas também

permitir que tenhamos um relacionamento com Cristo.

Nosso encontro com o Senhor também será uma ocasião de *prestação de contas*. Esse é o “tribunal de Deus” ou “tribunal de Cristo” (Rm 14:10; 2 Co 5:10). O termo grego *bema*, traduzido por “tribunal”, refere-se ao local onde os juízes das competições olímpicas entregavam as coroas aos vencedores. Nossas obras serão julgadas e as recompensas serão distribuídas (1 Co 3:8-15).

Não devemos confundir o tribunal de Cristo com o “grande trono branco” de julgamento descrito em Apocalipse 20:11-15. É possível contrastar esses dois acontecimentos importantes da seguinte maneira:

<i>O tribunal de Cristo</i>	<i>O trono branco de julgamento</i>
Somente para cristãos	Somente para não salvos
Logo depois do arrebatamento	Depois do reino milenar
Define as recompensas pelos serviços	Define a medida de julgamento

No arrebatamento, não apenas nos encontraremos com nosso Senhor Jesus Cristo como também seremos reunidos com nossos amigos e entes queridos cristãos que faleceram. “Juntamente com eles” é uma importante declaração de encorajamento. A morte é a grande separadora, mas Jesus Cristo é o grande Reconciliador. A Bíblia não revela todos os detalhes desse encontro. Quando Jesus ressuscitou o filho da viúva, ele “o restituiu a sua mãe” (Lc 7:15) com todo carinho. Isso indica que Cristo terá o ministério abençoado de reunir famílias e amigos separados pela morte.

No monte de Transfiguração, os três discípulos reconheceram Moisés e Elias (Mt 17:1-5). Sem dúvida, reconheceremos uns aos outros na glória, inclusive cristãos com os quais nunca nos encontramos. “Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido” (1 Co 13:12).

No capítulo seguinte, veremos de que maneira Paulo relaciona essa doutrina da volta de Cristo aos incrédulos. Mas convém fazer uma pausa para examinar nosso coração e averiguar se estamos preparados para nos encontrar com o Senhor. Uma das características do verdadeiro cristão é sua grande expectativa quanto à vinda de Jesus Cristo (1 Ts 1:10). Ao crescer no Senhor, não apenas *aguardaremos* sua volta, mas também *amaremos* sua volta (2 Tm 4:8). Tendo em vista a esperança que possuímos nele, manteremos nossa vida pura, a fim de não nos envergonharmos em sua volta (1 Jo 2:28 - 3:3).

Robert Murray McCheyne, pastor presbiteriano e servo temente a Deus, costumava perguntar às pessoas:

- Você acha que Jesus vai voltar hoje?
  - Acho que não - a maioria respondia.
- Em seguida, McCheyne dizia: - Então, meu amigo, é melhor você estar preparado, "porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá" (Lc 12:40).

A morte é um fato da vida. Só escaparemos dela se estivermos vivos quando o Senhor

Jesus Cristo voltar. A morte não é um acidente, mas sim um encontro marcado. "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9:27). Se você morrer hoje, *para onde irá sua alma?*

Certa vez, vi uma inscrição peculiar em uma lápide num antigo cemitério inglês, próximo ao castelo de Windsor. Ela dizia:

Pára e pensa, amigo, quando aqui passares:

Como estás hoje, estive eu outrora.

E estarás um dia como estou agora.

Prepara-te, pois, para o mesmo caminho trilhares!

Ouvi falar de um visitante que leu essa inscrição e acrescentou o seguinte:

Intenção não tenho de te seguir,

Enquanto para onde foste não descobrir!

Como cristãos, temos certeza e esperança maravilhosas, graças à ressurreição de Jesus Cristo e a sua volta prometida. Você tem essa esperança hoje? Para onde você está indo?

## NÃO SEJAM SONÂMBULOS!

### 1 TESSALONICENSES 5:1-11

Jesus Cristo une e também divide. Os que o aceitaram como Salvador são unidos em Cristo como filhos de Deus. Somos membros do corpo e “um em Cristo Jesus” (Gl 3:28). Quando Jesus Cristo voltar nos ares, “seremos arrebatados juntamente com eles [os mortos em Cristo que ressuscitarão primeiro]” (1 Ts 4:17) e nunca mais ficaremos separados.

Mas Cristo também divide: “Assim, houve uma dissensão entre o povo por causa dele” (Jo 7:43; 9:16; 10:19). A fé em Jesus Cristo não apenas promove nossa união com outros cristãos, mas também nos separa espiritualmente do resto do mundo. Jesus disse: “Eles não são do mundo, como também eu não sou” (Jo 17:16). Há uma diferença entre o cristão que aguarda a volta de Cristo e as pessoas do mundo; esse é o tema que Paulo desenvolve nesta seção.

Seu propósito é encorajar os cristãos a viverem em santidade em meio ao paganismo. Ele o faz destacando o contraste entre os cristãos e os não salvos.

#### 1. CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA (1 Ts 5:1, 2)

Devemos considerar com atenção três expressões destes versículos.

“*Os tempos e as épocas.*” Trata-se de uma oração encontrada em três ocasiões na Bíblia e se refere, principalmente, ao plano de Deus para Israel. É assim que Daniel se expressa quando Deus lhe revela o sonho do rei (“o tempo e as estações”; Dn 2:21). Jesus emprega essas palavras em Atos 1:7, indicando que os tempos e as épocas referem-se principalmente a Israel.

Deus tem um plano definido para as nações do mundo (At 17:26), e Israel é a nação-chave. A. T. Pierson costumava dizer: “Nossa história é a história de Deus” (um contraste gritante com a definição de Napoleão: “A história é um conjunto de mentiras sobre as quais se chegou a um consenso”). Deus determinou os tempos e as épocas para as nações da Terra, especialmente para Israel; e tudo isso culminará em um período terrível conhecido como “o Dia do Senhor”.

“*O Dia do Senhor.*” Na Bíblia, a palavra *dia* pode se referir a um período de 24 horas ou a um período mais extenso, no qual Deus cumpre algum propósito especial. Em Gênesis 2:3, o termo refere-se às vinte e quatro horas, mas em Gênesis 2:4 descreve a semana toda da criação.

O Dia do Senhor é o período em que Deus julgará o mundo e castigará as nações. Ao mesmo tempo, Deus preparará Israel para a volta de Jesus Cristo à Terra, a fim de estabelecer seu reino. Em Amós 5:18ss, Joel 2:1ss, Sofonias 1:14-18 e Isaías 2:12-21, encontramos uma descrição desse período importante.

Outra expressão usada para designar esse período é “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7). Muitos estudiosos das profecias também o chamam de Tribulação e indicam Apocalipse 6 a 19 como a passagem das Escrituras que descreve mais claramente esse acontecimento.

“*Como ladrão de noite.*” Jesus empregou essa imagem em seus ensinamentos (Mt 24:42-43; Lc 12:35-40). Ela descreve o caráter repentino e surpreendente da vinda do Dia do Senhor. Em Apocalipse 3:3; 16:15, Jesus usa essa imagem para advertir os cristãos a não serem pegos cochilando. Uma vez que não sabemos quando o Senhor voltará para buscar seu povo, devemos viver sempre em atitude de vigilância e de expectativa, ao mesmo tempo que trabalhamos e testemunhamos.

Agora, juntando esses três conceitos, descobre-se o que Paulo desejava ensinar a seus amigos aflitos em Tessalônica. Já lhes falara que Cristo viria buscar a Igreja, acontecimento descrito em 1 Tessalonicenses



4:13-18. Dissera a eles que haveria um período de grande sofrimento e tribulação na Terra depois do arrebatamento da Igreja. Esses “tempos e épocas” relacionados a Israel não se aplicam à Igreja nem afetam a doutrina da volta do Senhor para buscar sua Igreja. Jesus pode vir a qualquer momento e, desse modo, iniciar o Dia do Senhor.

Paulo explica melhor o Dia do Senhor na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, de modo que deixaremos os detalhes para um capítulo posterior. Aqui, sua ênfase é simplesmente sobre o fato de que os cristãos estavam a par do que sucederia, enquanto os incrédulos não tinham conhecimento do plano de Deus. O caráter repentino desses acontecimentos revelará ao mundo sua ignorância da verdade divina.

## 2. EXPECTATIVA E SURPRESA (1 Ts 5:3-5)

O mundo incrédulo desfrutará um tempo de falsa paz e segurança pouco antes desses acontecimentos cataclísmicos. Devemos observar com atenção o contraste entre “eles” (os incrédulos) e “vós” (ou “nós”) ao longo de toda essa seção. *Eles* dirão: “Paz e segurança!”, mas *nós* diremos: “Jesus está voltando e o julgamento está a caminho!”

O mundo será pego de surpresa, porque se recusa a ouvir a Palavra de Deus e a atentar para a advertência de Deus. Deus avisou que o dilúvio estava a caminho e, no entanto, somente oito pessoas creram e foram salvas (1 Pe 3:20). Ló avisou sua família de que a cidade seria destruída, mas ninguém lhe deu ouvidos (Gn 19:12-14). Jesus avisou sua geração de que Jerusalém seria destruída (Lc 21:19ss), e, graças a sua advertência, houve cristãos que conseguiram escapar, mas muitos outros pereceram durante o cerco.

Aliás, Jesus apresentou o dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra como exemplos (Mt 24:37-39; Lc 17:26-30). Naquele tempo, as pessoas realizavam suas atividades diárias normalmente – comendo, bebendo, se casando – sem considerar, em momento algum, que o julgamento estava próximo.

Pessoas bem-intencionadas já tentaram estipular datas para a volta de Cristo e

acabaram envergonhadas por seu fracasso. No entanto, é possível aguardar sua vinda sem determinar uma data específica. Não será preciso haver “sinais” antes de Jesus voltar para buscar sua Igreja.

Os cristãos são “filhos da luz”, portanto não estão no escuro no que se refere aos acontecimentos futuros. Os incrédulos ridicularizam a idéia da volta de Cristo. “Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda?” (2 Pe 3:3, 4).

Quase vinte séculos se passaram desde que Jesus prometeu que voltaria, e continuamos esperando. Isso não significa que Deus não cumpre suas promessas. Significa, apenas, que Deus não segue nosso calendário. “Para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia” (2 Pe 3:8).

Paulo compara o julgamento vindouro às “dores de parto [daquela] que está para dar à luz” (1 Ts 5:3). Mesmo com todo o conhecimento médico moderno, as dores de parto continuam sendo reais e intensas. São acompanhadas de contrações musculares que permitem à mãe dar à luz o bebê. O profeta Isaías usa a mesma imagem ao descrever a vinda do “Dia do Senhor” (Is 13:6-13). Jesus chama o início do Dia do Senhor de “princípio das dores” (Mt 24:8); o termo grego traduzido por “dores” refere-se, especificamente, a dores de parto.

Isaías, Jesus e Paulo nos ensinam que o reino nascerá do Dia do Senhor. Quando os julgamentos de Deus tiverem chegado ao fim, o Filho de Deus voltará “com poder e muita glória” (Mt 24:30). Paulo descreve esse acontecimento em sua segunda epístola aos cristãos tessalonicenses.

Viver na expectativa não é vestir um lençol branco e assentar-se no alto de um monte. É justamente esse tipo de atitude que Deus condena (At 1:10, 11). Antes, é viver à luz de sua volta, conscientes de que nossas obras serão julgadas e de que não teremos novas oportunidades de servir. É viver de acordo com os valores da eternidade.

Há uma diferença entre estar preparado para ir para o céu e estar preparado para se encontrar com o Senhor. Qualquer um que tenha, sinceramente, aceitado a Cristo como seu Salvador está preparado para ir para o céu. O sacrifício de Cristo na cruz tornou isso possível. Mas estar preparado para encontrar-se com o Senhor no tribunal de Cristo é outra história. As Escrituras dão a entender que alguns cristãos não se alegram em ver Jesus Cristo! "Filhinhos, agora, pois, permaneci nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda" (1 Jo 2:28).

Ao longo de muitos anos de ministério, tenho visto com tristeza cristãos que desobedeceram à Palavra de Deus deliberadamente. Lembro-me de uma jovem que tomou a decisão irredutível de se casar com um rapaz incrédulo. Quando tentei ajudá-la, tomando por base os preceitos bíblicos, ela me respondeu:

- Não me importo com o que você diz e nem com o que a Bíblia diz. Eu vou me casar!

Considerando as palavras de Hebreus 13:17, será que ela estará feliz no tribunal de Cristo?

Os cristãos que vivem na expectativa da volta de Cristo certamente desfrutaram uma vida melhor do que os que fazem concessões indevidas com respeito às coisas do mundo. No final de cada capítulo desta carta, Paulo destaca os resultados práticos de viver nessa expectativa. Convém recapitular esses versículos e examinar nosso coração.

### **3. SOBRIEDADE E EMBRIAGUEZ (1 Ts 5:6-8)**

Ser sóbrio significa estar alerta, viver com os olhos abertos, ser sensato e constante. Para tornar o contraste mais vívido, Paulo retrata dois grupos de pessoas: um embriagado e adormecido e outro desperto e alerta. O perigo aproxima-se, mas os bêbados sonolentos não têm consciência do que se passa. O grupo alerta mostra-se pronto e destemido.

Uma vez que somos "filhos do dia", não devemos viver como se pertencêssemos às

trevas. "Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias [imoralidade] e dissoluções [indecência], não em contendas e ciúmes" (Rm 13:12, 13).

Em outras palavras, uma vez que "o dia" se aproxima, é hora de despertar, de lavar-se e de vestir-se. Ao fazê-lo, devemos nos revestir "da couraça da fé e do amor e [tomar] como capacete a esperança da salvação" (1 Ts 5:8). Somente as "armas da luz" (Rm 13:12) poderão nos proteger devidamente nos últimos dias antes da volta de nosso Senhor.

O cristão sóbrio tem uma visão de mundo tranqüila e sensata. Não é complacente, mas também não é frustrado nem temeroso. Ouve as notícias trágicas da atualidade sem perder o ânimo. Passa pelas dificuldades da vida, mas não desiste. Sabe que seu futuro está seguro nas mãos de Deus e, portanto, vive cada dia com criatividade, tranqüilidade e obediência. A visão determina o resultado, e, quando nossos olhos estão voltados para o alto, o resultado é seguro.

Os incrédulos do mundo, porém, não estão alertas. São como bêbados vivendo em um paraíso falso e desfrutando uma segurança falsa. Quando o Espírito Santo encheu os primeiros cristãos em Pentecostes, os incrédulos os acusaram de estar embriagados (At 2:13). Na verdade, os que não têm Cristo vivem como bêbados. A espada da ira de Deus está sobre o mundo, no entanto, as pessoas levam uma vida ímpia e vazia e raramente pensam nas coisas eternas.

Vimos a fé, a esperança e o amor anteriormente (1 Ts 1:3). Aqui, esses elementos são descritos como uma armadura que nos protege neste mundo mau. A fé e o amor são como uma couraça que cobre o coração: a fé em Deus e o amor pelo povo de Deus. A esperança é um capacete resistente que protege os pensamentos. Os incrédulos enchem sua mente das coisas deste mundo, enquanto os cristãos consagrados voltam sua atenção para as coisas do alto (Cl 3:1-3).

A expressão *esperança da salvação* não se refere a uma esperança de que seremos salvos. Uma pessoa pode *ter certeza* hoje de que é salva e irá para céu. Paulo sabia que os cristãos tessalonicenses eram salvos (1 Ts 1:4) e estava certo de que se encontrariam com Cristo nos ares (1 Ts 4:17). Quem diz com toda convicção: "sei que sou salvo!" não está exibindo orgulho; antes, demonstra fé na Palavra de Deus. O livro de 1 João foi escrito para nos ajudar a ter certeza da salvação (1 Jo 5:9-13).

Ter *esperança da salvação* significa ter "a esperança que a salvação nos dá". Na verdade, a salvação se dá em três tempos: (1) *passado* - fomos salvos da culpa e do castigo do pecado; (2) *presente* - estamos sendo salvos do poder e da contaminação do pecado; (3) *futuro* - seremos salvos da própria presença do pecado quando Cristo voltar. A bendita esperança da volta de Cristo é a "esperança da salvação". Os incrédulos não têm esperança alguma (Ef 2:12). Isso explica, em parte, por que vivem assim: "comamos e bebamos, que amanhã morreremos!"

Paulo usa o termo "dormir" repetidamente nestes versículos para descrever a atitude do mundo perdido. No parágrafo anterior (1 Ts 4:13-18), o apóstolo usou essa mesma palavra para descrever a morte do cristão. O corpo adormece, e o espírito vai para junto do Senhor. Mas nesta seção, o sono não se refere à morte. Antes, retrata a indiferença moral e o desinteresse pelas coisas espirituais. Jesus emprega a palavra "dormir" com esse sentido em Marcos 13:32-37.

De acordo com os médicos, algumas pessoas são mais produtivas pela manhã, enquanto outras ficam mais alertas e dispostas à noite. Ou seja, há quem esteja totalmente acordado antes de o despertador tocar e que encare o dia com pique total sem ter de bocejar nem de jogar água fria no rosto. Outros (como eu) despertam aos poucos - primeiro um olho, depois o outro - e vão entrando lentamente no ritmo do dia. Tratando-se da volta de Cristo, todos nós devemos ser como o primeiro grupo: despretos, alertas e sóbrios, prontos para a aurora desse dia maravilhoso.

Mas para os não salvos que se refestelam em sua embriaguez, a vinda de Jesus Cristo será o fim da luz e o começo da escuridão eterna.

#### 4. SALVAÇÃO E JULGAMENTO (1 Ts 5:9-11)

Os cristãos não precisam temer o julgamento futuro, pois ele não faz parte do plano que Deus traçou para nós. Os que aceitam a Cristo terão de passar pelo Dia do Senhor, o período terrível de julgamento que Deus enviará sobre a Terra? Creio que não, e versículos como 1 Tessalonicenses 1:10; 5:9 parecem confirmar essa convicção. Os cristãos sempre passaram por tribulações, algo que, aliás, faz parte da vida cristã consagrada (Jo 15:18-27; 16:33). Mas não passarão pela *Tribulação* preparada para o mundo ímpio.

Sei que estudiosos sérios e conceituados da Bíblia não apresentam um consenso quanto a essa questão, e não pretendo fazer disso uma prova de comunhão nem espiritualidade. Mas creio que a Igreja será arrebatada ao céu antes do tempo da Tribulação. Eis os motivos para tal convicção.

**O caráter da Igreja.** A Igreja é o corpo de Cristo, e ele é o cabeça (Cl 2:17-19). Quando morreu por nós na cruz, Cristo levou sobre si todo o julgamento divino necessário para que fôssemos salvos. Ele prometeu que jamais teríamos de experimentar a ira de Deus (Jo 5:24). O Dia do Senhor é um dia da ira de Deus, e parece desnecessário e contrário à justiça de Deus a Igreja ter de passar por essa experiência.

**O caráter da Tribulação.** Trata-se de um tempo em que Deus julgará as nações gentias e purificará Israel, preparando-o para a vinda do seu Messias. Quem provará a ira de Deus são "os que habitam sobre a terra" (Ap 3:10), não os cidadãos do céu (Fp 3:20). Deus julgará os que habitam sobre a Terra por sua iniquidade (Is 26:20, 21). Os pecados dos cristãos já foram julgados na cruz.

**A promessa da volta iminente de Cristo.** "Iminente" significa "preste a acontecer". Não é preciso ocorrer coisa alguma antes de Cristo voltar, a não ser o chamado da última pessoa que será salva e que completará o corpo

de Cristo. Se Cristo só viesse nos buscar no final do período de Tribulação, saberíamos *quando* ele viria, pois a seqüência, os sinais e tempos são descritos em Apocalipse 6 a 19. Convém observar que entre Apocalipse 4:1 e 22:13 o termo *igreja* não é usado nem uma vez. Também é interessante notar que Paulo vivia na expectativa de ver Cristo, pois, ao tratar dessa doutrina, conjuga os verbos na primeira pessoa do plural (1 Ts 4:13 – 5:11). O apóstolo João tinha essa mesma visão e encerra seu livro com a oração: “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:20).

**A trajetória das sete igrejas em Apocalipse 2 e 3.** Vários estudiosos da Bíblia acreditam que o Senhor escolheu essas sete congregações para ilustrar a trajetória espiritual da história da Igreja. Éfeso seria a Igreja dos apóstolos; Esmirna, a Igreja perseguida dos primeiros séculos. Laodicéia, a última igreja, representa a Igreja apóstata dos últimos dias.

Isso indica que a congregação de Filadélfia (Ap 3:7-13) retrata a Igreja frágil, porém fiel, no período imediatamente anterior à vinda de Cristo. É uma Igreja voltada para o evangelismo, com grandes oportunidades e portas abertas. É a Igreja que proclama a volta iminente de Cristo (“Porque guardaste a palavra da minha perseverança” Ap 3:10) e, para ela, é prometido o livramento do dia de julgamento: “Também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra” (Ap 3:10). Essa promessa é paralela àquela em 1 Tessalonicenses 5:9.

**A seqüência de acontecimentos em 2 Tessalonicenses 2.** Podemos observar que a seqüência de Paulo concorda com a ordem indicada em outras Escrituras proféticas.

Paulo relaciona a volta de Cristo à redenção que ele obteve para nós na cruz. Fomos “comprados por um preço”. Somos sua noiva, e ele virá nos tomar para si antes de enviar o julgamento sobre a Terra. Convém lembrar que Cristo morreu por nós para que pudéssemos viver *por meio* dele (1 Jo 4:9), *para* ele (2 Co 5:15) e *com* ele (1 Ts 5:10). Quer vivamos ou morramos (“quer vigiemos, quer durmamos”), somos do Senhor e viveremos com ele.

Não se deve jamais deixar que o estudo das profecias torne-se um exercício puramente acadêmico ou uma fonte de tensão e de atrito. Paulo encerra essa seção com a aplicação prática das Escrituras proféticas: *encorajamento e edificação*. O fato de que iremos nos encontrar novamente com nossos entes queridos e de que viveremos com o Senhor para sempre deve ser motivo de ânimo (1 Ts 4:18); e o fato de que não teremos de sofrer a ira de Deus no Dia do Senhor é outra fonte de encorajamento (1 Ts 5:11). O primeiro fato é afirmativo, o segundo é negativo, mas ambos são consoladores.

A realidade da volta iminente de Cristo é um estímulo à pureza (1 Jo 3:1-3) e à fidelidade na obra que nos foi confiada (Lc 12:41-48). Também é um estímulo à participação na igreja e ao amor pelos irmãos (Hb 10:25). A convicção de que estaremos com o Senhor nos fortalece em meio às dificuldades da vida (2 Co 5:1-8) e nos motiva a ganhar os perdidos para Cristo (2 Co 5:9-21).

Muitos cristãos encontram-se em uma situação tão confortável aqui na Terra que raramente pensam sobre ir para o céu e se encontrar com o Senhor. Não se lembram de que, um dia, deverão apresentar-se no tribunal de Cristo. Lembrar que Cristo está voltando contribui para nosso ânimo e para nossa edificação.

Para quem ainda não aceitou a Cristo, o futuro reserva julgamento. Não é preciso continuar na ignorância, pois a Palavra de Deus oferece a verdade. Não é preciso continuar despreparado, pois é possível crer agora mesmo em Jesus Cristo e nascer de novo. Por que viver em função das experiências desprezíveis e pecaminosas do mundo, quando estão disponíveis as riquezas da salvação em Cristo?

Quem ainda não é salvo tem um encontro marcado com o julgamento. E ele pode ocorrer muito antes do que se espera, pois “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9:27). Por que não marcar um compromisso com Cristo, encontrar-se com ele pessoalmente e crer nele para sua salvação? “Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10:13).

## TUDO EM FAMÍLIA

### 1 TESSALONICENSES 5:12-28

Paulo gosta de se dirigir aos cristãos como *irmãos*. Emprega essa forma de tratamento pelo menos 60 vezes nesta carta e se refere a seus leitores desse modo 72 vezes nas duas epístolas aos tessalonicenses. Paulo considera a congregação local uma família. Cada membro nasceu de novo pelo Espírito de Deus e possui a natureza de Deus (1 Pe 1:22-25; 2 Pe 1:3, 4). Todos fazem parte da família de Deus.

É triste quando os cristãos negligenciam ou ignoram a igreja local. Nenhuma família é perfeita e nenhuma igreja é perfeita, mas sem uma família para protegê-los e suprir suas necessidades, os filhos sofrem e perecem. O filho de Deus precisa da família da igreja a fim de crescer, desenvolver seus dons e servir a Deus.

Quais são os elementos essenciais para a família da igreja prosperar e ser feliz? Como tornar uma congregação mais espiritual para a glória de Deus? Nesta seção de encerramento, Paulo discute essas questões.

#### 1. A LIDERANÇA FAMILIAR (1 Ts 5:12, 13)

Se não houver liderança, a família se desintegra. O pai é o cabeça do lar; a mãe o apóia em amor e cooperação. Os filhos devem obedecer aos pais. Essa é a ordem estabelecida por Deus, e a alteração dessa ordem acarreta problemas sérios.

De acordo com Martin L. Gross em seu livro *The Psychological Society [A Sociedade Psicológica]*, existem mais de 60 mil orientadores pedagógicos e 7 mil psicólogos no sistema de ensino público dos Estados Unidos, e vários desses profissionais fazem as

vezes dos pais. Muitos alunos precisam de aconselhamento, mas nenhum orientador profissional pode tomar o lugar de pais carinhosos e dedicados.

Quando nosso filho mais velho passou para o ensino médio, encontrou-se com o orientador que a escola havia designado para ele.

- Se você tiver algum problema, sinta-se à vontade para me procurar - disse o orientador.

- Se eu tiver algum problema, eu converso com meu pai! - nosso filho respondeu. Ele não estava sendo desrespeitoso nem desmerecendo o trabalho do orientador, mas sim expressando um princípio fundamental: os filhos precisam da liderança e da orientação que só os pais podem dar.

Deus instituiu a liderança para a igreja local. É verdade que "[somos] um em Cristo Jesus" (Gl 3:28); mas também é verdade que o cabeça da Igreja concedeu dons às pessoas e as colocou na Igreja para fazer sua vontade (Ef 4:7-16). Assim como o rebanho precisa de um pastor (1 Pe 5:1-5), também a família precisa de um líder.

Quais são as responsabilidades dos irmãos para com seus líderes espirituais?

**Aceitá-los.** Os líderes são dádivas de Deus para a igreja. Têm a autoridade espiritual do Senhor e devem ser aceitos no Senhor. Não são ditadores, mas sim guias e exemplos. Devem ser seguidos como seguem ao Senhor.

**Valorizá-los.** Esse é o significado da exortação: "Que acateis com apreço os que trabalham entre vós" (1 Ts 5:12). Não há nada de errado em honrar servos fiéis do Senhor, desde que Deus receba a glória. A liderança espiritual é uma grande responsabilidade e uma tarefa difícil. Não é fácil servir como pastor, presbítero, diácono ou em qualquer outro cargo de liderança espiritual. As batalhas e fardos são muitos e, por vezes, os incentivos são poucos. É perigoso quando a igreja não dá o devido valor aos seus líderes e se esquece de elogiá-los, de trabalhar com eles e de encorajá-los.

**Amá-los.** Como irmãos, os líderes estão "entre nós"; como líderes, estão "sobre nós,

no Senhor". Sem o amor cristão, esse relacionamento pode gerar grande tensão. A fim de estar, ao mesmo tempo, "entre" e "sobre" os irmãos da congregação, o pastor precisa da graça e do poder do Espírito Santo. Se perder esse equilíbrio, seu ministério pode ser abalado e até destruído. Alguns membros da igreja querem que o pastor seja seu "colega", mas isso enfraquece sua autoridade. Se, no entanto, ele enfatizar apenas a autoridade, tornar-se-á um ditador egoísta.

**Obedecer-lhes.** "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles" (Hb 13:17). Quando servos de Deus, guiados pelo Espírito de Deus, nos chamam a obedecer à Palavra de Deus, devemos atender a seu chamado. Isso não significa que todo líder espiritual sempre está certo quanto a todas as coisas. Abraão, Moisés, Davi e até mesmo Pedro erraram em suas palavras e atos. O pastor sábio tem consciência de que é feito de barro e reconhece quando está errado ou quando precisa do conselho de alguém com mais experiência. Em meu próprio ministério, tenho sido extremamente beneficiado pelos leigos experientes, cujo conhecimento em diversas áreas é muito maior do que o meu.

Mas, apesar de suas limitações, os líderes espirituais designados por Deus devem ser respeitados e obedecidos, a menos que estejam claramente fora da vontade de Deus. Quando os líderes espirituais da igreja se reúnem, planejam, oram, buscam a vontade de Deus e a seguem, podemos estar certos de que Deus governará e predominará em suas decisões.

Quando a família da igreja segue seus líderes espirituais, o resultado é paz e harmonia na congregação: "Vivei em paz uns com os outros" (1 Ts 5:13). Quando encontramos divisão e dissensão em uma igreja local, normalmente isso se deve ao egoísmo e ao pecado da parte dos líderes, ou dos membros, ou de ambos. Tiago 4:1-3 deixa claro que o egoísmo interior gera conflitos exteriores. Só quando nos sujeitamos uns aos outros no Senhor é que podemos desfrutar sua bênção e paz na família.

Mas os líderes não são capazes de realizar todo o trabalho ministerial sozinhos, de modo que Paulo acrescenta um segundo elemento essencial.

## 2. A COOPERAÇÃO FAMILIAR (1 Ts 5:14-16)

Nos últimos anos, as igrejas estão redescobrimo sua identidade como "corpo". Trata-se de um conceito bíblico, apesar de não definir todos os aspectos que fazem parte do ministério da congregação local, uma vez que a igreja também é retratada de outras maneiras. A vida dentro do corpo refere-se ao ministério de cada cristão aos outros, da mesma forma que as diversas partes do corpo humano trabalham em conjunto para manter a saúde e a vida.

Os membros da família devem aprender a ministrar uns aos outros. Os membros mais velhos devem ensinar os mais jovens (ver Tt 2:3-5) e encorajá-los quando estiverem passando por dificuldades. Enquanto estávamos ministrando em um congresso bíblico, minha esposa e eu conhecemos um casal cristão adorável que tinha nove filhos. Era lindo ver como os filhos mais velhos ajudavam os mais novos, de modo que os pais não precisavam se preocupar com pequenas tarefas e podiam desfrutar seu tempo de lazer.

De acordo com Efésios 4:12, os líderes espirituais da igreja devem preparar os membros para realizar o trabalho ministerial. Na maioria das igrejas, os membros pagam para os líderes fazerem tudo. Conseqüentemente, a obra começa a enfraquecer e a morrer, e todos jogam a culpa no pastor.

Paulo cita alguns membros especiais da família que precisam de ajuda pessoal.

**Os insubmissos (v. 14a).** O termo significa "descuidados, rebeldes". Era usado para se referir aos soldados que não se mantinham na devida formação e que insistiam em marchar a seu modo. O ambiente carinhoso da família incentiva o desenvolvimento individual, mas há certas coisas que devemos fazer da mesma forma. Se não estabelecermos regras e padrões dentro da família, o resultado será o caos. Paulo volta a tratar desse problema em sua Segunda Epístola aos

Tessalonicenses (2 Ts 3:6, 11), de modo que, aparentemente, não gravaram sua primeira admoestação.

As regras e as tradições da família jamais devem receber ênfase exagerada a ponto de reprimir a criatividade. Para os pais, é uma grande alegria ver cada filho desenvolver a própria personalidade, talentos e ambições. Mas é triste ver um filho rebelar-se contra as regras, abandonar as tradições e padrões e pensar que esse estilo de vida representa liberdade e maturidade. Atitudes como essas na família da igreja provocam discussões e divisões.

**Os desanimados (v. 14b).** A tradução literal do termo grego é “de alma pequena, tímidos”. São os desistentes da família da igreja. Sempre vêem o lado negativo e, quando as coisas ficam difíceis, jogam tudo para o alto. Nas famílias com três ou mais filhos, normalmente há um com esse tipo de atitude. Toda igreja também tem seus desanimados.

Essas pessoas precisam ser encorajadas, e é justamente esse o significado do verbo *consolar* usado neste versículo e que também aparece em 1 Tessalonicenses 2:12. O termo grego é constituído de duas palavras: *para*, próximo; e *muthos*, fala. Em vez de repreender os desanimados de longe, o melhor é aproximar deles e lhes falar com ternura. Devemos ensinar aos que têm “alma pequena” que as provações da vida contribuirão para seu crescimento e fortalecimento na fé.

**Os fracos (v. 14c).** A tradução literal é: “segurem os fracos com firmeza e não deixem que caiam!” Mas quem são esses cristãos fracos? Sem dúvida, Paulo não se refere àqueles com alguma debilidade física, uma vez que trata do ministério espiritual na igreja. Na realidade, está falando dos “fracos na fé” ainda não fortalecidos no Senhor (Rm 14:1 - 15:3).

Normalmente, os cristãos fracos têm medo de sua liberdade em Cristo. Vivem de acordo com regras e normas. Nas congregações em Roma, os cristãos mais fracos observavam os dias santos judaicos e não comiam carne. Julgavam com severidade os cristãos maduros que desfrutavam todos os alimentos e dias.

Em nossas igrejas de hoje, também há fortes e fracos, da mesma forma que as famílias têm alguns filhos que amadurecem mais rapidamente do que outros. De que maneira lidar com eles? *Com paciência e amor, de modo a lhes dar segurança.* É injusto e insensato comparar um filho com outro, pois cada um amadurece a seu tempo e a seu modo. Devemos “apoiar” esses cristãos fracos, ajudá-los a ficar em pé e andar no Senhor.

Esse tipo de ministério pessoal não é fácil, de modo que Paulo acrescenta alguns conselhos sábios para nos encorajar.

**Sejam longânimos (v. 14d).** É preciso ter paciência para criar uma família. Os membros mais fracos e que requerem mais ajuda podem, um dia, se tornar excelentes líderes, de modo que jamais devemos desistir. Conversava com um pastor amigo meu depois do culto na igreja dele, quando um menino ruivo de uns dez anos de idade passou correndo por nós em direção ao corredor central do templo. Meu amigo olhou para o garoto e comentou:

– Você já notou como os meninos mais travessos da escola dominical normalmente acabam se tornando pastores ou missionários?

Paciência!

**Atentem para sua motivação (v. 15).** É comum ser rejeitado ao ministrar a outros e até mesmo sofrer oposição. Muitas vezes, o ministério não é devidamente valorizado, mas é preciso servir em amor e estar pronto a perdoar. “Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira [de Deus]; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12:17-21).

Se formos motivados pelo desejo de ser estimados e elogiados, acabaremos decepcionados. Se nossa motivação for semelhante à

de Paulo: "Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus" (2 Co 4:5), jamais ficaremos desapontados.

**Sejam alegres (v. 16).** A alegria alivia o peso do serviço. "Porque a alegria do Senhor é a vossa força" (Ne 8:10). Deus ama os que servem e contribuem com alegria. Toda família da igreja tem os que sempre duvidam e os que estão sempre carrancudos. Ver e ouvir essas pessoas é como assistir a uma necrópsia ou mergulhar em um lago gelado em um dia de inverno. Deus deseja que sua família seja alegre, e isso significa que cada membro deve contribuir para essa alegria.

As quatro características espirituais que Paulo menciona fazem parte do fruto do Espírito mencionado em Gálatas 5:22: amor (1 Ts 5:13), alegria (1 Ts 5:16), paz (1 Ts 5:13) e longanimidade (1 Ts 5:14). Não é possível criar essas qualidades espirituais; elas só se desenvolvem quando nos entregamos ao Espírito e permitimos que ele nos controle.

A cooperação familiar é essencial à saúde e ao crescimento da igreja. Você está levando sua parcela de fardos ou é um espectador que fica apenas olhando enquanto os outros fazem o serviço?

### 3. A ADORAÇÃO FAMILIAR (1 Ts 5:17-28)

A adoração é a atividade mais importante da igreja local. O ministério deve fluir da adoração, pois, de outro modo, se torna apenas uma série de eventos sem poder e sem sinceridade. Há muitos "resultados", mas esses não glorificam a Deus nem são duradouros. Em diversas igrejas, os cultos são desprovidos de verdadeira adoração e se parecem mais com uma forma de entretenimento religioso para satisfazer os desejos da congregação.

Paulo cita vários elementos que constituem o ministério de adoração da igreja.

**A oração (v. 17).** A oração era uma prática importante na Igreja primitiva (1 Co 11:1-6; At 1:13, 14; 4:23ss). As reuniões de oração das congregações eram uma experiência sublime e sagrada. Hoje em dia, pede-se que

alguém "nos dirija em oração" sem sequer fazer idéia se essa pessoa está em comunhão com Deus. Em algumas igrejas, há duas ou três pessoas que monopolizam as reuniões de oração. Se formos dirigidos pelo Espírito (Jd 20), faremos nossas orações em união e com liberdade, e Deus responderá.

"Orai sem cessar" não significa estar sempre sussurrando orações. O termo traduzido por "sem cessar" não significa fazer continuamente, mas sim "voltar a fazer constantemente". Devemos manter conexão permanentemente ativa com Deus, de modo que nossa oração faça parte de uma longa conversa sem interrupções. Deus conhece os desejos do coração (Sl 37:4) e responde mesmo quando estamos em silêncio. Ver os Salmos 10:17 e 21:2.

**O louvor (v. 18).** As ações de graças são uma parte vital da adoração. Usamos "salmos, [...] hinos e cânticos espirituais" (Ef 5:19) para expressar amor e gratidão ao Senhor. Ao crescer na aplicação prática da Palavra de Deus, também é preciso crescer nas expressões de adoração, pois as duas coisas andam juntas (Cl 3:16). Se a igreja local estiver "crescendo na graça", seus membros terão desejo de aprender hinos novos a fim de louvar a Deus. Se o coração e a mente não estiverem sincronizados, a adoração cristã será imatura ou hipócrita.

**A Palavra de Deus (vv. 19-21).** Sem a Palavra de Deus, não há qualquer revelação inequívoca do Senhor. A adoração que deixa a Bíblia de fora não é espiritual. Pode haver muita emoção - e até comoção -, mas, a menos que haja *verdade espiritual*, o Espírito Santo não estará operando. As três admoestações destes versículos andam juntas e ajudam a entender de que maneira o Espírito Santo opera no culto cristão.

A Igreja primitiva não possuía uma Bíblia completa como a que temos hoje. O Espírito Santo concedia o dom da profecia a alguns membros da igreja e transmitia a mensagem por meio deles. Quando prego em um culto, transmito a verdade de modo *indireto*, por meio da Bíblia. Os profetas da Igreja primitiva pregavam a verdade de modo *direto*, movidos pelo Espírito Santo. Seu



conhecimento espiritual lhes era concedido pelo Espírito, e era comum falarem em línguas. É por isso que os dons da profecia, de línguas e do conhecimento são agrupados em 1 Coríntios 13.

Sem dúvida, havia certos riscos nesse tipo de ministério, pois Satanás (ou a carne) poderiam tentar imitar uma mensagem de Deus e, desse modo, fazer a igreja se desviar. Se a igreja refreasse tais pessoas, apagaria o Espírito. Se crese em tudo que diziam, talvez acabasse obedecendo a falsos espíritos. A resposta era "julgar todas as coisas". É preciso haver discernimento de espíritos (1 Co 12:10; 1 Jo 4:1-4). Paulo apresenta regras específicas para essa situação em 1 Coríntios 14:29-33.

Hoje em dia, temos a revelação completa na Palavra de Deus e não precisamos mais de profetas. Os apóstolo e profetas ajudaram a lançar os fundamentos da Igreja (Ef 2:20) e saíram de cena. O único "ministério profético" que temos encontra-se na pregação e ensino da Palavra de Deus.

Ao usar o termo "apagar", Paulo retrata o Espírito como fogo (ver Is 4:4; At 2:3; Ap 4:5). O fogo transmite a idéia de pureza, poder, luz, calor e, se necessário, destruição. Quando o Espírito Santo opera em nossa vida e em nossa igreja, há o calor do amor no coração, luz para a mente e energia para a volição. O Espírito nos "funde" para que haja harmonia e cooperação e nos purifica para que deixemos o pecado.

Não se pode permitir que o fogo do Espírito se apague no altar de nosso coração; deve-se manter a devoção a Cristo, que nos motiva e enche-nos a vida de energia.

Paulo pede a Timóteo que "[reavive] o dom de Deus que há em ti" (2 Tm 1:6), sendo que o verbo "reavivar" refere-se a "atizar um fogo". Ao que parece, Timóteo havia negligenciado esse dom (1 Tm 4:14) e precisou ser lembrado de reavivá-lo. Tanto o cristão quanto a congregação local devem evitar extremos: legalistas e formalistas apagam o fogo, enquanto fanáticos deixam que o fogo queime descontroladamente.

É importante permitir que o Espírito de Deus ensine a Palavra de Deus quando nos

encontramos para adorar. É bom "compartilhar", desde que tenhamos algo relevante a dizer sobre a Palavra. Infelizmente, porém, já participei de algumas reuniões em que, além de ser desprovido da verdadeira espiritualidade, esse "compartilhamento" era contrário a ela. Para ser "aptos para ensinar" é preciso ser "aptos para aprender". Devemos ter cuidado com um espírito falso que pode nos conduzir pelo caminho errado e fazer a igreja se desviar. Precisamos seguir a Palavra de Deus e julgar todas as coisas.

**A vida piedosa (vv. 22-24).** O propósito da adoração é nos tornar cada vez mais semelhantes a Cristo em caráter e em conduta. William Temple, falecido arcebispo de Canterbury, deu a melhor definição de adoração que já ouvi: "Adorar é avivar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus e dedicar a volição ao propósito de Deus".

Paulo enfatiza o equilíbrio na vida cristã com seu aspecto negativo: "Abstende-vos de toda forma de mal" (1 Ts 5:22) e com seu aspecto positivo: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo" (1 Ts 5:23). Algumas igrejas pregam apenas o aspecto negativo, o que resulta em vidas e ministérios desequilibrados. *Santificar* significa "separar para o uso exclusivo de Deus". Existe uma santificação *posicional* (Hb 10:10); fomos separados para Deus de uma vez por todas. Existe, também, uma santificação *prática* (2 Co 7:1), ao lidarmos diariamente com nossos pecados e crescermos em santidade. Tudo isso culminará na santificação *perfeita* (1 Jo 3:2), quando virmos Cristo e nos tornarmos eternamente semelhantes a ele. A expectativa de ver Jesus Cristo é a grande motivação para a vida de santidade.

**A comunhão cristã (vv. 25-28).** Depois da adoração em conjunto, os santos ministram uns aos outros. Cumprimentam e procuram encorajar uns aos outros. Já estive em igrejas onde o povo fugia no final do culto feito ratos que abandonam um navio indo a pique. A comunhão faz parte da adoração.

O "ósculo santo" não tinha qualquer conotação sensual. Era comum os homens saudarem outros homens com um beijo e também as mulheres cumprimentarem outras mulheres dessa forma (ver Rm 16:16; 1 Co 16:20; 1 Pe 5:14). Ao ministrar em campos missionários, não é raro ver cristãos se cumprimentando assim, e nunca senti qualquer desconfiança ou suspeita. Em sua

paráfrase, J. B. Phillips resolve o problema dizendo: "Cumprimentem todos os irmãos".

Paulo termina com outra lembrança de que a Palavra de Deus é o elemento essencial da congregação local. Devemos ler a Palavra quando estamos sozinhos, mas também devemos ouvi-la na comunhão da igreja local, pois uma experiência ajuda a contrabalançar a outra.

# 2 TESSALONICENSES

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** A Igreja e o Dia do Senhor

**Versículo-chave:** 2 Tessalonicenses 2:1, 2

### I. ÂNIMO EM MEIO AO SOFRIMENTO – CAPÍTULO 1

- A. Louvor – 1:1-4
- B. Promessa – 1:5-10
- C. Oração – 1:11, 12

### II. EXPLICAÇÃO DOS ENSINAMENTOS – CAPÍTULO 2

- A. De que maneira o homem da iniquidade surgirá – 2:1-7
- B. De que maneira o Filho de Deus surgirá – 2:8-12
- C. De que maneira o filho de Deus deve viver – 2:13-17

### III. CAPACITAÇÃO PARA A VIDA – CAPÍTULO 3

- A. Obedeçam à Palavra – 3:1-6
- B. Sigam nosso exemplo – 3:7-9
- C. Disciplinem os rebeldes – 3:10-15
- D. Bênção de encerramento – 3:16-18

### CONTEÚDO

- 1. Os perversos não têm descanso (2 Ts 1:1-12)..... 249
  - 2. O cronograma de Deus (2 Ts 2:1-12)..... 255
  - 3. Somente a verdade (2 Ts 2:13 – 3:5)..... 261
  - 4. Ordem na igreja (2 Ts 3:6-18)..... 266
-

# OS PERVERSOS NÃO TÊM DESCANSO

## 2 TESSALONICENSES 1:1-12

Os cristãos de Tessalônica agradeceram a Deus pela primeira carta de Paulo, mas ela não resolveu de imediato todos os seus problemas. Na verdade, a perseguição tornou-se ainda mais intensa, e alguns cristãos imaginaram estar passando pelo tempo de Tribulação. Então, os tessalonicenses receberam outra carta, supostamente de Paulo, afirmando que era chegado o Dia do Senhor. Sem dúvida, a congregação ficou assustada e confusa diante de tal possibilidade.

Alguns cristãos chegaram à conclusão de que, tendo em vista a vinda do Senhor estar tão próxima, poderiam parar de trabalhar e passar o tempo esperando por ele. Com isso, outros membros da igreja tiveram de carregar o peso adicional de cuidar deles. Satanás estava fazendo hora extra; como o leão, tentava devorar (1 Pe 5:7, 8); como a serpente, tentava enganar (2 Co 11:3).

Foi em resposta a tal situação que Paulo escreveu a segunda carta. O apóstolo começa com a necessidade mais premente: a perseguição que sofreram por causa da fé. No primeiro capítulo, Paulo compartilha três palavras de estímulo com os amigos aflitos.

### 1. O ESTÍMULO DO LOUVOR (2 Ts 1:1-4)

Depois de saudar os amigos, Paulo expressou seu louvor a Deus por aquilo que o Senhor estava fazendo na vida dos tessalonicenses. O apóstolo colocou em prática a própria admoestação: "Em tudo, dai graças" (1 Ts 5:18). Não podemos deixar de observar como ele dá graças repetidamente nessas duas epístolas (1 Ts 1:2; 2:13; 3:9; 2 Ts 1:3; 2:13). Assim como a oração, o louvor muda pessoas e situações.

Certa vez, lecionei uma série de aulas sobre os artifícios de Satanás para derrotar os cristãos. Um desses artifícios é o sofrimento, como no caso de Jó. Se Satanás consegue nos colocar em situações difíceis, pode conseguir, também, enfraquecer nossa fé.

- Uma das melhores armas para lutar contra Satanás é o louvor -, expliquei à minha classe pela manhã. - Apesar de sua dor, Jó foi capaz de dizer: "Bendito seja o nome do SENHOR!" Assim, da próxima vez que as coisas derem errado e você se sentir tentado a ficar impaciente, volte-se para Deus e lhe dê graças.

Naquela noite, pouco antes de outra aula, uma senhora aproximou-se de mim e disse:

- Funciona! Funciona! - E, em seguida, me contou sobre o que havia acontecido durante a tarde. Seu relato foi tão incrível que, se eu não conhecesse seu caráter, teria duvidado dela.

- Mas em meio a tudo isso, eu dei graças - ela me disse -, e Deus me deu a graça e as forças de que precisava. Funciona. O louvor funciona!

Sem dúvida, os cristãos tessalonicenses não se consideravam muito espirituais em meio a seu sofrimento, mas Paulo conseguia vislumbrar o que Deus estava fazendo no meio deles. Normalmente, somos as pessoas menos indicadas para avaliar nossa vida. Muitas vezes, outros são capazes de perceber um crescimento espiritual que não conseguimos enxergar. Quais foram as bênçãos pelas quais Paulo deu graças e, desse modo, encorajou seus amigos?

**Sua fé crescia (v. 3a).** Uma fé que não pode ser provada não é digna de confiança. Os recém-convertidos devem esperar que sua fé seja testada, porque é desse modo que Deus prova se sua decisão é verdadeira ou não. Assim como um músculo, a fé deve ser exercitada, a fim de se fortalecer. Deus usa as tribulações e perseguições para fortalecer nossa fé.

Um de meus livros prediletos é *O segredo espiritual de Hudson Taylor* [Mundo Cristão], escrito por Howard Taylor e sua

esposa. O livro conta como a fé de Hudson Taylor em Deus cresceu desde o primeiro dia em que ele decidiu viver somente pela fé. Aprendeu a confiar que Deus proveria seu salário, especialmente quando seu patrão se esquecia de lhe pagar. Aprendeu a confiar que Deus supriria suas necessidades diárias e, à medida que foi crescendo na fé, passou a confiar que Deus também supriria as necessidades de toda a sua organização missionária. Por vezes, Taylor tinha a impressão de que Deus havia esquecido, mas continuava orando e confiando, e Deus respondia.

Uma vida fácil pode tornar-se uma vida superficial. Todos os grandes homens e mulheres de fé mencionados em Hebreus 11 passaram por algum tipo de sofrimento ou enfrentaram obstáculos tremendos, a fim de que sua fé crescesse. Paulo orou pelos cristãos em Tessalônica pedindo que sua fé fosse aperfeiçoada (1 Ts 3:10); agora, agradece a Deus a oração respondida.

**Seu amor aumentava (v. 3b).** Mais uma vez, aqui aparece a resposta a uma oração de Paulo feita em ocasião anterior (1 Ts 3:12). O sofrimento pode nos tornar egoísta, mas quando o sofrimento é combinado com a graça e a fé, ele produz amor. É a “fé que atua pelo amor” (Gl 5:6). Quando os cristãos sofrem, sua fé volta-se *para o alto*, para Deus, e seu amor volta-se *para fora*, para seus irmãos e irmãs em Cristo.

Certa vez, Thoreau descreveu uma cidade como um lugar onde muitas pessoas “vivem juntas em solidão”. Moradores de grandes prédios de apartamentos talvez estejam sofrendo profundamente sem que seus vizinhos sequer suspeitem. O mundo moderno pode promover isolamento espiritual e emocional a tal ponto de as pessoas tornarem-se capazes de ver outros sofrerem sem se importarem.

Mas, para o cristão, o sofrimento ajuda a produzir amor abundante. “Vejam como amam uns aos outros!” – essa foi a confissão do mundo pagão ao contemplar o milagre da comunhão cristã. Os primeiros cristãos apenas obedeciam ao mandamento de seu Senhor: “Amam-vos uns aos outros”. Seu

sofrimento pessoal não os impedia de compartilhar o amor com os semelhantes, também aflitos.

**Sua constância se desenvolvia (v. 4).** A melhor tradução para o termo grego seria “perseverança”. “A tribulação produz perseverança” (Rm 5:3). Não se desenvolve paciência e perseverança lendo um livro (nem mesmo este...) nem ouvindo uma palestra. É *preciso sofrer*. O que esses cristãos suportavam? Paulo usa os seguintes termos para descrever sua situação: “perseguições”, que significa “ataques externos” ou “provações”; “tribulações”, que significa, literalmente, “pressões” ou aflições resultantes das provas, e “atribulados” (2 Ts 1:7), que significa, “comprimidos em um lugar estreito”. Sob todos os pontos de vista, os cristãos tessalonicenses passavam por grandes dificuldades.

Mas Deus jamais desperdiça o sofrimento. As provas trabalham *em nosso favor*, não *contra nós* (2 Co 4:15-18; Tg 1:1-5). Se cremos em Deus e nos entregarmos a ele, as provas produzirão paciência e maturidade em nossa vida. Se nos rebelarmos e lutarmos contra as circunstâncias, continuaremos imaturos e impacientes. Deus permite as tribulações a fim de construir nosso caráter. O Criador pode fazer um cogumelo crescer da noite para o dia, mas é preciso muitos anos – e muitas tempestades – para criar um grande carvalho.

**Seu testemunho ajudava a outros (v. 4a).** “Nós mesmos nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus, à vista da vossa constância e fé” (2 Ts 1:4). O sofrimento contribui não apenas para nosso crescimento, mas também para o crescimento de outros. Deus nos encoraja a fim de encorajarmos nosso semelhante (2 Co 1:4, 5). Ninguém deve ser como uma cisterna que recebe e acumula, mas sim como um canal que recebe e compartilha.

O termo “fé”, em 2 Tessalonicenses 1:3, 4, também pode ser traduzido por “fidelidade”. Na verdade, as duas coisas andam juntas; revelamos nossa fé em Deus pela fidelidade em nosso viver. Apesar das dificuldades que enfrentavam, os tessalonicenses eram fiéis a Deus e uns aos outros. Quando

uma pessoa em dificuldade abandona o Senhor e a igreja, mostra que não nasceu de novo ou que sua vida espiritual é extremamente fraca. Um verdadeiro cristão em crescimento será fiel a qualquer custo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os exércitos inimigos invadiram a região norte da África, os missionários tiveram de fugir e ficaram extremamente aflitos pelas igrejas que deixaram para trás. Mas quando a guerra terminou e os missionários voltaram, descobriram igrejas fortes e em pleno crescimento. Os sofrimentos da guerra purificaram a igreja e ajudaram a fortalecer a fé dos cristãos verdadeiros, e as igrejas de outras partes do mundo foram grandemente encorajadas.

Não faltavam motivos para o apóstolo Paulo dar louvores ao Senhor e agradecer o que Deus fazia na vida daqueles recém-convertidos. Podemos observar, porém, a ausência de um elemento: a esperança. Desde o início, esses cristãos são caracterizados por sua fé, esperança e amor (1 Ts 1:3); mas Paulo dá graças apenas pela fé e pelo amor. Ao que parece, os tessalonicenses estavam confusos quanto a sua esperança. Isso nos leva à segunda palavra de estímulo.

## 2. O ESTÍMULO DA PROMESSA (2 Ts 1:5-10)

Por mais difíceis que fossem as circunstâncias em que se encontravam, os cristãos tessalonicenses tinham um futuro certo e glorioso. Na verdade, seu sofrimento era prova – “sinal evidente” – de que Deus era justo e realizaria o que havia planejado para eles. Temos a tendência de pensar que os sofrimentos indicam que Deus não se preocupa, quando é exatamente o contrário. Além disso, a maneira de agirmos em tempos de tribulação mostra aos outros que Deus está operando (ver Fp 1:28-30 para outro exemplo desse princípio).

A promessa de Deus a seu povo envolve três elementos.

**Recompensa (v. 5).** “Para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo”. Esse era um dos propósitos de Deus ao permitir o

sofrimento dos tessalonicenses. Não significa que essas aflições lhes davam o direito de ir para o céu, pois sabemos que haviam sido salvos pela fé em Cristo (1 Ts 1). Antes, a expressão *com efeito* indica que o fato de serem considerados dignos é relacionado tanto a sua experiência presente quanto a seu ingresso futuro no reino glorioso de Deus. Encontramos a mesma idéia em 1 Pedro 1:3-9.

Um dia, Jesus Cristo transformará radicalmente essa situação, e os perversos sofrerão, enquanto os cristãos serão recompensados. Em momento algum, Jesus prometeu que a vida seria fácil; pelo contrário, ele ensinou que teríamos de enfrentar dificuldades e lutas. Mas também prometeu uma recompensa futura a todos os que permanecerem fiéis a ele (Mt 5:10-12).

**Retribuição (vv. 6, 7b-9).** A retribuição para os perdidos será a aflição, mas para os salvos, será o alívio. “Dar em paga” significa “compensar”. Sem dúvida, os perversos que perseguem os piedosos nem sempre recebem a retribuição justa nesta vida. Na verdade, a aparente prosperidade dos ímpios e as dificuldades dos justos são questões problemáticas para muitos do povo de Deus (ver Sl 73; Jr 12:1; Hc 1).

Como cristãos, devemos viver em função da eternidade, não apenas do presente. Na verdade, “viver de acordo com valores eternos” é o que dá sentido à vida cristã no presente. Vivemos pela fé, não pelas aparências.

Isso me faz lembrar a história de dois agricultores, um cristão e outro ateu. Quando chegou o tempo da colheita, o ateu zombou do cristão pois, ao que parecia, Deus não o havia abençoado muito. A família do ateu era saudável, seus campos estavam repletos e, sem dúvida, a colheita lhe renderia um bom dinheiro.

– Pensei que valia a pena crer em Deus e ser cristão – disse o ateu.

– Claro que vale – respondeu o cristão.  
– Mas nem sempre nossa colheita é aqui na Terra.

Como será o futuro do incrédulo? Observemos as palavras fortes que Paulo usa

para descrever esse futuro: tribulação, fogo, vingança, penalidade e eterna destruição. O mundo que rejeitar a Cristo receberá de Deus exatamente o que deu ao povo de Deus! Quando Deus retribuir, pagará em espécie, pois existe uma lei de compensação que vigora na história humana.

Faraó tentou afogar os bebês hebreus do sexo masculino, e o próprio exército egípcio morreu afogado no mar Vermelho. Hamã tramou o extermínio dos judeus, e ele e seus filhos foram exterminados. Os conselheiros do rei Dario o obrigaram a prender Daniel e jogá-lo na cova dos leões; posteriormente, eles próprios foram atirados aos leões. Os líderes judeus incrédulos sacrificaram Cristo a fim de salvar a nação (ver Jo 11:49-53); alguns anos depois, viram sua cidade ser destruída, e sua nação, dispersa.

É justo Deus julgar o pecado e condenar os pecadores. Um Deus santo não pode deixar o pecado passar sem julgamento. Quem diz: "Não creio que um Deus amoroso seria capaz de julgar os pecadores e mandá-los para o inferno" não entende nem a santidade de Deus nem a atrocidade do pecado. Apesar de ser verdade que "Deus é amor" (1 Jo 4:8), também é verdade que "Deus é luz" (1 Jo 1:5), e, em sua santidade, deve tratar do pecado.

Um médico cristão tentou testemunhar a uma mulher muito íntegra, membro de uma igreja que negava a necessidade da salvação e a realidade do julgamento futuro.

– Deus me ama demais para me condenar – disse a paciente. – Não posso crer que Deus criaria algo como o lago de fogo.

A mulher adoeceu, e foi diagnosticado um câncer que exigiria intervenção cirúrgica.

– Estou me perguntando se devo mesmo operá-la... – disse-lhe o médico no quarto do hospital. – Amo demais sua vida para cortá-la e lhe causar dor.

– Doutor – disse a paciente –, se realmente ama minha vida, fará todo o possível para me salvar. Como poderia permitir que algo tão horrível ficasse em meu corpo?

A partir disso, foi fácil o médico explicar a ela que o câncer é para o corpo aquilo que o pecado é para o mundo; os dois devem

ser tratados de modo radical e completo. Da mesma forma como um médico não pode amar a saúde sem detestar as doenças e tratá-las, também Deus não pode amar a justiça sem odiar o pecado e julgá-lo.

O termo *vingança* não deve ser entendido com o sentido de "retaliação". O propósito dessa vingança é cumprir a Lei santa de Deus; o propósito da retaliação é aplacar um sentimento pessoal de rancor. Deus não guarda qualquer rancor dos pecadores perdidos. Pelo contrário: ele enviou seu Filho para morrer por eles e insta que voltem para ele. Mas se os pecadores preferem "não [conhecer] a Deus e [...] não [obedecer] ao evangelho" (2 Ts 1:8), Deus não tem outra opção senão julgá-los.

Esse julgamento ocorrerá quando Jesus Cristo voltar à Terra com sua Igreja e com seus anjos (2 Ts 1:7). Não se trata do mesmo acontecimento que Paulo descreve em 1 Tessalonicenses 4:13-18. Podemos contrastar esses dois acontecimentos da seguinte maneira:

<i>1 Tessalonicenses</i> 4:13-18	<i>2 Tessalonicenses</i> 1
Cristo volta nos ares	Cristo volta à terra
Vem secretamente	Vem abertamente com a Igreja
Os cristãos escapam da Tribulação	Os incrédulos passam pela Tribulação
Não sabemos quando isso ocorrerá	Ocorrerá no final do tempo de Tribulação, o Dia do Senhor

**Alívio (vv. 7a, 10).** A retribuição para os perdidos será a tribulação, mas para os salvos, o alívio. Creio que a primeira frase de 2 Tessalonicenses 1:7 deveria ser considerada parentética: "se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam (e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco), quando do céu se manifestar o Senhor Jesus". Teremos alívio quando o Senhor voltar nos ares e nos levar para estar com ele.

O termo "alívio" significa "descanso, desopressão" e é o oposto de "tribulação". Descreve o ato de soltar a corda do arco ao

atirar uma flecha. Nesta vida, o povo de Deus vive sob pressão “acima das [suas] forças” (2 Co 1:8) e sob o peso de provações e perseguições. Mas quando virmos Cristo, seremos aliviados. Não precisamos temer a ira ardente e o julgamento (1 Ts 1:10; 5:9), pois nossos pecados já foram julgados por Deus no Calvário.

Como será o futuro dos não salvos? Enfrentarão o castigo e julgamento eternos (2 Ts 1:9), enquanto os salvos desfrutarão o descanso e as glórias do céu. Os perdidos serão separados de Deus, enquanto os salvos “contemplarão a sua face” (Ap 22:4). Algumas seitas tentam amenizar o significado da expressão “eterna destruição” (2 Ts 1:9) dizendo que se refere apenas a um sofrimento temporário ou a uma aniquilação total; as duas idéias são falsas. Por mais que os homens tentem distorcê-la ou evitá-la, essa expressão quer dizer “julgamento eterno” (ver Mt 25:41).

Paulo anima seus amigos com o louvor e a promessa e, em seguida, apresenta uma terceira palavra de estímulo.

### 3. O ESTÍMULO DA ORAÇÃO (2 Ts 1:11, 12)

Paulo orava por seus convertidos (1 Ts 1:2; 3:10). As palavras “por isso”, no início de 2 Tessalonicenses 1:11, significam: “e, por causa de tudo o que acabei de dizer”, referindo-se à volta de Cristo para ser glorificado nos santos e para julgar os perdidos. A perspectiva da glória servia de motivação para o apóstolo orar pelos santos. Não devemos jamais ser remissos em relação a uma responsabilidade presente por causa de uma esperança futura. Pelo contrário, a esperança do amanhã deve nos estimular a ser fiéis hoje.

Nesta oração, Paulo expressa três preocupações com respeito aos tessalonicenses.

**Sua dignidade (v. 11a).** Em 2 Tessalonicenses 1:5, Paulo expressou o desejo de que fossem dignos do reino, quando entrassem na glória no futuro. Mas, aqui, o apóstolo enfatiza sua situação presente. Deus os chamou em graça e amor, e Paulo desejava que vivessem à altura desse chamado (ver 2 Ts 2:13, 14).

As tribulações não fazem a pessoa; apenas mostram do que ela é feita. Revelamos nosso valor quando nossa fé é provada (1 Pe 1:6-9). Por certo, Deus conhece nosso coração mesmo antes de sermos provados, *mas não conhecemos nosso coração*. E outros não conhecem nosso valor. Precisamos orar pedindo que Deus use as tribulações que suportamos para nos transformar em cristãos cada vez mais dignos e valiosos.

**Seu modo de vida (v. 11b).** “E [Deus] cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé”. O caráter deve redundar em conduta. Paulo ora pedindo que, pelo poder de Deus, os tessalonicenses tenham a determinação necessária para obedecer ao Senhor. A obediência e o serviço não vêm do talento e dos esforços humanos, mas sim do poder de Deus quando cremos nele.

Paulo associou a fé ao amor (2 Ts 1:3) e à constância (2 Ts 1:4), e aqui a associa ao poder. Quem crê em Deus recebe seu poder na vida. Não é possível ter vitória sobre as tribulações confiando apenas em si mesmos; mas é possível ser vitoriosos se confiarmos em Deus.

Quando viajo, levo comigo um barbeador elétrico que armazena energia e pode funcionar por cerca de duas horas desligado da tomada. É especialmente útil quando visito certos campos missionários.

Tempos atrás, quando fui palestrante em um congresso de uma semana, observei que o barbeador estava cada vez mais fraco. Certa manhã, o aparelho ficou tão lento que cheguei à conclusão de que havia quebrado. Então, à noite, voltou a funcionar normalmente. Depois de uma rápida investigação, descobri o problema: eu havia ligado o carregador em uma tomada controlada por um interruptor. Quando minha esposa acendia o abajur da escrivaninha, o aparelho recarregava; quando apagava a luz, parava de recarregar.

Esse episódio me ensinou uma lição espiritual: é fácil (por força do hábito), confiar em uma fonte de energia sem verificar se o interruptor está ligado. Paulo orava para que seus amigos estivessem ligados a uma fonte



real de energia e que recebessem o poder necessário para glorificar a Deus.

**Seu testemunho (v. 12).** Jesus Cristo será glorificado em seus santos quando voltarem com ele (2 Ts 1:10); mas também deve ser glorificado em nossa vida hoje. Os incrédulos blasfemam seu nome (1 Pe 4:12ss), mas os cristãos o bendizem e desejam glorificá-lo. O mais impressionante é que o cristão que glorifica a Cristo será glorificado *em Cristo*, "glorificado em vós, e vós nele".

Como isso é possível? "Segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo"

(2 Ts 1:12). A graça e a glória andam juntas, como também o sofrimento e a glória (ver Sl 45:2, 3; 84:11; Rm 5:2; 2 Co 8:19; 1 Pe 5:10). Ao receber a graça de Deus, revelamos sua glória.

"Para os perversos, todavia, não há paz, diz o SENHOR" (Is 48:22). Os perversos não têm descanso! Mas há descanso para os que crêem em Cristo e procuram viver para sua glória. Para o cristão, o melhor ainda está por vir. Sabemos que "os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (Rm 8:18).

## O CRONOGRAMA DE DEUS

### 2 TESSALONICENSES 2:1-12

O propósito da profecia bíblica não é oferecer um cronograma, mas sim construir o caráter. Paulo enfatiza esse fato tanto em suas duas epístolas aos tessalonicenses, e Jesus nos advertiu a não estipular datas para sua volta (Mt 24:36, 42). Quem tenta precisar esse dia costuma causar tumulto, e era exatamente isso o que estava acontecendo na congregação dos tessalonicenses.

Alguém havia enganado os cristãos e os levado a pensar que já viviam o Dia do Senhor. É provável que tal ensinamento tenha se originado em uma “palavra profética” em uma de suas reuniões e que tenha sido reforçado por uma carta falsa com o nome de Paulo. Esse preceito causou inquietação imediata nos cristãos e continuou a perturbá-los profundamente. Deus havia mudado seu plano? Paulo não havia prometido o livramento da Tribulação? (ver 1 Ts 1:10; 5:9).

A fim de tranquilizar o coração dos tessalonicenses e de firmar sua fé, o apóstolo explica que não estão no Dia do Senhor. O motivo é simples: esse dia só virá depois que certos acontecimentos tiverem ocorrido. Em seguida, Paulo lhes apresenta os acontecimentos proféticos do cronograma de Deus.

#### 1. O ARREBATAMENTO DA IGREJA (2 Ts 2:1, 6, 7)

O apóstolo suplica que “se acalmem” com base na verdade que ele havia lhes ensinado em sua primeira epístola: o Senhor voltaria para buscar os salvos e se encontraria com eles nos ares (1 Ts 4:13-18). Essa é a “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e [a] nossa reunião com ele” (2 Ts 2:1). Não se trata de

dois acontecimentos separados, mas sim de um grande acontecimento que ocorrerá repentinamente e sem qualquer aviso.

Uma vez que a Igreja tiver deixado a Terra, Satanás e suas hostes desenrolarão seu plano. O Dia do Senhor é o período subsequente ao arrebatamento da Igreja. Será um tempo de Tribulação para o povo do mundo: Satanás e suas hostes agirão na Terra, e Deus enviará o justo juízo do céu. Apocalipse 6 a 19 descreve esse período.

Por que Satanás não consegue revelar antes o “homem da iniquidade”? Porque Deus está refreando as forças do mal no mundo de hoje. Satanás não pode fazer o que bem entende, quando bem entende. Nosso Senhor soberano é capaz de fazer até a ira do homem louvá-lo: “e do resíduo das iras te cinges” (Sl 76:10). Em 2 Tessalonicenses 2:6, 7, Paulo menciona uma força repressora que hoje está colaborando para que os acontecimentos sigam o cronograma.

O que ou quem é esse repressor? Paulo explicou isso aos tessalonicenses quando os ensinou pessoalmente, mas não incluiu essa informação em nenhuma das cartas. O repressor está atuando hoje no mundo e continuará em ação até que seja “tirado do meio deles” (2 Ts 2:7b).

Convém observar que, em 2 Tessalonicenses 2:6, Paulo refere-se ao repressor de modo neutro (“o que o detém”), enquanto em 2 Tessalonicenses 2:7, usa o gênero masculino (“aquele que agora o detém”). O repressor é um indivíduo que se encontra presente em nosso meio, mas que, um dia, será “afastado”.

Vários estudiosos da Bíblia identificam o repressor como o Espírito Santo de Deus. Sem dúvida, ele faz parte do plano de Deus e opera no meio da Igreja cumprindo os propósitos de Deus. Quando a Igreja for arrebatada, o Espírito Santo não será *removido do mundo* (do contrário, ninguém poderia ser salvo durante a Tribulação), mas será *afastado* de modo que Satanás e suas hostes possam atuar. Por certo, o Espírito Santo estará presente na Terra durante o Dia do Senhor, mas não agirá mais refreando o mal como faz hoje.

Apesar das fraquezas e dos aparentes fracassos da Igreja, não se deve jamais subestimar sua importância no mundo. As pessoas que criticam a Igreja não se dão conta de que a presença do povo de Deus neste mundo dá aos não salvos a oportunidade de receber a salvação. A presença da Igreja adia a vinda do julgamento. Ló não era um homem consagrado ao Senhor, mas foi sua presença em Sodoma que refreou a ira de Deus (Gn 19:12-29). Há dois planos em ação no mundo de hoje: o plano de Deus para a salvação e o plano de Satanás para o pecado, o "mistério da iniquidade". Deus tem um cronograma para seu plano, e Satanás não pode fazer coisa alguma para mudá-lo. Assim como houve uma "plenitude do tempo" para a vinda de Cristo (Gl 4:4), também haverá uma "plenitude do tempo" para o surgimento do anticristo, e nada acontecerá fora do cronograma divino. Uma vez que o ministério repressor do Espírito de Deus tiver chegado ao fim, o acontecimento seguinte poderá ocorrer.

## 2. A REVELAÇÃO DO ANTICRISTO (2 Ts 2:3-5, 8A)

Paulo não usa o termo *anticristo* nesta carta. Essa designação é usada no Novo Testamento apenas por João (1 Jo 2:18, 22; 4:3; 2 Jo 7). Mas esse é o nome pelo qual identificamos o último grande ditador mundial que Paulo chama de "homem da iniquidade", "filho da perdição" (2 Ts 2:3) e "o iníquo" (2 Ts 2:8).

Satanás está em guerra com Deus desde que, como Lúcifer, rebelou-se contra Deus e tentou usurpar seu trono (Is 14:12-15). Tentou Eva no jardim e, por meio dela, levou Adão a cair em pecado (Gn 3). Em Gênesis 3:15, Deus declarou guerra a Satanás e sua família ("tua descendência") e prometeu a vinda do Redentor que derrotaria Satanás completa e definitivamente.

O prefixo grego *anti* pode significar duas coisas: "contrário a" e "no lugar de". Satanás não apenas se opõe a Cristo, mas também deseja ser adorado e obedecido *no lugar de Cristo*. Satanás sempre desejou ser adorado e servido como Deus (Is 14:14; Lc

4:5-8). Um dia, produzirá sua obra-prima, o anticristo, que levará o mundo a adorar o Maligno e acreditar em suas mentiras.

Paulo havia explicado tudo isso aos tessalonicenses, pedindo, sem dúvida alguma, que consultassem as Escrituras relevantes do Antigo Testamento. Somos privilegiados de ter a Bíblia completa para estudar, de modo que tenhamos uma visão geral do anticristo e de sua carreira. Os estudiosos das profecias não apresentam um consenso quanto a todos os detalhes, mas, quando relacionados, os fatos principais oferecem a seguinte descrição do anticristo no fim dos tempos.

**O pacificador (Ap 6:1, 2).** Por certo, esse homem entrará em cena antes do arrebatamento da Igreja. Será um líder político pacífico, que unirá dez nações da Europa em um bloco político poderoso (ver Ap 17:12, 13). O cavaleiro no cavalo branco é uma imitação de Cristo (Ap 19:11ss). Avança para conquistar pacificamente; tem um arco, mas não tem flechas. Trará um período breve de paz ao mundo (1 Ts 5:1-3) antes de cair a tempestade do Dia do Senhor.

**O protetor (Dn 9:24-27).** Não cabe aqui examinar os detalhes fascinantes dessa profecia, mas é importante observar vários fatos. Em primeiro lugar, a profecia aplica-se a Israel, ao templo e a Jerusalém, mas não à Igreja. Em segundo lugar, anuncia a ocasião em que o Messias virá e cumprirá certos propósitos para o povo judeu. O termo "semana" refere-se a um período de 7 anos; 70 semanas correspondem a 490 anos. Convém observar que esses 490 anos são divididos em três partes: 7 semanas, ou 49 anos, durante os quais a cidade seria reconstruída; 62 semanas, ou 434 anos, no final dos quais o Messias viria e seria morto; 1 semana ou 7 anos, durante os quais um "príncipe" teria uma aliança com Israel.

Encontramos "dois príncipes" nessa profecia: Cristo, Messias, o Príncipe (Dn 9:25), e o anticristo, "um príncipe que há de vir" (Dn 9:26). "O povo de um príncipe que há de vir" são os romanos, pois foram eles que destruíram a cidade e o templo no ano 70 d.C. A vinda do anticristo será relacionada a uma nação que pertenceu ao império romano.

Por fim, devemos observar que há um intervalo entre a 69ª e a 70ª semana. Vive-mos hoje nesse intervalo. A 69ª semana encerrou-se com o ministério de Cristo. A 70ª semana começará com a vinda do anticristo. Ele fará uma aliança com Israel para proteger a nação e permitir que ela reconstrua seu templo. A aliança será estipulada para 7 anos. *O anticristo resolverá temporariamente a crise do Oriente Médio*. Israel reconstruirá o templo em uma época de paz. É a assinatura dessa aliança, não o arrebatamento da Igreja, que indica o início da 70ª semana de Daniel, o período de 7 anos conhecido como o Dia do Senhor.

**O transgressor (Dn 9:27).** Depois de três anos e meio, o anticristo romperá a aliança com os judeus e *tomará posse do templo*. É isso o que Paulo chama de “a apostasia” (2 Ts 2:3b). Uma tradução melhor é “rebelião, deserção”. Não será apenas *uma* rebelião, mas a rebelião. Até esse ponto, o anticristo é o líder pacificador das dez nações européias, que assumiu o compromisso de proteger Israel. Agora, porém, revela seu verdadeiro caráter assumindo o controle do templo judeu e exigindo que o mundo o adore (ver Ap 13).

Uma vez que o anticristo será impelido por Satanás, não é de se surpreender que deseje ser adorado, pois Satanás sempre quis receber a adoração do mundo. A história da Igreja indica que houve diversas “apostasias”, quando grupos afastaram-se da verdade de Deus, mas essa rebelião final será a maior de todas. O homem da iniquidade se oporá a tudo o que se refere a outras religiões, sejam elas verdadeiras ou falsas. Organizará uma igreja mundial que, ao adorá-lo, estará adorando a Satanás.

Jesus previu essa apostasia e chamou o anticristo de “o abominável da desolação” (Mt 24:15), uma referência clara a Daniel 9:27. O mundo ficará maravilhado com esse grande líder que, pelo poder de Satanás, realizará sinais e prodígios e enganará as nações.

**O perseguidor (Ap 13:15-17).** A maioria dos estudiosos das profecias acredita que esses acontecimentos ocorrerão três anos e meio depois que o anticristo houver

assinado a aliança com os judeus (Dn 9:27 – “na metade da semana” ou depois de três anos e meio). Esse fato dará início a um período de perseguição intensa e tribulação. Jesus disse: “porque nesse tempo haverá grande tribulação” (Mt 24:21). Satanás deramará sua ira sobre Israel. Controlará o sistema econômico do mundo de tal forma que os cidadãos precisarão ter “a marca da besta”, a fim de poder comprar e vender (Ap 13:16,17).

Muitos perguntam se alguém será salvo durante esse período de 7 anos, e a resposta é sim. Apocalipse 7:1-8 afirma que 144 mil judeus serão salvos (provavelmente de forma parecida com a conversão do apóstolo Paulo, que teve uma visão dramática de Cristo) e levarão o evangelho às nações. O apóstolo João descreve uma grande multidão de gentios que se converterão durante a Grande Tribulação (Ap 7:9-17). O Espírito Santo estará “afastado” como poder represor, mas continuará operando como poder redentor.

No entanto, os convertidos pagarão um alto preço por crer em Cristo e viver para ele nesse tempo. Os cristãos recusarão curvar-se diante da imagem da besta e serão mortos. Recusarão usar sua marca e, desse modo, não conseguirão trabalho nem terão acesso ao comércio. Será um contraste e tanto com nossa situação atual, na qual até pessoas famosas dão seu testemunho cristão.

**O prisioneiro (Ap 19:11-21).** É importante lembrar que Deus tem um cronograma. Satanás não terá permissão de controlar o mundo para sempre. Jesus voltará “com grande poder e glória” (Mc 13:26) e levará cativos o anticristo e seus colaboradores – e também Satanás – e os lançará no abismo (Ap 20:1-3). Esse será o ponto culminante da grande batalha do Armagedom (Ap 16:16), durante a qual as nações do mundo unir-se-ão a Satanás para lutar contra Jesus Cristo. Isso nos levará ao acontecimento seguinte.

### 3. A VOLTA DE JESUS CRISTO (2 Ts 2:8-12)

É sua volta à Terra em glória e juízo, acontecimento descrito em 2 Tessalonicenses 1:5-10

e em Apocalipse 19:11ss. Ocorrerá no final dos 7 anos de Tribulação, quando o “mistério da iniquidade” (o plano perverso de Satanás) houver terminado com a batalha do Armagedom. É importante fazer uma distinção clara entre o arrebatamento da Igreja e a volta de Cristo à Terra. O primeiro acontecimento é secreto, e a Igreja será arrebatada para se encontrar com o Senhor nos ares. O segundo acontecimento é público, e a Igreja voltará com o Senhor para derrotar Satanás e suas hostes.

**O julgamento do anticristo (vv. 8, 9).** Ninguém na Terra será capaz de vencer o anticristo e suas milícias, pois ele receberá o poder de Satanás. “Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?” (Ap 13:4). Satanás dará poder a seu falso messias para que ele realize “sinais, e prodígios da mentira” (2 Ts 2:9). Trata-se, sem dúvida, de uma imitação de Jesus Cristo, que realizou “milagres, prodígios e sinais” (At 2:22).

Satanás sempre foi um imitador. Existem falsos cristãos no mundo que, na verdade, são filhos do diabo (Mt 13:38; 2 Co 11:26). Ele tem falsos ministros (2 Co 11:13ss) que pregam um evangelho falso (Gl 1:6-9). Existe até mesmo uma “sinagoga de Satanás” (Ap 2:9), ou seja, um grupo de pessoas que pensa estar adorando a Deus, mas, na verdade, adora ao diabo (1 Co 10:19-21). Esses cristãos falsos possuem uma justiça falsa que não é a justiça salvadora de Cristo (Rm 10:1-3; Fp 3:4-10). Têm uma certeza falsa que se mostrará inútil quando enfrentarem o julgamento (Mt 7:15-29).

Na era apostólica, os milagres eram dados para autenticar a mensagem (Hb 2:1-4). Os apóstolos escolhidos de Deus usavam os milagres e suas credenciais para provar que haviam sido enviados por Deus (2 Co 12:12). Contudo, os milagres *de per se* não servem para provar que uma pessoa foi enviada por Deus: sua mensagem e seu caráter também devem ser levados em consideração. João Batista foi “um homem enviado por Deus” (Jo 1:6) e, no entanto, “João não fez nenhum sinal” (Jo 10:41).

Satanás pode fazer milagres que parecem emular os do Senhor. Foi assim que se

opôs a Moisés na corte de Faraó (Êx 7:8-12, 20-22; 8:5-7). No julgamento final, algumas pessoas que realizaram milagres *em nome de Jesus* serão rejeitadas pelo Senhor, pois nunca foram salvas (Mt 7:21-23). Judas realizou milagres e, no entanto, nunca nasceu de novo (Jo 6:66-71; 13:11, 18).

O propósito dos milagres de Deus era conduzir as pessoas à verdade; o propósito dos milagres do anticristo será levar as pessoas a crer em mentiras. Paulo chama-os de “prodígios da mentira” (2 Ts 2:9), não porque os milagres não sejam reais, mas porque convencem as pessoas a crer nas mentiras de Satanás. O mundo não seguiria por muito tempo um líder que fizesse apenas truques baratos (ver Ap 13:13, 14).

Quando Jesus Cristo voltar, julgará o anticristo “com o sopro de sua boca e [...] pela manifestação de sua vinda” (2 Ts 2:8). Os verbos *matar* e *destruir* não significam aniquilar, pois Apocalipse 20:10 indica que Satanás e seus ajudantes serão atormentados no lago e fogo para sempre. Essa afirmação poderia ser traduzida por: “a quem o Senhor Jesus derrubará com o sopro de sua boca e dará fim às operações com o esplendor de sua presença”.

À medida que a vinda do Senhor para buscar sua Igreja se aproximar, a operação de Satanás no mundo se intensificará (1 Tm 4; 2 Tm 3). Uma vez que Satanás é um mentiroso, devemos resistir-lhe com a verdade da Palavra de Deus (Ef 6:17). Foi essa espada que Jesus usou ao derrotar Satanás no deserto (Mt 4:1-11). Além de mentiroso, Satanás também é assassino (Jo 8:44), enquanto Deus vivifica por meio de sua verdade. É um grande estímulo saber que, um dia, Jesus Cristo derrotará completamente Satanás e seu sistema.

**O julgamento dos incrédulos (vv. 10-12).** Observamos anteriormente que grande número de judeus e de gentios será salvo durante o período de 7 anos de Tribulação. Mas a maioria da população mundial se perderá. Muitos morrerão nos julgamentos terríveis que Deus enviará sobre a Terra (ver Ap 6:7, 8; 8:11; 9:18; 11:13). Outros perecerão no julgamento, quando Jesus Cristo

voltar e separar os salvos dos perdidos (Mt 25:31-46).

É importante observar que essas pessoas tiveram a oportunidade de crer e de ser salvas. Deus não sente prazer algum em julgar os perdidos (Ez 33:11) e "não [quer] que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3:9). Essas pessoas serão julgadas e sofrerão para sempre, pois não aceitaram a verdade nem creram nela. O coração desses indivíduos será tão perverso que não terão *amor* algum pela verdade. Os que amam e praticam a mentira serão excluídos da cidade celestial (Ap 22:15) e enviados para o lago de fogo.

Neste parágrafo, Paulo ensina algo extremamente sério: é possível resistir de tal modo à verdade a ponto de acabar se iludindo e sendo obrigado a crer em uma mentira. Não é possível manter-se neutro: ou se crê na verdade ou se crê em uma mentira. Rejeitar a verdade é o mesmo que aceitar a mentira.

Isso significa que Deus é responsável pelo fato de essas pessoas rejeitarem a Cristo? Tanto quanto ele foi responsável pela situação espiritual de Faraó, quando Moisés fez sobrevir as pragas no Egito. Faraó ouviu a Palavra de Deus e viu os prodígios de Deus e, no entanto, recusou sujeitar-se à vontade de Deus. Em algumas ocasiões, Faraó cedeu e aceitou, da boca para fora, a vontade de Deus; mas sempre voltou a resistir e recusou-se a obedecer a Deus. Endureceu o coração de tal modo que não foi mais capaz de receber a verdade, provocando o julgamento final de Deus sobre a terra do Egito.

A Segunda Espístola aos Tessalonicenses 2:11 diz, literalmente: "para crerem na mentira". O que vem a ser "a mentira"? Satanás é o mentiroso e enganou os seres humanos inúmeras vezes. Mas há uma "mentira" que, desde o princípio, induz as pessoas ao erro. Satanás contou essa mentira pela primeira vez a Eva: "Como Deus, sereis". A *mentira* é a idéia de que o homem é seu próprio deus e, portanto, pode fazer o que bem entender e se aperfeiçoar apenas com seus esforços humanos. O processo é descrito em Romanos

1:18ss. Convém observar especialmente Romanos 1:25: "pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador".

Tudo isso significa que Satanás apela ao orgulho humano. Foi o orgulho que transformou Lúcifer em Satanás (Is 14:12-15; Ez 28:11-18). É por causa do orgulho que os homens fazem a vontade de Satanás aqui no mundo (ver 2 Tm 2:24-26).

Um amigo me contou de um líder em um campo missionário que causava vários problemas para a igreja. Sempre que o missionário estava na vila, esse líder apresentava comportamento exemplar; mas assim que o missionário partia, o homem começava a comportar-se como se fosse controlado por Satanás. Por fim, o missionário e vários outros líderes da igreja confrontaram o homem em nome de Jesus Cristo e descobriram a verdade: Satanás estava usando o orgulho para controlar a vida dele.

- Quando fui ordenado presbítero - explicou o homem -, ouvi uma voz me dizer: "agora você é alguém importante". Dei atenção a essa voz, e Satanás assumiu o controle da minha vida.

O homem confessou seu pecado, a igreja orou por ele, e Deus o libertou.

"Agora você é alguém importante!" "Adore e sirva a criatura em vez do Criador." Essa é a mentira de Satanás e, infelizmente, é o que governa o mundo hoje. No princípio, Deus criou o homem a sua imagem. Hoje, o homem faz para si um Deus a sua imagem.

As pessoas que Cristo julgará não apenas deixaram de amar a verdade, mas também "deleitaram-se com a injustiça" (2 Ts 2:12). Os Salmos 50:16-21 e 52 descrevem esse tipo de pessoa. Os principais sacerdotes *alegraram-se* quando Judas prometeu ajudá-los a matar Jesus (Mc 14:10, 11). Como mencionamos anteriormente, o processo de crer na mentira é descrito em Romanos 1. O último versículo desta seção (Rm 1:32) mostra claramente essa verdade: "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem".

Isso significa que as pessoas que ouviram o evangelho antes do arrebatamento da Igreja não poderão ser salvas depois do arrebatamento? Não necessariamente. Se assim fosse, caso Cristo voltasse hoje, nosso testemunho aos perdidos seria condenação para eles. No entanto, significa que nenhum pecador perdido pode se dar o luxo de tratar a verdade de Deus com indiferença nem de rejeitar o Filho de Deus

repetidamente. Toda vez que o pecador rejeita a verdade de Deus, seu coração torna-se mais empedernido; também se torna mais propenso a crer nas mentiras de Satanás.

É muito melhor seguir o exemplo dos cristãos tessalonicenses, que receberam o evangelho “não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (1 Ts 2:13). Você já aceitou a verdade?

---

## SOMENTE A VERDADE

## 2 TESSALONICENSES 2:13 – 3:5

Paulo foi um cristão equilibrado que teve um ministério equilibrado; vemos provas disso quando ele encerra esta carta. O apóstolo passa da profecia para vida cristã prática; do aspecto negativo (as mentiras de Satanás) para o aspecto positivo (a verdade de Deus); e da advertência para as ações de graças e oração.

Precisamos encarecidamente de ministérios equilibrados hoje. Participei de congressos cristãos nos quais a única ênfase era sobre o que Cristo *fará* com os judeus no futuro, deixando inteiramente de lado o que ele *deseja* fazer com a Igreja no presente. Não devemos jamais permitir que o estudo das profecias torne-se uma fuga de nossas responsabilidades presentes.

A ênfase de Paulo é sobre a verdade da Palavra de Deus em contraste com a grande mentira de Satanás, sobre a qual o apóstolo discorreu na seção anterior. Todo cristão tem quatro responsabilidades para com a verdade de Deus.

### 1. CRER NA VERDADE (2 Ts 2:13, 14)

Já observamos como Paulo oferece ações de graças repetidamente em suas cartas à igreja de Tessalônica (1 Ts 1:2; 2:13; 3:9; 2 Ts 1:3; 2:13). Agradece a maneira como responderam à obra de Deus na vida deles. Nestes dois versículos, o apóstolo faz uma recapitulação dos estágios da experiência de salvação dos tessalonicenses.

**Deus os amou (v. 13a).** Tudo o que Deus faz pelo mundo perdido nasce de seu amor eterno. Não se deve jamais pensar em seu plano maravilhoso para a salvação como um mecanismo impessoal. Sua salvação é

arraigada e fundamentada em seu amor (Jo 3:16). Deus provou seu amor na cruz, onde Jesus Cristo morreu pelos pecados do mundo (Rm 5:8).

**Deus os escolheu (v. 13b).** Não somos salvos somente pelo amor, pois Deus ama o mundo inteiro e, no entanto, nem todos são salvos. O amor revela-se na *graça* e na *misericórdia*. Em sua graça, Deus nos dá, por meio de Cristo, o que não merecemos, e, em sua misericórdia, Deus deixa de nos dar o que merecemos, pois lançou o castigo que nos era devido sobre Cristo! Não ousamos explicar a eleição dos pecadores por Deus (1 Ts 1:4; Ef 1:4; 1 Pe 1:2).

**Deus os separou (v. 13c).** O termo “santificar” significa “separar”. Existe uma santificação progressiva que nos torna cada vez mais semelhantes a Cristo (1 Ts 5:23). Mas a santificação à qual Paulo se refere aqui é a obra do Espírito de conduzir o incrédulo à fé em Cristo. “Eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito” (1 Pe 1:2). Faz parte da obra do Espírito Santo convencer o pecador de sua culpa (Jo 16:7-11). Ao olhar para trás, vejo como o Espírito me conduziu à fé em Cristo, ainda que, na época, eu não estivesse consciente disso; essa é a experiência de todo cristão.

**Deus os chamou (v. 14).** O mesmo Deus que determinou o fim (a salvação) também determinou o meio para alcançar esse fim (“a fé na verdade”). A pessoa que diz: “não preciso orar, testemunhar nem enviar missionários, pois Deus já tem seus eleitos” não entende a eleição divina. O maior estímulo para o evangelismo é saber que Deus preparou certas pessoas para responder à sua Palavra (ver At 18:1-11).

A fim de cumprir seu plano eterno, Deus enviou Paulo, Silas e Timóteo a Tessalônica para pregar a Palavra de Deus. O que foi *determinado na eternidade* cumpriu-se *no tempo*. Deus emprega instrumentos humanos para levar o evangelho aos perdidos; e, ao crer em Cristo, essas pessoas provam que são “eleitas” em Deus (1 Ts 1:4). O convite de Deus foi dado à cidade toda, mas se mostrou eficaz somente para os que receberam a verdade e creram em Cristo.



É perigoso envolver-se em especulações inúteis acerca da soberania divina e da responsabilidade humana. Ambas são ensinadas na Bíblia. Sabemos que "Ao Senhor pertence a salvação!" (Jn 2:9), e que os pecadores não podem jamais salvar a si mesmos. É preciso reconhecer que existem *mistérios* acerca da salvação, mas podemos nos regozijar porque também existem *certezas*, nas quais podemos descansar. Não se deve usar a doutrina da eleição para dividir a igreja e perturbar os fracos, mas sim para glorificar ao Senhor.

**Deus lhes deu glória (v. 14b).** O que começou na eternidade passada chega a seu apogeu na eternidade futura: participamos da glória de Deus (Jo 17:24; Rm 8:29, 30). O que começa com a graça sempre conduz à glória. Trata-se de um contraste gritante com o futuro reservado para os perdidos (2 Ts 1:8-10). Os cristãos já possuem a glória de Deus dentro de si (Jo 17:22; observar o verbo no passado em Rm 8:30 - "glorificou"). Estamos aguardando a volta de Cristo, quando a glória será revelada (Rm 8:17-19; 2 Ts 1:10).

Quando os pecadores crêem na verdade de Deus, ele os salva. Quando crêem nas mentiras de Satanás e rejeitam o amor à verdade, não podem ser salvos (2 Ts 2:10-12). É perigoso pensar que é possível ser neutros quanto à verdade de Deus; as consequências dessa idéia equivocada são eternas e trágicas.

## 2. GUARDAR A VERDADE (2 Ts 2:15)

Paulo falou-lhes sobre a rebelião *futura* contra a verdade (2 Ts 2:3), a grande apostasia liderada pelo anticristo. Mas, nesta carta, também os acautela sobre um perigo *presente* e afirma que a Igreja deve guardar a verdade de Deus, não se afastar dela. O Novo Testamento adverte repetidamente sobre isso: 1 João 2:18-24; 4:1-3; 2 Pedro 2; 1 Timóteo 4 e 2 Timóteo 3, dentre outros.

Deus opera em seu mundo por meio da verdade de sua Palavra, e Satanás opõe-se a essa verdade colocando mentiras em seu lugar. A natureza humana tem a tendência de crer nas mentiras e de resistir à verdade. Satanás realiza seu trabalho mais eficaz por

meio das chamadas instituições cristãs (igrejas, escolas etc.) que não crêem na verdade de Deus. Tais instituições têm a "forma de piedade", mas, na realidade, nunca experimentaram o poder da verdade salvadora de Deus.

Ao usar o termo *tradições*, Paulo não se refere às idéias religiosas criadas por seres humanos e sem fundamento bíblico. Jesus rejeitou as tradições religiosas humanas (Mc 7:1-13), e Paulo adverte contra elas em Colossenses 2:8. É triste ver religiosos discutirem tradições humanas e, ao mesmo tempo, rejeitarem a verdade simples da Palavra de Deus.

O termo "tradição" significa, simplesmente, "o que foi passado de uma pessoa para outra". A verdade do evangelho começou como uma mensagem oral, proclamada por Cristo e pelos apóstolos. Posteriormente, essa verdade foi registrada por escrito, por inspiração do Espírito Santo, transformando-se nas Sagradas Escrituras (ver 2 Tm 3:12-17; 2 Pe 2:16-21). A verdade de Deus não foi inventada por homens: foi transmitida de Deus para os homens (1 Co 15:1-6; Gl 1:11, 12), e cada geração de cristãos guardou-a e a passou adiante (2 Tm 2:2).

Paulo apresenta claramente as duas responsabilidades do cristão ao guardar a verdade: "permanecei firmes e guardai as tradições" (2 Ts 2:15) "Permanecei firmes" significa "não se afastem da verdade do evangelho" (ver 1 Co 16:13; Cl 1:23). Quando minha esposa e eu visitamos a torre de Londres e vimos as jóias da coroa, observamos que a multidão movia-se sem parar, mas os guardas permaneciam sempre no mesmo lugar. Observavam atentamente os visitantes, e nada poderia tirá-los de seu posto. Nós, cristãos, estamos ajudando a guardar a "fé preciosa" e não devemos permitir que os ardis de Satanás ou o louvor dos homens nos tirem de nosso posto.

Se "permanecermos firmes", poderemos "guardar". Esse termo tem o sentido de "segurar com firmeza". É relacionado à palavra grega que significa "resistência, força, poder". Não devemos guardar a verdade de Deus de maneira descuidada, mas sim

segurá-la com força e firmeza, sem deixar que escape de nós. Cada geração de cristãos deve receber a verdade que lhe é transmitida por outros e se certificar de guardá-la intacta para a geração seguinte.

Não é fácil *permanecer firmes e guardar*, pois as forças a nosso redor desejam nos demover da fé. Satanás sabe usar mentiras para opor-se à verdade de Deus e procura fazer isso *no meio dos cristãos* (At 20:28-32). Por vezes, um cristão fiel deve recusar-se a ter comunhão com os que rejeitaram a fé (Rm 16:17-20; 2 Co 6:14 – 7:1; 1 Tm 6:3-5; 2 Jo 7-10).

Permita-me resumir essa idéia com duas palavras de advertência. Em primeiro lugar, “a fé” que nos foi transmitida pelas gerações anteriores não deve ser confundida com interpretações e conceitos humanos. Os fariseus consideravam suas interpretações tão sagradas quanto a Palavra de Deus (Mc 7:7-9). As doutrinas fundamentais da Palavra de Deus são aceitas por todos os cristãos evangélicos, mas nem todos os cristãos concordam quanto a questões secundárias de interpretação (especialmente no que diz respeito às profecias) ou de organização da igreja. É perigoso transformar idéias humanas em uma prova de comunhão ou de espiritualidade.

Em segundo lugar, não devemos “embalsamar” a verdade, fazendo-a perder sua vitalidade e poder. Antes, devemos ser como pais de família dedicados que tiram de seu depósito da verdade “coisas novas e coisas velhas” (Mt 13:52). Ainda há mais verdades a serem encontradas na Palavra de Deus e não devemos pensar que sabemos tudo. A Palavra é como uma semente (Lc 8:11), e quando uma semente é colocada no solo, produz a planta, frutos e *mais sementes*. Apesar de ser bom contar as histórias antigas das Escrituras, também é salutar permitir que o Espírito ensine verdades novas acerca da Palavra e encontrar novas aplicações para verdades antigas.

### 3. PRATICAR A VERDADE (2 Ts 2:16, 17)

Não basta crer na verdade e guardá-la; também devemos praticá-la. Quem ouve a

Palavra de Deus e não lhe obedece estará apenas enganando a si mesmo (Tg 1:22-25).

Estes dois versículos apresentam o desejo e a oração de Paulo a seus amigos: ele queria que Deus os *encorajasse* (“consolem o vosso coração”) e *firmasse* (“vos confirmem”) “em toda boa obra e boa palavra”. Essas duas palavras destacam-se nas cartas aos tessalonicenses.

Quando estava com eles, Paulo *encorajou-os* individualmente, como um pai faz com os filhos (1 Ts 2:11). Enviou Timóteo a encorajá-los (1 Ts 3:2), e o próprio Paulo foi encorajado pelo relato de Timóteo acerca da fidelidade dos cristãos de Tessalônica (1 Ts 3:7).

O apóstolo estimulou-os a andar de modo agradável a Deus (1 Ts 4:1) e a crescer no amor pelos semelhantes (1 Ts 4:10). Ensinou-lhes sobre o arrebatamento da Igreja, a fim de que encorajassem uns aos outros (1 Ts 4:18). Para acalmar seus medos, explicou-lhes como será o Dia do Senhor (1 Ts 5:11). Além desse ensinamento, instou-os a ministrar uns aos outros (1 Ts 5:18).

A *confirmação* no Senhor também é um tema importante. Paulo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para que os firmasse na fé (1 Ts 3:2), e o apóstolo orou para que Deus os confirmasse (1 Ts 3:13). Antes de aprender a andar e correr, toda criança precisa aprender a ficar em pé.

Essa confirmação vem de Deus, mas ele usa pessoas para realizar sua obra. Uma das grandes necessidades de nossas igrejas é ter cristãos que se dediquem a firmar na fé os recém-convertidos. Estudos bíblicos em grupos e os cultos da igreja são de grande valor, mas o discipulado pessoal também é importante. Paulo encorajou os tessalonicenses individualmente, e devemos seguir seu exemplo.

Paulo demonstrou preocupação com dois aspectos da vida cristã dos tessalonicenses: sua *palavra* e suas *obras*, o que *diziam* e o que *faziam*. Se as atitudes não são coerentes com as palavras, o testemunho perde a eficácia. O “agir” e o “falar” devem estar em concordância; as boas obras e as boas palavras devem vir de um coração submisso.

Ninguém é salvo pelas boas obras (Ef 2:8-10; Tt 3:3-7), mas as boas obras dão prova da salvação (Tt 2:11-15). Não podemos depender apenas de boas palavras; o que dizemos deve ser confirmado por aquilo que fazemos (1 Jo 3:18). As boas obras devem ser uma prática contínua, não algo ocasional. Devemos ser *confirmados* em nossas palavras e em nossas obras.

Como isso é possível? Somente Deus pode fazê-lo por meio de sua graça; e era isso o que Paulo desejava para seus amigos. Deus deu consolação eterna e boa esperança por meio de sua graça. É importante observar que as palavras de Paulo associam o Senhor Jesus Cristo a Deus Pai de modo a asseverar a divindade de Cristo. Os dois nomes para Deus em 2 Tessalonicenses 2:16 são regidos por um verbo no *singular*, não no plural, o que significa que são iguais. O apóstolo usa essa mesma construção gramatical em 1 Tessalonicenses 3:11, em que também afirma a igualdade entre Pai e Filho.

Hoje em dia, muitos cristãos enfatizam a necessidade de *guardar* a verdade, mas minimizam a importância de *viver* a verdade. Uma das melhores formas de guardar a verdade é colocá-la em prática. É louvável defender a fé, mas não se deve esquecer de demonstrá-la. Lázaro não precisou dar palestras sobre a ressurreição. As pessoas olhavam para ele e criam (Jo 12:9-11).

#### 4. COMPARTILHAR A VERDADE (2 Ts 3:1-5)

É lógico haver uma seqüência de responsabilidades. O aprendizado e a prática devem andar juntos. Quando cremos na verdade, ela muda nossa vida. Guardamos e praticamos a verdade a fim de compartilhá-la com outros. Não é possível compartilhar algo em que não cremos (a menos que sejamos hipócritas) e podemos compartilhar com mais eficácia aquilo que praticamos.

A Palavra de Deus é viva (Hb 4:12); devemos deixá-la mover-se livremente. Aqui, Paulo faz uma alusão ao Salmo 147:15: "Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente". Os servos de Deus podem estar presos, mas ninguém consegue

conter a Palavra de Deus (2 Tm 2:9). Ao praticar a verdade e orar pelo ministério da verdade, a Palavra de Deus terá liberdade de mover-se e de realizar os propósitos de Deus no mundo.

A Palavra de Deus é glorificada tanto na vida dos que a compartilham como dos que a recebem. Foi o que Paulo experimentou em Antioquia da Pisídia: "Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna. E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região" (At 13:48, 49).

Hoje em dia, uma parte excessiva da obra cristã é realizada por meio de planos e promoção de caráter humano, não pela Palavra de Deus. Confiamos em nossos projetos e não divulgamos a Palavra de Deus (Hb 11:3). Sem dúvida, a Palavra de Deus pode realizar a obra de Deus neste mundo. Mas a pregação de púlpito da Palavra muitas vezes é substituída pelo entretenimento secular no palco. Donald Coggan, arcebispo de Canterbury, comentou sobre os pastores cristãos: "Sua tarefa é alimentar as ovelhas, não entreter os cabritos".

Ao longo do ministério pastoral, tenho observado que a Palavra de Deus realiza a obra de Deus. Quando as ovelhas são alimentadas, elas se arrebanham em amor, se reproduzem, seguem o pastor e dão sua lã sem qualquer problema. Quando as ovelhas estão famintas, começam a morder umas às outras, a adoecer e a se perder pelo caminho. Quando a Palavra de Deus realiza a obra, Deus recebe a glória. Como meu amigo Bob Cook costumava lembrar: "Se somos capazes de explicar o que está acontecendo, então não é Deus quem está fazendo!"

É evidente que a Palavra e a obra de Deus sempre enfrentam oposição. Paulo pede a seus amigos que orem para que ele seja libertado dos homens incrédulos, perversos e maus. Assim como o Espírito usa pessoas consagradas para compartilhar a Palavra, Satanás também se vale de pessoas perversas para opor-se à Palavra e gosta de usar cristãos para opor-se à obra de Deus. Falou

por meio de Pedro (Mt 16:21-23) e operou por meio de Ananias e Safira (At 5:1-11).

Paulo estava certo de que seus leitores não se entregariam a Satanás, permitindo, antes, que o Senhor fiel os firmasse na fé e os guardasse do Maligno (significado literal de 2 Ts 3:3). Não podemos confiar em nós mesmos, mas podemos confiar em Deus para cuidar de nós e dos outros.

Não basta o pastor ou os líderes da igreja compartilharem a Palavra; cada cristão deve participar desse ministério essencial. O termo "ordenar", que Paulo usa em 2 Tessalonicenses 3:4, refere-se a "uma ordem militar transmitida por um oficial superior". No texto original, ele usa o mesmo termo em 1 Tessalonicenses 4:2 e o repete em 2 Tessalonicenses 3:4, 6, 10, 12. Cristo é o Capitão de nossa salvação, e nós somos seus soldados (2 Tm 2:3, 4). Em uma batalha, não é suficiente apenas os oficiais lutarem; todos os soldados devem cumprir seu dever. O mesmo se aplica ao trabalho na igreja local.

O que seria de um exército que funcionasse com a mesma falta de obediência, ordem e disciplina que vemos, com frequência, nas igrejas locais? Jamais venceria uma guerra. Se os soldados só participassem dos treinamentos quando tivessem vontade, jamais estariam preparados para enfrentar o inimigo. Se os recrutas desobedecessem às ordens de seus oficiais da maneira como alguns membros de igreja desobedecem à

Palavra de Deus, seriam mandados para a corte marcial.

Um soldado obedece, acima de tudo, por lealdade, não por medo. Mas o cristão tem motivos muito mais elevados para obedecer: o amor de Deus e a volta de Cristo (2 Ts 3:5). "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15). Um comandante não exige que seus subordinados o amem; mas, se o amarem, também o respeitarão e lhe obedecerão com maior diligência. Os registros históricos das guerras mostram feitos heróicos de homens que amavam seus líderes e morreram voluntariamente por eles. Nosso Salvador nos ama e morreu por nós. Acaso não podemos lhe obedecer?

Ele voltará para nos buscar. Esse é o tema que encontramos até aqui nas duas cartas de Paulo aos tessalonicenses, e o apóstolo relaciona essa verdade à prática diária. Como soldados de Cristo, devemos compartilhar a Palavra, pois, um dia, ele voltará e teremos de prestar contas de nossa vida. Será que "[amamos] a sua vinda" (2 Tm 4:8)? Ficaremos "envergonhados na sua vinda" (1 Jo 2:28)?

Vemos, portanto, quatro grandes responsabilidades que nos cabem: crer na verdade, guardar a verdade, praticar a verdade e compartilhar a verdade. Se cumprirmos esses deveres, experimentaremos alegria e poder em nossa vida, bem como crescimento e bênçãos em nossas igrejas.

## ORDEM NA IGREJA

### 2 TESSALONICENSES 3:6-18

Quando os problemas não são resolvidos, eles crescem e se tornam ainda piores. Uma pequena farpa deixada no dedo pode causar uma infecção grave e exigir intervenção cirúrgica. Quando alguém pisa em um prego, o médico aplica de imediato uma injeção antitetânica, mesmo que o machucado pareça insignificante.

Os problemas na igreja são como problemas físicos: se não forem resolvidos, crescem, agravam-se e infectam mais pessoas. A igreja local é um corpo, e o pecado é para o corpo espiritual aquilo que os micróbios são para o corpo físico. Quando Paulo escreveu sua primeira carta à igreja de Tessalônica, advertiu os fofoqueiros ociosos que deveriam trabalhar (1 Ts 4:11). Aconselhou os líderes da igreja a “[admoestar] os insubmissos” (1 Ts 5:14). O termo “insubmisso” refere-se a um soldado fora de formação. Ao que parece, esses rebeldes não se arrependeram, pois Paulo dedica o restante de sua segunda carta a esse problema.

O que estava errado? Alguns membros da congregação interpretaram incorretamente os ensinamentos de Paulo acerca da volta de Cristo, deixaram de trabalhar e passaram a viver à custa da generosidade da igreja. Permaneciam ociosos, enquanto outros trabalhavam, e, ainda, esperavam que a igreja os sustentasse. É possível que esse grupo de cristãos preguiçosos fosse a origem dos falsos ensinamentos que Paulo menciona em 2 Tessalonicenses 2:2. Além de não trabalhar, espalhavam fofocas sobre outros membros da igreja. Enquanto as mãos permaneciam ociosas, a língua ocupava-se focando. Ainda assim,

se defendiam dizendo: “O Senhor está presente a voltar!”

As interpretações e aplicações equivocadas das verdades da Palavra de Deus podem causar inúmeros problemas. Os registros históricos mostram a insensatez dos que estipularam datas, venderam seus bens e se assentaram no alto das montanhas para esperar pela volta de Cristo. Qualquer ensinamento que incentive a desobedecer a um preceito divino não é bíblico.

Os fariseus, por exemplo, encontraram uma forma de roubar de seus pais e, ainda assim, obedecer ao quinto mandamento: “Respondeu-lhes [Jesus]: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes” (Mc 7:6-13).

Paulo esperava que a igreja toda trabalhasse em conjunto para resolver esse problema. A igreja deve lidar com seus membros em amor e procurar levar cada um deles a obedecer a Deus. A fim de ajudá-los nessa tarefa, o apóstolo apresenta quatro motivos para exortarem os cristãos a deixar seus pecados e a começar a ganhar o próprio pão.

#### 1. A EXORTAÇÃO DA PALAVRA (2 Ts 3:6)

No texto original, Paulo usa o termo forte “ordenar” em sua primeira carta aos tessalonicenses (1 Ts 4:2 [“instruções”], 11); ela aparece também no início deste capítulo

(2 Ts 3:4). O apóstolo volta a usá-la em 2 Tessalonicenses 3:10, 12 ["exortamos"]. Essa palavra refere-se a uma "ordem militar transmitida por um oficial superior". Paulo vê a igreja como um exército, e não há ordem em um exército insubordinado. Infelizmente, alguns cristãos estavam "fora de formação" ("insubmissos" em 1 Ts 5:14, e "[andando] desordenadamente" em 2 Ts 3:6, 7 e 11).

Que autoridade Paulo possuía para dar a ordem: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Ts 3:10)? Possuía a autoridade do nome do Senhor Jesus Cristo. Em pelo menos vinte ocasiões ao longo das cartas aos tessalonicenses, Paulo usa o título completo do Salvador. *Jesus* significa "Salvador" e é seu nome humano (Mt 1:21). *Cristo* significa "Messias, o Ungido", e é seu título divino. Outros se chamavam Jesus (a forma hebraica é "Josué"); outros, ainda, como os profetas, os sacerdotes e os reis, podiam dizer que eram ungidos. Mas esses dois nomes - Jesus Cristo - são definidos pela designação *SENHOR*, "Deus Jeová".

Nos quatro Evangelhos e no Livro de Atos, nosso Senhor é chamado com frequência de Jesus, mas esse nome é usado sozinho em poucas ocasiões no restante do Novo Testamento. Uma vez que é usado *ocasionalmente*, não devemos criticar os que chamam o Salvador de "Jesus", mas o fato de estar associado, em grande parte, ao ministério aqui na Terra deve ser um estímulo para nos referirmos a ele por seu nome de exaltação: Senhor Jesus Cristo (Fp 2:11). Não o conhecemos mais como "Cristo segundo a carne" (2 Co 5:16), mas sim como Filho de Deus e "cabeça sobre todas as coisas, [dado por Deus] à igreja" (Ef 1:22). Seu senhorio aplica-se a nosso trabalho e à administração de nosso dinheiro.

O que a Bíblia ensina sobre o trabalho manual ou intelectual? Dentre outras coisas, o trabalho fazia parte da vida do homem *antes* de o pecado entrar em cena. Deus incumbiu Adão de cultivar e de guardar o jardim do Éden (Gn 2:15). Apesar de o pecado ter transformado o trabalho em uma labuta infundável (Gn 3:17-19), não devemos jamais pensar que a necessidade de

trabalhar seja resultado da queda. O ser humano precisa do trabalho para sua realização pessoal. Deus criou o homem para trabalhar.

Podemos observar como Deus chamou gente que trabalhava. Moisés cuidava de ovelhas (Êx 3). Josué foi servo de Moisés antes de se tornar seu sucessor (Êx 33:11). Gideão malhava o trigo no lagar (Jz 6:11ss), e Davi cuidava das ovelhas de seu pai (1 Sm 16:11ss). Jesus chamou quatro pescadores para serem seus discípulos, e ele próprio trabalhou como carpinteiro. Paulo fazia tendas (At 18:1-3) e usava essa ocupação para sustentar seu ministério.

Os judeus honravam o trabalho honesto e exigiam que todos os rabinos soubessem um ofício. Os gregos, por outro lado, desprezavam o trabalho manual e o deixavam ao encargo de seus escravos. Essa influência grega, somada a idéias equivocadas acerca da doutrina sobre a volta de Cristo, levaram esses convertidos a um modo de vida indigno de um cristão.

Paulo reconhece que algumas pessoas não tinham condições de trabalhar, talvez por causa de deficiências físicas ou de responsabilidades para com a família. Por isso, ele declara: "Se alguém *não quer* trabalhar; também não coma" (2 Ts 3:10, *italicos* nosso). Não se trata de uma questão de *capacidade*, mas sim de *disposição*. Quando um cristão não consegue trabalhar e está passando necessidade, é um privilégio e dever da igreja prestar-lhe auxílio (Tg 2:14-17; 1 Jo 3:16-18).

A exortação da Palavra deveria ser motivação suficiente para esses cristãos preguiçosos trabalharem, mas Paulo acrescenta outro motivo.

## 2. O EXEMPLO DO APÓSTOLO (2 Ts 3:7-10)

Como apóstolo, Paulo tinha o direito de esperar o sustento financeiro, mas abriu mão desse direito deliberadamente, a fim de ser um exemplo aos recém-convertidos (ver 1 Co 9:6-14). Por meio dessa atitude, mostrou ser um líder cristão maduro. Líderes egoístas usam as pessoas para garantir o próprio sustento e estão sempre exigindo seus direitos.

Um líder verdadeiramente dedicado usa seus direitos para edificar as pessoas e coloca seus privilégios de lado por amor aos outros.

O apóstolo já havia se referido a seu exemplo de trabalho na epístola anterior (1 Ts 2:9). Os leitores sabiam que Paulo e seus colaboradores não tiraram seu sustento de qualquer igreja recém-formada. Antes, deram o exemplo ao suprir as próprias necessidades e ao ajudar a suprir as necessidades de outros. Paulo admoesta os leitores a seguirem o exemplo dado por ele e seus colaboradores.

As influências mais marcantes são exercidas por meio da vida piedosa e do sacrifício. Um líder pode apelar para a autoridade da Palavra, mas se não for capaz de apontar para o próprio exemplo de obediência, seu povo não lhe dará ouvidos. Eis a diferença entre *autoridade* e *grandeza*. Um líder adquire grandeza ao obedecer à Palavra e servir a seu povo de acordo com a vontade de Deus. A autoridade vem do cargo, enquanto a grandeza vem da prática e do exemplo. A grandeza confere ao líder o direito de exercer autoridade.

Todo obreiro cristão tem o direito de receber sustento da igreja onde serve ao Senhor (Lc 10:7; Gl 6:6; 1 Tm 5:17, 18). Não devemos usar o exemplo de Paulo como desculpa para não sustentar os servos de Deus. Mas todo servo de Deus tem o privilégio de colocar de lado esse direito para a glória de Deus. Paulo o fez para que fosse um exemplo aos recém-convertidos de Tessalônica.

Essa política de Paulo não apenas era um estímulo para os recém-convertidos como também servia para calar seus acusadores. Havia, em todas as cidades, mestres itinerantes que “vendiam seus produtos” pelo preço que conseguissem. Paulo não desejava ser colocado na mesma categoria que eles. Também não desejava que incrédulos dissessem que ele pregava o evangelho por dinheiro. Segundo sua afirmação em 1 Coríntios 9, seu desejo era oferecer o evangelho gratuitamente, a fim de não permitir que o dinheiro fosse um empecilho para ganhar almas perdidas.

Por certo, a atitude negligente desses cristãos afetava a igreja, de modo que Paulo acrescenta um terceiro motivo para sua obediência.

### 3. O ENCORAJAMENTO DA IGREJA (2 Ts 3:11-15)

A chave encontra-se em 2 Tessalonicenses 3:13: “E vós, irmãos, não desanimem de fazer o bem” (tradução literal). Os cristãos fiéis estavam desanimados com a conduta desses convertidos negligentes que se recusavam a trabalhar. Seu argumento era: “Se *eles* não precisam trabalhar, então por que *nós* precisamos?”, e Paulo o rebate logo no início.

O pecado na vida de um cristão sempre afeta toda a igreja. Como membros do corpo de Cristo, pertencemos uns aos outros e exercemos influência uns sobre os outros. O péssimo exemplo de alguns cristãos pode abalar a devoção e obstruir o serviço do restante da congregação.

Paulo cita os pecados desse grupo. Em primeiro lugar, eram “desordeiros”, ou seja, estavam fora de ordem ou de formação. Desobedeciam às ordens e criavam confusão e divisão dentro da igreja. Além disso, eram intrometidos, não trabalhadores esforçados. O termo grego traduzido por “intrometem-se” significa, literalmente, “trabalham aqui e ali”. Ou seja, ocupam-se de atividades aqui e ali sem realizar coisa alguma. Paulo, em 1 Timóteo 5:13, afirma que esse tipo de pessoa mete-se em assuntos que não lhe dizem respeito.

Quase todas as culturas têm um ditado sobre a ociosidade. Os romanos diziam: “Quem não aprende a fazer coisa alguma aprende a fazer o mal”. Isaac Watts escreveu: “Satanás sempre encontra algum mal a ser feito por mãos desocupadas”. De acordo com os rabinos: “Aquele que não ensina o filho a trabalhar ensina-o a roubar”.

Em vez de andar de um lado para o outro intrometendo-se em assuntos alheios, essas pessoas deveriam “[trabalhar] tranquilamente, [comendo] o seu próprio pão”. Suas idéias equivocadas acerca da volta de Cristo as haviam deixado empolgadas demais. “Essa atitude excessivamente emocional é

errada”, adverte o apóstolo. “Acalmem-se e voltem a trabalhar.” O trabalho é um excelente antídoto para especulações desequilibradas e atos impensados.

Mas e se esses santos não obedecessem à Palavra de Deus e se recusassem a trabalhar? O que a igreja deveria fazer? Paulo havia tomado o primeiro passo ao exortá-los em sua carta anterior (1 Ts 5:14) e os havia advertido sobre seu erro. Ainda assim, persistiam nesse comportamento desordeiro. Nesta segunda carta, ele os adverte novamente e acrescenta: se não obedecessem, os membros da igreja deveriam discipliná-los pessoalmente.

Hoje em dia, não se fala muito sobre a disciplina dentro da igreja. Em várias congregações, uma vez que uma pessoa é batizada e se torna membro, é deixada por conta própria. Se comete algum pecado público de conseqüências mais abrangentes, normalmente é repreendida pelo pastor ou pelo conselho, mas a família da igreja como um todo não ministra a essa pessoa nem a disciplina.

O que vem a ser disciplina eclesiástica? Certamente não é o fato de pastores e de líderes do conselho agirem como policiais à procura de membros pecadores para prender e expulsar da igreja. Sem dúvida, há igrejas que possuem líderes despóticos desse tipo, mas não é isso o que Paulo tem em mente. A disciplina eclesiástica é para o membro da igreja o que a disciplina familiar é para a criança: um exercício e uma prova de amor corretivo. Pais amorosos que disciplinam seus filhos, procurando torná-los uma pessoa melhor, não agem como um juiz sentenciando um criminoso. Convém distinguir entre os níveis diferentes de disciplina eclesiástica.

**Diferenças pessoais entre cristãos (Mt 18:15-18; Fp 4:1-3).** Se uma irmã ou um irmão peca contra nós (quer de modo deliberado, quer inconsciente), devemos procurar essa pessoa para uma conversa particular e tentar resolver a questão. Somente se a pessoa se recusar a colocar as coisas em ordem é que devemos tratar do assunto com mais alguém, e o problema não deve ser levado à

congregação antes de serem esgotadas todas as tentativas de reconciliação.

Em meu ministério pastoral, vejo muitos problemas desse tipo. O grande erro que vários cristãos cometem quando alguém peca contra eles é levar o conflito para o pastor ou para outros membros antes de falar diretamente com a pessoa que os ofendeu. Outro erro é tentar vencer uma discussão, em vez de tentar ganhar um irmão.

**Erro doutrinário.** É preciso determinar, em primeiro lugar, por que alguém ensina uma doutrina errada. Pode ser por falta de conhecimento bíblico. Nesse caso, devemos ensinar-lhe a verdade com paciência (2 Tm 2:23-26). Se persistir, deve ser repreendido (Tt 1:10-14). Paulo teve de fazer isso com Pedro (Gl 2:11ss). Se continuar no erro, devemos evitar a pessoa (Rm 16:17, 18) e, por fim, nos separar dela (2 Tm 2:18ss; 2 Jo 9ss).

**Um cristão que caiu em pecado (Gl 6:1-3).** Até mesmo o grande apóstolo Pedro negou ao Senhor. Davi deixou-se levar por desejos lascivos e cometeu adultério. Quando um cristão cai em pecado, deve ser corrigido por membros espirituais da igreja com bondade e amor. Nesse caso, o termo “corrigir” significa “restaurar um osso fraturado” – algo que exige brandura e paciência. Muitas vezes, a igreja apressa-se em condenar um cristão que pecou causando danos sérios e problemas duradouros.

**Um desordeiro contumaz (Tt 3:10).** O termo “faccioso”, nesse versículo, não se refere a um erro doutrinário, mas sim a uma atitude arrogante de pessoas que “tomam partido” dentro da igreja. A palavra grega significa “fazer uma escolha”. Trata-se de uma atitude que provoca divisões e panelinhas dentro da congregação local (ver Gl 5:20, “faccões”). Dificilmente existe uma igreja que não tenha partidos a favor ou contra alguma coisa: o pastor, o plano de construção e até mesmo a cor das paredes da cozinha... Normalmente, esses “facciosos” são pessoas que gostam de ser importantes e desejam ter seguidores. Com frequência, têm problemas emocionais profundos, que Satanás pode usar para criar conflitos espirituais dentro da igreja. Às vezes, são pessoas



frustradas em casa ou no trabalho ou que, no passado, foram magoadas por um pastor ou igreja.

Esses “facciosos” devem ser advertidos oficialmente duas vezes. Se voltarem a pecar ou se dividirem a igreja, devem ser advertidos pela terceira vez e, depois, expulsos. “Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada” (1 Ts 3:10, 11).

Tenho a convicção de que pessoas desse tipo não devem ocupar cargos na igreja. Também acredito que, se saírem da igreja ofendidas, devem ser restauradas à comunhão somente duas vezes. Na terceira vez, devem ser expulsas.

**Imoralidade flagrante (1 Co 5).** A igreja deve lamentar-se por causa do pecador (esse mesmo termo é usado para prantejar a morte de alguém) e procurar levá-lo ao arrependimento. Se ele recusar, a congregação deve coletivamente expulsá-lo de seu meio (1 Co 5:13). Se ele se arrepender, deve ser perdoado e restaurado à comunhão na igreja (2 Co 2:6-11).

No caso de “cristãos preguiçosos”, Paulo diz aos membros da congregação para exortá-los e, se não se arrependerem, para evitar a comunhão íntima com eles. Provavelmente, isso significa que não deveriam permitir que tais cristãos participassem da ceia e que os demais membros não deveriam convidá-los para ir a sua casa. 2 Tessalonicenses 3:14 não se aplica a todos os casos de disciplina. Refere-se apenas aos cristãos que não trabalhavam para se sustentar.

“Não se associar” significa “não se misturar com”; a mesma palavra é usada em 1 Coríntios 5:9. Há uma diferença entre relacionamneto social, amizade e comunhão. Tratar cristãos desobedientes com a mesma amizade reservada a cristãos consagrados é o mesmo que aprovar seus pecados.

Mas Paulo (sabendo da tendência humana de cair em extremos) os acautela a não tratarem os transgressores como se fossem inimigos e acrescenta que eles ainda são

irmãos em Cristo. Ló estava afastado de Deus e de Abraão, pois escolheu morar em Sodoma, e, no entanto, Abraão resgatou Ló do inimigo porque o amava como a um irmão (Gn 14; ver especialmente o v. 14). É preciso muita paciência, amor e graça para ajudar um irmão caído, e é por isso que Paulo acrescenta o último motivo para o cristão se sustentar com seu trabalho.

#### 4. A CAPACITAÇÃO DO SENHOR (2 Ts 3:16-18)

Nenhum cristão pode dizer: “não sou capaz de obedecer à Palavra de Deus e de trabalhar”, pois Deus provê tudo de que precisamos para obedecer. Ele é o Senhor da paz, e se ele é o Senhor de nossa vida, teremos paz em nosso coração e ajudaremos a estimular a paz na comunhão da igreja.

Se há problemas na igreja, há problemas no coração de alguém. Se Cristo é o Senhor, há paz no coração. Se há conflitos no coração, Jesus Cristo não é Senhor (ver Tg 4:1-10).

Lembro-me de uma classe de escola dominical sempre em pé de guerra. Quando acabávamos de resolver um problema, surgia outro. Depois de muita oração e investigação, descobrimos que uma das participantes dessa classe desejava ser a professora. Orgulhava-se de suas realizações espirituais e acreditava que poderia fazer o trabalho com mais competência do que a senhora dedicada que a lecionava.

Apesar de essa participante nunca haver atacado nem criticado a professora abertamente, suas atitudes e as coisas que não dizia lançavam sementes de discórdia em meio à comunhão. Quando esse problema foi tratado, o Senhor da paz voltou a reinar sobre a classe e a abençoá-la.

Deus capacita-nos a obedecer não somente por meio de sua paz, mas também por meio de sua presença. “O Senhor seja com todos vós.” Ele nunca nos deixa nem nos abandona; estará conosco até a consumação do século (Mt 28:20; Hb 13:5).

Por fim, Paulo os lembra da graça de Deus. “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós” (2 Ts 3:18) – essa era

a assinatura oficial de Paulo em suas cartas. Ele menciona tal fato por causa da carta falsa que os tessalonicenses haviam recebido (2 Ts 2:2). Se dependermos da graça de Deus, poderemos fazer a vontade de Deus para a glória de Deus. "A minha graça te basta" (2 Co 12:9).

O soldado fora de formação e insubordinado às ordens do Senhor mostra que não é submisso a seu Mestre. Os problemas da

igreja são questões individuais e devem ser resolvidos individualmente. Deus quer ver ordem na igreja. "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Co 14:40).

Você está promovendo a paz ou a guerra na igreja? Façamos como Josué e nos prostremos aos pés do Capitão do Exército do Senhor, a fim de que nos capacite a conquistar a vitória (Js 5:13-15) e a cumprir seus propósitos para seu povo.

# 1 TIMÓTEO

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Como administrar o ministério da igreja local

**Versículo-chave:** 1 Timóteo 3:15

### I. A IGREJA E SUA MENSAGEM – CAPÍTULO 1

- A. Ensinar a sã doutrina – 1:1-11
- B. Proclamar o evangelho – 1:12-17
- C. Defender a fé – 1:18-20

### II. A IGREJA E SEUS MEMBROS – CAPÍTULOS 2, 3

- A. Homens de oração – 2:1-8
- B. Esposas submissas – 2:9-15
- C. Pastores qualificados – 3:1-7
- D. Diáconos qualificados – 3:8-13
- E. Cristãos comportados – 3:14-16

### III. A IGREJA E SEU MINISTRO – CAPÍTULO 4

- A. Um bom ministro – prega a Palavra – 4:1-6
- B. Um ministro piedoso – pratica a Palavra – 4:7-12

- C. Um ministro em crescimento – progride na Palavra – 4:13-16

### IV. A IGREJA E SEU MINISTÉRIO – CAPÍTULOS 5, 6

- A. Aos membros mais velhos – 5:1, 2
- B. Às viúvas mais velhas – 5:3-10
- C. Às viúvas mais jovens – 5:11-16
- D. Aos líderes da igreja – 5:17-25
- E. Aos servos (escravos) – 6:1, 2
- F. Aos falsos mestres – 6:3-10
- G. Ao pastor – 6:11-16, 20, 21
- H. Aos ricos – 6:17-19

## CONTEÚDO

- 1. Continue trabalhando  
(1 Tm 1)..... 273
- 2. Culto... ou circo?  
(1 Tm 2)..... 279
- 3. Sigam os líderes  
(1 Tm 3)..... 285
- 4. Como ser um homem de Deus  
(1 Tm 4)..... 292
- 5. Ordem na igreja!  
(1 Tm 5)..... 298
- 6. Ordens do quartel-general  
(1 Tm 6)..... 304

# CONTINUE TRABALHANDO

## 1 TIMÓTEO 1

**P**rocuram-se homens para viagem perigosa, salário baixo, frio intenso, longos meses de escuridão total, perigo constante, regresso em segurança duvidoso. Honra e reconhecimento em caso de sucesso.

Esse anúncio apareceu em um jornal de Londres, e *milhares de homens responderam!* Era assinado pelo conhecido explorador do Ártico Sir Ernest Shackleton, um detalhe que fazia toda a diferença.

Se Jesus tivesse colocado um anúncio procurando obreiros, o texto seria algo assim:

Procuram-se homens e mulheres para a difícil tarefa de ajudar a edificar minha Igreja. Serão malcompreendidos com frequência, até mesmo pelos colegas de trabalho. Enfrentarão ataques de um inimigo invisível. Possivelmente, não verão os resultados de seus esforços e só receberão a recompensa completa depois da conclusão de todo o trabalho. Pode lhes custar seu lar, suas ambições e até mesmo sua vida.

Apesar das exigências, muitos cristãos dispostos a abrir mão de tudo por Jesus Cristo respondem a seu anúncio. Cristo é, sem dúvida, o mais excelente Senhor a quem alguém poderia servir, e a tarefa de edificar sua Igreja é, certamente, o maior desafio ao qual o cristão poderia dedicar sua vida.

Timóteo foi um dos rapazes que aceitaram o chamado de Cristo para ajudar a edificar sua Igreja. Era um dos colaboradores de Paulo e, ao lado de Tito, cumpriu algumas das missões mais difíceis nas igrejas fundadas pelo apóstolo. Timóteo foi criado em um lar religioso (2 Tm 1:5) e foi levado à fé em Cristo pelo próprio Paulo. Isso explica

por que Paulo o chama de “verdadeiro filho na fé” (1 Tm 1:2).

Timóteo vinha de uma família mista: sua mãe era judia e seu pai era grego. Tamanha era a devoção do rapaz a Cristo que os líderes de sua congregação local o recomendaram para Paulo, e o apóstolo o aceitou em sua “equipe missionária” (At 16:1-5). Em várias ocasiões, Paulo lembra Timóteo de que ele foi escolhido para esse ministério (1 Tm 1:18; 4:14). Timóteo era fiel ao Senhor (1 Co 4:17) e se preocupava profundamente com o povo de Deus (Fp 2:20-22).

Mas, apesar de seu chamado, de seu relacionamento próximo com Paulo e de seus dons espirituais, Timóteo desanimava com facilidade. Da última vez que havia estado com Timóteo, Paulo o havia encorajado a permanecer em Éfeso e a terminar seu trabalho (1 Tm 1:3). Ao que parece, Timóteo sofria de problemas de saúde (1 Tm 5:23) e passava por fases de desânimo. Também temos a impressão de que alguns membros da igreja não dedicavam a seu pastor o respeito que lhe era devido como servo de Deus (1 Tm 4:12; 2 Tm 2:6-8).

Éfeso não era um lugar fácil para pastorear uma igreja (aliás, duvido que existam lugares onde seja “fácil” pastorear...). A cidade era dedicada à adoração de Diana, deusa dos instintos sexuais. Sua imagem lasciva ajudava a promover os mais variados tipos de imoralidade sexual (ver At 19). Paulo havia feito um excelente trabalho em Éfeso durante seus três anos de ministério nessa cidade, de modo que “todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor” (At 19:10). Não era fácil para Timóteo ser o sucessor de um homem como Paulo! É evidente que Satanás tinha seus assistentes na cidade, pois em todo lugar onde há oportunidades espirituais, também há obstáculos satânicos (1 Co 16:8, 9).

Paulo escreveu a carta que chamamos de 1 Timóteo para encorajar Timóteo, explicar de que maneira a igreja local deve ser administrada e asseverar sua autoridade como servo de Deus. Em 1 Timóteo 1, Paulo explica as três responsabilidades de um pastor e do povo de uma congregação local.

### 1. ENSINAR A DOCTRINA (1 Tm 1:1-11)

Desde a saudação da carta, Paulo afirma sua autoridade como servo de Jesus Cristo. Os que causavam problemas a Timóteo deveriam lembrar que seu pastor estava lá porque Deus o havia colocado ali, pois a autoridade de Paulo era proveniente de Deus. Paulo era um "apóstolo", um homem enviado por Deus com uma comissão especial. Seu apostolado decorria de um "mandato" de Jesus Cristo. Esse termo refere-se a uma "comissão recebida do rei". Tanto Paulo quanto Timóteo haviam sido enviados pelo Rei dos reis!

Jesus Cristo não é apenas Senhor; ele também é "Salvador", título usado dez vezes nas epístolas pastorais (1 Tm 1:1; 2:3; 4:10; 2 Tm 1:10; Tt 1:3, 4; 2:10, 13; 3:4, 6). Para Timóteo, que se encontrava desanimado, o título "nossa esperança" (1 Tm 1:1) era um grande estímulo. Paulo escreveu palavras semelhantes de encorajamento a Tito (Tt 1:2; 2:13; 3:7). Saber que Jesus Cristo está voltando para nos buscar deve ser um estímulo para lhe servir fielmente.

Um dos motivos pelos quais os obreiros cristãos devem continuar trabalhando é a presença de falsos mestres, sempre ocupados tentando granjear convertidos. Como no tempo de Paulo, hoje também existem mestres ensinando doutrinas falsas, e não devemos ignorá-los. Esses falsos mestres não têm boa-nova alguma para os pecadores perdidos. Antes, procuram fazer os cristãos se desviarem, tornando-os adeptos de suas causas.

Paulo usa termos militares para ajudar Timóteo e sua congregação a entender a gravidade do problema (1 Tm 1:3). O verbo *rogar* também pode ser traduzido por "encarregar, dar ordens rigorosas de um oficial superior". Paulo usa essa palavra (traduzida por "admoestar", "encarregar", "ordenar", "prescrever", "exortar" ou "conjurar") oito vezes nas duas epístolas a Timóteo (1 Tm 1:3, 5, 18; 4:11; 5:7; 6:13, 17; 2 Tm 4:1). Com isso, dizia a Timóteo: "Você não apenas é pastor de uma igreja em uma cidade difícil, mas também um soldado sob as ordens do Rei. Passe as ordens adiante aos soldados de sua igreja!"

A ordem principal era: "Não ensinem doutrinas diferentes das que Paulo ensinou!" No texto original das três epístolas pastorais, encontramos 32 referências a "doutrina", "ensinar", "mestre" e "ensinamentos". Na Igreja primitiva, os cristãos aprendiam o conteúdo da Palavra de Deus e as doutrinas fundamentais da fé cristã. Em muitas igrejas de hoje, o púlpito e a galeria do coral tornaram-se lugares de entretenimento, não de esclarecimento e enriquecimento.

Deus havia confiado a verdade da Palavra a Paulo (1 Tm 1:11), e Paulo a havia confiado a Timóteo (1 Tm 6:20). Era responsabilidade de Timóteo guardar a fé (2 Tm 1:14) e passá-la adiante a pessoas fiéis (2 Tm 2:2).

O apóstolo descreve os falsos ensinamentos como "fábulas e genealogias sem fim" (1 Tm 1:4). Tito enfrentou um problema semelhante na igreja em Creta (Tt 1:14; 3:9). Os falsos mestres usavam a Lei do Antigo Testamento, especialmente as genealogias, para criar inovações doutrinárias de todo tipo, que faziam as pessoas se desviarem. Esses mestres também levantavam questões sem lhes responder. Não promoviam o "plano salvador de Deus" ("o serviço de Deus, na fé"; 1 Tm 1:4), mas afastavam as pessoas da verdade. Em vez de gerar amor, pureza, uma consciência limpa e fé sincera, essas doutrinas inovadoras causavam divisão, hipocrisia e problemas de todo tipo.

Paulo usa o termo "consciência" vinte vezes no texto original de suas cartas, e seis dessas referências encontram-se em suas epístolas pastorais (1 Tm 1:5, 19; 3:9; 4:2; 2 Tm 1:3; Tt 1:15). A palavra "consciência" significa "saber com". A consciência é o árbitro interior que acusa quando fazemos o que é errado e aprova quando fazemos o que é certo (Rm 2:14, 15). É possível pecar contra a consciência a ponto de torná-la "corrompida" (Tt 1:15). O pecado repetido endurece a consciência, fazendo com que fique "cauterizada" como uma escara (1 Tm 4:2).

É triste quando cristãos professos perdem o rumo por recusar a "sã doutrina" (1 Tm 1:10; 2 Tm 4:3; Tt 1:9; 2:1). Paulo também se refere a ela como "doutrina [...] segundo a piedade" (1 Tm 6:3), "sãs palavras" (2 Tm

1:13), “[estar] sadios na fé” (Tt 1:13; 2:2) e “linguagem sadia” (Tt 2:8). Muitos, porém, preferem a “loquacidade frívola” (1 Tm 1:6) dos que ensinam novidades em vez da Palavra pura de Deus que produz santidade na vida das pessoas. Infelizmente, hoje, encontramos essa “loquacidade frívola” não apenas no ensino e nas pregações, mas também na música. Além das muitas canções *desprovidas* de doutrinas, há outras tantas que ensinam *falsas* doutrinas. Assim como um mestre não tem direito de ensinar uma mentira, um cantor também não tem direito de cantar algo que não é verdadeiro.

Essa falsa doutrina à qual Paulo se refere era decorrente do uso indevido da Lei do Antigo Testamento. Os falsos mestres não compreendiam o conteúdo nem o propósito da Lei de Deus. Tiravam os cristãos da liberdade da graça (Gl 5:1ss) e os levavam à escravidão do legalismo, uma tragédia que continua a repetir-se em nossos dias. A carne (nossa velha natureza) agrada-se do legalismo religioso, pois suas regras e normas permitem que a pessoa *pareça* santa sem ter de fazer qualquer mudança em seu coração.

Paulo relaciona catorze tipos de pessoas condenadas pela Lei (1 Tm 1:9, 10). Trata-se de uma dentre várias listas desse tipo encontradas no Novo Testamento (ver Mc 7:20-23; Rm 1:18-32; Gl 5:19-21). A Lei é usada devidamente para expor, conter e condenar os ímpios. No entanto, não tem poder de salvar os pecadores perdidos (Gl 2:21; 3:21-29); pode apenas revelar sua necessidade de um Salvador. Quando um pecador crê em Jesus Cristo, é liberto da maldição da Lei (Gl 3:10-14), e os preceitos justos da Lei são cumpridos pelo Espírito Santo, o qual habita no cristão que se entrega a Deus (Rm 8:1-4).

Em 1 Timóteo 1:9, 10, Paulo concentra-se em cinco dos Dez Mandamentos de Êxodo 20:

*O quinto mandamento* – “Honra teu pai e tua mãe” – “parricidas e matricidas”.

*O sexto mandamento* – “Não matarás” – “parricidas e matricidas, homicidas”.

*O sétimo mandamento* – “Não adulterarás” – “impuros, sodomitas”.

*O oitavo mandamento* – “Não furtarás” – “raptos de homens”.

*O nono mandamento* – “Não dirás falso testemunho” – “mentirosos, perjuros”.

É o “evangelho da glória” que salva o pecador perdido. Paulo havia experimentado o poder do evangelho (Rm 1:16), e Deus lhe havia confiado o ministério do evangelho (1 Ts 2:4). A Lei e o evangelho andam juntos, pois a Lei sem o evangelho é como um diagnóstico sem remédio; mas o evangelho sem a Lei é como boas-novas de salvação para pessoas que não acreditam que precisam ser salvas, pois nunca ouviram as más notícias do julgamento. A Lei não é o evangelho, mas o evangelho não é desprovido de lei (Rm 3:20-31).

## 2. PROCLAMAR O EVANGELHO (1 Tm 1:12-17)

A referência ao “evangelho da glória do Deus bendito” (1 Tm 1:11) leva Paulo a compartilhar seu testemunho pessoal. Ele é a “primeira prova oficial” de que o evangelho da graça de Deus é, verdadeiramente, eficaz. Ao ler o testemunho de Paulo (ver também At 9:1-22; 22:1-21; 26:9-18), começamos a compreender a maravilha da graça de Deus e seu poder salvador.

**Quem ele era (v. 13a).** Paulo era *blasfemo*, pois negava a divindade de Jesus Cristo e obrigava outros a fazerem o mesmo. Era um *perseguidor*, que usava a força física para tentar destruir a Igreja. Respirava “ameaças e morte” (At 9:1) e perseguia a igreja (1 Co 15:9) até descobrir que estava perseguindo o próprio Jesus Cristo, o Messias! (At 9:4). Durante esse período de sua vida, Paulo consentiu com o apedrejamento de Estêvão e assolou a Igreja (At 8:1-4).

Paulo era *insolente*, ou seja, “orgulhoso e atrevido”. Um equivalente moderno seria “um valentão”. O termo dá a idéia de um homem arrogante que impõe sua vontade pela violência. Mas a causa fundamental de seu comportamento ímpio era a *ignorância* e a *incredulidade*. Apesar de Saulo de Tarso

ser um homem brilhante e extremamente culto (At 22:3; Gl 1:13, 14), sua mente estava cega para a verdade (1 Co 2:14; 2 Co 4:3, 4). Era religioso, mas não se encontrava a caminho do céu! Foi somente quando creu em Jesus Cristo que recebeu salvação (Fp 3:1-11).

**Como foi salvo (vv. 13b-15).** Como um Deus santo poderia perdoar um pecador tão arrogante? As palavras-chave são *misericórdia* e *graça*. Em sua misericórdia, Deus não deu a Paulo o que ele merecia; em vez disso, Deus lhe deu o que ele não merecia. A graça e a misericórdia são o amor de Deus em ação. Deus salva os pecadores por meio do amor *que paga um preço*. O amor de Deus, por si só, não nos salva, pois Deus ama o mundo inteiro (Jo 3:16). Somos salvos pela graça (Ef 2:8, 9), porque Deus é rico em misericórdia (Ef 2:4) e graça (Ef 2:7).

Qual é a relação entre a "ignorância" de Paulo e sua salvação? A ignorância é uma desculpa diante de Deus? Claro que não! Sua ignorância é relacionada a uma lei judaica específica (Lv 5:15-19; Nm 15:22-31). Se uma pessoa pecava de modo deliberado e arrogante em Israel, era expulso do meio do povo. Mas se pecava por ignorância, podia oferecer os sacrifícios apropriados como expiação por seus pecados. Jesus reconheceu esse princípio ao orar na cruz: "Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34). Nem a ignorância desses homens nem a oração de Cristo por eles os salvou; mas a combinação das duas coisas adiou o julgamento de Deus dando-lhes uma oportunidade de serem salvos.

Paulo afirma que foi preciso uma graça "transbordante" para salvá-lo. O apóstolo gostava de usar o prefixo grego *hyper-* (que significa "uma quantia excessivamente abundante") e o associava com freqüência às palavras de suas cartas. Alguns desses termos podem ser traduzidos por "supercrescimento de fé" (2 Ts 1:3); "poder superabundante" (Ef 1:19); "supervencedores" (Rm 8:37). Esse mesmo prefixo aparece em nossa língua como *hiper*. Falamos de crianças "hiperativas" e de pessoas "hipersensíveis".

Paulo deixa claro que essa salvação não é apenas para ele, mas para todos os que recebem a Jesus Cristo (1 Tm 1:15). Se Jesus pôde salvar Saulo de Tarso, "o principal" dos pecadores, pode também salvar qualquer pessoa! Admiramos a humildade de Paulo, que se considerava "o menor dos apóstolos" (1 Co 15:9) e "o menor de todos os santos" (Ef 3:8). Podemos observar que Paulo não diz "dos quais eu era o principal", mas sim "dos quais eu sou o principal".

**Quem ele se tornou (vv. 12, 16).** A graça de Deus transformou um perseguidor em um pregador, um homicida em ministro e missionário! A mudança na vida de Paulo foi tão dramática que a igreja de Jerusalém suspeitou que se tratava de um artifício e teve dificuldade em aceitar o apóstolo (At 9:26-31). Paulo recebeu seu ministério de Deus, não de Pedro ou dos demais apóstolos (Gl 1:11-24). Foi chamado e comissionado pelo Cristo ressurreto que está no céu.

Deus viu que Paulo era fiel e, portanto, confiou-lhe o evangelho. Mesmo como líder judeu, ignorante do evangelho, Paulo mantivera a consciência limpa e vivera de acordo com o que sabia. É comum alguém que vive de modo extremamente errado quando pecador perdido se tornar extremamente correto ao se converter e ser usado grandemente por Deus para ganhar almas. Deus não apenas *confiou* o evangelho a Paulo, como também *capacitou* o apóstolo a ministrar esse evangelho (1 Co 15:10; Fp 4:13). Quando uma pessoa obedece ao chamado de Deus para lhe servir, o Senhor sempre a capacita e provê todo o necessário.

Além de se tornar um ministro do evangelho, Paulo também se transformou em um *exemplo* (1 Tm 1:16). Em que sentido Paulo é um exemplo para os pecadores que crêem em Cristo? Nenhum de nós passou pela mesma experiência que ele no caminho para Damasco (At 9). Não vimos uma luz, nem caímos por terra, nem ouvimos do céu a voz de Jesus. Mas Paulo é um modelo ("tipo") para todos os pecadores perdidos, pois ele era o "principal dos pecadores". Ele é prova de que a graça de Deus pode transformar *qualquer* pecador!

No entanto, essa verdade tem uma aplicação especial hoje para o povo de Israel de nossos dias, os compatriotas de Paulo pelos quais ele sentia grande responsabilidade (Rm 9:1-5; 10:1-3). Da mesma forma que Saulo de Tarso antes de se converter, o povo de Israel é religioso, farisaico, cego para a própria Lei e para a mensagem do Messias e incrédulo. Um dia, Israel verá Jesus Cristo como Paulo o viu, e a nação será salva. "Olharão para aquele a quem traspassaram" (Zc 12:10). É possível que esse seja um dos motivos pelos quais Paulo se considerou "um nascido fora de tempo" (1 Co 15:8), pois sua experiência ao ver o Cristo ressurreto ocorreu no início da era da Igreja, não no fim (Mt 24:29ss).

Paulo apresenta uma terceira responsabilidade da igreja local além de ensinar a sã doutrina e proclamar o evangelho.

### 3. DEFENDER A FÉ (1 Tm 1:18-20)

O apóstolo volta a usar a linguagem militar para dar ênfase a sua declaração, pois a expressão "dever de que te encarrego" (1 Tm 1:18) tem o sentido de "uma ordem urgente recebida de um oficial superior" (1 Tm 1:3). Paulo também lembra Timóteo de que Deus o escolheu para o ministério. Ao que parece, alguns dos profetas das congregações locais haviam sido dirigidos pelo Espírito a escolher Timóteo para o ministério (At 13:1-3 traz um exemplo desse procedimento).

Não era fácil servir a Deus na cidade pagã de Éfeso, mas Timóteo estava sob ordens e deveria obedecer. A incumbência do soldado é "satisfazer àquele que o arregimentou" (2 Tm 2:4), não agradar a si mesmo. Além disso, Timóteo estava lá por indicação divina: Deus o havia escolhido e enviado. Em dias difíceis, esse fato lhe daria segurança. Se somos servos de Deus, fomos chamados pelo Espírito e obedecemos à vontade de Deus, podemos perseverar e terminar o trabalho. Essas garantias davam a Timóteo tudo de que ele precisava para combater o bom combate.

Paulo muda a ilustração do exército para a marinha (1 Tm 1:19). Adverte Timóteo de que a única maneira de ser bem-sucedido é

apegar-se firmemente à "fé e boa consciência". Não basta proclamar a fé com os lábios; deve-se praticá-la na vida diária. Um homem comentou sobre seu pastor hipócrita:

– Ele é tão bom como pregador que não deveria deixar o púlpito; mas é tão lamentável como cristão que não deveria chegar perto do púlpito!

A boa consciência é importante para combater um bom combate e exercer um bom ministério. O editor de revistas H. L. Mencken definiu a consciência como "a voz interior que nos avisa que alguém pode estar nos observando". Mas a pessoa que tem uma boa consciência faz a vontade de Deus sem pensar em quem está observando ou no que as pessoas dirão. Como Martinho Lutero, ela dirá: "Eis-me aqui; não posso agir de outra maneira; que Deus me ajude!"

Os cristãos professos que "naufragam" na fé pecam contra sua consciência. As doutrinas perniciosas normalmente começam com a má conduta e com pecados ocultos. Himeneu e Alexandre rejeitaram deliberadamente a boa consciência, a fim de defender sua vida ímpia. Paulo não diz exatamente o que fizeram, mencionando apenas que seu pecado envolveu a blasfêmia. Himeneu afirmou que a ressurreição já se realizara (2 Tm 2:16-18). Alexandre era um nome comum naquele tempo, de modo que não temos como saber, ao certo, se é o mesmo homem citado na carta seguinte de Paulo a Timóteo (2 Tm 4:14); mas, caso seja, fica claro que resistiu a Paulo e continuou ensinado doutrinas falsas.

A expressão "os quais entreguei a Satanás" (1 Tm 1:20) deixa implícita a disciplina apostólica (ver 1 Co 5:5) e a expulsão da igreja local. "Ser castigado" (1 Tm 1:20) significa "aprender por meio da disciplina". Quando um cristão recusa-se a arrepender-se, a congregação local deve discipliná-lo, excluindo-o da comunhão protetora dos santos, tornando-o vulnerável aos ataques de Satanás. A comunhão da igreja local, em obediência à vontade de Deus, dá ao cristão proteção espiritual. Satanás precisa da permissão de Deus para atacar um cristão (ver Jó 1 - 2; Lc 22:31-34).



Cada congregação local encontra-se constantemente em batalha contra as forças do mal. Existem falsos profetas e falsos mestres. É Satanás quem dá origem às falsas doutrinas, pois, desde o princípio, foi mentiroso (Jo 8:44). Não basta a igreja local ensinar a sã doutrina e proclamar o evangelho. Também deve defender a fé ao desmascarar as mentiras e se opor às doutrinas de demônios (1 Tm 4:1).

É importante que o ministério seja equilibrado. Algumas igrejas apenas pregam o evangelho e raramente ensinam a seus convertidos as verdades da vida cristã. Outras igrejas apenas se opõem às falsas doutrinas, sem exercer qualquer ministério positivo. É preciso ensinar a "sã doutrina" (1 Tm 1:10), pois, de outro modo, os cristãos não crescerão. Deve-se pregar o evangelho e continuar ganhando os perdidos para Cristo. E é necessário defender a fé dos ataques dos que desejam corromper a igreja com falsas

doutrinas e com uma vida ímpia. É uma batalha constante, a ser combatida com perseverança.

Timóteo deve ter sido grandemente ajudado e estimulado ao ler a primeira seção da carta de Paulo. Deus o havia chamado, preparado e colocado em seu lugar de ministério. O trabalho de Timóteo não era correr por toda parte em Éfeso e realizar uma infinidade de tarefas. Antes, sua responsabilidade era cuidar da igreja, ganhando os perdidos, ensinando os salvos e defendendo a fé. Qualquer tarefa que não fosse relacionada a esses ministérios teria de ser colocada de lado. Um dos motivos pelos quais as congregações locais enfrentam vários problemas é que os pastores e líderes espirituais envolvem-se com uma série de atividades "extracurriculares" e não se dedicam ao trabalho para o qual foram chamados. Talvez seja uma boa idéia as igrejas fazerem um balanço espiritual!

## CULTO... OU CIRCO?

### 1 TIMÓTEO 2

**T**udo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Co 14:40). Esse é um princípio básico para a gestão do ministério na igreja. Ao que parece, o jovem Timóteo estava tendo dificuldade em aplicar esse princípio às congregações em Éfeso. Os cultos públicos perdiam a disciplina e a eficácia, pois tanto os homens quanto as mulheres que faziam parte dessas igrejas desobedeciam à vontade de Deus.

- A igreja é um organismo - disse-me um pastor -, de modo que não devemos enfatizar demais o aspecto organizacional. Devemos dar liberdade ao Espírito.

- Mas quando um organismo *não tem ordem* - respondi -, ele morre. Concordo plenamente que devemos dar espaço para o Espírito Santo operar. Mas nem mesmo o Espírito tem liberdade de desobedecer à Palavra de Deus.

Muitas vezes, aquilo que chamamos de "liberdade do Espírito" não passa de uma série de idéias carnavais de alguns cristãos que não andam no Espírito. Essa "liberdade" logo se transforma em anarquia, e o Espírito se entristece ao ver a igreja afastando-se dos princípios da Palavra de Deus.

Para compensar essa tendência, Paulo exorta os homens e as mulheres da igreja e os lembra de suas responsabilidades espirituais.

**1. OS HOMENS – ORAÇÃO (1 Tm 2:1-8)**  
**A primazia da oração (v. 1a).** A expressão "Antes de tudo" indica que a oração é prioritária no culto público da igreja. É triste ver como a oração tem perdido a importância em muitas igrejas.

- Se eu avisar que vamos ter um jantar especial - disse um pastor -, as pessoas comparecem. Mas se eu avisar que vamos ter uma reunião de oração, fico feliz se os diáconos vierem!

Não apenas as reuniões de oração perderam espaço na maioria das igrejas locais, como também a oração *nos cultos públicos* tem sido deixada, cada vez mais, em segundo plano. Muitos pastores passam mais tempo dando avisos do que orando!

O falecido Peter Deyneka, um grande amigo meu e fundador da organização *Slavic Gospel Association*, costumava me lembrar: "Muita oração, muito poder! Nenhuma oração, nenhum poder!" No ministério apostólico, a oração era uma parte tão essencial quanto a pregação da Palavra (At 6:4). E, no entanto, alguns pastores passam horas preparando seus sermões, mas nunca preparam as orações que farão em público. Em decorrência disso, suas orações são rotineiras, enfadonhas e repetitivas. Não estou sugerindo que o pastor deve escrever cada palavra da oração e depois lê-la, mas sim que deve pensar seriamente sobre o que vai orar. Isso evita que a "oração pastoral" torne-se apenas uma repetição tediosa do que foi "orado" na semana anterior.

Mas os membros da igreja também precisam estar preparados para orar. Nosso coração deve estar em ordem com Deus e uns com os outros. Devemos ter um desejo autêntico de orar, não apenas para agradar as pessoas (como era o caso dos fariseus, Mt 6:5) ou para cumprir um dever religioso. Quando uma congregação deixa de depender da oração, Deus deixa de abençoar seu ministério.

**As várias formas de oração (v. 1b).** Existem pelo menos sete substantivos gregos para "oração", e quatro deles são usados nesta passagem. As *súplicas* dão a idéia de "apresentar um pedido por uma necessidade que sentimos".

*Orações* é o termo mais comum usado para essa atividade e enfatiza seu caráter sagrado. Estamos orando *para Deus*; a oração é um ato de adoração, não apenas a expressão de desejos e necessidades. Devemos nos dirigir a Deus com um coração reverente.

Uma tradução mais adequada para *intercessões* é “*petições*”. Esse mesmo termo é traduzido por “*oração*” em 1 Timóteo 4:5, versículo em que se refere a abençoar os alimentos que ingerimos (é evidente que não *intercedemos* pelo alimento no sentido habitual desse verbo). O significado básico é “*aproximar-se de uma pessoa e conversar com ela confiantemente*”. Sugere que desfrutamos comunhão com Deus e, portanto, confiamos nele ao orar.

Por certo, as *ações de graças* fazem parte da adoração e da oração. Não damos graças apenas pelas respostas às orações, mas também por quem Deus é e por aquilo que ele faz por nós em sua graça. Não se deve apenas acrescentar agradecimentos ao final de uma oração egoísta! As *ações de graças* são um ingrediente importante em todas as orações. Na verdade, há ocasiões em que devemos imitar Davi e apresentar a Deus *somente ações de graças* sem quaisquer pedidos! (ver Sl 103).

As “*petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças*” (Fp 4:6) fazem parte da fórmula de Paulo para ter a paz de Deus no coração. Convém observar que Daniel, o grande guerreiro de oração, orava dessa forma (Dn 6:10, 11).

**Os assuntos de oração (vv. 1c, 2).** A expressão “*todos os homens*” deixa claro que nenhuma pessoa na Terra está fora da esfera de influência da oração feita com fé. (Em momento algum, a Bíblia exorta a orar pelos mortos. Se fosse o caso, esta seção da carta a Timóteo seria ideal para Paulo indicar tal necessidade.) Isso significa que devemos orar tanto pelos salvos quanto pelos não salvos: pelas pessoas próximas e também pelas que estão mais distantes de nós; pelos amigos e pelos inimigos. Infelizmente, os fariseus não tinham essa visão universal da oração, pois concentravam toda sua atenção em Israel.

Paulo insta a igreja a orar especificamente pelas autoridades. Na época, o perverso imperador Nero ocupava o trono, e, no entanto, os cristãos deveriam orar por ele! Mesmo quando não é possível respeitar homens e mulheres em posições de autoridade,

deve-se respeitar o cargo que ocupam e orar por tais pessoas. Na verdade, fazemos isso para nosso bem, “*para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito*” (1 Tm 2:2b). A Igreja primitiva era alvo constante de oposição e perseguição, de modo que era sábio orarem pelas autoridades. A vida “*mansa*” refere-se às circunstâncias, enquanto a “*tranqüilidade*” diz respeito a uma atitude interior de calma. O resultado deve ser uma vida piedosa e honrada.

É claro que Paulo não cita todas as pessoas pelas quais podemos e devemos orar, pois “*todos os homens*” é suficientemente abrangente. Não é possível orar por todas as pessoas do mundo mencionando-as pelo nome, mas, sem dúvida, devemos orar pelos conhecidos e pelos que não conhecemos pessoalmente, mas que sabemos necessitar de oração. Por quê? Pois é algo bom e porque agrada a Deus.

**Os motivos para orar (vv. 3, 4).** O adjetivo “*bom*” é uma palavra-chave nas epístolas pastorais de Paulo (1 Tm 1:8, 18; 2:3; 3:1, 7, 13; 4:4, 6; 5:4, 10, 25; 6:12, 13, 18, 19; 2 Tm 1:14; 2:3; 4:7; Tt 2:7, 14; 3:8, 14). O termo grego enfatiza a idéia de algo intrinsecamente bom, não apenas bom em seus efeitos. “*Aceitável*” e “*excelente*” são sinônimos desse adjetivo. Sem dúvida, a oração é uma prática piedosa e acarreta diversos benefícios.

Mas a oração também é agradável a Deus. O Pai agrada-se de ver os filhos orando conforme lhes ordenou. Os fariseus oravam a fim de ser louvados pelos homens (Mt 6:5) ou para impressionar outros adoradores (Lc 18:9-14). Os verdadeiros cristãosoram a fim de agradar a Deus. Isso indica que devemos orar segundo a vontade de Deus, pois certamente não agrada ao Pai orar de maneira egoísta (Tg 4:1-10; 1 Jo 5:14, 15). Costuma-se dizer que o propósito da oração não é conseguir que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita na Terra.

Qual é a vontade de Deus? Dentre outras coisas, a salvação dos perdidos. Podemos orar por “*todos os homens*”, pois Deus deseja que “*todos*” sejam salvos por meio

da fé em Jesus Cristo. Deus amou o mundo inteiro (Jo 3:16), e Cristo morreu pelo mundo inteiro (1 Jo 2:2; 4:14). Jesus morreu na cruz para “[atrair] todos a [si] mesmo” (Jo 12:32). Não se trata de uma referência a todas as pessoas *sem exceção*, pois é certo que nem todo mundo será salvo. Antes, se refere a todas as pessoas *sem distinção* – judeus, gentios, ricos, pobres, religiosos e pagãos.

Se Deus não deseja que pessoa alguma pereça, por que há tantos perdidos? Deus é longânimo com os pecadores, a ponto de adiar seu julgamento para que aceitem a Cristo (2 Pe 3:9). Mas a salvação depende do “pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2:4). Nem todos já ouviram a verdade do evangelho, e muitos a ouviram e a rejeitaram. Não é possível explicar o mistério da soberania de Deus e da responsabilidade humana (ver Jo 6:37), mas sabemos que ambas são ensinadas na Bíblia e estão de acordo com o plano maravilhoso de Deus para a salvação. Sabemos, ainda, que a oração é parte importante do plano de Deus para alcançar o mundo perdido. Temos a responsabilidade de orar pelas almas perdidas (Rm 10:1) e de nos colocar à disposição para compartilhar o evangelho com outros.

**A base para a oração (vv. 5-7).** Muitos cristãos percebem que a oração fundamenta-se na obra de Jesus Cristo como Salvador e Mediador. Como Deus homem, Jesus Cristo é o Mediador perfeito entre o Deus santo e seus filhos imperfeitos. Uma das queixas de Jó era a falta de um mediador que levasse sua mensagem ao trono de Deus. “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos” (Jó 9:33).

Uma vez que existe somente um Deus, precisamos apenas de um Mediador: Jesus Cristo. *Nenhuma outra pessoa é qualificada.* Jesus Cristo é tanto Deus quanto homem e, portanto, pode ser o “árbitro” entre Deus e os homens. Por meio de sua vida perfeita e de sua morte substitutiva, ele cumpriu as exigências justas da lei santa de Deus. Ele foi o “resgate por todos”. O termo “resgate” significa “preço pago para libertar um escravo”. Cristo morreu “por todos”. Apesar de a

morte de Cristo ser eficaz apenas para os que crêem nele, é suficiente para os pecados do mundo inteiro. Jesus Cristo disse que veio para “dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28).

Cristo morreu por “todos os homens”, e Deus deseja que “todos os homens sejam salvos”. De que maneira essa boa-nova pode chegar ao mundo pecador? Deus chama e ordena mensageiros para levar o evangelho aos pecadores perdidos. Paulo era um desses mensageiros: era *pregador* (arauto do Rei), *apóstolo* (enviado com uma comissão especial) e *mestre*. O mesmo Deus que determina o *fim* (a salvação dos perdidos), também determina os *meios para alcançar esse fim*: a oração e a pregação da Palavra. Essa boa-nova não é apenas para os judeus, mas também para os gentios.

Se a base para a oração é a obra sacrificial de Jesus Cristo na cruz, a oração é uma atividade extremamente importante na igreja. Deixar de orar é o mesmo que desprezar a cruz! Orar apenas por si mesmo é negar o alcance mundial da cruz. Ignorar as almas perdidas é ignorar a cruz. “Todos os homens [pessoas]”: esse é o conceito-chave do parágrafo: oramos por “todos”, pois Cristo morreu por “todos” e Deus deseja que “todos” sejam salvos. Devemos nos entregar a Deus a fim de ser parte desse plano mundial para alcançar os perdidos antes que seja tarde demais.

**A atitude na oração (v. 8).** Paulo afirma claramente que os “homens” devem orar na congregação local. Na Igreja primitiva, tanto homens quanto mulheres oravam (1 Co 11:4, 5), mas a ênfase, aqui, é sobre os homens. É comum haver reuniões de oração de mulheres, mas é raro ouvir falar de reuniões de oração de homens. Se os homens não orarem, a igreja local não terá líderes consagrados para supervisionar seu ministério.

Era costume os homens judeus orarem com os braços estendidos e as mãos abertas voltadas para o céu. A postura tradicional de curvar a cabeça, unir as mãos e fechar os olhos não é encontrada nem ordenada em parte alguma das Escrituras. Na verdade, é possível observar várias posturas diferentes

de oração ao longo da Bíblia: em pé e com as mãos estendidas (1 Rs 8:22); ajoelhado (Dn 6:10); em pé (Lc 18:11); assentado (2 Sm 7:18); com a cabeça curvada (Gn 24:26); com os olhos voltados para o céu (Jo 17:1); prostrado com o rosto em terra (Gn 17:3). O mais importante não é a postura do corpo, mas sim a atitude do coração.

Paulo fala de três elementos essenciais à oração eficaz, e o primeiro é "mãos santas". É evidente que se trata de uma referência à santidade de vida. As "mãos limpas" simbolizam uma vida irrepreensível (2 Sm 22:21; Sl 24:4). Quem tem pecado na vida não pode orar esperando que Deus responda (Sl 66:18).

Em segundo lugar, é essencial que a oração seja feita "sem ira", sendo necessário, portanto, estar com os relacionamentos em ordem. Uma tradução melhor pode ser "sem raiva". O indivíduo que sempre tem problemas com outros cristãos e que, em vez de ser pacificador, é agitador, não pode orar e receber respostas de Deus.

"Sem animosidade" indica que não deve haver contendas em nosso meio. É fácil desentender-se com outros quando nosso coração está cheio de raiva. Os cristãos devem aprender a discordar uns dos outros sem ser desagradáveis. Devemos "[fazer] tudo sem murmurações nem contendas" (Fp 2:14).

Assim, a oração eficaz exige que nosso coração esteja em ordem com Deus ("mãos santas") e com nossos irmãos e irmãs em Cristo ("sem murmuração nem contendas"). Jesus ensinou essa mesma verdade (Mc 11:24-26). Se passarmos mais tempo nos preparando para orar e colocando o coração em ordem diante de Deus, nossas orações serão mais eficazes.

## 2. AS MULHERES – SUBMISSÃO (1 Tm 2:9-15)

Em nossos tempos de emancipação da mulher e de movimentos feministas, o termo "submissão" faz o sangue de muita gente ferver. Alguns autores bem-intencionados chegam até a acusar Paulo de ser um "velho solteirão rabugento" que se opunha às mulheres. Todavia, os que crêem na inspiração

e na autoridade da Palavra de Deus sabem que os ensinamentos de Paulo vêm de Deus, não do próprio apóstolo. Se não gostamos do que a Bíblia diz sobre as mulheres na igreja, nosso problema não é com Paulo (nem com Pedro – ver 1 Pe 3:1-7), mas sim com o Senhor que deu a Palavra (2 Tm 3:16, 17).

O termo traduzido por "submissão", em 1 Timóteo 2:11, é traduzido por "sujeitando-vos" em Efésios 5:21. Significa, literalmente, "estar uma posição abaixo dentro de uma hierarquia". Quem prestou serviço militar sabe que a hierarquia refere-se às ordens e à autoridade, não ao valor ou à capacidade. Um coronel ocupa um posto mais elevado que um soldado raso, mas isso não significa, necessariamente, que ele seja um homem mais digno que o soldado. Significa, apenas, que o coronel ocupa uma posição mais elevada dentro da hierarquia e, portanto, tem mais autoridade.

"Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Co 14:40): esse é o princípio que Deus segue em sua criação. Da mesma forma que haveria confusão no exército, caso não existissem níveis de autoridade, também a sociedade seria caótica, se não houvesse submissão. Os filhos devem sujeitar-se aos pais, pois Deus deu autoridade aos pais para educar e disciplinar os filhos em amor. Os funcionários devem sujeitar-se aos patrões e obedecer a eles (Ef 6:5-8, em que a referência imediata é a servos domésticos, mas cujo princípio também se aplica a empregados em geral hoje). Os cidadãos devem sujeitar-se às autoridades governantes, mesmo que elas não sejam cristãs (Rm 13; 1 Pe 2:13-20).

Submissão não é o mesmo que subjugação. Submissão significa reconhecer a ordem de Deus no lar e na igreja e seguir essa ordem com alegria. A esposa cristã que se submete de bom grado ao Senhor e ao marido pode desenvolver o que há de melhor em si. (Para que isso aconteça, o marido deve amar a esposa e usar a ordem de Deus como instrumento para edificar, não como arma para lutar – Ef 5:18-33.) A submissão é a chave para o crescimento espiritual e para o ministério; o marido deve sujeitar-se ao Senhor;

os cristãos devem sujeitar-se uns aos outros (Ef 5:21), e a esposa deve sujeitar-se ao marido.

A ênfase desta seção (1 Tm 2:9-15) é sobre o lugar da mulher na congregação local. Paulo admoesta essas mulheres cristãs a demonstrar submissão de diversas maneiras.

**Trajes decentes (v. 9).** Vemos aqui um contraste entre o *glamour* artificial do mundo e a verdadeira beleza da vida piedosa. Paulo não proíbe o uso de jóias ou de roupas bonitas, mas sim os excessos como substitutos para a verdadeira beleza de um “espírito manso e tranqüilo” (ver 1 Pe 3:1-6). A mulher que depende apenas de adornos externos logo fica sem recursos! Pode atrair a atenção, mas não conquista qualquer afeição duradoura. É possível que a última moda e as tendências da época estivessem tentando as mulheres da igreja de Éfeso, e Paulo teve de lembrar Timóteo de advertir as mulheres a não cair nessa armadilha.

O termo traduzido por “decente” (1 Tm 2:9) significa, simplesmente, “com decoro e ordem”. É relacionado à palavra grega da qual se origina o termo “cosmético”. Os trajes de uma mulher devem ser decentes, bem-arrumados e de bom gosto. A “modéstia” indica que ela evita os exageros. A mulher modesta tem vergonha de ultrapassar os limites do que é decente e apropriado. A palavra grega traduzida por “bom senso” significa “ter uma mente sóbria e discernente”. Descreve o domínio-próprio interior: um “radar” espiritual que mostra à pessoa o que é bom e apropriado.

Éfeso era uma cidade rica que vivia do comércio, e algumas mulheres competiam entre si por atenção e popularidade. Naquele tempo, os penteados caros e decorados com jóias faziam parte do processo de ascensão social. Paulo admoesta as mulheres cristãs a se dedicarem ao “ser interior”, à verdadeira beleza que somente Cristo pode dar. Não proíbe o uso de roupas bonitas nem enfeites. Antes, pede que tenham equilíbrio e decoro, enfatizando a modéstia e a santidade de caráter.

– Está cada vez mais difícil uma mulher cristã encontrar roupas apropriadas! – uma

senhora de nossa igreja comentou comigo. – Recuso-me a usar os maiôs que vejo nas lojas hoje em dia! Prefiro não entrar na água. O que aconteceu com a decência de antigamente?

**Boas obras (v. 10).** Paulo não sugere que as boas obras substituem as roupas! Antes, faz um contraste ao mostrar a mediocridade de roupas e jóias caras em relação aos verdadeiros valores do caráter piedoso e do serviço cristão. A “piedade” é outro termo importante nas epístolas pastorais de Paulo (1 Tm 2:2, 10; 3:16; 4:7, 8; 6:3, 5, 6, 11; 2 Tm 3:5; Tt 1:1). O *glamour* só pode ser aplicado parcialmente à parte exterior, enquanto a piedade deve vir do ser interior.

Não devemos jamais subestimar a importância de mulheres piedosas no ministério da igreja. A mensagem do evangelho teve grande impacto sobre elas e asseverou seu valor diante de Deus e sua igualdade dentro do corpo de Cristo (Gl 3:28). No império romano, as mulheres eram consideradas inferiores, mas o evangelho mudou esse conceito.

Mulheres consagradas ministraram a Cristo enquanto ele estava aqui na Terra (Lc 8:1-3). Estavam presentes em sua crucificação e sepultamento, e uma mulher foi a primeira mensageira a proclamar as boas-novas da ressurreição de Cristo. No Livro de Atos, encontramos Dorcas (At 9:36ss), Lídia (At 16:14ss), Priscila (At 18:1-3) e as mulheres piedosas das igrejas de Beréia e Tessalônica (At 17:4, 12). Paulo saúda pelo menos oito mulheres em Romanos 16, e Febe, que levou essa epístola aos cristãos de Roma, era diaconisa de uma das congregações (Rm 16:1). Muitas mulheres cristãs ganharam o marido para Cristo e abriram seu lar para o ministério cristão.

**Aprendizado em silêncio (v. 11).** O termo “silêncio” é uma tradução infeliz, pois dá a impressão de que as mulheres cristãs não devem jamais abrir a boca dentro da igreja. Trata-se do mesmo termo traduzido por “manso” em 1 Timóteo 2:2. Algumas das mulheres estavam abusando da liberdade que haviam encontrado recentemente em Cristo e tumultuando os cultos com suas

interrupções. É a esse problema que Paulo se refere em sua admoestação. Ao que parece, essas mulheres corriam o risco de perturbar a ordem da igreja ao tentar “desfrutar” sua liberdade. O apóstolo escreve uma admoestação semelhante à igreja de Corinto (1 Co 14:34), mas é possível que essa advertência aplique-se, principalmente, ao falar em línguas.

**Respeito pelas autoridades (vv. 12-15).**

As mulheres *podem* ensinar. As mulheres mais velhas devem ensinar as mais jovens (Tt 2:3, 4). Timóteo foi ensinado em casa por sua mãe e avó (2 Tm 1:5; 3:15). Mas, em seu ministério de ensino, as mulheres não devem “mandar” nos homens. Não há nada de errado em uma mulher piedosa instruir um homem em particular (At 18:24-28), mas não deve assumir a autoridade na igreja e tentar tomar o lugar de um homem. Antes, deve exercitar a “mansidão” e ajudar a promover a ordem na igreja.

Paulo apresenta vários argumentos que apóiam a admoestação de que os homens cristãos da igreja devem ser os líderes espirituais. O primeiro argumento refere-se à criação: primeiro Adão foi formado, depois, Eva (1 Tm 2:12, 13). (Paulo usa esse mesmo argumento em 1 Co 11:1-10.) Devemos sempre lembrar de que *prioridade* não significa *superioridade*. Homens e mulheres foram criados por Deus e à imagem de Deus. A questão diz respeito apenas à autoridade: o homem foi criado primeiro.

O segundo argumento é relacionado à queda do homem em pecado. Satanás enganou a mulher e a levou a pecar (Gn 3:1ss; 2 Co 11:3); o homem pecou deliberada e conscientemente. Ao rejeitar a ordem que Deus havia determinado e dar ouvidos à proposta de Eva, Adão desobedeceu a Deus e trouxe o pecado e a morte ao mundo. A submissão da esposa ao marido faz parte da criação original. A desordem que temos na sociedade hoje em dia é resultado do desrespeito a essa ordem estabelecida por Deus.

Não creio que Paulo esteja sugerindo que as mulheres são mais ingênuas que os homens e que, portanto, podem ser enganadas

com mais facilidade, pois a experiência mostra que tanto homens quanto mulheres foram enganados por Satanás. Em certa ocasião, Abraão ouviu o conselho da esposa e se colocou numa situação difícil (Gn 16). Posteriormente, ela o aconselhou, e Deus ordenou que ele obedecesse (Gn 21). Em meu ministério pastoral, sou grandemente beneficiado pelo encorajamento e conselho de mulheres piedosas, mas procuro não deixar que usurpem a autoridade na igreja. Na verdade, as mulheres piedosas que conheço não têm qualquer desejo de “mandar” na igreja.

Tanto a criação dos seres humanos quanto a queda em pecado parecem colocar a mulher em posição inferior, mas ela tem um ministério recebido de Deus (1 Tm 2:15). É provável que, na mente de Paulo, houvesse uma relação próxima entre o que ele escreve aqui e as palavras de Moisés em Gênesis 3:16 – a promessa de que o Salvador seria “nascido de mulher” (Gl 4:4). Foi por meio de uma mulher que o Salvador veio ao mundo (é importante lembrar que Jesus teve uma mãe humana, mas não um pai humano – Mt 1:18ss; Lc 1:34, 35).

No entanto, Paulo ensina uma lição prática (1 Tm 2:15). Promete que a mulher “será preservada por meio de sua missão de mãe”, se ela (e o marido) permanecerem consagrados ao Senhor de coração.

Essa declaração significa que mães cristãs não morrem no parto? A história e a experiência mostram que isso acontece. Deus tem propósitos e caminhos muito mais elevados que os nossos (Is 55:8, 9). Paulo apresenta um princípio geral para estimular as mulheres cristãs de sua época. Seu ministério não é “mandar” na igreja, mas cuidar do lar e ter filhos para glória de Deus (1 Tm 5:14). Sua congregação no lar lhes dá oportunidades de sobra para ensinar a Palavra e para ministrar aos santos (ver Rm 16:1-6).

As mulheres piedosas têm um ministério importante na igreja local, apesar de não serem chamadas a ensinar a Palavra em sentido pastoral. Se tudo for feito com “decência e ordem”, Deus abençoará.

## SIGAM OS LÍDERES

### 1 TIMÓTEO 3

**A** ascensão e a queda de todas as coisas dependem da liderança, quer se trate de uma família, quer de uma congregação local. O Espírito Santo concede dons aos cristãos para o ministério na igreja local, dentre eles os de “pastores e mestres” (Ef 4:11) bem como os de “socorros” e de “governos” (1 Co 12:28). Conforme observamos anteriormente, apesar de a igreja ser um organismo, é importante que seja organizada, pois, de outro modo, não sobreviverá. A liderança faz parte da organização espiritual.

Nesta seção, Paulo descreve o bispo, o diácono e a igreja em si. Ao compreender essas três descrições, poderemos liderar com mais excelência no ministério da igreja.

#### 1. O PASTOR (1 Tm 3:1-7)

De acordo com o Novo Testamento, os termos “bispo”, “pastor” e “presbítero” são sinônimos. A palavra *bispo* significa “supervisor”, e os presbíteros têm a responsabilidade de supervisionar o trabalho da igreja (At 20:17, 28; 1 Pe 5:1-3). “Presbítero” é a tradução do termo grego *presbutēs*, que significa “um ancião”. Paulo usa o termo *presbitério* em 1 Timóteo 4:14, referindo-se não a uma denominação, mas ao conjunto de presbíteros da assembleia que ordenaram Timóteo. Os presbíteros e bispos (dois nomes para o mesmo cargo, Tt 1:5, 7) eram pessoas maduras, com sabedoria espiritual e experiência espiritual. Por fim, o termo “pastor” também tem o sentido de “pastor de ovelhas”, aquele que conduz e cuida do rebanho de Deus.

Quando comparamos as qualificações apresentadas nesta passagem para os bispos

com aquelas apresentadas para os presbíteros em Tito 1:5-9, vemos que, na verdade, todas se referem ao mesmo cargo. No período apostólico, a organização da igreja era bastante simples: havia os pastores (bispos, presbíteros) e os diáconos (Fp 1:1). Ao que parece, vários presbíteros supervisionavam o trabalho de cada igreja, alguns deles encarregados de “presidir” (trabalhar com a organização e o governo), outros, de ensinar (1 Tm 5:17).

Mas era necessário que esses homens fossem qualificados. É bom um cristão que está crescendo na fé aspirar ao cargo de presbítero, mas a melhor maneira de alcançá-lo e de desenvolver o caráter cristão é preencher os requisitos discutidos a seguir. Tornar-se presbítero/bispo é uma decisão séria, que não era tratada levemente na Igreja primitiva. Paulo apresenta dezesseis qualificações que deveriam estar presentes no homem que desejava servir como presbítero/bispo/pastor.

**Irrepreensível (v. 2a).** Esse termo significa, literalmente, “sem ter por onde pegar”, ou seja, não deve haver em sua vida qualquer coisa que Satanás ou um incrédulo possa usar como um motivo para criticar ou atacar a igreja. Nenhum homem é impecável, mas devemos nos esforçar para ser irrepreensíveis e não merecer qualquer censura.

**Esposo de uma só mulher (v. 2b).** Todos as qualificações desta passagem são masculinas. Apesar de haver amplo espaço para o ministério feminino na congregação local, o cargo de presbítero não está aberto a mulheres. No entanto, a vida do pastor em casa é importante, especialmente no que diz respeito a sua situação conjugal (o mesmo requisito aplica-se aos diáconos, de acordo com 1 Tm 3:12). Significa que um pastor não deve ser divorciado e casado pela segunda vez. Sem dúvida, Paulo não está se referindo à poligamia, pois nenhum membro da igreja, muito menos um pastor, seria aceito se tivesse mais de uma esposa. Também não está se referindo ao segundo casamento de viúvos, pois, tendo em vista Gênesis 2:18 e 1 Timóteo 4:3, por que um pastor nessa situação seria proibido de se casar novamente?



Por certo, os membros da igreja que haviam perdido o cônjuge poderiam se casar de novo, então por que impor tal exigência ao pastor?

É evidente que a capacidade de um homem em conduzir o próprio casamento e lar indica sua capacidade de administrar a igreja local (1 Tm 3:4, 5). O pastor que se divorcia expõe a si mesmo e à igreja às críticas de pessoas de fora e, dificilmente, membros da congregação que passam por problemas no casamento se aconselharão com um pastor que não conseguiu manter a integridade do próprio casamento. Não vejo motivo algum que impeça cristãos consagrados que tenham se divorciado e casado novamente de servir em outros cargos da igreja, mas são desqualificados para os cargos de presbítero e de diácono.

**Temperante (v. 2c).** Significa “sóbrio”. “Que demonstra temperança em todas as coisas” (2 Tm 4:5, tradução literal) ou “que mantém a cabeça no lugar em todas as situações”. O pastor precisa exercitar o julgamento sóbrio e sensato em todas as coisas.

**Sóbrio (v. 2d).** Deve ter seriedade em sua atitude e em seu trabalho. Isso não significa que não possa ter senso de humor ou que deva ser sempre taciturno e solene. Antes, indica que ele sabe o valor das coisas e não vulgariza o ministério nem a mensagem do evangelho com um comportamento tolo.

**Modesto (v. 2e).** Uma boa tradução para esse termo é “ordeiro”. O pastor deve ser organizado em sua forma de pensar e de viver, bem como no ensino e na pregação. Trata-se do mesmo termo grego usado em 1 Timóteo 2:9 (“modéstia”) com referência aos trajes das mulheres.

**Hospitaleiro (v. 2f).** Literalmente, “que ama o forasteiro”. Esse era um ministério importante da Igreja primitiva, quando os cristãos que viajavam precisavam de um lugar para se hospedar (Rm 12:13; Hb 13:2; 3 Jo 5-8). Mas mesmo nos dias de hoje, o pastor e a esposa que demonstram hospitalidade são de grande ajuda para a comunhão da igreja local.

**Apto para ensinar (v. 2g).** O ensinamento da Palavra de Deus é um dos principais

ministérios do presbítero. Na verdade, muitos estudiosos acreditam que “pastores e mestres”, em Efésios 4:11, se refere a uma só pessoa com duas funções. Um pastor é, automaticamente, um mestre (2 Tm 2:2, 24). Phillips Brooks, famoso bispo norte-americano do século XIX, disse: “A aptidão para ensinar não é algo que se obtém por acidente nem por um irrompimento de zelo ardente”. O pastor deve ser um estudioso dedicado da Palavra de Deus e de tudo o que o ajude a conhecer e a ensinar a Palavra. O pastor que tem preguiça de estudar é uma calamidade no púlpito.

**Não dado ao vinho (v. 3a).** O termo no original descreve uma pessoa que passa um longo tempo com uma taça de vinho na mão e, portanto, bebe em excesso. O fato de Paulo aconselhar Timóteo a usar vinho com fins medicinais (1 Tm 5:23) indica que não se exigia a abstinência total dos cristãos. Infelizmente, alguns dos membros da igreja de Corinto embebedavam-se até nas refeições de comunhão que acompanhavam a Ceia do Senhor (1 Co 11:21). Os judeus diluíam o vinho com água para que não ficasse forte demais. Naquele tempo, sabia-se que a água não era pura, de modo que seria mais saudável beber com moderação o vinho diluído.

Existem, porém, diferenças enormes entre o uso cultural do vinho nos tempos bíblicos e o subsídio da indústria do álcool hoje. A admoestação e exemplo de Paulo, em Romanos 14 (especialmente Rm 14:21), se aplica, de modo especial, a nosso tempo. Um pastor piedoso certamente deseja dar o melhor exemplo possível e não ser uma desculpa para o pecado na vida de alguns irmãos mais fracos.

**Não violento (v. 3b).** “Que não seja contencioso nem procure briga.” Charles Spurgeon dizia aos alunos do seminário: “Não andem pelo mundo afora com os punhos fechados, prontos para lutar e carregando um revólver teológico na perna das calças”.

**Cordato (v. 3c).** Uma tradução mais apropriada seria “amável”. O pastor deve ouvir as pessoas e ser capaz de aceitar críticas

sem reagir. Deve permitir que outros sirvam a Deus na igreja sem fazer imposições.

**Inimigo de contendias (v. 3d).** Os pastores devem sempre ser pacificadores, não agitadores. Isso não significa fazer concessões indevidas em questões de fé, mas discordar sem ser desagradáveis. Quem tem pavio curto, normalmente, não tem um ministério longo.

**Não avarento (v. 3e).** Paulo fala mais sobre o dinheiro em 1 Timóteo 6:3ss. Os que não têm consciência nem integridade podem usar o ministério como um modo fácil de ganhar dinheiro. (O que não significa que os pastores ganhem tão bem na maioria das igrejas!) Os pastores cobiçosos sempre têm “negócios” paralelos, e tais atividades corrompem seu caráter e servem de empecilho a seu ministério. Os pastores não devem trabalhar “por sórdida ganância” (1 Pe 5:2). É possível cobiçar muitas coisas além de dinheiro: popularidade, um ministério grandioso que lhe dê projeção, cargos mais elevados dentro da dominação.

**Uma família temente a Deus (vv. 4, 5).** Isso não significa que o pastor deva ser casado ou, se for casado, que deva ter filhos. No entanto, é provável que o casamento e a família façam parte da vontade de Deus para a maioria dos pastores. Se os próprios filhos de um indivíduo não lhe obedecem nem o respeitam, dificilmente sua igreja lhe obedecerá e respeitará sua liderança. Para os cristãos, a igreja e o lar são uma coisa só. Devemos administrar ambos com amor, verdade e disciplina. O pastor não pode ser uma pessoa em casa e outra na igreja. Se isso acontecer, seus filhos perceberão, e haverá problemas. Os termos “governe” e “governar”, em 1 Timóteo 3:4, 5, significam “presidir sobre algo, dirigir”, e indicam que é o pastor quem dirige os negócios da igreja (não como um ditador, obviamente, mas como um pastor amoroso cuidando de seu rebanho – 1 Pe 5:3). O termo traduzido por “cuidar”, em 1 Timóteo 3:5, indica um ministério pessoal às necessidades da igreja. É usado na parábola do bom samaritano para descrever o cuidado deste para com o homem ferido (Lc 10:34, 35).

**Não seja neófito (v. 6).** Neófito significa, literalmente, recém-plantado e se refere aos cristãos novos na fé. Idade não é garantia de maturidade, mas é bom um homem dar a si mesmo tempo para estudar e crescer antes de aceitar uma igreja. Alguns homens amadurecem mais rapidamente do que outros. Satanás gosta de ver o pastor jovem ser bem-sucedido e se orgulhar; depois, tem prazer em destruir tudo o que foi construído.

**Bom testemunho dos de fora (v. 7).** Ele paga as contas? Tem boa reputação no meio dos incrédulos com os quais faz negócio? (ver Cl 4:5 e 1 Ts 4:12).

Nenhum pastor chega a um ponto em que acredita haver alcançado a plenitude de seu potencial; assim, precisa sempre das orações dos membros de sua congregação. Não é fácil servir como pastor/presbítero, mas é muito mais fácil exercer esse cargo, se nosso caráter estiver de acordo com o ideal de Deus.

## 2. O DIÁCONO (1 Tm 3:8-13)

O termo *diácono* é uma transliteração da palavra grega *diakonos*, que significa, simplesmente, “servo”. É provável que a origem dos diáconos encontre-se registrada em Atos 6. Os primeiros diáconos foram nomeados assistentes dos apóstolos. Nas igrejas de hoje, os diáconos aliviam os pastores/presbíteros de outras tarefas para que estes possam se concentrar no ministério da Palavra, da oração e da supervisão espiritual.

Apesar de os diáconos não receberem a mesma autoridade que os presbíteros, devem possuir certas qualificações. Muitos diáconos fiéis são eleitos presbíteros depois de se mostrarem aptos.

**Respeitáveis (v. 8a).** Um diácono deve ser digno de respeito, um homem de caráter cristão digno de ser imitado. Deve levar as responsabilidades a sério e *usar* o cargo, não apenas *ocupá-lo*.

**De uma só palavra (v. 8b).** Não sai contando histórias de casa em casa; não é fofoqueiro. Não diz uma coisa a um membro e exatamente o oposto a outro. Pode-se confiar no que ele diz.

**Não inclinado a muito vinho (v. 8c).** Conforme discutimos em nossos comentários sobre 1 Timóteo 3:3.

**Não cobiçoso de sórdida ganância (v. 8d).** Os diáconos lidam com as ofertas e distribuem recursos aos necessitados da igreja. Podem ser tentados a roubar ou a usar tais fundos em benefício próprio. As comissões da igreja que lidam com a parte financeira devem ter uma atitude espiritual em relação ao dinheiro.

**Doutrinariamente íntegro (v. 9).** O termo *mistério* significa "verdades outrora ocultas, mas agora reveladas por Deus". As grandes doutrinas da fé são ocultas para os de fora da fé, mas podem ser compreendidas pelos que crêem no Senhor. Os diáconos devem compreender a doutrina cristã e lhe obedecer de boa consciência. Não basta participar das reuniões e decidir como "administrar a igreja". Devem basear suas decisões na Palavra de Deus e corroborar essas decisões com uma vida piedosa.

Tenho observado que alguns líderes da igreja conhecem os estatutos de sua denominação melhor do que conhecem a Bíblia. Apesar de ser bom ter estatutos e regulamentos que ajudem a manter a ordem, é importante administrar os assuntos da igreja de acordo com a Palavra de Deus. As Escrituras eram a "constituição" da Igreja primitiva! Um diácono que não conhece a Bíblia é um obstáculo para o progresso da congregação local.

Um pastor amigo meu, que agora está com o Senhor, assumiu o ministério em uma congregação resultante da separação de outra igreja e que sempre sofria conflitos internos. De acordo com seus relatos, as reuniões do conselho eram inacreditáveis! Os estatutos eram quase tão reverenciados quanto a Bíblia. Os membros chamavam o livro de estatutos de "o livro verde". Meu amigo começou a ensinar a essas pessoas a Palavra de Deus, e o Espírito começou realizar transformações na vida delas. Mas o inimigo continuou trabalhando e incitou alguns líderes a desafiarem o pastor durante uma reunião do conselho.

- O senhor não está seguindo o livro verde! - disseram.

Meu amigo levantou sua Bíblia e perguntou:

- Nós vamos obedecer à Palavra de Deus ou a um livro verde escrito por homens?

A partir desse momento crítico na igreja, Deus os abençoou maravilhosamente com crescimento e poder.

Um diácono que não *conhece* a Palavra de Deus não pode administrar os assuntos da Igreja de Deus. Um diácono que não vive de acordo com a Palavra de Deus, mas que tem uma "consciência corrompida", não pode administrar a Igreja de Deus. Só porque um membro da igreja é benquisto por todos, tem sucesso nos negócios ou é um contribuinte generoso não significa que seja qualificado para servir como diácono.

**Provado e experimentado (v. 10).** Para constatar a presença de tais qualificações, é preciso observar a vida e a conduta dos indivíduos. Na maioria das igrejas, um novo membro ou recém-convertido pode começar a servir a Deus trabalhando no ministério de visitação, recepção, ajudando na escola dominical e de muitas outras maneiras. Esse é o princípio de Mateus 25:21: "foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei".

Convém notar que vários líderes mencionados nas Escrituras foram provados antes como servos. José foi um servo no Egito durante treze anos antes de se tornar o segundo no poder sobre aquela terra. Moisés cuidou de ovelhas durante quarenta anos antes de ser chamado por Deus. Josué foi servo de Moisés antes de se tornar seu sucessor. Davi cuidava das ovelhas de seu pai quando Samuel o ungiu rei de Israel. Até mesmo Jesus veio como servo e trabalhou como carpinteiro; e o apóstolo Paulo fazia tendas. Primeiro um servo; depois um líder.

Quando um membro não provado é colocado em um cargo de liderança na igreja, acaba enfraquecendo o testemunho da congregação. Comentários do tipo: "Talvez o Jim venha com mais freqüência aos cultos se o elegermos diácono" demonstram ignorância com respeito ao Jim e à Palavra de Deus. *Um cristão que não foi provado é um cristão despreparado.* Se esse indivíduo

receber um cargo de liderança na igreja, é bem possível que faça mais mal do que bem.

**Lares piedosos (vv. 11, 12).** A esposa do diácono faz parte de seu ministério, pois a piedade deve começar em casa. Os diáconos não devem ser divorciados e casados novamente. A esposa deve ser uma mulher cristã, que leva o ministério a sério, não maldizente (literalmente, “que não seja diabo”, pois o termo *diabo* quer dizer “caluniador, aquele que acusa falsamente”) e fiel em tudo o que faz. É triste ver os estragos que esposas maldizentes e fofoqueiras de presbíteros e diáconos podem fazer na igreja local.

Alguns estudiosos acreditam que 1 Timóteo 3:11 refere-se não às esposas dos diáconos, mas a outro tipo de ministério, o das diaconisas. Muitas igrejas têm diaconisas que ajudam no trabalho junto às mulheres, nos batismos, nas confraternizações etc. Febe era uma diaconisa da igreja de Cencrêia (Rm 16:1, em que o termo usado é *diakonon*). É possível que, em algumas dessas igrejas, as esposas dos diáconos servissem como diaconisas. Agradecemos a Deus o ministério das mulheres piedosas nas igrejas locais, quer ocupem cargos, quer não! Não é necessário ter um cargo para ter um ministério e exercitar um dom.

**Disposição para trabalhar (v. 13).** O diácono deve *usar* o cargo, não apenas *ocupá-lo*. O termo grego traduzido por “preeminência” é relacionado à idéia de “posto (militar), base, degrau de uma escada”. Um estímulo e tanto para o diaconato fiel! Deus o “promoverá” espiritualmente e lhe dará cada vez mais respeito no meio dos santos, o que representa mais oportunidades para ministrar. Um diácono fiel tem uma boa reputação diante de Deus e dos homens e pode ser usado por Deus para edificar a igreja. Também tem ousadia espiritual que lhe permite ministrar com eficácia.

Sem dúvida, uma parte dessa bênção pode incluir a possibilidade de “promoção espiritual”. É uma grande alegria para o pastor ver diáconos tornarem-se presbíteros e ver alguns desses presbíteros serem chamados para o ministério pastoral em tempo

integral. (Devemos lembrar que, nas igrejas do Novo Testamento, os presbíteros eram chamados de sua própria congregação local. Normalmente, não eram “importados” de outros lugares.)

É algo extremamente sério servir na igreja local. Cada um deve examinar o próprio coração e estar certo de ser qualificado pela graça de Deus.

### 3. OS CRISTÃOS (1 Tm 3:14-16)

Presbíteros, diáconos e membros da igreja precisam ser lembrados do que vem a ser a igreja local. Neste parágrafo curto, Paulo apresenta três retratos da igreja.

**A casa de Deus (v. 15a).** A igreja de Deus é uma família, de modo que “lar” talvez seja a tradução mais apropriada. Uma das palavras prediletas de Paulo é “irmãos” (ver 1 Tm 4:6). Quando um pecador crê em Jesus Cristo como Salvador, imediatamente nasce de novo na família de Deus (Jo 1:11-13; 1 Pe 1:22-25). Paulo aconselha o jovem Timóteo a tratar os membros da igreja local como trataria os membros da própria família (1 Tm 5:1, 2).

Uma vez que a igreja local é uma família, precisa ser alimentada; e a única dieta que pode nutrir verdadeiramente seus membros é a Palavra de Deus. Ela é nosso pão (Mt 4:4), leite e carne (1 Co 3:1, 2; Hb 5:12-14) e mel (Sl 119:103). O pastor deve ter tempo para se alimentar, a fim de poder alimentar a outros (1 Tm 4:6). Uma igreja não cresce por adição, mas sim por nutrição (Ef 4:11-16). É triste ver a maneira como alguns pastores desperdiçam seu tempo (e o tempo da igreja) a semana inteira e, depois, não têm coisa alguma nutritiva para oferecer ao povo no dia do Senhor.

Como uma família, uma igreja precisa de disciplina em amor. Filhos não disciplinados tornam-se tiranos e rebeldes. Os líderes espirituais da congregação devem exercitar a disciplina (1 Co 4:18 - 5:13; 2 Co 2:6-11). Por vezes, os filhos precisam ser repreendidos; em outras ocasiões, a disciplina precisa ser mais severa.

Os filhos também precisam de estímulo e de exemplo (1 Ts 2:7-12). Os líderes

espirituais devem ter a ternura da mãe que amamenta e a força do pai amoroso.

**A congregação (v. 15b).** O termo "igreja" é uma tradução da palavra grega *ekklesia*, que significa "assembléia". Era usado para as assembléias políticas das cidades gregas (At 19:29, 32), em que se realizavam transações entre cidadãos qualificados. No entanto, esse termo é empregado mais de cem vezes no Novo Testamento para se referir às igrejas locais, as congregações de cristãos. A palavra grega significa "os que foram chamados para fora" (é usado em At 7:38 para descrever a nação de Israel, chamada para fora do Egito; mas Israel não era uma "igreja" no sentido do Novo Testamento).

Paulo deseja que o jovem Timóteo saiba qual deve ser seu comportamento como líder da congregação local. As epístolas pastorais são "manuais de instrução" para a liderança da igreja local. Inúmeros livros publicados nos últimos anos afirmam explicar como começar, edificar e expandir uma igreja local, e alguns deles trazem bons conselhos. No entanto, os melhores conselhos para administrar uma congregação encontram-se nessas três cartas inspiradas. Tanto o jovem pastor em sua primeira igreja quanto o pastor veterano e experiente no ministério devem embeber-se dos ensinamentos que Paulo compartilha com Timóteo e Tito.

Existem vários tipos de "congregação", mas a igreja é congregação de Deus. Uma vez que ela pertence ao Deus vivo, ele tem o direito de dizer como ela deve ser governada. A igreja foi comprada com o sangue do Filho de Deus (At 20:28); portanto, devemos cuidar com o modo como nos portamos. Os líderes da igreja não devem ser ditadores religiosos que abusam do povo a fim de alcançar seus próprios objetivos egoístas (1 Pe 5:3-5; 3 Jo 9-12).

**A coluna e baluarte da verdade (vv. 15c, 16).** Trata-se de uma imagem arquitetônica bastante significativa para Timóteo em Éfeso, pois o grande templo de Diana possuía 127 colunas. O termo *baluarte* refere-se a um "suporte" ou "apoio". A igreja local é construída sobre Jesus Cristo, a Verdade (Jo 14:6; 1 Co 3:9-15); mas a igreja local

em si também é uma coluna e baluarte para a verdade.

É bem provável que o ministério da igreja como *coluna* refira-se, principalmente, à exposição da Palavra, como uma estátua é colocada sobre um pedestal para que todos possam admirá-la. Devemos expor a "palavra da vida" para que o mundo seja capaz de vê-la (Fp 2:16). A igreja local apresenta Jesus Cristo publicamente por meio da vida de seus membros fiéis.

Como *baluarte*, a igreja protege a verdade e sustenta a verdade (pois, em outros lugares, "a verdade anda tropeçando pelas praças, e a retidão não pode entrar" - Is 59:14). Quando as congregações abandonam a verdade (1 Tm 4:1ss) e fazem concessões indevidas em seu ministério, o inimigo avança. Por vezes, os líderes da igreja devem assumir uma posição militante contra o pecado e a apostasia. Isso não os torna benquistos por todos, mas agrada ao Senhor.

A principal verdade sobre a qual uma igreja deve dar testemunho é a pessoa e obra de Jesus Cristo (1 Tm 3:16 - é provável que esse versículo seja uma citação de um hino cristão da Igreja primitiva). Jesus Cristo é Deus *manifestado na carne*, não apenas em seu nascimento, mas ao longo de todo seu ministério aqui na Terra (Jo 14:1-9). Apesar de seu próprio povo, como nação, tê-lo rejeitado, Jesus Cristo foi *justificado em espírito* (ou "no Espírito"), pois o Espírito lhe deu poder para fazer milagres e até ressuscitar dentre os mortos (Rm 1:4). A presença do Espírito no mundo é, em si mesma, um julgamento do mundo (Jo 16:7-11).

A expressão "contemplado por anjos" sugere que anjos escolhidos foram associados à vida e ao ministério de Cristo. (O termo *angelos*, traduzido por "anjos", também significa "mensageiros" - ver Tg 2:25. Talvez Paulo estivesse se referindo aos mensageiros escolhidos que davam testemunho do Cristo ressurreto.) Cristo, porém, não morreu pelos anjos, mas sim pelos pecadores perdidos, de modo que foi *pregado entre os gentios*. Isso nos traz à memória a comissão que o Senhor deixou para sua Igreja de levar o evangelho até os confins da Terra, onde

---

ele é crido no mundo. Na ascensão, ele foi recebido na glória (At 1:2, 22) e, um dia, voltará a fim de buscar sua Igreja para participar dessa glória.

Que desafio emocionante para a igreja local dar testemunho de Jesus Cristo aos pecadores perdidos a seu redor e pelo mundo afora!

# COMO SER UM HOMEM DE DEUS

## 1 TIMÓTEO 4

**S**e você tivesse de fazer uma descrição do cargo de pastor, o que incluiria? Em que aspectos seria semelhante ou diferente de uma descrição feita pelo próprio pastor? Um ministro prega com regularidade, realiza casamentos e outros cultos afins, visita os enfermos e aconselha os aflitos. Mas qual é seu ministério e que tipo de pessoa ele precisa ser para realizar o trabalho que Deus lhe confiou?

Nesta seção de sua carta a Timóteo, Paulo enfatiza o caráter e a obra do próprio ministro e relaciona três qualidades que deve possuir, a fim de ser bem-sucedido em seu serviço a Deus.

### 1. UM BOM MINISTRO PREGA A PALAVRA DE DEUS (1 Tm 4:1-6)

Paulo havia advertido os presbíteros de Éfeso de que falsos mestres invadiriam a igreja (At 20:28-31), e, de fato, eles haviam chegado. O Espírito Santo falara em termos específicos sobre esses falsos mestres, e a profecia começava a se cumprir ainda no tempo de Paulo. Por certo, já se cumpriu em nosso tempo! Podemos reconhecer os falsos mestres pela descrição que Paulo apresenta deles neste parágrafo.

**São impelidos por Satanás (v. 1a).** Essa é a única passagem das epístolas pastorais em que se faz menção a demônios. Assim como há o "mistério da piedade" (1 Tm 3:16), também há o "mistério da iniquidade" que cerca Satanás e suas obras (2 Ts 2:7). Satanás é um imitador (2 Co 11:13-15); tem os próprios ministros e doutrinas e procura enganar os cristãos e fazê-los desviar (2 Co 11:3). O primeiro teste para qualquer

doutrina religiosa é o que ela diz a respeito de Jesus Cristo (1 Jo 4:1-6).

Alguns ficam surpresos ao saber que Satanás usa cristãos professos *dentro da igreja* para realizar sua obra. Mas, certa ocasião, Satanás usou Pedro para tentar Jesus a tomar o caminho errado (Mt 16:21-23), e usou Ananias e Safira com a intenção de enganar a igreja de Jerusalém (At 5). Paulo advertiu que falsos mestres surgiriam *dentro da igreja* (At 20:30).

**Fazem as pessoas se desviar (v. 1b).** Seu objetivo é seduzir os indivíduos e os afastar da fé. A palavra *apostasia* corresponde a essa idéia e significa "abandono deliberado da verdade da fé cristã". Esses falsos mestres não tentavam edificar a igreja nem levar as pessoas a se relacionar com o Senhor de maneira mais profunda. Antes, desejavam granjear discípulos para avolumar seus grupos e promover seus preceitos. Essa é uma das diferenças entre a verdadeira igreja e uma seita religiosa: uma igreja autêntica procura ganhar convertidos para Jesus Cristo e edificá-los espiritualmente; uma seita, no entanto, procura reunir prosélitos, roubar convertidos de outros e os transformar em servos (ou mesmo escravos!) de líderes da seita. Todavia, nem todos os apóstatas encontram-se nas seitas; alguns estão nas igrejas e *nos púlpitos*, ensinando doutrinas falsas e fazendo o povo desviar-se da verdade.

**São hipócritas (v. 2)** "Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7:15-20). Esses falsos mestres pregam uma coisa mas praticam outra. Dizem a seus discípulos o que fazer, mas eles próprios não o fazem. Satanás trabalha "pela hipocrisia dos que falam mentiras" (1 Tm 4:2). Uma das características do verdadeiro servo de Deus é sua honestidade e integridade; ele pratica o que prega. Isso não significa que seja absolutamente perfeito, mas que procura sinceramente obedecer à Palavra de Deus. Procura manter uma boa consciência (ver 1 Tm 1:5, 19; 3:9).

Assim como a carne pode ser "cauterizada", tornando-se dura e insensível, também a consciência pode ser amortecida. Sempre que alguém afirma com os lábios o

que nega com a vida (quer as pessoas saibam disso quer não), a consciência é amortecida um pouco mais. Jesus deixou claro que não são as palavras religiosas nem mesmo as operações de milagres que qualificam uma pessoa para o céu, mas sim o fazer a vontade de Deus na vida diária (Mt 7:21-29).

Um apóstata não está errado apenas em termos doutrinários; também está errado em termos morais. Antes de suas doutrinas mudarem, sua vida pessoal já se havia corrompido. Na verdade, é bem provável que ele tenha mudado seus ensinamentos a fim de continuar vivendo em pecado e de calar sua consciência. As *convicções* e o *comprometimento* sempre andam juntos.

**Negam a Palavra de Deus (vv. 3-5).** Os falsos mestres de Éfeso combinavam o legalismo judaico e o asceticismo oriental. Vemos Paulo tratando dessa mesma falsa doutrina em sua Epístola aos Colossenses (especialmente Cl 2:8-23). Dentre outras coisas, os falsos mestres ensinavam que viver solteiro era mais espiritual do que ser casado, o que é contrário às Escrituras. “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2:18). Jesus colocou seu selo de aprovação sobre o casamento (Mt 19:1-9), apesar de ter deixado claro que nem todos devem casar-se (Mt 19:10-12). Paulo também afirma a base bíblica para o casamento (1 Co 7:1-24), ensinando que, no tocante a essa questão, cada pessoa deve seguir a vontade de Deus.

Devemos ter cuidado com qualquer religião que mexa com a instituição divina do casamento e com qualquer ensinamento que mexa com a criação de Deus. Os falsos mestres que contaminavam a igreja de Éfeso ensinavam que certos alimentos eram proibidos, dizendo que quem os ingeria não era espiritual. O fato de Deus declarar sua criação “boa” (Gn 1:10, 12, 18, 21, 25) não interessava a esses mestres. Sua autoridade para determinar as dietas dava-lhes poder sobre os convertidos.

Os que “conhecem plenamente a verdade” não se impressionam com determinações e proibições do legalismo. Jesus afirmou que todos os alimentos são puros

(Mc 7:14-23). Ensinou essa lição novamente a Pedro (At 10), e a reafirmou por meio de Paulo (1 Co 10:23-33). Talvez uma pessoa não seja capaz de ingerir certos alimentos por motivos físicos (uma alergia, por exemplo), mas alimento algum deve ser rejeitado por motivos espirituais. Não se deve, porém, usar a liberdade de comer e de beber para abalar a fé dos cristãos mais fracos (Rm 14:13-23). O alimento que ingerimos é santificado (separado, dedicado a Deus) quando oramos e damos graças; assim, a Palavra de Deus e a oração transformam até mesmo uma refeição comum em um culto para a glória de Deus (1 Co 10:31).

A tônica da vida do ministro deve ser “[a] palavra de Deus e [a] oração” (1 Tm 4:5). É triste quando uma igreja ocupa seus pastores com tantas atividades secundárias que mal lhes sobra tempo para a Palavra de Deus e a oração (At 6:1-7). Paulo lembra o jovem Timóteo de sua grande responsabilidade de estudar, ensinar e pregar as Escrituras e de dedicar tempo à oração. Como “bom ministro”, deve ser “alimentado com as palavras da fé” (1 Tm 4:6). Diante dessa apostasia crescente, cabia a Timóteo cumprir certas responsabilidades.

**Ensinar a verdade à igreja (v. 6a).** O povo de Deus precisa ser advertido sobre as falsas doutrinas e a apostasia religiosa. Um ministro não deve concentrar-se somente nesses temas, pois lhe cabe ensinar “todo o desígnio de Deus” (At 20:27); mas também não deve deixá-los de lado. Ao andar por ruas e estradas, há dois tipos de placas: as que dizem para onde estamos indo (“Boston a 72 km”) e as que avisam sobre perigos (“Cuidado! Ponte interditada”). O pastor deve ensinar a doutrina positiva, a fim de que as pessoas saibam para onde estão indo. No entanto, também precisa desmascarar as falsas doutrinas, a fim de que ninguém seja seduzido nem desencaminhado.

**Alimentar-se da Palavra (v. 6b).** É claro que *todo* cristão deve nutrir-se diariamente das Escrituras (Jr 15:16; Mt 4:4; 1 Pe 2:2); mas é especialmente importante para o pastor crescer na Palavra. Ao estudar a “sã doutrina” cada dia e meditar sobre a Palavra,



ele cresce no Senhor e é capaz de liderar a igreja.

O "bom ministro" prega a Palavra da qual ele próprio se alimenta diariamente. Não basta, porém, pregar a Palavra; ele também deve praticá-la.

## 2. UM MINISTRO PIEDOSO PRÁTICA A PALAVRA (1 Tm 4:7-12)

Nesta parte de sua carta, Paulo passa para uma ilustração esportiva. Da mesma forma que um atleta grego ou romano precisava recusar certas coisas, ingerir alimentos corretos e fazer exercícios apropriados, também o cristão deve praticar "exercícios espirituais". Se um cristão dedicar tanta energia e disciplina à vida espiritual quanto um atleta dedica a seu esporte, crescerá cada vez mais rapidamente e realizará mais coisas para Deus. Nesta seção, Paulo trata de três níveis de vida.

**O inferior: "fábulas profanas e de velhas caducas" (v. 7a).** Trata-se, evidentemente, de falsos ensinamentos e de tradições dos apóstatas. Essas doutrinas não têm qualquer base bíblica; na verdade, contradizem a Palavra de Deus. São o tipo de ensinamento discutido por pessoas tolas, não por mulheres e homens dedicados à Palavra! Sem dúvida, esses ensinamentos envolviam as falsas doutrinas mencionadas acima (1 Tm 4:2, 3). Paulo também acautelou Tito acerca das "fábulas judaicas" (Tt 1:14). Em sua segunda carta, o apóstolo adverte Timóteo sobre essas mesmas "fábulas" (2 Tm 4:4).

É impossível um cristão redescobrir novas doutrinas. Paulo admoesta Timóteo a permanecer fiel à "boa doutrina que [tem] seguido" rigorosamente (1 Tm 4:6b). Acautelá-lo a não dar ouvidos a "fábulas e genealogias sem fim" (1 Tm 1:4). Por certo, o pastor deve saber o que o inimigo está pregando, mas não deve ser influenciado por tais ensinamentos. Um farmacêutico pode manusear e estudar substâncias venenosas, mas não permite que afetem seu corpo.

**O temporário: "o exercício físico" (vv. 7, 8).** Mais uma vez, se trata de uma imagem atlética. Por certo, precisamos cuidar do corpo, e o exercício faz parte desse cuidado.

O corpo é templo de Deus, que deve ser usado para sua glória (1 Co 6:19, 20), e também é um instrumento para seu serviço (Rm 12:1, 2). Contudo, os exercícios beneficiam o corpo somente nesta vida, ao passo que o exercício da piedade é proveitoso hoje e na eternidade. Paulo não pede que Timóteo escolha entre um e outro; creio que Deus espera que pratiquemos ambos. Um corpo saudável pode ser usado por Deus, mas devemos nos concentrar na santidade.

**O eterno: "piedade" (vv. 7-12).** Nas palavras de Phillips Brooks: "O grande propósito da vida é a formação do caráter pela verdade". O caráter e a conduta piedosos são muito mais importantes do que troféus e recordes esportivos, apesar de ser possível ter tanto uma coisa quanto outra. Paulo desafia Timóteo a se dedicar à piedade com o mesmo afincamento que um atleta dedica-se a seu esporte. Vivemos e trabalhamos para a eternidade.

Ao escrever aos coríntios, Paulo usa duas imagens semelhantes (1 Co 9:24-27), enfatizando a disciplina necessária para a vida piedosa. Assim como um atleta deve controlar o corpo e obedecer às regras, para o cristão, o corpo deve ser seu servo, não seu mestre. Quando vejo times de futebol e de basquete treinando em colégios e se exercitando sob o sol quente, lembro-me de que devo fazer certos exercícios espirituais (Hb 5:14). Oração, meditação, introspecção, comunhão, serviço, sacrifício, sujeição à vontade de outros, testemunho... todas essas coisas podem me ajudar, por meio do Espírito, a me tornar uma pessoa mais piedosa.

O exercício espiritual não é fácil: "labutamos e nos esforçamos sobremodo" (1 Tm 4:10a). A palavra traduzida por "esforçamos sobremodo" é um termo esportivo, que dá origem à palavra *agonizar*. É a imagem de um atleta esticando e contraindo os músculos ao máximo e dando o melhor de si para vencer. O cristão que deseja alcançar a excelência deve esforçar-se para isso, pela graça de Deus e para a glória de Deus.

Mas esse exercício na vida de piedade não é proveitoso apenas para o próprio cristão; também traz benefícios a outros (1 Tm

4:11, 12). Ele nos capacita a ser bons exemplos e a estimular a outros. Paulo cita diversas áreas da vida em que devemos ser exemplos.

“Na palavra” (1 Tm 4:12): sugere que nosso discurso deve ser sempre honesto e amoroso, dizendo “a verdade em amor” (Ef 4:15).

“No procedimento”: indica que nossa vida deve ser controlada pela Palavra de Deus. Não devemos ser como os hipócritas que Paulo descreve a Tito (Tt 1:16): “No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras”.

“No amor”: aponta para a motivação de nossa vida. Não obedecemos a Deus a fim de receber o aplauso de homens (Mt 6:1ss), mas sim porque amamos a Deus e ao seu povo.

“No espírito”: não aparece em vários manuscritos, mas descreve o entusiasmo interior e o ardor de um filho de Deus.)

“Na fé”: significa confiar em Deus e ser fiel a ele. A fé e o amor costumam andar juntos (1 Tm 1:14; 2:15; 6:11; 2 Tm 1:13; 2:22). A fé sempre conduz à fidelidade.

“Na pureza”: trata-se de algo importante ao viver neste mundo perverso. Éfeso era um centro de impureza sexual, e o jovem Timóteo enfrentava muitas tentações. Seu relacionamento com as mulheres da igreja deveria ser puro (1 Tm 5:2), de modo a conservar a pureza da mente, do coração e do corpo.

Mas a vida piedosa não beneficia apenas o *próprio cristão* e outros cristãos de seu convívio: também exerce influência sobre os *incrédulos*. Paulo lembra o pastor Timóteo de que Jesus Cristo é o Salvador (1 Tm 4:10), e cabe ao cristão compartilhar as boas-novas com os perdidos. Na verdade, ele escreve: “Nós, cristãos, colocamos nossa esperança no Deus vivo, mas os perdidos não têm esperança alguma e não conhecem o Deus vivo. Muitos só conhecem deuses mortos que jamais poderão salvá-los”.

O título “Salvador de todos os homens” não dá a entender que todos serão salvos (universalismo) nem que Deus salva as pessoas mesmo que não queiram, pois Paulo acrescenta: “especialmente dos fiéis”. A alma é salva pela fé (Ef 2:8-10). Uma vez que Deus

“deseja que todos os homens sejam salvos” (1 Tm 2:4), e uma vez que Cristo “a si mesmo se deu em resgate por todos” (1 Tm 2:6), *qualquer* pecador pode crer em Cristo e ser salvo. Cristo é o “Salvador de todos os homens”, de modo que ninguém precisa desesperar-se.

Timóteo não deveria ter medo de praticar a Palavra de Deus nem de aplicá-la à vida da igreja, pois “fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação” (1 Tm 4:9). Essas palavras fiéis eram um resumo da verdade à Igreja primitiva (ver 1 Tm 1:15; 3:1; 2 Tm 2:11; Tt 3:8). O fato de Timóteo ser jovem (naquela época, esse termo era usado para pessoas desde a mocidade até os 40 anos de idade) não deveria servir de empecilho a que praticasse a Palavra. Antes, deveria “ordenar” essas coisas (mais uma vez, o termo militar também usado em 1 Tm 1:3). A igreja local é uma unidade do exército espiritual de Deus, e seus líderes devem ter autoridade e convicção ao transmitir as ordens de Deus ao povo.

### 3. UM MINISTRO EM CRESCIMENTO PROGRIDE NA PALAVRA (1 Tm 4:13-16)

A chave para esta seção é “para que o teu progresso a todos seja manifesto” (1 Tm 4:15). “Progresso” é um termo militar grego e significa “avanço pioneiro”. Descreve os soldados que vão adiante das tropas, removendo os obstáculos do caminho, preparando-o para os que vêm atrás. Como pastor piedoso, Timóteo deveria crescer espiritualmente, a fim de que a igreja toda pudesse ver e imitar seu progresso espiritual.

Nenhum pastor é capaz de conduzir seu povo por um caminho que ele próprio não trilhou. “Mas o que tenho, isso te dou” é um princípio básico da vida e do ministério (At 3:6). O pastor (ou membro da igreja) que não cresce, na verdade, está regredindo, pois, na vida cristã, é impossível ficar parado. O ministro deve demonstrar crescimento espiritual em sua vida, ensino, pregação e liderança. Mas quais são os fatores que possibilitam o progresso espiritual?

**A ênfase sobre a Palavra de Deus (v. 13).**  
“Aplica-te” significa “dedica-te, concentra-te”.

Ministrar a Palavra não devia ser uma atividade secundária para Timóteo, mas sim sua maior prioridade. A *leitura* refere-se à leitura pública das Escrituras na congregação local. O povo judeu estava habituado a ouvir a leitura da Lei e dos Profetas em suas sinagogas, e essa prática foi levada às igrejas cristãs. Jesus leu as Escrituras na sinagoga em Nazaré (Lc 4:16ss), e Paulo costumava ler passagens das Escrituras quando visitava uma sinagoga (At 13:15).

Em meu ministério itinerante, fico decepcionado ao observar como muitas igrejas colocaram de lado a leitura da Palavra de Deus. Têm tempo para “músicas especiais” e inúmeros avisos, mas não têm tempo para ler a Bíblia. É possível que o pastor leia uma passagem antes de começar a pregar, mas se trata de outro tipo de leitura. As Escrituras ordenam que leiamos a Palavra de Deus nas reuniões públicas (convém acrescentar que os que lêem a Palavra em público precisam estar previamente preparados. Não se deve pedir para alguém ler as Escrituras publicamente “de última hora”. A Bíblia merece o melhor que temos a oferecer.)

O termo “exortação” (1 Tm 4:13) significa, literalmente, “encorajamento” e sugere a aplicação da Palavra à vida das pessoas. O pastor deveria ler a Palavra, explicá-la e aplicá-la. “Ensino” é o mesmo que “doutrina” e é uma das ênfases mais importantes das epístolas pastorais. Há pelo menos 22 referências ao “ensino” ou à “doutrina” nesses 13 capítulos.

Uma das qualificações do ministro é ser “apto para ensinar” (1 Tm 3:2); alguém disse bem que “ser apto para ensinar implica ser apto para aprender”. Um ministro (ou membro) da igreja que está crescendo na Palavra deve dedicar-se ao estudo das Escrituras. Antes de ensinar a outros, deve ensinar a si mesmo (Rm 2:21). Seu progresso espiritual é um exemplo para seu rebanho e um estímulo a outros.

**O uso dos dons espirituais (v. 14).** Nos últimos anos, tanta coisa tem sido escrito sobre os dons espirituais que quase esquecemos das graças do Espírito (Gl 5:22, 23). O termo “dom” é a palavra grega *charisma*.

Significa, simplesmente, “uma dádiva graciosa de Deus”. (O mundo usa a palavra *carisma* para descrever uma pessoa com uma personalidade atraente e aparência imponente.) *Todo cristão tem o dom do Espírito* (Rm 8:9) e pelo menos *um dos dons do Espírito* (1 Co 12:1-11). O dom do Espírito e os dons do Espírito Santo são concedidos por Deus no momento da conversão (ver 1 Co 12:13ss).

Todavia, quando Deus chama um cristão para um ministério especial, pode conceder (e, com freqüência, concede) um dom espiritual para essa tarefa. Quando Timóteo foi ordenado pelos presbíteros (“presbitério”) e estes lhe impuseram as mãos, recebeu de Deus um dom que o capacitava ao ministério. Mas, por algum motivo, Timóteo havia deixado de cultivar esse dom tão necessário a seu progresso espiritual e a seu ministério. Na verdade, Paulo teve de admoestá-lo em sua segunda carta: “[reaviva] o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos” (2 Tm 1:6).

É um grande estímulo saber que Deus não apenas nos chama, mas também nos capacita para sua obra. Não temos em nós mesmos coisa alguma que nos capacite a servir; o ministério deve vir inteiramente de Deus (1 Co 15:9, 10; Fp 4:13; 1 Tm 1:12). Não devemos, porém, ser passivos, mas sim cultivar os dons de Deus, usá-los e desenvolvê-los no ministério da igreja local e onde quer que Deus nos coloque.

**Dedicação total a Cristo (v. 15).** “Meditar” dá a idéia de “examinar em profundidade, dedicar-se inteiramente a algo”. A vida espiritual e o ministério de Timóteo deveriam absorver suas energias e esforços e controlar sua vida, não apenas ser ocupações secundárias e ocasionais. Não pode haver avanço pioneiro e real no ministério se não houver dedicação total à obra. “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6:24).

Não quero parecer crítico, mas devo confessar que me perturba ver muitos obreiros cristãos dividirem seu tempo e interesse entre a igreja e alguma outra atividade.

Pode ser compra e venda de imóveis, viagens para a terra santa, política, deveres cívicos e até mesmo trabalho para a denominação. Sua vida espiritual e sua igreja são prejudicadas, pois esses homens não se dedicam inteiramente ao ministério. “Uma coisa faço” - essa era a motivação central de Paulo e também deve ser a nossa (Fp 3:13). “[Um] homem de ânimo dobre [é] inconstante em todos os seus caminhos” (Tg 1:8).

**Um balanço espiritual (v. 16).** É preciso examinar o coração à luz da Palavra de Deus. Pode-se observar que Paulo coloca “de ti mesmo” antes de “da doutrina”. Paulo dera a mesma advertência aos presbíteros efésios em sua mensagem de despedida: “Atendei por vós” (At 20:28). Um servo de Deus pode ocupar-se tanto ajudando a outros que se esquece de cuidar de si mesmo e de sua vida espiritual.

Charles Finney, o grande evangelista norte-americano do século XIX, costumava pregar sobre esse texto. O título do sermão era “Pregador, salva-te a ti mesmo!” Trata-se de um sermão necessário hoje, pois vemos pessoas obrigadas a deixar o ministério porque sua vida pessoal não acompanhou sua profissão. Problemas morais, divórcios e outros tipos de conduta vergonhosa já destruíram muitos servos de Deus. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12).

Edificar os salvos e ganhar os perdidos para Cristo são os objetivos de nosso ministério para a glória de Deus. Mas Deus deve operar em nós antes de poder operar por meio de nós (Fp 2:12, 13). Como bons ministros, pregamos a Palavra; como ministros piedosos, praticamos a Palavra; como ministros em crescimento, progredimos na Palavra.

# ORDEM NA IGREJA!

## 1 TIMÓTEO 5

O primeiro problema que a Igreja primitiva enfrentou é bastante conhecido hoje: um grupo de membros da igreja estava sendo preterido pela equipe de ministros (At 6). Certa vez, ouvi alguém descrever determinado pastor como “um homem invisível durante a semana e incompreensível no domingo”. Alguém na congregação sentia-se negligenciado.

Assim, Paulo instrui Timóteo sobre como ministrar a grupos específicos de sua igreja.

### 1. OS MEMBROS MAIS VELHOS (1 Tm 5:1, 2)

Paulo admoesta Timóteo a ministrar aos vários tipos de pessoas da igreja sem demonstrar qualquer predileção (1 Tm 5:21). Uma vez que Timóteo era jovem, poderia ser tentado a ignorar os membros mais velhos, de modo que Paulo insta-o a amar e a servir a pessoas de todas as idades na congregação. A igreja é uma família: os membros mais velhos devem ser tratados como pais e mães, e os mais novos, como irmãos e irmãs.

### 2. AS VIÚVAS IDOSAS (1 Tm 5:3-10)

Desde o início de seu ministério, a igreja demonstrou preocupação pelas viúvas cristãs (At 6:1; 9:39). É evidente que Israel como nação havia sempre procurado cuidar das viúvas, e Deus dera leis específicas para protegê-las (Dt 10:18; 24:17; Is 1:17). O cuidado especial de Deus para com as viúvas é um tema que se repete ao longo das Escrituras (Dt 14:29; Sl 94:6; Ml 3:5). Nada mais certo do que a igreja local demonstrar compaixão a essas mulheres necessitadas.

No entanto, a igreja deve ter o cuidado de não desperdiçar recursos com quem não é, verdadeiramente, necessitado. Quer gostemos de admitir isso quer não, há indivíduos e famílias inteiras que “exploram” congregações locais, enquanto eles próprios se recusam a trabalhar ou a usar seus recursos com sabedoria. Enquanto recebem ofertas da igreja, não vêem motivo para procurar trabalho.

Paulo relaciona as qualificações que uma viúva deve ter a fim de ser sustentada pela igreja.

“*Não tem amparo*” (vv. 5a, 8). Se uma viúva tinha parentes, eles deveriam cuidar dela, a fim de que a igreja usasse o dinheiro para ajudar os verdadeiramente necessitados. Caso seus filhos houvessem falecido, seus netos deveriam aceitar essa responsabilidade. Quando lembramos que a sociedade daquela época não possuía as mesmas organizações que existem hoje – previdência pública e privada, lares para idosos etc. –, vemos como o cuidado da família era importante. É evidente que a existência de tais instituições *hoje* não exime a família de sua responsabilidade de prover atenção e afeto. A injunção “honra teu pai e tua mãe” continua fazendo parte da Bíblia (Êx 20:12; Ef 6:1-3).

E se um parente não estiver disposto a ajudar esse membro necessitado da família? Ele “é pior do que o descrente” (1 Tm 5:8; ver também v. 16). Uma missionária amiga minha, hoje falecida, deixou a obra onde trabalhava e voltou para casa, a fim de cuidar dos pais idosos e enfermos. Alguns de seus colegas a criticaram com severidade (“devemos amar a Deus mais do que ao pai e à mãe!”), mas ela permaneceu fiel até o fim. Em seguida, voltou para o campo missionário, onde trabalhou e deu frutos por vários anos, sabendo que havia obedecido ao Senhor. Afinal, amamos a Deus ao amar as pessoas, e ele se preocupa de maneira especial com os idosos, as viúvas e os órfãos.

“*Uma cristã irrepreensível*” (vv. 5b-7). A igreja não deve cuidar de *todas* as viúvas da cidade, mas deve amparar as que fazem parte da congregação. Devemos “[fazer] o

bem a todos, mas principalmente aos da família da fé" (Gl 6:10). Uma viúva que recebe a ajuda da igreja não deve ser uma mulher acomodada, que só busca o próprio prazer, mas sim piedosa, que espera em Deus e tem um ministério de intercessão e de oração. Para um exemplo de uma viúva piedosa, ver Lucas 2:36, 37.

Depois de pastorear três igrejas, minha experiência mostra que as viúvas piedosas são a "casa de força" da igreja. São a espinha dorsal das reuniões de oração, dedicam-se à visitação e contribuem grandemente como professoras da escola dominical. Também tenho observado que, se uma viúva não é piedosa, pode causar uma série de problemas para a igreja. Exigirá atenção, se queixará do que os mais jovens fazem e passará longas horas no telefone levando e trazendo fofocas. (Claro que, na verdade, não são fofocas, mas sim informações passadas a amigas para que estas possam "orar mais especificamente" pelos outros!) Paulo deixa claro (1 Tm 5:7) que as viúvas amparadas pela igreja devem ser "irrepreensíveis".

**Tem pelo menos 60 anos de idade (v. 9a).** Hoje em dia, uma senhora de 60 anos não é considerada "velha", mas naquele tempo, dificilmente uma mulher dessa idade se casava de novo. Talvez o verbo "inscrever" ajude a entender melhor a situação. Essa palavra significa "arrolar, incluir em uma lista" e era usada para o alistamento militar. A Igreja primitiva possuía uma lista oficial com o nome das viúvas qualificadas e, ao que parece, essas mulheres "alistadas" ministravam à congregação de várias maneiras (podemos lembrar o exemplo de Dorcas e de suas amigas viúvas, relatado em At 9:36-43). Caso fossem diaconisas ordenadas, é bem provável que Paulo tivesse especificado esse fato.

**Um bom histórico matrimonial (v. 9b).** Vimos esse requisito anteriormente aplicado aos bispos (1 Tm 3:2) e aos diáconos (1 Tm 3:12). Conclui-se, com isso, que a viúva não era uma mulher divorciada. Uma vez que as viúvas mais jovens eram aconselhadas a se casar novamente (1 Tm 5:14), essa estipulação não pode referir-se a uma mulher que teve um segundo casamento temporário

depois da morte do primeiro marido. A fidelidade aos votos matrimoniais é extremamente importante aos olhos de Deus.

**Recomendada pelo testemunho de boas obras (v. 10).** Se uma pessoa estiver servindo a Deus fielmente, sua luz brilhará e outros a verão e glorificarão a Deus (Mt 5:16). A expressão "tenha criado filhos" pode se referir aos próprios filhos da viúva ou, talvez, a órfãos que precisavam de um lar. Caso se refira aos próprios filhos, estes haviam falecido, pois, de outro modo, a igreja não sustentaria essa mulher. No entanto, é provável que se trate de uma referência à prática de amparar crianças abandonadas, criando-as nos caminhos do Senhor.

A hospitalidade é outro fator, pois constituía um ministério importante naquele tempo, quando as viagens eram perigosas e havia poucos lugares seguros para passar a noite. A lavagem dos pés não é relacionada a algum ritual especial, mas sim à prática comum de lavar os pés de um convidado quando ele chegava na casa (Lc 7:44). Uma mulher piedosa não considerava indigno assumir a posição de serva humilde.

O socorro aos "atribulados" pode abranger diversas áreas de ministério aos necessitados: alimentar os famintos, cuidar dos enfermos, encorajar os aflitos etc. Todo pastor é grato pelas mulheres piedosas que ministram às necessidades materiais e físicas da igreja. Essas viúvas eram amparadas pela igreja, mas, ao mesmo tempo, ajudavam a cuidar da congregação.

### 3. AS VIÚVAS MAIS JOVENS (1 Tm 5:11-16)

Tecnicamente, essas viúvas mais jovens eram mulheres de menos de 60 anos, mas, sem dúvida, Paulo se referia a mulheres bem mais jovens. Dificilmente, uma mulher de 59 anos de idade teria filhos em um segundo casamento! (ver 1 Tm 5:14, "criem filhos"). Os perigos das viagens, as doenças devastadoras, guerras e várias outras situações poderiam privar a jovem esposa do marido. Mas Paulo proíbe Timóteo de incluir as viúvas mais jovens na lista oficial e de colocá-las sob os cuidados da igreja.

**Os motivos para não incluí-las (vv. 11-14a).** Por causa de sua idade, as viúvas mais jovens sentem-se, naturalmente, atraídas pelos homens e desejam se casar novamente. O que há de errado nisso? Paulo parece deixar implícito (1 Tm 5:12) que as viúvas inscritas na lista oficial se comprometiam a permanecer viúvas e servir ao Senhor na igreja. Esse compromisso não deveria ser interpretado como um "voto de celibato", como também não se deve considerar esse grupo de viúvas que ministravam como uma "ordem monástica especial". Ao que parece, havia um acordo entre as viúvas e a igreja de que elas permaneceriam viúvas e serviriam ao Senhor.

Há outra interpretação possível: se essas viúvas mais jovens fossem sustentadas pela igreja, poderiam acabar vivendo como bem entendessem e encontrando outro marido, provavelmente um incrédulo. Ao se casar com um não cristão, estariam abrindo mão de sua fé. No entanto, prefiro a primeira explicação.

Mas Paulo deixa claro (1 Tm 5:13) que, se as viúvas mais jovens fossem amparadas pela igreja, teriam tempo de sobra nas mãos e se envolveriam com atividades pecaminosas. Poderiam adquirir o hábito de permanecer ociosas em vez de ser úteis. Iriam de casa em casa, fazendo fofocas e se intrometendo na vida alheia. Existe uma ligação nítida entre o ócio e o pecado.

Paulo adverte Timóteo a não usar o dinheiro da "caridade" de modo a incentivar o ócio. Sem dúvida, a igreja deve ajudar os verdadeiramente necessitados, mas não deve subsidiar o pecado. Como pastor, preciso tomar decisões quanto a essas questões e, às vezes, não é fácil.

**Requisitos para as viúvas mais jovens (vv. 14b-16).** Paulo deixa o aspecto negativo e apresenta as atitudes positivas que gostaria de ver nas viúvas mais jovens, a fim de serem aceitas e aprovadas pela igreja. As viúvas mais jovens deveriam se casar e constituir família. Nem todos devem se casar, mas o casamento é algo natural para a maioria das pessoas que já foram casadas antes. Por que ficar sozinha na viuvez, quando ainda

há oportunidade de ter um marido e uma família? É claro que tudo isso deveria ser "somente no Senhor" (1 Co 7:39).

"Sede fecundos, multiplicai-vos" (Gn 1:28). Essa foi a ordem de Deus a nossos primeiros antepassados, de modo que o resultado natural do casamento é uma família. Os que se recusam a ter filhos hoje em dia por causa da situação do mundo devem lembrar em que pé as coisas estavam no tempo de Paulo! Se os *cristãos* não desejam ter filhos e educá-los a fim de viver para Deus, quem o fará?

A oração "sejam boas donas de casa" (1 Tm 5:14) significa, literalmente, "governem o lar". A esposa deve administrar os assuntos da casa, e o marido deve confiar que ela fará sua parte (Pv 31:10-31). É evidente que o casamento é uma parceria, mas cada cônjuge tem uma esfera específica de responsabilidades. São poucos os homens que conseguem fazer em uma casa o que as mulheres fazem. Quando minha esposa adoecia ou estava cuidando de nossos bebês, eu tinha de administrar algumas coisas da casa e descobri, rapidamente, que essas atividades ficavam fora de minha esfera de ministério!

O resultado de tudo isso é um bom testemunho capaz de calar os acusadores. Satanás (o adversário) está sempre alerta, em busca de uma oportunidade para invadir e destruir um lar cristão. O termo "ocasião" é de cunho militar e significa "uma base de operações". A esposa cristã que não faz seu trabalho em casa cria uma base para as operações de Satanás, e os resultados são trágicos. Apesar de haver ocasiões em que a esposa e mãe cristã precisam trabalhar fora, isso não deveria destruir seu ministério no lar. A esposa que trabalha simplesmente para obter certos luxos pode descobrir, tarde demais, que perdeu algumas das coisas mais fundamentais. Não é necessariamente errado ter as coisas que o dinheiro pode comprar *desde que* não se perca as coisas que o dinheiro não pode comprar.

A forma de esposas e mães cristãs administrarem o lar pode ser um testemunho para os de fora. Assim como um pastor deve ter

boa reputação junto aos incrédulos (1 Tm 3:7), e os servos não devem trazer desonra à Palavra de Deus (1 Tm 6:1), também as esposas devem ter bom testemunho. Mesmo que não possam exercer o cargo de presbítero na igreja, as mulheres podem ministrar ao Senhor no próprio lar (para maior ênfase nesse ministério essencial, ver Tt 2:4, 5).

Em seguida, Paulo resume o princípio de cada família cuidar das necessidades dos próprios membros (1 Tm 5:16). Paulo não diz *como* essas viúvas devem ser amparadas: por meio de ofertas regulares, sendo recebidas em seus lares, dando-lhes alguma atividade para se sustentar etc. Cada congregação local deveria decidir essa questão de acordo com as necessidades dos casos individuais.

De que maneira esse princípio aplica-se aos cristãos hoje? Sem dúvida, é preciso honrar aos pais e aos avós e procurar ajudá-los, caso tenham alguma necessidade. Nem toda família cristã tem condições de sustentar mais um membro, e nem toda viúva deseja viver com os filhos. Nos casos de enfermidade ou de deficiência física, pode ser necessário haver certos cuidados que não se encontram disponíveis em uma casa comum. Cada família deve decidir qual é a vontade de Deus com respeito a essa questão, e nenhuma decisão é fácil. O importante é que os cristãos demonstrem amor e preocupação e façam todo o possível para ajudar uns aos outros.

#### 4. OS LÍDERES DA IGREJA (1 Tm 5:17-25)

As instruções desta seção referem-se, principalmente, aos presbíteros, mas os princípios também se aplicam ao relacionamento do pastor com qualquer um dos líderes de sua igreja. É maravilhoso que presbíteros e diáconos (e outros líderes) trabalhem juntos em harmonia e amor. No entanto, é triste quando um pastor tenta se tornar um ditador espiritual (1 Pe 5:3), ou quando um líder tenta impor-se como “dono da igreja” (3 Jo 9-10).

Ao que parece, Timóteo enfrentava alguns problemas com os presbíteros da igreja

de Éfeso. Timóteo era jovem e ainda tinha muito a aprender, e Éfeso não era um lugar fácil de exercer o ministério. Além disso, Timóteo era o sucessor de Paulo como pastor da igreja, um desafio e tanto! O discurso de despedida de Paulo aos presbíteros efésios (At 20) mostra que ele havia trabalhado com afinco e que tinha sido fiel, sendo muito amado pelos presbíteros (At 20:36-38). Apesar de Paulo ter enviado Timóteo pessoalmente a Éfeso, o rapaz enfrentava uma série de dificuldades.

Essa situação pode ser o motivo pelo qual Paulo o instrui a respeito do vinho (1 Tm 5:23). Timóteo teve problemas de estômago? Ficou doente por causa de suas muitas responsabilidades e conflitos? Ou tentou seguir as idéias de alguns ascetas (1 Tm 4:1-5), só para descobrir que sua dieta piorava a situação ao invés de melhorá-la? Não sabemos as respostas a todas essas perguntas, e só nos resta ler nas entrelinhas. Convém observar que, ao mencionar o vinho nesta passagem, Paulo não defende a indústria de bebidas alcoólicas. O uso do vinho para fins medicinais não é um incentivo ao hábito de beber socialmente. Como vimos anteriormente, apesar de a Bíblia não exigir a abstinência, condena claramente a embriaguez.

Paulo aconselha Timóteo em seu relacionamento com os presbíteros ao tratar de três tópicos:

**O pagamento dos presbíteros (vv. 17, 18).** Na Igreja primitiva, a congregação não era ministrada por um único pastor, mas sim por vários presbíteros. Esses homens dedicavam-se à obra do Senhor em tempo integral e mereciam algum tipo de remuneração. Na maioria das igrejas de hoje, os presbíteros são leigos que exercem outras ocupações, mas que ajudam no trabalho da igreja. Normalmente, os membros da equipe pastoral são os únicos obreiros em tempo integral na igreja (é evidente que muitas igrejas também têm secretárias, zeladores etc., mas Paulo não está escrevendo a essas pessoas).

Havia dois tipos de presbíteros na igreja: os que *governavam*, supervisionando o trabalho da congregação, e os que *ensinavam* a Palavra de Deus. Esses presbíteros



eram escolhidos dentre os membros da congregação com base no chamado de Deus, na capacitação do Espírito e no testemunho e obra dos próprios homens. Depois de escolhidos, eram ordenados e separados para o ministério (At 14:23; 20:17, 28; Tt 1:5).

A igreja local precisa tanto de governo quanto de ensino. O Espírito concede os dons de “socorros” e de “governos” à igreja (1 Co 12:28). Se uma igreja não for organizada, ocorrerá um desperdício de esforços, dinheiro e oportunidades. Se não houver líderes com mentalidade espiritual para supervisionar os diversos ministérios da igreja local, o resultado será o caos ao invés da ordem. Contudo, sua supervisão não deve ser ditatorial. O trabalho da igreja local não deve ser administrado da mesma forma que um supermercado ou uma fábrica são gerenciados. Apesar de ser importante a igreja seguir certos princípios da boa administração, ela não é um negócio. A maneira implacável de certos líderes humilharem as pessoas desonra o evangelho.

Mas não há muito proveito em governar sem ensinar. A igreja local deve crescer pelo ministério da Palavra de Deus (Ef 4:11ss). Não se pode governar um grupo de bebês! Cristãos que não estão sendo alimentados, purificados e fortalecidos pela Palavra são fracos e inúteis e só causam problemas.

Paulo diz a Timóteo para se certificar de que os líderes sejam devidamente remunerados com base em seus ministérios. Fundamenta sua argumentação na Lei do Antigo Testamento (Dt 25:4) (o melhor comentário sobre esta questão encontra-se em 1 Co 9:7-14). Em seguida, Paulo acrescenta uma declaração do Senhor Jesus Cristo: “porque digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10:7). Esse era um ditado comum naquele tempo, mas Paulo equipara as palavras de Cristo às Escrituras do Antigo Testamento!

Se os pastores são fiéis em alimentar e em conduzir o povo, a igreja deve ser fiel em lhes pagar adequadamente. “Dobrados honorários” (1 Tm 5:17) pode ser traduzido por “pagamento generoso”. Faz parte do plano de Deus que as necessidades de seus servos sejam supridas pelas igrejas locais, e

ele abençoará as igrejas fiéis a seus servos. A igreja que não é fiel e que não supre as necessidades de seu pastor dá um péssimo testemunho, e Deus pode lidar com tal situação de diferentes maneiras: provendo a seu servo por outros meios sem que a igreja seja abençoada ou colocando-o em outro lugar.

O outro lado da moeda é que o pastor não deve, em momento algum, ministrar apenas para ganhar dinheiro (ver 1 Tm 3:3). “Negociar” com as igrejas ou sair à procura de um lugar que pague um salário melhor não faz parte da vontade de Deus. Não é certo o pastor mencionar de púlpito suas necessidades financeiras na esperança de obter apoio da tesouraria!

#### ***A disciplina dos presbíteros (vv. 19-21).***

A disciplina dentro da igreja costuma cair em um de dois extremos. Ou não há disciplina alguma e a igreja perece em função da desobediência e do pecado, ou os líderes da igreja assumem a função de policiais que julgam e condenam ilegalmente, transgredindo vários princípios espirituais da Bíblia.

A disciplina de *membros* da igreja é explicada em Mateus 18:15-18; Romanos 16:17, 18; 1 Coríntios 5; 2 Coríntios 2:6-11; Gálatas 6:1-3; 2 Tessalonicenses 3:6-16; 2 Timóteo 2:23-26; Tito 3:10 e 2 João 9-11.

Nesta passagem (1 Tm 5:19-21), Paulo trata da disciplina dos *líderes* da igreja. É triste quando um membro da igreja precisa ser disciplinado, mas é ainda mais triste quando um líder espiritual cai e precisa ser submetido à disciplina eclesiástica, pois a queda de um líder afeta outros.

O propósito da disciplina é a restauração. O objetivo deve ser salvar o transgressor, não expulsá-lo. A atitude em relação a ele deve ser de amor e de mansidão (Gl 6:1-3). Na verdade, o verbo “corrigir”, que Paulo usa em Gálatas 6:1, tem o sentido de “colocar um osso fraturado no lugar”. Pense na paciência e delicadeza necessárias nesse procedimento!

A primeira advertência de Paulo a Timóteo é *ter certeza dos fatos*, o que é feito por meio de testemunhas (1 Tm 5:19). Esse princípio também pode ser encontrado em Deuteronômio 19:15; Mateus 18:16

e 2 Coríntios 13:1. Creio que, nesta passagem, vemos uma aplicação dupla de tal preceito. Em primeiro lugar, os que fazem qualquer acusação contra o pastor devem ter como prová-la por meio de testemunhas. Boatos e suspeitas não constituem uma base adequada para a disciplina. Em segundo lugar, quando se faz uma acusação, as testemunhas devem estar presentes. Em outras palavras, o acusado tem o direito de encarar seu acusador na presença de testemunhas.

Uma senhora da nossa congregação veio me procurar durante um jantar da igreja; trazia uma porção de acusações e de fofocas contra mim, todas elas sem fundamento. Pedi a dois líderes da igreja que estavam por perto que servissem de testemunha para o que ela dizia. É evidente que, no mesmo instante, ela parou de falar e foi embora contrariada.

É triste quando as igrejas desobedecem à Palavra e dão ouvidos a boatos, mentiras e fofocas. Muitos pastores piedosos foram frustrados em sua vida e ministério dessa forma, e muitos até deixaram o ministério. "Onde há fumaça, há fogo" pode ser um bom lema para o corpo de bombeiros, mas não se aplica às igrejas. "Onde há fumaça, há fogo" pode significar que a língua de alguém foi "posta ela mesma em chamas pelo inferno" (Tg 3:6).

A segunda advertência de Paulo a Timóteo é para que faça tudo de modo franco e honesto. A política "por debaixo dos panos" do governo secular não tem lugar em uma igreja. Jesus afirmou: "Nada disse em oculto" (Jo 18:20). Se um líder *for* culpado, deverá ser repreendido diante de todos os outros líderes (1 Tm 5:20). Deverá ter a oportunidade de se arrepender e, se o fizer, deverá ser perdoado (2 Co 2:6-11). Uma vez perdoado, a questão é encerrada e nunca mais deve ser trazida à baila.

A terceira advertência de Paulo (1 Tm 5:21) é para que Timóteo obedeça à Palavra,

independentemente de seus sentimentos. Deve agir sem preconceito *contra* e sem favoritismo *pelo* líder acusado. Dentro da igreja, não há direitos adquiridos por tempo de serviço; todos os membros são iguais diante de Deus e de sua Palavra. Demonstrar preconceito ou favoritismo só piora a situação.

**A seleção e ordenação dos presbíteros (vv. 22-25).** Somente Deus conhece o coração de todos (At 1:24). A igreja precisa de sabedoria e de orientação espiritual para escolher seus líderes. É perigoso agir de modo impulsivo e colocar um recém-convertido em um cargo de responsabilidade espiritual. É possível ver claramente o pecado na vida de algumas pessoas, mas outras, apesar de levarem suas transgressões consigo de um lugar para outro, conseguem encobri-las (1 Tm 5:24). As boas obras dos cristãos consagrados devem ser evidentes, ainda que não estejam servindo com o propósito de obter notoriedade (1 Tm 5:25).

Em outras palavras, a igreja deve investigar com todo o cuidado a vida dos candidatos a cargos de liderança, a fim de se certificar de que não há nada mais sério fora de ordem. Ordenar presbíteros com pecados na vida é o mesmo que ter parte nesses pecados! Se o simples ato de dar boas-vindas a um herege nos torna participantes de seus atos perversos (2 Jo 10, 11), somos muito mais culpados se ordenamos pessoas cuja vida não está em ordem diante de Deus.

Nenhum pastor ou membro da igreja é perfeito, mas isso não deve ser um empecilho a que nos esforcemos em busca da perfeição. A ascensão e a queda do ministério local devem-se a sua liderança. Uma liderança piedosa representa a bênção de Deus; é isso o que desejamos e é disso que necessitamos.

# ORDENS DO QUARTEL- GENERAL

## 1 TIMÓTEO 6

Neste capítulo, Paulo continua a aconselhar Timóteo acerca do ministério a diferentes tipos de cristãos na igreja. O tom é militar, pois Paulo usa termos referentes ao exército: “Combate o bom combate da fé” (1 Tm 6:12). “Exorto-te [Ordeno-te]” (1 Tm 6:13, que é o mesmo termo militar usado em 1:3). “Exorta [Ordena] aos ricos” (1 Tm 6:17). “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado” (1 Tm 6:20). Em outras palavras, podemos dizer que Paulo é o general, transmitindo a Timóteo ordens do Senhor, o Comandante Supremo.

D. L. Moody não queria que seu solista, Ira Sankey, usasse o hino “Avante, Soldados Cristãos” em suas campanhas evangelísticas. Para Moody, a igreja que ele via era muito diferente de um exército. Se, na Segunda Guerra Mundial, um soldado qualquer dos Aliados tivesse para com seus superiores e suas ordens a mesma atitude que os cristãos têm para com o Senhor, provavelmente teríamos perdido!

Paulo instrui Timóteo a ministrar a outros quatro grupos da igreja e também a manter a própria vida dentro da vontade de Deus.

### 1. OS SERVOS CRISTÃOS (1 Tm 6:1, 2)

Alguns historiadores calculam que metade da população do império romano era constituída de escravos. Muitos deles eram cultos, instruídos, mas, para fins legais, não eram considerados seres humanos. A mensagem do evangelho de salvação e de liberdade em Cristo era atraente aos escravos, e muitos se converteram (o termo traduzido por “servo”, no Novo Testamento, normalmente

significa “escravo”). Quando os servos conseguiam uma folga de seus afazeres domésticos, participavam das congregações locais, em que sua posição social não era relevante (Gl 3:28).

No entanto, alguns servos usavam sua liberdade recém-descoberta em Cristo como desculpa para desobedecer ou mesmo para afrontar seus senhores. Precisavam aprender que, apesar de serem inteiramente aceitos na comunhão da igreja, sua liberdade espiritual em Cristo não alterava sua posição social.

**Servos de senhores incrédulos (v. 1).** Nenhum senhor cristão pensaria em seu servo como estando “debaixo de jugo”; antes, o trataria com amor e respeito (Cl 4:1; Fm 16). Ao rebelar-se contra seu senhor incrédulo, o escravo estaria desonrando o evangelho. “O nome de Deus” e a doutrina seriam blasfemados (Rm 2:24). Esse é um dos motivos pelos quais Paulo e os primeiros missionários não tentaram pregar contra a escravidão, por mais que fosse uma instituição pecaminosa. Tal ativismo teria caracterizado a igreja como um grupo militante e constituído um grande empecilho para o avanço do evangelho.

**Servos de senhores cristãos (v. 2).** O perigo, nesse caso, era o de um servo cristão aproveitar-se de seu senhor pelo fato de ambos serem salvos. “Meu senhor é meu irmão!”, poderia argumentar. “Uma vez que somos iguais, ele não tem direito algum de me dar ordens!” Essa atitude criaria problemas sérios, tanto nos lares quanto nas congregações.

Paulo dá três motivos pelos quais o servo cristão deve demonstrar respeito por seu senhor cristão e não se aproveitar dele. O motivo mais óbvio é: o *senhor é cristão* (“fiel” = cristão). Como um cristão poderia aproveitar-se de outro? Em segundo lugar, o *senhor é amado*. O amor não se rebela nem procura oportunidades de fugir de suas responsabilidades. Por fim, *tanto o senhor quanto o servo são beneficiados pela obediência* (“partilha do seu bom serviço” pode se aplicar a ambos). Há bênçãos mútuas quando os cristãos servem uns aos outros de acordo com a vontade de Deus.

Lembro-me de aconselhar uma moça que havia pedido demissão de um emprego secular a fim de trabalhar para uma organização cristã. Estava no novo emprego havia mais ou menos um mês e se sentia completamente desiludida.

– Pensei que seria o céu na Terra – disse ela. – Em vez disso, só há problemas.

– Você está trabalhando para seu chefe cristão com o mesmo afinco que trabalhava para seu outro patrão? – perguntei. A expressão no rosto dela me deu a resposta. – Procure empenhar-se mais – aconselhei – “e demonstrar verdadeiro respeito. Só porque todos no escritório são salvos não significa que podem dar menos do que o melhor de si.

Ela seguiu meu conselho, e seus problemas se resolveram.

## 2. FALSOS MESTRES (1 Tm 6:3-10)

Paulo iniciou a carta com advertências sobre os falsos mestres (1 Tm 1:3ss) e chegou a refutar alguns de seus ensinamentos perniciosos (1 Tm 4:1ss). Os líderes espirituais da igreja local devem manter-se sempre atentos para o que está sendo ensinado, pois é fácil falsas doutrinas se infiltrarem (At 20:28-32). Um pastor conhecido meu descobriu um professor de escola dominical que compartilhava suas “visões” com os alunos em vez de ensinar a Palavra de Deus!

**As características desses falsos mestres (vv. 3-5a).** A primeira característica era sua recusa em manter-se fiéis às “sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e [ao] ensino segundo a piedade” (1 Tm 6:3). Esse ensino é piedoso e produz piedade. O primeiro teste de Isaías a qualquer mestre era: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira [de acordo com esta palavra], jamais verão a alva” (Is 8:20). É importante que a igreja “[mantenha] o padrão das sãs palavras” (2 Tm 1:13).

Outra característica é a atitude do mestre. Em vez de ser humilde, o falso mestre é orgulhoso; e, no entanto, seu orgulho é infundado, pois ele não sabe coisa alguma (1 Tm 6:4; ver também 1:7).

Um cristão que compreende a Palavra tem um coração ardente, não um ego inflado

(Lc 24:32; e ver Dn 9:1-20). Essa atitude “enfatuada” leva o mestre a discutir questões secundárias com respeito a “palavras”. Em vez de alimentar-se das “sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tm 6:3), cria um ambiente doentio com todas as suas perguntas. O termo traduzido por “enfatuado” (1 Tm 6:4) significa “cheio de desejo mórbido, doente”. O resultado desse tipo de ensinamento não espiritual é “inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, alterações sem fim” (1 Tm 6:4b-5a).

O mais triste de tudo isso é que os cristãos são “privados da verdade” (1 Tm 6:5) enquanto acreditam estar descobrindo a verdade! Pensam que as discussões em seus encontros semanais, durante os quais compartilham sua ignorância, é uma forma de crescer na graça, quando, na verdade, o resultado é perda de caráter, não aperfeiçoamento.

**O motivo de seus ensinamentos (vv. 5b-10).** Esses falsos mestres imaginavam que a “piedade é fonte de lucro”. Aqui (1 Tm 6:5), o termo “piedade” refere-se à “profissão da fé cristã” e não à vida autêntica de santidade pelo poder do Espírito. Usavam sua profissão religiosa como um meio de ganhar dinheiro. O que faziam não era um ministério real, mas apenas um negócio religioso.

Paulo sempre tinha o cuidado de não usar seu chamado e ministério como um meio de ganhar dinheiro. Chegou até a recusar o sustento da igreja de Corinto para que ninguém o acusasse de ganância (1 Co 9:15-19). Em momento algum usou sua pregação com “intuitos gananciosos” (1 Ts 2:5). Como é triste ver os charlatães religiosos de hoje se aproveitarem de pessoas ingênuas, prometendo-lhes ajuda enquanto tomam seu dinheiro.

A fim de advertir Timóteo – e de nos advertir – sobre os perigos da ganância, Paulo apresenta quatro fatos:

*A riqueza não traz contentamento (v. 6).* O termo “contentamento” significa “uma suficiência interior que nos mantém em paz apesar das circunstâncias exteriores”. Paulo usa a mesma palavra quando diz: “Porque aprendi a viver contente em toda e qualquer

situação" (Fp 4:11). O verdadeiro contentamento vem da piedade no coração, não do dinheiro na mão. A pessoa que depende de bens materiais para ter paz e segurança nunca ficará satisfeita, pois as coisas sempre acabam perdendo seu atrativo. São os ricos, não os pobres, que consultam os psiquiatras e que se mostram mais propensos a cometer suicídio.

*A riqueza não é duradoura* (v. 7). Gosto de traduzir esse versículo com as palavras de Jó: "Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele" (ver Jó 1:21). Quando uma pessoa morre e o espírito deixa o corpo, não pode levar coisa alguma consigo, pois ao vir ao mundo não trouxe coisa alguma. Todos os seus bens vão para o governo, para seus herdeiros ou, talvez, para organizações filantrópicas e para a igreja. A resposta à pergunta: "quanto ele deixou?" é de conhecimento geral: *tudo!*

*Nossas necessidades físicas podem ser supridas com facilidade* (v. 8). O alimento e a "cobertura" (roupas e abrigo) são necessidades básicas; se as perdemos, ficamos desprovidos da capacidade de obter outras coisas. Um avaro sem comida pode morrer de fome contando seu dinheiro. Isso me lembra a história de um quacre que levava uma vida muito simples observando seu vizinho novo se mudar com todos os apetrechos e "brinquedos" que as "pessoas de sucesso" acumulam. Por fim, o quacre foi até a casa do vizinho e disse:

– Senhor, se precisares de alguma coisa, avisa-me, e eu te direi como poderás viver sem ela.

Henry David Thoreau, naturalista do século XIX, dizia que a riqueza de um homem é diretamente proporcional ao número de coisas sem as quais ele é capaz de viver.

As crises que o mundo enfrenta na economia e energia provavelmente serão usadas por Deus para estimular as pessoas a simplificar seu modo de viver. Muita gente "sabe o preço de tudo, mas não sabe o valor de coisa alguma". Estamos tão saturados de luxos que nos esquecemos de como desfrutar as coisas mais essenciais.

*O desejo de riqueza conduz ao pecado* (vv. 9, 10). A tradução exata é: "os que ficarão ricos" e descreve pessoas que precisam de cada vez mais coisas para ser felizes e se sentirem bem-sucedidas. Mas as riquezas são uma armadilha; conduzem à escravidão, não à liberdade. Em vez de saciar, as riquezas criam outras concupiscências (desejos) a serem satisfeitas. Paulo dá uma descrição vívida dos resultados: "muitas concupiscências insensatas e perniciosas [...] afogam os homens na ruína e perdição" (1 Tm 6:9). Vemos aqui a imagem de um homem se afogando! Ele confiava em suas riquezas e navegava tranqüilamente pela vida, quando veio a tempestade e o afundou.

É perigoso usar a religião como fachada para obter riquezas. Por certo, o obreiro de Deus é digno de seu salário (1 Tm 5:17, 18), mas sua motivação para trabalhar não é o dinheiro. Se fosse, ele seria apenas um "mercenário", não um verdadeiro pastor (Jo 10:11-14). Não devemos perguntar: "Quanto vou ganhar com isso?", mas sim: "Quanto posso dar?"

### 3. O PASTOR (1 Tm 6:11-16, 20, 21)

Enquanto cuidava das necessidades de seu rebanho, Timóteo também deveria cuidar de si mesmo. Uma das admoestações de Paulo é: "Tem cuidado de ti mesmo" (1 Tm 4:16). As palavras: "Tu, porém" (1 Tm 6:11) indicam um contraste entre Timóteo e os falsos mestres. Eram homens do mundo, enquanto Timóteo era um "homem de Deus". Essa designação especial também é usada para Moisés (Dt 33:1), para Samuel (1 Sm 9:6), para Elias (1 Rs 17:18) e para Davi (Ne 12:24), de modo que Timóteo estava em boa companhia.

Paulo dá a Timóteo quatro admoestações que, se fossem obedecidas, garantiriam o seu sucesso no ministério e a continuidade de seu testemunho como "homem de Deus".

**Foge** (v. 11a). Há ocasiões em que fugir é sinal de covardia. "Homem como eu fugiria?", perguntou Neemias (Ne 6:11). Mas, em outras ocasiões, fugir é sinal de sabedoria e um meio de alcançar a vitória. José fugiu quando foi tentado pela esposa do seu

senhor (Gn 39:12), e Davi fugiu quando o rei Saul tentou matá-lo (1 Sm 19:10). O verbo "fugir" que Paulo usa aqui não se refere ao ato literal de correr, mas sim ao ato de Timóteo *separar-se* dos pecados dos falsos mestres. Trata-se de uma repetição da admoestação em 2 Timóteo 3:5: "Foge também destes".

Nem toda união é boa e nem toda divisão é ruim. Há ocasiões em que o servo de Deus deve posicionar-se com respeito a falsas doutrinas e práticas ímpias e se separar de tais coisas. Deve certificar-se, porém, de estar agindo com base em uma convicção bíblica, não em função de preconceitos pessoais ou de um espírito carnal de partidarismo.

**Segue (v. 11b).** Separação sem crescimento positivo transforma-se em isolamento. É preciso cultivar essas graças do Espírito em nossa vida, pois, de outro modo, seremos conhecidos por aquilo a que nos opomos, não por aquilo que propomos.

"Justiça" significa "integridade pessoal". "Piedade" quer dizer "devoção prática". A primeira é relacionada ao caráter; a segunda, à conduta.

A palavra "fé" pode ser traduzida por "fidelidade". Alguém disse bem que a maior habilidade é a confiabilidade.

O "amor" é o amor *ágape*, que se sacrifica pelos outros. Procura dar, não receber.

A "constância" dá a idéia de "perseverança", de permanecer firme, mesmo quando as dificuldades vêm. Não se trata de comodismo, mas sim de uma coragem que prossegue em meio à adversidade.

"Mansidão" não é o mesmo que fraqueza; antes, é "poder sob controle". A perseverança corajosa sem mansidão torna o indivíduo um tirano. Talvez o termo "brandura" expresse melhor seu significado.

**Combate (vv. 12-16).** O verbo significa "continua combatendo!" A palavra grega dá origem a nosso verbo *agonizar* e se aplica tanto a atletas quanto a soldados. Descrevia uma pessoa esforçando-se ao máximo e dando o melhor de si a fim de conquistar um prêmio ou de vencer uma batalha. Perto do fim da própria vida, Paulo escreveu: "Combati o bom combate" (2 Tm 4:7).

Esse "combate", porém, não é entre os cristãos, mas sim entre uma pessoa de Deus e os inimigos a seu redor. A luta é para defender a fé, o conjunto de verdades confiadas à igreja (ver 1 Tm 6:20). Como Neemias na Antiguidade, os cristãos de hoje precisam ter seu instrumento de trabalho em uma das mãos e a espada na outra (Ne 4:17). É triste quando alguns cristãos dedicam-se de tal modo a lutar contra o inimigo que não lhes sobra tempo para fazer seu trabalho e edificar a igreja. Entretanto, se não nos mantivermos vigilantes e não fizermos frente ao inimigo, tudo o que edificamos pode ser tirado de nós.

O que nos encoraja na batalha? Temos a "vida eterna", e é preciso tomar posse dela e deixar que atue em nossas experiências. Fomos chamados por Deus, e isso nos garante a vitória. Professamos publicamente nossa fé em Cristo, e os outros cristãos da igreja estão a nosso lado.

Outro encorajamento na batalha é o testemunho de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele "fez a boa confissão" (1 Tm 6:13) diante de Pôncio Pilatos e não cedeu ao inimigo. Sabia que Deus Pai estava com ele, cuidando dele, e que seria ressuscitado dentre os mortos. É Deus "quem dá vida a todas as coisas" (tradução literal), e ele cuida de nós, de modo que não precisamos ter medo. A timidez natural de Timóteo talvez o tentasse a fugir da batalha. Mas tudo o que ele precisava fazer para ser encorajado era lembrar de Jesus Cristo e de sua confissão ousada.

Paulo dá ordens militares a Timóteo: "Exorto-te [Ordeno-te]" (1 Tm 6:13, e também 1:3). Timóteo deveria atentar para esse mandato e obedecer, pois, um dia, teria de prestar contas de sua missão ao Comandante! A única maneira de estar preparado era obedecer às ordens e se guardar "imaculado, irrepreensível" (1 Tm 6:14).

O termo grego traduzido por "manifestação" (1 Tm 6:14) dá origem a nossa palavra *epifania*, que significa "manifestação gloriosa". No tempo de Paulo, esse termo era usado na mitologia para descrever a aparição de um deus, especialmente para livrar alguém de suas dificuldades. Paulo

emprega essa palavra para se referir à primeira vinda de Jesus Cristo (2 Tm 1:10) e a sua volta (2 Tm 4:1, 8). Não sabemos quando Cristo voltará, mas será "em suas épocas determinadas" (1 Tm 6:15), e Deus conhece o cronograma. Nossa incumbência é ser fiel a ele a cada dia e permanecer nele (1 Jo 2:28).

O sujeito de 1 Timóteo 6:16 é Deus, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o *único* Soberano, ainda que outros usem esse título. A designação "Soberano" (1 Tm 6:15) vem de uma palavra que significa "poder" e que dá origem a nosso termo "potentado". Os reis e governantes da Terra talvez imaginem ter poder e autoridade, mas Deus é soberano sobre todos eles (ver Sl 2).

O título "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1 Tm 6:15) nos lembra de Jesus Cristo (Ap 17:14; 19:16); mas, aqui, ele é usado para Deus o Pai. É evidente que Jesus Cristo nos revela o Pai, de modo que também lhe é de direito usar esse título.

"Imortalidade" (1 Tm 6:16) significa "não estar sujeito à morte". O homem está sujeito à morte, mas Deus não. Somente Deus possui a imortalidade como parte essencial e inerente de seu ser. Ele é "imortal, invisível, Deus único" (1 Tm 1:17). Uma vez que Deus não está sujeito à morte, ele é Vida e é o Doador da vida. Ele é incorruptível e não está sujeito à corrupção e mudança. Nesta vida, os cristãos se encontram num corpo mortal, mas quando Jesus Cristo voltar, compartilharão da sua imortalidade (1 Co 15:50-58).

É importante lembrar que Paulo explica todas essas verdades acerca de Deus a fim de estimular Timóteo a "combater o bom combate" e não desistir. Não precisamos temer o que nos acontece em vida, pois Deus é Soberano sobre tudo; não precisamos temer a morte, pois ele compartilha sua imortalidade conosco.

Timóteo vivia na cidade ímpia de Éfeso, mas Deus habita em luz gloriosa. "O aspecto da glória do SENHOR era como um fogo consumidor" (Êx 24:17). "Coberto de luz como de um manto" (Sl 104:2). A descrição que João apresenta do céu enfatiza a glória

de Deus que ilumina a cidade (Ap 21:11, 23, 24; 22:5). É evidente que a luz simboliza a santidade (1 Jo 1:5-7). Deus permanece separado do pecado, e Deus é glorioso em sua santidade.

É impossível um homem pecaminoso aproximar-se de Deus. Somente por meio de Jesus Cristo é que podemos ser aceitos na presença do Senhor. No Antigo Testamento (Gn 32:30), Jacó viu Deus em uma de suas aparições na Terra, e Deus permitiu que Moisés visse parte de sua glória (Êx 33:18-23). A declaração "ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1:18) refere-se a ver a Deus *em sua essência*, em sua natureza espiritual. É possível apenas ver manifestações de sua essência, como na Pessoa de Jesus Cristo.

Por que Paulo escreve tanto sobre a Pessoa e a glória de Deus? Provavelmente, como uma advertência sobre o "culto ao imperador" que existia no império romano. Costumava-se dizer, com freqüência: "César é Senhor!" É evidente que os cristãos diziam "Jesus Cristo é Senhor!" Somente Deus tem "honra e poder eterno" (1 Tm 6:16b). A fim de combater o bom combate, Timóteo deveria estar certo de que *somente* Jesus Cristo era digno de adoração e de devoção total.

**Sê fiel (vv. 20, 21).** Deus havia confiado a verdade a Paulo (1 Tm 1:11), e Paulo confiou-a a Timóteo. Era responsabilidade de Timóteo guardar o que lhe havia sido transmitido e passar adiante a outros, que fariam o mesmo, guardando e comunicando a verdade (2 Tm 2:2). Essa é a maneira de Deus proteger a verdade e de propagá-la por todo o mundo. Somos despenseiros das doutrinas da fé, e Deus espera que sejamos fiéis ao compartilhar suas boas-novas.

O *saber* (1 Tm 6:20) não é a tecnologia que consideramos hoje como ciência. Uma tradução mais apropriada seria "o *conhecimento*, assim chamado equivocadamente". Aqui, Paulo refere-se aos ensinamentos do grupo herético dos "gnósticos", que afirmam possuir um "conhecimento espiritual especial". (O termo grego para "conhecimento" é *gnosis*. Um "agnóstico" é alguém que não sabe. Um gnóstico é alguém que afirma saber muitas coisas.)

Não há necessidade de entrar em detalhes quanto às asserções heréticas dos gnósticos. A Epístola de Paulo aos Colossenses foi escrita para combater tais ensinamentos. Esses indivíduos afirmavam ter “conhecimento espiritual especial” adquirido por meio de visões e de outras experiências. Também afirmavam saber de “verdades ocultas” nas Escrituras do Antigo Testamento, especialmente nas genealogias. Para eles, a matéria era má, e ensinavam que uma série de “emanações” ligava Deus ao homem. De acordo com eles, Jesus Cristo era apenas a maior dessas emanações.

Na verdade, a doutrina dos gnósticos era uma mistura estranha de cristianismo, misticismo oriental, filosofia grega e legalismo judaico. Como muitas seitas orientais que vemos hoje em dia, ofereciam “algo para todos os gostos”. Mas Paulo resume tudo o que ensinavam em uma única frase arrasadora: “falatórios inúteis e profanos”. Phillips traduz essa expressão por “mistura ímpia de conceitos contraditórios”.

Por que Timóteo deveria evitar esses ensinamentos? Porque alguns que se envolveram com eles “se desviaram da fé” (1 Tm 6:21). Não são apenas motivações erradas (como o desejo de ganhar dinheiro) que levam as pessoas a se desviarem da fé (1 Tm 6:10); ensinamentos errados também podem desencaminhá-las. Essas mentiras infiltram-se gradativamente na mente e no coração da pessoa, e, antes que se dê conta, já está andando fora do caminho da verdade.

#### 4. OS RICOS (1 Tm 6:17-19)

Paulo escreveu sobre o perigo do amor ao dinheiro, mas acrescenta uma “ordem” especial para Timóteo transmitir aos ricos. Ao contrário do que se pode imaginar, essa ordem aplica-se a nós. Afinal, nosso padrão de vida hoje certamente nos faz “ricos” em comparação com a congregação de Timóteo!

**Sejam humildes (v. 17a).** Se a riqueza torna alguém orgulhoso, isso mostra que não compreende a si mesmo nem sua riqueza. “Antes, te lembrarás do SENHOR, teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas” (Dt 8:18). Não somos

proprietários, apenas despenseiros. Se temos riquezas, é pela bondade de Deus, não por algum mérito especial de nossa parte. A posse de bens materiais deve tornar a pessoa humilde e levá-la a glorificar a Deus, não a si mesma.

É possível ser rico “[no] presente século [mundo]” (1 Tm 6:17) e pobre no mundo por vir. Também é possível ser pobre neste mundo e rico no mundo por vir. Jesus falou sobre ambos os casos (Lc 16:19-31). No entanto, um cristão também pode ser rico neste mundo e no outro, se usar o que tem para honrar a Deus (Mt 6:19-34). Na verdade, uma pessoa pobre neste mundo pode usar até seus limitados recursos para glorificar a Deus e ser grandemente recompensada no mundo por vir.

**Confie em Deus, não nas riquezas (v. 17b).** O fazendeiro rico da parábola de Jesus (Lc 12:13-21) pensou que sua riqueza representava segurança, quando na realidade, era evidência de sua insegurança. Ele não estava confiando em Deus de coração. As riquezas são incertas, não apenas em seu valor (que muda constantemente), mas também em sua durabilidade. Os ladrões podem roubar os bens, os investimentos podem desvalorizar e o tempo pode corroer casas e carros. Se Deus nos der riquezas, devemos confiar nele, o Doador, não nas dádivas.

**Desfrutem o que Deus lhes der (v. 17c).** Sim, a palavra “desfrutar” está na Bíblia! Na verdade, um dos temas que se repetem ao longo de Eclesiastes é “desfrutar as bênçãos hoje, pois, um dia, esta vida chegará ao fim” (ver Ec 2:24; 3:12-15, 22; 5:18-20; 9:7-10; 11:9, 10). Não se trata de “hedonismo” pecaminoso nem de viver em função dos prazeres da vida, mas sim de aproveitar o que Deus nos dá para sua glória.

**Usem o que Deus lhes der (vv. 18, 19).** Devemos usar as riquezas para fazer o bem a outros; devemos compartilhar e também aplicar nosso dinheiro. Desse modo, enriquecemos a nós mesmos espiritualmente e fazemos investimentos para o futuro (ver Lc 16:1-13). “A fim de se apoderarem da verdadeira vida” (1 Tm 6:19) não significa que essas pessoas não eram salvas. Um modo



mais adequado de expressar isso seria: “a fim de tomarem posse da vida que é real”. As riquezas podem atrair as pessoas a um mundo de fantasia, repleto de prazeres superficiais. Mas as riquezas *somadas à vontade de Deus* podem conduzir a uma vida real e a um ministério duradouro.

A última frase de Paulo não é para Timóteo, pois o pronome está no plural: “A

graça seja convosco”. Paulo pensava na igreja toda quando escreveu essa carta e, sem dúvida, se dirigiu a todos os presbíteros, não apenas a Timóteo. Como líder da igreja, Timóteo deveria atentar para as palavras do apóstolo; mas todos os membros da igreja tinham a responsabilidade de ouvir e obedecer. Temos a mesma responsabilidade hoje.

---

# 2 TIMÓTEO

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Preparação para o ministério nos últimos dias

**Versículos-chave:** 2 Timóteo 1:13, 14

### I. O APELO PASTORAL - CAPÍTULO 1

- A. Entusiasmo valente - 1:1-7
- B. Sofrimento honrado - 1:8-12
- C. Lealdade espiritual -  
1:13-18

### II. O APELO PRÁTICO - CAPÍTULO 2

- A. O despenseiro - 2:1, 2
- B. O soldado - 2:3, 4, 8-13
- C. O atleta - 2:5
- D. O agricultor - 2:6, 7
- E. O obreiro - 2:14-18
- F. O vaso - 2:19-22
- G. O servo - 2:23-26

### III. O APELO PROFÉTICO - CAPÍTULO 3

- A. Fuja dos falsos - 3:1-9
- B. Siga os verdadeiros - 3:10-12
- C. Permaneça na Palavra de Deus - 3:13-17

### IV. O APELO PESSOAL - CAPÍTULO 4

- A. Pregue a palavra - 4:1-4
- B. Realize seu ministério - 4:5-8
- C. Seja diligente e fiel - 4:9-22

## CONTEÚDO

- 1. Cristãos valentes  
(2 Tm 1)..... 312
- 2. Compreendendo a situação  
(2 Tm 2)..... 318
- 3. O que fazer antes do fim  
(2 Tm 3)..... 324
- 4. Últimas palavras  
(2 Tm 4)..... 330

## CRISTÃOS VALENTES

## 2 TIMÓTEO 1

Quando Paulo escreveu a carta que conhecemos como 2 Timóteo, sua situação havia mudado drasticamente. Era prisioneiro em Roma e encarava morte certa (2 Tm 4:6). Por motivos diversos, quase todos os colaboradores de Paulo no ministério haviam partido, e só Lucas estava com o apóstolo para ajudá-lo (2 Tm 4:11). Foi, sem dúvida, um período sombrio.

Mas a grande preocupação de Paulo não era consigo mesmo, e sim com Timóteo e com o sucesso do ministério do evangelho. Em sua Primeira Epístola a Timóteo, Paulo encorajou seu colega querido a ser fiel. Como vimos, Timóteo era tímido, tinha problemas de saúde e uma tendência a deixar que outras pessoas se aproveitassem dele e a não afirmar sua autoridade como pastor.

O apóstolo enviou Tíquico para ficar no lugar de Timóteo em Éfeso, a fim de que Timóteo pudesse ir para junto dele em Roma (2 Tm 4:9, 12). Em breve, Deus tiraria Paulo de cena, e Timóteo assumiria seu lugar e continuaria a oferecer liderança espiritual às igrejas. No primeiro capítulo, Paulo apresenta a Timóteo três elementos essenciais que ele deveria possuir a fim de ser bem-sucedido.

### 1. ENTUSIASMO VALENTE (2 Tm 1:1-7)

O ministério do evangelho não tem espaço para um "espírito tímido" e sem entusiasmo. Na verdade, o entusiasmo valente é essencial para o sucesso em *qualquer* tipo de trabalho. Paulo compara essa atitude a atizar o fogo até o máximo de seu ardor (2 Tm 1:6). Não devemos concluir que Timóteo apostatou nem que lhe faltasse fervor espiritual. Antes, o apóstolo está encorajando seu

colaborador a manter o fogo ardendo intensamente, a fim de gerar poder espiritual em sua vida. Paulo oferece quatro estímulos a Timóteo.

**O amor do apóstolo (vv. 1, 2).** "Ao amado filho Timóteo" é uma expressão muito mais forte do que "a Timóteo, verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1:2). Paulo não amava Timóteo menos quando escreveu a primeira carta, mas, agora, expressa sua afeição de modo mais pleno. À medida que se aproximava do fim de sua vida, o apóstolo percebeu, em maior profundidade, quanto Timóteo lhe era querido.

Paulo encontrava-se em uma situação difícil e, ainda assim, estava animado. Em primeiro lugar, era embaixador de Cristo ("apóstolo") e sabia que seu Senhor cuidaria dele. Qualquer que fosse seu destino, encontrava-se nas mãos de Deus, de modo que não havia motivo para temer. Além disso, Paulo tinha a "promessa da vida" em Jesus Cristo, e Cristo havia vencido a morte (2 Tm 1:10). Não é de se admirar que o apóstolo estendesse a Timóteo "graça, misericórdia e paz". (Convém observar que Paulo acrescentava a "misericórdia" nas saudações que escrevia a pastores - 1 Tm 1:2; 2 Tm 1:2; Tt 1:4; o apóstolo sabia que os pastores precisam de misericórdia!)

**As orações do apóstolo (vv. 3, 4).** Que grande estímulo para Timóteo saber que o grande apóstolo Paulo orava por ele! Paulo conhecia as fraquezas e problemas de Timóteo e podia orar especificamente por elas com verdadeiro interesse em seu coração. Sua oração não era rotineira; antes, era feita com interesse e compaixão. Sabendo que morreria em breve, Paulo sentia-se ansioso para que Timóteo fosse ter com ele em Roma, a fim de desfrutarem os últimos dias de comunhão e ministério. Esse encontro alegraria o coração do apóstolo.

Não se deve supor que Paulo tenta justificar seus atos perversos antes de sua conversão ao afirmar que o fez "com consciência pura". Afinal, havia aterrorizado cristãos, forçado pessoas a blasfemar e a negar a Cristo e concordado com o assassinato de Estêvão! É verdade que Paulo acreditava

estar servindo a Deus (ver Jo 16:2) e que vivia em ignorância espiritual (1 Tm 1:13), mas esses fatos não garantem uma “consciência pura”.

Paulo conhecia a Deus desde sua infância, pois era “hebreu de hebreus” (Fp 3:5). Seus antepassados haviam lhe transmitido a fé judaica ortodoxa. Mas quando encontrou Jesus Cristo, o apóstolo se deu conta de que sua fé judaica era apenas uma preparação para a plenitude que Cristo lhe oferecia no cristianismo. Não serviu a Deus “com consciência pura” desde seus antepassados, como dizem algumas versões da Bíblia. Antes, tomou conhecimento do Deus verdadeiro por meio de seus antepassados e agora servia a Deus com consciência pura. O fato de ter a consciência pura dava-lhe poder em suas orações.

**A confiança do apóstolo em Timóteo (v. 5).** Paulo não acreditava que as lágrimas de Timóteo (v. 4) eram prova de fracasso ou de insinceridade. Estava certo de que a fé de Timóteo era autêntica e o sustentaria até o fim, apesar das dificuldades pelas quais passava. Ao que parece, Lóide, a avó de Timóteo, foi a primeira da família a se converter, seguida de Eunice, a mãe do rapaz. O pai de Timóteo era grego (At 16:1), de modo que Eunice não havia seguido a fé judaica ortodoxa. No entanto, Lóide e Eunice haviam feito o possível para que ele aprendesse das Escrituras (2 Tm 3:15), o que foi um excelente preparo para ouvir o evangelho. É provável que Timóteo tenha se convertido quando Paulo foi a Listra em sua primeira viagem missionária. Quando o apóstolo voltou, em sua segunda viagem, chamou Timóteo para trabalhar com ele no ministério.

Paulo havia observado a vida e o serviço de Timóteo ao longo daqueles anos que passaram juntos. Estava certo de que a fé do rapaz era autêntica. Na verdade, Timóteo possuía um grande legado; havia sido criado em um lar piedoso, treinado por um apóstolo extraordinário e recebido oportunidades maravilhosas de servir ao Senhor.

**O dom concedido por Deus a Timóteo (vv. 6, 7).** Paulo lembra Timóteo de quando foi chamado por Deus para o ministério e

ordenado pela igreja local. Paulo impusera as mãos sobre Timóteo (1 Tm 4:14), e, por meio do apóstolo, Deus havia lhe concedido o dom espiritual de que precisava para seu ministério. A imposição de mãos era uma prática comum no tempo dos apóstolos (At 6:6; 13:3), mas nenhum cristão de hoje tem a mesma autoridade e os mesmos privilégios que os apóstolos. Hoje, quando impomos as mãos sobre as pessoas a fim de ordená-las para o ministério, realizamos um ato simbólico que não lhes concede, necessariamente, algum dom espiritual especial.

É o Espírito Santo quem capacita a servir a Deus, e, por meio dele, é possível superar o medo e as fraquezas. A palavra “covardia”, em 2 Timóteo 1:7, significa “timidez, fraqueza de ânimo”. O Espírito Santo dá poder para testemunhar e servir (At 1:8). De nada adianta tentar servir a Deus sem o poder do Espírito Santo. O talento, o treinamento e a experiência não podem substituir o poder do Espírito.

O Espírito Santo também concede o amor. Tendo amor pelas almas perdidas e pelo povo de Deus, seremos capazes de suportar o sofrimento e de realizar a obra de Deus. O egoísmo causa temor, pois o egoísta preocupa-se apenas com o que ganhará ao servir a Deus e teme perder prestígio, poder ou dinheiro. O verdadeiro amor cristão, “derramado em nosso coração pelo Espírito Santo” (Rm 5:5), dá a capacidade necessária para que nos sacrifiquemos pelos outros e não tenhamos medo. O Espírito concede o amor (Gl 5:22).

O Espírito também concede o domínio próprio (“moderação”). Esse termo é relacionado à idéia de ser *sóbrio, sensato, criterioso* e ter *bom senso*, encontrada com frequência nas epístolas pastorais (1 Tm 2:9, 15; Tt 1:8; 2:2, 4, 6, 12). Uma tradução mais apropriada para “moderação” (2 Tm 1:7) é “autodisciplina”. Descreve a pessoa sensata e equilibrada, que tem a vida sob controle.

Timóteo não carecia de novos ingredientes espirituais em sua vida; precisava apenas “reavivar” o que já possuía. Em sua primeira carta, o apóstolo lhe escreveu: “Não te faças negligente para com o dom que há

em ti" (1 Tm 4:14). Agora, acrescenta: "te admoesto que reavives o dom de Deus". O Espírito Santo não nos abandona quando falhamos (Jo 14:16), mas não pode nos encher, nos dar poder nem nos usar quando negligenciamos a vida espiritual. É possível entristecer o Espírito (Ef 4:30) e apagar o Espírito (1 Ts 5:19).

Não faltavam motivos para Timóteo animar-se e ter entusiasmo espiritual em seu ministério. Paulo o amava e orava por ele. Suas experiências ao longo da vida haviam sido uma preparação para o ministério, e Paulo estava certo da autenticidade da fé de Timóteo. O Espírito dentro dele lhe daria o poder de que precisava para ministrar. O que mais poderia desejar?

## 2. SOFRIMENTO HONRADO (2 Tm 1:8-12)

A idéia central deste capítulo é: "Não te envergonhes". Paulo não se envergonhava (2 Tm 1:12); admoestou Timóteo a não se envergonhar (2 Tm 1:8); e relatou que Onesíforo não tinha vergonha das algemas do apóstolo (2 Tm 1:16).

***Não se envergonhe do testemunho do Senhor (vv. 8-10).*** A timidez natural de Timóteo poderia torná-lo propenso a evitar circunstâncias em que ele precisaria testemunhar ou sofrer. Mais uma vez, Paulo oferece a seu colaborador o estímulo necessário.

***Deus nos dá poder (v. 8).*** Por natureza, ninguém gosta de sofrer. Até mesmo Jesus orou: "Pai, se queres, passa de mim este cálice" (Lc 22:42); e Paulo pediu três vezes que Deus removesse o espinho na carne que lhe causava dor (2 Co 12:7, 8). Mas o sofrimento pode muito bem ser parte da vida cristã fiel. O cristão não deve sofrer em decorrência de algo errado que fez (1 Pe 2:20; 3:17). Antes, pode acontecer de sofrer por ter feito a coisa certa e servido a Deus. Quando sofremos por fazer o bem, participamos dos sofrimentos de Cristo (Fp 3:10) e sofremos por amor à igreja toda (Cl 1:24).

Anos atrás, li sobre um cristão que estava na prisão por causa de sua fé. Havia sido condenado a morrer na fogueira e estava certo de que não seria capaz de suportar o

sofrimento. Uma noite, experimentou colocar seu dedo mínimo sobre uma vela para ver quanto poderia agüentar. Assim que sentiu dor, tirou o dedo da chama e disse para si mesmo: "Certamente envergonharei meu Senhor. Não sou capaz de suportar a dor". Mas, quando chegou a hora da sua execução, ele louvou a Deus e deu um nobre testemunho de Jesus Cristo. Deus lhe deu o poder *no momento em que foi necessário*, não antes.

***Deus nos chamou pela sua graça (v. 9).*** Fazemos parte do plano eterno e maravilhoso de Deus elaborado "antes dos tempos eternos". Deus conhece o fim desde o princípio. O Senhor tem propósitos para seu povo alcançar para a glória dele. O sofrimento é parte do plano de Deus. Jesus Cristo padeceu dentro da vontade de seu Pai aqui na Terra, e todos os que nele crêem também enfrentam sofrimentos (Ef 2:8, 9; Tt 3:5). Ele não nos chamou com base em nossas boas obras, mas única e exclusivamente segundo sua graça. Devemos cumprir seus propósitos, e, se estes incluem sofrimento, devemos aceitá-lo pela fé, certos de que Deus sabe o que é melhor. Não se trata de fatalismo, mas sim de confiança no plano sábio de nosso bondoso Pai celestial.

Toda essa graça nos foi concedida em Jesus Cristo. Não se pode conquistá-la, e ninguém a merece. Essa é a graça de Deus!

***Cristo venceu a morte (v. 10).*** A timidez vem do medo. Mas o que tememos? O sofrimento e a possível morte? Paulo estava diante da morte quando escreveu esta carta. Mas Jesus Cristo derrotou a morte, o último inimigo! Por meio da própria morte e ressurreição, Cristo "destruiu a morte" (tornou-a inoperante, removeu seu aguilhão). "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1 Co 15:55).

Cristo não foi apenas o Destruidor da morte (ver Hb 2:14, 15), mas também o Revelador da vida e da imortalidade. No Antigo Testamento, as doutrinas da vida eterna, morte, ressurreição e eternidade ainda eram obscuras. Encontramos alguns vislumbres aqui e ali, mas, no geral, o quadro é

obscuro. Então, Jesus Cristo resplandeceu sua luz sobre a morte e a sepultura. Por meio do evangelho, trouxe a certeza da vida eterna, a ressurreição e a esperança do céu.

Grupos religiosos que pregam o “sono da alma” e outras doutrinas estranhas costumam basear suas idéias nos Salmos e em Eclesiastes. Em vez de deixarem a luz clara do Novo Testamento resplandecer sobre o Antigo Testamento, olham para o Novo através das sombras do Antigo! Se dermos as costas para a luz do evangelho, só faremos mais sombra e aumentaremos a obscuridade.

A “imortalidade” (2 Tm 1:10) representa a “inocorrupibilidade” e se refere à ressurreição física. O corpo em que nos encontramos é corruptível; ele morre e se decompõe. Mas o corpo glorificado que teremos quando virmos Cristo não estará sujeito à corrupção nem à morte (1 Co 15:49-58; Fp 3:21). Na verdade, a herança celestial na qual temos parte será “inocorrupível, sem mácula, imarcescível” (1 Pe 1:4).

**Não se envergonhe do prisioneiro do Senhor (vv. 11, 12).** Apesar de ser um prisioneiro, Paulo continuava dando testemunho do evangelho de Jesus Cristo. Infelizmente, o povo de Éfeso havia abandonado o apóstolo em um momento de necessidade (2 Tm 1:15). Muitos dos efésios poderiam ter ido a Roma testemunhar em favor de Paulo, mas não o fizeram. Sentiram vergonha de ser identificados com o apóstolo! Teria sido muito mais fácil para o ministério de Timóteo em Éfeso (e nas cidades vizinhas; ver 2 Tm 4:13) se ele houvesse seguido o exemplo dos outros; mas Paulo admoestou-o a permanecer fiel e apresentou quatro motivos pelos quais Timóteo não deveria se envergonhar de seu relacionamento com ele, Paulo, o prisioneiro.

*Paulo foi chamado por Deus (v. 11).* Jesus Cristo havia se encontrado com Paulo na estrada para Damasco (At 9) e o havia chamado pessoalmente para o ministério. Paulo era um *arauto* (“pregador”) do evangelho. Na Antiguidade, o “arauto” era o mensageiro oficial do rei ou imperador, e sua mensagem era tratada com grande

respeito. O fato de cristãos professos da Ásia estarem rejeitando Paulo não mudava seu chamado nem sua mensagem.

Não era apenas um arauto, mas também um *apóstolo*, “uma pessoa enviada com uma comissão”. Nem todo cristão era apóstolo de Jesus Cristo, pois era preciso ter certas qualificações e ser escolhido pessoalmente pelo Senhor ou por seu Espírito (ver At 1:15-26; 1 Co 9:1; 2 Co 12:12). O apóstolo era um representante de Jesus Cristo. Rejeitar o apóstolo era o mesmo que rejeitar ao Senhor.

*Paulo era um mestre dos gentios.* Foi justamente a palavra “gentios” que provou seu primeiro encarceramento em Roma (At 22:21ss). Os cristãos gentios na Ásia deveriam ter demonstrado sua apreciação por Paulo unindo-se para apoiá-lo, pois, afinal de contas, Paulo havia lhes trazido as boas-novas da salvação. Em vez disso, porém, estavam envergonhados dele e tentaram não se envolver.

*Paulo estava confiante em Cristo (v. 12).* O apóstolo não sentia vergonha, pois sabia que Cristo era fiel e que o guardaria. É interessante observar sua ênfase sobre a pessoa de Cristo: “porque sei *em quem* tenho crido”. Não somos salvos pela fé em certas doutrinas, por mais importantes que sejam. O pecador é salvo porque crê numa Pessoa: Jesus Cristo, o Salvador. Paulo havia deixado sua alma sob os cuidados e a proteção do Salvador e estava certo de que Jesus Cristo seria fiel em guardar seu depósito. Que diferença fazia para o apóstolo o que aconteceria neste ou naquele dia? O que importa, de fato, é o que acontecerá “[naquele] Dia”, quando Jesus Cristo recompensar seus servos (ver 2 Tm 1:18; 4:8).

Nos tempos difíceis em que vivemos, é importante manter a fidelidade a Cristo e estar dispostos a padecer por ele sem qualquer vergonha. Talvez não sejamos presos, como Paulo, mas sofremos de outras maneiras: perdemos amigos, não somos promovidos no trabalho, perdemos clientes, somos desprezados por outros etc. Também é importante apoiar servos de Deus que estão sendo afligidos por amor à justiça.

### 3. LEALDADE ESPIRITUAL (2 Tm 1:13-18)

A obra de Deus, ao longo dos séculos, foi realizada por homens e mulheres que permaneceram firmes em meio às provações. Teria sido conveniente fazer concessões indevidas, mas não se deixaram abalar. Paulo foi um desses homens e, aqui, incentiva Timóteo a seguir seu exemplo com dupla lealdade.

#### *Sê leal à Palavra de Deus (vv. 13, 14).*

Deus havia confiado a Paulo o depósito da verdade espiritual (1 Tm 1:11), e o apóstolo passara esse depósito adiante para Timóteo (1 Tm 6:20). Agora, cabia a Timóteo a responsabilidade solene de “[manter]” (2 Tm 1:13) e “[guardar]” (2 Tm 1:14) o depósito precioso da verdade cristã e passá-lo adiante a outros (2 Tm 2:2).

A palavra “padrão” (2 Tm 1:13) refere-se a “modelo, a projeto de um arquiteto”. A Igreja primitiva possuía um conjunto de doutrinas claras, um padrão usado para avaliar todos os ensinamentos. Se Timóteo mudasse esses parâmetros ou se os colocasse de lado, não teria com que testar outros mestres e pregadores. É por essa razão que, hoje, também é preciso apegar-se ao que Paulo ensinou.

Deve-se observar, porém, que a ortodoxia de Timóteo deveria ser temperada “com fé e com o amor que está em Cristo Jesus”. O padrão divino é dizer “a verdade em amor” (Ef 4:15). No anseio por defender a fé, é fácil tornar-se agressivo ou controlador e criar problemas.

Foi o Espírito Santo que confiou a verdade a Timóteo e ele o ajudaria a guardá-la. Sem o ministério do Espírito, não há meios de compreender a Palavra de Deus. É o Espírito quem deve nos ensinar (Jo 16:13) e nos capacitar, a fim de guardarmos a verdade e de compartilhá-la com outros.

Desde o princípio da história humana, Satanás opõe-se à Palavra de Deus. “É assim que Deus disse...?” (Gn 3:1), foi a primeira pergunta que Satanás fez aos seres humanos. Ao longo de toda a história da Igreja, a Palavra de Deus tem sido atacada, com frequência por pessoas *de dentro* da Igreja; no entanto, ela permanece até hoje. Isso

porque mulheres e homens consagrados (como Paulo e Timóteo) guardaram o depósito fielmente e o transmitiram a uma nova geração de cristãos. Quando uma igreja ou qualquer outra instituição cristã torna-se liberal, normalmente esse processo começa com um enfraquecimento das convicções de seus líderes acerca da Palavra de Deus.

#### *Sê leal ao servo de Deus (vv. 15-18).*

Naquele tempo, a província da Ásia era constituída pelos territórios romanos de Lídia, Mísia, Cária e Frígia. Em sua segunda viagem missionária, Paulo foi proibido de ministrar nessa região (At 16:6); mas em sua terceira viagem, ficou quase três anos em Éfeso, a capital da Ásia, e evangelizou a província inteira (At 19; 20:31). As sete igrejas da Ásia eram todas dessa região (Ap 1:4, 11).

Não se sabe quem eram Fígelo e Hermógenes (2 Tm 1:15). É provável que fossem líderes da Igreja que se opuseram a Paulo e se recusaram a defendê-lo em Roma. Seria de se esperar que os cristãos da Ásia apoiassem o apóstolo; mas, em vez disso, se envergonharam dele e, ao mesmo tempo (quer soubessem disso quer não), de Cristo (ver 2 Tm 4:16).

Por certo, foi um período triste para Paulo. Demas o abandonara (2 Tm 4:10). Seus outros colaboradores haviam sido enviados para ministérios em lugares distantes. Falsas doutrinas espalhavam-se pela Igreja (2 Tm 2:17, 18). Paulo ansiava por estar livre para pregar a Palavra e defender a fé, mas se encontrava em uma prisão romana. Cabia a Timóteo fazer o que era preciso.

No entanto, houve um homem que soube deixar Éfeso e ir a Roma para ajudar Paulo: Onesíforo. Seu nome significa “aquele que dá lucro” e, sem dúvida, foi um amigo muito “lucrativo” para Paulo. É possível que fosse um diácono da igreja de Éfeso (“serviço”, em 2 Tm 1:18, vem do termo que dá origem à palavra “diácono”). Durante o ministério de Paulo em Éfeso, Onesíforo e sua casa mostraram-se cristãos fiéis. Uma vez que Timóteo havia pastoreado a igreja de Éfeso, conhecia esse santo exemplar.

Gostaria de acrescentar que todo pastor é grato por aqueles membros que o ajudam

na obra do Senhor. Minha esposa e eu encontramos santos exemplares nas três igrejas em que servimos – pessoas cujo lar estava sempre aberto para nós (e que não contavam para a igreja toda que estávamos lá!), cujo coração sentia nossas preocupações e necessidades e cujas orações nos sustentaram em tempos difíceis. São cristãos que ministram nos bastidores, mas que o Senhor recompensará publicamente “naquele Dia” (2 Tm 1:18).

Onesíforo viajou de Éfeso para Roma e, mais que depressa, procurou Paulo a fim de ministrar às necessidades do prisioneiro. Ao que parece, teve dificuldades em encontrar seu antigo pastor (2 Tm 1:17). Talvez alguns cristãos romanos ainda estivessem fazendo oposição a Paulo, como na primeira vez em que ele foi preso (ver Fp 1:12-17). Talvez os oficiais romanos não fossem cooperativos e não quisessem permitir que seu prisioneiro especial recebesse ajuda. Da primeira vez em que ficou preso em Roma, Paulo permaneceu na própria casa (At 28:30); mas agora estava numa prisão romana, sob forte vigilância.

Mas Onesíforo persistiu! Encontrou Paulo e arriscou a própria vida para ficar a seu lado e ajudá-lo. Alguns estudiosos acreditam que Onesíforo também foi preso e, possivelmente, executado. Baseiam essa idéia no fato de Paulo saudar a “casa de Onesíforo” em 2 Timóteo 4:19, mas não o próprio chefe da família. Além disso, Paulo pede que o Senhor conceda misericórdia *presente* a essa casa e *futura* a Onesíforo (2 Tm 1:16, 18).

Mas há um problema: se Onesíforo havia falecido, então Paulo orou pelos mortos (2 Tm 2:18), algo que a Bíblia não nos autoriza a fazer.

Não temos prova alguma de que Onesíforo estivesse morto quando Paulo escreveu esta carta. O fato de Paulo pedir que Deus abençoasse a casa desse homem, mas não mencionar o nome dele, pode significar, simplesmente, que Onesíforo não estava com a família. A frase “tendo ele chegado a Roma” (2 Tm 1:17) sugere que, quando o apóstolo escreveu a carta a Timóteo, Onesíforo não estava em Roma. Encontrava-se, portanto, em algum lugar entre Roma e Éfeso, de modo que Paulo ora por ele e por sua casa. Não há necessidade de saudar Onesíforo, pois Paulo havia acabado de passar um longo tempo com ele, de modo que o apóstolo saúda apenas sua casa.

Onesíforo não se envergonhou das algemas de Paulo. O apóstolo ficava preso a um soldado romano vinte e quatro horas por dia. Onesíforo poderia ter inventado muitas desculpas para ficar em Éfeso. Em vez disso, porém, fez a perigosa viagem até Roma e ministrou a Paulo. O apóstolo descreve o ministério desse homem dizendo que, “muitas vezes, me deu ânimo”. O termo grego significa “refrescar”, e a frase também pode ser traduzida por “envolveu-me como ar fresco”. Somos profundamente gratos a Deus pelos cristãos que são “uma brisa fresca” em nossos momentos de provação.

Se não fosse pela carta de Paulo, jamais ficaríamos sabendo que Onesíforo serviu a Paulo e à igreja. Mas o Senhor sabia e o recompensará “naquele Dia”.

Os elementos essenciais para o ministério bem-sucedido não mudaram: entusiasmo valente, sofrimento honrado e lealdade espiritual.



## COMPREENDENDO A SITUAÇÃO

### 2 TIMÓTEO 2

Certa vez, encontrei em um congresso um homem usando dois crachás. Quando lhe perguntei o porquê disso, ele respondeu:

– Estou tendo uma crise de identidade!

Paulo não queria que Timóteo tivesse uma crise de identidade, de modo que explicou o que um pastor faz. (Claro que os mesmos princípios aplicam-se a todos os cristãos.) Paulo apresenta sete retratos de um ministro cristão.

#### 1. O DESPENSEIRO (2 Tm 2:1, 2)

O ministério não é algo que recebemos e guardamos para nós mesmos. Somos despenseiros do tesouro espiritual que Deus nos deu. É nossa responsabilidade guardar e depois investir esse depósito na vida de outros. Estes, por sua vez, devem compartilhar a Palavra com a geração seguinte de cristãos.

É importante receber nosso tesouro diretamente da Palavra de Deus, não de idéias nem de filosofias de homens. Não avaliamos os mestres de hoje de acordo com sua popularidade, nível de instrução ou capacidade. Testamos esses mestres segundo a Palavra de Deus e, mais especificamente, segundo as doutrinas da graça apresentadas por Paulo. Não somos nós que examinamos Paulo para ver se ele está certo; é ele que nos examina!

Precisamos de força para ensinar a Palavra de Deus. Devemos escavar as minas repletas de riquezas ocultas nas Escrituras, “o ouro, a prata e as pedras preciosas” (ver Pv 2:1-10; 3:13-15; 8:10, 21; 1 Co 3:10-23). Essa força só pode vir da graça de Deus. O

segredo do ministério extraordinário de Paulo era a graça de Deus (1 Co 15:10).

A capacidade de estudar, compreender e ensinar a Palavra de Deus é um dom da graça de Deus. Um dos requisitos de Deus para o pastor é que ele seja “Apto para ensinar” (1 Tm 3:2; 2 Tm 2:24). Ser apto para ensinar implica ser apto para aprender; logo, um despenseiro deve ser um estudante diligente da Palavra de Deus.

#### 2. O SOLDADO (2 Tm 2:3, 4, 8-13)

Paulo usa várias ilustrações militares em suas cartas. Não se trata de algo surpreendente, uma vez que ele vivia em um governo militar e ele próprio estava na prisão. Nestes versículos, ele descreve as características de um “bom soldado de Cristo Jesus”.

**Suporta as dificuldades (v. 3).** Muitas pessoas têm a idéia de que o ministério é um trabalho fácil. Não são poucas as piadas sobre pastores com insinuações de que são preguiçosos e não merecem seu salário. Mas o ministro cristão dedicado encontra-se no meio de uma batalha que exige resistência espiritual (ver Ef 6:10ss).

**Evita embaraços (v. 4).** Ele é totalmente comprometido com o seu Comandante, Aquele que o alistou – em nosso caso, Jesus Cristo. Lembro-me de uma história sobre um soldado da guerra civil norte-americana que também era relojoeiro. Um dia, o clarim soou, e os homens receberam a ordem de levantar acampamento.

– Mas eu não posso ir agora! – queixou-se o soldado. – Tenho uma porção de relógios para consertar!

Por vezes, o pastor, ou sua esposa, precisa trabalhar, pois sua congregação não tem como sustentá-los. Trata-se de um sacrifício da parte deles e de um investimento na obra. Mas um pastor inteiramente sustentado pela igreja não deve se envolver com ocupações secundárias que dividem seu interesse e enfraquecem seu ministério. Sei de pastores que passam mais tempo negociando imóveis do que cuidando da igreja. Nosso objetivo é agradar ao Senhor, não a nós mesmos.

**Engrandece a Jesus Cristo (vv. 8, 9).** O início do versículo 8 parece quase um grito

de guerra, como “Lembrem-se do Álamo!” ou “Lembrem-se de Pearl Harbor!” Jesus é o Autor da nossa salvação (Hb 2:10), e nosso objetivo é honrá-lo e glorificá-lo. Jesus Cristo é um grande encorajamento para o soldado cristão aflito, pois ele morreu e ressuscitou, provando que o sofrimento conduz à glória e a aparente derrota conduz à vitória. Jesus foi tratado como um malfeitor, e seus soldados serão tratados da mesma forma.

A melhor maneira de engrandecer a Cristo é por meio do ministério da Palavra. Paulo estava preso, mas a Palavra de Deus não pode ser contida. “Sua palavra corre velocemente” (Sl 147:15). “A palavra do Senhor crescia e se multiplicava” (At 12:24).

**Pensa no exército como um todo (v. 10).** Os “eleitos” são o povo de Deus, escolhidos por sua graça e chamados pelo seu Espírito (2 Ts 2:13, 14). Paulo não sofreu apenas por amor ao Senhor, mas também por amor à Igreja. Ainda havia pessoas que precisavam ouvir o evangelho, e o apóstolo desejava ajudar a alcançá-las. Um soldado que pensa somente em si mesmo não é leal nem confiável.

**Confia no seu Comandante (vv. 11-13).** A palavra fiel é, provavelmente, parte de uma declaração antiga de fé recitada pelos cristãos (outras “palavras fiéis” nas epístolas pastorais podem ser encontradas em 1 Tm 1:15; 4:9 e Tt 3:8). É a fé em Jesus Cristo que nos dá a vitória (1 Jo 5:4). Não tememos o inimigo, pois Cristo já conquistou a vitória. Por meio de nossa identificação com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição, também somos vitoriosos (ver Rm 6).

Dois paradoxos e tanto! A morte conduz à vida! O sofrimento conduz à glória! Não temos coisa alguma a temer! O importante é não “negar” ao Senhor, pois, se isso acontecer, ele nos negará diante do Pai (Mt 10:33). Quem negar o nome de Cristo perderá a recompensa na grande “chamada” na glória, quando serão distribuídas as “medalhas”.

Mas Paulo deixa claro (2 Tm 2:13) que nem mesmo nossa dúvida e incredulidade podem mudar quem Deus é: “Ele permanece

fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo”. Não cremos em nossa fé ou nem em nossos sentimentos, pois eles mudam e são falhos. Depositamos nossa fé em Jesus Cristo. O grande missionário J. Hudson Taylor costumava dizer: “Não conquistamos a vitória tentando parecer fiéis, mas sim olhando para Aquele que é fiel”.

### 3. O ATLETA (2 Tm 2:5)

Às vezes, Paulo usava em seus escritos ilustrações ligadas aos esportes: luta livre, boxe, atletismo e exercícios. Os gregos e romanos gostavam muito de esportes, e os Jogos Olímpicos e Ístmicos eram considerados eventos importantes. Em sua outra carta, Paulo instou Timóteo a exercitar-se como um atleta (1 Tm 4:7, 8). Agora, o apóstolo admoesta-o a obedecer às regras.

O atleta que se esforça para vencer um jogo ou ganhar um prêmio deve ter o cuidado de obedecer às regras do jogo. Especialmente em competições gregas, os juízes eram bastante meticulosos com respeito aos regulamentos. Os competidores deveriam ser cidadãos de seu país e ter boa reputação. Ao se prepararem para o evento, deveriam seguir certos parâmetros específicos. O atleta que ficava aquém das exigências em qualquer aspecto era desqualificado da competição. Se, depois de o atleta competir e vencer, se descobrisse que ele havia quebrado alguma regra, ele perdia sua coroa. Jim Thorpe, grande atleta norte-americano, perdeu suas medalhas olímpicas, pois participou de outra competição que o desqualificava como atleta olímpico.

Do ponto de vista humano, Paulo era um derrotado. Não havia ninguém nas arquibancadas torcendo por ele, pois “todos os da Ásia [o] abandonaram” (2 Tm 1:15). Estava na prisão, sofrendo como um malfeitor. No entanto, era um vencedor! Havia respeitado as regras estipuladas pela Palavra de Deus e, um dia, receberia sua recompensa de Jesus Cristo. O apóstolo está dizendo ao jovem Timóteo: “Não importa o que dizem de você. O importante é obedecer à Palavra de Deus. Você não está participando da corrida para agradar às pessoas ou conquistar

fama. Está correndo para agradar a Jesus Cristo”.

#### 4. O AGRICULTOR (2 Tm 2:6, 7)

Trata-se de outra imagem que Paulo gostava de usar em suas cartas. Certa vez, o apóstolo comparou a congregação local a um campo que todos os cristãos cultivam juntos (1 Co 3:5-9). Cada cristão tem uma tarefa específica a realizar: arar, semear, regar ou colher, mas somente Deus dá o crescimento.

Podemos encontrar várias verdades práticas nessa imagem do agricultor e do campo. Em primeiro lugar, *o agricultor precisa trabalhar*. Se for deixado por conta própria, um campo não produz muita coisa além de ervas daninhas. Salomão tinha esse fato em mente quando escreveu sobre o campo do preguiçoso (Pv 24:30-34). O verdadeiro ministério é um trabalho árduo, e o pastor (bem como os membros da igreja) precisa labutar em seu campo espiritual com tanta diligência quanto um agricultor trabalha em suas lavouras. Os pastores não têm relógio de ponto, mas devem se levantar pela manhã e ir para o serviço, como se Deus tocasse uma sirene para eles.

*O agricultor precisa de paciência*. “Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas” (Tg 5:7). Um pastor amigo meu costumava me lembrar com frequência: “A colheita não se refere ao fim do culto, mas sim ao fim dos tempos”.

*O agricultor merece sua parte da colheita*. “O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos” (2 Tm 2:6). Aqui, Paulo está afirmando que o pastor fiel deve ser sustentado por sua igreja. Encontramos esse mesmo conceito em 1 Coríntios 9:7, em que Paulo usa o soldado, o agricultor e o pastor de ovelhas como exemplos. “O trabalhador é digno do seu salário” (1 Tm 5:18). Paulo abriu mão propositadamente de seu direito de pedir sustento para que ninguém pudesse acusá-lo de usar o evangelho para o próprio lucro (1 Co 9:14ss). Mas tal procedimento não é uma política exigida de todos os servos de Deus.

À medida que a congregação cresce e progride, seus membros devem ser fiéis em aumentar o sustento do pastor e dos integrantes de sua equipe. “Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?” (1 Co 9:11). É triste ver o modo como algumas congregações desperdiçam dinheiro e não cuidam dos próprios obreiros. Deus honrará a igreja que honrar seus obreiros fiéis.

Encontramos outra verdade nessa imagem do agricultor: os líderes espirituais que compartilham a Palavra com as pessoas são os primeiros a desfrutar suas bênçãos. O pregador e o mestre sempre recebem mais do que os ouvintes, pois se dedicam mais. Também têm a grande alegria em ver as sementes se desenvolvendo e dando frutos. Cultivar a terra é um trabalho árduo e pode trazer muitas decepções, mas as recompensas fazem valer a pena.

#### 5. O OBREIRO (2 Tm 2:14-18)

A expressão “procura apresentar-te” (2 Tm 2:15) significa “sê diligente, zeloso”. É traduzida por “depressa” e “apressa-te”, em 2 Timóteo 4:9, 21 e Tito 3:12, respectivamente. A ênfase desse parágrafo é sobre o fato de que o obreiro precisa ser diligente em seus trabalhos de modo a não ficar envergonhado quando sua obra for inspecionada. “Manejar bem” também pode ser traduzido por “dividir corretamente” ou “cortar em linha reta” e se aplica a várias tarefas diferentes: arar um sulco reto, cortar uma tábua reta, costurar uma emenda reta.

O pastor é um obreiro da Palavra de Deus. A Palavra é um tesouro que o despenseiro deve guardar e investir. É a espada do soldado e a semente do agricultor. Mas também é a ferramenta do obreiro para construir, medir e reparar o povo de Deus. O pregador e o mestre que usam a Palavra corretamente edificam a igreja de acordo com a vontade de Deus. Mas o obreiro desleixado maneja a Palavra de Deus de modo enganoso, segundo os próprios interesses (2 Co 4:2). Quando Deus provar os ministérios nas igrejas locais, infelizmente alguns se transformarão em cinzas (1 Co 3:10ss).

Um obreiro aprovado estuda a Palavra com diligência e procura aplicá-la à própria vida. Um obreiro envergonhado desperdiça o tempo com outros “deveres religiosos” e tem pouco ou não tem nada a oferecer para sua classe ou congregação. Um obreiro aprovado não desperdiça o tempo discutindo “palavras que para nada aproveitam” (2 Tm 2:14), pois sabe que esse tipo de discussão serve apenas para destruir a obra de Deus (ver 1 Tm 6:4; Tt 3:9).

Um obreiro aprovado evita “falatórios inúteis” (2 Tm 2:16; e ver 1 Tm 6:20), pois sabe que só promovem mais impiedade. Temo que muitos dos “períodos para compartilhar” em encontros da igreja façam mais mal do que bem, dando oportunidade a pessoas bem-intencionadas de fazer um intercâmbio de “ignorância espiritual”.

Um obreiro aprovado sabe que a falsa doutrina é perigosa e se opõe a ela. Paulo compara-a a um câncer (2 Tm 2:17). Assim como o câncer espalha-se e afeta outros tecidos, também a falsa doutrina espalha-se e contamina o corpo constituído de cristãos: a igreja. Esse câncer pode e deve ser exposto e removido. Somente a “sã doutrina” da Palavra de Deus pode manter a igreja saudável e em crescimento.

Paulo cita o nome de dois falsos mestres e também identifica seu erro. É provável que o Himeneu mencionado aqui (2 Tm 2:17) seja o mesmo homem citado em 1 Timóteo 1:20. Não sabemos coisa alguma sobre o outro homem, Fileto. Os dois “se desviaram da verdade” ao ensinar que a ressurreição já havia ocorrido. Talvez ensinassem que a salvação é a ressurreição em sentido espiritual, de modo que o cristão não deveria esperar uma ressurreição física. Mas a negação da ressurreição física é algo extremamente sério (ver 1 Co 15:12ss), pois envolve a ressurreição de Cristo e a consumação do plano de Deus para a salvação de seu povo. Não é de se admirar que esses falsos mestres estivessem “pervertendo a fé a alguns” (2 Tm 2:18). A ressurreição é fundamental para a verdade do evangelho.

Como obreiros de Deus, cada um nós será *aprovado* ou *envergonhado*. O termo

“aprovado” significa “aquele que foi testado e considerado aceitável”. Essa palavra era usada para o teste e aprovação de metais. Cada tribulação pela qual passamos nos obriga a estudar a Palavra e a descobrir a vontade de Deus. Ao usar a Palavra corretamente, superamos as tribulações e somos aprovados por Deus. Martinho Lutero disse, certa vez, que um pastor é feito de oração, estudo e sofrimento. Não é possível ser aprovado sem ser testado.

O que significa “se envergonhar”? Sem dúvida, quer dizer que o trabalho desse obreiro ficou abaixo dos padrões e não pode ser aceito. Significa que perderá a recompensa. No tempo de Paulo, um construtor que não seguia as especificações era multado. Quando o Senhor julgar nossas obras, será revelado se, como obreiros, manejamos a Palavra de Deus com honestidade e cuidado. Alguns que hoje são os primeiros, no porvir serão os últimos!

## 6. O VASO (2 Tm 2:19-22)

Nesta ilustração, Paulo descreve uma “grande casa”, a igreja professa. O *fundamento* da casa é firme e seguro, pois tem o selo de Deus (na Bíblia, o selo é um sinal de propriedade e de garantia; ninguém ousaria quebrar um selo romano). Paulo cita Moisés: “O SENHOR fará saber quem é dele” (Nm 16:5). Trata-se de uma referência ao aspecto da vida cristã que diz respeito a Deus: Deus escolheu aqueles que crêem nele como seus eleitos (ver 2 Tm 2:10).

Mas também há o aspecto da vida cristã que diz respeito ao ser humano: “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2 Tm 2:19). Essa é uma referência a Números 16:26, em que o Senhor adverte o povo a se afastar das tendas de Corá e dos rebeldes. Em outras palavras, nós, eleitos de Deus, provamos esse fato levando uma vida de piedade. Somos escolhidos em Cristo “para sermos santos e irrepreensíveis” (Ef 1:4).

Essa grande casa não apenas tem um fundamento firme e selado, mas também tem vasos (utensílios de vários tipos) para desempenhar diversas funções no lar. Paulo divide

os utensílios em duas categorias: os que são para honra (feitos de ouro e de prata) e os que são para desonra (feitos de madeira e de barro). O apóstolo não está fazendo distinção entre tipos de cristãos, mas sim entre os verdadeiros mestres da Palavra e os falsos mestres que descreveu (2 Tm 2:16-18). Um pastor fiel é como um vaso de ouro ou de prata que honra o nome de Jesus Cristo. O cabeça da casa exibe seus utensílios mais belos e valiosos e recebe honra deles. Lembro-me da primeira vez que vi as jóias da coroa da Inglaterra na Torre de Londres, bem como os vasos e utensílios de mesa de valor inestimável. Fiquei maravilhado diante de sua glória e beleza. É esse tipo de beleza que Deus concede aos servos que manejam fielmente a Palavra de Deus.

Os falsos mestres não são valiosos; são como madeira e barro. Por mais populares que sejam hoje, não passam de utensílios de desonra. A madeira e o barro não sobrevivem à prova do fogo. É interessante observar que o nome *Timóteo* vem de duas palavras gregas que, juntas, significam “que honra a Deus”. Paulo incentivava Timóteo a fazer jus a seu nome!

O importante é que os vasos de honra não sejam contaminados pelos de desonra. “Destes erros” (2 Tm 2:21) refere-se aos vasos de desonra (2 Tm 2:20). Paulo admoesta Timóteo a afastar-se dos falsos mestres. Se ele o fizer, Deus o honrará, o separará e capacitará para o serviço. “Útil ao seu possuidor” (2 Tm 2:21) – que grande privilégio! Um vaso de honra humano e útil não se envolve com os modismos do mundo, nem mesmo os do “mundo religioso”. Deve permanecer santo, o que significa manter-se separado de tudo o que possa contaminá-lo.

Isso também inclui os pecados da carne (2 Tm 2:22). Paulo usa uma admoestação semelhante em 1 Timóteo 6:11, 12 – “Foge [...] segue [...] combate [...]”. A verdadeira separação, de acordo com a Bíblia, é equilibrada: fugimos do pecado, mas seguimos a justiça. Se não tivermos equilíbrio, em vez de sermos separados, seremos isolados. Na verdade, Paulo, o homem de Deus, ordena que tenhamos comunhão “com os que, de

coração puro, invocam o Senhor” (2 Tm 2:22). Afinal, esse é o propósito do ministério da Palavra (1 Tm 1:5). É triste quando cristãos autênticos isolam-se por causa de um conceito equivocado de separação.

A fim de Deus nos usar como vasos, devemos estar vazios, limpos e disponíveis. Então, ele nos encherá e usará para sua glória. Mas se estivermos cheios de pecados ou contaminados pela desobediência, primeiro ele terá de nos purificar, o que pode não ser uma experiência agradável. Na “grande casa” da igreja professa, há muitos cristãos verdadeiros e falsos. Devemos usar de discernimento espiritual e cuidar para ser vasos santificados para honra.

### 7. O SERVO (2 Tm 2:23-26)

A palavra traduzida por “servo” (2 Tm 2:24) é o termo grego *doulos*, que significa “escravo”. Assim, Paulo chamava a si mesmo de “servo [escravo] de Jesus Cristo” (Rm 1:1; Fp 1:1). Um escravo não tem vontade própria; está inteiramente às ordens de seu senhor. Em outros tempos, nós, cristãos, éramos escravos do pecado, mas agora somos servos de Deus (Rm 6:16ss). Como o servo do Antigo Testamento, dizemos: “Eu amo meu senhor [...] não quero sair forro” (Êx 21:5).

Não é fácil para o servo de Deus pregar a Palavra. Satanás opõe-se e tenta armar ciladas para seus ouvintes (2 Tm 2:26). Além disso, as pessoas são naturalmente difíceis de ensinar. Gostam de discutir “questões insensatas e absurdas” (2 Tm 2:23) e não têm desejo algum de alimentar-se da Palavra nutritiva de Deus. Até que tenhamos passado por essa experiência, não imaginamos quanto é difícil transmitir verdades espirituais a algumas pessoas.

Seria muito mais fácil ignorá-las! Mas, então, se tornariam presas para Satanás. Paulo admoesta Timóteo a evitar discussões que geram discórdia sem ignorar as pessoas. Deveria ser paciente e gentil, ensinando a Palavra de Deus com mansidão. Não basta expor o erro e refutá-lo; também é preciso ensinar verdades positivas e firmar os santos na fé.

Um servo de Deus deve instruir os que se opõem a ele, pois esse é o único modo de resgatá-los do cativeiro de Satanás. O inimigo é um mentiroso (Jo 8:44) e prende as pessoas com suas promessas mentirosas, como fez com Eva (ver Gn 3; 2 Co 11:3). O propósito de um servo não é vencer discussões, mas sim ganhar almas. Ele deseja que as pessoas enganadas se arrependam ("eu estava errado - mudei de idéia") e reconheçam a verdade.

A expressão "retorno à sensatez" (2 Tm 2:26) descreve um homem saindo do estu- por da embriaguez. Satanás embriaga as pessoas com suas mentiras, e a tarefa do servo é trazer os enganados de volta à sobrie- dade e resgatá-los. A última frase de 2 Ti- móteo 2:26 pode ser interpretada de três maneiras: (1) foram libertos da cilada do dia- bo que os levou cativos para fazer sua von- tade; (2) foram levados cativos pelo servo de Deus para fazer a vontade de Deus; (3)

foram libertos da cilada do diabo - que os levou cativos - para fazer, agora, a vontade de Deus. Prefiro a terceira interpretação.

Ao fazer um levantamento desses sete aspectos do ministério, é possível ver como ele é importante e quanto exige de nós. O ministério não é para os ociosos, pois exige disciplina e trabalho. Não é lugar para indo- lentes, pois há inimigos a combater e tarefas a completar.

Os membros da igreja precisam orar por seus pastores e encorajá-los na obra do Senhor. Os líderes da igreja devem fa- zer seu trabalho fielmente, a fim de que os pastores dediquem-se ao ministério (ver At 6:1-7). As igrejas devem prover sustento fi- nanceiro suficiente aos pastores, a fim de que se dediquem inteiramente ao trabalho do ministério.

Em outras palavras, os ministros e os membros devem trabalhar juntos na obra do Senhor.

# O QUE FAZER ANTES DO FIM

## 2 TIMÓTEO 3

A ênfase deste capítulo é sobre o *conhecimento* e a *responsabilidade*. Paulo informa Timóteo de como serão os últimos dias e, em seguida, o instrui sobre como proceder. A ação deve ter base no conhecimento. Muitos cristãos são como o piloto que avisou aos passageiros: “Estamos perdidos, mas estamos no horário”.

Os “últimos dias” começaram com o ministério de Jesus Cristo (Hb 1:1, 2) e continuarão até sua volta. São chamados de “últimos dias” porque é neles que Deus completa os propósitos para seu povo. Uma vez que nosso Senhor adiou sua volta, algumas pessoas escarnecem da promessa de sua vinda (2 Pe 3:3ss); mas ele voltará conforme prometeu.

Dentro desse período dos “últimos dias” haverá “tempos” (épocas) de diferentes tipos; mas à medida que os “tempos” se aproximarem do fim, se tornarão “difíceis”. Esse termo significa “perigosos, complicados, brutais”. Trata-se da mesma palavra grega usada para descrever os dois endemoninhados violentos de Gadara (Mt 8:28). Isso indica que a violência dos últimos dias será incitada pelos demônios (1 Tm 4:1).

Sem dúvida, essas características começaram a manifestar-se no tempo de Paulo e, hoje, estão mais intensas. Não se trata apenas de haver mais pessoas no mundo, ou de os noticiários poderem dar maior cobertura. Ao que parece, o mal está mais profundo e ativo e vai sendo aceito e promovido na sociedade com ousadia cada vez maior. Não se trata de algumas concentrações de rebelião aqui e ali. A sociedade toda parece agitada e rebelde. Por certo, vivemos em “tempos difíceis” (2 Tm 3:1).

Paulo dá a Timóteo três instruções a serem obedecidas, a fim de que seu ministério possa ser eficaz nesses tempos difíceis.

### 1. FOGUE DOS FALSOS (2 Tm 3:1-9)

“Foge também destes” (2 Tm 3:5b). Um cristão fiel não deve ter qualquer relacionamento com as pessoas que Paulo descreve nesta seção. É importante observar que tais pessoas atuam à *guisa da religião*: “tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2 Tm 3:5). São “religiosos”, mas são rebeldes! Paulo trata de três fatos acerca dessas pessoas.

**Suas características (vv. 2-5).** Pelo menos dezoito características são relacionadas aqui, e é provável que Paulo tenha incluído outras. Há uma ênfase sobre o *amor*: eles amam apenas a si mesmos (“egoístas”), amam ao dinheiro (“avarentos”), são “mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus”. O cerne de todo problema é um problema do coração. Deus ordena que o amemos acima de todas as coisas e que amemos ao próximo como a nós mesmos (Mt 22:34-40), mas se amarmos a nós mesmos acima de tudo, não amaremos a Deus *nem* ao próximo.

Neste universo, existe Deus e existem pessoas e coisas. Devemos adorar a Deus, amar as pessoas e usar as coisas. Mas se começarmos a adorar a nós mesmos, deixaremos Deus de lado e passaremos a amar as coisas e usar as pessoas. Essa é a fórmula para uma vida infeliz; no entanto, é o que caracteriza muita gente hoje. O anseio mundial por *coisas* é apenas um dos sinais de que o coração das pessoas está longe de Deus.

É evidente que, se alguém amar e adorar a si mesmo, o resultado será *orgulho*. “Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”, essa foi a oferta de Satanás a Eva (Gn 3:5), e, em decorrência disso, as pessoas “mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” (Rm 1:25). O ser humano tornou-se seu próprio deus! A criatura passou a ser o criador! “Jactanciosos, arrogantes [orgulhosos], blasfemadores [dados a palavras desdenhosas e mordazes]” (2 Tm 3:2).

“Desobedientes aos pais” indica que essa apostasia afeta a família. Os filhos são “ingratos” e não dão valor àquilo que os pais fizeram por eles. São “irreverentes” em sua atitude para com os pais. “Honra teu pai e tua mãe” não é mais um princípio amplamente ensinado e respeitado.

A palavra “desafeiçoados” é a tradução de um termo que descreve a ausência de “amor familiar”. Nos dias de hoje, a família está sendo atacada, e a situação das famílias reflete-se na situação do país.

Em vez do amor natural que Deus colocou nos homens, mulheres e famílias, temos hoje um bocado de afeições *inaturais* que Deus condenou (ver Rm 1:18-27; 1 Co 6:9, 10). Tais coisas são confusão e serão julgadas por Deus (Rm 1:28-32).

Podemos ver as características desses tempos difíceis não apenas nos lares, mas também na sociedade e no mundo dos negócios. O adjetivo “implacáveis” (2 Tm 3:3) descreve pessoas que não procuram entrar em acordo. São inflexíveis e irreconciliáveis e devem fazer tudo a seu modo.

A fim de defender sua posição, tornam-se “caluniadores” (ou “falsos acusadores”) e tentam destruir a reputação de outros. Infelizmente, é possível observar algumas dessas atividades no meio de cristãos professos. “Líderes cristãos” acusam uns aos outros nas páginas de suas publicações.

“Sem domínio de si” é o mesmo que “sem autocontrole”. O lema de nossa sociedade hoje é: “Faça o que você quiser e aproveite a vida!” É triste ver que algumas das crianças nascidas dessas pessoas nem sempre podem aproveitar a vida, pois vêm ao mundo com deformações ou deficiências resultantes do uso de drogas, de álcool e de doenças venéreas.

Essa falta de domínio próprio revela-se de várias maneiras. “Cruéis” significa “indomados, brutais”. Quando as pessoas não conseguem ter as coisas a seu modo, tornam-se violentas como animais selvagens. Em vez de honrarem o que é bom, são “inimigos do bem” e honram o que é mau. Na sociedade de hoje, os padrões de certo ou errado estão distorcidos, senão destruídos.

“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal” (Is 5:20).

O adjetivo “traidores” (2 Tm 3:4) descreve pessoas desleais e não dignas de confiança. Para elas, nem amizades nem parcerias importam; mentem e quebram as promessas sempre que isso as ajuda a conseguir o que querem.

“Atrevidos” significa “temerários, precipitados, que agem sem refletir com cuidado”. Paulo não condena a aventura honesta, mas sim o empreendimento insensato.

“Enfatuados” descreve pessoas “cheias de si”; um bom sinônimo é “presunçosos”.

A oração “mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus” não sugere que devemos escolher entre os prazeres e Deus, pois, quando vivemos para Deus, desfrutamos os maiores de todos os prazeres (Sl 16:11). A escolha é entre *amar* o prazer ou amar a Deus. Se amarmos a Deus, desfrutaremos plenitude de vida aqui e na eternidade, mas os prazeres do pecado são efêmeros (Hb 11:25). Ninguém pode negar que vivemos em um mundo obcecado pelo prazer, mas, com frequência, tal prazer não passa de entretenimento superficial e de fuga; não promove enriquecimento nem dá alegria.

Paulo afirma que essas pessoas que ele acabou de descrever se considerariam religiosas! “Tendo forma de piedade” (2 Tm 3:5) indica aparência de religiosidade, e não a verdadeira fé cristã, pois esses indivíduos nunca experimentaram o poder de Deus em sua vida. O que eles têm é forma sem força e religião sem realidade.

**Seus convertidos (vv. 6, 7).** O fato de Paulo descrever “mulherinhas” (ou “mulheres tolas”) não indica que todas as mulheres sejam assim nem que os homens não sejam vulneráveis aos ardis dos falsos mestres. No tempo de Paulo, as mulheres eram especialmente suscetíveis a esse tipo de experiência, uma vez que ocupavam posição inferior na sociedade. Sejam homens ou mulheres, os que caem na armadilha desse sistema religioso falso têm as mesmas características.

São “sobrecarregados de pecados” e estão à procura de uma forma de fugir da escravidão e do medo. São incapazes de



controlar os próprios desejos ("conduzidos de várias paixões"). É possível que a ênfase aqui seja sobre problemas sexuais. Por fim, estão sempre em busca da verdade, experimentando diferentes abordagens e, no entanto, não conseguem jamais se satisfazer. Esse tipo de pessoa é presa fácil para membros de seitas e para charlatães religiosos.

Os falsos líderes religiosos aproveitam-se dos problemas das pessoas e prometem soluções rápidas e fáceis. "Penetram sorratamente" no meio do povo e logo controlam sua vida. Em pouco tempo, conquistam a lealdade de seus seguidores e se apoderam de seu dinheiro e serviço. Seus "convertidos" vêm-se, então, em uma situação pior do que aquela em que estavam antes. Continuam com seus problemas, mas foram enganados de modo a pensar que estão bem.

Convém lembrar, ainda, que toda essa atividade dissimulada é realizada em nome da religião! Não é de se admirar que Paulo tenha dito a Timóteo: "Foge também destes".

**Seus líderes religiosos (vv. 8, 9).** Êxodo 7 a 9 relata o embate entre Moisés e os mágicos do Egito. De acordo com a tradição, esses mágicos chamavam-se Janes e Jambres, os dois homens que Paulo cita (2 Tm 3:8). Opuseram-se a Moisés *imitando o que ele fazia*. Quando a vara de Arão transformou-se em serpente, eles lançaram as próprias varas, e elas também se tornaram serpentes. Moisés transformou a água em sangue e os mágicos fizeram o mesmo milagre. Quando Moisés fez surgir sapos, os mágicos também o imitaram. Mas não conseguiram reproduzir o milagre dos piolhos (Êx 8:16-19).

Satanás é imitador e falsifica o que Deus faz. Os líderes religiosos dos últimos dias têm uma fé falsa, e seu objetivo é promover mentiras e resistir à verdade da Palavra de Deus. Negam a autoridade da Bíblia e colocam a sabedoria e a filosofia humanas no lugar. Em sua tentativa de ser "modernos", negam a realidade do pecado e a necessidade de salvação das pessoas. O termo que Paulo usa para descrever esses líderes é "réprobos" e significa "testados e considerados falsos".

Janes e Jambres acabaram desmascarados e ridicularizados pelos julgamentos de

Deus. O mesmo acontecerá com os líderes das falsas religiões nos últimos dias. Quando sobrevier o julgamento de Deus, o verdadeiro caráter desses impostores será revelado a todos.

## 2. SEGUE OS VERDADEIROS

### (2 Tm 3:10-12)

Paulo deixa de lado os falsos líderes e lembra a Timóteo que ele (Paulo) foi um servo fiel de Deus. Nestes dias difíceis, é importante seguir os líderes espirituais certos. Quais são suas características?

#### **Sua vida é aberta para todos (v. 10a).**

Paulo não tinha coisa alguma a esconder. Como o Mestre, poderia afirmar: "Nada disse em oculto" (Jo 18:20). "Quanto à minha vida, desde a mocidade [...] todos os judeus a conhecem", disse Paulo a Agripa (At 26:4). Timóteo havia vivido e trabalhado com Paulo e o conhecia bem. O apóstolo não se escondera por trás de declarações extravagantes e de propaganda religiosa.

#### **Ensinam a verdadeira doutrina (v. 10b).**

"O meu ensino", nesse caso, se refere à fé verdadeira de Paulo, o evangelho de Jesus Cristo. Por mais carismático que um pregador seja, se ele não pregar a verdade da Palavra de Deus, não merece nosso apoio. Hoje em dia, vemos nos programas de rádio e de televisão um bocado de "pseudocristianismo", que mistura psicologia, motivação para o sucesso, culto a esta ou àquela celebridade e um pouco de Bíblia para dar uma aparência religiosa. Cuidado!

**Praticam o que pregam (v. 10c).** O "procedimento" (modo de vida) de Paulo corroborava sua mensagem. Não pregava o sacrifício, enquanto vivia em meio ao luxo. Dava aos outros muito mais do que havia recebido deles. Defendia a verdade, mesmo que isso significasse perder amigos e, no fim, perder até a própria vida. Paulo era um servo, não uma celebridade.

**Seu propósito é glorificar a Deus (v. 10d).** Nunca houve dúvidas quanto ao "propósito" de Paulo no ministério: ele desejava fazer a vontade de Deus e concluir a obra da qual Deus o havia incumbido (At 20:24; Fp 1:21). O apóstolo Paulo era um homem

de “fé” que confiava que Deus supriria suas necessidades. Era um homem “longânimo” que suportava com paciência os ataques das pessoas. Era um homem de “amor” que se dedicava de bom grado a servir aos outros.

O termo “perseverança”, no final de 2 Timóteo 3:10, significa “capacidade de permanecer firme e constante, mesmo em meio às dificuldades”.

**Estão dispostos a sofrer (vv. 11, 12).** Paulo não pediu que outros sofressem por ele; *ele sofreu por outros*. O fato de ter sido perseguido de cidade em cidade era prova de que levava uma vida piedosa. Hoje em dia, há quem acredite que piedade significa *escapar* das perseguições, quando, na verdade, é justamente o contrário.

Fico imaginando como Paulo se sairia se fosse avaliado pelos conceitos atuais de liderança cristã. É provável que fosse reprovado. Será que o aceitariam, se ele se candidatasse a trabalhar em uma organização missionária moderna? Havia sido preso; tinha problemas de saúde e criava problemas em quase todos os lugares por onde passava. Era pobre e não se preocupava em agradar aos ricos. No entanto, foi usado por Deus, e, até hoje, somos abençoados porque Paulo foi fiel.

### 3. PERMANECE NA PALAVRA DE DEUS (2 Tm 3:13-17)

A única maneira de derrotar as mentiras de Satanás é por meio da verdade de Deus. “Assim diz o Senhor!” é a resposta conclusiva a todas as controvérsias. Os homens perversos e os enganadores se tornarão cada vez piores. Enganarão cada vez mais, pois estão sendo enganados por Satanás. Nos últimos dias, haverá mais dissimulação e imitação, e o cristão só poderá discernir entre o verdadeiro e o falso por meio da Palavra de Deus.

Timóteo havia aprendido a Palavra de Deus desde a infância. A tendência de algumas pessoas é pensar que precisavam da Bíblia quando eram mais jovens, mas que, depois de adquirirem certa maturidade, são capazes de viver sem ela. Que grande engano! Os adultos precisam muito mais da

orientação da Palavra do que as crianças, pois os adultos enfrentam muito mais tentações e tomam mais decisões. A avó e a mãe de Timóteo lhe ensinaram fielmente as Escrituras do Antigo Testamento (o pronome “quem”, em 2 Tm 3:14, é plural, referindo-se a essas duas mulheres; ver 2 Tm 1:5). Timóteo deveria permanecer no que havia sido ensinado. Não devemos nos considerar maduros demais para precisar da Palavra de Deus.

Esta é uma boa ocasião para admoestar os pais cristãos a ensinar a Bíblia a seus filhos. Para minha esposa e eu, sempre foi uma grande alegria ver nossos filhos mais velhos e alfabetizados compartilhando as histórias da Bíblia de livros infantis com os irmãos mais novos e esclarecendo suas dúvidas. Aos poucos, passaram a ler sozinhos livros mais complexos e a própria Bíblia. Felizmente, nossa escola dominical oferecia um programa de memorização da Bíblia. Assim que nossos filhos nasciam, nós os cercávamos com a Palavra de Deus e de orações. Depois que os filhos crescem não temos mais esse tipo de oportunidade.

Neste parágrafo, Paulo faz algumas declarações importantes acerca das Escrituras:

**As Escrituras são sagradas (v. 15a).** A expressão “As sagradas letras” é uma tradução literal. Fica subentendido que Timóteo aprendeu o alfabeto hebraico por meio das Escrituras do Antigo Testamento. O termo “sagrado” significa “dedicado para uso santificado”. A Bíblia é diferente de todos os outros livros – inclusive dos livros sobre a Bíblia –, pois foi separada por Deus para um uso sagrado especial. A Bíblia é um livro extraordinário e deve ser tratada como tal.

A maneira de tratarmos a Bíblia mostra aos outros quanto a respeitamos ou não. Não quero parecer esquisito, mas devo confessar que detesto ver uma Bíblia jogada no chão. Quando estamos carregando a Bíblia com outros livros, ela deve ficar em cima dos demais. Há uma diferença entre marcar a Bíblia de modo apropriado, enquanto a estudamos, e borrá-la com marcas descuidadas. Vi pessoas usarem a Bíblia como apoio para uma xícara de café! Paulo mostra

a atitude correta em relação à Palavra de Deus (1 Ts 2:13).

**As Escrituras nos conduzem à salvação (v. 15b).** Não somos salvos por crer na Bíblia (ver Jo 5:39), mas sim pela fé no Cristo que é revelado na Bíblia. Satanás conhece a Bíblia, mas não é salvo. Timóteo foi educado nas Sagradas Escrituras em um lar piedoso. No entanto, só foi salvo quando Paulo o levou a Cristo.

Qual é a relação entre a Bíblia e a salvação? Em primeiro lugar, a Bíblia revela a necessidade de salvação. É um espelho que mostra como somos imundos aos olhos de Deus. A Bíblia explica que todo pecador perdido é condenado *agora* (Jo 3:18-21) e precisa de um Salvador *agora*. Também deixa claro que o pecador não pode salvar a si mesmo.

Mas a Bíblia também revela o plano maravilhoso de Deus para a salvação: Cristo morreu por nossos pecados! Se cremos nele, ele nos salvará (Jo 3:16-18). A Bíblia também ajuda a ter a certeza da salvação (ver 1 Jo 5:9-13). Assim, ela se torna o alimento espiritual que nutre nossa vida, a fim de crescermos na graça e de servirmos a Cristo. É nossa espada na luta contra Satanás e na vitória contra a tentação.

**As Escrituras são verdadeiras e confiáveis (v. 16a).** "Toda a Escritura é inspirada por Deus." A doutrina da inspiração das Escrituras é de importância vital e também é uma doutrina que Satanás tem atacado desde o princípio ("É assim que Deus disse...?" [Gn 3:1]). É inconcebível que Deus desse a seu povo um livro no qual não pudessem confiar. Ele é o Deus da verdade (Dt 32:4); Jesus Cristo é "a verdade" (Jo 14:6); e "o Espírito é a verdade" (1 Jo 5:6). Jesus afirmou acerca das Escrituras: "a tua palavra é a verdade" (Jo 17:17).

O Espírito Santo de Deus usou homens de Deus para escrever a Palavra de Deus (2 Pe 1:20, 21). O Espírito não apagou as características naturais dos escritores. Antes, em sua providência, Deus preparou escritores para a tarefa de redigir as Escrituras. Cada um deles tem seu estilo e vocabulário próprios. Cada livro da Bíblia originou-se de um

conjunto específico de circunstâncias. Ao preparar os homens, ao conduzir a história e ao operar por meio do Espírito, Deus realizou o milagre das Escrituras.

Não se deve pensar no termo "inspiração" da forma que o mundo o entende hoje, quando diz: "sem dúvida, Shakespeare foi um escritor inspirado". A *inspiração* bíblica refere-se à influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores, garantindo que as palavras que escreveram seriam precisas e fidedignas. A *revelação* é a comunicação da verdade ao ser humano por Deus; a *inspiração* é relacionada ao *registro* dessa comunicação de maneira confiável.

Tudo o que a Bíblia afirma a respeito de si mesma, do ser humano, de Deus, da vida, da morte, da história, da ciência e de qualquer outro assunto é verdade. Isso não significa que todas as declarações encontradas na Bíblia sejam verdadeiras, pois ela registra as mentiras dos homens e de Satanás. *Mas o registro é verdadeiro.*

**As Escrituras são úteis (v. 16b).** São úteis para o *ensino* (aquilo que é certo), para a *repreensão* (aquilo que é errado), para a *correção* (como fazer o que é certo) e para a *educação na justiça* (como permanecer no caminho certo). O cristão que estuda a Bíblia e que aplica o que aprende cresce em santidade e evita muitas ciladas deste mundo.

**As Escrituras capacitam-nos para o serviço (v. 17).** Em uma passagem anterior, Paulo chama Timóteo de "homem de Deus" (1 Tm 6:11); mas aqui o apóstolo diz que *qualquer* cristão pode tornar-se uma pessoa "de Deus". De que maneira? Estudando a Palavra de Deus, obedecendo ao que ela diz e deixando que controle sua vida. Convém observar que todos os "homens de Deus" citados nas Escrituras - inclusive Moisés, Samuel, Elias, Eliseu, Davi e Timóteo - foram homens que se dedicaram à Palavra de Deus.

Dois palavras neste versículo são especialmente importantes: *perfeito* e *habilitado*. O termo traduzido por "perfeito" significa completo, em boa forma ou bom estado. Não sugere, de modo algum, uma perfeição impecável. Antes, implica a adequação para o uso.

O adjetivo "habilitado" tem um significado parecido: "preparado para o serviço". Ou seja, a Palavra de Deus equipa e capacita o cristão para que viva de maneira agradável a Deus e realize a obra da qual Deus o incumbiu. Quanto melhor conhecermos a Palavra de Deus, mais capazes seremos de viver e de trabalhar para Deus.

O objeto do estudo bíblico não é apenas compreender as doutrinas nem ser capaz de defender a fé, por mais importantes que essas coisas sejam. O objetivo maior é

equipar o cristão que lê a Bíblia. É a Palavra de Deus que prepara o povo de Deus para realizar a obra de Deus.

As coisas não vão melhorar, mas nós, cristãos, podemos nos tornar pessoas melhores, mesmo em tempos difíceis. Devemos nos separar do que é falso, dedicar-nos ao que é verdadeiro e prosseguir no estudo da Palavra de Deus. Então, Deus vai nos equipar para o ministério nestes tempos difíceis, e teremos a alegria de ver outros conhecerem a verdade.

# ÚLTIMAS PALAVRAS

## 2 TIMÓTEO 4

As últimas palavras de um homem ou mulher são importantes. São como uma janela que nos ajuda a ver o que há em seu coração ou como uma medida que nos ajuda a avaliar sua vida. Neste capítulo, temos as últimas palavras de Paulo a Timóteo e à igreja.

É interessante que, ao se aproximar do fim de sua vida, Paulo não expressa qualquer arrependimento e até perdoa os que tornaram sua situação difícil (2 Tm 4:16). Pelo menos dezessete pessoas são mencionadas neste capítulo, o que demonstra que Paulo não apenas ganhava almas para Cristo, mas também fazia amigos. Apesar de seus dias estarem contados, Paulo pensa nos outros.

O apóstolo dá três admoestações finais a Timóteo e apresenta um motivo para cada uma delas.

### 1. PREGUE A PALAVRA (2 Tm 4:1-4)

A expressão "Conjuro-te" deve ser entendida como "testemunho solenemente". O momento é sério, e Paulo deseja que Timóteo entenda sua importância. É sério não apenas porque o apóstolo está diante da morte, mas, principalmente, porque tanto Paulo quanto Timóteo serão julgados no dia em que Jesus Cristo vier. Pode ser proveitoso a todos refletir sobre o fato de que, um dia, encontraremos com Deus face a face, e nossas obras serão julgadas.

Em primeiro lugar, a consciência desse fato nos encoraja a fazer o trabalho de modo cuidadoso e fiel. Em segundo lugar, nos livra do medo dos outros, pois, afinal, nosso Juiz supremo é Deus. Por fim, a consciência de que um dia Deus julgará nossas obras

nos estimula a prosseguir, mesmo quando enfrentamos dificuldades. Servimos ao Senhor, não a nós mesmos.

"Prega a palavra!": essa é a responsabilidade principal da qual Paulo trata nesta seção. Tudo o mais que ele diz é relacionado a isso. O verbo "pregar" significa "pregar como um arauto". No tempo de Paulo, o governante possuía um arauto especial que fazia as proclamações para o povo. Era comissionado pelo governante para proclamar sua mensagem em voz alta e clara de modo que todos ouvissem. Não era um embaixador com o privilégio de negociar; era um mensageiro com uma proclamação a ser ouvida e obedecida. Deixar de atender ao mensageiro era uma falta grave e maltratar o mensageiro era pior ainda.

Timóteo deveria proclamar a Palavra de Deus com autoridade do céu. A Palavra de Deus é o que tanto os salvos quanto os pecadores precisam. É uma pena que muitas igrejas tenham colocado outras coisas no lugar da pregação da Palavra, coisas que, em seu devido lugar, podem ser boas, mas que são prejudiciais como substitutos da proclamação da Palavra. Em meu ministério pastoral, tenho visto o que a pregação da Palavra pode fazer na igreja e na vida de cada pessoa, e assevero que *nada pode tomar seu lugar*.

Timóteo deveria mostrar-se diligente e alerta de modo a usar todas as oportunidades para pregar a Palavra em ocasiões favoráveis e mesmo em circunstâncias desfavoráveis. O próprio Paulo sempre encontrava oportunidades de compartilhar a Palavra, quer estivesse nos pátios do templo, quer no mar tempestuoso, quer até mesmo na prisão. "Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará" (Ec 11:4). Devemos parar de inventar desculpas e pôr mãos à obra!

A pregação deve ser caracterizada por três elementos: condenação, advertência e apelo ("corrige, repreende, exorta"). De acordo com uma regra dos pregadores: "deve-se afligir os que se sentem confortáveis e confortar os aflitos". Se condenarmos sem oferecer qualquer remédio, colocaremos

mais fardos sobre as pessoas. Se encorajarmos os que devem ser repreendidos, vamos ajudá-los a pecar. A pregação bíblica deve ser equilibrada.

O que prega a Palavra de Deus deve ser paciente ao fazê-lo. Nem sempre verá resultados imediatos. Deve ser paciente com os que se opõem a sua pregação. Acima de tudo, *deve pregar a doutrina, não apenas contar histórias bíblicas, apresentar ilustrações interessantes ou ler um versículo e depois esquecer tudo. A verdadeira pregação é a explicação e a aplicação da doutrina bíblica. Qualquer coisa diferente disso não passa de discurso religioso.*

Paulo dá a responsabilidade – “prega a palavra” (2 Tm 4:2) – e também o motivo (2 Tm 4:3, 4). Chegaria uma época (e já estamos vivendo nela há muito tempo!) em que a maioria das pessoas não desejaria a “sã doutrina” da Palavra de Deus. Teriam desejos carnis por novidades religiosas. A “coceira nos ouvidos” as levaria a cercar-se de mestres que satisfizessem seu anseio pelo que não está de acordo com as verdades de Deus. Só porque um pregador tem uma congregação numerosa, não significa que esteja pregando a verdade. Antes, pode ser prova de que está aliviando a “coceira nos ouvidos” das pessoas e lhes dando o que *desejam* ouvir em vez daquilo que *precisam* ouvir.

A distância entre a “coceira nos ouvidos” e os ouvidos moucos para a verdade é muito pequena. Uma vez que as pessoas rejeitam a verdade, passam a aceitar as “fábulas”. É pouco provável que fábulas criadas por homens convençam pessoas de seus pecados e as levem ao arrependimento! O resultado é uma congregação de cristãos professos acomodados, ouvindo palavras confortáveis sem qualquer doutrina bíblica. Cristãos assim tornam-se presas fáceis para todo tipo de seita, pois sua vida não está alicerçada na Palavra de Deus. É fato comprovado que a maioria dos membros de seitas costumava ser de alguma igreja.

Podemos observar a ênfase sobre as Escrituras: “Prega a palavra [...] com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo

em que não suportarão a sã doutrina [...] e se recusarão a dar ouvidos à verdade” (2 Tm 4:2-4). Essa ênfase sobre a sã doutrina é um elemento em comum nas três epístolas pastorais de Paulo e, sem dúvida, é necessária hoje.

## 2. CUMPRA SEU MINISTÉRIO (2 Tm 4:5-8)

“Cumpra cabalmente o teu ministério” significa “cumpra todas as tarefas que Deus te der”. O ministério de Timóteo não seria exatamente igual ao de Paulo, mas seria importante para a causa de Cristo. Nenhum ministério dirigido por Deus é pequeno ou insignificante. Neste último capítulo, Paulo cita alguns colaboradores sobre os quais não sabemos coisa alguma e que, no entanto, também tinham um ministério a cumprir.

Certa vez, um jovem pastor queixou-se a Charles Spurgeon, famoso pregador inglês do século XIX, que ele não tinha uma igreja tão grande quanto merecia.

– Para quantas pessoas você prega? – perguntou Spurgeon.

– Umas cem – respondeu o pastor.

Então, Spurgeon declarou com gravidade: – É um bocado de gente para você ter de prestar contas no dia do julgamento!

Não se mede o tamanho de um ministério apenas com base em estatísticas ou no que é visível. Sabemos que o importante é a fidelidade e o que Deus vê no coração. Por isso, Timóteo deveria ser “sóbrio em todas as coisas” (2 Tm 4:5) e realizar seu ministério com seriedade e determinação (encontramos o termo “sóbrio” e seus equivalentes em várias ocasiões ao longo destas cartas).

Timóteo não era apenas um pregador, mas também um soldado (2 Tm 2:3, 4) que teria de “[suportar] as aflições” (2 Tm 4:5). Mais de uma vez, tinha visto Paulo passar por sofrimentos (2 Co 6:1-10; 2 Tm 3:10-12). A maioria das aflições de Timóteo seria provocada pelo “povo religioso” que não desejava ouvir a verdade. Foi esse “povo religioso” que crucificou Cristo, que perseguiu Paulo e que causou sua prisão.

A instrução “Faze o trabalho de um evangelista” (2 Tm 4:5) lembraria Timóteo

de que seu ministério inteiro deveria estar voltado, essencialmente, para ganhar almas. Isso não significa que todos os sermões dele deveriam ser sobre “fogo, enxofre e o caminho para o arrependimento”, pois os santos também precisam ser alimentados. Mas, qualquer que seja o tema da pregação, o pastor deve lembrar-se das almas perdidas. Essa preocupação com os perdidos também deve caracterizar o ministério particular do pastor (ver At 20:17-21 para uma descrição de um ministério equilibrado).

Deus concedeu à Igreja obreiros específicos para o trabalho de evangelismo (At 21:8; Ef 4:11), mas isso não exime o pastor de sua responsabilidade de ganhar almas. Nem todos os pregadores têm os mesmos dons, mas todos podem ter em comum a mesma preocupação e proclamar a mesma mensagem. Depois que um amigo meu foi ouvir um pregador famoso falar, perguntei-lhe como havia sido a mensagem, ao que ele respondeu:

- Não continha evangelho suficiente nem para salvar uma pulga!

Paulo dá o motivo por trás dessa responsabilidade (2 Tm 4:6-8): estava preste a sair de cena, e Timóteo teria de tomar seu lugar. Neste belo parágrafo de testemunho pessoal, vemos Paulo olhando em três direções diferentes.

**Olha a seu redor (v. 6).** Paulo sabia que lhe restava pouco tempo. Estava sendo julgado em Roma e havia passado pela primeira audiência (2 Tm 4:17), mas sabia que o fim estava próximo. No entanto, não se abalou diante da perspectiva de morrer! As duas palavras “oferecido” e “partida” (2 Tm 4:6) mostram sua fé e sua segurança. “Oferecer por libação” significa “derramar sobre o altar como libação”. O apóstolo usa essa mesma imagem em Filipenses 2:7, 8. Na verdade, Paulo está dizendo: “César não vai me matar. Vou entregar minha vida a Jesus Cristo como sacrifício. Tenho sido um sacrifício vivo servindo a ele, desde o dia em que fui salvo. Agora, vou completar esse sacrifício entregando minha vida pelo Senhor”.

O termo “partida” (2 Tm 4:6) é uma bela palavra com vários significados. Quer dizer

“levantar âncora e navegar”. Para o apóstolo, morrer é ser liberto do mundo e ter a oportunidade de “navegar” para a eternidade. Essa palavra também significa “desarmar uma tenda”. Vemos um paralelo com 2 Coríntios 5:1-8, em que Paulo compara a morte dos cristãos a desarmar uma tenda (tabernáculo), a fim de receber um corpo permanente e glorificado (“casa não feita por mãos, eterna, nos céus”).

“Partir” também significa “soltar um prisioneiro”. Paulo vislumbrava sua libertação, não sua execução. Outro significado é “tirar o jugo de cima de um boi”. O apóstolo havia trabalhado com afinco durante muitos anos. Agora, seu Senhor tiraria seu jugo e o promoveria a um serviço mais exaltado.

**Olha para trás (v. 7).** O apóstolo resume sua vida e seu ministério. Encontramos aqui duas imagens relacionadas aos esportes: como um lutador ou pugilista determinado, Paulo deu o melhor de si na luta; como um corredor, terminou vitorioso a corrida de sua vida. Obedeceu às regras e merecia o prêmio (ver At 20:24; Fp 3:13, 14). A terceira imagem é de um despenseiro que guardou fielmente o depósito de seu senhor: “Guardei a fé” (2 Tm 4:7). Paulo usa essa imagem com frequência em suas epístolas pastorais.

É animador poder olhar para trás sem arrependimentos. Paulo nem sempre foi benquisto por todos e, muitas vezes, viveu em meio ao desconforto, mas permaneceu fiel. Era isso o que importava.

**Olha para frente (v. 8).** O atleta grego ou romano que vencía a competição era recompensado pela multidão e, normalmente, recebia uma coroa de louros ou uma guirlanda com folhas de carvalho. A palavra grega para “coroa” é *stephanos* – a coroa do vitorioso, de onde vem o nome Estêvão (a coroa do rei era chamada de *diadema*). Mas Paulo não receberia uma coroa de folhas que murchariam, e sim a coroa imarcescível de justiça.

Jesus Cristo é o “reto juiz” que sempre julga corretamente. Os juízes de Paulo em Roma não eram justos. Se fossem, o teriam libertado. Paulo foi julgado em diversos

tribunais, mas estava prestes a encontrar-se com seu último Juiz, seu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Quem está pronto para encontrar-se com o Senhor não precisa temer o julgamento de homens.

A coroa da justiça é a recompensa de Deus por uma vida fiel e justa; o incentivo para viver em retidão e santidade é a volta de Cristo. Uma vez que Paulo amava essa volta e esperava por ela, era justo em sua vida e fiel em seu serviço. Por isso, o apóstolo usa a volta de Jesus Cristo como base para sua admoestação neste capítulo (ver 2 Tm 4:1).

Não somos chamados para ser apóstolos, mas, ainda assim, podemos ganhar a mesma coroa que Paulo recebeu. Se amarmos a volta de Cristo, vivermos em obediência a sua vontade e realizarmos a obra para a qual ele nos chamou, seremos coroados.

### 3. SEJA DILIGENTE E FIEL (2 Tm 4:9-22)

“Procura vir ter comigo depressa” (2 Tm 4:9), Paulo admoesta Timóteo. Tíquico ficaria no lugar de Timóteo em Éfeso (2 Tm 4:12). Em seu caminho para Roma, Timóteo poderia passar por Trôade e pegar a capa, os livros e os pergaminhos de Paulo (2 Tm 4:13). Pode ser que Paulo tenha deixado essas coisas na cidade ao partir de lá às pressas. É comvente observar que, em seus últimos dias aqui na Terra, Paulo desejava ter a seu lado seu “filho na fé”. No entanto, o apóstolo também é prático: precisava de sua capa para se aquecer e queria seus livros e pergaminhos para estudar. Os “livros” eram rolos de papiro, talvez contendo as Escrituras do Antigo Testamento, e os “pergaminhos” eram livros feitos de pele de animais. Não sabemos o que esses pergaminhos continham, mas não é de surpreender que um estudioso como Paulo quisesse materiais de estudo e de escrita.

Antes de terminar a carta, Paulo insta Timóteo a “vir antes do inverno” (2 Tm 4:21). Isso porque todos os navios permaneciam no porto durante o inverno, pois era uma época perigosa demais para navegar. Se Timóteo esperasse muito tempo, perderia a oportunidade de viajar ao encontro de Paulo e seria tarde demais.

Por que Timóteo deveria ser diligente e fiel? Encontramos parte da resposta em 2 Timóteo 4:10. Alguns indivíduos que Paulo conhecia não eram fiéis nem confiáveis. Demas é citado apenas três vezes no Novo Testamento e, no entanto, essas três citações contam uma triste história de fracasso. Paulo refere-se a Demas, ao lado de Marcos e de Lucas, como “meus cooperadores” (Fm 24). Na próxima referência, o chama apenas de “Demas” (Cl 4:14). Aqui (2 Tm 4:10) diz: “Demas [...] me abandonou”.

O apóstolo dá o motivo: “tendo amado o presente século”. Como cristão, Demas havia “[provado] a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” (Hb 6:5), mas preferiu “[este] mundo perverso” (Gl 1:4). Em sua obra *O peregrino*, John Bunyan mostra Demas guardando a mina de prata na Colina do Lucro. É possível que Demas tenha sido seduzido de volta ao mundo pelo amor ao dinheiro. Paulo deve ter se entristecido profundamente ao ver Demas falhar de modo tão vergonhoso; no entanto, isso pode acontecer com qualquer cristão. Talvez esse fato explique por que Paulo fala tanto sobre as riquezas em suas epístolas pastorais.

Paulo desejava que Timóteo se encontrasse com ele em Roma porque sua próxima audiência seria em breve, e somente Lucas estava com ele. Os cristãos em Roma e em Éfeso que poderiam ter apoiado Paulo o haviam abandonado (2 Tm 4:16); mas o apóstolo sabia que Timóteo lhe seria fiel. É evidente que Deus também fora fiel a Paulo (2 Tm 4:17)! O Senhor prometera ficar com Paulo e cumpriu sua promessa.

Quando Paulo ficou desanimado com os coríntios, o Senhor foi até ele e o encorajou (At 18:9-11). Depois de ser preso em Jerusalém, Paulo voltou a receber a visita e o estímulo do Senhor (At 23:11). Durante a terrível tempestade em que Paulo estava a bordo de um navio, mais uma vez, o Senhor lhe deu forças e coragem (At 27:22ss). Agora, naquela horrível prisão romana, Paulo voltou a experimentar a presença fortalecedora do Senhor, que havia prometido: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei” (Hb 13:5).



É importante observar, porém, que a preocupação de Paulo não era com a própria segurança ou conforto. Antes, era com a pregação da Palavra, a fim de que os gentios fossem salvos (ver Ef 3); e não se envergonhava do evangelho, nem mesmo na grande cidade de Roma (Rm 1:16).

Que homem extraordinário! Seus amigos o abandonam, e ele ora para que Deus os perdoe. Seus inimigos o julgam, e ele procura oportunidades de lhes mostrar como poderiam ser salvos! Que diferença ter a vida controlada pelo Espírito Santo!

“Fui libertado da boca do leão” (2 Tm 4:17). Quem ou o que é esse leão? Não é a referência literal a um leão, pois Paulo era cidadão romano e, se fosse condenado, não poderia ser jogado aos leões. Os cidadãos de Roma eram decapitados. Acaso seria o imperador Nero? Provavelmente não, pois se tivesse sido liberto de Nero, significaria que havia sido absolvido, mas sabemos que ele tivera apenas uma audiência preliminar. O leão é um símbolo de Satanás (1 Pe 5:8). É possível que Paulo estivesse se referindo a algum ardil de Satanás para derrotá-lo e para atrapalhar a obra do evangelho. Ser “salvo da boca do leão” era um provérbio que significava “ser liberto de grande perigo” (ver Sl 22:21).

Mas, para o cristão, há coisas ainda mais perigosas do que encarar a morte, e o pecado é uma delas. Era isso o que Paulo tinha em mente (2 Tm 4:18). Estava certo de que o Senhor o livraria “de toda obra maligna” e de que o levaria para o reino celestial. O que Paulo mais temia não era a morte, mas sim negar ao Senhor ou fazer algo que desonrasse o nome de Deus. Paulo estava certo de que a hora de sua partida havia chegado (2 Tm 4:6). Desejava terminar bem a corrida de sua vida e estar livre de qualquer desobediência.

É animador ver quantas pessoas são citadas na última parte desta carta. Creio que no Livro de Atos e nas epístolas de Paulo encontraremos o nome de mais de cem homens e mulheres que faziam parte de seu círculo de amigos e de colaboradores. Paulo não poderia fazer todo o trabalho sozinho.

O grande homem pede a ajuda de outros para cumprir sua missão e deixa que compartilhem da grandeza da obra.

*Lucas* (2 Tm 4:11) é o “médico amado” que viajava com Paulo (Cl 4:14). É o autor do Evangelho de Lucas e do Livro de Atos (convém observar a seção de Atos escrita na primeira pessoa do plural, indicando que Lucas foi testemunha ocular dos acontecimentos). É provável que Paulo tenha ditado esta carta, 2 Timóteo, a Lucas. Uma vez que era médico, Lucas deve ter apreciado a referência que Paulo faz ao câncer (2 Tm 2:17).

*Crescente* (2 Tm 4:10) foi enviado por Paulo para a Galácia. Não sabemos, nem precisamos saber, coisa alguma a seu respeito. Foi outro colaborador fiel que auxiliou Paulo em um momento de grande necessidade.

*Tito* (2 Tm 4:10) era um colaborador bastante próximo de Paulo e era enviado com Timóteo para tratar dos problemas mais sérios nas igrejas. Paulo deixou Tito em Creta para resolver a situação nas congregações de lá (Tt 1:5). Ao estudar a carta de Paulo a Tito, conheceremos melhor esse excelente servo de Deus. Tito havia se encontrado com Paulo em Nicópolis no período entre os encarceramentos do apóstolo (Tt 3:12). Agora, Paulo o havia chamado para ir a Roma e o enviara à Dalmácia (atual Iugoslávia).

*Marcos* (2 Tm 4:11) era primo de Barnabé, primeiro companheiro de Paulo no trabalho missionário (At 13:1-3). Sua mãe era uma cristã conhecida em Jerusalém (At 12:5, 12). Infelizmente, João Marcos fracassou na primeira viagem missionária (At 13:5, 13). Paulo recusou-se a levar Marcos consigo na segunda viagem, o que levou a um desentendimento entre o apóstolo e Barnabé (At 15:36-41). Mas agora, Paulo reconhece que João Marcos era um obreiro de grande valor e deseja tê-lo a seu lado em Roma. Como é bom saber que uma falha no serviço cristão não precisa tornar a vida toda um fracasso.

*Tíquico* (2 Tm 4:12) era um cristão da província da Ásia (At 20:4) que se ofereceu para acompanhar Paulo e, provavelmente, ministrou como servo pessoal do apóstolo. Ficou com Paulo durante seu primeiro

período na prisão (Ef 6:21, 22; Cl 4:7, 8). Paulo enviou Tíquico a Creta para substituir Tito (Tt 3:12). Depois, o envia a Éfeso para assumir o lugar de Timóteo. É uma grande bênção ter pessoas capazes de substituir outros. Os jogadores do banco de reservas talvez não recebam toda a glória, mas podem ajudar a vencer o jogo!

*Carmo* (2 Tm 4:13) vivia em Trôade e recebeu Paulo em sua casa. É provável que Paulo tenha partido às pressas (as autoridades o estavam procurando para prendê-lo?), pois deixou lá sua capa e seus livros. Mas como irmão fiel que era, *Carmo* guardou esses pertences até que alguém os apanhasse, a fim de levá-los para Paulo. Até mesmo as tarefas consideradas servis são ministérios para o Senhor.

Não sabemos, ao certo, se *Alexandre, o latoeiro* (2 Tm 4:14) é o mesmo Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1:20, e de nada adianta conjecturar. Esse era um nome comum, mas é possível que esse herege tenha ido a Roma perturbar Paulo.

Satanás também tem seus obreiros. Aliás, as palavras de Paulo: "o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras" (2 Tm 4:14) não são uma oração de justificação, pois isso seria contrário aos ensinamentos de Jesus (Mt 5:43-48), mas sim a constatação de uma realidade.

*Prisca* (Priscila) e *Áquila* (2 Tm 4:19) eram um casal que ajudou Paulo de várias maneiras (ver At 18:1-3,24-28; Rm 16:3, 4; 1 Co 16:19). Agora, estavam em Éfeso auxiliando Timóteo em seu ministério. É maravilhoso

ver o povo de Deus fazendo seu trabalho, não obstante quem seja seu líder.

Falamos de *Onesíforo* (2 Tm 4:19) e de sua casa em 2 Timóteo 1.

É possível que *Erasto* (2 Tm 4:20) fosse o tesoureiro de Corinto (Rm 16:23); também é possível que fosse o mesmo homem que ministrou a Timóteo na Macedônia (At 19:22).

*Trófimo* (2 Tm 4:20) de Éfeso era amigo de Tíquico (At 20:4) e o homem cuja presença ao lado de Paulo ajudou a incitar o tumulto em Jerusalém (At 21:28, 29). Ele havia estado em Mileto trabalhando naquele local, mas agora estava enfermo. Por que Paulo não o curou? Fica claro que a cura miraculosa não é regra para todos os enfermos.

As outras pessoas mencionadas (2 Tm 4:21) são desconhecidas para nós, mas certamente não para o Senhor.

"A graça seja convosco" (2 Tm 4:22) era a forma de Paulo despedir-se pessoalmente, usada no final de suas cartas como "marca registrada", indicando que a carta não era falsificada.

A Bíblia não registra os últimos dias de Paulo. De acordo com a tradição, ele foi declarado culpado e sentenciado à morte. É provável que tenha sido decapitado do lado de fora da cidade.

Mas Timóteo e outros cristãos dedicados deram continuidade à obra! Como John Welsey costumava dizer: "Deus sepulta seus obreiros, mas sua obra continua". Devemos ser fiéis, a fim de que (se o Senhor não voltar em breve) as gerações futuras ouçam o evangelho e tenham a oportunidade de ser salvas.

# TITO

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Os cristãos devem manter as boas-obras

**Versículo-chave:** Tito 3:8

### I. A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA – CAPÍTULO 1

- A. Pregar a Palavra de Deus – 1:1-4
- B. Ordenar líderes qualificados – 1:5-9
- C. Calar os falsos mestres – 1:10-16

### II. DEVERES DOS CRISTÃOS – CAPÍTULOS 2, 3

- A. Os santos mais velhos – 2:1-4a
- B. Os santos mais jovens – 2:4b-8
- C. Os servos cristãos – 2:9-15
- D. Os cristãos como cidadãos – 3:1-8
- E. Pessoas problemáticas – 3:9-11
- F. Conclusão – 3:12-15

### CONTEÚDO

- 1. Nosso obreiro em Creta (Tt 1)..... 337
  - 2. Como ter uma igreja saudável (Tt 2 - 3)..... 343
-

# NOSSO OBREIRO EM CRETA

## TITO 1

Enquanto Timóteo trabalhava na metrópole de Éfeso, Tito estava ocupado na ilha de Creta. Tito era um cristão grego (Gl 2:3) que havia servido a Paulo com grande zelo em missões especiais à igreja em Corinto (2 Co 7:13, 14; 8:6, 16, 23; 12:18). Ao que parece, como Timóteo (1 Tm 1:2), Tito havia aceitado a Cristo pelo ministério pessoal de Paulo (Tt 1:4). “Quanto a Tito”, escreveu Paulo, “é meu companheiro e cooperador convosco” (2 Co 8:23).

Mas as pessoas da ilha de Creta não eram das mais tratáveis, e Tito estava ficando desanimado. É provável que fosse jovem como Timóteo. Mas, ao contrário de Timóteo, não tinha uma predisposição para a timidez nem problemas de saúde. Paulo havia estado com Tito em Creta e o deixara lá para corrigir o que não estava em ordem. Uma vez que havia judeus de Creta em Pentecostes (At 2:11), é possível que estes tenham levado o evangelho a sua terra de origem.

Tito enfrentava uma série de problemas. As igrejas necessitavam de líderes qualificados, e os diversos rebanhos dentro das congregações precisavam ser pastoreados. Um grupo de falsos mestres tentava misturar a Lei judaica com o evangelho da graça (Tt 1:10, 14), enquanto alguns dos cristãos gentios abusavam da mensagem da graça, transformando-a em licenciosidade (Tt 2:11-15). Os habitantes de Creta eram, por natureza, pessoas difíceis (Tt 1:12, 13), e Tito precisava de paciência e de amor extraordinários. Teria sido fácil para Tito “receber um chamado de Deus para ministrar em outro lugar”, mas ele perseverou e terminou seu trabalho.

Ao ler e estudar esta carta, vemos que se trata de uma versão resumida da primeira carta de Paulo a Timóteo. No primeiro capítulo, Paulo lembra Tito de três responsabilidades que lhe cabem.

### 1. PREGAR A PALAVRA DE DEUS (Tt 1:1-4)

Nesta saudação um tanto longa, Paulo enfatiza a importância da Palavra de Deus. Em quatro ocasiões, usa a preposição grega *kata*, cujo significado básico é “abaixo”. Neste contexto, porém, *kata* ajuda a entender a relação entre o ministério e a Palavra de Deus.

Consideremos as quatro frases.

**“[Segundo] A fé que é dos eleitos de Deus” (v. 1a).** O ministério de Paulo era governado pela Palavra de Deus. Ele era um “servo de Deus” (a única passagem em que Paulo usa essa expressão) e um “mensageiro enviado com uma comissão especial” por Jesus Cristo. O propósito de seu ministério era compartilhar a fé, o conjunto de verdades contidas na Palavra de Deus. Os “eleitos de Deus” são os que creram em Jesus Cristo como Salvador (Ef 1:4; 1 Pe 1:1-5).

**“A verdade segundo a piedade” (vv. 1b, 2).** Como em 1 Timóteo, a piedade é um conceito importante nesta carta, apesar de o termo, em si, ser usado apenas uma vez. Mas a referência repetida às “boas obras” enfatiza esse tema (Tt 1:16; 2:7, 14; 3:1, 5, 8, 14). A verdade do evangelho transforma uma vida de “impiedade” (Tt 2:12) em uma vida de santidade. Infelizmente, muitos dos que freqüentavam a igreja de Creta, como alguns membros das congregações de hoje, professavam ser salvos, mas levavam uma vida que negava essa profissão de fé (Tt 1:12).

A fé em Jesus Cristo não apenas salva e torna a vida piedosa *hoje*, como também nos dá esperança para o *futuro* (Tt 1:2). As promessas de Deus dão segurança para o futuro, e Deus não pode mentir (ver Nm 23:19). Somos nascidos de novo “para uma viva esperança” (1 Pe 1:3), pois cremos no Cristo vivo. Nós, cristãos, temos a vida eterna

agora (Jo 3:16; 1 Jo 5:11, 12); mas quando Jesus Cristo voltar, desfrutaremos a vida eterna de maneira ainda mais maravilhosa.

**“Por [segundo o] mandato de Deus” (v. 3).** Deus revela sua mensagem por meio da pregação. Não se trata de uma referência ao ato de proclamar a Palavra, mas sim ao conteúdo dessa mensagem. “Aproveu a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação [a mensagem da Cruz]” (1 Co 1:21). A Palavra do evangelho foi confiada a Paulo (ver 1 Tm 1:11) que, por sua vez, a confiou a Tito. Esse ministério estava em conformidade com as ordens de Deus e não lhe foi dado por homens (Gl 1:10-12).

Como em 1 Timóteo, o título *Salvador* é repetido com frequência em Tito (1:3, 4; 2:10, 13; 3:4, 6). A Palavra escrita dada por Deus revela o Salvador, pois é dele que o pecador precisa. A graça de Deus traz salvação, não condenação (Tt 2:11). Jesus poderia ter vindo ao mundo como Juiz, mas escolheu vir como Salvador (Lc 2:10, 11).

**“Segundo a fé comum” (v. 4).** O termo “comum” refere-se a “ter em comum”. A fé pertence a todo o povo de Deus, não apenas a uns poucos escolhidos. Cristãos de diferentes denominações podem ter características distintas, mas todos os que possuem a mesma fé salvadora compartilham “da nossa comum salvação” (Jd 3). Há um corpo definido de verdades confiado à Igreja, a “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3). Qualquer ensinamento que se desvie da “fé comum” é falso e não deve ser tolerado na congregação.

Ao recapitular essas quatro declarações, vê-se que Paulo relaciona tudo em seu ministério à Palavra de Deus. Seu chamado e sua pregação dependiam da fé em Cristo. O apóstolo desejava que Tito compreendesse tal fato e que colocasse a Palavra de Deus como prioridade em seu ministério. Observamos, ao longo das três epístolas pastorais, uma ênfase sobre o ensino da Palavra de Deus. As igrejas locais devem ser “escolas bíblicas”, em que a Palavra de Deus é ensinada de maneira sistemática e prática.

## 2. LÍDERES ORDENADOS E QUALIFICADOS (Tt 1:5-9)

Um dos motivos pelos quais Paulo deixou Tito na ilha de Creta foi para que organizasse as congregações locais, “[pondo] em ordem as coisas restantes”. Essa expressão é um termo médico e se refere a endireitar um membro torto. Tito não era o ditador espiritual da ilha, mas sim o representante apostólico oficial de Paulo, com autoridade para realizar sua obra. Fazia parte da política de trabalho de Paulo ordenar presbíteros nas igrejas que começava (At 14:23), mas o apóstolo não havia ficado tempo suficiente em Creta para ordenar esses líderes.

Tito 1:6-8 apresenta uma série de qualificações já discutidas em nosso estudo sobre 1 Timóteo 3:2, 3: “irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro”. O fato de esses critérios aplicarem-se aos cristãos da ilha de Creta, bem como àqueles da cidade de Éfeso, comprova que o padrão de Deus para os líderes não varia. Tanto as igrejas das cidades grandes quanto aquelas das cidades pequenas precisam de pessoas piedosas nos cargos de liderança.

Vejamos, agora, outras nove qualificações.

**“Que tenha filhos crentes (v. 6b).** Os filhos dos presbíteros devem ser cristãos. Afinal, se um servo de Deus não pode ganhar os próprios filhos para Cristo, como espera ser bem-sucedido com os de fora? Trata-se do mesmo princípio que Paulo enfatiza a Timóteo (1 Tm 3:5): a vida e o serviço cristãos devem começar no lar. Os filhos dos presbíteros não apenas devem ser salvos, mas também ser bons exemplos de obediência e de dedicação. Caso pudessem ser acusados de “dissolução” [vida desregrada] ou “insubordinação” [desobediência, incapacidade de se sujeitar à autoridade], desqualificariam o pai para o presbiterato. É evidente que isso se aplica aos filhos que ainda vivem com a família sob a autoridade do pai.

É comum cristãos novos na fé sentirem o chamado para o ministério e o desejo de

ser ordenados mesmo antes de terem firmado sua família na fé. Quando os filhos são pequenos, não se trata de um problema sério, mas para os filhos mais maduros, pode ser um grande choque ver que, de repente, sua família tornou-se “religiosa”! O pai sábio ganha a própria família para Cristo e lhes dá a oportunidade de crescer antes de ir para o seminário. Teríamos menos desastres no ministério, se essa política fosse seguida com mais frequência.

**“Despenseiro de Deus” (v. 7a).** Um despenseiro não possui coisa alguma; antes, administra tudo o que seu senhor lhe confia. Talvez o despenseiro (ou “mordomo”) mais conhecido da Bíblia seja José, que tinha controle absoluto sobre todos os negócios de Potifar (Gn 39:1-9). A característica mais importante do despenseiro é sua fidelidade (Mt 25:21; 1 Co 4:1, 2). Deve usar o que lhe é confiado para o bem e para a glória de seu senhor, não para os próprios interesses (ver Lc 16:1-13).

O presbítero não deve jamais dizer: “Isto é meu!” Tudo o que ele tem vem de Deus (Jo 3:27) e deve ser usado para Deus. Seu tempo, seus bens, suas ambições e talentos lhe foram dados como empréstimo pelo Senhor, e ele deve ser fiel ao usar todos esses recursos para honrar a Deus e edificar a igreja. É evidente que todos os cristãos, não apenas os pastores, devem ser despenseiros fiéis!

**“Não arrogante” (v. 7b).** Um presbítero não deve ser inflexível, sempre fazendo pressão para que sua vontade prevaleça. Por certo, os membros da igreja devem respeitar e seguir a liderança do presbítero, mas devem estar certos de que ele é, de fato, um líder, não um ditador. Um pastor inflexível é arrogante, não aceita as críticas e sugestões dos membros da sua igreja e impõe sua vontade em todas as coisas.

**“Não irascível” (v. 7c).** Não deve se irritar com facilidade. Existe uma ira justa contra o pecado (Ef 4:26), mas grande parte de nossa ira é injusta e dirigida contra pessoas. O homem reto deve irar-se diante da injustiça. Como diz um conselho sábio: “A calma é preciosa demais para ser perdida”.

**“Amigo do bem” (v. 8a).** Isso inclui a amizade com pessoas boas e o gosto por bons livros, boa música, boas causas e muitas outras coisas boas. O homem bom é aquele que tem um coração bom e se cerca de coisas boas. É difícil crer que um servo consagrado de Deus se envolveria deliberadamente com coisas nocivas a ele e a sua família.

**“Justo” (v. 8b).** Uma boa tradução para esse adjetivo é “direito”. Deve ser um homem de integridade, fiel a sua palavra e que pratica o que prega. Sua conduta é reta.

**“Piedoso” (v. 8c).** Esse termo dá a idéia de pureza e de santidade. “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pe 1:16). O radical da palavra “santo” significa “diferente”. Os cristãos são diferentes dos pecadores perdidos, pois, pela graça de Deus, são novas criaturas (2 Co 5:17).

**“Que tenha domínio de si” (v. 8d).** Trata-se de uma referência ao autocontrole e se aplica aos desejos e às ações do homem. Um termo sinônimo é “disciplinado”. O pastor deve ter disciplina quanto ao uso de seu tempo, a fim de fazer todo o seu trabalho. Deve ter disciplina quanto a seus desejos, especialmente quando membros bem-intencionados tentam empanturrá-lo com bolo e café! Deve ter a mente e o corpo sob controle, sujeitando-se ao Espírito Santo (Gl 5:23, ter “domínio próprio”).

**“Apegado à palavra fiel” (v. 9).** Paulo gostava de usar o termo *fiel* (ver 1 Tm 1:15; 4:9; 2 Tm 2:11; Tt 3:8). A Palavra de Deus é fidedigna, pois Deus não pode mentir (Tt 1:2). Uma vez que a palavra é fiel, os que ensinam e pregam a Palavra também devem ser fiéis. Paulo volta a falar da sã doutrina que vimos em 1 Timóteo 1:10. É a doutrina salutar, que promove crescimento espiritual.

Assim, os presbíteros têm dois ministérios com respeito à Palavra de Deus: (1) edificar a igreja pela sã doutrina; e (2) rejeitar os falsos mestres que espalham doutrinas perniciosas. O membro ingênuo que declara: “Não quero doutrinas; prefiro devocionais práticas!”, não sabe o que está falando. Sem a verdade (ou seja, sem a doutrina bíblica), não há ajuda nem saúde espirituais.

A menção aos que se opõem à verdadeira doutrina leva Paulo à terceira responsabilidade de Tito.

### 3. CALAR OS FALSOS MESTRES (Tt 1:10-16)

Não tardou para que falsos mestres surgissem na Igreja primitiva. Em todo lugar onde Deus semeia a verdade, Satanás logo aparece para semear mentiras. Tito enfrentava inimigos semelhantes aos descritos em 1 Timóteo: mestres que ensinavam uma mistura de legalismo judaico, tradições humanas e misticismo. Paulo apresenta três fatos acerca desses falsos mestres.

**O que eles eram pessoalmente.** Paulo não tem nada de bom a dizer sobre eles! Recusavam-se a submeter-se à Palavra de Deus ou à autoridade do servo de Deus, pois eram “insubordinados”, adjetivo que também pode ser traduzido por “rebeldes”. É preciso ter cuidado com mestres que não se sujeitam à autoridade.

Eram “palradores frívolos”. Suas palavras impressionavam as pessoas, mas não tinham qualquer conteúdo nem substância. Além disso, *falavam demais e faziam de menos*. Sabiam dizer aos outros o que fazer, mas eles próprios não praticavam o que pregavam. Ver especialmente Tito 1:16.

O mais triste é que *enganavam* as pessoas com suas doutrinas falsas. Afirmavam ensinar a verdade, quando, de fato, mascateavam ilusões. Uma vez que eles próprios eram enganados por Satanás, enganavam a outros “ensinando o que não [deviam]” (Tt 1:11).

Eram *carnais e mundanos*: “sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos” (Tt 1:12). Uma acusação e tanto! Em vez de colocarem em prática as coisas belas da vida espiritual, viviam em função dos próprios apetites. Paulo usa adjetivos extremamente fortes. Esses homens não eram apenas “feras”, mas “feras terríveis”; além de glutões, eram *preguiçosos*. Eram celebridades, não servos. Viviam à custa de seus seguidores, e (como é típico da natureza humana) seus seguidores *aceitavam essa situação com prazer!*

Paulo resume o caráter dos falsos mestres em Tito 1:16. Eram “abomináveis”, ou seja, “detestáveis, repulsivos”. Cristãos que tivessem bom senso espiritual se sentiriam absolutamente enojados com o caráter e a conduta desses homens e jamais os seguiriam. Eram “desobedientes”, porque recusavam ser persuadidos. Estavam decididos e se negavam a encarar a verdade. O adjetivo “reprovados” significa, literalmente, “incapazes de passar em um teste”. Deus não poderia usá-los, pois se mostraram inadequados. Trata-se do mesmo termo grego traduzido por “desqualificado” em 1 Coríntios 9:27.

Depois de descrever o que esses falsos mestres eram, Paulo trata de um segundo fato.

**O que eles faziam.** Estava claro que esses falsos mestres contavam mentiras de casa em casa e, desse modo, perturbavam a fé do povo. Famílias inteiras eram afetadas por suas doutrinas perniciosas. Dentre outras coisas, ensinavam o legalismo judaico (“especialmente os da circuncisão” Tt 1:10; ver 3:9) que Paulo rejeitava. Também ensinavam “fábulas judaicas” (Tt 1:14), uma expressão que provavelmente descreve interpretações fantasiosas das genealogias do Antigo Testamento (1 Tm 1:4).

Sempre me surpreendo com as coisas que algumas pessoas conseguem extrair das Escrituras! Lembro-me de uma ocasião em que participei de um programa de rádio em Chicago. Falávamos sobre profecias bíblicas, e o programa era aberto para ligações de ouvintes. Um homem telefonou e tentou monopolizar a discussão apresentando suas interpretações estranhas das profecias de Daniel. Rejeitou a explicação clara da Bíblia e ficou extremamente irritado comigo quando me recusei a concordar com suas idéias fantasiosas.

Dr. David Cooper costumava dizer: “Quando o significado mais simples das Escrituras faz sentido, não há por que buscar outras interpretações”. Não temos necessidade de encontrar “significados mais profundos” para os ensinamentos claros da Palavra de Deus. Esse tipo de abordagem à Bíblia dá espaço para o “estudioso” encontrar qualquer coisa que estiver procurando!

Uma vez que as primeiras congregações da Igreja primitiva reuniam-se nos lares, é fácil entender como “casas inteiras” (Tt 1:11) foram afetadas pelos falsos mestres. Hoje, quem tem um grupo de estudo bíblico em seu lar deve ter cuidado para não deixar que visitantes apareçam com doutrinas estranhas. Algumas seitas e religiões procuram esse tipo de reunião justamente com o propósito de infiltrar seus agentes e ganhar convertidos, de modo que é preciso ter cuidado.

**Por que o faziam.** A motivação principal desses falsos mestres era ganhar dinheiro, “por torpe ganância” (Tt 1:11). Não ministravam à igreja; usavam a religião para encher o próprio bolso. Isso explica por que Paulo coloca como requisito para os presbíteros não ser “cobiçoso de torpe ganância” (Tt 1:7). O verdadeiro servo de Deus não ministra visando interesses pessoais; antes, faz seu trabalho a fim de ajudar a outros a crescer na fé.

Mas, por trás dessa ganância, havia outro problema: a mente e a consciência deles haviam sido corrompidas (Tt 1:15). É isso o que acontece quando alguém leva vida dupla: por fora, impõe respeito; mas por dentro, está se deteriorando. Ninguém pode servir a dois senhores. Graças a seu amor ao dinheiro, esses enganadores ensinavam falsas doutrinas e levavam uma vida falsa. Como resultado, tinham a consciência corrompida, *que não os acusava*. Trata-se de mais um passo em direção à “consciência cauterizada” à qual Paulo se refere em 1 Timóteo 4:2.

Tito 1:15 é um daqueles versículos que os ignorantes tentam usar para defender suas práticas pecaminosas. A declaração: “Todas as coisas são puras para os puros” é usada como justificativa para todo tipo de pecado. Lembro-me de chamar a atenção de um adolescente sobre o tipo de livros e de revistas que ele estava lendo e de ele se defender dizendo:

– A beleza está nos olhos do observador. Quem enxerga pecado no que estou lendo, é porque seu coração deve estar cheio de malícia. Afinal, “todas as coisas são puras para os puros”.

Em primeiro lugar, Paulo refuta o falso ensinamento desses legalistas com respeito aos *alimentos*. Ensinavam que as leis alimentares judaicas ainda vigoravam para os cristãos (ver 1 Tm 4:3-5). Os que ingerissem alimentos proibidos ficariam contaminados, mas os que se abstivessem de tais alimentos se tornariam mais santos.

“É justamente o contrário”, argumenta o apóstolo. “Esses falsos mestres têm a mente e a consciência contaminadas. Assim, quando olham para esses alimentos, vêem pecado, pois o pecado corrompeu sua visão. Mas os que têm a mente e a consciência puras sabem que todos os alimentos são puros. Não são os alimentos que contaminam os mestres; são os mestres que contaminam os alimentos!”

Esse princípio, porém, não se aplica ao que sabemos ser mau. A diferença entre arte de bom gosto e pornografia, por exemplo, não está apenas “nos olhos do observador”. O verdadeiro artista não explora o corpo humano por “torpe ganância”. O cristão que se entrega a práticas eróticas pecaminosas e diz que são puras porque seu coração é puro usa a Palavra de Deus como desculpa para pecar. Paulo aplica essa declaração aos alimentos, e devemos ter cuidado para não a generalizar.

Depois de falar desses três fatos sobre os falsos mestres, Paulo trata de mais uma questão.

**O que Tito deveria fazer.** Não deveria ficar parado nem se calar, enquanto eles assumiam o controle! Em primeiro lugar, deveria “exortá-los e convencê-los” por meio da “sã doutrina” (ver Tt 1:9). A única arma eficaz contra as mentiras de Satanás é a verdade de Deus. A declaração: “Assim diz o Senhor!” é a resposta conclusiva a qualquer discussão.

Tito deveria calá-los (Tt 1:11) e evitar que ensinassem e que espalhassem falsas doutrinas. Deveria “[repreendê-los] severamente” (Tt 1:13). Paulo dá o mesmo conselho a Timóteo em sua última carta: “corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4:2).

Por certo, o objetivo de Paulo era convencer esses mestres e torná-los “sadios na fé” (Tt 1:13). Mas, ao fazê-lo, também deveria



proteger a igreja de seus ensinamentos falsos. A falsa doutrina é como o fermento: infiltra-se sem que ninguém perceba, cresce rapidamente e se espalha por toda a parte (Gl 5:9). O melhor momento de atacar a falsa doutrina é quando esta ainda se encontra no início, antes de ter a chance de se espalhar.

Alguns membros de igreja têm a idéia de que “não importa em que você crê, desde

que creia em alguma coisa”. Paulo não concordaria com essa filosofia tola. Aquilo em que cremos – a verdade da Palavra ou mentiras – determina a diferença entre a vida e a morte. Podemos escolher em que desejamos acreditar, mas não podemos mudar as conseqüências de nossa escolha. Disse Jesus: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32).

---

## COMO TER UMA IGREJA SAUDÁVEL

### TITO 2 - 3

**A**o contrário dos falsos mestres, Tito deveria “[falar] o que convém à sã doutrina” (Tt 2:1). Os falsos ensinamentos são para o corpo espiritual – a igreja – o que os micróbios são para o corpo físico. Nos versículos desta seção, há uma mistura de ensinamentos doutrinários com admoestações práticas, pois as duas coisas devem andar juntas. Paulo discute diversas áreas do ministério na igreja local.

#### 1. OS SANTOS MAIS VELHOS (Tt 2:1-4A)

É fácil um homem mais jovem como Tito não entender ou mesmo negligenciar membros mais velhos de sua congregação.

Certa vez, um pastor me disse:

– Quero uma igreja de jovens!

Esqueceu que, um dia, ele próprio envelhecerá. A igreja precisa tanto dos mais velhos quanto dos mais jovens, e uns devem ministrar aos outros. A graça de Deus permite transpor o abismo entre as gerações dentro da igreja. Isso pode ocorrer quando todos os membros, jovens e velhos, vivem de acordo com os padrões estabelecidos por Deus para sua vida.

Os mais velhos devem ser “temperantes”, o que significa que “devem ser moderados no uso do vinho”. Homens mais idosos com muito tempo livre podem acabar bebendo em excesso.

O termo “respeitáveis” significa “sérios”, mas não se refere aos que nunca riem. A idade avançada traz consigo uma dignidade que gera respeito, e esse respeito confere autoridade aos santos mais velhos. Como sou grato a Deus pelos santos respeitáveis que me ajudaram ao longo de meu ministério

pastoral! Quando se levantavam para falar, a igreja toda atentava para suas palavras.

O adjetivo “sensatos” descreve a atitude mental que conduz à prudência e ao domínio próprio na vida. É o oposto da frivolidade e da indiferença que nascem da ignorância. Em Tito 1:8, esse termo é traduzido por “sóbrio”; em 2:3, por “sérias”; em 2:6, por “criteriosos”; e em 2:5 e 12, por “sensatas”. A seriedade de vida e de propósito é importante para a vida cristã, especialmente para os santos mais velhos que não podem se dar o luxo de perder tempo, algo que não têm de sobra.

*Sadios na fé, no amor e na constância:* três coisas que andam juntas. Os homens mais velhos devem saber em que crêem, e suas convicções doutrinárias devem estar de acordo com a Palavra de Deus. O conhecimento da doutrina bíblica não substitui outras virtudes necessárias, como o amor pelos irmãos e a paciência em meio às tribulações da vida. Na verdade, a fé correta na Palavra de Deus deve estimular o cristão ao amor e à perseverança.

É possível que o termo “semelhantemente”, em Tito 2:3, seja uma indicação de que as mulheres mais velhas devem ter as mesmas qualidades que os homens mais velhos, bem como outros atributos. O “proceder” (comportamento) dessas mulheres deve sempre refletir santidade. Não devem ser caluniadoras (“que fazem acusações falsas”; o termo grego pode ser traduzido por “diabo” ou “caluniador”), ouvindo e espalhando fofocas. Também devem ser comedidas no consumo do vinho.

Tratando-se das mulheres mais velhas, a ênfase de Paulo é sobre o *ensino*: “sejam mestras do bem”. Mulheres experientes e piedosas normalmente são excelentes mestras. O verbo “instruir”, em Tito 2:4, é relacionado à palavra traduzida por “temperantes” em Tito 2:2, e provavelmente deve ser traduzido por “para que instruam a fim de tornar sóbrias”. As mulheres mais velhas não devem apenas ensinar as mais jovens a cuidar da casa, mas também colocar no coração e na mente delas as atitudes espirituais e mentais corretas.

Os cristãos mais velhos são um dos pilares do ministério da igreja local. Os aposentados têm tempo disponível para servir. É bom ver que muitas congregações estão organizando e mobilizando essas pessoas. Em meu ministério, tenho sido grandemente ajudado por santos mais velhos que sabem orar, ensinar a Palavra, visitar, resolver situações difíceis e ajudar a edificar a igreja.

## 2. OS SANTOS MAIS JOVENS (Tt 2:4B-8)

As mulheres piedosas de mais idade são responsáveis por ensinar as mais jovens a ser boas esposas, mães e donas-de-casa, e cabe às mais jovens ouvir e obedecer. O lar cristão era algo inteiramente novo, e as moças salvas do paganismo precisavam acostumar-se com uma série de prioridades e de privilégios diferentes. As que eram casadas com incrédulos precisavam de encorajamento especial.

A maior prioridade do lar deve ser o amor. A esposa que ama o marido e os filhos está no caminho certo para ter um casamento e um lar feliz. Na sociedade ocidental, o homem e a mulher apaixonam-se e se casam, mas no Oriente, os casamentos eram menos românticos. Era comum um homem e uma mulher se casarem e, depois, terem de aprender a amar um ao outro (é provável que Ef 5:18-33 seja a melhor passagem das Escrituras para o marido e a mulher que desejam amar um ao outro segundo a vontade de Deus).

Claro que a mãe ama os filhos! É um instinto natural, mas que precisa ser controlado. Certa vez, ouvi uma "mãe moderna" dizer:

- Amo demais meu filho para lhe dar umas palmadas.

Na verdade, amava apenas a si mesma, não ao filho. "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina" (Pv 13:24). Apesar de, normalmente, ser o pai quem disciplinava os filhos nos lares do Oriente, era impossível a mãe não participar da disciplina, pois, de outro modo, a criança correria para ela em busca de proteção.

"Serem sensatas" (Tt 2:5) é a conhecida referência à "sobriedade" ("temperantes" em

Tt 2:2). A forma de ver as coisas determina o resultado, e a pessoa que não pensa corretamente não age corretamente. A mulher precisa ter uma visão correta e disciplinada de seu ministério no lar. A "sensatez" dá a idéia de domínio próprio. Se os pais não disciplinarem a si mesmos, não poderão jamais disciplinar os filhos.

"Honestas" significa "puras de mente e coração". A esposa cristã deve ser fiel ao marido em sua mente e coração bem como em seus atos.

A expressão "boas donas de casa" indica que devem cuidar bem do lar. Paulo dá essa mesma recomendação em 1 Timóteo 5:14. O marido sábio permite que a esposa administre o lar, pois esse é o ministério dela.

O termo "bondosas", em Tito 2:5, pode ser traduzido por "amáveis". Ela não cuida do lar de modo autoritário, praticando, antes, "a instrução da bondade" (Pv 31:26).

Apesar de a esposa ser a "dona da casa", o marido é o líder do lar, de modo que a esposa deve ser obediente. Mas onde existe amor (Tt 2:4), a obediência não é penosa. E, onde há o desejo de glorificar a Deus, não há dificuldade que não possa ser superada.

"Para que a palavra de Deus não seja difamada." Trata-se de um excelente motivo para a cooperação e a obediência no lar. É triste ver problemas de família e até mesmo divórcios no meio dos cristãos servirem de motivo para os incrédulos zombarem da Bíblia.

Tito deveria permitir que as mulheres mais velhas ministrassem às mais jovens, a fim de que ele próprio não se visse em uma situação difícil. No entanto, deveria servir de exemplo para os rapazes, com os quais se identificaria facilmente. A exortação e o exemplo eram suas ferramentas para edificá-los na fé (Tt 2:6, 7). Deveria exortá-los a ter domínio próprio, pois as tentações eram muitas.

Mas Paulo escreve mais sobre Tito como *exemplo* do que sobre Tito como *exortador*! A melhor forma de um pastor pregar é por meio de sua vida. O ministro deve ser sempre exemplo em todas as coisas. Todas as virtudes que o pastor deseja ver em sua igreja

devem ser cultivadas, primeiramente, nele próprio. "Porque dizem e não fazem" (Mt 23:3). Dizer e não fazer é hipocrisia.

O termo grego *typos* ("padrão" em Tt 2:7) dá origem à palavra *tipo* e significava, originalmente, "uma estampa". Tito deveria viver de tal modo a imprimir sua "estampa espiritual" na vida de outros. Isso envolvia boas obras, sã doutrina, seriedade nas atitudes e discurso irrepreensível que ninguém – nem mesmo o inimigo – poderia condenar. Em todo lugar, há pessoas "do contra" sempre tentando começar uma briga. A linguagem do pastor não deve dar motivos para acusações.

Não é fácil pastorear uma igreja. O pastor não tem relógio de ponto e está sempre em serviço. É preciso ter o cuidado de praticar o que pregamos e de ser a mesma pessoa dentro e fora da igreja. A hipocrisia nas palavras ou na conduta pode acabar com o ministério. Nenhum pastor é perfeito, assim como nenhum membro da igreja é perfeito; mas cada um deve esforçar-se para dar o melhor exemplo possível. A igreja nunca se desenvolverá mais do que sua liderança.

### 3. SERVOS CRISTÃOS (Tt 2:9-15)

Paulo costumava ter algo a dizer sobre os servos (ver Ef 6:5-9; 1 Tm 6:1, 2). Essa palavra para Tito é de grande valor, pois Paulo a fundamenta em uma das maiores declarações sobre a salvação em todo o Novo Testamento. O apóstolo sempre associava a doutrina ao dever.

Paulo adverte os servos cristãos sobre três pecados comuns que deveriam evitar (Tt 2:9, 10). Em primeiro lugar, a *desobediência*. Deveriam não só obedecer a seus senhores, mas também procurar lhes agradecer, ou seja, ir além de suas obrigações. É possível obedecer sem fazê-lo "de coração" (Ef 6:6). É possível trabalhar de má vontade. Ainda mais porque alguns senhores incrédulos não demonstravam consideração e exploravam seus servos.

O segundo pecado é *responder com insolência* ("não sejam respondões", Tt 2:9). Apesar de, dificilmente, um servo conseguir levar tal insolência longe demais (seu senhor

o disciplinaria com severidade), ainda assim poderia discutir com seu senhor, uma vez que, muitas vezes, o servo sabia mais sobre o serviço do que o senhor. O servo também poderia se queixar do senhor a outros que trabalhavam com ele, o que certamente seria um péssimo testemunho cristão.

Os servos cristãos também não deveriam *furtar*. Esse foi o pecado que Onésimo cometeu contra Filemom (ver Fm 18). Não era difícil um servo furtar pequenos objetos e, depois, dizer que haviam se perdido ou quebrado.

Hoje em dia, nossa sociedade não tem mais servos, mas ainda existem empregados. Os funcionários cristãos devem obedecer às ordens sem responder com insolência. Não devem roubar de seus patrões. Empresas perdem milhões de dólares por ano por causa de funcionários que furtam de tudo, desde clipes de papel e lápis até máquinas e automóveis da empresa. "Eles me devem isso!" ou "Eu mereço!" não são desculpas.

Paulo dá um bom motivo para os empregados cristãos se mostrarem confiáveis ("dêem prova de toda fidelidade"): para "ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus". Quando servimos fielmente, "adoramos a Palavra" e tornamos a mensagem cristã atraente para os incrédulos. Quando Paulo se dirigiu aos servos da igreja de Timóteo (1 Tm 6:1), usou a forma negativa, "para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados". Nossa vida deve ser controlada tanto pela motivação positiva – tornar a mensagem de Deus atraente – quanto pela negativa – evitar que os preceitos de Deus sejam difamados.

Aqui (Tt 2:11), Paulo expande o significado de "Salvador" (Tt 2:10) ao explicar o que faz parte dessa salvação que recebemos por meio de Jesus Cristo. A ênfase é sobre a graça – o favor superabundante de Deus pelos pecadores indignos. O apóstolo destaca três ministérios maravilhosos da graça de Deus (Tt 2:11-14).

**A graça nos redime (vv. 11, 14a).** Uma vez que o ser humano não é capaz de salvar a si mesmo, a graça de Deus teve de trazer salvação para a humanidade. Essa

salvação não foi descoberta pelos pecadores; antes, lhes foi revelada pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Em sua graça, Deus enviou seu Filho para remir os que eram escravos do pecado. Essa salvação é para “todos os homens” que a aceitarem (ver 1 Tm 2:4-6). Existe uma necessidade universal que Deus supre com sua provisão universal aos que crêem.

Paulo explica essa salvação em mais detalhes (Tt 2:14). Cristo “a si mesmo se deu por nós”, o que significa que se tornou nosso substituto. “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1 Pe 2:24). O termo “remir” significa “libertar ao pagar um preço”. Éramos escravos do pecado (Tt 3:3) e não poderíamos nos libertar; mas Jesus Cristo entregou-se como resgate por nossas transgressões. Por meio de sua morte, cumpriu os preceitos justos da lei santa de Deus, para que Deus em sua graça pudesse perdoar e libertar os que crêem em Cristo.

Fomos remidos “de toda iniquidade”, o que significa que o pecado não deve mais ser senhor sobre nossa vida (convém lembrar o contexto dessa passagem: o conselho de Paulo aos servos; eles sabiam o que significava “remir”). “Iniquidade” é o mesmo que ilegalidade. Antes de sermos salvos, não nos sujeitávamos à lei de Deus; mas houve uma transformação. Com isso, Paulo passa ao segundo ministério da graça de Deus.

**A graça nos regenera (vv. 12, 14b).** A salvação não é apenas uma mudança de situação (libertos da escravidão do pecado), mas também uma mudança de atitudes, apetites, ambições e ações. A mesma graça que nos redime nos regenera e nos torna piedosos. O verbo “educar” tem o sentido de “disciplinar”. Somos disciplinados pela graça de Deus, educados para ser pessoas que o glorificam.

A vida de piedade envolve tanto aspectos negativos quanto positivos. Negamos “as coisas que há no mundo” e tudo o que “não procede do Pai” (ver 1 Jo 2:15-17). O verbo significa que fazemos isso de uma vez por todas. É um assunto resolvido. Em seguida, trabalhamos com o positivo. Vivemos de

forma “sensata”, o adjetivo sobre o qual falamos anteriormente e que corresponde a “ter domínio próprio, prudência, moderação” (ver Tt 2:2). A ênfase da sensatez é sobre o relacionamento do cristão consigo mesmo, enquanto a conduta justa refere-se ao relacionamento com outras pessoas. “Piedosamente” é como devemos viver em nosso relacionamento cristão com o Senhor. No entanto, essas três qualidades não devem ser separadas.

Os cristãos vivem “no presente século”, mas não *em conformidade com ele nem para ele*. Cristo nos remiu “deste mundo perverso” (Gl 1:4), e não devemos nos conformar com ele (Rm 12:1, 2). Também não devemos andar segundo seus padrões (Ef 2:2). Provamos “os poderes do mundo vindouro” (Hb 6:5), e não devemos ter o desejo de nos dedicar ao presente século com sua superficialidade e impiedade.

A graça nos regenera, pois Deus nos purifica e nos toma para si (Tt 2:14b). Esse processo de purificação é chamado de “santificação”, e seu objetivo é tornar o cristão mais semelhante a Jesus Cristo (Rm 8:29). A santificação não é apenas a separação do pecado, mas também a dedicação a Deus (2 Co 6:14 - 7:1). Somos um povo “exclusivamente seu”, ou seja, um “povo santo ao SENHOR” (ver Dt 14:2; 26:18).

**A graça nos recompensa (v. 13).** Esperamos pela volta de Jesus Cristo; essa é nossa única esperança e glória. Esse versículo afirma, claramente, que Jesus Cristo é Deus, pois, no grego, o artigo é definido: “o nosso grande Deus e Salvador”. Paulo não trata, em detalhes, dos acontecimentos relacionados à volta de Cristo. Os cristãos devem viver na expectativa de sua volta, como os que o verão face a face.

#### **4. OS CRISTÃOS COMO CIDADÃOS (Tt 3:1-8)**

Era comum o império romano ver os cristãos com certa suspeita, uma vez que sua conduta era tão diferente e que realizavam cultos particulares (ver 1 Pe 2:11-25; 3:13 - 4:5). Assim, era importante que fossem bons cidadãos, sem fazer qualquer concessão

indevida com respeito às questões da fé. Talvez seus vizinhos pagãos desobedeçam à lei, mas os cristãos deveriam sujeitar-se à autoridade do Estado (ver Rm 13). “Estejam prontos para toda boa obra” (Tt 3:1) significa “sejam cooperativos nos assuntos que envolvem toda a comunidade”. A cidadania celestial (Fp 3:20) não nos isenta de nossas responsabilidades como cidadãos da Terra.

O cristão não deve ter uma atitude negativa com relação ao governo, fazendo acusações caluniosas e criando polêmicas. O termo “cordatos” (Tt 3:2) refere-se a uma “atitude de moderação, a uma razoabilidade amável”. Os cristãos com essa qualidade não são legalistas; antes, estão dispostos a fazer concessões, desde que estas não envolvam questões morais.

Mais uma vez, Paulo associa o dever à doutrina. “Não sejam excessivamente críticos com seus vizinhos pagãos”, escreve o apóstolo. “Lembrem-se como vocês viviam antes de serem salvos por Deus!” Não é preciso explicar Tito 3:3 em detalhes; sabemos por experiência própria, o que significa.

Que diferença “a benignidade de Deus” (Tt 3:4) fez na vida deles! Há uma bela ilustração da “benignidade de Deus”, em 2 Samuel, na forma de Davi tratar Mefibosete, o príncipe aleijado. Uma vez que fazia parte da família de Saul, Mefibosete esperava ser morto. Mas, em sua benignidade, Davi poupou sua vida e o acolheu como um de seus filhos à mesa do palácio.

Recebemos a salvação não apenas por causa da benignidade e do amor de Deus, mas também por causa de sua misericórdia (Tt 3:5). Não salvamos a nós mesmos: “ele nos salvou”. Como ele o fez? Por meio do milagre do novo nascimento, por obra do Espírito Santo de Deus. Não creio que o lavar refira-se ao batismo, pois no Novo Testamento as pessoas eram batizadas *depois* de ser salvas, não para receber a salvação (ver At 10:43-48). Aqui, o lavar é “ser banhado por inteiro”. Quando um pecador crê em Jesus Cristo, é purificado de todos os pecados e é transformado em “nova criatura”, pois o Espírito Santo passa a habitar nele.

Paulo relaciona a mesma experiência de purificação à Palavra de Deus (Ef 5:26). A salvação é concedida ao pecador quando ele crê em Cristo, quando o Espírito Santo de Deus usa a Palavra de Deus para realizar o novo nascimento. Somos nascidos do *Espírito* (Jo 3:5, 6, em que a “água” refere-se ao nascimento físico mencionado anteriormente por Nicodemos, Jo 3:4) e da *Palavra* (1 Pe 1:23-25). Em Tito 3:6, o pronome “que” deveria ser “quem” ou “o qual”, pois se refere ao Espírito Santo que nos é dado quando nos convertemos (At 2:38; Rm 5:5; 8:9).

Nós, cristãos, não apenas fomos lavados e regenerados em Cristo, como também fomos *justificados* (Tt 3:7). Essa doutrina maravilhosa é discutida detalhadamente em Romanos 3:21 a 8:39: A justificação é o ato da graça de Deus pelo qual ele declara justo o pecador que crê em função da obra consumada de Cristo na cruz. Deus deposita em nossa conta a justiça de seu Filho, de modo que não podemos mais ser condenados. Ele não apenas esquece nossos pecados, como também esquece que fomos pecadores!

Qual é o resultado dessa bondade, desse amor, dessa misericórdia e graça? Por causa de tudo isso, é possível lançar mão das riquezas de Cristo no presente e, quando ele voltar, ter parte nessas riquezas e em seu reino para sempre. Trata-se da mesma esperança mencionada em Tito 2:13: “aguardando a bendita esperança”. No entanto, há mais um elemento envolvido: deve-se viver de modo piedoso e “[ser] solícitos na prática de boas obras” (Tt 3:8). A única evidência que o mundo incrédulo tem de que pertencemos a Deus é nossa vida de piedade.

As “boas obras” não são, necessariamente, de caráter religioso. É bom trabalhar na igreja, cantar no coral e ter um cargo oficial, mas também é bom servir aos ainda não convertidos, ajudar na comunidade e ser conhecidos como pessoas que socorrem os necessitados. Ajudar uma jovem mãe cansada a cuidar de seu bebê é um trabalho tão espiritual quanto distribuir folhetos evangelísticos. A melhor maneira de uma igreja

local dar seu testemunho é por meio do serviço sacrificial de seus membros.

### 5. PESSOAS PROBLEMÁTICAS (Tt 3:9-11)

Gostaríamos que não houvesse “pessoas problemáticas” em nossas igrejas, mas onde há gente, pode haver problemas. Nesse caso, Paulo adverte Tito a evitar pessoas que gostam de discutir coisas triviais da fé. Lembrome de uma ocasião em que fui abordado por um rapaz depois de um estudo bíblico e acabei me envolvendo em uma série de perguntas hipotéticas sobre doutrina. Quase tudo o que ele dizia começava com “suponhamos que...”. Na época, eu era bastante inexperiente e não sabia que deveria tê-lo ignorado gentilmente. Por causa dessa discussão, perdi a oportunidade de conversar com várias pessoas sinceras com problemas pessoais e que desejavam ser ajudadas. Aprendi que cristãos que gostam de discutir sobre a Bíblia normalmente estão encobrendo algum pecado em sua vida, são extremamente inseguros e, muitas vezes, infelizes no trabalho ou em casa.

Há, porém, outro tipo de pessoa problemática com a qual precisamos lidar: o “herege”. Essa palavra significa “alguém que faz uma escolha, pessoa que causa divisão”. Trata-se de um indivíduo obstinado, que acredita estar certo e que obriga as pessoas na igreja a fazerem uma escolha. “Você vai me apoiar ou vai apoiar o pastor?” Essa é uma obra da carne (ver Gl 5:20). Alguém assim deve ser admoestado pelo menos duas vezes e, depois, expulso da congregação.

Como aplicar esse princípio à igreja local? Permita-me dar uma sugestão. Se um membro da igreja começa a granjear seguidores e depois se exaspera e deixa a igreja, deve-se deixá-lo partir. Se ele voltar (talvez

outras igrejas também não o queiram) e demonstrar uma atitude de arrependimento, deve ser recebido de volta. Se ele repetir esse comportamento (como acontece com frequência), deve ser recebido de volta pela segunda vez. Mas se isso ocorrer pela terceira vez, não se deve recebê-lo de volta na comunhão da igreja (Tt 3:10). Por que não? “Pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada” (Tt 3:11). Se mais igrejas seguissem esse princípio, teríamos menos “cristãos itinerantes” que causam problemas em várias igrejas.

### 6. CONCLUSÃO (Tt 3:12-15)

Nestes últimos versículos, Paulo transmite algumas informações pessoais a Tito e o lembra do tema principal da carta: instar o povo de Deus a “que aprendam também a distinguir-se nas boas obras a favor dos necessitados, para não se tornarem infrutíferos” (Tt 3:14).

Não se sabe coisa alguma sobre Ártemas. Tíquico é mencionado em Atos 20:4. Permaneceu com Paulo na primeira ocasião em que o apóstolo foi prisioneiro em Roma e levou as epístolas de Paulo aos Efésios (Ef 6:21), aos Colossenses (Cl 4:7, 8) e a Filemom (cf. Cl 4:7-9 e Fm 10). Ártemas ou Tíquico substituiria Tito em Creta, e Tito deveria encontrar-se com Paulo em Nicópolis.

Pode ser que Zenas e Apolo (ver At 18:24ss; Tt 3:13) tenham levado esta carta para Tito. Paulo os enviara em uma missão, e Tito deveria ajudá-los em tudo o que fosse possível.

Paulo termina sua carta a Tito com uma variação de sua bênção habitual (ver 2 Ts 3:17, 18): “A graça seja com todos vós”.

A graça e as boas obras andam juntas!

# FILEMOM

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** O perdão cristão

**Versículo-chave:** Filemom 15-16

### I. APRECIÇÃO - 1-7 - "DOU GRAÇAS AO MEU DEUS"

- A. O amor de Paulo - 1-3
- B. As ações de graças de Paulo - 4, 5, 7
- C. A oração de Paulo - 6

### II. APELO - 8-16 - "SOLICITO-TE"

- A. O caráter de Filemom - 8, 9

- B. A conversão de Onésimo - 10-14

- C. A providência de Deus - 15, 16

### III. GARANTIA - 17-25 - "EU PAGAREI"

- A. A parceria de Paulo - 17-19
- B. A certeza de Paulo - 20-22
- C. As saudações de Paulo - 23-25

## CONTEÚDO

- 1. Um conto de duas cidades  
(Fm 1-25)..... 350



# UM CONTO DE DUAS CIDADES

FILEMOM 1-25

**P**aulo era prisioneiro em Roma, seu amigo Filemom estava em Colossos, e o elo entre os dois era um escravo fugido chamado Onésimo. Os detalhes não ficam claros, mas, ao que parece, Onésimo havia roubado de seu senhor e, depois, fugido para Roma, na esperança de desaparecer no meio da multidão da metrópole populosa. Mas, pela providência de Deus, ele se encontrou com Paulo e se converteu!

E agora? Talvez Onésimo devesse ficar com Paulo, que precisava de toda ajuda possível. Mas e quanto às responsabilidades do servo para com seu senhor em Colossos? Por lei, o senhor tinha permissão de executar um escravo que se rebelasse, mas Filemom era cristão. Se perdoasse Onésimo, o que os outros senhores (e escravos) pensariam? E se o castigasse, de que maneira isso afetaria o seu testemunho? Que dilema!

É provável que Tíquico e Onésimo tenham levado esta carta a Colossos junto com a Epístola aos Colossenses (Cl 4:7-9). Nela, vemos Paulo em três papéis importantes ao tentar ajudar Filemom a resolver seu problema. Ao mesmo tempo, observamos uma bela imagem do que o Pai fez por nós em Jesus Cristo. Martinho Lutero disse bem: "Todos nós somos Onésimos!".

## 1. PAULO, O AMIGO AMADO (FM 1-7)

Paulo não havia fundado a igreja em Colossos nem a havia visitado (Cl 1:1-8; 2:1). É provável que essa igreja tenha começado como resultado de seu ministério em Éfeso (At 19:10, 20, 26) e que Epafras fosse o pastor fundador (Fm 23). A igreja reunia-se na casa de Filemom e Áfia, sua esposa. Alguns

acreditam que Arquipo era filho de Filemom, mas não sabemos ao certo. Talvez fosse o presbítero substituto de Epafras, que havia ido a Roma para ajudar Paulo. Se esse é caso, fica explicada a forte admoestação de Paulo a Arquipo em Colossenses 4:17, uma carta escrita para a igreja toda.

Nessa saudação, Paulo expressa seu amor profundo pelos seus amigos cristãos e os lembra de que estava preso por causa de Jesus Cristo (ver também Fm 9, 10, 13, 23). Timóteo é incluído na saudação, apesar de o conteúdo principal da carta ser do coração de Paulo para o coração de Filemom. O ministério de Paulo era um trabalho de "equipe", e, ao escrever suas cartas, costumava incluir o nome de seus colaboradores. Gostava de usar os termos "cooperador" e "companheiro" (ver Rm 16:3, 9, 21; 1 Co 3:9; Fp 2:25; 4:3; Cl 4:11).

As igrejas do Novo Testamento reuniam-se nos lares (Rm 16:5, 23; 1 Co 16:19), e talvez a igreja na casa de Filemom fosse uma das duas congregações de Colossos (Cl 4:15). Paulo havia ganhado Filemom para Cristo (ver Fm 19), e Filemom havia se tornado uma bênção para outros cristãos (Fm 7).

O apóstolo costumava começar suas cartas com palavras de gratidão e louvor a Deus (Gálatas é uma exceção). Nessas ações de graças, Paulo descreve seu amigo como um homem de amor e de fé, tanto para com Jesus Cristo quanto para com o povo de Deus. Seu amor era prático: ele "reanimava" os santos por meio de suas palavras e de seu trabalho.

Paulo diz a Filemom que está orando por ele e pedindo a Deus que lhe dê um testemunho eficaz ("a comunhão da tua fé") de modo que outros venham a crer em Jesus Cristo. Também ora para que seu amigo tenha uma compreensão mais profunda do que possui em Jesus Cristo. Afinal, quanto mais conhecemos a Cristo e experimentamos suas bênçãos, mais desejamos compartilhar essas bênçãos com outros.

## 2. PAULO, O INTERCESSOR SUPLICANTE (FM 8-16)

Estima-se que havia cerca de seis milhões de escravos no império romano, homens e

mulheres tratados como mercadoria a ser comprada e vendida. Um provérbio conhecido da época dizia: “O número de escravos é o número de inimigos!” O escravo que fazia serviços gerais era vendido por cerca de quinhentos denários (um denário equivalia ao que um trabalhador comum recebia em um dia), enquanto os escravos mais instruídos e habilidosos poderiam ser vendidos por até cinqüenta mil denários. O senhor poderia libertar um escravo ou o próprio escravo comprar sua liberdade, caso conseguisse levantar a soma equivalente a seu preço (At 22:28).

Se um escravo fugia, o senhor registrava seu nome e descrição junto às autoridades, e o escravo era colocado na lista de “procurados”. Qualquer cidadão livre que encontrasse o escravo poderia assumir a custódia deste e até interceder junto ao proprietário. O escravo não era devolvido de imediato ao senhor nem condenado automaticamente à morte. Apesar de ser verdade que muitos senhores eram cruéis (um homem jogou um de seus escravos em um tanque cheio de peixes carnívoros!), muitos deles também eram justos e humanos. Afinal, um escravo era uma propriedade pessoal de grande valor, e custava caro perdê-lo.

Ao interceder por Onésimo, Paulo apresenta cinco apelos veementes. Começa com a reputação de Filemom como homem que abençoava a outros. A expressão “pois bem”, em Filemom 8, tem o sentido de “portanto”. Uma vez que Filemom era um cristão que reanimava a outros, Paulo desejava dar-lhe a oportunidade de reanimar seu coração! Filemom havia sido uma grande bênção para muitos santos e, agora, seria uma bênção para um de seus escravos que acabara de se converter!

Paulo poderia ter utilizado sua autoridade apostólica para ordenar que seu amigo lhe obedecesse, mas preferiu rogar-lhe em nome do amor cristão (Fm 9). Podemos ver como o apóstolo usa de muito tato ao lembrar Filemom de sua situação pessoal: “Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus” (Fm 9). Vindo de um santo aflito como Paulo, o pedido era irrecusável! É provável que, nessa época, o apóstolo estivesse com

cerca de 60 anos, o que, para os homens daquele tempo, era uma idade avançada. Além do caráter bondoso de Filemom e do amor cristão, Paulo apela também para a conversão de Onésimo (Fm 10). Onésimo não era mais “apenas um escravo”; havia se tornado filho de Paulo na fé e irmão de Filemom em Cristo! Em Jesus Cristo, “não pode haver [...] nem escravo nem liberto” (Gl 3:28). Isso não significa que a conversão de Onésimo alterou sua situação legal como escravo, nem que cancelou sua dívida para com a lei ou para com seu senhor. Mas quer dizer que, diante de Deus e do povo de Deus, Onésimo havia passado a ocupar uma nova posição, e Filemom devia levar isso em consideração.

No quarto apelo, Paulo relata como Onésimo foi valioso para ele em seu ministério em Roma (Fm 11-14). O nome *Onésimo* quer dizer “útil”, de modo que Filemom 11 apresenta um jogo de palavras. (O nome *Filemom* quer dizer “afetuoso” ou “aquele que é bondoso”. Se era esperado do escravo que ele fizesse jus a seu nome, o que dizer de seu senhor?) Paulo amava Onésimo e o teria mantido consigo em Roma como colaborador, mas não desejava dizer a Filemom o que fazer. O Senhor deseja de seus filhos sacrifício e serviço voluntários, motivados pelo amor.

O quinto apelo diz respeito à providência de Deus (Fm 15, 16). Paulo não é dogmático (usa a expressão “Pois acredito que...”) ao fazer esta declaração importante: como cristãos, devemos crer que Deus está no controle até das experiências mais difíceis da vida. Deus permitiu que Onésimo fosse a Roma para que pudesse encontrar-se com Paulo e se converter (sem dúvida, Filemom e sua família haviam testemunhado ao escravo e orado por ele). Onésimo partiu para que pudesse voltar. Ficou longe por algum tempo para que ele e seu senhor ficassem juntos para sempre. Partiu para Roma como escravo, mas voltaria a Colossos como irmão. Quanta bondade de Deus governar e prevalecer sobre estas coisas!

Ao recapitular estes cinco apelos, podemos ver como Paulo usou de grande

ternura para convencer o amigo Filemom a receber seu escravo desobediente de volta e perdoá-lo. Mas não seria fácil para Filemom fazer isso. Se fosse brando demais com Onésimo, poderia influenciar outros escravos a “se converterem” e a influenciarem seus senhores. Se fosse duro demais com ele, isso afetaria seu testemunho e ministério em Colossos.

Então, Paulo oferece a solução perfeita. Trata-se de uma solução dispendiosa, no que diz respeito ao apóstolo, mas ele está disposto a pagar o preço.

### 3. PAULO, O COMPANHEIRO PREOCUPADO (Fm 17-25)

O termo traduzido por “companheiro” é *koinonia*, que significa “ter em comum”. Em Filemom 6, é traduzido por “comunhão”. Paulo oferece-se para ser “sócio” de Filemom e ajudá-lo a resolver o problema com Onésimo. Faz duas sugestões: “recebe-o, como se fosse a mim” e “lança tudo [o que ele roubou de ti] em minha conta”.

Como novo “sócio” de Filemom, Paulo não tinha como sair de Roma e ir a Colossos, mas poderia enviar Onésimo como seu representante pessoal. “Trate Onésimo como você me trataria”, diz o apóstolo. “Eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração” (Fm 12).

Para mim, trata-se de uma ilustração do que Jesus Cristo fez por nós, os que cremos nele. O povo de Deus é identificado de tal modo com Jesus Cristo que ele nos recebe da mesma forma como recebe seu Filho! Somos aceitos “no Amado” (Ef 1:6) e vestidos com sua justiça (2 Co 5:21). Por certo, não podemos nos aproximar de Deus por algum mérito próprio, mas Deus nos recebe quando nos achegamos a ele “em Jesus Cristo”. O termo “receber”, em Filemom 17, significa “receber no seu círculo familiar”. Imagine um escravo ser aceito na família de seu senhor! Mais maravilhoso ainda é um pecador perdido ser aceito na família de Deus!

Paulo não sugere que Filemom ignore os crimes do escravo e esqueça o que Onésimo lhe devia. Antes, oferece pagar essa dívida do próprio bolso: “lance tudo em

minha conta e eu pagarei”. A linguagem que Paulo usa em Filemom 19 é muito parecida com a de uma nota promissória legal da época. Essa é a garantia do apóstolo a seu amigo de que a dívida seria paga.

É preciso mais do que amor para resolver problemas; o amor deve pagar um preço. Deus não nos salvou por seu amor, pois, apesar de amar o mundo inteiro, nem todos são salvos. Deus salva os pecadores pela graça (Ef 2:8, 9), e a graça é o amor que paga um preço. Em sua santidade, Deus não poderia ignorar nossa dívida, pois Deus deve ser fiel à própria Lei. Assim, ele pagou a dívida por nós!

Os teólogos chamam isso de “doutrina da imputação” (*imputar* significa “depositar na conta”). Quando Jesus Cristo morreu na cruz, meus pecados foram colocados na conta dele, e o Senhor foi tratado da maneira como eu deveria ter sido. Quando o aceitei como Salvador, sua justiça foi depositada na minha conta, e, agora, Deus me aceita em Jesus Cristo. Jesus disse ao Pai: “ele não lhe deve mais coisa alguma, pois eu paguei tudo na cruz. Receba-o como receberia a mim. Aceite-o no círculo da família!”

É preciso sempre lembrar, porém, que há uma diferença entre ser aceito em Cristo e ser aceitável para Cristo. Todo o que crê em Jesus Cristo como Salvador é aceito nele (Rm 4:1-4). Mas o cristão deve esforçar-se de modo a, com a ajuda de Deus, ser aceitável ao Senhor em sua vida diária (Rm 12:2; 14:18; 2 Co 5:9; Hb 12:28). O Pai deseja olhar para os que estão no Filho e dizer sobre eles o mesmo que disse sobre Jesus: “Em ti me comprazo” (Mc 1:11).

Filemom 19 dá a entender que foi Paulo quem levou Filemom à fé em Cristo. O apóstolo usa esse relacionamento especial para incentivar o amigo a receber Onésimo. Filemom e Onésimo não eram apenas irmãos espirituais no Senhor, mas também tinham o mesmo “pai espiritual” – Paulo! (ver Fm 10 e 1 Co 4:15).

Será que, em Filemom 21, Paulo está insinuando que Filemom deve ir além e libertar Onésimo? Nesse caso, por que o apóstolo não é mais claro e objetivo e condena a

escravidão? Sem dúvida, esta carta seria a ocasião ideal para fazê-lo. Paulo não “condena” a escravidão nem aqui nem em qualquer outra de suas epístolas, apesar de, em várias ocasiões, ter uma palavra de admoestação para os servos e seus senhores (Ef 6:5-9; Cl 3:22 – 4:1; 1 Tm 6:1, 2; Tt 2:9, 10). Na verdade, encoraja os escravos cristãos a obter sua liberdade quando possível (1 Co 7:21-24).

Durante a Guerra Civil nos Estados Unidos, os dois lados recorriam à Bíblia para “provar” que estavam certos em defender ou condenar a escravidão. Um argumento bastante usado na época era: “Se a escravidão é tão errada, por que Jesus e os apóstolos não disseram coisa alguma a esse respeito? Paulo dá instruções que *regulam* a escravidão, mas não a condena”.

Uma das melhores explicações é dada por Alexander MacLaren em seu comentário sobre Colossenses em *The Expositor's Bible* (Eerdmans, 1940, vol. VI, p. 301):

Em primeiro lugar, a mensagem do cristianismo é dirigida, principalmente, a indivíduos e, apenas de modo secundário, à sociedade. Deixa ao encargo das unidades que influenciou o trabalho de influenciar as massas. Em segundo lugar, atua sobre atitudes espirituais e morais e, somente depois disso e em decorrência de tais atitudes, sobre atos ou instituições. Em terceiro lugar, essa mensagem abomina a violência e confia inteiramente na consciência esclarecida. Assim, não se envolve diretamente com nenhuma estrutura política ou social, mas declara princípios que afetam profundamente tais estruturas e instila seus princípios na consciência geral.

Se os primeiros cristãos tivessem começado campanhas contra a escravidão, teriam sido exterminados pela oposição, e a mensagem do evangelho teria sido confundida com uma plataforma social e política. Convém lembrar como foi difícil abolir a escravidão na Inglaterra e nos Estados Unidos, duas nações com uma população relativamente instruída e

com a presença da religião cristã para ajudar a preparar o caminho. Também devemos lembrar das lutas dos movimentos mais recentes em prol dos direitos civis, até mesmo dentro da igreja. Se foi tão difícil vencer a batalha nos séculos XIX e XX, imagine como teria sido esse conflito *no século I?*

Os cristãos são o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5:13-16), e sua influência espiritual deve ser sentida na sociedade para a glória de Deus. O Senhor usou José no Egito, Ester na Pérsia e Daniel na Babilônia, e, ao longo de toda a história da Igreja, cristãos têm ocupado cargos políticos e servido ao Senhor fielmente. Mas os cristãos do império romano não poderiam trabalhar por meio das estruturas políticas e democráticas locais como podemos fazer hoje em dia, de modo que não tinham qualquer poder político para causar transformações. Foram necessários vários séculos para acabar com a escravidão, e a mudança teve de vir de dentro para fora.

Paulo encerra esta carta com seus pedidos e saudações pessoais costumeiros. Estava certo de que seria liberto e visitaria Filemom e Áfia em Colossos (como indica o uso dos pronomes no plural em Fm 22). Até mesmo esse fato serviria de incentivo a Filemom seguir as instruções de Paulo, pois certamente não desejava sentir-se envergonhado ao se encontrar pessoalmente com o apóstolo.

Como vimos, é provável que Epafras fosse o pastor da igreja e que havia ido a Roma para ajudar Paulo. Não sabemos se ele era um “prisioneiro voluntário” por amor a Paulo ou se era, de fato, prisioneiro dos romanos. De qualquer modo, devemos louvá-lo por sua dedicação a Cristo e ao apóstolo.

João Marcos, que estava com Paulo (Cl 4:10), era o rapaz que o havia abandonado na primeira viagem missionária (At 12:12, 25; 15:36-41). Paulo havia perdoado Marcos e era grato pelo seu ministério fiel (ver 2 Tm 4:11).

Aristarco era de Tessalônica e acompanhou Paulo a Jerusalém e, depois, a Roma (At 19:29; 27:2). Demas é mencionado três vezes nas cartas de Paulo: “Demas e Lucas,

meus cooperadores" (Fm 24), "Saúda-vos [...] Demas" (Cl 4:14) e "Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou" (2 Tm 4:10). João Marcos falhou, mas foi restaurado. Demas parecia estar indo bem, mas caiu.

Lucas, obviamente, é o "médico amado" (Cl 4:14) que acompanhou Paulo, ministrou

ao apóstolo e, por fim, escreveu o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos.

A bênção de Paulo é a "assinatura oficial" de suas cartas (2 Ts 3:17, 18) e exalta a graça de Deus. Afinal, foi a graça de Jesus Cristo que tornou possível a salvação (Ef 2:1-10). Foi ele quem disse: "Lança tudo em minha conta! Recebe-os como se fosse a mim!"

# HEBREUS

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Avançar rumo à maturidade

**Versículo-chave:** Hebreus 6:1

### I. UMA PESSOA SUPERIOR: CRISTO – CAPÍTULOS 1 – 6

- A. Superior aos profetas – 1:1-3
- B. Superior aos anjos – 1:4 – 2:18  
(*Exortação:* desviando-se da Palavra, 2:1-4)
- C. Superior a Moisés – 3:1 – 4:13  
(*Exortação:* duvidando da Palavra, 3:7 – 4:13)
- D. Superior a Arão – 4:14 – 6:20  
(*Exortação:* demorando a ouvir a Palavra, 5:11 – 6:20)

### II. UM SACERDÓCIO SUPERIOR: MELQUISEDEQUE – CAPÍTULOS 7 – 10

- A. Uma ordem superior – 7
- B. Uma aliança superior – 8
- C. Um santuário superior – 9
- D. Um sacrifício superior – 10  
(*Exortação:* desprezando a Palavra, 10:26-39)

### III. UM PRINCÍPIO SUPERIOR: A FÉ – CAPÍTULOS 11 – 13

- A. Os grandes exemplos de fé – 11

- B. A perseverança da fé – disciplina – 12  
(*Exortação:* desafiando a Palavra, 12:14-29)
- C. Exortações práticas finais – 13

## CONTEÚDO

- 1. Alguém está ouvindo?  
(Hb 1:1-3)..... 356
- 2. Maior do que os anjos  
(Hb 1:4 – 2:18)..... 362
- 3. Maior do que Moisés  
(Hb 3:1 – 4:13)..... 368
- 4. Maior do que Arão, o Sumo  
Sacerdote (Hb 4:14 – 5:10)..... 374
- 5. Os peregrinos devem progredir  
(Hb 5:11 – 6:20)..... 380
- 6. O misterioso Melquisedeque  
(Hb 7)..... 387
- 7. A aliança superior  
(Hb 8)..... 393
- 8. O santuário superior  
(Hb 9)..... 399
- 9. O sacrifício superior  
(Hb 10)..... 405
- 10. Fé – o maior poder do mundo  
(Hb 11)..... 411
- 11. Continuem correndo!  
(Hb 12)..... 417
- 12. Uma fé visível  
(Hb 13)..... 423

## ALGUÉM ESTÁ OUVINDO?

HEBREUS 1:1-3

Um homem de Leeds, na Inglaterra, foi ao médico para saber como estava sua audição. O médico removeu o audífono e, no mesmo instante, a audição do paciente melhorou! Ele havia usado o aparelho no ouvido errado por vinte anos!

Certa vez, perguntei a um pastor amigo meu:

- Você tem um ministério especial para surdos na sua igreja?

- Às vezes - ele respondeu -, acho que a igreja toda precisa desse ministério... Ninguém parece estar ouvindo!

Há uma diferença entre *escutar* e *ouvir* de fato. Jesus exclamou em várias ocasiões: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!" Essa declaração indica que, a fim de ouvir a voz de Deus, é preciso ter mais do que dois ouvidos. Também é preciso ter um coração receptivo. "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3:7, 8).

Muita gente evita a Epístola aos Hebreus e, em decorrência disso, se priva de ajuda espiritual prática. Alguns evitam este livro porque "têm medo" dele. As "advertências" em Hebreus causam mal-estar. Outros o evitam porque o consideram "difícil demais" para a pessoa comum que está estudando a Bíblia. Por certo, Hebreus apresenta algumas verdades profundas, e nenhum pregador ou mestre ousaria afirmar que as conhece todas! No entanto, a mensagem geral do livro é clara, e não há motivo para não a compreendermos, sendo beneficiados por ela.

Talvez a melhor maneira de começar o estudo de Hebreus seja observando cinco características desta epístola

### 1. É UM LIVRO DE ESTIMATIVAS

O termo *superior* é usado treze vezes nessa epístola, à medida que o autor mostra a superioridade de Jesus Cristo e de sua salvação em relação ao sistema religioso hebraico. Cristo é "superior aos anjos" (Hb 1:4). Ele trouxe uma "esperança superior" (Hb 7:19), pois ele é o Mediador de uma "superior aliança instituída com base em superiores promessas" (Hb 8:6).

Outro termo que aparece repetidamente ao longo do livro é *perfeito*; no original grego, é usado catorze vezes. Significa uma posição perfeita diante de Deus. Essa perfeição jamais poderia ser alcançada pelo sacerdócio levítico (Hb 7:11), pela Lei (Hb 7:19) nem pelo sangue de sacrifícios de animais (Hb 10:1). Jesus Cristo entregou-se como oferta única pelo pecado e, desse modo, "aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados" (Hb 10:14).

Assim, o autor faz um contraste entre o sistema da Lei no Antigo Testamento e o ministério da graça no Novo Testamento. Deixa claro que o sistema religioso judaico não pode oferecer as "coisas superiores" eternas encontradas em Jesus Cristo.

O adjetivo *eterno* é o terceiro termo importante para a mensagem de Hebreus. Cristo é o "Autor da salvação eterna" (Hb 5:9). Por meio de sua morte, ele "[obteve] eterna redenção" (Hb 9:12) e compartilha com os cristãos "a promessa da eterna herança" (Hb 9:15). Seu trono é "para todo sempre" (Hb 1:8), e ele é "sacerdote para sempre" (Hb 5:6; 6:20; 7:17, 21). "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13:8).

Ao combinar essas três palavras importantes, descobrimos que Jesus Cristo e a vida cristã que oferece são *superiores*, pois essas bênçãos são *eternas* e dão uma posição *perfeita* diante de Deus. O sistema religioso sob a Lei mosaica era imperfeito, pois não poderia realizar a redenção definitiva e eterna.

Mas por que o autor pede a seus leitores que avaliem sua fé e o que Jesus Cristo tem para lhes oferecer? Porque passavam por tempos difíceis e se sentiam tentados a voltar ao judaísmo. Quando a Epístola aos

Hebreus foi escrita, o templo ainda estava em pé, e o sacerdócio continuava realizando suas cerimônias diariamente. Seria muito fácil para os cristãos judeus escaparem das perseguições voltando ao antigo e conhecido sistema mosaico.

Essas pessoas faziam parte da “segunda geração de cristãos”, levados a Cristo por aqueles que o conheceram durante seu ministério aqui na Terra (Hb 2:3). Eram cristãos verdadeiros (Hb 3:1), não apenas judeus que se diziam convertidos. Haviam sido perseguidos por causa de sua fé (Hb 10:32-34; 12:4; 13:13, 14), no entanto, haviam ministrado fielmente às necessidades de outros aflitos (Hb 6:10). Mas estavam sendo seduzidos por mestres de falsas doutrinas (Hb 13:9) e corriam o risco de esquecer a verdadeira Palavra que seus primeiros líderes lhes haviam ensinado (Hb 13:7).

O mais triste com respeito a esses cristãos é que estavam espiritualmente estagnados e corriam o risco de retroceder (Hb 5:12ss). Alguns deles até deixaram de frequentar os cultos (Hb 10:25) e não faziam qualquer progresso espiritual (Hb 6:1). Na vida cristã, os que não andam para frente caminham para trás; não há como ficar parado de modo permanente.

“Como vocês podem voltar a sua antiga religião?”, o autor lhes pergunta. “Parem e reflitam sobre o que têm em Jesus Cristo. Ele é superior a tudo o que haviam sido sob a Lei”.

A Epístola aos Hebreus exalta a Pessoa e a obra de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Quando nos dermos conta do que temos nele e por meio dele, não ansiaremos por qualquer outra pessoa ou coisa!

## 2. É UM LIVRO DE EXORTAÇÃO

O autor chama esta epístola de “palavra de exortação” (Hb 13:22). O termo grego traduzido por “exortação” significa “encorajamento”. É traduzido por “consolação” em Romanos 15:4 e em 2 Coríntios 1:5-7; 7:7. Essa palavra é relacionada ao termo grego traduzido por “Consolador” em João 14:16, com referência ao Espírito Santo. A Epístola aos Hebreus não foi escrita para assustar as

pessoas, mas sim para encorajá-las, e nos ordena: “exortai-vos mutuamente cada dia” (Hb 3:13). Ela nos lembra que temos “forte alento” em Jesus Cristo (Hb 6:18).

A esta altura, devemos responder à pergunta habitual: “E quanto às cinco advertências severas em Hebreus?”

Em primeiro lugar, essas cinco passagens não são, realmente, “advertências”. Três palavras básicas são traduzidas por “advertir” no Novo Testamento, e a única usada em Hebreus é traduzida por “instruído” em Hebreus 8:5 (em que se refere a Moisés) e 11:7 (em que se refere a Noé). Somente em Hebreus 12:25 é traduzida por “advertia”. Creio que a descrição mais apropriada para essas chamadas “passagens de advertência” encontra-se em Hebreus 13:22: são “exortações” ou “estímulos”. Isso não minimiza a seriedade dessas cinco sessões da epístola, mas ajuda a entender seu propósito: encorajar-nos a confiar em Deus e obedecer à sua Palavra.

A Epístola aos Hebreus começa com uma declaração importante: “Havendo Deus, outrora, falado [...] nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (Hb 1:1, 2). Perto do final do livro, o autor afirma: “Tende cuidado, não recuseis ao que fala” (Hb 12:25). Em outras palavras, o tema de Hebreus parece ser: “Deus falou; temos sua Palavra; o que estamos fazendo a respeito disso?”

Tendo essa verdade em mente, é possível compreender melhor o significado dessas cinco “passagens problemáticas” em Hebreus. Cada uma delas nos encoraja a obedecer à Palavra de Deus (“Havendo Deus [...] falado”) ao nos mostrar as graves consequências espirituais da desobediência à Palavra. Permita-me apresentar uma relação dessas passagens e explicar sua seqüência na Epístola aos Hebreus. Creio que ficará claro que todas elas estão interligadas e apresentam uma única mensagem: *atentem para a Palavra de Deus.*

*Desviando-se da Palavra* – 2:1-4 (negligência)

*Duvidando da Palavra* – 3:7 – 4:13 (coração endurecido)



*Demorando a ouvir a Palavra* – 5:11 – 6:20 (morosidade)

*Desprezando a Palavra* – 10:26-39 (obstinação)

*Desafiando a Palavra* – 12:14-29 (recusa em ouvir)

Sem escutar a Palavra de Deus nem *ouvi-la* de fato, começamos a nos *desviar*. A negligência sempre nos afasta do rumo correto, tanto nas coisas materiais e físicas quanto nas espirituais. Quando nos desviamos da Palavra, começamos a *duvidar* da Palavra, pois a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus (Rm 10:17). O coração começa a ficar endurecido, o que nos leva à morosidade, deixando-nos *tardios* para com a Palavra. Tornamo-nos ouvintes preguiçosos, “tardios em ouvir”. Isso, por sua vez, gera uma atitude de *desprezo* para com a Palavra a ponto de *desobedecermos* a Deus propositadamente, atitude que se transforma gradativamente em resistência: “desafiamos” Deus a fazer alguma coisa.

O que Deus faz enquanto essa regressão espiritual se desenrola? Continua falando conosco e nos encorajando a voltar para a Palavra. Se não damos ouvidos nem obedecemos, ele começa a nos disciplinar. Esse processo de disciplina é o tema de Hebreus 12, capítulo culminante da epístola. “O Senhor julgará o seu povo” (Hb 10:30, grifos meus). Deus não permite que seus filhos se tomem crianças mimadas e não deixa que afrontem sua Palavra deliberadamente. Sempre os disciplina em amor.

Essas cinco exortações são dirigidas a pessoas verdadeiramente nascidas de novo. Têm como objetivo levar o leitor a atentar com cuidado para a Palavra de Deus. Apesar de algumas das passagens usarem linguagem bem severa, a meu ver, nenhuma dessas exortações “ameaça” o leitor, dando a entender que poderá “perder a salvação”. Se o indivíduo continuar desafiando a Palavra de Deus, vai acabar perdendo a *vida* (“Não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?”, Hb 12:9). A inferência é que, se não nos sujeitarmos, poderemos morrer. “Há

pecado para morte” (1 Jo 5:16). Mas se há uma coisa que a Epístola aos Hebreus ensina é a certeza da vida eterna por meio de um Sumo Sacerdote vivo e imortal (Hb 7:22-28).

Alguns estudiosos tentam explicar o “problema” da “perda a salvação” ou da “apostasia” afirmando que os leitores não eram, verdadeiramente, nascidos de novo, mas apenas “grandes conhecedores” da fé cristã. Mas a maneira do autor de dirigir-se a eles elimina essa abordagem; ele os chama de “santos irmãos, que participais da vocação celestial” (Hb 3:1). Diz a eles que têm um Sumo Sacerdote no céu (Hb 4:14), algo que não teria lhes escrito se não fossem salvos. Haviam “se [tornado] participantes do Espírito Santo” (Hb 6:4). As admoestações em Hebreus 10:19-25 não fariam sentido algum se fossem dirigidas a incrédulos.

A Epístola aos Hebreus é um livro de avaliação, que prova que Jesus Cristo é superior a qualquer coisa que a Lei de Moisés tenha a oferecer. Também é um livro de exortação, instando os leitores a dar ouvidos e a obedecer à Palavra de Deus, a fim de que não regridam espiritualmente nem sintam a mão disciplinadora de Deus.

### 3. É UM LIVRO DE EXAME

Ao estudar este livro, pergunta-se: “Em que confiamos de fato: na Palavra de Deus ou nas coisas desde mundo, que estremecem e se encontram prestes a desabar?”

Esta carta foi escrita a cristãos vivendo um momento estratégico da história. O templo permanecia de pé, e os sacrifícios continuavam sendo oferecidos. Mas, em poucos anos, tanto a cidade quanto o templo seriam destruídos. O povo judeu se dispersaria, inclusive os cristãos judeus. As eras colidiam. Deus estava “abalando” a ordem das coisas (Hb 12:25-29), pois desejava que seu povo se firmasse sobre os alicerces sólidos da fé; não queria que confiassem em coisas que desapareceriam.

Creio que a Igreja de hoje vive em circunstâncias semelhantes. Tudo a nosso redor está estremecendo e mudando. As pessoas estão descobrindo que se apóiam

em “andaimos”, não em alicerces sólidos. Até mesmo o povo de Deus envolveu-se de tal modo com o sistema deste mundo que não deposita mais sua confiança no Senhor, mas sim no dinheiro, em edifícios, em projetos e em outras coisas materiais passageiras. À medida que Deus continuar “abalando” a sociedade, os andaimos desmoronarão, e as pessoas descobrirão que devem confiar apenas na Palavra de Deus.

Deus deseja que nosso coração esteja “confirmado com graça” (Hb 13:9). O termo “confirmado” (e suas variações) é usado oito vezes em Hebreus. Significa “estar fundamentado, de pé com firmeza”. Dá a idéia de força, confiabilidade, sustentação e permanência. Creio que essa é a chave para a mensagem de Hebreus: “Vocês podem permanecer firmes, enquanto o mundo está desmoronando!” Temos “um reino inabalável” (Hb 12:28). A Palavra de Deus é “firme” (Hb 2:2), como também o é a esperança que temos nele (Hb 6:19).

Por certo, a pessoa que ainda não creu em Jesus Cristo como Salvador não tem segurança. Também não há segurança para os que professam sua fé da boca para fora, mas cuja vida não dá prova alguma da verdadeira salvação (Mt 7:21-27; Tt 1:16). Cristo salva “totalmente” (i.e., eternamente) apenas os que se chegam a Deus pela fé nele (Hb 7:25).

Gosto de contar às congregações a história de um cobrador que entrou no trem e disse ao primeiro passageiro do qual recolheu a passagem:

– O senhor está no trem errado.

Ao verificar o bilhete do passageiro seguinte, disse a mesma coisa.

– Mas o guarda-freios me falou que este era meu trem! – protestou o passageiro.

– Vou verificar – disse o cobrador e, ao fazê-lo, descobriu que *ele* estava no trem errado!

Infelizmente, creio que há muita gente com uma fé falsa e que nunca ouviu a Palavra de Deus nem lhe obedeceu, de fato. Por vezes, estão de tal modo ocupados dizendo aos outros o que fazer que não examinam a própria situação. A Epístola aos

Hebreus é um livro de exame: ajuda a descobrir qual é o verdadeiro objeto da fé.

#### 4. É UM LIVRO DE EXPECTATIVA

Trata-se de uma epístola voltada para o futuro. O autor declara que está falando sobre “o mundo que há de vir” (Hb 2:5), um tempo em que os cristãos reinarão com Jesus Cristo. Ele é o “herdeiro de todas as coisas” (Hb 1:2), e teremos parte na “promessa da eterna herança” (Hb 9:15). Como os patriarcas enaltecidos em Hebreus 11, estamos olhando para a cidade vindoura de Deus (Hb 11:10-16, 26).

Como esses grandes homens e mulheres de fé, nós, cristãos de hoje, devemos ser “estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Hb 11:13). Esse é um dos motivos pelos quais Deus está abalando tudo a nosso redor. *Ele deseja que nos desprendamos das coisas deste mundo e paremos de depender delas.* Deseja que concentremos nossa atenção no mundo por vir. Isso não significa que nos preocupamos tanto com o céu a ponto de não fazer qualquer diferença no mundo. Antes, significa que não nos apegamos às coisas deste mundo e começamos a viver em função dos valores eternos do mundo por vir.

Abraão e seu sobrinho Ló ilustram essas duas atitudes distintas (Gn 13 - 14). Abraão era um homem rico que poderia ter uma mansão em qualquer lugar que quisesse. Antes de tudo, porém, era um servo de Deus, um estrangeiro e peregrino, o que significava viver em tendas. Ló escolheu abandonar a vida de peregrino e se mudou para a cidade perversa de Sodoma. Qual dos dois tinha verdadeira segurança? Poderia se ter a impressão de que Ló estava mais seguro na cidade do que Abraão em suas tendas na planície. Mas Ló foi levado como prisioneiro de guerra e Abraão teve de salvá-lo!

Ló, em vez de dar ouvidos aos avisos de Deus, voltou para a cidade; e, quando Deus destruiu Sodoma e Gomorra, Ló perdeu tudo (Gn 19). Ló era um homem salvo (2 Pe 2:7), mas confiou nas coisas deste mundo em lugar de confiar na Palavra de Deus. Perdeu

coisas permanentes porque dependeu de coisas imediatas e viveu em função delas.

O missionário martirizado Jim Elliot expressou essa verdade perfeitamente: "Não é insensato quem dá o que não pode guardar a fim de ganhar o que não pode perder".

Somos filhos de Deus e temos a promessa de uma recompensa futura. Como Abraão e Moisés na Antiguidade, as decisões que tomamos hoje determinarão as recompensas de amanhã. Mais do que isso, nossas decisões devem ser motivadas pela expectativa de receber as recompensas prometidas. Abraão obedeceu a Deus "porque aguardava a cidade" (Hb 11:10). Moisés abriu mão dos tesouros e prazeres do Egito, "porque contemplava o galardão" (Hb 11:26). Esses grandes homens e mulheres (Hb 11:31, 35) de fé "viveram no tempo futuro" e, desse modo, conseguiram vencer as tentações do mundo e da carne.

Aliás, foi essa mesma atitude de fé que sustentou nosso Senhor Jesus Cristo ao longo da agonia da cruz: "Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia" (Hb 12:2). A ênfase da Epístola aos Hebreus é: "Não vivam em função daquilo que o mundo lhes promete hoje! Vivam para aquilo que Deus lhes prometeu para o futuro! Sejam estrangeiros e peregrinos nesta terra! Caminhem pela fé, não segundo as aparências!"

Esta carta não constitui uma dieta adequada para "bebês espirituais" que desejam ser alimentados na boca e ser cheios de mimos (Hb 5:11-14). Nesta carta, encontramos "carne substanciosa", que exige "mólares espirituais" para mastigar e saborear. A ênfase de Hebreus não é sobre o que Cristo fez na Terra (o "leite"), mas sim sobre o que ele está fazendo agora no céu (a "carne" da Palavra). Ele é o grande Sumo Sacerdote que nos capacita dando-nos sua graça (Hb 4:14-16). Também é o Supremo Pastor das ovelhas que provê tudo de que precisamos para fazer sua vontade (Hb 13:20, 21). Está operando em nós, a fim de cumprir seus propósitos. Que grande emoção fazer parte de um ministério tão maravilhoso!

Como A. W. Tozer costumava lembrar: "Todo homem deve escolher seu mundo". Os verdadeiros cristãos "provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro" (Hb 6:5), portanto não devem ter interesse algum nem desejo pelo sistema do mundo pecaminoso presente. Abraão escolheu o lugar certo e se tornou o pai dos fiéis. Ló escolheu o mundo e se tornou o pai dos inimigos do povo de Deus (Gn 19:30-38). Abraão se tornou amigo de Deus (2 Cr 20:7), enquanto Ló se tornou amigo do mundo... e perdeu tudo. Ló foi "salvo, todavia, como que através do fogo" (1 Co 3:15) e perdeu sua recompensa.

## 5. É UM LIVRO DE EXALTAÇÃO

A Epístola aos Hebreus exalta a Pessoa e a obra de nosso Senhor Jesus Cristo. Os três primeiros versículos apresentam esse tema santo e sublime desenvolvido ao longo de todo o livro. Seu propósito imediato é provar que Jesus Cristo é superior aos profetas, homens tidos na mais alta consideração pelo povo judeu.

Cristo é superior aos profetas em sua Pessoa. Em primeiro lugar, é o próprio Filho de Deus, não apenas um homem chamado por Deus. O autor deixa claro que Jesus é Deus (Hb 1:3), pois sua descrição jamais poderia ser aplicada a um homem mortal. O "resplendor da sua glória" refere-se à glória *shekinah* de Deus que habitava no tabernáculo e no templo (ver Êx 40:34-38 e 1 Rs 8:10). *Shekinah* é uma transliteração de um termo hebraico que significa "habitar"). Cristo é para o Pai aquilo que os raios são para o Sol. É a refulgência da glória de Deus. Da mesma forma como não se pode separar os raios do Sol, também é impossível separar a glória de Cristo da natureza de Deus.

"A expressão exata" (Hb 1:3) dá a idéia de "cunho exato". A palavra *caráter* vem da palavra grega traduzida por "imagem". Literalmente, Jesus Cristo é "a representação exata da substância de Deus" (ver Cl 2:9). Somente Jesus poderia dizer com honestidade: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14:9). Quando vemos Cristo, vemos a glória de Deus (Jo 1:14).

Cristo também é superior aos profetas em suas obras. Em primeiro lugar, ele é o Criador do universo, pois, por meio dele, Deus “fez o universo” (Hb 1:2). Cristo não apenas criou todas as coisas pela sua Palavra (Jo 1:1-5), como também sustenta todas as coisas por meio dessa mesma Palavra poderosa (Hb 1:3). “Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste” (Cl 1:17).

O verbo “sustentar”, em Hebreus 1:3, não significa “escorar”, como se o universo fosse um peso nas costas de Jesus. Antes, quer dizer: “segurar e carregar de um lugar para outro”. Ele é o Deus da criação e o Deus da providência, que guia este universo até seu destino divinamente ordenado.

Também é o Profeta superior, que proclama a Palavra de Deus. É fácil visualizar o contraste entre Cristo, o Profeta, e os outros profetas:

<i>Cristo</i>	<i>Os profetas</i>
Filho de Deus	Homens chamados por Deus
Filho único	Muitos profetas
Mensagem definitiva e completa	Mensagem fragmentária e incompleta

É evidente que a revelação tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento vieram de Deus; mas Jesus Cristo é a “última palavra” de Deus, no que se refere à revelação. Cristo é a fonte, o centro e o fim de tudo o que Deus tem para dizer.

Mas Jesus Cristo exerce um ministério de Sacerdote que revela sua grandeza. Sozinho, ele “[fez] a purificação dos pecados” (Hb 1:3). Esse aspecto de seu ministério será explicado em Hebreus 7 a 10.

Por fim, Jesus Cristo governa como Rei (Hb 1:3). Ele está assentando, pois terminou seu trabalho e se encontra “à direita da Majestade, nas alturas”, o lugar de honra. Isso prova que ele é igual a Deus o Pai, pois nenhum ser criado jamais poderia assentar-se à destra de Deus.

Criador, Profeta, Sacerdote e Rei, Jesus Cristo é superior a todos os profetas e servos de Deus que aparecem nas páginas sagradas das Escrituras. Não é de se admirar que o Pai tenha dito no momento da transfiguração de Cristo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi” (Mt 17:5). Nessa ocasião, Cristo estava acompanhado de dois dos maiores profetas, Moisés e Elias, mas é superior a eles.

Ao estudar Hebreus juntos, devemos lembrar sempre que não temos por objetivo nos perder em detalhes doutrinários curiosos. Também não temos como propósito atacar nem defender alguma doutrina de nossa preferência. Nosso propósito é ouvir Deus falando em Jesus Cristo e obedecer a essa Palavra. Queremos fazer nossas as palavras dos gregos: “Senhor, queremos ver Jesus” (Jo 12:21). Se nosso objetivo for conhecer melhor a Cristo e exaltá-lo mais, qualquer diferença que tenhamos em nossa interpretação deste livro será esquecida ao adorar a nosso Senhor.

## MAIOR DO QUE OS ANJOS

HEBREUS 1:4 - 2:18

Os anjos ocupavam uma posição de grande importância na religião judaica, principalmente porque milhares de anjos ajudaram a entregar a Lei no monte Sinai. Esse fato é declarado em Deuteronômio 33:2 (em que as “miríades de santos” referem-se aos “seres sagrados” ou “anjos”), no Salmo 68:17; em Atos 7:53 e Gálatas 3:19. Uma vez que o tema de Hebreus é a superioridade de Cristo e a salvação que ele oferece em relação à Lei de Moisés, o autor discorre amplamente sobre os seres angelicais.

Esta longa seção sobre os anjos é dividida em três partes. Em primeiro lugar, encontramos uma *afirmação* (Hb 1:4-14) da superioridade de Cristo em relação aos anjos. Como prova desse fato, são apresentadas sete citações do Antigo Testamento. Em segundo lugar, vemos uma *exortação* (Hb 2:1-4) para que os leitores (e nós, inclusive) obedeçam à Palavra de Deus dada por meio de seu Filho. Por fim, temos uma *explicação* (Hb 2:5-18) de como Cristo, em um corpo humano, ainda poderia ser superior aos anjos, que são espíritos.

### 1. AFIRMAÇÃO: CRISTO É SUPERIOR AOS ANJOS (HB 1:4-14)

Esta seção é constituída de sete citações do Antigo Testamento que comprovam a superioridade de Cristo em relação aos anjos. De acordo com os estudiosos, o autor cita a versão grega do Antigo Testamento hebraico, a Septuaginta. (O termo *Septuaginta* é uma palavra grega que significa “setenta”. De acordo com a tradição, o Antigo Testamento hebraico foi traduzido para o grego

por setenta homens. A abreviação de Septuaginta é LXX, os numerais romanos correspondentes a setenta.) Contudo, o mesmo Espírito Santo que inspirou as Escrituras tem o direito de citar e de reafirmar a verdade como lhe parece melhor.

Vejam as declarações feitas a respeito de nosso Senhor Jesus Cristo e as citações usadas para corroborá-las.

**Ele é o Filho (vv. 4, 5).** O “mais excelente nome” que Jesus possui é “Filho”. Apesar de os anjos poderem ser chamados *coletivamente* de “filhos de Deus” (Jó 1:6), nenhum anjo recebe esse título *individualmente*. Ele pertence exclusivamente a nosso Senhor Jesus Cristo. A primeira citação é do Salmo 2:7: “Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei”. Paulo determina o momento dessa “geração”: a ressurreição de Jesus Cristo (At 13:33). Jesus Cristo é o Filho de Deus desde a eternidade. Ele se humilhou e se tornou Homem (ver Fp 2:5, 6). Em sua ressurreição, porém, glorificou a humanidade que o Pai lhe deu e recebeu de volta a glória eterna que havia ocultado (Jo 17:1, 5). A ressurreição é uma declaração de que Jesus Cristo é o Filho de Deus (ver Rm 1:4).

A segunda citação é de 2 Samuel 7:14. A aplicação imediata à experiência de Davi referia-se a seu filho Salomão, o qual Deus amaria e disciplinaria como filho. Mas a aplicação maior refere-se a Jesus Cristo, aquele que “é maior do que Salomão” (Mt 12:42).

**Ele é o Primogênito que recebe a adoção (v. 6).** Na Bíblia, o termo “primogênito” nem sempre significa “nascido primeiro”. Deus declarou Davi o primogênito (Sl 89:27), apesar de ele ocupar o *oitavo lugar* na genealogia oficial (1 Sm 16:1ss). Trata-se de um título hierárquico e honorífico, pois o primogênito recebe a herança e bênção especial. Cristo é “o primogênito de toda a criação” (Cl 1:15), pois criou todas as coisas; ele é o mais exaltado dentre os que voltaram dos mortos (Cl 1:18). Quando veio ao mundo, foi adorado pelos anjos (citado de Dt 32:43 na LXX: “Os céus se regozijem com ele, os filhos de Deus lhe prestem homenagem!”). Deus ordenou que o fizessem, o que comprova que Jesus Cristo é Deus; pois

nenhum dos anjos de Deus adoraria uma simples criatura.

**Ele é servido pelos anjos (v. 7).** Trata-se de uma citação do Salmo 104:4. Tanto no hebraico quanto no grego, a palavra “espírito” pode ser traduzida por “vento”. Os anjos são espíritos criados; não têm corpo, mas podem assumir forma humana quando estão ministrando na Terra. Os anjos serviram ao Senhor em algumas ocasiões quando ele estava aqui no mundo (Mt 4:11; Lc 22:43) e, agora, servem ao Senhor e a nós.

**Ele é Deus entronizado e ungido (vv. 8, 9).** Em algumas seitas, essa citação do Salmo 45:6, 7 é traduzida por “seu trono divino”, pois os membros de tais seitas não gostam da declaração categórica de que Jesus Cristo é Deus. Mas a tradução correta é: “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre”. Os anjos ministram *diante do trono*, mas não se assentam *no trono*. Um dos preceitos centrais do Salmo 110 é que Jesus Cristo, o Ungido de Deus (Messias, Cristo), está entronizado na glória. O próprio Jesus referiu-se a esse salmo importante (Mc 12:35-37; 14:62), e Pedro o usou no Dia de Pentecostes (At 2:34-36). Cristo ainda não entrou em seu reino aqui na Terra, mas está entronizado na glória (Ef 1:20).

Quando Cristo subiu aos céus e entrou na glória celestial, foi ungido para seu ministério celestial “com o óleo de alegria” (Hb 1:9). É provável que se trate de uma referência ao Salmo 16:11, citado por Pedro em Pentecostes: “encher-me-ás de alegria na tua presença” (At 2:28). Que cena jubilosa deve ter sido! O Salmo 45 é um salmo de casamento, e Cristo é, hoje, o Noivo celestial que está desfrutando a “alegria que lhe estava proposta” (Hb 12:2). Os anjos o louvam, mas não podem compartilhar dessa posição nem dessa alegria. O trono de nosso Senhor é para sempre, o que significa que ele é o Deus eterno.

**Ele é o Criador eterno (vv. 10-12).** Esta longa citação é proveniente do Salmo 102:25-27. Os anjos não fundaram a Terra, pois também fazem parte da criação. Jesus Cristo é o Criador e, um dia, dará fim à antiga criação e trará a nova. Tudo a nosso redor

muda, mas Cristo jamais mudará. “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). A criação é como uma roupa velha que, um dia, será trocada por outra nova.

**Cristo é o Soberano; os anjos são os servos (vv. 13, 14).** Mais uma vez, o autor cita o Salmo 110:1. O fato de Jesus Cristo estar agora assentado à destra do Pai (o lugar de honra) é mencionado várias vezes no Novo Testamento (ver Mt 22:43, 44; 26:64; Mc 16:19; At 2:33, 34; Rm 8:34; Cl 3:1; Hb 1:3, 13; 8:1; 10:12; 12:2; 1 Pe 3:22). Os anjos são espíritos ministradores que servem ao Senhor entronizado. Mas também ministram a nós, “herdeiros da salvação” por meio da fé em Cristo. Os anjos nos servem hoje!

Seria impossível descartar as evidências apresentadas nessas citações. Jesus Cristo é maior do que os anjos, e isso significa que também é maior do que a Lei que os anjos ajudaram a entregar ao povo de Israel.

## 2. ADMOESTAÇÃO: OBEDEÇAM À PALAVRA E NÃO SE DESVIEM (HB 2:1-4)

Esta é a primeira de cinco admoestações encontradas em Hebreus. Seu propósito é incentivar todos os leitores a atentar para a Palavra de Deus e a obedecer a ela. Observamos anteriormente que essas admoestações tornam-se mais intensas ao longo da epístola, começando com um *desvio* da Palavra de Deus até chegar ao *desafio* à Palavra de Deus (Hb 12:14-29). Também observamos que Deus não fica de braços cruzados permitindo que seus filhos se rebelem contra ele. Continua falando e, quando necessário, disciplinando seus filhos.

A admoestação é escrita a cristãos, pois o autor inclui a si mesmo ao usar a primeira pessoa do plural. Vemos aqui o perigo de *negligenciar* a salvação. Convém observar que o autor não diz “rejeitar”, mas sim “negligenciar”. Não estimula pecadores a se tornarem cristãos; antes, encoraja cristãos a atentar para a grande salvação que receberam do Senhor.

“Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades

ouvidas, para que delas jamais nos desviemos" (Hb 2:1). Mais adiante (Hb 6:19), o autor usa a ilustração de uma âncora para mostrar quanto podemos confiar nas promessas de Deus. A principal causa dos problemas espirituais é a negligência de nossa parte. Negligenciamos a Palavra de Deus, a oração, o culto com o povo de Deus (ver Hb 10:25) e outras oportunidades de crescimento espiritual e, como resultado, começamos a nos desviar. Somos nós que nos movemos, não a âncora.

No tempo do Antigo Testamento, quem não dava ouvidos à Palavra de Deus era, por vezes, castigado. Essa Palavra era transmitida por anjos, de modo que hoje temos uma responsabilidade muito maior, pois recebemos a Palavra do Filho de Deus! Em Hebreus 2:2, a "transgressão" refere-se aos pecados de comissão, enquanto a "desobediência" diz respeito aos pecados por omissão.

Costumo contar a história de um pastor que pregou sobre "os pecados dos santos" e foi repreendido por uma senhora de sua igreja.

- Afinal - disse ela - o pecado na vida do cristão é diferente do pecado na vida de outras pessoas.

- Sem dúvida - respondeu o pastor. - É bem pior!

Temos a idéia de que os cristãos de hoje que vivem "sob a graça" podem escapar da mão disciplinadora de Deus, tão evidente "sob a Lei". Mas aqueles aos quais muito é dado, muito também lhes será cobrado. Não apenas recebemos a Palavra do Filho de Deus, como também essa Palavra nos foi confirmada por meio dos milagres apostólicos (Hb 2:4). Os "sinais e prodígios" são mencionados quinze vezes no Novo Testamento. Aqui, a expressão refere-se aos milagres que testificaram em favor da Palavra e que confirmaram sua veracidade. Esses milagres foram realizados pelos apóstolos (ver Mc 16:17-20; At 2:43). Hoje, temos a Palavra completa de Deus, de modo que não precisamos mais desses milagres apostólicos. Agora, Deus dá testemunho por meio de seu Espírito usando a Palavra (Rm 8:16; 1 Jo 5:1-13). O Espírito também concede dons

espirituais ao povo de Deus para capacitá-lo a ministrar na igreja (1 Co 12; Ef 4:11 ss).

Hoje em dia, muitos cristãos não dão o devido valor à Palavra de Deus e a negligenciam. Em meu ministério pastoral, tenho visto que o menosprezo pela Palavra de Deus e pela oração, tanto no âmbito público quanto no privado, é o que mais faz as pessoas se desviarem espiritualmente. Não é preciso citar uma porção de exemplos, pois todo cristão sabe que isso é verdade. Ou ele próprio se afastou da fé, ou viu outros se afastarem.

Da próxima vez que cantarmos "Vem Senhor, do bem a fonte", devemos lembrar que seu compositor, Robert Robinson, converteu-se pela pregação poderosa de George Whitefield, mas, posteriormente, se desviou do Senhor. Foi bastante usado como pastor, mas descuidou das coisas espirituais e se afastou da fé. Durante uma de suas viagens, conheceu uma jovem muito temente a Deus.

- O que você acha da letra do hino que eu estava lendo? - perguntou a moça a Robinson, mostrando-lhe o hinário. *Era um hino que ele próprio havia escrito!* Tentou esquivar-se de sua pergunta, mas não conseguiu, pois o Senhor lhe falava ao coração. Por fim, se quebrantou e confessou que estava vivendo longe do Senhor.

- Mas os "rios de misericórdia" continuam a fluir - garantiu-lhe a jovem, e, com esse encorajamento, Robinson foi restaurado à comunhão com o Senhor.

É fácil seguir a correnteza e se desviar, mas é difícil voltar à verdade. Nossa salvação é uma "grande salvação", comprada por um alto preço. Traz consigo grandes promessas e bênçãos e nos conduz a uma grande herança na glória. Como negligenciá-la?

### **3. EXPLICAÇÃO: POR QUE JESUS CRISTO NÃO É INFERIOR EM VIRTUDE DE SUA HUMANIDADE (Hb 2:5-18)**

Pode-se ter a impressão de que, por serem "espíritos ministradores" sem corpo humano, os anjos apresentam uma vantagem sobre Jesus Cristo, que teve um corpo humano enquanto ministrava na Terra (hoje Cristo tem um corpo glorificado e sem qualquer limitação). O escritor apresenta quatro motivos

que explicam por que a humanidade de Cristo não foi uma desvantagem nem um sinal de inferioridade.

**Sua humanidade permitiu-lhe readquirir o domínio que o homem havia perdido (vv. 5-9).** Trata-se de uma citação do Salmo 8:4-6, e convém ler o salmo todo com atenção. Quando Deus criou o primeiro homem e a primeira mulher, deu-lhes domínio sobre sua criação (Gn 1:26-31). Davi maravilhou-se com a idéia de que Deus compartilhou seu poder e glória com o insignificante ser humano. O homem foi criado, “por um pouco, menor do que os anjos” (e, portanto, inferior a eles), mas recebeu privilégios muito maiores que os anjos. Deus jamais prometeu aos anjos que reinariam no “mundo que há de vir” (Hb 2:5).

No entanto, temos aqui um problema sério, pois é evidente que, hoje, o ser humano não está exercendo domínio sobre a criação. É evidente que não somos capazes de controlar os peixes, aves e animais terrestres. Na verdade, o ser humano tem dificuldade de controlar até a si mesmo! “Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas” (Hb 2:8).

“Vemos, todavia [...] Jesus” (Hb 2:9). Ele é a resposta de Deus para o dilema humano. Jesus Cristo tornou-se homem, a fim de sofrer e de morrer pelos pecados do homem, restaurando o domínio perdido por causa do pecado. Quando Jesus estava aqui na Terra, exerceu essa autoridade por ele recuperada. Mostrou ter domínio sobre os peixes (ver Mt 17:24-27; Lc 5:1-11; Jo 21:1-11), sobre as aves (Lc 22:34, 60), sobre as feras (Mc 1:12, 13) e sobre os animais domésticos (Mc 11:1-7). Como último Adão (1 Co 15:45), Jesus Cristo recuperou o domínio que o homem havia perdido. Todas as coisas estão debaixo de seus pés (Ef 1:20-23).

O homem foi coroado “de glória e de honra” (Hb 2:7), mas perdeu sua coroa e se tornou escravo do pecado. Jesus Cristo recuperou essa “glória e [...] honra” (Hb 2:9), e os cristãos de hoje participam de seu domínio como rei (Ap 1:5, 6). Um dia, quando ele estabelecer seu reino, governaremos com ele em glória e honra. Jesus Cristo fez

tudo isso por nós – pelos pecadores perdidos – “pela graça de Deus” (Hb 2:9). Se não houvesse se tornado homem, não poderia ter morrido nem “[provado] a morte por todo homem” (Hb 2:9). É verdade que os anjos são imortais, mas também é verdade que não podem salvar os pecadores perdidos nem restaurar o domínio que o homem perdeu.

**Sua humanidade permitiu-lhe conduzir muitos filhos para a glória (vv. 10-13).** Cristo não é apenas o último Adão, mas também o Autor da salvação. O termo traduzido por *Autor* significa, literalmente, “pioneiro – aquele que abre caminho para outros seguirem”. Cristo abriu mão de sua glória e se tornou homem. Recuperou sua glória quando ressuscitou e subiu ao céu. Agora, compartilha essa glória com todos os que crêem nele para ser salvos (Jo 17:22-24). Está conduzindo muitos filhos e filhas à glória!

Cristo é ligado a nós e somos ligados a ele: vivemos em união espiritual. Na verdade, somos seus “irmãos” (Hb 2:12). O autor cita o Salmo 22:22 – um salmo messiânico –, no qual Cristo refere-se a sua Igreja como sendo seus irmãos. Isso significa que o Filho de Deus e nós compartilhamos a mesma natureza e pertencemos à mesma família! Que maravilha da graça de Deus!

O autor de Hebreus também cita Isaías 8:17, 18 segundo o texto da LXX. A referência imediata é, obviamente, ao profeta Isaías e a seus filhos especiais, que receberam nomes sugestivos (ver Is 7:3; 8:1-4). Mas a referência maior é a Jesus Cristo. Todos os que crêem são não apenas seus irmãos, mas também seus filhos: “Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu” (Hb 2:13). Se Jesus Cristo não tivesse vindo à Terra e se tornado homem, não teríamos parte em sua glória. A Encarnação, Crucificação e Ressurreição devem andar juntas – todas conduzem à glória.

Antes de prosseguir, convém discutir uma oração de Hebreus 2:10. “Porque convinha que [...] aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles”. Essa declaração não sugere que Jesus Cristo era imperfeito quando veio à Terra. O termo



traduzido por “aperfeiçoar” significa “completar, efetivar, tornar apropriado”. Jesus Cristo não poderia ter se tornado Salvador e Sumo Sacerdote apropriado se não houvesse se tornado Homem, sofrido e morrido.

**Sua humanidade permitiu-lhe desarmar Satanás e nos livrar da morte (vv. 14-16).** Os anjos são imortais. Jesus não veio para salvar os anjos (ver Hb 2:16), mas para salvar os seres humanos. Para isso, ele próprio teve de se fazer carne e sangue e de se tornar Homem, pois só assim poderia morrer e derrotar Satanás. O verbo “destruir” não significa “aniquilar”, pois é evidente que Satanás ainda está vivo e ativo. Antes, significa “tornar inoperante, sem efeito”. Satanás não está destruído, mas sim desarmado.

Em que sentido Satanás tinha poder sobre a morte? A autoridade final sobre a morte está nas mãos de Deus (Dt 32:39; Mt 10:28; Ap 1:18). Satanás só pode fazer o que Deus lhe permite (Jó 1:12; 2:6). Mas, uma vez que Satanás é o autor do pecado (Jo 8:44), e o pecado leva à morte (Rm 6:23), nesse sentido Satanás exerce poder quanto à morte. Jesus o chamou de homicida (Jo 8:44). Satanás usa o medo da morte como arma aterrorizante para controlar a vida das pessoas. Seu reino é de trevas e de morte (Cl 1:13). Nós, os que cremos em Jesus Cristo, fomos libertos da autoridade de Satanás e do medo terrível da morte. A morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo nos deram a vitória! (1 Co 15:55-58).

Jesus Cristo não assumiu a natureza de anjo para salvar os anjos caídos (2 Pe 2:4; Ap 12:7-9). Antes, se humilhou a uma posição inferior à dos anjos e se fez Homem! E não apenas um “homem” qualquer, mas um judeu, parte da “descendência de Abraão” (Hb 2:16). Os judeus eram uma raça desprezada e odiada, no entanto, Cristo tornou-se judeu.

**Sua humanidade permite-lhe ser um Sumo Sacerdote solidário com seu povo (vv. 17, 18).** Uma vez que são espíritos puros que nunca sofreram, os anjos não podem se identificar com nossas fraquezas e necessidades. Mas Jesus pode! Enquanto estava aqui na Terra, ele “se [tornou] semelhante aos

irmãos”, no sentido de que experimentou, sem pecar, as fragilidades da natureza humana. Foi um bebê inteiramente dependente de outras pessoas, uma criança em crescimento, um adolescente amadurecendo. Sentiu cansaço, fome e sede (Jo 4:6-8). Soube o que é ser desprezado, rejeitado, alvo de mentiras e de acusações. Experimentou sofrimento físico e morte. Tudo isso foi parte do “treinamento” para seu ministério celestial como Sumo Sacerdote.

Encontramos um exemplo de sumo sacerdote que não foi fiel nem misericordioso no relato sobre Eli (1 Sm 2:27-36). Ele foi um sumo sacerdote que nem sequer conseguiu levar os próprios filhos a andar com Deus. Chegou até a acusar a aflita Ana de estar embriagada (1 Sm 1:9-18)!

Jesus Cristo é misericordioso e fiel: é misericordioso para com as pessoas e fiel para com Deus. É impossível para ele fracassar em seu ministério sacerdotal. Fez o sacrifício necessário por nossos pecados para que pudéssemos ser reconciliados com Deus. Não precisou fazer um sacrifício por si mesmo, pois é impecável.

Mas o que acontece quando nós, salvos, somos tentados a pecar? Cristo está pronto a nos ajudar! Quando estava aqui na Terra, ele também foi tentado, mas jamais foi vencido por tentação alguma. O termo “socorrer” (Hb 2:18) significa, literalmente, “acudir uma criança que chora” e “ajudar quando é necessário”. Os anjos podem nos servir (Hb 1:14), mas não são capazes de nos socorrer em nossos momentos de tentação. Somente Jesus Cristo pode fazer isso, pois ele se tornou Homem, sofreu e morreu.

Pode ser interessante explicar aqui a diferença entre o ministério de Cristo como Sumo Sacerdote e seu ministério como Advogado (1 Jo 2:1). Como nosso Sumo Sacerdote, ele pode nos dar graça, de modo a nos guardar do pecado quando somos tentados. Se pecarmos, então, como nosso Advogado, ele nos representa diante do trono de Deus e nos perdoa quando lhe confessamos sinceramente nossos pecados (1 Jo 1:5 - 2:2). Esses dois ministérios fazem parte de sua obra atual de intercessão, e é esse

ministério intercessor que garante nossa salvação eterna (em Hb 7:25 "totalmente" significa eternamente).

Ao recapitular esta seção, não é possível deixar de se maravilhar com a graça e a sabedoria de Deus. Do ponto de vista humano, pode parecer absurdo Deus ter se tornado Homem; no entanto, foi justamente esse ato de sua graça que possibilitou nossa salvação e tudo o que a acompanha.

Quando Jesus Cristo se fez Homem, não se tornou inferior aos anjos, pois em seu corpo humano realizou algo que os anjos jamais poderiam fazer. Ao mesmo tempo, deu aos homens a possibilidade de participar de sua glória!

Ele não se envergonha de nos chamar de seus irmãos e irmãs.

Será que nós nos envergonhamos de chamá-lo de "Senhor"?

# MAIOR DO QUE MOISÉS

HEBREUS 3:1 – 4:13

**A**lém de Abraão, Moisés é, sem dúvida alguma, o homem mais reverenciado pelo povo judeu. Voltar à Lei significava voltar a Moisés, e, para os leitores desta Epístola aos Hebreus, a tentação de fazer exatamente isso era grande. Era importante o autor convencê-los de que Jesus Cristo é maior do que Moisés, pois todo o sistema religioso judaico desenvolveu-se por meio de Moisés. Nesta seção, vemos que Jesus Cristo é superior a Moisés em pelo menos três aspectos.

## 1. CRISTO É MAIOR EM SUA PESSOA (Hb 3:1, 2)

A descrição dupla dos leitores deixa claro que eram convertidos. “Santos irmãos” é uma designação que só se aplica a pessoas da família de Deus, separadas pela graça de Deus. O fato de o autor estar se referindo a pessoas da Igreja, o corpo de Cristo, fica claro pelo uso da oração “participais da vocação celestial”. Nenhum judeu ou gentio não convertido poderia apropriar-se dessa bênção! A palavra traduzida por “participais”, nesta passagem, é traduzida por “companheiros” em Lucas 5:7, em que se descreve o relacionamento de quatro homens na pesca: realizavam juntos sua empreitada.

Cristãos verdadeiros têm parte não apenas em uma vocação celestial, mas também em Jesus Cristo (Hb 3:14). Por meio do Espírito Santo, “somos membros do seu corpo” (Ef 5:30). Cristãos verdadeiros são “participantes do Espírito Santo” (Hb 6:4). “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9). Pelo fato de sermos filhos de Deus, também recebemos a disciplina

amorosa de Deus (Hb 12:8). A ausência de disciplina indica que um indivíduo não é filho de Deus.

Uma vez que eram santos irmãos e irmãs, participantes de uma vocação celestial, essas pessoas poderiam fazer a “confissão” de sua fé em Jesus Cristo. Esse termo significa, simplesmente, “dizer a mesma coisa”. Todos os cristãos verdadeiros “dizem a mesma coisa” com respeito a sua experiência de salvação. Em duas ocasiões nesta epístola, o autor exorta os cristãos a se conservarem firmes em sua confissão (Hb 4:14; 10:23). Essa confissão de que eram “estrangeiros e peregrinos” na Terra caracterizou os homens e as mulheres de fé de eras passadas (Hb 11:13).

Não foi Moisés quem fez tudo isso pelas pessoas às quais o autor desta carta se dirige: foi Jesus Cristo! O autor não os exorta a considerar Moisés, mas sim Cristo. A exortação para considerar “atentamente” significa que devem “entender plenamente”. Não se trata de olhar para Jesus Cristo de relance! Antes, envolve cuidadoso exame de quem ele é e do que fez.

É óbvio que Cristo é superior a Moisés em sua Pessoa. Moisés foi apenas um homem, chamado para ser profeta e líder, enquanto Jesus Cristo é o Filho de Deus, enviado ao mundo pelo Pai. O título “apóstolo” refere-se a “alguém enviado com uma comissão”. Moisés foi chamado e comissionado por Deus, mas Jesus foi *enviado* por Deus como a “última Palavra” para os homens pecadores. Pode ser interessante ler alguns versículos do Evangelho de João que se referem a Jesus como o “enviado de Deus” (Jo 3:17, 34; 5:36, 38; 6:29, 57; 7:29; 8:42; 10:36; 11:42; 17:3; observar, também, 13:3).

Jesus Cristo não é apenas Apóstolo, mas também Sumo Sacerdote. Moisés foi um profeta que, em algumas ocasiões, serviu como sacerdote (ver Sl 99:6), mas nunca foi sumo sacerdote. Esse título pertencia a seu irmão, Arão. Aliás, Jesus Cristo é chamado de “grande sumo sacerdote” (Hb 4:14).

Como Apóstolo, Jesus Cristo representou Deus diante dos homens; como Sumo

Sacerdote, hoje ele representa os homens diante de Deus no céu. Por certo, Moisés cumpriu ministérios semelhantes, pois ensinou a Israel a verdade de Deus e orou por Israel, quando se encontrou com Deus no monte (ver Êx 32:30-32). Moisés foi, em primeiro lugar, o profeta da Lei, enquanto Jesus Cristo é Mensageiro da graça de Deus (ver Jo 1:17). Moisés ajudou a preparar o caminho para a vinda do Salvador à Terra.

O autor de Hebreus, porém, observa que tanto Moisés quanto Jesus Cristo foram fiéis à obra que receberam de Deus. Moisés não foi sem pecado como Jesus Cristo, mas foi fiel e obedeceu à vontade de Deus (Nm 12:7). Esse fato deve ter servido de estímulo aos cristãos judeus do primeiro século a que permanecessem fiéis a Cristo, mesmo em meio às tribulações pelas quais passavam. Em vez de voltar a Moisés, deveriam *imitar* Moisés e ser fiéis em seu chamado.

## 2. CRISTO É MAIOR EM SEU MINISTÉRIO (Hb 3:3-6)

O termo "casa" é usado seis vezes nestes versículos. É uma referência ao povo de Deus, não a um edifício material. Moisés ministrou a Israel, o povo de Deus, sob a antiga aliança. Hoje, Cristo ministra a sua Igreja, o povo de Deus, sob a nova aliança ("a qual casa somos nós"; Hb 3:6). Podemos encontrar uma ilustração deste uso duplo do termo "casa" em 2 Samuel 7: Davi desejava construir um templo, uma casa para Deus habitar. Mas Deus disse a Davi que edificaria a casa (lar, família) de Davi e que faria uma aliança com os descendentes de Davi.

O contraste entre Moisés e Cristo é claro: Moisés era *um servo da casa*, enquanto Jesus Cristo é *o filho em sua casa*. Moisés era um membro da família dessa casa, mas Jesus Cristo *edificou* a casa! A propósito, a verdade destes versículos é um argumento poderoso em favor da divindade de Jesus Cristo. Se Deus edifica todas as coisas e Jesus Cristo edificou a casa de Deus, segue-se, então, que Jesus Cristo é Deus.

Há outro elemento a ser considerado na superioridade de Cristo em relação a Moisés: o profeta Moisés falou de coisas por vir,

enquanto Jesus Cristo cumpriu tais coisas (Hb 3:6). Moisés ministrou "nas sombras", por assim dizer (ver Hb 8:5 e 10:1), enquanto Cristo trouxe consigo a luz plena e definitiva do evangelho da graça de Deus.

O termo grego traduzido por "servo" (Hb 3:5) não é o termo comum do Novo Testamento usado para se referir a um serviçal ou escravo. Essa palavra tem o sentido de "servo que trabalha voluntariamente por afeição". No Novo Testamento, é usado apenas para se referir a Moisés. No início de seu ministério, Moisés mostrou-se um tanto hesitante e resistiu ao chamado de Deus. Mas uma vez que se entregou, obedeceu de coração com amor e devoção.

A conjunção condicional "se" (Hb 3:6) deve ser entendida à luz do contexto como um todo, no qual Moisés conduz Israel do Egito para a Terra Prometida. O autor não sugere que nós, cristãos, devemos nos guardar salvos. Tal afirmação seria uma contradição do tema central do livro: a obra consumada de Cristo e seu ministério celestial que garante a salvação eterna (Hb 7:14ss). Antes, o autor está dizendo que os que se guardam firmes em sua ousadia e esperança provam que são, verdadeiramente, nascidos de novo.

O termo "ousadia" significa, literalmente, "liberdade de expressão, franqueza". Essa ousadia vem da liberdade de falar, da confiança e da ausência de medo. O cristão pode chegar-se "confiadamente" (o mesmo termo traduzido por "com ousadia") ao trono da graça (Hb 4:16) com franqueza e liberdade e sem medo algum. É possível ter essa ousadia por causa do sangue que Jesus Cristo derramou (Hb 10:19). Portanto, não se deve perder tal confiança, quaisquer que sejam as circunstâncias. Também ninguém deve confiar em si mesmo, pois somos extremamente propensos a falhar; antes, devemos confiar em Jesus Cristo, que nunca falha.

A confiança em Cristo e a confissão de Cristo permitem experimentar alegria e esperança (Hb 3:6). O autor exorta os santos aflitos a *desfrutar* sua experiência espiritual, não apenas *suportá-la*. Jesus Cristo é o Filho

amado de Deus em sua casa e cuidará de cada membro da família. Ele é o Sumo Sacerdote fiel que provê toda a graça de que precisamos para enfrentar os desafios da vida. Como Supremo Pastor das ovelhas (Hb 13:19, 20), Jesus Cristo usa as experiências na vida do cristão para equipá-lo para o serviço que glorificará seu nome.

Em outras palavras, os que creram em Cristo *provam* essa confissão por meio de sua firmeza, ousadia e esperança exultante. Não são oprimidos pelo passado nem ameaçados pelo presente; antes, vivem “no tempo futuro” ao aguardar a “bendita esperança” da volta de seu Senhor. É essa “vocalção celestial” que motiva os cristãos a continuar vivendo para o Salvador mesmo em meio às dificuldades.

A perambulação de Israel pelo deserto é um tema importante desta seção. Dois homens de Israel – Calebe e Josué – ilustram a atitude descrita em Hebreus 3:6. Todos os outros israelitas com mais de 20 anos de idade foram condenados a perecer no deserto e a não entrar na Terra Prometida (ver Nm 14:26-38). Mas Calebe e Josué creram em Deus, e ele honrou sua fé. Durante quarenta anos, Calebe e Josué viram seus amigos e parentes falecerem; mas esses dois homens de fé creram na Palavra de Deus segundo a qual, um dia, entrariam em Canaã. Enquanto outros experimentaram tristeza profunda e morte, Calebe e Josué se regozijaram na esperança confiante. Como cristãos, sabemos que Deus está nos levando para o céu e devemos demonstrar o mesmo tipo de esperança e de confiança exultantes.

### 3. CRISTO É MAIOR NO DESCANSO QUE ELE OFERECE (Hb 3:7 - 4:13)

Esta longa seção é a segunda das cinco exortações desta epístola. Na primeira exortação (Hb 2:1-4), o autor ressaltou o perigo de se *desviar* da Palavra por negligência. Nesta exortação, ele explica o perigo de *duvidar* da Palavra por causa da dureza do coração. É importante entender o contexto desta seção, a saber, o êxodo de Israel do Egito e sua incredulidade no deserto.

Em primeiro lugar, devemos compreender que se tratam de lições espirituais relacionadas à geografia das experiências de Israel. A escravidão do povo hebreu no Egito ilustra a escravidão do pecador neste mundo. Assim como os hebreus foram libertos do Egito pelo sangue dos cordeiros e o poder de Deus, também o pecador que crê em Jesus Cristo é liberto da escravidão do pecado (Cl 1:13, 14). Jesus Cristo é o “Cordeiro de Deus”, cuja morte e ressurreição tornam nosso livramento do pecado uma realidade.

Não era da vontade de Deus que o povo de Israel permanecesse no Egito nem no deserto. Seu desejo era que o povo entrasse na herança gloriosa da terra de Canaã. Mas, quando Israel chegou à fronteira da herança, acabou adiando sua entrada, pois duvidou da promessa de Deus (Nm 13 - 14). “Não é possível...”, lamentaram-se os dez espias e o povo. “É possível sim, com a ajuda de Deus!”, disseram Moisés, Josué e Calebe. Em vez de progredir na fé, o povo retrocedeu e se tornou mais incrédulo e, por isso, perdeu a herança e morreu no deserto. Foi somente a nova geração que tomou posse da terra e entrou em seu descanso.

O que Canaã representa para nós, cristãos, hoje? Representa nossa herança espiritual em Cristo (Ef 1:3, 11, 15-23). Infelizmente, alguns hinos e corinhos usam Canaã como um retrato do céu. Uma vez que Canaã foi um lugar de batalhas e até mesmo de derrotas, não se trata de uma ilustração muito apropriada do céu! Israel teve de cruzar o rio pela fé (uma imagem do cristão ao morrer para si mesmo e para o mundo; Rm 6) e de tomar posse de sua herança pela fé. Precisaram dar um passo de fé (ver Js 1:3) e se apropriar da promessa, da mesma forma que o cristão de hoje deve fazer.

Agora, é possível entender melhor o que a perambulação pelo deserto representa: as experiências dos cristãos que não se apropriam de sua herança espiritual em Cristo, que duvidam da Palavra de Deus e que vivem em incredulidade impaciente. Por certo, o Senhor está com eles, como estava com Israel, mas não desfrutaram a plenitude da

bênção de Deus. Saíram do Egito, mas ainda não entraram em Canaã.

Tendo em vista esse contexto, dá para compreender melhor uma das palavras-chave desta seção: *descanso* (Hb 3:11, 18; 4:1, 3-5, 8-11). O autor menciona dois tipos diferentes de "descanso" encontrados na história do Antigo Testamento: (1) *O descanso de Deus no sétimo dia*, quando ele concluiu suas atividades criadoras (Gn 2:2; Hb 4:4); (2) *o descanso de Israel em Canaã* (Dt 12:9; Js 21:43-45; Hb 3:11). No entanto, o autor encontra nesses "descansos" ilustrações das experiências espirituais dos cristãos de hoje. O descanso no sétimo dia é um retrato do descanso em Cristo por meio da salvação (Hb 4:3; ver Mt 11:28). O descanso em Canaã retrata o descanso presente, quando tomamos posse de nossa herança em Cristo (Hb 4:11-13; observar a ênfase sobre a Palavra de Deus). O primeiro é o descanso da salvação; o segundo é o descanso da submissão.

No entanto, é discutido um terceiro descanso, o *descanso futuro*, que todos os cristãos gozarão com Deus. "Portanto, resta um repouso para o povo de Deus" (Hb 4:9). O termo usado aqui para "descanso" é a palavra grega *sabbatismos* - "uma observação do *shabbath*" -, e esta é a única passagem do Novo Testamento em que esse termo é usado. A entrada dos santos no céu será como participar do grande descanso sabático de Deus, depois de concluídos todos os trabalhos e batalhas (Ap 14:13).

Podemos organizar estes descansos conforme o seguinte diagrama:

<i>Passado</i>	<i>Presente</i>	<i>Futuro</i>
O descanso de Deus no sábado	O descanso da salvação	Céu
O descanso de Israel em Canaã	O descanso da submissão (vitória em Cristo)	

Considerando este contexto da história de Israel e dos "descansos" envolvidos, podemos agora examinar a passagem propriamente dita. O autor dá três admoestações.

**Devemos dar ouvidos (vv. 7-19).** Dar ouvidos a quê? À triste história de Israel e às lições importantes que ela ensina. O autor cita o Salmo 95:7-11, que relata a reação de Deus à condição espiritual trágica de Israel. Deus havia livrado seu povo do Egito e cuidado deles, revelando seu poder por meio de vários sinais e prodígios. Israel viu tudo isso e se beneficiou desses milagres, mas essa experiência não os aproximou de Deus nem os fez confiar mais nele. Tudo o que Deus fez por eles não lhes trouxe qualquer benefício espiritual. Na verdade, aconteceu justamente o contrário: endureceram o coração contra Deus! Puseram Deus à prova, e ele não falhou; no entanto, eles falharam com Deus.

O cerne de todo problema é o problema do coração. O povo de Israel (com exceção de Moisés, Josué e Calebe) errou no coração (Hb 3:10), o que significa que seu coração afastou-se de Deus e de sua Palavra. Também demonstrou possuir um coração perverso de incredulidade (Hb 3:12). Não creu que Deus lhe daria vitória em Canaã. Israel viu Deus realizar grandes sinais no Egito e, ainda assim, duvidou de que ele estivesse à altura do desafio de conquistar Canaã.

A pessoa que *erra* no coração e tem um coração *incrédulo* também acaba tendo um coração *endurecido*. Trata-se de um coração insensível à Palavra e à obra de Deus. O coração de Israel estava tão endurecido que o povo desejou voltar para o Egito! É evidente que essa história tocou os leitores desta carta, pois eles próprios corriam o risco de "voltar".

Deus enviou seu julgamento sobre Israel no deserto em Cades-Barnéia. A geração toda foi condenada a morrer, e somente a nova geração poderia entrar na terra. Deus disse: "Não entrarão no meu descanso" (Hb 3:11). Mas qual é a relevância dessa mensagem para o cristão da atualidade? Nenhum cristão hoje, seja judeu seja gentio, pode voltar ao sistema legal mosaico, uma vez que o templo foi destruído e não existe mais sacerdócio. Mas todo cristão é tentado a abrir mão de sua confissão de Cristo e voltar ao

sistema do mundo fazendo concessões indevidas e vivendo em escravidão. Essa tentação é especialmente intensa em tempos de perseguição ou de sofrimento. O fogo da perseguição sempre purifica a Igreja, pois o sofrimento separa os cristãos verdadeiros das imitações. Cristãos verdadeiros estão dispostos a sofrer por Cristo e permanecem firmes em suas convicções e confissão de fé (ver Hb 3:6, 14). Não somos salvos apenas por nos atermos a nossa confissão. O fato de nos mantermos firmes no que cremos é prova de que somos, verdadeiramente, filhos de Deus.

É importante atentar para as admoestações e reconhecer os perigos espirituais que existem. Mas também é importante encorajar uns aos outros a ser fiéis ao Senhor (Hb 3:13). Temos a impressão de que alguns dos cristãos aos quais o autor se dirige não eram zelosos na comunhão com a congregação local (ver Hb 10:23-25). Os cristãos pertencem uns aos outros e precisam uns dos outros. Moisés, Calebe e Josué tentaram encorajar Israel quando a nação recusou-se a entrar em Canaã, mas o povo não lhes deu ouvidos.

Fica claro nesta seção que Deus entristeceu-se com os israelitas durante os quarenta anos em que vagaram pelo deserto. Pouco depois de saírem do Egito, começaram a provocar Deus (Êx 16:1ss). Depois que o Senhor supriu o pão, queixaram-se da falta de água (Êx 17:1-7). Moisés chamou esse lugar de "Massá e Meribá", que significa "provocação e teste". Essas mesmas palavras são usadas em Hebreus 3:9.

O pecado de Israel é declarado em Hebreus 3:12: "que vos afaste do Deus vivo". O termo grego dá origem à palavra "apostasia". Esta é a única passagem em Hebreus em que esse termo é usado. "Apostatar" significa abandonar a fé e, portanto, sofrer a condenação eterna? Essa idéia não se encaixa no contexto. Israel afastou-se do Deus vivo ao recusar a vontade de Deus para sua vida e desejar obstinadamente voltar para o Egito. Deus não permitiu que voltassem para o Egito e à escravidão. Em vez disso, ele os disciplinou no deserto.

A Epístola aos Hebreus enfatiza que os verdadeiros cristãos têm uma salvação verdadeira, pois crêem num Salvador vivo que intercede constantemente por eles. Mas o autor faz questão de ressaltar que tal certeza não é desculpa para pecar. Deus disciplina seus filhos. Devemos lembrar que Canaã não retrata o céu, mas sim a herança espiritual que os cristãos possuem em Cristo no presente. Os cristãos que duvidam da Palavra de Deus e que se rebelam não ficam de fora do céu, mas perdem as bênçãos de sua herança hoje e sofrem a disciplina de Deus.

**Devemos temer (vv. 1-8).** Os cristãos de hoje podem entrar em sua herança espiritual em Cristo e desfrutá-la. É preciso ter cuidado para não duvidar da Palavra de Deus, pois ela só pode cumprir seus propósitos quando é "acompanhada pela fé". A argumentação desta seção é apresentada por meio de várias proposições: (1) Deus concluiu sua obra e descansou, de modo que seu descanso está disponível desde a criação. (2) Os judeus não entraram em seu descanso. (3) Muitos anos depois (Sl 95), Deus disse que ainda havia um descanso disponível. Esse "Hoje" ainda está à disposição! Isso significa que Josué não conduziu Israel ao verdadeiro descanso, pois ainda resta um descanso.

O descanso para Israel em Canaã é um retrato do descanso espiritual que encontramos em Cristo quando nos entregamos a ele. Quando nos achegamos a Cristo pela fé, encontramos o descanso da salvação (Mt 11:28). Quando nos entregamos, aprendemos dele e lhe obedecemos pela fé, desfrutamos o descanso da *submissão* (Mt 11:29, 30). O primeiro é "paz com Deus" (Rm 5:1); o segundo é a "paz de Deus" (Fp 4:6-8). Quando cremos, entramos no descanso (Hb 4:3); quando obedecemos a Deus pela fé e nos sujeitamos a sua vontade, o descanso entra em nós.

**Devemos nos esforçar (vv. 9-13).** Uma boa tradução para a admoestação do versículo 11 é "sejamos diligentes". Ser diligente é o oposto de se "desviar" (Hb 2:1-3). De que maneira somos diligentes? Atentando cuidadosamente para a Palavra de Deus.

Israel não creu na Palavra de Deus e, portanto, os rebeldes pereceram no deserto. “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17).

Ao comparar a Palavra de Deus com uma espada, o autor não está sugerindo que Deus usa sua Palavra para exterminar os santos! Por certo, a Palavra corta o coração do pecador ao convencê-lo da culpa do pecado (At 5:33; 7:54), e a Palavra também derrota Satanás (Ef 6:17). O termo grego traduzido por “espada” significa “uma espada curta ou adaga”. A ênfase é sobre o poder da Palavra de penetrar e de revelar o ser interior dos homens. A Palavra é “discernente” ou “crítica”. Os israelitas criticaram a Palavra de Deus, em vez de permitir que a Palavra os julgasse. Como conseqüência, perderam sua herança.

É evidente que Deus vê o coração (Hb 4:13); mas nem sempre nós mesmos sabemos o que há em nosso ser interior (Jr 17:9). Deus usa a Palavra para nos levar a enxergar o pecado e a incredulidade de nosso coração. A Palavra *revela* nosso coração; em seguida, se confiarmos em Deus, a Palavra *capacita* nosso coração a obedecer a Deus e apropriar-se de suas promessas. Por isso, todo cristão deve esforçar-se com diligência para ouvir a Palavra de Deus e lhe obedecer.

Na Palavra, vemos Deus e também descobrimos como ele nos vê. Essa experiência nos permite ser honestos com Deus, confiar em sua vontade e obedecer a ele.

Tudo isso é possível em função da obra consumada de Jesus Cristo (“aquele” e “ele”, em Hb 4:10, referem-se a Jesus Cristo). Deus descansou quando concluiu sua criação. O Filho de Deus descansou quando concluiu a obra da nova criação. Temos acesso a seu descanso crendo em sua Palavra e obedecendo à sua vontade. Podemos fazer isso ao ouvir sua Palavra, compreendê-la, crer nela e lhe obedecer. Esse é o único modo de nos apropriarmos de nossa herança em Cristo.

Antes de Josué conquistar Jericó, enviou espias para avaliar a situação e acabou encontrando-se com o Senhor Jesus Cristo (Js 5:13-15). Josué descobriu que era o segundo no comando! O Senhor segurava uma espada, e Josué prostrou-se com o rosto a seus pés em sinal de submissão total. Foi esse ato realizado em privado que deu a Josué vitória pública.

Nós também nos apropriamos de nossa herança espiritual entregando-nos ao Senhor e confiando em sua Palavra. É preciso ter cuidado com o perverso coração de incredulidade.



## MAIOR DO QUE ARÃO, O SUMO SACERDOTE

HEBREUS 4:14 – 5:10

**M**oisés não conduziu o povo de Israel ao descanso prometido; na verdade, ele próprio foi proibido de entrar na terra. Josué conduziu-os ao descanso *físico*, mas não ao descanso *espiritual* prometido (ver Hb 4:8). Mas e quanto a Arão, o primeiro sumo sacerdote? Acaso o sacerdócio arônico, com todos os seus sacrifícios e cerimônias, poderia dar descanso à alma aflita?

Os cristãos hebreus que receberam essa carta enfrentavam a grande tentação de voltar à religião de seus pais. Afinal, qualquer judeu poderia viajar para Jerusalém e ver o templo e os sacerdotes ministrando junto ao altar. Era algo real, visível, concreto. Quando alguém sofre perseguições, como era o caso desses cristãos hebreus, é muito mais fácil viver de acordo com as aparências do que pela fé. Alguns cristãos já duvidaram do Senhor em circunstâncias muito menos extremas do que aquelas que aquele povo sofria.

O tema central de Hebreus é o sacerdócio de Jesus Cristo, o que ele faz hoje no céu em favor de seu povo. O ministério sacerdotal de Cristo é superior ao ministério de Arão e de seus sucessores? Sem dúvida, e o autor corrobora essa asserção com quatro argumentos.

### 1. JESUS CRISTO TEM UM TÍTULO SUPERIOR (Hb 4:14-16)

“Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como *grande sumo sacerdote*” (Hb 4:14, ênfase minha). Arão era sumo sacerdote, mas Jesus Cristo é o *grande Sumo Sacerdote*. Nenhum sacerdote do Antigo Testamento teria usado esse título. Mas em que consiste a grandeza de Cristo?

Em primeiro lugar, Jesus Cristo é tanto Deus quanto homem. Ele é “Jesus, o Filho de Deus”. O nome Jesus significa “Salvador” e o identifica com sua humanidade e com seu ministério na Terra. A designação “Filho de Deus” afirma sua divindade e o fato de que ele é Deus. Em sua Pessoa singular, Jesus Cristo une divindade e humanidade, de modo que pode aproximar as pessoas de Deus e lhes dar tudo o que Deus tem para elas.

Não apenas a Pessoa de Jesus Cristo é grande, mas também sua *posição*. Arão e seus sucessores ministravam no tabernáculo e nos recintos do templo e entravam uma vez por ano no Santo dos Santos. Mas Jesus Cristo “penetrou os céus” (Hb 4:14). Quando subiu para junto do Pai, Jesus passou pelo céu atmosférico e planetário e foi para o terceiro céu, onde Deus habita (2 Co 12:2). É muito melhor ter um Sumo Sacerdote que ministra em um tabernáculo celestial do que um sumo sacerdote que ministra em um tabernáculo terreno!

A posição de Cristo possui outro aspecto: além de estar no céu, ele está *entronizado*. Seu trono é o “trono da graça” (Hb 4:16). O propiciatório da arca da aliança era o trono de Deus em Israel (Êx 25:17-22), mas não poderia ser chamado de “trono da graça”. A graça não se oculta do povo. A graça não se esconde em uma tenda.

Além disso, pessoas comuns não tinham permissão de entrar nos recintos sagrados do tabernáculo e do templo, e os sacerdotes poderiam chegar somente até o véu. Apenas o sumo sacerdote passava o véu, e isso só no Dia da Expição (Lv 16). Mas *todo aquele que crê em Cristo é convidado*, e até mesmo incentivado, a “[achegar-se], portanto, confiadamente, junto ao trono da graça”! É um grande trono, pois nosso grande Sumo Sacerdote ministra nele.

Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote, está entronizado no céu. Sua grandeza tem mais um motivo: ele está ministrando graça e misericórdia aos que buscam socorro. Em sua *misericórdia*, Deus deixa de nos dar algo que merecemos. Nenhum sumo sacerdote do Antigo Testamento poderia ministrar junto ao propiciatório dessa maneira. Quando

um israelita era tentado, não tinha como correr para o sumo sacerdote a fim de pedir ajuda e, por certo, também não poderia entrar no Santo dos santos para pedir a ajuda de Deus. Mas, uma vez que cremos em Jesus Cristo, podemos correr para nosso Sumo Sacerdote a qualquer momento, em qualquer circunstância e encontrar o socorro de que precisamos.

Tendo em vista a superioridade de Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote, sobre Arão, chegamos a duas conclusões. Em primeiro lugar, não há necessidade de abrir mão de nossa confissão simplesmente porque estamos passando por provações e tribulações (Hb 4:14). O termo “confissão” refere-se à declaração de fé. Para esses cristãos hebreus, a tentação era abrir mão de sua confissão de fé em Cristo e de sua confiança nele (ver Hb 3:6, 14). Não se tratava de abrir mão da salvação, uma vez que a salvação por meio de Cristo é eterna (Hb 5:9). Antes, era uma questão que dizia respeito à sua confissão pública de fé. Ao voltar para o sistema do Antigo Testamento, estariam dizendo a todos que não tinham fé em Cristo (ver Gl 2:11-21). Esse tipo de incredulidade só serviria para envergonhar o nome de Cristo.

Afinal, o propósito maior da salvação é a glória de Deus (ver Ef 1:6, 12, 14). Moisés preocupou-se, em primeiro lugar, com a glória de Deus quando Israel desobedeceu à Lei de Deus e fez o bezerro de ouro (Êx 32). Deus propôs destruir a nação e começar outro povo a partir de Moisés, mas Moisés recusou a oferta. Em vez disso, ele intercedeu por Israel com base na glória e na promessa de Deus; e Deus poupou seu povo, mas não deixou de discipliná-lo por seu pecado (Êx 32:11-13).

A segunda conclusão é que não há necessidade de voltar atrás, pois podemos entrar confiadamente na presença de Deus e receber a ajuda de que precisamos (Hb 4:16). Nenhuma provação é grande demais, nenhuma tentação é forte demais; Jesus Cristo concede a misericórdia e a graça de que precisamos e quando precisamos. “Mas ele está tão longe!”, podemos argumentar.

“E ele é o Filho perfeito de Deus! O que sabe dos problemas de pecadores fracos como nós?”

Isso faz parte de sua grandeza! Quando ministrava aqui na Terra em um corpo humano, ele passou por tudo o que passamos e *mais*. Afinal, sendo alguém sem pecado algum, deve ter sentido todas as tentações e provações de maneira muito mais intensa do que nós. Apesar de ter sido tentado, Cristo não pecou e pode nos ajudar quando enfrentamos tentações. Se não permanecemos firmes em nossa confissão, não estamos mostrando que Jesus Cristo falhou, mas sim dizendo ao mundo que *nós falhamos* ao deixar de lançar mão da graça e da misericórdia inteiramente a nossa disposição.

## 2. JESUS CRISTO TEM UMA ORDENAÇÃO SUPERIOR (Hb 5:1, 4-6)

Quando comecei a pastorear a Igreja Batista do Calvário em Covington, no Estado do Kentucky, nos Estados Unidos, precisei me registrar na prefeitura a fim de ter autoridade para realizar casamentos. Tive de mostrar meu certificado de ordenação e provar que estava, de fato, ministrando na igreja.

Um dia, recebi um telefonema desesperado de um dos membros de nossa congregação contando de um casal de amigos cristãos que estava para se casar no dia seguinte. Haviam convidado um parente do Estado do Michigan para realizar o casamento, mas descobriram que ele não tinha autorização legal para realizar a cerimônia! Perguntaram-me se eu poderia ajudá-los. O pastor visitante teria realizado a cerimônia tão bem quanto eu e conhecia o casal melhor do eu, mas não tinha a autoridade necessária.

Nenhum homem tinha poder para nomear-se sacerdote, muito menos *sumo* sacerdote. O rei Saul tentou desempenhar funções sacerdotais e perdeu o reino (1 Sm 13). Coré e seus companheiros rebeldes tentaram ordenar-se sacerdotes e foram julgados por Deus (Nm 16). Quando o rei Uzias tentou entrar no templo para queimar incenso, Deus o feriu com lepra (2 Cr 26:16-21).

Arão foi escolhido por Deus para ser o sumo sacerdote e foi devidamente ordenado

e empossado nesse cargo (Êx 28). Foi escolhido *dentre* os homens para ministrar aos homens. Sua principal tarefa era exercida junto ao altar: oferecia os sacrifícios determinados por Deus (ver Hb 8:3, 4; 9:14). Deus só aceitava os sacrifícios quando eram oferecidos no lugar certo e pela pessoa certa.

A própria existência do sacerdócio e do sistema de sacrifícios comprovava que o ser humano estava separado de Deus. Por um ato de sua graça, Deus instituiu todo o sistema levítico. Hoje, esse sistema já está cumprido pelo ministério de Jesus Cristo. Ele é tanto o sacrifício quanto o Sumo Sacerdote que ministra para o povo de Deus com base em sua oferta definitiva na cruz.

O tema da ordenação que aparece em Hebreus 5:1 é desenvolvido com mais detalhes em Hebreus 5:5, 6. Jesus Cristo não nomeou a si mesmo Sumo Sacerdote. Foi nomeado por Deus Pai. A citação em Hebreus 5:5 é do Salmo 2:7. Esse salmo é citado em Hebreus 1:5 para provar que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Mas a ênfase em Hebreus 5:5 é sobre o sacerdócio de Jesus Cristo, não sobre sua divindade. Qual é, portanto, a relevância dessa citação para a discussão?

A resposta a essa pergunta encontra-se em Atos 13:33, 34, em que o apóstolo Paulo cita o Salmo 2:7 e explica o que ele significa. As palavras “hoje, te gerei” não se referem ao nascimento de Cristo em Belém, mas a sua *ressurreição dentre os mortos*. Em sua ressurreição, o Filho de Deus foi “gerado” para uma nova vida gloriosa! Subiu ao céu em um corpo glorificado, a fim de se tornar nosso Sumo Sacerdote no trono da graça. Quando Arão foi ordenado para o sacerdócio, ofereceu sacrifícios de animais. Mas quando Jesus Cristo tornou-se nosso Sumo Sacerdote, ofereceu a si mesmo como sacrifício – e, depois, ressuscitou dentre os mortos!

Mas Deus Pai não apenas disse “Tu és meu Filho” (Sl 2:7), como também afirmou “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 5:6, citando o Sl 110:4). Esse salmo também foi citado em Hebreus 1:13 para asseverar a vitória final de Jesus Cristo sobre todos os inimigos.

Quando Arão foi ordenado, Deus não se dirigiu diretamente a ele e declarou seu sacerdócio. Mas o Pai fez essa declaração especial com respeito a seu Filho.

Dois fatores tornam o sacerdócio de Cristo singular e, portanto, sua ordenação ainda mais excelente. Em primeiro lugar, ele é Sumo Sacerdote *para sempre*. Nenhum sacerdote do Antigo Testamento ministrou para sempre, pois todos morreram, deixando o cargo para os seus sucessores. A expressão “para sempre” é importante nesta epístola (Hb 5:6; 6:20; 7:17, 21, 24, 28; 9:28; 10:12, 14, 17; 13:8). Uma vez que Cristo é Sacerdote para sempre, ele dá salvação eterna a seu povo (Hb 7:23-28).

O segundo fator que torna a ordenação de Cristo singular é o fato de ele pertencer a uma *ordem diferente* daquela dos sacerdotes do Antigo Testamento. Eles pertenciam à ordem de Arão; Cristo pertence à ordem de Melquisedeque. Trata-se de um conceito-chave na Epístola aos Hebreus, de modo que devemos examiná-lo com cuidado e compreendê-lo bem.

Melquisedeque é mencionado em apenas duas passagens de todo o Antigo Testamento: Gênesis 14:18-24 e Salmos 110:4. Seu nome significa “Rei de Justiça”, e ele também era “Rei de Salém [paz]”. Mas a coisa mais fascinante a respeito de Melquisedeque é sua identidade como *rei e sacerdote!* O rei Uzias tentou ser rei e sacerdote e Deus o julgou. Somente em Jesus Cristo e em Melquisedeque, uma figura anterior à Lei, é que esses dois cargos são unidos em uma só pessoa. Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote *entronizado!*

Jesus Cristo pode ser “sacerdote para sempre” porque pertence à “ordem de Melquisedeque”. No que se refere ao registro do Antigo Testamento, Melquisedeque não morreu (ver Hb 7:1-3). Claro que, pelo fato de ser humano, mais cedo ou mais tarde morreu, mas a Bíblia não relata sua morte. Assim, Melquisedeque tornou-se um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo, que é *Sacerdote para sempre*.

Mas Melquisedeque também retrata Cristo como um Sumo Sacerdote *celestial*. Jesus

Cristo não poderia jamais ter servido como sacerdote aqui na Terra, pois não pertencia à tribo de Levi. Jesus nasceu da descendência de Davi, da tribo de Judá. Tornou-se um sacrifício aqui na Terra, a fim de que pudesse ser Sumo Sacerdote no céu. Todas essas verdades serão desenvolvidas em mais detalhes em Hebreus 7 a 10, mas são introduzidas aqui.

### 3. JESUS CRISTO REVELA UMA SOLIDARIEDADE SUPERIOR (Hb 5:2, 7, 8)

Todo sumo sacerdote do Antigo Testamento ministrava a pessoas “ignorantes [...] que erram” (Hb 5:2). Para os pecados deliberados de rebelião, Deus não proveu outra coisa senão julgamento (ver Êx 21:12-14; Nm 15:27-31), mas proveu sacrifícios para as pessoas que pecavam por ignorância ou fraqueza. Um sacerdote do Antigo Testamento poderia identificar-se com os pecadores, uma vez que ele próprio era pecador. Tanto que, no Dia da Expição, o sumo sacerdote deveria oferecer um sacrifício *por si mesmo* antes de poder oferecer outro pela nação! (Lv 16; Hb 9:7).

Supõe-se que um pecador terá compaixão de outro pecador, mas nem sempre é o caso. O pecado torna o ser humano egoísta e pode cegar para as aflições do semelhante. O pecado pode endurecer o coração e tornar as pessoas críticas em vez de solidárias. Lembre-se de como a aflita Ana, que pedia um filho em oração, foi acusada pelo sumo sacerdote Eli de estar embriagada (1 Sm 1:9-18). E quando o rei Davi foi confrontado com a história sobre o pecado de um homem rico, não se solidarizou com ele, apesar de o próprio Davi ter cometido pecados ainda mais graves (2 Sm 12).

Quem se solidariza com o pecador e procura ajudá-lo tem uma atitude espiritual e um coração puro (ver Gl 6:1). Uma vez que somos tão pecadores, temos dificuldade em ajudar outros pecadores; mas, pelo fato de ser perfeito, Jesus pode suprir nossas necessidades depois que pecamos.

Jesus Cristo foi preparado para seu ministério como Sumo Sacerdote quando estava ministrando aqui na Terra (Hb 5:7, 8).

A expressão “nos dias da sua carne” significa “nos dias em que estava na Terra em um corpo humano”. Desde o nascimento até a morte, mesmo sem pecar, Cristo experimentou as fragilidades da natureza humana. Cresceu e amadureceu (Lc 2:52). Sentiu fome, sede e cansaço (Jo 4:6-8, 31). Também foi tentado (Mt 4:1-11) e perseguido por homens perversos.

De que maneira o Filho de Deus “aprendeu a obediência”? Da mesma forma como qualquer outro filho deve aprender a ser obediente: por meio das experiências da vida. Devemos lembrar que, quando estava aqui na Terra, Cristo viveu pela fé segundo a vontade do Pai. Por ser Deus, não precisava aprender coisa alguma. Mas como Filho de Deus em carne humana, teve de passar por aquilo que seu povo passaria, de modo que pudesse ministrar como Sumo Sacerdote. Não precisava aprender *como* obedecer, pois é impossível a Deus ser desobediente. Antes, como Deus-Homem em carne, precisava aprender o que a obediência envolvia. Foi assim que se identificou conosco.

Essa preparação envolveu a experiência da morte. Em Hebreus 5:7 o autor concentra-se na experiência de Cristo no jardim do Getsêmani (Mt 26:36-46). Quando estava próximo da cruz, Jesus não foi afligido pelo sofrimento físico, mas sim pelo fato de que seria feito pecado e separado de seu Pai. Outros servos de Deus enfrentaram a morte e não expressaram emoções tão intensas; mas nenhum outro servo levou em seu corpo os pecados do mundo inteiro.

Em sua oração no Getsêmani, Cristo não se opôs ao Pai; antes, pediu: “não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22:42). Ele havia profetizado a própria morte e deixado claro que estava entregando sua vida de livre e espontânea vontade. É possível ligar essa declaração ao Salmo 2:7, citado em Hebreus 5:5, que promete a ressurreição dentre os mortos.

O autor de Hebreus afirma que a oração de Jesus foi ouvida (ver Hb 5:7), ou seja, que foi atendida pelo Pai. Uma vez que Cristo morreu *de fato* na cruz, não foi isso o que ele pediu em sua oração, pois se o Pai

tivesse respondido, o Filho não teria sido crucificado. Ele não pediu para ser *poupado* da morte, mas sim para ser *salvo* da morte, e Deus atendeu seu pedido ressuscitando-o dentre os mortos.

Ninguém jamais teve uma morte semelhante à de Jesus. Ele foi feito pecado por nós (2 Co 5:21; 1 Pe 2:24). Muitos homens morreram por causa dos próprios pecados, mas somente Jesus morreu pelos pecados do mundo inteiro. Experimentou o sofrimento supremo e, portanto, pode se solidarizar com seu povo quando ele sofre. Os leitores desta epístola viviam dias difíceis, mas “ainda não [tinham] resistido até ao sangue” (Hb 12:4). Suas propriedades haviam sido confiscadas e eles haviam sido ridicularizados (Hb 10:32-34), mas não foram crucificados nem abandonados pelo Pai.

Quaisquer que sejam as provações que enfrentarmos, Jesus Cristo é capaz de entender nossas necessidades e de nos ajudar. Não há motivo para duvidar de sua capacidade de se solidarizar conosco e de nos fortalecer. Também é importante observar que, por vezes, Deus nos coloca em situações difíceis a fim de que sejamos capazes de compreender melhor as necessidades de outros para poder encorajá-los (ver 2 Co 1:8ss).

Quando Charles Haddon Spurgeon era um jovem pastor em Londres, seu ministério bem-sucedido despertou a inveja de alguns ministros que o atacaram com várias formas de calúnia e fofocas. Seus sermões foram chamados de “ordinários”, e ele foi tachado de “ator” e de “palhaço de púlpito”. Mesmo depois que seu ministério estava consolidado, Spurgeon foi alvo de mentiras na imprensa (inclusive na imprensa *religiosa*) e estava preste a desanimar.

Depois de uma reportagem particularmente infame, Spurgeon prostrou-se diante do Senhor e orou: “Ó Senhor Jesus, tu abriste mão de tua reputação por mim. Assim, entrego de bom grado a minha reputação por amor a ti”. Desse momento em diante, Spurgeon teve paz em seu coração. Sabia que seu Sumo Sacerdote compreendia suas necessidades e lhe daria a graça de que precisava para cada ocasião.

#### 4. JESUS CRISTO OFERECEU UM SACRIFÍCIO SUPERIOR (Hb 5:3, 9, 10)

Este tópico já foi mencionado, e o autor de Hebreus trata dele em mais detalhes em Hebreus 9 e 10. O assunto envolve duas questões importantes.

A primeira é que Jesus Cristo não precisava oferecer sacrifício algum por si mesmo. Na observação anual do Dia da Expição, o sumo sacerdote precisava, em primeiro lugar, oferecer um sacrifício por si mesmo; só então poderia oferecer os sacrifícios por sua nação (Lv 16). Uma vez que Jesus é o Filho impecável de Deus, não havia necessidade de oferecer sacrifícios por si mesmo. Estava em comunhão perfeita com o Pai e não precisava de qualquer purificação.

A segunda questão é que o sacrifício de nosso Senhor foi definitivo, enquanto os sacrifícios do Antigo Testamento precisavam ser repetidos. Além disso, aqueles sacrifícios apenas *cobriam* os pecados, mas não poderiam *purificar* dos pecados. Era preciso que o Cordeiro imaculado de Deus fosse sacrificado, a fim de purificar e de remover os pecados.

Uma vez que ele é o Filho eterno e impecável de Deus, e pelo fato de haver oferecido um sacrifício perfeito, Jesus Cristo é o “Autor da salvação eterna” (Hb 5:9). Nenhum sacerdote do Antigo Testamento seria capaz de oferecer salvação eterna, mas é exatamente isso o que temos em Jesus Cristo. A expressão “tendo sido aperfeiçoado” não sugere que Jesus era imperfeito! Antes, a palavra no original significa “completado”; descrevemos esse termo em nosso estudo de Hebreus 2:10. Por meio de seus sofrimentos aqui na Terra, Jesus Cristo foi equipado para seu ministério celestial como nosso Sumo Sacerdote. Ele tem poder para salvar, guardar e fortalecer seu povo.

As palavras “os que lhe obedecem” (Hb 5:9) dão a entender que, se não obedecermos a Deus, poderemos perder a salvação eterna? “Obedecer a Deus” é o mesmo que “confiar em Deus”, de modo que “os que lhe obedecem” é uma descrição dos que creem em Jesus Cristo. “Muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (At 6:7). “Mas nem todos obedeceram ao evangelho” (Rm 10:16).

“Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade” (1 Pe 1:22). Ao depositar nossa fé em Jesus Cristo e, desse modo, obedecer a seu chamado, experimentamos a salvação eterna.

É difícil resistir aos quatro argumentos apresentados nesta seção. Devemos concluir com o autor que Jesus Cristo, o grande Sumo Sacerdote, é superior a Arão. Seria absurdo

uma pessoa voltar às coisas inferiores da antiga Lei quando poderia desfrutar as coisas superiores de Jesus Cristo. Então, por que esses cristãos hebreus estavam sendo tentados a voltar para o legalismo? Porque não estavam progredindo na maturidade em Cristo! Por esse motivo, o autor os exorta a crescer no Senhor, sendo esse o tema do capítulo seguinte.

# OS PEREGRINOS DEVEM PROGREDIR

HEBREUS 5:11 – 6:20

“Para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas” (Hb 6:12).

Este versículo resume a mensagem principal desta seção difícil (e, com frequência, mal-interpretada) da epístola. Israel quis voltar para o Egito e, como resultado, uma geração inteira deixou de herdar o que Deus havia prometido. Foram libertos do Egito em segurança, mas não desfrutaram o descanso prometido em Canaã. Nós, cristãos, podemos cometer o mesmo erro.

Tendo em mente que a ênfase desta seção é sobre o *progresso espiritual*, iremos nos manter afastados das interpretações equivocadas que podem causar problemas. Nesta seção, o autor trata de três tópicos relacionados ao progresso espiritual.

## 1. OS SINAIS DE IMATURIDADE ESPIRITUAL (Hb 5:11-14)

O autor está preste a começar sua explicação sobre o sacerdócio celestial de Cristo, mas não tem certeza de que seus leitores estão prontos para o que ele tem a ensinar. Não se trata de o autor ser tardio como professor, mas sim de seus leitores serem tardios em ouvir! O termo traduzido por “tardios”, em Hebreus 5:11, é traduzido por “indolentes” em Hebreus 6:12. Refere-se a um estado de apatia e de preguiça espiritual que impede o desenvolvimento espiritual.

Quais são, então, os sinais de imaturidade espiritual?

**Apatia com respeito à Palavra (v. 11).** Esses cristãos começaram a “andar para trás” *desviando-se da Palavra* (Hb 2:1-4), depois

*duvidando da Palavra* (Hb 3:7 – 4:13). Como resultado, tornaram-se “tardios em ouvir”, ou seja, incapazes de ouvir a Palavra, de recebê-la e de agir de acordo com ela. Não possuíam a atitude dos tessalonicenses. “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes” (1 Ts 2:13).

Um dos primeiros sintomas de regressão espiritual ou de apostasia é a apatia com a Bíblia. As aulas da escola dominical são enfadonhas, os sermões são enfadonhos, qualquer coisa espiritual é enfadonha. O problema normalmente não é com o professor da escola dominical nem com o pastor, mas sim com o próprio cristão.

**Incapacidade de compartilhar (v. 12a).** A capacidade de compartilhar verdades espirituais com outros é um sinal de maturidade. Nem todo cristão tem o dom do ensino, mas todos podem compartilhar o que estão aprendendo da Palavra. Uma das lições mais difíceis que as crianças precisam aprender é compartilhar. Os leitores desta carta eram salvos há tempo suficiente para ser capazes de compartilhar a verdade de Deus com outros. Mas, em lugar de ajudar outros a crescer, esses cristãos hebreus precisavam aprender *novamente* os preceitos básicos da vida cristã. Passavam por uma segunda infância!

**Alimento para os bebês (vv. 12b, 13).** O leite é um alimento pré-digerido e especialmente apropriado para os bebês. Só quem tem dentes pode saborear carnes. O autor define o “leite” como “os princípios elementares dos oráculos de Deus” (Hb 5:12). A “carne” da Palavra equivale aos ensinamentos sobre o ministério de Cristo como nosso Sumo Sacerdote no céu *agora*. O autor deseja lhes dar “carne”, mas não estão preparados.

O “leite” da Palavra refere-se ao que Jesus Cristo fez na Terra: seu nascimento, vida, ensinamentos, morte, sepultamento e

ressurreição. A “carne” da Palavra refere-se ao que Jesus Cristo está fazendo agora no céu. Começamos a vida cristã com base em sua obra consumada na Terra. Crescemos na vida cristã com base em sua obra inacabada no céu.

É evidente que nem mesmo o cristão mais maduro é velho demais para tomar leite. Como cristãos, ainda podemos aprender muita coisa sobre a obra de nosso Senhor aqui na Terra. *Mas não devemos nos ater a isso!* É preciso progredir espiritualmente, e a única forma de fazê-lo é aprender sobre o ministério sacerdotal de Cristo por nós no céu (ver Hb 13:20, 21 para um resumo do que o Senhor deseja fazer por seu povo hoje).

***Ineptos no manejo da Palavra (v. 14).*** Ao crescer na Palavra, aprende-se a usá-la na vida diária. Ao aplicar a Palavra, aprende-se a usar os “sentidos espirituais” e a desenvolver discernimento espiritual. Uma característica das crianças pequenas é sua falta de discernimento. Um bebê coloca qualquer coisa na boca. Um cristão imaturo ouve qualquer pregador no rádio ou na televisão e não é capaz de determinar se ele é fiel às Escrituras ou não.

Assim como nosso corpo físico tem sentidos sem os quais não poderíamos subsistir, também o nosso “ser interior espiritual” tem “sentidos espirituais”. Por exemplo: “Provai e vede que o SENHOR é bom” (Sl 34:8). “Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem” (Mt 13:16). Ao alimentar-se da Palavra de Deus e aplicá-la à vida diária, o cristão terá os “sentidos espirituais” exercitados, e eles se tornam mais fortes e apurados. Paulo chama esse processo de “exercício na piedade” (ver 1 Tm 4:7, 8).

A capacidade de discernir entre o bem e o mal é parte vital da maturidade cristã. No tempo de Moisés, a nação de Israel não possuía esse discernimento e deixou de tomar posse da sua herança. Os leitores dessa epístola corriam o risco de cometer o mesmo erro. É impossível ficar parado na vida cristã: ou avançamos e nos apropriamos da bênção de Deus ou retrocedemos e andamos sem rumo.

Certa vez, ouvi um pastor dizer:

– A maioria dos cristãos vive a meio caminho.

– Como assim? – perguntei.

– Estão a meio caminho entre o Egito e Canaã: saíram do lugar de perigo, mas ainda não entraram no lugar de descanso e herança abundante – respondeu ele. – Estão a meio caminho entre a Sexta-Feira Santa e o Domingo de Páscoa: foram salvos pelo sangue, mas ainda não desfrutam a novidade de vida da ressurreição.

Essa é sua situação?

## **2. O CONVITE À MATURIDADE ESPIRITUAL (Hb 6:1-12)**

Ninguém pode escapar de vir ao mundo como um bebê, pois essa é a única maneira de chegar aqui! Mas é triste quando um bebê não cresce. Por mais que os pais e avós gostem de segurar e de afagar um recém-nascido, seu grande desejo é que a criança cresça e desfrute uma vida plena como adulto maduro. Deus tem o mesmo desejo para seus filhos. Por isso, ele nos chama à maturidade (ver Hb 6:1).

***É um convite ao progresso espiritual (vv. 1-3).*** A fim de fazermos progresso, devemos deixar as coisas da infância para trás e avançar no crescimento espiritual. Hebreus 6:1 diz, literalmente: “Por isso, deixando [de uma vez por todas] os princípios elementares [o abecedário] da doutrina de Cristo”. Quando eu estava no jardim da infância, a professora nos ensinou o abecedário. (Naquele tempo, não tínhamos a televisão para nos ensinar.) Aprendemos o alfabeto para saber ler palavras, frases, livros ou qualquer outro tipo de material escrito, mas não ficamos apenas nisso; antes, usamos os conceitos básicos a fim de avançar para coisas melhores.

A expressão “deixemo-nos levar” indica que é Deus quem nos dá a capacidade de progredir ao nos sujeitarmos a ele ou ao recebermos sua Palavra colocando-a em prática. Um bebê não cresce por força de vontade. Ele cresce à medida que se alimenta, dorme, exercita-se e deixa que seu corpo funcione. Deus determinou que, dia após dia, o bebê se desenvolva gradativamente



até a idade adulta seguindo um ritmo natural. É normal os cristãos crescerem; é anormal ficarem estagnados.

O autor relaciona seis elementos fundamentais da vida cristã que, a propósito, também são fundamentos da fé judaica. Afinal, a fé cristã é baseada na fé judaica, constituindo seu cumprimento. "A salvação vem dos judeus" (Jo 4:22). Se os leitores desta epístola voltassem ao judaísmo a fim de evitar perseguições, estariam abandonando o que é perfeito em troca do imperfeito, o que é maduro em troca do imaturo.

Os dois primeiros itens (arrepentimento e fé) são referentes a Deus e indicam o início da vida espiritual. Arrepender-se significa mudar de idéia. Não é apenas "um sentimento desagradável com respeito ao pecado", pois isso seria remorso.

Arrepender-se é mudar de idéia sobre o pecado de tal modo a abandoná-lo. Uma vez que o pecador se arrepende (uma decisão que, em si, é uma dádiva de Deus, At 5:31; 11:18), pode, então, exercitar a fé em Deus. O arrependimento e a fé andam juntos (At 20:21).

Os dois itens seguintes (batismo e imposição de mãos) são referentes à relação de uma pessoa com a *congregação local de cristãos*. No Novo Testamento, uma pessoa que se arrependia e cria em Jesus Cristo era batizada e se tornava membro de uma igreja local (At 2:41-47). A palavra "batismos", em Hebreus 6:2, pode ser traduzida por "abluições" (Hb 9:10). Apesar de a água não ter qualquer poder de purificar o pecado (1 Pe 3:21), o batismo simboliza a purificação espiritual ("Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele"; At 22:16) e nossa identificação com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição (Rm 6:1-4). A "imposição de mãos" (Hb 6:2) simboliza o compartilhamento de uma bênção (Lc 24:50; At 19:6) ou a consagração de uma pessoa para o ministério (1 Tm 4:14).

Os dois últimos itens, a ressurreição dos mortos (At 24:14, 15) e o julgamento final (At 17:30, 31), referem-se ao futuro. Tanto os judeus ortodoxos quanto os cristãos crêem nessas doutrinas. O Antigo Testamento ensina

uma ressurreição geral, mas não esclarece esse preceito. O Novo Testamento ensina uma ressurreição dos salvos e, também, uma ressurreição dos perdidos (Jo 5:24-29; Ap 20:4-6, 12-15).

A lição desse parágrafo (Hb 6:1-3) é clara: "Vocês lançaram os alicerces e aprenderam os princípios básicos. É hora de avançar! Deixem que Deus os leve à maturidade!"

**Esse progresso não afeta a salvação (vv. 4-6).** Estes versículos, juntamente com a exortação de Hebreus 10:26-39, são motivo de preocupação e de aflição para algumas pessoas, principalmente porque são indevidamente interpretados e aplicados. Recebi interurbanos de pessoas transtornadas que não entenderam essa passagem e se convenceram (ou foram convencidas por Satanás) de que haviam cometido algum pecado imperdoável e estavam irremediavelmente perdidas. Não quero dar falsa segurança para qualquer um que se diga cristão, mas não seja, verdadeiramente, nascido de novo. No entanto, também não desejo fazer com que algum cristão autêntico tropece e perca o que Deus tem de melhor para lhe dar.

Ao longo dos anos, estudiosos da Bíblia têm apresentado várias abordagens a essa passagem séria. Uma das idéias é que o autor adverte sobre o pecado da apostasia, ou seja, de rejeitar Jesus Cristo deliberadamente e voltar para a antiga vida. De acordo com os que aceitam essa abordagem, tal pessoa perde-se para sempre. Tenho vários problemas com essa interpretação. Em primeiro lugar, o termo grego *apostasia* não é usado nessa passagem. O verbo traduzido por "caíram" (Hb 6:6) é *parapipto*, que significa, literalmente, "cair ao lado". Em segundo lugar, sempre interpretamos o que é obscuro buscando o significado mais óbvio. Muitos versículos das Escrituras garantem que o verdadeiro cristão não pode perder a salvação. Na verdade, um dos argumentos mais sólidos em favor de tal segurança é justamente a última seção deste capítulo (Hb 6:13-20; ver também Jo 5:24; 10:26-30; Rm 8:28-39).

Os que ensinam que o cristão pode perder a salvação também ensinam que tal

pessoa pode ser restaurada. Mas essa passagem (Hb 6:4-6) ensina justamente o contrário! O texto diz claramente: “é impossível outra vez renová-los para arrependimento”. Em outras palavras, se essa passagem refere-se à apostasia, uma vez que alguém rejeita a Cristo *não pode* ser restaurado à salvação. Perde-se para sempre.

Outros afirmam que os indivíduos referidos nessa passagem não eram cristãos autênticos. Haviam cooperado com o Espírito Santo até certo ponto, mas não eram, verdadeiramente, nascidos de novo. Convém examinar a descrição dessas pessoas e determinar se possuíam a verdadeira salvação.

O texto diz que “foram iluminados” (Hb 6:4). “Uma vez” significa “iluminados de uma vez por todas”. A forma do verbo usada em Hebreus 10:32 indica a experiência da verdadeira salvação (ver 2 Co 4:4-6).

“Provaram o dom celestial” (Hb 6:4b) e “provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro [da era por vir]” (Hb 6:5). Afirmar que essas pessoas “provaram, mas não comeram” exige que baseemos a interpretação em um significado do termo “provar” em nossa língua. Deus permitiu que seu Filho “provasse a morte por todo homem” (Hb 2:9). Sem dúvida, Jesus Cristo não *experimentou apenas uma pequena porção* da cruz! “Provar” dá a idéia de “experimentar plenamente”. Esses cristãos hebreus haviam experimentado o dom da salvação, a Palavra de Deus e o poder de Deus. Acaso não se trata de uma descrição da salvação autêntica?

Eles “se tornaram participantes do Espírito Santo” (Hb 6:4c). A fim de sugerir que eles colaboraram com o Espírito Santo apenas até certo ponto, precisamos ignorar o significado simples do verbo – “transformaram-se em participantes”. Essas mesmas pessoas não eram participantes apenas do Espírito Santo, mas também “da vocação celestial” (Hb 3:1) e, ainda, “participantes de Cristo” (Hb 3:14).

Diante dos fatos mencionados acima, concluo que os indivíduos mencionados nessa passagem eram cristãos autênticos, não apenas da boca para fora. Além disso,

de que maneira pessoas *incrédulas* poderiam desonrar e envergonhar Jesus Cristo?

De acordo com outra abordagem, esse pecado (seja ele o que for) poderia ser cometido somente por cristãos hebreus do primeiro século, enquanto ainda existiam os cultos no templo. Se esse é o caso, então por que o autor associa sua exortação ao sacerdócio *celestial* de nosso Senhor e à importância da maturidade espiritual? Se aquilo sobre o que ele estava escrevendo não pode acontecer hoje, o que o levou a fazer tal exortação? Se limitarmos esses versículos aos cristãos judeus do primeiro século, a passagem me parece desnecessária.

Então, o que o autor está tentando nos dizer? É provável que esteja descrevendo um *caso hipotético* para provar que um verdadeiro cristão não pode perder a salvação. Sua declaração em Hebreus 6:9 parece corroborar essa interpretação: “Muito embora eu esteja falando assim, na realidade não creio que se aplique a vocês o que eu estou dizendo” (Bíblia Viva). Sua argumentação segue esta linha:

“Suponhamos que vocês não se deixem levar à maturidade. Isso significa que voltarão à condenação, que perderão a salvação? Impossível! Se *pudessem* perder a salvação, não teriam como recuperá-la, e isso envergonharia Jesus Cristo. Ele teria de ser crucificado novamente por vocês, o que jamais poderia ocorrer.”

Em Hebreus 6:4, o autor muda o uso dos pronomes da primeira pessoa do plural (“nós”) para a terceira pessoa do plural (“eles”). Essa mudança também sugere que se trata de uma hipótese.

No entanto, existe ainda outra interpretação possível que não requer um caso hipotético. Devemos observar que, no grego, os verbos “crucificando” e “expondo”, em Hebreus 6:6, encontram-se no gerúndio: “estão crucificando [...] e estão expondo-o”. O autor não diz que essas pessoas *jamais* seriam levadas ao arrependimento. Diz que não poderiam ser levadas ao arrependimento *enquanto estivessem tratando Jesus Cristo de maneira tão vergonhosa*. Uma vez que pararem de desonrar Cristo desse modo,

poderão ser levadas ao arrependimento e restaurar sua comunhão com Deus.

Qualquer que seja a abordagem escolhida, devemos ter em mente que o objetivo do autor não era assustar os leitores, mas sim os tranquilizar. Se desejasse assustá-los, teria especificado o pecado (ou pecados) que os levaria a desonrar Jesus Cristo; no entanto, não é isso o que ele faz. Na verdade, evita o verbo *apostatar* e usa, em seu lugar, "caíram" (ver Gl 6:1, "surpreendido alguma falta").

Os cristãos *podem* cometer o "pecado para a morte" (1 Co 11:30-32; 1 Jo 5:16, 17). Essa é a disciplina de Deus, um tema do qual o autor de Hebreus trata em Hebreus 12.

**Esse progresso resulta na produção abundante de frutos (vv. 7-10).** Essa ilustração de um campo lembra a parábola do semeador que Jesus contou (Mt 13:1-9, 18-23), bem como o ensinamento de Paulo sobre como as obras serão testadas pelo fogo (1 Co 3:6-23). Um campo prova seu valor dando frutos; e, ao realizar progresso espiritual, o verdadeiro cristão produz frutos para a glória de Deus. É importante observar que os "espinhos e abrolhos" são queimados, mas não o campo. Deus nunca amaldiçoa seus filhos!

A colheita das bênçãos de Deus retratada em Hebreus 6:7 é chamada de "coisas que são melhores e pertencentes à salvação" em Hebreus 6:9. Nem todo cristão produz a mesma *quantidade* de frutos ("este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um", Mt 13:23), mas todo cristão dá algum *tipo* de fruto como prova de que é filho de Deus (Mt 7:15-20). São os frutos da conduta e do caráter cristãos (Gl 5:22-26) produzidos pelo Espírito, à medida que amadurecemos em Cristo.

O autor relaciona alguns frutos que sabia terem sido produzidos na vida de seus leitores (Hb 6:10): por causa de seu amor, haviam se esforçado e trabalhado para o Senhor; haviam ministrado e continuavam ministrando a outros santos (ver 1 Ts 1:3-10; Ap 2:2). Essas são algumas das "coisas [...] pertencentes à salvação".

No entanto, a preocupação do autor era que os cristãos hebreus descansassem em

suas realizações e deixassem de avançar para a maturidade plena e para a capacidade de desfrutar a rica herança de Deus.

**Esse progresso exige esforço diligente (vv. 11, 12).** Apesar de ser verdade que é Deus quem nos leva à maturidade (ver Hb 6:1, 3), também é verdade que o cristão deve fazer sua parte. Ninguém deve ser preguiçoso ("tardios" em Hb 5:11), mas sim dedicar-se aos recursos espirituais que Deus concedeu. Uma vez que temos as promessas de Deus, devemos exercitar a fé e a paciência e nos apropriar do que possuímos! Como Calebe e Josué, devemos crer nas promessas de Deus, ansiar por entrar na terra e tomar posse dela! A ilustração da lavoura (Hb 6:7, 8) e a admoestação à diligência sempre me fazem lembrar da advertência dada por Salomão (Pv 24:30-34). É preciso lê-la e *lhe atender!*

### 3. A BASE PARA A SEGURANÇA ESPIRITUAL (Hb 6:13-20)

A fim de evitar que alguém interpretasse incorretamente sua exortação à maturidade espiritual, o autor termina esta seção com um argumento momentoso em favor da certeza da salvação. Nenhum cristão faz o progresso espiritual que deveria, mas jamais precisará temer a condenação de Deus. O autor apresenta três argumentos em favor da certeza da salvação para cristãos autênticos.

**A promessa de Deus (vv. 13-15).** A promessa principal de Deus para a Abraão encontra-se registrada em Gênesis 22:16, 17. Apesar das falhas e pecados de Abraão, Deus cumpriu sua promessa, e Isaque nasceu. Muitas promessas de Deus não dependem de nosso caráter, mas sim da fidelidade do Senhor. A expressão "esperar com paciência" (Hb 6:15) é exatamente o oposto de "indolentes" (Hb 6:12). Os leitores desta epístola estavam prestes a desistir; sua paciência começava a esgotar-se (ver Hb 12:1, 2). Assim, o autor diz: "Vocês receberão e desfrutarão aquilo que Deus prometeu se vocês se dedicarem diligentemente ao desenvolvimento da sua vida espiritual".

Hoje, nós, cristãos, temos mais promessas do que Abraão! O que nos impede de

progredir espiritualmente? *Não nos esforçamos pela fé.* Voltando à ilustração da lavoura, se o lavrador ficar sentado em sua varanda olhando para as sementes, não terá o que colher. Deve pôr mãos à obra: arar, plantar, cultivar e, por vezes, regar o solo. O cristão que negligenciar a comunhão na igreja, ignorar a Bíblia e se esquecer de orar não terá uma colheita abundante.

**O juramento de Deus (vv. 16-18).** Deus não apenas fez uma promessa a Abraão, mas também a confirmou com um juramento. Quando uma testemunha faz um juramento em um tribunal, declara que dirá a verdade “com a ajuda de Deus”. Invocamos o maior como testemunha para o menor. Ninguém é maior do que Deus, de modo que ele jurou por si mesmo!

Mas Deus não fez isso apenas por Abraão. Também fez sua promessa e juramento “aos herdeiros da promessa” (Hb 6:17). Abraão e seus descendentes foram os primeiros a herdar a promessa (ver Hb 11:9), mas todos os cristãos são incluídos nela, pois são “descendentes de Abraão” (Gl 3:29). Assim, nossa certeza da salvação é garantida pela promessa e pelo juramento de Deus, “duas coisas imutáveis” (Hb 6:18). Temos o “forte alento” (ou “grande encorajamento”) com respeito à esperança colocada diante de nós! Hebreus é uma epístola de *ânimo*, não de *desânimo*!

A expressão “corremos para o refúgio” (Hb 6:18) lembra as “cidades de refúgio” do Antigo Testamento descritas em Números 35:9ss e Josué 20. Deus estipulou seis cidades – três em cada lado do rio Jordão – para as quais um homem podia fugir se matasse alguém acidentalmente. Os anciãos da cidade investigavam o ocorrido. Caso determinassem que se tratava, de fato, de homicídio culposo (não intencional), permitiam que o homem ficasse na cidade até a morte do sumo sacerdote. Depois disso, o refugiado estaria livre para voltar para casa. Enquanto permanecesse na cidade de refúgio, os parentes do morto não poderiam vingar-se.

Fugimos para Jesus Cristo, e ele é o nosso refúgio eterno. Como nosso Sumo Sacerdote, ele vive para sempre (Hb 7:23-25), e

temos salvação eterna. Nenhum vingador pode nos tocar, pois Cristo já morreu e ressuscitou dentre os mortos.

**O Filho de Deus (vv. 19, 20).** Nossa esperança em Cristo é como uma âncora para a alma. A âncora era um símbolo bastante usado na Igreja primitiva. Foram encontradas pelo menos 66 figuras de âncoras nas catacumbas. O filósofo grego estóico Epíteto escreveu: “Não se deve prender o navio a uma só âncora nem a vida a uma só esperança”. Mas os cristãos têm somente uma âncora: Jesus Cristo, nossa esperança (Cl 1:5; 1 Tm 1:1).

Todavia, essa âncora espiritual é diferente das âncoras de navios. Em primeiro lugar, estamos ancorados a algo *acima* – ao céu – não *abaixo*. Não estamos ancorados para permanecer imóveis, mas sim para *avançar!* Nossa âncora é “segura” – não pode quebrar – e “firme” – não pode resvalar. Nenhuma âncora aqui da Terra pode oferecer tal segurança!

Em seguida, o autor declara seu argumento: este Salvador é nosso “precursor” que foi adiante de nós para o céu, de modo que, um dia, possamos segui-lo (Hb 6:20). O sumo sacerdote do Antigo Testamento *não* era um “precursor”, pois ninguém seria capaz de segui-lo e adentrar o Santo dos Santos. Mas a Jesus Cristo poderemos seguir até o céu!

H. A. Ironside sugeriu que as duas frases “além do véu” (Hb 6:19) e “fora do arraial” (Hb 13:13) resumem a Epístola aos Hebreus. Jesus Cristo está “além do véu” como nosso Sumo Sacerdote. Assim, podemos nos chegar confiadamente a seu trono e receber a ajuda de que precisamos. No entanto, não devemos ser “santos secretos”. Devemos estar dispostos a nos identificar com Cristo em sua rejeição e a ir para “fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hb 13:13). Os cristãos hebreus que receberam esta carta estavam sendo tentados a fazer concessões indevidas em sua fé para evitar tal vitupério. Todavia, se vivermos “além do véu”, não teremos dificuldade em ir para “fora do arraial”.

Qualquer que seja a forma escolhida para abordar a exortação desta seção, é essencial

certificar-se de compreender sua lição central: nós, cristãos, devemos progredir em maturidade, e Deus oferece tudo de que precisamos para fazê-lo. Se começarmos a nos *desviar da Palavra* (Hb 2:1-4), também passaremos a *duvidar da Palavra* (Hb 3:7 -

4:13). E, em pouco tempo, nos tornaremos cristãos preguiçosos, *tardios para a Palavra* (Hb 5:11 - 6:20). A melhor maneira de não sair do rumo é *apegar-se firmemente à âncora!* Ancorados no céu! Impossível estar mais seguros do que isso.

---

# O MISTERIOSO MELQUISEDEQUE

HEBREUS 7

Muitos anos atrás, uma bibliotecária de nossa cidade apresentou-me as histórias de Sherlock Holmes e, desde então, gosto de ler bons livros de detetive. Claro que sempre tento resolver o mistério antes de chegar ao último capítulo e, às vezes, consigo. Uma coisa eu aprendi: não se pode menosprezar *nenhum* personagem da história, nem mesmo aquele que parece menos importante. Justamente esse indivíduo pode ser o criminoso.

Se alguém nos pedisse para citar o nome das pessoas mais importantes do Antigo Testamento, duvido que Melquisedeque estaria em nossa lista. Ele aparece uma vez em Gênesis 14:17-24 e é mencionado novamente em Salmos 110:4. Dificilmente seria considerado um personagem de destaque. Mas o Espírito Santo voltou ao Antigo Testamento e usou essas duas passagens para apresentar uma verdade crucial: o sacerdócio de Jesus Cristo é superior ao de Arão, porque a "ordem de Melquisedeque" é superior à "ordem de Levi".

O capítulo 7 de Hebreus inicia a segunda seção principal, conforme mostramos no esboço da epístola: *Um Sacerdócio Superior* (Hb 7 - 10). Em Hebreus 7, o autor argumenta que, semelhante ao sacerdócio de Melquisedeque, o sacerdócio de Cristo é superior em sua *ordem*. Em Hebreus 8, a ênfase é sobre a *aliança* superior de Cristo; Hebreus 9 enfatiza a superioridade de seu *santuário*, e Hebreus 10 conclui a seção argumentando em favor do *sacrifício* superior de Cristo.

O povo de Israel estava habituado ao sacerdócio da tribo de Levi. Essa tribo foi

escolhida por Deus para servir no tabernáculo (Êx 29; Nm 18). Arão foi o primeiro sumo sacerdote nomeado por Deus. Apesar de suas muitas falhas, os sacerdotes serviram a Deus durante séculos; mas, agora, o autor afirma que tal sacerdócio acabou! A fim de defender sua declaração e de provar que a ordem de Melquisedeque é superior à de Arão, ele apresenta três argumentos.

## 1. O ARGUMENTO HISTÓRICO: MELQUISEDEQUE E ABRAÃO (Hb 7:1-10)

O relato desse acontecimento encontra-se em Gênesis 14:17-24, de modo que convém fazer uma leitura dessa passagem. O autor da Epístola aos Hebreus deseja que seus leitores observem vários fatos acerca desse homem misterioso chamado Melquisedeque.

**Ele era rei e sacerdote (v. 1).** Observamos anteriormente que, no sistema do Antigo Testamento, o trono e o altar eram separados. As pessoas que tentaram usurpar o sacerdócio foram julgadas por Deus. No entanto, vemos aqui um homem que exercia as *duas* funções: a de rei e a de sacerdote! Arão nunca teve esse privilégio. É importante observar que Melquisedeque não era uma "imitação" de sacerdote, antes, "era sacerdote do Deus Altíssimo" (ver Gn 14:18, 22). Seu ministério era legítimo.

**Seu nome é sugestivo (v. 2b).** Na Bíblia, muitas vezes os nomes e seus significados são importantes. Hoje em dia, escolhemos os nomes de nossos filhos sem maior consideração por seu significado, mas não era assim nos tempos bíblicos. Em algumas ocasiões, uma grande crise espiritual era motivo para mudar o nome de uma pessoa (ver Gn 32:24-32; Jo 1:35-42). Em hebraico, o nome *Melquisedeque* significa "rei da justiça". O termo *Salem* quer dizer "paz" (a palavra hebraica *shalom*), de modo que Melquisedeque era tanto "rei de justiça" quanto "rei de paz".

A "justiça" e a "paz" aparecem juntas com freqüência nas Escrituras. "O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre" (Is 32:17); "Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e

a paz se beijaram" (Sl 85:10). "Floresça em seus dias o justo, e haja abundância de paz até que cesse de haver lua" (Sl 72:7). "A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz" (Tg 3:17, 18). Por certo, Deus deseja que seu povo dê "fruto pacífico [...] fruto de justiça" (Hb 12:10, 11).

A verdadeira paz só pode ser experimentada com base na justiça. Se desejamos ter "paz com Deus", precisamos ser "justificados, pois, mediante a fé" (Rm 5:1). O ser humano não é capaz de produzir justiça guardando a Lei do Antigo Testamento (Gl 2:21). Foi somente por meio da obra de Jesus Cristo na cruz que "a justiça e a paz se beijaram".

**Recebeu dízimos de Abraão (v. 2a).** Esse fato importante é explicado em Hebreus 7:4-10. O termo "dízimo" significa "um décimo". De acordo com a Lei mosaica, o povo de Israel deveria dar a Deus um décimo de suas colheitas, gado e rebanhos (Lv 27:30-32). Esses dízimos eram entregues aos levitas (Nm 18:21ss) no tabernáculo e, posteriormente, no templo (Dt 12:5ss). Se a viagem era longa demais para transportar cereais, frutos e animais, o dízimo poderia ser convertido em uma soma em dinheiro (Dt 14:22-27).

No entanto, a prática de dar o dízimo não teve origem em Moisés. Abraão ofereceu o dízimo muito antes de a Lei ser dada. Na verdade, os arqueólogos descobriram que outras nações da época também davam o dízimo, de modo que se trata de uma prática antiga.

**Seu histórico familiar é diferente (v. 3).** Melquisedeque era um homem (ver Hb 7:4), de modo que teve pai e mãe. No entanto, não há registro algum de sua genealogia no Antigo Testamento. Trata-se de algo significativo, pois os antepassados da maioria das pessoas mais relevantes do Antigo Testamento são identificados. Era especialmente importante que os sacerdotes tivessem como comprovar sua linhagem (ver Ed 2:61-63; Ne 7:63-65). Aqui, o autor de Hebreus usa um

argumento baseado no silêncio, mas que, ainda assim, não deixa de ser válido.

Melquisedeque não era um anjo nem uma criatura sobre-humana; também não era uma manifestação de Jesus Cristo no Antigo Testamento. Era um homem de verdade, um rei de verdade e um sacerdote de verdade em uma cidade de verdade. Mas, *no que se refere aos registros*, ele nunca nasceu nem morreu. Nesse sentido, ele é um retrato do Senhor Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus. Apesar de Jesus Cristo ter morrido, o Calvário não foi o fim; ele ressuscitou dentre os mortos e, hoje, vive "segundo o poder de vida indissolúvel" (Hb 7:16). Uma vez que não existe relato algum da morte de Melquisedeque, no que se refere aos registros, ele continua servindo como sacerdote e rei. Nesse sentido, também é semelhante ao Filho eterno de Deus.

A aplicação é clara: nem Arão nem qualquer um de seus descendentes poderiam afirmar ser "sem genealogia" (Hb 7:3), ter um ministério sem fim nem se declarar sacerdote e rei, como Jesus Cristo.

**Possuía autoridade para receber os dízimos de Abraão e abençoar o patriarca (vv. 4-10).** A grandeza de Melquisedeque é vista no fato de que Abraão deu-lhe os dízimos dos despojos de uma pequena guerra. Abraão reconheceu a autoridade de Melquisedeque. Além disso, Melquisedeque abençoou o patriarca de maneira especial, e "o inferior é abençoado pelo superior" (Hb 7:7). Mas de que maneira isso é relacionado a Arão? Trata-se de uma relação interessante: Arão e a tribo de Levi haviam "descendido de Abraão" (literalmente, "de sua força geratriz") e, nessa ocasião, não eram nascidos. Assim, quando seu pai, Abraão, reconheceu a grandeza de Melquisedeque, a tribo de Levi também foi incluída. O povo de Israel acreditava firmemente em uma "solidariedade racial", e esse é um exemplo. O pagamento dos dízimos envolveu não apenas o patriarca Abraão, mas também as gerações não nascidas de seus descendentes.

Uma vez que Jesus Cristo veio da "descendência de Abraão" (Hb 2:16), isso não significa que ele também foi parte dessa

experiência? Não, pois Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus. Sua identificação com Abraão deu-se apenas “nos dias da sua carne” (Hb 5:7). Tendo em vista que Cristo existia antes de Abraão (Jo 8:58), não poderia ser considerado “descendência de Abraão” no mesmo sentido que Arão e sua família.

## 2. O ARGUMENTO DOUTRINÁRIO: CRISTO E ARÃO (HB 7:11-25)

Nesta seção, o autor avança um passo em sua argumentação. Melquisedeque não apenas é maior do que Arão, como também tomou o lugar de Arão! Não é mais “a ordem de Arão” ou “a ordem de Levi”. É, para sempre, “a ordem de Melquisedeque”. Por que Deus realizou uma mudança tão radical?

**Porque tanto o sacerdócio quanto a Lei eram imperfeitos (vv. 11-14).** As palavras traduzidas por “perfeito” e termos correlatos são palavras-chave nesta epístola (Hb 2:10; 5:9; 6:1; 7:11, 19; 9:9; 10:1, 14). Significam, essencialmente, “completado, cumprido”. Os sacerdotes do Antigo Testamento não eram capazes, por meio de seu ministério, de completar a obra de Deus no coração do adorador. “Pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma” (Hb 7:19). Os sacrifícios de animais não tornavam adorador algum perfeito aos olhos de Deus (Hb 10:1-3). O sistema mosaico da Lei divina não era permanente. A Lei foi “adicionada” para servir de “aio” a fim de preparar o caminho para a vinda de Cristo (Gl 3:19 – 4:7).

Uma vez que os sacerdotes recebiam sua autoridade da Lei do Antigo Testamento (Hb 7:28), e tendo em vista que o sacerdócio havia mudado, segue-se que houve uma mudança nessa Lei. O presidente dos Estados Unidos não pode proclamar-se rei, pois a constituição do país não permite o sistema monárquico. A fim de efetuar tal mudança de sistema seria preciso, antes, alterar a constituição.

A Lei de Moisés não permitia um sacerdócio da tribo de Judá (Hb 7:14). Uma vez que nosso Sumo Sacerdote é da tribo de Judá, de acordo com sua linhagem humana, então alguma mudança deve ter ocorrido na Lei de Moisés. E foi exatamente isso o

que aconteceu! Todo o sistema da Lei do Antigo Testamento cumpriu-se em Jesus Cristo e foi tirado do caminho (Cl 2:13, 14). O cristão foi liberto da Lei (Gl 5:1-6) e está morto para a Lei (Rm 7:1-4).

Esse novo sistema não significa que o cristão tem o direito de viver sem lei alguma. “Livre da Lei” não quer dizer “livre para pecar”. Antes, significa que estamos livres para fazer a vontade de Deus. Obedecemos não por uma compulsão exterior, mas por um constrangimento interior (2 Co 5:14; Ef 6:6). Quando nos sujeitamos ao Espírito Santo que habita em nós, ele nos capacita a cumprir “o preceito da lei” (Rm 8:1-4).

**Porque, sendo imperfeitos, o sacerdócio e a Lei não poderiam continuar para sempre (vv. 15-19).** O termo “outro”, em Hebreus 7:15, significa “outro de um tipo diferente”. Os sacerdotes levíticos foram ordenados para o sacerdócio pela autoridade temporária e imperfeita da Lei. Jesus Cristo foi feito Sacerdote por uma declaração de Deus. “Por causa [da] fraqueza e inutilidade” da Lei (Hb 7:18), ela não poderia continuar para sempre. Mas, uma vez que Jesus Cristo é o Filho eterno de Deus, ele vive “segundo o poder de vida indissolúvel” (Hb 7:16). Que contraste entre a Lei inútil e a vida indissolúvel!

Uma vez que Jesus Cristo é Sacerdote para sempre e que tem uma natureza adequada ao sacerdócio eterno, não pode jamais ser substituído. A anulação (Hb 7:18, “se revoga”) da Lei representou a abolição do sacerdócio. Mas ninguém pode anular o “poder da vida indissolúvel”! A lógica é inequívoca: Jesus Cristo é Sacerdote para sempre.

O autor tem sempre em mente a tentação que seus leitores estão enfrentando de voltar ao antigo sistema do templo. Por isso, ele os lembra (Hb 7:19) de que Jesus Cristo realizou o que a Lei jamais poderia ter feito: trouxe uma esperança melhor e permite que nos acheguemos a Deus. Voltar ao judaísmo significaria deixar de desfrutar a comunhão com Deus por meio de Cristo. A única esperança do judaísmo era a vinda de Cristo, uma bênção que esses cristãos já possuíam.

**Porque o juramento de Deus não pode ser quebrado (vv. 20-22).** Nenhum sacerdote



da ordem de Arão foi ordenado e estabelecido com base em um juramento pessoal de Deus. Os sacerdotes arônicos ministravam “conforme a lei de mandamento carnal [físico]” (Hb 7:16). Sua adequação moral ou espiritual não era examinada. O importante era o sacerdote pertencer à tribo correta e preencher os requisitos físicos e cerimoniais corretos (Lv 21:16-24).

O sacerdócio celestial de Jesus Cristo foi estabelecido com base em sua obra na cruz, em seu caráter (Hb 2:10; 5:5-10) e no juramento de Deus. “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 7:21; Sl 110:4). Convém observar a introdução a essa declaração: “O Senhor jurou e não se arrepende [voltará atrás]”. A questão foi resolvida definitivamente e não pode ser mudada.

A presença desse juramento dá ao sacerdócio de nosso Senhor um grau superior de permanência e certeza. Jesus Cristo é “fiador de superior aliança” (Hb 7:22). O termo “fiador” significa “aquele que garante que os termos de um acordo serão cumpridos”. Judá dispôs-se a servir de fiador para Benjamim, a fim de garantir ao pai que o menino voltaria para casa em segurança (Gn 43:1-14). Paulo dispôs-se a servir de fiador para o escravo Onésimo (Fm 18, 19). Talvez o equivalente mais próximo hoje seja o fiador que paga fiança por alguém indiciado e garante que o indivíduo acusado comparecerá ao tribunal para ser julgado.

Como Mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2:5), Jesus Cristo é o grande Fiador. Nosso Salvador ressurreto e eterno garante que os termos da lei serão cumpridos em sua totalidade. Deus não abandonará seu povo. Mas Cristo não apenas nos garante que Deus cumprirá sua promessa, mas, como nosso representante *diante de Deus*, também cumpre perfeitamente os termos da lei em nosso nome. Jamais seríamos capazes, por conta própria, de cumprir esses termos; mas, uma vez que cremos nele, ele nos salvou e garantiu que nos guardará.

Em Hebreus 7:22, encontramos pela primeira vez uma palavra extremamente importante em Hebreus: “aliança”. Esse termo

é usado treze vezes nesta carta e tem o sentido de “testamento”. Analisaremos essa palavra em mais detalhes ao estudarmos Hebreus 8.

O autor apresentou três motivos pelos quais Deus mudou a ordem do sacerdócio de Arão para Melquisedeque: (1) o sacerdócio e a Lei eram imperfeitos; (2) uma vez que eram imperfeitos, não poderiam continuar para sempre; (3) Deus jurou que a nova ordem seria estabelecida. A seguir, encerra a seção com um quarto motivo.

**Porque, sendo homens, os sacerdotes morriam (vv. 23-25).** O sacerdócio não apenas era imperfeito como também era interrompido pela morte. Houve *muitos* sumos sacerdotes, pois nenhum sacerdote viveria para sempre. A Igreja, pelo contrário, tem um Sumo Sacerdote, Jesus, o Filho de Deus, que vive para sempre! Um Sacerdote imutável significa um sacerdócio imutável, o que, por sua vez, significa segurança e confiança para o povo de Deus. “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). “Tu és sacerdote para sempre” (Sl 110:4).

De vez em quando, encontramos no jornal alguma notícia sobre fraudes de testamentos. Um parente ou sócio inescrupuloso apropria-se do testamento e o emprega para propósitos egoístas. Mas isso jamais aconteceria com a aliança que Cristo firmou com seu sangue. Ele firmou essa aliança e morreu para que ela pudesse entrar em vigor. Mas, então, ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu, de onde está “administrando” sua aliança.

O fato de o Cristo *imutável* continuar sendo Sumo Sacerdote significa, logicamente, que existe um “sacerdócio imutável” (Hb 7:24). O termo grego traduzido por “imutável” dá a idéia de “válido e inalterável”. Em função disso, podemos ter segurança em meio a este mundo de tantas transformações e agitação.

Qual é a conclusão dessa questão? Hebreus 7:25 declara: “Por isso [porque ele é o Sumo Sacerdote eternamente vivo e imutável], também pode salvar totalmente [completamente, para sempre] os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para

interceder por eles". Por certo, Cristo pode salvar qualquer pecador que se encontra em qualquer situação, mas não é a isso que o versículo se refere. A ênfase é sobre o fato de que ele salva completamente e para sempre todos os que crêem nele. Uma vez que é nosso Sumo Sacerdote para sempre, pode salvar para sempre.

A base para essa salvação completa é a intercessão celestial do Salvador. O termo traduzido por "interceder" significa "ir ao encontro, abordar, apelar para, fazer uma petição". Não se deve imaginar que Deus Pai esteja irado conosco de tal modo que Deus Filho deve sempre apelar a ele e suplicar que não julgue seu povo! O Pai e o Filho estão de pleno acordo quanto ao plano da salvação (Hb 13:20, 21). Também não devemos imaginar Jesus proferindo orações em nosso favor no céu ou "oferecendo seu sangue" repetidamente como sacrifício. Essa obra foi consumada na cruz de uma vez por todas.

A intercessão diz respeito à forma de Cristo representar seu povo diante do trono de Deus. Por meio de Cristo, os cristãos podem chegar-se a Deus em oração e também oferecer sacrifícios espirituais para Deus (Hb 4:14-16; 1 Pe 2:5). Alguém disse bem que a vida de Cristo no céu é sua oração por nós. É sua *identidade* que determina suas ações.

Ao recapitular o raciocínio desta seção extensa (Hb 7:11-25), ficamos impressionados com a lógica do autor. O sacerdócio de Jesus Cristo segundo a ordem de Melquisedeque é superior ao sacerdócio de Arão e tomou seu lugar. Tanto o argumento histórico quanto o doutrinário são perfeitos. Mas o autor acrescenta um terceiro argumento.

### 3. O ARGUMENTO PRÁTICO: CRISTO E O CRISTÃO (HB 7:26-28)

Por mais devotos e obedientes que fossem os sacerdotes arônicos, nem sempre poderiam suprir as necessidades de todo o povo. Mas Jesus Cristo supre perfeitamente todas as nossas necessidades. "Um sumo sacerdote como este" significa que ele é "adequado para nós e supre nossas necessidades

completamente". A ênfase aqui é sobre seu caráter impecável. Uma vez que ele é perfeito, é capaz de exercer um ministério perfeito para seu povo. Por causa de seus pecados, alguns sacerdotes do Antigo Testamento não apenas se mostraram incapazes de servir o povo como também o prejudicaram. Isso jamais poderia acontecer com Jesus Cristo e seu povo.

Os sacerdotes do Antigo Testamento eram "separados" para seu ministério, de modo que, em certo sentido, eram "santos". No entanto, nem sempre eram santos em seu caráter. Eram pecadores como as pessoas às quais ministravam. "Inculpável" (Hb 7:26) é o mesmo que "irrepreensível". Nenhum sacerdote de Israel poderia afirmar ser inculpável. "Sem mácula" pode significar "incontaminado", uma característica própria somente de Jesus Cristo. Quando estava ministrando na Terra, Jesus foi amigo de publicanos e de pecadores (Mt 9:10; 11:19), mas seu contato com eles não contaminou sua conduta nem seu caráter. Havia contato sem contaminação. Ele permaneceu separado, mas não isolado. Hoje, ele é "separado dos pecadores" por causa de sua posição ("feito mais alto do que os céus"); mas não é separado das pessoas para as quais ministra. Está sempre a nossa disposição em seu trono da graça.

Outra prova de inculpabilidade é que, ao contrário dos sacerdotes, Cristo nunca teve de oferecer sacrifícios para a própria purificação. No dia *anual* da Expição, o sumo sacerdote oferecia primeiramente um sacrifício por si mesmo antes de sacrificar para o povo (Lv 16). Também havia os sacrifícios *diários* oferecidos como parte do ritual do templo; e, se um sacerdote havia pecado, deveria oferecer um sacrifício para a própria purificação (Êx 29:38-46; Lv 4:3ss). Mas Jesus Cristo ofereceu apenas um sacrifício por nossos pecados e resolveu a questão de uma vez por todas (ver Hb 9:23-28).

É desse Sumo Sacerdote que precisamos! Estamos sujeitos a pecar diariamente, até várias vezes por dia; precisamos, portanto, ter a possibilidade de nos voltar para ele em

busca de socorro espiritual. Como nosso Sumo Sacerdote, Jesus Cristo nos dá a graça e misericórdia *de que precisamos para não pecar*. Mas, se pecarmos, ele é nosso Advogado junto ao trono de Deus (1 Jo 2:1, 2). Quando confessamos nossos pecados, ele nos perdoa e nos restaura (1 Jo 1:9).

A aplicação é óbvia: por que dar as costas a um Sumo Sacerdote tão adequado?

O que mais poderíamos encontrar em qualquer outra pessoa? Os homens que serviram sob a Lei de Moisés tinham fraquezas humanas e falhavam com frequência. Nosso Sumo Sacerdote celestial é “perfeito para sempre” (Hb 7:28) e não tem qualquer mácula nem defeito. Tal Sumo Sacerdote é “perfeito para nós”! Você está se valendo desse ministério da graça?

---

# A ALIANÇA SUPERIOR

## HEBREUS 8

Certa vez, falei em um encontro de radiodifusores religiosos no qual um amigo meu faria uma apresentação musical. Ele é um excelente pianista com um dom especial para a interpretação de músicas cristãs, e sempre gostei de ouvi-lo. Mas, naquele dia, fiquei com pena dele, pois na sala de reuniões no hotel estava o piano mais velho e estragado que já vi. Parecia ter sido doado por uma loja de móveis (muito) usados. Meu amigo esforçou-se ao máximo, mas sua apresentação poderia ter sido muito melhor se ele tivesse tocado um instrumento apropriado.

Jesus Cristo é o maior Sacerdote de Deus; mas será que existe alguma coisa que pode reduzir sua superioridade? De modo algum, pois ele ministra com base em uma aliança superior (Hb 8), em um santuário superior (Hb 9) e em virtude de um sacrifício superior (Hb 10). A aliança superior é o tema deste capítulo. O autor apresenta três evidências da superioridade desta aliança.

### 1. É MINISTRADA POR UM SUMO SACERDOTE SUPERIOR (Hb 8:1, 2)

O autor está argumentando em círculos? Primeiro, mostra a superioridade de Cristo e diz: "uma vez que ele é superior, a aliança que ele ministra também deve ser superior". Não se trata de um raciocínio circular, pois a conclusão é lógica. Um sacerdote superior jamais ministraria com base numa aliança inferior. Usando outra ilustração, nem o mais competente dos advogados pode fazer muita coisa se o testamento que está administrando mostrar-se inadequado. É impensável que nosso Senhor ministraria com base em um testamento inferior.

A expressão "o essencial das coisas" significa, simplesmente, "esse é o ponto principal e culminante da minha discussão". Em seguida, ele apresenta vários "argumentos concisos" para provar que nosso Senhor é, de fato, um Sumo Sacerdote superior.

**Sua adequação moral (v. 1).** "Possuímos tal sumo sacerdote" (ênfase do autor). Essa declaração remete a Hebreus 7:22-28. "Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este" (Hb 7:26). O fato de Jesus Cristo ser moralmente perfeito e, no entanto, se identificar conosco em nossas necessidades e tentações torna-o superior a qualquer outro sacerdote, no passado ou no presente. Os leitores desta carta que desejassem voltar ao sacerdócio do Antigo Testamento teriam de deixar este Sumo Sacerdote adequado.

**Sua obra consumada (v. 1).** Hoje, Cristo está assentado, sua obra foi consumada. Não havia cadeiras no tabernáculo do Antigo Testamento, pois o trabalho dos sacerdotes nunca estava acabado. Cada sacrifício repetido lembrava que *nenhum* daqueles sacrifícios provia salvação total. O sangue de animais não lavava os pecados nem purificava a consciência culpada; apenas cobria as transgressões até o dia em que Jesus Cristo morreria e tiraria todo o pecado do mundo (Jo 1:29).

**Sua entronização (v. 1).** Jesus Cristo não está apenas "assentado". O lugar onde está assentado acrescenta glória a sua pessoa e a sua obra. Ele está assentado no trono do céu à direita do Pai. Tal verdade momentosa já foi apresentada nesta epístola (Hb 1:3) e será mencionada novamente mais adiante (Hb 10:12; 12:2). Essa entronização cumpriu a promessa do Pai para o Filho: "Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (Sl 110:1). Além de o sumo sacerdote de Israel nunca se assentar no tabernáculo, também nunca se assentava em um trono. Somente um sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque" poderia ser entronizado, pois Melquisedeque era rei e sacerdote (Hb 7:1).

**Sua exaltação suprema (vv. 1, 2).** Ele está "nos céus". Em sua ascensão e exaltação, Jesus Cristo "penetrou os céus" (Hb 4:14).

Agora, ele se encontra exaltado sobre tudo e todos (Ef 1:20-23; Fp 2:5-11). O fato de ministrar em um santuário *celestial* é importante para a argumentação apresentada neste capítulo.

Ao recapitular esses quatro “argumentos concisos”, podemos ver como é lógico que Cristo ministre com base em uma aliança superior. É possível imaginar um sumo sacerdote moralmente perfeito ministrando com base em uma aliança que não transforma o coração humano? Um sacerdote que *consumou* sua obra poderia ministrar em uma aliança incapaz de completar coisa alguma? É possível imaginar um rei-sacerdote nos lugares celestiais mais elevados limitado por uma antiga aliança que não aperfeiçoava coisa alguma? (Hb 7:19). Parece razoável concluir que a presença de um Sumo Sacerdote superior exige uma aliança superior, a fim de que ele possa ministrar com eficácia ao povo de Deus.

## 2. É MINISTRADA EM UM LUGAR SUPERIOR (Hb 8:3-5)

Neste parágrafo, o autor desenvolve a verdade maravilhosa de que, hoje, Jesus Cristo ministra em um santuário celestial. Não é difícil determinar o motivo para essa discussão. Seus leitores sabiam que havia um templo real em Jerusalém e que, nesse templo, havia sacerdotes que realizavam ofertas e sacrifícios. Como seria fácil voltar ao sistema mosaico tradicional! Afinal, como *saber* que o Senhor Jesus ministra em um santuário? Alguém por acaso já o viu cumprindo suas funções sacerdotais? Excelentes perguntas... que têm excelentes respostas!

**A resposta lógica (v. 3).** Foi definido anteriormente que Jesus Cristo é um Sumo Sacerdote. Mas todos os sacerdotes servem a outras pessoas; não se trata apenas de um título honorífico. Todos os sacerdotes do Antigo Testamento eram nomeados “para oferecer tanto dons quanto sacrifícios pelos pecados” (ver Hb 5:1; 7:27). Mas esses sacrifícios não podiam ser oferecidos em qualquer lugar, apenas no local determinado por Deus, o santuário (Dt 12:13, 14). A conclusão é lógica: se Jesus Cristo é um Sumo

Sacerdote que realiza ofertas e sacrifícios, deve ter um santuário no qual ele ministra. Uma vez que ele está no céu, esse santuário também deve estar no céu.

No entanto, não devemos ter a impressão de que o Senhor está oferecendo, no céu, sacrifícios correspondentes àqueles do Antigo Testamento. Em Hebreus 8:3, “o que oferecer” está no singular e o verbo “oferecer” encontra-se em um tempo verbal que significa “oferecer de uma vez por todas”. Na cruz, ele ofereceu a si mesmo como um sacrifício pelos pecados para sempre (Hb 9:24-28). Em outras palavras, Cristo está realizando um “sacrifício vivo” no céu. Não oferece a si mesmo repetidamente, pois isso não é necessário.

**A resposta genealógica (v. 4).** Encontramos esta verdade anteriormente em Hebreus 7:11-14. No que se refere a sua linhagem humana, Jesus veio da tribo de Judá. Deus havia prometido que o Messias viria da tribo real de Judá (Gn 49:8-10). Mas os sacerdotes deviam ser da tribo de Levi. Logo, se Jesus Cristo ainda estivesse na Terra, não poderia atuar como sacerdote. Mas pode servir como Sumo Sacerdote no céu, pois lá a ordem que governa o ministério é a de Melquisedeque, não a de Arão.

Mais uma vez, a argumentação é inequívoca. Davi predisse que Jesus Cristo seria Sacerdote (Sl 110:4). Uma vez que Jesus veio ao mundo nascido na tribo de Judá, não poderia ser sacerdote aqui na Terra; logo, deve ser sacerdote no céu. Não lhe foi permitido ministrar no santuário terreno, de modo que deve servir no santuário celestial.

**A resposta tipológica (v. 5).** Um “tipo” é uma imagem no Antigo Testamento de uma verdade do Novo Testamento. Cada tipo é identificado como tal no Novo Testamento, de modo que não devemos transformar todas as pessoas ou acontecimentos do Antigo Testamento em um tipo. Neste versículo, o termo grego traduzido por modelo é *túpos*, do qual temos nossa palavra “tipo”.

Os sacerdotes que serviam no templo, na verdade, exerciam sua atividade em um santuário que era uma cópia (“figura”) do

santuário celestial. A citação é de Êxodo 25:40, em que se refere indiretamente a um santuário celestial. Moisés viu esse modelo no monte e reproduziu seus elementos essenciais no tabernáculo terreno. Isso não significa que o tabernáculo celestial seja feito de peles de animais e tecidos. A ênfase aqui é sobre o modelo básico e significado do santuário. O verdadeiro santuário está no céu; o tabernáculo e o templo eram apenas imitações ou cópias desse original.

Trata-se de um argumento sugestivo em favor de permanecer fiel a Jesus Cristo e de não voltar ao judaísmo. O sacerdócio e o santuário terreno pareciam bastante reais e estáveis, no entanto não passavam de *cópias* do que é verdadeiro! O sistema do Antigo Testamento era só uma porção de sombras (ver Cl 2:17). A Lei apenas “tem sombra dos bens vindouros” (Hb 10:1); a luz verdadeira e plena veio em Jesus Cristo. Então, por que voltar às sombras?

No Livro de Apocalipse, em que o cenário celestial é descrito, encontramos paralelos com o tabernáculo do Antigo Testamento. João afirma que há um templo de Deus no céu (Ap 11:19). É evidente que não haverá um templo na eternidade, pois toda a cidade de Deus será um templo (Ap 21:22). Há, por exemplo, um altar de bronze (Ap 6:9-11) bem como um altar de incenso (Ap 8:3-5). O “mar de vidro” (Ap 4:6) traz à memória a bacia; as sete tochas de fogo (Ap 4:5) lembram o candelabro de sete hastes do tabernáculo.

Uma vez que Jesus Cristo ministra no santuário original, não em sua cópia, está ministrando em um lugar superior. Por que ter comunhão com os sacerdotes que servem em uma *réplica* de santuário quando podemos ter comunhão com Cristo que está no santuário original no céu? Seria como tentar morar dentro de um projeto arquitetônico em vez de morar na casa em si!

O autor acabou de apresentar duas provas da superioridade da nova aliança: é ministrada por um Sacerdote superior, Jesus Cristo; e é ministrada num lugar superior, o próprio céu. Em seguida, dedica o restante da seção à terceira prova.

### 3. É FUNDAMENTADA EM PROMESSAS SUPERIORES (Hb 8:6-13)

Moisés foi o mediador da antiga aliança na entrega da Lei (Cl 3:19, 20). O povo de Israel ficou de tal modo atemorizado no monte Sinai que suplicou a Moisés para que falasse com eles, a fim de que não tivessem de ouvir Deus falar (Êx 20:18-21). Infelizmente, esse temor de Deus não durou muito tempo; o povo não tardou em desobedecer justamente à Lei que haviam prometido guardar. A nova aliança tem um só Mediador: Jesus Cristo (1 Tm 2:5). O ministério de Cristo como Mediador é mais excelente do que aquele dos sacerdotes do Antigo Testamento, pois é baseado em uma aliança superior *fundamentada em promessas superiores*.

A “superior aliança” mencionada aqui foi anunciada pelo profeta Jeremias (Jr 31:31-34). A promessa foi dada em uma profecia que garantia ao povo de Israel a restauração futura. Jeremias ministrou durante os últimos anos da história de sua nação, pouco antes de Judá ir para o cativeiro babilônico. Em um momento no qual o futuro do povo parecia completamente destruído, Deus deu a promessa de restauração e bênção.

Antes de Jesus ir para o Calvário, celebrou o Páscoa dos judeus com seus discípulos no cenáculo. Nessa ocasião, instituiu o que chamamos de “Ceia do Senhor”. Tomou o cálice e disse: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22:20; Mc 14:22-24). O apóstolo Paulo citou essas palavras aplicando-as à Igreja (1 Co 11:23-27). O autor de Hebreus afirma claramente que, *agora*, Jesus Cristo “é o Mediador da nova aliança” (Hb 9:15) e repete essa declaração mais adiante (Hb 12:24).

Qual é, então, a relação entre essa nova aliança *prometida* a Israel, mas *experimentada* hoje pela Igreja? Ou, em outras palavras, como foi possível Deus prometer essas bênçãos aos judeus, mudar o plano e concedê-las à Igreja?

Alguns estudiosos da Bíblia resolvem essa questão concluindo que a Igreja é o “Israel espiritual” e que as promessas da nova

aliança dizem respeito, portanto, à “descendência espiritual de Abraão”.

Gálatas 3:13-29 deixa claro que os cristãos são “a descendência espiritual” de Abraão, mas isso não é o mesmo que dizer que a Igreja é o “Israel espiritual”. A promessa mencionada em Hebreus 8:8 cita especificamente “a casa de Israel e [...] a casa de Judá”. Se permitirmos que palavras tão claras como “Israel” e “Judá” adquiram algum outro significado, não haverá fim para as diferentes interpretações que poderemos dar à Bíblia!

Outros estudiosos acreditam que essa “nova aliança” não tem um cumprimento presente na Igreja, mas que se cumprirá somente quando os judeus forem reunidos e o reino for estabelecido na volta de Cristo à Terra em glória. Nesse caso, porém, surge a dificuldade de explicar Hebreus 9:15 e 12:24, versículos que afirmam que Jesus Cristo é *hoje* o Mediador da nova aliança. Afirmar que existem duas “novas alianças”, uma para Israel e outra para a Igreja só levanta mais perguntas!

Talvez a solução possa ser encontrada no princípio de Deus que determina “primeiro do judeu” (Rm 1:16). Deus prometeu a nova aliança para seu povo, mas as bênçãos dessa aliança estão envoltas no Filho de Deus, Jesus Cristo. Ele é o Mediador da nova aliança. Quando Jesus começou seu ministério aqui na Terra, dirigiu-se primeiramente ao próprio povo (Mt 15:24). Quando enviou seus discípulos, ordenou que ficassem somente em Israel (Mt 10:5, 6). Quando comissionou a Igreja a testemunhar, orientou-a a começar em Jerusalém (Lc 24:46-48; At 1:8). A mensagem de Pedro em Pentecostes foi dirigida somente aos judeus e aos gentios prosélitos (ver At 2:14, 22, 36). No segundo sermão de Pedro do qual temos registro, o apóstolo afirma claramente que as boas-novas do evangelho iriam primeiro aos judeus (At 3:25, 26).

Mas a nação rejeitou a mensagem e os mensageiros. Apesar de ser verdade que milhares de indivíduos creram em Cristo e foram salvos, também é verdade que, em sua maioria, a nação rejeitou a Palavra e que

seus líderes religiosos se opuseram ao ministério da Igreja. Um dos resultados foi o apedrejamento de Estêvão (At 7). Mas o que Deus fez em resposta? O evangelho passou de Jerusalém para a Judéia e, de lá, para a Samaria (At 8), de onde foi levado, então, para os gentios (At 10).

A Igreja de hoje é constituída de judeus e de gentios regenerados que são um só corpo em Cristo (Ef 2:11-22; Gl 3:27-29). Todos os que estão “em Cristo” compartilham a nova aliança que foi comprada na cruz. Hoje, as bênçãos da nova aliança aplicam-se a indivíduos. Quando Jesus vier em glória para redimir Israel, as bênçãos da nova aliança se aplicarão a essa nação aflita. Ao ler todo o capítulo 31 de Jeremias, vemos o que Deus planejou para Israel, seu povo.

Antes de examinar as “superiores promessas” da nova aliança, convém resolver outra questão. Não se deve concluir que a existência de uma nova aliança significa que a antiga estava errada e que a Lei não tem ministério algum hoje. As duas alianças foram dadas por Deus visando o bem das pessoas. Se Israel tivesse obedecido aos preceitos da antiga aliança, Deus os teria abençoado e estariam preparados para a vinda de seu Messias. Paulo ressalta que a antiga aliança teve sua parcela de glória (2 Co 3:7-11). Não devemos criticar nem subestimar a antiga aliança.

Apesar de a nova aliança da graça libertar os cristãos da Lei de Moisés (Gl 5:1), não dá liberdade para a desobediência a Deus e o pecado. Deus continua desejando que “o preceito da lei” seja cumprido em nós por meio do ministério do Espírito Santo (Rm 8:1-4). Há um uso devido para a Lei (1 Tm 1:8-11).

Agora, estamos prontos para considerar as “superiores promessas” da nova aliança.

**A promessa da graça de Deus (vv. 7-9).** A ênfase da nova aliança é sobre aquilo que Deus afirma que fará. A nação de Israel declarou no Sinai: “Tudo o que falou o SENHOR faremos” (Êx 24:3). Mas os israelitas não obedeceram às palavras de Deus. Uma coisa é dizer “faremos” e outra bem diferente

é cumprir esse compromisso. Mas a nova aliança não depende da fidelidade humana a Deus, e sim da promessa fiel de Deus aos homens. O autor de Hebreus mostra aquilo que Deus afirmou que fará por aqueles que crêem em Jesus Cristo (Hb 8:10). Só nesse versículo encontramos três coisas que Deus fará ("firmarei", "imprimirei", "inscreverei") e, em Hebreus 8:8-12, temos um total de seis afirmações desse tipo.

Deus conduziu Israel para fora do Egito da mesma forma como um pai toma um filho pela mão e o guia. Deus deu a Israel sua santa Lei para seu próprio bem, a fim de separar o povo das outras nações e protegê-lo das práticas pecaminosas dos pagãos. Mas a nação falhou: "pois eles não continuaram na minha aliança" (Hb 8:9). Em resposta à desobediência de Israel, Deus os disciplinou repetidamente e, depois, os enviou para o cativeiro.

Deus não encontrou falta em sua aliança, mas sim em seu povo. "Por conseguinte, a Lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom" (Rm 7:12). O problema não é a Lei, mas sim nossa natureza pecaminosa, pois, por nossas próprias forças, não somos capazes de guardar a Lei de Deus. A Lei "nunca aperfeiçoou coisa alguma" (Hb 7:19), pois não era capaz de mudar o coração humano. Somente a graça de Deus pode fazer isso.

A nova aliança é, em sua totalidade, uma obra da graça de Deus; nenhum pecador pode fazer parte dessa aliança sem crer em Jesus Cristo. A graça e a fé andam juntas, assim como a Lei e as obras andam juntas (Rm 11:6). A Lei diz: "Aquele que observar os seus preceitos [o que se encontra escrito na Lei] por eles viverá" (Gl 3:12). Mas a graça diz: "A obra está consumada - creiam e vivam!"

**A promessa de transformação interior (v. 10).** A Lei de Moisés poderia declarar o padrão sagrado de Deus, mas não era capaz de prover o poder necessário para a obediência. Os pecadores precisam de um novo coração e de uma nova disposição interior, algo que somente a nova aliança pode oferecer. (Para uma passagem paralela, ver

Ez 36:26, 27). Quando um pecador crê em Jesus Cristo, recebe em seu interior uma natureza divina (2 Pe 1:1-4) que cria um desejo de amar e obedecer a Deus. Os pecadores são inatamente odiosos e desobedientes (Tt 3:3-7); mas a nova natureza dá a cada cristão tanto o desejo quanto as forças para ter uma vida piedosa.

A Lei era exterior: os preceitos de Deus estavam escritos em tábuas de pedra. Mas, por meio da nova aliança, a Palavra de Deus pode ser escrita no coração e na mente do ser humano (2 Co 3:1-3). A graça de Deus permite uma transformação interior que torna o cristão submisso cada vez mais semelhante a Jesus Cristo (2 Co 3:18).

Infelizmente, muitos cristãos acreditam que são salvos pela graça, mas que devem levar a vida cristã de acordo com a Lei do Antigo Testamento. Querem a nova aliança para a salvação e a antiga aliança para a santificação. O apóstolo Paulo descreve essa situação afirmando: "da graça decaístes" (Gl 5:4). Não são "decaídos da salvação", mas sim da esfera da bênção de Deus por meio da sua graça. Ninguém se torna santo tentando obedecer à Lei de Deus com as próprias forças. É quando há uma entrega de coração ao Espírito Santo que é cumprido o preceito da Lei (Rm 8:1-4), e isso se dá inteiramente pela graça.

**A promessa de perdão para todos (vv. 11, 12).** Não há perdão sob a Lei, pois a Lei não foi dada com esse propósito. "Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3:20). A Lei não podia prometer perdão sequer a Israel, quanto mais à humanidade. Somente por meio do sacrifício de Jesus Cristo é que o perdão pode ser oferecido a todos que o invocam. Os sacrifícios do Antigo Testamento eram uma recordação dos pecados, não uma remissão dos pecados (Hb 10:1-3, 18).

Hebreus 8:11 cita Jeremias 31:34. Refere-se ao dia em que Israel será reunida com Judá (Hb 8:8) e se regozijará no reino prometido (Jr 31:1-14). Nesse dia, não será necessário compartilhar o evangelho com outros,



pois todos conhecerão o Senhor pessoalmente. Mas, até então, é tanto nosso privilégio quanto responsabilidade compartilhar a mensagem do evangelho com o mundo perdido.

O que significa a declaração de que Deus não se lembra mais de nossos pecados e iniquidades? (Hb 8:12). Essa afirmação importante é repetida em Hebreus 10:16, 17. Quer dizer que nosso Deus onisciente pode esquecer algo que fizemos? Se Deus esquecesse alguma coisa, deixaria de ser Deus! A expressão “dos seus pecados jamais me lembrarei” significa “não mais os acusarei de seus pecados”. Deus se lembra daquilo que fizemos, mas não nos acusa. Ele trata dos pecados com base na graça e misericórdia, não na Lei e no mérito. Uma vez que o pecado é perdoado, não volta a ser colocado diante de nós. A questão é resolvida para sempre.

Ao exercer o ministério pastoral de aconselhamento, já ouvi várias pessoas dizerem:

- Sou capaz de perdoar, mas não de esquecer!

- Claro que você não pode esquecer - costume responder. - Quanto mais tentar ignorar a questão, mais se lembrará dela. Mas não é isso o que significa esquecer. - Em seguida, procuro explicar que “esquecer” quer dizer “não usar a ofensa contra a pessoa que nos ofendeu”. Podemos lembrar do que os outros fizeram, mas os tratamos *como se não o tivessem feito*.

Isso é possível somente por causa da cruz, pois lá Deus tratou seu Filho *como se ele tivesse pecado!* Ao experimentar o perdão de Deus, é possível perdoar os outros.

**A promessa de bênção eterna (v. 13).** A antiga aliança ainda governava a nação de Israel quando esta epístola foi escrita. O templo continuava em pé, e os sacerdotes ofereciam os devidos sacrifícios. É provável que os judeus devotos pensassem que seus compatriotas cristãos eram loucos de abandonar uma “religião sólida” em troca de uma fé aparentemente intangível. O que os judeus incrédulos não percebiam era que sua “religião sólida” havia se tornado obsoleta e estava preste a desaparecer. No ano 70 d.C., a cidade de Jerusalém e o templo foram destruídos pelos romanos, e, desde então, os judeus não têm mais templo nem sacerdotício para lhes servir (ver Os 3:4).

A nova aliança, porém, traz bênção eterna. Jesus Cristo é o “Autor da salvação eterna” (Hb 5:9) e da “eterna redenção” (Hb 9:12). A nova aliança jamais se tornará obsoleta nem desaparecerá. O termo grego traduzido por “novo” significa “inédito em qualidade” e não “cronologicamente novo”. Essa nova aliança é de tal qualidade que jamais precisará ser substituída!

Sem dúvida, Cristo *está* ministrando com base em uma aliança superior, uma nova aliança que nos torna participantes da nova natureza e nova vida maravilhosa que somente Cristo pode dar.

# O SANTUÁRIO SUPERIOR

## HEBREUS 9

O cristão é cidadão de dois mundos, o terreno e o celestial. Deve dar a César o que pertence a César e a Deus o que pertence a Deus (Mt 22:21). Uma vez que é um cidadão de dois mundos, deve aprender a andar pela fé em um mundo governado pelas aparências. Como Moisés, um cristão deve ver o invisível a fim de resistir à atração do mundo (Hb 11:24-27). O homem prático afirma que precisa “Ver para crer”. Mas o homem de fé responde que “Crer é ver”

Esse princípio de fé deve aplicar-se a nosso relacionamento com o santuário celestial. Nunca vimos esse santuário e, no entanto, cremos no que a Bíblia diz a seu respeito. Sabemos que, hoje, Deus não habita em templos feitos por mãos humanas (At 7:46-50). Não existe um lugar específico na Terra onde Deus mora (ver Is 57:15; 66:1, 2; Jo 4:19-24). Podemos chamar a igreja local de “casa de Deus”, mas sabemos que Deus não vive lá. O edifício é consagrado a Deus e ao seu serviço, mas não é seu lugar de habitação.

Hebreus 9 apresenta um contraste detalhado entre o santuário da antiga aliança (o tabernáculo) e o santuário celestial da nova aliança onde Jesus Cristo está ministrando. Esse contraste deixa claro que o santuário da nova aliança é superior.

### 1. O SANTUÁRIO INFERIOR DA ANTIGA ALIANÇA (Hb 9:1-10)

A Epístola aos Hebreus lembra seus leitores de que as regras e práticas do tabernáculo foram ordenadas por Deus. Se havia algo de inferior no culto no tabernáculo, não era porque Deus não havia estabelecido o ritual.

Enquanto a antiga aliança vigorava, o ministério dos sacerdotes era ordenado por Deus e perfeitamente apropriado.

O que, então, tornava o tabernáculo inferior? Essa pergunta tem cinco respostas.

**Era um santuário terreno (v. 1).** Isso significa que era feito por homens (Hb 9:11) e erguido por homens (Hb 8:2). O povo de Israel levou ofertas generosas a Moisés, e esse material foi usado para construir o tabernáculo. Então, Deus concedeu sabedoria espiritual e aptidão a Bezalel e Aoliabe para realizar o trabalho complexo de confeccionar as diversas partes do tabernáculo e seus utensílios (ver Êx 35 - 36). Uma vez completada a construção, o santuário foi colocado no lugar e consagrado a Deus (Êx 40). Apesar de a glória de Deus ter enchido o santuário, ele continuava sendo um edifício terreno, feito por seres humanos com materiais terrenos.

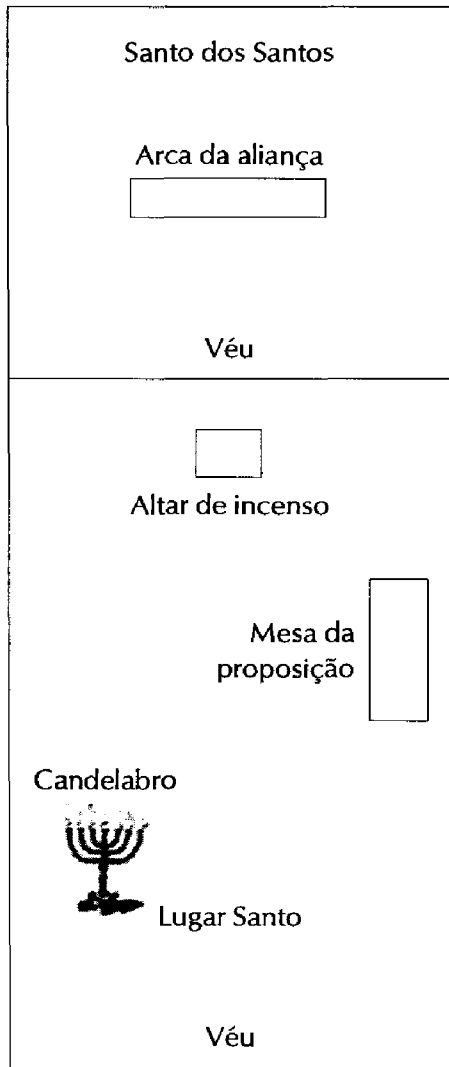
Uma vez que era um edifício terreno, possuía várias deficiências. Em primeiro lugar, precisava de manutenção. Também era geograficamente limitado: se o tabernáculo era erguido em um lugar, não poderia estar, ao mesmo tempo, em outro. Precisava ser desmontado, e suas partes precisavam ser carregadas de um local para outro. Além disso, pertencia à nação de Israel, não ao mundo inteiro.

**Era um tipo de algo maior (vv. 2-5).** O autor relaciona as diversas partes e utensílios do tabernáculo, pois cada um deles tinha um significado espiritual. Eram “as figuras das coisas que se acham nos céus” (Hb 9:23). O diagrama na página seguinte dá uma idéia geral do tabernáculo:

As expressões “parte anterior” (Hb 9:2) e “no segundo” (Hb 9:7) referem-se à primeira e à segunda divisões do tabernáculo. A primeira era chamada de Lugar Santo e a segunda de Santo dos Santos. Cada uma dessas divisões tinha os próprios utensílios, e cada peça de mobília tinha um significado especial.

No Lugar Santo ficava o candelabro (“candeeiro”) de ouro com sete hastes (Êx 25:31-40; 27:20, 21; 37:17-24). Um termo mais apropriado seria “lampadário”, pois a

luz era proveniente de pavios mergulhados em óleo, não de velas. Uma vez que não havia janelas no tabernáculo, o candelabro supria a luz necessária para o ministério dos sacerdotes no Lugar Santo. A nação de Israel deveria ser uma luz para as nações (Is 42:6; 49:6). Jesus Cristo é a "luz do mundo" (Jo 8:12), e os cristãos devem resplandecer como luz no mundo (Fp 2:14, 15).



No Lugar Santo também havia uma mesa sobre a qual eram colocados doze pães. Era chamada de mesa da proposição (Êx 25:23-30; 37:10-16; Lv 24:5-9). A cada sábado, o sacerdote colocava pães frescos no lugar dos pães da semana anterior, e estes últimos eram usados como alimento. Eram chamados de "pães da proposição". Somente os sacerdotes poderiam comer desse pão e

deveriam ingeri-lo dentro do santuário. Os pães lembravam às doze tribos de Israel a presença de Deus que os sustentava. Nos dias de hoje, eles nos trazem à memória Jesus Cristo, o "Pão da vida" dado ao mundo todo (Jo 6).

O altar de ouro (Hb 9:4) ficava no Lugar Santo, diante do véu que dividia as duas partes do tabernáculo, e era usado para queimar incenso. Apesar de não ficar no Santo dos Santos, seu ministério *dizia respeito* a ele. De que maneira? Na observação anual do Dia da Expição, o sumo sacerdote usava brasas desse altar para queimar incenso diante do propiciatório que ficava atrás do véu (Lv 16:12-14). Moisés (Êx 40:5) relaciona o altar de ouro com a arca da aliança, como também o faz o autor de 1 Reis (1 Rs 6:22). No começo e no final de cada dia, um sacerdote queimava incenso nesse altar. Davi sugere que era um retrato da oração subindo a Deus (Sl 141:2). Pode ser uma forma de lembrar que Jesus Cristo intercede por nós (Rm 8:33, 34). Para uma descrição detalhada do altar de incenso, ver Êxodo 30:1-10; 37:25-29. O incenso propriamente dito é descrito em Êxodo 30:34, 35.

O Santo dos Santos continha somente a arca da aliança, que media 1 metro e 65 centímetros de comprimento, 1 metro de largura e 1 metro de altura. No alto dessa arca, ficava o belo "propiciatório" feito de ouro com um querubim em cada extremidade. Esse era o trono de Deus no tabernáculo (Êx 25:10-22; Sl 80:1; 99:1). No Dia da Expição, aspergia-se sangue de um sacrifício sobre esse propiciatório a fim de cobrir as tábuas da Lei que ficavam dentro da arca. Deus não olhava para a Lei quebrada; olhava para o sangue. Cristo é nosso "propiciatório" ("propiciação" em 1 Jo 2:2; Rm 3:25). Mas, em vez de cobrir o pecado, seu sangue o remove.

Sem dúvida, esses utensílios envolvem uma série de verdades espirituais, todas elas de grande valor. Mas a verdade mais importante é que tudo isso era apenas *simbolismo*, não *realidade* espiritual, motivo pelo qual o tabernáculo da antiga aliança era inferior.

**Era inacessível para o povo (vv. 6, 7).** Não devemos imaginar que o povo de Israel realizava cultos dentro do tabernáculo. Somente os sacerdotes e levitas poderiam adentrar os recintos do tabernáculo; o povo de outras tribos não tinha acesso a esse local. Além disso, apesar de os sacerdotes ministrarem no Lugar Santo diariamente, somente o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos uma vez por ano. Quando o fazia, tinha de oferecer um sacrifício pelos próprios pecados e outro pelos do povo. O tabernáculo celestial, pelo contrário, está sempre aberto a todo o povo de Deus! (Hb 10:19-25).

**Era temporário (v. 8).** A existência do pátio exterior ("primeiro tabernáculo", Hb 9:6) era prova de que a obra salvadora de Deus em favor dos homens ainda não havia sido completada. O pátio exterior separava o povo do Santo dos Santos! Enquanto os sacerdotes ministravam no Lugar Santo, não havia um caminho aberto para a presença de Deus. Mas quando Jesus morreu na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo (Mt 27:50, 51), dando acesso ao Santo dos Santos. O Lugar Santo e o Santo dos Santos tornaram-se desnecessários, pois, desde então, todo pecador que crê pode entrar na presença de Deus.

**Seu ministério era exterior, não interior (vv. 9, 10).** Os sacrifícios oferecidos e o sangue aspergido sobre o propiciatório não tinham poder algum de mudar o coração e a consciência do adorador. Todas as cerimônias relacionadas ao tabernáculo diziam respeito à pureza cerimonial, não à pureza moral. Eram "ordenanças da carne" que se referiam ao homem exterior, mas que não podiam mudar o ser interior.

## 2. O SANTUÁRIO CELESTIAL SUPERIOR (Hb 9:11-28)

As cinco deficiências do santuário da antiga aliança são confrontadas com as cinco vantagens do santuário da nova aliança. Este último é superior em todos os sentidos.

**É celestial (v. 11).** O autor enfatizou esse fato anteriormente, pois deseja que seus leitores concentrem-se nas coisas do céu, não

nas coisas da Terra. Algumas coisas na Terra (inclusive o belo templo judaico) logo seriam destruídas, mas as realidades celestiais permanecerão para sempre.

O tabernáculo da antiga aliança era feito por mãos humanas (Êx 35:30-35). O santuário da nova aliança não era feito por mãos. "Não desta criação" (Hb 9:11) indica que o tabernáculo de Moisés foi feito com materiais pertencentes a esta criação, enquanto o tabernáculo celestial não precisa de tais materiais (Hb 9:24). Uma vez que o tabernáculo celestial não pertence a esta criação, não sofre a ação erosiva do tempo.

As "boas coisas por vir" já haviam chegado! Tudo o que havia sido prenunciado por tipos no tabernáculo agora é realidade em função do ministério sacerdotal de Cristo no céu. O tabernáculo foi modelado segundo o santuário no céu, mas hoje não precisamos mais do modelo. Temos a realidade eterna!

**Seu ministério é eficaz para tratar do pecado (vv. 12-15).** Temos agora uma série de contrastes que mostram, mais uma vez, a superioridade do ministério celestial.

**Os sacrifícios de animais e o sacrifício de Cristo (v. 12).** O autor trata da inferioridade dos sacrifícios de animais em Hebreus 10, mas, nesta passagem, começa a lançar os alicerces para essa discussão. Não precisamos de prova alguma de que o sangue de Jesus Cristo é muitíssimo superior ao sangue dos sacrifícios de animais. De que maneira o sangue de *animais* seria capaz de resolver o problema do pecado *humano*? Jesus Cristo veio como homem a fim de poder morrer pelos pecados dos seres humanos. Sua morte foi voluntária; é de se duvidar que algum sacrifício do Antigo Testamento se oferecesse voluntariamente assim! O sumo sacerdote levava o sangue de um animal para o Santo dos Santos, mas Jesus Cristo apresentou a *si mesmo* na presença de Deus como sacrifício completo e definitivo pelos pecados. Os sacrifícios de animais precisavam ser repetidos, mas Jesus Cristo ofereceu a *si mesmo* uma só vez. Por fim, os sacrifícios de animais não poderiam jamais pagar o preço da "eterna redenção".

Seu sangue apenas “cobriria” o pecado até que o sangue de Cristo “[tirasse] o pecado do mundo!” (Jo 1:29). Temos a “eterna redenção” que não depende de méritos pessoais nem de boas obras; foi obtida de uma vez por todas pela obra consumada de Jesus Cristo.

*A purificação cerimonial e a purificação da consciência (vv. 13, 14).* Os rituais da antiga aliança não tinham o poder de mudar o coração das pessoas. Isso não significa que o adorador que acreditava em Deus não tivesse uma experiência espiritual; antes, significa que a ênfase era sobre a purificação cerimonial exterior. Desde que o adorador obedecesse às regras prescritas, era declarado puro. Era uma “purificação da carne”, mas não da consciência. (A explicação de “a cinza de uma novilha” encontra-se em Nm 19.)

Vimos em Hebreus 8 que o ministério da nova aliança é *interior*. “Na sua mente imprimirei as minhas leis, também sobre o seu coração as inscreverei” (Hb 8:10). Essa obra é realizada pelo Espírito Santo de Deus (2 Co 3:1-3). Mas o Espírito não poderia habitar em nós se Jesus Cristo não tivesse pago por nossos pecados. A purificação da consciência não se realiza por meio de uma cerimônia exterior; ela exige um poder interior. Uma vez que Cristo é “sem mácula”, pôde oferecer o sacrifício perfeito.

*Bênçãos temporárias e bênçãos eternas (v. 15).* As bênçãos sob a antiga aliança dependiam da obediência do povo de Deus. Se obedeciam a Deus, ele os abençoava; mas se desobedeciam, ele retinha suas bênçãos. Tais bênçãos, porém, eram apenas *temporais* – chuvas, colheitas fartas, proteção dos inimigos e das enfermidades etc. Canaã, a herança de Israel, envolvia bênçãos materiais, enquanto nossa herança eterna é, acima de tudo, de natureza espiritual (Ef 1:3). Convém observar a ênfase sobre o caráter *eterno* – “eterna redenção” (Hb 9:12) e “eterna herança” (Hb 9:15). O cristão pode ter segurança, pois tudo o que possui em Cristo é eterno.

Este versículo (Hb 9:15) deixa claro que não havia redenção definitiva e completa na

antiga aliança. Aquelas transgressões foram cobertas pelo sangue de inúmeros sacrifícios, mas só foram *purificadas* pelo sacrifício de Jesus Cristo na cruz (Rm 3:24-26). Uma vez que Cristo realizou a redenção eterna, podemos ter parte em uma herança eterna.

Ao recapitular esses três contrastes, facilmente se verifica que o ministério de Cristo é eficaz para tratar de nossos pecados. Sua obra consumada na Terra e sua obra inacabada de intercessão no céu são suficientes e eficientes.

*Seu ministério é baseado em um sacrifício precioso (vv. 16-23).* Quando uma pessoa escreve um testamento, esse documento só começa a vigorar quando ela morre. Foi necessário que Jesus Cristo morresse a fim de que os termos da nova aliança entrassem em vigor. “Este é o cálice da nova aliança [testamento] no meu sangue derramado em favor de vós” (Lc 22:20).

Até mesmo a aliança do Antigo Testamento foi selada com sangue. Hebreus 9:19-21 é uma referência a Êxodo 24:3-8, o relato da ratificação da antiga aliança por Moisés e pelo povo de Israel. Tanto o livro da Lei quanto o povo e o tabernáculo com seus utensílios foram aspergidos com sangue. Deve ter sido uma ocasião solene.

O sangue não apenas foi usado no *início* do ministério da antiga aliança, como também era empregado de modo *regular* na adoração no tabernáculo. Sob a antiga aliança, as pessoas e objetos eram purificados com sangue, água ou fogo (Nm 31:21-24). Tratava-se, evidentemente, de uma purificação *cerimonial*; significava que as pessoas e objetos eram aceitáveis para Deus. A purificação não alterava a natureza da pessoa nem do objeto. De acordo com o princípio de Deus, é necessário derramar sangue antes de perdoar pecados (Lv 17:11).

Uma vez que Deus ordenou que a remissão dos pecados se dê por meio do *derramamento* de sangue, e tendo em vista que a purificação era realizada por meio da *asperção* de sangue, era necessário que o sangue fosse derramado e aplicado à nova aliança, a fim de que esta entrasse em vigor. As “*figuras*” (o tabernáculo da antiga aliança) eram

purificadas pela aspersão de sangue, mas os “originais” também o são! O sangue de Jesus Cristo não apenas purifica a consciência do cristão (Hb 9:14), como também purificou as “coisas celestiais” (Hb 9:23).

De que maneira o santuário celestial poderia ter se tornado impuro? É compreensível que isso ocorresse no santuário *terreno*, uma vez que era usado por homens. Todos os anos, no grande Dia da Expição, o tabernáculo era purificado pela aspersão de sangue (Lv 16:12-19). Mas de que maneira o santuário celestial poderia ter se tornado impuro? Por certo, nada no céu é impuro em sentido literal, pois o pecado jamais seria capaz de poluir o santuário de Deus. Assim sendo, também não havia coisa alguma *literalmente* poluída pelo pecado no tabernáculo terreno. Tudo dizia respeito à relação do povo com Deus. O sangue aspergido sobre um móvel não alterava sua natureza, *mas mudava a relação de Deus com ele*. Por causa do sangue aspergido, Deus poderia entrar em comunhão com seu povo.

Por meio de Jesus Cristo, nós, pecadores, podemos entrar no Santo dos Santos do santuário celestial (Hb 10:19-22). Claro que, fisicamente, estamos na Terra; mas, espiritualmente, temos comunhão com Deus no Santo dos Santos celestial. A fim de Deus nos receber nessa comunhão celestial, *foi preciso aplicar o sangue de Jesus Cristo*. Entramos na presença de Deus “pelo sangue de Jesus” (Hb 10:19).

Agora, temos condições de resumir a discussão do autor. A antiga aliança foi firmada com sangue, como também o foi a nova aliança. Mas a nova aliança foi estabelecida com base em um sacrifício superior, aplicado em um lugar superior! As figuras (tipos) eram purificadas pelo sangue de animais, mas o santuário original foi purificado pelo sangue do Filho de Deus, um sacrifício muito mais precioso.

***Seu ministério representa consumação (v. 24)***. A nova aliança é real! Não dependemos de um sumo sacerdote na Terra que visite anualmente o Santo dos Santos em um santuário temporário. Dependemos do Sumo Sacerdote celestial que entrou de uma

vez por todas no santuário eterno, onde ele nos representa hoje e *para sempre* diante de Deus.

Devemos ter o cuidado de não confiar em qualquer coisa espiritual “feita por mãos” (Hb 9:24), pois não permanecerá. O tabernáculo foi substituído pelo templo de Salomão, e esse templo foi destruído pelos babilônios. Quando voltaram do cativeiro, os judeus reconstruíram seu templo, e, posteriormente, o rei Herodes o expandiu e ornamentou. Mas os romanos destruíram esse templo, e ele nunca mais foi reedificado. Além disso, uma vez que os registros genealógicos perderam-se ou foram destruídos, os judeus não sabem, ao certo, quem é qualificado para ministrar como sacerdote. Essas coisas “feitas por mãos” são perecíveis, mas as coisas “não feitas por mãos” são eternas.

***Seu ministério é definitivo e completo (vv. 25-28)***. É impossível haver algo incompleto ou temporário no ministério de nosso Senhor no céu. O autor ressalta, mais uma vez, o contraste óbvio entre o ministério da antiga aliança e o ministério da nova aliança.

<i>A antiga aliança</i>	<i>A nova aliança</i>
Sacrifício repetidos	Um único sacrifício
O sangue de outros	O próprio sangue
Pecados são cobertos	Pecados aniquilados
Somente por Israel	Por todos os pecadores
Sumo sacerdote deixa o Santo dos Santos	Cristo entrou no céu, onde permanece
Sumo sacerdote sai para abençoar o povo	Cristo virá buscar seu povo e levá-lo para o céu.

Em resumo, a obra de Cristo é completa, definitiva e eterna. Hoje, ele ministra em nosso favor com base nessa obra completa.

Convém observar o uso de três termos correlatos em Hebreus 9:24-28 que apresentam um resumo da obra de Cristo. Ele se *manifestou* para aniquilar o pecado ao morrer na cruz (Hb 9:26). Agora, *comparece* por nós no céu (Hb 9:24). Um dia, *aparecerá* para levar os cristãos para seu lar (Hb 9:28).

Esses “três tempos da salvação” têm como base a sua obra consumada.

Depois de ler este capítulo, os cristãos hebreus que receberam esta epístola tiveram de reconhecer que não há meio-termo. Tiveram de fazer uma escolha entre o santuário terreno e o celestial, o temporário e o eterno, o incompleto e o completo. *Por que não combinar os rituais do templo com a prática da fé cristã?* Por que não ficar com o melhor de cada religião? Porque para isso seria necessário fazer concessões indevidas e se

recusar a ir para “fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hb 13:13).

O santuário do cristão está no céu. Seu Pai está no céu e seu Salvador está no céu. Sua cidadania está no céu (Fp 3:20) e seus tesouros devem estar no céu (Mt 6:19ss). Também sua esperança está no céu. O verdadeiro cristão vive pela fé, não de acordo com o que pode ver. Não importa o que venha a acontecer na Terra, o cristão pode permanecer confiante, pois tudo está resolvido no céu.

---

# O SACRIFÍCIO SUPERIOR

## HEBREUS 10

Enquanto sua mãe saiu para fazer uma visita, um adolescente viu-se sem nada para fazer em casa e decidiu ler um dos livros da biblioteca da família. Sua mãe era uma cristã devota, de modo que o menino sabia que, no início do livro, haveria um sermão e, no final, uma aplicação, mas que, entre uma coisa e outra, também haveria histórias interessantes.

Enquanto lia, deparou-se com as palavras: “a obra consumada de Cristo”, que lhe causaram forte impressão. “A obra consumada de Cristo.”

“Por que o autor usa essa expressão?”, perguntou a si mesmo. “Por que não a obra expiatória ou propiciatória de Cristo?” (Ele conhecia todos os termos bíblicos; só não conhecia o Salvador!) Então, a declaração “Está consumado” surgiu em sua mente, e ele se deu conta de que a obra da salvação havia sido completada.

“Se a obra toda foi consumada e se a dívida toda foi paga, o que resta para eu fazer?” Uma vez que ele sabia a resposta, ajoelhou-se onde estava e aceitou o Salvador e o pleno perdão dos pecados. Foi assim que J. Hudson Taylor, fundador da Missão para o Interior da China, foi salvo.

O décimo capítulo da Epístola aos Hebreus enfatiza o sacrifício perfeito de Jesus Cristo, em contraste com os sacrifícios imperfeitos que eram oferecidos sob a antiga aliança. O sacerdócio superior de nosso Senhor pertence a uma ordem superior – a ordem de Melquisedeque, não de Arão. Opera com base numa aliança superior – a nova aliança – e ministra em um santuário superior no céu. Mas tudo isso

depende de um sacrifício superior, tema deste capítulo.

O autor apresenta três benefícios que explicam por que o sacrifício de Jesus Cristo é superior aos sacrifícios da antiga aliança.

### 1. O SACRIFÍCIO DE CRISTO REMOVE O PECADO (Hb 10:1-10)

Por certo, o maior problema do ser humano é o pecado. Qualquer que seja sua religião, se ela não tratar do pecado, não tem valor algum. O ser humano é pecador por natureza e, por escolha, prova que sua natureza é pecaminosa. Alguém disse bem: “Não somos pecadores porque pecamos. Pecamos porque somos pecadores”.

*A necessidade de um sacrifício superior (vv. 1-4).* Por que os sacrifícios da antiga aliança eram inferiores? Afinal, foram ordenados pelo Senhor e estavam em vigor havia séculos. Apesar de ser verdade que, por vezes, o povo judeu permitiu que esses sacrifícios se tornassem rituais vazios (Is 1:11-15), também é verdade que muitas pessoas sinceras levavam suas ofertas ao Senhor e eram abençoadas.

A própria natureza dos sacrifícios da antiga aliança tornava-os inferiores. A Lei era apenas uma “sombra dos bens vindouros”, não a realidade em si. O sistema sacrificial era um tipo ou imagem da obra que Cristo realizaria na cruz. Assim, era um sistema temporário e, portanto, não poderia realizar coisa alguma de caráter permanente. A própria repetição dos sacrifícios, dia após dia, e o Dia da Expição, ano após ano, mostravam a deficiência do sistema como um todo.

Sacrifícios de animais jamais poderiam tratar completamente da culpa humana. Deus prometeu perdão aos adoradores que cressem (Lv 4:20, 26, 31, 35), mas se tratava de um perdão judicial, não da remoção da culpa do coração das pessoas. O povo não possuía o testemunho interior do perdão pleno e definitivo. Não tinha como dizer: “não tenho mais consciência dos pecados”. Se esses adoradores tivessem “sido purificados de uma vez por todas [da culpa do pecado]”, nunca mais precisariam oferecer sacrifícios.



Assim, a observação do Dia da Expição não realizava a "remissão dos pecados"; antes, era uma "recordação de pecados". A repetição anual da cerimônia era prova de que os sacrifícios do ano anterior não haviam sido suficientes. Por certo, os pecados de Israel como nação eram *cobertos*, mas não eram *purificados*. O povo também não tinha o testemunho interior divino do perdão e aceitação.

Sem dúvida, havia a necessidade premente de um sacrifício superior, pois o sangue de touros e de bodes não tinha o poder de remover os pecados. Poderia cobrir os pecados e adiar o julgamento, mas não trazer redenção definitiva. Somente o sacrifício superior do Filho de Deus era capaz disso.

**A provisão do sacrifício superior (vv. 5-9).** Era Deus quem provia o sacrifício, não o homem. A citação é do Salmo 40:6-8, e é aplicada a Jesus Cristo em sua encarnação ("ao entrar no mundo"). A citação deixa claro que Jesus Cristo é o cumprimento dos sacrifícios da antiga aliança.

O termo "sacrifício" refere-se a qualquer um dos sacrifícios de animais. As "ofertas" dizem respeito às ofertas de manjares e libações. Também são mencionados os holocaustos e as ofertas pelo pecado (Hb 10:5, 8). A oferta pela culpa encontra-se incluída na palavra *sacrifício* (Hb 10:5). Cada uma dessas ofertas tipificava o sacrifício de Cristo e revelava um aspecto de sua obra na cruz (ver Lv 1 - 7).

A oração "antes, um corpo me formaste" (Hb 10:5), não faz parte da citação original. O Salmo 40:6 diz: "abriste os meus ouvidos". O autor de Hebreus cita a Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento. Como explicar essa variação? Alguns associam "abriste os meus ouvidos" a Êxodo 21:1-6, uma passagem que descreve as ações de um senhor cujo servo não desejava ser libertado. O senhor fazia um furo no lóbulo da orelha do servo como sinal de que o servo preferia ficar com seu senhor. A idéia é que Cristo assumiu a posição de um servo submisso cuja orelha foi furada.

O problema com essa explicação é que somente *uma* orelha era furada, enquanto o

versículo em questão (Sl 40:6) refere-se às *duas* orelhas. Além disso, o verbo usado em Êxodo 21 significa "perfurar", enquanto o verbo no Salmo 40:6 significa "cavar". Cristo foi um servo, mas dificilmente era isso o que o autor tinha em mente aqui. É provável que os "ouvidos abertos" signifiquem prontidão para ouvir e obedecer à vontade de Deus (ver Is 50:4-6). Deus deu a seu Filho um corpo preparado para que ele pudesse servir ao Pai e cumprir sua vontade na Terra. Cristo refere-se a esse fato com frequência (Jo 4:34; 5:30; 6:38; 17:4).

É evidente que o mesmo Espírito que inspirou o Salmo 40 tem o direito de ampliar e interpretar sua Palavra em Hebreus 10: Os "ouvidos abertos" indicam um corpo pronto para o serviço.

Em duas ocasiões nesse parágrafo, o autor afirma que Deus não tinha prazer nos sacrifícios da antiga aliança (ver Hb 10:6, 8). Isso não significa que os sacrifícios do antigo sistema fossem errados nem que os adoradores sinceros não recebessem qualquer benefício pela obediência à Lei de Deus. Quer dizer, apenas, que Deus não se deleitava de modo algum com os sacrifícios, em si, sem obediência no coração dos adoradores. Não havia quantidade de sacrifícios capaz de substituir a obediência (1 Sm 15:22; Sl 51:16, 17; Is 1:11, 19; Jr 6:19, 20; Os 6:6; Am 5:20, 21).

Jesus veio para fazer a vontade do Pai. Essa vontade é a nova aliança que tomou o lugar da antiga aliança. Por meio de sua morte e ressurreição, Jesus Cristo revogou a primeira aliança e instituiu a segunda. Os leitores desta Epístola aos Hebreus entenderiam a mensagem: por que voltar para uma aliança que havia sido revogada? Por que voltar aos sacrifícios inferiores?

**A eficácia do sacrifício superior (v. 10).** Os cristãos têm sido separados ("santificados") pela oferta definitiva do corpo de Cristo. Nenhum sacrifício poderia realizar essa obra. Um adorador sob a antiga aliança deveria realizar a purificação cerimonial repetidamente. Mas o santo da nova aliança é separado de modo completo e definitivo.

## 2. O SACRIFÍCIO DE CRISTO NÃO PRECISA SER REPETIDO (Hb 10:11-18)

Mais uma vez, o autor faz um contraste entre o sumo sacerdote da antiga aliança e Jesus Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote. O fato de Jesus ter se *assentado* depois de subir ao céu para junto do Pai prova que sua obra foi consumada (Hb 1:3, 13; 8:1). O ministério dos sacerdotes no tabernáculo e no templo era *infindável* e *invariável*: ofereciam os mesmos sacrifícios dia após dia. Essa repetição constante era prova de que os sacrifícios não removiam os pecados. Jesus Cristo realizou com *um sacrifício definitivo* aquilo que dezenas de milhares de sacrifícios de animais não haviam sido capazes de realizar!

A expressão "assentou-se" remete novamente ao Salmo 110:1: "Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". Cristo está no lugar de exaltação e vitória. Quando voltar, conquistará todos os inimigos e estabelecerá seu reino de justiça. Os que o aceitaram como Salvador não precisam temer, pois ele os "aperfeiçoou para sempre" (Hb 10:14). Os cristãos "nele, [estão] aperfeiçoados" (Cl 2:10). Graças à obra consumada de Jesus Cristo, somos considerados perfeitos diante de Deus.

De que maneira sabemos *pessoalmente* que temos essa perfeição diante de Deus? Pelo testemunho do Espírito Santo mediante a Palavra (Hb 10:15-18). O testemunho do Espírito é baseado na obra do Filho e é dado por meio das palavras das Escrituras. O autor (Hb 10:16, 17) cita Jeremias 31:33, 34, parte de uma passagem que havia citado em Hebreus 8:7-12. O adorador sob a antiga aliança não poderia dizer que "não mais [tinha] consciência de pecados" (Hb 10:2). Mas o adorador sob a nova aliança *pode* dizer que seus pecados e iniquidades *não são mais* lembrados. "Já não há oferta pelo pecado" (Hb 10:18) e nenhuma recordação do pecado!

Certa vez, participei de um congresso com um excelente psiquiatra, cujas palestras eram extremamente fiéis à Palavra.

- O problema dos psiquiatras - comentei comigo - é que só conseguem tratar dos

sintomas. Um psiquiatra é capaz de remover os *sentimentos* de culpa de um paciente, mas não de retirar a culpa em si. É como um caminhoneiro que afrouxa os pára-lamas de seu caminhão só para não ouvir o barulho do motor com defeito. O paciente pode acabar se sentindo melhor, mas, em vez de um problema, terá *dois*!

Quando um pecador crê em Cristo, seus pecados são todos perdoados, a culpa desaparece e a questão é resolvida completa e definitivamente.

## 3. O SACRIFÍCIO DE CRISTO DÁ ACESSO A DEUS (Hb 10:19-39)

Nenhum adorador sob a antiga aliança teria a ousadia de tentar entrar no Santo dos Santos do tabernáculo. Até mesmo o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos somente uma vez por ano. O véu espesso que separava o santuário do lugar santíssimo era uma barreira entre o povo e Deus. Somente pela morte de Cristo é que esse véu foi rasgado (Mc 15:38) e foi aberto o acesso para o santuário *celestial* onde Deus habita.

**Um convite pela graça (vv. 19-25).**  
"Aproximemo-nos [...] Guardemos firme [...] Consideremo-nos também uns aos outros." Esse convite triplo gira em torno de nossa ousadia para entrar no Santo dos Santos. E essa ousadia ("intrepidez") tem por base a obra consumada do Salvador. No Dia da Expição, o sumo sacerdote não poderia entrar no Santo dos santos sem o sangue do sacrifício (Hb 9:7). Mas nossa permissão de entrar na presença de Deus não se deve ao sangue de animais, mas sim ao sangue que Cristo derramou.

Esse livre acesso à presença de Deus é "novo" (recente, de pouco tempo) e não faz parte da antiga aliança, "que se torna antiquad[a] e envelhecid[a] [e] está prestes a desaparecer" (Hb 8:13). É "vivo" porque Cristo está "vivendo sempre para interceder" (Hb 7:25). Cristo é o caminho novo e vivo! Chegamos a Deus por meio dele, nosso Sumo Sacerdote "sobre a casa de Deus" (a Igreja, ver Hb 3:6). Quando sua carne foi ferida na cruz e sua vida foi sacrificada, Deus rasgou o véu do templo, simbolizando o

caminho novo e vivo aberto para todos que crerem.

Com base nessas certezas – de que temos ousadia para adentrar por causa do Sumo Sacerdote vivo – recebemos um “convite em aberto” para entrar na presença de Deus. O sumo sacerdote da antiga aliança visitava o Santo dos Santos uma vez por ano, mas nós somos convidados a *habitar na presença de Deus* a cada momento de cada dia. Que privilégio enorme! Vejamos o que este convite envolve.

*Aproximemo-nos* (v. 22). É evidente que devemos nos preparar espiritualmente para ter comunhão com Deus. Os sacerdotes do Antigo Testamento tinham de passar por várias purificações e pela aplicação do sangue no Dia da Expição (Lv 16). Além disso, em seu ministério diário habitual, os sacerdotes deviam lavar-se na bacia de bronze (Êx 30:18-21). O cristão do Novo Testamento deve aproximar-se de Deus com um coração puro e com uma consciência limpa. A comunhão com Deus exige pureza (1 Jo 1:5 – 2:2).

*Guardemos firme* (v. 23). Os leitores desta epístola estavam sendo tentados a abandonar sua profissão de fé em Jesus Cristo e voltar ao culto segundo a antiga aliança. O autor não os exorta a ficar firmes em sua salvação, pois a certeza da salvação estava em Cristo, não neles próprios (Hb 7:25). Antes, ele os convida a “[guardar] firme a confissão da esperança” (não há qualquer evidência nos manuscritos da palavra “fé”. O termo grego é “esperança”).

Em nosso estudo de Hebreus, observamos que há uma ênfase sobre a esperança gloriosa do cristão. Deus está “conduzindo muitos filhos à glória” (Hb 2:10). Os cristãos “[participam] da vocação celestial” (Hb 3:1) e, portanto, podem se regozijar na esperança (Hb 3:6). A *esperança* é um dos temas centrais de Hebreus 6 (vv. 11, 12, 18-20). Estamos esperando pela volta de Cristo (Hb 9:28) e buscando a cidade que está por vir (Hb 13:14).

O cristão que deposita sua esperança em Cristo e que confia na fidelidade de Deus não vacila. Em vez de olhar para trás (como

o povo de Israel fazia com freqüência), devemos olhar para a frente, para a vinda de nosso Senhor.

*Consideremo-nos uns aos outros* (vv. 24, 25). A comunhão com Deus não deve jamais ser algo egoísta. Também devemos ter comunhão com outros cristãos da congregação local. Ao que parece, alguns dos cristãos vacilantes se ausentavam da comunhão da igreja. É interessante observar que a ênfase aqui não é sobre o que o cristão *recebe* da congregação, mas sim sobre a *contribuição* que ele pode dar à congregação. A freqüência fiel aos cultos da igreja encoraja e estimula o amor e as boas obras. Um dos principais motivos para essa fidelidade é a volta iminente de Jesus Cristo. Na verdade, a única outra passagem em que a palavra traduzida por “congregar-nos” (Hb 10:25) aparece no Novo Testamento é em 2 Tessalonicenses 2:1, em que é traduzida por “reunião” e se refere à vinda de Cristo.

Encontramos evidenciadas aqui as três grandes virtudes cristãs: a *fé* (Hb 10:22), a *esperança* (Hb 10:23) e o *amor* (Hb 10:24). Tais virtudes são fruto da comunhão com Deus em seu santuário celestial.

**Uma exortação solene (vv. 26-31).** Esta é a quarta de cinco exortações encontradas em Hebreus. É escrita para cristãos e segue a seqüência das outras exortações. O cristão que começa a *desviar-se* da Palavra (Hb 2:1-4) logo passa a *duvidar* da Palavra (Hb 3:7 – 4:13). Em seguida, torna-se *tardio* para com a Palavra (Hb 5:11 – 6:20) e “preguiçoso” em sua vida espiritual, o que resulta em *desprezo* pela Palavra, tema desta exortação.

A prova desse “desprezo” é o pecado deliberado. O tempo verbal indica que Hebreus 10:26 deve ser lido: “se vivermos deliberadamente *pecando*”. Essa exortação não se refere a um ato específico de pecado, mas a uma atitude que conduz à desobediência repetida. Sob a antiga aliança, não havia sacrifícios para os pecados deliberados cometidos “atrevidamente” (Êx 21:12-14; Nm 15:27-31). Os pecadores insolentes que desprezavam e transgrediam a Lei de Moisés eram executados (Dt 17:1-7). Isso explica a forma de Davi orar no Salmo 51.

Uma vez que havia cometido, deliberadamente, um pecado violento, deveria ser morto; no entanto, o rei clama pela misericórdia de Deus. Davi sabia que nem mesmo uma profusão de sacrifícios seria capaz de salvá-lo. Tudo o que poderia oferecer era o sacrifício de um coração quebrantado (Sl 51:16, 17).

De que maneira uma atitude arrogante afeta o relacionamento de um cristão com Deus? A pessoa que age assim pisa sobre Jesus Cristo, vulgarizando o sangue precioso que a salvou (“profanou” [Hb 10:29] = “tornou algo comum”) e insulta o Espírito Santo. Trata-se exatamente do oposto da exortação em Hebreus 10:19-25! Em vez de ter uma profissão ousada de fé, esperança e amor, o cristão apóstata vive de tal modo que suas atitudes desonram o nome de Cristo e a igreja.

O que um cristão desse tipo pode esperar de Deus? Disciplina severa (a disciplina é o tema de Hb 12). Não há necessidade de “amenizar” palavras como “certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador” (Hb 10:27), ou “severo castigo” (Hb 10:29). Sabe-se, pela história de Israel, que quase ninguém dos que foram libertos do Egito pelo sangue dos cordeiros entrou na herança prometida. A maioria morreu no deserto. “Há pecado para morte” (1 Jo 5:16). Alguns cristãos coríntios foram disciplinados e perderam a vida por causa de seus pecados cometidos atrevidamente (1 Co 11:30, em que “dormir” significa “morrer”).

Nem sempre Deus tira a vida de um cristão rebelde, mas ele sempre toma providências. “A mim me pertence a vingança” – palavras proferidas a Israel, o povo de Deus. “O Senhor julgará o seu povo” (Hb 10:30, uma citação de Dt 32:35). “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).

O tema principal da Epístola aos Hebreus é “Tendo Deus falado – como estamos respondendo à sua Palavra?” Quando a nação de Israel se recusou a crer em sua Palavra e a obedecer, Deus a disciplinou. Paulo usa esse fato para advertir os coríntios sobre os pecados cometidos atrevidamente (1 Co 10:1-12). É interessante observar que os

exemplos apresentados nesta passagem envolvem pessoas que morreram por causa de seus pecados deliberados. Ao estudar a questão da “disciplina” em Hebreus 12, teremos uma compreensão mais profunda desse aspecto severo do tratamento de Deus para com seus filhos.

Ao dizer que essa exortação aplica-se aos cristãos de hoje, mas que não implica a perda da salvação, não estou sugerindo que a disciplina não é importante. Pelo contrário, é essencial que todo cristão obedeça a Deus e agrade ao Pai em todas as coisas. O falecido William Culbertson, que foi presidente do Moody Bible Institute, costumava nos advertir sobre “as tristes conseqüências dos pecados perdoados”. Deus perdoou Davi por seus pecados, mas, durante muitos anos, o rei de Israel sofreu as tristes conseqüências dessas transgressões (2 Sm 12:7-15). Davi havia “[desprezado] a palavra do SENHOR” (2 Sm 12:9), e Deus lidou com ele.

O que um cristão que se desviou e vive em meio à dúvida e à indiferença espiritual, desprezando deliberadamente a Palavra de Deus, deve fazer? Voltar-se para Deus e buscar sua misericórdia e perdão. Não há outro sacrifício pelo pecado, mas o sacrifício que Cristo realizou é suficiente para todos os pecados. É terrível cair nas mãos disciplinadoras do Senhor, mas é maravilhoso cair em suas mãos purificadoras e restauradoras. Nas palavras de Davi: “caia eu, pois, nas mãos do SENHOR, porque são muitíssimas as suas misericórdias” (1 Cr 21:13).

**Uma confirmação animadora (vv. 32-39).** A fim de que nenhum dos leitores interpretasse equivocadamente sua exortação, o autor acrescenta palavras de ânimo e de confirmação. Seus leitores haviam dado provas de ser cristãos autênticos. Logo, o autor não esperava que eles desprezassem a Palavra de Deus e sofressem a disciplina de Deus! Na verdade, como em Hebreus 6, o autor muda o uso de pronomes, passando da primeira pessoa do plural em Hebreus 10:26 para a terceira pessoa do singular em Hebreus 10:29 e para a terceira pessoa do plural em Hebreus 10:39.

Os leitores mostraram-se dispostos a ser envergonhados, perseguidos e até a perder seus bens. Quando não estavam sendo perseguidos, identificavam-se corajosamente com outros cristãos que se encontravam em perigo, a ponto de serem co-participantes de suas cadeias (encarceramento). Naquele tempo, demonstraram grande confiança e esperança, mas agora corriam o risco de desprezar essa confiança e de voltar a sua antiga religião.

O segredo da vitória encontrava-se em sua fé e paciência ("perseverança"). Vimos essa combinação de virtudes em Hebreus 6:12, 15: É nessa passagem que o autor apresenta o "texto" ao redor do qual a Epístola aos Hebreus é escrita: "O meu justo viverá pela fé" (Hb 10:38). Trata-se de uma citação de Habacuque 2:4, também usada em Romanos 1:17; Gálatas 3:11. Romanos enfatiza "o justo". Gálatas fala do "viver", enquanto Hebreus concentra-se na "fé". Não apenas somos salvos de nossos pecados pela fé, como também devemos viver pela fé. Esse é o tema de Hebreus 11 a 13.

O cristão que vive pela fé "[deixa-se] levar para o que é perfeito" (Hb 6:1). Mas o

cristão que vive de acordo com as aparências "[retrocede] para a perdição" (Hb 10:39). Qual é o significado, nesse contexto, da palavra "perdição"? O termo grego correspondente a "perdição" é usado cerca de vinte vezes no Novo Testamento e traduzido de várias maneiras: "perdição" (At 8:20; Rm 9:22), "condenar" (At 25:16), "desperdício" (Mt 26:8). Esse termo *pode* significar julgamento eterno, mas não necessariamente em todos os casos. Pessoalmente, creio que a melhor tradução para essa palavra, em Hebreus 10:39, é "desperdício". Um cristão que não anda pela fé volta aos antigos caminhos e desperdiça sua vida.

A "conservação da alma" é o oposto do "desperdício". Andar pela fé significa obedecer à Palavra de Deus e viver para Jesus Cristo. Perdemos a vida por amor a Cristo - mas, desse modo, a salvamos! (ver Mt 16:25-27). Em meu ministério pastoral, encontrei pessoas que deram as costas para a vontade de Deus e (como Israel) passaram anos "vagando pelo deserto" e desperdiçando a vida.

Mas nós podemos permanecer confiantes! Ao andar pela fé, nosso Grande Sumo Sacerdote nos guiará e aperfeiçoará!

# FÉ – O MAIOR PODER DO MUNDO

## HEBREUS 11

Este capítulo dá início à sessão final da epístola (Hb 11 – 13) que escolhi chamar de “Um princípio superior – a fé”. O fato de Cristo ser uma Pessoa superior (Hb 1 – 6) e de exercer um Sacerdócio superior (Hb 7 – 10) deve encorajar-nos a depositar nele a nossa confiança. Os leitores desta epístola estavam sendo tentados a voltar para o judaísmo e a depositar sua confiança em Moisés. Confiavam em coisas visíveis deste mundo, não nas realidades invisíveis de Deus. Em lugar de se deixarem levar para o que é perfeito (maturidade), estavam “[retrocedendo] para a perdição” (Hb 6:1; 10:39).

Em Hebreus 11, todos os cristãos são chamados a viver pela fé. Neste capítulo, o autor trata de dois tópicos importantes relacionados à fé.

### 1. A DESCRIÇÃO DA FÉ (HB 11:1-3)

Não se trata de uma definição da fé, mas sim de uma descrição do que ela faz e de como funciona. A verdadeira fé bíblica não consiste em um otimismo cego nem em um sentimento forçado de “espero que [...]”. Também não é uma aquiescência intelectual à doutrina. Certamente não é crer apesar das evidências, pois isso seria superstição!

A verdadeira fé bíblica é uma obediência confiante à Palavra de Deus apesar das circunstâncias e conseqüências. Convém ler a frase anterior novamente e deixar que ela penetre a mente e o coração.

Essa fé funciona de maneira bastante simples. Deus fala, e ouvimos sua Palavra. Confiamos em sua Palavra e agimos de acordo com ela, a despeito das circunstâncias e das

conseqüências. As circunstâncias podem ser impossíveis e as conseqüências assustadoras e desconhecidas. Ainda assim, obedecemos à Palavra de Deus e cremos que ele fará o que é certo e o que é melhor.

O mundo incrédulo não entende a verdadeira fé bíblica, provavelmente porque vê tão pouca fé operando na Igreja de hoje. H. L. Mencken, um editor cínico, definiu a fé como “uma crença ilógica na ocorrência do impossível”. O mundo não entende que a fé tem o mesmo valor que seu objeto, e que o objeto de nossa fé é Deus. A fé não é um “sentimento” que criamos. É nossa resposta de corpo e alma àquilo que Deus revelou em sua Palavra.

Três termos em Hebreus 11:1-3 resumem a verdadeira fé bíblica: *certeza*, *convicção* e *testemunho*. O termo traduzido por “certeza” significa, literalmente, “servir de escora, sustentar”. A fé é para o cristão aquilo que o alicerce é para a casa: dá confiança e segurança de permanecer em pé com firmeza. Assim, podemos dizer que ter fé é “estar seguro das coisas que se esperam”. A fé do cristão é o meio que Deus usa para lhe dar confiança e segurança de que as promessas serão cumpridas.

A palavra *convicção* quer dizer “persuasão íntima”. É a convicção íntima dada por Deus de que ele cumprirá o que prometeu. A presença no coração da fé recebida de Deus é convicção suficiente de que ele cumprirá sua Palavra.

O termo *testemunho* é importante em Hebreus 11. Aparece não apenas no versículo 2, mas também duas vezes no versículo 4, uma vez no versículo 5 e uma vez no versículo 39. O resumo em Hebreus 12:1 chama essa lista de homens e mulheres de “grande nuvem de testemunhas”. São testemunhas para nós porque Deus testemunhou para eles. Em cada exemplo citado, Deus deu testemunho da fé desse indivíduo por meio da aprovação de sua vida e ministério.

O autor da Epístola aos Hebreus deixa claro que, apesar do que os incrédulos dizem, a fé é algo extremamente prático (Hb 11:3). Ela permite compreender o que Deus faz e ver o que outros não são capazes de

enxergar (ver Hb 11:7, 13, 27). Em decorrência disso, a fé nos permite realizar o que outros não são capazes de fazer! Houve quem zombasse de grandes homens e mulheres que agiram pela fé, mas Deus estava com eles e os capacitou a ser bem-sucedidos para a glória dele. J. Oswald Sanders expressa tal realidade perfeitamente quando diz: "A fé permite à alma que crê tratar o futuro como o presente e o invisível como o visível".

A melhor maneira de crescer na fé é caminhar com os que têm fé. O restante deste capítulo é dedicado a um resumo da vida e do trabalho de grandes homens e mulheres de fé do Antigo Testamento. Em cada caso, encontramos os mesmos elementos de fé: (1) Deus lhes falou por meio da sua Palavra; (2) o ser interior deles foi tocado de maneiras diferentes; (3) obedeceram a Deus; (4) Deus deu testemunho deles.

## 2. A DEMONSTRAÇÃO DE FÉ (Hb 11:4-40)

**Abel – fé e adoração (v. 4).** A história que serve de contexto encontra-se em Gênesis 4:1-10. Abel era um homem justo por causa da sua fé (Mt 23:35). Deus havia revelado a Adão e a seus descendentes como adorar, e Abel obedeceu a Deus pela fé. Na verdade, sua obediência custou-lhe a vida. Caim não era um filho de Deus (1 Jo 3:12), pois não tinha fé. Era religioso, mas não era justo. Hoje, Abel é considerado o primeiro mártir da fé.

**Enoque – fé e vivência (vv. 5, 6).** A fé em Deus cresce à medida que se tem comunhão com ele. Devemos ter tanto o *desejo* de lhe agradar quanto o *zelo* de buscá-lo. Orar, meditar sobre a Palavra, adorar e ter disciplina – tudo isso ajuda a andar com Deus. Enoque andou com Deus em um mundo perverso antes do dilúvio e manteve a vida pura. Um dia, Enoque foi levado para o céu ("trasladado" = "levado de um lugar para outro") e não foi mais visto. Abel teve morte violenta, mas Enoque não morreu. Deus tem um plano diferente para cada pessoa que crê nele. Alguns vêm no traslado de Enoque uma imagem do arrebatamento

da Igreja quando Jesus Cristo voltar (1 Ts 4:13-18).

**Noé – fé e trabalho (v. 7).** A fé de Noé envolveu seu ser como um todo: sua *mente* foi alertada por Deus; seu *coração* foi movido de temor e, por sua *volição*, agiu de acordo com o que Deus havia lhe dito. Uma vez que, naquela época, ninguém jamais havia visto um dilúvio (talvez nem mesmo uma tempestade), as ações de Noé devem ter gerado um bocado de interesse e, provavelmente, também zombaria. A fé de Noé influenciou sua família, e todos os seus familiares foram salvos. Também condenou o mundo inteiro, pois sua fé revelou a incredulidade dos outros. Os acontecimentos subsequentes provaram que Noé estava certo! Jesus usou essa experiência como uma advertência para que as pessoas estejam prontas para a sua volta (Mt 24:36-42). No tempo de Noé, o povo estava de tal modo envolvido com as atividades inocentes do cotidiano que ignorou completamente o testemunho de Noé (2 Pe 2:5).

**Os patriarcas – fé e espera (vv. 8-22).** A ênfase desta seção é sobre a promessa de Deus e sobre seus planos para a nação de Israel (Hb 11:9, 11, 13, 17). A nação começou com o chamado de Abraão. Deus prometeu um filho a Abraão e Sara, mas eles tiveram de esperar 25 anos pelo cumprimento da promessa. Seu filho Isaque gerou Jacó e Esaú, e foi Jacó que constituiu, de fato, a nação de Israel, por meio de seus doze filhos. José salvou a nação na terra do Egito e Moisés libertou o povo do Egito.

Para mim, a espera é uma das disciplinas mais difíceis da vida. No entanto, a fé autêntica é capaz de esperar pelo cumprimento dos propósitos de Deus *no tempo de Deus*. Mas, enquanto esperamos, devemos ser obedientes. "Pela fé, Abraão [...] obedeceu" (Hb 11:8). Ele obedeceu *sem saber para onde estava indo* (Hb 11:8-10). Vivia em tendas, pois era estrangeiro e peregrino no mundo e tinha de estar pronto para se deslocar quando Deus assim ordenasse. Os cristãos de hoje também são estrangeiros e peregrinos (1 Pe 1:1; 2:11). Abraão tinha os olhos voltados para a cidade celestial e viveu "no tempo futuro".

Também obedeceu *sem saber de que maneira Deus realizaria sua vontade* (Hb 11:11, 12). Tanto Abraão quanto Sara eram velhos demais para ter filhos. No entanto, os dois creram que Deus operaria esse milagre (Rm 4:13-25). A incredulidade pergunta: “como saberei isso?” (Lc 1:18-20). A fé pergunta: “como será isso?” (Lc 1:34-37).

Abraão creu e obedeceu a Deus *sem saber quando Deus cumpriria suas promessas* (Hb 11:13-16). Nenhum dos patriarcas viu o cumprimento pleno das promessas de Deus, mas viram “de longe” aquilo que Deus estava fazendo. George Morrison, um grande pregador escocês, disse certa vez: “O mais importante não são as circunstâncias em que vivemos, mas sim o que buscamos”. Esses homens e mulheres viveram em tendas, mas sabiam que havia uma cidade celestial a sua espera. Quer de imediato quer no final das contas, Deus sempre cumpre suas promessas a seu povo de fé.

Por fim, Abraão obedeceu a Deus pela fé *sem saber por que Deus operava de tal modo* (Hb 11:17-19). Por que Deus desejava que Abraão sacrificasse o filho que ele próprio havia concedido? A vida de Isaque continha todas as promessas de uma nação futura. À medida que andamos com Deus, os testes da fé tornam-se cada vez mais difíceis e, no entanto, as recompensas são cada vez mais maravilhosas! Não se deve esquecer, também, da fé obediente de Isaque.

Encontramos em Abraão, Isaque, Jacó e José quatro gerações de fé. Foram homens que, por vezes, fracassaram, mas que, em sua essência, viveram pela fé. Não eram perfeitos, mas eram dedicados a Deus e crearam em sua Palavra. Isaque transmitiu as bênçãos e as promessas a Jacó (Gn 27), que as compartilhou com seus doze filhos (Gn 48 - 49). Jacó foi um peregrino, pois, mesmo à beira da morte, apoiou-se em seu bordão de peregrino.

Por certo, José demonstrou extraordinária fé. A julgar pelo modo como sua família o havia tratado, seria de se esperar que ele abandonasse sua fé; em vez disso, porém, ela foi fortalecida. Nem mesmo as influências ímpias do Egito abalaram sua confiança

em Deus. José não usou sua família, seu trabalho nem suas circunstâncias como desculpa para se entregar à incredulidade. *José sabia em que cria*: um dia, Deus libertaria seu povo do Egito (Gn 50:24-26). *José também sabia onde era seu lugar*: em Canaã, não no Egito, de modo que fez os hebreus prometerem que levariam consigo os restos mortais dele quando deixassem o Egito. E foi exatamente o que fizeram (ver Êx 13:19 e Js 24:32).

É impossível não admirar a fé dos patriarcas. Não tinham a Bíblia completa e, no entanto, possuíam uma fé inabalável. Transmitiram as promessas de Deus de uma geração para outra e, apesar de seus fracassos e tribulações, esses homens e mulheres crearam em Deus, e ele deu testemunho de sua fé. Sendo assim, devemos ter muito mais fé!

**Moisés – fé e conflito (vv. 23-29).** Moisés foi abençoado com pais tementes a Deus. Sem dúvida, agiram pela fé quando esconderam seu bebê das autoridades, como vemos no relato de Êxodo 2:1-10. Os pais de Moisés chamavam-se Anrão e Joquebede (Êx 6:20). Apesar de ser verdade que pais piedosos não têm como transmitir suas crenças aos filhos como se fossem traços genéticos, podem criar dentro de casa um ambiente de fé e ser exemplos para os filhos. O lar deve ser a primeira escola da fé para a criança.

Encontramos na vida de Moisés três grandes temas relacionados à fé. Primeiro, vemos a *recusa pela fé* (Hb 11:24, 25). Como filho adotivo de uma princesa egípcia, Moisés poderia ter levado uma vida tranqüila no palácio. Mas sua fé levou-o a recusar esse tipo de vida. Antes, escolheu identificar-se com o povo aflito de Deus. A verdadeira fé leva o cristão a cultivar valores corretos e a tomar decisões corretas. A expressão “prazeres transitórios do pecado” não se refere somente à lascívia e a outros pecados vulgares. Aqui, descreve um modo de vida que chamaríamos hoje de “bem-sucedido”: posição elevada, prestígio, poder, riqueza e ausência de problemas.

A recusa de Moisés pela fé levou-o a *sofrer o opróbrio pela fé* (Hb 11:26a). A perfeita



de uma grande cidade nos Estados Unidos mudou-se para um conjunto habitacional perigoso e decadente, a fim de chamar a atenção para os problemas e necessidades das minorias. No entanto, manteve seu apartamento sofisticado e, por fim, acabou se mudando de volta para ele. A coragem que demonstrou foi admirável, mas não podemos deixar de admirar Moisés ainda mais. Ele deixou o palácio e *nunca mais voltou a sua antiga vida!* Identificou-se com os escravos hebreus! Com freqüência, homens e mulheres de fé precisam suportar o opróbrio e o sofrimento. Os apóstolos sofreram por causa de sua fé. Hoje, cristãos que vivem em países onde não há liberdade religiosa sabem o que é suportar afrontas. Se o opróbrio é uma evidência de fé autêntica, perguntamo-nos quanta fé assim existe em nosso país hoje!

Por fim, há a *recompensa da fé* (Hb 11:26b-29). Deus sempre recompensa a fé autêntica – senão imediatamente, no final. Em contraste com os “tesouros do Egito”, Moisés “[contemplou] o galardão”. Nas palavras de Vance Havner: “Moisés escolheu o impercível, viu o invisível e fez o impossível”.

A fé de Moisés permitiu que ele encarassem o Faraó sem medo e confiasse que Deus lidaria com o inimigo. A perseverança de Moisés não era um dom natural, pois, por natureza, ele era hesitante e tímido. Essa perseverança e coragem foram-lhe concedidas como recompensa por sua fé, como também o foi o livramento dele e de seu povo (ver Êx 11 – 13 para o relato empolgante da primeira Páscoa dos hebreus). A fé nos faz *sair do cativeiro* (Hb 11:28), *passar por experiências* (Hb 11:29) e *entrar em nossa herança* (Hb 11:30). Quando cremos em Deus, recebemos o que Deus pode fazer; mas, quando confiamos em nós mesmos, recebemos o que os frágeis seres humanos podem fazer. A experiência de Moisés é prova de que a verdadeira fé bíblica implica obedecer a Deus apesar das circunstâncias e das conseqüências.

Se tivéssemos escrito este capítulo de Hebreus, a próxima sessão seria sobre *fé e perambulação*, mas o autor não faz menção

alguma do fracasso de Israel e dos quarenta anos desperdiçados no deserto. Isso porque tal experiência retrata a *falta de fé*, não a fé! O autor usa essa experiência em Hebreus 3 e 4 como uma ilustração da incredulidade para com a Palavra. Mas em parte alguma de Hebreus 11 encontramos *qualquer* relato de fracasso decorrente da incredulidade. A fé registra apenas as vitórias.

#### **Josué e Raabe – fé e vitória (vv. 30, 31).**

O relato da conquista de Jericó pode ser encontrado em Josué 2 a 6. Josué foi o sucessor de Moisés como líder de Israel e se tornou bem-sucedido porque confiou no mesmo Deus no qual Moisés havia crido. Deus muda de obreiros, mas não de princípios em sua obra. Ele abençoa a fé e julga a incredulidade.

Do ponto de vista humano, Jericó era uma cidade inconquistável. No entanto, o primeiro passo de fé que Josué deu não foi derrotar a cidade, mas sim cruzar o rio Jordão. Pela fé, a nação cruzou o rio da mesma forma que a geração anterior havia atravessado o mar Vermelho. Foi um testemunho e um aviso para as nações cananéias de que Israel marchava avante pelo poder de Deus.

Raabe era uma meretriz, uma candidata improvável a crer no Deus verdadeiro de Israel! *Ela foi liberta pela graça*, pois os outros habitantes da cidade estavam condenados a morrer. Em sua graça e misericórdia, Deus permitiu que Raabe vivesse. Mas foi *salva pela fé*. O conhecimento que ela possuía de Deus encontra-se registrado em Josué 2:8-14. Sabia que Jeová havia libertado Israel do Egito e que ele abria o mar Vermelho. Mas isso tudo havia ocorrido quarenta anos atrás! Também sabia que Deus havia derrotado outras nações durante a perambulação de Israel pelo deserto. “Porque o SENHOR, VOSSO Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra” (Js 2:11). Esse foi seu testemunho de fé, e Deus o honrou.

*Ela foi salva para boas obras*. A verdadeira fé deve sempre ser demonstrada por meio de boas obras (Tg 2:20-26). Raabe protegeu os espias, colocou o cordão na janela, conforme foi instruída (Js 2:15-21) e, ao que parece, ganhou sua família para a fé verdadeira

(Js 2:13; 6:25), obedecendo ao Senhor em tudo. Raabe não apenas foi liberta do julgamento como também se tornou parte de Israel. Casou-se com Salmom e deu à luz Boaz, um antepassado do rei Davi (Mt 1:4-6). Que coisa mais extraordinária uma meretriz pagã tornar-se parte da genealogia de Jesus Cristo! É isso o que a fé pode fazer!

Sem dúvida, a experiência de Raabe serve de repreensão para os incrédulos que criam justificativas para não crer em Jesus Cristo. Uma desculpa que ouço com frequência é: “Não conheço a Bíblia muito bem”. Raabe conhecia poucas verdades espirituais, mas agiu com base no conhecimento que possuía. Outra desculpa comum é: “Sou ruim demais para ser salvo!” Raabe era uma meretriz pagã condenada! Outra desculpa, ainda, é: “O que minha família vai pensar?” A primeira preocupação de Raabe foi *salvar* sua família e não se opor a seus familiares. Assim, ela é apresentada na Bíblia como uma das grandes mulheres de fé.

**Outros heróis da fé (vv. 32-40).** A fé pode operar na vida de qualquer pessoa que tiver a coragem de ouvir a Palavra de Deus e de se sujeitar à vontade de Deus. Quantas personalidades diferentes encontramos nesta passagem! Gideão era um agricultor assustado, cuja fé não se fortaleceu de imediato (Jz 6:11 – 7:25). Baraque conquistou uma vitória sobre Sísera, mas precisou da profetisa Débora para encorajá-lo (ver Jz 4:1 – 5:31). Tanto Gideão quanto Baraque servem de estímulo a nós, os que vacilamos em nossa fé.

A história de Sansão é conhecida (Jz 13 – 16). Não consideraríamos Sansão um homem piedoso, pois ele se entregou a seus desejos carnis. Era um nazireu, o que significa que havia sido consagrado e não poderia jamais cortar o cabelo nem beber vinho (é importante não confundir os nazireus com os nazarenos, habitantes de Nazaré). Sansão creu que Deus o ajudaria e o livraria e, no final, se mostrou disposto a dar a vida para derrotar o inimigo. Não se deve concluir, porém, que os cristãos de hoje podem levar uma vida dupla e, ainda assim, desfrutar as bênçãos de Deus.

A história de Jefté é fascinante (Jz 11:1 – 12:7). É difícil crer que ele tenha sacrificado a única filha como holocausto, pois tal prática era proibida em Israel. O mais provável é que a tenha consagrado ao Senhor com base na “lei dos votos” (Lv 27), dedicando-a à virgindade perpétua (Jz 11:34-40).

Não temos como examinar cada um desses exemplos de fé, e até mesmo o autor de Hebreus parou de citar nomes depois de mencionar Davi e Samuel, certamente grandes homens de fé. Temos exemplos de homens e mulheres do Antigo Testamento que conquistaram as vitórias citadas em Hebreus 11:33-35. Por certo, Davi subjugou reinos e praticou a justiça. A fé de Daniel “[fechou] a boca de leões” (Dn 6), e os três jovens hebreus extinguiram a violência do fogo na fornalha (Dn 3:23-28). A história das mulheres de fé mencionadas em Hebreus 11:35 é relatada em 1 Reis 17:17-24 e 2 Reis 4:18-37.

A transição em Hebreus 11:35 é importante: nem todos os homens e mulheres de fé foram miraculosamente libertos. Alguns foram torturados e morreram! O termo traduzido por “outros”, em Hebreus 11:36, significa “outros de um tipo diferente”. Esses “outros” tinham fé, mas Deus não achou por bem tratá-los da mesma forma como tratou Moisés, Gideão e Davi.

Enquanto visitava uma pessoa no hospital, encontrei uma paciente chorando em seu leito. “Qual o problema?”, perguntei. Em resposta, ela me entregou um livro que havia recebido pelo correio. A obra falava de “cura divina” e do “poder da fé”. Uma anotação anônima na contracapa dizia: “Leia este livro; ele lhe dará fé para ser curada”. Essa paciente era uma cristã consagrada que continuava a crer em Deus, mesmo em meio ao sofrimento, mas a pessoa que lhe escreveu aquela dedicatória acreditava que *todos* os que têm fé devem ser miraculosamente libertos.

Tenho experiências pessoais do toque miraculoso de Deus em meu corpo em ocasiões nas quais muitos estavam certos de que eu morreria. Sei que Deus pode curar. Mas também sei que Deus *não precisa* curar a

fim de provar que eu tenho fé. O autor de Hebreus (11:36-38) registra o fato de que muitos homens e mulheres de fé anônimos *não foram libertos* de circunstâncias difíceis; no entanto, Deus honrou sua fé. Na verdade, é preciso mais fé para *suportar* do que para *escapar*. Como os três jovens hebreus, devemos crer em Deus e obedecer a ele, mesmo que não nos liberte (Dn 3:16-18).

Do ponto de vista dos homens, esses heróis da fé eram desprezíveis; por isso, foram presos, torturados e, em alguns casos, mortos. Mas Deus os via de modo totalmente diferente e afirmou que o mundo não era digno deles! O apóstolo Paulo é um bom exemplo disso. Festo declarou que Paulo estava louco (At 26:24). Os judeus afirmaram que ele não deveria viver (At 22:22). O próprio Paulo relatou: “temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos” (1 Co 4:13). No entanto, o apóstolo foi um vaso escolhido de Deus, provavelmente o maior cristão que já viveu! A fé nos permite recusar a aprovação do mundo e a buscar somente a aprovação de Deus. O Senhor pode achar por bem ser glorificado *livrando* seu povo ou *não dando livramento*. De uma forma ou de outra, não se deve jamais concluir que a ausência de livramento significa falta de fé da parte dos filhos de Deus.

A fé olha para o futuro, pois é lá que se encontram as maiores recompensas. As pessoas citadas neste capítulo (por nome ou anônimas) não receberam “a concretização da promessa” (o que foi prometido, Hb 11:13), mas receberam o testemunho de Deus de que sua fé, um dia, será recompensada. O plano de Deus envolve tanto os santos do Antigo Testamento quanto os do Novo Testamento! Um dia, todos nós viveremos na cidade celestial, para a qual os santos olham pela fé.

Devemos dar graças por esses santos de outrora, pois foram fiéis em tempos difíceis; no entanto, somos nós que recebemos a “coisa [bênção] superior”. Vislumbraram algumas das bênçãos de longe (ver Jo 8:56), mas hoje nós as desfrutamos por meio de Jesus Cristo. Se os santos de outrora não tivessem confiado em Deus e obedecido à sua vontade, Israel teria perecido, e o Messias não teria nascido.

“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6). Mas esse tipo de fé cresce à medida que ouvimos a Palavra de Deus (Rm 10:17) e temos comunhão em adoração e em oração. A fé está à disposição de cristãos de todo tipo em situações de todo tipo. Não é um luxo acessível apenas para os santos de “elite”. É uma necessidade para todo o povo de Deus.

Senhor, aumenta a nossa fé!

## CONTINUEM CORRENDO!

## HEBREUS 12

**S**e o apóstolo Paulo estivesse vivo hoje, provavelmente leria o caderno de esportes do jornal e acompanharia o desempenho de vários times e atletas. As diversas referências esportivas em suas epístolas indicam seu interesse pelo assunto. Por certo, tanto os gregos quanto os romanos eram extremamente interessados em competições esportivas, não apenas por causa de seu bem-estar físico, mas também por causa da honra de suas cidades e de seu país. Ser um bom atleta e trazer glória para sua nação era um sinal de patriotismo.

O autor de Hebreus combina esses dois temas – esportes e cidadania – neste capítulo importante. O ambiente é o de um estádio onde se realizavam corridas atléticas. Podemos visualizar os corredores colocando de lado seus pesos de treinamento e se esforçando ao máximo para correr com sucesso. Alguns se cansam e desmaiam, enquanto outros perseveram até o fim e conquistam o prêmio. Primeiro, o autor descreve a corrida (Hb 12:1-13), em seguida, enfatiza a cidadania celestial (Hb 12:14-29). Na mente de seus leitores, esses dois temas andavam juntos, pois somente os cidadãos de uma nação poderiam participar de seus jogos oficiais.

Um tema presente ao longo de todo este capítulo é a *perseverança* (Hb 12:1-3, 7; ver também 10:32 [“sustentastes”], 36). Os cristãos judeus que receberam esta carta estavam ficando cansados e queriam desistir, mas o autor estimula-os a continuar avançando em sua vida cristã, como corredores em uma pista de atletismo (ver Fp 3:12-14). Ele ressalta três recursos divinos

que estimulam o cristão a perseverar em meio às dificuldades.

### 1. O EXEMPLO DO FILHO DE DEUS (Hb 12:1-4)

Quando eu estava no final do ensino fundamental, um dos professores de educação física tomou sobre si a missão de me transformar em atleta. Todos em minha classe poderiam lhe dizer que ele perdia seu tempo, pois eu era o pior atleta da turma, talvez até da escola! Entrei em um campeonato com outras escolas da cidade competindo na modalidade corrida com obstáculos. Derrubei seis obstáculos, fracturei o pé esquerdo e, mais que depressa, abandonei minha carreira esportiva. (Logo depois, esse professor de educação física alistou-se no exército. Talvez meu caso o tenha levado a isso.)

O professor Walker usava diversas técnicas para tentar melhorar meu desempenho.

– Outros alunos conseguiram; você também consegue! – era um de seus estímulos. – Pense nos benefícios físicos que isso lhe trará! – era outro. – Preste atenção nos outros meninos e veja como eles fazem – era o terceiro.

Ao refletir sobre essa experiência, fico admirado de encontrar neste parágrafo três abordagens semelhantes para nos encorajar na corrida da vida cristã.

**Olhe a seu redor e veja os vencedores!** (v. 1a). A “grande nuvem [multidão, congregação] de testemunhas” nos foi apresentada em Hebreus 11 como os heróis da fé. O texto não sugere que esses homens e mulheres que hoje se encontram no céu estejam nos observando enquanto participamos da corrida, como a platéia de um estádio. O termo grego traduzido “testemunhas” não se refere a “espectadores”, mas dá origem à palavra “mártir”. Essas pessoas não testemunham o que fazemos. Antes, testemunham *para nós* que Deus é capaz de nos sustentar até o fim. Deus deu testemunho delas (Hb 11:2, 4, 5, 39), e, agora, elas testemunham para nós.

Certa vez, um cristão me disse:

– Com exceção dos Salmos e de Provérbios, raramente leio o Antigo Testamento.

- Você está perdendo um bocado de ajuda espiritual - respondi. Pedi que ele abrisse sua Bíblia em Romanos 15:4 e que lesse o versículo em voz alta: "Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança".

Em seguida, expliquei que "paciência" significa "perseverança" e que "consolação" quer dizer "encorajamento". Uma das melhores maneiras de desenvolver perseverança e permanecer encorajado é conhecer os homens e as mulheres piedosos do Antigo Testamento que completaram a corrida e a venceram. Se você está tendo problemas com sua família, leia sobre José. Se você acha que tem um trabalho grande demais a realizar, estude a vida de Moisés. Se você se sente tentado a vingar-se, veja como Davi tratou desse problema.

**Olhe para si mesmo! (v. 1b).** Os atletas costumavam usar pesos a fim de treinar para as competições. Nenhum atleta participava da competição em si usando pesos, pois só serviriam para tornar os corredores mais lentos. (Podemos comparar essa prática com aquela de um jogador de beisebol que, antes de entrar na partida, treina com um bastão mais pesado do que o bastão oficial.) O excesso de peso afeta a resistência.

Quais são os "pesos" que devemos remover a fim de vencer a corrida? Tudo o que representa algum empecilho para nosso avanço. Podem ser "coisas boas" aos olhos dos outros. Um atleta vencedor não escolhe entre o que é bom e o que é mau, mas sim entre o que é muito bom e o que é absolutamente o melhor.

Devemos nos "[desembaraçar] de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia" (Hb 12:1). Apesar de não citar qualquer pecado específico, é provável que o autor esteja se referindo ao pecado da incredulidade. Foi a incredulidade que impediu o povo de Israel de entrar na Terra Prometida e é a incredulidade que dificulta nossa entrada na herança espiritual que temos em Cristo. A expressão "pela fé" e outras semelhantes são usadas pelo menos vinte e uma

vezes em Hebreus 11, indicando que é a fé em Cristo que nos dá perseverança.

**Olhe para Jesus Cristo! (vv. 2-4).** Ele é "o Autor e Consumador da fé". Foi ao "olhar para ele" que recebemos a salvação, pois *olhar* significa "confiar". Os israelitas à beira da morte foram curados quando olharam para a serpente erguida na haste, uma ilustração de nossa salvação por meio da fé em Cristo (Nm 21:4-9; Jo 3:14-16). A oração "Olhando firmemente para [...] Jesus" descreve não apenas um ato isolado, mas uma *atitude* de fé.

Enquanto estava aqui na Terra, Jesus viveu pela fé. O mistério de sua natureza humana e de sua natureza divina é profundo demais para a compreendermos plenamente, mas sabemos que ele precisava confiar em seu Pai do céu cada dia. O autor de Hebreus cita as palavras de Jesus: "Eu porei nele a minha confiança" (Hb 2:13; uma citação de Is 8:17). O fato de que Jesus *orava* é evidência de que vivia pela fé.

Nosso Senhor suportou muito mais coisas aqui na Terra do que qualquer um dos heróis da fé citados em Hebreus 11 e, portanto, é o exemplo perfeito a ser seguido. *Ele suportou a cruz!* Sua crucificação envolveu vergonha, sofrimento, "oposição dos pecadores" e até mesmo a rejeição temporária da parte do Pai. Na cruz, Cristo sofreu por *todos* os pecados de *todo* o mundo! No entanto, perseverou e consumou a obra da qual o Pai o havia incumbido (Jo 17:4). Apesar de os leitores de Hebreus terem sofrido perseguições, "ainda não [não haviam] resistido até ao sangue" (Hb 12:4). Nenhum deles era um mártir. Mas na batalha de Jesus contra o pecado, ele derramou o próprio sangue.

O que deu forças para que nosso Senhor suportasse a cruz? É importante lembrar sempre que, durante seu ministério aqui na Terra, Jesus Cristo não usou seus poderes divinos para suprir suas necessidades pessoais. Satanás tentou-o a fazê-lo (Mt 4:1-4), mas Jesus recusou-se a agir assim. Foi sua *fé* que lhe permitiu perseverar. Ele manteve os olhos da fé fixos na "alegria que lhe estava proposta". Sabia, pelo Salmo 16:8-10,

que saíria vivo do sepulcro (Pedro refere-se a esse salmo messiânico em seu sermão em Pentecostes; At 2:24-33). Nesse salmo (16:11), Davi fala da “plenitude da alegria” na presença do Pai. Por Salmos 110:1, 4, Jesus sabia que seria exaltado ao céu em glória (Pedro também citou esse salmo; At 2:34-36). Assim, a “alegria que lhe estava proposta” incluía, para Jesus, sua consumação da vontade do Pai, sua ressurreição e exaltação e sua alegria ao apresentar os cristãos para o Pai na glória (Jd 24).

Ao longo desta epístola, o autor enfatiza a importância da importância da *esperança futura*. A tendência de seus leitores era *olhar para trás* e ter o desejo de *voltar*, mas ele os encoraja a seguir o exemplo de Cristo e *olhar para frente* pela fé. Os heróis da fé citados no capítulo anterior viveram em função do futuro, e isso lhes permitiu perseverar (Hb 11:10, 14-16, 24-27). Como Pedro, quando tiramos os olhos da fé do Salvador, começamos a afundar (Mt 14:22-33).

Visto que Cristo é o “Autor e Consumador da nossa fé”, a confiança nele libera seu poder em nossa vida. Eu poderia tentar seguir o exemplo de algum grande atleta durante anos e, ainda assim, ser um fracasso total. Mas se, em minha juventude, esse atleta tivesse entrado em minha vida e compartilhado comigo seu *know-how* e habilidade, eu teria me tornado um vencedor. Cristo não apenas dá o exemplo, como também *capacita!* Ao vê-lo na Palavra e nos entregarmos a seu Espírito, ele aumenta nossa fé e nos capacita para completarmos a corrida.

## 2. A CERTEZA DO AMOR DE DEUS (Hb 12:5-13)

A palavra-chave desta seção é *correção*. Trata-se de um termo grego que significa “educação infantil, instrução, disciplina”. Esperava-se que um menino grego se exercitasse no ginásio até atingir a maturidade, pois esse treinamento fazia parte de seu preparo para a vida adulta. O autor considera as tribulações da vida cristã como uma forma de disciplina espiritual que ajuda o cristão a amadurecer. Em vez de tentar fugir das dificuldades da vida, devemos permitir ser

“exercitados” por elas, a fim de podermos crescer (Hb 12:11).

Quando sofremos, é fácil pensar que Deus não nos ama. Assim, o autor dá três provas de que a correção vem do coração amoroso do Pai.

**As Escrituras (vv. 5, 6).** Trata-se de uma citação de Provérbios 3:11, 12, uma declaração que seus leitores conheciam, mas haviam esquecido (essa é uma das tristes conseqüências de se tornar “tardio em ouvir”; ver Hb 5:11, 12). Essa citação (Hb 12:5, 6) é uma “exortação” ou, literalmente, um “encorajamento”. Pelo fato de terem esquecido da Palavra, perderam o ânimo e estavam prestes a desistir!

“Filho meu”, “filhos” e “filho” são as palavras-chave dessa citação. Referem-se a *filhos adultos*, não a crianças pequenas. Esses termos são usados seis vezes em Hebreus 12:5-8. O pai que disciplinasse *repetidamente* um filho muito pequeno seria considerado um carrasco. Deus nos trata como *filhos adultos*, pois fomos adotados como tais em sua família (ver Rm 8:14-18; Gl 4:1-7). O fato de o Pai nos disciplinar é sinal de que estamos amadurecendo e é o meio que ele usa para nos tornar ainda mais maduros.

A correção é prova do amor do Pai. Satanás deseja nos levar a crer que as dificuldades da vida são um sinal de que Deus não nos ama, mas é justamente o contrário. Por vezes, a disciplina de Deus é vista em sua *repreensão* pela Palavra e pelas circunstâncias. Em outras ocasiões, ele demonstra seu amor ao nos *castigar* (“o Senhor [...] açoita”) com algum sofrimento físico. Qualquer que seja a experiência, é possível estar certos de que sua mão disciplinadora é controlada por seu coração amoroso. O Pai não quer que sejamos bebês mimados; antes, deseja que nos tornemos filhos e filhas adultos e maduros aos quais pode confiar as responsabilidades da vida.

**A experiência pessoal (vv. 7-11).** Todos nós tivemos ou temos um pai, e, se esse pai foi fiel, precisou nos disciplinar. Se uma criança é deixada por conta própria, ela cresce e se torna um tirano egoísta. De acordo com a argumentação do autor (Hb 12:7, 8),

o pai só *disciplina os filhos*, e essa é a prova de que *somos* seus filhos. Podemos ter vontade de dar umas palmadas nos filhos do vizinho (e talvez nossos vizinhos sintam o mesmo desejo em relação a nossos filhos...), mas não podemos fazê-lo. A correção de Deus é prova de que somos, verdadeiramente, seus filhos!

Em meu ministério, já encontrei pessoas que se diziam salvas, mas que, por algum motivo, jamais haviam experimentado qualquer correção. Mesmo sendo desobedientes, pareciam escapar impunes. Se eu resistisse à vontade de Deus e não sentisse sua correção amorosa, imaginaria, um tanto assustado, que talvez não fosse salvo!

Todos os filhos verdadeiros de Deus recebem sua correção. Os demais que afirmam ser salvos, mas que escapam da disciplina, não passam de imitações baratas ou de filhos ilegítimos.

Por que os bons pais humanos corrigem os filhos? Para que estes aprendam a mostrar-lhes reverência (respeito) e a obedecer a suas ordens. É por isso que nosso Pai celestial nos corrige: deseja que o reverenciemos e que obedeçamos à sua vontade. Uma criança que não aprende a sujeitar-se às autoridades jamais se tornará um adulto produtivo e maduro. Todos os filhos de Deus que se rebelam contra ele correm perigo de morte! "Não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos?" (Hb 12:9). Esse versículo sugere que, se não nos submetemos, *podemos não viver*. "Há pecado para morte" (1 Jo 5:16).

Podemos ver de que maneira o capítulo doze é relacionado às cinco exortações da Epístola aos Hebreus. À medida que um cristão desvia-se da Palavra e abandona a fé, o Pai o disciplina a fim de colocá-lo de volta em uma posição de submissão e de obediência. (Se Deus não o corrigir, significa que tal pessoa não é, verdadeiramente, nascida de novo.) Se um cristão *persiste* em sua resistência à vontade de Deus, o Senhor pode permitir que sua vida seja tirada. Em vez de deixar que seu filho destrua ainda mais a própria vida e envergonhe o nome do Pai, Deus pode permitir que ele morra. Deus

matou milhares de israelitas rebeldes no deserto (1 Co 10:1-12). Por que deveria nos poupar? Sem dúvida, esse tipo de correção não é sua abordagem habitual, mas é possível; devemos demonstrar reverência e temor a Deus. Ele nos corrige para nosso bem, a fim de podermos compartilhar de seu caráter santo.

**Os resultados abençoados (vv. 11-13).** No momento em que está sendo aplicada, nenhuma disciplina é agradável nem para o pai e nem para o filho, mas seu efeito é proveitoso. Tenho certeza de que são poucos os filhos que acreditam quando os pais dizem: "Isso dói mais em mim do que em você". Ainda assim, é verdade. O Pai não tem prazer algum em disciplinar os filhos, mas os benefícios posteriores tornam a correção uma prova de seu amor.

Quais são alguns desses benefícios? Em primeiro lugar, temos o "fruto pacífico [...] fruto de justiça". Em vez de continuar a pecar, o filho esforça-se para fazer o que é certo. Também temos paz ao invés de guerra - "fruto pacífico". A rebelião cessou, e o filho encontra-se em terna comunhão com o Pai. A correção também incentiva o filho a *exercitar-se* nas coisas espirituais: a Palavra de Deus, a oração, a meditação, o testemunho etc. Tudo isso conduz a uma nova *alegria*. Paulo a descreve como: "justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14:17).

Por certo, é importante o modo de o filho de Deus reagir à disciplina. Pode desprezá-la ou desmaiar debaixo dela (Hb 12:5), duas reações erradas. A atitude correta é demonstrar reverência ao Pai sujeitando-se a sua vontade (Hb 12:9) e usando a experiência para exercitar-se espiritualmente (Hb 12:11; 1 Tm 4:7, 8). Hebreus 12:12, 13 lembra as ordens de um técnico para seu time: "Levantem as mãos!" "Firmem os joelhos!" (Is 35:3). "Coloquem esses pés preguiçosos no caminho certo!" (Pv 4:26). Em suas marcas, preparar, largar!

O exemplo do Filho de Deus e a certeza do amor de Deus devem, sem dúvida alguma, servir de estímulo para a perseverança em meio às dificuldades da corrida cristã. No entanto, há um terceiro recurso.

### 3. A CAPACITAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS (Hb 12:14-29)

Qual é nosso alvo quando participamos da corrida cristã? O autor explica esse alvo em Hebreus 12:14: a *paz* com todos os homens e a *santidade* diante do Senhor (convém lembrar o “fruto pacífico [...] fruto de justiça” Hb 12:11). Esses dois alvos trazem à memória o ministério de Cristo como Sumo Sacerdote – Rei de *paz* e Rei de *justiça* (Hb 7:1, 2). É preciso dedicação para participar da corrida com sucesso e não “[nos afastarmos] da graça de Deus” (Hb 12:15). A graça de Deus não falha, mas podemos deixar de nos valer de sua graça. Encontramos, no final deste capítulo, outra ênfase sobre a graça (Hb 12:28).

Nesta seção, o autor incentiva seus leitores a dependerem da graça de Deus, incentivando-os a olhar pela fé em três direções.

**Olhar para trás – o exemplo negativo de Esaú (vv. 15-17).** Por certo, Esaú não agiu segundo a graça de Deus. O relato encontra-se em Gênesis 25:27-34; 27:30-45. Esaú era um “profano”, ou seja, “uma pessoa comum, que vive para o mundo, não para Deus”. (Em nossa língua, esse termo significa, literalmente, “fora do templo” ou que não pertence a Deus.) Esaú desprezou sua primogenitura e a vendeu a Jacó, perdendo, assim, a bênção dada a Jacó (essa bênção pertencia a Jacó de qualquer modo, mas foi errado ele usar de artifícios para obtê-la; ver Gn 25:19-26). Posteriormente, Esaú tentou fazer Isaque mudar de idéia, mas era tarde demais. Nem mesmo as lágrimas de Esaú adiantaram. Estes versículos mostram os pecados que nos privam da graça capacitadora de Deus: falta de diligência espiritual, amargura contra outros (ver Dt 29:18), imoralidade sexual e uma vida em função do mundo e da carne. Há quem imagine que um “profano” é um indivíduo blasfemo e obscuro; mas Esaú era um sujeito simpático, um bom caçador e um homem que amava seu pai. Teria dado um excelente vizinho... mas não estava interessado nas coisas de Deus.

A graça de Deus não falha, mas nós podemos deixar de depender dessa graça. Esaú

é uma advertência para que não vivamos em função de coisas secundárias.

**Olhar para o alto – a glória da cidade celestial (vv. 18-24).** O autor de Hebreus contrasta o monte Sinai e a entrega da Lei com as bênçãos da graça na Igreja (ver Êx 19:10-25; 20:18-21; Dt 4:10-24). Descreve a solenidade e até mesmo o pavor que acompanharam a entrega da Lei (Hb 12:18-21). O povo assustou-se ao ouvir a voz de Deus, e até mesmo Moisés temeu e tremeu! Deus demarcou limites ao redor do monte, e o próprio animal que os ultrapassasse seria morto (“apedrejado”). É evidente que Deus tinha de deixar bem claro para seu povo a seriedade de sua Lei, da mesma forma que devemos fazer com nossos filhos. A nação estava em sua infância, e as crianças compreendem o sistema de recompensas e castigos.

Que alívio passar do monte Sinai para o monte Sião! O monte Sinai representa a antiga aliança da Lei, enquanto o monte Sião representa a nova aliança da graça em Jesus Cristo (ver Gl 4:19-31). A cidade celestial é o monte Sião de Deus (ver Sl 2, 110:1, 2, 4). Foi para essa cidade que os patriarcas olharam pela fé (Hb 11:10, 14-17). A Jerusalém terrena estava preste a ser destruída pelos romanos, mas a Jerusalém celestial permanecerá para sempre.

O autor descreve os “cidadãos” que constituem a população dessa cidade. Há inúmeros anjos; a Igreja também está presente, pois os cristãos são cidadãos do céu (Fp 3:20), e seus nomes estão escritos no céu (Lc 10:20). “Primogênito” é um título de dignidade e posição hierárquica. Na verdade, o primogênito de Isaque era Esaú, mas ele rejeitou seus privilégios e perdeu sua bênção e os direitos de primogenitura.

É evidente que Deus também está lá, bem como os santos do Antigo Testamento (“espíritos dos justos aperfeiçoados”). Jesus Cristo é o Mediador na cidade, Aquele que derramou seu sangue por nós. Vimos que Abel continua a dar seu testemunho (Hb 11:4); aqui, descobrimos que o sangue de Cristo “fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel” (Hb 12:24). A voz do sangue de Abel clamou da terra e pediu justiça (Gn 4:10),



enquanto o sangue de Cristo fala do céu e anuncia a misericórdia para os pecadores. O sangue de Abel fez Caim sentir-se culpado (e com razão!) e o levou a fugir em desespero (Gn 4:13-15); mas o sangue de Cristo nos libertou da culpa e abriu caminho para a presença de Deus. Se não fosse pelo sangue da nova aliança, não poderíamos entrar na cidade celestial!

– Por que se prega e se ensina tão pouco sobre o céu? – perguntou-me um amigo meu. E depois deu a própria resposta, provavelmente correta. – Acho que as coisas são tão fáceis para nós aqui na Terra que simplesmente não pensamos no céu.

Quando os dias são sombrios e temos dificuldade em perseverar, devemos olhar para o alto e contemplar as glórias do céu. Moisés “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11:27). Os patriarcas perseveraram ao olhar adiante, para a cidade que Deus preparava para eles. Uma forma de nos apropriarmos da graça de Deus é olhar adiante, pela fé, e vislumbrar o futuro maravilhoso que ele tem preparado para nós.

**Olhar adiante – o reino inabalável (vv. 25-29).** Deus fala hoje por meio de sua Palavra e de sua operação providencial no mundo. É melhor ouvir! Se Deus sacudiu tudo no monte Sinai e os que se recusaram a ouvir

foram julgados, nós, que experimentamos hoje as bênçãos da nova aliança, somos muito mais responsáveis! De fato, Deus está sacudindo o mundo hoje, como se vê pelas notícias nos jornais. Ele deseja derrubar os “andaimos” e revelar as realidades inabaláveis e eternas. Infelizmente, muitas pessoas (inclusive os cristãos) estão construindo a vida sobre coisas que podem ser abaladas.

A citação sobre o “abalo” é de Ageu 2:6 e se refere à ocasião em que Cristo voltará e encherá de glória sua casa. À medida que os acontecimentos se encaminharem para esse momento, veremos cada vez mais estremecimentos a nosso redor. Mas o cristão pode estar seguro, pois receberá um reino inabalável. Na verdade, os cristãos já fazem parte do reino de Deus hoje.

O que devemos fazer enquanto vivemos neste mundo agitado? Ouvir a Palavra de Deus e obedecer a ela. Receber graça diariamente para lhe servir “com reverência e santo temor”. Não nos distrair com as mudanças a nosso redor. Continuar correndo com perseverança. Continuar esperando a volta de Jesus Cristo. Lembrar que o Pai nos ama e lançar mão da graça capacitadora de Deus.

Enquanto outros estão assustados, podemos estar seguros.

## UMA FÉ VISÍVEL

### HEBREUS 13

Este último capítulo de Hebreus dá a impressão de que o autor tem uma série de questões variadas para discutir e as reserva para o final. Em Hebreus 12, estávamos nos regozijando no monte Sião, e, agora, discutimos assuntos quotidianos, como hospitalidade, casamento, liderança na igreja e quem foi o último prisioneiro liberto.

No entanto, na Bíblia não existe divisão entre doutrina e dever, revelação e responsabilidade. As duas sempre andam juntas. A ênfase desta última seção é sobre *viver pela fé*. Em Hebreus 11, o autor apresentou grandes exemplos de fé e, em Hebreus 12, deu grandes encorajamentos de fé. Em Hebreus 13, apresenta as evidências da fé que devem ser visíveis em nossa vida quando estamos, verdadeiramente, andando pela fé, não de acordo com as aparências. Encontramos aqui quatro evidências.

#### 1. O GOZO DA COMUNHÃO ESPIRITUAL (Hb 13:1-6)

A base para essa comunhão é o amor fraternal. Como cristãos, esses hebreus, sem dúvida, haviam sido rejeitados pelos amigos e parentes. Mas o tipo mais profundo de comunhão não se baseia em relacionamentos raciais ou familiares, mas sim na vida espiritual que temos em Cristo. Uma congregação que tem por alicerce qualquer outra coisa que não seja o amor por Cristo e uns pelos outros não tem como durar. Para outras referências ao "amor fraternal", ver Romanos 12:10; 1 Tessalonicenses 4:9, 10; 1 Pedro 1:22; e 2 Pedro 1:7.

Onde houver o verdadeiro amor cristão também haverá *hospitalidade* (Hb 13:2). Esse

era um ministério importante na Igreja primitiva, pois o período de perseguição obrigou muitos cristãos a deixar seus lares. Além disso, também havia ministros itinerantes que precisavam de hospedagem (3 Jo 5-8). Muitos santos pobres não tinham condições de ficar em uma hospedaria, e, uma vez que as igrejas se reuniam nos lares (Rm 16:5), era natural um visitante ficar com o anfitrião. Os pastores devem ser hospitaleiros (Tt 1:8), mas todos os santos devem "[praticar] a hospitalidade" (Rm 12:13).

Moisés (Gn 18) relata a história de Abraão que ofereceu hospitalidade generosa a Jesus Cristo e a dois de seus anjos. Quando os recebeu, Abraão não sabia quem eram; foi somente mais tarde que descobriu a identidade de seus hóspedes ilustres. Talvez não acolhamos anjos no sentido literal (apesar de isso ser possível), mas *qualquer* desconhecido pode ser um mensageiro de bênçãos para nós (a palavra "anjo" significa "mensageiro"). Lembro-me de várias ocasiões em que hospedamos em nossa casa pessoas que se mostraram mensageiras das bênçãos de Deus.

O amor também se expressa no *interesse pelo próximo* (Hb 13:3). Não era raro cristãos serem presos por causa de sua fé. Identificar-se com esses prisioneiros poderia ser perigoso, mas o amor de Cristo tornava necessário ministrar a esses santos. Ministrar a um prisioneiro cristão no nome de Cristo é como ministrar ao próprio Cristo (Mt 25:36, 40). Em nosso país livre, não somos presos por causa de nossas convicções religiosas, mas em outras partes do mundo, há cristãos que sofrem por causa de sua fé. Precisamos orar por eles e compartilhar com eles o que temos, à medida que Deus nos der essa oportunidade!

O *lar* é o primeiro lugar em que o amor deve ser colocado em prática (Hb 13:4). Um lar cristão começa com um casamento cristão dentro da vontade de Deus. O sexo fora do casamento é pecaminoso e destrutivo. O sexo dentro dos laços protetores do casamento pode ser enriquecedor e glorificar a Deus. A impureza é cometida por pessoas não casadas, enquanto o adultério refere-se

aos casados (mas, no Novo Testamento, o termo "impureza" pode referir-se a diversos tipos de pecado sexual; ver At 15:20 e 1 Co 6:18).

De que maneira Deus julga os impuros e adúlteros? Por vezes, são julgados no próprio corpo (Rm 1:24-27). Sem dúvida, serão julgados no julgamento final (Ap 21:8; 22:15). Os cristãos que cometem esses pecados podem, certamente, ser perdoados, mas perderão recompensas no céu (Ef 5:5ss). Davi foi perdoado, mas sofreu as consequências de seu adultério por muitos anos e do modo mais difícil: por meio dos próprios filhos.

Hoje, quando os pecados sexuais são apresentados como forma de entretenimento em filmes de cinema e na televisão, a Igreja precisa manter-se firme em sua posição em favor da pureza dos laços matrimoniais. Um lar cristão consagrado é a coisa mais parecida com o céu que se pode experimentar na Terra, e começa com um casamento cristão.

Amando a Deus e aos outros da forma certa, teremos uma relação correta com as coisas materiais (Hb 13:5, 6). Tempos de sofrimento podem ser ocasião para egoísmo ou para o serviço. Não é fácil "[aceitar] com alegria o espólio dos vossos bens" (Hb 10:34). Mas, com os problemas econômicos e ecológicos de nosso mundo atual, é possível que, em breve, os cristãos tenham de viver sem alguns dos luxos que, hoje, são considerados necessidades.

Um casal cristão ministrava a outros cristãos, na Europa Oriental, atrás da Cortina de Ferro. O casal havia levado livros cristãos, cobertores e outros artigos de primeira necessidade. Na reunião da igreja, os dois garantiram à congregação que os cristãos nos Estados Unidos oravam por seus irmãos e irmãs em Cristo na Europa Oriental.

- Ficamos felizes com isso - respondeu um dos membros da igreja -, mas temos a impressão de que os cristãos nos Estados Unidos precisam de mais orações ainda. Nós, aqui na Europa Oriental, estamos sofrendo, mas vocês, nos Estados Unidos, têm uma vida confortável; e é sempre mais

difícil ser um bom cristão quando se tem muito conforto.

O termo "avareza" significa, literalmente, "amor ao dinheiro", mas pode ser aplicado ao amor por *mais coisas* de qualquer tipo. Alguém perguntou ao milionário Bernard Baruch:

- Quanto dinheiro é preciso para satisfazer um homem rico? - ao que Baruch respondeu: - Só mais um milhão além daquilo que ele já tem.

A avareza é o desejo de ter mais, quer precisemos, quer não.

O contentamento não pode vir das coisas materiais, pois elas nunca satisfazem o coração. Somente Deus pode dar tal satisfação. "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12:15). Quando temos Deus, temos tudo de que precisamos. As coisas materiais da vida podem deteriorar-se ou ser roubadas, mas Deus jamais nos deixará nem nos abandonará. Essa promessa foi feita a Josué quando ele sucedeu Moisés (Dt 31:7, 8; Js 1:5, 9) e se cumpre para nós em Jesus Cristo (Mt 28:20; At 18:9, 10).

A declaração de fé em Hebreus 13:6 vem do Salmo 118:6. Trata-se de um salmo messiânico que se cumpre em Jesus Cristo, de modo que podemos nos apropriar dessa promessa. Os cristãos da Igreja primitiva encontravam grande paz em saber que não precisavam temer os homens, pois estes não conseguiriam fazer coisa alguma contra eles fora da vontade de Deus. Os homens até poderiam tomar seus bens, mas Deus supriria suas necessidades.

Uma mulher disse ao evangelista D. L. Moody

- Encontrei uma promessa maravilhosa que me ajuda quando sinto medo. É o Salmo 56:3: "Em me vindo o temor, hei de confiar em ti".

- Tenho uma promessa ainda melhor! Isaías 12:2: "confiarei e não temerei" - Moody respondeu.

As duas promessas são verdadeiras, e cada uma tem a própria aplicação. O mais

importante é conhecer a Jesus Cristo como Senhor e Ajudador e não colocar a confiança nas coisas materiais. Os cristãos alegres são pessoas com prioridades corretas, e as coisas materiais não estão no alto da lista.

## 2. A SUJEIÇÃO À LIDERANÇA ESPIRITUAL (Hb 13:7-9, 17, 24)

Em três ocasiões, o autor refere-se aos “vossos guias”. Essa expressão aplica-se aos líderes espirituais das congregações locais. A igreja é um organismo, mas também é uma organização. O organismo que não é organizado morre! Por onde passava, Paulo fundava igrejas e ordenava cristãos qualificados para liderá-las (At 14:23; Tt 1:5). As palavras “Santos [...] bispos [presbíteros] e diáconos” (Fp 1:1) apresentam, de forma resumida, a constituição das igrejas do Novo Testamento, com seus membros e liderança.

Todo cristão tem três responsabilidades para com os líderes espirituais da sua igreja local.

**Lembrar-se deles (vv. 7-9).** A palavra “lembrar” pode sugerir que esses líderes estavam mortos, talvez martirizados, e que não deveriam ser esquecidos. Como é fácil esquecer os cristãos corajosos do passado, cujo trabalho e sacrifícios possibilitaram nosso ministério hoje! Apesar de não adorarmos pessoas nem de lhes darmos glória, sem dúvida, é certo honrá-las por seu trabalho fiel (1 Ts 5:12, 13). É provável que esses líderes tenham levado os leitores da epístola a Cristo, pois haviam lhes falado da Palavra. Ao lembrar que apenas uns poucos cristãos possuíam uma cópia das Escrituras, vê-se a importância desse ministério pessoal da Palavra. Hoje, temos como ler a Bíblia sozinhos, ouvir sermões no rádio e na televisão e gravações em fitas e CDs. Corremos o risco de não dar à Palavra seu devido valor.

Os cristãos não poderiam mais ouvir esses líderes falecidos lhes falarem, mas poderiam imitar sua fé e considerar seu resultado ou “fim”. Pode se tratar de uma referência à morte deles, sugerindo que alguns foram martirizados. No entanto, creio que “o fim da sua vida” (Hb 13:7) é apresentado em Hebreus 13:8 – “Jesus Cristo, ontem e hoje,

é o mesmo e o será para sempre”. A vida dessas pessoas apontava para Cristo! Os líderes da igreja podem ir e vir, mas Jesus Cristo permanece o mesmo, e Cristo é o centro de nossa fé.

Depois de anunciar a uma igreja em que pastoreei durante vários anos minha intenção de deixar aquele trabalho, um dos membros me disse:

– Não sei o que vou fazer sem o senhor... Dependo tanto do senhor para me dar ajuda espiritual!

Minha resposta deixou-o estarecido:

– Então, quanto antes eu partir, antes você pode começar a depender do Senhor. Nunca edifique sua vida com base em qualquer servo de Deus. Edifique sua vida sobre Jesus Cristo. Ele nunca muda.

É evidente que sempre existe o perigo de se deixar “envolver por doutrinas várias e estranhas” (Hb 13:9). O propósito do ministério espiritual é firmar o povo de Deus na graça, de modo que não se deixem levar por doutrinas perigosas (Ef 4:11-14). Alguns dos cristãos que receberam a Epístola aos Hebreus pensavam em voltar às leis judaicas que regulamentavam a alimentação. O autor adverte que essas regras alimentares não lhes seriam de qualquer proveito espiritual, pois nunca beneficiaram espiritualmente os judeus! As leis alimentares davam a impressão de que as pessoas eram espirituais, mas, na verdade, não passavam de sombras da realidade que temos em Cristo (ler com atenção Cl 2:16-23).

Quando há mudança de pastor em igrejas locais, há uma tendência de haver alterações nas doutrinas ou ênfases doutrinárias. Devemos ter o cuidado de não ir além da Palavra de Deus e de não alterar os alicerces espirituais. É triste ver como a pregação doutrinária está cada vez mais rara hoje, pois a doutrina bíblica é a fonte de força e de crescimento da igreja.

**Obedecer a eles (v. 17).** Quando um servo de Deus está dentro da vontade de Deus, ensinando a Palavra de Deus, o povo de Deus deve sujeitar-se e obedecer. Isso não significa que os pastores devam ser ditadores. “Nem [sejam] como dominadores

dos que vos foram confiados" (1 Pe 5:3). Alguns membros de igreja têm uma atitude irreverente em relação à autoridade pastoral, o que é perigoso. Um dia, todo pastor terá de prestar contas de seu ministério ao Senhor, algo que ele deseja ser capaz de fazer com alegria. Nesse dia, o cristão desobediente descobrirá que os resultados da desobediência não têm proveito algum, não para o pastor, mas para o próprio membro rebelde.

Para ser sincero, é muito mais fácil "ganhar almas" do que "cuidar de almas" (ver Ez 3:16-21). Quanto mais a igreja cresce, mais difícil se torna cuidar das ovelhas. Infelizmente, existem alguns pastores cujo único trabalho é pregar e "cumprir o programa"; não demonstram desejo algum de ministrar às almas colocadas sob seus cuidados. Alguns são até "mercenários" que trabalham pelo dinheiro e fogem quando surge algum perigo (Jo 10:11-14). Quando, porém, um pastor é fiel no cuidado das almas, é importante que as ovelhas obedeçam a ele.

**Saudá-los (v. 24).** Os judeus costumavam usar o cumprimento "*Shalom* - paz!" Os gregos muitas vezes se saudavam dizendo "Graça!" Paulo combina esses dois e saúda os santos com "graça a vós outros e paz" (1 Co 1:3; 2 Co 1:2; e todas as suas epístolas, com exceção de 1 e 2 Timóteo e Tito). Ao escrever para os pastores, Paulo os saudava com "Graça, misericórdia e paz". Por que será?

É evidente que o autor da Epístola aos Hebreus está enviando suas saudações pessoais aos líderes da igreja local, mas se trata de um bom exemplo a seguir. *Todo cristão deve ter diálogo com seu pastor.* Não deve jamais permitir que alguma "raiz de amargura" (Hb 12:15) cresça em seu coração, pois contaminará e prejudicará a igreja toda.

Apesar de ser verdade que cada membro da congregação tem um ministério importante a realizar, também é verdade que Deus ordenou líderes espirituais para a Igreja. Tenho o grande privilégio de pregar em várias igrejas nos Estados Unidos e observo que nos lugares onde as pessoas permitem que os pastores (presbíteros) exerçam

a liderança, normalmente há bênção e crescimento. Não estou me referindo a uma ditadura arbitrária e egoísta, mas sim à verdadeira liderança espiritual. Esse é o padrão de Deus para a Igreja.

### 3. A PARTICIPAÇÃO NO CULTO ESPIRITUAL (Hb 13:10-16, 18, 19)

Por certo, os cristãos da nova aliança não estão envolvidos com cerimônias e utensílios de um tabernáculo ou templo terreno, mas isso não significa que não possuem as bênçãos que tais símbolos materiais tipificavam. O judeu sob a antiga aliança poderia apontar para o templo, mas o cristão tem um santuário celestial indestrutível. Os judeus orgulhavam-se da cidade de Jerusalém, mas os cristãos têm uma cidade eterna, a Nova Jerusalém. Para cada item terreno e temporário que fazia parte da vida dos santos do Antigo Testamento, o cristão da nova aliança tem um correlato celestial e eterno.

A declaração "possuímos um altar" (Hb 13:10) não se refere a um altar material na Terra, pois isso seria uma contradição de toda a mensagem da epístola. No santuário do Antigo Testamento, o altar de bronze era o local usado para oferecer sacrifícios de sangue, enquanto o altar de ouro diante do véu era usado para queimar incenso, um retrato da oração subindo a Deus (Sl 141:2). O altar do cristão da nova aliança é Jesus Cristo, pois é *por meio dele* que oferecemos nossos sacrifícios espirituais (Hb 13:15; 1 Pe 2:5). Podemos separar um lugar dentro da igreja e chamá-lo de altar, mas não se trata de um altar no verdadeiro sentido bíblico. Isso porque o sacrifício de Cristo já foi realizado de uma vez por todas; assim, as ofertas que levamos para Deus são aceitáveis, não por causa de um altar terreno, mas por causa de um altar celestial, Jesus Cristo.

A ênfase desta seção é sobre a separação da religião morta e sobre a identificação com o Senhor Jesus Cristo em seu opróbrio. Trata-se de uma imagem proveniente do Dia da Expição. A oferta pelo pecado era levada para fora do acampamento e queimada por inteiro (Lv 16:27). Jesus Cristo, nossa oferta perfeita pelo pecado, sofreu e morreu

“fora das portas” de Jerusalém. Todo cristão verdadeiro deve sair espiritualmente ao encontro do Senhor, dirigindo-se ao lugar de vergonha e rejeição. “Por que ficar em Jerusalém quando esta não é nossa cidade?”, pergunta o autor. “Por que identificar-se com a Lei da antiga aliança quando ela foi cumprida em Cristo?”

Os leitores da epístola procuravam um modo de continuar sendo cristãos e, ao mesmo tempo, escapar das perseguições que viriam dos judeus incrédulos. “Isso é impossível”, o autor afirma claramente. “Jerusalém está condenada. Saiam do sistema religioso judaico e identifiquem-se com o Salvador que morreu por vocês.” Não há meio-termo.

O autor cita dois “sacrifícios espirituais” que oferecemos como cristãos (Hb 13:15, 16). Convém observar que essa idéia de sacrifícios “espirituais” não é conflitante com o conceito de ofertas “materiais”, pois estas podem ser aceitas como sacrifícios espirituais (ver Fp 4:10-20). Antes, o sacrifício é de “caráter espiritual, a ser usado pelo Espírito para propósitos espirituais”. Quando oferecido a Deus, o corpo de um cristão é um sacrifício espiritual (Rm 12:1, 2).

O primeiro sacrifício espiritual é o *louvor contínuo a Deus* (Hb 13:15). As palavras sinceras de louvor de nossos lábios são como lindos frutos colocados no altar. Como é fácil para um santo aflito queixar-se, mas como é importante dar graças a Deus!

O segundo sacrifício espiritual consiste nas *boas obras da mútua cooperação* (Hb 13:16). Sem dúvida, estão incluídas aqui a hospitalidade mencionada em Hebreus 13:2 e o ministério aos prisioneiros conforme Hebreus 13:3. A “prática do bem” engloba uma infinidade de ministérios: dar alimentos aos necessitados; oferecer transporte para que pessoas possam ir aos cultos e a outros lugares; contribuir financeiramente; ou, talvez, ser simplesmente um vizinho prestativo. Certa vez, tive o privilégio de ver um homem entregar-se a Cristo porque o ajudei a cortar a grama quando seu cortador quebrou.

Em seguida, o autor enfatiza a importância da oração (Hb 13:18, 19). Não poderia

visitar seus leitores pessoalmente, mas desejava que eles o ajudassem com suas orações. É possível que alguns de seus inimigos houvessem contado mentiras a seu respeito, de modo que ele assevera sua honestidade e integridade. Não sabemos ao certo quem escreveu esta epístola. Muitos acreditam que foi Paulo. A referência a Timóteo em Hebreus 13:23 sugere essa possibilidade, como também o faz a “bênção da graça” em Hebreus 13:25 (ver 2 Ts 3:17, 18). Para alguns estudiosos, Pedro indica que a carta foi escrita por Paulo (2 Pe 3:15, 16); mas essa declaração também pode ser aplicada a coisas que Paulo escreveu em sua Epístola aos Romanos. Não sabemos o nome do autor humano desta epístola, mas isso não é importante.

#### 4. A EXPERIÊNCIA DO SENHORIO ESPIRITUAL (Hb 13:20, 21)

Esta bênção parece reunir os principais temas da Epístola aos Hebreus: a paz, a ressurreição de Cristo, o sangue, a aliança, a perfeição espiritual (maturidade), a obra de Deus na vida do cristão. Como Bom Pastor, Jesus Cristo *morreu* pelas ovelhas (Jo 10:11). Como Grande Pastor, ele *vive* hoje no céu intercedendo pelas ovelhas. Como Supremo Pastor, ele *voltará para buscar suas ovelhas* (1 Pe 5:4). Nosso Pastor cuida de suas ovelhas no passado, presente e futuro. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre!

Nosso Grande Sumo Sacerdote também é nosso Grande Pastor. Quando estava aqui na Terra, trabalhou *por nós* e completou a obra momentosa da redenção (Jo 17:4). Agora que se encontra no céu, trabalha *em nós* a fim de nos amadurecer segundo sua vontade e de nos conduzir à perfeição espiritual. Só alcançaremos tal perfeição quando Cristo voltar (1 Jo 2:28 - 3:3), mas enquanto esperamos, recebemos a ordem de continuar crescendo.

A expressão “vos aperfeiçoe” (Hb 13:21) é a tradução da palavra grega *katartidzo*. Trata-se de uma palavra estranha para nós, mas bastante conhecida pelos destinatários desta carta. Os médicos a conheciam, pois significava “colocar no lugar um osso fraturado”. Para os pescadores, significava “remendar

uma rede rasgada" (ver Mt 4:21). Para os marinheiros, queria dizer "preparar um navio para uma viagem". Para os soldados, significava "equipar um exército para a batalha".

Nosso Salvador no céu deseja equipar-nos para a vida aqui na Terra. Com toda ternura, deseja colocar no lugar os "ossos fraturados" de nossa vida, a fim de que andemos corretamente e participemos das corridas da vida com sucesso. Deseja reparar nossas redes para que apanhemos peixes e ganhemos almas. Deseja equipar-nos para a batalha e nos preparar a fim de não sermos destruídos pelas tempestades da vida. Em resumo, ele deseja nos amadurecer de modo que possa *operar* em nós e *por meio* de nós aquilo que lhe apraz e que cumpre sua vontade.

De que maneira ele nos equipa? Ao estudar o termo *katartidzo*, no Novo Testamento, descobrimos os instrumentos que Deus usa para amadurecer e equipar seus filhos. Ele emprega a Palavra de Deus (2 Tm 3:16, 17) e a oração (1 Ts 3:10) na comunhão da igreja local (Ef 4:11, 12). Também usa cristãos como indivíduos para nos equipar e reparar (Gl 6:1). Por fim, emprega o sofrimento para aperfeiçoar seus filhos (1 Pe 5:10), o que inclui o que aprendemos sobre a disciplina em Hebreus 12.

Como a vida seria diferente se transformássemos Hebreus 13:20, 21 em uma oração pessoal diária: "Senhor, torna-me perfeito em toda boa obra para fazer a tua vontade. Opera em mim aquilo que é agradável diante de ti. Faze-o por meio de Jesus Cristo, e que ele receba a glória".

A base para essa obra maravilhosa é o "sangue da eterna aliança" (Hb 13:20). Trata-se da nova aliança discutida em Hebreus 8, uma aliança baseada no sacrifício discutido em Hebreus 10. Uma vez que essa nova aliança faz parte do plano eterno de Deus para a salvação e garante a vida eterna, ela é chamada de "eterna aliança". Mas sem a morte de Jesus Cristo, não poderíamos ter

parte em coisa alguma citada nessa bênção profunda.

O "amém" no final da bênção encerra o texto principal da epístola. Resta apenas o autor acrescentar algumas palavras de saudação e de informação pessoal.

Escreveu uma longa carta e tratou de algumas doutrinas profundas e difíceis; assim, encoraja os leitores a "[suportar] a presente palavra de exortação". Para nós, parece uma carta extensa, mas o autor tem a impressão de que escreveu "resumidamente". Sem dúvida, alguns membros da congregação reagiram de forma negativa à carta, enquanto outros a aceitaram e tomaram as providências necessárias. Paulo (1 Ts 2:13) diz como se deve reagir à Palavra de Deus. Convém ler esse versículo com toda atenção e colocá-lo em prática.

Não sabemos, ao certo, qual era a relação de Timóteo com esse grupo. Naquele tempo, Timóteo era um líder proeminente, e a maioria dos cristãos o conhecia ou já havia ouvido falar dele. Esses toques pessoais lembram que Deus está interessado nos indivíduos, não apenas em grupos de pessoas.

A declaração "Os da Itália vos saúdam" (Hb 13:24) pode significar que o autor estava na Itália quando escreveu essa carta ou que havia santos da Itália com ele que desejavam enviar sua saudação.

Essas referências pessoais no final da carta levantam questões que não há como responder agora. Mas o impacto total da Epístola aos Hebreus responde a uma pergunta importante: "Como permanecer firmes vivendo cercados por um mundo tão conturbado?" A resposta: conhecendo a Pessoa superior – Jesus Cristo –, confiando em seu sacerdócio superior e vivendo de acordo com o princípio superior de fé. É preciso construir a vida com base nas coisas inabaláveis do céu.

Sejamos confiantes! Jesus Cristo nos salvou completamente!

# TIAGO

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Maturidade espiritual

**Versículo-chave:** Tiago 1:4

As características do cristão maduro:

### I. É PACIENTE EM MEIO À PROVAÇÃO – CAPÍTULO 1

- A. Provações exteriores – 1:1-12
- B. Tentações interiores – 1:13-27

### II. PRÁTICA A VERDADE – CAPÍTULO 2

- A. Fé e amor – 2:1-13
- B. Fé e obras – 2:14-26

### III. CONTROLA SUA LÍNGUA – CAPÍTULO 3

- A. Exortação – 3:1, 2
- B. Ilustrações – 3:3-12
- C. Aplicação – 3:13-18

### IV. É UM PACIFICADOR, NÃO UM AGITADOR – CAPÍTULO 4

- A. Três guerras – 4:1-3
- B. Três inimigos – 4:4-7
- C. Três admoestações – 4:8-17

### V. ORA EM MEIO AOS PROBLEMAS – CAPÍTULO 5

- A. Problemas econômicos – 5:1-9

- B. Problemas físicos – 5:10-16
- C. Problemas nacionais – 5:17, 18
- D. Problemas na igreja – 5:19, 20

## CONTEÚDO

1. É hora de crescer  
(Tg 1:1)..... 430
2. Transformando tribulações em triunfos (Tg 1:2-12)..... 435
3. Como lidar com a tentação  
(Tg 1:13-18)..... 441
4. Pare de se enganar  
(Tg 1:19-27)..... 446
5. Homem rico, homem pobre  
(Tg 2:1-13)..... 452
6. Fé falsa  
(Tg 2:14-26)..... 457
7. Um pequeno órgão, grandes problemas (Tg 3:1-12)..... 462
8. Onde obter sabedoria  
(Tg 3:13-18)..... 468
9. Como pôr fim a guerras  
(Tg 4:1-12)..... 474
10. Planejamento  
(Tg 4:13-17)..... 479
11. O dinheiro fala mais alto  
(Tg 5:1-6)..... 484
12. O poder da paciência  
(Tg 5:7-12)..... 489
13. Oremos  
(Tg 5:13-20)..... 494



# É HORA DE CRESCER

## TiAGO 1:1

**C**omeçar o estudo de um livro da Bíblia não é muito diferente de se preparar para uma viagem: queremos saber para onde estamos indo e o que veremos. Quando minha esposa e eu estávamos nos preparando para nossa primeira visita à Grã Bretanha, passamos várias horas olhando livros de viagens e estudando mapas. Quando chegamos lá, desfrutamos muito mais nossa visita, pois sabíamos o que estávamos procurando e como encontrar o que desejávamos ver.

Talvez a melhor maneira de dar início a um estudo sobre a Epístola de Tiago seja respondendo a quatro perguntas importantes.

### 1. QUEM FOI TIAGO?

"Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo" (Tg 1:1a). É assim que ele se apresenta. Tiago era um nome bastante comum, uma variação da designação Jacó do Antigo Testamento. Encontramos vários homens com esse nome na história do Novo Testamento.

**Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João.** Foi um dos indivíduos mais conhecidos com esse nome. Era um pescador que foi chamado por Cristo para segui-lo e tornar-se um discípulo (Mt 4:17-22). Jesus apelidou Tiago e seu irmão João de "filhos do trovão" por causa de sua impulsividade (Mc 3:17; Lc 9:51-56). Tiago foi o primeiro dos discípulos a dar a vida por Cristo, sendo executado por Herodes no ano 44 d.C. (At 12:1, 2).

**Tiago, filho de Alfeu.** Foi outro discípulo (Mt 10:3; At 1:13), mas sabemos pouca coisa sobre ele. Mateus (Levi) também é identificado como "filho de Alfeu" (Mc 2:14), e alguns estudiosos conjecturam que os dois

talvez fossem irmãos. Não há indicação alguma de que tenha sido esse Tiago que escreveu a epístola que vamos estudar.

**Tiago, pai de Judas o discípulo.** Eis um homem ainda mais desconhecido (Lc 6:16). Esse Judas é chamado de "filho de Tiago", distinguindo-o, portanto, de Judas Iscariotes.

**Tiago, irmão de nosso Senhor.** Parece o candidato mais provável à autoria desta carta. Não se identifica como irmão de Jesus, antes se refere a si mesmo humildemente como "servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo". Mateus 13:55, 56 e Marcos 6:3 afirmam que Jesus tinha irmãos e irmãs, e um dos seus irmãos se chamava Tiago. (Ao falar de "irmão", quero dizer, obviamente, meio-irmão. José não era pai de Jesus, pois o menino foi concebido pelo Espírito Santo de Deus.)

Tiago e os outros irmãos não creram em Jesus durante seu ministério aqui na Terra (Mc 3:31-35; Jo 7:1-5). No entanto, encontramos os irmãos do Senhor no cenáculo orando com os discípulos (At 1:14). O que os fez mudar da incredulidade para a fé? Em 1 Coríntios 15:7 há indicações de que, depois de ressuscitar, Jesus apareceu a Tiago! Com isso, Tiago convenceu-se de que Jesus era, verdadeiramente, o Salvador e compartilhou seu conhecimento a respeito dele com os demais irmãos.

Tiago tornou-se o líder da igreja em Jerusalém. Em Gálatas 2:29, Paulo o chama de "coluna". Foi ele quem serviu como moderador na assembléia descrita em Atos 15. Quando Pedro foi liberto da prisão, enviou uma mensagem especial a Tiago (At 12:17); e quando Paulo visitou Jerusalém, levou a Tiago saudações especiais e a "oferta de amor" dos gentios (At 21:18, 19).

Não há registro algum na Bíblia, mas, segundo a tradição, Tiago foi martirizado no ano 62 d.C. Diz-se que os fariseus de Jerusalém odiavam de tal modo o testemunho de Tiago que o jogaram do alto do templo e o espancaram até a morte com porretes. Essa história também relata que, como seu Salvador, Tiago morreu orando por seus assassinos: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem".

Que tipo de homem era Tiago? Devia ser um homem profundamente espiritual, pois, de outro modo, não teria assumido a liderança da igreja de Jerusalém em tão pouco tempo. Seu excelente caráter fica evidente em Atos 15: o texto diz que ele permite que todas as partes se expressem e, em seguida, chega a uma conclusão pacífica valendo-se da Palavra de Deus. Em 1 Coríntios 9:5, Paulo dá a entender que Tiago era casado. A tradição afirma que ele era um homem de oração, o que explica sua ênfase sobre esse tema em sua epístola. Diz-se que ele orava tanto que tinha joelhos grossos como os de um camelo!

Tiago era judeu, criado na tradição da lei de Moisés, e seu legalismo judeu destaca-se em sua carta (ver também At 21:18ss, em que Tiago pede a Paulo que o ajude a tranquilizar os legalistas na igreja de Jerusalém). A Epístola de Tiago apresenta mais de cinquenta imperativos. Tiago não sugere – ele ordena! Cita o Antigo Testamento diretamente apenas cinco vezes, mas, ao longo da carta, faz várias alusões a passagens do Antigo Testamento.

É bem possível que, quando ainda era um incrédulo, Tiago tenha prestado atenção nos ensinamentos de Jesus; encontramos em seu texto uma série de alusões a palavras de Cristo, especialmente do Sermão do Monte. As seguintes passagens podem ser comparadas:

Tiago 1:2 – Mateus 5:10-12

Tiago 1:4 – Mateus 5:48

Tiago 1:5 – Mateus 7:7-12

Tiago 1:22 – Mateus 7:21-27

Tiago 4:11, 12 – Mateus 7:1-5

Tiago 5:1-3 – Mateus 6:19-21

É importante ter em mente que Tiago liderou a igreja de Jerusalém durante uma época extremamente difícil. Foi um período de transição, e tempos assim são repletos de inquietações e exigências. Muitos cristãos judeus em Jerusalém ainda se apegavam à Lei do Antigo Testamento (At 21:20). O templo e seus cultos continuavam em funcionamento, e a luz plena do evangelho da graça de

Deus ainda não havia resplandecido. Quem leu as epístolas aos Gálatas, aos Romanos e aos Hebreus pode ter a tendência de julgar esses primeiros cristãos, mas não se deve fazer isso. Eram pessoas salvas, mas ainda viviam à sombra da Lei, entrando aos poucos na luz fulgurante da graça de Deus. Apesar da existência de diferentes graus de conhecimento e experiência espiritual, não havia competição alguma entre Paulo e os líderes da igreja de Jerusalém (Gl 2:1-10).

## 2. PARA QUEM TIAGO ESCREVEU?

Para as “doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tg 1:1b). Tiago escreveu a judeus que viviam fora da Palestina. O termo “doze tribos” pode significar apenas o povo de Israel, a nação judaica (At 26:7). O fato de muitos judeus viverem fora da Terra Prometida mostra o declínio espiritual de sua nação naquele tempo. Deus os havia dispersado (Dt 4:25ss). Quando Pedro dirigiu-se àquela grande congregação de judeus em Pentecostes, falou a homens de diversas nações (At 2:9-11).

Tiago enviou sua carta a judeus *cristãos*. Em pelo menos dezenove ocasiões, dirige-se a eles como “irmãos”, indicando não apenas que eram “irmãos na carne” (compatriotas judeus), mas também “irmãos no Senhor”. Tiago expõe de modo extremamente claro a doutrina do novo nascimento (Tg 1:18). Em certas ocasiões, se dirige também a homens perversos que não eram parte da congregação (como é o caso dos ricos em Tg 5:1-6); mas o faz com o propósito de ensinar e de encorajar os judeus salvos para os quais enviou a epístola.

O termo “dispersão”, em Tiago 1:1, é interessante. Essa designação era usada para identificar os judeus que moravam fora da Palestina. Mas o termo grego dá a idéia de “espalhar sementes”. Quando os cristãos judeus foram dispersos na primeira onda de perseguição (At 8:1, 4), na verdade o que ocorreu foi uma semeadura em diversos lugares, e muitas dessas sementes deram frutos (At 11:19ss).

Os cristãos judeus espalhados por todo o império romano tinham necessidades e

problemas específicos. Pelo fato de serem judeus, sofriam a rejeição dos gentios, e, pelo fato de serem judeus *crístãos*, eram rejeitados pelos próprios compatriotas. Essa carta indica que a maioria desses crístãos era pobre e que alguns deles eram oprimidos pelos ricos.

### 3. POR QUE TIAGO LHES ESCREVEU?

Cada epístola do Novo Testamento tem o próprio tema, um propósito e destinatários específicos. Paulo escreveu a Epístola aos Romanos a fim de preparar os crístãos de Roma para a visita que pretendia lhes fazer. Primeira aos Coríntios foi uma carta enviada à igreja de Corinto com o objetivo de sanar certos problemas. Gálatas foi escrita para um grupo de igrejas, a fim de advertir sobre o legalismo e sobre falsos ensinamentos.

Ao ler a Epístola de Tiago, observamos que esses crístãos judeus tinham alguns problemas em sua vida pessoal e na congregação. Dentre outras coisas, passavam por grandes provações e enfrentavam tentações. Alguns crístãos davam toda a atenção aos ricos, enquanto outros eram roubados pelos ricos. Os membros da igreja competiam por cargos de liderança, especialmente na área do ensino.

Uma das principais dificuldades da igreja era que muitos de seus membros não viviam de acordo com sua profissão de fé. Além disso, a língua também causava problemas sérios, a ponto de gerar conflitos e divisões na congregação. Outro problema dizia respeito à mentalidade mundana. Alguns crístãos estavam desobedecendo à Palavra de Deus e, por causa disso, ficaram fisicamente enfermos; alguns estavam se afastando do Senhor e da igreja.

Recapitulando essa lista de problemas, será que parecem muito diferentes das dificuldades que enfrentamos na maioria das igrejas locais hoje? Acaso não temos em nossas igrejas pessoas que sofrem por algum motivo? Não temos membros que vivem de modo que não condiz com seu discurso? O mundanismo não continua sendo um problema sério? Não existem crístãos incapazes de controlar a língua? Parece que Tiago trata de questões extremamente atuais.

No entanto, Tiago não discute uma série de problemas variados. Todos esses conflitos têm uma só causa: a *imaturidade espiritual*. Os crístãos simplesmente não estavam crescendo. Isso dá uma dica sobre o tema da carta: *as características da vida crístã madura*. Em várias ocasiões, Tiago usa o termo *perfeito*, uma palavra que significa "maduro, completo" (ver Tg 1:4, 17, 25; 2:22; 3:2). Quando fala de um "perfeito varão" (Tg 3:2) não se refere a um homem impecável, mas sim a um indivíduo maduro, equilibrado e adulto.

A maturidade espiritual é uma das grandes necessidades da Igreja de hoje. Muitas congregações são áreas de recreação para criancinhas, não áreas de trabalho para adultos. Os membros não têm maturidade suficiente para ingerir o alimento espiritual sólido de que necessitam, de modo que precisam ser nutridos com leite (Hb 5:11-14). Ao ver alguns problemas com os quais Tiago lidava, percebemos que todos apresentam características de crianças pequenas.

Impaciência em meio às dificuldades - 1:1-4

Dizer a verdade, mas não a praticar - 2:14ss

Nenhum controle sobre a língua - 3:1ss

Brigas e cobiça - 4:1ss

Coleção de "brinquedos" materiais - 5:1ss

Depois de um quarto de século de ministério, estou convencido de que a imaturidade espiritual é o maior problema das igrejas. Deus procura pessoas maduras para realizar sua obra e, por vezes, só consegue encontrar crianças incapazes de conviver com os demais membros da congregação.

Os cinco capítulos desta carta sugerem cinco características do crístão maduro (ver o esboço).

Evidentemente, é apenas uma das abordagens possíveis de estudo; existem outras formas de estudar esta carta. À medida que se examina cada capítulo, vê-se que a ênfase é na maturidade espiritual e em como obtê-la.

A Epístola de Tiago é uma seqüência lógica da Epístola aos Hebreus, pois um dos temas centrais de Hebreus é a *perfeição espiritual*. O termo *perfeito* e seus correlatos são usados em Hebreus pelo menos catorze vezes. O versículo-chave é Hebreus 6:1 – “Deixemo-nos levar para o que é perfeito”, ou seja, para a “maturidade espiritual”. O autor de Hebreus explica a salvação perfeita disponível em Cristo. Tiago exorta seus leitores a que se desenvolvam sobre o alicerce dessa salvação perfeita e cresçam em maturidade. Sem a obra perfeita de Cristo, não seria possível o aperfeiçoamento do cristão.

#### 4. COMO APROVEITAR AO MÁXIMO ESTE ESTUDO?

Uma vez que o tema é maturidade espiritual, é bom começar examinando o próprio coração para ver em que pé estamos na vida cristã.

Em primeiro lugar, é essencial ter nascido de novo. Sem o nascimento espiritual não pode haver maturidade espiritual. Tiago cita o novo nascimento logo no início da carta:

“Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade” (Tg 1:18). Encontramos um paralelo em 1 Pedro 1:23: “Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”.

Como um bebê humano, o bebê espiritual também tem um pai e uma mãe – o Espírito de Deus e a Palavra de Deus. Citamos anteriormente dois versículos que mencionam a Palavra de Deus. João 3:5, 6 cita o Espírito de Deus. (É minha convicção particular que, nessa passagem, “nascer da água” refere-se ao nascimento físico. Todos os bebês são “nascidos da água”. Nicodemos pensou em termos físicos em Jo 3:5.)

De que maneira, então, uma pessoa pode “nascer de novo”? O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para gerar nova vida dentro do coração do pecador que crê em Jesus Cristo. É um milagre. O Espírito usa a Palavra a fim de convencer o pecador de sua culpa para, em seguida, lhe revelar o Salvador. Somos salvos pela fé (Ef 2:8, 9), e a fé vem pela Palavra de Deus (Rm 10:17).

Tendo nascido de novo, há um segundo elemento essencial para aproveitar ao máximo o que Tiago escreveu: examinar com honestidade nossa vida à luz da Palavra de Deus. Tiago compara a Bíblia com um espelho (Tg 1:22ss). Ao estudar a Palavra, olhamos para o espelho divino e vemos como somos de fato. Mas Tiago adverte que é preciso ser honestos quanto ao que vemos, não apenas olhar a imagem de relance e dar as costas para ela.

Conta-se de um homem que vivia longe da civilização e, um dia, se olhou no espelho pela primeira vez. Ficou tão chocado com o que viu que quebrou o espelho! Muitos cristãos cometem o mesmo erro: criticam o pregador ou a lição, quando, na verdade, precisam avaliar a si mesmos.

Isso leva ao terceiro elemento essencial: é preciso obedecer, a qualquer custo, ao que Deus ensina e ser “praticantes da palavra e não somente ouvintes” (Tg 1:22). É fácil participar de um estudo bíblico e discutir o que está sendo ensinado, mas é extremamente difícil aplicar à vida diária no mundo o que aprendemos. Não somos abençoados pelo *estudo* da Palavra, mas sim pela *prática* da Palavra. A menos que estejamos dispostos a obedecer, o Senhor não tem obrigação alguma de nos ensinar (Jo 7:17).

O quarto elemento essencial é estar preparados para algumas provações adicionais. Sempre que passamos por um momento de crescimento espiritual mais pronunciado, o inimigo multiplica seus esforços para se opor a nós. Pode acontecer de notarmos, por exemplo, que precisamos de mais paciência. Portanto, é bom estar prontos para mais tribulações, “sabendo que a tribulação produz a paciência” (Rm 5:3, RC). O verdadeiro estudo mais profundo da Palavra dá-se na escola da vida, não na sala de aula.

Li há pouco tempo sobre um homem que sentia a necessidade de desenvolver mais paciência. Sabia que era imaturo nessa área de sua vida e desejava crescer. Orou pedindo sinceramente: “Senhor, ajuda-me a ter mais paciência. Desejo ter mais domínio próprio nessa área da minha vida”. Naquela manhã, perdeu o trem para o trabalho e

passou os cinqüenta minutos seguintes andando de um lado para o outro na plataforma se queixando de sua situação. Quando o próximo trem para a cidade chegou, o homem se deu conta de como havia sido tolo. "O Senhor me deu quase uma hora para desenvolver minha paciência e só o que fiz foi treinar minha impaciência!", disse para si mesmo.

Talvez, em algum momento deste estudo, pareça perigoso demais prosseguir. Satanás pode fazer a temperatura subir e tornar as coisas tão difíceis que nosso único desejo será recuar. *Mas não faça isso!* Quando esse momento chegar, estaremos à beira de uma bênção nova e maravilhosa para nossa vida, preste a dar um passo inédito e empolgante de maturidade. Mesmo que Satanás aumente a temperatura, o Pai celestial está sempre controlando o termostato com sua mão poderosa!

Até mesmo o desenvolvimento da maturidade física, por vezes, não é uma experiência fácil e agradável. O adolescente que atravessa a ponte complicada entre a infância e a idade adulta enfrenta frustrações e fracassos; mas se continuar avançando (e crescendo), acabará ingressando em uma vida maravilhosa de maturidade. Ao contrário do

crescimento físico, o crescimento cristão não é automático. A maturidade cristã é algo em que devemos trabalhar constantemente. Portanto, não dá para desistir! Assim como trabalho de parto antecede o nascimento, o trabalho árduo conduz à maturidade (Gl 4:19).

Por fim, o crescimento espiritual deve ser medido de acordo com as Escrituras. Não se deve usar como parâmetro a vida de outros cristãos, mas sim a Palavra de Deus e o Filho de Deus (Ef 4:13). No final do comentário sobre a Epístola de Tiago, apresentamos uma lista de questões sobre essa carta que podem ajudar na realização de uma avaliação pessoal. Fique à vontade para usar essas perguntas em qualquer ponto do estudo, pois essa introspecção é benéfica para a saúde espiritual. Nem todos os que crescem em estatura crescem em maturidade. Também há uma diferença entre crescer e amadurecer. Só porque um cristão é salvo há quinze ou vinte anos, isso não é garantia de que tal indivíduo possua maturidade no Senhor. Cristãos maduros são cristãos felizes e úteis, que ajudam a encorajar outros e a edificar sua congregação. Com a ajuda de Deus, ao estudar juntos a Epístola de Tiago, aprenderemos e cresceremos em maturidade.

# TRANSFORMANDO TRIBULAÇÕES EM TRIUNFOS

TIAGO 1:2-12

**D**e acordo com um ditado, se a vida lhe der limões, faça uma limonada. É mais fácil falar do que fazer, mas o princípio por trás dessas palavras é correto. Aliás, é bíblico. Ao longo das Escrituras, encontramos pessoas que transformaram derrota em vitória e tribulação, em triunfo. Em vez de vítimas, tornaram-se vitoriosos.

Tiago afirma que podemos ter essa mesma experiência hoje. Quaisquer que sejam as tribulações exteriores (Tg 1:1-12) ou as tentações interiores (Tg 1:13-27), por meio da fé em Cristo podemos ter vitória. O resultado dessa vitória é a maturidade espiritual.

A fim de transformar tribulações em triunfos, é preciso atentar para quatro verbos: *considerar* (Tg 1:2), *saber* (Tg 1:3), *deixar* (Tg 1:4, 9-11) e *pedir* (Tg 1:5-8). Em outras palavras, esses são os quatro elementos essenciais para a vitória em meio às provações: uma atitude alegre, uma mente esclarecida, uma volição submissa e um coração confiante.

## 1. CONSIDERAR – UMA ATITUDE ALEGRE (Tg 1:2)

A perspectiva determina os resultados, e a atitude define as ações. Deus diz para *esperar provações*. A questão não é se vamos passar por várias provações, mas sim *quando* isso vai acontecer. O convertido que esperar uma vida cristã fácil terá uma grande decepção. Jesus avisou seus discípulos: “No mundo, passais por aflições” (Jo 16:33) e Paulo disse a seus convertidos: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14:22).

Uma vez que somos o “povo disperso” e não o “povo incólume” que Deus escolheu, devemos sofrer tribulações. Não podemos esperar que tudo aconteça do modo que desejamos. Algumas tribulações sobrevêm pelo simples fato de sermos humanos – enfermidades, acidentes, decepções e até aparentes tragédias. Outras são resultantes do fato de sermos cristãos. Pedro enfatiza isso em sua primeira epístola: “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo” (1 Pe 4:12). Satanás luta contra nós, e o mundo opõe-se a nós, tornando a vida uma batalha.

O verbo “passar” significa “encontrar, se deparar com”. Por certo, o cristão não deve criar tribulações. O termo traduzido por “várias” significa “variegado, multicolor”. Pedro usa a mesma palavra em 1 Pedro 1:6: “contristados por várias provações”. As tribulações da vida não são todas iguais; antes, são como fios multicoloridos que o tecelão usa para formar uma linda tapeçaria. Deus harmoniza e mistura as cores e experiências da vida. O produto final é algo belo e que glorifica a Deus.

Certa vez, minha esposa e eu visitamos um tecelão famoso e pudemos ver seus colegas artesãos trabalhando nos teares. Notei que o avesso das tapeçarias não era muito bonito: os desenhos eram quase indistintos e havia uma porção de fios soltos.

– Não julgue o artesão nem sua obra pelo lado avesso – disse nosso guia.

Ao olhar para a vida, temos a mesma impressão, pois a estamos vendo pelo avesso; somente Deus vê o desenho acabado. Não se deve julgar o Senhor nem sua obra pelo que vemos hoje. Seu trabalho ainda não está completo!

A expressão mais importante deste versículo é “tende por motivo”. O termo usado no original pode ser traduzido por *considerar*. É um termo financeiro que significa “avaliar, contar”. Paulo o emprega várias vezes em Filipenses 3. Quando o apóstolo converteu-se à fé cristã, reavaliou a vida e estabeleceu novos objetivos e prioridades.

Coisas que antes eram importantes para ele tornaram-se “como refugio” diante da sua experiência com Cristo. Quando enfrentamos as provações da vida, devemos avaliá-las à luz do que Deus está fazendo por nós.

Isso explica por que o cristão consagrado pode ter alegria em meio às tribulações: *ele vive em função das coisas mais importantes*. Até mesmo Jesus foi capaz de suportar a cruz “em troca da alegria que lhe estava proposta” (Hb 12:2), a alegria de voltar para o céu e, um dia, compartilhar sua glória com a Igreja.

Os valores definem as avaliações. Quem valoriza o conforto mais do que o caráter considera as tribulações perturbadoras. Quem valoriza as coisas materiais e físicas mais do que as espirituais não pode “[ter] por motivo de toda alegria o [passar] por várias provações”. Viver apenas em função do presente, sem pensar no futuro, fará com que as tribulações nos tornem amargurados, não aperfeiçoados. Jó demonstrou que possuía uma perspectiva correta quando disse: “Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro” (Jó 23:10).

Assim, quando sobrevêm as tribulações, devemos mais que depressa dar graças ao Senhor e adotar uma atitude alegre. Não se trata de fingimento nem de auto-hipnose, mas apenas de ver as provações com os olhos da fé. A perspectiva determina os resultados; a fim de *terminar* alegre, é preciso *começar* alegre.

Talvez nos perguntemos de que maneira é possível alegrar-se em meio às tribulações. O segundo imperativo explica.

## 2. SABER – UMA MENTE ESCLARECIDA (Tg 1:3)

O que os cristãos sabem que torna mais fácil encarar as tribulações e tirar proveito delas?

**A fé sempre é provada.** Quando Deus chamou Abraão para viver pela fé, ele o provou a fim de aumentar essa fé. Deus sempre nos prova para fazer aflorar o que temos de *melhor*; Satanás nos tenta a fim de fazer aflorar o que temos de *pior*. A provação de nossa fé mostra que somos, verdadeiramente, nascidos de novo.

**A provação trabalha em nosso favor, não contra nós.** Outra possível tradução para a palavra “confirmada” é “aprovada”. Mais uma vez, o apóstolo Pedro nos ajuda a entender melhor essa afirmação: “uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível” (1 Pe 1:7). O garimpeiro leva amostras de minério ao contrasteador para testá-la. A amostra, em si, não vale mais do que alguns trocados, mas a *aprovação* – a declaração oficial sobre o minério – vale milhões! Dá ao garimpeiro a certeza de que tem uma mina de ouro. A aprovação de Deus de nossa fé é preciosa porque garante que nossa fé é autêntica.

As tribulações trabalham *em favor* do cristão, não *contra* ele. Nas palavras de Paulo: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28). “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Co 4:17).

**Quando devidamente usadas, as tribulações ajudam a amadurecer.** O que Deus deseja produzir em nossa vida? Paciência, perseverança e a capacidade de prosseguir mesmo em meio a dificuldades. “Nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Rm 5:3, 4). Na Bíblia, a *paciência* não é uma aceitação passiva das circunstâncias. Antes, é uma perseverança corajosa diante do sofrimento e das dificuldades.

Pessoas imaturas sempre são impacientes; pessoas maduras, por sua vez, são pacientes e persistentes. A impaciência e a incredulidade costumam andar juntas, da mesma forma que a fé e a paciência. “[Sede] imitadores dos que, pela fé e paciência, herdaram as promessas” (Hb 6:12, RC). “Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa” (Hb 10:36, RC). “Aquele que crer não foge” (Is 28:16).

Deus deseja nos tornar pacientes, pois essa é a chave para todas as outras bênçãos. A criança pequena que não aprende a ter

paciência não aprende muito. Quando o cristão aprende a esperar no Senhor, Deus faz grandes coisas por ele. Abraão adiantou-se ao Senhor, coabitou com Hagar e trouxe grande tristeza ao seu lar (Gn 16). Moisés se antecipou a Deus, assassinou um homem e passou quarenta anos cuidando de ovelhas, a fim de aprender a ser paciente (Êx 2:11ss). Por causa de sua impaciência, Pedro quase matou um homem (Jo 18:10, 11).

A única maneira de o Senhor desenvolver paciência e caráter em nossa vida é por meio das tribulações. Não se pode adquirir perseverança lendo um livro (nem mesmo este), ouvindo um sermão ou fazendo uma oração. Devemos passar pelas dificuldades da vida, crer em Deus e obedecer a ele. O resultado será paciência e caráter. Cientes disso, enfrentaremos as tribulações com alegria. Sabemos o que as tribulações podem fazer em nós e por nós e reconhecemos que o resultado final glorificará a Deus.

Esse fato explica por que o estudo da Bíblia ajudar a crescer em paciência (Rm 15:4). Ao ler a respeito de Abraão, de José, de Moisés, de Davi e até mesmo de Cristo, percebe-se que Deus tem um propósito ao permitir as tribulações. Não há substituto para uma mente esclarecida. Satanás pode derrotar o cristão ignorante, mas não é capaz de subjugar o cristão que conhece a Bíblia e que compreende os propósitos de Deus.

### 3. DEIXAR – UMA VOLIÇÃO SUBMISSA (TG 1:4, 9-12)

Deus não edifica nosso caráter sem nossa cooperação. Se resistirmos, vai nos disciplinar até nos rendermos. Mas se nos sujeitarmos, ele realiza sua obra. Deus não se contenta com um trabalho inacabado; quer realizar uma obra perfeita e deseja que o produto final seja maduro e completo.

O objetivo de Deus para nossa vida é a maturidade. Seria trágico se nossos filhos permanecessem bebês pelo resto da vida. Gostamos de vê-los amadurecer, mesmo quando a maturidade traz consigo certos perigos. Muitos cristãos guardam-se das tribulações da vida e, como resultado, nunca crescem. Deus deseja que seus “filhos

pequenos” transformem-se em “jovens” e que estes se tornem “pais” (1 Jo 2:12-14).

Paulo resume três obras envolvidas em uma vida cristã completa (Ef 2:8-10). Em primeiro lugar, a obra que Deus realiza *por nós*: a salvação. Jesus Cristo completou essa obra na cruz. Se cremos nele, ele nos salvará. Em segundo lugar, a obra que Deus realiza *em nós*: “somos feita dele”. Essa obra é conhecida como *santificação*: Deus constrói nosso caráter para que nos tornemos cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo, “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8:29). A terceira obra é aquela que Deus realiza *por meio de nós*: o serviço. Fomos “criados em Cristo Jesus para boas obras”.

Primeiro, Deus constrói o caráter; depois, pode chamar para o serviço. O Senhor precisa operar *em nós* antes de poder operar *por meio de nós*. Deus passou vinte e cinco anos trabalhando na vida de Abraão antes de lhe dar o filho prometido. Trabalhou trinta anos na vida de José, fazendo-o passar por “várias provações”, antes de colocá-lo no trono do Egito. Passou oitenta anos preparando Moisés para quarenta anos de serviço. Cristo levou três anos para treinar seus discípulos e construir o caráter deles.

Mas Deus não opera em nós sem nosso consentimento. Devemos ter uma volição submissa. A pessoa madura não discute com a vontade de Deus; antes, a aceita de bom grado e obedece a ela com alegria: “Fazendo, de coração, a vontade de Deus” (Ef 6:6). Quem tentar passar pelas tribulações sem sujeitar sua volição a Deus ficará mais parecido com uma criança imatura do que com um adulto maduro.

Jonas é um exemplo dessa verdade. Deus ordenou-lhe que pregasse aos gentios de Nínive, mas ele se recusou. Deus teve de disciplinar Jonas antes de o profeta aceitar sua comissão. Mas Jonas não obedeceu ao Senhor de coração e não cresceu com essa experiência. Sabemos disso porque o último capítulo do Livro de Jonas mostra o profeta agindo como uma criança mimada! Está amuado, sentado do lado de fora da cidade esperando que Deus envie seu julgamento. Fica impaciente com o



sol, com o vento, com a planta, com o verme e com Deus.

Um estágio difícil do processo de amadurecimento é o *desmame*. A criança que está sendo desmamada tem certeza de que não é mais querida pela mãe e de que tudo está contra ela. Na verdade, o desmame é um passo rumo à maturidade e à liberdade. É algo bom para a criança! Por vezes, Deus tem de “desmamar” seus filhos de seus brinquedos infantis e de atitudes imaturas. Davi retrata isso no Salmo 131:2: “Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo”. Deus usa as tribulações para que nos desapeguemos de coisas infantis, mas se não nos sujeitarmos a sua vontade, nos tornaremos ainda mais imaturos.

Em Tiago 1:9-11, Tiago aplica esse princípio a dois tipos de cristãos: os pobres e os ricos. Ao que parece, o dinheiro e a posição social eram problemas reais no meio dessas pessoas (ver Tg 2:1-7, 15, 16; 4:1-3, 13-17; 5:1-8). *As provações de Deus têm uma ação niveladora*. Quando as provações sobrevêm ao pobre, ele deixa que Deus faça sua vontade e se regozija em possuir riquezas espirituais que não lhe podem ser tiradas. Quando as provações sobrevêm ao rico, ele também deixa que Deus faça sua vontade e se regozija de que suas riquezas em Cristo são imarcescíveis e permanentes. Em outras palavras, não são os recursos materiais que sustentam os indivíduos durante as provações da vida, mas sim os recursos espirituais.

Vimos até aqui três verbos de Tiago: *considerar* – uma atitude alegre; *saber* – uma mente esclarecida; e *deixar* – uma volição submissa. A seguir, ele apresenta o quarto verbo.

#### 4. PEDIR – UM CORAÇÃO CONFIANTE (Tg 1:5-8)

Os destinatários da carta de Tiago estavam tendo dificuldades para orar (Tg 4:1-3; 5:13-18). Qual deveria ser o teor de suas orações ao passarem pelas dificuldades enviadas por Deus? Tiago dá a resposta: pedir a Deus *sabedoria*.

Tiago discorre extensivamente sobre a sabedoria (Tg 1:5; 3:13-18). O povo judeu amava a sabedoria, como comprova o Livro de Provérbios. Alguém disse que conhecimento é a capacidade de desmontar coisas, enquanto sabedoria é a capacidade de montá-las. A sabedoria é o uso correto do conhecimento. Todos nós conhecemos indivíduos que não passam de tolos bem informados: têm um histórico acadêmico brilhante, mas não são capazes de tomar as decisões mais simples da vida. Certa vez, encontrei no *campus* do seminário um professor muito erudito usando dois chapéus!

Por que a sabedoria é necessária ao passar por tribulações? Por que não pedir força, graça ou mesmo livramento? Por um motivo: *a fim de não desperdiçar as oportunidades que Deus concede de amadurecer*. A sabedoria ajuda a entender como usar essas circunstâncias para nosso bem e para a glória de Deus.

Uma colega minha e excelente secretária passava por grandes provações. Ela teve um derrame, seu marido ficou cego e, posteriormente, teve de ser levado para o hospital, onde estávamos certos de que viria a falecer. Eu a vi na igreja em um domingo e lhe disse que estava orando por ela.

Para meu espanto, ela me perguntou:

– O que você está pedindo que Deus faça?

– Estou pedindo que Deus a ajude e fortaleça – respondi.

– Agradeço suas orações – disse ela –, mas peça mais uma coisa. Ore para que eu tenha sabedoria para não desperdiçar essa experiência toda!

Ela entendeu o significado de Tiago 1:5.

Tiago não apenas explica o *que* pedir (sabedoria), mas também descreve *como* pedir. Devemos pedir com fé. Não é preciso temer, pois Deus deseja responder e não irá nos repreender! “Antes, ele dá maior graça” (Tg 4:6). Também dá cada vez mais sabedoria. O maior empecilho para as respostas a oração é a incredulidade.

Tiago compara o cristão que duvida às ondas do mar, com seus altos e baixos. Durante umas férias no Havaí, descobri que não

se pode confiar nas ondas. Estava sentado em uma pedra à beira-mar observando as ondas e aproveitando o sol. Ouvi um barulho atrás de mim, me virei para ver quem estava chegando e, no mesmo instante, uma grande onda me encharcou! Nunca dê as costas para as ondas, pois elas são inconstantes.

Assim é o "homem de ânimo dobre". A fé diz "sim!", mas a incredulidade diz "não!" Então, vem a dúvida e diz "sim!" em um instante e, logo depois, diz "não!" Foi a dúvida que fez Pedro afundar nas ondas, quando caminhava em direção a Jesus (Mt 14:22-33). Jesus lhe perguntou: "Homem de pequena fé, por que duvidaste?" Quando Pedro começou a caminhar pela fé, manteve os olhos fixos em Cristo. Mas quando se distraiu com o vento e com as ondas, deixou de andar pela fé e começou a afundar. Deixou-se levar por um ânimo dobre e quase morreu afogado.

Muitos cristãos vivem como rolhas, subindo e descendo com as ondas, indo para frente e para trás. Esse tipo de experiência indica imaturidade. Paulo usa uma idéia parecida em Efésios 4:14 – "para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro". Se tivermos um coração que não duvida e que não se mostra dividido, poderemos pedir com fé, e Deus nos dará a sabedoria de que precisamos. A instabilidade e a imaturidade andam juntas.

Tiago encerra esta seção com uma bem-aventurança: "Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação" (Tg 1:12). Começa (Tg 1:2) e termina com alegria. A perspectiva determina o resultado. Essa bem-aventurança é um grande estímulo, pois promete uma coroa para os que suportarem as tribulações com paciência. Em suas cartas, Paulo usava com frequência ilustrações esportivas, e Tiago faz o mesmo aqui. Não diz que o pecador é salvo ao suportar as tribulações, mas sim que o cristão é recompensado ao perseverar em meio às provações.

De que maneira ele é recompensado? Em primeiro lugar, pelo crescimento em caráter

cristão, mais importante do que qualquer outra coisa. Também é recompensado ao glorificar a Deus e receber a coroa da vida quando Jesus Cristo voltar. Primeiro a cruz, depois a coroa. Primeiro o sofrimento, depois a glória. Deus não nos ajuda removendo as provações, mas sim fazendo com que elas trabalhem em nosso favor. Satanás deseja usá-las para nos destruir, mas Deus as emprega para nos edificar.

Em Tiago 1:12, Tiago usa uma palavra extremamente importante: *amor*. Seria de se esperar que escrevesse: "receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que confiam nele" ou "que lhe obedecem". Por que ele fala do *amor*? Porque o amor é a motivação espiritual por trás de todos os imperativos desta seção.

Por que ter uma atitude alegre ao enfrentar tribulações? Porque amamos a Deus e ele nos ama, portanto não fará coisa alguma para nos prejudicar. Por que temos uma mente esclarecida? Porque Deus nos ama e compartilhou conosco sua verdade, e nós retribuimos esse amor. Por que temos uma volição submissa? Porque amamos a Deus. Onde há amor, há submissão e obediência. Por que temos um coração confiante? Porque o amor e a fé andam juntos. Quando amamos alguém, confiamos nessa pessoa e não hesitamos em pedir sua ajuda.

O amor é a força espiritual por trás dos imperativos que Tiago apresenta. Quem ama a Deus não tem dificuldade em considerar, saber, deixar e pedir. No entanto, há outro fator envolvido: o amor nos mantém fiéis ao Senhor. A pessoa de ânimo dobre (Tg 1:8) é como o marido ou a esposa infiel: quer amar tanto a Deus quanto ao mundo. Tiago admoesta: "Vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração" (Tg 4:8). O termo grego traduzido por "limpai" significa, literalmente, "tornai casto". A imagem é a de um amante infiel.

Voltemos à questão do desmame. A criança que ama sua mãe e que está certa de que é amada por ela será capaz de passar por essa fase e de começar a crescer. O cristão que ama a Deus e que sabe que é amado por ele não se desintegra quando

Deus permite que venham as tribulações. *Ele está seguro no amor de Deus.* Não tem ânimo dobre, não tenta amar tanto a Deus quanto ao mundo. Ló era um homem de ânimo dobre; quando sobrevieram as tribulações, ele fracassou terrivelmente. Abraão era amigo de Deus; amava a Deus e confiava nele. Quando sobrevieram as tribulações, triunfou e amadureceu na fé.

O propósito de Deus nas tribulações é a maturidade. "Ora, a perseverança deve ter

ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes." Ou, como diz claramente a tradução de Charles B. Williams: "Mas vocês devem permitir que a sua perseverança chegue ao seu resultado perfeito para que vocês possam ser plenamente desenvolvidos e perfeitamente equipados".

Se é isso o que desejamos, por amor a Cristo devemos *considerar, saber, deixar e pedir.*

---

## COMO LIDAR COM A TENTAÇÃO

TIAGO 1:13-18

A pessoa madura é paciente em meio às tribulações. Por vezes, as tribulações apresentam-se na forma de provações exteriores, e, por vezes, são tentações interiores. As tribulações podem ser provas enviadas por Deus ou tentações enviadas por Satanás e estimuladas por nossa própria natureza decaída. É desse segundo aspecto das tribulações – as tentações interiores – que Tiago trata nesta seção.

Podemos perguntar: “Por que Tiago associa as duas coisas? Qual a relação entre as tribulações exteriores e as tentações interiores?” A relação é simples: se não tivermos cuidado, tribulações exteriores podem tornar-se tentações interiores. Ao vivenciar circunstâncias difíceis, podemos nos pegar murmurando contra Deus, questionando seu amor e resistindo à sua vontade. Nesse ponto, Satanás aparece com a oportunidade de escapar das dificuldades. Essa oportunidade constitui uma tentação.

Há diversas ilustrações dessa verdade ao longo da Bíblia. Abraão chegou a Canaã e descobriu que não havia alimentos na região. Não conseguiu cuidar de seu gado nem de seus rebanhos. Essa tribulação foi uma oportunidade de provar Deus, mas Abraão transformou-a em uma tentação e desceu ao Egito. Deus teve de disciplinar Abraão e de restaurá-lo a uma posição de obediência e de bênção.

Enquanto Israel perambulava pelo deserto, em várias ocasiões a nação transformou provações em tentações e tentou o Senhor. Pouco depois de terem sido libertos da escravidão no Egito, o suprimento de água acabou, e os israelitas marcharam três dias

sem ter o que beber. Quando finalmente encontraram água, era amarga e intragável. No mesmo instante, começaram a murmurar e a culpar a Deus. Transformaram essa provação em uma tentação e fracassaram.

Por certo, Deus não deseja que caiamos em tentação; no entanto, não nos poupa da experiência de sermos tentados. Não somos o povo *incólume* de Deus, mas sim seu povo *disperso*. Para amadurecer, é preciso enfrentar provações e tentações. A fim de superar as tentações, considere três fatos.

### 1. O JULGAMENTO DE DEUS (TG 1:13-16)

Trata-se de uma abordagem negativa, mas importante. Tiago diz: “Olhem adiante e vejam a que o pecado leva: à morte!” Não se deve culpar Deus pelas tentações. Ele é santo demais para ser tentado e amoroso demais para tentar a outros. Deus nos prova, como fez com Abraão (Gn 22), mas jamais nos tenta. Nós é que transformamos ocasiões de prova em tentações.

A tentação é uma oportunidade de realizar algo bom de maneira errada, fora da vontade de Deus. É errado querer passar em uma prova? Claro que não; mas colar para passar na prova é pecado. A tentação de colar é uma oportunidade de fazer algo bom (passar em uma prova) de maneira errada. Não é errado comer, mas se para obter o alimento considera-se a possibilidade de roubar, trata-se de uma tentação.

Pensamos no pecado como um único ato, mas Deus o vê como um processo. Adão cometeu um ato de pecado, e, no entanto, esse único ato trouxe pecado, morte e julgamento sobre toda a raça humana. Tiago descreve o processo do pecado em quatro estágios.

**Desejo (v. 14).** A palavra *cobiça* pode se referir a qualquer tipo de desejo. Os desejos normais da vida foram dados por Deus e não são, em si mesmos, pecaminosos. Sem esses desejos, não se vive normalmente. Se a fome ou a sede não existissem, ninguém comeria nem beberia, e todos morreriam. Se não fosse pelo cansaço, o corpo nunca descansaria e acabaria se esgotando. O desejo

sexual é normal; sem ele, a raça humana não teria continuidade.

Quando procuramos satisfazer a esses desejos de maneiras fora da vontade de Deus, entramos em apuros. É normal comer, mas a gula é pecado. É normal dormir, mas a preguiça é pecado. "Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leite sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros" (Hb 13:4).

Algumas pessoas tentam tornar-se "espirituais" negando esses desejos normais ou procurando reprimi-los, mas isso só as leva a perder seu caráter humano. Esses desejos fundamentais da vida são o vapor na caldeira que impulsiona a máquina. Se o vapor é cortado, falta energia. Quando o vapor fica descontrolado, causa destruição. O segredo é o *controle constante*. Esses desejos devem ser nossos servos, não nossos mestres, e a única maneira de controlá-los é por meio de Jesus Cristo.

**Engano (v. 14).** Nenhuma tentação afigura-se como tal; sempre parece mais atraente do que é de fato. Tiago usa duas ilustrações para provar sua argumentação. O verbo "atrair" é associado à idéia de colocar a isca em uma armadilha, enquanto, no original grego, "seduzir" significa "colocar a isca no anzol". O caçador e o pescador usam a isca para atrair sua presa. Nenhum animal entra deliberadamente em uma armadilha e nenhum peixe morde um anzol vazio de propósito. A idéia é *esconder* a armadilha e o anzol.

A tentação sempre tem uma isca que apela para os desejos naturais humanos. Não apenas nos atrai, como também esconde o fato de que a satisfação desse desejo resultará, mais cedo ou mais tarde, em grande tristeza e castigo. O que nos empolga é a isca. Ló não teria mudado para Sodoma, se não tivesse visto "a campina do Jordão, que era toda bem regada" (Gn 13:10ss). Ao olhar para a esposa de outro homem, Davi não teria cometido adultério, se tivesse antevisto as conseqüências trágicas de seu ato: a morte de um bebê (o filho de Bate-Seba), o assassinato de um soldado valente (Urias), o estupro de sua filha (Tamar). *A isca nos impede de ver as conseqüências do pecado.*

Quando Jesus foi tentando por Satanás, lidou com a tentação tomando por base a Palavra de Deus. Repetiu três vezes: "Está escrito". Transformar pedras em pão para saciar a fome pode ser algo sensato do ponto de vista humano, mas não o é do ponto de vista de Deus. Quando conhecemos a Bíblia, é possível perceber a isca e lidar com ela de modo radical. É isso o que significa andar pela fé, não segundo as aparências.

**Desobediência (v. 15).** Passamos das *emoções* (desejos) para o *intelecto* (engano) e agora, para a *volição*. Tiago muda a ilustração da caça e pesca para o nascimento de um bebê. O desejo concebe um método para pegar a isca. A volição aprova e entra em ação; e o resultado é o pecado. Quer sintamos isso quer não, caímos na armadilha ou somos fisgados. O bebê nasce e, quando cresce, tudo se complica!

A vida cristã é uma questão de volição, não de sentimentos. Ouço com freqüência cristãos dizerem: "não sinto desejo de ler a Bíblia" ou "não sinto vontade de participar das reuniões de oração". As crianças vivem em função de seus sentimentos, mas os adultos agem de acordo com a volição. *Fazem algo porque sabem que é certo, a despeito do que estejam sentindo.* Isso explica por que cristãos imaturos caem com freqüência em tentação: deixam que seus sentimentos tomem as decisões. Quanto mais a volição é exercitada e dizemos um "não" categórico para a tentação, mais Deus controlará nossa vida. "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2:13).

**Morte (v. 15).** A desobediência dá à luz morte, não vida. Pode levar anos para o pecado crescer, mas quando atinge a maturidade, o resultado é morte. O fato de crer na Palavra de Deus e de enxergar a tragédia no fim da linha nos encoraja a não ceder à tentação. Deus ergueu essa barreira porque nos ama. "Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso?" (Ez 18:23).

Esses quatro estágios da tentação podem ser vistos claramente em Gênesis 3, o primeiro pecado registrado na Bíblia.

A serpente usou o *desejo* para despertar o interesse de Eva: "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrião os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3:5). Existe algo de errado em desejar conhecimento ou em ingerir um alimento? Eva viu que "a árvore era boa para se comer" (Gn 3:6), e seu desejo foi estimulado.

Paulo descreve o engano de Eva em 2 Coríntios 11:3: "Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo". Satanás é o enganador e procura iludir a mente. A isca que ele usou com Eva foi o fato de a árvore proibida parecer boa e agradável, e a idéia de que, ao comer de seu fruto, Eva se tornaria sábia. A mulher viu a isca, mas se esqueceu da advertência de Deus: "Porque, no dia em que dela comerdes, certamente morrerás" (Gn 2:17).

Eva desobedeceu a Deus pegando o fruto da árvore e comendo. Dividiu-o com seu marido, e ele também desobedeceu a Deus. Uma vez que não foi enganado, mas pecou deliberadamente, foi seu pecado que desgraçou a raça humana (ver Rm 5:12-21; 1 Tm 2:12-15).

Tanto Adão quanto Eva experimentaram de imediato a morte espiritual (separação de Deus) e, por fim, a morte física. Por causa de Adão, todos os seres humanos morrem (1 Co 15:21, 22). A pessoa que morrer sem Jesus Cristo experimentará a morte eterna (Ap 20:11-15).

Sempre que encaramos tentações, devemos parar de olhar para a isca e voltar nossos olhos para o futuro a fim de enxergar as conseqüências do pecado: *o julgamento de Deus*. "Porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6:23).

## 2. A BONDADE DE DEUS (Tg 1:17)

Um dos ardis do inimigo consiste em nos convencer de que o Pai recusa-se a dar coisas que nos são de direito, que, na verdade, não nos ama nem cuida de nós. Quando Satanás abordou Eva, insinuou que, se Deus realmente a amasse, teria permitido que ela

comesse da árvore proibida. Ao tentar Jesus, Satanás levantou a questão da fome: "Se seu Pai o ama, por que você está faminto?"

A bondade de Deus é uma grande proteção para não cedermos à tentação. Uma vez que Deus é bom, não precisamos de ninguém mais (inclusive Satanás) para suprir nossas necessidades. É melhor passar fome *dentro* da vontade de Deus do que estar saciado *fora* da vontade de Deus. Uma vez que começamos a duvidar da bondade de Deus, as ofertas de Satanás tornam-se atraentes, e os desejos naturais dentro de nós apanham sua isca. Moisés advertiu o povo de Israel a não se esquecer da bondade de Deus quando estivessem desfrutando as bênçãos da Terra Prometida (Dt 6:10-15). Precisamos da mesma advertência hoje.

Tiago apresenta quatro fatos sobre a bondade de Deus.

**Deus nos dá apenas boas dádivas.** Tudo o que há de bom no mundo vem de Deus. Se não vem de Deus, não é bom. Se vem de Deus, é necessariamente bom, mesmo que não vejamos de imediato qualquer bondade nessa dádiva. O espinho na carne de Paulo lhe foi dado por Deus e lhe pareceu uma dádiva estranha, mas que se tornou uma grande bênção para ele (2 Co 12:1-10).

**O modo de Deus dar é bom.** Podemos traduzir a segunda oração por "e todo ato de dar". É possível dar algo sem amor. O presente pode perder seu valor de acordo com a maneira de ser dado. Mas, quando Deus nos dá uma bênção, ele o faz de modo amoroso e cheio de graça. Tanto *aquilo* que concede quanto *o modo* de concedê-lo são bons.

**Ele nos dá constantemente.** O verbo *descendo* está no gerúndio e indica algo "descendo continuamente". As dádivas de Deus não são ocasionais; ele as concede constantemente. Ele as envia mesmo quando não as vemos. Como sabemos disso? É o que ele nos diz, e cremos em sua Palavra.

**Deus não muda.** Para o Pai das luzes, não há sombras. É impossível Deus mudar. Não pode mudar para pior porque é santo; não pode mudar para melhor porque já é perfeito. A luz do Sol varia à medida que a Terra muda de posição, mas o Sol, em si, continua

brilhando. Se há sombras entre nós e o Pai, não são causadas por ele. Ele é o Deus imutável. Isso significa que não devemos jamais questionar seu amor nem duvidar de sua bondade, quando vêm as dificuldades ou surgem as tentações.

Se Davi se houvesse lembrado da bondade do Senhor, não teria tomado Bate-Seba para si nem cometido pecados horríveis. Pelo menos foi isso o que o profeta Natã disse ao rei: "Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel e eu te livre das mãos de Saul; dei-te a casa de teu Senhor e as mulheres de teu Senhor em teus braços e também te dei a casa de Israel e de Judá; e, se isto fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas" (2 Sm 12:7, 8). Convém observar a repetição do verbo *dar* nessa declaração curta. Deus havia sido bom para com Davi e, no entanto, Davi havia se esquecido da bondade de Deus e mordido a isca.

A primeira barreira contra a tentação é negativa: o julgamento de Deus. A segunda barreira é positiva: a bondade de Deus. O temor a Deus é uma atitude saudável, mas deve ser contrabalançado com o amor a Deus. Podemos obedecer por causa da possibilidade de nos disciplinar ou podemos obedecer porque ele já foi tão generoso conosco que o amamos por isso.

Foi essa atitude positiva que ajudou a impedir que José pecasse ao ser tentado pela esposa de seu senhor (Gn 39:7ss). "Ele, porém, recusou e disse à mulher do seu senhor: Tem-me por mordomo o meu senhor e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?" (Gn 39:8, 9). José sabia que todas essas bênçãos tinham vindo de Deus. Foi a bondade de Deus, demonstrada pelas mãos do patrão de José que refrearam José em seu momento de tentação.

As dádivas de Deus são sempre melhores que as barganhas de Satanás. O inimigo nunca dá coisa alguma; *sempre pagamos caro* por aquilo que recebemos dele. "A bênção

do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto" (Pv 10:22). Acã esqueceu-se da advertência e da bondade de Deus, viu a riqueza proibida, cobiçou-a e tomou-a para si. Tornou-se um homem rico, mas a tristeza que sucedeu transformou sua riqueza em miséria (Js 7).

Quando vierem as tentações, devemos meditar sobre a bondade de Deus em nossa vida. Se cremos estar necessitando algo, precisamos esperar pela providência do Senhor. Não devemos jamais brincar com as iscas do inimigo. Devemos usar a tentação para aprender a ter paciência. Em duas ocasiões, Davi foi tentado a matar o rei Saul e adiantar a própria coroação, mas resistiu à tentação e esperou o tempo de Deus.

### 3. A NATUREZA DIVINA DENTRO DE NÓS (Tg 1:18)

Na primeira barreira, Deus diz: "Olhe adiante e guarde-se do julgamento!" Na segunda barreira, ele diz: "Olhe ao redor e veja como tenho sido bom para você". Em sua terceira barreira, Deus diz: "Olhe para dentro de si e entenda que você nasceu do alto e possui a natureza divina".

Tiago usa o nascimento como uma imagem do desejo que leva ao pecado e à morte (Tg 1:15). Também o emprega para explicar de que maneira podemos ter vitória sobre a tentação. O apóstolo João escolhe uma abordagem semelhante em 1 João 3:9, em que "semente" refere-se à vida e à natureza divinas dentro do cristão. Vejamos quais são as características desse nascimento.

**É de Deus.** Nicodemos imaginou, equivocadamente, que teria de entrar novamente no ventre de sua mãe a fim de nascer de novo. Esse nascimento não é da carne: vem do alto (Jo 3:1-7) e é obra de Deus. Da mesma forma como não geramos o próprio nascimento humano, também não podemos gerar o próprio nascimento espiritual. Quando cremos em Jesus Cristo, foi Deus quem realizou o milagre.

**É pela graça.** Não nos esforçamos para obtê-lo nem o merecemos. Deus nos deu o nascimento espiritual por sua graça e vontade. "Os quais não nasceram do sangue

[descendência humana], nem da vontade da carne [esforços humanos], nem da vontade do homem [assistência humana], mas de Deus" (Jo 1:13). Ninguém pode nascer de novo por meio de seus parentes, das suas determinações ou de sua religião. O novo nascimento é obra de Deus.

**É por meio da Palavra de Deus.** Assim como a concepção humana requer um pai e uma mãe, também o nascimento divino tem dois pais: o Espírito Santo de Deus e a Palavra de Deus. "O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (Jo 3:6). "Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pe 1:23). O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para realizar o milagre do novo nascimento. Uma vez que a Palavra de Deus "é viva, e eficaz" (Hb 4:12), pode gerar vida no coração do pecador que crê em Cristo; e essa vida é a vida de Deus.

**É o mais excelente nascimento possível.** Tiago diz aos cristãos judeus para os quais está escrevendo que somos "primícias das suas criaturas", um termo significativo para eles. O povo de Israel no Antigo Testamento leva as primícias para o Senhor como expressão de sua devoção e obediência. "Honra ao SENHOR com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda" (Pv 3:9). De todas as criaturas que Deus tem em seu universo, os cristãos são as mais exaltadas e excelentes! Compartilhamos a natureza de Deus. Por esse motivo, está abaixo da nossa dignidade aceitar a isca de Satanás ou desejar coisas pecaminosas. Um nascimento superior deve implicar uma vida superior.

Ao conceder um novo nascimento, Deus declara que não pode aceitar o antigo. Ao longo de toda a Bíblia, Deus rejeita o primogênito e aceita o segundo filho. Aceitou Abel

em lugar de Caim; Isaque em lugar de Ismael; Jacó em lugar de Esaú. Ele rejeita o primeiro nascimento (por mais nobre que seja aos olhos dos homens) e afirma que precisamos de um segundo nascimento.

É essa experiência de novo nascimento que nos ajuda a vencer a tentação. Se deixarmos que a velha natureza (do primeiro nascimento) assuma o controle, seremos derrotados. Recebemos a velha natureza (a carne) de Adão, e ele fracassou. Mas se nos sujeitarmos à nova natureza, seremos vitoriosos, pois a nova natureza vem de Cristo, e ele é o Vencedor.

Um aluno da Escola Dominical explicou essa verdade de forma simples.

- Dois homens vivem em meu coração: o antigo Adão e Jesus. Quando a tentação bate à porta, alguém precisa atender. Se eu deixar Adão abrir a porta, cairei em pecado; assim, eu peço que Jesus atenda. Ele sempre vence!

Por certo, essa nova natureza deve ser nutrida com a Palavra de Deus diariamente a fim de que possa se fortalecer para combater nas batalhas. Da mesma forma como o Espírito Santo usou a Palavra de Deus para nos dar o nascimento espiritual, também usa a Palavra para nos dar forças espirituais. "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4:4).

Quaisquer que sejam as justificativas que apresentemos, não podemos culpar ninguém além de nós mesmos pelo pecado. Nossos desejos nos fizeram cair em tentação e pecar. Não é culpa de Deus. Mas Deus ergueu essas três barreiras para nos guardar do pecado. Se respeitarmos essas barreiras, receberemos uma coroa (Tg 1:12). Se as transgredirmos, morreremos (Tg 1:15). O que vamos escolher?



## PARE DE SE ENGANAR

TIAGO 1:19-27

**A** ênfase desta seção é sobre o engano próprio. “Enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1:22); “enganando o próprio coração” (Tg 1:26). Se um cristão peca porque Satanás o engana, é uma coisa. Mas se o cristão engana a si mesmo, a questão é muito mais séria.

Muita gente engana a si mesma convencendo-se de que tem a salvação, quando, na verdade, não a tem. “Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7:22, 23).

No entanto, há cristãos autênticos que enganam a si mesmos com respeito a sua vida com Deus. Pensam que são espirituais, quando, na verdade, não o são. Uma das características da pessoa madura é a capacidade de olhar para si mesma com honestidade, conhecer a si mesma e reconhecer suas necessidades. “Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma” (Ap 3:17).

A realidade espiritual é resultante de um relacionamento correto com Deus por meio de sua Palavra. A Palavra de Deus é verdade (Jo 17:17), e se nos relacionamos corretamente com a verdade de Deus, não é possível ser desonestos nem hipócritas. Nestes versículos, Tiago afirma que temos três responsabilidades para com a Palavra de Deus e, se cumprirmos as três, teremos um relacionamento honesto com Deus e com os outros.

### 1. RECEBER A PALAVRA (TG 1:19-21)

Tiago chama a Palavra de Deus de “a palavra em vós implantada” (Tg 1:21), ou seja, a Palavra que foi introduzida e arraigada em nós. Tomando emprestada a imagem da parábola que Jesus contou sobre o semeador (Mt 13:1-9, 18-23), Tiago compara a Palavra de Deus com a semente e o coração humano com o solo. Em sua parábola, Jesus descreve quatro tipos de coração: o *coração endurecido*, que não compreende nem recebe a Palavra e, portanto, não dá frutos; o *coração superficial*, que se mostra sensível, mas não tem profundidade; o *coração abarrotado*, que não tem arrependimento e permite que o pecado sufoque a Palavra; e o *coração fértil*, que recebe a Palavra, permite que ela crie raízes e produza frutos.

A prova final da salvação é a presença de frutos. Isso significa uma vida transformada, caráter e conduta cristãos e ministério a outros na glória de Deus. Esses frutos podem ser: ganhar almas para Cristo (Rm 1:16), crescer na vida de santidade (Rm 6:22), compartilhar os bens materiais (Rm 15:28), caráter espiritual (Gl 5:22, 23), boas obras (Cl 1:10) e até louvores a Deus (Hb 13:15). As obras religiosas podem ser feitas por mãos humanas, mas não têm vida e não glorificam a Deus. O verdadeiro fruto contém sementes para mais frutos, de modo que a safra continua a gerar frutos, mais frutos e muitos frutos (Jo 15:1-5).

Mas a Palavra de Deus não opera em nossa vida a menos que a recebamos corretamente. Jesus não disse apenas “Atentai no que ouvis” (Mc 4:24), mas também “Vede, pois, como ouvis” (Lc 8:18). Muitas pessoas encontram-se na triste situação em que “vendendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem” (Mt 13:13). Frequentam a Escola Dominical e os cultos da igreja, mas não parecem crescer. Será culpa do professor, ou do pastor? Talvez, mas também pode ser culpa do ouvinte. É possível que seja “[tardio] em ouvir” (Hb 5:11), por causa da deterioração de sua vida espiritual.

A fim de que a semente da Palavra possa ser plantada em nosso coração, devemos obedecer às instruções que Tiago nos dá.

**Pronto para ouvir (v. 19a).** “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 13:9). “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Assim como o servo está preparado para ouvir a voz do seu senhor e a mãe está preparada para ouvir até o menor choro de seu bebê, o cristão também deve estar pronto para ouvir o que Deus tem a dizer.

Encontramos uma bela ilustração dessa verdade na vida do rei Davi (2 Sm 23:14-17). Ele se escondia dos filisteus que haviam tomado a cidade de Belém. Ansiou por um pouco de água fresca do poço de Belém, poço do qual ele havia bebido com frequência em sua infância e juventude. Não deu uma ordem a seus homens, mas simplesmente sussurrou: “Quem me dera beber água do poço que está junto à porta de Belém!” (2 Sm 23:15). Três de seus homens valentes ouviram seu rei suspirar pela água e arriscaram a vida para conseguí-la. Mostraram-se “prontos para ouvir”.

**Tardio para falar (v. 19b).** O fato de termos dois ouvidos e uma boca deve servir para nos lembrar de ouvir mais do que falar. Muitas vezes, discutimos com a Palavra de Deus, mesmo que não de modo audível, mas em nossa mente e coração. “Mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). “Quem retém as palavras possui o conhecimento” (Pv 17:27). Em vez de ser tardio em falar, o intérprete da Lei em Lucas 10:29 discutiu com Jesus perguntando: “Quem é o meu próximo?” Na Igreja primitiva, os cultos eram informais, e, com frequência, os ouvintes discutiam com aquele que estava falando. Por vezes, havia altercações e conflitos sérios entre os irmãos para os quais Tiago estava escrevendo (Tg 4:1).

**Tardio para se irar (v. 19c).** Não devemos nos irar com Deus nem com sua Palavra. “O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura” (Pv 14:29). Quando o profeta Natã contou ao rei Davi a história da “cordeirinha roubada”, o rei irou-se com a pessoa errada. “Tu és o homem”, disse Natã, e, então, Davi confessou: “Pequei contra o SENHOR” (2 Sm 12:7, 13).

No Getsêmani, Pedro mostrou-se tardio para ouvir, pronto para falar e pronto para se irar, e quase matou um homem com sua espada. Muitas brigas dentro da igreja são resultado da impulsividade de alguns e de palavras precipitadas. Existe uma ira piedosa contra o pecado (Ef 4:26); e, se amamos ao Senhor, devemos detestar o pecado (Sl 97:10). Mas a ira do homem não produz a justiça de Deus (Tg 1:20). Na verdade, a ira é exatamente o oposto da paciência que Deus deseja produzir em nossa vida, à medida que amadurecemos em Cristo (Tg 1:3, 4).

Certa vez, vi um cartaz que dizia: “A paciência é preciosa demais para ser perdida”. Tiago nos adverte a não nos irmos contra a Palavra de Deus, pois ela revela nossos pecados. Como o homem que quebrou o espelho porque não gostou do reflexo que viu, assim as pessoas se rebelam contra a Palavra de Deus porque ela diz a verdade sobre sua vida e seus pecados.

**Um coração preparado (v. 21).** Tiago vislumbrava o coração humano como um jardim que, se deixado por conta própria, produziria apenas ervas daninhas. Ele nos insta a “capinar o terreno” e a preparar o solo para a Palavra de Deus “implantada” em nós. A expressão “acúmulo de maldade” lembra um jardim malcuidado, com ervas daninhas por toda parte. Não adianta receber a Palavra de Deus em um coração despreparado.

De que maneira preparamos o solo de nosso coração para a Palavra de Deus? Em primeiro lugar, confessando nossos pecados e pedindo que o Pai nos perdoe (1 Jo 1:9). Também o preparamos meditando sobre o amor e a graça de Deus e pedindo para ele “arar” qualquer dureza de coração. “Lavrai para vós outros campo novo e não semeis entre espinhos” (Jr 4:3). Por fim, devemos ter uma atitude de “mansidão” (Tg 1:21). A mansidão é o oposto da “ira” em Tiago 1:19, 20. Quando recebemos a Palavra com mansidão, aceitamos o que ela diz, não discutimos com ela e a honramos como Palavra de Deus. Não tentamos distorcê-la, a fim de se encaixar com nosso modo de pensar.

Quem não receber a Palavra implantada estará enganando a si mesmo. Os cristãos

que gostam de discutir sobre vários “pontos de vista” podem estar se iludindo. Pensam que suas “discussões” promovem crescimento espiritual, quando, na verdade, talvez só estejam cultivando ervas daninhas.

## 2. PRATICAR A PALAVRA (Tg 1:22-25)

Não basta ouvir a Palavra; também se deve colocá-la em prática. Muitas pessoas têm a idéia equivocada de que ouvir um bom sermão ou estudo bíblico é o que as faz crescer e receber a bênção de Deus. Não é o ouvir, mas sim o *praticar* que redundam em bênção. Inúmeros cristãos costumam marcar passagens na Bíblia, mas nunca marcam a própria vida! Os que acreditam que são espirituais só porque ouvem a Palavra enganam a si mesmos.

No parágrafo anterior, Tiago comparou a Palavra com uma semente; neste parágrafo, ele a compara com um espelho. Encontramos outras duas referências na Bíblia que usam a mesma imagem para a Palavra de Deus; e quando juntamos as referências, descobrimos três ministérios da Palavra de Deus como espelho.

**Exame (vv. 23-25).** Esta é a razão principal de ter um espelho: poder examinar a si mesmo e se certificar de que a aparência está o mais limpa e arrumada possível. Quem se olha no espelho da Palavra de Deus vê-se como é de fato. Tiago menciona vários erros que as pessoas cometem ao olhar no espelho de Deus.

Em primeiro lugar, *elas apenas se olham de relance*. Não estudam a si mesmas com cuidado ao ler a Palavra. Muitos cristãos sinceros lêem um capítulo da Bíblia por dia, mas trata-se apenas de um exercício religioso, do qual não se beneficiam pessoalmente. Se não fizerem essa leitura diária, sua consciência os incomoda, mas, na verdade, sua consciência deveria incomodá-los *porque lêem a Bíblia de modo descuidado*. Uma leitura superficial das Escrituras jamais revelará nossas necessidades mais profundas. Essa é a diferença entre uma foto, mesmo que reveladora, e uma radiografia.

O segundo erro é que *se esquecem do que vêem*. Se estivessem olhando para os

lugares mais profundos do coração, o que veriam seria inesquecível! Temos a tendência de sorrir ao pensar no extremismo das pessoas no tempo dos grandes reavivamentos, mas talvez precisemos de um pouco dessa convicção. John Wesley escreveu a respeito da reação das pessoas em um culto de pregação: “Um deles caiu diante de mim como que morto e, logo em seguida, outro e mais outro. Mais cinco foram ao chão em meia hora, a maioria deles agonizando violentamente” (*Wesley’s Journal*, dia 22 de junho de 1739). Antes de julgar essas pessoas, imaginando que sofriam de algum problema psicológico, devemos nos lembrar de como os santos da Bíblia reagiram diante da revelação do conteúdo de seu coração. Isaías clamou: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6:5). Pedro suplicou: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (Lc 5:8). Jó era o homem mais justo da Terra em seu tempo e, no entanto, confessou: “...me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6).

O terceiro erro que cometem é *não obedecer ao que a Palavra ordena*. Pensam que *ouvir* é o mesmo que *fazer*, quando, na verdade, são duas coisas diferentes. Nós, cristãos, gostamos de colocar o *ler* ou mesmo o *falar* no lugar do *fazer*. Realizamos incontáveis reuniões e conferências sobre assuntos como evangelismo e crescimento da igreja e pensamos haver progredido. Apesar de não haver nada de errado em realizar congressos e reuniões de comissões, esses encontros tornam-se pecaminosos, se servirem apenas de substitutos para o serviço.

A fim de usar devidamente o espelho de Deus, é preciso olhar para o reflexo com cuidado e seriedade de propósitos (Tg 1:25). Olhar de relance não adianta coisa alguma. Devemos examinar nosso coração e nossa vida à luz da Palavra de Deus. Isso exige tempo, atenção e dedicação sincera. Cinco minutos diários com Deus não são suficientes para realizar um exame espiritual profundo.

Ao longo dos anos, fui abençoado com os cuidados de bons médicos e devo muito a eles. Cada um demonstrou duas qualidades que sempre apreciei: gastaram tempo comigo, sem me atender com pressa, e foram

sinceros comigo. Quando Jesus, o Médico dos médicos (Mt 9:12), nos examina, ele usa sua Palavra e deseja que lhe dediquemos tempo suficiente, a fim de que faça um bom trabalho. Talvez um dos motivos pelos quais apenas olhamos de relance para a Palavra é que temos medo do que podemos ver.

Depois de nos olharmos no espelho da Palavra, é preciso lembrar quem somos e o que Deus diz, bem como *praticar* a Palavra. A bênção é resultante da aplicação das Escrituras, não de sua leitura. “Esse será bem-aventurado no que realizar” (Tg 1:25). A ênfase de Tiago é sobre a prática da Palavra. Depois da leitura, devemos *perseverar* (Tg 1:25; ver At 1:14; 2:42, 46; 13:43; 14:22; 26:22 para exemplos na Igreja primitiva).

Por que Tiago chama a Palavra de Deus de “lei perfeita, lei da liberdade” (Tg 1:25)? Porque, quando lhe obedecemos, Deus nos liberta. “E andarei com largueza [liberdade], pois me empenho pelos teus preceitos” (Sl 119:45). “Todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8:34).

“Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:31, 32).

Mas esse exame é apenas o primeiro ministério do espelho da Palavra. Há um segundo ministério.

**Restauração (Êx 38:8).** Ao construir o tabernáculo, Moisés usou os espelhos de metal das mulheres para fazer a bacia de bronze. Essa bacia era um recipiente amplo que ficava entre o altar de bronze dos sacrifícios e o lugar santo. (Para mais detalhes, ver Êx 30:17-21.) Enchia-se a bacia com água, e os sacerdotes a usavam para lavar as mãos e os pés antes de entrarem no lugar santo para ministrar.

A água para lavar é um retrato da Palavra de Deus com respeito a seu poder de purificação. “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3). A igreja é santificada e purificada “por meio da lavagem de água pela palavra” (Ef 5:26). Quando o pecador crê em Jesus Cristo, é purificado de uma vez por todas (1 Co 6:9-11; Tt 3:4-6). Mas à medida que caminha pelo mundo,

suas mãos e pés se contaminam e precisam ser lavados (Jo 13:1-11).

O espelho da Palavra não apenas examina o indivíduo e revela seus pecados, como também ajuda a purificá-lo. Traz a promessa de purificação (1 Jo 1:9) e, ao meditar nela, purifica o coração e a mente da contaminação espiritual.

A experiência de Natã com Davi em 2 Samuel 12 ajuda a ilustrar essa verdade. Natã contou a Davi a história da cordeirinha roubada, e Davi irou-se com o pecado descrito. “Tu és o homem”, disse o profeta, e colocou o espelho da Palavra diante do rei para que ele se visse. O resultado foi a confissão e o arrependimento: “Pequei contra o SENHOR”. O espelho da Palavra cumpriu sua função de examinar.

Mas Natã foi mais longe. Também usou a Palavra para *restauração*. “Também o SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás” (2 Sm 12:13). A Palavra ofereceu a garantia de perdão e de purificação. Davi foi até a bacia e lavou as mãos e os pés.

Se nos ativermos ao exame e à restauração, deixaremos de usufruir o benefício pleno do ministério da Palavra. Há um terceiro ministério.

**Transformação (2 Co 3:18).** Depois de nos restaurar, o Senhor deseja nos transformar, a fim de que possamos crescer em graça e não cometer esse pecado novamente. Muitos cristãos confessam seus pecados, pedem perdão, mas nunca crescem espiritualmente a ponto de conquistar o próprio ego e seus pecados.

Os contrastes entre o ministério da Lei na antiga aliança e o ministério da graça na nova aliança podem ser vistos em 2 Coríntios 3. A Lei é exterior, escrita em tábuas de pedra, enquanto a salvação significa que a Palavra de Deus está escrita no coração. O ministério da antiga aliança condenava e matava; o ministério da nova aliança traz perdão e vida. A glória da Lei desaparecia gradativamente, mas a glória da graça de Deus torna-se cada vez mais resplandecente. A Lei era temporária, mas a nova aliança da graça é eterna.

A ilustração que Paulo apresenta para essa verdade é Moisés e seu véu. Quando

Moisés desceu do monte onde se encontrou com Deus, seu rosto resplandecia (Êx 34:29-35). Uma vez que não desejava que os israelitas vissem a glória se dissipando, cobria o rosto com um véu. Quando voltava para o monte, removia o véu. Quando Jesus morreu, rasgou o véu do templo e removeu o véu que separava a humanidade de Deus. O profeta do Antigo Testamento usou um véu para esconder o desvanecimento da glória. O cristão do Novo Testamento tem o rosto descoberto, e sua glória torna-se cada vez maior!

Podemos explicar 2 Coríntios 3:18 da seguinte maneira: "Quando um filho de Deus olha na Palavra de Deus [o espelho], ele vê o Filho de Deus e é transformado pelo Espírito de Deus de modo a compartilhar da glória de Deus!" O termo grego traduzido por "transformados" dá origem à nossa palavra "metamorfose", que significa mudança de dentro para fora. Quando uma lagarta horrível transforma-se em uma linda borboleta, ocorreu uma metamorfose. Quando um cristão dedica-se a olhar para a Palavra e ver Cristo, ele é transformado, e a glória interior é revelada no exterior.

Essa é palavra traduzida por "transfigurado" em Mateus 17:2. A glória de Cristo no monte não era refletida, mas irradiada de dentro dele. Encontramos esse mesmo termo em Romanos 12:2: "transformai-vos pela renovação da vossa mente". Ao meditar sobre a Palavra, o Espírito renova a mente e revela a glória de Deus. Ninguém se torna um cristão espiritual do dia para a noite. Trata-se de um processo, de uma obra do Espírito de Deus por meio do espelho da Palavra de Deus.

O mais importante é "remover o véu" e não esconder coisa alguma. "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139:23, 24). "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1:8).

Nossa primeira responsabilidade é receber a Palavra. Em seguida, devemos praticar

a Palavra, pois, de outro modo, estaremos nos enganando. Isso nos leva à terceira responsabilidade.

### 3. COMPARTILHAR A PALAVRA (Tg 1:26, 27)

O termo traduzido por "religião" significa "a prática exterior, o culto a um deus". É usado apenas cinco vezes em todo o Novo Testamento (Tg 1:26, 27; At 25:19; 26:5 e Cl 2:18, em que é traduzido por "culto").

A religião pura não tem relação alguma com cerimônias, templos ou dias especiais. Antes, significa praticar a Palavra de Deus e compartilhá-la com outros por meio de nosso falar, serviço e separação do mundo.

**O falar (v. 26).** A Epístola de Tiago refere-se ao falar em várias ocasiões, dando a impressão de que a língua era um problema sério na congregação (ver Tg 1:19; 2:12; 3:1-3, 14-18; 4:11, 12). A língua revela o coração (Mt 12:34, 35); se o coração estiver em ordem, o falar também estará. Uma língua controlada significa um corpo controlado (Tg 3:1ss).

**O serviço (v. 27a).** Depois de nos vermos no espelho da Palavra, devemos olhar para os outros e para suas necessidades. Isaías primeiro viu o Senhor, depois a si mesmo e, em seguida, as pessoas às quais deveria ministrar (Is 6:1-8). Palavras não substituem atos de amor (Tg 2:14-18; 1 Jo 3:11-18). Deus não quer que paguemos para outros ministrarem como substitutos de nosso serviço pessoal!

**A separação do mundo (v. 27b).** Ao falar sobre o "mundo", Tiago refere-se à "sociedade sem Deus". Satanás é o príncipe deste mundo (Jo 14:30), e os perdidos são filhos deste mundo (Lc 16:8). Como filhos de Deus, estamos fisicamente *no* mundo, mas não somos espiritualmente *do* mundo (Jo 17:11-16). Somos enviados *para* o mundo a fim de ganhar outros para Cristo (Jo 17:18). Somente mantendo a separação é que se pode servir a outros.

O mundo deseja corromper o cristão e contaminá-lo. Começa com "a amizade do mundo" (Tg 4:4), que pode levar ao amor pelo mundo (1 Jo 2:15-17). Se não tivermos

cuidado, nos conformaremos com o mundo (Rm 12:1, 2) e, como resultado, seremos condenados com o mundo (1 Co 11:32). Isso não significa perder a salvação, mas sim abrir mão de tudo aquilo para que vivemos. Ló é um exemplo desse princípio. Primeiro, armou sua tenda voltada para Sodoma e, em seguida, se mudou para a cidade. Logo, Sodoma apoderou-se dele, e ele perdeu seu testemunho até mesmo dentro da própria família. Quando Sodoma foi

judgada, Ló perdeu tudo. Abraão, o servo e amigo de Deus que se manteve separado, teve um ministério de maior impacto junto ao povo do que Ló, o amigo do mundo. O cristão não precisa envolver-se com o mundo para ministrar ao mundo. Jesus manteve-se "sem mácula" (1 Pe 1:19); no entanto, foi amigo de publicanos e pecadores. A melhor maneira de ministrar às necessidades do mundo é manter-se puro da contaminação do mundo.

# HOMEM RICO, HOMEM POBRE

TIAGO 2:1-13

O cristão não apenas é paciente em meio às tribulações (Tg 1), mas também pratica a verdade. Esse é o tema de Tiago 2. Pessoas imaturas falam sobre suas convicções, mas os que têm maturidade colocam sua fé em prática. Ouvir a Palavra de Deus (Tg 1:22-25) e falar sobre a Palavra de Deus não substituem a aplicação da Palavra de Deus.

Todo cristão tem uma declaração de fé ou expressão pessoal daquilo em que crê. A maioria das igrejas tem declarações desse tipo e pede que os membros aprovelem e pratiquem seu teor. As declarações de fé são boas e úteis, mas não substituem a obediência à vontade de Deus. Como pastor, tenho ouvido cristãos recitarem a confissão de fé da igreja e, depois, irem para uma reunião de negócios e agirem de modo inteiramente oposto.

O objetivo de Tiago era ajudar seus leitores a praticar a Palavra de Deus, de modo que fez um teste simples. Enviou dois visitantes – um rico e um pobre – a um culto da igreja e observou como eram tratados. *O modo de agir em relação às pessoas demonstra as verdadeiras convicções a respeito de Deus!* Não se pode nem se deve separar a comunhão humana da comunhão divina. “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4:20).

Nesta seção, Tiago examina quatro doutrinas cristãs fundamentais à luz da maneira como tratamos outras pessoas.

## 1. A DIVINDADE DE CRISTO (Tg 2:1-4)

“Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, de-

monstrando favoritismo” (tradução literal). Os judeus daquele tempo buscavam reconhecimento e honra e competiam uns com os outros por louvores. As parábolas que Jesus conta em Lucas 14:7-14 tratam dessa questão, como também o faz a condenação dos fariseus em Mateus 23.

Temos esse mesmo problema hoje. Encontramos “alpinistas sociais” não apenas na política, nos negócios e na sociedade, mas também na igreja. Quase toda igreja tem suas panelinhas, e, com frequência, os recém-convertidos sentem dificuldade de se entrosar. Alguns membros de igreja usam cargos de liderança para realçar sua imagem de importância. Muitos cristãos para os quais Tiago escreveu disputavam cargos dentro da igreja, e Tiago teve de lhes dar uma advertência (Tg 3:1).

**Jesus não fazia acepção de pessoas.** Até mesmo os inimigos de Jesus reconheceram: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens” (Mt 22:16). O Senhor não olhava a aparência exterior, mas sim o coração. Não se impressionava com as riquezas nem com a posição social. A viúva pobre que deu sua única moeda era maior a seus olhos do que o fariseu rico e alardeador com sua contribuição suntuosa. Além disso, via o potencial na vida dos pecadores. Em Simão, viu uma pedra. Em Mateus, o publicano, viu um discípulo fiel que, um dia, escreveria um dos quatro Evangelhos. Os discípulos admiraram-se ao encontrar Jesus conversando com uma mulher pecadora junto ao poço em Sicar, mas Jesus viu nessa mulher um instrumento para realizar uma grande colheita.

Nossa tendência é julgar as pessoas por seu passado, não por seu futuro. Quando Saulo de Tarso se converteu, a igreja de Jerusalém teve medo de recebê-lo! Foi preciso que Barnabé, o qual acreditava na conversão de Saulo, rompesse as barreiras (At 9:26-28). Também temos a tendência de julgar pela aparência exterior, não pela atitude interior do coração. Não gostamos de nos sentar com certas pessoas na igreja porque

“não são o nosso tipo de gente”. Mesmo não aprovando os pecados, Jesus era o Amigo dos pecadores. Não era a transigência, mas sim a compaixão que o levava a receber tais pessoas de braços abertos e a perdoá-las quando criam nele.

**Jesus foi desprezado e rejeitado.** Esse fato é profetizado em Isaías 53:1-3. Ele era o “homem pobre” rejeitado pela nação farisaica. Ao contrário das raposas e dos pássaros, não tinha sequer um lar. Cresceu na cidade desprezada de Nazaré, em uma família que sabia o que era ser pobre. Se o tivéssemos encontrado enquanto ministrava na Terra, não teríamos visto nele coisa alguma, física ou material, considerada atraente.

Sim, *ele é a própria glória de Deus!* No Antigo Testamento, a glória de Deus habitou primeiramente no tabernáculo (Êx 40:34-38) e, depois, no templo (1 Rs 8:10, 11). Quando Jesus veio ao mundo, a glória de Deus habitou nele (Jo 1:14). Hoje, a glória de Deus habita individualmente nos cristãos (1 Co 6:19, 20) e coletivamente na igreja (Ef 2:21, 22).

Os líderes religiosos do tempo de Jesus julgaram-no segundo os próprios padrões e o rejeitaram. Ele era da cidade errada – Nazaré da Galiléia. Não se formara por nenhuma das escolas reconhecidas por eles. Não tinha a aprovação oficial dos que estavam no poder. Não tinha riqueza alguma. Seus seguidores eram um grupo comum que incluía publicanos e pecadores. *No entanto, ele era a própria glória de Deus!* Não é de se admirar que Jesus tenha advertido os líderes religiosos: “Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça” (Jo 7:24).

Infelizmente, muitas vezes cometemos o mesmo erro. Quando vemos visitantes na igreja, nossa tendência é julgá-los por aquilo que vemos no exterior, não por aquilo que são em seu interior. As roupas, a cor da pele, a moda e outras coisas superficiais têm mais peso do que o fruto do Espírito na vida das pessoas. Agradamos aos ricos, pois esperamos obter algo deles, e evitamos os pobres, porque nos envergonham. Jesus não fez isso e não aprova tais atitudes hoje.

De que maneira é colocada em prática a divindade de Cristo nos relacionamentos humanos? Na verdade, é bastante simples: *olhando para todos com os olhos de Cristo.* Se o visitante é cristão, o aceitamos porque *Cristo vive nele.* Se não é cristão, o aceitamos porque *Cristo morreu por ele.* Cristo é a ligação entre nós e os outros; ele é um vínculo de amor. A base para o relacionamento com outros é a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Além disso, Deus pode usar até a pessoa que parece menos promissora para glorificar seu nome. Usou Pedro, Zaqueu e João Marcos e pode usar um homem pobre que talvez rejeitemos.

## 2. A GRAÇA DE DEUS (Tg 2:5-7)

A ênfase aqui é sobre o fato de Deus haver *escolhido*, uma decisão que envolve a sua graça. Se a salvação fosse baseada em méritos, não seria pela graça. A graça deixa implícita a escolha soberana de Deus daqueles que não podem se esforçar para obter nem merecem a salvação que ele oferece (Ef 1:4-7; 2:8-10). Deus nos salva totalmente com base na obra de Cristo na cruz, não em função de alguma coisa que somos ou temos.

Deus desconsidera as diferenças *nacionais* (At 10:34). Os cristãos judeus ficaram estarecidos quando Pedro visitou a casa de um gentio chamado Cornélio, pregou aos gentios e até comeu com eles. O tema do primeiro concílio da Igreja foi: “Um gentio deve tornar-se judeu a fim de se converter à fé cristã?” (At 15). Ao que o Espírito Santo lhes respondeu: “Não!” Aos olhos de Deus, tratando-se da condenação (Rm 2:6-16) ou da salvação (Rm 10:1-13), não há diferença alguma entre judeus e gentios.

Deus também desconsidera as diferenças *sociais*. Os senhores e escravos (Ef 6:9), bem como os ricos e os pobres, são iguais para ele. Tiago ensina que a graça de Deus transforma o homem rico em pobre, pois não pode depender de sua riqueza; também transforma o homem pobre em rico, pois lhe dá como herança as riquezas da graça de Cristo (ver novamente Tg 1:9-11). “O SENHOR empobrece e enriquece; abaixa e também



exalta. Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória" (1 Sm 2:7, 8).

Do ponto de vista humano, Deus escolhe o pobre em vez do rico. "Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes" (1 Co 1:26, 27). Os pobres neste mundo tornam-se ricos em fé; como filhos de Deus, herdaram a riqueza do reino.

É possível ser pobre neste mundo e rico no porvir, ou ser rico neste mundo e pobre no porvir (1 Tm 6:17, 18). Tudo depende da atitude em relação a Cristo e à riqueza material dada por ele. As promessas do reino de Deus são para "[os] que o amam" (Tg 2:5), não para os que amam este mundo e suas riquezas.

Encontramos uma repreensão severa em Tiago 2:6, 7: "Quando vocês desprezam o pobre, agem como os incrédulos ricos". Naquele tempo, era fácil os ricos explorarem os pobres, influenciarem as decisões dos tribunais e enriquecerem ainda mais. Infelizmente, vemos, nos dias de hoje, os mesmos pecados que blasfemam o próprio nome de Cristo. O Senhor era pobre e também foi injustiçado pelos líderes de seu tempo.

Se cremos, de fato, na doutrina da graça de Deus, somos impelidos por ela a nos relacionar com as pessoas tomando por base o plano de Deus, não o mérito humano nem a posição social. A igreja que se volta somente para uma classe social não é uma igreja que exalta a graça de Deus. Em sua morte, Jesus derrubou o muro de separação entre judeus e gentios (Ef 2:11-22). Mas, em seu nascimento e vida, Jesus derrubou os muros entre ricos e pobres, jovens e velhos, cultos e incultos. É errado reconstruir esses muros, e, se cremos na graça de Deus, não é possível voltar a erguer separações.

### 3. A PALAVRA DE DEUS (Tg 2:8-11)

Nos últimos anos, os cristãos têm debatido a questão da inspiração e da autoridade da Palavra de Deus. Sem dúvida, é bom defender a verdade das Escrituras, mas não se deve esquecer jamais que *nossa vida e ministério são as melhores defesas*. D. L. Moody costumava dizer: "Toda Bíblia deve ser encadernada com couro de sapato!"

Tiago vai ao Antigo Testamento buscar uma das leis de Deus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19:18). Em sua parábola do bom samaritano, Jesus diz que o próximo é qualquer pessoa que precisar de ajuda (Lc 10:25-37). Não se trata de uma questão de distância, mas sim de oportunidade. A pergunta importante não é "quem é meu próximo?", mas sim "a quem eu posso ser o próximo?"

Por que a injunção para "amar o próximo" é considerada a "Lei régia"? Em primeiro lugar, foi dada pelo Rei. Deus Pai deu essa ordem em sua Lei e Deus Filho reafirmou-a a seus discípulos (Jo 13:34). Deus Espírito enche nosso coração com o amor de Deus e espera que compartilhemos esse amor com outros (Rm 5:5). Os verdadeiros cristãos são "por Deus instruídos que [devem amar-se] uns aos outros" (1 Ts 4:9).

"Amar o próximo" é a lei régia por outro motivo: *ela governa sobre todas as outras leis*. "O cumprimento da lei é o amor" (Rm 13:10). Se cada cidadão amasse, de fato, seu próximo, não haveria necessidade de ter milhares de leis complexas.

Mas o principal motivo que torna régia essa lei é o fato de que *obedecer a ela nos torna reis*. O ódio transforma o indivíduo em escravo, mas o amor liberta do egoísmo e permite governar como reis. O amor capacita-nos a obedecermos à Palavra de Deus e a tratarmos as pessoas como Deus ordena que façamos. Não obedecemos à Lei de Deus por medo, mas sim por amor.

Fazer acepção de pessoas pode levar o indivíduo a desobedecer a toda a Lei de Deus. Ao considerar os Dez Mandamentos, é possível encontrar maneiras de transgredir qualquer uma das leis, se favorecemos alguém em função de sua posição econômica ou

social. A acepção de pessoas pode nos fazer mentir, por exemplo. Pode levar à idolatria (pelo dinheiro dos ricos) ou mesmo ao desrespeito aos pais. Uma vez que se começa a agir com base na acepção de pessoas e a rejeitar a Palavra de Deus, rumo-se para a direção errada. Não é preciso quebrar *toda* a Lei de Deus para ser culpado. Há somente um Legislador, e todas as suas leis vêm de sua mente e de seu coração. Ao transgredir uma lei, mostramo-nos capazes de desobedecer a todas elas e, ao nos rebelarmos, já o fizemos.

Exercitar o amor cristão não significa que devo gostar de uma pessoa e concordar com ela em tudo. Posso não gostar de seu vocabulário nem de seus hábitos e posso não querer tê-la como amiga íntima. *Exercitar o amor cristão significa tratar os outros da maneira como Deus nos trata.* É um ato de volição, não uma emoção que procuramos criar. O motivo é a glória de Deus. O meio é o poder do Espírito dentro de nós (“Mas o fruto do Espírito é: amor [...]” – Gl 5:22). Ao exercitar o amor pelo outro, é possível ser cada vez mais atraídos para junto dele e (por meio de Cristo) ver nele qualidades que antes não conseguíamos perceber.

Além disso, o amor cristão não deixa a pessoa onde a encontra. O amor deve ajudar o pobre a melhorar de vida e o rico a otimizar o uso dos recursos que Deus lhe deu. O amor sempre edifica (1 Co 8:1); o ódio sempre destrói.

Creemos na Bíblia apenas na medida em que a praticamos. Se não obedecermos à palavra mais importante – “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” –, não nos sairemos bem com as questões secundárias das Escrituras. O grande defeito dos fariseus era o fato de zelarem por questões secundárias e de ignorarem as fundamentais (Mt 23:23). Transgrediam a própria Lei que defenciam!

#### 4. O JULGAMENTO DE DEUS (Tg 2:12, 13)

Toda declaração ortodoxa de fé termina com uma afirmação sobre a volta de Jesus Cristo e o julgamento final. Não existe consenso

entre os cristãos quanto aos detalhes desses acontecimentos futuros, mas ninguém nega sua certeza, como também não nega a importância do julgamento final. Tanto Jesus (Jo 5:24) quanto Paulo (Rm 8:1) garantiram que os cristãos jamais serão julgados por seus pecados; mas nossas obras serão julgadas e recompensadas (Rm 14:10-13; 2 Co 5:9, 10).

**Nossas palavras serão julgadas (v. 12a).** Convém observar as palavras ditas aos dois visitantes em Tiago 2:3. O que dizemos para as pessoas e a forma como dizemos será colocado diante de Deus. Até mesmo nossas palavras descuidadas serão julgadas (Mt 12:36). É claro que as palavras que proferimos vêm do coração, de modo que, quando Deus julga as palavras, na verdade está examinando o coração (Mt 12:34-37). Em algumas de suas advertências no sermão do monte, Jesus enfatizou a cautela na hora de falar (Mt 5:21-26, 33-37; 7:1-5, 21-23).

**Nossos atos serão julgados (v. 12b).** Há mais detalhes em Colossenses 3:22-25. É verdade que Deus não se lembra mais de nossos pecados de modo a nos condenar por eles (Jr 31:34; Hb 10:17), *mas esses pecados afetam nosso caráter e nossas obras.* Não é possível pecar levemente e, ao mesmo tempo, servir com fidelidade. Deus perdoa nossos pecados quando os confessamos a ele, mas não pode mudar suas conseqüências.

**Nossas atitudes serão julgadas (v. 13).** Tiago contrasta duas atitudes: demonstrar misericórdia para com outros e se recusar a demonstrar misericórdia. Se somos misericordiosos com os outros, Deus pode ser misericordioso conosco. Contudo, não devemos distorcer essa verdade e transformá-la em mentira. Ela não significa que *nos esforçamos para merecer* a misericórdia demonstrando misericórdia, pois isso é impossível. Se fosse merecida, não seria misericórdia! Também não significa que devemos “ser tolerantes com o pecado” e nunca julgá-lo na vida de outros.

– Não condeno ninguém – um homem me disse certa vez –, portanto, Deus não me condenará. – Ledo engano!

Tanto a misericórdia quanto a justiça vêm de Deus, de modo que não competem entre si. Onde Deus encontra arrependimento e fé, ele pode demonstrar misericórdia; onde encontra rebeldia e incredulidade, deve administrar justiça. É o coração do pecador que determina o tratamento que recebe. A parábola que Jesus conta em Mateus 18:21-35 exemplifica essa verdade. A parábola não é uma ilustração da salvação, mas sim do perdão entre servos. Se perdoarmos nossos irmãos, teremos um coração aberto para o perdão de Deus.

Seremos julgados “pela lei da liberdade”. Por que Tiago usa esse título para a Lei de Deus? Em primeiro lugar, porque quando obedecemos à Lei de Deus, ela nos liberta do pecado e permite que andemos em liberdade (Sl 119:45). Além disso, a *Lei nos prepara para a liberdade*. Uma criança deve sujeitar-se a regras e normas, pois não tem maturidade suficiente para lidar com as decisões e exigências da vida. Recebe *disciplina exterior*, a fim de poder desenvolver *disciplina interior* e, um dia, viver livre das regras.

Liberdade não é sinônimo de licenciosidade. A licenciosidade (fazer tudo o que se tem vontade) é o pior tipo de escravidão. Ser

livre significa ter liberdade para fazer tudo o que é permitido em Jesus Cristo. Licenciosidade é confinamento, liberdade é realização.

Por fim, a Palavra é chamada de “lei da liberdade”, porque Deus vê o coração e sabe o que faríamos se tivéssemos a liberdade de fazê-lo. O aluno cristão que obedece apenas porque a escola tem regras não está, verdadeiramente, crescendo em maturidade. O que fará quando sair da escola? A Palavra de Deus muda o coração e propicia o desejo de fazer a vontade de Deus, de modo que a obediência se dá por compulsão interior, não por coação exterior.

Esta seção apresenta uma mensagem clara: o comportamento deve ser controlado pelas convicções. Se, de fato, cremos que Jesus é o Filho de Deus e que Deus é bondoso, que sua Palavra é verdadeira e que um dia ele nos julgará, nossa conduta revelará tais convicções. Antes de atacar os que não têm uma doutrina ortodoxa, é bom certificar-se de que praticamos as doutrinas que defendemos. Apesar de sua teologia maravilhosa, Jonas odiou as pessoas e se irou com Deus (Jn 4).

Um dos testes da realidade de nossa fé é a maneira de tratarmos outras pessoas. Será que seremos aprovados?

## FÉ FALSA

TIAGO 2:14-26

A fé é uma doutrina-chave da vida cristã. O pecador é salvo pela fé (Ef 2:8, 9), e o cristão deve viver pela fé (2 Co 5:7). Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11:6), e tudo o que fazemos sem fé é pecado (Rm 14:23).

Alguém disse que ter fé não é “crer apesar das evidências, mas sim obedecer apesar das conseqüências”. Hebreus 11 apresenta uma série de homens e de mulheres que agiram de acordo com a Palavra de Deus, a despeito do preço que teriam de pagar. A fé não é um sentimento vago produzido dentro de nós; antes, é a certeza de que a Palavra de Deus é verdadeira e a convicção de que seremos abençoados ao agir de acordo com essa Palavra.

Neste parágrafo, Tiago discorre sobre a relação entre a fé e as obras. Trata-se de uma discussão importante, pois conceitos errados quanto a essa questão podem colocar em risco nossa salvação eterna. Que tipo de fé salva uma pessoa? É necessário realizar boas obras a fim de ser salvo? De que maneira uma pessoa pode saber se está, de fato, exercitando a verdadeira fé salvadora? Tiago responde essas perguntas explicando que existem três tipos de fé, sendo que somente uma delas é salvadora.

**1. A FÉ MORTA (Tg 2:14-17)**

Até mesmo na igreja primitiva havia quem afirmasse ter a fé salvadora sem, no entanto, ser salvo. Onde quer que exista algo verdadeiro também há falsificações. Jesus advertiu: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21).

As pessoas com a fé morta colocam palavras no lugar de atos. Sabem o vocabulário correto para a oração e o testemunho e podem até citar os versículos certos na Bíblia, mas sua vida não condiz com seu discurso. Acreditam que suas palavras têm o mesmo valor de obras, mas estão enganadas.

Tiago apresenta uma ilustração simples. Um cristão pobre precisando de roupas e de alimento entra na igreja. A pessoa com a fé morta observa o visitante e vê suas necessidades, mas não faz coisa alguma para supri-las. Em vez disso, lhe oferece uma porção de palavras piedosas! “Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos” (Tg 2:16). Mas o visitante vai embora tão desprovido quanto estava!

Alimentação e roupas são necessidades básicas de todo ser humano, quer seja salvo quer não. “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1 Tm 6:8). “Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? [...], pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas” (Mt 6:31, 32). Jacó incluiu essas necessidades básicas no final de sua oração a Deus: “Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista” (Gn 28:20).

Como cristãos, temos a obrigação de ajudar a suprir as necessidades dos outros sem fazer acepção de pessoas. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6:10). “Sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25:40).

Ajudar os necessitados é uma expressão de amor, e a fé opera pelo amor (Gl 5:6). O apóstolo João enfatiza esse aspecto das boas obras. “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3:17, 18). O sacerdote e o levita na parábola do bom samaritano possuíam instrução religiosa, mas nenhum dos dois parou para ajudar

o homem agonizante à beira da estrada (Lc 10:25-37). Os dois eram capazes de *defender* sua fé, mas nenhum deles *demonstrou* essa fé por meio das obras de amor.

A pergunta em Tiago 2:14 deve ser: "Poderia, acaso, esse tipo de fé salvá-lo?" Que tipo de fé? Aquele que nunca é visto nas obras práticas. A resposta é não! Qualquer declaração de fé que não redunde em mudança de vida e em boas obras é uma declaração falsa. "A fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tg 2:17). O grande teólogo João Calvino escreveu: "Só a fé justifica, mas a fé que justifica não pode andar só". A expressão *por si só*, em Tiago 2:17, significa simplesmente "sozinha". A verdadeira fé salvadora não anda sozinha, é sempre acompanhada de vida, e a vida produz boas obras.

Quem tem a fé morta possui apenas experiência intelectual. Em sua mente, conhece as doutrinas da salvação, mas nunca se entregou a Deus nem creu em Cristo para receber tal salvação. Sabe as palavras certas, mas não as confirma com suas obras. A fé em Cristo vivifica (Jo 3:16), e onde há vida deve haver crescimento e frutos. Três vezes nesse parágrafo, Tiago nos adverte de que "a fé, se não tiver obras, por si só está morta" (Tg 2:17, 20, 26).

É preciso cuidado com a fé meramente intelectual. Nenhum ser humano pode se aproximar de Cristo pela fé e permanecer o mesmo, assim como ninguém pode tocar um fio de 220 volts sem ser afetado. "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1 Jo 5:12). A fé morta não é uma fé salvadora; antes, é uma fé falsificada que entorpece a pessoa, dando-lhe uma certeza falsa da vida eterna.

## 2. A FÉ DEMONÍACA (Tg 2:18, 19)

Uma vez que deseja chocar seus leitores complacentes, Tiago usa os demônios como ilustração. Nos últimos anos, a igreja tem redescoberto a realidade e atividade desses seres malignos. Jesus expulsou vários demônios enquanto ministrava aqui na Terra e deu poder aos discípulos para fazer o mesmo. Paulo confrontava as forças demoníacas com

freqüência em seu ministério, e em Efésios 6:10-20, admoesta os primeiros cristãos a apropriar-se da proteção de Deus e a derrotar as forças espirituais do mal.

Alguns ficaram estarelecidos ao saber que os demônios têm fé! Em que eles crêem? Dentre outras coisas, na existência de Deus; não são ateus nem agnósticos. Também crêem na divindade de Cristo. Sempre que se depararam com Cristo aqui na Terra deram testemunho de sua filiação (Mc 3:11, 12). Crêem na existência de um lugar de castigo (Lc 8:31); também reconhecem Jesus Cristo como o Juiz (Mc 5:1-13). Sujeitaram-se ao poder de sua Palavra.

"Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6:4). Essa era a declaração diária do judeu piedoso. "Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem" (Tg 2:19). Quem tem a fé morta só foi tocado em nível intelectual; os demônios, por sua vez, também são tocados a nível emocional. Crêem e tremem.

Mas crer e tremer não são experiências que produzem salvação. Uma pessoa pode ser esclarecida em sua mente e até tocada em seu coração e, ainda assim, perder-se para sempre. A verdadeira fé salvadora envolve algo mais, que pode ser visto e reconhecido: uma vida transformada. "Mostra-me essa tua fé sem as obras", desafiou Tiago, "e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé" (Tg 2:18).

De que maneira uma pessoa mostra sua fé sem as obras? Um pecador morto pode realizar boas obras? Impossível! Quando cremos em Cristo, somos "criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2:10). Ser cristão implica confiar em Cristo e viver para Cristo; *recebemos* a vida e, então, *revelamos* a vida. A fé estéril não é salvadora. O termo grego traduzido por "inoperante", em Tiago 2:20, significa "estéril ou inativo", como dinheiro que não rende juros.

Tiago apresentou dois tipos de fé que não têm poder alguma de salvar o pecador: a fé morta (somente o intelecto) e a fé demoníaca (o intelecto e as emoções). Encerra

esta seção descrevendo o único tipo de fé capaz de salvar o pecador: a fé dinâmica

### 3. A FÉ DINÂMICA (Tg 2:20-26)

Essa fé é real, tem poder e redundando em uma vida transformada.

Tiago *descreve* a fé salvadora. Em primeiro lugar, a fé dinâmica salvadora é baseada na Palavra de Deus. Recebemos o novo nascimento espiritual por meio da Palavra de Deus (Tg 1:18). Recebemos a Palavra, e ela nos salva (Tg 1:21). “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Tiago usa Abraão e Raabe como ilustrações da fé dinâmica salvadora, uma vez que ambos ouviram e receberam a mensagem de Deus por meio de sua Palavra.

O valor da fé é diretamente proporcional ao valor de seu objeto. O homem no meio da selva curva-se diante de um ídolo de pedra crendo que este pode ajudá-lo, mas não recebe ajuda alguma. Por mais fé que uma pessoa seja capaz de gerar, se não for dirigida para o objeto certo, não realizará coisa alguma. “Eu creio” pode ser o testemunho de muitas pessoas sinceras, mas as grandes perguntas são: “Em quem você crê? Em que você crê?” Não somos salvos pela fé na fé; somos salvos pela fé em Cristo, conforme revelado em sua Palavra.

A fé dinâmica tem base na Palavra de Deus e envolve o ser humano como um todo. A fé morta toca apenas o intelecto; a fé demoníaca envolve a mente e as emoções; mas a fé dinâmica toca a volição. A pessoa, em sua totalidade, participa da fé salvadora. A mente compreende a verdade; o coração deseja a verdade, e a volição age de acordo com a verdade. Os homens e as mulheres de fé citados em Hebreus 11 eram pessoas de ação: Deus falou e eles obedeceram. Mais uma vez, podemos dizer que “ter fé não é crer apesar das evidências; ter fé é obedecer apesar das conseqüências”.

A verdadeira fé salvadora conduz à ação. A fé dinâmica não é uma contemplação intelectual nem consternação emocional. Essa obediência não constitui uma ocorrência isolada; antes, continua ao longo de toda a vida e conduz às obras.

O Novo Testamento fala de vários tipos diferentes de obras. As “obras da lei” (Gl 2:16) são relacionadas à tentativa do pecador de agradar a Deus obedecendo à Lei de Moisés. Evidentemente, é impossível um pecador ser salvo pelas obras da Lei. “As obras da carne” (Gl 5:19) são realizadas por não salvos que vivem em função das coisas da velha natureza. Também há as “obras malignas” (Cl 1:21) e “obras mortas” (Hb 9:14). Onde há fé dinâmica – fé salvadora – sempre será possível encontrar boas obras.

Em seguida, Tiago *ilustra* sua doutrina na vida de duas figuras bíblicas conhecidas: Abraão e Raabe. Não seria possível encontrar dois indivíduos mais diferentes um do outro! Abraão deu origem ao povo de Israel; Raabe pertencia a uma nação pagã. Abraão era um homem piedoso; Raabe era uma mulher corrompida, uma meretriz. Abraão era amigo de Deus, enquanto Raabe pertencia a um povo inimigo de Deus. O que tinham em comum? Os dois exercitaram a fé salvadora em Deus.

Convém ler Gênesis 15 e 22 para entender o contexto dessa ilustração. Deus chamou Abraão da terra de Ur dos caldeus a fim de conduzi-lo a Canaã e de constituir, a partir dele, a grande nação de Israel. Por meio de Israel, Deus enviaria ao mundo o Messias. A experiência de salvação de Abraão é relatada em Gênesis 15: à noite, Deus mostrou as estrelas a seu servo e lhe deu uma promessa: “Será assim a tua posteridade [descendentes]”. Qual foi a reação de Abraão? “Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15:5, 6).

O verbo *imputar* é um termo legal ou financeiro e significa “depositar na conta de alguém”. Uma vez que Abraão era um pecador, sua conta corrente encontrava-se zerada. Ele estava falido! Mas creu em Deus, que colocou *justiça* em sua conta. Abraão não trabalhou por essa justiça; ele a recebeu como dádiva de Deus. Foi declarado justo pela fé. Foi justificado pela fé (ver Rm 4).

A justificação é uma doutrina bíblica importante. É o ato pelo qual Deus declara justo o pecador que crê, tomando por base a obra consumada de Cristo na cruz. Não é

um processo; é um ato. Não é algo que o pecador faz, mas sim algo que Deus faz quando o pecador crê em Cristo. É um acontecimento definitivo e imutável.

Como saber se uma pessoa é justificada pela fé, se essa transação ocorre em particular entre o pecador e Deus? O exemplo de Abraão responde a essa pergunta crítica: a pessoa justificada passa por uma transformação de vida e obedece à vontade de Deus. Sua fé é demonstrada por suas obras.

Tiago usa outro acontecimento da vida de Abraão ocorrido vários anos depois da conversão do patriarca: a oferta de Isaque no altar (Gn 22). Abraão não foi salvo por cumprir a ordem difícil que Deus lhe deu. Sua obediência provou que ele já era salvo. "Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou" (Tg 2:22). Há uma relação perfeita entre fé e obras. Como alguém disse: "Abraão não foi salvo pela fé acrescida de obras, mas sim por uma fé operante".

De que maneira Abraão "foi justificado" (Tg 2:21), quando ofereceu Isaque, se já havia sido "justificado pela fé"? (ver Rm 4). Pela fé, ele foi justificado *diante de Deus*, e sua justiça foi declarada; pelas obras, ele foi justificado *diante dos homens*, e sua justiça foi demonstrada. É verdade que nenhum ser humano viu Abraão colocar o filho sobre o altar, mas o registro inspirado de Gênesis 22 permite que visualizemos esse acontecimento e que testemunhemos a fé que Abraão demonstrou por meio de suas obras.

D. L. Moody costumava dizer que "toda Bíblia deveria ser encadernada com couro de sapato". Não dizia isso porque havia sido um excelente vendedor de sapatos, mas porque era um cristão consagrado. A fé dinâmica obedece a Deus e se mostra na vida e nas obras diárias. Infelizmente, ainda há em nossas igrejas de hoje certos membros que se encaixam na descrição apresentada em Tito: "No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras" (Tt 1:16). Paulo também escreve: "Fiel é esta palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, façam afirmação, confiadamente,

para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras" (Tt 3:8).

A segunda ilustração de Tiago é Raabe, cuja história é relatada em Josué 2 e 6: Israel estava preste a invadir a Terra Prometida e a tomar a cidade de Jericó. Josué enviou espias até a cidade para explorar o território. Esses espias encontraram Raabe, uma meretriz que os protegeu e que declarou crer naquilo que Deus havia dito e naquilo que ele faria. Ao partir, os espias prometeram salvar Raabe e sua família quando a cidade fosse tomada e cumpriram essa promessa.

Além de ser uma história emocionante, apresenta um dos melhores exemplos bíblicos de fé salvadora (ver Hb 11:31). Raabe ouviu a Palavra e ficou sabendo que sua cidade estava condenada. Essa verdade afetou de tal modo sua vida e a de seus concidadãos que o coração de todos desfaleceu (Js 2:11). Raabe respondeu com sua mente e com suas emoções: *ela tomou uma atitude*. Arriscou a vida para proteger os espias israelitas e também se colocou em perigo ao compartilhar as boas-novas de livramento com os membros de sua família. O termo hebraico traduzido por "meretriz", em Josué 2, pode ter o significado mais amplo de "aquela que cuida de uma hospedaria". Uma vez que Raabe tinha uma hospedaria, nada mais natural do que os espias irem até lá. O termo grego traduzido por "meretriz", em Tiago 2:25, refere-se claramente a uma pessoa imoral. Esse também é seu significado em Hebreus 11:31. Mateus 1:5 mostra que ela se casou com um israelita, passando a fazer parte do povo de Israel, e se tornou uma antepassada de Jesus. Que maravilhosa graça! Raabe é uma das primeiras evangelistas da Bíblia, e não podemos evitar compará-la com a "mulher samaritana" em João 4.

Raabe poderia ter demonstrado uma fé *morta*, nada além de uma experiência intelectual. Ou poderia ter demonstrado uma fé *demoníaca*, envolvendo a mente e as emoções. No entanto, exercitou uma fé *dinâmica*: sua mente descobriu a verdade; seu coração foi tocado pela verdade, e sua volição agiu de acordo com a verdade. Ela provou sua fé por meio de suas obras.

Quando percebemos quão pouca informação Raabe possuía a seu alcance, entendemos como sua fé foi verdadeiramente extraordinária. Hoje, temos a revelação plena de Deus por meio de sua Palavra e de seu Filho. Vivemos do outro lado do Calvário e temos o Espírito Santo para nos convencer do pecado e para nos ensinar a Palavra. “Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido” (Lc 12:48). Sua fé serve de condenação à incredulidade dos pecadores de hoje.

Tiago 2 enfatiza que o cristão maduro pratica a verdade. Não se apega simplesmente a doutrinas antigas; pratica essas doutrinas na vida diária. Não possui a fé morta dos intelectuais nem a fé demoníaca dos espíritos caídos. Antes, tem uma fé dinâmica, de homens como Abraão e de mulheres como Raabe, uma fé que transforma a vida e que se põe a trabalhar para Deus.

É importante que cada cristão professo examine seu coração e sua vida e que se certifique de que possui a verdadeira fé salvadora. “Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos” (2 Co 13:5a). Satanás é o grande enganador, e um de seus ardis é a imitação. Se conseguir convencer uma pessoa de que sua fé falsa é autêntica, colocará tal pessoa debaixo de seu poder.

Eis algumas perguntas que cada um pode fazer a si mesmo ao examinar o coração:

1. Houve um momento em que eu percebi claramente que era um pecador e reconheci isso para mim mesmo e para Deus?
2. Houve um momento em que meu coração me impeliu a fugir da ira vindoura?

Alguma vez fui seriamente confrontado com meus pecados?

3. Entendo verdadeiramente o evangelho, que Cristo morreu pelos meus pecados e ressuscitou? Compreendo e confesso que sou incapaz de salvar a mim mesmo?

4. Arrependi-me sinceramente de meus pecados e os deixei para trás? Ou amo o pecado e desejo desfrutá-lo?

5. Cri em Jesus Cristo e somente nele como meu Salvador? Tenho um relacionamento vivo com ele por meio da Palavra e do Espírito?

6. Houve uma transformação em minha vida? Minhas boas obras são constantes ou apenas ocasionais e fracas? Estou procurando crescer nas coisas de Deus? As pessoas a meu redor podem notar que aceitei a Cristo?

7. Tenho o desejo de falar de Cristo para outros ou sinto vergonha?

8. Desfruto comunhão com as outras pessoas? Tenho prazer em participar dos cultos?

9. Estou pronto para a volta de Cristo? Ou ficarei envergonhado quando ele vier me buscar?

Por certo, nem todo cristão tem a mesma experiência pessoal, e há diferentes graus de santificação. Mas grande parte do questionário espiritual acima pode ajudar uma pessoa a determinar sua verdadeira posição diante de Deus.

“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139:23, 24).



# UM PEQUENO ÓRGÃO, GRANDES PROBLEMAS

TIAGO 3:1-12

**A**té aqui, Tiago explicou duas características do cristão maduro: ele é paciente em meio às tribulações (Tg 1) e pratica a verdade (Tg 2). Nesta seção, ele trata da terceira característica do cristão maduro: controla sua língua.

Um pastor amigo meu comentou sobre uma senhora de sua igreja que tinha fama de fofocqueira. Passava grande parte do dia no telefone, contando "casos" para todos os que tivessem interesse em ouvir.

Certa vez, procurou o pastor e disse:

- Pastor, o Senhor me mostrou claramente que tenho pecado ao fazer fofocas. Minha língua está perturbando minha vida e a de outras pessoas.

Meu amigo sabia que ela não estava sendo sincera, pois já havia tido outras conversas como essa antes. Com todo cuidado, perguntou:

- O que a senhora pretende fazer?

- Quero colocar minha língua sobre o altar - ela respondeu com fervor piedoso.

Ao que meu amigo replicou calmamente:

- Acho que a senhora não vai encontrar um altar grande o suficiente... - e, com isso, se retirou, deixando-a a sós para refletir sobre o que ele havia dito.

Ao que parece, os cristãos para os quais Tiago escreveu estavam tendo problemas sérios com a língua. Advertiu esse povo de que fosse "pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar" (Tg 1:19). O cristão que não refreia a língua não é verdadeiramente religioso (Tg 1:26). Devemos falar e agir como se já estivéssemos diante de Cristo no julgamento (Tg 2:12). Ao ler passagens como Tiago 4:1, 11, 12, temos a impressão

de que os cultos dessa congregação deveriam ser interessantes!

O poder das palavras é um dos maiores poderes que Deus deu. O ser humano pode usar a língua para louvar a Deus, orar, pregar a Palavra e levar os perdidos a Cristo. Um privilégio e tanto! Mas também é capaz de usar a mesma língua para contar mentiras que podem arruinar a reputação de uma pessoa ou magoá-la profundamente. A capacidade de proferir palavras corresponde à capacidade de influenciar a outros e de realizar tarefas grandiosas; no entanto, não lhes damos o devido valor.

A fim de deixar clara a importância de ser controlado no falar e de mostrar as consequências sérias de nossas palavras, Tiago apresenta seis imagens para a língua: o freio, o leme, o fogo, um animal venenoso, uma fonte e uma figueira. Podemos dividir essas seis ilustrações em três categorias significativas que revelam os três poderes da língua.

## 1. PODER DE DIRIGIR: O FREIO E O LEME (Tg 3:1-4)

Ao que parece, todos na congregação desejavam ensinar e ser líderes espirituais, pois Tiago os adverte: "Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres" (Tg 3:1). Talvez estivessem impressionados com a autoridade e o prestígio dos cargos de liderança, esquecendo a tremenda responsabilidade e a *prestação de contas* que implicam! Os que ensinam a Palavra serão julgados com maior rigidez! Os mestres devem usar a língua para compartilhar a verdade de Deus, e é fácil pecar com a língua. Além disso, os mestres devem praticar o que ensinam, pois, de outro modo, seus ensinamentos não passarão de hipocrisia. Não é difícil imaginar os danos que um mestre pode causar por se mostrar despreparado ou por sua vida não condizer com seus ensinamentos.

Mas os mestres não são os únicos tentados e que pecam; todo cristão deve reconhecer que "todos tropeçamos em muitas coisas" (Tg 3:2). E os pecados da língua parecem ocupar o alto da lista. O indivíduo capaz de disciplinar a língua demonstra que tem controle sobre o corpo como um todo.

Mostra que é “perfeito varão”, ou seja, uma pessoa madura.

Tiago não comete um equívoco ao relacionar os pecados da língua com os pecados referentes ao “corpo inteiro”, pois *palavras* costumam levar a atos. Durante a Segunda Guerra, estávamos acostumados a ver cartazes que diziam: “Palavras impensadas podem afundar navios”. Mas palavras impensadas também podem destruir vidas. Uma pessoa que faz uma declaração irrefletida pode ver-se envolvida repentinamente em uma briga. Sua língua obriga o resto de seu corpo a se defender.

Ao escolher o freio e o leme, Tiago apresenta dois objetos que, em si, são pequenos e, no entanto, exercem grande poder, exatamente como a língua. Um pequeno freio permite que o cavaleiro controle um grande cavalo, e um pequeno leme permite que o timoneiro controle um navio enorme. Apesar de ser uma pequena parte do corpo, a língua tem o poder de realizar grandes coisas.

Tanto o freio quanto o leme devem superar forças contrárias. O freio deve superar a natureza selvagem do cavalo, e o leme deve lutar contra os ventos e correntes que poderiam tirar o navio de seu curso. A língua humana também deve superar forças contrárias. Temos uma velha natureza que deseja nos controlar e nos fazer pecar. Somos cercados de circunstâncias que poderiam nos levar a dizer coisas indevidas. O pecado interior e as pressões exteriores procuram dominar nossa língua.

Isso significa que tanto o freio quanto o leme devem estar sob o controle de uma mão forte. O cavaleiro hábil mantém o grande poder de seu cavalo sob controle, e o timoneiro experiente pilota o navio corajosamente em meio à tempestade. Quando Jesus Cristo controla a língua, não precisamos ter medo de dizer coisas erradas – nem de dizer coisas certas da forma errada! “A morte e a vida estão no poder da língua”, advertiu Salomão (Pv 18:21). Não é de se admirar que Davi orasse assim: “Põe guarda, SENHOR, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios. Não permitas que meu coração

se incline para o mal” (Sl 141:3, 4). Davi sabia que a chave para as palavras corretas é o coração. “Porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12:34). Quando Jesus Cristo é Senhor do coração, também é Senhor dos lábios.

O freio e o leme têm o poder de dirigir, o que significa que *afetam a vida de outros*. Um cavalo disparado ou um naufrágio poderiam causar ferimentos e até mesmo ser fatais para pedestres e passageiros. As palavras que proferimos afetam a vida de outros. Quando um juiz declara um réu “Culpado” ou “Inocente”, suas palavras afetam a vida do acusado bem como a de sua família e amigos. O presidente dos Estados Unidos diz algumas palavras, assina alguns papéis, e a nação entra em guerra. Até mesmo um simples sim ou não da boca do pai ou da mãe podem ter grande impacto sobre o rumo da vida de uma criança.

Não se deve jamais subestimar a orientação que se pode dar por meio das palavras que dizemos ou que deixamos de dizer. Jesus falou à mulher junto ao poço, e a vida dela e a de seus vizinhos foi miraculosamente transformada (Jo 4). Pedro pregou em Pentecostes, e três mil almas foram salvas pela fé em Cristo (At 2).

No dia 21 de abril de 1855, Edward Kimball entrou em uma loja de sapatos em Boston e levou o jovem Dwight L. Moody a Cristo. O resultado: Moody tornou-se um dos maiores evangelistas da história, um homem cujo ministério continua a exercer impacto. A língua tem o poder de orientar a outros a fazerem as escolhas certas.

Seria bom ler com frequência o Livro de Provérbios e observar, especialmente, as várias referências específicas ao uso da língua. “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (Pv 15:1). “Os lábios mentirosos são abomináveis ao SENHOR” (Pv 12:22). “No muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente” (Pv 10:19). Sem dúvida, a língua é como um freio e um leme, pois tem o poder de dirigir. Como é importante usar a língua para dirigir as pessoas no rumo certo!

## 2. PODER DE DESTRUIR: O FOGO E O ANIMAL (Tg 3:5-8)

Ao visitar um sebo em Charing Cross Road, em Londres, comentei com um atendente que não havia tantas lojas quanto eu esperava.

- Isso tem uma explicação - ele respondeu. - Uma noite, durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade foi atingida por bombas incendiárias que destruíram pelo menos um milhão de livros!

Em outra ocasião, um amigo levou minha esposa e eu a um *tour* pelas lindas florestas da Califórnia e deparamos com uma área muito feia, onde havia ocorrido um incêndio. Não apenas a face da natureza ficara marcada, como também milhões de dólares em madeira preciosa haviam se perdido.

- Alguém acendeu um cigarro - meu amigo comentou enquanto passávamos pela terra enegrecida.

O fogo pode começar com uma pequena centelha, pode crescer e destruir uma cidade. Um incêndio no celeiro O'Leary em Chicago começou às 8h30 da noite do dia 8 de outubro de 1871 e se espalhou. Mais de 100 mil pessoas perderam suas casas, 17 mil e 500 prédios foram destruídos e trezentas pessoas morreram. A cidade teve um prejuízo de mais de 400 milhões de dólares.

As palavras podem começar incêndios. "Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda. Como o carvão é para a brasa, e a lenha, para o fogo, assim é o homem contencioso para acender rixas" (Pv 26:20, 21). Em algumas igrejas, certos membros e líderes não são capazes de controlar a língua, e o resultado é destruição. Quando se mudam para outra cidade ou outras pessoas assumem seu cargo, um belo espírito de harmonia e de amor começa a reinar.

Como o fogo, a língua pode "esquentar as coisas". Davi escreveu: "Guardarei os meus caminhos, para não pecar com a língua; [...] Esbraseou-se-me no peito o coração; enquanto eu meditava, ateou-se o fogo; então, disse eu com a própria língua" (Sl 39:1, 3). Claro que todos já tivemos essa experiência! Uma cabeça quente e um coração ardente podem levar a palavras inflamadas

das quais nos arrependemos posteriormente. Davi tinha um temperamento colérico e precisou da ajuda de Deus para controlá-lo. Não é de se admirar que Salomão tenha escrito: "Quem retém as palavras possui o conhecimento, e o sereno de espírito é homem de inteligência" (Pv 17:27). "O longânimo é grande em entendimento, mas o de ânimo precipitado exalta a loucura" (Pv 14:29).

O fogo não apenas começa pequeno, espalha-se e gera calor, como também contamina. Um amigo teve um início de incêndio no porão de sua casa. A fumaça e o fogo danificaram e sujaram de tal forma a parte superior da casa que ele e a família tiveram de se mudar temporariamente, enquanto a residência era reformada. Palavras inflamadas podem contaminar um lar, uma classe de Escola Dominical e uma igreja. A única coisa capaz de purificar essa sujeira é o sangue de Jesus Cristo.

O fogo queima e fere, e nossas palavras podem fazer o mesmo. Uma das aflições que Jesus teve de suportar aqui na Terra foi a maneira de seus inimigos falarem dele. Era chamado de "glutão e bebedor de vinho" (Mt 11:19), pois aceitava com toda cortesia convites para comer com pessoas de quem os fariseus não gostavam. Quando realizava milagres, diziam que ele estava de conluio com Satanás. Até mesmo quando Jesus estava morrendo na cruz, seus inimigos não o deixaram em paz e o insultaram e escarneceram dele.

O fogo espalha-se e, quanto mais combustível recebe, mais rapidamente se alastra. A língua "põe em chamas toda a carreira da existência humana" (Tg 3:6). Tiago dá a entender que a vida toda é ligada como uma roda e que, portanto, é impossível evitar que as coisas se espalhem. A vida inteira de uma pessoa pode ser prejudicada ou destruída pela língua. O tempo não corrige os pecados da língua. Podemos confessar os pecados que cometemos com as palavras, mas o fogo continua se alastrando.

Ao espalhar-se, o fogo destrói; as palavras que proferimos também têm o poder de destruir. Para cada palavra do livro *Mein*

*Kampf [Minha luta]*, de Hitler, 125 pessoas morreram na Segunda Guerra Mundial. Nossas palavras podem não ter desencadeado guerras nem destruído cidades, mas têm o potencial de destruir almas e de mandá-las para a eternidade sem Cristo. Como é importante que “[nossa] palavra seja sempre agradável, temperada com sal” (Cl 4:6)!

A língua não é apenas semelhante ao fogo, mas também a um animal perigoso. É uma fera irrequieta (“mal incontido”) que procura sua presa e depois a ataca e mata. Certa vez, minha esposa e eu passamos por um parque de safári e ficamos admirando os animais se movendo tranqüilamente por seu habitat natural. Mas por toda a parte do parque havia placas dizendo: “Não saia do carro!”, “Não abra as janelas!”. Esses “animais tranqüilos” poderiam fazer grandes estragos e até matar.

Alguns animais são venenosos, como também algumas línguas são venenosas. O veneno é enganoso, pois trabalha de modo oculto e lento e, depois, mata. Quantas vezes uma pessoa maliciosa injeta um pouco de veneno em uma conversa, na esperança de que se espalhe e, por fim, chegue até a outra pessoa que desejava ferir? Como pastor, tenho visto línguas venenosas causarem grandes estragos na vida de indivíduos, em famílias, em classes de Escola Dominical e em igrejas inteiras. Você soltaria leões famintos ou cobras atizadas no meio do culto de domingo? Claro que não! Mas a língua incontida produz exatamente os mesmos resultados.

Tiago lembra que os animais podem ser domados e, aliás, o fogo também pode ser controlado. Um animal antes feroz pode ser domado e se tornar útil para o trabalho. O fogo controlado pode gerar energia. O ser humano não tem como domar a língua, mas ela pode ser controlada por Deus. A língua não precisa ser “posta ela mesma em chamas pelo inferno” (Tg 3:6). Como os apóstolos em Pentecostes, pode ser inflamada do céu! Se Deus acende o fogo e o controla, a língua pode ser um instrumento poderoso para ganhar os perdidos e edificar a igreja. O importante, sem dúvida alguma, é o coração:

“Porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12:34). Se o coração estiver cheio de ódio, Satanás acenderá o fogo; mas se o coração estiver cheio de amor, Deus o inflamará.

### **3. PODER PARA DAR PRAZER: UMA FONTE E UMA ÁRVORE (Tg 3:9-12)**

A fonte oferece, evidentemente, a água fresca da qual o ser humano precisa para sobreviver. Nos países do Oriente Médio, a presença de uma fonte de água fresca é uma grande bênção para uma comunidade. O ser humano precisa de água não apenas para beber, mas também para lavar, cozinhar, cuidar de suas lavouras e para uma série de outras atividades essenciais à vida.

“Águas profundas são as palavras da boca do homem, e a fonte da sabedoria, ribeiros transbordantes” (Pv 18:4). “A boca do justo é manancial de vida” (Pv 10:11). “O ensino do sábio é fonte de vida, para que se evitem os laços da morte” (Pv 13:14). Esses versículos são paralelos àquilo que Tiago escreve e ressaltam a importância de nossas palavras.

Como a água, nossas palavras também podem dar vida. Mas, se não for controlada, a água pode causar morte e destruição. A famosa enchente de Johnston, Pensilvânia, em 1889 matou cerca de 2.200 pessoas e deu um prejuízo de 10 milhões de dólares. “A morte e a vida estão no poder da língua” (Pv 18:21).

Quando, porém, nos inclinamos sobre uma fonte para beber um gole de água fresca, raramente lembramos de enchentes. Pensamos apenas na dádiva preciosa do refrigerio que vem de um gole de água. Não seria possível ter saúde sem água. “Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada, mas a língua dos sábios é medicina” (Pv 12:18). Paulo ora para ser um refrigerio aos santos de Roma quando for visitá-los (“e possa recrear-me convosco”; Rm 15:32). O apóstolo costumava citar o nome de santos que o haviam revigorado (1 Co 16:18; Fm 7, 20).

Outra propriedade da água é sua capacidade de purificar. No tabernáculo e no

templo do Antigo Testamento, havia uma bacia em que os sacerdotes deveriam lavar as mãos e os pés. A Palavra de Deus é água espiritual que nos purifica (Jo 15:3; Ef 5:26, 27). Mas nossas palavras para outros também podem ajudar a purificá-los e a santificá-los. Nossas palavras devem ser como o rio descrito em Ezequiel 47 que dava vida a tudo o que tocava.

A língua também é aprazível, pois é como uma árvore. Nas regiões descritas na Bíblia, as árvores eram de importância vital para a economia: ajudavam a fixar o solo, davam sombra e frutos e embelezavam a paisagem. Nossas palavras podem ajudar a abrigar e animar um viajante cansado e a alimentar uma alma faminta. "Os lábios do justo apascentam a muitos" (Pv 10:21). Jesus declarou: "As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida" (Jo 6:63). Quando compartilhamos a Palavra com outros, os alimentamos e encorajamos ao longo do caminho.

O elemento mais importante da árvore é seu sistema de raízes. Se as raízes não tiverem profundidade suficiente, a árvore não crescerá de maneira saudável. Se estivermos arraigados nas coisas do Senhor, nossas palavras serão fruto de nossa comunhão com ele. Seremos como o homem "bem-aventurado" do Salmo 1 e produziremos frutos no devido tempo. Um dos motivos pelos quais Jesus sempre tinha as palavras certas na hora certa era o fato de estar em comunhão com o Pai e de ouvir as palavras do céu a cada dia. Eis seu testemunho: "O SENHOR Deus me deu língua de eruditos, para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos" (Is 50:4). "Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava" (Mc 1:35).

A fim de ter uma língua aprazível, é preciso ter um encontro diário com o Senhor e aprender dele. Nossas "raízes espirituais" devem ser lançadas no solo profundo de sua Palavra. É preciso orar, meditar e permitir que o Espírito de Deus encha nosso coração com a verdade de Deus.

Mas Tiago faz uma advertência: de uma fonte não podem jorrar dois tipos de água, e uma árvore não pode dar dois tipos de fruto. Espera-se que uma fonte jorre água doce todo tempo, que uma figueira sempre dê figos e que uma oliveira sempre dê olivas. A natureza reproduz-se segundo sua espécie.

A incoerência da língua indica que há algo extremamente errado com o coração. Soube de um cristão professo que se irritou com algo em seu trabalho e deixou escapar alguns palavrões. Envergonhado, voltou-se para seu colega e disse:

– Não sei de onde veio isso! – Ao que o colega respondeu com sabedoria: – Se foi você quem falou, é porque veio de dentro de você.

Quando Pedro não estava em comunhão com Cristo, também praguejou, mas saiu chorando amargamente e confessou seus pecados.

A língua que bendiz o Pai e depois se volta para homens feitos à imagem de Deus e os amaldiçoa precisa encarecidamente de remédio espiritual! Como é fácil cantar os hinos durante o culto e depois entrar no carro com a família e discutir e brigar até chegar em casa! "Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim!" O problema, é claro, não é a língua, é o coração. É fácil ter "inveja amargurada e sentimento faccioso em nosso coração" (Tg 3:14). "Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem" (Mt 15:18). "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4:23). Ao encher nosso coração com a Palavra de Deus e nos sujeitar ao Espírito Santo, seremos fontes revigorantes e árvores produtivas.

Ao encerrar este capítulo, permita-me sugerir o uso das "dez palavras que podem transformar sua vida". Se forem ditas *com um coração sincero*, veremos Deus nos usar para ser fonte de bênção e de ânimo a outros. São só dez, mas funcionam.

**"Por favor"** e **"Obrigado"**. Ao usar essas três palavras, tratamos os outros como pessoas, não como coisas, e demonstramos apreciação.

**“Perdão”**. Essa palavra tem o poder de derrubar muralhas e de construir pontes.

**“Amo você”**. Para muitos, essas palavras lembram imediatamente “romance”, mas são bem mais profundas. Como cristãos, devemos amar os irmãos e até mesmo os inimigos. “Amo você” é uma declaração que pode ter tremendo poder.

**“Estou orando por você”**. Certifique-se de que isso seja verdade. Se falar das pessoas para Deus, pode falar de Deus para as pessoas. Nossas orações em particular por outros ajudam os encontros em público. É evidente que nunca se deve dizer “estou orando por você” de maneira presunçosa,

como se fôssemos mais espirituais do que os outros. Diz-se isso de modo encorajador, a fim de mostrar ao outro que nos importamos tanto com ele a ponto de levá-lo ao trono da graça.

Sem dúvida, a língua é um pequeno órgão que pode causar grandes problemas. Mas não precisa ser assim. Deus pode usar nossa língua para orientar a outros pelos caminhos da vida e para lhes dar prazer em meio às tribulações. A língua é muito pequena, mas tem grande poder.

Dediquemos a Deus a língua e o coração diariamente e deixemos que ele nos use, a fim de sermos bênção para outros.

# ONDE OBTER SABEDORIA

TIAGO 3:13-18

**A** sabedoria era algo importante para o povo judeu. Entendiam que não bastava ter conhecimento, mas que também era preciso ter sabedoria, a fim de aplicar esse conhecimento de maneira correta. Todo mundo já encontrou um indivíduo extremamente inteligente, talvez quase um gênio, mas que, no entanto, não consegue realizar algumas tarefas mais simples da vida. Sabem programar computadores, mas não são capazes de administrar a própria vida! "O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento" (Pv 4:7).

Tiago continua a exortar os membros da congregação que desejavam ser mestres da Palavra (Tg 3:1). Não basta simplesmente se colocar diante das pessoas e falar; é preciso ter algo a dizer. Nesse ponto, entra a sabedoria espiritual. O conhecimento permite desmontar e separar coisas, mas a sabedoria permite agregar coisas e relacionar a verdade de Deus à vida diária. Todos já ouvimos pastores e mestres que dizem muitas coisas boas, mas que, de algum modo, não compreendem o cerne da mensagem de Deus e não conseguem relacioná-la ao cotidiano. É sobre esse tipo de "conhecimento sem sabedoria" que Tiago escreve. Contrasta a verdadeira sabedoria com a falsa em três aspectos.

## 1. CONTRASTE DE ORIGENS (Tg 3:15, 17A)

A verdadeira sabedoria vem do alto, enquanto a falsa é terrena. Em outras palavras, existe uma "sabedoria celestial" que vem de Deus e uma "sabedoria humana" que não

vem de Deus. Tudo o que não vem de Deus é fadado ao fracasso, por mais bem-sucedido que possa parecer por algum tempo.

A Bíblia oferece vários exemplos da insensatez da sabedoria humana. A construção da Torre de Babel pareceu um empreendimento sábio, mas acabou em fracasso e confusão (Gn 11:1-9). Quando houve grande escassez de alimentos em Canaã, pareceu sábio Abraão ir para o Egito, mas os resultados mostraram o contrário (Gn 12:10-20). Para o rei Saul, era sábio colocar sua armadura em Davi antes que o rapaz lutasse contra Goliás, mas Deus tinha outros planos (1 Sm 17:38ss). Os discípulos pensaram que seria sábio mandar embora a grande multidão e deixar que cada um providenciasse o próprio alimento, mas Jesus pegou alguns pães e peixes e alimentou a multidão. Os "peritos" romanos, em Atos 27, consideraram uma decisão sábia deixar o porto e navegar para Roma, desconsiderando a opinião contrária de Paulo. A tempestade subsequente provou que a sabedoria de Paulo era superior ao conselho experiente dos romanos. Não morreram, mas tiveram de arrepende-se, e sobreviveram!

Qual é a origem da sabedoria humana? "Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca" (Tg 3:15). O cristão tem três inimigos: o mundo, a carne e o diabo (Ef 2:1-3). Esses três inimigos encontram-se indicados nos termos "terrena, animal e demoníaca".

Há uma "sabedoria do mundo" (1 Co 1:20, 21). Não se deve confundir *conhecimento* do mundo com *sabedoria* do mundo. Por certo, este mundo possui muito conhecimento, e somos todos beneficiados por ele, mas há pouca sabedoria. O ser humano é capaz de desvendar os segredos do universo, mas não sabe o que fazer com eles. Quase tudo o que descobre ou cria volta-se contra ele. Mais de um século atrás, Henry David Thoreau advertiu que possuíamos "meios perfeitos para alcançar fins imperfeitos".

Às vezes, quando ando de ônibus ou de trem por minha cidade, lembro-me do homem de Boston que ciceroneava um estudioso chinês famoso. Encontrou-se com seu

amigo oriental na estação de trem, de onde se dirigiram apressadamente para o metrô. Enquanto corriam pela estação, o anfitrião disse, quase sem fôlego, a seu convidado:

- Se corrermos e pegarmos o próximo, ganharemos três minutos!

Ao que o paciente filósofo chinês perguntou:

- E que coisa importante faremos com esses três minutos que vamos ganhar?

O mundo, por sua sabedoria, não conhece a Deus, e sua sabedoria rejeita o próprio evangelho de Deus. "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem" (1 Co 1:18). Qualquer pessoa que se deixa encantar pela sabedoria deste mundo deve ler os dois primeiros capítulos de 1 Coríntios e observar quanta coisa Paulo tem a dizer sobre a sabedoria de Deus e a sabedoria dos homens. Para Deus, a sabedoria humana não passa de loucura (1 Co 1:20), e, para os homens, a sabedoria de Deus é loucura (1 Co 2:14). A sabedoria humana vem da razão, enquanto a sabedoria divina vem da revelação. A sabedoria do mundo não leva a lugar algum (1 Co 1:19), enquanto a sabedoria de Deus permanece para sempre.

Uma vez que o mundo afastou-se de Deus, perdeu a sabedoria. Todo aumento do conhecimento humano serve apenas para amplificar os problemas. "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência" (Pv 9:10). "Não há temor de Deus diante de seus olhos" (Rm 3:18).

Essa falsa sabedoria tem outra origem: é "animal". O termo usado é *psukikos*, que vêm da palavra grega *psuke*, "vida" ou "alma". A palavra "psicologia" é derivada desse termo. Em 1 Coríntios 2:14; 15:44, 46, *psukikos* é traduzido por "natural", em contraste com "espiritual". Em Judas 19 é traduzido por "sensuais". Ao que parece, a idéia central é a natureza decaída do homem em contraste com a nova natureza dada por Deus. Há uma sabedoria que se origina da natureza do homem, inteiramente separada do Espírito de Deus.

Mas tal "sabedoria terrena" também é "demoníaca". Começando em Gênesis 3,

quando Satanás conseguiu enganar Eva, e se estendendo por toda a Bíblia, vemos uma "sabedoria de Satanás" operando em oposição à sabedoria de Deus. Satanás convenceu Eva de que ela seria como Deus. Disse-lhe que a árvore a tornaria sábia. Desde esse acontecimento, as pessoas continuam acreditando nas mentiras de Satanás e tentando tornar-se os próprios deuses (Rm 1:18-25). Satanás é astuto; é a antiga serpente! Tem uma sabedoria que desorienta e confunde o que não conhece a sabedoria de Deus.

Em contraste com a sabedoria terrena, animal e diabólica, Tiago descreve "a sabedoria, porém, lá do alto" (Tg 3:17). "Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto" (Tg 1:17). O cristão olha para o céu em busca de tudo o que precisa. Sua cidadania encontra-se no céu (Fp 3:20), da mesma forma como seu Pai está no céu (Mt 6:9). Seus tesouros estão no céu, não na Terra (Mt 6:19ss). Ele nasceu do alto (Jo 3:1-7) quando creu em Jesus Cristo. O lar do cristão é no céu (Jo 14:1-6), e sua esperança está no céu. Dedica sua afeição e atenção às coisas do alto, não às coisas terrenas (Cl 3:1-4).

O que é a sabedoria do cristão? Ele olha para as filosofias deste mundo? Não! Em primeiro lugar, Jesus Cristo é nossa sabedoria (1 Co 1:24, 30). Em Jesus Cristo, "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2:3). O primeiro passo para a verdadeira sabedoria é receber a Jesus Cristo como Salvador.

A Palavra de Deus também é nossa sabedoria. "Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos [...]. Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos" (Dt 4:5, 6). As Escrituras também podem tornar o cristão "sábio para a salvação" (2 Tm 3:15).

Tiago 1:5 indica que encontramos a sabedoria por meio da oração feita com fé. "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus". O Espírito Santo de Deus é "espírito de sabedoria e de revelação" (Ef 1:17) e nos orienta pelo caminho mais sábio, quando cremos na Palavra e oramos.



A origem da verdadeira sabedoria espiritual é Deus. Obter sabedoria de qualquer outra fonte é pedir para ter problemas. Não precisamos adquirir a sabedoria falsa do mundo, a sabedoria que agrada a carne e que realiza a obra do diabo. Devemos obter a sabedoria de Deus!

## 2. CONTRASTE DE OPERAÇÃO (Tg 3:13, 14, 17)

A sabedoria do alto, a sabedoria de Deus, opera de maneira inteiramente distinta da sabedoria "terrena, animal e diabólica". Uma vez que se originam de duas fontes radicalmente distintas, é lógico que operem de maneiras opostas.

Que elementos indicam a presença de tal sabedoria falsa?

**Inveja (v. 14a).** Essa palavra tem o sentido de ambição egoísta e zelo. Pode ser associada a Tiago 3:1, em que Tiago adverte seus leitores a não ambicionarem cargos de liderança espiritual. A sabedoria do mundo diz: "Promova a si mesmo. Você é tão bom quanto os outros candidatos, talvez melhor! A roda que mais chia é a que recebe mais graxa". Infelizmente, há um bocado de autopromoção egoísta e carnal no meio do povo de Deus. Até mesmo os apóstolos discutiram sobre quem seria o maior no reino.

É fácil deixar o ego tomar conta à guisa de zelo espiritual. Os fariseus usavam suas atividades religiosas para obter o louvor dos homens (Mt 6:1-18). Devemos ser zelosos para com as coisas do Senhor, mas também nos certificar de que temos as motivações corretas. A sabedoria deste mundo exalta o homem e não dá a Deus a glória que lhe é devida. Em 1 Coríntios 1:17ss, Paulo trata da sabedoria de Deus e da sabedoria deste mundo e explica por que Deus opera da maneira como o faz: "A fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Co 1:29). Conclui a seção admoestando: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Co 1:31).

Nosso zelo pelo Senhor é espiritual ou carnal? Regozijamo-nos quando outros são bem-sucedidos ou temos críticas e inveja secretas? Entristecemos-nos quando alguém

falha ou ficamos contentes? Devemos ter cuidado, pois quando a sabedoria do mundo se infiltra na igreja, o que se vê é um bocado de promoção carnal e de glorificação humana.

**Contenda (v. 14b).** O termo traduzido por *sentimento faccioso* significa "partidarismo". Era usado pelos gregos para descrever um político em campanha para obter votos. A sabedoria do mundo diz: "consiga todo apoio que puder... pergunte às pessoas da igreja se são contra você ou a favor!" É evidente que esse espírito de interesse próprio só conduz a rivalidades e a divisões dentro da igreja. "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo" (Fp 2:3).

**Vanglória (v. 14c).** O orgulho deleita-se na vanglória, e nada é mais cheio de orgulho do que a sabedoria humana. Há uma forma de relatar bênçãos que dá a glória a Deus, mas também há uma abordagem que louva os homens. É triste observar a existência de "sociedades de admiração mútua" no meio do povo de Deus. Em 2 Coríntios 10, quando Paulo é forçado a elogiar o próprio ministério, tem o cuidado de dar a glória a Deus. "Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez" (2 Co 10:12).

Quando a sabedoria de Deus opera, há um sentimento de humildade e de submissão e o desejo de que Deus receba toda a glória. Não há desejo algum de nos comparar a qualquer outro cristão, pois vemos somente a Cristo - e, comparados com ele, todos ainda temos muito a aprender!

**Dolo (v. 14d).** "Nem mintais contra a verdade." A seqüência não é difícil de entender. Primeiro, há uma ambição egoísta que conduz ao partidarismo e à rivalidade. A fim de "ganhar as eleições", recorre-se à vanglória que, por sua vez, *normalmente envolve mentiras!* A vida de um homem não é descrita em seu perfil divulgado para a imprensa; antes, é vista pelo Senhor em seu coração. "Portanto, nada julgueis antes do

tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus" (1 Co 4:5).

Que alívio examinar agora os elementos que indicam a presença da verdadeira sabedoria!

**Mansidão (v. 13).** Mansidão não é sinônimo de fraqueza; é poder sob controle. A pessoa mansa não se impõe egoisticamente. O termo grego era usado para um cavalo domado cujo poder está sob controle. A pessoa mansa busca somente a glória de Deus, não o louvor dos homens. A mansidão é um fruto do Espírito (Gl 5:23); não pode ser produzida pelo homem. Existe uma falsa humildade que, por vezes, as pessoas confundem com mansidão, mas que não passa de falsificação.

A expressão "mansidão de sabedoria" é interessante (Tg 3:13). A mansidão é o uso correto do poder, e a sabedoria é o uso correto do conhecimento. As duas coisas andam juntas. O indivíduo verdadeiramente sábio demonstra em sua vida diária (o *proceder* refere-se ao "comportamento") que é um filho de Deus. A atitude e a ação andam juntas.

**Pureza (v. 17a).** A expressão "Primeiramente, pura" indica a importância da santidade. Deus é santo e, portanto, a sabedoria que vem do alto é pura. Esse termo dá a idéia de "casto, livre de qualquer contaminação". Tiago volta a empregá-lo em Tiago 4:8: "limpai o coração" ou "fazei casto o coração". A sabedoria de Deus conduz à pureza de vida. A sabedoria humana pode levar ao pecado. Existe uma pureza espiritual resultante de um relacionamento puro com o Senhor (2 Co 11:3); e existe um mundanismo que torna o indivíduo um adúltero espiritual (Tg 4:4).

**Paz (v. 17b).** A sabedoria humana conduz à competição, à rivalidade e à guerra (Tg 4:1, 2), mas a sabedoria de Deus conduz à paz. Trata-se de uma paz baseada na santidade, não em concessões indevidas. Deus nunca visa a "paz a qualquer preço". A paz da igreja não é mais importante do

que a pureza da igreja. Se a igreja for pura e consagrada a Deus, haverá paz. "O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre" (Is 32:17). A igreja não pode ter paz varrendo os pecados para debaixo do tapete e fazendo de conta que não existem. A sabedoria humana diz: "Vamos encobrir o pecado e manter a união!" A sabedoria de Deus diz: "Confessem os pecados, e minha paz manterá a união!"

**Indulgência (v. 17c).** Matthew Arnold gostava de chamar essa característica de "razoabilidade amável". Tem o sentido de moderação sem concessões indevidas, ternura sem fraqueza. Uma pessoa indulgente não provoca brigas deliberadamente, mas também não cede no que se refere à verdade só para manter a paz. Carl Sandburg descreveu Abraham Lincoln como um homem feito de "aço aveludado", uma excelente definição para a indulgência.

**Flexibilidade (v. 17d).** A sabedoria de Deus torna o cristão uma pessoa tratável, com a qual é fácil conviver e trabalhar. A sabedoria humana torna o indivíduo duro e obstinado. A pessoa tratável está disposta a ouvir todos os lados da questão, mas não abre mão das próprias convicções. Pode discordar sem ser desagradável. Esse cristão é "pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar" (Tg 1:19). Muitos confundem convicção com obstinação e querem que tudo seja feito a seu modo. Quando a sabedoria de Deus opera, vê-se uma disposição para ouvir, pensar, orar e obedecer ao que Deus revela. Outra forma de traduzir essa palavra é "persuasão complacente".

**Misericórdia (v. 17e).** Estar "pleno" de algo significa "ser controlado" por algo. A pessoa que segue a sabedoria de Deus é controlada pela misericórdia. "Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai" (Lc 6:36). Em sua graça, Deus nos dá o que não merecemos e, em sua misericórdia, deixa de nos dar o que merecemos. A parábola de Jesus sobre o bom samaritano ilustra o significado da misericórdia (Lc 10:25-37). Um samaritano cuidar de um desconhecido judeu foi um ato de misericórdia.

Não teria benefício algum senão a bênção resultante de fazer a vontade de Deus, e a vítima não teria como reembolsá-lo. Isso é misericórdia.

**Bons frutos (v. 17f).** Quem é fiel também é produtivo. A sabedoria de Deus não torna a vida vazia, mas sim plena. O Espírito produz fruto para a glória de Deus (ver Jo 15:1-16). O intérprete da Lei, em Lucas 10:25-37, estava disposto a *discutir* a questão do bom relacionamento com o próximo, mas não a ser o próximo nem a ajudar outra pessoa. A sabedoria de Deus é prática; ela muda a vida e produz boas obras para a glória de Deus.

**Imparcialidade (v. 17g).** O termo “imparcial” sugere decisão e é o oposto de “nada duvidando” (Tg 1:6). Quando nos fiamos na sabedoria do mundo, somos pressionados por todos os lados a mudar de idéia e a favorecer uma ou outra coisa. Quando temos a sabedoria de Deus, não vacilamos nem precisamos temer as conseqüências de ser justos. A sabedoria do alto dá força do alto.

**Sinceridade (v. 17h).** O termo grego traduzido por  *fingido* ou  *hipócrita*, no Novo Testamento, significa “alguém que usa uma máscara, um ator”. Quando a sabedoria humana opera, pode haver insinceridade e dissimulação. Quando a sabedoria de Deus opera, há franqueza e honestidade, “seguindo a verdade em amor” (Ef 4:15). Quando encontramos o povo de Deus fingindo e se escondendo, podemos estar certos de que é a sabedoria do mundo que governa seu ministério. A “politicagem religiosa” é uma abominação aos olhos de Deus. “Crer é viver sem tramar.”

Observamos um contraste e tanto entre a operação da sabedoria de Deus e a operação da sabedoria deste mundo. Seria bastante proveitoso aos ministros e líderes da igreja avaliarem a própria vida e ministério à luz do que Tiago escreveu. Apesar de a igreja local ser uma organização, não pode depender dos métodos seculares que garantem o sucesso no mundo dos negócios. Os caminhos e os pensamentos de Deus são muito mais elevados do que os nossos! “Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo,

e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente” (1 Co 2:12).

### 3. CONTRASTE DE RESULTADOS (Tg 3:16, 18)

A origem determina o resultado. A sabedoria do mundo produz resultados mundanos; a sabedoria do alto produz resultados espirituais.

**A sabedoria do mundo causa problemas (v. 16).** Inveja, contenda, confusão, obras malignas. Ao que parece, Deus não estava operando nessa congregação. Em Tiago 4, Tiago trata das “lutas e guerras” entre os cristãos. Uma forma errada de pensar produz uma forma errada de viver. Um dos motivos pelos quais o mundo encontra-se tão caótico é a recusa dos seres humanos em aceitar a sabedoria de Deus.

O termo traduzido por  *confusão* significa “desordem resultante de instabilidade”. É relacionado à palavra “incontido” em Tiago 3:8. Ao ler 2 Coríntios 12:20, encontramos a descrição de uma igreja confusa. Jesus usou essa palavra para descrever o mundo no fim dos tempos (Lc 21:9).

Inveja, competição e sentimento faccioso – tudo isso contribui para a confusão. A Torre de Babel, em Gênesis 11, é uma boa ilustração desse fato. Do ponto de vista humano, a construção da torre era uma idéia sábia, mas do ponto de vista de Deus, era um projeto tolo e pecaminoso. O resultado? Confusão. Até hoje, usamos a palavra “babel” para nos referir a desordem e tumulto.

A confusão prepara o terreno para “toda espécie de coisas ruins” (Tg 3:16). As coisas ruins, aqui, são “imprestáveis, insignificantes” e trazem à memória “madeira, feno e palha” em 1 Coríntios 3:12. Um ministério que opera segundo a sabedoria deste mundo pode parecer grande e bem-sucedido, mas será consumido pelo fogo no dia do julgamento. “Portanto, nada julgueis antes do tempo” (1 Co 4:5). A igreja de Esmirna pensava que era pobre, mas o Senhor disse que ela era rica, enquanto a “igreja rica” de Laodicéia foi declarada pobre (Ap 2:9; 3:14-22).

A coisa mais importante a fazer em nossa congregação local é medir o ministério segundo a Palavra de Deus, não segundo a sabedoria humana. As muitas contendas entre cristãos, divisões na igreja e a falta de pureza e de paz sugerem que algo está errado. Talvez esse "algo" seja a ausência de sabedoria de Deus.

***A sabedoria de Deus produz bênção (v. 18).*** Tiago volta a usar a palavra *fruto*. Existe uma grande diferença entre os resultados produzidos por mãos humanas e os frutos dados por Deus. O fruto é produto da vida e contém dentro de si as sementes para mais frutos. Costuma-se colocar no solo a semente, mas aqui o *fruto* é semeado. Ao compartilhar os frutos de Deus com outras pessoas, elas são alimentadas e saciadas e, por sua vez, dão mais frutos.

A vida cristã consiste em semear e em ceifar. Aliás, toda vida é assim, e ceifamos exatamente o que semeamos. O cristão que segue a sabedoria de Deus semeia a justiça, não o pecado; semeia a paz, não a guerra. A forma de vivermos permite que o

Senhor promova justiça e paz na vida de outros.

Somos o que *vivemos*, e o que *vivemos* é o que *semeamos*. Se vivermos segundo a sabedoria de Deus, semearemos justiça e paz e colheremos a bênção de Deus. Se vivermos segundo a sabedoria do mundo, semearemos pecado e guerra e colheremos "confusão e toda espécie de coisas ruins".

É algo extremamente sério causar confusão na família de Deus. Um dos pecados que Deus abomina é que se semeie "contendas entre irmãos" (ver Pv 6:16-19). Ló seguiu a sabedoria do mundo e trouxe problemas para o acampamento de Abraão; mas Abraão seguiu a sabedoria de Deus e trouxe paz. A decisão de Ló resultou em "obras impresentáveis", e tudo em função do que ele vivia foi consumido pelo fogo na destruição de Sodoma e Gomorra. A decisão de Abraão, segundo a sabedoria de Deus, redundou em bênçãos para a própria família e, em última análise, para o mundo inteiro (ver Gn 13). "Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento" (Pv 3:13).

## COMO PÔR FIM A GUERRAS

TIAGO 4:1-12

Você já ouvi falar da “Guerra dos Bigodes” ou da “Guerra do Balde de Carvalho”? E quanto à “Guerra da Orelha do Jenkins”? Esses são nomes de guerras reais que ocorreram entre nações e que podem ser encontradas em vários livros de história.

Apesar dos tratados, das organizações mundiais pela paz e da ameaça de bombas atômicas, a guerra é uma realidade. As guerras não são travadas apenas entre nações, mas também, em maior ou menor grau, em todas as áreas da vida – até mesmo “guerras de preços” entre lojas.

Neste parágrafo, Tiago trata desse tema importante e mostra que existem três guerras em andamento no mundo. Também diz como essas guerras poderiam ter fim.

### 1. EM GUERRA UNS COM OS OUTROS (Tg 4:1A, 11, 12)

“De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?” Entre os cristãos! “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!” (Sl 133:1). Por certo, os irmãos devem viver juntos em amor e harmonia e, no entanto, com frequência não é isso o que acontece. Ló causou uma briga com seu tio Abraão (Gn 13). Absalão entrou em guerra com o pai (2 Sm 13 - 18). Até mesmo os discípulos criaram problemas para Jesus ao discutirem entre si quem era o maior no reino (Lc 9:46-48).

Quando examinamos algumas das igrejas primitivas, descobrimos que tinham sua parcela de desentendimentos. Os membros da igreja de Corinto competiam entre si durante os cultos e até levavam irmãos na fé à justiça (1 Co 6:1-8; 14:23-40). Os cristãos

da Galácia estavam “[mordendo] e [devorando] uns aos outros” (Gl 5:15). Paulo teve de admoestar os efésios a cultivar a unidade espiritual (Ef 4:1-16); e até sua igreja querida em Filipos enfrentava problemas por causa de duas mulheres que não se entendiam (Fp 4:1-3).

Tiago menciona vários tipos de discórdia entre os santos.

**Lutas de classes (Tg 2:1-9).** Vemos aqui a antiquíssima rivalidade entre ricos e pobres. O homem rico recebe toda a atenção, enquanto o homem pobre é ignorado. O homem rico é honrado, enquanto o homem pobre é humilhado. Como é triste quando as igrejas locais têm valores confusos e procuram agradar os ricos e se esquecem dos pobres ou até os rejeitam! Se a comunhão em uma igreja depende de coisas exteriores, como roupas e posição econômica, a igreja está fora da vontade de Deus.

**Lutas trabalhistas (Tg 5:1-6).** Mais uma vez, o homem rico tem o poder de controlar e de prejudicar o homem pobre. Os trabalhadores não são pagos ou seu salário não é justo. Apesar dos movimentos trabalhistas de nosso tempo, ainda há muitas pessoas que não conseguem um bom emprego ou que não são devidamente pagas pelo que fazem.

**Lutas na igreja (Tg 1:19, 20; 3:13-18).** Ao que parece, os cristãos para os quais Tiago escreveu estavam em guerra uns com os outros por cargos dentro da igreja, e muitos membros queriam ser mestres e líderes. Quando estudavam a Palavra de Deus, o resultado não era edificação, mas sim contenda e discussão. Cada um achava que somente suas idéias e práticas eram corretas. As reuniões eram controladas por ambições egoístas, não por submissão espiritual.

**Lutas pessoais (Tg 4:11, 12).** Os santos falavam mal uns dos outros e julgavam uns aos outros. Vemos aqui, mais uma vez, o uso indevido da língua. Os cristãos devem dizer “a verdade em amor” (Ef 4:15) e não falar mal com espírito de rivalidade e de crítica. Se a verdade sobre o irmão é prejudicial, devemos cobri-la com amor, não repeti-la (1 Pe 4:8). Se pecou, devemos nos

dirigir a ele pessoalmente e tentar ganhá-lo de volta (Mt 18:15-19; Gl 6:1, 2).

Tiago não proibia o uso do discernimento nem mesmo a avaliação das pessoas. Os cristãos precisam ter discernimento (Fp 1:9, 10), mas não devem tomar o lugar de Deus e julgar. Primeiramente se deve examinar a própria vida para, depois, tentar ajudar a outros (Mt 7:1-5). Ninguém conhece todos os fatos envolvidos em um caso e, por certo, nunca saberá os motivos no coração das pessoas. Falar mal de um irmão e julgá-lo com base em evidências parciais e (provavelmente) por insensibilidade é pecar contra ele e contra Deus. Não fomos chamados para ser juízes; o único Juiz é Deus. Ele é paciente e compreensivo; seus julgamentos são justos e santos; podemos deixar a questão em suas mãos.

É triste ver os santos guerreando entre si: um líder contra outro, uma denominação contra outra, uma congregação contra outra. O mundo vê essas guerras religiosas e diz: "Vejam como se odeiam!" Não é de se admirar que Jesus tenha orado: "Que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17:21).

Mas por que estamos em guerra uns com outros? Pertencemos à mesma família, cremos no mesmo Salvador, temos dentro de nós o mesmo Espírito Santo – e, no entanto, lutamos uns com os outros. Tiago diz por que isso acontece explicando a segunda guerra que se encontra em andamento.

## 2. EM GUERRA COM NÓS MESMOS (Tg 4:1B-3)

"De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?" (Tg 4:1). A guerra no coração contribui para causar as guerras na igreja! "Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade [...] Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins" (Tg 3:14, 16).

A essência do pecado é o egoísmo. Eva desobedeceu a Deus porque quis comer do fruto da árvore e se tornar sábia como Deus. Abraão mentiu sobre a esposa por causa de seu desejo egoísta de salvar a própria vida (Gn 12:10-20). Acã trouxe derrota a Israel porque foi egoísta e tomou o espólio proibido das ruínas de Jericó (Js 7). "Cada um se desviava pelo [próprio] caminho" (Is 53:6).

Com frequência, encobrimos nossas brigas com um véu de "espiritualidade". Somos como Miriã e Arão, que se queixaram da esposa de Moisés quando, na verdade, estavam com inveja da autoridade dele (Nm 12). Ou, então, imitamos Tiago e João e pedimos tronos especiais no reino por vir, quando, na realidade, o que queremos é reconhecimento no presente (Mc 10:35-45). Em ambos os casos, o resultado do desejo egoísta foi castigo e divisão no meio do povo de Deus. O pecado de Miriã atrasou a viagem de Israel em uma semana!

Os desejos egoístas são perigosos e nos levam a *fazer coisas erradas* ("viveis a lutar e a fazer guerras", Tg 4:2), e até mesmo a *orar da maneira errada* ("pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres", Tg 4:3).

Quando oramos de forma incorreta, mostramos que nossa vida cristã como um todo está errada. Alguém disse bem que o objetivo da oração não é fazer com que a vontade do homem se realize no céu, mas sim que a vontade de Deus se realize na Terra.

"Não cobiçarás" é o último dos Dez Mandamentos de Deus, mas sua transgressão pode nos levar a quebrar os outros nove mandamentos! A cobiça pode levar uma pessoa a matar, mentir, desonrar os pais, cometer adultério e, de uma forma ou de outra, transgredir toda a lei moral de Deus. Uma vida egoísta e orações egoístas sempre produzem guerras. Se há guerra do lado de dentro, também acabará havendo do lado de fora.

Quem está em guerra consigo mesmo por causa de desejos egoístas é sempre infeliz. Nunca aproveita a vida. Em vez de ser grato pelas bênçãos que tem, queixa-se das que não tem. Não consegue entender-se

com os semelhantes, pois sempre inveja os outros por aquilo que possuem ou são. Está sempre à procura de algo especial que transformará sua vida, quando, na verdade, o problema está dentro do próprio coração.

Por vezes, as orações são usadas para encobrir os verdadeiros desejos. Uma das maiores desculpas que um cristão usa é dizer: "mas eu orei sobre isso!" Em lugar de buscar a vontade de Deus, dizemos a Deus o que ele deve fazer e ficamos zangados quando não nos obedece. Essa ira com Deus acaba transbordando na forma de ira contra o povo de Deus. Várias divisões dentro da igreja foram causadas por santos que descontentaram suas frustrações com Deus em membros da congregação. Muitos problemas nas igrejas e nas famílias seriam resolvidos se as pessoas olhassem dentro de seu coração e vissem as batalhas em andamento dentro dele.

Deus formou-nos como uma unidade: a mente, as emoções e a volição devem andar juntas. Tiago apresenta o motivo pelo qual estamos em guerra com nós mesmos e, conseqüentemente, uns com os outros.

### 3. EM GUERRA COM DEUS (Tg 4:4-10)

A raiz de toda guerra, interior ou exterior, é a rebelião contra Deus. No começo da criação, vemos perfeição e harmonia; mas o pecado entrou no mundo e deu início aos conflitos. "O pecado é a transgressão da lei" (1 Jo 3:4), e a transgressão da lei é rebelião contra Deus.

De que maneira um cristão declara guerra contra Deus? Ao ter amizade com os inimigos de Deus. Tiago cita três inimigos com os quais não confraternizar, se desejamos ter paz com Deus.

**O mundo (v. 4).** Ao falar do "mundo", Tiago se refere, obviamente, à sociedade humana sem Deus. O sistema todo das coisas nessa sociedade em que vivemos é contrário a Cristo e a Deus. Abraão era amigo de Deus (Tg 2:23); Ló era amigo do mundo. Ló acabou se envolvendo em uma guerra, e Abraão teve de salvá-lo (Gn 14).

Como ressaltai no capítulo 4 deste estudo, o cristão envolve-se com o mundo aos

*poucos*. Primeiramente, vem "a amizade do mundo" (Tg 4:4). Tal amizade resulta em ser "maculado" pelo mundo (Tg 1:27), de modo que certas áreas da vida possam receber a aprovação do mundo. Quem tem amizade com o mundo passa a amar o mundo (1 Jo 2:15-17), o que, por sua vez, torna fácil conformar-se com o mundo (Rm 12:2). O triste resultado é ser condenado com o mundo (1 Co 11:32), e a alma ser salva "como que através do fogo" (1 Co 3:11-15).

A amizade com o mundo é comparada ao adultério. O cristão é "casado com Cristo" (ver Rm 7:4) e deve ser fiel a ele. Os cristãos judeus para os quais esta carta foi escrita entendiam a imagem do "adultério espiritual", pois os profetas Ezequiel, Jeremias e Oséias usaram-na para repreender Judá por seus pecados (ver Jr 3:1-5; Ez 23; Os 1 - 2). Ao adotar os costumes pecaminosos de outras nações e ao adorar seus deuses, a nação de Judá cometeu adultério contra seu Deus.

O mundo é inimigo de Deus, e quem deseja ser amigo do mundo não pode ser amigo de Deus. Também não pode ter amizade com Deus se estiver vivendo na carne, pois esse é o segundo inimigo citado por Tiago.

**A carne (vv. 1, 5).** Ao falar da "carne", Tiago refere-se à velha natureza que herdamos de Adão e que é propensa a pecar. A carne não é o corpo. O corpo não é pecaminoso, mas sim, neutro. O Espírito pode usar o corpo para glorificar a Deus, ou a carne pode usar o corpo para servir ao pecado. Quando um pecador se entrega a Cristo, recebe em seu interior uma nova natureza, mas a antiga natureza não é removida nem reformada. Por esse motivo, tem-se uma batalha interior: "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5:17). É isso o que Tiago chama de "prazeres que militam na vossa carne" (Tg 4:1).

Viver em função da carne significa entristecer o Espírito de Deus que habita em nós. "Ou supondes que em vão afirma a

Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?” (Tg 4:5). Assim como o mundo é inimigo de Deus Pai, a carne é inimiga de Deus Espírito Santo. Deus tem por nós um zelo santo e amoroso, como o marido e a esposa têm, devidamente, um pelo outro. O Espírito em nosso interior guarda com grande zelo nosso relacionamento com Deus e se entristece quando pecamos contra o amor de Deus.

Viver de modo a agradar à velha natureza significa declarar guerra contra Deus. “O pendor da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8:7). Permitir que a carne controle a mente é perder a bênção e a comunhão com Deus. Abraão tinha uma mente espiritual e, portanto, andava com Deus e desfrutava paz. Ló tinha uma mente carnal; desobedecia a Deus e experimentava guerras. “Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz” (Rm 8:6).

**O diabo (vv. 6, 7).** O mundo está em conflito com o Pai; a carne luta contra o Espírito, e o diabo opõe-se ao Filho de Deus. O maior pecado de Satanás é o orgulho, que ele também usa como uma de suas principais armas na guerra contra os santos e o Salvador. Deus deseja que sejamos humildes; Satanás deseja que sejamos orgulhosos. “Sereis como Deus”, Satanás prometeu a Eva, que creu nessa promessa. Um cristão recém-convertido não deve ser colocado em cargos de liderança espiritual “para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1 Tm 3:6).

Deus quer que sejamos dependentes de sua graça (“antes, ele dá maior graça”), enquanto o diabo quer que sejamos dependentes de nós mesmos. Satanás é o autor de todos os empreendimentos espirituais que procuramos realizar por conta própria. Ele gosta de inchar o ego e de encorajar o cristão a fazer as coisas a sua maneira. Apesar das advertências de Jesus sobre os planos de Satanás, Pedro caiu em uma armadilha, puxou sua espada e tentou realizar a vontade de Deus a seu modo, causando grande confusão.

Um dos problemas das igrejas de hoje é o número excessivo de celebridades e a

falta de servos. Os obreiros cristãos são tão promovidos que sobra pouco espaço para a glória de Deus. O ser humano não tem coisa alguma de que se orgulhar. Não há bem algum em nós (Rm 7:18); mas quando cremos em Cristo, ele coloca em nós aquela “coisa boa” que nos transforma em filhos de Deus (ver 2 Tm 1:6, 14).

Temos aqui, portanto, três inimigos que desejam afastar-nos de Deus: o mundo, a carne e o diabo. Esses inimigos são resquícios de nossa antiga vida de pecado (Ef 2:1-3). Cristo nos libertou deles, mas eles continuam a nos atacar. Como vamos derrotá-los? Como ser amigos de Deus e inimigos do mundo, da carne e do diabo? Tiago dá três instruções a fim de que tenhamos paz no lugar de guerra.

**Sujeitai-vos a Deus (v. 7).** Trata-se de um termo militar que significa “colocar-se no devido lugar dentro de uma hierarquia”. Quando um soldado raso age como um general, sem dúvida cria problemas! A entrega incondicional é a única maneira de obter vitória completa. Enquanto não entregarmos a Deus todas as áreas da vida, continuaremos sempre vivendo em conflito. Isso explica por que cristãos sem compromisso com Deus não conseguem conviver consigo mesmos nem com os outros.

“Nem deis lugar ao diabo”, adverte Paulo em Efésios 4:27. Satanás precisa de um ponto de apoio em nossa vida para nos fazer lutar contra Deus, e, por vezes, *nós lhe damos esse apoio*. A fim de resistir ao diabo, devemos nos sujeitar a Deus.

Depois que o rei Davi cometeu adultério com Bate-Seba, ocultou seu pecado durante quase um ano. Houve uma guerra entre ele e Deus, e foi o próprio Davi quem a declarou. Ao ler os Salmos 32 e 51, vemos o alto preço que Davi pagou por estar em guerra com Deus. Quando finalmente se sujeitou a Deus, teve paz e alegria, uma experiência que também se encontra registrada nos Salmos 32 e 51. A sujeição é um ato da volição pelo qual dizemos: “Não se faça a minha vontade, e sim a tua”.

**Chegai-vos a Deus (v. 8).** De que maneira nos chegamos a Deus? Confessando os



pecados e pedindo que Deus nos purifique. "Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração". O termo grego traduzido por "purificar" significa "tornar casto". Essa idéia é paralela ao conceito de "adultério espiritual" em Tiago 4:4.

A. W. Tozer escreveu um ensaio profundo sobre esse assunto chamado "Nearness is Likeness" [Proximidade É Semelhança]. Quanto mais semelhantes somos a Deus, mais próximos estamos dele. Posso estar sentado na sala com meu gato siamês no colo, enquanto minha esposa está a uns sete metros de distância na cozinha e, ainda assim, estou mais perto dela do que do gato, pois o gato é diferente de mim. Temos muito pouco em comum.

Em sua bondade, Deus aproxima-se de nós quando tratamos do pecado em nossa vida, pois, de outro modo, esse pecado o manteria longe de nós. Ele não divide os seus com ninguém; deve ter controle absoluto. O cristão de mente dobre não pode aproximar-se de Deus. Mais uma vez, lembramos do exemplo de Abraão e Ló. Abraão chegou-se a Deus e conversou com ele sobre Sodoma (Gn 18:23ss), enquanto Ló mudou-se para Sodoma e perdeu a bênção de Deus.

***Humilhai-vos diante de Deus (vv. 9, 10).***

É possível sujeitar-se exteriormente sem se humilhar interiormente. Deus abomina o

pecado do orgulho (Pv 6:16, 17) e disciplina o cristão orgulhoso até torná-lo humilde. Nossa tendência é tratar o pecado com leviandade, e até mesmo rir dele ("converta-se o vosso riso em pranto"). Mas o pecado é algo sério, e uma das características da verdadeira humildade é encarar a seriedade do pecado e tratar de nossa desobediência. "Coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51:17).

Às vezes, o cristão ora: "Senhor, torne-me humilde!", um pedido perigoso. É muito melhor humilhar-se diante de Deus, confessar os pecados, chorar sobre eles e se arrepender deles. "Mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra" (Is 66:2). "Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido" (Sl 34:18).

Obedecendo a essas três instruções, o Senhor se achegará a nós, nos purificará e perdoará, e *as guerras terão fim!* Não estaremos em guerra com Deus, de modo que não estaremos em guerra conosco mesmos e nem com os outros. "O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre" (Is 32:17).

É preciso entregar o controle da vida ao Senhor e permitir que ele se torne nosso Príncipe da Paz (Is 9:6).

## PLANEJAMENTO

TIAGO 4:13-17

**T**iago começa o capítulo 4 falando da guerra contra Deus e o encerra falando da vontade de Deus. Mas os dois temas são relacionados: quando um cristão está fora da vontade de Deus, em vez de ser pacificador, torna-se um agitador.

Ló mudou-se para Sodoma e causou problemas para a família. Davi cometeu adultério e também gerou conflitos na família e em seu reino. Jonas desobedeceu a Deus e quase mandou um navio de pagãos para o fundo do mar. Em cada um desses casos, houve uma atitude errada com respeito à vontade de Deus.

É fato conhecido que Deus tem um plano para a vida de cada um. Ele é um Deus de *sabedoria* e, portanto, sabe o que deve acontecer e quando deve acontecer. E, como Deus de *amor*, deseja o melhor para seus filhos. Muitos cristãos consideram a vontade de Deus um remédio amargo que devem tragar, não uma prova bondosa do amor de Deus.

– Poderia entregar minha vida ao Senhor, mas tenho medo – disse-me um adolescente perplexo num congresso de jovens da igreja.

– Do que você tem medo? – perguntei.

– Tenho medo de que Deus vai me pedir para fazer algo perigoso!

– Viver perigosamente não é algo que está *dentro* da vontade de Deus – respondi. – Pelo contrário, é algo *fora* da vontade de Deus. O lugar mais seguro do mundo é justamente aquele onde Deus quer que estejamos.

Alguns anos atrás, passava por uma fase difícil em meu ministério e questionava a vontade de Deus. Durante as férias, li o Livro

de Salmos, pedindo a Deus que me desse alguma certeza e encorajamento. Ele respondeu a essa oração com o Salmo 33:11: “O conselho do SENHOR dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações”.

“A vontade de Deus vem do coração de Deus”, disse a mim mesmo. “Sua vontade é uma expressão de seu amor, de modo que não preciso temer!”

Nesta seção de sua carta, Tiago ressalta três atitudes em relação à vontade de Deus. É evidente que somente uma delas é a atitude correta que todo cristão deve cultivar.

### 1. IGNORAR A VONTADE DE DEUS (Tg 4:13, 14, 16)

Talvez Tiago estivesse se dirigindo aos comerciantes ricos da congregação. É possível que discutissem seus negócios e que se vangloriassem de seus planos. Não há evidência alguma de que buscassem a vontade de Deus nem de que orassem sobre suas decisões. Mediam o sucesso na vida pelas vezes que conseguiam fazer as coisas a seu modo e realizar o que haviam planejado.

Mas Tiago apresenta quatro argumentos que revelam a insensatez de ignorar a vontade de Deus.

**A complexidade da vida (v. 13).** A vida é extremamente complexa: o hoje, o amanhã, comprar, vender, ter lucro ou prejuízo, ir para cá ou para lá... A vida é feita de pessoas e lugares, de atividades e objetivos, de dias e anos, e todos precisam tomar várias decisões cruciais diariamente.

Fora da vontade de Deus, a vida é um mistério. Quando aceitamos a Jesus Cristo como nosso Salvador e procuramos obedecer a sua vontade, a vida começa a fazer sentido. Até o mundo físico a nosso redor adquire novo significado. Há tal simplicidade e unidade em nossa vida que dá equilíbrio e segurança. Não se vive mais em um universo misterioso e ameaçador, pois sabemos que ele pertence ao Pai.

**A incerteza da vida (v. 14a).** Essa declaração tem por base Provérbios 27:1: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz”. Esses homens de negócios

faziam planos para o ano inteiro, quando, na verdade, não eram capazes de prever *um dia sequer!* Podemos ver como eram confiantes: "Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros".

Sua atitude lembra a do fazendeiro da parábola de Jesus em Lucas 12:16-21. O homem teve colheitas extremamente fartas; seus celeiros eram pequenos demais, de modo que decidiu construir outros maiores, a fim de garantir maior segurança para o futuro. "Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te" (Lc 12:19). Qual foi a resposta de Deus para a jactância desse homem? "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" (Lc 12:20). A vida não é incerta para Deus, mas o é para nós. Só estaremos seguros do amanhã se estivermos dentro da vontade de Deus, pois sabemos que o Senhor nos conduz.

**A brevidade da vida (v. 14b).** Trata-se de um tema que se repete ao longo das Escrituras. Para nós, a vida parece longa e a medimos em anos, mas, em comparação com a eternidade, é apenas como neblina. Tiago toma essa imagem emprestada do Livro de Jó, no qual encontramos vários retratos da brevidade da vida.

"Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira do tecelão" (Jó 7:6). "Tal como a nuvem se desfaz e passa" (Jó 7:9). "Porquanto nossos dias sobre a terra são como a sombra" (Jó 8:9). "Os meus dias foram mais velozes do que um corredor" (Jó 9:25), uma referência aos mensageiros do rei que se apressavam em suas missões. "Passaram como barcos de junco; como a águia que se lança sobre a presa" (Jó 9:26). "O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece" (Jó 14:1, 2).

A cada aniversário, contamos os *anos* de nossa vida, mas Deus nos diz para contar os *dias* (Sl 90:12). Afinal, vive-se um dia de cada vez, e, à medida que envelhecemos, tais dias passam cada vez mais rapidamente.

Uma vez que a vida é tão breve, não se pode ter o luxo de simplesmente a "gastar", e, por certo, ninguém quer "desperdiçá-la". A vida deve ser *investida* em coisas eternas.

Deus revela sua vontade em sua Palavra e, no entanto, muita gente ignora a Bíblia. Na Bíblia, Deus dá preceitos, princípios e promessas capazes de nos guiar em todas as áreas da vida. Conhecer e obedecer à Palavra de Deus é a maneira mais garantida de ter sucesso (Js 1:8; Sl 1:3).

**A fragilidade do ser humano (v. 16).** "Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna." A jactância do ser humano serve apenas para encobrir sua fraqueza. "O homem propõe, mas Deus dispõe", disse Thomas à Kempis, mas Salomão expressou a mesma verdade antes dele: "A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão" (Pv 16:33). O ser humano não é capaz de controlar os acontecimentos futuros. Também não tem sabedoria para ver o que o futuro reserva nem poder para *controlar* o futuro. Assim, sua jactância é pecado; é fazer-se de Deus.

Que insensatez ignorar a vontade de Deus! É como andar em uma selva escura sem um mapa ou navegar por um mar tempestuoso sem bússola. Quando visitamos a caverna Mammoth, no Estado do Kentucky, fiquei impressionado com o labirinto de túneis e a escuridão densa quando as luzes eram apagadas. Quando chegamos a um local chamado "Pedra do Púlpito", o homem responsável pelo passeio pregou um sermão de seis palavras: "Nunca se afastem de seu guia". Sem dúvida, um excelente conselho!

## 2. DESOBEDECER À VONTADE DE DEUS (Tg 4:17)

Essas pessoas *conhecem* a vontade de Deus, mas escolhem desobedecer. Tal atitude expressa ainda mais orgulho do que a primeira, pois a pessoa diz a Deus: "Sei o que o Senhor deseja que faça, mas prefiro não obedecer. Entendo mais do assunto que o Senhor!" "Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se

do santo mandamento que lhes fora dado" (2 Pe 2:21).

Por que pessoas que conhecem a vontade de Deus lhe desobedecem deliberadamente? Conforme sugeri antes, uma das razões é o orgulho. O ser humano gosta de vangloriar-se de ser "senhor do seu destino, capitão de sua alma". A raça humana realizou tantos feitos maravilhosos que pensa ser capaz de fazer qualquer coisa.

Outro motivo é a ignorância do ser humano acerca da natureza da vontade de Deus. As pessoas agem como se a vontade de Deus fosse algo a ser aceito ou rejeitado. Na verdade, a vontade de Deus não é uma opção, mas sim uma obrigação. Não é questão de "pegar ou largar". Devemos obedecer a Deus porque é o Criador e nós somos as criaturas, ele é o Salvador e Senhor e nós somos seus filhos e servos. Tratar a vontade de Deus com leviandade é pedir a disciplina de Deus em nossa vida.

Muita gente tem a idéia equivocada de que a vontade de Deus é uma fórmula para a infelicidade. Mas é justamente o contrário! É a *desobediência* à vontade de Deus que nos torna infelizes. Tanto a Bíblia quanto a experiência humana dão testemunho dessa verdade. Mesmo que um cristão desobediente pareça escapar incólume das dificuldades desta vida, o que dirá quando estiver diante do Senhor? "Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites" (Lc 12:47, 48).

O que acontece com os cristãos que desobedecem deliberadamente à vontade de Deus? São disciplinados por seu Pai amoroso até se sujeitarem (Hb 12:5-11). Se um cristão professo não é disciplinado, significa que nunca nasceu de novo e que sua fé não é autêntica. A disciplina de Deus é prova de seu amor, não de seu ódio. Assim como nós, pais humanos, corrigimos nossos filhos a fim de ajudá-los a respeitar nossa vontade e a obedecer, também o Pai celestial disciplina seus filhos. Apesar de ser difícil aceitar essa

disciplina, ela traz consigo a certeza confortadora da filiação.

Há, também, o risco de perder as recompensas celestiais. Em 1 Coríntios 9:24-27, Paulo compara o cristão a um corredor em competições gregas. A fim de se qualificar para receber uma coroa, o atleta deveria obedecer às regras da competição. Se algum dos participantes quebrasse essas regras seria desqualificado e humilhado. O termo "desqualificado", em 1 Coríntios 9:27, não significa a perda da salvação, mas sim das recompensas.

Desobedecer à vontade de Deus pode não parecer algo muito sério hoje, mas parecerá extremamente sério quando o Senhor voltar e examinar nossas obras (Cl 3:22-25).

### 3. OBEDECER À VONTADE DE DEUS (Tg 4:15)

"Se o Senhor quiser" não deve ser apenas uma declaração que o cristão faz da boca para fora, mas sim uma atitude constante de coração. "Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4:34). Paulo refere-se à vontade de Deus em várias ocasiões ao longo de suas epístolas ao compartilhar seus planos com os amigos (Rm 1:10; 15:32; 1 Co 4:19; 16:7). O apóstolo não considerava a vontade de Deus uma corrente que o prendia, mas sim uma chave que abria portas e que o libertava.

Tudo neste universo funciona de acordo com leis. Se cooperarmos com essas leis e lhes obedecermos, o universo trabalhará *em nosso favor*. Mas se lutarmos contra essas leis e lhes desobedecermos, o universo trabalhará *contra nós*. Existem, por exemplo, leis que governam o vôo. O engenheiro que obedece a essas leis ao projetar e construir uma aeronave e o piloto que obedece às mesmas leis ao pilotar a aeronave experimentarão a realização de ver uma grande máquina funcionar perfeitamente. Mas se desobedecerem às leis básicas que governam o vôo, o resultado será um acidente que poderá causar mortes e prejuízos materiais.

A vontade de Deus para nossa vida pode ser comparada às leis que ele estabeleceu

para o universo, com a seguinte exceção: essas leis são gerais, enquanto o que ele planejou para nossa vida é criado especificamente para nós. Não existem duas vidas planejadas exatamente dentro do mesmo padrão.

Por certo, algumas coisas valem para todos os cristãos. É da vontade de Deus que nos sujeitemos a ele (2 Co 8:5). Também é de sua vontade que não nos entreguemos à imoralidade sexual (1 Ts 4:3). Todos os cristãos devem regozijar-se, orar e agradecer a Deus (1 Ts 5:16-18). Todo mandamento da Bíblia dirigido aos cristãos faz parte da vontade de Deus e deve ser obedecido. No entanto, Deus não chama todos para realizar a mesma obra nem para exercitar os mesmos dons e ministérios. A vontade de Deus é "feita sob medida" para cada um de nós!

É importante ter uma atitude correta em relação à vontade de Deus. Há quem acredite que a vontade de Deus é um mecanismo frio e impessoal. Deus dá a partida, e nós devemos manter as engrenagens funcionando sem qualquer percalço. Se desobedecermos, o mecanismo emperrará, e passaremos o resto da vida fora da vontade de Deus.

Mas essa imagem não corresponde à verdade. Não determinamos a vontade de Deus de maneira mecânica, como quem compra refrigerante de uma máquina. *A vontade de Deus é um relacionamento vivo entre Deus e o cristão.* Esse relacionamento não é destruído quando o cristão desobedece, pois o Pai continua a tratar de seu filho, mesmo que seja preciso discipliná-lo.

Em lugar de ver a vontade de Deus como um mecanismo frio e impessoal, prefiro vê-la como um organismo cheio de vida, calor e crescimento. Uma disfunção em nosso organismo não leva, obrigatoriamente, à morte; as outras partes do corpo compensam por aquela que não está saudável. É possível fazer um órgão voltar a funcionar normalmente. Tal disfunção pode causar dor e fraqueza, mas não leva, necessariamente, à morte.

Quando saímos da vontade de Deus, não chegamos ao fim de tudo. É verdade que sofremos, mas mesmo quando não deixamos

Deus governar, ele prevalece. Assim como o organismo compensa por uma parte que não está funcionando devidamente, também Deus ajusta as coisas de modo a nos conduzir de volta a sua vontade. Vemos isso ilustrado claramente na vida de Abraão e Jonas.

A relação do cristão com a vontade de Deus é uma experiência crescente. Em primeiro lugar, é preciso *conhecer sua vontade* (At 22:14). Não é difícil descobrir a vontade de Deus. Se nos mostrarmos dispostos a obedecer, ele a revelará de bom grado (Jo 7:17). Alguém disse bem que "a obediência é o órgão do conhecimento espiritual". Deus não revela sua vontade aos curiosos e aos indiferentes, mas sim aos que estão prontos e dispostos a obedecer a ele.

Mas não podemos nos ater apenas a *conhecer* a vontade de Deus. Ele deseja que sejamos cheios do "pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (Cl 1:9). É errado desejar conhecer a vontade de Deus sobre algo e ignorar sua vontade acerca de outras coisas. Tudo em nossa vida é importante para Deus, e ele tem um plano para cada detalhe.

Deus deseja que *compreendamos sua vontade* (Ef 5:17). É nesse ponto que entra em cena a sabedoria espiritual. Uma criança pode *saber* qual é a vontade de seu pai, mas talvez não a *entenda*. A criança sabe "o quê", mas não sabe "por quê". Como "amigos" de Jesus Cristo, temos o privilégio de saber por que Deus faz o que faz (Jo 15:15). "Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel" (Sl 103:7). Os israelitas sabiam *o que* Deus estava fazendo, mas Moisés compreendeu *por que* ele fazia tais coisas.

Também é preciso *experimentar a vontade de Deus* (Rm 12:2). O termo grego significa "provar por experiência". Aprende-se a determinar a vontade de Deus ao colocá-la em prática. Quanto mais se obedece, mais fácil será descobrir o que Deus deseja que façamos. É algo parecido com o processo de aprender a nadar ou a tocar um instrumento musical. Mais cedo ou mais tarde, pegamos "o espírito da coisa", e ela se torna algo natural para nós.

Aquele que sempre diz: "Como descobrir a vontade de Deus para minha vida?" pode estar declarando que nunca experimentou a vontade de Deus. Deve-se começar com o que sabemos que deve ser feito e obedecer. Então, Deus abre o caminho para o passo seguinte. Prova-se por experiência qual é a vontade de Deus. Aprenda-se tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso. "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim" (Mt 11:29). O jugo sugere trabalho em conjunto, a prática do que Deus ensinou.

Por fim, é preciso *fazer a vontade de Deus de coração* (Ef 6:6). Jonas conhecia a vontade de Deus e, depois de ser disciplinado, ele lhe obedeceu, mas não de coração. Jonas 4 mostra que o profeta zangado não amava ao Senhor nem ao povo de Nínive. Simplesmente cumpriu a vontade de Deus a fim de não ser disciplinado outra vez!

Aquilo que Paulo fala sobre a prática de ofertar também se aplica à vida em geral: "não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria" (2 Co 9:7). A expressão "com tristeza" significa "de modo relutante, doloroso". Pessoas que obedecem desse modo não experimentam alegria alguma em fazer a vontade de Deus. "Por necessidade" significa "sob coação". Essas pessoas obedecem porque precisam, não porque querem. Não o fazem de coração.

O segredo de uma vida feliz é deleitar-se no dever. Quando o dever se tornar um prazer, os fardos transformam-se em bênçãos. "Os teus decretos são motivo dos meus cânticos, na casa da minha peregrinação" (Sl 119:54). Quando amamos a Deus, seus estatutos tornam-se cânticos, e temos prazer em lhe servir. Quando servimos a Deus de má vontade ou porque somos obrigados

a fazê-lo, até realizamos a obra, mas perdemos a bênção para nossa vida. Labutamos em vez de ministrar. Mas quando fazemos a vontade de Deus de coração, por mais difícil que tenha sido a tarefa a cumprir, somos enriquecidos.

Não se deve pensar que a falta de conhecimento ou de obediência à vontade de Deus afete permanentemente nosso relacionamento com o Senhor. É possível confessar os pecados e receber o perdão de Deus (1 Jo 1:9). É possível aprender com os erros. O mais importante é ter um coração que ame a Deus e que deseje sinceramente fazer sua vontade e glorificar seu nome.

Quais são os benefícios de fazer a vontade de Deus? Em primeiro lugar, se desfruta uma comunhão mais profunda com Jesus Cristo (Mc 3:35). Temos o privilégio de conhecer a verdade de Deus (Jo 7:17) e de ver nossas orações respondidas (1 Jo 5:14, 15). A vida e a obra dos que fazem a vontade de Deus têm qualidade eterna (1 Jo 2:15-17). Sem dúvida, há também a expectativa de recompensas quando Jesus Cristo voltar (Mt 25:34).

Qual dessas três atitudes temos em relação à vontade de Deus? Ignorar Deus completamente nas decisões e nos planos diários? Ou conhecer a vontade de Deus e, ainda assim, recusar-se a obedecer a ela? Essas duas atitudes são erradas e só podem redundar em tristeza e arruinar a vida de quem segue esse caminho.

Mas o cristão que conhecer e amar a vontade de Deus e obedecer a ela usufruirá as bênçãos de Deus. Sua vida não será, necessariamente, mais fácil, mas será mais santa e feliz. Seu alimento será a vontade de Deus (Jo 4:34); ela será a alegria e o prazer em seu coração (Sl 40:8).

## O DINHEIRO FALA MAIS ALTO

TIAGO 5:1-6

**S**e o dinheiro falar mais alto – disse um comediante popular –, a única coisa que estará gritando para mim é “Adeus”!

Mas não era isso o que acontecia com os judeus aos quais Tiago se dirige nesta seção de sua carta. Eram homens ricos, e suas riquezas eram pecaminosas. Usavam seus bens para propósitos egoístas e, enquanto isso, perseguiram os pobres.

Um dos temas encontrados ao longo de todo o capítulo 5 da Epístola de Tiago é a *dificuldade*. Há pobres que não recebem seus salários (Tg 5:4), pessoas fisicamente aflitas (Tg 5:13-16) e espiritualmente apóstatas (Tg 5:19, 20). Outro tema que Tiago introduz é a *oração*. Os trabalhadores pobres clamam a Deus (Tg 5:4). Os enfermos e aflitos devem orar (Tg 5:13-16). Tiago cita Elias como exemplo de servo de Deus que acreditava na oração (Tg 5:17, 18).

Ao juntar esses dois temas, chega-se à quinta característica do cristão maduro: *ele ora em meio às dificuldades*. Em vez de entregar os pontos quando vêm os problemas, o cristão maduro volta-se para Deus em oração e busca o auxílio divino. A pessoa imatura confia nas próprias experiências e capacidades ou se volta para outros em busca de ajuda. Apesar de ser verdade que Deus muitas vezes supre nossas necessidades por meio de outros, esse auxílio deve ser resultado de oração.

Tiago não diz que é pecado ser rico. Afinal, Abraão era rico e, no entanto, andava com Deus e foi grandemente usado por Deus para abençoar o mundo inteiro. A preocupação de Tiago é o egoísmo dos ricos, e ele os aconselha a “[chorar] lamentando”,

uma exortação para a qual apresenta três motivos.

### 1. A FORMA DE OBTER A RIQUEZA (Tg 5:4, 6A)

A Bíblia não desestimula a aquisição de bens. Na Lei de Moisés, havia regras específicas para obter e manter riquezas. Os israelitas em Canaã possuíam as próprias terras e se beneficiavam do que produziam. Em várias de suas parábolas, Jesus indica seu respeito pela propriedade e pelo ganho pessoal. Não encontramos coisa alguma nas epístolas que negue o direito de possuir bens particulares e de obter lucro.

Mas a Bíblia condena a obtenção de riquezas por meios ou para fins ilegais. O profeta Amós transmitiu uma mensagem severa de julgamento contra a classe rica que roubava dos pobres e usava a riqueza roubada para se cercar de luxos egoístas. Isaías e Jeremias também condenaram o egoísmo dos ricos e advertiram que o julgamento estava a caminho. É nesse mesmo tom que Tiago escreve e dá duas ilustrações de como os ricos obtiveram sua riqueza.

**Retendo salários (v. 4).** Os trabalhadores eram contratados e pagos por dia e não possuíam qualquer contrato legal com os empregadores. A parábola dos trabalhadores, em Mateus 20:1-16, dá uma idéia de como funcionava o sistema naquela época. Em sua Lei, Deus deu instruções claras com respeito ao trabalhador a fim de protegê-lo do empregador opressivo.

“Não oprimirás o jornaleiro pobre e necessitado, seja ele teu irmão ou estrangeiro que está na tua terra e na tua cidade. No seu dia, lhe darás o seu salário, antes do pôr-do-sol, porquanto é pobre, e disso depende a sua vida; para que não clame contra ti ao SENHOR, e haja em ti pecado” (Dt 24:14, 15).

“Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã” (Lv 19:13).

“Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça e os seus aposentos, sem direito! Que se vale do serviço do seu próximo, sem paga, e não lhe dá o salário” (Jr 22:13).

Esses homens ricos haviam contratado trabalhadores e prometido pagar-lhes determinada quantia. Os empregados haviam concluído seu trabalho, mas não foram pagos. O tempo do verbo *reter*, no original grego, indica que os trabalhadores *nunca receberiam seu salário*.

“Não furtarás” é uma lei de Deus, a qual ele fará cumprir. Como cristãos, é nosso dever ser fiéis em pagar as contas. Como pastor, fico envergonhado quando ouço não-convertidos me contarem de cristãos que lhes devem dinheiro e que, aparentemente, não têm intenção alguma de pagar.

Lembro-me de uma ocasião em que, ao visitar um enfermo no hospital, encontrei um amigo meu que é médico.

– Como vão as coisas? – perguntei, e ele respondeu

–Acho que está tudo bem...

– Eu oro sempre por você – comentei com ele a fim de encorajá-lo.

– Muito obrigado – ele respondeu. – Aproveite e ore por todas as pessoas que estão me devendo. Seria muito bom se me pagassem!

**Controlando os tribunais (v. 6a).** Muitas vezes, os que têm dinheiro também têm poder político e podem conseguir o que querem.

– Por que se diz que existe uma “regra de ouro”? – perguntou um personagem de história em quadrinhos.

– Porque quem tem o ouro faz as regras! – respondeu seu amigo.

Tiago pergunta: “Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrasam para tribunais?” (Tg 2:6).

Quando o nome *Watergate* é mencionado, ninguém pensa em um lindo hotel. Essa palavra nos traz à memória um episódio extremamente desagradável da história dos Estados Unidos que desmascarou mentiras e levou à renúncia do presidente do país. Cada lado acusava o outro de obstruir a justiça e de manipular as leis.

Quando Deus assentou Israel em sua terra, deu ao povo o sistema de tribunais (ver Dt 17:8-13). Advertiu os juízes para não serem cobiçosos (Êx 18:21). Deixou claro

que não deveriam favorecer os ricos nem os pobres (Lv 19:15) nem tolerar o perjúrio (Dt 19:16-21). E condenou o suborno (Is 33:15; Mq 3:11; 7:3). O profeta Amós denunciou os juízes de sua época que aceitavam subornos e “arranjavam” o julgamento das causas (Am 5:12, 15).

Ao que parece, no tempo de Tiago, era fácil os ricos controlarem os tribunais. Os trabalhadores pobres não tinham como pagar advogados caros e, portanto, sempre perdiam. Suas causas eram justas, mas não recebiam justiça. Antes, sofriam abusos e eram arruinados. (É bem provável que o verbo *matar*, em Tiago 4:2, deva ser entendido de forma figurativa, apesar de ser possível que os ricos oprimissem os pobres de tal modo que estes acabavam morrendo.) O pobre não resistia ao rico, pois não tinha armas para lutar contra ele. Tudo o que podia fazer era clamar ao Senhor por justiça.

A Bíblia adverte de que não se deve obter riquezas por meios ilegais. Toda riqueza pertence a Deus (Sl 50:10); ele permite que sejamos mordomos desses bens para a glória dele. “Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento” (Pv 13:11). É “a mão dos diligentes [que] vem a enriquecer-se” (Pv 10:4). “Não te fatigues para seres rico” (Pv 23:4). Devemos colocar Deus em primeiro lugar na vida, e ele providenciará para que sempre tenhamos tudo de que precisamos (Mt 6:33).

## 2. A MANEIRA DE OS RICOS USAREM SUAS RIQUEZAS (TG 5:3-5)

Como se não bastasse terem obtido suas riquezas de maneira pecaminosa, usavam-na de maneiras que só tornavam ainda maior seu pecado.

**Acumulavam-nas (v. 3).** É evidente que não há nada de errado em poupar. “Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos” (2 Co 12:14). “Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente” (1 Tm 5:8). “Cumpra, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao



voltar, receberia com juros o que é meu" (Mt 25:27).

Mas é errado acumular riquezas quando se deve dinheiro aos funcionários, por exemplo. Esses ricos ajuntavam cereais, ouro e roupas. Pensavam que eram ricos porque tinham essas posses. Em lugar de ajuntarem tesouros no céu usando suas riquezas para glória de Deus (Mt 6:19ss), guardavam seus bens egoisticamente para a própria segurança e prazer. Menos de dez anos depois que Tiago escreveu esta carta, Jerusalém foi destruída pelos romanos, e todas essas riquezas foram levadas embora.

A que Jesus se referia quando disse para "ajuntar tesouros no céu"? Queria dizer que devemos "vender tudo o que temos e dar aos pobres", como instruiu ao jovem líder? Creio que não. Jesus falou desse modo com o jovem rico porque desejava mostrar-lhe claramente que seu pecado mais contumaz era a cobiça. Ajuntar tesouros no céu significa usar tudo o que temos como mordomos da riqueza de Deus. Podemos *ter* muitas coisas, mas não as *possuímos*. Deus é o Proprietário de tudo, e nós somos seus mordomos.

Fora da vontade de Deus, os bens não passam de coisas. Quando, porém, nos sujeitamos a sua vontade e usamos o que ele nos dá para lhe servir, essas coisas transformam-se em tesouros, e passamos a investir na eternidade. O que fazemos na Terra é registrado no céu; Deus cuida do "livro caixa" e paga os juros.

Como é triste ver pessoas acumulando tesouros "nos últimos dias" em vez de "ajuntar tesouros no céu". A Bíblia não desestimula a prática de poupar e nem mesmo de investir, mas condena o acúmulo de riquezas.

**Impediam outros de se beneficiar delas (v. 4).** Os ricos roubavam e defraudavam os pobres. Não usavam suas riquezas, mas também não pagavam seus trabalhadores nem permitiam que estes se beneficiassem delas. Talvez estivessem esperando que o valor dos salários baixasse.

Uma vez que somos mordomos das riquezas de Deus, temos certas responsabilidades para com o Senhor. É preciso fidelidade no uso do que ele nos concede para o bem

de outros e para a glória dele. "Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (1 Co 4:2). José foi um mordomo fiel na casa de Potifar, e seu senhor prosperou. Existem formas de usar as riquezas de Deus para ajudar a outros.

**Viviam em meio ao luxo (v. 5).** "Tendes vivido regaladamente sobre a terra" (Tg 5:5). Luxo é desperdício, e desperdício é pecado.

Um artigo em uma revista falava das compras desvairadas de um sultão do petróleo. Adquiriu dezenove Cadillacs, um para cada uma das suas dezenove esposas, e pagou um valor adicional para estender os carros. Também comprou dois Porsches, seis Mercedes e uma lancha de 40 mil dólares, juntamente com um caminhão para rebocá-la. A lista continuava com dezesseis geladeiras, 47 mil dólares em bagagem feminina, duas toranjeiras da Flórida, duas poltronas reclináveis e uma máquina caça-níqueis. Sua conta total foi de 1,5 milhão de dólares, mais 194.500 dólares pela entrega dos produtos. Luxo é pouco!

Todo mundo gosta das coisas boas da vida e, sem dúvida, ninguém quer voltar aos tempos em que se vivia sem conforto algum. Mas é preciso reconhecer que existe um ponto de saturação. Como disse o quacre a seu vizinho: "Dize-me que coisa te falta e eu te direi como viver sem ela". Jesus disse: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12:15). Esses homens ricos aos quais Tiago se dirige alimentavam-se de suas riquezas e morriam de fome. O termo grego refere-se ao gado engordado para o abate.

Há grande diferença entre desfrutar o que Deus dá (1 Tm 6:17) e viver de modo extravagante à custa do que sonegamos de outros. Mesmo que as riquezas tenham sido adquiridas honestamente e dentro da vontade de Deus, não se deve desperdiçá-las em um estilo de vida egoísta. Há necessidades demais para serem supridas!

O luxo é capaz de destruir o caráter, pois leva a pessoa a entregar-se exclusivamente

aos próprios prazeres. A combinação de caráter e de riqueza pode produzir muita coisa boa, enquanto a combinação de egoísmo e riqueza resulta em pecado. O homem rico descrito por Jesus em Lucas 16:19-31 teria se sentido em casa com os ricos para os quais Tiago escreveu!

### 3. O QUE ACONTECERÁ COM SUAS RIQUEZAS (Tg 5:1-4)

Os ricos pensavam que seus bens lhes concediam toda segurança de que precisavam, mas não era assim que Deus via a situação. “Chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão” (Tg 5:1). Tiago descreve as conseqüências do uso indevido das riquezas.

**Elas desaparecerão (vv. 2, 3a).** Os cereais apodrecerão (“corruptas” em Tg 5:2); o ouro oxidará; as vestes serão comidas por traças. Nenhum bem material no mundo dura para sempre. As sementes da morte e da deterioração estão presentes em toda a criação.

É um grande erro pensar que as riquezas proporcionam segurança. Paulo escreve: “Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). As riquezas são incertas. O mercado financeiro oscila a cada hora, e o valor das ações sobe e desce ao longo do dia. Na verdade, o ouro não enferruja como o ferro, mas a idéia é a mesma: o ouro perde seu valor. Ao acrescentar a isso o fato de que a vida é breve e de que não levaremos essas riquezas conosco, vemos como é insensato viver em função das coisas deste mundo. Deus disse ao homem rico: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lc 12:20).

**Se usadas indevidamente, corrompem o caráter (v. 3).** “E a sua ferrugem há de [...] devorar, como fogo, as vossas carnes” (Tg 5:3). Trata-se de um julgamento no presente: foram infectados pelo veneno das riquezas e estão sendo devorados vivos. O dinheiro em si não é pecaminoso; é neutro. Mas “o amor

do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Tm 6:10). “Não cobiçarás” é o último dos Dez Mandamentos, mas trata do mais perigoso, pois a cobiça faz o indivíduo quebrar todos os demais mandamentos.

Abraão era um homem rico, mas manteve a fé e o caráter. Quando Ló adquiriu riquezas, elas arruinaram seu caráter e, por fim, sua família. É bom ter riquezas nas mãos, desde que não ocupem o coração. “Se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração” (Sl 62:10). “Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro” (Pv 22:1).

**O julgamento é certo (vv. 3, 5).** Tiago não vê apenas o julgamento *presente* (a deterioração das riquezas e a corrupção do caráter), mas também um julgamento *futuro* diante de Deus. Jesus Cristo será o Juiz (Tg 5:9), e seu julgamento será justo.

É interessante observar as testemunhas que Deus chamará no dia do julgamento. Primeiro, as *riquezas* dos ricos testificarão contra eles (Tg 5:3). Seus cereais podres, seu ouro e prata enferrujados e suas roupas comidas de traças darão testemunho do egoísmo de seu coração. Vemos aqui um toque de ironia: os ricos acumularam riquezas para ajudá-los, mas elas servem apenas para testificar contra eles.

Os *salários* que retiveram também testificarão contra eles no tribunal (Tg 5:4a). O dinheiro fala alto! Esses salários roubados clamam a Deus por justiça e julgamento. Deus ouviu o sangue de Abel clamar da terra (Gn 4:10), e também ouviu esse dinheiro roubado clamar.

Os *trabalhadores* testificarão contra eles (Tg 5:4). Os ricos não terão oportunidade de subornar as testemunhas nem o Juiz. Deus ouve as súplicas dos oprimidos e julga com justiça. Esse julgamento é sério. Os perdidos serão colocados diante de Cristo no grande trono branco (Ap 20:11-15). Os salvos comparecerão ao tribunal de Cristo (Rm 14:10-12; 2 Co 5:9, 10). Deus não julgará os *pecados*, pois já foram julgados na cruz; no entanto, julgará nossas *obras* e nosso ministério. Se tivermos sido fiéis em

servi-lo e em glorificá-lo, receberemos a recompensa; se tivermos sido infiéis, perderemos a recompensa, mas não a salvação (1 Co 3:1-15).

**O desperdício de uma oportunidade preciosa (v. 3).** Os “últimos dias” indicam que Tiago acreditava que a vinda do Senhor estava próxima (ver Tg 5:8, 9). Devemos “aproveitar a oportunidade” (Ef 5:16, tradução literal) e trabalhar enquanto é dia (Jo 9:4). Não é difícil imaginar todo o bem que essas riquezas acumuladas poderiam ter feito. Havia pessoas pobres na congregação que teriam sido ajudadas (Tg 2:1-6). Havia trabalhadores que mereciam seus salários. A triste verdade é que em poucos anos a nação de Israel seria derrotada e dispersa, e Jerusalém seria destruída.

É bom ter as coisas que o dinheiro pode comprar, desde que também tenhamos o que o dinheiro não pode comprar. De que adianta ter uma mansão se ela não é um lar? De que adianta uma aliança de brilhantes quando não há amor? Tiago não condena as riquezas nem os ricos; antes, condena o uso de suas riquezas como armas, não como instrumentos de edificação.

“Os que para o mundo são pobres” hoje (Tg 2:5) podem ser ricos no mundo por vir. “[Os] ricos do presente século” (1 Tm 6:17) também podem ser pobres no mundo por vir. A volta de Jesus Cristo tornará algumas pessoas pobres e outras ricas, dependendo da condição espiritual de seu coração. “Porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6:21).

Perdemos tudo o que retemos, mas conservamos o que entregamos a Deus, e ele paga juros. Um pregador famoso, conhecido por seus longos sermões, foi convidado a pregar em um evento anual que visava levantar ofertas para os pobres. Alguém deu a entender que, caso seu sermão fosse longo demais, a congregação talvez não fosse tão generosa em suas ofertas.

O pregador leu o texto de Provérbios 19:17: “Quem se compadece do pobre ao SENHOR empresta, e este lhe paga o seu benefício” e, de fato, fez um sermão extremamente breve: “Se vocês estão de acordo com os termos desse contrato, façam o investimento”.

Sem dúvida o dinheiro fala mais alto, mas o que ele nos dirá no dia do julgamento final?

# O PODER DA PACIÊNCIA

TIAGO 5:7-12

**T**iago continua dirigindo-se aos santos aflitos quando diz: "Sede, pois, irmãos, pacientes". Esse é seu conselho no início da carta (Tg 1:1-5) e em seu final. Deus só corrigirá toda as injustiças deste mundo quando Jesus Cristo voltar, e nós, cristãos, devemos suportar e esperar com paciência.

Em três ocasiões, Tiago lembra que o Senhor voltará (Tg 5:7-9). Essa é a "bendita esperança" do cristão (Tt 2:13). Não esperamos que tudo seja fácil e confortável na vida presente. "No mundo, passais por aflições" (Jo 16:33). Paulo lembra a seus convertidos que "através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus" (At 14:22). É preciso suportar com paciência as dificuldades e aflições até a volta de Cristo.

Tiago usa duas palavras diferentes para se referir à paciência. Em Tiago 5:7, 8, 10 encontramos o termo "paciência". Os termos "perseveraram" e "paciência", em Tiago 5:11, significam, literalmente, "permanecer sujeito a" e se referem à perseverança mesmo sob grande pressão. Ter *paciência* quer dizer "permanecer firme no lugar mesmo quando se deseja fugir". Muitos estudiosos da língua grega acreditam que "ter paciência" ou "longanimidade" significa ser paciente com respeito às pessoas, enquanto "perseverar" e "suportar" referem-se a condições ou a situações.

Mas a pergunta a que devemos responder é: de que maneira experimentar, como cristãos, esse tipo de perseverança paciente enquanto se espera a volta de Cristo? Em resposta a essa pergunta (e necessidade), Tiago apresenta três exemplos animadores de perseverança paciente.

## 1. O AGRICULTOR (TG 5:7-9)

O homem impaciente não serve para ser agricultor. Nenhuma planta cresce da noite para o dia (exceto, talvez, as ervas daninhas), e nenhum agricultor pode controlar as condições do tempo. O excesso de chuva pode fazer a plantação apodrecer, enquanto o excesso de sol pode queimá-la, e uma geada precoce pode matá-la. Em se tratando das condições do tempo, o agricultor precisa de muita longanimidade!

Também precisa ser paciente com a semente e a colheita, pois as plantas demoram a crescer. Os agricultores de Israel aravam e semeavam nos meses de outono. As "primeiras chuvas" amoleciam o solo, enquanto as "últimas chuvas" que caíam no começo da primavera (fevereiro-março) ajudavam a amadurecer a plantação e a prepará-la para a colheita. O agricultor precisava esperar várias semanas para as sementes produzirem frutos.

Por que o lavrador espera tanto de bom grado? Porque o fruto da terra é "precioso" (Tg 5:7). A colheita faz a espera valer a pena. "Porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos" (Gl 6:9). "A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga. E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa" (Mc 4:28, 29).

Tiago retrata o cristão como um "agricultor espiritual" à espera da colheita espiritual. "Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração" (Tg 5:8). Nosso coração é o solo, e "a semente é a palavra de Deus" (Lc 8:11). Assim como há estações para o solo, também há estações para a vida espiritual. Por vezes, nosso coração torna-se frio e "hibernal", e o Senhor precisa "ará-lo" antes de plantar a semente (Jr 4:3). Ele envia o sol e as chuvas de sua bondade para regar e sustentar as sementes plantadas, mas devemos ser pacientes e esperar pela colheita.

Eis, portanto, o segredo da perseverança quando as coisas ficam difíceis: *Deus está produzindo uma colheita em nossa vida. Deseja que "o fruto do Espírito" se desenvolva em nós (Gl 5:22, 23), e a única forma de fazê-lo é por meio das tribulações e dificuldades.*

Em vez de ficarmos impacientes com Deus e com nós mesmos, devemos nos entregar ao Senhor e permitir que os frutos cresçam. Somos "agricultores espirituais" à espera da colheita.

Só é possível desfrutar esse tipo de colheita quando o coração está *fortalecido* (Tg 5:8). Um dos propósitos do ministério espiritual da igreja local é firmar o coração (Rm 1:11). Paulo enviou Timóteo a Tessalônica para firmar os jovens cristãos na fé (1 Ts 3:1-3); também orou para que fossem "confirmados" (1 Ts 3:10-13). O ministério da oração e da Palavra de Deus é importante para que o coração seja fortalecido. Um coração não fortalecido não pode dar frutos.

É preciso lembrar que o agricultor não fica de braços cruzados; está sempre trabalhando enquanto espera pela colheita. Tiago não diz que esses cristãos aflitos devem colocar togas brancas, subir até o alto de um monte e esperar pela volta de Cristo. Sua admoestação é "continuem trabalhando e esperando". "Bem-aventurado aquele servo a quem seu Senhor, quando vier, achar fazendo assim" (Lc 12:43).

O agricultor também não se envolve em contendas com os vizinhos. Uma das características dos agricultores em geral é sua disposição para ajudar uns aos outros. Ninguém em uma fazenda tem tempo ou energia para brigar com os vizinhos. É possível que Tiago tivesse essa idéia em mente quando escreveu: "Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados" (Tg 5:9). A impaciência com Deus, muitas vezes, gera uma impaciência com o povo de Deus, pecado que devemos evitar. Se começarmos a usar as foices uns contra os outros, perderemos a colheita!

## 2. OS PROFETAS (Tg 5:10)

Não deve ter sido difícil para a congregação de judeus compreender essa referência simples que Tiago faz aos profetas do Antigo Testamento. Em seu sermão do monte, Jesus também usa os profetas como exemplo de vitória sobre a perseguição (Mt 5:10-12). Quais são os estímulos que recebemos de seu exemplo?

Em primeiro lugar, faziam a vontade de Deus e, ainda assim, sofreram. Pregavam "em nome do Senhor" e, no entanto, foram perseguidos. Satanás diz ao cristão que seu sofrimento é resultante de sua infidelidade; mas suas aflições podem muito bem ser *decorrentes de sua fidelidade!* "Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (2 Tm 3:12). Não devemos jamais pensar que a obediência automaticamente produz alívio e prazer. A obediência de Cristo levou-o à cruz!

Os profetas nos encorajam ao lembrar que Deus cuida de nós quando sofremos por amor a ele. Elias anunciou ao perverso rei Acabe que haveria uma seca na terra durante três anos e meio, e o próprio Elias sofreu por causa de tal seca. Mas Deus cuidou dele e lhe deu vitória sobre os espíritos perversos de Baal. Alguém disse bem: "A vontade de Deus nunca nos conduz a um lugar onde a graça de Deus não possa nos guardar".

Muitos profetas tiveram de suportar grandes tribulações e sofrimentos, não apenas nas mãos de incrédulos, mas também de pessoas que se diziam tementes a Deus. Jeremias foi preso como traidor e até lançado em uma cisterna vazia e deixado lá para morrer. Deus o protegeu e alimentou durante todo o terrível cerco a Jerusalém, mesmo que, por vezes, tudo indicasse que o profeta seria morto. Tanto Ezequiel quanto Daniel enfrentaram sua parcela de dificuldades, mas o Senhor os livrou. Mesmo os que não foram libertos e morreram por causa de sua fé receberam a recompensa especial que Deus reserva para os que são fiéis a ele.

Por que os que "[falam] em nome do Senhor" devem, com freqüência, suportar tribulações difíceis? Para que sua vida corrobore suas mensagens. Uma vida fiel e piedosa causa impacto muito maior. É preciso lembrar que nossa paciência em tempos de aflição é um testemunho para outros a nosso redor.

Mas não é verdade que muitos cristãos sofreram e morreram sem receber qualquer reconhecimento? Por certo que sim, mas quando Jesus voltar, esses "heróis anônimos" receberão suas recompensas. Os profetas

foram mortos e sepultados, mas hoje seus nomes são honrados. Quando Cristo voltar, trará consigo a recompensa (Ap 22:12).

O exemplo que Tiago usa dos profetas do Antigo Testamento deve servir de estímulo para nos dedicarmos ao estudo da Bíblia de modo a aprendermos mais sobre esses heróis da fé. "Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4). Quanto melhor se conhece a Bíblia, mais Deus nos encoraja em meio às experiências difíceis da vida. O importante é que, como o agricultor, continuemos trabalhando e, como os profetas, continuemos testemunhando, por mais complicadas que sejam as circunstâncias.

### 3. Jó (Tg 5:11, 12)

"Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes" (Tg 5:11). Mas não é possível perseverar se não passarmos por tribulações. Não há vitória sem batalha; não há pico sem vale. Se desejarmos a bênção, é preciso estar preparados para carregar o fardo e participar da batalha.

Certa vez, ouvi um jovem cristão orar: "Ó Senhor, por favor, ensina-me as verdades profundas da tua Palavra! Quero ser elevado ao céu para ouvir e ver as coisas maravilhosas que lá se encontram!" Foi uma oração sincera, mas o rapaz não se deu conta do que pedia. Paulo foi elevado ao terceiro céu e aprendeu coisas maravilhosas demais para expressar em palavras e, como resultado, *Deus deu ao apóstolo um espinho na carne para mantê-lo humilde* (2 Co 12:1-10). Deus precisa equilibrar privilégios com responsabilidades e bênçãos com fardos, pois, do contrário, tornamo-nos filhos mimados.

Quando recebemos as "bênçãos"? É em meio às provações que se experimentam as bênçãos de Deus, como aconteceu com os três rapazes hebreus na fornalha de fogo (Dn 3); mas Tiago ensina que há bênção *depois de perseverar* e usa Jó como exemplo.

O Livro de Jó é longo, e seus capítulos são cheios de discursos que, para a mente ocidental, parecem extensos e tediosos. Nos

três primeiros capítulos, vemos a *aflição de Jó*: ele perde sua riqueza, sua família (exceto a esposa que, mais tarde, o aconselha a cometer suicídio) e sua saúde. Em Jó 4 a 31, vemos a *defesa de Jó*, enquanto ele discute com os três amigos e responde a suas acusações falsas. Jó 38 a 42 apresenta o *livramento de Jó*: primeiro Deus o humilha, depois o exalta e lhe dá duas vezes mais do que possuía antes.

Ao estudar a experiência de Jó, é importante lembrar que *Jó não sabia o que estava acontecendo entre Deus e Satanás "nos bastidores"*. Os amigos de Jó o acusaram de ser um pecador e um hipócrita. "Deve haver algum pecado terrível em sua vida", argumentaram, "pois, do contrário, Deus não teria permitido esse sofrimento". Jó discordou deles e, durante toda a conversa, afirmou sua inocência (sem, no entanto, se dizer perfeito). Os amigos estavam errados; Deus não tinha pleito algum contra Jó (Jó 2:3) e, no final, Deus repreende os amigos por mentirem sobre Jó (Jó 42:7).

É difícil encontrar um exemplo maior de sofrimento do que o de Jó. As circunstâncias estavam contra ele, pois perdeu as riquezas e a saúde. Perdeu os filhos queridos, e a própria esposa opôs-se a ele e sugeriu: "Amaldiçoa a Deus e morre" (Jó 2:9). Seus amigos também se colocaram contra ele, pois o acusaram de ser um hipócrita que merecia o julgamento de Deus. Tudo indicava que Deus também estava contra ele! Quando Jó clamou por respostas para suas perguntas, só recebeu do céu o silêncio.

No entanto, Jó perseverou. Satanás havia predito que Jó ficaria impaciente com Deus e abandonaria sua fé, mas não foi o que aconteceu. É verdade que Jó questionou a vontade de Deus, mas não abriu mão de sua fé no Senhor. "Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento" (Jó 13:15). Jó estava tão certo das perfeições de Deus que persistiu em sua argumentação com ele, mesmo sem entender o que Deus fazia. Isso é perseverança.

Deus fez uma aliança com Israel afirmando que os abençoaria, se obedecessem às

suas leis (ver Dt 11). Criou-se, portanto, a idéia de que, se o indivíduo era rico e vivia de modo confortável, era abençoado por Deus; mas se era pobre e sofria, era amaldiçoado por Deus. Quando Jesus afirmou que era difícil um homem rico entrar no céu, os discípulos ficaram estarecidos. "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (Mt 19:23-26). Em outras palavras, estavam dizendo: "Os ricos são especialmente abençoados por Deus; se é difícil que *eles* entrem no céu, não há esperança para mais ninguém!"

O Livro de Jó refuta essa idéia, pois Jó era um homem reto e, *no entanto, sofreu*. Deus não encontrou mal algum nele, nem mesmo Satanás pôde acusá-lo de algo. Os amigos de Jó também não foram capazes de provar suas acusações. Jó ensina que Deus tem propósitos maiores com o sofrimento do que simplesmente castigar o pecado. A experiência de Jó preparou o caminho para Jesus, o Filho perfeito de Deus que sofreu, não pelos próprios pecados, mas pelos pecados do mundo.

No caso de Jó, qual foi "o fim [que] o Senhor lhe deu"? O *Senhor revelou-se a ele cheio de terna misericórdia e compaixão*. Por certo, a experiência de Jó teve outros resultados, pois Deus jamais desperdiça o sofrimento de seus santos. Jó encontrou-se com Deus de maneira nova e mais profunda (Jó 42:1-6) e, depois disso, recebeu grandes bênçãos do Senhor.

Há quem pergunte: "Se Deus é tão misericordioso, por que não protegeu Jó de todo esse sofrimento?" Sem dúvida, certos mistérios sobre o modo de Deus operar não podem ser compreendidos por nossa mente finita; mas sabemos que Deus foi glorificado e que Jó foi purificado por meio dessas experiências difíceis. Não há como aprender a perseverar sem haver algo que requeira perseverança.

Qual é o significado da história de Jó para os cristãos aos quais Tiago escreveu e para nós hoje? Significa que algumas tribulações da vida são causadas diretamente por oposição satânica. Deus permite que Satanás prove seus filhos, mas sempre limita a extensão do poder do inimigo (Jó 1:12; 2:6).

Quando nos vemos no meio do fogo, podemos saber que Deus está com sua mão bondosa no termostato! "Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro" (Jó 23:10).

Satanás deseja que fiquemos impacientes com Deus, pois um cristão impaciente é uma arma poderosa nas mãos do diabo. Como vimos em nosso estudo de Tiago 1, a impaciência de Moisés impediu-o de entrar na Terra Prometida; a impaciência de Abraão levou ao nascimento de Ismael, o inimigo do povo de Israel, e a impaciência de Pedro quase o transformou em assassino. Quando Satanás nos ataca, é fácil ficar impacientes, correr na frente de Deus e, como resultado, perder a bênção de Deus.

Qual é a resposta? "A minha graça te basta" (2 Co 12:7-9). O espinho na carne de Paulo era um "mensageiro de Satanás". Paulo poderia ter lutado contra ele, desistido ou tentado negar sua existência, mas não fez nada disso. Antes, confiou que Deus lhe daria a graça de que precisava e transformou a arma de Satanás em um instrumento para edificar sua vida espiritual.

Quando nos encontramos dentro da fornalha, devemos ir ao trono da graça e receber do Senhor toda a graça de que precisamos para perseverar (Hb 4:14-16). É preciso lembrar que o Senhor tem um propósito bondoso com todo esse sofrimento e que, a seu tempo, cumprirá esses propósitos para sua glória. Não somos robôs controlados pelo destino. Somos filhos queridos de Deus, que têm o privilégio de participar de seu plano maravilhoso. São duas coisas diferentes!

A exortação em Tiago 5:12 parece deslocada; afinal, o que "fazer juramentos" tem a ver com o problema do sofrimento? Quem já sofreu sabe a resposta: quando passamos por dificuldades, é fácil dizer coisas impensadas e tentar barganhar com Deus. Voltemos a Jó para um exemplo. O patriarca diz: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 1:21, 22). Por certo, Jó amaldiçoou o dia de seu nascimento (Jó 3:1ss), mas em momento algum

amaldiçoou a Deus nem fez algum juramento insensato. Também não tentou barganhar com Deus.

Sem dúvida, Tiago está lembrando o ensinamento de Jesus no sermão do monte (Mt 5:34-37). Os judeus tinham o costume de usar uma série de juramentos para corroborar suas afirmações. Tinham sempre, porém, o cuidado de não colocar o nome de Deus em seus juramentos, a fim de não blasfemar. Assim, juravam pelo céu, pela Terra, por Jerusalém ou até pela própria cabeça! Mas Jesus ensinou que é impossível evitar envolver Deus nesses juramentos. O céu é seu trono, a Terra é o estrado de seus pés e Jerusalém é a "cidade do grande Rei". Quanto à própria cabeça, de que adianta um juramento desses? "Porque não podes tornar um cabelo branco ou preto" (Mt 5:36) - nem mesmo conservar um cabelo na cabeça por vontade própria.

Segundo um princípio fundamental, o caráter do cristão requer poucas palavras. A pessoa que precisa usar palavras demais (inclusive juramentos) para nos convencer tem algo de errado com seu caráter e precisa escorar sua fraqueza com palavras. O verdadeiro cristão que tem integridade só precisa dizer sim ou não para as pessoas

acreditarem nele. Jesus adverte que qualquer coisa a mais é proveniente do maligno.

Um dos propósitos do sofrimento é construir o caráter. Por certo, Jó tornou-se um homem de maior valor depois de passar pela fornalha (Tiago explica esse processo em Tg 1:2-12). Se as palavras são uma forma de testar o caráter, então os juramentos indicam que ainda há o que melhorar. Quando Pedro negou Jesus "com juramento" no pátio do sumo sacerdote (Mt 26:72), provou que seu caráter ainda precisava ser transformado.

Ao recapitular esta seção, é possível ver como ela é prática. Tiago deseja encorajar os leitores a ter paciência em tempos de sofrimento. Como um agricultor, estamos à espera da colheita espiritual, pois os frutos glorificarão a Deus. Como os profetas, buscamos oportunidades de testemunhar, de compartilhar a verdade de Deus. E, como Jó, esperamos o Senhor cumprir seu propósito amoroso, sabendo que jamais causará qualquer sofrimento desnecessário na vida de seus filhos. Também como Jó, depois que passarmos pela fornalha da aflição, teremos uma visão mais clara do Senhor e o conheceremos melhor.

"Sede pacientes, pois a vinda do Senhor está próxima!"



## OREMOS

TIAGO 5:13-20

As palavras são uma dádiva e bênção maravilhosa. Como vimos, Tiago discorre amplamente sobre a língua e, neste capítulo, volta ao tema. Menciona alguns usos mais desprezíveis da língua: a murmuração (Tg 5:9) e os juramentos (Tg 5:12). Mas também fala das maneiras mais excelentes de usar a língua: a proclamação da Palavra de Deus (Tg 5:10) e a oração e louvor a Deus (Tg 5:13).

Sem dúvida, a oração é um privilégio sublime e sagrado. É maravilhoso saber que, como filhos de Deus, é possível chegar-se a seu trono com liberdade e ousadia e lhe contar nossas necessidades! Tiago menciona a oração em sete ocasiões ao longo desta seção. O cristão maduro ora em meio às tribulações da vida. Em vez de se queixar de sua situação, conversa com Deus sobre ela; e Deus ouve e responde suas orações. “Levar a Deus em oração” é, certamente, uma característica de maturidade espiritual.

Nesta seção, Tiago nos incentiva a orar descrevendo quatro situações nas quais Deus responde as orações.

### 1. ORAÇÕES PELOS AFLITOS (Tg 5:13)

O termo “sofrendo” significa “padecendo em circunstâncias difíceis”. Uma boa tradução é “em dificuldades”. Paulo usa essa palavra para descrever as circunstâncias em que se encontrava ao sofrer por amor ao evangelho (2 Tm 2:9). Ao longo da vida, o povo de Deus passa, com frequência, por certas dificuldades não resultantes de pecado nem da disciplina de Deus.

O que fazer em meio a essas tribulações? Não murmurar nem criticar os santos que não estão enfrentando tamanhas dificuldades

(Tg 5:9); nem se deve culpar o Senhor. Deve-se orar, pedindo que Deus dê a sabedoria necessária para compreender a situação (Tg 1:5).

A oração pode remover a aflição, se essa for a vontade de Deus. Mas a oração também pode dar a graça necessária para suportar as dificuldades e usá-las para realizar a vontade perfeita de Deus. *Deus pode transformar tribulações em vitórias.* “Antes, ele dá maior graça” (Tg 4:6). Paulo orou pedindo que Deus mudasse as circunstâncias, mas em vez disso, deu ao apóstolo a graça de que precisava para transformar sua fraqueza em força (2 Co 12:7-10). Jesus orou no Getsêmani pedindo que o cálice fosse removido, mas isso não aconteceu; no entanto, o Pai deu-lhe as forças necessárias para padecer na cruz e morrer por nossos pecados.

Tiago indica que as pessoas não enfrentam dificuldades o tempo todo: “Está alguém alegre? Cante louvores” (Tg 5:13). Deus dá equilíbrio à vida e permite tanto momentos de sofrimento como dias de cântico. O cristão maduro sabe cantar *em meio ao sofrimento*. (Qualquer um é capaz de cantar depois que os problemas passaram.) Deus pode dar “canções de louvor durante a noite” (Jó 35:10). Foi o que fez com Paulo e Silas quando os dois sofriam na prisão em Filipos. “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus” (At 16:25).

A oração e os cânticos eram elementos importantes do culto na Igreja primitiva e também devem ser importantes para nós. Os cânticos devem ser uma expressão da vida espiritual interior. O louvor do cristão deve ser inteligente (1 Co 14:15), não apenas a articulação de palavras e de idéias que não significam coisa alguma para ele. Deve vir do coração (Ef 5:19) e ser motivado pelo Espírito Santo (Ef 5:18). O cântico cristão deve ser baseado na Palavra de Deus (Cl 3:16), não apenas nas idéias de pessoas. O cântico que não é bíblico também não é aceitável para Deus.

### 2. ORAÇÕES PELOS ENFERMOS (Tg 5:14-16)

Não creio que Tiago esteja apresentando uma fórmula genérica para a cura dos enfermos.

Nas igrejas onde pastoreei, os presbíteros e eu orávamos pelos enfermos e, por vezes, Deus concedia a cura. Em outras ocasiões, porém, Deus achava por bem não curar a pessoa. Lembro-me de dois casos ocorridos em duas semanas subseqüentes: uma senhora que foi restaurada de maneira praticamente miraculosa e outra que teve de ser hospitalizada para passar por uma cirurgia e, por fim, foi chamada ao lar celestial para junto do Senhor.

Quais as características específicas desse caso que Tiago descreve?

**A pessoa está enferma por causa de algum pecado (vv. 15b, 16).** O texto grego diz: “se estiver pecando constantemente”. Vemos um paralelo em 1 Coríntios 11:30: “Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem [faleceram]”. Tiago descreve um membro da igreja que se encontra enfermo por estar sendo disciplinado por Deus. Esse é o motivo de os presbíteros da igreja terem sido chamados: o homem não pode ir à igreja confessar os pecados, de modo que pede aos líderes espirituais que venham até ele. Os líderes eram encarregados da disciplina da congregação.

**A pessoa confessa seus pecados (v. 16).** Na Igreja primitiva, os cristãos praticavam a disciplina eclesiástica. Primeira Coríntios 5 é um bom exemplo. Paulo diz aos cristãos em Corinto para expulsar da congregação os membros que vivessem em pecado até que se arrependessem de suas transgressões e colocassem a vida em ordem. Algumas versões traduzem o termo “pecados”, nesse versículo, por “faltas”, dando a impressão de que os atos são menos perversos. No entanto, Tiago emprega o termo grego *hamartia*, que significa “pecado” e é usado também em Tiago 1:15 referindo-se, sem dúvida alguma, ao pecado.

**A pessoa é curada pela “oração da fé” (v. 15).** A cura não se dá pela unção, mas sim pela oração. O termo grego traduzido por “ungindo-o”, no versículo 14, é um termo médico e pode ser traduzido por “massagear”. Talvez seja uma indicação de que Tiago sugere o uso de meios disponíveis para

a cura além de orar pedindo ao Senhor seu toque divino. Deus pode curar com ou sem esses meios; de uma forma ou de outra, é ele quem opera a cura.

Mas o que vem a ser essa “oração da fé” que cura os enfermos? A resposta encontra-se em 1 João 5:14, 15: “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito”. A “oração da fé” é uma oração oferecida quando estamos dentro da vontade de Deus. Os presbíteros buscaram a vontade de Deus quanto a essa questão e, em seguida, oraram de acordo com tal vontade.

Ao visitar os enfermos em minha congregação, nem sempre sei como orar por eles. (Paulo tinha a mesma dificuldade; Rm 8:26.) É da vontade de Deus operar a cura? Deus planeja chamar esse filho enfermo para junto dele? Uma vez que não sei as respostas, devo orar: “Se for da tua vontade, cura teu filho”. Os que afirmam que Deus sempre cura e que não é da vontade dele que seus filhos fiquem doentes negam tanto as Escrituras quanto a experiência. Mas quando temos a convicção interior da Palavra e do Espírito de que Deus deseja curar, podemos fazer a “oração da fé” e esperar que Deus opere.

Convém ter em mente que não se trata de apenas um indivíduo orando, mas sim de todo o conselho de presbíteros – homens espirituais de Deus – buscando a vontade de Deus em oração. Tiago não instrui o cristão a procurar algum “curandeiro”. A questão está nas mãos dos líderes da igreja local.

Esta seção oferece algumas lições práticas que não podem ser ignoradas. Em primeiro lugar, a desobediência a Deus pode levar a enfermidades. Foi o que Davi experimentou quando tentou esconder seus pecados (Sl 32). Em segundo lugar, o pecado afeta a igreja como um todo. Ninguém peca sozinho, pois o pecado costuma alastrar-se e infectar a outros. Esse homem teve de confessar seus pecados à igreja, pois havia pecado contra toda a congregação. Em

terceiro lugar, quando o pecado é tratado, há cura (física e espiritual). “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28:13). Tiago escreve: “Cultivem o hábito de confessar os pecados uns aos outros” (tradução literal). Não se deve esconder os pecados nem adiar a confissão.

A “confissão” sobre a qual Tiago escreve é feita entre os santos. Não sugere, portanto, a necessidade da confissão de pecados a um pastor ou sacerdote. Os pecados devem ser confessados primeiramente a Deus (1 Jo 1:9), mas também aos que foram afetados por eles. *Jamais se deve confessar um pecado fora de seu círculo de influência.* O pecado privado requer confissão privada; o pecado público requer confissão pública. É errado o cristão “lavar a roupa suja” em público, pois esse tipo de “confissão” pode acarretar mais malefícios do que o pecado cometido inicialmente.

### 3. ORAÇÕES PELA NAÇÃO (Tg 5:17, 18)

Tiago cita Elias como exemplo de “homem justo” cujas orações liberavam poder. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5:16).

O contexto desse episódio encontra-se em 1 Reis 17 e 18: o perverso rei Acabe e sua rainha Jezabel haviam afastado Israel dos caminhos do Senhor e conduzido a nação ao culto a Baal. Deus castigou Israel retendo as chuvas de que precisava (ver Dt 28:12, 23). Durante três anos e meio, os céus tornaram-se como bronze e a terra não pôde produzir as safras necessárias para a subsistência.

Então, Elias desafiou os profetas de Baal no monte Carmelo. Os sacerdotes clamaram a seu deus o dia todo, mas não tiveram qualquer resposta. Na hora do sacrifício do final da tarde, Elias restaurou o altar e preparou o sacrifício. Orou apenas uma vez, e o fogo desceu do céu e consumiu o sacrifício. O profeta provou que Jeová era o Deus verdadeiro.

Mas a nação ainda precisava de chuva. Elias foi até o alto do monte Carmelo e se prostrou diante do Senhor em oração. Orou e enviou seu servo sete vezes para ver se

havia algum sinal de chuva. Na sétima vez, o servo viu uma nuvem pequena. Em pouco tempo, caiu uma grande chuva, e a nação foi salva.

Precisamos de “chuvas de bênçãos” hoje? Certamente que sim! “Mas Elias era um profeta especial de Deus”, podemos argumentar. “Era de se esperar que Deus respondesse à sua oração de maneira extraordinária.”

No entanto, Tiago diz: “Elias era homem semelhante a nós” (Tg 5:17). Não era perfeito; aliás, logo depois da vitória no monte Carmelo, Elias, assustado e desanimado, fugiu. Mas era um “homem justo”, ou seja, obedecia ao Senhor e confiava nele. As promessas de Deus de responder às orações são para todos os seus filhos, não apenas aos que chamaríamos de “elite espiritual”.

Elias orou com fé, pois Deus lhe disse que mandaria a chuva (1 Rs 18:1). Nas palavras de Robert Law: “Orar não é conseguir que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim que a vontade de Deus seja feita na Terra”. Não é possível separar a Palavra de Deus da oração, pois em sua Palavra Deus dá promessas das quais nos apropriamos quando oramos.

Elias não apenas orou com fé como também foi persistente. “E orou [...] E orou, de novo” (Tg 5:17, 18). No monte Carmelo, Elias continuou orando por chuva até o servo relatar que havia visto uma nuvem “como a palma da mão do homem”. Muitas vezes, não obtemos o que Deus promete porque paramos de orar. É evidente que não somos ouvidos por causa de nosso “muito falar” (Mt 6:7); mas há uma diferença entre vãs repetições e verdadeira persistência na oração pela fé. Jesus orou três vezes no Getsêmani, e Paulo pediu três vezes que lhe fosse tirado o espinho em sua carne.

Elias era determinado e preocupado em sua oração. “E orou, com instância” (Tg 5:17). A tradução literal do termo grego é “orou em oração”. Muitas pessoas nãooram em suas orações. Apenas proferem preguiçosamente uma série de palavras religiosas sem sinceridade.

Em uma reunião de oração da igreja, um membro orava em circunlóquios intermináveis,

quando um dos homens presentes cansou do discurso e exclamou:

– Peça alguma coisa a Deus!

Essa é a essência da oração: pedir algo a Deus.

O poder da oração é o maior poder existente no mundo de hoje. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5:16). A história mostra que a humanidade progrediu da força braçal para o cavalo-vapor, da potência da dinamite e TNT para a atual energia atômica. Mas o poder da oração é maior que o poder atômico.

Elias orou por sua nação, e Deus atendeu. Precisamos orar por nossa nação hoje, pedindo que Deus a convença do pecado e traga reavivamento e para que a terra seja regada com “chuvas de bênçãos”. Uma das principais responsabilidades da igreja local é orar pelos líderes no governo (1 Tm 2:1-3).

#### 4. ORAÇÕES PELOS DESVIADOS (Tg 5:19, 20)

Apesar de Tiago não citar a oração de modo específico nestes versículos, ela fica implícita. Se oramos pelos aflitos e enfermos, certamente devemos orar também pelo irmão que se afastou da verdade.

Esses versículos tratam de nosso ministério a um irmão em Cristo que se desvia da verdade e passa a viver em pecado. O verbo “desviar” significa “perambular” e sugere um afastamento gradativo da vontade de Deus. O termo empregado para essa situação, no Antigo Testamento, é “apostasia”. Infelizmente, vemos essa tragédia ocorrendo em nossas igrejas com frequência. Às vezes, um irmão é “surpreendido nalguma falta” (Gl 6:1), mas normalmente o pecado é resultante de decadência espiritual lenta e gradativa.

É evidente que se trata de uma situação perigosa para o transgressor, pois ele pode ser disciplinado pelo Senhor (Hb 12). Também corre o risco de cometer o “pecado para morte” (1 Jo 5:16, 17). Deus disciplinou de tal forma os membros da igreja de Corinto que estavam pecando que levou alguns deles para o céu (1 Co 11:30).

Mas essa apostasia também é perigosa para a igreja. Um transgressor desviado pode

influenciar outros e afastá-los dos caminhos do Senhor. “Mas um só pecador destrói muitas coisas boas” (Ec 9:18). É por isso que os membros espirituais da igreja devem intervir e ajudar a pessoa que se desviou.

A origem desse problema encontra-se nas palavras “se desviar da verdade” (Tg 5:19). A verdade é, evidentemente, a Palavra de Deus. “A tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). Se o cristão não permanecer próximo da verdade, começará a se desviar. “Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos” (Hb 2:1). Jesus advertiu Pedro de que Satanás estava por perto para tentá-lo, e Pedro recusou-se a crer na Palavra. Chegou até a discutir com Jesus! Pedro dormia quando deveria estar orando. Não é de se admirar que tenha negado a Cristo três vezes.

O resultado desse desvio é o “pecado” e, possivelmente, a “morte” (Tg 5:20). Nesse caso, o pecador é um cristão, não um incrédulo, e o pecado na vida do cristão é pior do que o pecado na vida do incrédulo. É de se esperar que ímpios pequem, mas Deus espera que seus filhos obedeçam à sua Palavra.

O que fazer ao ver um irmão em Cristo desviar-se da verdade? Sem dúvida, deve-se orar por ele e também procurar ajudá-lo. Ele precisa ser “convertido” – mudar de rumo, tomando novamente o caminho certo. Os cristãos precisam ser convertidos? Sim! Jesus disse a Pedro: “Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22:32).

É importante tentar ganhar os perdidos, mas também é importante ganhar os salvos. Se um irmão pecou contra nós, devemos conversar com ele em particular e resolver a questão. Se ele der ouvidos, ganhamos nosso irmão (Mt 18:15). O termo “ganhar” significa “obter”. É a mesma palavra traduzida por “teremos lucros” em Tiago 4:13. É importante ganhar tanto os perdidos quanto os salvos.

A fim de ajudar um irmão desviado, é preciso ter uma atitude de amor, “porque o amor cobre multidão de pecados” (1 Pe 4:8). Tanto Tiago quanto Pedro extraíram esse

princípio de Provérbios 10:12: "O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões".

Isso não significa que o amor "varre a sujeira para debaixo do tapete". Onde há amor também deve haver verdade ("seguindo a verdade em amor", Ef 4:15); e onde há verdade, há confissão honesta de pecados e purificação concedida por Deus. O amor não apenas ajuda o transgressor a encarar seus pecados e a tratar deles, como também lhe garante que, uma vez perdoados, esses pecados não serão mais lembrados.

Apesar de a interpretação básica desses versículos ser a que apresentei acima, a aplicação também pode referir-se ao pecador perdido. Afinal, se um irmão desviado precisa ser restaurado, é ainda mais essencial que um pecador perdido seja conduzido ao Salvador. Se o cristão desviado perder a vida, pelo menos irá para o céu; mas o pecador está condenado à eternidade no inferno.

"Buscar os perdidos" é um retrato comum na Bíblia para o trabalho de ganhar almas. Em Lucas 15, Jesus fala da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho perdido, sendo que todos precisavam ser encontrados e levados de volta para o lugar onde pertenciam. Jesus também comparou o trabalho de ganhar almas à pesca (Mc 1:17). Pedro pegou um só peixe com seu anzol (Mt 17:24-27), mas ao trabalhar com seus ajudantes, usava uma rede para pegar vários peixes ao mesmo tempo. Há lugar tanto para o evangelismo pessoal quanto para o evangelismo coletivo.

Provérbios 11:30 compara o evangelismo à caça: "o que captura almas é sábio" (tradução literal). O objetivo do inimigo é usar o pecado para nos apanhar e nos matar (Tg 1:13-15), mas devemos nos dispor a capturar almas e a lhes oferecer vida.

O cristão que ganha almas também é um embaixador da paz (2 Co 5:20). Deus não declarou guerra contra o mundo; antes, declarou paz! Um dia, o Senhor fará sua declaração de guerra e, então, sobrevirá o julgamento.

Tanto Zacarias 3:2 quanto Judas 23 tratam o cristão que ganha almas como um

bombeiro, resgatando as pessoas do fogo. John Wesley tomou as palavras de Zacarias 3:2 para a própria vida, pois, ainda em sua infância, foi salvo de uma casa em chamas quando parecia tarde demais. Por vezes, devemos correr certos riscos para arrebatarmos as pessoas do fogo do julgamento.

Jesus comparou o evangelismo a semear e a colher (Jo 4:34-38), e Paulo usou a mesma ilustração (1 Co 3:6-9). Há estações certas para semear e para ceifar, e o trabalho envolve várias pessoas. "Porque de Deus somos cooperadores" (1 Co 3:9). Tanto o semeador quanto o ceifeiro receberão sua recompensa, pois nos campos do Senhor não há competição.

Com isso, chegamos ao fim do estudo da Epístola de Tiago. Sua ênfase foi sobre a maturidade espiritual. Este pode ser um bom momento para examinar o próprio coração e verificar como está nossa maturidade. Eis algumas perguntas úteis:

1. Estou me tornando cada vez mais paciente em meio às provações da vida?

2. Brinco com a tentação ou lhe resisto desde o princípio?

3. Alegro-me em obedecer à Palavra de Deus ou simplesmente a estudo e aprendo dela intelectualmente?

4. Estou preso a algum tipo de preconceito?

5. Sou capaz de controlar a língua?

6. Sou um pacificador, não um agitador? As pessoas me procuram em busca de orientação espiritual?

7. Sou amigo de Deus ou do mundo?

8. Faço planos sem considerar a vontade de Deus?

9. Tratando-se de dinheiro, sou egoísta? Sou fiel no pagamento das contas?

10. Dependo naturalmente da oração quando me encontro em dificuldade?

11. Sou a pessoa que outros buscam para pedir apoio em oração?

12. Qual é minha atitude em relação ao irmão desviado? Critico, faço fofocas a seu respeito ou procuro restaurá-lo em amor?

Não devemos apenas envelhecer, mas sim crescer!

# 1 PEDRO

## ESBOÇO

**Tema-chave:** A graça de Deus e a esperança viva

**Versículos-chave:** 1 Pedro 1:3; 5:12

### I. A GRAÇA DE DEUS E A SALVAÇÃO - 1:1 - 2:10

- A. Vivam com esperança - 1:1-12
- B. Vivam em santidade - 1:13-21
- C. Vivam em harmonia - 1:22 - 2:10

### II. A GRAÇA DE DEUS E A SUBMISSÃO - 2:11 - 3:12

- A. Submetam-se às autoridades - 2:11-17
- B. Submetam-se aos senhores - 2:18-25
- C. Submetam-se no lar - 3:1-7
- D. Submetam-se na igreja - 3:8-12

### III. A GRAÇA DE DEUS E O SOFRIMENTO - 3:13 - 5:11

- A. Façam de Jesus Cristo o Senhor - 3:13-22
- B. Tenham a atitude de Cristo - 4:1-11
- C. Glorifiquem o nome de Cristo - 4:12-19
- D. Esperem pela volta de Cristo - 5:1-6

- E. Dependam da graça de Cristo - 5:7-14

## CONTEÚDO

- 1. Onde há Cristo, há esperança (1 Pe 1:1; 5:12-14)..... 500
- 2. Glória até o fim! (1 Pe 1:2-12)..... 504
- 3. Pureza em meio à contaminação (1 Pe 1:13-21)..... 510
- 4. Unidade cristã (1 Pe 1:22 - 2:10)..... 515
- 5. Alguém está olhando! (1 Pe 2:11-25)..... 520
- 6. Enlace ou impasse? (1 Pe 3:1-7)..... 526
- 7. Preparando-nos para o melhor! (1 Pe 3:8-17)..... 531
- 8. Lições de Noé (1 Pe 3:18-22)..... 536
- 9. O tempo que vos resta (1 Pe 4:1-11)..... 541
- 10. Fatos sobre a fornalha (1 Pe 4:12-19)..... 547
- 11. Como ser um bom pastor (1 Pe 5:1-4)..... 552
- 12. Da graça à glória (1 Pe 5:5-14)..... 557

# ONDE HÁ CRISTO, HÁ ESPERANÇA

1 PEDRO 1:1; 5:12-14

“Onde há vida, há esperança!” Esse antigo ditado romano continua em uso hoje e, como a maioria dos provérbios, tem sua parcela de verdade, mas não serve de garantia. O que dá esperança não é o fato de haver vida, mas sim a fé que dá vida. O cristão possui uma “viva esperança” (1 Pe 1:3), pois Deus é o objeto da sua fé e esperança (1 Pe 1:21). Essa “viva esperança” é o tema principal da primeira carta de Pedro. O apóstolo diz aos cristãos: “sejam esperançosos!”

Antes de estudar os detalhes desta epístola fascinante, vamos conhecer melhor o homem que a escreveu, as pessoas para as quais ele a escreveu e a situação específica que o levou a escrever.

## 1. O AUTOR (1 PE 1:1)

Ele se identifica como “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1 Pe 1:1). Alguns liberais questionam se um pescador comum teria, de fato, redigido esta carta, especialmente porque Pedro e João foram chamados de “homens iletrados e incultos” (At 4:13). No entanto, essa expressão significa apenas “leigos, sem instrução formal”, ou seja, homens que não eram líderes religiosos profissionais. Não devemos jamais subestimar o treinamento que Pedro recebeu do Senhor Jesus durante três anos, como também não devemos menosprezar a obra do Espírito Santo em sua vida. Pedro é o exemplo perfeito da verdade expressa em 1 Coríntios 1:26-31.

Era chamado Simão, mas Jesus mudou seu nome para Pedro, que significa “rocha” (Jo 1:35-42). O equivalente aramaico é “Cefas”, de modo que Pedro tinha três nomes. Em

cerca de cinquenta ocasiões, ele é chamado de “Simão” e, com frequência, é chamado também de “Simão Pedro”. Talvez os dois nomes indiquem as duas naturezas do cristão: a velha natureza (Simão), propensa a falhar, e a nova natureza (Pedro), capaz de dar vitória. Como Simão, era apenas um ser humano feito de barro; mas Jesus Cristo transformou-o em uma rocha!

Pedro e Paulo foram os principais apóstolos da Igreja primitiva. Paulo foi incumbido de ministrar mais especificamente aos gentios, e Pedro ficou encarregado do ministério aos judeus (Gl 2:1-10). Jesus ordenou que Pedro fortalecesse seus irmãos (Lc 22:32) e apascentasse o rebanho (Jo 21:15-17; ver também 1 Pe 5:1-4), e esta carta faz parte desse ministério. Pedro diz aos leitores que se trata de uma carta de encorajamento e de testemunho pessoal (1 Pe 5:12). Existem textos redigidos a partir de livros, como os trabalhos de calouros na faculdade; mas esta carta é resultante de uma vida dedicada à glória de Deus. Vários acontecimentos da vida de Pedro encontram-se entretecidos no texto desta epístola.

Esta carta também é associada a Silas (Silvano, 1 Pe 5:12), um dos “homens notáveis” da Igreja primitiva (At 15:22) e profeta (At 15:32). Isso significa que ele transmitia mensagens de Deus à congregação conforme era orientado pelo Espírito Santo (ver 1 Co 14). Os apóstolos e profetas trabalharam juntos para lançar os alicerces da Igreja (Ef 2:20), e uma vez que o fundamento estava pronto, saíram de cena. Não temos na Igreja de hoje profetas e apóstolos *conforme o sentido do Novo Testamento*.

É interessante Silas ser associado ao ministério de Pedro, pois, a princípio, substituiu Barnabé como colaborador de Paulo (At 15:36-41). Pedro também menciona João Marcos (1 Pe 5:13), cujo fracasso no campo missionário contribuiu para o rompimento entre Paulo e Barnabé. Pedro havia conduzido Marcos à fé em Cristo (“meu filho Marcos”) e, sem dúvida, continuou a preocupar-se com ele. Sabe-se que uma das primeiras congregações reunia-se na casa de João Marcos em Jerusalém (At 12:12). Por fim, Paulo perdoou

e aceitou João Marcos como um colaborador de grande valor para a obra (2 Tm 4:11).

Pedro indica que escreveu a carta "em Babilônia" (1 Pe 5:13), onde havia uma congregação de cristãos. Não há evidência alguma, na história da Igreja nem na tradição, de que Pedro tenha ministrado na antiga Babilônia que, na época, possuía uma comunidade expressiva de judeus. Havia outra cidade chamada "Babilônia" no Egito, mas também não há evidências de que Pedro a tenha visitado. Assim, é possível que "Babilônia" seja outra designação para a cidade de Roma, e há indícios de que Pedro ministrou em Roma e, provavelmente, foi martirizado nessa cidade. Roma é chamada de "Babilônia" em Apocalipse 17:5 e 18:10. Era uma prática comum os cristãos perseguidos daquela época escreverem ou falarem em "códigos".

No entanto, não se deve atribuir a Pedro mais do que lhe é devido. Ele não fundou a igreja em Roma nem foi seu primeiro bispo. Fazia parte da política de Paulo não ministrar onde outro apóstolo já havia estado (Rm 15:20), de modo que não teria ministrado em Roma se Pedro tivesse chegado lá primeiro. É provável que Pedro tenha chegado a Roma depois que Paulo foi solto de seu primeiro encarceramento, por volta do ano 62 d.C. A Primeira Epístola de Pedro foi escrita cerca de 63 d.C. Paulo foi martirizado por volta do ano 64 d.C., e talvez no mesmo ano, ou pouco depois, Pedro também tenha dado a vida por Cristo.

## 2. OS DESTINATÁRIOS (1 PE 1:1)

Pedro chama-os de "forasteiros" (1 Pe 1:1), termo que significa "estrangeiros residentes, habitantes temporários". Em 1 Pedro 2:11, são chamados "peregrinos e forasteiros". Esses indivíduos eram cidadãos do céu por meio da fé em Cristo (Fp 3:20) e, portanto, não eram habitantes permanentes da terra. Como Abraão, seus olhos da fé estavam voltados para a cidade futura de Deus (Hb 11:8-16). Estavam no mundo, mas não eram do mundo (Jo 17:16).

Pelo fato de serem "estrangeiros" no mundo, os cristãos são considerados "estranhos" aos olhos do mundo (1 Pe 4:4). Possuem

padrões e valores diferentes dos que o mundo promove, o que tanto serve de oportunidade para testemunhar quanto gera a necessidade de lutar. Veremos nesta epístola que alguns dos leitores sofriam por causa de seu estilo de vida diferente.

Esses cristãos eram um povo "disperso" e "forasteiro". O termo traduzido por "dispersão" (*diaspora*) era um termo técnico usado para os judeus que viviam fora da Palestina. É empregado com esse sentido em João 7:35 e Tiago 1:1. No entanto, a forma de Pedro usar essa palavra não indica que escrevesse apenas a cristãos judeus, pois certas afirmações em sua carta sugerem que alguns dos leitores eram gentios convertidos do paganismo (1 Pe 1:14, 18; 2:9, 10; 4:1-4). Sem dúvida, as igrejas que receberam esta carta eram constituídas tanto de cristãos judeus quanto gentios. Veremos em seus capítulos uma série de referências e de alusões ao Antigo Testamento.

Esses cristãos encontravam-se dispersos por cinco partes do império romano, todas elas localizadas na Ásia Menor (atual Turquia). O Espírito Santo não permitiu que Paulo ministrasse na Bitínia (At 16:7), de modo que não foi o apóstolo quem começou esse trabalho. Em Pentecostes, havia judeus de Ponto e da Capadócia (At 2:9), e talvez tenham sido eles que levaram o evangelho à província vizinha. É possível que cristãos judeus, ministrados por Pedro em outros locais, tenham migrado para cidades dessas províncias. Naquele tempo, as pessoas mudavam-se com freqüência, e os cristãos consagrados compartilhavam a Palavra por onde passavam (At 8:4).

O mais importante a considerar acerca dos "forasteiros dispersos" é que passavam por um período de sofrimento e de perseguição. Pedro refere-se ao sofrimento em pelo menos quinze ocasiões ao longo desta carta, usando para isso seis termos gregos diferentes. Alguns cristãos sofriam por viver de modo piedoso e fazer o que era bom e certo (1 Pe 2:19-23; 3:14-18; 4:1-4, 5-19). Outros sofriam opróbrio por causa do nome de Cristo (1 Pe 4:14) e eram afrontados por incrédulos (1 Pe 3:9, 10). Pedro escreveu



para encorajá-los a ser boas testemunhas a seus perseguidores e para lembrá-los de que seu sofrimento os conduziria à glória (1 Pe 1:6, 7; 4:13, 14; 5:10).

No entanto, Pedro também tinha em mente outro objetivo. Sabia que estava para surgir um "fogo ardente", a perseguição oficial do império romano (1 Pe 4:12). Quando nasceu em Jerusalém, a Igreja parecia apenas mais uma "seita" da fé judaica tradicional. Os primeiros cristãos eram judeus e se reuniam nos arredores do templo. O governo romano não tomou qualquer medida oficial contra os cristãos, uma vez que a religião judaica era aceita e aprovada. Mas, quando ficou claro que o cristianismo não era uma "seita" do judaísmo, Roma viu-se obrigada a tomar providências oficiais.

Uma série de acontecimentos contribuíram para desencadear essa perseguição. Primeiro, Paulo defendeu a fé cristã diante de um tribunal oficial em Roma (Fp 1:12-24). Foi libertado, mas, em seguida, voltou a ser preso. Sua segunda defesa não foi bem-sucedida e resultou em seu martírio (2 Tm 4:16-18). Depois, o ensandecido imperador Nero culpou os cristãos pelo incêndio de Roma (julho de 64 d.C.), usando-os como bodes expiatórios. É provável que Pedro estivesse em Roma nessa época e que tenha sido executado por Nero, que também mandou matar Paulo. A princípio, a perseguição de Nero aos cristãos foi local, mas, ao que tudo indica, acabou se espalhando. De qualquer modo, Pedro desejava preparar as igrejas.

Não se deve imaginar que os cristãos de toda a parte do império estivessem passando pelas mesmas tribulações, com o mesmo grau de intensidade e pelos mesmos motivos. A perseguição variava de um lugar para outro, apesar do sofrimento e da oposição generalizados (1 Pe 5:9). Nero deu início à perseguição da Igreja, e, nos anos subseqüentes, outros imperadores seguiram seu exemplo. A carta de Pedro deve ter sido de grande ajuda para os cristãos que sofreram durante os governos de Trajano (98-117), de Adriano (117-138) e de Diocleciano (284-305). Cristãos de todas as partes do mundo

ainda serão beneficiados pela carta de Pedro quando o "fogo ardente" da perseguição os assolar. É minha convicção pessoal que os cristãos não passarão pela Tribulação propriamente dita, mas creio que os últimos dias trarão muito sofrimento e perseguição para o povo de Deus.

É possível que Silas tenha sido o portador da carta para os cristãos dessas províncias e que também tenha sido o secretário que escreveu a epístola.

### 3. A MENSAGEM (1 PE 5:12)

Primeira Pedro é uma carta de encorajamento (1 Pe 5:12). Observamos anteriormente que o tema do *sofrimento* aparece ao longo de toda a epístola (ver 1 Pe 1:7, 8, 11, 21; 2:12; 4:11-16; 5:1, 4, 10, 11). Um dos encorajamentos que Pedro oferece é a certeza de que, um dia, o sofrimento deles seria transformado em glória (1 Pe 1:6, 7; 4:13, 14; 5:10). Isso é possível porque nosso Salvador sofreu por nós e, então, entrou em sua glória (1 Pe 1:11; 5:1). Os sofrimentos de Cristo são mencionados com frequência nesta carta (1 Pe 1:11; 3:18; 4:1,13; 5:1).

Pedro é, acima de tudo, o apóstolo da *esperança*, enquanto Paulo é o apóstolo da *fé* e João é o apóstolo do *amor*. Como cristãos, temos uma "viva esperança" (1 Pe 1:3). Essa esperança permite manter nossa mente sob controle e "[esperar] inteiramente na graça" até o fim (1 Pe 1:13), quando Jesus voltará. Ninguém deve se envergonhar dessa esperança, mas sim estar pronto a explicá-la e a defendê-la (1 Pe 3:15). Como Sara, as esposas cristãs podem esperar em Deus (1 Pe 3:5). Sabendo que o sofrimento traz glória e que Jesus voltará, podemos, de fato, ter esperança!

Mas o sofrimento não produz *automaticamente* glória a Deus ou bênção ao povo de Deus. Alguns cristãos desanimaram e caíram em tempos de tribulação e envergonharam o nome de Cristo. Somente quando dependemos da graça de Deus é que podemos glorificá-lo em meio ao sofrimento. Nesta carta, Pedro também enfatiza a graça de Deus. "...vos escrevo resumidamente, exortando e testificando, de novo, que esta

é a genuína graça de Deus; nela estai firmes" (1 Pe 5:12).

A palavra "graça" é usada em todos os capítulos de 1 Pedro: 1:2, 10, 13; 2:19, 20 ("grato"); 3:7; 4:10; 5:5, 10, 12: A graça de Deus é um favor generoso concedido a santos indignos e necessitados. Somos salvos somente pela graça (Ef 2:8-10). A graça de Deus pode nos dar forças em tempos de provação (2 Co 12:1-10). A graça nos permite servir a Deus apesar das dificuldades (1 Co 15:9, 10). Tudo o que começa com a graça de Deus conduz à glória (Sl 84:11; 1 Pe 5:10).

Ao estudar 1 Pedro, veremos como esses três temas - o sofrimento, a graça e a glória - unem-se de modo a formar uma mensagem de encorajamento para os cristãos que estão passando por tribulações e perseguições. Esses temas são resumidos em 1 Pedro 5:10, versículo que convém memorizar.

O irônico editor e escritor H. L. Mencken certa vez definiu a esperança como "uma crença patológica na ocorrência do impossível". Mas, de modo algum, essa definição está de acordo com o significado do termo no Novo Testamento. A verdadeira esperança cristã vai muito além daquilo que gostaríamos que acontecesse. É uma certeza confiante da glória e bênção futuras.

Os santos do Antigo Testamento chamavam Deus de "Esperança de Israel" (Jr 14:8). Os santos do Novo Testamento afirmam que Jesus Cristo é sua esperança (1 Tm 1:1; ver

Cl 1:27). O pecador incrédulo "não [tem] esperança" (Ef 2:12) e, se morrer sem Cristo, permanecerá eternamente sem esperança. Em sua obra *Divina comédia*, o poeta italiano Dante colocou a seguinte inscrição sobre a porta para o mundo dos mortos: "Vós que aqui entrais, abandonai toda a esperança!"

Essa esperança segura dá o encorajamento e a capacitação necessária para a vida diária. Não nos coloca em uma cadeira de balanço em que aguardamos tranquilamente a volta de Jesus Cristo. Antes, nos coloca no mundo ao redor, no campo de batalha, onde perseveramos quando os fardos são pesados e as batalhas são duras. A esperança não é um sedativo; é uma injeção de adrenalina, uma transfusão de sangue. Como uma âncora, a esperança em Cristo dá estabilidade em meio às tempestades da vida (Hb 6:18, 19); mas, ao contrário de uma âncora, não nos detém.

Não é difícil seguir a linha de raciocínio de Pedro. Tudo começa com a salvação, o relacionamento pessoal com Deus por meio de Cristo. Conhecer a Cristo como Salvador traz esperança! Com esperança, é possível andar em santidade e em harmonia. Assim, não fica difícil sujeitar-se aos semelhantes na sociedade, em casa e na igreja. A salvação e a submissão preparam para o sofrimento; mas, com o foco em Cristo, é possível vencer, e Deus transformará o sofrimento em glória.

# GLÓRIA ATÉ O FIM!

## 1 PEDRO 1:2-12

**E**m um dia agradável de verão, minha esposa e eu visitamos um dos cemitérios mais famosos do mundo em Stoke Poges, um vilarejo não muito longe do castelo de Windsor, na Inglaterra. Foi nesse local que Thomas Gray compôs sua famosa "Elegia Escrita em um Cemitério do Interior", poema bem conhecido dos falantes de língua inglesa, que em geral o lêem em alguma ocasião de sua vida escolar.

Enquanto observávamos silenciosamente os túmulos antigos a nosso redor, lembrei-me de uma estrofe desse poema:

O orgulho dos brasões, a pompa do poder,  
E toda a beleza e riqueza que nos concederam  
Aguardam o momento inevitável;  
Para o túmulo os caminhos da glória nos conduzem.

A glória humana é passageira, mas a glória de Deus é eterna, e lhe aprouve compartilhá-la conosco! Nesta primeira seção de sua carta, Pedro fala de quatro descobertas maravilhosas acerca da glória de Deus.

### 1. OS CRISTÃOS NASCERAM PARA A GLÓRIA (1 PE 1:2-4)

Por causa da morte e ressurreição de Jesus Cristo, os cristãos foram "regenerados" para uma viva esperança, e essa esperança inclui a glória de Deus. Mas a que nos referimos quando falamos da "glória de Deus"?

A glória de Deus é a soma de tudo o que ele é e faz. Essa "glória" não é uma característica ou atributo separado de Deus, como

a santidade, a sabedoria ou a misericórdia. Todo o caráter e todos os atos de Deus se distinguem pela glória. Ele é glorioso em sabedoria e poder, de modo que tudo o que ele pensa e faz é marcado pela glória. Ele revela sua glória na criação (Sl 19), em seu relacionamento com o povo de Israel e, especialmente, em seu plano para a salvação dos pecadores perdidos.

Nosso primeiro nascimento não foi para a glória. "Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva" (1 Pe 1:24, citando Is 40:6). Qualquer glória tene que o ser humano porventura experimente acaba desvanecendo, mas a glória do Senhor é eterna. As obras que os homens realizam para a glória de Deus são duradouras e serão recompensadas (1 Jo 2:17). Mas as realizações humanas egoístas dos pecadores desaparecerão para nunca mais serem vistas. Um dos objetivos das enciclopédias é o de ensinar sobre pessoas famosas das quais ninguém mais se lembra!

Pedro apresenta duas descrições, a fim de nos ajudar a compreender melhor essa verdade maravilhosa acerca da glória.

**A descrição do nascimento do cristão (vv. 2, 3).** Esse milagre teve início com Deus: fomos escolhidos pelo Pai (Ef 1:3, 4). Isso ocorreu como parte dos desígnios mais profundos da eternidade, dos quais passamos a ter conhecimento somente depois que estes nos foram revelados pela Palavra de Deus. Essa eleição não se baseou em qualquer realização nossa, pois sequer existíamos. Também não se baseou em coisa alguma que Deus tenha antevisto que seríamos ou faríamos. A eleição de Deus baseou-se inteiramente em sua graça e amor. Não é possível explicá-la (Rm 11:33-36), mas é possível regozijar-se nela.

A "presciência" não indica que Deus apenas sabia de antemão que viríamos a crer e, portanto, nos escolheu. Se fosse o caso, ficaria a pergunta: "Então quem ou o que nos levou a crer em Cristo?" e, desse modo, tiraríamos a salvação das mãos de Deus. Na Bíblia, essa *presciência* significa "escolher e amar um indivíduo ou indivíduos de maneira pessoal". O termo é usado desse modo

em Amós 3:2: “De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi”. Deus concedeu seu amor eletivo à nação de Israel. Encontramos esse mesmo sentido em passagens como Salmo 1:6; Mateus 7:23; João 10:14, 27; e 1 Coríntios 8:3.

Mas o plano da salvação não se limita ao amor eletivo do Pai; também inclui a obra do Espírito de convencer o pecador e conduzi-lo à fé em Cristo. O melhor comentário sobre isso é 2 Tessalonicenses 2:13, 14. Além disso, o Filho de Deus teve de morrer na cruz por nossos pecados; do contrário, não haveria salvação. Fomos escolhidos pelo Pai, comprados pelo Filho e separados pelo Espírito. Para que a salvação seja verdadeira, as três Pessoas da Trindade devem estar envolvidas.

No que se refere a Deus Pai, fui salvo quando ele me escolheu em Cristo antes da fundação do mundo. No que se refere a Deus Filho, fui salvo quando ele morreu por mim na cruz. Mas no que se refere ao Espírito, fui salvo numa noite de maio de 1945, quando ouvi o evangelho e recebi a Cristo. Então, todas as partes juntaram-se, mas foi necessário que as três Pessoas da Trindade participassem, a fim de que eu pudesse receber a salvação. Separar esses três ministérios é negar a soberania divina ou a responsabilidade humana, o que seria heresia.

Pedro não nega a participação do homem no plano de Deus para a salvação dos pecadores. Em 1 Pedro 1:23, ele enfatiza que o evangelho foi pregado a essas pessoas; elas o ouviram e creram (ver também 1 Pe 1:12). O próprio exemplo de Pedro em Pentecostes é prova de que não se deve “deixar tudo por conta de Deus” e ser remissos em instar os pecadores a crer em Cristo (At 2:37-40). O mesmo Deus que determina o fim – nossa salvação – também determina os meios para esse fim – a pregação do evangelho da graça de Deus.

**A descrição da esperança cristã (vv. 3, 4).** Em primeiro lugar, é uma *viva esperança*, pois se baseia na Palavra viva de Deus (1 Pe 1:23) e se tornou possível pela obra do Filho vivo de Deus, que ressuscitou dentre os mortos. Uma “viva esperança” contém vida

e, portanto, pode nos dar vida. Uma vez que tem vida, essa esperança cresce e, com o passar do tempo, torna-se cada vez maior e mais bela. O tempo destrói a maioria das esperanças; elas murçam e morrem. Mas a passagem do tempo só torna a esperança do cristão cada vez mais gloriosa.

Pedro chama essa esperança de “herança” (1 Pe 1:4). Como filhos do Rei, participamos de sua herança na glória (Rm 8:17, 18; Ef 1:9-12). Fomos incluídos no testamento de Cristo e compartilhamos sua glória (Jo 17:22-24).

Convém observar a descrição dessa herança, pois ela é diferente de qualquer outra herança terrena. Em primeiro lugar, é “incorruptível”, o que significa que nada pode destruí-la. Uma vez que é “sem mácula”, não pode ser infamada nem vulgarizada de maneira alguma. Jamais se desgastará, pois é eterna e, sendo imarcescível, jamais nos desapontará.

Em 1 Pedro 1:5 e 9, essa herança é chamada de “salvação”. O cristão verdadeiro já foi salvo por meio da fé em Cristo (Ef 2:8, 9), mas a conclusão de sua salvação acontecerá somente na volta do Salvador. Então, teremos um novo corpo e passaremos a viver em um novo ambiente, a cidade celestial. Em 1 Pedro 1:7, Pedro chama essa esperança de “revelação de Jesus Cristo”. Paulo a chama de “bendita esperança” (Tt 2:13).

Que grande emoção saber que nascemos para a glória! Quando nascemos de novo, trocamos a glória passageira dos homens pela glória eterna de Deus!

## **2. OS CRISTÃOS SÃO GUARDADOS PARA A GLÓRIA (1 PE 1:5)**

Não apenas a glória está sendo “reservada” a nós, como nós também estamos sendo guardados para a glória! Em minhas viagens, já aconteceu de chegar a um hotel e descobrir que minha reserva havia sido cancelada ou que ocorrera alguma confusão. Isso não acontecerá conosco quando chegarmos ao céu, pois nossa herança e lar futuros são garantidos e estão reservados para nós.

Um cristão mais tímido pode preocupar-se com o fato de sermos, de fato, capazes

de chegar ao céu. Claro que chegaremos, pois todos os que creram estão sendo “guardados pelo poder de Deus”. O termo traduzido por “guardados” é de origem militar e significa “defendidos, protegidos”. O tempo verbal indica que estamos sendo *constantemente* guardados por Deus, garantindo que chegaremos em segurança ao céu. Essa mesma palavra é usada para descrever os soldados que guardavam Damasco quando Paulo fugiu da cidade (2 Co 11:32; ver também Jd 24, 25 e Rm 8:28-39).

Os cristãos não são guardados pelo próprio poder, mas sim pelo poder de Deus. A fé em Cristo une cada um ao Senhor de tal modo que o poder dele guarda e guia a vida do que crê. Ninguém é guardado pela própria força, mas pela fidelidade de Deus. Até quando ele guardará os cristãos? Até que Jesus Cristo volte e compartilhemos da revelação plena de sua maravilhosa salvação. Essa mesma verdade é repetida em 1 Pedro 1:9.

É um estímulo imenso saber que somos “guardados para a glória”. De acordo com Romanos 8:30, *já fomos* glorificados. Estamos apenas aguardando a revelação pública dessa glória (Rm 8:18-23). Se algum cristão se perdesse, Deus não poderia ser plenamente glorificado. Deus está tão certo de nossa presença no céu que já nos deu sua glória como garantia (Jo 17:24; Ef 1:13, 14).

A certeza do céu é uma grande ajuda para nós hoje. Nas palavras de James M. Gray em um dos seus cânticos: “Quem se importa com a viagem, quando o caminho conduz ao lar?” Se o sofrimento de hoje representa a glória de amanhã, ele se torna bênção para nós. Os não salvos têm sua “glória” no presente, mas depois dela terão apenas o sofrimento *longe da glória de Deus* (2 Ts 1:3-10). Diante disso, devemos meditar sobre 2 Coríntios 4:7-18 e nos regozijar!

### 3. OS CRISTÃOS ESTÃO SENDO PREPARADOS PARA A GLÓRIA (1 PE 1:6, 7)

É preciso sempre lembrar que tudo o que Deus planeja e realiza é uma preparação para o que ele tem reservado para nós no céu. Ele nos prepara nesta vida para lhe servirmos na vida por vir. Ninguém sabe ainda

tudo o que está reservado para nós no céu; mas de uma coisa estamos certos: a vida de hoje é uma escola na qual Deus nos treina para o ministério futuro na eternidade. Isso explica a presença das tribulações: são alguns dos instrumentos e “livros didáticos” de Deus na escola da experiência cristã.

Pedro usa o termo “provações” em lugar de “tribulações” ou “perseguições”, pois trata dos problemas *gerais* que os cristãos enfrentam quando cercados por incrédulos. O apóstolo fala de vários fatos acerca das provações.

**As provações supremas necessidades.** A expressão “se necessário” indica que há ocasiões especiais em que Deus sabe que precisamos passar por provações. Por vezes, as provações disciplinam quando se desobedece à vontade de Deus (Sl 119:67). Em outras ocasiões, elas preparam para o crescimento espiritual ou, ainda, guardam de pecar (2 Co 12:1-9). Nem sempre se sabe que necessidade está sendo suprida, mas é possível estar certos de que Deus sabe e faz o que é melhor.

**As provações são variadas.** Pedro usa o termo “várias”, que significa, literalmente, “variegadas, versicolores”. Emprega a mesma palavra para descrever a graça de Deus em 1 Pedro 4:10. Não importa a “cor” de nosso dia – seja ele cinzento ou negro –, Deus tem graça suficiente para suprir as necessidades. Não se deve imaginar que, pelo fato de termos vencido um tipo de provação, automaticamente venceremos todas as provações. Elas são variadas, e Deus as ajusta segundo nossas forças e necessidades.

**As provações são dolorosas.** Pedro não sugere uma atitude de indiferença em relação às provações, pois isso seria falsidade. De acordo com o apóstolo, as provações nos deixam “contristados”, termo que se refere a “sentir dor ou tristeza profunda”. A mesma palavra é usada para descrever a experiência de Jesus no Getsêmani (Mt 26:37) e a tristeza dos santos com a morte de um ente querido (1 Ts 4:13). Negar que as provações são dolorosas só as torna ainda piores. O cristão deve aceitar o fato de que enfrenta dificuldades na vida e não colocar

uma fachada de coragem só para dar a impressão de ser "mais espiritual".

**As provações são controladas por Deus.**

Ele não permite que durem para sempre; somos contristados "por um breve tempo". Quando Deus permite que seus filhos passem pela fornalha, mantém os olhos no relógio e a mão no termostato. Se nos rebelarmos, ele reinicia o relógio, mas se nos sujeitarmos, ele não permite o sofrimento um minuto além do necessário. O que importa é aprender a lição que ele deseja ensinar e glorificar somente a ele.

Pedro ilustra essa verdade referindo-se ao ourives. Nenhum ourives desperdiça deliberadamente qualquer minério precioso. Ele o coloca na fornalha ardente somente o tempo necessário para remover as impurezas sem valor; em seguida, o derrama no molde e forma uma bela peça de valor. Alguém disse que, no Oriente, o ourives deixava o metal derreter até ser capaz de ver seu rosto refletido nele. Da mesma forma, o Senhor nos mantém na fornalha do sofrimento até refletirmos a glória e a beleza de Jesus Cristo.

É importante lembrar que essa glória só será plenamente revelada quando Cristo voltar para buscar a Igreja. As provações enfrentadas hoje são um preparo para a glória de amanhã. Quem tiver sido fiel em meio aos sofrimentos desta vida, quando encontrar Jesus Cristo, lhe dará "louvor, glória e honra" (ver Rm 8:17, 18). Isso explica por que Pedro relaciona o *regozijo* com o *sofrimento*. Apesar de não sermos capazes de nos regozijar ao olhar ao redor em meio às provações, é possível regozijar-se ao olhar adiante. A palavra "nisso", em 1 Pedro 1:6, se refere à "salvação" (a volta de Cristo) mencionada em 1 Pedro 1:5.

Assim como o contrasteador testa o metal para ver se é ouro puro ou minério sem valor, também as provações da vida testam nossa fé para provar sua sinceridade. Uma fé que não pode ser testada não é confiável! Muitos cristãos professos possuem uma "falsa fé" que será revelada como tal pelas provações da vida. A semente que cai em solo raso produz plantas sem raízes, plantas que morrem quando o sol aparece (ver

Mt 13:1-9,18-23). Nessa parábola, o sol representa "a angústia ou a perseguição". A pessoa que abandona a fé quando as coisas ficam difíceis mostra apenas que, na verdade, não tem fé alguma.

Jó, o patriarca, passou por muitas provações dolorosas, todas elas com a aprovação de Deus e, no entanto, em certo sentido, compreendeu essa verdade sobre o fogo do refinador. "Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro" (Jó 23:10). E foi exatamente o que aconteceu!

É animador saber que o cristão nasce para a glória, é guardado para a glória e está sendo preparado para a glória. Mas a quarta descoberta que Pedro compartilha com seus leitores é a mais maravilhosa de todas.

**4. OS CRISTÃOS PODEM DESFRUTAR A GLÓRIA NO PRESENTE (1 PE 1:8-12)**

A vida cristã não consiste somente da contemplação de um futuro distante. Antes, traz consigo uma dinâmica *presente* que pode transformar o sofrimento em glória *hoje*. Pedro apresenta quatro instruções para se desfrutar a glória hoje, mesmo em meio às provações.

**Amem a Cristo (v. 8).** Nosso amor por Cristo não é baseado no que podemos ver fisicamente, pois ainda não o vimos. Sua base é o relacionamento espiritual com ele e com o que a Palavra nos ensina a seu respeito. O Espírito Santo derramou o amor de Deus em nosso coração (Rm 5:5), e retribuímos esse amor a ele. Estando em meio a alguma provação e sofrimento, deve-se, mais que depressa, oferecer o coração a Cristo com verdadeiro amor e adoração. Se o fizermos, Cristo removerá o veneno da experiência difícil e, em seu lugar, derramará seu bálsamo curativo.

Satanás procura usar as provações para fazer aflorar o que há de pior em nós, mas Deus deseja fazer aflorar o que há de melhor em nós. Quem amar a si mesmo mais do que a Cristo não experimentará glória alguma *agora*. O fogo *queimará* em vez de *purificar*.

**Confiem em Cristo (v. 8).** Deve-se viver pela fé, não pelas aparências. Uma senhora

caiu e quebrou a perna quando estava participando de um congresso cristão. Disse ao pastor que a visitou:

- Sei que o Senhor me trouxe até este congresso, mas não entendo por que isso precisava acontecer! Não vejo nada de bom nesta situação.

Ao que o pastor respondeu com sabedoria:

- Romanos 8:28 não diz que vemos que todas as coisas cooperam para o nosso bem, mas sim que sabemos disso.

Crer significa entregar tudo a Deus e obedecer à sua Palavra apesar das circunstâncias e conseqüências. O amor e a fé andam juntos: quem ama alguém confia nessa pessoa. E, juntos, a fé e o amor ajudam a fortalecer a esperança, pois onde há fé e amor, também há segurança quanto ao futuro.

De que maneira é possível crescer na fé em tempos de provação e de sofrimento? Da mesma forma que se cresce na fé quando as coisas parecem estar indo bem: alimentando-se da Palavra de Deus (Rm 10:17). A comunhão com Cristo por meio da Palavra não apenas fortalece a fé como também aprofunda o amor. Um dos princípios da vida cristã é dedicar muito tempo à Palavra quando Deus nos prova e Satanás nos tenta.

**Alegrem-se em Cristo (v. 8).** Talvez não sejamos capazes de nos alegrar com as circunstâncias, mas é possível alegrar-se nelas voltando todo o coração e a mente para Jesus Cristo. Cada experiência de provação ensina algo novo e maravilhoso sobre o Salvador. Abraão descobriu novas verdades a respeito do Senhor quando colocou seu filho no altar (Gn 22). Os três rapazes hebreus descobriram como Deus estava próximo quando passaram pela fornalha de fogo (Dn 3). Paulo descobriu a suficiência da graça de Deus quando sofreu com um espinho na carne (2 Co 12).

É importante observar que a alegria que Cristo produz é "indizível e cheia de glória". Trata-se de um gozo tão profundo e maravilhoso que sequer podemos expressá-lo. Faltam-nos as palavras! Pedro havia contemplado parte dessa glória no monte da Transfiguração, onde Jesus conversou com Moisés

e Elias sobre seu sofrimento e morte iminentes (Lc 9:28-36).

**Recebam de Cristo (vv. 9-12).** "Crendo [...] obtendo" - esse é o modo de Deus suprir nossas necessidades. Quem ama a Deus confia nele e se alegra nele, podendo receber dele tudo de que precisa para transformar as tribulações em triunfos. Pode-se traduzir 1 Pedro 1:9 assim: "Pois estais recebendo a consumação da vossa fé, a saber, a salvação final da vossa alma". Em outras palavras, é possível experimentar *hoje* parte da glória futura. Charles Spurgeon costumava dizer: "Uma fé pequena leva a alma ao céu; mas uma grande fé traz o céu para a alma". Não basta ansiar pelo céu durante tempos de sofrimento, pois qualquer um pode fazer isso. Pedro insta seus leitores a exercitar o amor, a fé e a alegria de modo a experimentar parte dessa glória do céu em meio ao sofrimento *presente*.

O mais impressionante é que a "salvação" que aguardamos - a volta de Cristo - faz parte do plano de Deus desde a eternidade. Os profetas do Antigo Testamento escreveram sobre essa salvação e estudaram cuidadosamente o que Deus lhes revelou. Viram os sofrimentos do Messias e também a glória subsequente, mas não compreenderam plenamente a ligação entre ambos. De fato, em algumas das profecias acerca do Messias, os sofrimentos e a glória encontram-se combinados em um só versículo ou parágrafo.

Quando Jesus veio à Terra, os mestres judeus aguardavam um Messias que derrotaria os inimigos de Israel e estabeleceria o reino glorioso prometido a Davi. Até mesmo os próprios discípulos não entenderam exatamente a necessidade de Cristo morrer na cruz (Mt 16:13-28). Mesmo depois da ressurreição, ainda lhe perguntaram sobre o reino judeu (At 1:1-8). Se os *discípulos* não entenderam claramente os planos de Deus, sem dúvida os *profetas* do Antigo Testamento não devem ser criticados!

Deus disse aos profetas que eles estavam ministrando a uma geração *futura*. Entre o sofrimento do Messias e sua volta em glória, temos o que chamamos de "era da

Igreja". A verdade sobre a Igreja era um "mistério" oculto no período do Antigo Testamento (Ef 3:1-13). Os santos do Antigo Testamento olharam adiante pela fé e viram dois montes, por assim dizer: o Calvário, onde o Messias sofreu e morreu (Is 53), e o monte das Oliveiras, onde ele voltará em glória (Zc 14:4). Não viram, porém, o "vale" entre os dois: a era presente em que a Igreja se encontra.

Até mesmo os anjos têm interesse em saber o que Deus está fazendo na Igreja e por meio dela! Leia 1 Coríntios 4:9 e Efésios 3:10 para mais informações sobre como Deus "instrui" os anjos por meio da Igreja.

Se os profetas do Antigo Testamento buscaram com tanta diligência a verdade acerca da salvação com o pouco que lhes foi relevado, quanto mais nós devemos perscrutar tais coisas, agora que temos a Palavra completa de Deus! O mesmo Espírito Santo que ensinou os profetas e, por meio deles,

escreveu a Palavra de Deus, pode nos ensinar as verdades dessas Escrituras (Jo 16:12-15).

Além disso, é possível aprender tais verdades tanto por meio do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. É possível encontrar Cristo em todas as partes das Escrituras do Antigo Testamento (Lc 24:25-27). Como é maravilhoso ver Cristo na Lei do Antigo Testamento, em seus tipos, nos Salmos e nos escritos dos profetas! Em tempos de provação, é possível voltar-se para a Bíblia inteira e encontrar tudo o que é necessário para ser encorajado e esclarecido.

Sem dúvida, o cristão experimenta a glória ao longo de toda a jornada! Ao crer em Cristo, nasce para a glória. Então, é guardado para a glória. Ao obedecer a Deus e experimentar provações, é preparado para a glória. Ao amar a Cristo, confiar nele e se alegrar nele, experimenta a glória aqui e agora.

Alegria indizível e cheia de glória!



## PUREZA EM MEIO À CONTAMINAÇÃO

1 PEDRO 1:13-21

**N**a primeira seção deste capítulo, Pedro enfatiza a importância de *caminhar em esperança*; aqui, sua ênfase é sobre *caminhar em santidade*. As duas coisas andam juntas, pois “a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 Jo 3:3).

O significado da raiz do termo traduzido por “santo” é “diferente”. Uma pessoa santa não é esquisita, mas sim diferente. Sua vida possui uma qualidade distinta. Seu “estilo de vida” no presente não é apenas diferente da forma como ela vivia no passado, como também é diferente do “estilo de vida” dos incrédulos a seu redor. A vida de santidade de um cristão parece estranha para os perdidos (1 Pe 4:4), mas não é estranha para outros cristãos.

No entanto, não é fácil viver neste mundo e continuar andando em santidade. O ambiente contrário a Deus que nos cerca, aquilo que a Bíblia chama de “mundo”, está sempre pressionando e tentando forçar o cristão a adaptar-se a seus padrões. Neste parágrafo, Pedro apresenta aos leitores cinco incentivos espirituais, a fim de os encorajar (e a nós também) a manter um estilo de vida diferente e a andar em santidade em um mundo contaminado.

### 1. A GLÓRIA DE DEUS (1 PE 1:13)

A “revelação de Jesus Cristo” é uma expressão equivalente à “viva esperança”. O cristão vive no tempo futuro; suas ações e decisões no presente são governadas por essa esperança futura. Assim como um casal de noivos faz planos para a cerimônia de casamento, também os cristãos de hoje vivem na expectativa de ver Jesus Cristo.

“Cingir o entendimento” significa concatenar as idéias, ter a mente disciplinada. A imagem é a de um homem que prende as pontas do manto a seu cinto, ficando livre, assim, para correr. Ao pensar na volta de Cristo e viver de acordo com essa realidade, escapa-se de muitas coisas do mundo que serviriam de empecilho à mente e que atrasariam o progresso espiritual. É possível que Pedro tenha tomado essa idéia emprestada da ceia de Páscoa, pois, mais adiante nesta seção, ele identifica Cristo como o Cordeiro (1 Pe 1:19). Os hebreus tiveram de comer a primeira refeição pascal às pressas, prontos para partir (Êx 12:11).

A perspectiva determina o resultado; a atitude determina a ação. O cristão com os olhos voltados para a glória de Deus tem mais motivação para obedecer no presente do que um cristão que ignora a volta do Senhor. O contraste é ilustrado na vida de Abraão e Ló (Gn 12 - 13; Hb 11:8-16). Uma vez que Abraão tinha os olhos da fé voltados para a cidade celestial, não estava interessado em propriedades aqui na Terra. Ló, por outro lado, havia provado os prazeres do mundo no Egito e, aos poucos, se moveu em direção a Sodoma. Abraão trouxe bênçãos para seu lar, mas Ló trouxe julgamento. A perspectiva determinou o resultado.

A mente não deve ser apenas disciplinada, mas também *sóbria*. Ser sóbrio significa “ser calmo, estável, controlado; ponderar as coisas”. Infelizmente, algumas pessoas “empolgam-se” com os estudos proféticos e perdem o equilíbrio espiritual. O fato de Cristo estar voltando deve ser um incentivo a ter calma e tranqüilidade (1 Pe 4:7). Outro motivo para ser sóbrio é que Satanás está rodeando (1 Pe 5:8). A pessoa cuja mente torna-se indisciplinada e cuja vida se desintegra por causa de estudos proféticos dá provas de que, na verdade, não entendeu as profecias bíblicas.

Também se deve ter mente *otimista*. “Esperai inteiramente” significa “depositai todas as vossas esperanças”. Deve-se ter uma perspectiva esperançosa! Certa vez, um amigo meu me escreveu um bilhete que dizia: “Quando as coisas ao redor parecem

sombrias, tente olhar *para o alto!*" Sem dúvida, um excelente conselho! As estrelas só aparecem quando está escuro.

Em decorrência dessa mentalidade, o cristão experimenta a graça de Deus em sua vida. Claro que se experimentará a graça na vinda de Jesus Cristo, mas também podemos experimentá-la hoje, ao pensar na volta de Cristo. Fomos salvos pela graça e dependemos da graça de Deus a cada momento (1 Pe 1:10). Olhar para a volta de Cristo fortalece a fé e a esperança em tempos difíceis e concede mais da graça de Deus. Outra passagem que mostra a relação entre a graça e a vinda de Jesus Cristo é Tito 2:10-13.

## 2. A SANTIDADE DE DEUS (1 PE 1:14, 15)

Vemos aqui um argumento lógico e simples. Os filhos herdaram a natureza dos pais. Deus é santo; portanto, como seus filhos, devemos ter uma vida de santidade. Somos "co-participantes da natureza divina" (2 Pe 1:4) e devemos revelar essa natureza em uma vida piedosa.

Pedro lembra seus leitores do que eram antes de crer em Cristo. Eram *filhos da desobediência* (Ef 2:1-3), mas agora são filhos obedientes. A verdadeira salvação sempre resulta em obediência (Rm 1:5; 1 Pe 1:2). Também eram *imitadores do mundo*, "amoldando-se" aos padrões e prazeres do mundo. Romanos 12:2 traduz a mesma expressão por "conformar-se com este mundo". Os não salvos dizem que desejam ser "livres e diferentes" e, no entanto, vivem imitando uns aos outros!

A causa de tudo isso é a "ignorância" que conduz à "tolerância". Os incrédulos são desprovidos de inteligência espiritual e, portanto, se entregam a todo tipo de prazer carnal e mundano (ver At 17:30; Ef 4:17ss). Nascer com uma natureza decaída torna natural viver de modo pecaminoso. A natureza determina os desejos e as ações. Um cão e um gato comportam-se de maneiras distintas porque possuem naturezas diferentes.

Se não fosse pela graça de Deus, ainda estaríamos nessa triste situação. Ele nos

chamou! Um dia, Jesus chamou Pedro e seus amigos e disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mc 1:17). Eles responderam pela fé a esse chamado e, com isso, a vida de cada um foi completamente transformada.

Talvez isso explique por que Pedro usa o termo "chamar" com tanta frequência nesta carta. Somos chamados para ser santos (1 Pe 1:15). Somos chamados "das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2:9). Somos chamados para sofrer e seguir o exemplo de mansidão de Cristo (1 Pe 2:21). Em meio à perseguição, somos chamados "a fim de [recebermos] bênção por herança" (1 Pe 3:9). O melhor de tudo é que somos chamados para a "eterna glória" de Deus (1 Pe 5:10). Deus nos chamou antes de o invocarmos para receber a salvação. Foi tudo obra da graça.

Mas a eleição dos pecadores para se tornarem santos pela graça de Deus envolve não apenas privilégio, mas também responsabilidade. Ele nos escolheu em Cristo "para sermos santos e irrepreensíveis perante ele" (Ef 1:4). Deus nos chamou para si e, uma vez que ele é santo, nós devemos ser santos. Pedro cita a Lei do Antigo Testamento para apoiar essa admoestação (Lv 11:44, 45; 19:2; 20:7, 26).

A santidade de Deus é parte de sua natureza. "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1 Jo 1:5). Toda santidade que o ser humano tenha em caráter e em conduta deriva-se de Deus. Ser *santificado* significa, basicamente, ser "separado para o uso e o prazer exclusivo de Deus". Envolve a separação do que é impuro e a completa consagração a Deus (2 Co 6:14 - 7:1). Devemos ser santos "em todo o [nosso] procedimento", de modo que tudo o que fizermos reflita a santidade de Deus.

Para um cristão dedicado, a divisão entre "secular" e "sagrado" não existe. Ao viver para a glória de Deus, a vida toda é santa. Até mesmo atividades comuns, como comer e beber, podem ser realizadas para a glória de Deus (1 Co 10:31). Se algo não pode ser feito para a glória de Deus, então não está de acordo com a vontade de Deus.

### 3. A PALAVRA DE DEUS (1 PE 1:16)

“Porque escrito está!” é uma declaração de grande autoridade para o cristão. Jesus usou a Palavra de Deus para derrotar Satanás e podemos fazer o mesmo (Mt 4:1-11; ver Ef 6:17). Mas a Palavra de Deus não é apenas uma espada para a batalha; também é uma luz para nos guiar neste mundo escuro (Sl 119:105; 2 Pe 1:19), alimento para nos fortalecer (Mt 4:4; 1 Pe 2:2), e água para nos purificar (Ef 5:25-27).

A Palavra de Deus exerce um ministério de santificação na vida dos cristãos consagrados (Jo 17:17). Os que se deleitam na Palavra de Deus, meditam sobre ela e procuram lhe obedecer experimentam a bênção de Deus em sua vida (Sl 1:1-3). A Palavra revela a mente de Deus, de modo que devemos *aprendê-la*; revela o coração de Deus, de modo que devemos *amá-la*; e revela a vontade de Deus, de modo que devemos *lhe obedecer*. O ser como um todo – a mente, o coração e a volição – deve ser controlado pela Palavra de Deus.

Pedro cita o Livro de Levítico: “Sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44). Isso significa que a Lei do Antigo Testamento continua a ter autoridade sobre os cristãos do Novo Testamento? É preciso lembrar sempre que os primeiros cristãos não tinham o Novo Testamento. A única Palavra de Deus que possuíam era o Antigo Testamento, e Deus usava essa Palavra para orientá-los e alimentá-los. Os cristãos de hoje não estão sujeitos às leis cerimoniais dadas a Israel; no entanto, mesmo nessas leis cerimoniais, encontramos a revelação de princípios morais e espirituais. Nove dos Dez Mandamentos são repetidos no Novo Testamento (o mandamento do sábado foi dado especificamente a Israel e não se aplica a nós hoje; ver Rm 14:1-9). Ao ler e estudar o Antigo Testamento, aprende-se sobre o caráter e a operação de Deus e vêem-se verdades retratadas em tipos e símbolos.

O primeiro passo para manter-se puro em um mundo contaminado é perguntar: “O que a Bíblia diz?” Há nas Escrituras preceitos, princípios, promessas e exemplos pessoais para orientar as decisões de hoje. Se a

disposição de obedecer a Deus for sincera, ele revelará sua verdade (Jo 7:17). Deus pode mudar seus métodos de operação de uma era para outra, mas seu caráter é o mesmo, e seus princípios espirituais não variam. Não se estuda a Bíblia apenas para conhecê-la, mas também para conhecer melhor a Deus. Ao estudar as Escrituras, muitos cristãos sinceros contentam-se com esboços e explicações e não crescem no conhecimento de Deus. É bom conhecer a Palavra de Deus, mas isso deve levar a conhecer melhor o Deus da Palavra.

### 4. O JULGAMENTO DE DEUS (1 PE 1:17)

Como filhos de Deus, precisamos levar a sério a questão do pecado e da vida de santidade. O Pai celestial é santo (Jo 17:11) e justo (Jo 17:25) e não faz concessões ao pecado. Deus é misericordioso e clemente, mas também é um disciplinador amoroso que não pode permitir a seus filhos se agradarem do pecado. Afinal, foi por causa do pecado que seu Filho morreu na cruz. Se chamamos Deus de “Pai”, devemos refletir sua natureza.

O que é esse julgamento sobre o qual Pedro escreve? É o julgamento das obras do cristão. Sua única relação com a salvação é o fato de que esta deve produzir boas obras (Tt 1:16; 2:7, 12). Quando cremos em Cristo, Deus perdoou os pecados e nos declarou justos em seu Filho (Rm 5:1-10; 8:1-4; Cl 2:13). Nossos pecados já foram julgados na cruz (1 Pe 2:24) e, portanto, não podemos ser acusados deles novamente (Hb 10:10-18).

Mas quando Cristo voltar, haverá um tempo de julgamento chamado de “tribunal de Deus” (Rm 14:10-12; ou “tribunal de Cristo”, 2 Co 5:9, 10). Cada um prestará contas de suas obras e receberá a recompensa apropriada. Trata-se de um “julgamento em família” envolvendo o Pai e seus filhos amados. O termo grego traduzido por “julgar” tem o sentido de “julgar a fim de encontrar algo de bom”. Deus perscrutará as motivações do ministério de cada um e examinará o coração do cristão. Mas ele garante que seu propósito é glorificar a si mesmo em nossa vida e ministério; “e, então, cada um receberá o

seu louvor da parte de Deus" (1 Co 4:5). Que incentivo!

Deus concede inúmeras dádivas e privilégios ao longo da vida cristã, mas ele nunca permite a desobediência e o pecado. Ele não mima seus filhos, deixando que façam tudo o que querem. Deus "não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno" (Dt 10:17). "Porque para com Deus não há acepção de pessoas" (Rm 2:11). Anos de obediência não compram uma hora de desobediência. Se um de seus filhos peca, Deus o disciplina (Hb 12:1-13). Mas quando o filho obedece e serve com amor ao Pai, o Senhor registra e prepara a recompensa devida.

Pedro lembra seus leitores de que são apenas "peregrinos" aqui na Terra. A vida é curta demais para ser desperdiçada em desobediência e pecado (ver 1 Pe 4:1-6). Quando Ló deixou de ser um peregrino e se tornou um habitante de Sodoma, perdeu a consagração e o testemunho. Tudo a que ele dedicou sua vida transformou-se em fumaça! É preciso ter sempre em mente que somos "peregrinos e forasteiros" neste mundo (1 Pe 1:1; 2:11).

Uma vez que Deus disciplina os filhos com amor hoje e que julgará as obras de cada um no futuro, deve-se cultivar uma atitude de temor piedoso. Não se trata de medo servil de um escravo diante de seu senhor, mas sim de reverência amorosa de um filho para com o pai. Não é um medo de ser julgado por ele (1 Jo 4:18), mas um medo de desapontá-lo e de pecar contra seu amor. É um "temor de Deus" (2 Co 7:1), uma reverência solene para com o Pai.

Por vezes, tenho a impressão de que, hoje em dia, há cada vez mais descuido e até mesmo leviandade na maneira de falar a respeito de Deus ou com Deus. Quase um século atrás, o bispo B. F. Westcott disse: "Cada ano me faz estremecer diante da ousadia com que as pessoas falam acerca das coisas espirituais". Imagine qual seria sua reação se ouvisse o que se diz hoje em dia! Uma atriz mundana chama Deus de "o Cara lá de cima". Um jogador de futebol o chama de "Cartola do céu". No Antigo Testamento, os israelitas temiam a Deus de tal

modo que nem sequer pronunciavam seu nome santo. No entanto, hoje em dia, falamos de Deus com desleixo ou com irreverência. Por vezes, ao orarmos em público, são empregados termos tão familiares que alguém se perguntaria se a intenção é expressar petições ou impressionar os ouvintes mostrando como somos "chegados" a Deus!

## 5. O AMOR DE DEUS (1 PE 1:18-21)

Esta é a motivação suprema para uma vida de santidade. Neste parágrafo, Pedro lembra seus leitores de sua experiência de salvação, algo de que todos nós precisamos nos recordar com freqüência. Um dos motivos pelos quais Jesus instituiu a Ceia do Senhor foi para que seu povo se lembrasse de que Jesus morreu por ele. Vejamos o que Pedro diz para ajudar a recordar isso.

Ele lembra *o que eram*. Em primeiro lugar, eram escravos que precisavam ser libertos. Para nós, a palavra *resgatar* é um termo teológico, mas para o povo do império romano do primeiro século tinha um significado específico. É provável que cerca de 40% da população fosse de escravos no império! Muitos se converteram e participavam de congregações locais. Tendo os recursos necessários, um escravo poderia comprar sua liberdade; ou seu senhor poderia vendê-lo a alguém que pagasse o preço de mercado para que, em seguida, o libertasse. Naquele tempo, esse *resgate* ou *redenção* era precioso.

Não se deve esquecer de que a escravidão é pecado (Tt 3:3). Moisés instou os israelitas a se lembrarem de que haviam sido escravos no Egito (Dt 5:15; 16:12; 24:18, 22). A geração que morreu no deserto se esqueceu da servidão do Egito e quis voltar!

Não apenas eram escravos como levavam uma vida vazia. Pedro chama esse modo de vida de "vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram" (1 Pe 1:18) e o descreve em mais detalhes em 1 Pedro 4:1-4: Na época, pensaram que sua vida era "plena" e "feliz", quando na verdade era vazia e miserável. Os incrédulos de hoje estão vivendo cegamente à custa de substitutos.

Enquanto ministrava no Canadá, conheci uma senhora que me disse que havia se

convertido quando ainda era bastante jovem, mas que havia adotado um estilo de vida "social" que a empolgava e satisfazia seu ego. Um dia, estava indo a um jogo de cartas quando sintonizou, por acaso, no rádio do carro uma emissora cristã. Naquele exato momento, o locutor dizia: "Algumas de vocês que estão me ouvindo sabem mais sobre baralhos do que sobre a Bíblia!" Sob o impacto dessas palavras e sentindo Deus tocar em seu coração, a mulher voltou para casa e entregou-se inteiramente ao Senhor. Percebeu a futilidade, a vaidade de uma vida fora da vontade de Deus.

Pedro não apenas os lembra do que eram como também lhes traz à memória o que Cristo fez. Ele derramou seu sangue precioso para nos comprar da escravidão do pecado e para nos libertar para sempre. Resgatar significa "libertar mediante o pagamento de um preço". Um escravo poderia ser liberto pelo pagamento de um preço em dinheiro, mas nem todo o dinheiro do mundo é capaz de libertar do pecado um pecador perdido. Somente o sangue de Jesus Cristo pode nos resgatar.

Pedro testemunhou os sofrimentos de Cristo (1 Pe 5:1) e, ao longo desta carta, menciona a morte sacrificial do Salvador (1 Pe 2:21ss; 3:18; 4:1, 13; 5:1). Ao comparar Cristo a um "cordeiro", Pedro lembra seus leitores de um preceito do Antigo Testamento importante para a Igreja primitiva e que também deve ser importante para nós hoje. É a doutrina da substituição: uma vítima inocente que dá a vida pelo culpado.

A doutrina do sacrifício começa em Gênesis 3, quando Deus matou animais a fim de confeccionar vestimentas para Adão e Eva. Um carneiro morreu no lugar de Isaque (Gn 22:13), e, na primeira Páscoa, Deus ordenou que um cordeiro fosse morto para cada família de hebreus (Êx 12). Em Isaías

53, o Messias é apresentado como um Cordeiro inocente. Isaque perguntou: "Mas onde está o cordeiro?" (Gn 22:7) e João Batista respondeu ao apontar para Jesus e dizer: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1:29). No céu, os remidos e os anjos cantarão: "Digno é o Cordeiro" (Ap 5:11-14).

Pedro deixa claro que a morte de Cristo foi o cumprimento de um plano, não um acidente, pois foi determinada por Deus antes da fundação do mundo (At 2:23). Do ponto de vista humano, Cristo foi cruelmente assassinado; mas do ponto de vista divino, entregou a vida pelos pecadores (Jo 10:17, 18). Mas foi ressurreto dentre os mortos! Agora, todos os que nele crêem recebem a salvação eterna!

Quando meditamos sobre o sacrifício que Cristo realizou por nós, sem dúvida, devemos sentir o desejo de obedecer a Deus e de viver em santidade para sua glória. Quando ainda era moça, Frances Ridley Havergal viu uma pintura do Cristo crucificado com a seguinte inscrição: "Fiz isto por ti. Que fizeste por mim?" Mais que depressa, ela escreveu alguns versos, mas, insatisfeita com sua criação, jogou-a na lareira acesa. O papel permaneceu intacto! Posteriormente, o pai de Frances sugeriu que ela publicasse o poema, que hoje cantamos como hino:

Morri na cruz por ti,  
Morri p'ra te livrar;  
Meu sangue, sim, verti,  
E posso te salvar.  
Morri, morri na cruz por ti;  
Que fazes tu por mim?

Sem dúvida, uma ótima pergunta! Espero que possamos dar uma boa resposta para o Senhor.

## UNIDADE CRISTÃ

1 PEDRO 1:22 – 2:10

Um dos fatos dolorosos da vida é que o povo de Deus nem sempre se entende. Seria de se imaginar que os que caminham em *esperança* e em *santidade* também pudessem caminhar em *harmonia*, mas nem sempre é o caso. Do ponto de vista de Deus, existe um só corpo (ver Ef 4:4-6); mas o que vemos com nossos olhos humanos é uma igreja dividida e, por vezes, em pé de guerra. Precisamos encarecidamente de unidade espiritual.

Nesta seção de sua carta, Pedro enfatiza a unidade espiritual apresentando quatro retratos vívidos da Igreja.

### 1. SOMOS FILHOS, MEMBROS DA MESMA FAMÍLIA (1 PE 1:22 – 2:3)

Ao considerar as implicações desse fato, seremos estimulados a construir e a manter a unidade no meio do povo de Deus.

**Experimentamos o mesmo nascimento (vv. 23-25).** A única maneira de ingressar na família espiritual de Deus é por meio do nascimento espiritual, mediante a fé em Jesus Cristo (Jo 3:1-16). Como a concepção física, a “concepção espiritual” também requer um pai e uma mãe: o Espírito Santo de Deus (Jo 3:5, 6) e a Palavra de Deus (1 Pe 1:23). O novo nascimento dá uma nova natureza (2 Pe 1:4) bem como uma nova e viva esperança (1 Pe 1:3).

O primeiro nascimento é o da “carne”, e a carne é corruptível. Tudo o que é nascido da carne está fadado a morrer e a se decompor. Isso explica por que a humanidade não é capaz de manter a civilização coesa: tudo o que é baseado na carne humana está condenado a desintegrar-se. Como uma

linda flor de primavera, as obras dos homens parecem bem-sucedidas por algum tempo, mas logo começam a murchar e a morrer. Desde a torre de Babel em Gênesis 11, até “Babilônia, a Grande” em Apocalipse 17 e 18, as grandes tentativas de unificação da humanidade estão destinadas a fracassar.

Quem tentar construir a unidade da Igreja com base no primeiro nascimento falhará; mas construir essa unidade com base no novo nascimento dará certo. Cada cristão tem o mesmo Espírito Santo habitando dentro de si (Rm 8:9). Podemos invocar o mesmo Pai (1 Pe 1:17) e compartilhar sua natureza divina. Cremos na mesma Palavra, e essa Palavra nunca se desintegrará nem desaparecerá. Cremos no mesmo evangelho e nascemos do mesmo Espírito. Os elementos *exteriores* da carne que poderiam dividir os cristãos não têm significado algum se comparados com os elementos *eternos* que unem o povo de Deus.

### **Expressamos o mesmo amor (v. 22).**

Pedro usa duas palavras diferentes para amor: *filadelfia*, que significa “amor fraternal” e *ágape*, que significa amor sacrificial, semelhante ao amor divino. É importante compartilhar esses dois tipos de amor. O amor fraternal é expresso por sermos irmãs e irmãos em Cristo e termos semelhanças. O amor *ágape* é expresso por pertencermos a Deus e poderemos colocar de lado as diferenças.

Por natureza, somos todos egoístas, de modo que foi preciso Deus realizar um milagre, a fim de nos dar esse amor. Ao “[obedecermos] à verdade” por meio do Espírito, Deus purificou nossa alma e derramou seu amor em nosso coração (Rm 5:5). O amor pelos irmãos é uma prova de que somos, verdadeiramente, nascidos de Deus (1 Jo 4:7-21). Agora, somos “filhos da obediência” (1 Pe 1:14) que não anseiam mais por viver em função dos desejos egoístas do velho homem.

É triste quando as pessoas tentam “produzir” amor, pois o produto é, obviamente, artificial e inferior. “A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração havia guerra; as suas palavras eram mais brandas que o azeite; contudo, eram espadas

desembainhadas" (Sl 55:21). O amor compartilhado com outros cristãos e com o mundo perdido deve ser gerado pelo Espírito de Deus. É um poder *constante* em nossa vida, não algo que é ligado ou desligado como um rádio.

Esse amor não é apenas espiritual, mas também *sincero* ("não fingido"). Amamos uns aos outros "de coração". A motivação é dar, não receber. Hoje em dia, há um tipo de "psicologia do sucesso" amplamente difundida que permite à pessoa manipular sutilmente os outros, a fim de obter o que deseja. Se o amor for sincero e de coração, jamais seremos capazes de "usar as pessoas" para benefício próprio.

O amor verdadeiro também é *ardente*, termo esportivo que se refere a "esforçar-se com todas as energias". Como as habilidades de um competidor olímpico que precisam ser aprimoradas, o amor é algo que exige trabalho. O amor cristão não é um sentimento, é uma questão de *volição*. Demonstra-se amor a outros ao tratá-los da mesma forma que Deus nos trata. Deus nos perdoa, portanto devemos perdoar os outros. Deus é bondoso para conosco, portanto devemos usar de bondade para com os outros. Não é uma questão de *sentir*, mas sim de *decidir*, atitude em que se deve trabalhar constantemente a fim de ser bem-sucedido. Contamos com a ajuda de dois "assistentes" maravilhosos: a Palavra de Deus e o Espírito de Deus. A mesma verdade em que alguém crê e à qual obedece a fim de se tornar filho de Deus também alimenta e dá poder. *É impossível amar a verdade e odiar os irmãos*. O Espírito de Deus produz o "fruto do Espírito" na vida, e o primeiro desses frutos é o amor (Gl 5:22, 23). Ficando cheios da Palavra de Deus (Cl 3:16ss) e do Espírito de Deus (Ef 5:18ss), manifestaremos o amor de Deus na vida diária.

**Recebemos o mesmo alimento (vv. 1-3).** A Palavra de Deus *tem* vida, *dá* vida e *sustenta* a vida. É preciso ansiar pela Palavra de Deus como recém-nascidos famintos! Devemos desejar a Palavra *pura*, não adulterada, pois somente ela pode nos ajudar a crescer. Quando era criança, não gostava

de leite (e meu pai trabalhava em uma fábrica de laticínios!), de modo que minha mãe acrescentava uma porção de coisas ao leite que precisava beber, a fim de deixá-lo mais saboroso. Na verdade, nada ajudava muito. É triste quando os cristãos não têm anseio algum pela Palavra de Deus e preferem "alimentar-se" de entretenimento religioso. Ao crescer, descobrimos que a Palavra é leite para as criancinhas e carne substanciosa para os cristãos maduros (1 Co 3:1-4; Hb 5:11-14). Também é pão (Mt 4:4) e mel (Sl 119:103).

Por vezes, as crianças não têm apetite porque estão se alimentando das coisas erradas. Pedro adverte seus leitores a que se "despojem" de certas atitudes incorretas do coração que podem ser um empecilho para seu anseio pela Palavra e para seu crescimento espiritual. A "maldade" refere-se à perversidade em geral, enquanto o "dolo" é o mesmo que astúcia – usar de palavras e de atos tortuosos para conseguir o que se deseja. De fato, quem é culpado de maldade e de dolo tenta esconder tais coisas lançando mão da *hipocrisia*. Com freqüência, as inimizades são provocadas por *inveja*, e um dos resultados da inveja é a *maledicência*, o tipo de conversa que infama o outro. Se tais atitudes e ações estiverem presentes na vida, não haverá anseio algum pela Palavra pura de Deus. Se pararmos de nos alimentar da Palavra, deixaremos de crescer e de desfrutar ("experimentar") a graça que encontramos no Senhor. Quando os cristãos estão crescendo na Palavra, não são agitadores, mas pacificadores que promovem a unidade da igreja.

## 2. SOMOS PEDRAS DO MESMO EDIFÍCIO (1 PE 2:4-8)

Existe somente um Salvador, Jesus Cristo, e somente um edifício espiritual, a Igreja. Jesus Cristo é a pedra angular da Igreja (Ef 2:20), que mantém unido o edifício todo. Quer concordemos uns com os outros quer não, todos os cristãos verdadeiros pertencem uns aos outros como pedras do edifício de Deus.

Pedro dá uma descrição completa de Jesus Cristo, a pedra. Ele é uma pedra *viva*,

pois foi ressurreto dentre os mortos em vitória. É a pedra *eleita e preciosa* do Pai. Pedro cita Isaías 28:16 e Salmo 118:22 em sua descrição e ressalta que Jesus Cristo, apesar de ter sido eleito por Deus, foi rejeitado pelos homens. Não era o tipo de Messias que esperavam, de modo que tropeçaram nele. Jesus refere-se a essa mesma passagem das Escrituras em seu debate com os líderes judeus (Mt 21:42ss; ver Sl 118:22). Apesar de ter sido rejeitado pelos homens, Jesus Cristo foi exaltado por Deus!

O verdadeiro motivo pelo qual os judeus tropeçaram foi sua recusa em se sujeitarem à Palavra (1 Pe 2:8). Se tivessem crido e obedecido à Palavra, teriam recebido o Messias e sido salvos. É evidente que, hoje, as pessoas continuam tropeçando em Cristo e sua cruz (1 Co 1:18ss). O que crer em Cristo “não será, de modo algum, envergonhado”.

Na primeira ocasião em que mencionou a Igreja, Jesus comparou-a a um edifício: “Edificarei a minha igreja” (Mt 16:18). Os cristãos são pedras vivas desse edifício. Cada vez que alguém crê em Cristo, outra pedra é extraída da pedreira do pecado e cimentada pela graça no edifício. Para nós, a Igreja aqui na Terra pode parecer um monte de entulho e de ruínas, mas Deus vê a estrutura em sua totalidade, à medida que ela cresce (Ef 2:19-22). Que grande privilégio fazer parte da Igreja de Cristo, a “habitação de Deus no Espírito”.

Pedro escreveu esta carta a cristãos de cinco províncias e, no entanto, afirmou que todos eles pertenciam a *uma só* “casa espiritual”. Existe uma unidade no meio do povo de Deus que transcende todos os grupos e congregações locais. Pertencemos uns aos outros porque pertencemos a Cristo. Isso não significa que as distinções doutrinárias e denominacionais são erradas, pois cada igreja local deve ser plenamente persuadida pelo Espírito. Mas significa que não se deve permitir que as diferenças destruam a unidade espiritual que existe em Cristo. É preciso ser maduros o suficiente para discordar em qualquer sentido sem ser desagradáveis.

Um empreiteiro do Estado de Michigan levantava uma casa, e a construção do primeiro

andar correu bem. Mas ao começar o segundo andar, tudo deu errado, pois as tábuas que chegavam da madeira não se encaixavam. Então, descobriram o motivo: estavam trabalhando com duas plantas diferentes! Uma vez que descartaram a planta antiga, tudo voltou a funcionar, e construíram uma linda casa.

Muitas vezes, os cristãos atrapalham a edificação da Igreja porque seguem as plantas erradas. Quando Salomão construiu o templo, os trabalhadores seguiram as plantas com tanto cuidado que tudo foi encaixado com perfeição no lugar da obra (1 Rs 6:7). Se todos nós seguissemos as plantas que Deus apresenta em sua Palavra, poderíamos trabalhar juntos sem discórdia e edificar sua Igreja para a glória do Senhor.

### 3. SOMOS SACERDOTES DO MESMO TEMPLO (1 PE 2:5, 9)

Somos “sacerdócio santo” e “sacerdócio real”. Isso corresponde ao sacerdócio celestial de Cristo, pois ele é Rei e Sacerdote (ver Hb 7). No Antigo Testamento, nenhum rei de Israel podia servir como sacerdote; o único rei que tentou foi julgado por Deus (2 Cr 26:16-21). O trono celeste de Cristo é um trono de graça do qual podemos obter, pela fé, o que necessitamos a fim de viver para o Senhor e lhe servir (Hb 4:14-16).

No tempo do Antigo Testamento, o povo de Deus *possuía* um sacerdócio, mas agora é um sacerdócio. Todo cristão tem o privilégio de entrar na presença de Deus (Hb 10:19-25). Ninguém se achega a Deus por meio de alguma pessoa aqui da Terra, mas pelo único Mediador, Jesus Cristo (1 Tm 2:1-8). Uma vez que ele está vivo na glória, intercedendo por nós, é possível ministrar como sacerdotes santos.

Isso significa que nossa vida deve ser vida como se fôssemos sacerdotes em um templo. Sem dúvida, é um grande privilégio servir como sacerdote. As únicas pessoas em Israel que poderiam servir junto ao altar e entrar no santuário do tabernáculo ou templo eram os membros da tribo de Levi consagrados para o serviço de Deus. Cada sacerdote e cada levita realizava um ministério



diferente e, no entanto, estavam todos sob a autoridade do mesmo sumo sacerdote, servindo juntos para a glória de Deus. Como sacerdotes de Deus hoje, é preciso trabalhar juntos segundo as orientações do Grande Sumo Sacerdote. Cada ministério que realizamos para sua glória é um serviço para Deus.

Pedro menciona especialmente o privilégio da oferta dos "sacrifícios espirituais". Os cristãos de hoje não oferecem sacrifícios de animais como faziam os adoradores do Antigo Testamento; mas temos nossos sacrifícios a apresentar a Deus. Devemos oferecer *nosso corpo* a ele como sacrifício vivo (Rm 12:1, 2), e também podemos oferecer o *louvor* de nossos lábios (Hb 13:15) e as *boas obras* que realizamos em favor de outros (Hb 13:16). O *dinheiro* e outros bens materiais que compartilhamos com outros no serviço de Deus também são sacrifícios espirituais (Fp 4:10-20). Até mesmo as *pessoas* que ganhamos para Cristo são sacrifícios para sua glória (Rm 15:16). Oferecemos esses sacrifícios por meio de Jesus Cristo, pois somente então são aceitáveis para Deus. Se fizermos quaisquer dessas coisas para o próprio prazer ou glória, não serão aceitas como sacrifícios espirituais.

Deus desejava que seu povo, Israel, se tornasse um "reino de sacerdotes" (Êx 19:6), uma influência espiritual para promover a piedade; mas Israel falhou. Em vez de serem uma boa influência para as nações pagãs ao redor, os israelitas imitaram essas nações e adotaram suas práticas. Deus teve de disciplinar seu povo várias vezes por sua idolatria, e, ainda assim, continuaram pecando. Hoje, Israel não tem templo nem sacerdócio.

É importante que, como sacerdotes de Deus, mantenhamos a separação deste mundo. Não significa isolar-se, pois o mundo precisa de nossa influência e testemunho; mas não devemos permitir que o mundo nos contamine nem transforme. Separação não é isolamento; é contato sem contaminação.

O fato de cada cristão poder se dirigir pessoalmente a Deus e oferecer sacrifícios espirituais não deve servir de incentivo para egoísmo nem "individualismo". Somos sacerdotes *juntos*, servindo ao mesmo Sumo

Sacerdote, ministrando no mesmo templo espiritual. O fato de haver somente *um* Sumo Sacerdote e Mediador celestial indica unidade no meio do povo de Deus. É preciso prosseguir na caminhada pessoal com Deus, mas não às custas de outros cristãos, ignorando ou negligenciando os irmãos em Cristo.

Vários estudiosos das ciências sociais escreveram livros sobre o que chamam de "complexo do eu" na sociedade moderna. A ênfase de hoje é sobre a necessidade de cuidar de si mesmo e de se esquecer dos outros. Tenho observado que a mesma atitude infiltrou-se na Igreja. Muitos livros e sermões concentram-se na experiência *pessoal* em detrimento do ministério ao corpo como um todo. Sem dúvida, o indivíduo deve cuidar de si mesmo ao ajudar os outros, mas é preciso haver equilíbrio.

#### 4. SOMOS CIDADÃOS DA MESMA NAÇÃO (1 PE 2:9, 10)

A descrição da Igreja neste versículo é paralela à descrição que Deus faz de Israel em Êxodo 19:5, 6 e em Deuteronômio 7:6. Ao contrário do povo desobediente e rebelde de Israel, o povo de Deus hoje é sua nação santa e escolhida. Isso não significa que Deus colocou Israel de lado, pois ele cumprirá suas promessas e alianças e estabelecerá seu reino. No entanto, significa que a Igreja de hoje é, para Deus e para o mundo, o que Israel deveria ter sido.

Somos uma *raça eleita*, uma prova inequívoca da graça de Deus. O Senhor não escolheu Israel porque era um grande povo, mas porque o amava (Dt 7:7, 8). Deus nos escolheu inteiramente com base em seu amor e sua graça. "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros" (Jo 15:16).

Somos uma *nação santa*. Fomos separados a fim de pertencer exclusivamente a Deus. Nossa cidadania está no céu (Fp 3:20), de modo que obedecer às leis do céu é procurar agradar ao Senhor do céu. Israel esqueceu que era uma nação santa e começou a derrubar os muros de separação que a tornavam especial e distinta. Deus ordenou que os israelitas "[fizessem] diferen-

entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo" (Lv 10:10); mas eles ignoraram a diferença e desobedeceram a Deus.

Somos o povo de Deus. Quando não éramos salvos, pertencíamos a Satanás e ao mundo (Ef 2:1-3, 11-19). Ao crer em Cristo, passamos a fazer parte do povo de Deus. Somos "povo de propriedade exclusiva de Deus", pois ele nos comprou com o sangue do seu próprio Filho (At 20:28).

Todos esses privilégios são acompanhados de uma grande responsabilidade: proclamar as virtudes de Deus ao mundo perdido. O verbo traduzido por "proclamar" significa "anunciar, promover". Uma vez que o mundo encontra-se em "trevas", as pessoas não conhecem os atributos excelentes de Deus, mas devem ser capazes de observar tais virtudes em nossa vida. Cada cidadão do céu é um "anúncio" vivo das virtudes de Deus e das bênçãos da vida cristã. Nossa vida deve irradiar a "maravilhosa luz" para a qual Deus nos chamou por sua graça.

Afinal, recebemos a misericórdia de Deus! Se não fosse por sua misericórdia, estaríamos perdidos, rumando para o julgamento eterno. Deus lembrou Israel, em várias ocasiões, de que o havia livrado da escravidão no Egito para que o glorificasse e servisse, mas a nação esqueceu, e os israelitas voltaram às práticas pecaminosas. Somos povo escolhido de Deus única e exclusivamente em função de sua misericórdia, e, portanto, nos cabe ser fiéis a ele.

Vivemos em território inimigo, e o adversário está sempre nos observando, à procura de oportunidades para avançar e assumir o controle. Como cidadãos do céu, é preciso permanecer unidos e apresentar ao mundo uma demonstração harmoniosa do que a graça e misericórdia de Deus podem fazer. Enquanto escrevo estas palavras, os jornais noticiam "dissensões" no gabinete do governo

nacional. Esses líderes não estão apresentando uma frente unificada, e a nação encontra-se um tanto apreensiva. Fico imaginando o que os incrédulos pensam quando vêem os cidadãos do céu e servos de Deus brigando uns com os outros.

Cada uma dessas quatro imagens enfatiza a importância da unidade e da harmonia. Pertencemos à mesma família de Deus e compartilhamos a mesma natureza divina. Somos pedras vivas no mesmo edifício e sacerdotes servindo no mesmo templo. Somos cidadãos da mesma pátria celestial. Jesus Cristo é a origem e o centro dessa unidade. Ao voltar toda a atenção e afeição para ele, andaremos e trabalharemos juntos; ao voltar toda a atenção para nós mesmos, só causaremos divisão.

A unidade não elimina a diversidade. Os filhos em uma família não são todos iguais, como também as pedras de um edifício não são todas idênticas. Aliás, a diversidade confere beleza e riqueza a uma família ou edifício. A ausência de diversidade é *uniformidade*, não *unidade*, e a uniformidade é enfadonha. É bonito quando o coral canta em uníssono, mas é muito melhor quando harmoniza vozes diferentes.

Os cristãos podem discordar e, ainda assim, se entender. Todos os que prezam "uma só fé" e procuram honrar "um só Senhor" são capazes de amar uns aos outros e de andar juntos (Ef 4:16). Deus pode nos chamar para ministérios diferentes ou usar métodos diferentes, mas ainda assim é possível amar uns aos outros e procurar apresentar um testemunho harmonioso ao mundo.

Afinal, um dia, todos estaremos juntos no céu (Jo 17:24), de modo que pode ser uma boa idéia aprender a amar uns aos outros aqui na Terra!

Agostinho disse bem: "Nas coisas essenciais, unidade. Nas coisas secundárias, liberdade. Em todas as coisas, caridade".

## ALGUÉM ESTÁ OLHANDO!

1 PEDRO 2:11-25

A parte central da carta de Pedro (1 Pe 2:11 - 3:12) enfatiza a *submissão* na vida do cristão. Por certo, não se trata de um assunto muito bem aceito nestes tempos de desrespeito às leis e de busca de “realização pessoal”, mas, ainda assim, é um tema importante. Pedro aplica o tema da submissão à vida do cristão como cidadão (1 Pe 2:11-17), trabalhador (1 Pe 2:18-25), cônjuge (1 Pe 3:1-7) e membro de uma igreja (1 Pe 3:8-12).

Submissão não é a mesma coisa que escravidão ou subjugação; é apenas o reconhecimento da autoridade de Deus na vida. Deus instituiu o lar, o governo humano e a Igreja, e tem o direito de dizer como essas instituições devem ser administradas. Deus deseja que cada um exerça autoridade, mas, antes de exercer autoridade, é preciso saber estar *sujeito* à autoridade. Satanás ofereceu a nossos primeiros antepassados liberdade sem autoridade, mas acabaram perdendo as duas coisas. O filho pródigo encontrou liberdade quando se sujeitou à vontade do pai.

Pedro compartilha com seus leitores três excelentes motivos para a sujeição à autoridade e, assim, levar uma vida cristã consagrada e obediente.

### 1. POR CAUSA DOS PERDIDOS (1 PE 2:11, 12)

Como cristãos, devemos sempre lembrar *quem somos*; e é isso o que Pedro faz em 1 Pedro 2:11. Em primeiro lugar, somos *filhos amados de Deus*. Em oito ocasiões em suas duas epístolas, Pedro lembra seus leitores do amor de Deus por eles (1 Pe 2:11; 4:12; 2 Pe 1:7; 3:1, 8, 14, 15, 17). Não temos

em nós mesmos coisa alguma que Deus possa amar; mas ele nos ama por causa de Jesus Cristo. “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (2 Pe 1:17). A fé em Cristo permite que sejamos amados e que recebamos a graça de Deus que “ele nos concedeu gratuitamente no Amado” (Ef 1:6).

O relacionamento de amor com Jesus Cristo deve ser motivação suficiente para ter uma vida piedosa em um mundo ímpio. “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Existe um tipo de obediência mais profundo do que aquele motivado pelo dever: a obediência motivada pela devoção. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14:23).

Não somos apenas filhos amados de Deus, mas também “peregrinos e forasteiros” neste mundo. Somos “residentes estrangeiros” com uma cidadania de outra pátria – o céu. Como os patriarcas da Antiguidade, nossa situação aqui é temporária, e estamos viajando para a cidade celestial (Hb 11:8-16). Os que já moraram em outro país sabem que os cidadãos de lá observam os estrangeiros e têm a tendência de procurar motivos para criticar (devemos ser justos e admitir que, por vezes, também criticamos os estrangeiros que vivem em nosso país). Alguns anos atrás, um livro de ficção que foi sucesso de vendas intitulado *The Ugly American* [O Americano Feio] retratou as lutas de um norte-americano tentando aculturar-se a um povo estrangeiro e, ao mesmo tempo, manter sua credibilidade junto aos compatriotas que, infelizmente, interpretaram a situação de forma totalmente errada.

Somos *soldados participando de uma batalha espiritual*. Existem desejos pecaminosos que militam contra nós e que desejam nos derrotar (ver Gl 5:16-26). Nossa verdadeira luta não é contra as pessoas que nos cercam, mas sim contra as paixões dentro de nós. Disse D. L. Moody: “Tenho mais dificuldades com D. L. Moody do que com qualquer outra pessoa que eu conheço”. Se nos entregarmos a esses desejos pecaminosos, começaremos a viver como os incrédulos ao redor e nos tornaremos testemunhas ineficazes. O termo traduzido por “guerra”

dá a idéia de uma “campanha militar”. Não se acaba com a guerra vencendo apenas uma batalha! É uma luta constante, e é preciso manter-se de guarda.

Acima de tudo, porém, é preciso *testemunhar aos perdidos*. Aqui, o termo empregado, “gentios”, não tem relação alguma com a raça, pois é um sinônimo de “não-salvos” (1 Co 5:1; 12:2; 3 Jo 7). Os não salvos nos observam, falam contra nós (1 Pe 3:16; 4:4) e procuram desculpas para rejeitar o evangelho.

A fim de testemunhar aos perdidos, precisamos viver de modo “honesto”. Essa palavra não significa apenas dizer a verdade e fazer o que é certo. Dá, ainda, a idéia de beleza, decência, do que é admirável e honrável. Como dizia uma expressão comum da década de 1960, devemos ser “pessoas lindas” no melhor sentido da palavra.

Não se testemunha apenas com os lábios, mas também com a maneira de falar e de viver. A conduta do cristão não deve apresentar coisa alguma que possa ser usada pelos incrédulos como munição contra Cristo e o evangelho. As boas obras devem corroborar as boas palavras. Foi o que Jesus disse em Mateus 5:16, e a Bíblia toda repete essa verdade.

Ao longo de muitos anos de ministério, tenho visto o grande impacto que um cristão exerce sobre os perdidos, quando combina uma vida piedosa com um testemunho amoroso. Lembro-me de várias conversões maravilhosas que foram fruto do testemunho de cristãos dedicados que simplesmente deixaram sua luz brilhar. No entanto, também me lembro com tristeza de pessoas incrédulas que rejeitaram a Palavra por causa da vida incoerente de cristãos professos.

Pedro incentiva seus leitores a testemunhar aos perdidos por meio de suas palavras e atos, de modo que, um dia, Deus possa visitá-los e salvá-los. O “dia da visitação” pode se referir ao dia em que Cristo voltará e toda língua confessará que ele é Senhor. No entanto, creio que a “visitação” da qual Pedro fala nessa passagem se refere ao momento em que Deus visita os pecadores perdidos e os salva por sua graça. A mesma palavra é

usada com esse sentido em Lucas 19:44. Quando essas pessoas crerem em Cristo, glorificarão a Deus e darão graças porque lhes fomos testemunhas fiéis, mesmo quando elas dificultaram as coisas para nós.

No verão de 1805, um grupo de chefes e de guerreiros indígenas reuniu-se em Buffalo Creek, Nova Iorque, para ouvir uma apresentação da mensagem cristã levada por um certo senhor Cram, da sociedade missionária de Boston. Depois do sermão, a primeira reação veio de um dos principais chefes, chamado Jaqueta Vermelha. Dentre outras coisas, ele disse:

– Irmão, você afirma que existe somente uma forma de adorar e de servir ao Grande Espírito. Se existe somente uma religião, por que vocês, homens brancos, discordam tanto a respeito dela? Por que não há um consenso, uma vez que todos podem ler o Livro?

– Irmão, ficamos sabendo que você está pregando aos homens brancos desta região. Eles são nossos vizinhos e nós os conhecemos. Vamos esperar um pouco para ver que efeito essa pregação terá sobre eles. Se observarmos que os tornará bons, honestos e menos predispostos a tentar enganar os índios, voltaremos a considerar o que você acabou de nos propor.

## 2. POR CAUSA DO SENHOR (1 PE 2:13-17)

É claro que *tudo* o que fazemos deve ser para a glória do Senhor e para o bem do seu reino! Mas Pedro faz questão de ressaltar que os cristãos são representantes de Jesus Cristo na sociedade. É nossa responsabilidade “[proclamar] as virtudes” de Deus (1 Pe 2:9). Trata-se de algo especialmente relevante no que se refere a nossa relação com o governo e as autoridades.

Como cidadãos cristãos, é preciso sujeição à autoridade da qual o governo humano é investido. O termo traduzido por “instituição humana” não se refere a cada lei individual, mas sim às instituições que criam e que fazem cumprir as leis. É possível desobedecer às leis e, ainda assim, se sujeitar às instituições.

Por exemplo, ao se recusarem a adotar as regras alimentares do rei, Daniel e seus amigos desobedeceram à lei; mas a *maneira* de fazê-lo provou que honravam o rei e que respeitavam as autoridades (Dn 1). Não se mostraram rebeldes; tomaram todo o cuidado para não envergonhar o funcionário encarregado deles nem colocá-lo em apuros e, no entanto, se mantiveram fiéis a seus princípios. Glorificaram a Deus e, ao mesmo tempo, honraram a autoridade do rei.

Pedro e os outros apóstolos enfrentaram um desafio semelhante logo depois de Pentecostes (At 4 e 5). O conselho judeu ordenou que parassem de pregar em nome de Jesus, mas Pedro e seus companheiros recusaram-se a obedecer (ver At 4:19; 5:29). Não provocaram uma rebelião nem questionaram ou negaram de forma alguma a autoridade do conselho. Sujeitaram-se à instituição, mas se recusaram a parar de pregar. Demonstraram respeito por seus líderes, apesar de eles se oporem ao evangelho.

É importante respeitar o cargo, mesmo que não seja possível respeitar a pessoa que o ocupa. Na medida do possível, é preciso procurar colaborar com o governo e obedecer à lei; mas não se deve jamais permitir que a lei nos leve a ofender nossa consciência ou a desobedecer à Palavra de Deus. Infelizmente, alguns cristãos zelosos mas ignorantes usam essas diferenças como oportunidades para gerar conflitos e fazer sermões espalhafatosos sobre "liberdade" e "separação entre a Igreja e o Estado".

Quando uma igreja local constrói um edifício e coloca equipamentos e mobília dentro dele, precisa obedecer às leis locais (sei disso muito bem, pois já participei de vários programas de construção!). O governo não tem o direito de controlar o púlpito nem as reuniões do conselho, mas tem todo o direito de controlar questões relacionadas à segurança e à operação. Se a lei exige determinado número de saídas, extintores de incêndio ou luzes de emergência, a igreja deve cumprir tais requisitos. Ao criar esses códigos, o Estado não está perseguindo a igreja, assim como, ao obedecer a eles, a igreja não está fazendo qualquer concessão

indevida. No entanto, conheço cristãos excessivamente zelosos que envergonharam o nome do Senhor por causa de suas atitudes e ações em relação a tais questões.

Pedro cita as autoridades que devemos respeitar. Ao falar do "rei", refere-se, na verdade, ao "imperador". Nos países de regime democrático, temos o presidente ou o primeiro-ministro. Pedro não critica o governo romano nem sugere que seja deposto. A Igreja de Deus deve ser capaz de viver e de crescer em todo tipo de sistema político. As "autoridades" eram os governantes sujeitos ao imperador e responsáveis pelos poderes legislativo e judiciário. Em termos ideais, deveriam castigar os que faziam o mal e louvar os que faziam o bem, o que nem sempre era o caso no tempo de Pedro (ver At 24:24-27), como também não o é atualmente. Mais uma vez, é preciso lembrar de respeitar o cargo, mesmo que não se possa ter respeito por aquele que o ocupa.

Observamos duas orações importantes: "Porque assim é a vontade de Deus" (1 Pe 2:15) e "como servos de Deus" (1 Pe 2:16). Quando fazemos algo segundo a vontade de Deus e como servos de Deus, agimos "por causa do Senhor". Deus determinou que devemos calar os críticos fazendo o bem, não nos opondo às autoridades. O verbo "emudecer", em 1 Pedro 2:15, significa, literalmente, "açaimar", como se os críticos incrédulos fossem uma matilha de cães latindo e tentando morder!

Há quem possa argumentar: "Mas, como cristãos, não somos livres?" Sem dúvida, somos livres em Cristo. No entanto, jamais se deve usar a liberdade em prol de si mesmo, e sim do semelhante. Infelizmente, existem "charlatões religiosos" que se aproveitam de pessoas ignorantes e usam a "religião" para encobrir seus atos perversos. O verdadeiro cristão sujeita-se às autoridades porque está, em primeiro lugar, debaixo da autoridade de Cristo. Usa sua liberdade como instrumento para construir, não como arma para lutar. Um bom exemplo dessa atitude é Neemias, que abriu mão de seus direitos voluntariamente a fim de ajudar seu povo e de reconstruir os muros de Jerusalém.

Se nos sujeitarmos sinceramente às autoridades “por causa do Senhor”, daremos honra a todos os que a merecem. Talvez não concordemos com suas políticas ou práticas, mas devemos respeitar seu cargo (ver Rm 13). Também “[amaremos] os irmãos”, uma referência, obviamente, ao povo de Deus na igreja. Trata-se de um tema que se repete ao longo desta carta (1 Pe 1:22; 3:8; 4:8; 5:14). Uma das formas de demonstrar amor pelos irmãos é mediante a submissão às “autoridades que existem”, pois estamos ligados uns aos outros no testemunho cristão.

“Temer a Deus” e “honrar o rei” são duas coisas que andam juntas, “porque não há autoridade que não proceda de Deus” (Rm 13:1). Salomão deu o mesmo conselho: “Teme ao SENHOR, filho meu, e ao rei” (Pv 24:21). Honramos o rei porque tememos ao Senhor. Convém observar que o tempo desses verbos indica que devemos manter essas atitudes *constantemente*. “Continuem amando os irmãos! Continuem temendo a Deus! Continuem honrando o rei!”

Como cristãos, é preciso usar de discernimento na relação com o governo humano. Há ocasiões em que a coisa certa a fazer é colocar de lado os privilégios, e, em outras ocasiões, o certo é *usar* esses privilégios. Paulo mostrou-se disposto a sofrer em Filipos (At 16:16-24), mas não quis deixar a cidade sorrateiramente feito um criminoso (At 16:35-40). Quando foi preso sob falsas acusações, usou sua cidadania para se proteger (At 22:22-29) e para exigir um julgamento justo diante de César (At 25:1-12).

### 3. POR CAUSA DE NÓS MESMOS (1 PE 2:18-25)

Neste parágrafo, Pedro dirige-se aos escravos cristãos da congregação e, mais uma vez, ressalta a importância da submissão. Alguns escravos recém-convertidos pensavam que sua liberdade espiritual também era uma garantia de liberdade pessoal e política e estavam causando problemas para si mesmos e para as igrejas. Paulo trata dessa questão em 1 Coríntios 7:20-24; também toca no assunto ao escrever para seu amigo Filemom. O evangelho acabou derrotando

o império romano e a terrível instituição da escravidão, apesar de a Igreja primitiva não ter pregado contra nenhum dos dois.

Não existem mais escravos cristãos hoje, pelo menos não no sentido do Novo Testamento; mas aquilo que Pedro escreveu também se aplica aos empregados da atualidade. Devemos ser submissos aos que ocupam cargos acima do nosso, quer estas pessoas sejam gentis conosco quer não. Os empregados cristãos jamais devem aproveitar-se de seus empregadores cristãos. Cada trabalhador deve dar o melhor de si e se esforçar honestamente para merecer seu salário.

Pode acontecer de um funcionário cristão ser injustiçado por um colega ou supervisor incrédulo. Mesmo não estando errado, deve “suportar” por uma questão de consciência. O relacionamento de um cristão com Deus é muito mais importante do que seu relacionamento com os homens. “Pois isto é grato [motivo de gratidão], que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente” (ver Mt 5:10-12). Qualquer um, inclusive o incrédulo, é capaz de “suportar com paciência” quando está errado! Mas só um cristão consagrado é capaz de “suportar” quando está certo. “Isto é grato [aceitável] a Deus”. Deus pode conceder a graça de que precisamos para suportar e, desse modo, glorificar seu nome.

Claro que a tendência humana é revidar e exigir o que lhe é de direito. Mas essa é a reação natural dos não cristãos, e devemos ir muito além disso (Lc 6:32-34). Qualquer um é capaz de revidar; mas só o cristão cheio do Espírito pode sujeitar-se e deixar que Deus trave suas batalhas (Rm 12:16-21).

Na Bíblia, o dever é sempre associado à doutrina. Ao escrever para os escravos, Paulo relaciona suas admoestações à doutrina da graça de Deus (Tt 2:9-15). Pedro associa seus conselhos ao exemplo de Jesus Cristo, o “Servo Sofredor” de Deus (1 Pe 2:21-25; ver Is 52:13 – 53:12). Pedro havia aprendido por experiência própria que o povo de Deus serve *mediante o sofrimento*. A princípio, o apóstolo opôs-se ao sofrimento de Cristo na cruz (Mt 16:21ss), mas aprendeu a lição importante de que lideramos pelo

serviço e servimos pelo sofrimento. Também aprendeu que esse tipo de sofrimento sempre conduz à glória!

Pedro encoraja esses escravos aflitos apresentando três "retratos" de Jesus Cristo.

***Ele é nosso Exemplo de vida (vv. 21-23).***

Tudo o que Jesus fez aqui na Terra, conforme registrado nos quatro Evangelhos, é um exemplo perfeito a seguir. Mas ele é um exemplo especialmente na maneira de reagir ao sofrimento. Apesar de ser irrepreensível tanto em suas palavras quanto em seus atos, sofreu nas mãos das autoridades. É possível ligar esse fato às palavras de Pedro em 1 Pedro 2:19, 20. Imagine nossa reação em circunstâncias semelhantes! O fato de Pedro usar a espada no Getsêmani indica que ele lutou em vez de se sujeitar à vontade de Deus.

Jesus provou que uma pessoa pode estar dentro da vontade de Deus, ser extremamente amada por Deus e, ainda assim, sofrer injustamente. Existe um tipo superficial de teologia popular que afirma que os cristãos que estiverem dentro da vontade de Deus não passarão por aflições. Os que promovem tais idéias certamente não meditaram muito sobre a cruz.

A humildade e a submissão de Cristo não foram uma demonstração de fraqueza, mas sim de poder. Jesus poderia ter convocado os exércitos do céu para salvá-lo! Suas palavras a Pilatos em João 18:33-38 comprovam que ele permanecia inteiramente no controle da situação. Era Pilatos que estava sendo julgado, não Jesus! O Filho se entregou ao Pai, que sempre julga com justiça.

Não somos salvos por seguir o exemplo de Jesus, pois nenhum de nós seria capaz de fazê-lo sem deparar com 1 Pedro 2:22: "o qual não cometeu pecado". Os pecadores precisam de um Salvador, não de um Exemplo. Mas, depois de salvos, desejamos "seguir de perto os passos de Cristo" (tradução literal) e imitar seu exemplo.

***Ele morreu em nosso lugar (v. 24).*** Morreu como Substituto dos pecadores. Esta seção inteira reflete Isaías 53, o "Capítulo do Servo Sofredor", especialmente Isaías 53:5-7, mas também os versículos 9 e 12. Jesus não morreu como um mártir; morreu

como um Salvador, um Substituto sem pecado. O termo traduzido por "carregar" significa "carregar como sacrifício". Em Israel, os criminosos não eram executados por crucificação, mas sim por apedrejamento. Mas se o condenado havia sido um criminoso particularmente perverso, depois da execução, seu corpo era pendurado numa árvore até o pôr-do-sol como sinal de vergonha (Dt 21:23). Jesus morreu em um madeiro - em uma cruz - e carregou sobre si a maldição da Lei (Gl 3:13).

Os paradoxos da cruz são sempre surpreendentes. Cristo foi ferido para que pudéssemos ser curados. Morreu para que pudéssemos viver. Morremos com ele e, portanto, estamos "mortos para os pecados" (Rm 6), de modo que podemos agora, "[viver] para a justiça". A cura que Pedro menciona em 1 Pedro 2:24 não é um restabelecimento físico, mas sim a regeneração espiritual da alma (Sl 103:3). Um dia, quando tivermos um corpo glorificado, todas as enfermidades passarão; enquanto isso, porém, alguns dos servos mais excelentes de Deus podem sofrer aflições físicas (ver Fp 2:25-30; 2 Co 12:1ss).

Não é Jesus, o Exemplo, ou Jesus, o Mestre, quem nos salva, mas sim Jesus, o Cordeiro imaculado de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29).

***Ele é nosso Pastor atento no céu (v. 25).***

No Antigo Testamento, as ovelhas morriam pelo pastor; mas, no Calvário, o Pastor morreu pelas ovelhas (Jo 10). Todo pecador perdido é como uma ovelha desgarrada: ignorante, perdida, andando sem rumo e em perigo, longe da segurança e incapaz de fazer coisa alguma por si mesma. O Pastor saiu em busca das suas ovelhas perdidas (Lc 15:1-7). Morreu por suas ovelhas!

Ao ser colocados de volta no aprisco, seguros sob seus cuidados, ele nos guarda, a fim de que não nos desgarramos novamente para a vida de pecado. O termo "bispo" significa, simplesmente, "aquele que cuida, que supervisiona". Assim como o presbítero/bispo supervisiona o rebanho de Deus, a igreja local (1 Pe 5:2), também o Salvador na glória cuida de suas ovelhas para protegê-las e aperfeiçoá-las (Hb 13:20, 21).

Eis, portanto, a verdade maravilhosa que Pedro desejava compartilhar: levando uma vida piedosa e nos sujeitando em tempos de sofrimento, seguiremos o exemplo de Cristo e nos tornaremos mais semelhantes a ele. Sujeitamo-nos e obedecemos não apenas por causa das almas perdidas e por causa do Senhor, mas por causa de nós mesmos, para

que possamos crescer espiritualmente e nos tornar cada vez mais semelhantes a Cristo.

O mundo incrédulo observa-nos, mas o Pastor no céu também está olhando por nós, de modo que não temos coisa alguma a temer. É possível nos sujeitar a ele, sabendo que fará com que tudo coopere para nosso bem e para sua glória.



## ENLACE OU IMPASSE?

1 PEDRO 3:1-7

**E**ncontramos uma situação estranha na sociedade atual. Há mais informações disponíveis sobre sexo e casamento do que em qualquer outra época e, no entanto, também há mais problemas conjugais e divórcios. É evidente que algo não está certo. Não basta dizer que os lares precisam de Deus, pois, em muitos casos, são os casamentos *cristãos* que se desintegram.

O fato de o homem e a mulher serem salvos não garante o sucesso de seu casamento. O casamento é uma relação que exige trabalho; o sucesso não é automático. E, quando um dos cônjuges não é cristão, as coisas tornam-se ainda mais difíceis. Nesta seção, Pedro dirige-se às esposas cristãs cujos maridos não são convertidos, dizendo-lhes como ganhar seus cônjuges para Cristo. Em seguida, acrescenta algumas admoestações importantes aos maridos cristãos.

Qualquer que seja o estado civil, é possível aprender com Pedro os elementos essenciais para um casamento bem-sucedido.

### 1. O EXEMPLO DE CRISTO (1 PE 3:1A, 7A)

O advérbio "igualmente" remete à discussão sobre o exemplo de Cristo (1 Pe 2:21-25). Assim como Jesus foi submisso e obediente à vontade de Deus, também a esposa e o marido cristãos devem seguir seu exemplo.

Uma boa parte de nosso aprendizado ao longo da vida dá-se pela imitação. Os avós adoram ver os netos aprenderem novas habilidades e palavras à medida que crescem. Ao imitar os modelos mais excelentes, nos tornaremos pessoas melhores em nosso desenvolvimento e realizações; mas ao

imitar os modelos errados, prejudicaremos nossa vida e, possivelmente, acabaremos com nosso caráter. Os "exemplos de vida" que seguimos nos influenciam em todos os aspectos.

Enquanto estava em uma fila de supermercado, ouvi duas senhoras conversando sobre o escândalo mais recente em Hollywood, anunciado na primeira página de um jornal perto do caixa. Ao ouvir essa conversa (era *impossível* não prestar atenção no que diziam!), pensei: "Que tolice preocupar-se com a vida pecaminosa dos astros de cinema. Por que encher a mente com tanto lixo? Por que não conhecer pessoas decentes e aprender com a vida delas?" Alguns dias depois, ouvi outra conversa sobre os problemas conjugais de certo casal em uma novela, e o mesmo pensamento me ocorreu.

Quando os casais cristãos tentam imitar o mundo e seguem os padrões de Hollywood em vez dos padrões do céu, seu lar está fadado a ter problemas. Mas se os dois cônjuges imitarem Jesus Cristo em sua submissão e obediência e em seu desejo de servir a outros, seu lar terá vitória e alegria. De acordo com um amigo meu que é psiquiatra, a melhor coisa que um marido cristão pode fazer é seguir o exemplo de Jesus Cristo. Em Cristo, encontramos uma combinação maravilhosa de força e ternura, justamente o que é necessário para ser um bom marido.

Pedro também apresenta Sara como modelo a ser seguido pela esposa cristã. Por certo, Sara não era perfeita, mas foi uma excelente ajudadora para Abraão e uma das poucas mulheres citadas pelo nome em Hebreus 11. Certa vez, fiz uma visita pastoral a uma mulher que dizia estar com problemas conjugais e observei que havia um grande número de "revistas de fofoca" em sua estante. Depois de ouvir os problemas da mulher, concluí que ela precisava seguir alguns exemplos e modelos da Bíblia e deixar de seguir os exemplos do mundo.

Ninguém pode seguir o exemplo de Cristo sem antes o conhecer como Salvador e, então, se sujeitar a ele como Senhor. Devemos gastar tempo cada dia meditando sobre a Palavra e orando; a esposa e o marido

cristãos devem orar juntos e procurar encorajar-se mutuamente na fé.

## 2. SUBMISSÃO (1 PE 3:1-6)

Em duas ocasiões neste parágrafo, Pedro lembra as esposas cristãs que devem ser submissas ao marido (1 Pe 3:1, 5). A palavra traduzida por "submissão" é um termo militar que significa "sob uma hierarquia". Deus tem um lugar para cada coisa e instituiu vários níveis de autoridade (ver 1 Pe 2:13, 14). Determinou que o marido deve ser o cabeça do lar (Ef 5:21ss) e que, da mesma forma como ele deve se sujeitar a Cristo, a esposa deve se sujeitar a ele. Essa liderança não é uma ditadura, mas sim o exercício da autoridade divina em amor sob o senhorio de Jesus Cristo.

Pedro dá três motivos pelos quais uma esposa cristã deve ser submissa ao marido, mesmo quando este não é salvo (como é o caso aqui).

**A submissão é uma obrigação (v. 1a).** Deus ordenou-a porque, em sua sabedoria, conhece o melhor arranjo para um casamento feliz e realizador. Essa sujeição não significa que a esposa seja inferior ao marido. Na verdade, em 1 Pedro 3:7, o apóstolo deixa claro que o marido e a esposa são "juntamente, herdeiros". O homem e a mulher foram feitos pelo mesmo Criador da mesma "matéria-prima", e ambos foram criados à imagem de Deus. Além disso, Deus deu domínio tanto a Adão quanto a Eva (Gn 1:28), e, em Jesus Cristo, os cônjuges cristãos são um (Gl 3:28).

A submissão diz respeito à ordem e à autoridade, não ao valor de cada um. Por exemplo, os escravos em uma casa romana qualquer eram superiores a seus senhores em vários aspectos, mas, ainda assim, tinham de sujeitar-se a sua autoridade. O soldado raso no exército pode ser uma pessoa de mais caráter do que o general, mas continua sendo um soldado raso. Até mesmo Cristo tornou-se servo e se sujeitou à vontade de Deus. Não há nada de degradante em se sujeitar à autoridade ou em aceitar a ordem determinada por Deus. Pelo contrário, esse é o primeiro passo para a realização. E

Efésios 5:21 deixa claro que *tanto* o marido quanto a esposa devem, em primeiro lugar, estar sujeitos a Jesus Cristo.

Marido e esposa devem ser parceiros, não rivais. Depois de uma cerimônia de casamento, costume dizer em particular aos noivos:

- Lembrem-se de que, de agora em diante, não existe mais *meu* ou *seu*, mas apenas *nosso*.

Isso explica por que os cristãos devem se casar com cristãos, pois uma pessoa convertida não pode ter verdadeira intimidade com um não salvo (2 Co 6:14-18).

**A submissão é uma oportunidade (vv. 1b, 2).** Uma oportunidade do quê? De ganhar um marido incrédulo para Cristo. Deus não apenas *ordena* a submissão, mas também a *emprega* como uma influência espiritual poderosa dentro do lar. Isso não significa que a esposa cristã "cede" ao seu marido incrédulo como forma sutil de manipulação, a fim de obter o que ela deseja. Esse tipo de persuasão psicológica egoísta não deve jamais ter lugar no coração ou no lar do cristão.

Um marido incrédulo não se converterá com pregações ou com súplicas insistentes em casa. A expressão "sem palavra alguma" não significa "sem a Palavra de Deus", pois a salvação vem por meio da Palavra (Jo 5:24). Antes, significa, "sem conversa, sem muito falatório". As esposas cristãs que pregam para o marido só contribuem para afastá-lo ainda mais do Senhor. Conheço uma esposa zelosa que costumava deixar o rádio ligado em programas evangélicos toda noite, normalmente no volume máximo, para que seu marido incrédulo pudesse "ouvir a verdade". A única coisa que conseguiu foi incentivá-lo a passar mais tempo fora de casa com os amigos.

A esposa ganhará o marido para Cristo por meio de sua conduta e de seu caráter; não pela argumentação, mas por atitudes como submissão, compreensão, amor, bondade e paciência. Essas qualidades não podem ser criadas, pois constituem frutos do Espírito resultantes de nossa sujeição a Cristo e uns aos outros. A esposa cristã com "honesto comportamento cheio de temor"

revelará em sua vida as “virtudes” de Deus (1 Pe 2:9) e influenciará o marido a crer em Cristo.

Um dos maiores exemplos de esposa e de mãe piedosa na história da Igreja é Mônica, a mãe de Agostinho. Deus usou seu testemunho e orações para levar tanto seu marido quanto seu filho a Cristo, apesar de o marido ter se convertido pouco antes de falecer. Em suas *Confissões*, Agostinho escreve: “Ela o serviu como seu senhor e dedicou-se com diligência a ganhá-lo para ti... falando de ti para ele através de seu comportamento, por meio do qual tu a ornaste, tornando-a reverentemente amável para com seu marido”.

Os membros de um lar cristão devem ministrar uns aos outros. O marido cristão deve ministrar à esposa e ajudar a “embelezá-la” no Senhor (Ef 5:25-30). A esposa cristã deve encorajar o marido e ajudá-lo a se fortalecer no Senhor. Pais e filhos devem compartilhar fardos e bênçãos e procurar manter um ambiente estimulante de crescimento espiritual dentro do lar. Se há pessoas no lar não salvas, serão ganhas para Cristo por meio do que virem na vida e nos relacionamentos do cristão, não só por aquilo que ouvirem em um testemunho.

**A submissão é um ornamento (vv. 3-6).**

O termo grego traduzido por “adorno” é *kosmos*, que dá origem às palavras “cosmo” (o universo ordenado) e “cosmético”. É o oposto de caos. Pedro adverte a esposa cristã a não dedicar toda a sua atenção aos adereços exteriores, mas sim ao caráter interior. As mulheres romanas gostavam de seguir a última moda e competiam entre si para ver quem tinha as roupas e penteados mais sofisticados. Era comum as mulheres arrumarem os cabelos com pentes de ouro e prata e, por vezes, até com pedras preciosas. Usavam roupas caras e elaboradas, só para impressionar umas às outras.

A esposa cristã cujo marido é incrédulo pode pensar que deve imitar o mundo a fim de ganhar o cônjuge; mas, na verdade, é justamente o contrário. O *glamour* é artificial e exterior; a verdadeira beleza é real e interior. O *glamour* é algo que a pessoa pode pôr e tirar; mas a verdadeira beleza está

sempre presente. O *glamour* é corruptível; desfaz-se e some. A verdadeira beleza do coração torna-se mais maravilhosa com o passar do tempo. A mulher cristã que cultiva a beleza do ser interior não precisa depender de adornos exteriores vulgares. Deus se preocupa com valores, não com preços.

É claro que isso não significa que a esposa não deva cuidar-se nem acompanhar a moda. Significa apenas que não deve se preocupar *excessivamente* com modismos só para não “ficar por fora”. Todo marido orgulha-se de ter uma esposa atraente, mas essa beleza deve vir do coração, não de uma loja. Não somos *deste* mundo, mas não devemos andar por aí parecendo que viemos *de outro* mundo!

Da mesma forma como não proíbe o uso de roupas bonitas, Pedro também não proíbe o uso de jóias. A palavra “adereços” em 1 Pedro 3:3 quer dizer algo “usado em volta de”, referindo-se a uma ostentação espalhafatosa de jóias. É possível usar jóias e, ainda assim, honrar a Deus, e não devemos julgar uns aos outros quanto a essa questão.

Pedro encerra esta seção mostrando Sara como exemplo de esposa piedosa e submissa. O contexto para seu comentário encontra-se em Gênesis 18. As esposas cristãs de hoje provavelmente causariam vexame para o marido se o chamassem de “senhor”, mas sua atitude deve ser tal que, se o fizessem, outros acreditariam. A esposa cristã que se sujeita a Cristo e que cultiva um “honesto comportamento cheio de temor” não precisa ter medo de coisa alguma (“não temendo”, em 1 Pe 3:6, significa “não se inquietando”, enquanto o “temor” em 1 Pe 3:2 significa “reverência”). Deus cuidará dela mesmo quando o cônjuge incrédulo lhe causar problemas e dificuldades.

**3. CONSIDERAÇÃO (1 PE 3:7)**

Por que Pedro dedica mais espaço à instrução das esposas do que à dos maridos? Porque as esposas cristãs encontravam-se em uma situação inteiramente inédita e precisavam de orientação. De modo geral, as mulheres do império romano não tinham muito espaço na sociedade, e sua nova liberdade

em Cristo trouxe consigo novos problemas e desafios. Além disso, muitas tinham maridos incrédulos e precisavam de mais encorajamento e esclarecimento.

Ao escrever aos maridos cristãos, Pedro os lembra de quatro áreas de responsabilidade no relacionamento conjugal.

**O aspecto físico – “vivei a vida comum do lar”.** Trata-se de algo que vai muito além de ter o mesmo endereço. O casamento é, fundamentalmente, um relacionamento físico. “E se tornarão os dois uma só carne” (Ef 5:31). Claro que os cônjuges cristãos desfrutam um relacionamento espiritual mais profundo, mas as duas coisas andam juntas (1 Co 7:1-5). O marido verdadeiramente espiritual cumprirá seus deveres conjugais e amará sua esposa.

O marido deve reservar tempo para ficar em casa com a esposa. Obreiros cristãos e líderes da igreja muitas vezes estão de tal modo ocupados cuidando dos problemas de outras pessoas que podem acabar criando complicações no próprio lar. Uma pesquisa revelou que maridos e esposas gastavam em média 37 minutos por semana se comunicando! Não é de se admirar que, depois que os filhos crescem e saem de casa, esses casamentos se desintegram. O marido e esposa ficam sozinhos – cada um vivendo com um estranho!

“[Viver] a vida comum do lar” também indica que o marido deve prover as necessidades físicas e materiais do lar. Apesar de não ser errado a esposa ter um emprego ou carreira, sua primeira responsabilidade é cuidar do lar (Tt 2:4, 5). É o marido que deve ser o provedor (1 Tm 5:8).

**O aspecto intelectual – “com discernimento”.** Alguém perguntou à esposa de Albert Einstein se ela entendia a teoria da relatividade do doutor Einstein, ao que ela respondeu: “Não entendo a teoria, mas entendo o doutor”. Quando ofereço aconselhamento pastoral pré-conjugal, costumo dar aos casais um bloco de papel e pedir que escrevam as três coisas que, a seu ver, o outro mais gosta de fazer. Normalmente, a noiva faz sua lista de imediato, enquanto o noivo gasta algum tempo pensando. E, normalmente, a

moça acerta na sua lista, mas o noivo não! Um começo e tanto para um casamento!

É impressionante como duas pessoas casadas podem viver juntas sem se conhecerem de verdade! A ignorância é perigosa em qualquer área da vida, mas especialmente no casamento. O marido cristão precisa conhecer as variações de humor, sentimentos, medos e esperanças da esposa. Precisa “ouvir com o coração” e se comunicar de maneira correta com ela. O lar deve oferecer um ambiente seguro de amor e submissão, de modo que o marido e a esposa possam discordar e, ainda assim, ser felizes juntos.

Dizer “a verdade em amor” é a solução para os problemas de comunicação (Ef 4:15). Alguém disse bem que o amor sem verdade é hipocrisia, enquanto a verdade sem amor é brutalidade. Precisamos tanto da verdade quanto do amor, a fim de crescer na compreensão mútua. De que maneira o marido pode demonstrar consideração pela esposa se não entende suas necessidades ou problemas? A exclamação: “não fazia idéia que você se sentia assim!” é uma confissão de que, em algum momento, um cônjuge excluiu o outro do relacionamento. Quando um dos cônjuges tem medo de se abrir e de ser franco sobre alguma questão, começa a construir muros em lugar de pontes.

**O aspecto emocional – “tendo consideração para com a vossa mulher”.** O cavalheirismo pode estar extinto, mas todo marido deve ser um “cavaleiro em uma armadura brilhante” que trata a esposa como uma princesa (aliás, o nome Sara significa “princesa”). Pedro não sugere que a esposa é a “parte mais frágil” em termos mentais, morais ou espirituais, mas sim em termos físicos. Salvo algumas exceções, o homem normalmente é a parte fisicamente mais forte do casal. O marido deve tratar a esposa como um vaso caro, belo e frágil, que contém um tesouro precioso.

Quando um jovem casal começa a namorar, o rapaz é cortês e atencioso. Depois que ficam noivos, demonstra ainda mais gentileza e age como um cavaleiro. Infelizmente, porém, assim que se casam, muitos maridos esquecem-se de ser gentis e atenciosos e de

dar o devido valor à esposa. Também se esquecem de que a felicidade do lar é constituída de uma porção de *detalhes*, inclusive as pequenas gentilezas da vida.

Os grandes ressentimentos muitas vezes nascem de pequenas mágoas. Maridos e esposas precisam ser honestos uns com os outros, admitir essas mágoas e buscar o perdão e a cura. "Ter consideração para com a vossa mulher" não significa sempre ceder a seus desejos. O marido pode discordar da esposa e, ainda assim, respeitá-la e amá-la. Como líder espiritual do lar, o marido deve, por vezes, tomar decisões que não serão vistas com bons olhos, mas ainda assim agir com gentileza e respeito.

"Ter consideração" significa que o marido respeita os sentimentos, os desejos e a maneira de pensar da esposa. Pode não concordar com suas idéias, mas ainda assim as respeita. Muitas vezes, Deus dá equilíbrio ao casamento de modo que o marido precisa de algo que faz parte da personalidade da esposa e vice-versa. Um marido impulsivo muitas vezes tem uma esposa paciente, que o ajuda a não se meter em encrencas!

O marido deve ser o "termostato" do lar, determinando a temperatura emocional e espiritual. A esposa com freqüência é o "termômetro", indicando para ele como a temperatura encontra-se no momento! Os dois são necessários. O marido sensível às necessidades da esposa não apenas a faz feliz, como também se desenvolve pessoalmente e dá aos filhos a oportunidade de crescer em um lar que honra a Deus.

**O aspecto espiritual - "para que não se interrompam as vossas orações".** Pedro parte do pressuposto de que os maridos e esposas oram juntos. Muitas vezes, não é o caso, e esse é um dos motivos pelos quais há tanto fracasso e infelicidade. Se pessoas não cristãs têm lares felizes *sem oração* (como pode acontecer), quão mais felizes podem ser os lares cristãos *com oração*! Na verdade, a vida de oração de um casal indica em

que pé estão as coisas no lar. Quando algo não vai bem, atrapalha as orações.

Marido e esposa precisam ter, cada um, seu tempo particular de oração. Também precisam orar juntos e ter um tempo de "devocional em família". A forma como isso é organizado muda de uma família para outra e também com o passar do tempo, à medida que os filhos crescem e os horários de cada um mudam. A oração e a Palavra de Deus são os elementos básicos para a felicidade e santidade do lar (At 6:4).

O marido e a esposa são "juntamente, herdeiros". Se a esposa demonstrar submissão, o marido tiver consideração e ambos se sujeitarem a Cristo e seguirem seu exemplo, seu casamento lhes proporcionará uma experiência enriquecedora. Do contrário, perderão o que Deus tem de melhor para eles e privarão um ao outro de bênçãos e crescimento. A "graça de vida" pode ser uma referência aos filhos, que certamente são uma herança de Deus (Sl 127:3); mas até mesmo casais sem filhos pode desfrutar riquezas espirituais, se obedecerem às admoestações de Pedro.

Pode ser uma boa idéia maridos e esposas realizarem, de vez em quando, um balanço do casamento. Eis algumas perguntas baseadas no que Pedro escreve:

1. Somos parceiros ou concorrentes?
2. Cada um está ajudando o outro a se tornar mais espiritual?
3. Estamos dependendo do que é externo ou do que é eterno? Do que é artificial ou do que é real?
4. Nosso entendimento mútuo está cada vez melhor?
5. Somos sensíveis aos sentimentos e idéias um do outro ou não damos o devido valor um ao outro?
6. Estamos vendo Deus responder às nossas orações?
7. Nosso casamento nos enriquece ou privamos um ao outro das bênçãos de Deus?

Responder a essas perguntas com honestidade pode fazer uma grande diferença!

## PREPARANDO-NOS PARA O MELHOR!

1 PEDRO 3:8-17

Um pastor consagrado, preste a fazer uma cirurgia séria, recebeu a visita de um amigo que foi orar por ele no hospital.

- Algo interessante aconteceu hoje - comentou o pastor. - Uma das enfermeiras olhou para meu prontuário e disse: "Pois é, pelo jeito você está se preparando para o pior!" Eu sorri para ela e respondi: "Não, estou me preparando para o melhor. Eu sou cristão, e Deus prometeu fazer todas as coisas cooperarem para o meu bem". Rapaz, eu nunca vi uma enfermeira sair de um quarto tão depressa!

Pedro escreveu esta carta a fim de preparar os cristãos para o "fogo ardente" da tribulação e, no entanto, sua abordagem é otimista e positiva. Sua mensagem é "Preparem-se para o melhor!" Nesta seção, ele dá três instruções que devemos seguir a fim de experimentarmos as melhores bênçãos nos piores momentos.

### 1. CULTIVEM O AMOR CRISTÃO (1 PE 3:8-12)

Observamos que o amor é um tema que se repete ao longo das cartas de Pedro; não só o amor de Deus por nós, mas também nosso amor pelos outros. Pedro teve de aprender essa lição importante na própria vida, e não foi nada fácil! Jesus precisou ter muita paciência com ele!

Deve-se começar com o amor pelo povo de Deus (1 Pe 3:8). Aqui, a palavra "finalmente" tem o sentido de "em resumo". Assim como a Lei toda se resume no amor (Rm 13:8-10), também os relacionamentos humanos, como um todo, se cumprem no amor. Isso se aplica a todo cristão em todas as áreas da vida.

Esse amor fica evidente na *igualdade de ânimo* (ver Fp 2:1-11). Unidade não é o mesmo que uniformidade; unidade é cooperação em meio à diversidade. Apesar de diferentes, as partes do corpo trabalham juntas em unidade. Os cristãos podem discordar quanto à *forma* de certas coisas, mas devem concordar quanto ao *conteúdo* e a *motivação*. Um homem criticou os métodos de evangelismo de D. L. Moody, que, por sua vez, respondeu: "Estou sempre pronto para melhorar. Que métodos você usa?" O homem confessou que não tinha método algum! "Então eu fico com o que tenho", disse Moody. Quaisquer que sejam os nossos métodos, nosso alvo deve ser honrar a Cristo, ganhar os perdidos e edificar a igreja. Algumas abordagens são fiéis às Escrituras, enquanto outras são claramente contrárias aos padrões bíblicos, mas há espaço de sobra para variedade dentro da igreja.

Outro sinal de que há amor é a *compaixão*, uma empatia sincera em relação aos outros e suas necessidades. O termo "simpatia" tem origem nessa palavra grega. Não se pode endurecer o coração para o semelhante. Deve-se compartilhar tanto as alegrias quanto as tribulações (Rm 12:15). A base para isso é o fato de sermos irmãos e irmãs dentro da mesma família (ver 1 Pe 1:22; 2:17; 4:8; 5:14). Somos "por Deus instruídos que [devemos amar] uns aos outros" (1 Ts 4:9).

O amor revela-se na *piedade*, na ternura com o outro. No império romano, tal qualidade não era considerada admirável; mas a mensagem do evangelho mudou esse paradigma. Hoje, somos tão bombardeados por notícias ruins que é fácil criar uma couraça e ficar insensíveis. É preciso cultivar a compaixão e mostrar ativamente a outros que nos preocupamos com eles.

Também é preciso ser "humildes", pois a humildade é a base para a gentileza, e a pessoa humilde pensa primeiro nos outros.

Não se deve apenas amar o povo de Deus, mas também *amar os inimigos* (1 Pe 3:9). Os destinatários desta carta passavam por certa perseguição pessoal por fazerem a vontade de Deus. Pedro adverte-os de que a perseguição *oficial* estava preste a começar,

de modo que deveriam se preparar. A Igreja de hoje também deve se preparar, pois temos adiante tempos difíceis.

Como cristãos, vivemos em um de três níveis. É possível retribuir o bem com o mal – o nível satânico. É possível retribuir o bem com o bem e o mal com o mal – o nível humano. Ou é possível retribuir o mal com o bem – o nível divino. Jesus é o exemplo perfeito desta última abordagem (1 Pe 2:21-23). Como filhos amorosos de Deus, nossa filosofia não deve ser “olho por olho, dente por dente” (Mt 5:38-48), o fundamento da justiça. Devemos atuar com base na *misericórdia*, pois é assim que Deus nos trata.

É bem provável que essa admoestação tivesse um significado profundo para Pedro, pois, em certa ocasião, ele tentou lutar contra os inimigos de Jesus com uma espada (Lc 22:47-53). Antes de se converter, quando ainda era rabino, Paulo usou de todos os meios possíveis para se opor à Igreja; mas quando se tornou cristão, nunca usou armas humanas para lutar nas batalhas de Deus (Rm 12:17-21; 2 Co 10:1-6). Quando Pedro e os outros apóstolos foram perseguidos, confiaram na oração e no poder de Deus, não na própria sabedoria ou força (ver At 4:23ss).

Precisamos ser lembrados com frequência de nosso *chamado* como cristãos, pois isso nos ajuda a amar os inimigos e a lhes fazer o bem quando nos maltratam. Somos chamados para “[receber] bênção por herança”. As perseguições que sofremos na Terra hoje enriquecem nossa herança bendita de glória que desfrutaremos um dia no céu (Mt 5:10-12). Mas, ao tratarmos os inimigos com amor e misericórdia, também herdamos uma bênção *hoje*. Ao compartilhar uma bênção com eles, somos abençoados! A perseguição pode ser um tempo de enriquecimento espiritual para o cristão. Os santos e mártires da história da Igreja dão testemunho desse fato.

Devemos amar uns aos outros, amar os inimigos e *amar a vida* (1 Pe 3:10-12). A notícia da perseguição iminente não deveria levar o cristão a desistir da vida. Os tempos que, para o mundo, são “dias sombrios”, para

o cristão podem ser “dias felizes”, se cumprir certas condições.

Em primeiro lugar, é *preciso tomar o firme propósito de amar a vida*. Trata-se de um ato da volição: “Pois quem quer amar a vida”. É uma atitude de fé capaz de ver o que há de melhor em cada situação. É o oposto da atitude pessimista expressa em Eclesiastes 2:17: “Pelo que aborreci a vida, [...] tudo é vaidade e correr atrás do vento”. Podemos resolver *suportar* a vida e torná-la um fardo, *escapar* da vida como se estivéssemos fugindo da batalha, ou *desfrutar* a vida, porque sabemos que Deus está no controle. Pedro não sugere um tipo de exercício psicológico que afaste da realidade e faça negar os fatos. Antes, insta seus leitores a abordarem a vida de maneira positiva e *pela fé*, aproveitando ao máximo cada situação.

Em segundo lugar, é *preciso controlar a língua*. Muitos problemas da vida são causados por palavras erradas, ditas com o espírito errado. Todo cristão deve ler Tiago 3 com frequência e orar as palavras do Salmo 141:3 diariamente. Pedro sabia muito bem como são tristes as conseqüências das palavras impensadas! Não há lugar para mentiras na vida do cristão.

Em terceiro lugar, é *preciso amar o bem e detestar o mal*. Precisamos tanto do positivo quanto do negativo. O termo “apartar-se” significa não apenas “evitar”, mas “evitar alguma coisa porque a desprezamos e a consideramos repugnante”. Não basta evitar o pecado porque ele é errado. É preciso afastar-se dele por detestá-lo.

Por fim, é *preciso buscar a paz e se empenhar por alcançá-la*. “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5:9). Quem sai à procura de encrenca não terá dificuldade em encontrá-la. Não se trata de uma política de “paz a qualquer preço”, pois a paz deve sempre ser baseada na justiça (Tg 3:13-18). Significa apenas que o cristão deve usar de moderação ao se relacionar com as pessoas e não criar problemas só porque deseja que as coisas sejam feitas a sua maneira. “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12:18). Por vezes,

isso não é possível! Em Romanos 14:19 somos admoestados a trabalhar com afinco para obter a paz, pois ela não ocorre naturalmente.

– Mas e se nossos inimigos se aproveitarem de nós? – um cristão perseguido pode perguntar. – Talvez nós estejamos buscando a paz, mas eles estão procurando guerra!

Pedro assegura seus leitores de que os olhos do Senhor estão sobre seu povo, e seus ouvidos estão abertos para suas orações (Pedro aprendeu essa lição ao tentar caminhar sobre as águas sem olhar para Jesus; Mt 14:22-33). Devemos confiar que Deus nos protegerá e proverá, pois somente ele pode derrotar nossos inimigos (Rm 12:17-21).

Essas citações de Pedro são do Salmo 34:12-15, de modo que pode ser proveitoso ler o salmo inteiro. Ele descreve o conceito divino de “dias felizes”. Não são, necessariamente, dias sem dificuldades, pois o salmista escreve sobre seus medos (Sl 34:4), problemas (Sl 34:6, 17), aflições (Sl 34:19) e até mesmo sobre seu coração quebrantado (Sl 34:18). Para um cristão que ama a vida, um “dia feliz” não implica ser mimado e protegido, mas sim experimentar o socorro e as bênçãos de Deus *por causa* dos problemas e das tribulações da vida. É um dia no qual ele engrandece ao Senhor (Sl 34:1-3), recebe repostas a suas orações (Sl 34:4-7), prova a bondade de Deus (Sl 34:8) e sente a proximidade de Deus (Sl 34:18).

Da próxima vez que pensar que está tendo um “péssimo dia” e detestar a vida, convém ler o Salmo 34, a fim de descobrir que, na verdade, está tendo um “dia feliz” para a glória de Deus!

## 2. VIVAM SUJEITOS AO SENHORIO DE CRISTO (1 PE 3:13-15)

Estes versículos introduzem a terceira seção principal de 1 Pedro – a graça de Deus no sofrimento. Apresentam o princípio espiritual importante de que o temor do Senhor conquista todos os outros temores. Pedro cita Isaías 8:13, 14 para apoiar sua admoestação: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração” (1 Pe 3:15).

O contexto das palavras de Isaías é significativo. Acáz, rei de Judá, enfrentava uma crise em função de uma invasão iminente do exército assírio. Os reis de Israel e da Síria queriam que Acáz se juntasse a eles em uma aliança, mas Acáz recusou-se, de modo que Israel e a Síria ameaçavam invadir Judá! Nos bastidores, Acáz aliou-se à Assíria. O profeta Isaías o advertiu sobre alianças ímpias e o instou a confiar que Deus daria o livramento. “Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja ele o vosso temor, seja ele o vosso espanto” (Is 8:13).

Todo cristão enfrenta crises e é tentado a ceder aos medos e a tomar decisões erradas. Mas “[santificando] a Cristo como Senhor” no coração, jamais será preciso temer os homens ou as circunstâncias. O inimigo pode nos *ferir*, mas não nos *derrotar*. Somente nós mesmos podemos nos derrotar ao deixar de confiar em Deus. De modo geral, ninguém se opõe a nós quando fazemos o bem; mas mesmo se houver tal oposição, é melhor sofrer por aquilo que é justo do que comprometer o testemunho. Pedro trata desse tema em detalhes em 1 Pedro 4:12-19.

Se Jesus Cristo for o Senhor do coração, em vez de sentir medo diante do inimigo, é possível experimentar bênçãos. O termo “bem-aventurados” em 1 Pedro 3:14 é o mesmo empregado em Mateus 5:10ss. Trata-se de parte da “alegria indizível e cheia de glória” (1 Pe 1:8).

Quando Jesus Cristo é Senhor da vida, cada crise torna-se uma oportunidade para testemunhar. Estamos “sempre preparados para responder”. O termo *apologia* vem da palavra grega traduzida por “resposta” e significa “uma defesa apresentada em um tribunal”. A “apologética” é o ramo da teologia que trata da defesa da fé. Todo cristão deve ser capaz de defender de maneira fundamentada sua esperança em Cristo, *especialmente em meio a situações desesperadoras*. Quando o cristão age com fé e esperança, uma crise gera a oportunidade de testemunhar, pois essa diferença em atitude chama a atenção dos incrédulos.

O testemunho deve ser dado “com mansidão e temor [respeito]”, não com arrogância



nem com uma postura de quem sabe tudo. Somos testemunhas, não advogados de acusação! Também é preciso estar certos de que a vida corrobora a apologia. Pedro não sugere que os cristãos argumentem com os incrédulos, mas sim que lhes apresentem de maneira amorosa um relato daquilo que crêem e os motivos para tais convicções. O objetivo não é ganhar uma discussão, mas sim ganhar almas perdidas para Cristo.

O que significa “[santificar] a Cristo como Senhor” no coração? Significa entregar tudo a ele e viver de modo a lhe agradar e a glorificá-lo. Significa maior temor de lhe desagradar do que medo do que os homens podem fazer. Essa abordagem simplifica a vida de maneira maravilhosa! Trata-se de uma combinação de Mateus 6:33 e de Romanos 12:1, 2 em uma atitude diária de fé que obedece à Palavra de Deus apesar das consequências. Significa não se contentar com menos do que a vontade de Deus na vida (Jo 4:31-34). Um dos sinais de que Jesus Cristo é Senhor da vida é a prontidão com que testemunhamos a outros sobre ele e procuramos ganhá-los para Cristo.

### 3. MANTENHAM A BOA CONSCIÊNCIA (1 PE 3:16, 17)

A palavra “consciência” vem de dois termos latinos: *com*, que tem o mesmo significado em nossa língua, e *scio*, que significa “saber”. A consciência é o árbitro interior que testemunha a nós, permitindo que “saibamos com”, aprovando ou censurando nossas ações (ver Rm 2:14, 15). A consciência pode ser comparada a uma janela que deixa entrar a luz da verdade de Deus. Se persistimos em desobedecer, a janela torna-se cada vez mais suja, até o ponto em que a luz não pode mais entrar. Isso leva a uma “consciência [...] corrompida” (Tt 1:15). A consciência “cauterizada” é aquela contra a qual já se pecou tantas vezes que ela perde sua sensibilidade para o certo e o errado (1 Tm 4:2). A consciência pode encontrar-se de tal modo corrompida a ponto de aprovar quando a pessoa faz algo mau e de censurá-la quando faz algo bom! É isso o que a Bíblia chama de “má consciência” (Hb 10:22).

O criminoso sente-se culpado se delata os amigos, mas se sente bem se consegue realizar um crime com sucesso!

A consciência depende do conhecimento, a “luz” que passa pela janela. Ao estudar a Palavra, o cristão passa a compreender melhor a vontade de Deus, e sua consciência torna-se mais sensível para o que é certo e errado. Uma “boa consciência” nos acusa quando pensamos ou fazemos algo errado e aprova quando fazemos algo certo. Manter a consciência forte e pura é algo que exige “esforço” (At 24:16). Sem crescer em conhecimento espiritual e em obediência, teremos uma “consciência fraca” (1 Co 8).

De que maneira uma boa consciência ajuda o cristão em tempos de tribulação e de oposição? Em primeiro lugar, o fortalece com coragem, pois ele sabe que sua vida está em ordem com Deus e com os homens, de modo que não há coisa alguma a temer. O monumento a Martinho Lutero em Worms, na Alemanha, traz a seguinte inscrição, com suas palavras de coragem proferidas diante do concílio da igreja em 18 de abril de 1521: “Esta é a minha posição; não posso agir de outra maneira. Que Deus me ajude. Amém”. Sua consciência vinculada à Palavra de Deus lhe deu coragem de desafiar toda a igreja como instituição!

Uma boa consciência também dá paz ao coração e, quando temos paz interior, é possível enfrentar as batalhas exteriores. A inquietação de uma consciência desconfortável divide o coração e esgota as forças de uma pessoa, impedindo que ela dê o melhor de si. Como é possível testemunhar de Cristo com ousadia quando a consciência está testemunhando contra nós?

Uma boa consciência remove o medo do que outros talvez saibam a nosso respeito e do que possam dizer ou fazer contra nós. Quando Cristo é Senhor e tememos somente a Deus, não é preciso ter medo de ameaças, opiniões ou ações de inimigos. “O SENHOR está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem?” (Sl 118:6). Foi isso o que Pedro não conseguiu entender quando temeu o inimigo e negou o Senhor.

Pedro deixa claro que a consciência *de per si* não serve como teste para o que é certo ou errado. Uma pessoa pode praticar “o que é bom” ou praticar “o mal”. A pessoa que desobedece à Palavra de Deus e declara que isso é certo simplesmente porque sua consciência não a acusa está admitindo que há algo extremamente errado com sua consciência. A consciência é um guia seguro somente quando é instruída pela Palavra de Deus.

Na sociedade de hoje, a tendência é os cristãos serem, cada vez mais, alvo de acusações e de mentiras. Nossos padrões pessoais são diferentes daqueles do mundo não cristão. Via de regra, os cristãos não *criam* problemas, mas apenas os *revelam*. Quando um cristão começa a trabalhar em um escritório ou se muda para um apartamento com colegas não cristãos, os problemas não costumam a surgir. Os cristãos são luz em um mundo de trevas (Fp 2:15) e revelam as “obras infrutíferas das trevas” (Ef 5:11).

Quando José começou a servir como mordomo na casa de Potifar e se recusou a pecar, foi acusado falsamente e lançado na prisão. Os líderes do governo na Babilônia tramaram para colocar Daniel em apuros, pois sua vida e seu trabalho testemunhavam contra eles. Por meio de sua vida aqui na Terra, o Senhor Jesus Cristo revelou o coração e os atos pecaminosos do povo e, por isso, foi crucificado (ver Jo 15:15-25). “Ora, todos quantos querem viver piedosamente

em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Tm 3:12).

A fim de manter uma boa consciência, é preciso tratar do pecado na vida e confessá-lo de imediato (1 Jo 1:9). Deve-se “manter a janela limpa” e gastar tempo com a Palavra de Deus para “deixar a luz entrar”. Uma consciência forte é resultante de obediência baseada em conhecimento. Torna o cristão uma testemunha vigorosa para os não salvos e lhe dá forças em tempos de perseguição e de dificuldades.

O sofrimento do cristão não deve ser decorrente de praticar o que é mau, e nenhum cristão deve se surpreender ao sofrer por praticar o que é bom. Nosso mundo está tão confuso que as pessoas “fazem da escuridade luz e da luz, escuridade” (Is 5:20). Os líderes religiosos do tempo de Jesus o chamaram de “malfeitor”, isto é, “alguém que faz aquilo que é mal” (Jo 18:29, 30). Como as pessoas podem enganar-se!

Quando a igreja enfrenta tempos difíceis, o melhor a fazer é cultivar o amor cristão, pois a ajuda e o encorajamento mútuos são mais necessários do que nunca. Também se deve manter uma boa consciência, pois ela fortalece a determinação e confere ousadia ao testemunho. O segredo é viver sujeitos ao senhorio de Jesus Cristo. Ao temer a Deus, não é preciso ter medo de homens. “A vergonha surge quando se teme os homens”, disse Samuel Johnson. “A consciência, por sua vez, nasce do temor a Deus.”

## LIÇÕES DE NOÉ

## 1 PEDRO 3:18-22

Um pastor dava um estudo bíblico sobre Mateus 16 e explicou as várias interpretações para as palavras de Jesus a Pedro: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16:18). Depois do estudo, uma mulher lhe disse:

– Pastor, tenho certeza de que, se Jesus tivesse imaginado todos os problemas que essas palavras causariam, jamais as teria dito!

Quando Pedro escreveu esta seção de sua carta, não fazia idéia de que seria classificada como uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento. Ao longo dos anos, intérpretes competentes e piedosos têm perscrutado esses versículos, debatido e discordado sobre eles e nem sempre têm oferecido muita ajuda espiritual. Talvez não sejamos capazes de resolver os problemas encontrados nesta seção, mas desejamos obter a ajuda prática que Pedro oferece para encorajar os cristãos em tempos difíceis.

Esta seção apresenta três ministérios distintos. Ao compreender esses ministérios, estaremos mais preparados para sofrer dentro da vontade de Deus e para glorificar a Cristo.

### 1. O MINISTÉRIO DE CRISTO (1 PE 3:18-22)

Todos os outros elementos deste parágrafo são complementos do que Pedro tem a dizer acerca de Jesus Cristo. Este texto é paralelo ao que Pedro escreve em 1 Pedro 2:21ss. Pedro apresenta Jesus Cristo como um exemplo perfeito de alguém que sofreu injustamente e, no entanto, obedeceu a Deus.

**A morte de Cristo (v. 18).** Em 1 Pedro 3:17, Pedro escreve sobre o sofrimento decorrente da prática do bem ao invés da prática

do mal, citando, em seguida, o exemplo de Jesus Cristo. Jesus foi “o Justo” (At 3:14) e, no entanto, foi tratado injustamente. Por quê? Para que pudesse morrer pelos injustos e levá-los a Deus! Morreu como substituto (1 Pe 2:24), e o fez uma única vez (Hb 9:24-28). Em outras palavras, Jesus sofreu por praticar o que é bom; não morreu pelos próprios pecados, pois não tinha pecado algum (1 Pe 2:22).

A expressão “conduzir a Deus” é de caráter técnico e significa “obter uma audiência no tribunal”. Por causa da obra de Cristo na cruz, temos agora livre acesso a Deus (Ef 2:18; 3:12). Podemos nos aproximar confiadamente de seu trono! (Hb 10:19ss). Também temos acesso a sua graça maravilhosa para suprimento das necessidades diárias (Rm 5:2). Ao ser rasgado, o véu do templo simbolizou o caminho novo e aberto para Deus por meio de Jesus Cristo.

**A proclamação de Cristo (vv. 19, 20).** A expressão “vivificado pelo Espírito” (ARC) pode ser problemática. Nos manuscritos gregos, não há letras maiúsculas, de modo que não temos autoridade para escrever “Espírito” em lugar de “espírito”. De acordo com estudiosos da língua grega, a tradução correta para 1 Pedro 3:18 é: “Morto com referência à carne, mas vivificado com referência ao espírito”. Trata-se de um contraste entre carne e espírito, conforme indicado em Mateus 26:41 e Romanos 1:3, 4, não entre a carne de Cristo e o Espírito Santo.

Jesus tinha um corpo real (Mt 26:26) e, também, alma (Jo 12:27) e espírito (Lc 23:46). Não era Deus habitando em um ser humano, mas sim o verdadeiro Homem-Deus. Quando morreu, entregou o espírito ao Pai (Lc 23:46; ver Tg 2:26). No entanto, parece claro que, se ele foi “vivificado no espírito”, em algum momento, seu espírito deve ter morrido. É provável que isso tenha ocorrido quando ele se fez pecado por nós e foi abandonado pelo Pai (Mc 15:34; 2 Co 5:21). “Vivificado no [com referência ao] espírito” não pode significar ressurreição, pois a ressurreição diz respeito ao *corpo*.

Assim, Jesus sofreu na cruz e morreu. Seu corpo foi morto, e seu espírito morreu quando

ele foi feito pecado. Mas seu espírito foi vivificado e ele o entregou ao Pai. De acordo com Pedro, em algum momento entre sua morte e ressurreição, Jesus fez uma proclamação especial "aos espíritos em prisão". Essa afirmação levanta duas perguntas: (1) quem eram esses "espíritos" que Cristo visitou?; e (2) o que proclamou a eles?

Os que afirmam que esses "espíritos em prisão" eram espíritos dos pecadores perdidos no inferno aos quais Jesus levou as boas-novas da salvação precisam resolver alguns problemas sérios. Em primeiro lugar, Pedro refere-se a indivíduos como "pessoas", não como "espíritos" (1 Pe 3:20). No Novo Testamento, o termo "espíritos" é usado para descrever anjos ou demônios, não seres humanos; 1 Pedro 3:22 parece argumentar em favor desse significado. Além disso, as Escrituras não dizem, em parte alguma, que Jesus visitou o inferno. Atos 2:31 afirma que ele foi à "morte" ou *Hades* (ARC), mas tal lugar não corresponde ao inferno. O termo "hades" refere-se ao reino dos mortos incrédulos, um lugar temporário onde aguardam a ressurreição. Ao ler Apocalipse 20:11-15 em algumas versões mais atuais da Bíblia, vê-se essa distinção importante. O inferno é o lugar final e permanente de julgamento dos perdidos, enquanto o *hades* é um lugar temporário. Quando o cristão morre, não vai para nenhum desses locais, mas sim para o céu, a fim de estar com Cristo (Fp 1:20-24).

Jesus entregou o espírito ao Pai, morreu e, em algum momento entre sua morte e ressurreição, visitou o reino dos mortos, onde transmitiu uma mensagem a seres espirituais (provavelmente anjos caídos; ver Jd 6), de algum modo relacionados ao período anterior ao dilúvio, como 1 Pedro 3:20 deixa claro. O termo traduzido por "pregou" significa, simplesmente, "anunciou como arauto, proclamou". Não se trata do termo que significa "a pregação do evangelho" e que Pedro usa em 1 Pedro 1:12 e 4:6. Pedro não diz o que Jesus proclamou a esses espíritos aprisionados, mas não pode ter sido uma mensagem de redenção, pois anjos não podem ser salvos (Hb 2:16). É bem provável que

tenha sido uma declaração de vitória sobre Satanás e suas hostes (ver Cl 2:15; 1 Pe 3:22).

Pedro não explica a relação entre esses espíritos e a era do dilúvio. Alguns estudiosos acreditam que os "filhos de Deus" mencionados em Gênesis 6:1-4 eram anjos caídos que coabitaram com mulheres e produziram uma raça de gigantes, mas não posso aceitar essa interpretação. Os anjos *bons* que não caíram eram chamados de "filhos de Deus", mas essa designação não se aplicava aos anjos caídos (Jó 1:6; 2:1, observando a distinção feita entre Satanás e os "filhos de Deus"). O mundo antes do dilúvio era incrivelmente perverso, e, sem dúvida, esses espíritos contribuíram em muito para tal situação (ver Gn 6:5-13; Rm 1:18ss).

**A ressurreição de Cristo (v. 21).** Uma vez que a morte ocorre quando o espírito deixa o corpo (Tg 2:26), então a ressurreição envolve a volta do espírito ao corpo (Lc 8:55). O Pai ressuscitou Jesus dentre os mortos (Rm 6:4; 8:11), mas o Filho também tinha autoridade para ressuscitar a si mesmo (Jo 10:17, 18). Foi um milagre! Por causa dessa ressurreição, os cristãos têm uma "viva esperança" (1 Pe 1:3, 4). Veremos mais adiante de que maneira a ressurreição de Cristo é relacionada à experiência de Noé.

Jamais se deve subestimar a importância da ressurreição de Jesus Cristo. Ela declara que ele é Deus (Rm 1:4), que a obra da salvação foi consumada e aceita pelo Pai (Rm 4:25) e que a morte foi vencida (1 Ts 4:13-18; Ap 1:17, 18). A ressurreição faz parte da mensagem do evangelho (1 Co 15:1-4), pois um Salvador morto não salva ninguém. É o Cristo ressurreto que concede o poder de que precisamos diariamente para a vida e para o serviço (Gl 2:20).

**A ascensão de Cristo (v. 22).** Quarenta dias depois da sua ressurreição, Jesus subiu ao céu para se assentar à direita do Pai, o lugar de exaltação (Sl 110:1; At 2:34-36; Fp 2:5-11; Hb 12:1-3). Os cristãos estão assentados com ele nos lugares celestiais (Ef 2:4-6), e, por meio dele, podemos "[reinar] em vida" (Rm 5:17). Cristo está ministrando à Igreja como Sumo Sacerdote (Hb 4:14-16; 7:25) e Advogado (1 Jo 1:9 - 2:2). Está preparando

um lugar para seu povo (Jo 14:1-6) e, um dia, virá para levá-los para junto de si.

Mas o ponto central que Pedro enfatiza é a vitória absoluta de Cristo sobre todos os “anjos, e potestades, e poderes” (1 Pe 3:22), referindo-se às hostes malignas de Satanás (Ef 6:10-12; Cl 2:15). Os anjos que não caíram *sempre* foram submissos ao Senhor. Para os cristãos, a vitória não é o *objetivo* de sua luta, mas sim seu *ponto de partida*: lutamos a partir da grande vitória que o Senhor Jesus Cristo conquistou para nós em sua morte, ressurreição e ascensão.

## 2. O MINISTÉRIO DE NOÉ

No tempo de Pedro, o patriarca Noé era tido em alta consideração tanto no meio do povo judeu quanto dos cristãos. Em Ezequiel 14:19, 20, é associado a Daniel e Jó, dois grandes homens, e podemos encontrar diversas referências ao dilúvio nos Salmos e nos Profetas. Jesus referiu-se a Noé em seu sermão profético (Mt 24:37-39; ver Lc 17:26, 27), e Pedro o menciona em sua segunda epístola (2 Pe 2:5; ver 3:6). Ele é citado entre os heróis da fé em Hebreus 11:7.

Que relação Pedro via entre seus leitores e o ministério de Noé? Em primeiro lugar, Noé foi um “pregador da justiça” (2 Pe 2:5) durante um tempo extremamente difícil da história. Na verdade, andou com Deus e pregou a verdade de Deus durante cento e vinte anos (Gn 6:3) e, nesse tempo, sem dúvida foi alvo de escárnio e de oposição. Os primeiros cristãos sabiam que Jesus havia prometido que, antes de sua volta, o mundo se tornaria como “nos dias de Noé” (Mt 24:37-39); esperavam que Cristo voltasse logo (2 Pe 3:1-3). Ao ver a sociedade desintegrar-se a seu redor e a perseguição oficial ter início, pensariam nas palavras de Jesus.

Noé foi um homem de fé que continuou fazendo a vontade de Deus mesmo quando parecia um fracassado. Por certo, isso serviu de encorajamento aos leitores de Pedro. Se medíssemos a fidelidade pelos resultados, Noé receberia uma nota muito baixa. E, no entanto, Deus o exaltou!

Mas existe outra ligação: Pedro viu no dilúvio um retrato (tipo) da experiência cristã

do batismo. Qualquer que seja o tipo de batismo aceito no presente, sabemos com certeza que a Igreja primitiva batizava por imersão. Trata-se de um retrato da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Hoje em dia, muita gente não leva o batismo a sério, mas era algo extremamente importante na Igreja primitiva. O batismo significava separação total do passado, o que poderia incluir rompimento com familiares, com amigos e com o trabalho. Os candidatos eram interrogados minuciosamente, pois sua sujeição ao batismo era um passo de consagração, não apenas um “rito de iniciação” para que se tornassem parte da igreja.

O dilúvio retrata morte, sepultamento e ressurreição. As águas sepultaram a terra em julgamento, mas também elevaram Noé e sua família em segurança. A Igreja primitiva considerava a arca uma imagem de salvação. Noé e seus familiares foram salvos pela fé porque creram em Deus e entraram na arca segura. Da mesma forma, os pecadores são salvos pela fé quando crêem em Jesus Cristo e se tornam um com ele.

Ao escrever que Noé e sua família foram salvos “através da água”, Pedro faz questão de explicar que essa ilustração não implica a salvação pelo batismo. O batismo é uma “figura” do que nos salva, a saber, a “ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pe 3:21). A água aplicada ao corpo por aspensão ou imersão não pode remover as manchas do pecado. Somente o sangue de Jesus Cristo pode fazer isso (1 Jo 1:7 – 2:2). Há, porém, uma coisa da qual o batismo nos salva: da má consciência. Pedro já falou a seus leitores da importância de uma boa consciência para se poder testemunhar com sucesso (ver 1 Pe 3:16), e parte dessa “boa consciência” é ser fiel ao compromisso com Cristo expresso no batismo.

A palavra “indagação”, em 1 Pedro 3:21, é um termo legal que significa “promessa, garantia”. Quando uma pessoa assinava um contrato, costumava-se perguntar: “Você promete obedecer e cumprir os termos deste contrato?”, ao que se deveria responder: “Sim, prometo” a fim de poder assinar. Quando os convertidos eram preparados para o

batismo, deveriam responder se era sua intenção obedecer a Deus e lhe servir e romper com sua vida passada de pecado. Se houvesse alguma reserva em seu coração ou se mentissem deliberadamente, não teriam uma boa consciência e, sob a pressão da perseguição, acabariam negando ao Senhor (Pedro sabia do que estava falando!). Assim, Pedro lembrava-os do testemunho que haviam dado no batismo, a fim de estimulá-los à fidelidade a Cristo.

Pode ser interessante observar que a cronologia do dilúvio é intimamente relacionada ao dia da ressurreição de Cristo. A arca de Noé repousou sobre o monte Ararate no décimo sétimo dia do sétimo mês (Gn 8:4). O ano *civil* judeu começava em outubro, enquanto o ano *religioso* começava com a Páscoa dos judeus em abril (Êx 12:1, 2), data instituída no tempo de Moisés. O sétimo mês a partir de outubro é abril. Cristo foi crucificado no décimo quarto dia, na Páscoa dos judeus (Êx 12:6), e ressuscitou três dias depois, ou seja, no décimo sétimo dia do mês, data na qual a arca repousou sobre o monte Ararate. Assim, a ilustração de Noé apresenta uma relação muito próxima com a ênfase de Pedro sobre a ressurreição do Salvador.

Em certo sentido, a experiência de Cristo na cruz foi um batismo de julgamento, semelhante, portanto, ao dilúvio. Cristo referiu-se a seu sofrimento como um batismo (Mt 20:22; Lc 12:50) e usou Jonas para ilustrar sua experiência de morte, sepultamento e ressurreição (Mt 12:38-41). Sem dúvida, Jesus poderia ter citado Jonas 2:3 para descrever a própria experiência: "Todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim".

### 3. O MINISTÉRIO DO CRISTÃO HOJE

Não é difícil chegar a um consenso quanto às lições fundamentais que Pedro compartilha com seus leitores, lições das quais precisamos hoje.

Em primeiro lugar, *o cristão deve esperar oposição*. À medida que a volta de Cristo se aproximar, nossa prática do bem incitará a ira e os ataques dos ímpios. Jesus teve uma vida irrepreensível aqui na Terra e, no entanto,

foi crucificado como um criminoso qualquer. Se o Justo que não pecou foi tratado com crueldade, que direito nós, que somos imperfeitos, teremos de escapar do sofrimento? É preciso cuidado, porém, para que o sofrimento seja resultante da prática do bem, não de desobediência.

Em segundo lugar, *o cristão deve servir a Deus pela fé e não depositar sua confiança nos resultados*. Noé serviu a Deus e só salvou sete pessoas do dilúvio; no entanto, Deus o honrou. Podemos ser encorajados por essas sete pessoas! Pelas aparências, a morte de Jesus na cruz foi um sinal de fracasso total; no entanto, sua morte foi uma vitória suprema. Pode parecer que sua causa hoje não está progredindo, mas ele realizará seus propósitos para este mundo. Não realizamos a colheita no apelo no final do culto; ela se dará no fim dos tempos.

Em terceiro lugar, *o cristão pode animar-se, pois é identificado com a vitória de Cristo*. Esse fato é retratado no batismo, e a doutrina é explicada em Romanos 6. É o batismo do Espírito que identifica o cristão com Cristo (1 Co 12:12, 13), identificação retratada no batismo em água. É por meio do poder do Espírito que se vive para Cristo e que se dá testemunho dele (At 1:8). A oposição dos homens é impelida por Satanás, mas Cristo já derrotou esses principados e potestades. Ele tem "Toda a autoridade [...] no céu e na terra" (Mt 28:18), e, portanto, é possível avançar confiantes e vitoriosos.

Outra lição prática é que *o batismo é importante*. Ele identifica o cristão com Cristo e dá testemunho do rompimento daquele que crê em Jesus com sua antiga vida (ver 1 Pe 4:1-4) e de que, com a ajuda de Deus, viverá uma nova vida. O ato do batismo é uma promessa feita a Deus de obediência a ele. Usando a ilustração de Pedro, ao ser batizado, o cristão concorda com os termos do contrato. Considerar o batismo com leviandade é pecar contra Deus. Algumas pessoas exageram a importância do batismo ensinando que ele conduz à salvação, enquanto outras menosprezam seu valor. A fim de ter uma boa consciência, o cristão deve obedecer a Deus.

Tendo dito isso, gostaria de deixar claro que os cristãos não devem usar o batismo como um teste de comunhão nem de espiritualidade. Nem todos os cristãos concordam com os detalhes dessa questão e se deve respeitar os que têm uma opinião diferente da que mostramos aqui. Quando o general William Booth fundou o Exército da Salvação, assumiu o propósito de não o transformar em "mais uma igreja", de modo que não incluiu a ministração das ordenanças. Certos grupos cristãos, como os quacres, não praticam o batismo por uma questão de consciência ou de interpretação doutrinária. Apresentei acima minha convicção, mas não desejo dar a impressão de que faço dessa postura um teste de qualquer coisa. "Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (Rm 14:19). "Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente" (Rm 14:5).

O mais importante é que cada cristão declare sua devoção a Cristo e faça de sua decisão um ato definitivo de compromisso. A maioria dos cristãos faz isso por meio do batismo, mas até mesmo essa prática pode acabar sendo menosprezada ou esquecida. É no ato de tomar nossa cruz diariamente que se prova ser um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo.

Por fim, *Jesus Cristo é o único Salvador, e o mundo perdido precisa ouvir seu evangelho.*

Algumas pessoas tentam usar essa passagem complexa das Escrituras para provar a existência de uma "segunda chance" de ser salvo depois da morte. Nossa interpretação dos "espíritos em prisão" parece deixar claro que se trata de uma referência a seres angelicais, não à alma de mortos. Mas mesmo que esses "espíritos" pertencessem a pessoas incrédulas, a passagem não diz, em momento algum, que foram salvos. E por que, se fosse o caso, Jesus ofereceria a salvação *somente aos pecadores do tempo de Noé*? Por que Pedro usaria o verbo que significa "proclamar como arauto" em vez do termo habitual para a pregação do evangelho?

Hebreus 9:27 deixa claro que a morte encerra a oportunidade de receber a salvação. Assim, a Igreja precisa preocupar-se com o evangelismo e a obra missionária, pois há gente morrendo sem sequer ter ouvido as boas-novas da salvação e, muito menos, sem ter a chance de rejeitá-la. Não adianta coisa alguma se envolver em picuinhas por causa de interpretações diferentes para passagens difíceis das Escrituras se aquilo em que cremos não desperta em nós o desejo de compartilhar o evangelho com outros.

Pedro deixa claro que os tempos difíceis multiplicam as oportunidades de testemunhar.

Estamos fazendo bom uso dessas oportunidades?

## O TEMPO QUE VÓS RESTA

1 PEDRO 4:1-11

**M**inha esposa e eu fomos a Nairóbi, onde eu havia sido convidado para ministrar a várias centenas de pastores africanos no congresso da Missão para o Interior da África. Mesmo nos sentindo um tanto cansados da longa viagem de avião, estávamos bastante empolgados com o congresso. Mal podíamos esperar para começar, e o coordenador do congresso notou nossa impaciência.

– Agora vocês estão na África – disse ele em tom paternal. – A primeira coisa que devem fazer é guardar seu relógio.

Nos dias subseqüentes, ao ministrar no Quênia e no Zaire, descobrimos a sabedoria dessas palavras. Infelizmente, quando voltamos para os Estados Unidos, nos vimos presos, mais uma vez, a inúmeros prazos e horários.

Pedro discorre amplamente sobre a questão do *tempo* (1 Pe 1:5, 11, 17, 20; 4:2, 3, 17; 5:6). Sem dúvida, a consciência de seu martírio iminente contribui para tal ênfase (Jo 21:15-19; 2 Pe 1:12ss). A pessoa que crê de coração na eternidade usa o tempo da melhor maneira possível. Com a convicção de que Jesus está voltando, teremos o desejo de viver preparados. Quer Jesus, quer a morte venha primeiro, desejamos fazer “o tempo que [nos] resta” contar para a eternidade.

Isso é possível! Pedro descreve quatro atitudes que o cristão pode cultivar em sua vida (“o tempo que [lhe] resta”) a fim de torná-la tudo o que Deus quer que ela seja.

### 1. UMA ATITUDE MILITANTE CONTRA O PECADO (1 PE 4:1-3)

Trata-se da imagem de um soldado que coloca seu equipamento e se arma para a

batalha. Atitudes são armas, e atitudes fracas ou erradas provocam derrotas. A perspectiva determina os resultados, e um cristão deve ter atitudes corretas a fim de viver de maneira correta.

Encontrei-me com um amigo em um restaurante para almoçarmos juntos. Era um daqueles lugares com iluminação muito suave, onde você quase precisa de uma lanterna para achar a mesa. Conversamos por algum tempo e, quando finalmente decidimos pedir a comida, comentei com ele minha surpresa ao não ter dificuldade em ler o cardápio.

– Pois é – disse o meu amigo – nos acostumamos rapidamente com a escuridão.

Suas palavras podem ser usadas como admoestação: é fácil o cristão acostumar-se com o pecado. Em vez de ter uma atitude militante que detesta o pecado e se opõe a ele, o cristão vai se acostumando ao pecado aos poucos e, às vezes, nem se dá conta desse processo. Uma coisa que pode destruir “o tempo que [nos] resta” é o pecado. Um cristão que vive em pecado é uma arma terrível nas mãos de Satanás. Pedro apresenta vários argumentos para nos convencer a resistir ao pecado.

**Pensem no que o pecado causou a Jesus (v. 1).** Jesus teve de sofrer por causa do pecado (ver 1 Pe 2:21; 3:18). Como ter prazer em algo que levou Jesus a sofrer e morrer na cruz? Se um criminoso cruel esfaqueasse meu filho e o matasse, duvido que eu guardaria a faca em uma redoma de vidro na estante da sala. Não desejaria ver a faca nunca mais.

O Senhor veio à Terra tratar do pecado e o vencer para sempre. Ele tratou da ignorância do pecado ensinando a verdade e a colocando em prática em sua vida diante dos homens. Tratou das conseqüências do pecado curando e perdoando e, na cruz, sofreu o golpe mortal contra o pecado em si. Apesar de sua imensa compaixão pelos pecadores, podemos dizer que Jesus armouse de uma atitude militante contra o pecado.

Nosso objetivo na vida é “deixar o pecado”. Só o alcançaremos ao morrer ou ao ser chamados para o lar celestial na volta de



Cristo. No entanto, isso não deve nos impedir de continuar nos esforçando (1 Jo 2:28 - 3:9). Pedro não diz que o sofrimento *de per si* leve a pessoa a deixar de pecar. O Faraó passou por grande sofrimento com as pragas enviadas sobre o Egito e, no entanto, pecou ainda mais! Já visitei pessoas aflitas que amaldiçoaram a Deus e se tornaram cada vez mais amarguradas por causa de sua dor.

O sofrimento *acrescido da presença de Cristo na vida* pode ajudar a vencer o pecado. Mas, ao que parece, a idéia central é a mesma verdade ensinada em Romanos 6: somos identificados com Cristo em seu sofrimento e morte e, portanto, podemos obter a vitória sobre o pecado. Ao entregar a vida a Deus, com a mesma atitude de Jesus para com o pecado, é possível superar a antiga vida e manifestar a nova.

**Desfrutem a vontade de Deus (v. 2).** Trata-se de um contraste entre os desejos dos homens e a vontade de Deus. Amigos de longa data não conseguem entender as mudanças na vida dos que aceitam a Cristo e querem sua volta ao mesmo "excesso de devassidão" antes desfrutado. Mas a vontade de Deus é muito melhor! Ao fazer a vontade de Deus, investimos o tempo que nos resta no que é duradouro e realizador, mas se cedermos ao mundo, *desperdiçaremos* o tempo que nos resta e nos arrependemos disso quando estivermos diante de Jesus.

A vontade de Deus não é um fardo que o Pai coloca sobre nós. Antes, é o prazer divino e a capacitação que tornam leves todos os nossos fardos. A vontade de Deus vem do coração de Deus (Sl 33:11) e, portanto, é uma expressão de seu amor. É possível que nem sempre sejamos capazes de compreender o que ele faz, mas ele sabe que faz o que é melhor para nós. Vivemos de promessas, não de explicações.

**Lembrem-se do que eram antes de encontrar a Cristo (v. 3).** Há ocasiões em que é errado olhar para o passado, pois Satanás pode usar essas memórias para nos desanimar. Mas Deus instou Israel a lembrar-se de que haviam sido escravos no Egito (Dt 5:15). Paulo recordava-se de haver perseguido os

cristãos (1 Tm 1:12ss), e isso o estimulava a trabalhar ainda mais para Cristo. Por vezes, esquecemos as cadeias do pecado e nos lembramos apenas de seus prazeres passageiros.

"A vontade dos gentios" é a "vontade do mundo incrédulo" (ver 1 Pe 2:12). Os pecadores perdidos imitam uns aos outros ao se conformarem com os modismos deste mundo (Rm 12:2; Ef 3:1-3). As "dissoluções" e as "concupiscências" descrevem todo tipo de desejo perverso, não apenas pecados sexuais. As "borracheiras, orgias e bebedices" referem-se às orgias pagãs nas quais o vinho corria solto. É evidente que tudo isso pode fazer parte dos cultos pagãos, uma vez que a "prostituição religiosa" era amplamente aceita. Tais coisas eram proibidas pela lei ("detestáveis" = ilegais), mas ainda assim costumavam ser praticadas em segredo.

É possível que não tenhamos cometido pecados tão vulgares antes de nos convertermos, mas ainda assim éramos pecadores - e nossos pecados contribuíram para crucificar Cristo. Quanta insensatez voltar a esse tipo de vida!

## 2. UMA ATITUDE PACIENTE PARA COM OS PERDIDOS (1 PE 4:4-6)

As pessoas incrédulas não entendem as mudanças radicais pelas quais seus amigos passam quando crêem em Cristo e se tornam filhos de Deus. Não acham estranho acabar com o corpo, destruir lares ou arruinar vidas correndo de um pecado para outro! Mas quando um alcoólatra fica sóbrio ou alguém imoral torna-se casto, a família pensa que enlouqueceu! Festo disse a Paulo: "Estás louco" (At 26:24) e houve quem pensasse a mesma coisa de Cristo (Mc 3:21).

Devemos ter paciência com os perdidos, mesmo quando não concordamos com seu estilo de vida nem participamos de suas práticas pecaminosas. Afinal, os incrédulos estão cegos para a verdade espiritual (2 Co 4:3, 4) e mortos para o prazer espiritual (Ef 2:1). Na realidade, nosso contato com os perdidos é importante *para eles*, pois somos portadores da verdade de que precisam. Quando amigos não salvos nos atacam, temos a oportunidade de testemunhar a eles (1 Pe 3:15).

Os não cristãos podem nos julgar, mas, um dia, Deus os julgará. Em vez de discutirmos com eles, devemos orar por eles, sabendo que o julgamento final pertence a Deus. Essa foi a atitude de Jesus (2:23) e também a do apóstolo Paulo (2 Tm 2:24-26).

Não se deve interpretar 1 Pedro 4:6 sem levar em consideração o contexto do sofrimento, pois, de outro modo, teremos a impressão de que se trata de uma segunda chance de salvação depois da morte. Pedro está lembrando seus leitores dos cristãos martirizados por causa da sua fé. Foram julgados falsamente pelos homens, mas, na presença de Deus, receberam o verdadeiro julgamento. Os "mortos", no versículo 6, são "os que estão mortos agora", ou seja, no tempo em que Pedro escrevia. O evangelho é pregado somente aos vivos (1 Pe 1:25), pois não há qualquer oportunidade de salvação depois da morte (Hb 9:27).

Os amigos incrédulos podem falar mal de nós e até se opor a nós, mas o Juiz supremo é Deus. Podemos sacrificar a vida em meio à perseguição, mas Deus nos honrará e recompensará. Devemos temer a Deus, não aos homens (1 Pe 3:13-17; ver Mt 10:24-33). Enquanto estamos neste corpo humano ("na carne"), somos julgados pelos padrões humanos. Um dia, estaremos com o Senhor ("no espírito") e receberemos o julgamento verdadeiro e definitivo.

### 3. UMA ATITUDE DE EXPECTATIVA PARA COM A VOLTA DE CRISTO (1 PE 4:7)

Os cristãos da Igreja primitiva esperavam que Jesus voltasse no tempo deles (Rm 13:12; 1 Jo 2:18). O fato de isso não ter acontecido não invalida as promessas do Senhor (2 Pe 3; Ap 22:20). Qualquer que seja a interpretação dessas Escrituras proféticas, todos devem viver na expectativa. O importante é que, um dia, veremos o Senhor e ficaremos diante dele. A maneira de viver hoje determinará o julgamento e a recompensa recebidos naquele dia.

Essa atitude de expectativa não deve transformar ninguém em sonhador preguiçoso (2 Ts 3:6ss) nem em fanático zeloso. Pedro apresenta "dez mandamentos" a seus

leitores para mantê-los equilibrados quanto à volta de Cristo:

1. Sejam sóbrios - v. 7
2. Vigiem em oração - v. 7
3. Tenham amor fervoroso - v. 8
4. Sejam hospitaleiros - v. 9
5. Ministrem seus dons espirituais - vv. 10, 11
6. Não estranhem - v. 12
7. Regozijem-se - v. 13
8. Não se envergonhem - vv. 15, 16
9. Glorifiquem a Deus - vv. 16-18
10. Entreguem-se a Deus - v. 19

A oração "sede, portanto, criteriosos e sóbrios" significa "sede comedidos, tende sempre clareza e estabilidade mental". Talvez o equivalente moderno seria: "mantenham a cabeça no lugar". Trata-se de uma advertência sobre idéias tempestuosas acerca das profecias que podem causar desequilíbrio na vida e no ministério. É comum ouvir falar de pessoas sinceras que "saem dos eixos" por causa de uma ênfase não bíblica ou de uma interpretação equivocada das profecias. Há quem estipule datas para a volta de Cristo, contrariando a advertência do Senhor (Mt 25:13; ver At 1:6-8), ou quem afirme saber o nome da besta de Apocalipse 13. Tenho em minha biblioteca livros de pessoas sinceras e piedosas com asserções de todo tipo que só servem para envergonhar os autores.

O oposto de ser "criterioso e sóbrio" é ser "frenético e insensato". Trata-se do termo grego *mania*, que, por meio da psicologia, passou a fazer parte de nosso vocabulário. Se formos sóbrios, seremos intelectualmente sensatos e não nos deixaremos levar por "novas" interpretações das Escrituras. Também seremos capazes de encarar as coisas de maneira realista, sem ilusões. O santo criterioso e sóbrio terá uma vida com propósitos e não ficará vagando de um lado para outro; será comedido e não agirá de modo impulsivo. Terá discernimento não apenas quanto a questões doutrinárias, mas também quanto a coisas práticas da vida.

Em dez ocasiões em suas epístolas pastorais, Paulo admoesta as pessoas a serem

“sóbrias”. Trata-se de uma das qualificações necessárias tanto para os pastores (1 Tm 3:2) quanto para os membros da igreja (Tt 2:1-6). Em um mundo susceptível a idéias tempestuosas, a igreja precisa ser sóbria.

Logo no começo de meu ministério, preguei um sermão sobre as profecias procurando explicar todas as coisas. De lá para cá, arqueei aquele esboço e provavelmente nunca mais vou olhar para ele (exceto, talvez, quando estiver precisando de humildade). Um pastor amigo meu suportou com paciência o tal sermão e depois comentou comigo no fim do culto:

– Irmão, você deve fazer parte da comissão de planejamento para a volta de Cristo!

Entendi o que ele quis dizer, mas fez ainda mais sentido quando ele comentou calmamente:

– Eu saí da comissão de planejamento e agora faço parte do comitê de boas-vindas.

Não estou sugerindo que não devemos estudar as profecias nem que devemos ficar acanhados de compartilhar com os outros nossas interpretações. No entanto, sugiro não permitir a perda de equilíbrio pelo uso indevido das profecias. As Escrituras proféticas têm uma aplicação prática. A ênfase de Pedro sobre a esperança e a glória de Deus deve servir de encorajamento para nossa fidelidade *hoje* no trabalho que Deus nos colocar nas mãos (ver Lc 12:31-48).

A fim de fazer o melhor uso possível do “tempo que [nos] resta”, é preciso viver à luz da volta de Jesus Cristo. Não existe consenso entre os cristãos quanto aos detalhes desse acontecimento, mas é possível concordar no que ele requer de cada um. Todos comparecerão diante do Senhor! As implicações práticas desse fato podem ser encontradas em Romanos 14:10-23 e 2 Coríntios 5:1-21.

Quem é sóbrio “vigia” em oração. Uma vida de oração confusa indica uma mente confusa. Em sua tradução, dr. Kenneth Wuest mostra a relação importante entre as duas coisas: “Sejam calmos e serenos de espírito a fim de se dedicarem à oração”. O termo “vigiar” dá a idéia de estar alerta e ter domínio-próprio. É o oposto de estar embriagado

ou dormindo (1 Ts 5:6-8). Essa admoestação tinha um significado especial para Pedro, pois ele adormeceu quando deveria estar vigiando e orando (ver Mc 14:37-40).

Encontramos o conceito de “vigiar e orar” com freqüência ao longo do Novo Testamento (Mc 13:33; 14:38; Ef 6:18; Cl 4:2). Essa expressão significa, simplesmente, “estar alerta nas orações, ser controlado”. A vida cristã não tem espaço para uma rotina de oração indolente e indiferente. Devemos ter uma atitude alerta e estar de guarda, como os trabalhadores no tempo de Neemias (Ne 4:9).

Uma atitude de expectativa para com a volta de Cristo requer uma mente séria e equilibrada e uma vida de oração alerta e vigilante. O teste do compromisso com a doutrina da volta de Cristo não é a capacidade de fazer quadros esquemáticos nem de discernir sinais, mas sim os pensamentos e orações. Se estes últimos estiverem em ordem, nosso modo de viver será correto.

#### 4. UMA ATITUDE FERVOROSA PARA COM OS SANTOS (1 PE 4:8-11)

Quem estiver, de fato, esperando a volta de Cristo, pensará nos semelhantes e se relacionará com eles de maneira apropriada. O amor pelos santos é importante “acima de tudo”. O amor é a insígnia do cristão neste mundo (Jo 13:34, 35). Especialmente em tempos de provação e de perseguição, os cristãos devem amar uns aos outros e ter um só coração.

Esse amor deve ser “intenso”. O termo retrata um atleta esforçando-se para alcançar o alvo e transmite a idéia de anseio e de veemência. O amor cristão é algo pelo que é preciso esforçar-se. Apesar de haver um elemento emocional, não é uma questão de sentimentos, mas sim de volição consagrada. Ter amor cristão significa tratar uns aos outros da maneira como Deus nos trata, obedecendo a seus mandamentos conforme nos foram dados na Palavra. É até possível amar pessoas de quem não gostamos!

O amor cristão é pronto a perdoar. Pedro cita Provérbios 10:12: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões”. Encontra-se uma alusão a esse

versículo em Tiago 5:20 e em 1 Coríntios 13:4 e 7. O amor não é *conivente* com o pecado, pois quem ama alguém se entristece ao vê-lo pecar e magoar a si mesmo e ao semelhante. Antes, o amor *cobre* o pecado, no sentido de que nos motiva a ocultá-lo de outros e de não o espalhar. Onde há ódio também há malícia, e a malícia cria na pessoa o desejo de destruir a reputação dos inimigos. Isso, por sua vez, conduz à fofoca e à maledicência (Pv 11:13; 17:9; ver 1 Pe 2:1). Por vezes, tentamos dar às fofocas um ar “espiritual” contando certas coisas a outros “para que orem de maneira mais específica...”.

Ninguém pode esconder seus pecados de Deus, mas os cristãos devem procurar, em amor, cobrir os pecados uns dos outros pelo menos aos olhos dos incrédulos. Afinal, se os ímpios encontram munição para usar contra nós quando fazemos e dizemos *coisas boas* (1 Pe 2:19, 20; 3:14), o que farão se souberem das *coisas más* que os cristãos dizem e fazem?

Gênesis 9:18-27 apresenta uma bela ilustração desse princípio. Noé embebedou-se e se descobriu de modo vergonhoso. Seu filho, Cão, viu a vergonha do pai e contou para a família. Em uma demonstração de terna preocupação, dois irmãos de Cão cobriram o pai e sua vergonha. Não devemos ter dificuldade em cobrir os pecados dos outros, pois, afinal, Jesus Cristo morreu para que *nossos* pecados fossem cobertos com seu sangue.

O amor cristão não apenas deve ser intenso e pronto a perdoar, como também deve ser prático. O lar deve ser compartilhado com outros e a generosidade deve ser exercitada (sem queixas) no exercício da hospitalidade, sendo os dons espirituais compartilhados ao ministrar a outros. No tempo do Novo Testamento, a hospitalidade era importante, pois havia poucas hospedarias e, de qualquer modo, os cristãos pobres não tinham como pagar por hospedagem. Os santos perseguidos precisavam, em especial, de um lugar onde pudessem ser auxiliados e encorajados.

A hospitalidade é uma virtude ordenada e louvada ao longo das Escrituras (Êx 22:21;

Dt 14:28, 29). Jesus desfrutou a hospitalidade de outros enquanto estava aqui na Terra, como também o fizeram os apóstolos (At 28:7; Fm 22). A hospitalidade humana é um reflexo da hospitalidade de Deus (Lc 14:16ss). Os líderes cristãos em particular devem ser “hospitaleiro[s]” (1 Tm 3:2; Tt 1:8).

Abraão ofereceu hospitalidade a três desconhecidos e descobriu que havia acolhido o Senhor e dois anjos (Gn 18; Hb 13:2). Ao abrir o lar para servos de Deus, ajuda-se a promover a verdade (3 Jo 5-8). Aliás, ao compartilhar com outros, compartilha-se com Cristo (Mt 25:35, 43). Não se deve abrir o lar só para que outros retribuam a hospitalidade (Lc 14:12-14). Deve-se fazê-lo para glorificar ao Senhor.

Em meu ministério itinerante, experimento com freqüência a alegria de ficar em lares cristãos. Aprecio a bondade e (em alguns casos) o sacrifício de santos queridos que amam a Cristo e desejam compartilhar suas bênçãos com outros. Minha esposa e eu fizemos muitos amigos em diversos países, e nossos filhos foram abençoados quando desfrutamos e também oferecemos a hospitalidade cristã.

Por fim, o amor cristão deve redundar em serviço. Todo cristão tem pelo menos um dom espiritual que deve usar para a glória de Deus e para a edificação da igreja (ver Rm 12:1-13; 1 Co 12; Ef 4:1-16). Somos mordomos, e Deus nos confiou os dons a fim de que sejam empregados para o bem da sua Igreja. O Senhor dá a capacidade espiritual de desenvolver os dons e de servir com fidelidade à Igreja.

Alguns dons referem-se ao falar, outros ao serviço; os dois tipos são importantes para a Igreja. Nem todos são mestres ou pregadores, apesar de todos serem capazes de dar testemunho de Cristo. Alguns ministérios são realizados “nos bastidores” e contribuem para viabilizar os ministérios realizados em público. Deus concede dons, capacidade e oportunidades de usá-los, e somente ele deve receber a glória.

A expressão “oráculos de Deus”, em 1 Pedro 4:11, não sugere que todas as palavras do pregador ou do mestre sejam verdades

de Deus, pois os pregadores humanos são falíveis. Na Igreja primitiva, havia profetas que possuíam o dom especial de proferir a Palavra de Deus, mas não temos mais esse dom hoje, uma vez que a Palavra de Deus está completa. Todos os que falam da Palavra devem ter cuidado com o que dizem e como dizem e todos devem sujeitar-se à Palavra escrita de Deus.

Enquanto voltávamos para casa depois de ministrar no congresso africano mencionado no início deste capítulo, nosso voo em Londres atrasou por causa do típico nevoeiro inglês. Londres é uma de minhas cidades

prediletas, de modo que não fiquei nem um pouco chateado! Por causa desse atraso, minha esposa e eu tivemos a oportunidade de mostrar Londres a um casal de amigos que viajava conosco. No entanto, é impossível conhecer essa cidade incrível em um único dia! Tivemos de aproveitar o tempo ao máximo, e foi exatamente o que fizemos. Nossos amigos visitaram uma porção de lugares inesquecíveis!

Somente Deus sabe "o tempo que [nos] resta". Ninguém deve desperdiçar esse tempo, mas sim o investir ao fazer a vontade de Deus.

---

## FATOS SOBRE A FORNALHA

1 PEDRO 4:12-19

**T**odo cristão que tem uma vida piedosa sofre algum tipo de perseguição. No trabalho, na escola, na vizinhança ou talvez até mesmo na família, sempre há pessoas que resistem à verdade e que se opõem ao evangelho de Cristo. Não importa o que o cristão diga ou faça, essas pessoas sempre encontram motivos para culpar e criticar. Pedro tratou desse tipo de “perseguição normal” na primeira parte de sua carta.

Nesta seção, porém, o apóstolo explica um tipo específico de perseguição: “o fogo ardente”, que estava preste a sobrevir a Igreja como um todo. Não seria uma perseguição ocasional e local da parte de pessoas com quem os cristãos conviviam, mas sim *oficial*, proveniente das autoridades acima deles. Até então, o império romano havia tolerado os cristãos, pois os considerava uma “seita” do judaísmo, e os judeus tinham liberdade de culto. Essa atitude mudaria quando o fogo da perseguição fosse aceso, primeiro por Nero e depois pelos imperadores subseqüentes.

Pedro dá aos cristãos quatro instruções para o momento do “fogo ardente” por vir.

### 1. ESPEREM O SOFRIMENTO (1 PE 4:12)

A perseguição não é algo estranho na vida cristã. Ao longo de toda a história, o povo de Deus tem sofrido nas mãos do mundo ímpio. Os cristãos são diferentes dos incrédulos (2 Co 6:14-18), e essa distinção resulta em um estilo de vida diferente. Muito do que se passa no mundo envolve mentiras, orgulho, prazeres ilícitos e o desejo de ter cada vez mais. O cristão consagrado constrói

a vida com base na verdade, humildade, santidade e no desejo de glorificar a Deus.

Esse conflito é ilustrado em inúmeras passagens da Bíblia. Caim era um homem religioso e, no entanto, odiava o irmão e o matou (Gn 4:1-8). O mundo não persegue “pessoas religiosas”, mas sim pessoas justas. 1 João 3:12 explica o que levou Caim a matar Abel: “Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas”. Os fariseus e os líderes judeus eram homens religiosos e, no entanto, crucificaram Cristo e perseguiram a Igreja primitiva. “E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas” (Mt 10:17). Imaginem açoitar os servos de Deus na própria casa de Deus!

Depois da queda do homem, Deus declarou guerra a Satanás (Gn 3:15) e, desde então, Satanás vem atacando o povo de Deus. Os cristãos são “forasteiros e peregrinos” em um mundo estranho, onde Satanás é deus e príncipe (Jo 14:30; 2 Co 4:3, 4). Tudo o que glorifica a Deus exaspera o inimigo e o faz atacar. Para os cristãos, a perseguição não é algo estranho, mas sim a *ausência* de oposição satânica!

Jesus explicou a seus discípulos que deveriam esperar oposição e perseguição do mundo (Jo 15:17 – 16:4), mas também lhes deixou uma promessa animadora: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16:33). Foi por meio da sua morte na cruz do Calvário e de sua ressurreição que ele venceu o pecado e o mundo (Jo 12:23-33; ver Gl 6:14).

A imagem do “fogo” é aplicada com frequência a provações ou perseguições mesmo na linguagem moderna. Quando uma situação é difícil, dizemos que “é fogo!”. No Antigo Testamento, o fogo simbolizava a santidade de Deus. O fogo no altar consumia o sacrifício (Hb 12:28, 29). Mas Pedro vê na imagem do fogo um *processo de refinamento*, não de julgamento divino (ver Jó 23:10; 1 Pe 1:7).

É importante observar que nem todas as dificuldades da vida são, necessariamente, provações por fogo. Certas dificuldades simplesmente fazem parte da vida e quase

todos passam por elas. Infelizmente, também há problemas causados por nós mesmos por causa da desobediência e do pecado. Pedro menciona esses casos em 1 Pedro 2:18-20 e 3:13-17. O “fogo ardente” sobre o qual o apóstolo fala em 1 Pedro 4:12 sobrevém em decorrência de sermos fiéis a Deus e de nos apegarmos com firmeza ao que é correto. O mundo nos ataca porque levamos o nome de Cristo. Jesus disse a seus discípulos que as pessoas os perseguiriam da mesma forma que haviam feito com ele, porque seus perseguidores não conheciam a Deus (Jo 15:20, 21).

O verbo “surgir” é importante, pois significa “acompanhar”. Nenhuma perseguição ou provação simplesmente “acontece” por acidente. Antes, faz parte do plano de Deus, de modo que ele está no controle. Faz parte de Romanos 8:28, e tudo cooperará para o bem dos que permitirem a Deus operar segundo sua vontade.

## 2. ALEGREM-SE NO SOFRIMENTO (1 PE 4:13, 14)

Literalmente, Pedro escreve: “Estejam constantemente se alegrando”. Na verdade, de uma forma ou de outra, o apóstolo menciona a alegria *quatro* vezes nesses dois versículos! “Alegram-se [...] vos alegréis exultando [...] bem-aventurados sois”. O mundo não é capaz de entender de que maneira as circunstâncias difíceis podem produzir alegria exultante, pois o mundo não experimentou a graça de Deus (ver 2 Co 8:1-5). Pedro cita vários privilégios que compartilhamos e que servem de encorajamento para nos regozijarmos em meio ao fogo ardente.

**O sofrimento representa comunhão com Cristo (v. 13).** É uma honra e um privilégio sofrer *com* Cristo e ser tratado pelo mundo da forma como ele foi. “A comunhão dos seus sofrimentos” é uma dádiva de Deus (Fp 1:29; 3:10). Nem todo cristão amadurece a ponto de Deus lhe confiar esse tipo de experiência, de modo que devemos nos regozijar quando esse privilégio nos é concedido. “E eles [os apóstolos] se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (At 5:41).

Cristo está conosco na fornalha da perseguição (Is 41:10; 43:2). Quando os três rapazes hebreus foram lançados na fornalha de fogo, descobriram que não estavam sozinhos (Dn 3:23-25). O Senhor permaneceu com Paulo em todas as suas tribulações (At 23:11; 27:21-25; 2 Tm 4:9-18) e promete estar conosco “até à consumação do século” (Mt 28:20). Quando os pecadores nos perseguem, na verdade estão perseguindo Jesus Cristo (At 9:4).

**O sofrimento representa glória no futuro (v. 13).** “Sofrimento” e “glória” são dois conceitos que se encontram entretecidos em toda a epístola de Pedro. O mundo acredita que a glória consiste na *ausência* de sofrimento, mas o cristão vê as coisas sob outro prisma. A provação da fé no presente é garantia de glória quando Jesus voltar (1 Pe 1:7, 8). Essa foi a experiência de Cristo (1 Pe 5:1), e também será a nossa.

No entanto, é necessário compreender que Deus não vai *substituir* o sofrimento pela glória, mas sim *transformar* o sofrimento em glória. Jesus usou a ilustração de uma mulher dando à luz (Jo 16:20-22). O mesmo bebê que lhe provocou dor também lhe deu alegria. A dor foi *transformada* em alegria pelo nascimento do bebê. O espinho na carne que causava tanta aflição a Paulo também lhe dava poder e glória (2 Co 12:7-10). A cruz que trouxe vergonha e dor sobre Jesus também lhe conferiu poder e glória.

As pessoas maduras sabem que a vida tem alguns “prazeres adiados”. Paga-se um preço *hoje* a fim de desfrutar algo *no futuro*. O aluno de piano pode não gostar de treinar as escalas horas a fio, mas aguarda o prazer de, um dia, tocar músicas belas. Nem sempre o atleta tem prazer em se exercitar e de praticar suas habilidades, mas aguarda com ansiedade a vitória na competição dando o melhor de si. Os cristãos têm algo ainda melhor a sua espera: um dia, os sofrimentos serão transformados em glória, e nos “[alegraremos] exultando” (ver Rm 8:17; 2 Tm 3:11).

**Os sofrimentos trazem sobre o cristão o ministério do Espírito Santo (v. 14).** Ele é o Espírito de glória e ministra de maneira

especial aos que sofrem para a glória de Jesus Cristo. Este versículo pode ser assim traduzido: "pois a presença da glória, a saber o Espírito, repousa sobre vós". Trata-se de uma referência à glória *shekinah* de Deus que habitava no tabernáculo e no templo (Êx 40:34; 1 Rs 8:10, 11). Quando o povo apedrejou Estêvão, ele viu Jesus no céu e experimentou a glória de Deus (At 6:15; 7:54-60). Essa é a "alegria indizível e cheia de glória" sobre a qual Pedro escreve em 1 Pedro 1:7, 8.

Em outras palavras, o cristão aflito não precisa esperar pelo céu a fim de experimentar a glória de Deus. Por meio do Espírito Santo, *pode ter essa glória no presente*. Isso explica por que os mártires eram capazes de louvar a Deus atados a estacas no meio do fogo ardente. Também explica como cristãos perseguidos (e existem muitos no mundo hoje em dia) podem ser presos e executados sem se queixar nem resistir a seus algozes.

**O sofrimento permite glorificar o nome de Cristo (v. 14).** O cristão sofre por causa de seu nome (Jo 15:21). Podemos dizer aos amigos incrédulos que somos batistas, presbiterianos, metodistas ou mesmo agnósticos e, possivelmente, não sofreremos oposição alguma; mas se dissermos que somos *cristãos* - e introduzirmos o nome de Cristo na conversa -, veremos reações adversas. Nossa autoridade é em nome de Jesus, e Satanás odeia esse nome. Toda vez que somos injuriados pelo nome de Cristo, temos a oportunidade de glorificar esse nome. O mundo pode querer falar contra seu nome, mas nós falaremos e viveremos de modo a glorificar o nome de Cristo e agradar a Deus.

A palavra "cristão" é usada apenas três vezes em todo o Novo Testamento (1 Pe 4:16; At 11:26; 26:28). A princípio, esse nome foi dado pelos inimigos da Igreja como forma de insulto, mas, com o tempo, se tornou um nome honrado. É evidente que, no mundo de hoje, para a maioria das pessoas, o nome "cristão" significa o oposto de "pagão". Mas essa palavra dá a idéia de "alguém como Cristo, alguém pertencente a Cristo". Sem dúvida, é um privilégio levar esse nome e sofrer por amor a ele (At 5:41).

Policarpo, um bispo em Esmirna que viveu por volta da metade do século II, foi preso por causa de sua fé e ameaçado de morte se não a negasse.

- Eu servi ao Senhor por oitenta e seis anos - respondeu o bispo piedoso -, e ele jamais me fez qualquer mal. Como poderia blasfemar contra o meu Rei e Salvador?

- Respeito a sua idade - respondeu o oficial romano. - Simplesmente diga: "Acabem com os ateus!" e você será liberto. - Os "ateus", nesse caso, eram cristãos que não reconheciam que César era "senhor".

O homem idoso apontou para a multidão de pagãos romanos a seu redor e exclamou:

- Acabem com os ateus!

Policarpo foi queimado na fogueira, e seu martírio glorificou o nome de Jesus Cristo.

### 3. EXAMINEM SUA VIDA (1 PE 4:15-18)

Na fornalha da perseguição e do sofrimento, muitas vezes as coisas são vistas com maior clareza, e examinamos melhor nossa vida e nosso ministério. O fogo ardente é um processo de refinamento pelo qual Deus remove a escória e nos purifica. Um dia, um julgamento de fogo sobrevirá ao mundo todo (2 Pe 3:7-16). Enquanto isso, o julgamento de Deus começa na "casa espiritual" de Deus, a Igreja (1 Pe 2:5). Esse fato deve nos motivar a ser o mais puros e obedientes possível (ver Ez 9 para uma ilustração dessa verdade no Antigo Testamento).

É preciso perguntar-se várias coisas para examinar como está a vida.

**Qual é o motivo de meu sofrimento? (v. 15).** Observamos anteriormente que nem todo sofrimento é um "fogo ardente" do Senhor. Se um cristão professo transgredir a lei e se coloca em uma situação difícil, ou se resolve intrometer-se na vida de outros, ele *deve* sofrer! O fato de ser cristão não garante escapar incólume das conseqüências normais de delitos. Talvez não sejamos culpados de homicídio (apesar de a raiva poder ser o mesmo que homicídio no coração, Mt 5:21-26), mas e quanto a roubar e a criar confusão? Quando Abraão, Davi, Pedro e outros "grandes homens" da Bíblia desobedeceram a Deus, sofreram as conseqüências.



Então, por que escaparíamos nós? É preciso ter certeza de que sofremos por ser cristãos, não por ser criminosos.

**Envergonho-me de Cristo ou o glorifico? (v. 16).** Essa declaração deve ter lembrado Pedro de como ele próprio negou Cristo (Lc 22:54-62). Jesus Cristo não se envergonha de nós (Hb 2:11) – apesar de, por vezes, certamente ter motivos para isso! O Pai não se envergonha de ser chamado nosso Deus (Hb 11:16). Na cruz, Jesus Cristo não fez caso da vergonha por nós (Hb 12:2), de modo que, certamente, podemos suportar injúrias por amor a ele sem nos envergonharmos. Convém meditar sobre a advertência em Marcos 8:38.

“Não se envergonhe” é negativo, enquanto “glorifique a Deus” é positivo. Precisamos desses dois aspectos para dar um testemunho equilibrado. Se tiver por objetivo glorificar a Deus, o cristão não se envergonhará do nome de Jesus Cristo. Foi essa determinação de não se envergonhar que encorajou Paulo quando ele foi a Roma (Rm 1:16), onde sofreu (Fp 1:20, 21) e, por fim, foi martirizado (2 Tm 1:12).

**Procuo ganhar os perdidos? (vv. 17, 18).** É interessante observar as palavras que Pedro usa para descrever os perdidos: “[aqueles] que não obedecem ao evangelho [...] o ímpio, sim, o pecador”. A argumentação desses versículos é clara: se Deus envia o “fogo ardente” sobre os próprios filhos, e se eles são salvos “com dificuldade”, o que acontecerá aos pecadores perdidos quando sobrevier o julgamento de fogo do Senhor?

Quando um cristão sofre, experimenta a glória e sabe que haverá glória ainda maior no futuro. Mas o pecador que causa esse sofrimento está apenas enchendo a medida da ira de Deus (Mt 23:29-33). Em vez de nos preocuparmos com nossa situação, precisamos nos preocupar com os pecadores perdidos a nosso redor. O “fogo ardente” pelo qual passamos agora não é nada comparado com a “chama de fogo” que castigará os perdidos quando Jesus voltar para julgar (2 Ts 1:7-10). Esse conceito é expressado em Provérbios 11:31: “Se o justo é punido na terra, quanto mais o perverso e o pecador!”

As palavras *com dificuldade* não indicam que Deus é fraco demais para nos salvar. É bem provável que se trate de uma referência a Gênesis 19:15-26, quando Deus quis tirar Ló de Sodoma antes de a cidade ser destruída. Deus era capaz, mas Ló não queria! Ele demorou, discutiu com os anjos e, por fim, teve de ser arrastado para fora pela mão! Ló foi salvo “como que através do fogo” (ver 1 Co 3:9-15).

Tempos de perseguição são tempos de oportunidade de testemunhar com amor aos que nos perseguem (ver Mt 5:10-12, 43-48). Não foi o terremoto que levou o carcereiro filipense a Cristo; na verdade, esse fenômeno assustou-o a ponto de quase cometer suicídio! O que o levou a crer no Salvador foi a terna preocupação de Paulo com ele. Como cristãos, não precisamos tentar nos vingar dos que nos fizeram mal. Antes, oramos por eles e procuramos levá-los a Jesus Cristo.

#### 4. ENTREGUEM-SE A DEUS (1 PE 4:19)

Quem sofre dentro da vontade de Deus pode entregar-se ao cuidado de Deus. Tudo o mais que se faz como cristãos depende disso. O verbo “encomendar” é um termo bancário e significa “depositar a fim de guardar em segurança” (ver 2 Tm 1:12). É evidente que, quando depositamos a vida no banco de Deus, sempre recebemos dividendos eternos pelo investimento.

Essa imagem lembra que somos preciosos para Deus. Ele nos criou, nos redimiu, vive em nós, nos guarda e nos protege. Vi no jornal a propaganda de uma caderneta de poupança garantindo a estabilidade e a idoneidade do banco que oferecia o serviço. Em dias de incerteza financeira, esse tipo de garantia é necessário aos investidores. Mas ao “depositar” a vida no banco de Deus, não há coisa alguma a temer, pois ele é capaz de nos guardar.

Esse compromisso não é um ato único, mas sim uma atitude constante. A essência dessa admoestação é: “estejam constantemente encomendando a alma”. De que maneira se faz isso? “Na prática do bem.” Ao retribuir o mal com o bem e fazer o bem

mesmo ao sofrer por isso, estamos nos entregando a Deus de modo que cuide de nós. Esse compromisso envolve todas as áreas e momentos da vida.

Quem tiver, verdadeiramente, esperança e crer que Jesus vai voltar, obedece à sua Palavra e começa a ajuntar tesouros e glória no céu. Os não salvos têm uma existência presente controlada pelo passado, mas os cristãos têm uma existência presente controlada pelo futuro (Fp 3:12-21). Em nossa prática de servir, nos entregamos a Deus e fazemos investimentos para o futuro.

Essa verdade é ilustrada de maneira bastante vívida em Jeremias 32. O profeta Jeremias disse repetidamente ao povo que, um dia, sua situação mudaria e que eles seriam restaurados a sua terra. Mas, naquele momento, o exército da Babilônia havia ocupado a terra e estava prestes a tomar Jerusalém. Hananel, o primo de Jeremias, ofereceu ao profeta um terreno pertencente à família, o qual se encontrava, então, ocupado pelo exército inimigo. Em um gesto de fé e em uma demonstração de coerência entre palavras e atos, o profeta comprou a terra e, sem dúvida, se tornou motivo de zombaria

do povo de Jerusalém. Mas Deus honrou sua fé, pois Jeremias vivia de acordo com a Palavra que pregava.

Por que Pedro refere-se a Deus como “fiel Criador” e não como “fiel Juiz” ou “fiel Salvador”? Porque é Deus, o Criador, quem supre as necessidades de seu povo (Mt 6:24-34). É o Criador quem provê alimento e vestimentas para os cristãos perseguidos e quem os protege em tempos de perigo. Quando os cristãos da Igreja primitiva eram perseguidos, encontravam-se para orar e se dirigiam a Deus como “Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há” (At 4:24). Oravam ao Criador!

O Pai celestial é “Senhor do céu e da terra” (Mt 11:25). Com um Pai como esse, não há motivo para preocupação! Ele é o *fiel* Criador, e sua fidelidade nunca falha.

Antes de Deus derramar sua ira sobre este mundo perverso, um “fogo ardente” sobrevirá à Igreja para uni-la e purificá-la, a fim de que dê um forte testemunho aos perdidos. Se sofreremos dentro da vontade de Deus, não haverá motivo para temer. O Pai-Criador fiel nos acompanhará até o fim e nos dará vitória!

## COMO SER UM BOM PASTOR

1 PEDRO 5:1-4

**T**empos de perseguição requerem liderança espiritual adequada para o povo de Deus. Uma vez que o julgamento deve começar pela casa de Deus (1 Pe 4:17), é melhor que essa casa esteja em ordem, pois do contrário se desintegrará! Isso explica por que Pedro escreve esta mensagem especial aos líderes da Igreja, encorajando-os a trabalhar fielmente.

Os líderes que fogem em tempos de dificuldade não fazem outra coisa senão provar que eram mercenários, não pastores genuínos (Jo 10:12-14).

As congregações do Novo Testamento eram organizadas sob a liderança de presbíteros e de diáconos (1 Tm 3). Os termos “presbítero” e “bispo” referem-se ao mesmo cargo (At 20:17, 28). A palavra “bispo” é traduzida, com frequência, por “pastor” (ver 1 Pe 5:2 e observar que esse título é aplicado a Cristo em 1 Pe 2:25). Na verdade, esse termo (que significa, mais especificamente, “pastor de ovelhas”) é outro título para o mesmo cargo (Ef 4:11).

Os presbíteros eram nomeados para o cargo (ver At 14:23, em que o termo “eleição” refere-se ao ato de “nomear levantando a mão”). Ao que parece, cada congregação tinha o privilégio de votar em homens qualificados.

A preocupação de Pedro é com a excelência da liderança das igrejas locais. Quando o “fogo ardente” surgisse, os cristãos das congregações se voltariam para seus presbíteros em busca de encorajamento e de orientação.

Quais são as qualidades pessoais que distinguem o pastor bem-sucedido?

### 1. UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL E VITAL COM CRISTO (1 PE 5:1)

Nesta carta, Pedro não se apresenta como um grande apóstolo ou líder espiritual, mas simplesmente como mais um presbítero. No entanto, menciona que testemunhou pessoalmente os sofrimentos de Cristo (ver Mt 26:36ss). O termo grego traduzido por “testemunha” dá origem à palavra “mártir”. Pensamos em um mártir apenas como alguém que deu a vida por Cristo, e foi exatamente o que Pedro fez; mas, essencialmente, um “mártir” é uma testemunha que diz o que viu e ouviu.

É interessante ler 1 Pedro 5 levando em consideração as experiências pessoais de Pedro com Cristo. O texto de 1 Pedro 5:1 remete ao Getsêmani e ao Calvário. A “glória que há de ser revelada” lembra a experiência de Pedro com Cristo no monte da transfiguração (Mt 17:1-5; 2 Pe 1:15-18). A ênfase de 1 Pedro 5:2 sobre o pastor e as ovelhas traz à memória, sem dúvida alguma, João 10 e a admoestação de Jesus a Pedro em João 21:15-17.

A advertência em 1 Pedro 5:3 sobre os líderes serem “dominadores” dos santos lembra a lição de Cristo sobre a verdadeira grandeza em Lucas 22:24-30, bem como outras ocasiões em que ele ensinou seus discípulos a respeito da humildade e do serviço. A oração em 1 Pedro 5:5: “cingi-vos todos de humildade”, remete ao cenáculo, onde Jesus cingiu-se de uma toalha e lavou os pés dos discípulos (Jo 13:1-17).

A advertência sobre Satanás em 1 Pedro 5:8 é paralela à advertência de Jesus de que Satanás “peneiraria” Pedro e os outros apóstolos (Lc 22:31). Pedro não deu ouvidos a essa advertência e acabou negando seu Senhor três vezes.

É interessante observar que o verbo “aperfeiçoar” (1 Pe 5:10) é traduzido por “consertando as redes”, em Mateus 4:21, no relato do chamado dos quatro pescadores para servirem ao Senhor.

Em outras palavras, Pedro escreveu sua epístola inspirado pelo Espírito de Deus, de acordo com sua experiência pessoal com Jesus Cristo. Seu relacionamento com Cristo

era vital e estava sempre crescendo, permitindo que o apóstolo ministrasse com eficácia ao povo de Deus.

O pastor da congregação local deve ser um homem que caminha com Deus e que cresce em sua vida espiritual. Paulo admoestou o jovem Timóteo: “Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto” (1 Tm 4:15). No original, o termo “progresso” significa “avanço pioneiro”. Os presbíteros devem estar sempre avançando para novos campos de estudo, realização e ministério. Se os líderes da igreja não estiverem progredindo, a igreja como um todo também não avançará.

– Amamos nosso pastor – um membro muito dedicado de uma igreja me disse durante um congresso. – Mas estamos cansados de ouvir sempre as mesmas coisas. Ele se repete com freqüência e parece não saber que há outros livros na Bíblia além de Salmos e Apocalipse.

Esse pastor estava precisando tornar-se um “pioneiro espiritual” e avançar para novos territórios, a fim de conduzir seu povo a novas bênçãos e desafios.

Por vezes, Deus permite que sobrevenham tribulações a uma igreja para que seu povo seja *forçado* a crescer e a descobrir novas verdades e novas oportunidades. Por certo, Pedro cresceu em sua experiência espiritual ao sofrer por Cristo na cidade de Jerusalém. Claro que não era um homem perfeito, tanto que Paulo teve de repreendê-lo uma vez por sua incoerência (Gl 2:11-21). Mas Pedro era submisso a Cristo e estava disposto a aprender tudo o que Deus desejava lhe ensinar.

Se me pedissem para dar um conselho a pastores do rebanho de Deus de hoje, eu diria: cultivem um relacionamento crescente com Jesus Cristo e compartilhem com as ovelhas o que ele dá. Desse modo, tanto vocês quanto as ovelhas crescerão.

## 2. UMA TERNA PREOCUPAÇÃO COM AS OVELHAS DE DEUS (1 PE 5:2, 3)

A imagem do rebanho é usada com freqüência na Bíblia e é bastante instrutiva (ver Sl 23 e 100; Is 40:11; Lc 15:4-6; Jo 10; At 20:28;

Hb 13:20, 21; 1 Pe 2:25; Ap 7:17). Éramos como ovelhas desgarradas caminhando para a destruição, mas o Bom Pastor nos encontrou e nos recolheu no aprisco.

Ao contrário dos cães e porcos, as ovelhas são animais puros (2 Pe 2:20-22). As ovelhas costumam se arrebatar, e o povo de Deus deve permanecer unido. São conhecidas por sua ignorância e por sua tendência de se perder se não seguirem o pastor. Normalmente são indefesas e precisam do pastor para protegê-las (Sl 23:4).

As ovelhas são animais extremamente úteis. Os pastores em Israel não criavam ovelhas para o abate (o custo era muito alto), mas para que produzissem lã, leite e cordeiros para aumentar o rebanho. O povo de Deus também deve ser útil ao Senhor e, sem dúvida, deve se “reproduzir” levando outros a Cristo. As ovelhas eram usadas para os sacrifícios, e devemos ser “sacrifício vivo”, fazendo a vontade de Deus (Rm 12:1, 2).

Pedro lembra os presbíteros-pastores das responsabilidades que receberam de Deus.

**Alimentar o rebanho (v. 2).** A palavra *alimentar* quer dizer “pastorear, cuidar”. O pastor precisava realizar várias tarefas a fim de cuidar do rebanho. Tinha de proteger as ovelhas dos ladrões e saqueadores, da mesma forma que o pastor deve proteger o povo de Deus dos que desejam saquear o rebanho (At 20:28-35). Por vezes, as ovelhas não gostam quando seu pastor as repreende ou adverte, mas esse ministério é para seu bem.

O pastor fiel não apenas protege o rebanho, como também o conduz de um pasto a outro, a fim de que as ovelhas sejam devidamente alimentadas. O pastor sempre ia adiante do rebanho e explorava a região para ter certeza de que não havia nada ali que fizesse mal às ovelhas. Verificava se não havia cobras, valas, plantas venenosas e animais perigosos. Como é importante os pastores conduzirem as pessoas aos pastos verdejantes da Palavra de Deus, a fim de que se alimentem e cresçam!

Por vezes, era necessário o pastor procurar uma ovelha desgarrada e lhe dar atenção pessoal. Hoje em dia, alguns pastores só estão interessados em multidões e não

têm tempo para os indivíduos. Jesus pregou a grandes multidões, mas separou tempo para conversar com Nicodemos (Jo 3), a mulher junto ao poço (Jo 4), e outras pessoas com necessidades espirituais. Paulo ministrou às pessoas de Tessalônica *pessoalmente* (1 Ts 2:11) e as amava profundamente.

Se uma ovelha é rebelde demais, o pastor pode precisar discipliná-la de algum modo. Se uma ovelha tem uma necessidade especial, o pastor pode carregá-la nos braços, junto ao coração. No final de cada dia, o pastor fiel examinava as ovelhas uma por uma para ver se precisavam de atenção especial. Ungia as feridas com óleo curativo e removia espinhos da lã. Um bom pastor conhecia todas as ovelhas pelo nome e entendia as características específicas de cada uma.

Não é fácil ser um pastor fiel das ovelhas de Deus! É uma tarefa que não tem fim e que exige o poder sobrenatural de Deus, a fim de ser realizada corretamente. O que torna esse trabalho ainda mais desafiador é o fato de que o rebanho não pertence ao pastor, mas sim a Deus. Às vezes, ouço um pastor dizer: "Bem, na *minha* igreja..." e sei o que querem dizer, mas estritamente falando, trata-se do rebanho *de Deus*, comprado com o sangue precioso do seu Filho (At 20:28). Nós, pastores, devemos ter cuidado com o modo de ministrar às ovelhas *de Deus*, pois, um dia, teremos de prestar contas de nosso ministério. Mas, nesse dia, as ovelhas também terão de prestar contas de como obedeceram a seus líderes espirituais (Hb 13:17), de modo que tanto os pastores quanto as ovelhas têm uma grande responsabilidade mútua.

**Supervisionar o rebanho (v. 2).** Podemos observar que o pastor está tanto "entre" o rebanho como "sobre" ele, uma situação que pode tornar-se problemática, se não for devidamente compreendida pelas ovelhas. Pelo fato de ser uma das ovelhas, o pastor está "entre" os membros do rebanho. Mas pelo fato de ter sido chamado para liderar, está "sobre" o rebanho. Há quem procure enfatizar o relacionamento "entre" e que se recuse a aceitar a autoridade do pastor. Outros querem colocar o pastor em um pedestal e

transformá-lo em um "supersanto" que nunca se mistura com as pessoas.

A fim de ter um ministério eficaz, o pastor precisa dos dois níveis de relacionamento. Deve estar "entre" seu povo, a fim de conhecê-lo, descobrir quais são suas necessidades e problemas; e deve estar "sobre" seu povo, a fim de conduzi-lo e de ajudá-lo a resolver seus problemas. Não deve haver conflito entre o *pastoreio* e a *pregação*, pois ambos são ministérios do pastor fiel. O pregador precisa ser um pastor, a fim de aplicar a Palavra às necessidades das pessoas. O pastor precisa ser um pregador, a fim de ter autoridade ao participar de suas necessidades e problemas diários. O pastor não é um palestrante religioso que, a cada semana, transmite uma série de informações sobre a Bíblia. Ele é um pastor de ovelhas que conhece seu rebanho e que procura ajudá-lo por meio da Palavra.

A liderança espiritual de um rebanho traz consigo certos perigos, e Pedro indica alguns pecados dos quais os presbíteros devem guardar-se. O primeiro é a *preguiça* – "não por constrangimento, mas espontaneamente". Seu ministério não deve ser apenas uma tarefa a cumprir. O pastor deve fazer a vontade de Deus de coração (Ef 6:6). George W. Truett foi pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas durante quase cinquenta anos. Era convidado com freqüência para ocupar outros cargos, mas sempre se recusava, dizendo: "Procurei e encontrei o coração de um pastor". Quando um homem tem o coração de um pastor, ama as ovelhas e lhes serve porque *deseja*, não porque *precisa*.

Se um homem não tem consciência, o ministério é uma boa situação para entregar-se à preguiça. Os membros da igreja raramente perguntam o que o pastor está fazendo, e ele sempre pode "tomar emprestado" um sermão de algum outro pregador e usá-lo como se fosse seu. Conheci um pastor que passava a maior parte da semana em um campo de golfe e, no sábado, ouvia fitas de outros pregadores e as usava para seus sermões no domingo. Por enquanto, parece estar se dando bem, mas o que dirá quando se encontrar com o Supremo Pastor?

Além da preguiça, o pastor precisa ter cuidado com a *cobiça*: “nem por sórdida ganância, mas de boa vontade”. É perfeitamente correto a igreja pagar o pastor (1 Co 9:1; 1 Tm 5:17, 18), e, ao fazê-lo, deve ser o mais justa e generosa possível. Mas ganhar dinheiro não deve ser a motivação central do ministério. Paulo enfatiza isso nas qualificações para um presbítero: “não avarento” (1 Tm 3:3); “nem cobiçoso de torpe ganância” (Tt 1:7). Não deve amar o dinheiro nem se dedicar a buscar o lucro pessoal.

Certas situações dentro da igreja ou da família obrigam o pastor a ter outra ocupação. Paulo fazia tendas, e, portanto, não é vergonhoso “fazer bicos”. Mas assim que possível, os membros da igreja devem aliviar seu pastor desses trabalhos externos, a fim de que se dedique inteiramente ao ministério da Palavra. Os pastores precisam ter cuidado para não se envolver em esquemas para ganhar dinheiro que os distraiam do ministério. “Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou” (2 Tm 2:4).

A expressão “de boa vontade” significa “prontamente”. É a mesma palavra que Paulo usa em Romanos 1:15 – “estou pronto a anunciar o evangelho”. Refere-se a uma disposição e a um anseio do coração. Essa é a diferença entre o verdadeiro pastor e um mercenário: o mercenário trabalha porque é pago para isso, mas o pastor trabalha porque ama as ovelhas e tem o coração dedicado a elas. Em Atos 20:17-38, encontramos uma descrição do coração e do ministério de um verdadeiro pastor.

**Ser um exemplo para o rebanho (v. 3).** O contraste é entre a *ditadura* e a *liderança*. É impossível tanger ovelhas; o pastor precisa ir adiante delas e conduzi-las. Alguém disse bem que a Igreja precisa de líderes que sirvam e de servos que liderem. Um líder cristão me disse certa vez:

– O problema hoje em dia é que temos celebridades demais e servos de menos.

Muitas das tensões de estar “entre” e “sobre” as ovelhas são resolvidas quando o pastor toma o propósito de ser um exemplo. As pessoas estão dispostas a seguir um líder que

pratica o que prega e que dá um bom exemplo a imitar. Conheço uma igreja que sempre enfrentava problemas financeiros, e ninguém conseguia entender por quê. Depois que o pastor deixou o cargo, descobriu-se que ele próprio nunca havia contribuído para a obra da congregação, mas pregara sermões para outros contribuírem. Não se pode conduzir as pessoas a lugares por onde nós mesmos não passamos.

Ao se referir “[aos] que vos foram confiados”, Pedro não muda de ilustração. O povo de Deus é, sem dúvida, sua herança preciosa (Dt 32:9; Sl 33:12). O termo empregado no original significa “escolhido ao lançar sortes”, como foi feito na divisão da terra de Canaã (Nm 26:55). Cada presbítero tem o próprio rebanho para tomar conta, mas todas as ovelhas pertencem ao rebanho do qual Jesus Cristo é o Supremo Pastor. O Senhor coloca seus obreiros onde lhe apraz, e devemos ser submissos a sua vontade. Quando servimos dentro da vontade de Deus, não há competição na obra de Deus. Assim, ninguém precisa mostrar-se importante nem querer “dominar” sobre o povo de Deus. Os pastores são “supervisores”, não “dominadores”.

### 3. UM DESEJO DE AGRADAR A CRISTO (1 PE 5:4)

Uma vez que esta é a epístola da esperança, Pedro volta a falar da promessa da volta de Cristo. Sua vinda serve de encorajamento para os aflitos (1 Pe 1:7, 8) e de motivação para o serviço fiel. Se o pastor ministrar para agradar a si mesmo ou ao povo, terá um ministério difícil e cheio de decepções.

– Deve ser difícil fazer toda essa gente feliz – um visitante me disse depois de um culto. – Eu nem tento – respondi com um sorriso. – Tento agradar ao Senhor e deixar que ele cuide do resto.

Jesus Cristo é o *Bom Pastor* que morreu pelas ovelhas (Jo 10:11), é o *Grande Pastor* que vive para as ovelhas (Hb 13:20, 21), e o *Supremo Pastor* que virá buscar as ovelhas (1 Pe 5:4). Como Supremo Pastor, somente ele pode avaliar o ministério de um indivíduo e lhe dar a devida recompensa. Alguns que aparecem em primeiro lugar podem acabar

em último, quando o Senhor examinar o ministério de cada um.

Era um dia de verão, e eu estava no meio das ruínas de uma igreja perto de Anwoth, na Escócia. O tamanho da estrutura indicava que deve ter tido capacidade para abrigar umas 150 pessoas. Pelos padrões atuais, não seria considerada uma igreja muito bem-sucedida. Mas aquele rebanho havia sido pastoreado pelo piedoso Samuel Rutherford, cuja obra *Cartas de Samuel Rutherford* é um clássico espiritual. Apesar de o edifício onde ele pastoreou não passar de um monte de ruínas, seu ministério pastoral continua. O Supremo Pastor recompensou-o por seu trabalho fiel, que incluiu muitas perseguições e sofrimento físico.

No tempo de Pedro, havia diversos tipos de "coroas". A que o apóstolo menciona é a coroa de um atleta, normalmente uma guirlanda de folhas ou de flores que murchavam rapidamente. A coroa do pastor fiel é uma coroa de glória, uma recompensa perfeita para uma *herança* incorruptível (1 Pe 1:4).

Hoje, um obreiro cristão pode trabalhar visando vários tipos de recompensa. Alguns

se empenham para construir impérios pessoais, enquanto outros se esforçam para receber o louvor dos homens; outros, ainda, desejam ser promovidos de cargo dentro de sua denominação. Um dia, todas essas coisas desaparecerão. A única recompensa que devemos nos esforçar para obter é o "Muito bem!" do Salvador e a coroa incorruptível de glória que acompanha esse louvor. Que alegria enorme será colocar essa coroa aos pés do Senhor (Ap 4:10) e reconhecer que tudo o que fizemos foi por sua graça e poder (1 Co 15:10; 1 Pe 4:11). Quando virmos Jesus face a face, não teremos desejo algum de receber glória pessoal.

A ascensão e a queda de todas as coisas na igreja local devem-se à liderança. Por maior ou menor que seja a congregação, os líderes precisam ser cristãos, cada um tendo um relacionamento pessoal com Cristo, uma preocupação com o povo de Deus e um desejo real de agradar a Jesus Cristo.

Lideramos mediante o serviço e servimos mediante o sofrimento.

Foi assim que Jesus fez, e essa é a única maneira de glorificá-lo.

## DA GRAÇA À GLÓRIA

1 PEDRO 5:5-14

Quando a Segunda Guerra Mundial estava em andamento, eu era aluno do ensino médio, e os combates pareciam uma realidade muito distante de nossa cidade no Norte do Estado de Indiana. Mas, então, a cidade começou a organizar unidades de Defesa Civil em cada vizinhança, e as autoridades escolheram meu pai como assistente do capitão de uma das equipes. Eu costumava ir com ele assistir aos filmes de treinamento e ouvir os palestrantes. (A melhor parte era parar na sorveteria no caminho de volta!) Mas, por mais filmes a que eu assistisse, não sentia que nossa vizinhança corria algum risco de ser bombardeada. Nossa filosofia era: "Isso jamais vai acontecer aqui".

Pedro sabia que o "fogo ardente" estava chegando e desejava que a congregação toda estivesse preparada. Ao encerrar sua carta, Pedro dá à igreja três admoestações importantes a obedecer para glorificar a Deus em meio a essa experiência difícil.

### 1. SEJAM HUMILDES (1 PE 5:5-7)

O apóstolo já admoestou os santos a serem submissos às autoridades governamentais (1 Pe 2:13-17), os escravos a serem submissos a seus senhores (1 Pe 2:18-25) e as esposas a serem submissas ao marido (1 Pe 3:1-7). Agora, recomenda que todos os cristãos sujeitem-se a Deus e uns aos outros.

Os cristãos mais jovens devem submeter-se aos mais velhos, por respeito não apenas a sua idade, mas também a sua maturidade espiritual. Claro que nem todo santo mais velho é um cristão maduro, pois a quantidade de anos não garante a qualidade de experiências. Não se trata de uma sugestão

para que os membros mais velhos "controlem a igreja" e nunca dêem ouvidos aos membros mais jovens! Muitas vezes, há uma guerra de gerações dentro da igreja: os mais velhos resistem a mudanças, enquanto os mais jovens resistem aos mais velhos!

A solução é apresentada em duas partes: (1) todos os cristãos de todas as idades devem sujeitar-se uns aos outros; (2) todos devem sujeitar-se a Deus. A resposta ao conflito é "cingi-vos todos de humildade". Assim como Jesus colocou de lado seu manto e se cingiu de uma toalha para se tornar um servo, cada um de nós deve ter uma atitude de servo e ministrar ao outro. A verdadeira humildade é descrita em Filipenses 2:1-11. Não se trata de rebaixar-se nem de ter uma imagem negativa de si mesmo, mas sim de sequer pensar em si mesmo!

Não é possível sujeitar-se uns aos outros sem antes se sujeitar a Deus. Para provar esse fato, Pedro cita Provérbios 3:34, versículo também citado em Tiago 4:6. É preciso graça para haver submissão a outros cristãos, uma graça que Deus pode dar se nos humilharmos diante dele.

Deus resiste aos soberbos porque odeia o pecado do orgulho (Pv 6:16, 17; 8:13). Foi o orgulho que transformou Lúcifer em Satanás (Is 14:12-15). Foi o orgulho - o desejo de ser como Deus - que instigou Eva a experimentar o fruto proibido. A "soberba da vida" é sinal de mundanismo (1 Jo 2:16). O único antídoto para o orgulho é a graça de Deus, que recebemos quando nos sujeitamos a ele e que se manifesta, então, na sujeição uns aos outros.

A submissão é um ato de fé. Confiamos que Deus dirige nossa vida e realiza seus propósitos a seu tempo. Afinal, sujeitar-se a outros traz o risco de que se aproveitem de nós... mas isso de fato não acontecerá se verdadeiramente confiarmos em Deus e nos sujeitarmos uns aos outros! Uma pessoa verdadeiramente submissa ao Senhor e que deseja servir aos irmãos e irmãs em Cristo jamais pensaria em se aproveitar de outra pessoa, salva ou não. A "poderosa mão de Deus" que dirige nossa vida também pode dirigir a vida de outros.



A chave, evidentemente, é a expressão “em tempo oportuno”. Deus nunca exalta uma pessoa até que esteja pronta para isso. Primeiro a cruz, depois a coroa; primeiro o sofrimento, depois a glória. Moisés passou quarenta anos sob a mão de Deus antes de ser enviado para livrar os hebreus do Egito. José passou pelo menos treze anos sob a mão de Deus antes de ser exaltado ao trono. Uma das evidências do orgulho é a impaciência com Deus, e um dos motivos pelos quais sofremos é para aprender a ter paciência (Tg 1:1-6). Aqui, Pedro refere-se a palavras que ouviu o Mestre proferir: “Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (Lc 14:11).

Um dos benefícios desse tipo de relacionamento com Deus é o privilégio de deixar que ele cuide de nossos fardos. Se não preencheremos os pré-requisitos apresentados em 1 Pedro 5:5, 6, não nos apropriaremos da promessa maravilhosa em 1 Pedro 5:7. A palavra traduzida por “ansiedade” significa “divisão, rompimento”. Quando as circunstâncias são difíceis, a tendência é ter ansiedade e preocupação, mas se deixarmos essa angústia tomar conta, perderemos a bênção de Deus e não seremos um bom testemunho para os não salvos. Precisamos de paz interior a fim de triunfar no fogo ardente e de glorificar o nome do Senhor. Nas palavras de George Morrison: “Deus não livra seus filhos dos cuidados da vida para que se tornem descuidados”.

De acordo com 1 Pedro 5:7, deve-se entregar todos os cuidados – passados, presentes e futuros – ao Senhor *de uma vez por todas*. Não se deve lançar as ansiedades sobre ele aos poucos, retendo as preocupações que acreditamos ser capazes de resolver por conta própria. Guardar “pequenas ansiedades” fará com que logo elas se transformem em grandes problemas! Cada vez que surge um novo fardo, devemos, pela fé, lembrar o Senhor (e nós mesmos) de que já o entregamos a ele.

Se havia alguém que sabia, por experiência própria, que Deus cuida de seus filhos era Pedro! Quando lemos os quatro Evangelhos, descobrimos que Pedro participou

de vários milagres. Jesus curou a sogra de Pedro (Mc 1:29-31), deu-lhe uma grande pescaria (Lc 5:1-11), ajudou-o a pagar o imposto que devia ao templo (Mt 17:24-27), ajudou-o a caminhar sobre as águas (Mt 14:22-33), reparou o mal que causou a Malco ao cortar a orelha desse servo (Lc 22:50, 51; Jo 18:10, 11) e até livrou Pedro da prisão (At 12).

De que maneira Deus mostra seu amor e cuidado para conosco quando lhe entregamos nossas preocupações? Creio que ele realiza quatro ministérios em nosso favor: (1) dá-nos coragem para enfrentar as preocupações com honestidade e não fugir delas (Is 41:10); (2) dá-nos a sabedoria necessária para compreender a situação (Tg 1:5); (3) dá-nos as forças para fazer o que é preciso (Fp 4:13); e (4) dá-nos a fé necessária para crer que ele fará o resto (Sl 37:5).

Há quem entregue seus fardos a Deus pensando que ele fará tudo! É importante deixarmos que o Senhor opere *em nós* e também *por nós*, de modo que devemos estar preparados quando as respostas vierem. “Confia os teus cuidados ao SENHOR, e ele te susterá” (Sl 55:22).

## 2. SEJAM VIGILANTES (1 PE 5:8, 9)

Um dos motivos pelos quais temos ansiedades é o fato de possuímos um inimigo. Como serpente, Satanás engana (2 Co 11:3) e, como leão, Satanás devora. A designação “Satanás” significa “adversário”, e a palavra “diabo” quer dizer “o acusador, o difamador”. Os destinatários desta epístola já haviam sentido os ataques do difamador (1 Pe 4:4, 14), e, agora, estavam preste a encontrar-se com “o leão” no fogo ardente das provas. Pedro lhes dá várias instruções práticas a fim de ajudá-los a conquistar a vitória sobre o adversário.

**Respeitem-no, pois ele é perigoso.** Uma vez que não possuo qualquer habilidade mecânica, admiro quem sabe construir e consertar coisas. Durante um programa de construção da igreja, observava um electricista instalar um painel de controle bastante complexo e comentei:

– É impressionante ver vocês trabalharem tranqüilamente com todos esses fios

cheios de energia elétrica. Como vocês fazem isso?

O electricista sorriu e respondeu:

– Só se pode mexer com eletricidade se, antes de tudo, a respeitarmos.

Satanás é um inimigo perigoso. É uma serpente que pode picar quando menos esperamos. É um destruidor (Ap 9:11; os termos *Abadom* e *Apoliom* significam “destruição”) e um acusador (Zc 3:1-5; Ap 12:9-11). Tem grande poder e inteligência e uma hoste de demônios para ajudá-lo a atacar o povo de Deus (Ef 6:10ss). É um inimigo terrível; não devemos jamais zombar dele, ignorá-lo nem subestimar sua capacidade. Tratando-se de nosso conflito com Satanás, é preciso ser “sóbrios” e ter a mente sob controle.

Uma parte dessa sobriedade inclui não culpar o diabo por tudo. Há quem veja um demônio atrás de cada arbusto e culpe Satanás por dores de cabeça, pneus furados e aumento nos aluguéis. Apesar de ser verdade que Satanás pode causar enfermidades e dores físicas (Lc 13:16; e o Livro de Jó), não há qualquer autoridade bíblica para expulsar “demônios da enxaqueca” ou “demônios das dores nas costas”. Uma senhora me ligou de outra cidade para dizer que Satanás a havia feito encolher vários centímetros. Respeito os ardis e poderes do diabo, mas creio que nossas informações sobre ele devem vir da Bíblia, não da interpretação de experiências pessoais.

**Reconheçam-no, pois ele é o grande enganador (Jo 8:44; 2 Co 11:13-15).** Uma vez que Satanás é um inimigo sutil, devemos ser “vigilantes” e estar sempre de guarda. Sua estratégia é falsificar tudo o que Deus faz. De acordo com a parábola do joio e do trigo, em todo lugar que Deus planta um cristão, Satanás planta um impostor (Mt 13:24-30, 36-43). Se não fosse pela Palavra de Deus e pelo Espírito de Deus, o inimigo nos enganaria com facilidade (1 Jo 2:18-27). Quanto melhor conhecermos a Palavra, mais aguçados serão nossos sentidos espirituais para detectar a atuação de Satanás. Devemos ser capazes de “[provar] os espíritos” e de discernir entre o verdadeiro e o falso (1 Jo 4:1-6).

**Resistam a ele.** Resistir ao inimigo significa manter-se firme na Palavra de Deus e recusar-se a ser movido. Efésios 6:10-13 instrui: “Sede fortalecidos [...] para poderdes ficar firmes [...] para que possais resistir”. Sem permanecer firmes, não seremos capazes de resistir. Nossas armas são a Palavra de Deus e a oração (Ef 6:17, 18) e nossa proteção é a armadura completa que Deus nos dá. Resiste-se ao inimigo “na fé”, ou seja, fé em Deus. Assim como Davi manteve-se firme contra Golias e confiou no nome de Jeová, nós também devemos resistir firmemente a Satanás no nome vitorioso de Jesus Cristo.

Uma advertência importante: não se deve jamais discutir com Satanás e seus colaboradores. Eva cometeu esse erro, e todos nós conhecemos as conseqüências trágicas. Também não se deve tentar lutar contra Satanás a nossa maneira. Deve-se resistir a ele como Jesus o fez: com a Palavra de Deus (Mt 4:1-11). É errado imaginar que somos os únicos a travar esse tipo de batalha, pois nossa “irmandade espalhada pelo mundo” passa pelas mesmas provações. Devemos orar uns pelos outros e nos encorajar mutuamente no Senhor. Também é preciso lembrar que nossas vitórias pessoais ajudam a outros, assim como as vitórias deles serão de ajuda para nós.

Se Pedro tivesse obedecido a essas três instruções quando Jesus foi preso, não teria adormecido no Getsêmani, não teria atacado Malco nem tampouco teria negado o Senhor. O apóstolo não levou a sério a advertência de Jesus; na verdade, discutiu com o Mestre! Também não reconheceu Satanás quando o adversário encheu-o de orgulho, disse-lhe que não precisava “vigiar e orar” e depois o instigou a usar sua espada. Se Pedro tivesse dado ouvidos ao Senhor e resistido ao inimigo, teria escapado de todos esses fracassos.

Tanto Pedro quanto Tiago dão a mesma fórmula para o sucesso: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7). Antes de se manter firme diante de Satanás, é preciso curvar-se diante de Deus. Pedro resistiu ao Senhor e acabou sujeitando-se a Satanás!

### 3. SEJAM ESPERANÇOSOS (1 PE 5:10-14)

Pedro encerra em tom positivo e lembra seus leitores de que Deus sabe o que faz e se encontra no controle de tudo. Por mais difícil que se torne o “fogo ardente”, o cristão sempre tem esperança. Pedro apresenta vários motivos para essa atitude esperançosa.

**Temos a graça de Deus.** A salvação é pela graça de Deus (1 Pe 1:10). Ele nos chamou antes de o invocarmos (1 Pe 1:2). “Já [temos] a experiência de que o Senhor é bondoso” (1 Pe 2:3), de modo que não é preciso temer coisa alguma que ele tenha preparado para nós. Sua graça é “multiforme” (1 Pe 4:10) e apropriada a todas as situações da vida. Sujeitando-nos ao Senhor, ele nos concede a graça de que precisamos. Na verdade, ele é “o Deus de toda a graça”. Tem a graça para socorrer em todo momento de necessidade (Hb 4:16). “Ele dá maior graça” (Tg 4:6), e devemos permanecer firmes nessa graça (1 Pe 5:12; ver Rm 5:2).

**Sabemos que estamos indo para a glória.** Ele nos “chamou à sua eterna glória” em Cristo Jesus. Essa é a herança maravilhosa para a qual nascemos (1 Pe 1:4). Tudo o que começa com a graça de Deus sempre conduz à glória de Deus (Sl 84:11). Se dependermos da graça de Deus ao sofrer, esse sofrimento redundará em glória (1 Pe 4:13-16). O caminho pode ser difícil, mas conduz à glória, e isso é tudo o que importa.

**O sofrimento presente é apenas por um pouco.** As provações são apenas “por breve tempo” (1 Pe 1:6), mas a glória resultante é eterna. Paulo tinha essa mesma idéia em mente ao escrever 2 Coríntios 4:17: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação”.

**Sabemos que as provações constroem o caráter cristão.** O termo grego traduzido por “aperfeiçoar” significa “equipar, ajustar, encaixar”. É traduzido por “consertando as redes” em Mateus 4:21. Deus usa vários instrumentos para equipar as pessoas para a vida e o serviço, e o sofrimento é um deles. Outros meios de operar em nós são: a Palavra de Deus (2 Tm 3:16, 17, em que “perfeitamente habilitado” é o mesmo que

“plenamente equipado”), a comunhão e o ministério da igreja (Ef 4:11-16). O Salvador no céu nos aperfeiçoa para que façamos sua vontade e realizemos sua obra (Hb 13:20, 21).

Pedro usa três palavras para descrever o tipo de caráter que Deus deseja que tenhamos.

**Firmar** significa “fixar com firmeza, prender firmemente”. Os cristãos não devem ser inconstantes quanto a Cristo. Nosso coração precisa ser “confirmado” e “fortalecido” (1 Ts 3:13; Tg 5:8), o que se dá por meio da verdade de Deus (2 Pe 1:12). O cristão firme não será abalado pela perseguição nem desviado por falsas doutrinas (2 Pe 3:17).

**Fortificar** quer dizer exatamente isso: Deus nos dá forças para lidar com aquilo que a vida exige de nós. De que adianta estar firmados sobre alicerces sólidos se não tivermos poder para agir?

**Fundamentar** é a tradução de uma palavra que significa “lançar um alicerce”. O termo é usado desse modo em Hebreus 1:10. A casa alicerçada na rocha mantém-se firme durante a tempestade (Mt 7:24-27). Os cristãos equipados por Deus estão, “na fé, alicerçados e firmes” (Cl 1:23). Não são “agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina” (Ef 4:14).

Quando um incrédulo passa por aflições, perde as esperanças; mas para o cristão, o sofrimento faz crescer a esperança. “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Rm 5:3, 4).

Deus constrói o caráter e aviva a esperança quando o cristão confia nele e depende de sua graça. Como resultado, Deus é glorificado para todo o sempre.

Tratamos de 1 Pedro 5:12, 13 no capítulo de introdução.

Paulo sempre terminava suas cartas com uma bênção de graça (2 Ts 3:17, 18). Pedro encerra esta epístola com uma bênção de paz. Começou sua carta com uma saudação de paz (1 Pe 1:2), de modo que, do começo ao fim, a epístola aponta para a “paz

de Deus". Que maneira maravilhosa de terminar uma carta que anuncia a vinda do "fogo ardente" da tribulação!

Em quatro ocasiões no Novo Testamento, encontramos a admoestação sobre o "ósculo santo" (Rm 16:16; 1 Co 16:20; 2 Co 13:12; 1 Ts 5:26). Pedro chama-o de "ósculo de amor". É importante lembrar que os homens saudavam outros homens com um beijo e que as mulheres também saudavam outras mulheres dessa forma. Esse era o cumprimento comum naquela região e época, como ainda o é em vários países latinos hoje. Que maravilha escravos e

senhores cristãos saudarem uns aos outros "em Jesus Cristo"!

Pedro deixou-nos uma carta preciosa que nos incentiva a ter esperança no Senhor, por mais difíceis que sejam os tempos. Ao longo dos séculos, a Igreja tem passado por várias provações e, no entanto, Satanás nunca foi capaz de destruí-la. A Igreja de hoje se encontra diante de um "fogo ardente", e devemos estar preparados.

Mas quaisquer que sejam as provações que sobrevirão, Pedro continua dizendo a cada um de nós: seja esperançoso! A glória está próxima!

# 2 PEDRO

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Conhecimento espiritual

**Versículo-chave:** 2 Pedro 1:3

### I. EXPLICAÇÃO: O CONHECIMENTO DE CRISTO - CAPÍTULO 1

- A. A dívida do conhecimento -  
1:1-4
- B. O crescimento em conhecimento -  
1:5-11
- C. A base do conhecimento -  
1:12-21

### II. EXAME: OS FALSOS MESTRES - CAPÍTULO 2

- A. Sua condenação -  
2:1-9
- B. Seu caráter -  
2:10-17
- C. Suas declarações -  
2:18-22

### III. EXORTAÇÃO: O VERDADEIRO CRISTÃO - CAPÍTULO 3

- A. Recorde-se - 3:1-7
- B. Não seja ignorante - 3:8-10
- C. Seja diligente - 3:11-14
- D. Tenha cuidado - 3:15-18

### CONTEÚDO

- 1. Conhecimento e crescimento  
(2 Pe 1:1-11)..... 563
  - 2. Despertem e lembrem-se  
(2 Pe 1:12-21)..... 569
  - 3. Cuidado com os impostores  
(2 Pe 2:1-9)..... 576
  - 4. Homens marcados  
(2 Pe 2:10-16)..... 583
  - 5. Falsa liberdade  
(2 Pe 2:17-22)..... 590
  - 6. Escarnecendo dos escarnecedores  
(2 Pe 3:1-10)..... 596
  - 7. Sejam diligentes!  
(2 Pe 3:11-18)..... 602
-

# CONHECIMENTO E CRESCIMENTO

2 PEDRO 1:1-11

**S**e havia alguém na Igreja primitiva que conhecia a importância de permanecer alerta era o apóstolo Pedro. Ainda novo na fé, sua tendência era confiar demais em si mesmo, quando o perigo estava próximo, sem dar ouvidos às advertências do Mestre. Precipitou-se quando deveria esperar; dormiu quando deveria orar; e falou quando deveria ouvir. Mostrou-se um cristão corajoso mas descuidado.

Mas Pedro aprendeu sua lição e deseja que façamos o mesmo. Em sua primeira epístola, o apóstolo enfatizou a graça de Deus (1 Pe 5:12), mas na segunda carta, sua ênfase é sobre o conhecimento de Deus. O termo “conhecer” ou “conhecimento” é usado pelo menos treze vezes nesta breve epístola. Não se refere à mera compreensão intelectual de uma verdade, apesar de esse ser um de seus elementos. Antes, significa participação viva na verdade, no sentido segundo o qual Jesus usa o termo em João 17:3: “E a vida eterna é esta: que te *conheçam* a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (grifos nossos).

Pedro começa sua carta com uma descrição da vida cristã. Antes de descrever os impostores, descreve os cristãos autênticos. A melhor maneira de detectar a dissimulação é compreender as características da verdade. Pedro faz três declarações importantes acerca da vida cristã autêntica.

## 1. A VIDA CRISTÃ COMEÇA COM A FÉ (2 PE 1:1-4)

Pedro chama-a de “fé igualmente preciosa”. Ou seja, nossa situação diante do Senhor hoje é a mesma que a dos apóstolos séculos

atrás. O privilégio que tiveram de andar com Cristo, de vê-lo com os próprios olhos e de participar de seus milagres não lhes deu vantagem alguma sobre nós. Não é necessário ver o Senhor com olhos humanos para amá-lo, confiar nele e compartilhar de sua glória (1 Pe 1:8).

**Essa fé é depositada em uma pessoa (vv. 1, 2).** Essa Pessoa é Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador. Logo no início da carta, Pedro afirma a divindade de Jesus Cristo. O “Deus” e o “Salvador” não são duas Pessoas diferentes. Essas designações descrevem uma só Pessoa, Jesus Cristo. Paulo usa expressão semelhante em Tito 2:10 e 3:4.

Pedro lembra seus leitores de que Jesus Cristo é o Salvador, repetindo esse título exaltado em 2 Pedro 1:11; 2:20; 3:2, 18. Um *salvador* é “alguém que oferece salvação”, sendo que o termo *salvação* era conhecido pelo povo. Em seu vocabulário, significava “livramento das dificuldades” e, mais especificamente, “livramento das mãos do inimigo”. Também dava a idéia de “saúde e segurança”. Um médico era considerado um salvador, pois ajudava a livrar o corpo de dores e de limitações. Um general vitorioso era um salvador, pois livrava o povo da derrota. Até mesmo uma autoridade sábia era um salvador, pois mantinha a nação em ordem e a livrava da confusão e corrupção.

Não é difícil entender de que maneira o termo “Salvador” aplica-se a nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é, de fato, o Médico dos médicos, que livra o coração da enfermidade do pecado. É o Conquistador vitorioso, que derrotou nossos inimigos – o pecado, a morte, Satanás e o inferno – e que nos conduz em triunfo (2 Co 2:14ss). Ele é “nosso Deus e Salvador” (2 Pe 1:1), “nosso Senhor e Salvador” (2 Pe 1:11) e “Senhor e Salvador” (2 Pe 2:20). A fim de ser nosso Salvador, teve de entregar a vida na cruz e de morrer pelos pecados do mundo.

O Senhor Jesus Cristo possui três “bens espirituais” que não podem ser obtidos de qualquer outra fonte: justiça, graça e paz. Quando cremos nele como Salvador, sua justiça passa a ser nossa justiça e nos tornamos justos diante de Deus (2 Co 5:21).

É impossível *esforçar-se para merecer* essa justiça, pois ela é uma dádiva de Deus aos que crêem. “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou” (Tt 3:5).

A *graça* é o favor de Deus para com os seres humanos indignos. Em sua misericórdia, Deus deixa de dar o que merecemos e, em sua *graça*, dá-nos o que não merecemos. Nosso Deus é “o Deus de toda a *graça*” (1 Pe 5:10) e canaliza essa *graça* por meio de Jesus Cristo (Jo 1:16).

O resultado dessa experiência é *paz* – *paz com Deus* (Rm 5:1) e *paz de Deus* (Fp 4:6, 7). Na verdade, a *graça* e a *paz de Deus* são “multiplicadas” para conosco ao andarmos com ele e crermos em suas promessas.

***Essa fé envolve o poder de Deus (v. 3).*** A vida cristã começa com fé salvadora, fé na pessoa de Jesus Cristo. Mas quando conhecemos Jesus Cristo pessoalmente, também experimentamos o poder de Deus e esse poder conduz “à vida e à piedade”. O pecador não salvo está morto (Ef 2:1-3), e somente Cristo pode ressuscitá-lo dentre os mortos (Jo 5:24). Quando Cristo ressuscitou Lázaro, disse: “Desatai-o e deixai-o ir” (Jo 11:44). Livrem-se das mortalhas!

Quando nascemos de novo na família de Deus pela fé em Cristo, nascemos completos. Deus nos dá tudo de que precisamos para a “vida e [a] piedade”. Não é preciso acrescentar coisa alguma! “Nele, estais aperfeiçoados” (Cl 2:10). Os falsos mestres afirmavam possuir uma “doutrina especial” que acrescentaria algo à vida dos leitores de Pedro, mas o apóstolo sabia que *era impossível acrescentar qualquer coisa*. Assim como um bebê normal nasce perfeitamente “equipado” para a vida e só precisa crescer, também o cristão tem todo o necessário e só precisa desenvolver-se. Deus nunca tem de recolher um de seus “modelos” por apresentar “defeito de fabricação”.

Assim como cada bebê possui estrutura genética definida que determina o modo como ele vai crescer, também o cristão é “geneticamente estruturado” para experimentar a “glória e virtude”. Um dia, sere-mos como o Senhor Jesus Cristo (Rm 8:29;

1 Jo 3:2). Fomos “[chamados] à sua eterna glória” (1 Pe 5:10) e teremos parte nessa glória, quando Jesus Cristo voltar e levar seu povo para o céu.

Mas também somos “[chamados] para a [...] virtude”. Fomos salvos “a fim de [proclamar] as virtudes daquele que [nos] chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9). Não devemos esperar até chegar ao céu para nos tornar como Jesus Cristo! Devemos revelar hoje em nosso caráter e conduta a beleza e *graça* de nosso Salvador.

***Essa fé envolve as promessas de Deus (v. 4).*** Deus não apenas já deu tudo de que precisamos para a vida e a piedade, como também deu sua Palavra, a fim de nos capacitar para desenvolver essas duas dádivas. As promessas são *grandes* porque vêm de um Deus grande e nos conduzem a uma vida grande. São *preciosas* porque seu valor é inestimável. Se perdêssemos a Palavra de Deus, seria impossível colocar outra coisa em seu lugar. Ao que parece, Pedro gostava do adjetivo *precioso*, pois escreve sobre a “fé igualmente preciosa” (2 Pe 1:1; cf. 1 Pe 1:7), as “preciosas e mui grandes promessas” (2 Pe 1:4), o “precioso sangue” (1 Pe 1:19), a pedra preciosa (1 Pe 2:4, 6) e o Salvador precioso (1 Pe 2:7).

Quando o pecador crê em Jesus Cristo, o Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para conceder a vida e a natureza perfeita de Deus ao ser interior. O bebê compartilha da natureza dos pais, e a pessoa nascida de Deus compartilha da natureza de Deus. O pecador perdido está morto, mas o cristão está vivo, pois desfruta em comum a natureza divina. O pecador perdido deteriora-se por causa de sua natureza corrompida, mas o cristão pode experimentar uma vida dinâmica de piedade, uma vez que tem dentro de si a natureza perfeita de Deus. A humanidade está sob a escravidão da corrupção (Rm 8:21), mas o cristão compartilha de liberdade e crescimento, que fazem parte do fato de possuir a natureza divina.

A natureza determina o *desejo*. O porco quer chafurdar e o cão come até o próprio vômito (2 Pe 2:22), mas as ovelhas anseiam por pastos verdejantes. A natureza também

determina o *comportamento*. As águias voam e os golfinhos nadam porque é de sua natureza proceder desse modo. A natureza determina a escolha do *ambiente*: os esquilos sobem em árvores, as toupeiras fazem tocas debaixo da terra e as trutas nadam na água. A natureza também determina a *associação*: os leões andam em bandos, as ovelhas em rebanhos, os peixes em cardumes.

Se a natureza determina os desejos, e se temos dentro de nós a natureza de Deus, então devemos ansiar por aquilo que é puro e santo. Nosso comportamento deve ser semelhante ao do Pai e devemos viver no "ambiente espiritual" condizente com nossa natureza. Devemos nos associar com o que é próprio de nossa natureza (ver 2 Co 6:14ss). Logo, a vida *piadosa* é a única vida normal e produtiva que o filho de Deus pode ter.

Uma vez que possuímos a natureza divina, "livramo-nos" da contaminação e da corrupção deste mundo perverso. Se nutrirmos a nova natureza com o alimento da Palavra, teremos pouco interesse no lixo que o mundo oferece. Mas se "[dispusermos] para a carne" (Rm 13:14), nossa natureza pecaminosa ansiará por "seus pecados de outrora" (2 Pe 1:9) e desobedeceremos a Deus. A vida de piedade é resultante do cultivo da nova natureza no ser interior.

## 2. A FÉ REDUNDA EM CRESCIMENTO ESPIRITUAL (2 PE 1:5-7)

Onde há vida deve haver crescimento. O novo nascimento é o começo, não o fim. Deus concede a seus filhos tudo de que precisam para viver de modo piedoso, mas seus filhos devem aplicar-se e ser diligentes no uso dos "meios da graça" que ele já proveu. O *crescimento espiritual não é automático*. Requer cooperação com Deus, diligência e disciplina espiritual. "Desenvolvi a vossa salvação [...] porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar" (Fp 2:12, 13).

Pedro relaciona sete características da vida piedosas, mas não se deve pensar nelas como sete contas em um fio ou sete estágios de desenvolvimento. Na verdade, o termo

traduzido por "associar" significa "suprir com generosidade". Em outras palavras, desenvolvemos uma qualidade ao exercitar outra. Essas virtudes são relacionadas umas às outras da mesma forma que, nas árvores, os galhos mais grossos são relacionados ao tronco, e os mais finos são relacionados aos mais grossos. Como o "fruto do Espírito" (Gl 5:22, 23), essas qualidades crescem da vida e do relacionamento vital com Jesus Cristo. Para o cristão, não basta "largar mão e deixar que Deus opere", como se o crescimento espiritual fosse apenas uma obra de Deus. Literalmente, Pedro escreve: "Façam todo esforço para trazer juntamente". O Pai e o filho devem trabalhar juntos.

A primeira qualidade do caráter que Pedro relaciona é a "virtude". Vimos esse termo em 2 Pedro 1:3, e seu significado básico é "excelência". Para os filósofos gregos, significava "o cumprimento de algo". Quando algo na natureza cumpre seu propósito, tem-se "virtude, excelência moral". Esse termo também era usado para descrever o poder dos deuses para realizar feitos heróicos. A terra que produz as colheitas é "excelente" porque está cumprindo seu propósito. O instrumento que funciona corretamente é "excelente" porque está fazendo o que deve.

O cristão deve glorificar a Deus, pois tem a natureza de Deus dentro de si; quando faz isso, demonstra sua "excelência", pois está cumprindo seu propósito de vida. A verdadeira virtude na vida cristã não consiste em "lustrar" qualidades humanas, por melhores que sejam, mas sim em produzir qualidades *divinas* que tornam a pessoa mais semelhante a Jesus Cristo.

A fé ajuda a desenvolver a virtude que, por sua vez, ajuda a desenvolver o "conhecimento" (2 Pe 1:5). O termo traduzido por "conhecimento", em 2 Pedro 1:2, 3, significa "conhecimento pleno" ou "conhecimento crescente". Essa palavra sugere o conhecimento *prático* ou discernimento. Refere-se à capacidade de lidar com a vida de modo adequado. É o oposto de "ter a mente tão voltada para o céu a ponto de não apresentar utilidade alguma na terra". Esse tipo de



conhecimento não se desenvolve automaticamente. Antes, é resultante da obediência à vontade de Deus (Jo 7:17). Na vida cristã, não se deve separar o coração da mente, o caráter do conhecimento.

O "domínio próprio" é a qualidade seguinte na lista de virtudes espirituais de Pedro e significa autocontrole. "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade" (Pv 16:32). "Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio" (Pv 25:28). Em várias ocasiões em suas cartas, Paulo compara o cristão a um atleta que deve se exercitar e se disciplinar a fim de ter alguma esperança de conquistar o prêmio (1 Co 9:24-27; Fp 3:12-16; 1 Tm 4:7, 8).

A *perseverança* é a capacidade de permanecer firme nas circunstâncias difíceis. O autocontrole ajuda a lidar com os *prazeres* da vida, enquanto a *perseverança* diz respeito principalmente às *pressões* e *problemas* da vida (a capacidade de suportar pessoas problemáticas é chamada de "longanimidade"). Muitas vezes, a pessoa que cede aos prazeres também não tem disciplina suficiente para lidar com as pressões, de modo que acaba desistindo.

A *perseverança* não se desenvolve automaticamente; é preciso esforço para desenvolvê-la. Tiago 1:2-8 apresenta a abordagem correta. Deve-se esperar as *provações*, pois, sem elas, não se aprende a ser perseverante. Deve-se, pela fé, deixar que as *provações* trabalhem *em nosso favor*, não contra nós, pois Deus está operando em meio às dificuldades. Se for necessário ter sabedoria para tomar decisões, Deus a concederá, se a pedirmos. Ninguém gosta de passar por *provações*, mas é possível desfrutar a certeza que temos, em meio aos problemas, de que Deus está operando, fazendo com que tudo coopere para nosso bem e para a glória dele.

A "piedade" é a "semelhança a Deus". No original grego, essa palavra significava "adorar bem". Descrevia a pessoa cujo relacionamento com Deus e com os outros estava em ordem. Talvez a definição mais

próxima desse termo seja a combinação de *piedade* e *reverência*. É a qualidade do caráter que torna uma pessoa distinta. Ela vive acima das coisas mesquinhas da vida, das paixões e pressões que controlam a existência dos outros. Procura obedecer à vontade de Deus e, ao fazê-lo, busca o bem dos outros.

Não devemos jamais imaginar que a *piedade* seja algo meramente conceitual, pois, na verdade, tem grande impacto prático. A pessoa piedosa toma decisões corretas e nobres. Não escolhe o caminho mais fácil para evitar a dor ou as *provações*. Antes, faz o que é certo porque é certo e porque é a vontade de Deus.

A "fraternidade" (no grego, *filadélfia*) é uma virtude que Pedro deve ter adquirido do jeito mais difícil, pois os discípulos de Jesus estavam sempre discutindo entre si e discordando uns dos outros. Quem ama a Jesus Cristo também deve amar os irmãos. Deve-se praticar o "amor fraternal não fingido" (1 Pe 1:22) e não apenas fazer de conta que existe amor. "Seja constante o amor fraternal" (Hb 13:1). "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal" (Rm 12:10). O amor pelos irmãos e irmãs em Cristo é um sinal de que a pessoa é nascida de Deus (1 Jo 5:1, 2).

Mas o crescimento cristão não se atém ao amor fraternal. Também é preciso ter o amor sacrificial que Jesus demonstrou ao morrer na cruz. O amor em 2 Pedro 1:7 é *ágape*, o tipo de amor que Deus demonstra pelos pecadores perdidos. Esse é o amor descrito em 1 Coríntios 13, o qual o Espírito Santo produz em nosso coração quando andamos no Espírito (Rm 5:5; Gl 5:22). Com amor *fraternal*, ama-se por causa das semelhanças; mas quando existe amor *ágape*, ama-se apesar das diferenças.

É impossível a natureza humana decaída produzir essas sete qualidades do caráter cristão. Elas devem ser geradas pelo Espírito de Deus. Sem dúvida, há não salvos que possuem autocontrole e *perseverança* extraordinários, mas essas virtudes apontam para *elas mesmas*, não para o Senhor. *Elas* é que recebem a glória. Quando Deus produz

a bela natureza de seu Filho em um cristão, é Deus quem recebe o louvor e a glória.

Uma vez que se possua a natureza divina, é possível crescer espiritualmente e desenvolver esse tipo de caráter cristão. Esse crescimento dá-se por meio do poder de Deus e das promessas preciosas de Deus. A "estrutura genética" divina já está presente: Deus deseja que sejamos "conformes à imagem do seu Filho" (Rm 8:29). A vida interior reproduzirá essa imagem, se cooperarmos diligentemente com Deus e usarmos os meios que ele nos proporciona em abundância.

O mais impressionante é que, à medida que a imagem de Cristo é reproduzida em nós, esse processo não destrói a personalidade. Continuamos sendo singulares!

Um dos perigos na igreja de hoje é a imitação. As pessoas têm a tendência de se tornarem parecidas com o pastor, com um líder da igreja ou, talvez, com algum "cristão famoso". Ao fazê-lo, destroem sua singularidade e não se tornam como Jesus Cristo. Perdem dos dois lados! Assim como cada filho em uma família é semelhante a seus pais e, ao mesmo tempo diferente, também cada filho na família de Deus torna-se cada vez mais semelhante a Jesus Cristo e, no entanto, continua sendo diferente. Pais não se duplicam, mas se reproduzem; e pais sábios permitem que os filhos desenvolvam a própria identidade.

### 3. O CRESCIMENTO ESPIRITUAL TRAZ RESULTADOS PRÁTICOS (2 PE 1:8-11)

De que maneira o cristão pode ter certeza de que está crescendo espiritualmente? Pedro apresenta três evidências do verdadeiro crescimento espiritual.

**Frutos (v. 8).** O caráter cristão é um fim em si, mas também um meio de alcançar um fim. Quanto mais semelhantes a Jesus Cristo o cristão se tornar, mais o Espírito pode usar sua vida para testemunhar e servir. O cristão estagnado é infrutífero e "inativo". Seu conhecimento de Jesus Cristo não produz nada prático. O termo traduzido por "inativos" também significa "ineficazes". Quem não consegue crescer não consegue fazer nada!

Alguns dos cristãos mais eficazes que conheço são pessoas que não possuem habilidades ou talentos extraordinários nem personalidade carismática. No entanto, Deus usa sua vida de maneira maravilhosa, pois se tornam cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo. Apresentam o tipo de conduta e de caráter ao qual Deus pode confiar bênçãos. São frutuosos, pois são fiéis; são eficazes, pois crescem em sua experiência cristã.

Essas belas qualidades de caráter existem em nós porque possuímos a natureza divina. Devemos cultivá-las para que aumentem e produzam frutos em nossa vida e por meio dela.

**Visão (v. 9).** De acordo com especialistas em nutrição, a dieta pode afetar a visão, uma verdade que se aplica de modo especial à esfera espiritual. O não salvo está em trevas, pois Satanás lhe cega o entendimento (2 Co 4:3, 4). O indivíduo precisa nascer de novo a fim de que seus olhos sejam abertos e de que ele veja o reino de Deus (Jo 3:3). Mas, depois que os olhos são abertos, é importante desenvolver a visão e enxergar o que Deus quer mostrar. A oração "vendo só o que está perto" é a tradução de um termo que significa "miope". Retrata uma pessoa fechando os olhos ou fazendo força para enxergar, sem conseguir focalizar as coisas mais distantes.

Alguns cristãos vêem apenas a própria igreja ou denominação, mas não conseguem enxergar a grandeza da família de Deus ao redor do mundo. Alguns cristãos vêem as necessidades locais, mas não têm visão alguma para o mundo perdido. Alguém perguntou a Phillips Brooks o que ele faria para reavivar uma igreja morta, ao que ele respondeu: "Pregaria um sermão missionário e levantaria uma oferta!" Jesus admoestou seus discípulos: "Erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa" (Jo 4:35).

Algumas congregações de hoje são como a igreja de Laodicéia: orgulham-se de ser ricas e abastadas e de não precisar de coisa alguma, e não percebem que são infelizes, miseráveis, pobres, cegas e nuas (Ap 3:17). É triste ser "espiritualmente miope", mas é ainda mais triste ser cego!

Se esquecermos o que Deus fez por nós, não teremos ânimo algum para falar de Cristo a outros. Fomos purificados e perdoados por meio do sangue de Jesus Cristo! Deus abriu nossos olhos! Não esqueçamos o que ele fez! Antes, cultivemos a gratidão no coração e agucemos a visão espiritual. A vida é curta demais, e as necessidades do mundo são grandes demais para o povo de Deus ficar andando de um lado para o outro de olhos fechados!

**Segurança (vv. 10, 11).** Quando andamos com os olhos fechados, acabamos tropeçando. Mas o cristão em crescimento caminha confiante, pois sabe que está seguro em Cristo. O que garante que o indivíduo é salvo não é sua profissão de fé, mas sim seu progresso na fé. Se alguém afirma ser filho de Deus, mas seu caráter e conduta não dão evidência alguma de crescimento espiritual, engana-se a si mesmo e rumo para o julgamento.

Pedro ressalta que a “vocação” e a “eleição” andam juntas. O mesmo Deus que *elige* seu povo também determina o meio para *chamá-lo*. As duas coisas devem ser concomitantes, como Paulo escreve aos tessalonicenses: “porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, [...] para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho” (2 Ts 2:13, 14). Não pregamos aos incrédulos a doutrina da eleição, mas sim o evangelho. No entanto, Deus usa esse evangelho para chamar os pecadores ao arrependimento, e esses pecadores descobrem que foram escolhidos por Deus!

Pedro também afirma que a eleição não é desculpa para imaturidade espiritual ou para comodismo na vida cristã. Alguns cristãos dizem: “O que será, será. Não há nada que eu possa fazer”. Mas Pedro nos admoesta a ter diligência, ou seja, a “fazer todo esforço possível” (usa esse mesmo verbo em 2 Pe 1:5). Apesar de ser verdade que Deus precisa operar em nossa vida antes de sermos capazes de fazer sua vontade (Fp 2:12, 13), também é verdade que devemos *estar dispostos* a deixar Deus trabalhar e devemos

cooperar com ele. A eleição divina não deve servir de desculpa para a preguiça humana.

O cristão que está certo de sua eleição e vocação não “tropeça”, mas demonstra, por meio de uma vida coerente, que é verdadeiramente filho de Deus. Não estará sempre no alto do monte, mas estará sempre subindo. Procedendo desse modo (descrito em 2 Pe 1:5-7, cf. v. 8), demonstraremos crescimento e caráter cristão na vida diária, podendo ter a certeza de que somos convertidos e de que, um dia, viveremos no céu.

Na verdade, o cristão em crescimento pode aguardar com grande expectativa a “entrada no reino eterno” que lhe “será amplamente suprida”! Os gregos falavam de “suprir amplamente a entrada” para descrever as boas-vindas dadas aos vencedores olímpicos quando voltavam para casa. Todo cristão irá para o céu, mas alguns terão uma recepção mais gloriosa que outros. Infelizmente, alguns cristãos “[serão salvos], todavia, como que através do fogo” (1 Co 3:15).

O termo “suprir”, em 2 Pedro 1:11, é a mesma palavra traduzida por “associar” em 2 Pedro 1:5, e corresponde ao termo grego que significa “pagar as despesas de um coral”. Quando os grupos teatrais gregos apresentavam seus dramas, alguém precisava arcar com as despesas, que eram extremamente altas. Essa palavra passou a significar “provisão abundante”. Se multiplicarmos os esforços para crescer espiritualmente (2 Pe 1:5), Deus multiplicará suas provisões para nós quando entrarmos no céu!

Que bênçãos extraordinárias o cristão em crescimento desfruta: produz frutos, tem visão e segurança... e o que há de melhor no céu! Tudo isso e o céu também!

A vida do cristão começa com a fé, mas essa fé deve conduzir ao crescimento espiritual, pois, do contrário, será uma fé morta, que não produz salvação (Tg 2:14-26). A fé conduz ao crescimento, que, por sua vez, gera resultados práticos na vida e no serviço. Quem vive esse tipo de cristianismo dificilmente se deixa enganar pelos falsos mestres apóstatas.

## DESPERTEM E LEMBREM-SE

### 2 PEDRO 1:12-21

A melhor defesa contra os falsos ensinamentos é a vida autêntica. Uma igreja cheia de cristão em crescimento dificilmente se torna vítima de apóstatas e de seu cristianismo falsificado. Mas a vida cristã deve ser baseada na Palavra de Deus, a qual está investida de autoridade. Para os falsos mestres, é fácil seduzir pessoas sem conhecimento da Bíblia, mas que anseiam por ter “experiências” com o Senhor. É perigoso edificar a fé somente sobre experiências subjetivas e ignorar a revelação objetiva.

Pedro trata da experiência cristã na primeira parte de 2 Pedro 1 e, na outra metade, discute a revelação da Palavra de Deus. Seu propósito é mostrar a importância de conhecer a Palavra de Deus e de se firmar inteiramente nela. O cristão que sabe em que crê e por que crê raramente é seduzido por falsos mestres e por suas doutrinas errôneas.

Pedro ressalta a confiabilidade e durabilidade da Palavra de Deus fazendo um contraste entre as Escrituras e os homens, as experiências e o mundo.

#### 1. OS HOMENS MORREM, MAS A PALAVRA VIVE (2 PE 1:12-15)

Os apóstolos e profetas do Novo Testamento lançaram os alicerces da Igreja (Ef 2:20) por meio da pregação e do ensino, e nós, de gerações posteriores, edificamos sobre esses alicerces. No entanto, os homens não constituem a fundação; Jesus é a fundação (1 Co 3:11). Também é a pedra angular que dá coesão ao edifício (Ef 2:20). A fim de permanecer, a Igreja não pode construir sobre homens; antes, deve ser edificada sobre o Filho de Deus.

Jesus havia contado a Pedro quando e como o apóstolo morreria. “Quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres” (Jo 21:18). Isso explica por que, pouco depois de Pentecostes, Pedro conseguiu dormir na véspera do dia marcado para sua execução; sabia que Herodes não tiraria sua vida (At 12:1ss). De acordo com a tradição, Pedro foi crucificado em Roma. Como todos os servos fiéis de Deus, até que sua obra estivesse completa, Pedro era imortal.

Encontramos pelo menos três motivações por trás do ministério de Pedro ao escrever esta carta. Em primeiro lugar, a *obediência às ordens de Cristo*. “Sempre estarei pronto” (2 Pe 1:12). Jesus havia lhe dito: “Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22:32). Pedro sabia que tinha um ministério a realizar.

Em segundo lugar, essa lembrança era a *coisa certa a fazer*. Em suas palavras: “Considero justo”, ou seja, “creio que é correto e apropriado”. É sempre correto estimular os santos e lembrá-los da Palavra de Deus!

Seu terceiro motivo pode ser encontrado na expressão “esforçar-me-ei diligentemente”, em 2 Pedro 1:15. É o mesmo termo traduzido por “diligência” em 2 Pedro 1:5 e 10. Significa “apressar-se em fazer algo, ser zeloso em fazê-lo”. Pedro sabia que morreria em breve, de modo que desejava cumprir suas responsabilidades espirituais antes que fosse tarde demais. Uma vez que não sabemos quando vamos morrer, devemos começar a ser diligentes hoje mesmo!

Qual era o objetivo de Pedro? A resposta encontra-se em duas palavras correlatas em 2 Pedro 1:12, 13 e 15 – *lembrados* e *lembrança*. Pedro desejava gravar a Palavra de Deus na mente de seus leitores, a fim de que jamais se esquecessem dela! “Também considero justo [...] despertar-vos com essas lembranças” (2 Pe 1:13). O termo “despertar” significa “estimular, acordar”. A mesma palavra é usada para descrever uma tempestade no mar da Galiléia! (Jo 6:18). Pedro sabia que nossa mente tem a tendência de acostumar-se com a verdade e de deixar de lhe dar o devido valor. Esquecemos o que

devemos lembrar e lembramos o que devemos esquecer!

Os leitores desta carta conheciam a verdade e eram até "confirmados" na verdade (2 Pe 1:12), mas isso não garantia que se lembrariam sempre dela e que a aplicariam. O Espírito Santo foi dado à Igreja, dentre outros motivos, para lembrar os cristãos das lições que já aprenderam (Jo 14:26). Em meu ministério de rádio, costumo citar com frequência o que Paulo diz em Filipenses 3:1: "A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas". Como Mestre Supremo, Cristo repetiu algumas verdades várias vezes ao ensinar o povo.

Pedro sabia que estava para morrer e desejava deixar para trás algo que não passaria: a Palavra escrita de Deus. Suas duas epístolas tornaram-se parte das Escrituras inspiradas e têm ministrado aos santos ao longo dos séculos. Os homens morrem, mas a Palavra de Deus permanece!

É possível que Pedro também se referisse ao Evangelho de Marcos. A maioria dos estudiosos da Bíblia acredita que o Espírito usou Pedro para dar a João Marcos alguns dos dados para seu Evangelho (ver 1 Pe 5:13). De acordo com Papias, um dos patriarcas da Igreja, João Marcos era "discípulo e intérprete de Pedro".

A Igreja de Jesus Cristo está sempre a uma geração da extinção. Se não houvesse qualquer revelação escrita confiável, teríamos de depender da tradição oral. Quem já brincou de "telefone sem fio" sabe como uma frase pode mudar radicalmente depois de ser passada adiante várias vezes. Não dependemos de tradições de homens mortos, mas sim da verdade da Palavra de Deus. Os homens morrem, mas a Palavra de Deus permanece para sempre.

Se não tivéssemos uma revelação escrita confiável, estaríamos à mercê da memória humana. Quem se orgulha de ter excelente memória deveria assentar-se no banco das testemunhas de um tribunal! É impressionante como três testemunhas absolutamente honestas podem, com a consciência limpa, dar três relatos distintos sobre o mesmo

acidente de carro! Nossa memória é deficiente e seletiva. Costumamos lembrar o que queremos e, com frequência, distorcemos até isso.

Felizmente, é possível depender da Palavra escrita de Deus. "Está escrita" e continuará escrita para sempre. Podemos ser salvos por meio dessa Palavra viva (1 Pe 1:23-25), ser nutridos por ela (1 Pe 2:2) e, também, ser guiados e protegidos ao crer e obedecer.

## **2. AS EXPERIÊNCIAS PASSAM, MAS A PALAVRA PERMANECE (2 PE 1:16-18)**

O tema central deste parágrafo é a transfiguração de Jesus Cristo. Essa experiência é relatada por Mateus (17:1ss), Marcos (9:2-8) e Lucas (9:28-36); no entanto, nenhum desses autores estava presente quando ela ocorreu! Mas Pedro estava lá! Aliás, suas palavras nesta seção (2 Pe 1:12-18) trazem à memória exatamente sua experiência no monte da transfiguração. Ele usa o termo "tabernáculo" duas vezes (2 Pe 1:13, 14), sugerindo suas palavras no monte: "Farei aqui três tendas" (Mt 17:4). Em 2 Pedro 1:15, usa o termo "partida", *exodus* em grego, palavra usada em Lucas 9:31. Jesus não considerou sua morte na cruz uma derrota, mas sim um "êxodo": livraria seu povo da escravidão da mesma forma que Moisés livrara o povo de Israel do Egito! Pedro descreve a própria morte como um "êxodo", uma libertação da escravidão.

Convém observar o uso repetitivo da primeira pessoa do plural em 2 Pedro 1:16-19. Trata-se de uma referência a Pedro, Tiago e João - os únicos apóstolos que acompanharam Jesus no monte da transfiguração (João refere-se a essa experiência em Jo 1:14: "e vimos a sua glória"). Esses três homens só compartilharam com os outros o que havia ocorrido no monte depois da ressurreição de Jesus (Mt 17:9).

Qual foi o significado da transfiguração? Em primeiro lugar, confirmou o testemunho de Pedro acerca de Jesus Cristo (Mt 16:13-16). Pedro viu o Filho em sua glória e ouviu o Pai dizer do céu: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (2 Pe 1:17).

Primeiro depositamos nossa fé em Cristo e o confessamos, e, depois, ele os dá a confirmação maravilhosa.

A transfiguração também teve um significado especial para Jesus Cristo, que se aproximava, então, do Calvário. Foi uma forma de o Pai fortalecer o Filho para a provação terrível de ser sacrificado pelos pecados do mundo. A Lei e os Profetas (Moisés e Elias) apontaram para seu ministério e para o modo de Cristo cumprir essas Escrituras. O Pai falou do céu e assegurou o Filho de seu amor e aprovação. A transfiguração foi prova de que, quando estamos dentro da vontade de Deus, o sofrimento conduz à glória.

Encontramos, ainda, uma terceira mensagem relacionada ao reino prometido. Nos três Evangelhos que registram a transfiguração, o relato começa com uma declaração sobre o reino de Deus (Mt 16:28; Mc 9:1; Lc 9:27). Jesus prometeu que, antes de morrerem, alguns discípulos veriam o reino de Deus em poder! Isso se cumpriu no monte da transfiguração, quando Jesus revelou sua glória. Foi uma palavra de afirmação para os discípulos que estavam tendo dificuldade em compreender os ensinamentos de Cristo acerca da cruz. Se ele morresse, o que seria do reino prometido sobre o qual vinha pregando ao longo de todos aqueles meses?

Podemos entender, agora, por que Pedro usa esse acontecimento em sua carta: para refutar falsos ensinamentos de apóstatas, segundo os quais o reino de Deus nunca viria (2 Pe 3:3ss). Esses falsos mestres negavam a promessa da vinda de Cristo! No lugar das promessas de Deus, esses impostores colocavam “fábulas engenhosamente inventadas” (2 Pe 1:16) que privavam os cristãos de sua bendita esperança.

O termo “fábulas” refere-se a “mitos”, histórias inventadas sem qualquer base em fatos. O mundo grego e romano era repleto de histórias sobre deuses que não passavam de especulações humanas na tentativa de explicar o mundo e suas origens. Por mais interessantes que sejam esses mitos, os cristãos não devem levá-los a sério (1 Tm 1:4); antes, devem rejeitá-los (1 Tm 4:7). Paulo advertiu Timóteo de que viria um tempo em

que cristãos professos na Igreja “se [recusariam] a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Tm 4:4). Paulo também advertiu Tito sobre as “fábulas judaicas” (Tt 1:14), indicando que até mesmo alguns dos judeus abandonaram suas Escrituras sagradas em troca de substitutos criados por seres humanos.

Pedro apresenta um resumo do que viu e ouviu no monte da transfiguração. Viu Jesus Cristo vestido em glória majestosa e, portanto, testemunhou uma demonstração do “poder e [da] vinda” do Senhor Jesus Cristo. Jesus Cristo não mostrou abertamente sua glória quando veio ao mundo em Belém. Sem dúvida, revelou sua glória em seus milagres (Jo 2:11), mas até mesmo esses sinais foram realizados, em primeiro lugar, por causa dos discípulos. O rosto de Jesus não resplandecia e ele não tinha uma auréola sobre a cabeça. “Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (Is 53:2).

Pedro não apenas viu a glória de Deus como também ouviu a voz do Pai da “Glória Excelsa”. Testemunhas são pessoas que relatam fielmente o que viram e ouviram (At 4:20), e Pedro foi uma testemunha fiel. Jesus Cristo de Nazaré é o Filho de Deus? Sim! Como sabemos disso? O Pai nos disse!

Não testemunhamos pessoalmente a transfiguração, mas Pedro estava lá e apresenta um registro preciso de sua experiência na carta que escreveu inspirado pelo Espírito de Deus. As experiências passam, mas a Palavra de Deus permanece! As experiências são subjetivas, mas a Palavra de Deus é objetiva. As experiências podem ser interpretadas de diferentes formas pelos vários participantes, mas a Palavra de Deus apresenta uma única mensagem clara. As memórias de nossas experiências podem ser distorcidas inconscientemente, mas a Palavra de Deus não muda e permanece para sempre.

Ao estudar 2 Pedro 2, vemos que os mestres apóstatas tentavam fazer o povo desviar-se da Palavra de Deus e buscar “experiências mais profundas” contrárias à Palavra. Esses falsos mestres usavam “palavras fictícias” em vez da Palavra inspirada de Deus

(2 Pe 2:3) e ensinavam “heresias destruidoras” (2 Pe 2:1). Em outras palavras, trata-se de uma questão de vida ou morte! Quem crê na verdade vive, mas quem crê em mentiras morre. É a diferença entre a salvação e a condenação.

Ao lembrar seus leitores da transfiguração, Pedro afirma várias doutrinas importantes da fé cristã. Declara que Jesus Cristo é, de fato, o Filho de Deus. O teste de qualquer religião é o que ela afirma acerca de Jesus Cristo. Se um mestre religioso nega a divindade de Cristo, não passa de um falso mestre (1 Jo 2:18-29; 4:1-6).

Mas a pessoa de Jesus Cristo não é o único teste; também se deve perguntar: “O que é a obra de Jesus Cristo? Por que ele veio e fez o que fez?” Mais uma vez, a transfiguração dá a resposta, pois Moisés e Elias “apareceram em glória e falavam da sua partida [êxodo], que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9:31). Sua morte não foi simplesmente um exemplo, como alguns teólogos liberais desejam levar a crer; foi um êxodo, uma realização. Cristo realizou algo na cruz: a redenção dos pecadores perdidos!

A transfiguração também foi uma afirmação da veracidade das Escrituras. Moisés representava a Lei; Elias, os Profetas; e ambos apontavam para Jesus Cristo (Hb 1:1-3). Ele cumpriu a Lei e os Profetas (Lc 24:27). Cremos nas Escrituras porque Jesus creu nelas e afirmou que são a Palavra de Deus. Os que questionam a veracidade e autoridade das Escrituras não argumentam contra Moisés, Elias ou Pedro, mas sim contra o Senhor Jesus Cristo.

Esse acontecimento também afirmou a realidade do reino de Deus. Nós, que temos a Bíblia completa, podemos olhar para trás e entender as lições progressivas que Jesus ensinou a seus discípulos acerca da cruz e do reino; mas naquela época, os doze homens ficaram extremamente confusos. Não entenderam a relação entre o sofrimento e a glória de Cristo (a Primeira Epístola de Pedro trata desse tema) e entre a Igreja e seu reino. Na transfiguração, Cristo deixou claro a seus seguidores que o *sofrimento*

*conduziria à glória* e que, em última análise, a cruz resultaria na coroa.

Pedro, Tiago e João também precisavam aprender uma lição bastante prática, pois os três também sofreriam. Tiago foi o primeiro apóstolo a morrer (At 12:1, 2). João teve vida longa mas marcada pelo exílio e pela aflição (Ap 1:9). Pedro sofreu pelo Senhor durante seu ministério e entregou a vida pelo Mestre exatamente como Jesus havia profetizado. No monte da transfiguração, Pedro, Tiago e João aprenderam que o sofrimento e a glória andam juntos e que o amor e a aprovação especial do Pai são concedidos aos que estão dispostos a sofrer por amor a Cristo. Precisamos dessa mesma lição hoje.

Pedro não pôde dividir sua experiência conosco, mas compartilhou seu registro para que o tivéssemos gravado permanentemente na Palavra de Deus. Não é preciso tentar reproduzir essas experiências; na verdade, tais tentativas acabam sendo perigosas, pois o diabo poderia produzir uma falsa experiência, a fim de nos fazer desviar do caminho da verdade.

Convém lembrar a declaração maravilhosa de Pedro no início desta epístola acerca da “fé igualmente preciosa”. Isso significa que nossa fé é tão preciosa quanto a dos apóstolos! Eles não viajaram de primeira classe e nos deixaram aqui para viajar de classe econômica. Pedro escreve “aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa” (grifo nosso). Não estamos no monte da transfiguração, mas ainda assim podemos nos beneficiar dessa experiência ao meditar sobre ela e permitir que o Espírito de Deus revele as glórias de Jesus Cristo.

Por meio desses contrastes, aprendemos duas verdades importantes: os homens morrem, mas a Palavra de Deus continua sempre viva; as experiências passam, mas a Palavra de Deus permanece. Pedro acrescenta um terceiro contraste.

### **3. O MUNDO ESCURECE, MAS A PALAVRA RESPLANDECE (2 PE 1:19-21)**

Em alguns aspectos, o mundo está melhorando. Sou grato a Deus pelos avanços na medicina, nos transportes e nos meios de

comunicação. Posso me dirigir a mais pessoas em um programa de rádio do que os apóstolos alcançaram em sua vida inteira. Posso escrever livros que serão distribuídos em outros países e até traduzidos para outras línguas. O mundo também fez grande progresso na área científica. No entanto, o coração humano continua perverso, e todo esse aprimoramento de recursos não melhorou nossa vida. A ciência médica pode proporcionar uma vida mais longa, mas não tem como garantir a qualidade de vida. Os meios modernos de comunicação também servem para espalhar mentiras com mais rapidez e facilidade! Aviões a jato transportam as pessoas mais rapidamente de um lugar para outro, mas não há lugares melhores para ir!

O fato de o mundo encontrar-se mergulhado em trevas espirituais não deve causar espanto. No sermão do monte, Jesus advertiu que a Igreja seria invadida por impostores que ensinariam falsas doutrinas (Mt 7:13-29). Paulo dá uma advertência semelhante aos presbíteros de Éfeso (At 20:28-35) e apresenta outras admoestações em suas epístolas (Rm 16:17-20; 2 Co 11:1-15; Gl 1:1-9; Fp 3:17-21; Cl 2; 1 Tm 4; 2 Tm 3 - 4). Até mesmo João, o grande "apóstolo do amor", adverte sobre mestres anticristãos que tentariam destruir a Igreja (1 Jo 2:18-29; 4:1-6).

Em outras palavras, os apóstolos não esperavam que o mundo se tornasse cada vez melhor em termos espirituais ou morais. Todos advertiram a Igreja sobre falsos mestres que invadiriam as congregações locais, apresentariam falsas doutrinas e fariam muitas pessoas se desviarem. O mundo escureceria cada vez mais, e a Palavra de Deus resplandeceria cada vez mais.

Pedro faz três declarações acerca dessa Palavra.

**É a Palavra confirmada (v. 19a).** Pedro não está sugerindo que a Bíblia seja mais verdadeira do que a experiência que ele teve no monte da transfiguração. Sua experiência foi real, e o registro bíblico é confiável. Como vimos, a transfiguração foi uma demonstração da promessa dada na Palavra profética, e hoje essa promessa é ainda mais

certa por causa do que Pedro experimentou. A transfiguração corroborou as promessas proféticas. Os apóstatas tentariam desacreditar a promessa da vinda de Cristo (2 Pe 3:3ss), mas as Escrituras são fiéis. Afinal, a promessa do reino foi reafirmada por Moisés, Elias, o Filho de Deus e o Pai! E o Espírito Santo registrou essa verdade para que fosse lida pela Igreja!

"O testemunho do SENHOR é fiel" (Sl 19:7). "Fidelíssimos são os teus testemunhos" (Sl 93:5). "Fiéis, todos os seus preceitos" (Sl 111:7). "Por isso, tenho por, em tudo, retos os teus preceitos todos e aborreço todo caminho de falsidade" (Sl 119:128).

É interessante colocar lado a lado 2 Pedro 1:16 e 19: "Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas [...] Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética". Em minhas viagens, não é raro encontrar nos aeroportos membros de seitas trabalhando com grande zelo, todos tentando me fazer comprar seus livros. Sempre me recuso, pois tenho a Palavra fiel de Deus e não preciso de fábulas religiosas de homens. "Que tem a palha com o trigo?" (Jr 23:28).

Um dia, porém, encontrei um desses livros que alguém havia esquecido no banheiro dos homens e decidi levá-lo comigo e lê-lo. Não consigo entender como alguém é capaz de crer em fábulas tão tolas. O tal livro afirmava ser baseado na Bíblia, mas o escritor distorceu as Escrituras de modo a fazer os versículos citados significarem exatamente o que ele queria. Fábulas elaboradas com grande astúcia! No entanto, dentro daquele livro, encontrava-se a morte espiritual para qualquer um que lesse e cresse naquelas mentiras.

**É a Palavra resplandecente (v. 19b).** Pedro chama o mundo de "lugar tenebroso", sendo que o adjetivo refere-se a algo "obscuro". É o retrato de um porão escuro ou de um pântano sinistro. A história humana teve início em um lindo jardim, mas hoje esse jardim é um pântano tenebroso. O que vemos ao olhar para o sistema deste mundo indica a condição espiritual de nosso coração.



Ainda podemos ver a beleza de Deus na criação, mas não vemos beleza alguma no que a humanidade faz com essa criação. Pedro não vê o mundo como um jardim do Éden, e também não devemos imaginá-lo como tal.

Deus é luz e sua Palavra é luz. “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). Quando Jesus Cristo começou seu ministério, “aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz” (Mt 4:16). Sua vinda a este mundo foi a aurora de um novo dia (Lc 1:78). Nós, cristãos, somos a luz do mundo (Mt 5:14-16), e é nosso privilégio e responsabilidade mostrar a Palavra da vida – a luz de Deus – para que os homens vejam o caminho e sejam salvos (Fp 2:14-16).

Como cristãos, devemos obedecer a essa Palavra e governar nossa vida de acordo com o que ela diz. Para os incrédulos, as coisas ficarão cada vez mais escuras até acabarem em trevas eternas; mas o povo de Deus espera a volta de Jesus Cristo e a aurora de um novo dia de glória. Os falsos mestres zombavam dessa esperança, mas Pedro reafirma a verdade da Palavra fiel de Deus. “Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor” (2 Pe 3:10).

Antes de o dia raiar, a “estrela da alva” brilha intensamente como um arauto do amanhecer. Para a Igreja, Jesus Cristo é “a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22:16). Por mais sombrio que seja o dia, a promessa de sua vinda resplandece intensamente (ver Nm 24:17). Ele também é o “sol da justiça”, que trará cura para os cristãos e julgamento para os ímpios (Ml 4:1, 2). Devemos ser profundamente agradecidos pela Palavra fiel e resplandecente de Deus e obedecer a ela nestes dias de escuridão!

**É a Palavra dada pelo Espírito (vv. 20, 21).** Vemos aqui uma de duas declarações importantes das Escrituras acerca da inspiração divina da Palavra de Deus. A outra passagem é 2 Timóteo 3:14-17. Pedro afirma que as Escrituras não foram redigidas por homens que usaram as próprias idéias e palavras, mas sim por homens de Deus “movid

pelos Espírito Santo”. O termo traduzido por “movid” significa “ser conduzido, como uma embarcação é levada pelo vento”. As Escrituras não foram inventadas por homens, mas sim inspiradas por Deus.

Mais uma vez, Pedro refuta as doutrinas dos apóstatas. Ensinavam com “palavras fictícias” (2 Pe 2:3) e distorciam as Escrituras de modo a fazê-las significar outra coisa (2 Pe 3:16). Negavam a promessa da vinda de Cristo (2 Pe 3:3, 4) e, desse modo, contradiziam as próprias Escrituras proféticas.

Uma vez que foi o Espírito quem deu a Palavra, somente o Espírito pode ensinar e interpretar a Palavra corretamente (ver 1 Co 2:14, 15). É evidente que todo falso mestre afirma ser “guiado pelo Espírito”, mas logo é desmascarado pela forma como maneja a Palavra de Deus. Uma vez que a Bíblia não veio a existir pela volição humana, também não pode ser compreendida pela volição humana. Até mesmo Nicodemos, um homem religioso e líder dos judeus, mostrou-se ignorante das doutrinas mais essenciais da Palavra de Deus (Jo 3:10-12).

Em 2 Pedro 1:20, Pedro não proíbe o cristão de estudar a Bíblia sozinho. Alguns grupos religiosos ensinam que somente os “líderes espirituais” podem ensinar as Escrituras e usam esse versículo para defender tal idéia. Mas Pedro não está escrevendo primeiramente sobre a interpretação das Escrituras, mas sim sobre sua origem: são provenientes do Espírito Santo por meio de homens santos de Deus. E, uma vez que vieram do Espírito, devem ser ensinadas pelo Espírito.

A palavra traduzida por “particular” significa “pertencente a alguém” ou “próprio”. Essa afirmação sugere que, uma vez que todas as Escrituras foram inspiradas pelo Espírito, devem apresentar coerência, e nenhum de seus textos pode ser separado do todo. Ao isolar um versículo de seu contexto verdadeiro, é possível usar a Bíblia para provar praticamente qualquer coisa, sendo essa, exatamente, a abordagem empregada pelos falsos mestres. Pedro afirma que o testemunho dos apóstolos confirmou o testemunho da Palavra profética; trata-se de uma

mensagem sem contradições. Portanto, a única maneira de os falsos mestres “prova-rem” suas doutrinas heréticas é pelo uso indevido da Palavra de Deus. Textos isolados fora de seu contexto transformam-se em pretexto.

A Palavra de Deus foi escrita para pessoas comuns, não para professores de teologia. Os autores partiram do pressuposto de que suas palavras seriam lidas, compreendidas e aplicadas por gente comum, guiada pelo mesmo Espírito Santo que inspirou tais palavras. Até o cristão mais humilde pode aprender sobre Deus ao ler e meditar acerca da Palavra de Deus; não precisa de “especialistas” para lhe mostrar a verdade. No entanto, isso não nega o ministério dos mestres na Igreja (Ef 4:11), pessoas especiais que têm o dom de explicar e aplicar as Escrituras. Também não nega a “sabedoria coletiva” da Igreja, uma vez que, no decorrer das eras, essas doutrinas foram definidas e refinadas. Os mestres e os credos têm seu lugar, mas não devem usurpar a autoridade

da Palavra, substituindo-a pela consciência do cristão individual.

Até o dia amanhecer, é preciso certificar-se de que o amor pela vinda de Cristo é como uma estrela resplandecente no coração (2 Pe 1:19). Quem ama sua vinda espera por ela; e é a Palavra que mantém acesa essa expectativa.

Os homens morrem, mas a Palavra vive. As experiências passam, mas a Palavra permanece. O mundo escurece, mas a luz profética resplandece cada vez mais. O cristão que edifica a vida na Palavra de Deus e que espera a vinda do Salvador dificilmente será enganado por falsos mestres. Antes, será ensinado pelo Espírito e firmado na Palavra fiel de Deus.

A mensagem de Pedro é: “despertem - e lembrem-se!” Há igrejas que dão espaço para o diabo atuar. O inimigo da parábola em Mateus 13:24ss semeou o joio enquanto os homens dormiam.

O apóstolo insta-nos a permanecer alertas. “Despertem e lembrem-se!”

## CUIDADO COM OS IMPOSTORES

### 2 PEDRO 2:1-9

Um dos negócios fraudulentos mais bem-sucedidos hoje em dia é a venda de arte falsificada. Até mesmo algumas das melhores galerias e coleções particulares já foram vítimas de falsificações astuciosas de obras dos grandes mestres. Editoras também já foram logradas, comprando manuscritos “genuínos” que, no final das contas, não eram assim tão autênticos.

Mas as falsificações não são novidade. Satanás é o “grande imitador” (ver 2 Co 11:13-15) e vem trabalhando com afinco desde que enganou Eva no jardim (Gn 3:1-7; 2 Co 11:1-4). O inimigo tem cristãos falsos (Mt 13:38; Jo 8:44), um falso evangelho (Gl 1:6-9) e até uma falsa justiça (Rm 9:30 - 10:4). Um dia, apresentará ao mundo um falso Cristo (2 Ts 2).

Em várias ocasiões, a nação de Israel desviou-se da verdade por dar ouvidos a falsos profetas. Elias teve de confrontar os profetas de Baal, que promoviam uma religião pagã. No entanto, foram os falsos profetas de *Israel* que causaram mais estrago, pois afirmavam falar em nome do Deus Jeová. Tanto Jeremias quanto Ezequiel denunciaram esse ministério não verdadeiro, mas, ainda assim, o povo escolheu seguir os impostores, pois a religião dos falsos profetas era simples, confortável e fácil de aceitar. Não se preocupavam com o fato de que os falsos profetas pregavam uma paz irreal (Jr 6:14). Essa era mensagem que queriam ouvir!

Os apóstolos e profetas lançaram os alçerces da Igreja e depois saíram de cena (Ef 2:20). Assim, Pedro escreve sobre falsos mestres e não sobre falsos profetas, pois ainda existem mestres na Igreja. Dificilmente

os membros da igreja dariam ouvidos a um “profeta”, mas atentariam para um mestre da Palavra. Satanás sempre usa a abordagem mais eficaz.

A fim de nos admoestar a ficar alertas, Pedro apresenta três aspectos dessa questão dos falsos mestres na Igreja.

#### 1. UMA DESCRIÇÃO DOS FALSOS MESTRES (2 PE 2:1-3)

Não é uma imagem agradável! Quando se lê a Epístola de Judas, vê-se como ele usa essa mesma linguagem vívida. Pedro sabia ser impossível a verdade da Palavra de Deus e as falsas doutrinas dos hereges coexistirem. Não poderia fazer qualquer tipo de concessão, assim como um cirurgião não pode deixar qualquer vestígio de um tumor maligno no corpo do paciente.

**Engano (v. 1a).** Este tema repete-se ao longo de todo o capítulo. Em primeiro lugar, a mensagem de tais mestres é falsa. Pedro chama os ensinamentos deles de “heresias destruidoras”. Originalmente, a palavra *heresia* significava apenas “fazer uma escolha”, mas passou a referir-se a uma “seita ou partido”. Promover um espírito partidário dentro da igreja é uma das obras da carne (Gl 5:20). Sempre que um membro pergunta a outro: “Você está do meu lado ou do lado do pastor?”, está promovendo um espírito partidário e causando divisão. O falso mestre obriga a pessoa a escolher entre suas doutrinas e as da verdadeira fé cristã.

Não apenas sua mensagem era falsa, mas também seus métodos eram enganadores. Em vez de declararem abertamente em que criam, entravam na igreja sob falsos pretextos e davam a impressão de ser fiéis à fé cristã. Uma tradução literal seria: “colocam ao lado secretamente”. Não descartam a verdade de imediato; antes, colocam seus falsos ensinamentos lado a lado com a verdade e dão a impressão de crer nos fundamentos da fé cristã. Mas, em pouco tempo, removem a verdadeira doutrina e deixam em seu lugar a falsa.

Em 2 Pedro 2:3, o apóstolo ressalta que os falsos mestres usam “palavras fictícias”. O termo grego é *plastos*, de onde vem a

palavra *plástico*. Palavras de plástico! Palavras que podem ser distorcidas de modo a significar qualquer coisa! Os falsos mestres usam nosso vocabulário, mas não usam nosso dicionário. Falam de “salvação”, de “inspiração” e de outras grandes palavras da fé cristã, mas não respeitam seu significado real. Cristãos imaturos e ignorantes ouvem esses pregadores ou lêem seus livros e pensam que tais homens possuem uma fé autêntica, quando, na verdade, não é esse o caso.

Satanás é mentiroso, como também o são seus ministros. Não usam a Bíblia para esclarecer, mas sim para enganar. Seguem o mesmo padrão empregado por Satanás quando enganou Eva (Gn 3:1-6). Primeiro, questionou a Palavra de Deus: “É assim que Deus disse...?” Então, negou a Palavra de Deus: “É certo que não morrereis”. Por fim, colocou sua mentira no lugar da verdade: “Como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”.

É importante lembrar sempre que esses mestres apóstatas não são inocentemente ignorantes da Palavra de Deus, como no caso de Apolo (At 18:24-28). Conhecem a verdade, mas a rejeitam deliberadamente. Em um congresso de líderes cristãos foi pedido a um pastor que apresentasse sua dissertação sobre “A visão paulina da justificação”. Ele leu o texto que havia preparado e fez uma apresentação esplêndida da verdade do evangelho e da justificação pela fé. Depois de sua palestra, um amigo comentou com ele:

- Não sabia que você acreditava nisso.
- Não acredito - respondeu o pastor liberal.
- Não perguntaram quais eram as *minhas* convicções. Pediram que eu escrevesse sobre o ponto de vista de Paulo!

**Negação (v. 1b).** Os falsos mestres são mais conhecidos por aquilo que negam do que por aquilo que afirmam. Negam a inspiração da Bíblia, o caráter pecaminoso do ser humano, a morte sacrificial de Jesus Cristo na cruz, a salvação somente pela fé e até mesmo a realidade do julgamento eterno. Negam especialmente a divindade de Jesus Cristo, pois sabem que, se eliminarem sua divindade, podem destruir a verdade cristã

como um todo. O cristianismo é Cristo, e se ele não é quem afirma ser, não existe fé cristã.

É importante deixar claro que esses falsos mestres não eram salvos. São comparados a cães e porcos, não a ovelhas (2 Pe 2:22). Judas descreve essas mesmas pessoas e, em Judas 19, afirma claramente “que não têm o Espírito”. Se um indivíduo não tem o Espírito de Deus dentro de si, não é filho de Deus (Rm 8:9). Pode fingir que é salvo e até se tornar membro ou líder de uma igreja conservadora, mas, um dia, acabará negando ao Senhor.

Em que sentido essas pessoas foram “resgatadas” pelo Senhor? Apesar de ser verdade que Jesus Cristo morreu pela Igreja (Ef 5:25), também é verdade que ele morreu pelos pecados do mundo todo (1 Jo 2:2). Ele é o homem que comprou o campo todo (o mundo) para que pudesse adquirir o tesouro que se encontrava nele (Mt 13:44). No que diz respeito a sua *aplicação*, a expiação de Cristo é limitada aos que crêem. Mas no que diz respeito a sua *eficácia*, sua morte é suficiente para o mundo todo. Ele comprou até mesmo os que o rejeitaram e negaram, o que torna ainda maior a condenação de tais indivíduos.

Até mesmo cristãos piedosos e dedicados podem discordar quanto a detalhes da doutrina, mas todos concordam quanto à Pessoa e à obra de Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus e é Deus Filho. É o único Salvador. Negar essa verdade é condenar a própria alma.

**Sensualidade (v. 2).** As “práticas libertinas” referem-se a uma “conduta licenciosa”. Judas acusa os falsos mestres de “[transformarem] em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4). Agora entendemos por que eles negam as verdades da fé cristã: desejam satisfazer as próprias concupiscências, e o fazem à guisa da religião. Os falsos profetas do tempo de Jeremias eram culpados desses mesmos pecados (Jr 23:14, 32).

O fato de que *muitos* seguem o exemplo de sua conduta perversa prova que as pessoas preferem seguir as coisas falsas em vez das verdadeiras, as sensuais em vez das espirituais. Esses falsos mestres são extremamente

bem-sucedidos em seu ministério! Podem mostrar estatísticas impressionantes e reunir multidões. Mas as estatísticas não comprovam a autenticidade. O caminho largo que conduz à destruição é cheio de gente (Mt 7:13, 14). Muitos afirmam ser verdadeiros servos de Cristo, mas serão rejeitados no último dia (Mt 7:21-23).

O que acontece com seus seguidores? Em primeiro lugar, envergonham o nome de Cristo. A reputação da fé cristã sofre por causa da vida impura desses indivíduos. “No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra” (Tt 1:16). “O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa” (Rm 2:24). Poucas coisas atrapalham tanto a causa de Cristo quanto a péssima reputação dos que se dizem cristãos e que são membros de igrejas conservadoras.

**Avareza (v. 3).** Os falsos mestres estão interessados em uma coisa só: ganhar dinheiro. Exploram pessoas ignorantes (“farão comércio de vós”) e usam a religião com “intuitos gananciosos” (1 Ts 2:5). Tanto Jesus quanto os apóstolos eram pobre; no entanto, se dedicaram a ministrar a outros. Esses falsos mestres são homens ricos que usam de astúcia para que outros lhes ministrem! Miquéias descreve os falsos profetas do seu tempo: “Os seus cabeças dão as sentenças por suborno, os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro” (Mq 3:11). Sem dúvida, o trabalhador é digno de seu salário (Lc 10:7), mas a motivação para o ministério deve ir muito além do interesse financeiro. Costuma-se dizer que a imoralidade, o amor ao dinheiro e o orgulho são a causa da ruína de muitos. Esses falsos mestres eram culpados das três coisas!

Usavam “palavras plásticas” bem como “palavras jactanciosas de vaidade” (2 Pe 2:18) para fascinar e influenciar suas vítimas. Lisonjeavam os pecadores e lhes diziam aquilo que os faz sentir bem e que desejam ouvir (ver o contraste em 1 Ts 2:5). Manipulavam a “coceira nos ouvidos” dos que rejeitavam

a verdade da Bíblia e que procuravam fábulas (2 Tm 4:1-4). A religião pode ser um instrumento poderoso de exploração dos mais fracos, e esses falsos mestres aproveitavam-se ao máximo desse instrumento. Não eram ministros, mas sim mercadores.

O verdadeiro ministro de Jesus Cristo não tem coisa alguma a esconder: sua vida e seu ministério são um livro aberto. Ele prega a verdade em amor e não distorce as Escrituras para corroborar suas idéias egoístas. Não lisonjeia os ricos nem ministra somente para ganhar dinheiro. Paulo descreve o verdadeiro ministro em 2 Coríntios 4:2: “pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade”. Ao contrastar essa descrição com o que Pedro escreve neste capítulo e o que Judas também escreve, encontra-se uma diferença enorme. É preciso estar alertas e recusar sustentar ministérios que exploram as pessoas e negam o Salvador.

## 2. A DESTRUIÇÃO DOS FALSOS MESTRES (2 PE 2:3-6, 9B)

Pedro não via esperança alguma para esses apóstatas; seu destino estava selado. Sua atitude era diferente daquela dos “religiosos” de hoje que dizem: “Bem, eles podem não concordar conosco, mas existem muitos caminhos para o céu”. Pedro deixa claro que esses falsos mestres estavam “abandonando o reto caminho” (2 Pe 2:15), o que significa que iam para o lugar *errado*! Seu julgamento ainda não havia sobrevindo, mas era certo e, de acordo com Pedro, não tardaria nem dormiria, mas viria no devido tempo.

Nesta seção, Pedro demonstra que, por mais seguro que o pecador se sinta, o julgamento final sobrevém. Usa três exemplos para comprovar essa verdade (ver também Jd 6-8).

**Os anjos caídos (v. 4).** Gostaríamos de saber mais sobre a criação dos anjos e a queda de Lúcifer, mas a maioria desses detalhes encontra-se envolta em mistério. Muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Isaías

14:12-15 descreve a queda de Lúcifer, o mais alto dos anjos. Alguns estudiosos acreditam que Ezequiel 28:11-19 trata do mesmo assunto. Ao que parece, Lúcifer era o representante de Deus, encarregado das hostes angelicais, mas que, por orgulho, tentou tomar até o trono de Deus (John Milton retrata essa idéia de maneira imaginativa em sua obra *Paraíso perdido*). Apocalipse 12:4 sugere que talvez um terço dos anjos tenha caído com Lúcifer, que se tornou Satanás, o adversário de Deus.

Onde estão esses anjos caídos agora? Sabemos que Satanás está livre, opera pelo mundo afora (1 Pe 5:8) e tem um exército demoníaco para ajudá-lo (Ef 6:10-12), provavelmente constituído de alguns desses anjos caídos. Mas Pedro afirma que alguns destes foram confinados no "tártaro", termo grego para "inferno". É possível que o tártaro seja uma parte especial do inferno, onde esses anjos encontram-se acorrentados em abismos de trevas, aguardando o julgamento final. Não é preciso discutir os mistérios desse versículo a fim de entender a mensagem principal: Deus julga a rebeldia e não poupa os que rejeitam sua vontade. Se Deus julgou os anjos que, em vários sentidos são superiores aos seres humanos, sem dúvida julgará os seres humanos rebeldes.

**O mundo antigo (v. 5).** Gênesis 6:3 indica que Deus esperou 120 anos para enviar o dilúvio. Durante esse tempo, Noé ministrou como "arauto" da justiça de Deus. Para uma descrição do mundo antes do dilúvio, ver Romanos 1:18ss. A civilização gentia havia se tornado tão corrupta que o Senhor precisou limpar a Terra. Salvou apenas oito pessoas - Noé e sua família -, porque confiaram em Deus (Hb 11:7).

Mas ninguém creu na mensagem de Noé! Jesus deixou claro que as pessoas levavam a vida normalmente até ao dia em que Noé e sua família entraram na arca! (Lc 17:26, 27). Sem dúvida, uma porção de "entendidos" zombou de Noé e garantiu ao povo que não havia a mínima possibilidade de cair um temporal. Alguém por acaso já havia visto tal coisa? Os apóstatas do tempo de Pedro usavam a mesma argumentação

para "provar" que o Dia do Senhor não viria (2 Pe 3:3ss).

Quando comparamos nosso mundo com o mundo no tempo de Noé, encontramos alguns paralelos assustadores. A população multiplicava-se (Gn 6:1), e o mundo estava cheio de perversidade (Gn 6:5) e de violência (Gn 6:11, 13). Havia iniquidade por toda parte. Os verdadeiros cristãos eram minoria, e ninguém lhes dava atenção! Mas o dilúvio caiu, e toda a população do mundo foi destruída. Por certo, Deus julga os que rejeitam sua verdade.

**Sodoma e Gomorra (vv. 6, 9b).** O relato encontra-se em Gênesis 18 e 19, e a opinião de Deus acerca dessas cidades encontra-se em Gênesis 13:13: "Ora, os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores contra o SENHOR". Pedro afirma que eram "insubordinados", e Judas diz que haviam se "entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne" (Jd 7). Os homens de Sodoma entregavam-se a práticas imundas e "iníquas" (2 Pe 2:7, 8). Uma vez que a Lei de Moisés ainda não havia sido dada, a palavra "iníquas" não é possível tratar-se de uma referência à Lei de Israel. Em que sentido, portanto, as obras desses homens eram "iníquas"? Eram contrárias à natureza (ver Rm 1:24-27). O pecado flagrante de Sodoma e de outras cidades era o sexo não natural, a sodomia ou homossexualismo, pecado claramente condenado nas Escrituras (Lv 18:22; Rm 1:24-27; 1 Co 6:9).

Apesar da oração intercessora de Abraão (Gn 18:22ss) e da advertência de Ló no último instante, o povo de Sodoma pereceu sob a chuva de fogo e enxofre. Mais uma vez, até o último segundo, quando Ló deixou a cidade, o povo estava plenamente seguro de si; mas então, o fogo caiu (Lc 17:28, 29). Deus não os poupou, e não poupará o pecador que rejeitar deliberadamente sua verdade e negar seu Filho. Ao que tudo indica, Deus sepultou Sodoma e Gomorra sob o mar Morto. As duas cidades servem de exemplo para que os pecadores de hoje tenham cuidado com a ira vindoura.

Depois de citar esses três exemplos de julgamento certo, Pedro aplica a lição aos

indivíduos em pauta, *os falsos mestres* (2 Pe 2:9b). Deus reservou os injustos para o castigo no dia do julgamento. Os falsos mestres podem parecer bem-sucedidos (pois “muitos” os seguirão), mas no final serão condenados. Seu julgamento está sendo preparado neste instante (“não tarda”, 2 Pe 2:3), e o que está preparado e reservado será aplicado no último dia.

Que contraste entre os falsos mestres e os verdadeiros filhos de Deus! Temos uma herança reservada para nós (1 Pe 1:4) porque Jesus Cristo está preparando um lar para nós no céu (Jo 14:1-6). Não esperamos pelo julgamento, mas pela vinda do Senhor para buscar seu povo e levá-lo para o lar em glória! “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5:9).

Em seguida, Pedro volta a atenção para os cristãos. De que maneira podem permanecer fiéis ao Senhor em um mundo tão perverso?

### 3. O LIVRAMENTO DOS VERDADEIROS CRISTÃOS (2 PE 2:5-9A)

O propósito de Pedro não é apenas acusar os apóstatas, mas também encorajar os cristãos autênticos. Mais uma vez, ele volta ao Antigo Testamento e cita dois exemplos de livramento.

**Noé (v. 5).** Esse homem de fé experimentou um livramento duplo. Primeiro, Deus o livrou da contaminação do mundo ao seu redor. Durante 120 anos, Noé proclamou fielmente a Palavra de Deus a pessoas que se recusavam a crer nessa verdade. Ele e sua família estavam cercados de trevas morais e espirituais e, no entanto, tiveram o cuidado de fazer sua luz continuar brilhando. Deus não protegeu Noé e sua família isolando-os do mundo, mas permitindo que se mantivessem puros em meio à corrupção. Por meio de Jesus Cristo, nós também “[livramonos] da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pe 1:4).

Cristo pediu ao Pai celestial: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17:15). Podemos imaginar Noé e a esposa criando uma família no meio

de um mundo tão perverso que era impossível terem amigos crentes! No entanto, Deus providenciou para os filhos de Noé esposas que vieram a crer no Deus vivo e guardou seu lar da contaminação do mundo.

Mas Deus também livrou Noé e sua família do julgamento do mundo. As águas do dilúvio que trouxeram condenação serviram apenas para elevar Noé e sua família acima do julgamento. Permaneceram a salvo dentro da arca segura. Em sua primeira epístola, Pedro viu na arca um tipo da salvação em Jesus Cristo (1 Pe 3:20-22). O mundo foi, por assim dizer, “sepultado” no batismo do dilúvio, mas Noé foi elevado, um retrato da ressurreição e salvação.

Sem dúvida, Pedro está garantindo a seus leitores que estarão a salvo quando o grande dia do julgamento vier. Jesus Cristo é nossa “arca segura”. Ele nos livra da ira vindoura (1 Ts 1:10). Deus prometeu que a Terra nunca mais seria julgada pela água; o julgamento vindouro será pelo fogo (2 Pe 3:10ss). No entanto, os que aceitaram a Cristo jamais serão julgados (Jo 5:24), pois Jesus levou seu julgamento sobre si na cruz.

**Ló (vv. 6-9a).** Abraão levou seu sobrinho Ló consigo quando deixou Ur e foi para a terra de Canaã, mas Ló acabou trazendo mais problemas do que bênçãos. Quando Abraão, num lapso de fé, desceu para o Egito, Ló foi com ele e experimentou “o mundo” (Gn 12:10 - 13:1). À medida que foi enriquecendo, Ló teve de se separar de Abraão e, com isso, se afastou da influência piedosa de seu tio. Que privilégio para Ló poder andar com Abraão que, por sua vez, andava com Deus! Mas como Ló desperdiçou seus privilégios!

Quando Ló teve de escolher uma nova região para habitar, avaliou-a segundo o que havia visto no Egito (Gn 13:10). Abraão tirou Ló do Egito, mas não conseguiu tirar o Egito de dentro de Ló. Ló “ia armando as suas tendas até Sodoma” (Gn 13:12) e, por fim, se mudou para essa cidade (Gn 14:12). Deus chegou até a usar uma guerra local para tirar Ló de Sodoma, mas, assim que pôde, ele voltou, pois era lá que estava seu coração.

É difícil entender Ló. Pedro deixa claro que Ló era salvo (“o justo Ló [...] atormentava a sua alma justa”) e, no entanto, nos perguntamos o que ele fazia numa cidade tão perversa. Se nossa compreensão de Gênesis 19 está correta, Ló tinha pelo menos quatro filhas, duas das quais eram casadas com homens de Sodoma. Enquanto viveram nessa cidade, Ló era “afligido” pela conduta imunda do povo, e o que via e ouvia “atormentava a sua alma”. Talvez pensasse que seria capaz de mudá-los. Se essa era sua idéia, foi um fracasso total.

Deus permitiu que Ló e sua família permanecessem incontaminados, apesar de viverem em uma fossa de iniquidade. Deus também salvou Ló e suas duas filhas antes de o julgamento cair sobre Sodoma e sobre as demais cidades da planície (Gn 19). Ló não foi salvo por algum mérito da sua parte, mas por crer no Deus vivo e por causa das orações de seu tio, Abraão. Ao viver fora de Sodoma, Abraão teve mais influência sobre a cidade do que Ló, que morava dentro dela. Além de tudo, Ló perdeu seu testemunho diante de sua família, pois suas filhas casadas e os respectivos maridos zombaram de sua advertência, e sua esposa desobedeceu a Deus e foi morta.

Ló escolheu viver em Sodoma e poderia ter evitado a influência impura daquele lugar, mas muitas pessoas, atualmente, não têm escolha e precisam viver cercadas pela contaminação do mundo. Esse era o caso dos escravos cristãos que serviam a senhores ímpios, e é o que acontece hoje com esposas cristãs casadas com maridos não salvos e com filhos cristãos de pais incrédulos. Hoje, os funcionários cristãos que trabalham em escritórios ou fábricas são obrigados a ver e ouvir coisas que, por certo, poderiam contaminar sua mente e seu coração. Pedro garante a seus leitores que “o Senhor sabe livrar da provação os piedosos” (2 Pe 2:9), de modo que tenham uma vida vitoriosa.

Ele também pode nos salvar do julgamento. No caso de Noé, foi o julgamento de água, mas no caso de Ló, foi o julgamento de fogo. As cidades da planície transformaram-se em uma imensa fomalha de fogo e

enxofre. Sem dúvida, pode-se encontrar um paralelo na advertência de Pedro acerca do julgamento de fogo que está por vir (2 Pe 3:10ss).

Pedro não mostra Ló como exemplo de vida separada, mas sim como um exemplo de alguém que Deus salvou da contaminação e da condenação. Em certo sentido, Ló foi resgatado contra a própria vontade, pois os anjos tiveram de agarrá-lo pela mão e de puxá-lo para fora da cidade (Gn 19:16). Ló havia entrado em Sodoma, e Sodoma havia entrado em Ló e foi difícil para ele partir.

Jesus usou tanto Noé quanto Ló para advertir que devemos estar preparados para a sua volta (Lc 17:26-37). Os habitantes de Sodoma desfrutavam seus prazeres habituais, despreocupados com o fato de que o julgamento estava a caminho; quando sobreveio, foram pegos despreparados. “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (2 Pe 3:14).

Mas o mesmo Deus que livra os piedosos também reserva os ímpios para o julgamento. Alguém disse bem que, se Deus poupar as cidades de hoje do julgamento, terá de pedir desculpas a Sodoma e Gomorra. Por que o julgamento de Deus está demorando? Porque Deus “é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pe 3:9). A sociedade do tempo de Noé teve 120 anos para se arrepender e crer e, no entanto, rejeitou a verdade. Apesar de o exemplo e testemunho de Ló serem fracos, pelo menos ele representava a verdade; e, no entanto, seus vizinhos imorais não quiseram saber de Deus.

A era presente não é apenas como o “mundo antigo” do tempo de Noé, mas também como os dias de Ló. Muitos cristãos abandonaram a separação e estão fazendo concessões indevidas ao mundo. O testemunho da Igreja no mundo é fraco, e os pecadores não acreditam que o julgamento está, verdadeiramente, a caminho. A sociedade está repleta de imoralidade, especialmente do tipo de pecado pelo qual Sodoma



era famosa. Deus pode parecer inativo e indiferente com respeito à forma dos pecadores rebeldes de corromperem seu mundo. Mas, um dia, o fogo virá, e, então, será tarde demais.

Por mais fraco que seja, o povo de Deus será liberto do julgamento pela graça e misericórdia de Deus. O Senhor só julgou Sodoma depois que Ló e sua família estavam fora da cidade. Semelhantemente, creio

que Deus só derramará sua ira sobre o mundo depois que seu povo estiver no lar celestial. "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele" (1 Ts 5:9, 10).

O fogo virá em breve. Você está preparado?

---

## HOMENS MARCADOS

### 2 PEDRO 2:10-16

Pedro ainda não acabou de tratar dos apóstatas! Ao contrário de alguns cristãos de hoje, Pedro preocupava-se com os estragos que os falsos mestres causavam nas igrejas. Sabia que sua abordagem era sutil e que seus preceitos eram fatais e deseja advertir as igrejas a seu respeito.

Convém lembrar, porém, que Pedro começa esta epístola com ensinamentos positivos acerca da salvação, do crescimento cristão e da confiabilidade da Palavra. O apóstolo possuía um ministério equilibrado, e é importante manter o mesmo equilíbrio hoje. Quando Charles Spurgeon começou sua revista, chamou-a de *The Sword and the Trowel [A Espada e a Pá]*, uma alusão aos trabalhadores no Livro de Neemias que, ao reconstruir os muros de Jerusalém, empunhavam a espada com uma das mãos e, com a outra, seguravam suas ferramentas de trabalho.

Há pessoas com um ministério inteiramente negativo, que nunca constroem coisa alguma. Estão ocupadas demais lutando contra o inimigo! Outras se dizem “positivas”, mas nunca defendem o que construíram. Pedro sabia que não basta apenas atacar os apóstatas; também é preciso ensinar doutrinas sólidas aos cristãos das igrejas.

Nesta seção de sua carta, Pedro condena os apóstatas por três pecados específicos.

#### 1. DIFAMAÇÃO (2 PE 2:10-12)

Trata-se do retrato de pessoas orgulhosas que tentam construir a própria vida destruindo a dos outros. Não demonstram respeito algum pelas autoridades e não têm medo de atacar nem de difamar pessoas em cargos importantes.

Foi Deus quem instituiu a autoridade neste mundo, e, quando resistimos a ela, resistimos a Deus (Rm 13:1ss). Os pais têm autoridade sobre os filhos (Ef 6:1-4), e os patrões sobre os empregados (Ef 6:5-8). Como cidadãos, nós, cristãos, devemos orar pelos que ocupam cargos de autoridade (1 Tm 2:1-4), demonstrar respeito por eles (1 Pe 2:11-17) e procurar glorificar a Deus em nosso comportamento. Como membros da congregação local, devemos honrar os que exercem a liderança espiritual e procurar encorajá-los em seu ministério (Hb 13:7, 17; 1 Pe 5:1-6).

Em certo sentido, o governo humano é uma dádiva de Deus para ajudar a manter a ordem no mundo, de modo que a igreja ministre a Palavra e ganhe os perdidos para Cristo (1 Tm 2:1-8). Devemos orar diariamente pelas autoridades para que exerçam seu poder de acordo com a vontade de Deus. É algo sério o cristão opor-se à lei, e, se o fizer, deve estar certo de que se encontra dentro da vontade de Deus. Também deve fazê-lo de modo a glorificar a Cristo, a fim de que pessoas inocentes (inclusive não salvos que ocupam cargos no governo) não venham a sofrer.

**O motivo de sua difamação (v. 10).** Esse motivo é apresentado em uma palavra: *carne*. A natureza corrompida do ser humano não deseja sujeitar-se a qualquer tipo de autoridade. A mensagem insistente é “cada um na sua!”, e muitos dão ouvidos a ela. Nos últimos anos, há uma epidemia de livros incentivando as pessoas a serem bem-sucedidas a qualquer custo, mesmo que seja preciso magoar ou intimidar a outros. De acordo com esses livros, o mais importante é cada um cuidar de si mesmo – ser o “número um” – e usar os outros como meios para alcançar seus fins egoístas.

A natureza decaída do ser humano estimula o orgulho. Quando o ego está em jogo, não há nada que impeça esses apóstatas de promover e de proteger a si mesmos. Sua atitude é completamente oposta à de Jesus, que esvaziou a si mesmo a fim de se tornar um servo e morreu como sacrifício por nossos pecados (ver Fp 2). Esses homens que

Pedro descreve eram *atrevidos*, ou seja, “extremamente ousados e insolentes” na maneira de falar sobre os que ocupavam cargos de autoridade. Existe ousadia heróica, mas também existe ousadia satânica.

Esses homens eram “arrogantes”, ou seja, “viviam apenas para agradecer a si mesmos”. Sua arrogância era tal que estavam dispostos a desafiar até mesmo Deus para conseguir o que desejavam. Provérbios 21:24 descreve-os de modo perfeito. *Exteriormente*, davam a impressão de servir a Deus e de ministrar às pessoas, mas *interiormente*, alimentavam o próprio ego e buscavam apenas seu benefício.

Em sua arrogância, “não temem difamar autoridades superiores [gloriosas]”. Apesar de a referência imediata ser, provavelmente, aos governantes que ocupam cargos de autoridade, é possível que também diga respeito aos anjos, uma vez que Pedro refere-se a eles no versículo seguinte. Esses apóstatas difamavam até os anjos sem sequer estremeecer! Em seu orgulho, estavam tão seguros de si que desafiavam Deus a julgá-los.

**A seriedade de sua difamação (v. 11).** Os anjos são difamados pelos apóstatas, mas os apóstatas não são difamados pelos anjos! Até mesmo os anjos, ainda que maiores em força e em poder, não interferem no que está fora de sua alçada. Os anjos lembram a rebelião de Lúcifer e sabem como é sério rebelar-se contra a autoridade de Deus. Se Deus julgou os anjos rebeldes, certamente julgará com severidade ainda maior os homens rebeldes!

A afirmação sugere que anjos fiéis a Deus sequer falam contra os anjos *caídos*. Deixaram todo o julgamento nas mãos do Senhor. Veremos mais detalhes sobre isso no estudo de Judas, pois essa questão dos anjos é mencionada em Judas 8 e 9.

Falar mal de outros é um grande pecado do qual o povo de Deus deve guardar-se. Talvez não se possa respeitar a pessoa que ocupa o cargo, mas deve-se respeitar o cargo em si, pois toda autoridade é proveniente de Deus. Os que difamam os líderes do governo em nome de Cristo devem ler e meditar sobre Tito 3:1, 2: “Lembra-lhes que

se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra, não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens”.

Quando Daniel recusou a comida do rei, ele o fez de modo cortês, que não trouxe complicações para seu guarda (Dn 1). Até mesmo os apóstolos, ao se recusarem a obedecer à ordem do Sinédrio para que não pregassem mais em nome de Jesus, agiram com toda polidez. Mesmo não obedecendo a suas ordens, demonstraram respeito pelas autoridades. O orgulho entra em cena quando a carne começa a agir, e, então, usamos a língua como arma, não como instrumento. “As palavras de sua boca são malícia e dolo; abjurou o discernimento e a prática do bem” (Sl 36:3).

**O julgamento de sua difamação (v. 12).** Pedro compara esses falsos mestres a “brutos [animais] irracionais”, que só servem para ser abatidos! No final deste capítulo, o apóstolo retrata-os como porcos e cães! Os animais têm vida, mas vivem puramente por instinto. Faltam-lhes as sensibilidades mais refinadas dos seres humanos. Jesus advertiu-nos a não desperdiçar coisas preciosas com bestas irracionais que não sabem apreciá-las (Mt 7:6).

Certa vez, fiz uma visita pastoral a uma família em que havia ocorrido um falecimento, e, antes mesmo de eu subir as escadas até a porta, um cachorro enorme começou a latir e a rosar, como se eu estivesse lá para assaltar todo mundo. Ignorei suas ameaças, pois sabia que ele agia puramente por instinto. Fazia um bocado de barulho por causa de algo que não tinha conhecimento algum! O dono teve de prender o cachorro no porão para que eu pudesse entrar na casa em segurança e ministrar à família aflita.

O mesmo acontece com os apóstatas: fazem um bocado de barulho por causa de coisas sobre as quais não têm conhecimento algum. Pode-se traduzir 2 Pedro 2:12 assim: “zombam de coisas que não fazem parte de sua experiência” ou “esses homens blasfemam em coisas que não compreendem”.

Sempre que os alunos faziam barulho na sala de aula, uma de minhas professoras costumava dizer: "barris vazios são os que fazem mais barulho". E como fazem!

É triste quando a mídia volta toda a atenção para a "grande boca" dos falsos mestres em vez do "cicio tranqüilo e suave" (1 Rs 19:12) da voz do Senhor, quando ele ministra aos que lhe são fiéis. É ainda mais triste quando as pessoas fascinam-se por "palavras jactanciosas de vaidade" (2 Pe 2:18) e não conseguem distinguir entre a verdade e a persuasão enganosa. A verdade da Palavra de Deus conduz à salvação, enquanto as palavras ignorantes dos apóstatas conduzem à condenação.

Esses "brutos irracionais" destinam-se à destruição, fato que Pedro menciona com freqüência em 2 Pedro 2 (vv. 3, 4, 9, 12, 17, 20). Ao procurar destruir a fé, eles mesmos serão destruídos. A própria natureza deles os arrastará para a destruição, como porcos que voltam ao lamaçal e cachorros que retornam ao próprio vômito (2 Pe 2:22). Infelizmente, até que isso aconteça, essas pessoas ainda são capazes de causar um bocado de estrago moral e espiritual.

## 2. SUAS FESTAS (2 PE 2:13, 14A)

As expressões "luxúria carnal" e "se regalam" deixam claro que se trata de um divertimento de caráter sensual. Também dão a idéia de libertinagem, maciez e extravagância. Os apóstatas regalam-se com essa vida de luxo à custa dos que os sustentam (2 Pe 2:3). Em nossa sociedade, há quem peça fundos para seus "ministérios" e, ao mesmo tempo, viva em mansões, dirija carros de luxo e vista roupas caras. Quando lembramos que Jesus se fez pobre a fim de nos tornar ricos, esse estilo de vida extravagante parece destoar completamente do cristianismo do Novo Testamento.

Enganam não apenas as outras pessoas, mas também a si mesmos! Podem "provar", usando a Bíblia, que seu estilo de vida é correto. Na Antiguidade, as grandes festas costumavam ser realizadas à noite, mas de tão convictas que estavam de suas práticas, essas pessoas tinham a ousadia de banquetear

durante dia. Uma pessoa pode se acostumar de tal forma com seus vícios que estes lhe parecem virtudes.

Se levassem esse tipo de vida fora da igreja, não seriam motivo de tanta preocupação, mas esses indivíduos eram membros da congregação! Até participavam das "refeições de comunhão" que a Igreja primitiva costumava realizar com a celebração da Ceia do Senhor (1 Co 11:20-34). Essa era a ocasião em que os cristãos mais pobres podiam desfrutar uma boa refeição proporcionada pela generosidade dos cristãos em melhor situação econômica. Mas os apóstatas usavam as "refeições de comunhão" para ostentar sua riqueza e impressionar o povo ignorante e sem discernimento.

Em vez de trazerem bênçãos para a igreja, esses falsos mestres eram "nódoas e deformidades" que aviltavam a congregação. De algum modo, seu comportamento nessas refeições contaminava os outros e envergonhava o nome do Senhor. A Palavra de Deus ajuda a remover as máculas e rugas (Ef 5:27), mas mestres como esses não ministram a verdade da Palavra. Distorcem as Escrituras, fazendo-as dizer o que eles querem (2 Pe 3:16).

Essa "contaminação inconsciente" é mortal. Os fariseus também eram culpados de tal perversão (Mt 23:25-28). A falsa doutrina conduz, inevitavelmente, a um modo de vida falso que, por sua vez, alimenta essa falsa doutrina. O apóstata precisa "adaptar" a Palavra de Deus ou, então, mudar seu estilo de vida, algo que não está disposto a fazer. Assim, por onde passa, contamina as pessoas secretamente e cria um ambiente propício ao pecado. É possível participar de uma reunião da igreja e ser contaminado!

Sem dúvida, nossas igrejas precisam exercer autoridade e praticar a disciplina. Ter amor cristão não significa tolerar todas as doutrinas falsas e todos os "estilos de vida". A Bíblia mostra, inequivocamente, que algumas coisas são certas e outras são erradas. Nenhum cristão cujas convicções e comportamentos são contrários à Palavra de Deus deve ter permissão de participar da Ceia do Senhor ou de exercer um ministério

espiritual na igreja. Sua influência contaminadora pode não ser imediata, mas acabará criando sérios problemas.

O texto de 2 Pedro 2:14 deixa claro que os apóstatas freqüentam as reuniões da igreja com dois objetivos: primeiro, satisfazer sua concupiscência, e, segundo, granjear convertidos para sua causa.

Ficam de olhos bem abertos, à procura de "mulheres disponíveis" para seduzir ao pecado. Paulo adverte sobre apóstatas semelhantes que "penetram sorratoriamente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões" (2 Tm 3:6). Não são poucos os "ministros" que usam a religião para encobrir desejos lascivos. Algumas mulheres mostram-se mais vulneráveis em "sessões de aconselhamento", e homens desse tipo aproveitam disso.

Em uma das igrejas que pastoreei, notei que havia no coral um rapaz que fazia de tudo para mostrar aos demais membros do coral, especialmente para as moças, que era um "gigante espiritual". Orava com fervor e falava com freqüência de seu relacionamento com o Senhor. Alguns ficavam impressionados com ele, mas senti que havia algo de errado e perigoso no ar. Comprovando essa impressão, ele começou a namorar uma das moças do coral que, por acaso, era nova na fé. Apesar de minhas advertências, ela continuou o relacionamento e acabou sendo seduzida. Louvo a Deus porque ela foi resgatada e agora serve ao Senhor fielmente, mas poderia ter evitado aquela experiência terrível.

A maior ambição do falso mestre é satisfazer sua concupiscência: são "insaciáveis no pecado". O adjetivo sugere que "são incapazes de se conter". São incontinentes porque são escravos (2 Pe 2:18, 19). Os apóstatas consideram-se "livres"; no entanto, estão sob o pior jugo de escravidão. Contaminam tudo o que tocam e escravizam todos os que atraem para junto de si.

A expressão "engodando almas inconstantes" apresenta a imagem de um pescador colocando a isca no anzol ou de um caçador colocando o chamariz numa armadilha.

A mesma imagem é usada em Tiago 1:14, em que Tiago mostra a tentação como o "chamariz da armadilha". Satanás sabe que não pode nos pegar a menos que tenha uma boa isca para nos atrair. Prometeu a Eva que ela e Adão seriam "como Deus", se comessem o fruto da árvore proibida (Gn 3:4, 5), e eles "morderam a isca".

Que tipo de "isca" os apóstatas usam para pegar as pessoas? Em primeiro lugar, oferecem "liberdade" (2 Pe 2:19). É provável que se trate de uma perversão da graça de Deus - "transformam em libertinagem a graça de nosso Deus" (Jd 4). "Uma vez que vocês são salvos pela graça", argumentavam, "têm liberdade de pecar. Quanto mais pecarem, mais experimentarão a graça de Deus!" Paulo responde a essa argumentação enganosa em Romanos 6, um trecho das Escrituras que todo cristão precisa conhecer bem.

Além de oferecer "liberdade", também seduzem com a "realização". Trata-se de uma das "palavras-chave" de nossa geração, ao lado de expressões como "fazer a coisa certa" e "fazer a coisa a seu modo". Esses mestres dizem: "A vida cristã que a igreja oferece é antiquada e obsoleta; temos um novo estilo de vida que lhe dará realização e que o ajudará a encontrar sua verdadeira identidade!" Infelizmente, como o filho pródigo, essas almas inconstantes tentam encontrar-se, mas acabam se perdendo (Lc 15:11-24). Em sua busca por realização, tornam-se extremamente egoístas e perdem as oportunidades de crescer que vêm com o serviço a outros.

Sem submissão a Jesus Cristo não há liberdade nem realização. Nas palavras de P. T. Forsyth: "O propósito da vida não é encontrar nossa liberdade, mas sim nosso senhor". Como o músico talentoso que encontra liberdade e realização ao se sujeitar à disciplina de um grande artista ou como o atleta que se submete a um grande técnico, também o cristão encontra liberdade e realização autênticas ao se colocar sob a autoridade de Jesus Cristo.

Quem são as pessoas que "mordem a isca" que os apóstatas colocam em suas armadilhas?

Pedro chama-as de “almas inconstantes”. A estabilidade é um fator importante para o sucesso da vida cristã. Assim como uma criança precisa aprender a ficar em pé antes de poder andar ou correr, o cristão também deve aprender a se “firmar no Senhor”. Paulo e os outros apóstolos procuraram firmar seus convertidos na fé (Rm 1:11; 16:25; 1 Ts 3:2, 13). Pedro não tinha dúvidas de que seus leitores estavam “certos da verdade já presente convosco e nela confirmados” (2 Pe 1:12), mas ainda assim os adverte.

### 3. SUA REVOLTA (2 PE 2:14B-16)

O “reto caminho” pode ser traduzido por “o caminho certo”. Os apóstatas conheciam o caminho certo, o caminho reto que Deus determinou, mas o abandonaram deliberadamente a fim de seguir os próprios caminhos. Não é de se admirar que Pedro os chamasse de “brutos irracionais” (2 Pe 2:12) e os comparasse a animais (2 Pe 2:22). “Não sejais como o cavalo ou a mula”, adverte o salmista (Sl 32:9). O cavalo gosta de correr adiante; a mula fica empacada, e ambos podem nos tirar do caminho certo. Os cristãos são como ovelhas que, a fim de não se perderem, precisam ficar perto do pastor.

Vimos anteriormente um dos motivos para a conduta ímpia dos apóstatas: desejam satisfazer seus desejos da carne. Mas há outro motivo: são avaros e desejam explorar as pessoas visando o próprio lucro. Pedro menciona esse fato em 2 Pedro 2:3 e, agora, desenvolve a idéia em mais detalhes. Além da visão de mundo do falso mestre ser controlada por suas paixões (2 Pe 2:14a), seu coração é controlado pela avareza. Ele é escravo de seu desejo de prazer e de dinheiro!

Aliás, ele é um especialista em conseguir aquilo que quer. A expressão “exercitado na avareza” também pode ser traduzida por “hábil em sua ganância” ou, de forma ainda mais vívida, por “sua técnica de conseguir o que quer é, por meio de muita prática, extremamente desenvolvida”. Sabe exatamente o que fazer para motivar as pessoas a contribuir. O verdadeiro servo de Deus confia que o Pai suprirá suas necessidades e procura

ajudar as pessoas a crescer por meio de sua contribuição. O apóstata confia em sua “capacidade de levantar fundos” e deixa as pessoas em uma situação pior do que quando as encontrou. Sabe como explorar os instáveis e os inocentes.

Sem dúvida, não há nada de errado em um ministério compartilhar suas oportunidades e necessidades com amigos de oração. Minha esposa e eu recebemos vários impressos e cartas de pastores e de ministérios e, para dizer a verdade, jogamos parte desse material fora sem ler. Descobrimos que alguns ministérios não são confiáveis; seus apelos dramáticos nem sempre são baseados em fatos, e as ofertas nem sempre são usadas como deveriam. No entanto, há cartas e impressos que lemos com todo cuidado, pelos quais oramos e a respeito dos quais buscamos o Senhor para saber se devemos colaborar. Sabemos que não podemos contribuir com todas as boas obras que Deus está levantando, de modo que procuramos usar de discernimento e investir nos ministérios que Deus escolheu para nós.

Ao escrever sobre as práticas desonestas dessas pessoas, só resta a Pedro exclamar: “Filhos malditos!” Não são filhos “benditos” de Deus, mas sim filhos malditos do diabo (Jo 8:44). Podem ser bem-sucedidos em encher as contas bancárias, mas, no final, quando estiverem diante do trono de Deus, serão declarados falidos. “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25:41). “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26).

A avareza é o desejo insaciável de ter cada vez mais – mais dinheiro, mais poder, mais prestígio. O coração avaro nunca se satisfaz. Isso explica por que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (1 Tm 6:10): quando uma pessoa anseia por dinheiro, comete qualquer pecado para satisfazer esse desejo. Começa quebrando os dois primeiros dos Dez Mandamentos, pois o dinheiro já é seu deus e ídolo. A partir disso, é fácil quebrar os outros – roubar, mentir, cometer adultério, usar o nome de Deus em vão e assim por diante. “Tende cuidado e

guardai-vos de toda e qualquer avareza" (Lc 12:15).

Li sobre pessoas no norte da África que inventaram uma forma engenhosa de capturar macacos. Pegam uma cabaça e fazem um furo do tamanho exato da pata do macaco e, então, enchem a cabaça com nozes e a amarram em uma árvore. À noite, o macaco coloca a pata dentro da cabaça para pegar as nozes e descobre que não consegue puxá-la para fora. Claro que poderia soltar as nozes e escapar sem grande dificuldade... mas não quer perdê-las de jeito nenhum. Acaba sendo capturado por causa de sua cobiça. Podemos esperar esse tipo de comportamento de um animal irracional, mas certamente não de uma pessoa criada à imagem de Deus; no entanto, é algo que acontece entre os seres humanos todos os dias.

Pedro conhecia as Escrituras do Antigo Testamento. Em passagens anteriores, usou Noé e Ló para ilustrar suas palavras, e em 2 Pedro 2:15, 16 usa o profeta Balaão. A história de Balaão encontra-se em Números 22 a 25 e convém lê-la.

Balaão é um personagem misterioso, um profeta gentio que tentou amaldiçoar o povo de Israel. Temendo os israelitas, Balaque, rei dos moabitas, procurou a ajuda de Balaão. O profeta gentio sabia que seria errado cooperar com Balaque, mas seu coração cobiçou o dinheiro e as honrarias que Balaque lhe prometeu. Balaão conhecia a verdade e a vontade de Deus e, no entanto, abandonou deliberadamente o caminho reto e se desviou – uma ilustração perfeita dos apóstatas em suas práticas avaras.

Primeiro, Deus ordenou a Balaão que não ajudasse Balaque e, a princípio, Balaão obedeceu e enviou os mensageiros do rei de volta. Mas quando Balaque enviou mais príncipes e prometeu mais dinheiro e honrarias, Balaão decidiu "orar sobre a questão novamente" e reconsiderá-la. Da segunda vez, Deus testou Balaão e permitiu que acompanhasse os príncipes. Não se tratava da vontade perfeita de Deus, mas sim de sua vontade tolerante, cujo objetivo era ver o que o profeta faria.

Balaão aproveitou a oportunidade! Mas quando o profeta desobediente começou a desviar-se, Deus o repreendeu pela boca de uma jumenta. É impressionante observar como os animais obedecem a Deus mesmo quando seus donos são desobedientes (ver Is 1:3)! Deus permitiu que Balaão erguesse altares e oferecesse sacrifícios, mas não permitiu que amaldiçoasse Israel. Em vez disso, o Senhor transformou as palavras de maldição do profeta em palavras de bênção (Dt 23:4, 5; Ne 13:2).

Balaão não conseguiu amaldiçoar Israel, mas foi capaz de dizer a Balaque como derrotar os israelitas. Tudo o que os moabitas precisavam fazer era convidar os israelitas para serem "bons vizinhos" e participarem de uma de suas festas (Nm 25). Em vez de se manter separado, o povo de Israel fez concessões indevidas e participou das orgias dos moabitas. Deus teve de disciplinar seu povo, e milhares de israelitas morreram.

Podemos ver em Balaão dois aspectos da apostasia que Pedro enfatiza neste capítulo: a concupiscência e a avareza. Ele amava o dinheiro e levou Israel a entregar-se à lascívia. Era capaz de entender o que Deus lhe falava e, no entanto, conduziu Israel para longe de Deus! Ao ler seus oráculos, ficamos impressionados com sua eloquência; no entanto, ele desobedeceu a Deus deliberadamente! Balaão disse: "Pequei" (Nm 22:34), mas sua confissão não foi sincera. Chegou até a orar pedindo: "Que eu morra a morte dos justos" (Nm 23:10), mas não quis viver como um homem justo.

Uma vez que Balaão aconselhou Balaque a seduzir Israel, Deus providenciou para que o profeta rebelde fosse julgado. Morreu à espada quando Israel derrotou os midianitas (Nm 31:8). Perguntamo-nos quem ficou com toda a riqueza que ele recebeu como "recompensa" pelos serviços desonestos. Pedro chama esse pagamento de "prêmio da injustiça". Essa expressão lembra outro impostor – Judas – que recebeu o "preço da iniquidade" (At 1:18) e também teve uma morte vergonhosa.

Falaremos mais sobre Balaão ao estudar Judas 11, mas não se deve ignorar a lição

central: ele se rebelou contra a vontade de Deus. Como os falsos mestres que Pedro descreve, Balaão conhecia o caminho certo, mas escolheu deliberadamente o caminho errado, porque quis ganhar mais dinheiro. Continuou fazendo pouco da vontade de Deus ao tentar encarar a situação por outro "ponto de vista" (Nm 22:41; 23:13, 27). Sem dúvida, possuía um dom verdadeiro de Deus, pois proferiu algumas profecias belíssimas sobre Jesus Cristo, mas prostituiu esse dom, dedicando-o a fins abjetos só para obter honrarias e riquezas.

Um alto funcionário de um banco abordou um jovem contador e perguntou em segredo:

- Se eu lhe desse 50 mil dólares, você me ajudaria a alterar os livros-caixas?

- Creio que sim... - respondeu o contador.

- Você o faria por 100 dólares?

- Claro que não! - respondeu o contador indignado. - Você acha que eu sou um ladrãozinho qualquer?

- Isso eu já vi que você é - disse o funcionário. - Agora estamos só discutindo seu preço.

A pessoa avara sempre tem seu preço, e quando este é pago, ela faz tudo o que lhe é pedido, até mesmo se rebelar contra a vontade de Deus. Pedro chama essa atitude de "insensatez", termo que significa "estar demente, louco". Mas Balaão pensou estar fazendo algo sábio; afinal, aproveitava uma oportunidade que provavelmente não lhe seria oferecida outra vez. Mas qualquer rebelião contra Deus é insensatez e só causa tragédia. Foi quando o filho pródigo "[caiu]

em si" que percebeu como havia sido tolo (Lc 15:17).

Pedro condenou três pecados dos falsos mestres: a difamação, as festas licenciosas e a rebelião. Todos esses pecados nascem do orgulho e do desejo egoísta. O verdadeiro servo de Deus é humilde e procura servir aos outros (ver o contraste em Fp 2:20, 21). O verdadeiro servo de Deus não pensa no louvor nem no pagamento, pois serve a Deus por amor e obediência. Honra a Deus e às autoridades que Deus instituiu neste mundo. Em resumo, o verdadeiro servo de Deus é um imitador de Jesus Cristo.

Nos últimos dias, haverá uma profusão de falsos mestres buscando apoio. Tratando de enganar as pessoas e de conseguir seu dinheiro, esses homens são talentosos e experientes. É importante o povo de Deus estar firmado na verdade a fim de detectar quando as Escrituras estão sendo distorcidas e quando as pessoas estão sendo exploradas. Agradeço a Deus as agências que se dedicam a denunciar "charlatães religiosos", mas, ainda assim, precisamos de discernimento espiritual e de um conhecimento cada vez maior da Palavra de Deus.

Nem todos esses "impostores religiosos" serão descobertos e detidos. Um dia, porém, Deus julgará todos eles! Como animais, "também hão de ser destruídos" (2 Pe 2:12). Receberão a "injustiça por salário" (2 Pe 2:13), para compensar pelos salários que extorquiram de outros. Como "filhos malditos" (2 Pe 2:14), serão banidos da presença do Senhor para sempre. São homens e mulheres marcados que não escaparão.



## FALSA LIBERDADE

2 PEDRO 2:17-22

**É** assustador pensar que muita gente que atualmente se dedica, com grande zelo, a diversas seitas um dia já foi membro de igreja ou, ao menos, dizia crer no evangelho cristão. Essas pessoas participavam da Ceia do Senhor e viam a morte de Jesus Cristo retratada no pão e no cálice. Recitavam o Credo dos Apóstolos e o Pai Nosso. No entanto, dizem hoje que se sentem “livres” e que foram “libertas” da fé cristã.

Ao mesmo tempo, há quem rejeite toda e qualquer fé religiosa e, agora, afirme desfrutar uma nova liberdade.

- Costumava acreditar nessas coisas - confessam abertamente -, mas agora não acredito mais. Tenho algo melhor e, pela primeira vez na vida, me sinto livre.

A *liberdade* é um conceito extremamente importante no mundo de hoje, e, no entanto, nem todos compreendem de fato o significado dessa palavra. Na verdade, todo mundo, do comunista ao *playboy*, parece ter a própria definição de liberdade. Ninguém é completamente livre no sentido de ter a capacidade e a oportunidade de fazer tudo o que deseja. Aliás, fazer tudo o que se quer não é liberdade, mas sim o pior tipo de escravidão.

Os apóstatas oferecem liberdade a seus convertidos, que mordem a “isca” e abandonam a verdadeira fé, passando a seguir falsos mestres. Os mestres lhes prometem liberdade, mas essa promessa nunca é cumprida; os convertidos instáveis logo se vêem em terrível escravidão. A liberdade oferecida é *falsa*, e Pedro apresenta três motivos que explicam por que ela não é verdadeira.

### 1. É BASEADA EM PROMESSAS FALSAS (2 PE 2:17, 18)

O valor da fé depende do valor de seu objeto. Um pagão pode ter grande fé em seu ídolo, mas o ídolo não pode fazer coisa alguma por ele. Tenho um amigo que depositou sua fé em um investimento e perdeu quase tudo o que tinha. Sua fé era forte, mas a companhia na qual ele investiu era fraca. Quando colocamos nossa fé em Jesus Cristo, ela realiza algo, pois Deus sempre cumpre suas promessas. “Nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas” (1 Rs 8:56).

Pedro usa três ilustrações vívidas para enfatizar o vazio das promessas dos apóstatas.

“**Fonte sem água**” (v. 17a). Jesus usou o mesmo termo grego traduzido por “fonte” quando ministrava à mulher samaritana (Jo 4:14), e João o emprega para descrever a satisfação que os cristãos experimentarão na eternidade (Ap 7:17; 21:6). Uma fonte sem água não é uma fonte! O poço vazio continua sendo chamado de poço, mas quando uma fonte não jorra mais água, deixa de existir.

A humanidade possui um anseio inato pela realidade por Deus. “Tu nos criaste para ti”, disse Agostinho, “e nosso coração não se aquieta enquanto não descansa em ti”. As pessoas tentam satisfazer esse anseio de várias maneiras e sempre acabam vivendo à custa de substitutos. Somente Jesus Cristo pode dar paz interior e satisfação.

“Quem beber [tempo presente, “continuar bebendo”] desta água [do poço] tornará a ter sede; aquele, porém, que beber [um gole, de uma vez por todas] da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:13, 14). Um contraste e tanto! Podemos beber repetidamente das cisternas rotas do mundo e nunca encontrar satisfação, mas ao tomar um gole da Água Viva por meio da fé em Jesus Cristo, somos saciados para sempre. Os falsos mestres não poderiam fazer uma oferta dessa, pois não tinham o que oferecer. Poderiam prometer, mas não tinham como cumprir a promessa.

**“Névoas impelidas por temporal” (v. 17b).** Vemos a imagem de nuvens ou nevoeiro movidos por uma rajada de vento sobre um lago ou sobre o mar. As nuvens anunciam a possibilidade de chuva, mas essa névoa só anuncia um vendaval. De acordo com a descrição de Judas, são “nuvens sem água impelidas pelos ventos” (Jd 12). Mais uma vez, temos barulho, movimento e algo para assistir, mas nada de proveitoso acontece. O agricultor procura as nuvens e ora para que derramem chuva sobre sua plantação sedenta. Os falsos mestres não têm coisa alguma a oferecer; são vazios.

**“Negridão das trevas” (vv. 17c, 18).** Esses apóstatas prometem conduzir as pessoas à luz, mas eles próprios acabam na parte mais escura das trevas! (ver Jd 6 e 13). O ambiente no inferno não é uniforme: alguns lugares são mais escuros do que outros. Como é triste ver inocentes enganados por esses apóstatas, correndo o risco de passar a eternidade no inferno com eles.

Uma vez que, na verdade, esses falsos mestres não têm o que oferecer, como são capazes de atrair seguidores? Os motivos encontram-se em 2 Pedro 2:18.

Em primeiro lugar, os falsos mestres promovem suas doutrinas com eloquência. Sabem impressionar as pessoas com seu vocabulário, mas com “suas palavras infladas não dizem coisa alguma” (tradução literal). A pessoa comum não sabe ouvir e analisar o tipo de argumentação que os apóstatas usam em seus discursos e textos. Muita gente não consegue discernir entre um charlatão religioso e um servo sincero de Jesus Cristo.

Não devemos nos impressionar com a oratória religiosa. Apolo era um orador religioso eloqüente e fervoroso, mas a mensagem que pregava era incompleta (At 18:24-28). Paulo tinha o cuidado de não edificar a fé de seus convertidos nem em suas palavras e nem em sua sabedoria (1 Co 2:1-5). Era um homem brilhante, mas seu ministério era simples e prático. Pregava com o objetivo de expressar a verdade, não de impressionar as pessoas. Sabia a diferença entre *comunicação* e *manipulação*.

O segundo motivo pelo qual os apóstatas são tão bem-sucedidos é que apelam para os apetites mais ordinários da velha natureza – faz parte de sua isca! (2 Pe 2:14). Não devemos pensar nas “paixões carnis” apenas em termos de pecados sexuais, pois a carne tem outros apetites. Ao ler a lista apresentada em Gálatas 5:19-21, vemos os diferentes tipos de “isca” que os apóstatas têm à disposição para colocar em suas armadilhas.

O *orgulho*, por exemplo, é um dos pecados que os mestres apóstatas gostam de usar a fim de apelar para o ego humano. O verdadeiro servo de Deus é capaz de dizer aos outros com amor que eles são pecadores perdidos, debaixo da ira de um Deus santo, mas o ministro apóstata procura evitar “fazer a pessoa sentir-se culpada”. Diz a seus ouvintes como são bons, quanto Deus os ama e *precisa deles* e como é fácil entrar para a família de Deus. Na verdade, pode até dizer que já fazem parte da família de Deus e só precisam começar a viver de acordo com isso! O apóstata evita falar de arrependimento, pois os homens egoístas não querem se arrepender.

O terceiro motivo pelo qual são bem-sucedidos é que apelam a pessoas imaturas, pessoas que “acabaram de escapar” de seus antigos caminhos. Os apóstatas não têm mensagem alguma para o pecador perdido, mas têm uma mensagem para o recém-convertido.

Um pastor amigo meu ajudava alguns missionários nas Filipinas realizando cultos ao ar livre perto de uma universidade. Os estudantes que quisessem aceitar a Cristo eram convidados a entrar em um prédio perto da praça, onde eram aconselhados e recebiam material explicativo para ajudá-los a começar a vida cristã.

Assim que um recém-convertido saía do prédio e passava pelo povo reunido na praça, um membro de uma seita o abordava e começava a lhe apresentar a própria religião! Os apóstatas só precisavam procurar as pessoas que seguravam os folhetos explicativos! Esse mesmo procedimento também é usado em grandes cruzadas evangelísticas: os falsos mestres estão prontos para se lançar

sobre os recém-convertidos carregando o material cristão que receberam depois de aceitar a Cristo.

Por isso, é importante que evangelistas, pastores e outros obreiros cristãos fundamentem a fé dos recém-convertidos. Como recém-nascidos, esses bebês na fé precisam ser protegidos, alimentados e firmados antes de serem colocados neste mundo perigoso. Um dos motivos pelos quais Pedro escreveu esta carta foi para advertir a Igreja a cuidar dos cristãos novos na fé, pois os falsos mestres estavam prontos a se lançar sobre eles! Não se pode culpar os recém-convertidos por serem "inconstantes" (2 Pe 2:14), se não os ensinarmos como se firmar na fé.

A liberdade que os apóstatas oferecem é falsa, porque é baseada em falsas promessas. Existe outro motivo pelo qual ela é falsa.

## 2. É OFERECIDA POR CRISTÃOS FALSOS (2 PE 2:19, 20)

Não se pode libertar ninguém se nós mesmos vivemos sob o jugo da escravidão, como era o caso desses falsos mestres. Pedro deixa claro que esses homens haviam se livrado temporariamente da contaminação do mundo, mas voltaram logo em seguida para sua servidão! Professavam ser salvos, mas nunca haviam sido, verdadeiramente, redimidos.

O tempo dos verbos em 2 Pedro 2:19 é presente: "*prometendo-lhes* [aos recém-convertidos] liberdade, quando eles mesmos [os apóstatas] são escravos da corrupção" (grifos nossos). Afirmam ser servos de Deus, mas são apenas escravos do pecado. Já é terrível o suficiente ser escravo, mas quando o pecado é o senhor, trata-se da pior situação possível em que uma pessoa pode estar.

Ao recapitular o que Pedro escreveu até aqui, vemos os tipos de pecado que escravizam os falsos mestres. Em primeiro lugar, eram escravos do dinheiro (2 Pe 2:3, 14). Sua avariza obrigava-os a usar todo tipo de técnica de dissimulação, a fim de explorar inocentes. Também eram escravos das paixões da carne (2 Pe 2:10, 14). Procuravam as mulheres mais vulneráveis que poderiam ser

seduzidas (diante do que Pedro e Judas escrevem sobre Sodoma e Gomorra, talvez convenha incluir também homens e rapazes mais vulneráveis).

Também eram escravos do orgulho (2 Pe 2:10-12). Não tinham problema algum em falar mal dos que ocupavam cargos de autoridade, inclusive os anjos de Deus! Promoviam a si mesmos e zombavam de todo o resto. Infelizmente, há quem admire esse tipo de arrogância, siga esses homens orgulhosos e os apóie.

É interessante fazer uma comparação entre os três homens que Pedro cita neste capítulo: Noé, Ló e Balaão. Noé manteve-se inteiramente separado da apostasia do mundo de sua época. Pregou com ousadia a justiça de Deus e foi fiel em sua vida e testemunho, mesmo quando ninguém além de sua família seguiu o Senhor.

Ló conhecia a verdade e se manteve puro, mas não se manteve separado e, como resultado, perdeu a família. Ló detestava a perversidade de Sodoma e, no entanto, escolheu viver no meio dela e, ao fazê-lo, expôs suas filhas e sua esposa a influências ímpias.

Balaão não apenas seguiu os caminhos do pecado, como também incentivou outras pessoas a pecar! Aconselhou Balaque a seduzir a nação de Israel e seu plano quase deu certo. Ló perdeu a família, enquanto Balaão perdeu a vida.

Devemos ter cuidado com o "engano do pecado" (Hb 3:13). O pecado sempre promete liberdade, mas, no final, traz escravidão. Promete vida, mas, em vez disso, traz morte. O pecado tem como característica amarrar a pessoa aos poucos até ela não ter como escapar sem a intervenção do Senhor em sua graça. Até mesmo a escravidão que o pecado cria é enganosa, pois as pessoas amarradas acreditam, de fato, que são livres! Descubrem tarde demais que são prisioneiras dos próprios apetites e hábitos.

Jesus Cristo veio para trazer liberdade. Em seu primeiro sermão na sinagoga em Nazaré, Jesus anunciou a liberdade e o advento do "Ano de Jubileu" (Lc 4:16ss). Mas o significado da liberdade de Cristo é diferente da

liberdade que os apóstatas oferecem, como também o é seu método de concretizá-la.

Na Bíblia, liberdade não é o indivíduo “fazer o que bem entende” ou “fazer as coisas a seu modo”. Essa atitude é a própria essência do pecado. A liberdade que Jesus Cristo oferece significa *desfrutar o cumprimento da vontade de Deus*. Significa realizar seu potencial pleno para a glória de Deus. Nas palavras do líder quacre Rufus Jones, parafraseando Aristóteles: “A verdadeira natureza de algo é aquilo que há de mais excelente e em que ela pode se transformar”. Jesus Cristo nos liberta para realizarmos nosso potencial de excelência nesta vida e, então, sermos como ele na vida por vir.

Os apóstatas colocavam seus seguidores sob o jugo da escravidão por meio de mentiras, mas o Senhor nos dá liberdade por meio da verdade. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Jesus se referia, evidentemente, à verdade da Palavra de Deus. E também disse ao Pai: “Santificai-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17:17). Por meio da Palavra de Deus, descobrimos a verdade sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre Deus. Ao encarar a verdade honestamente, o poder libertador do Espírito de Deus é experimentado. Deixamos de viver em um mundo de fantasia, entramos em um mundo de realidade e, pelo poder de Deus, conseguimos realizar sua vontade, crescer na graça e “[reinar] em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm 5:17).

Os que vivem de acordo com a verdade de Deus experimentam liberdade cada vez maior, mas os que vivem de acordo com mentiras, tornam-se cada vez mais escravos, até que “[torna]-se o seu último estado pior que o primeiro” (2 Pe 2:20). Isso traz à memória a parábola de Jesus em Mateus 12:43-45, cuja doutrina é paralela ao que Pedro escreve. *A reforma temporária sem arrependimento e novo nascimento traz julgamento ainda maior*. A reforma limpa o exterior, mas a regeneração transforma o interior.

As tendências pecaminosas não desaparecem quando alguém é reformado; elas simplesmente entram em hibernação e, depois,

*voltam mais fortes*. Santidade não significa apenas recusar o mal, pois até os não salvos podem usar de domínio próprio. A verdadeira santidade vai além da vitória sobre a tentação: é conquistar até o *desejo* de desobedecer a Deus. Quando meu médico me disse que eu precisava perder peso, me explicou:

– A melhor maneira de fazer isso é aprender a detestar as coisas que fazem mal a você. – Seu conselho funcionou!

A única coisa que se pode esperar de falsos cristãos com falsas promessas é “falsa liberdade”. Mas há um terceiro motivo pelo qual essa liberdade é falsa.

### 3. ENVOLVE UMA EXPERIÊNCIA FALSA (2 PE 2:21, 22)

Pedro chama os apóstatas de “brutos irracionais” (2 Pe 2:12) e, depois, termina sua advertência descrevendo-os como porcos e cães! No entanto, o apóstolo não está simplesmente mostrando seu desprezo pessoal por eles; antes, está ensinando uma lição espiritual básica.

É extremamente importante entender que o uso da terceira pessoa do plural, ao longo de todo este parágrafo (2 Pe 2:17-22), se refere aos falsos mestres, não a seus convertidos. Também é importante ter em mente que esses falsos mestres não são cristãos autênticos, nascidos de novo. Judas descreve as mesmas pessoas em sua epístola e afirma claramente que são “sensuais [...] não têm o Espírito” (Jd 19). Não é a *profissão* da espiritualidade que marca o verdadeiro cristão, mas sim a *presença* do Espírito de Deus no ser interior (Rm 8:9).

Mas esses apóstatas tinham uma “experiência religiosa”! E afirmavam com toda ousadia que, por meio dessa experiência, tinham comunhão com o Senhor. Eram capazes de explicar “o caminho da justiça” e de usar a Palavra de Deus para corroborar seus ensinamentos. Se não tivessem experimentado algum tipo de “conversão religiosa” não teriam sido capazes de participar das congregações locais.

Mas, assim como suas promessas, suas experiências eram falsas.

Uma vez que Pedro escreveu duas epístolas para o mesmo grupo de cristãos, podemos supor que eles possuíam os fundamentos doutrinários apresentados de modo tão claro em sua primeira epístola. O apóstolo enfatiza o novo nascimento (1 Pe 1:3, 22-25). Lembra seus leitores de que são “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). Em sua primeira carta, Pedro descreve os cristãos como ovelhas (1 Pe 2:25; 5:1-4). Jesus usou essa mesma imagem ao restituir Pedro ao apostolado depois da sua negação tripla (Jo 21:15-17).

Não há qualquer indicação de que esses falsos mestres tenham experimentado o novo nascimento. Tinham *conhecimento* da salvação e eram capazes de usar o linguajar da Igreja, mas lhes faltava a verdadeira experiência salvadora com o Senhor. Em algum momento, haviam recebido a Palavra de Deus (2 Pe 2:21), mas, em seguida, se afastaram dela. *Não creram em Jesus Cristo nem se tornaram suas ovelhas.*

Em vez de serem ovelhas, eram porcos e cães, e convém lembrar que, naquele tempo, os cães não eram animais de estimação mimados! Os judeus chamavam os gentios de “cães”, pois esses animais não passavam de carneiros que viviam revirando o lixo! De modo algum se tratava de uma forma carinhosa de tratamento!

Esses homens poderiam dizer que haviam tido “uma experiência”, mas esta era *falsa*. Vimos anteriormente que Satanás tem um evangelho falso (Gl 1:6-9), pregado por ministros falsos (2 Co 11:13-15), que produz cristãos falsos (2 Co 11:26 – “em perigos entre falsos irmãos”). Em sua parábola do joio, Jesus ensinou que Satanás planta impostores (“filhos do maligno”), enquanto Deus planta cristãos verdadeiros (Mt 13:24-30, 36-43).

Que tipo de “experiência” esses falsos mestres tiveram? Usando as imagens vívidas de Pedro, o porco foi lavado por fora, mas continuou sendo um porco; o cão foi “limpo” por dentro, mas continuou sendo um cão. O porco *parecia* melhor e o cão se *sentia* melhor, mas nenhum dos dois havia mudado. Cada um continuou tendo a mesma natureza, não uma nova natureza.

Isso explica por que os dois voltaram à sua antiga vida: fazia parte de sua natureza. Um porco só consegue ficar limpo por algum tempo, mas logo precisa encontrar uma pocilga. Não condenamos um porco por agir desse modo, pois ele possui natureza de porco. Se víssemos uma *ovelha* chafurdando na lama, ficaríamos preocupados!

Quando eu era criança, um de nossos vizinhos tinha um cachorro vira-latas preto muito magrinho, ao qual haviam dado o nome extremamente criativo de “Pretinho”. Tinha o hábito de comer tudo o que um cachorro não deve ingerir e, depois, regurgitar em algum lugar na vizinhança, normalmente em nossa calçada. Mas não era só isso. O Pretinho voltava à cena do crime e começava tudo de novo! Ao que parece, os cães fazem isso há séculos, pois Salomão menciona esse fato em Provérbios 26:11, texto que Pedro cita.

Sem dúvida, o cão sente-se melhor com o estômago vazio, *mas continua sendo um cão*. “Ter uma experiência” não mudou sua natureza. Pelo contrário, serviu apenas para dar mais provas de sua “natureza canina”, pois voltou e (exatamente como um cão) lambeu o próprio vômito. Trata-se de uma imagem repugnante, mas era exatamente esse o impacto que Pedro desejava causar.

Ao longo de meu ministério, tenho encontrado gente que me fala de suas “experiências espirituais”, mas cujas narrativas não apresentam qualquer evidência de uma nova natureza. Como o porco, foram limpas por fora. Como o cão, algumas delas foram limpas temporariamente por dentro e, de fato, se sentiam melhor. Mas, de modo algum, se tornaram “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). Pensam que estão livres de seus problemas e pecados, quando na realidade ainda são escravas da velha natureza pecaminosa.

De acordo com 2 Pedro 2:20, esses apóstatas “[escaparam] das contaminações do mundo”. A contaminação é a poluição exterior. Mas o verdadeiro cristão “[livrou-se] da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pe 1:4). A corrupção é muito mais profunda do que a contaminação exterior:

é a deterioração interior. Os cristãos verdadeiros receberam uma nova natureza, uma natureza divina, e têm apetites e desejos novos e diferentes. Não são mais porcos e cães; foram transformados em ovelhas!

Podemos imaginar a decepção de quem acredita ter sido liberto e descobre que, no fim das contas, está pior do que antes! Os apóstatas prometem liberdade, mas só podem dar escravidão. A verdadeira liberdade deve vir de dentro; diz respeito à natureza interior. Uma vez que a verdadeira natureza consiste no que há de mais excelente em que podemos nos tornar, um porco e um cão jamais serão capazes de se tornar algo mais elevado que *Sus scrofa* e *Canis familiaris*.

Sei que certas pessoas acreditam que esses mestres apóstatas eram cristãos verdadeiros que, ao se desviarem do conhecimento de Deus, perderam a salvação. Mas até mesmo uma leitura superficial de 2 Pedro 2 e de Judas é suficiente para convencer o leitor imparcial de que esses mestres nunca tiveram uma experiência autêntica de salvação por meio da fé em Jesus Cristo. Pedro jamais os teria comparado a porcos e cães se tivessem, em outros tempos, sido membros do verdadeiro rebanho do Senhor, como também não os teria chamado de "filhos malditos" (2 Pe 2:14). Se fossem cristãos verdadeiros que se desviaram, a responsabilidade de Pedro seria encorajar os leitores a resgatar esses apóstatas (Tg 5:19, 20), mas Pedro não ordenou que o fizessem. Antes, condenou os apóstatas usando algumas das expressões mais fortes do Novo Testamento!

Agora, entende-se melhor por que a "liberdade" oferecida por esses falsos mestres é falsa, uma "liberdade" que só conduz à

escravidão. É baseada em promessas falsas, em palavras vazias que parecem empolgantes, mas sem fundamento algum em qualquer autoridade divina. É oferecida por cristãos falsos envolvidos com experiência falsa. Do começo ao fim, essa "liberdade" é produto de nosso adversário, o diabo.

Assim, podemos dar o devido valor à admoestação de Pedro em 2 Pedro 1:10: "Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição". Em outras palavras, "Sua experiência espiritual foi autêntica?" É impressionante saber que há muitas pessoas em nossas igrejas que nunca nasceram de novo, mas que estão convencidas de que são salvas e vão para o céu! Tiveram uma "experiência" e, talvez, apresentem uma aparência melhor (como o porco) ou se sintam melhor (como o cão), mas não foram transformadas em algo melhor, sendo "co-participantes da natureza divina".

Talvez Pedro estivesse pensando em Judas, um dos doze apóstolos, que serviu de instrumento para o diabo e nunca foi nascido de novo. Até o último instante, os outros discípulos sequer suspeitavam da verdade acerca de Judas e o consideravam um homem espiritual!

Os apóstatas parecem ter ministérios bem-sucedidos, mas, no final, estão fadados a fracassar.

O importante é ter a certeza de uma experiência verdadeira com o Senhor e ficar afastados desses ministérios falsos, por mais populares que sejam.

Cristo é "a verdade" (Jo 14:6), e segui-lo conduz à liberdade. Os apóstatas são mentirosos, e segui-los conduz à escravidão. Não há meio-termo!

## ESCARNECENDO DOS ESCARNECEDORES

2 PEDRO 3:1-10

“**T**odos são ignorantes”, disse Will Rogers, “a diferença é só o assunto que cada um desconhece”.

Trata-se de uma declaração extremamente verdadeira, mas a questão é mais complexa, pois existe mais de um tipo de ignorância. Algumas pessoas são ignorantes por falta de oportunidade de aprender ou, talvez, por falta de capacidade de aprender; outras, como Pedro coloca em 2 Pedro 3:5, “deliberadamente, esquecem”. Como disse com razão um filósofo conhecido: “A morte do conhecimento não é a ignorância em si, mas sim a ignorância da ignorância”.

Em 2 Pedro 2, o apóstolo tratou da conduta e do caráter dos apóstatas e, agora, trata de seus falsos ensinamentos. Pedro afirma a certeza da vinda de Cristo em glória (2 Pe 1:16ss), uma verdade que os apóstatas questionavam e negavam. Na verdade, zombavam até da idéia de que o Senhor voltaria, julgaria o mundo e estabeleceria um reino glorioso.

É extremamente importante para nós, cristãos, entender a verdade de Deus! Hoje nos vemos cercados de escarnecedores, gente que se recusa a levar a Bíblia a sério quando esta trata da volta de Cristo e da certeza do julgamento. Neste parágrafo, Pedro admoesta seus leitores a compreenderem três fatos importantes acerca de Deus e da promessa da vinda de Cristo.

### 1. A PALAVRA DE DEUS É VERDADEIRA (2 PE 3:1-4)

É possível ter uma mente pura e sincera e, ainda assim, ter uma péssima memória! Pedro escreveu esta segunda epístola especialmente para despertar e estimular seus leitores

(2 Pe 1:12-15). É fácil para o cristão “se acostumar com a verdade de Deus”. Êutico adormeceu ouvindo Paulo pregar! (At 20:7-10). Nosso Pai celestial fez um sacrifício para que pudéssemos ter a verdade da Palavra e a liberdade de praticá-la, mas, com frequência, deixamos de dar o devido valor a ela e nos tornamos complacentes. A Igreja precisa ser despertada regularmente, a fim de que o inimigo não nos encontre adormecidos nem se aproveite de nossa letargia espiritual.

Uma vez que a Palavra de Deus é verdadeira, deve-se prestar atenção no que diz e levar sua mensagem a sério. Precisamos ensinar a Palavra de Deus aos recém-convertidos e os firmar na fé, pois os cristãos novos na fé são o principal alvo do mestre apóstata. Mas os cristãos mais experientes também precisam ser lembrados da importância da doutrina bíblica e, especialmente, das doutrinas relacionadas à volta de Cristo. Os ensinamentos proféticos não devem ser uma “canção de ninar” para nós. Antes, devem nos despertar, de modo que tenhamos uma vida piedosa e que procuremos ganhar os perdidos (Rm 13:11-14).

O que a Bíblia ensina sobre o Dia do Senhor não foi inventado pelos apóstolos. Os profetas ensinaram tais preceitos, como também o fez Jesus Cristo (2 Pe 3:2). Pedro enfatiza a *unidade* da Palavra de Deus. Ao negar “o poder e a vinda” de Jesus Cristo, os escarnecedores negavam a veracidade dos livros proféticos, os ensinamentos de nosso Senhor nos Evangelhos e os escritos dos apóstolos! Como as vestes sem costura que Jesus usava, as Escrituras não podem ser separadas sem destruir o todo.

Já nos dias de Enoque, Deus avisou que o julgamento estava a caminho (Jd 14, 15). Vários profetas de Israel anunciaram o Dia do Senhor e advertiram que o mundo seria julgado (Is 2:10-22; 13:6-16; Jr 30:7; Dn 12:1; Jl; Am 5:18-20; Sf; Zc 12:1 - 14:3). Esse período de julgamento também é conhecido como “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7) e Tribulação.

Jesus falou sobre esse dia de julgamento em seu sermão no monte das Oliveiras (Mt 24 - 25). Paulo trata desse assunto em

1 Tessalonicenses 5 e 2 Tessalonicenses 1 e 2. O apóstolo João descreve esse dia terrível em Apocalipse 6 a 19. Nesse tempo, a ira de Deus será derramada sobre as nações, e Satanás terá liberdade de expressar toda sua ira e maldade. Esse dia culminará com a volta de Jesus Cristo em glória e em vitória.

Apesar de não usar isso como teste de comunhão nem de espiritualidade, é minha convicção pessoal que o povo de Deus será levado para o céu *antes* da aurora desse "grande e terrível Dia do Senhor" (Jl 2:31; Ml 4:5). Creio que devemos fazer uma distinção cuidadosa entre os "dias" mencionados na Bíblia. O "Dia do Senhor" é o dia de julgamento, que culminará com a volta de Cristo à Terra. O "Dia de Deus" (2 Pe 3:12) é o tempo em que o povo de Deus desfrutará novos céus e nova Terra, depois que todo mal tiver sido julgado (1 Co 15:28). O "Dia de nosso Senhor Jesus Cristo" é relacionado à vinda de Cristo para buscar sua Igreja (1 Co 1:7-9; Fp 1:10; 2:16).

Pode-se dizer que os estudiosos das profecias encaixam-se em três categorias: os que acreditam que a Igreja será arrebatada (1 Ts 4:13ss) *antes* do Dia do Senhor; os que acreditam que esse acontecimento ocorrerá *no meio* do Dia do Senhor, sendo que a Igreja passará por metade da Tribulação; e os que acreditam que a Igreja será arrebatada quando Cristo voltar *no final da Tribulação*. Cada uma dessas perspectivas é defendida por pessoas boas e piedosas, e nossas diferenças de interpretação não devem criar problemas na comunhão nem no compartilhamento do amor cristão.

A Palavra de Deus não antevê apenas o Dia do Senhor, mas também o surgimento de escarnecedores que negarão essa Palavra! Sua presença é prova de que a Palavra que negam é a verdadeira Palavra de Deus! Não devemos nos surpreender com a presença desses zombadores apóstatas (ver At 20:28-31; 1 Tm 4; 2 Tm 3).

Um escarnecedor é alguém que trata levianamente algo que deveria ser levado a sério. O povo no tempo de Noé escarneceu da idéia do julgamento, e os cidadãos de Sodoma escarneceram da possibilidade

de a cidade pecadora ser destruída por fogo e enxofre. Os que tentaram, de algum modo, dar testemunho de Jesus Cristo, sem dúvida já se depararam com pessoas que zombam da idéia do inferno ou de um dia vindouro de julgamento para este mundo.

Qual o motivo da zombaria desses apóstatas? Seu desejo de continuar vivendo em pecado. Pedro deixa claro que os falsos mestres cultivam "imundas paixões" (2 Pe 2:10) e seduzem pessoas fracas por meio de "paixões carnis" (2 Pe 2:18). Se o estilo de vida do indivíduo é contrário à Palavra de Deus, só lhe resta mudar de vida ou distorcer a Palavra de Deus. Os apóstatas escolhem a segunda opção, de modo que escarnecem das doutrinas do julgamento e da vinda do Senhor.

Qual é sua argumentação? A uniformidade do mundo. "Nada de cataclísmico ocorreu no passado", argumentam, "de modo que não há motivo para crer que acontecerá no futuro". Usam a "abordagem científica", examinando as provas, aplicando a razão e tirando uma conclusão. O fato de que *ignoram deliberadamente* um bocado de provas não parece perturbá-los.

A abordagem científica funciona de maneira extraordinária quando se trata de questões relacionadas ao universo material, mas não podemos levar a profecia bíblica a um laboratório e tratá-la como se fosse apenas mais uma hipótese. Aliás, as chamadas "leis da ciência" são, na verdade, conclusões informadas a que se chega com base em um número limitado de experimentos e testes. São generalizações, sempre sujeitas a mudanças, pois nenhum cientista é capaz de realizar um número infinito de experiências para provar suas afirmações e, da mesma forma, não é capaz de controlar todos os fatores envolvidos no experimento e no próprio raciocínio.

A Palavra de Deus ainda é "como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2 Pe 1:19). Podemos confiar nela. Não importa o que os escarnecedores digam, o dia do julgamento de Deus virá sobre o mundo, e Jesus Cristo voltará para estabelecer seu reino glorioso.



## 2. A OBRA DE DEUS É COERENTE (2 PE 3:5-7)

De que maneira Pedro refuta os argumentos insensatos dos escarnecedores apóstatas? De acordo com eles, "Deus não interrompe a operação de sua criação estável! A promessa da vinda de Cristo não é verdadeira!" Pedro só precisa lembrá-los do que Deus havia feito no passado, provando, desse modo, que sua obra é coerente ao longo das eras. O apóstolo apenas apresentou provas que os falsos mestres ignoravam *deliberadamente*. É espantoso como os chamados "pensadores" (cientistas, teólogos liberais, filósofos) são *seletivos* e se recusam, intencionalmente, a considerar certos dados.

Pedro cita dois acontecimentos históricos que comprovam suas afirmações: a obra de Deus na criação (2 Pe 3:5) e o dilúvio no tempo de Noé (2 Pe 3:6).

Deus criou os céus e a Terra por sua palavra. A expressão "disse Deus" aparece nove vezes em Gênesis 1. "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir" (Sl 33:9). A palavra de Deus não é responsável apenas pela execução da criação, mas também por sua *coesão*. A forma como Kenneth Wuest traduz 2 Pedro 3:5 ressalta esse significado: "Pois, com respeito a isso, se esquecem intencionalmente que os céus existiam desde os tempos antigos, bem como a terra [surgida] da água e por meio da água coerida pela palavra de Deus".

A argumentação de Pedro é óbvia: o mesmo Deus que criou o mundo por meio da sua Palavra também pode intervir nesse mundo e fazer o que bem entender! Foi sua Palavra que o criou e que mantém sua coesão, e sua Palavra é onipotente.

O segundo acontecimento que Pedro cita é o dilúvio no tempo de Noé (2 Pe 3:6). O apóstolo referiu-se ao dilúvio anteriormente como uma ilustração do julgamento divino (2 Pe 2:5), de modo que não é necessário entrar em detalhes. O dilúvio foi um acontecimento cataclísmico; na verdade, o termo grego traduzido por "afogado" dá origem à palavra *cataclismo*. O povo que vivia na Terra provavelmente nunca havia visto uma tempestade nem fontes profundas jorrarem,

mas, ainda assim, tais coisas ocorreram. Os "cientistas" daquele tempo poderiam ter usado a mesma argumentação dos escarnecedores: "Tudo continua como sempre foi desde o início. A vida é uniforme e nada extraordinário pode acontecer". Mas aconteceu!

Deus tem o poder de intervir a qualquer momento e de realizar sua vontade. Pode mandar tanto chuva quanto fogo do céu. "No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada" (Sl 115:3).

Depois de demonstrar que, em tempos passados, Deus "interrompeu" o curso da história, Pedro está pronto para sua aplicação em 2 Pedro 2:7. A mesma palavra que criou e sustenta o mundo o mantém coeso no presente, guardado para o fogo, preservado e conservado para o dia vindouro de julgamento. Deus prometeu que não haveria mais dilúvios para destruir o mundo (Gn 9:8-17). O próximo julgamento, portanto, será de fogo.

A expressão "entesourados para fogo" (que também pode ser traduzida por "suprimida com fogo") parece bastante moderna, pois, segundo a ciência atômica de nosso tempo, os elementos que constituem a Terra possuem um suprimento de energia. Existe energia atômica suficiente em um copo de água para fazer funcionar um transatlântico. O ser humano descobriu essa grande energia, e, como resultado, o mundo parece estar à beira da destruição atômica. No entanto, Pedro aparentemente indica que o mundo não será destruído pelo *ser humano* com seu abuso pecaminoso da energia atômica. Será *Deus* quem "apertará o botão" na hora certa e queimará toda a criação e, com ela, as obras do ser humano perverso; então, trará novos céus e nova Terra e reinará em glória.

Todas as coisas da criação original de Deus eram boas. Foi o pecado do homem que transformou a boa criação em uma criação *que geme* (Rm 8:18-22). Deus não poderia permitir que o homem pecador vivesse em um ambiente perfeito, de modo que teve de amaldiçoar o solo por causa do homem (Gn 3:14-19). Desde então, o ser humano vem poluindo e destruindo a criação

de Deus. Por muitos anos, pareceu que essa exploração não causaria grandes problemas; no entanto, estamos mudando de opinião a esse respeito. O equilíbrio da natureza foi perturbado; recursos valiosos foram desperdiçados; o suprimento de energia esgota-se dia-a-dia, e a civilização está diante de uma crise. Hoje em dia, não apenas pregadores e evangelistas fazem o papel de profetas do fim do mundo, mas também sociólogos, ecologistas e cientistas atômicos.

Pedro prova sua argumentação: Deus é capaz de intervir no curso da história. Ele o fez no passado e pode fazê-lo outra vez. A vinda do Dia do Senhor, prometida pelos profetas e apóstolos e também por Jesus Cristo, é tão certa quanto foi a vinda do dilúvio no tempo de Noé e do fogo e enxofre para destruir Sodoma e Gomorra.

Mas os escarnecedores também têm argumentos na ponta da língua: "Então, por que a demora?" A promessa da vinda de Cristo e do julgamento do mundo existe há séculos e, no entanto, ainda não havia se cumprido. Deus mudou de idéia? O mundo de hoje certamente está no ponto para ser julgado! Assim, Pedro cita o terceiro fato.

### 3. A VONTADE DE DEUS É MISERICORDIOSA (2 PE 3:8-10)

Mais uma vez, Pedro deixa clara a ignorância dos escarnecedores. Não apenas ignoravam os feitos de Deus no passado (2 Pe 3:5), como também ignoravam a natureza de Deus. Pensavam em Deus como alguém à própria imagem e ignoravam o fato de que Deus é eterno. Isso significa que ele não tem começo nem fim. O homem é imortal: tem começo, mas não tem fim. Viverá para sempre no céu ou no inferno. Mas Deus é eterno, sem começo nem fim, e habita na eternidade. A eternidade não é apenas uma "extensão do tempo". Antes, é a existência *acima do tempo e separada dele*.

Sem dúvida, Pedro refere-se ao Salmo 90:4: "Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite". Isaac Watts usou o Salmo 90 como base para seu hino: "Ó Deus, socorro nosso em eras passadas".

Mil eras, aos teus olhos  
São como a passagem do anoitecer;  
Curtas como a vigília que encerra a noite,  
Antes de o Sol nascer.

Uma vez que, para o Senhor, mil anos são como um dia, não podemos acusá-lo de demorar a cumprir suas promessas. Aos olhos de Deus, o universo todo tem apenas alguns dias! Ele não é limitado pelo tempo como nós, nem o mede conforme padrões humanos. Ao estudar as obras de Deus, especialmente no Antigo Testamento, vemos que ele nunca se apressa, mas também nunca se atrasa.

Poderia ter criado o universo todo em um segundo e, no entanto, preferiu fazê-lo ao longo de um período de seis dias. Poderia ter livrado Israel do Egito em um piscar de olhos e, no entanto, preferiu investir oitenta anos treinando Moisés. Aliás, poderia ter enviado o Salvador muito antes, mas esperou até "a plenitude do tempo" (Gl 4:4). Apesar de Deus operar *no tempo*, não é limitado *pelo tempo*.

Para Deus, mil anos são como um dia, e um dia é como mil aos. Deus pode realizar em um só dia aquilo que outros levariam um milênio para fazer! Ele espera para operar, mas uma vez que começa seu trabalho, ele o completa!

Os escarnecedores não compreendiam a natureza eterna de Deus nem sua misericórdia. Por que Deus estava atrasando a volta de Cristo e a vinda do Dia do Senhor? Não era por *incapacidade* nem por *falta de vontade* de agir. Não estava atrasado nem fora do cronograma! Ninguém na Terra tem o direito de decidir quando Deus deve agir. Deus é soberano em todas as coisas e não precisa ser motivado nem aconselhado pelo ser humano pecador (Rm 11:33-36).

Deus adia a vinda de Cristo e o grande julgamento de fogo porque é longânimo e deseja dar aos pecadores perdidos a oportunidade de serem salvos. "E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor" (2 Pe 3:15).

A "demora" de Deus é, na verdade, uma indicação de que ele tem um plano para este

mundo e de que está executando esse plano. Ninguém deve ter dúvidas de que Deus *deseja* que os pecadores sejam salvos, “não querendo que nenhum pereça” (2 Pe 3:9). De acordo com 1 Timóteo 2:4, Deus “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”. Esses versículos são tanto negativos quanto positivos e, juntos, garantem que Deus não tem prazer algum na morte dos perversos (Ez 18:23, 32; 33:11). Ele demonstra sua misericórdia para com todos (Rm 11:32), mas nem todos serão salvos.

Convém observar que Deus revelou a mesma longanimidade nos anos anteriores ao dilúvio (1 Pe 3:20). Viu a violência e a perversidade do ser humano e poderia ter julgado o mundo de imediato; no entanto, reteve sua ira e, em vez de julgamento, enviou Noé como “pregador da justiça”. No caso de Sodoma e Gomorra, Deus esperou pacientemente, enquanto Abraão intercedia pelas cidades, e as teria poupado, se tivesse encontrado dez justos em Sodoma.

Se Deus é longânimo com os pecadores, por que Pedro escreve: “Ele é longânimo para convosco”? A quem se refere ao usar o pronome “convosco”? Tem-se a impressão de que Deus é longânimo *para com seu próprio povo!*

Talvez Pedro empregue esse pronome de maneira geral em referência à humanidade. No entanto, o mais provável é que ele esteja se referindo a seus leitores como eleitos de Deus (1 Pe 1:2; 2 Pe 1:10). Deus é longânimo para com os pecadores perdidos, pois alguns deles vão crer e se tornar parte do povo eleito de Deus. Não sabemos quem são os eleitos de Deus dentre as pessoas de todo o mundo, nem devemos saber. Cabe a nós “[procurar], com diligência cada vez maior, confirmar a [nossa] vocação e eleição” (2 Pe 1:10; cf. Lc 13:23-30). O fato de que Deus tem seus eleitos é um estímulo para que as boas-novas sejam compartilhadas por nós e para que procuremos ganhar outros para Cristo.

Deus foi longânimo até com os escarnecedores daquele tempo! Precisavam arrepender-se, e ele desejava salvá-los. Essa é a

única ocasião em suas epístolas em que Pedro usa o termo *arrependimento*, mas isso não minimiza sua importância. Arrepender-se significa, simplesmente, “mudar de idéia”. Não é o mesmo que se lamentar por ter sido pego em flagrante. Também não é o mesmo que remorso, um sentimento que pode levar ao desespero.

O arrependimento é uma mudança na forma de pensar resultante de um ato de vontade. Se o pecador muda honestamente de idéia em relação ao pecado, ele o abandona. Se muda sinceramente de idéia quanto a Jesus Cristo, volta-se para ele, crê nele e é salvo. “O arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20:21): essa é a fórmula de Deus para a salvação.

O termo traduzido por “cheguem”, no final de 2 Pedro 3:9, tem o sentido de “fazer espaço para”. É traduzido por “levava”, em João 2:6, e “caberiam”, em 21:25. O pecador perdido sincero precisa “fazer espaço” para o arrependimento em seu coração ao colocar de lado o orgulho e receber humildemente a Palavra de Deus. O arrependimento é uma dádiva de Deus (At 11:18; 2 Tm 2:25), mas o incrédulo precisa dar espaço para essa dádiva.

Ao recapitular os argumentos de Pedro, observa-se como as provas que apresenta são irrefutáveis. Ressalta que os escarnecedores rejeitam deliberadamente as evidências a fim de continuar a pecar e a zombar. Prova pelas Escrituras que Deus interveio na história passada e que tem o poder de fazer o mesmo hoje. Mostra que os escarnecedores tinham um péssimo conceito do caráter de Deus, pois acreditavam que ele estava atrasando o cumprimento de suas promessas, da mesma forma que os homens fazem. Por fim, explica que Deus não vive na esfera do tempo humano e que sua aparente “demora” serve apenas para dar mais oportunidades aos pecadores perdidos de se arrependerem e serem salvos.

Depois de refutar suas declarações falsas, Pedro reafirma a certeza da vinda do Dia do Senhor. Ninguém sabe quando será, pois sobrevirá “como ladrão”. Tanto Jesus (Mt 24:43; Lc 12:39) quanto o apóstolo Paulo

(1 Ts 5:2ss) também usaram essa expressão. O julgamento de Deus sobrevirá quando o mundo estiver se sentindo seguro. O ladrão não avisa suas vítimas que está vindo! “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão” (1 Ts 5:3).

Não sabemos *quando* acontecerá, mas sabemos *o que* acontecerá. Kenneth Wuest apresenta uma tradução vívida e precisa dessas palavras: “No qual os céus serão dissolvidos com um ruído intenso e os elementos sendo queimados se dissolverão, e a terra bem como as obras serão consumidas pelo fogo” (2 Pe 3:10).

Muitos estudiosos da Bíblia acreditam que, nessa passagem, Pedro descreve a ação da energia atômica sendo liberada por Deus. O termo traduzido por “estrepitoso estrondo” significa “um som sibilante e estalante”. Quando a bomba atômica foi testada no deserto de Nevada, vários repórteres afirmaram ter ouvido um “chiado” ou “estalo”. O termo grego que Pedro emprega costumava ser usado em referência ao barulho feito pelas asas de um pássaro ou o silvo de uma serpente.

A expressão “se desfarão abrasados”, em 2 Pedro 3:10, significa “desintegrar-se, dissolver-se”. Dá a idéia de algo sendo decomposto em seus elementos fundamentais, exatamente o que acontece na liberação da energia atômica. “Passará o céu e a terra”, disse Jesus (Mt 24:35) e, ao que parece, isso pode acontecer pela liberação da energia atômica guardada dentro dos elementos que constituem o mundo. Os céus e a Terra estão “armazenados com fogo” (“entesourados para fogo”; 2 Pe 3:7), e somente Deus pode liberá-lo.

Por esse motivo, não creio que Deus permitirá que homens perversos envolvam-se em uma guerra nuclear que destruirá a Terra. A meu ver, ele predominará sobre a ignorância e a insensatez dos homens,

inclusive a dos diplomatas e políticos bem-intencionados, porém incrédulos, de modo que somente ele terá o privilégio de “apertar o botão” e de dissolver os elementos, a fim de abrir caminho para os novos céus e a nova Terra. Sem dúvida, ao escrever essas palavras, Pedro tinha em mente passagens do Antigo Testamento, como Isaías 13:10, 11; 24:19; 34:4 e 64:1-4. A primeira passagem é especialmente enfática na afirmação de que Deus fará sobrevir o julgamento, não os homens. “Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos por causa da sua iniquidade”, diz o Senhor. Essa declaração não dá a entender que ele entregará essa tarefa a algum líder militar nervoso ou a algum político irado.

É evidente que essa grande explosão e conflagração não atingirão o “céu dos céus” onde Deus habita. Destruirão a Terra e o céu atmosférico a seu redor, o universo como o conhecemos; com isso, será criado espaço para os novos céus e a nova Terra (2 Pe 3:13; Ap 21:1ss).

As grandes obras dos homens serão consumidas pelo fogo! Todas as coisas das quais os seres humanos se orgulham – suas grandes cidades, construções, invenções e realizações – serão destruídas em um instante. Quando os pecadores estiverem diante do trono de Deus, não terão coisa alguma para mostrar como prova de sua grandeza. Tudo terá desaparecido.

Sem dúvida, trata-se de uma verdade extremamente séria, e não devemos ousar estudá-la com arrogância. Nos versículos restantes desta epístola, Pedro aplica essa verdade a nossa vida diária. No entanto, convém fazer uma pausa agora e considerar onde estaremos quando Deus destruir o mundo. Vivemos em função de coisas destinadas a ser destruídas por uma nuvem atômica e a desaparecer para sempre? Ou fazemos a vontade de Deus de modo que nossas obras o glorifiquem para sempre? É preciso decidir agora, antes que seja tarde demais.

## SEJAM DILIGENTES!

2 PEDRO 3:11-18

A verdade profética não tem por objetivo especular, mas sim motivar; desse modo, Pedro conclui sua carta com o tipo de admoestação prática ao qual todos nós devemos dar ouvidos. É triste quando as pessoas correm de um congresso sobre profecias para outro, enchendo os cadernos de anotações, marcando a Bíblia, desenhando gráficos e, no entanto, não vivem para a glória de Deus. Na verdade, é bem possível que os cristãos briguem mais entre si por causa da interpretação de profecias do que por qualquer outra questão.

Todos os cristãos verdadeiros crêem que Jesus Cristo virá outra vez. Podem diferir em sua visão de quando certos acontecimentos prometidos ocorrerão, mas todos concordam que o Senhor voltará, conforme prometeu. Além disso, todos os cristãos concordam que essa fé numa glória futura deve servir de motivação para a Igreja. Como um pastor me disse:

- Passei da comissão de planejamento da volta de Cristo para o comitê de recepção!

Isso não significa que se deve parar de estudar as profecias ou que todo ponto de vista contrário seja verdadeiro, o que, obviamente, é impossível. Mas significa que, quaisquer que sejam nossas concepções, elas devem fazer diferença em nossa vida.

A admoestação que resume de modo mais adequado o que Pedro escreve neste parágrafo de encerramento é "sejam diligentes!" O apóstolo usa esse termo em 2 Pedro 1:5: "reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé"; em 2 Pedro 1:10, "procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição" e em

2 Pedro 1:15, "de minha parte, esforçar-me-ei, diligentemente". Quem quer ser um cristão bem-sucedido precisa aprender a ser diligente.

Pedro dá três admoestações para encorajar os leitores na diligência cristã à luz da volta de Cristo.

### 1. SEJAM DILIGENTES EM LEVAR UMA VIDA PIEDOSA (2 PE 3:11-14)

A palavra-chave deste parágrafo é *esperar*. Significa "aguardar com grande expectativa". Encontramos esse mesmo termo em Lucas 3:15 ("Estando o povo na expectativa") e em Atos 3:5 ("esperando receber alguma coisa"). Descreve uma atitude de empolgação e expectativa ao aguardarmos a volta do Senhor. Ao saber que o mundo e suas obras se dissiparão e que até mesmo os elementos se desintegrarão, não colocamos a esperança nas coisas deste mundo, mas somente no Senhor Jesus Cristo.

Ninguém sabe o dia ou a hora da volta de Cristo e, por isso, todos devem estar sempre preparados. O cristão que começa a negligenciar "a bendita esperança" (Tt 2:13) desenvolve gradativamente um coração frio, uma atitude mundana e uma vida infiel (Lc 12:35-48). Se não tiver cuidado, poderá tornar-se como os escarnecedores e fazer pouco da promessa da volta de Cristo.

Essa atitude de expectativa deve fazer diferença em nossa *conduta pessoal* (2 Pe 3:11). O termo traduzido por "ser tais como" significa, literalmente, "exótico, que não é deste mundo, estrangeiro". Uma vez que "[livramo-nos] da corrupção das paixões que há no mundo" (2 Pe 1:4), devemos viver de maneira diferente das pessoas do mundo. Para elas, devemos viver como "estrangeiros", pois este mundo não é nosso lar. Somos "peregrinos e forasteiros" (1 Pe 2:11) a caminho de um mundo melhor, a cidade eterna de Deus. Os cristãos devem ser diferentes, mas não esquisitos. Quando somos diferentes, atraímos as pessoas; quando somos esquisitos, as espantamos.

Nossa conduta deve ser caracterizada pela santidade e piedade. "Pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou,

tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pe 1:15, 16). O termo "santo" significa "separado, colocado à parte". Israel era uma "nação santa", pois Deus chamou os israelitas dentre os gentios e os manteve separados. Os cristãos são chamados do mundo ímpio a seu redor e separados exclusivamente para Deus.

O termo "piedade" também é usado em 2 Pedro 1:6, 7 e tem o sentido de "adorar devidamente". Descreve a pessoa cuja vida é dedicada a agradar a Deus. É possível ser posicionalmente separado do pecado sem, no entanto, ter prazer em viver para Deus pessoalmente. No mundo grego, essa palavra traduzida por "piedade" significava "respeito e reverência pelos deuses e pelo mundo que eles criaram". É essa atitude de reverência que nos faz dizer, como João Batista: "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3:30).

Outros autores do Novo Testamento também ensinam que a expectativa ansiosa pela volta de Cristo deve nos motivar a ter uma vida pura (ver Rm 13:11-14; 2 Co 5:1-11; Fp 3:17-21; 1 Ts 5:1-11; Tt 2:11-15; 1 Jo 2:28 - 3:3). No entanto, não é simplesmente o conhecimento da doutrina *com a mente* que motiva esse tipo de vida, mas também a presença dessa verdade *no coração*; é amar a vinda do Senhor (2 Tm 4:8).

Essa atitude de expectativa não deve repercutir apenas na conduta, mas também no *testemunho*. Pedro afirma que é possível apressar a volta de Jesus Cristo.

O termo traduzido por "apressando" tem o sentido de "dar pressa" nas outras cinco passagens em que é usado no Novo Testamento. Os pastores "foram apressadamente" (Lc 2:16). Jesus disse a Zaqueu: "desce depressa" (Lc 19:5, 6). Paulo "se apressava com o intuito de passar o dia de Pentecostes em Jerusalém" (At 20:16); e o Senhor disse a Paulo: "Apressa-te e sai logo de Jerusalém" (At 22:18). Se dissermos que essa palavra tem o mesmo significado de "aguardar com grande expectativa", faremos Pedro repetir-se em 2 Pedro 2:12, em que o termo "esperar" é usado desse modo.

Deve-se evitar dois extremos no ministério. Um deles é a atitude de ficar de tal maneira "presos" ao plano soberano de Deus que coisa alguma que fazemos importa. O outro extremo é crer que Deus é incapaz de realizar qualquer coisa sem nossa participação! Apesar de jamais se dever usar os preceitos soberanos de Deus como desculpa para a preguiça, os planos e as atividades também não devem tomar seu lugar.

Talvez duas ilustrações da história do Antigo Testamento ajudem a compreender melhor a relação entre o plano de Deus e o serviço do ser humano. Deus livrou Israel do Egito e disse ao povo que desejava colocá-los em sua herança, a terra de Canaã. Mas em Cades-Barnéia, o povo rebelou-se contra Deus e se recusou entrar na terra (Nm 13 - 14). Deus os forçou a entrar? Não. Em vez disso, deixou que vagassem pelo deserto pelos quarenta anos seguintes até que a geração mais velha morresse. Ajustou seu plano de acordo com a resposta do povo.

Quando Jonas pregou ao povo de Nínive, sua mensagem foi clara: "Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida" (Jn 3:4). Deus estava planejando destruir a cidade perversa, mas quando o povo se arrependeu, desde o rei até a população em geral, Deus ajustou seu plano e poupou a cidade. Nem Deus nem seus princípios fundamentais mudaram, mas ele alterou a aplicação desses princípios. Quando os homens se arrependem, Deus responde de maneira adequada.

Então, de que maneira podemos, como cristãos, apressar a vinda do Dia de Deus? Em primeiro lugar, podemos orar como Jesus nos ensinou: "Venha o teu reino" (Mt 6:10). Pelo que se vê em Apocalipse 5:8 e 8:3, 4, parece que, de algum modo, as orações do povo de Deus estão relacionadas com o derramamento da ira de Deus sobre as nações.

Se o trabalho de Deus hoje é chamar um povo para seu nome (At 15:14), quanto antes esse trabalho for completado, mais cedo o Senhor voltará. Essa verdade é sugerida em Atos 3:19-21. Mateus 24:14, por sua vez, relata a Tribulação, mas o princípio

é o mesmo: o ministério humano coopera com o plano de Deus, a fim de que os acontecimentos prometidos ocorram.

Existem mistérios que a mente não é capaz de compreender plenamente nem explicar, mas a lição básica é clara: o mesmo Deus que determina o fim também determina os meios, e nós fazemos parte desses meios. Nossa tarefa não é especular, mas sim servir.

Por fim, essa atitude de expectativa deve fazer uma diferença *quando encontrarmos Jesus Cristo* (2 Pe 3:14). Ela significa que ele nos encontrará "em paz" e não terá acusação alguma contra nós, de modo que não seremos "envergonhados na sua vinda" (1 Jo 2:28). O tribunal de Cristo será um acontecimento momentoso (2 Co 5:8-11), no qual teremos de prestar contas do serviço realizado a ele (Rm 14:10-13). É melhor encontrar o Senhor "em paz" do que ele lutar contra nós com sua Palavra (Ap 2:16).

Se formos diligentes em esperar por sua volta e levar uma vida santa e piedosa, não teremos medo nem seremos envergonhados. Encontraremos com ele "sem mácula e irrepreensíveis". Jesus Cristo é o "cordeiro sem defeito e sem mácula" (1 Pe 1:19), e todos devem esforçar-se para seguir seu exemplo. Pedro adverte seus leitores contra a contaminação causada pelos apóstatas: eles são "quais nódoas e deformidades" (2 Pe 2:13). O cristão separado não se permite ser contaminado pelos falsos mestres! Deseja encontrar-se com o Senhor usando vestes puras.

De que maneira se mantém essa expectativa ansiosa que conduz a uma vida de santidade? Guardando sua promessa no coração (2 Pe 3:13). A promessa de sua vinda é a luz que resplandece neste mundo de trevas (2 Pe 1:19), e é preciso ter a certeza de que a "estrela da manhã" está brilhando em nosso coração porque amamos sua vinda.

## **2. SEJAM DILIGENTES EM GANHAR OS PERDIDOS (2 PE 3:15, 16)**

Segunda Pedro 3:15 é relacionado ao versículo 9, no qual Pedro explica por que o Senhor está demorando a cumprir sua pro-

messagem. Há muito tempo, Deus tem motivos de sobra para julgar o mundo e consumir suas obras, mas, em sua misericórdia, ele é longânimo para conosco, "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento". Este é o dia da salvação, não do julgamento.

Pedro faz referência aos escritos de Paulo, pois é Paulo, mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, que explica o plano de Deus para a humanidade nesta era presente. Especialmente nas epístolas aos Romanos e aos Efésios, Paulo explica a relação entre Israel e a Igreja. Ressalta que Deus usou a nação de Israel a fim de preparar o caminho para a vinda do Salvador. Mas Israel rejeitou seu Rei e pediu que ele fosse crucificado. Isso destruiu o plano de Deus? Claro que não! Por hora, Israel foi colocado de lado como nação, mas Deus ainda está fazendo algo novo e extraordinário: está salvando judeus e gentios e os tornando um em Cristo na Igreja.

Por séculos, se um gentio desejasse ser salvo, precisaria tornar-se parte do povo de Israel. Essa mesma atitude persistiu até na Igreja primitiva (At 15). Paulo deixa claro que *tanto judeus quanto gentios* estão condenados diante de Deus e ambos devem ser salvos pela fé em Jesus Cristo. Em Jesus Cristo, judeus e gentios salvos pertencem a um só corpo, a Igreja. A Igreja é um "mistério", oculto nos desígnios de Deus e, posteriormente, revelado por meio dos profetas do Novo Testamento e por meio dos apóstolos (ver Ef 3).

A nação de Israel era a grande testemunha da Lei de Deus, mas a Igreja dá testemunho de sua graça (ver Ef 1 e 2). A Lei preparou o caminho para a graça, e a graça nos permite cumprir a justiça da Lei (Rm 8:1-5). Isso não significa que não houvesse graça na antiga aliança nem que os cristãos da nova aliança vivam sem lei! Qualquer um que foi salvo no regime da Lei foi salvo pela graça, por meio da fé, conforme Romanos 4 e Hebreus 11 deixam claro.

Mas os incultos e os instáveis têm dificuldade em entender os ensinamentos de Paulo. Algumas pessoas cultas e estáveis com discernimento espiritual podem sentir-se

perdidas diante de passagens como Romanos 9 a 11! Em sua tentativa de “harmonizar” aparentes contradições (a Lei e a graça, Israel e a Igreja, a fé e as obras), alguns estudiosos da Bíblia distorcem as Escrituras e tentam fazê-las ensinar algo que não se encontra no texto. O termo grego traduzido por “deturpar” significa “torturar na roda, distorcer, perverter”.

Até mesmo no tempo de Paulo havia os que distorciam as palavras do apóstolo e tentavam defender a própria ignorância. Acusavam Paulo de ensinar que, pelo fato de sermos salvos pela graça, nosso modo de viver não faz diferença! Havia quem dissesse “caluniosamente” que Paulo ensinava: “Pratiquemos males para que venham bens” (Rm 3:8; cf. Rm 6:1ss). Outros acusavam Paulo de ser contra a Lei pois ensinava a igualdade dos judeus e gentios dentro da igreja (Gl 3:28) e sua liberdade em Cristo.

A maioria das heresias é uma deturpação de alguma doutrina fundamental da Bíblia. Os falsos mestres usam certos versículos fora de contexto, distorcem o significado das Escrituras e criam doutrinas contrárias à Palavra de Deus. É provável que Pedro tivesse em mente os falsos mestres, mas esta advertência vale para todos nós. Devemos aceitar os ensinamentos das Escrituras e não tentar fazê-las dizer o que queremos.

Convém observar que Pedro descreve as epístolas de Paulo como *Escrituras*, ou seja, Palavra inspirada de Deus. Não apenas os ensinamentos dos apóstolos concordavam com os preceitos dos profetas e de Jesus (2 Pe 3:2), como também os apóstolos apresentavam um consenso entre si. Alguns estudiosos liberais tentam provar a existência de diferenças entre a doutrina dos apóstolos e a doutrina de Jesus Cristo, ou entre os ensinamentos de Pedro e os de Paulo. Os destinatários da segunda carta de Pedro também haviam lido algumas das epístolas de Paulo, e Pedro lhes garante que estavam em concordância.

O que acontece com as pessoas que deturpam as Escrituras cegamente? Elas o fazem “para a própria destruição”. Pedro não escreve a respeito de cristãos com dificuldade

em compreender a Palavra de Deus, pois ninguém é capaz de compreender a Bíblia toda perfeitamente. Antes, descreve os falsos mestres que “torturam” a Palavra de Deus a fim de provar suas doutrinas falsas. Certa vez, ouvi um membro de uma seita explicar por que o líder de seu grupo era o “novo Messias” manipulando, para isso, as “semanas” em Daniel 9:23-27. Distorceu a profecia sem dó nem piedade!

A palavra “destruição” é repetida com frequência nesta epístola (2 Pe 2:1-3; 3:7, 16). Refere-se à rejeição da vida eterna, que resulta em morte eterna.

Uma vez que este é o dia da salvação, devemos ser diligentes e fazer todo o possível para ganhar os perdidos. Não sabemos quanto tempo o Senhor será “longânimo” para com o mundo perverso. Não se deve abusar de sua graça. Antes, deve-se compreender o que as Escrituras ensinam sobre o plano de Deus para a presente era e ser motivados pelo amor pelos perdidos (2 Co 5:14) e por um desejo de agradar ao Senhor quando ele voltar.

Os falsos mestres multiplicam suas doutrinas perniciosas e infectam a Igreja. Deus precisa de homens e de mulheres separados do mundo que resistam a esses apóstatas, vivam de modo piedoso e dêem testemunho da graça salvadora de Jesus Cristo. O tempo é curto!

### 3. SEJAM DILIGENTES EM CRESCER ESPIRITUALMENTE (2 PE 3:17, 18)

Encontramos em 2 Pedro 3 quatro declarações com “amados” que resumem a mensagem que Pedro desejava transmitir ao encerrar sua segunda carta.

“Amados, [...] vos recordeis” (3:1, 2).

“amados, [...] não deveis esquecer” (3:8).

“amados, [...] empenhai-vos” (3:14).

“amados, [...] acautelai-vos” (3:17).

O termo traduzido por “acautelai-vos” significa “estejam constantemente guardando a si mesmos”. Os leitores de Pedro conheciam a verdade, mas ele os advertiu de que o conhecimento, por si só, não era proteção



suficiente. Precisavam estar de guarda e permanecer alertas. É fácil para pessoas com algum conhecimento da Bíblia se tornarem excessivamente confiantes e esquecerem da advertência: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10:12).

Que perigo específico Pedro vê? O perigo de verdadeiros cristãos serem "desviados pelos erros dos perversos" (tradução literal). Ele os adverte a que não derrubem os muros de separação que devem ficar entre os cristãos e os falsos mestres. Não pode haver comunhão entre verdade e engano. Os apóstatas "andam no erro" (2 Pe 2:18), enquanto os verdadeiros cristãos vivem no âmbito da verdade (2 Jo 1, 2).

O termo "insubordinados" (2 Pe 3:17) significa "sem lei". A descrição que Pedro faz dos apóstatas em 2 Pedro 2 mostra quanto desrespeitam a Lei. Falam mal até das autoridades que procuram executar a Lei de Deus neste mundo! (2 Pe 2:10, 11). Prometem liberdade a seus convertidos (2 Pe 2:19), mas, na realidade, essa liberdade não passa de desrespeito à Lei.

É impossível a um cristão verdadeiro decair da salvação e se perder, mas existe a possibilidade de decair "da própria firmeza". O que vem a ser essa firmeza? "[Estar] certos da verdade já presente" (2 Pe 1:12). A estabilidade do cristão vem de sua fé na Palavra de Deus, de seu conhecimento da Palavra e de sua capacidade de usar a Palavra nas decisões práticas da vida.

Uma das grandes tragédias do evangelismo é dar à luz "bebês espirituais" e, depois, deixar de alimentá-los, de cuidar deles e de ajudá-los a se desenvolver. Os apóstatas atacam os recém-convertidos que "estavam prestes a fugir dos que andam no erro" (2 Pe 2:18). É preciso ensinar aos cristãos novos na fé as doutrinas fundamentais da Palavra de Deus, pois, de outro modo, correm o risco de ser "arrastados pelo erro desses insubordinados".

De que maneira nós, cristãos, podemos manter a firmeza e não ser uma das "almas inconstantes" facilmente seduzidas e desencaminhadas? Crescendo espiritualmente. A tradução literal do versículo 18a é "estejam

constantemente crescendo". Não se trata de crescer "aos solavancos", mas sim de experimentar contínuo desenvolvimento.

Deve-se crescer "na graça". Trata-se de uma referência às peculiaridades do caráter cristão, exatamente as coisas sobre as quais Pedro escreve em 2 Pedro 1:5-7 e das quais Paulo fala em Gálatas 5:22, 23. Somos salvos pela graça (Ef 2:8, 9), mas a graça não se resume no crescimento! Também devemos ser fortalecidos pela graça (2 Tm 2:1-4). A graça de Deus capacita a suportar o sofrimento (2 Co 12:7-10). Sua graça também ajuda a contribuir (2 Co 8:1ss) e a cantar, mesmo quando isso é difícil (Cl 3:16).

Nosso Deus é "o Deus de toda a graça" (1 Pe 5:10), que "dá graça aos humildes" (Tg 4:6). Ao estudar sua Palavra, aprendemos sobre vários aspectos da graça disponíveis a nós, filhos de Deus. Somos dispenseiros da "multiforme graça de Deus" (1 Pe 4:10). Existe graça disponível para cada situação e desafio da vida. "Mas, pela graça de Deus, sou o que sou" (1 Co 15:10), e esse também deve ser nosso testemunho.

Crescer na graça significa, com frequência, experimentar tribulações e até mesmo sofrimento. Só se experimenta a graça de Deus de fato ao esgotar os próprios recursos. As lições aprendidas na "escola da graça" são sempre custosas, mas valem a pena. Crescer na graça significa tornar-se mais semelhante ao Senhor Jesus Cristo, do qual recebemos toda a graça necessária (Jo 1:16).

Também se deve crescer em conhecimento. Como é fácil crescer em conhecimento, mas não em graça! Todos conhecemos muito mais da Bíblia do que colocamos em prática. O conhecimento sem a graça é uma arma terrível, e a graça sem conhecimento pode ser extremamente superficial. Mas ao combinar os dois, tem-se uma ferramenta maravilhosa para edificar outras vidas e a igreja.

Convém observar que o desafio não é apenas para crescer no conhecimento da Bíblia, por melhor que isso seja, mas também "no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". Uma coisa é "conhecer a Bíblia", outra bem diferente é conhecer o

Filho de Deus, o tema central da Bíblia. Quanto melhor conhecermos a Cristo por meio da Palavra, mais cresceremos em graça; quanto mais crescermos em graça, maior será nossa compreensão da Palavra de Deus.

Assim, o cristão separado deve estar sempre *se guardando*, a fim de não se desviar da verdade; também deve estar sempre  *crescendo* em graça e em conhecimento. Isso requer diligência! Requer disciplina e prioridades corretas. Ninguém passa automaticamente ao estado de crescimento e de estabilidade espiritual, mas qualquer um pode, com facilidade, deixar de se dedicar e de crescer. "Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos" (Hb 2:1). Assim como um barco precisa de uma âncora, também o cristão precisa da Palavra de Deus.

O crescimento físico e o espiritual seguem um padrão semelhante. Em primeiro lugar, crescemos de dentro para fora. Pedro usa a ilustração de "crianças recém-nascidas" (1 Pe 2:2). O filho de Deus nasce com tudo de que precisa para crescer e servir (2 Pe 1:3): o alimento e o exercício espirituais que promoverão seu crescimento. Também precisa manter-se puro. O crescimento dá-se por nutrição, não por adição!

Todos crescem melhor em uma família carinhosa, daí a importância da igreja local. O bebê precisa de uma família para lhe dar proteção, provisão e afeição. De acordo com pesquisas, bebês criados em isolamento, sem qualquer amor especial, apresentam a tendência de desenvolver problemas físicos e emocionais muito cedo na vida. A igreja é o "berçário" de Deus, onde os cristãos recebem cuidado e alimento; é o ambiente que Deus criou para encorajá-los a crescer.

Assim como o corpo humano cresce em harmonia com várias partes trabalhando

juntas, também o "homem espiritual" precisa crescer de forma equilibrada. Deve-se, por exemplo, crescer na graça e no conhecimento (2 Pe 3:18). Deve-se manter o equilíbrio entre a adoração e o serviço, entre a fé e as obras. Uma dieta balanceada constituída de toda a Palavra de Deus ajuda a manter uma vida equilibrada.

É o Espírito Santo de Deus quem dá poder e capacidade para manter o equilíbrio. Antes de Pedro ser cheio do Espírito, costumava passar de um extremo a outro. Em um minuto, dava testemunho de Cristo e, logo em seguida, tentava discutir com o Senhor! (Mt 16:13-23). Primeiro, não permitiu que Jesus lavasse seus pés, mas, pouco depois, pediu que o lavasse por inteiro! (Jo 13:6-10). Prometeu defender o Senhor e até morrer com ele e, no entanto, não teve coragem de *confessar* o Senhor diante de uma jovem serva! Mas, depois de ser cheio do Espírito Santo, Pedro começou a levar uma vida equilibrada, evitando extremos impulsivos.

Qual é o resultado do crescimento espiritual? A glorificação de Deus! "A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno." Glorificamos a Jesus Cristo mantendo-nos separados do pecado e do engano. Também o glorificamos quando crescemos em graça e conhecimento, pois nos tornamos mais semelhantes a ele (Rm 8:29). Pedro glorificou a Deus com sua vida e, até mesmo, com sua morte (Jo 21:18, 19).

Ao fazer uma revisão desta importante epístola, não se pode deixar de observar a urgência de sua mensagem. Os apóstatas estão trabalhando em nosso meio e seduzindo cristãos imaturos! É preciso guardar-se, crescer e glorificar ao Senhor, aproveitando ao máximo todas as oportunidades de ganhar os perdidos e de fortalecer os salvos.

Seja diligente! Desse modo, poderá estar salvando o próprio ministério!

# 1 JOÃO

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Testes de realidade na vida cristã

**Versículo-chave:** 1 João 5:13

### I. INTRODUÇÃO - 1:1-4

### II. O TESTE DA VERDADEIRA COMUNHÃO: DEUS É LUZ - 1:5 - 2:29

A. Obediência - 1:5 - 2:6 ("dizer" X "fazer")

B. Amor - 2:7-17

C. Verdade - 2:18-29

### III. O TESTE DA VERDADEIRA FILIAÇÃO: DEUS É AMOR - CAPÍTULOS 3 - 5

A. Obediência - 3

B. Amor - 4

C. Verdade - 5

## CONTEÚDO

1. Algo real (1 Jo 1:1-4)..... 609
  2. O discurso e a prática (1 Jo 1:5 - 2:6)..... 616
  3. O antigo e o novo (1 Jo 2:7-11)..... 623
  4. O amor que Deus detesta (1 Jo 2:12-17)..... 631
  5. A verdade ou as conseqüências (1 Jo 2:18-29)..... 639
  6. Os impostores (1 Jo 3:1-10)..... 647
  7. Amor ou morte (1 Jo 3:11-24)..... 654
  8. O cerne do amor (1 Jo 4:1-16)..... 662
  9. Amem, honrem e obedçam (1 Jo 4:17 - 5:5)..... 691
  10. O que sabemos ao certo? (1 Jo 5:6-21)..... 677
-

## ALGO REAL

## 1 JOÃO 1:1-4

“Era uma vez...”.

Quando éramos crianças, essas palavras costumavam ser extremamente empolgantes. Abriam a porta para um mundo de sonhos que ajudava a esquecer todos os problemas da infância.

Então, um dia, algo aconteceu, e o “Era uma vez” tornou-se infantil demais. Descobre-se que a vida não é um parque de diversões, mas sim um campo de batalha, e os contos de fada deixaram de fazer sentido. Passa-se a desejar algo *real*.

A busca por algo real não é novidade. Desde o começo da história, os seres humanos buscam realidade e satisfação em riquezas, emoções, conquistas, poder, conhecimento e até mesmo na religião.

Não há nada de errado nessas experiências, mas nenhuma delas é capaz, *em si mesma*, de oferecer verdadeira satisfação. *Desejar algo real e encontrar algo real* são duas coisas diferentes. Como a criança que come algodão-doce no circo, algumas pessoas esperam morder algo real, mas acabam com a boca vazia. Desperdiçam anos preciosos da vida com substitutos fúteis da realidade.

É nessa situação que se encaixa a primeira epístola do apóstolo João. Apesar de ter sido escrita há séculos, esta carta trata de um tema sempre atual: a *vida real*.

João descobriu que as coisas e as emoções não oferecem uma realidade que satisfaça, mas que esta pode ser encontrada em uma Pessoa: Jesus Cristo, o Filho de Deus. Sem perder tempo, o apóstolo fala dessa “realidade viva” logo no primeiro parágrafo da sua carta.

Ao ler 1 João 1:1-4, é possível aprender três fatos importantes acerca da vida real.

### 1. ESSA VIDA É REVELADA (1 JO 1:1)

Ao ler a carta de João, descobre-se que ele gosta de usar certas palavras, e uma delas é “manifestar”. O apóstolo afirma que “A vida eterna, a qual estava com o Pai [...] nos foi manifestada” (1 Jo 1:2). Não se trata de uma vida oculta, que é preciso procurar e encontrar. Antes, é uma vida *manifestada* – revelada abertamente!

Se você fosse Deus, será que se revelaria aos seres humanos? Como lhes falaria do tipo de vida que gostaria que desfrutassem e de que maneira lhes daria essa vida?

Deus se revelou na criação (Rm 1:20), mas a criação, por si mesma, jamais seria capaz de contar a história do amor do Criador. Deus também se revelou de maneira mais plena na Bíblia, mas a revelação mais completa e absoluta de Deus deu-se em seu Filho, Jesus Cristo. Jesus disse: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14:9).

Uma vez que Jesus é a revelação do próprio Deus, recebe um nome muito especial: “Verbo da vida” (1 Jo 1:1).

A mesma designação pode ser encontrada no início do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1:1).

Por que Jesus Cristo tem esse nome? Porque Cristo é aquilo que as palavras são para as pessoas. Palavras revelam pensamentos e sentimentos. Cristo revela a mente e o coração de Deus. Ele é o meio de comunicação vivo entre Deus e os homens. Conhecer a Jesus Cristo é conhecer a Deus!

João identifica Jesus Cristo de modo inequívoco. Jesus é o Filho do Pai, o Filho de Deus (1 Jo 1:3). Em sua primeira carta, o apóstolo adverte seus leitores várias vezes para não darem ouvidos a falsos mestres que mentem sobre Jesus Cristo. “Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?” (1 Jo 2:22). “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus” (1 Jo 4:2, 3). Quem tem

uma concepção errada de Jesus Cristo também tem uma concepção errada de Deus, pois Jesus Cristo é a revelação absoluta e completa de Deus aos homens.

Há quem diga, por exemplo, que Jesus foi um homem, mas não foi Deus. João não dá espaço a esses mestres! Uma das últimas coisas que escreve nesta carta é: “estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1 Jo 5:20, grifos nossos).

Tamanha é a seriedade da questão das falsas doutrinas que João também escreve sobre isso em sua segunda carta, advertindo os cristãos a não receberem os falsos mestres em suas casas (2 Jo 9, 10). Além disso, deixa claro que negar que Jesus é Deus corresponde a seguir as mentiras do Anticristo (1 Jo 2:22, 23).

Isso nos leva a uma doutrina bíblica fundamental, motivo de perplexidade para tantos – a doutrina da Trindade.

Nesta carta, João fala do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Diz, por exemplo: “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (1 Jo 4:2). Vê-se, portanto, que em um único versículo ele faz referência a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. O texto de 1 João 4:13-15 é outra declaração que menciona as três pessoas da Trindade.

O termo *Trindade* é uma combinação do prefixo *tri*, que significa “três”, com o termo *unidade*, que significa “um”. Assim, trindade é “três em um” ou “um em três”. Apesar de a palavra “Trindade” não aparecer nas Escrituras, é uma doutrina que a Palavra ensina (ver também Mt 28:19, 20; Jo 14:16, 17, 26; 2 Co 13:14; Ef 4:4-6).

Os cristãos não crêem na existência de três deuses. Antes, crêem que um único Deus existe em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Os cristãos também não acreditam apenas que Deus se revela de três maneiras diferentes, como um homem que pode ser, ao mesmo tempo, marido, pai e filho. Antes, a Bíblia ensina que Deus é *um*, mas que existe em *três* Pessoas.

Um professor de doutrina costumava dizer: “Se você tentar explicar a Trindade,

talvez perca o juízo. Mas se tentar colocá-la de lado, certamente perderá a alma!” E o apóstolo João diz: “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai” (1 Jo 2:23). Nenhuma Pessoa da Trindade é dispensável!

Ao ler os relatos da vida de Jesus nos Evangelhos, vê-se a vida maravilhosa que Deus deseja que desfrutemos. No entanto, não se toma parte nessa vida *imitando* Jesus, nosso exemplo. Há um modo muito melhor de participar.

## 2. ESSA VIDA É EXPERIMENTADA (1 Jo 1:2)

Ao reler os quatro primeiros versículos desta carta de João, é possível observar que o apóstolo teve um *encontro pessoal com Jesus Cristo*. Não foi uma “experiência religiosa” de segunda mão, herdada de outra pessoa ou descoberta em um livro! João encontrou-se com Jesus Cristo face a face. Ele e os outros apóstolos ouviram Jesus falar. Viram-no viver diante deles. Estudaram-no com cuidado e até tocaram seu corpo. Sabiam que Jesus era *real*, não um fantasma ou uma visão, mas Deus em forma corpórea humana.

Um acadêmico de hoje pode dizer: “É verdade, e isso significa que João estava em uma posição privilegiada. Viveu no tempo em que Jesus estava na Terra e conheceu Jesus pessoalmente. Mas eu nasci vinte séculos atrasado!”

Aí é que está o engano! Os apóstolos não foram transformados pela proximidade física de Jesus Cristo, mas sim por sua proximidade *espiritual*. Entregaram-se a ele como Salvador e Senhor. Jesus Cristo era uma Pessoa real e empolgante para João e seus companheiros, porque creram no Senhor e, ao fazê-lo, *experimentaram a vida eterna!*

Em seis ocasiões ao longo desta carta, João usa a expressão “nascido de Deus”. Não se trata de uma idéia criada pelo próprio apóstolo; são palavras que ele ouviu Jesus usar. Jesus disse: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. [...] O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer

de novo" (Jo 3:3, 6, 7). É possível experimentar essa "vida real" somente ao crer no evangelho, ao confiar em Cristo e "nascer de Deus".

"Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus" (1 Jo 5:1). A vida eterna não é algo que se conquista por meio de boas obras nem é merecida por causa de um bom caráter. A vida eterna, a vida real, é uma dádiva de Deus para aqueles que crêem em seu Filho como seu Salvador.

João escreveu seu Evangelho para dizer às pessoas como receber essa vida maravilhosa (Jo 20:31). Sua primeira carta, entretanto, foi escrita para mostrar aos cristãos como se certificar de que são, verdadeiramente, "nascidos de Deus" (1 Jo 5:9-13).

Depois de um falecimento na família, um estudante universitário voltou às aulas e começou a tirar notas cada vez mais baixas. Seu conselheiro pensou que o rapaz havia ficado abalado pela morte da avó e que, com o tempo, o estudante se recuperaria e voltaria a tirar boas notas. Mas, nos meses subsequentes, seu desempenho só piorou. Por fim, o rapaz confessou qual era o problema. Enquanto visitava os parentes, encontrou na Bíblia antiga da avó os registros da família que mostravam que ele era filho adotivo.

- Não sei mais a quem pertencço - disse o rapaz ao conselheiro. - Não sei de onde eu vim!

A certeza de fazer parte da família de Deus - de ser "nascidos de Deus" - é absolutamente vital para todos. Certas características encontram-se presentes em todos os filhos de Deus. A pessoa nascida de Deus tem uma vida justa (1 Jo 2:29). O filho de Deus não *pratica* o pecado (1 Jo 3:9). O cristão *comete* pecados ocasionalmente (cf. 1 Jo 1:8 - 2:2), mas não cultiva o hábito de pecar.

Os filhos de Deus também amam uns aos outros e ao Pai celestial (cf. 1 Jo 4:7; 5:1). Não têm amor algum pelo sistema do mundo ao seu redor (1 Jo 2:15-17), o que faz com que o mundo os odeie (1 Jo 3:13). Em vez de serem vencidos pelas pressões do mundo e perderem o equilíbrio, os filhos de Deus vencem o mundo (1 Jo 5:4). Essa é outra característica dos verdadeiros filhos de Deus.

Por que é tão importante *saber* que somos nascidos de Deus? João responde a essa pergunta: quem não é filho de Deus é "filhos da ira" (Ef 2:1-3) e pode tornar-se "filho do diabo" (1 Jo 3:10; ver também Mt 13:24-30, 36-43). Um "filho do diabo" é um cristão falso que age como se fosse "salvo" sem nunca ter nascido de novo. Jesus disse aos fariseus, indivíduos extremamente religiosos: "Vós sois do diabo, que é vosso pai" (Jo 8:44).

Os cristãos falsos - que não são poucos - podem ser comparados a uma cédula de dinheiro falsificado.

Suponha que uma pessoa tenha uma nota falsa, mas não saiba disso. Ela a usa para pagar a gasolina no posto. O dono do posto a usa para pagar seu fornecedor de alimentos. O fornecedor a coloca junto com outras notas verdadeiras e a leva para o banco, a fim de fazer um depósito. Então, o caixa do banco diz:

- Sinto muito, mas esta nota é falsa.

A cédula falsa pode até ter ajudado muita gente enquanto passava de mão em mão, mas quando chegou ao banco, foi descoberta e tirada de circulação.

O mesmo acontece com o cristão falso. Pode fazer muitas coisas boas ao longo da vida, mas, no dia do julgamento final, será rejeitado. "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mt 7:22, 23).

Cada um de nós deve perguntar-se com toda a honestidade: "Sou, verdadeiramente, um filho de Deus ou apenas um cristão falso?"

Se você ainda não experimentou a vida eterna, pode fazê-lo neste momento! Leia 1 João 5:9-15 com atenção. Esse é o "registro oficial" da Palavra de Deus. Ele oferece a dádiva da vida eterna. Creia na promessa dele e aceite a sua oferta. "Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Rm 10:13).

Há dois fatos importantes acerca da "vida real": ela é revelada em Jesus Cristo e

experimentada quando se crê nele como Salvador. Mas João não pára por aí!

### 3. ESSA VIDA É COMPARTILHADA (1 Jo 1:3, 4)

“O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros” (1 Jo 1:3). Uma vez experimentada essa vida empolgante e real, nasce o desejo de compartilhá-la com outros, exatamente como João desejava “anunciar” a todos os seus leitores no primeiro século.

Um pastor recebeu uma ligação de uma mulher irritada.

– Sua igreja enviou-me um impresso religioso – disse a mulher aos brados –, e considero uma ofensa vocês usarem o correio para perturbar as pessoas!

– O que a perturbou tanto no material que enviamos? – perguntou o pastor calmamente.

– Vocês não têm direito algum de tentar mudar minha religião! – exclamou a mulher. – Vocês têm sua religião e eu tenho a minha, e não estou tentando mudar a de vocês! (Na verdade ela estava, mas o pastor não discutiu.)

– Nosso objetivo – respondeu o pastor – não é mudar sua religião nem a de qualquer outra pessoa. No entanto, pela fé em Cristo, experimentamos uma vida tão maravilhosa que desejamos compartilhá-la com outros.

Muitas pessoas (inclusive alguns cristãos) acreditam que “testemunhar” significa discutir diferenças religiosas ou comparar igrejas.

Não é isso o que João tem em mente! Ele diz que testemunhar significa compartilhar experiências espirituais com outros por meio do modo de vida e das palavras.

João escreveu esta carta para compartilhar Cristo conosco visando cinco propósitos.

**Para que tenhamos comunhão (v. 3).** A palavra *comunhão* é importante no vocabulário do cristão. Significa, simplesmente, “ter em comum”. Como pecadores, os seres humanos não têm coisa alguma em comum com o Deus santo. Mas, em sua graça, Deus enviou Cristo para ter algo em comum com os homens. Cristo assumiu a forma de homem

e, na cruz, levou os pecados do mundo sobre esse corpo humano (1 Pe 2:24). Ao pagar o preço pelos pecados, abriu caminho para Deus nos perdoar e nos receber em sua família. Quando cremos em Cristo, tornamo-nos “co-participantes da natureza divina” (2 Pe 1:4). O termo traduzido por “co-participantes”, na epístola de Pedro, vem do mesmo radical grego traduzido por “comunhão” em 1 João 1:3.

Que milagre maravilhoso! Jesus Cristo assumiu a natureza humana para que, pela fé, possamos receber a própria natureza de Deus!

Um escritor inglês famoso estava partindo de Liverpool em um navio e observou que os outros passageiros acenavam para amigos no cais. Desceu até lá e abordou um garotinho.

– Se eu lhe der algum dinheiro, você pode acenar para mim? – perguntou ele ao menino que, obviamente, concordou. O escritor voltou correndo para o navio e se inclinou na amurada, feliz por ter alguém para quem acenar. E, dito e feito: lá estava o garotinho acenando de volta para ele!

Pode parecer uma história tola, mas serve para lembrar que *o ser humano detesta a solidão*. Todos desejam ser queridos. A vida real ajuda a resolver esse problema essencial da solidão, pois os cristãos têm comunhão verdadeira com Deus e uns com os outros. Jesus prometeu: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28:20). Nesta carta, João explica o segredo da comunhão com Deus e com outros cristãos. Esse é o primeiro motivo que o apóstolo menciona para escrever sua epístola: compartilhar sua experiência da vida eterna.

**Para que tenhamos alegria (v. 4).** A comunhão é a resposta de Cristo para a solidão da vida. A alegria é sua resposta para o vazio da vida.

Em sua primeira epístola, João usa o termo “alegria” apenas uma vez, mas é um conceito que aparece ao longo de toda a carta. A alegria não é algo que as pessoas realizam para si mesmas, mas sim um dos resultados maravilhosos da comunhão com

Deus. Davi conhecia a alegria que João menciona, pois disse: “Na tua presença há plenitude de alegria” (Sl 16:11).

O pecado é, fundamentalmente, a causa da infelicidade que predomina no mundo de hoje. O pecado promete alegria, mas sempre produz tristeza. Os prazeres do pecado são transitórios – duram apenas algum tempo (Hb 11:25). Os prazeres de Deus são eternos – duram para sempre (Sl 16:11).

A vida real produz alegria real, não um substituto inferior. Na noite antes de ser crucificado, Jesus disse: “E a vossa alegria ninguém poderá tirar” (Jo 16:22). “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (Jo 15:11).

Karl Marx escreveu: “O primeiro requisito para a alegria das pessoas é abolir a religião”. Mas o apóstolo João escreve, com efeito: “A fé em Jesus Cristo lhes dá uma alegria que o mundo jamais será capaz de reproduzir. Eu mesmo experimentei essa alegria e desejo compartilhá-la com vocês”.

**Para que não pequemos (2:1).** João encara o problema do pecado de frente (ver, por exemplo, 1 Jo 3:4-9) e anuncia a única resposta para esse enigma: a Pessoa e obra de Jesus Cristo. Jesus não apenas morreu por nós para carregar sobre si o castigo por nossos pecados, como também ressuscitou dentre os mortos, a fim de interceder por nós junto ao trono de Deus: “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 Jo 2:1).

Cristo é nosso Representante. Ele nos defende diante do trono do Pai. Satanás pode apresentar-se como o “acusador de nossos irmãos” (Zc 3; Ap 12:10), mas Cristo está lá como Advogado: ele intercede por nós! O perdão contínuo, em resposta à intercessão de Cristo, é a resposta de Deus a nosso caráter pecaminoso.

– Gostaria de me tornar cristã – disse uma mulher interessada no evangelho a um pastor visitante –, mas tenho medo de não permanecer firme em meu propósito. Estou certa de que voltarei a pecar!

Abrindo a Bíblia em 1 João 1, o pastor lhe falou:

– Sem dúvida você vai voltar a pecar, pois Deus afirmou: “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (1 Jo 1:8). Mas, se você pecar, Deus a perdoará se você confessar a ele seu pecado. No entanto, o cristão não precisa pecar. Ao andarmos em comunhão com Deus e em obediência à sua Palavra, ele nos dá a capacidade de resistir e vencer a tentação.

Em seguida, o pastor lembrou que, poucos meses antes, aquela mulher havia sofrido uma cirurgia e lhe perguntou:

– Quando você passou por aquela cirurgia, ocorreu alguma complicação ou problema posterior?

– Claro que sim – ela respondeu. – Mas quando surgiu um problema, eu voltei para o médico, e ele o tratou.

Então, ela percebeu a verdade!

– Entendi! – exclamou. – Cristo está sempre à disposição para me guardar do pecado ou me perdoar do pecado!

A vida real é uma vida de vitória. Nesta carta, João nos diz como lançar mão dos recursos divinos a fim de experimentarmos vitória sobre a tentação e o pecado.

**Para que não sejamos enganados (2:26).** Hoje, mais do que em qualquer outra época, o cristão precisa ter a capacidade de discernir entre o certo e o errado, entre a verdade e a mentira. De acordo com uma idéia amplamente difundida em nossa geração, não existem “absolutos” – nada é sempre errado e nada é sempre certo. Em decorrência disso, como nunca antes na história, as falsas doutrinas estão se tornando cada vez mais predominantes, e a maioria das pessoas parece disposta a aceitar quase qualquer tipo de preceito, exceto as verdades bíblicas.

Encontramos nas epístolas de João uma palavra que nenhum outro escritor do Novo Testamento usa – “anticristo” (1 Jo 2:18, 22; 4:3; 2 Jo 7). O prefixo *anti* tem dois sentidos: “contrário a” e “no lugar de”. Existem neste mundo mestres enganadores que se opõem a Cristo e que “seduzem” as pessoas por meio de mentiras. Oferecem coisas no lugar de Cristo, da salvação e da Bíblia. Desejam



nos dar *substitutos* para a Palavra real de Deus e para a vida eterna real.

Cristo é a Verdade (Jo 14:6), enquanto Satanás é um mentiroso (Jo 8:44). O diabo faz as pessoas se desviarem – não necessariamente com pecados sensuais vulgares, mas com meias verdades e mentiras completas. Começou seu trabalho seduzindo o homem no jardim do Éden. Perguntou a Eva: “É assim que Deus disse?” (Gn 3:1). Mesmo nessa ocasião, em vez de revelar sua verdadeira natureza, ele se disfarçou como uma criatura cheia de beleza (ver 2 Co 11:13-15).

Hoje, Satanás muitas vezes usa até mesmo grupos religiosos para espalhar suas mentiras! Nem toda pessoa que sobe ao púlpito prega as verdades da Palavra de Deus. Falsos pregadores e mestres religiosos sempre foram alguns dos instrumentos favoritos e mais eficazes do diabo.

De que maneira o cristão de hoje pode detectar as mentiras de Satanás? De que maneira pode identificar os falsos mestres? E de que maneira pode crescer no conhecimento da verdade a fim de não ser vítima de falsas doutrinas?

João responde a essas três perguntas. A vida real é caracterizada pelo discernimento.

O Espírito Santo, ao qual João refere-se falando da “unção que dele recebestes” (1 Jo 2:27), é a resposta de Cristo a nossa necessidade de discernimento. O Espírito é o Mestre; é ele quem nos permite distinguir entre a verdade e a mentira e permanecer em Cristo. Ele é a proteção contra a ignorância, o engano e a falsidade.

Voltaremos a tratar das falsas doutrinas e de falsos mestres novamente mais adiante.

**Para que saibamos que somos salvos (5:13).** Já mencionamos esse fato, mas convém repeti-lo. A vida real não é constituída de esperanças vazias – nem de desejos fúteis – com base em suposições humanas. Antes, ela é construída sobre a certeza. Aliás, ao ler a primeira carta de João, deparamos com a palavra *conhecer* e seus correlatos mais de trinta vezes. Se alguém perguntar a um cristão se ele vai para o céu, ele não precisa responder “Espero que sim” ou “Acho que sim”. Não precisa ter dúvida alguma.

A vida real é tão livre e empolgante porque toma por base o conhecimento de fatos incontestáveis. Jesus prometeu: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (cf. Jo 8:32). E o testemunho de seus discípulos foi: “Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda do Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas” (2 Pe 1:16). Esses homens que, em sua maioria, morreram por causa da sua fé, não entregaram a vida por uma fraude bem elaborada que eles próprios criaram, como alguns críticos do cristianismo costumam asseverar em sua insensatez. Eles *sabiam* o que haviam visto!

Anos atrás, um artista itinerante autodenominado “a Mosca” começou a escalar prédios e monumentos sem qualquer equipamento de segurança, reunindo multidões de espectadores.

Durante uma de suas apresentações, a Mosca chegou a um ponto na lateral de um prédio e parou, como se não soubesse o que fazer em seguida. Em seguida, esticou o braço direito para se apoiar num pedaço de argamassa e subir mais um pouco. Mas, em vez de subir, ele caiu para trás com um grito e morreu ao atingir a calçada.

Quando a polícia abriu a mão direita dele, não encontrou um pedaço de argamassa, mas sim um monte de teias de aranha cheias de poeira! A Mosca tentou escalar teias de aranha e se deu mal.

Jesus advertiu quanto a esse tipo de falsa segurança na passagem citada acima. Muitos dos que se dizem cristãos serão rejeitados no dia do julgamento.

Nesta carta, João está dizendo: “Quero que vocês *estejam certos* de que *possuem* a vida eterna”.

Ao ler esta epístola fascinante, descobrimos que João repete-se com freqüência. À medida que desenvolve os capítulos, vai entretecendo três temas importantes: a *obediência*, o *amor* e a *verdade*. Em 1 João 1 e 2, o apóstolo enfatiza a *comunhão* e afirma que as condições para desfrutá-la são: obediência (1 Jo 1:5 – 2:6), amor (1 Jo 2:7-17) e verdade (1 Jo 2:18-29).

Na segunda metade da carta, João trata principalmente da *filiação* – o fato de ser

“nascido de Deus”. De que maneira alguém pode saber, com certeza, que é filho de Deus? João diz que a filiação se revela por meio da obediência (1 Jo 3), do amor (1 Jo 4) e da verdade (1 Jo 5).

Obediência – amor – verdade. João usa esses três testes de comunhão por um motivo extremamente prático.

Quando Deus nos criou, ele nos fez a sua imagem (Gn 1:26, 27). Isso significa que temos uma personalidade moldada segundo a personalidade de Deus. Temos uma *mente* que pensa, um *coração* que sente e uma *volição* que toma decisões. Esses aspectos da personalidade humana são, em geral, denominados *intelecto*, *emoções* e *vontade*.

A vida real deve envolver todos os elementos da personalidade.

Hoje em dia, a maioria das pessoas está descontente porque sua personalidade, como um todo, nunca foi controlada por algo real e significativo. Quando uma pessoa é nascida de Deus por meio da fé em Cristo, o Espírito Santo entra em sua vida a fim de habitar nela para sempre. Quando o cristão tem comunhão com Deus, lê e estuda a Palavra e ora, o Espírito Santo pode controlar sua mente, coração e volição. Qual é o resultado?

Uma *mente* controlada pelo Espírito conhece e compreende a *verdade*.

Um *coração* controlado pelo Espírito sente *amor*.

Uma *volição* controlada pelo Espírito nos *inclina à obediência*.

João deseja deixar este fato claro e, para isso, usa uma série de contrastes ao longo de sua epístola: *verdade versus mentiras*; *amor versus ódio* e *obediência versus desobediência*.

A vida real não tem meios-termos. É preciso posicionar-se de um lado ou do outro.

Eis, portanto, a vida real. Ela foi revelada em Cristo; foi experimentada pelos que creram em Cristo e pode ser compartilhada no presente.

Essa vida começa com a *filiação* e continua com a *comunhão*. Primeiro, nascemos de Deus e depois, andamos (vivemos) com Deus.

Isso significa que existem dois tipos de pessoas que não podem participar da alegria e da vitória de que estamos falando: as que nunca nasceram de Deus e as que, apesar de salvas, não estão em comunhão com Deus.

Convém fazer um balanço espiritual (ver 2 Co 13:5) e determinar se estamos qualificados ou não a desfrutar a experiência espiritual à qual esta carta de João se refere.

Enfatizamos anteriormente a importância de ser nascidos de Deus, mas se ainda restam dúvidas, pode ser útil recapitular o segundo fato apresentado.

Se um cristão verdadeiro não está em comunhão com Deus, normalmente, é por um destes motivos:

1. Desobedeceu à vontade de Deus.
2. Não se entende com seus irmãos e irmãs em Cristo.
3. Acredita em uma mentira e, portanto, vive uma mentira.

Até mesmo um cristão pode estar enganado quanto à sua compreensão da verdade. É por isso que João nos adverte: “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém” (1 Jo 3:7).

Esses três motivos são paralelos aos três temas centrais da primeira epístola de João: a obediência, o amor e a verdade. Uma vez que um cristão descobre que não está em comunhão com Deus, deve confessar seu pecado (ou pecados) ao Senhor e se apropriar do pleno perdão que ele oferece (1 Jo 1:9 – 2:2). Um cristão jamais poderá desfrutar a comunhão alegre com o Senhor se houver pecado entre os dois.

O convite de Deus para nós hoje é: “Venham e desfrutem a comunhão comigo e uns com os outros! Venham e compartilhem a vida real!”

## O DISCURSO E A PRÁTICA

1 JOÃO 1:5 – 2:6

**T**oda forma de vida tem inimigos. Os insetos precisam ter cuidado com pássaros famintos, enquanto os pássaros precisam ficar atentos para gatos e cães famintos. Até mesmo os seres humanos têm de desviar de automóveis e de combater micróbios.

Como vemos nesta seção, a vida real também tem um inimigo: o *pecado*. João menciona o pecado em nove ocasiões nestes versículos, de modo que não se trata, evidentemente, de um assunto secundário. João ilustra esse tema usando o contraste entre a luz e as trevas: Deus é luz; o pecado é treva.

Mas se vê, aqui, ainda outro contraste: *dizer e fazer*. João usa quatro vezes a expressão “Se dissermos” ou “Aquele que diz” (1 Jo 1:6, 8, 10; 2:4). Fica claro que, na vida cristã, não se deve apenas “falar”, mas também “andar” ou *viver* segundo aquilo que se crê. Estando em comunhão com Deus (se “andarmos na luz”), a vida servirá para corroborar o que se diz com os lábios. Mas quem vive em pecado (se “andarmos nas trevas”) tem uma existência que desmente o que diz e que o transforma em hipócrita.

O Novo Testamento refere-se à vida cristã como uma “caminhada”. Essa *caminhada* começa com um passo de fé, quando se aceita a Cristo como Salvador. Mas a salvação não é o fim da vida espiritual; é apenas o começo. “Andar” implica progresso, e os cristãos devem avançar na vida espiritual. Da mesma forma que uma criança precisa aprender a andar e, para fazê-lo, deve superar vários obstáculos, também os cristãos devem aprender a “andar na luz”. O maior obstáculo para essa caminhada é o pecado.

É evidente que o pecado não consiste apenas em um ato exterior de desobediência; também é um desejo ou rebelião interior. Somos advertidos, por exemplo, a nos guardar da “concupiscência da carne, [da] concupiscência dos olhos e [da] soberba da vida” (1 Jo 2:16), todas elas pecaminosas. O pecado também é uma transgressão da Lei (1 Jo 3:4) ou, literalmente, uma “ilegalidade”. O pecado é a recusa em sujeitar-se à Lei de Deus. Essa ilegalidade ou independência da Lei é justamente a essência do pecado. Um cristão que decide viver de modo independente não pode andar em comunhão com Deus. “Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?” (Am 3:3).

Nem no Antigo Testamento nem no Novo Testamento a Bíblia encobre os pecados dos santos. Ao escapar de uma escassez de alimentos, Abraão vacilou na fé, desceu ao Egito e mentiu para o Faraó (Gn 12). Posteriormente, o patriarca tentou “ajudar Deus” coabitando com Hagar e gerando um filho (Gn 16). Em ambos os casos, Deus perdoou Abraão por seu pecado, mas Abraão teve de colher o que havia semeado. Deus pode zerar o registro de transgressões, e é exatamente isso o que ele faz, mas ele não muda os resultados. Ninguém pode juntar leite derramado.

Pedro negou o Senhor três vezes e tentou matar um homem no Getsêmani quando Jesus foi preso. Satanás é mentiroso e homicida (Jo 8:44), e Pedro estava fazendo o jogo dele! É evidente que Cristo perdoou Pedro (cf. Jo 21), mas o que Pedro fez prejudicou imensamente seu testemunho e atrapalhou a obra do Senhor.

O fato de que os cristãos pecam perturba algumas pessoas, especialmente os recém-convertidos. Esquecem que, mesmo tendo recebido uma nova natureza, a velha natureza com a qual nasceram não foi eliminada. A velha natureza (que tem origem no nascimento físico) luta contra a nova natureza que recebemos ao nascer de novo (Gl 5:16-26). Não há autodisciplina nem regras e regulamentos humanos capazes de controlar a velha natureza. Somente o Espírito Santo de Deus pode nos capacitar para

“mortificar” a velha natureza (Rm 8:12, 13) e produzir os frutos do Espírito (Gl 5:22, 23) em nós por meio da nova natureza.

Os santos que pecaram não são mencionados na Bíblia para nos desanimar, mas sim para nos advertir.

– Por que o senhor insiste em pregar a cristãos sobre o pecado? – uma mulher irritada perguntou a seu pastor. – Afinal, o pecado na vida de um cristão é diferente do pecado na vida de um incrédulo!

– Sem dúvida – respondeu o pastor – é muito pior!

Portanto, todos devem tratar dos pecados a fim de desfrutar a vida real. Nesta seção, João explica três abordagens ao pecado.

### 1. PODEMOS TENTAR ENCOBRIR OS PECADOS (1 JO 1:5, 6, 8, 10; 2:4)

“Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1:5). Quando fomos salvos, Deus nos tirou das trevas e nos trouxe para sua luz (1 Pe 2:9). Somos filhos da luz (1 Ts 5:5). Os que fazem o mal odeiam a luz (Jo 3:19-21). Quando a luz brilha, revela a verdadeira natureza da pessoa (Ef 5:8-13).

A luz gera vida, crescimento e beleza, mas o pecado é treva; as trevas e a luz não podem coexistir. Se estivermos andando na luz, as trevas não poderão permanecer. Se nos apegarmos ao pecado, a luz não permanecerá. Tratando-se do pecado, não há meio-termo nem penumbra.

De que maneira nós, cristãos, tentamos encobrir os pecados? *Contando mentiras!* Primeiro, mentimos a outros (1 Jo 1:6). Queremos que nossos amigos cristãos pensem que somos “espirituais”, de modo que mentimos sobre nossa vida e tentamos causar uma boa impressão. Queremos que pensem que andamos na luz quando, na verdade, andamos nas trevas.

Uma vez que se começa a mentir para outros, mais cedo ou mais tarde mentimos a nós mesmos, e é sobre isso que trata esta passagem (1 Jo 1:8). O problema, agora, não é enganar a outros, mas enganar a si mesmos. É possível um cristão viver em pecado e, ainda assim, ter certeza de que tudo está bem entre ele e o Senhor.

Talvez um exemplo clássico seja o rei Davi (2 Sm 11 e 12). Primeiro, Davi desejou Bate-Seba. Então, cometeu adultério. Em vez de admitir abertamente que havia cometido adultério, tentou encobrir seu pecado. Procurou enganar o marido de Bate-Seba, embebedou-o e, depois, ordenou que fosse morto. Mentiu a si mesmo e tentou prosseguir com as responsabilidades do trono como de costume. Quando o profeta Natã, o “capelão da corte”, confrontou o rei com uma situação hipotética semelhante, Davi condenou o homem da história, apesar de ele próprio não se sentir condenado. Uma vez que se começa a mentir para outros, logo se começa a *crer* nas próprias mentiras.

Mas o declínio espiritual fica ainda pior: o passo seguinte é tentar mentir *para Deus* (1 Jo 1:10). Tendo-se tornado mentiroso, depois também se procura transformar Deus em mentiroso! Contesta-se a Palavra divina, segundo a qual “*todos pecaram*”, declarando-se uma exceção a essa regra. Aplica-se a Palavra de Deus a outros, mas não a si mesmo. Participa-se dos cultos e estudos bíblicos da igreja, sem ser tocado pelos preceitos das Escrituras. Os cristãos que chegaram a esse nível são extremamente críticos em relação a outros cristãos, mas mostram forte resistência, quando se trata de aplicar a Palavra à própria vida.

O retrato do coração humano inspirado pelo Espírito Santo é arrasador! O cristão mente sobre sua *comunhão* (1 Jo 1:6); sobre sua *natureza* – “*eu jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas!*” (1 Jo 1:8); e sobre seus atos (1 Jo 1:10).

É impressionante como o pecado propaga-se de maneira mortal.

Nesse ponto, é preciso discutir um fator extremamente importante na experiência da vida real: a *honestidade*. Cada cristão deve ser honesto consigo mesmo, com os outros e com Deus. A passagem que estudamos descreve um cristão que leva uma vida desonesta: é um impostor. Desempenha um papel e finge, mas não leva uma vida autêntica. É insincero.

O que uma pessoa assim perde?

Em primeiro lugar, perde a *Palavra*. Deixa de “[praticar] a verdade” (1 Jo 1:6); a verdade não está mais nele (1 Jo 1:8); e logo ele a transforma em mentiras! (1 Jo 1:10). Jesus disse: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17:17); mas uma pessoa que vive uma mentira perde a Palavra. Um dos primeiros sintomas de que se está andando nas trevas é a privação das bênçãos da Bíblia. É impossível fazer uma leitura proveitosa da Palavra andando nas trevas.

Além disso, a pessoa desonesta perde a comunhão com Deus e com o povo de Deus (1 Jo 1:6, 7). Em decorrência disso, sua oração torna-se vazia. Sua adoração é uma rotina enfadonha e, logo, essa pessoa começa a criticar outros cristãos e se afastar da igreja: “que comunhão, da luz com as trevas?” (2 Co 6:14).

É o caso, por exemplo, do marido apóstata: ele anda em trevas espirituais, sem comunhão com Deus, e, portanto não tem como desfrutar a plena comunhão com a esposa cristã que anda na luz. O casal pode ter um companheirismo superficial, mas a verdadeira comunhão espiritual é impossível. Essa incapacidade de compartilhar experiências espirituais causa diversos problemas pessoais dentro dos lares e entre os membros da igreja local.

Um grupo de membros da igreja conversava sobre o novo pastor. Um deles comentou:

- Por algum motivo, não me sinto à vontade com ele. Creio que é uma boa pessoa, mas parece haver uma barreira entre nós.

- Entendo o que você está dizendo - outro respondeu. - Eu costumava ter esse problema com ele, mas agora isso não acontece mais. O pastor e eu temos uma ótima comunhão.

- O que ele fez para melhorar as coisas?

- Ele não fez nada - disse o outro. - Fui eu quem mudou.

- Você?

- Sim, decidi ser franco e honesto sobre as coisas, exatamente como o pastor faz. Ele não tem qualquer traço de hipocrisia na vida dele, e havia tanto fingimento na *minha* que não conseguíamos nos entender. Nós dois

sabíamos que eu era um impostor. Uma vez que comecei a viver a vida cristã com honestidade, *tudo* melhorou.

Um dos problemas da desonestidade é que manter o controle de todas as mentiras e fingimentos é um trabalho de tempo integral! Abraham Lincoln costumava dizer que, se um homem deseja ser mentiroso, é melhor ter boa memória! Quando uma pessoa gasta todas as energias *fingindo* ser algo, não lhe restam forças para *viver*, e a vida torna-se superficial e insípida. Quem finge não se priva apenas da realidade, mas também do crescimento; sua verdadeira identidade é sufocada pela falsa.

A terceira perda decorre das duas primeiras: o cristão perde seu caráter (1 Jo 2:4). Começa *contando mentiras* e acaba se *transformando em mentiroso!* Sua desonestidade ou falta de autenticidade é, a princípio, apenas um papel que ele desempenha. Mas não demora a deixar de ser apenas um papel e se tornar a própria essência de sua vida. Seu caráter é corroído. Ele não é mais um mentiroso porque conta mentiras; agora, mente porque é um mentiroso inveterado.

É de causar espanto que Deus admoeste: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará” (Pv 28:13)? Davi tentou encobrir seus pecados, e isso lhe custou a saúde (Sl 32:3, 4), a alegria (Sl 51), a família e, por pouco, não lhe custou o reino. Quem deseja desfrutar a vida real *jamais* deve encobrir os pecados.

O que fazer?

## 2. PODEMOS CONFESSAR OS PECADOS (1 Jo 1:7, 9)

João usa dois títulos interessantes para Jesus: Advogado e Propiciação (1 Jo 2:1, 2). É importante compreendermos esses dois títulos, pois eles representam dois ministérios que o Senhor realiza.

Começemos com a *Propiciação*. Consultando um dicionário, pode-se acabar tendo uma idéia errada do significado do termo. O dicionário diz que propiciação é “uma ação com que se busca agradar a alguém para obter seu perdão, seu favor ou boa vontade ou aplacar sua ira”. Se essa definição

for aplicada a Cristo, tem-se uma imagem horrível de um Deus irado, preste a destruir o mundo, e de um Salvador amoroso entregando-se para apaziguar a fúria desse Deus – e essa *não* é a imagem bíblica da salvação! Sem dúvida, Deus se ira contra o pecado, pois é um Deus infinitamente santo. Mas a Bíblia garante que “Deus *amou* [não odiou] ao mundo” (Jo 3:16, grifos nossos).

Assim, o termo “propiciação” não significa apaziguar um Deus irado. Antes, significa *satisfazer a lei santa de Deus*. “Deus é luz” (1 Jo 1:5) e, portanto, não pode fechar seus olhos para o pecado. Mas “Deus é amor” (1 Jo 4:8) e deseja salvar os pecadores.

De que maneira, então, um Deus santo pode manter a própria justiça e, ainda assim, perdoar os pecadores? A resposta é o sacrifício de Cristo. Em sua santidade, Deus julgou o pecado na cruz. Em seu amor, Deus oferece Jesus Cristo ao mundo como Salvador. Deus foi *justo* ao castigar o pecado, mas é *amoroso* ao oferecer o perdão completo por meio daquilo que Cristo fez no Calvário (convém ler 1 Jo 4:10 e meditar sobre Rm 3:23-26).

Cristo é Sacrifício pelos pecados do mundo todo, mas só é Advogado para os cristãos. “[Nós cristãos] temos um Advogado junto ao Pai”. No texto original, Jesus emprega a designação “Advogado” para se referir à vinda do Espírito Santo (“Consolador”; Jo 14:16, 26; 15:26:). Significa, literalmente, “chamado para estar com”. Quando uma pessoa é intimada a comparecer a um tribunal, leva consigo um advogado para defender sua causa.

Jesus terminou sua obra aqui na Terra (Jo 17:4) – a obra de entregar a vida como sacrifício pelo pecado. Hoje, realiza outra obra no céu. *Ele representa os homens diante do trono de Deus*. Como Sumo Sacerdote, entende as fraquezas e tentações humanas e dá graça (Hb 4:15, 16; 7:23-28). Como o Advogado, ajuda o cristão, *quando peca*. Ao confessar os pecados a Deus, ele perdoa por causa do ministério de Cristo.

O Antigo Testamento apresenta um belo retrato dessa verdade. O profeta Zacarias teve uma visão mostrando Josué (Zc 3:1-7), o sumo sacerdote dos judeus, quando eles

voltaram a sua terra depois do cativeiro na Babilônia (não deve ser confundido com o Josué que conquistou a Terra Prometida). A nação havia pecado; e, simbolizando essa situação, na visão do profeta, Josué encontrava-se diante de Deus trajando vestes imundas enquanto Satanás o acusava (cf. Ap 12:10). Deus Pai era o Juiz; Josué era o réu, representando o povo; e Satanás era o advogado de acusação (a Bíblia o chama de “acusador dos irmãos”). Tudo indicava que Satanás venceria sem qualquer contestação, mas Josué tinha um Advogado assentado à direita de Deus, e isso mudava tudo de figura. Cristo deu vestes novas a Josué e calou as acusações de Satanás.

Esta é a situação que se tem em mente quando Jesus Cristo é chamado de nosso “Advogado”. Ele representa os cristãos diante do trono de Deus, e os méritos de seu sacrifício permitem que os pecados dos cristãos sejam perdoados. Uma vez que Jesus *morreu* pelo seu povo, ele satisfaz a justiça de Deus (“O salário do pecado é a morte”). Uma vez que *vive* para nós à destra de Deus, pode aplicar esse sacrifício às nossas necessidades diárias.

Tudo o que ele pede é que confessemos os pecados quando caímos.

O que significa “confessar” o pecado? É muito mais do que simplesmente “admitir” o pecado. Na verdade, esse termo significa “dizer algo [sobre]”. Confessar um pecado é dizer sobre ele a mesma coisa que Deus diria sobre tal transgressão.

Um conselheiro tentava ajudar um homem que havia respondido a um apelo durante um culto evangelístico.

– Eu sou cristão – disse o homem –, mas há pecado em minha vida, e eu preciso de ajuda. – O conselheiro mostrou-lhe 1 João 1:9 e sugeriu que o homem confessasse seus pecados a Deus.

– Deus Pai – começou –, se fizemos algo de errado....

– Espere um pouco! – interrompeu o conselheiro. – Não me coloque no meio de seu pecado! Meu irmão, não use “se” e nem “nós”... você é que precisa acertar-se com Deus!

O conselheiro estava certo.

Confessar não é apenas fazer uma bela oração, inventar desculpas piedosas ou tentar impressionar Deus e outros cristãos. A verdadeira confissão requer a especificação dos pecados: chamá-los pelo mesmo nome que Deus chama: inveja, ódio, lascívia, dissimulação ou seja o que for. Confessar significa, simplesmente, ser honesto consigo mesmo e com Deus e, se houver outras pessoas envolvidas, também ser honesto com elas. É mais do que *admitir* o pecado. É *julgar* o pecado e encará-lo de frente.

Deus promete perdoar quem confessar seus pecados (1 Jo 1:9); mas sua promessa não é um "amuleto mágico" que facilita a desobediência!

- Afastei-me de Deus e pequei - disse um aluno ao capelão da universidade -, pois sabia que poderia voltar para ele e pedir que me perdoasse.

- Qual é a base para esse perdão de Deus? - perguntou o capelão, indicando 1 João 1:9.

- Deus é fiel e justo - respondeu o rapaz.

- Essas duas palavras deveriam tê-lo *mantido longe do pecado* - disse o capelão. - Você sabe qual foi o preço que Deus pagou para perdoar seus pecados?

O rapaz abaixou a cabeça e sussurrou: - Jesus teve de morrer por mim.

O capelão foi direto ao ponto. - Isso mesmo; o perdão não é um truque barato que Deus faz. Deus é fiel à sua promessa, e Deus é justo porque Cristo morreu por nossos pecados e sofreu o castigo por eles. Agora, da próxima vez que estiver planejando pecar, lembre-se de que você pecará contra um Deus fiel e amoroso!

É evidente que essa questão tem dois lados: o judicial e o pessoal. O sangue que Jesus Cristo derramou na cruz liberta da culpa do pecado e justifica diante de Deus. Assim, Deus perdoa porque a morte de Jesus satisfaz sua santa Lei.

Mas Deus também deseja purificar o pecador interiormente. Como Davi orou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (Sl 51:10). Quando a confissão é sincera, Deus purifica (1 Jo 1:9) o coração por meio de seu Espírito e de sua Palavra (Jo 15:3).

O grande erro do rei Davi foi tentar encobrir seus pecados em vez de confessá-los. Durante quase um ano, Davi levou uma vida dissimulada e derrotada. Não é de se admirar que tenha escrito, no Salmo 32:6, que um homem deve orar "no tempo da descoberta" (literal).

Quando se deve confessar o pecado? *Assim que o descobriremos!* "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia" (Pv 28:13). Ao caminhar na luz, somos capazes de ver a "sujeira" em nossa vida e tratar dela imediatamente.

Isso leva à terceira forma de lidar com os pecados.

### 3. PODEMOS CONQUISTAR NOSSOS PECADOS (1 JO 2:1-3, 5, 6)

João deixa claro que os cristãos não *precisam* pecar. "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo *para que não pequeis*" (1 Jo 2:1, grifos nossos).

O segredo da vitória sobre o pecado encontra-se na frase: "Se, porém, andarmos na luz" (1 Jo 1:7). Andar na luz significa ser franco e honesto, ser sincero. Paulo orou para que seus amigos fossem "sinceros e inculpáveis" (Fp 1:10). O termo "sincero" vem de duas palavras em latim, *sine* e *cera*, ou seja, "sem cera". Acredita-se que, na Roma antiga, os escultores encobriam seus erros preenchendo os defeitos nas estátuas de mármore com cera que só se tornava perceptível quando a estátua ficava ao sol durante algum tempo. No entanto, os escultores mais confiáveis faziam questão de que suas estátuas fossem *sine cera* - sem cera.

Infelizmente, os cultos e estudos bíblicos estão cheios de pessoas insinceras, cuja vida não passa no teste da luz de Deus. "Deus é luz", e, andando na luz, não se pode esconder coisa alguma. É bom encontrar um cristão aberto e sincero que não tenta encobrir as fraquezas!

Andar na luz significa ser honesto com Deus, consigo mesmo e com os outros. Significa que, quando a luz revela nosso pecado, imediatamente o confessamos a Deus e lhe

pedimos perdão. E, se nosso pecado prejudicou alguém, também lhe pedimos perdão.

Mas "andar na luz" tem ainda outro significado: quer dizer obedecer à Palavra de Deus (1 Jo 2:3, 4). "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos" (Sl 119:105). Andar na luz é dedicar tempo diário ao estudo da Palavra de Deus, descobrir a vontade de Deus e obedecer ao que ele diz.

A obediência à Palavra de Deus é prova de nosso amor por ele. A obediência pode ter três motivações. Obedecemos porque *somos obrigados*, porque *precisamos* ou porque *queremos*.

O escravo obedece porque é *obrigado*. Do contrário, será castigado. O funcionário obedece porque *precisa*. Pode não gostar de seu trabalho, mas certamente gosta de receber o salário no final do mês! Precisa obedecer, pois tem uma família para alimentar e vestir. Mas o cristão deve obedecer ao Pai celestial porque *quer* - porque tem um relacionamento de amor com Deus. "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15).

É assim que as crianças aprendem a obedecer. A princípio, obedecem por *obrigação*. Do contrário, levam umas palmadas! Mas, com o passar do tempo, descobrem que a obediência significa prazer e recompensa, de modo que começam a obedecer para suprir certas *necessidades* na vida. A marca da verdadeira maturidade pode ser percebida quando se passa a obedecer por *amor*.

Os "bebês na fé" precisam sempre ser advertidos ou recompensados. Os cristãos maduros dão ouvidos à Palavra de Deus e lhe obedecem simplesmente porque amam a Deus.

Andar na luz implica honestidade, obediência e amor; também implica seguir o exemplo de Cristo e andar como ele andou (1 Jo 2:6). É evidente que ninguém se *torna* um cristão seguindo o exemplo de Cristo; mas *depois* de passar a fazer parte da família de Deus, deve-se olhar para Jesus como o grande Exemplo da vida que se deve levar.

Isso significa "permanecer em Cristo". Cristo não é apenas a Propiciação (ou sacrifício)

pelos pecados (1 Jo 2:2) e o Advogado que nos representa diante de Deus (1 Jo 2:1), mas também o Padrão perfeito (ele é "Jesus Cristo, o Justo") para a vida diária.

A declaração-chave dessa passagem é "assim como ele" (1 Jo 2:6). "*Segundo ele é, também nós somos neste mundo*" (1 Jo 4:17, grifos nossos). Devemos andar na luz, "*como ele está na luz*" (1 Jo 1:7, grifos nossos). Devemos nos purificar "*assim como ele é puro*" (1 Jo 3:3, grifos nossos). "Aquele que pratica a justiça é justo, *assim como ele é justo*" (1 Jo 3:7, grifos nossos). Andar na luz significa viver aqui na Terra da maneira como Jesus viveu quando estava aqui e da maneira como ele é agora no céu.

Trata-se de um fato com aplicações extremamente práticas na vida diária. O que o cristão deve fazer, por exemplo, quando outro cristão pecar contra ele? A resposta é que o cristão deve perdoar o outro "*como também Deus, em Cristo, [nos] perdoou*" (Ef 4:32, grifo nosso; ver Cl 3:13).

Andar na luz - seguir o exemplo de Cristo - também afeta o lar. O marido deve amar a esposa "*como também Cristo amou a igreja*" (Ef 5:25). O marido deve cuidar da esposa "*como também Cristo*" (Ef 5:29). E a esposa deve honrar o marido e lhe obedecer (Ef 5:22-24).

Não importa a área da vida em questão, a responsabilidade do cristão é fazer o que Jesus faria. "*Segundo ele é, também nós somos neste mundo*" (1 Jo 4:17). É preciso "*andar [viver] assim como ele andou [viveu]*".

Jesus ensinou a seus discípulos o que significa permanecer nele, usando para isso a ilustração da videira e de seus ramos (Jo 15). Assim como os ramos recebem a vida ao permanecerem em contato com a videira, também os cristãos recebem forças ao se manter em comunhão com Cristo.

Permanecer em Cristo significa depender completamente dele para tudo de que precisamos a fim de viver para ele. É viver dentro de um relacionamento. Quando ele vive a vida por meio de nós, conseguimos seguir seu exemplo e andar como ele andou. Paulo expressa essa experiência perfeitamente quando diz: "Cristo vive em mim" (Gl 2:20).



Trata-se de uma obra do Espírito Santo. Cristo é nosso Advogado no céu (1 Jo 2:1) e nos representa diante de Deus quando pecamos. O Espírito Santo é o Advogado de Deus para nós aqui na Terra. Cristo intercede por nós (Rm 8:34), e o Espírito Santo também (Rm 8:26, 27). Fazemos parte da maravilhosa dinâmica celestial na qual Deus Filho ora por nós no céu e Deus Espírito ora por nós em nosso coração. Temos comunhão com o Pai por meio do Filho, e o Pai tem comunhão conosco por meio do Espírito.

Cristo vive sua vida em nós pelo poder do Espírito que habita em nosso corpo. Não permanecemos em Cristo nem andamos como ele andou por *imitação*, mas sim pela *encarnação*: pelo Espírito "Cristo vive em mim". Andar na luz é andar no Espírito e não satisfazer as concupiscências da carne (cf. Gl 5:16).

Deus preparou maneiras de conquistar o pecado. Não há como se livrar da natureza pecaminosa com a qual nascemos nem como alterá-la (1 Jo 1:8), mas não é preciso obedecer a seus desejos. Caminhar na luz leva a ver o pecado como ele é, a detestá-lo e a manter-se afastado dele. E, se alguém pecar, pode confessar imediatamente a Deus e pedir sua purificação. Ao depender do poder do Espírito que habita em nós, permanecemos em Cristo e "andamos como ele andou".

Mas tudo isso começa com a franqueza e a honestidade diante de Deus e dos homens. No instante em que começamos a desempenhar um papel e fingir para impressionar os outros, saímos da luz e entramos nas sombras. Nas palavras de Sir Walter Scott:

Oh! que teias emaranhadas tecemos,  
Quando, primeiramente, a arte de enganar praticamos!

É impossível construir a vida real sobre coisas enganosas. Antes de andar na luz, é preciso conhecer a si mesmo, aceitar-se e entregar-se a Deus. É tolice tentar enganar a outros, porque Deus conhece a verdadeira identidade de todos!

Tudo isso ajuda a explicar por que andar na luz torna a vida bem mais fácil e feliz. Ao andar na luz, vive-se para agradar apenas uma Pessoa: Deus. Isso simplifica muito as coisas! "Eu faço sempre o que *lhe* agrada" (Jo 8:29, grifos nossos). Devemos "viver e agradar a Deus" (1 Ts 4:1). Quem vive para agradar a si mesmo e a Deus tentará servir a dois senhores, algo que nunca dá certo. Quem vive para agradar os homens também se colocará em dificuldades, pois não há duas pessoas no mundo que concordem sobre tudo, e nos veremos divididos. Andar na luz – viver para agradar a Deus – simplifica os objetivos, unifica a vida e traz paz e equilíbrio.

João deixa claro que a vida real não tem lugar para o amor ao pecado. Em vez de tentar encobrir o pecado, o verdadeiro cristão confessa-o e tenta conquistá-lo andando na luz da Palavra de Deus. Não se contenta simplesmente em saber que está indo para o céu. Deseja desfrutar a vida celestial aqui e agora. "Segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4:17). Tem o cuidado de que sua vida e suas palavras sejam coerentes. Não tenta impressionar a si mesmo nem a Deus nem aos outros cristãos com uma porção de "palavras piedosas".

No encerramento do culto, certa congregação cantava um cântico chamado "Estou Orando por Você". O pastor virou-se para um dos presbíteros perto do púlpito e perguntou baixinho:

– Por quem você está orando?

O homem ficou um tanto surpreso e respondeu:

– Acho que não estou orando por ninguém. Por que a pergunta?

– É que ouvi você dizer agora pouco: "Estou orando por você", e pensei que você falava sério – respondeu o pastor.

– Ah, não... Eu só estava cantando.

Palavras piedosas! Uma religião de palavras! Parafraseando Tiago 1:22: "Sejamos não apenas faladores da Palavra, mas também fazedores da Palavra". A vida deve condizer com as *palavras*. Não basta conhecer o linguajar correto, também se deve viver a vida correta.

"Se dissermos..." devemos fazer!

## O ANTIGO E O NOVO

### 1 JOÃO 2:7-11

**S**implesmente *amei* esse chapéu!  
 - Gente, eu *amo* bolo de chocolate!  
 - Mãe, será que você não percebe que o Tom e eu nos *amamos*?

Palavras como essas parecem moedas que, depois de circular por muito tempo, começam a perder o valor. Infelizmente, a palavra *amor* está se tornando cada vez mais vulgar e sendo usada para encobrir inúmeros pecados.

É difícil entender como um homem pode usar a mesma palavra para expressar seu amor pela esposa e para dizer quanto gosta de bolo de chocolate! Quando as palavras são empregadas de maneira descuidada, deixam de significar alguma coisa. Como o dinheiro, vão perdendo o valor.

Ao descrever a vida real, João usa três palavras repetidamente: *vida*, *amor* e *luz*. Na verdade, dedica três seções de sua carta ao tema do amor cristão. Explica que o *amor*, a *vida* e a *luz* andam juntos. Ao ler essas três seções (1 Jo 2:7-11; 3:10-24; 4:7-21) *sem os versículos intermediários*, pode-se ver que o amor, a vida e a luz não devem ser separados.

Na passagem que estudamos agora (1 Jo 2:7-11), aprende-se de que maneira o amor cristão é afetado pela *luz* e pelas *trevas*. O cristão que andar na luz (ou seja, que obedecer à vontade de Deus) amará seu irmão em Cristo.

De acordo com 1 João 3:10-24, o amor cristão é uma questão de *vida* ou *morte*: viver com ódio é o mesmo que viver em morte espiritual. Em 1 João 4:7-21, vê-se que o amor cristão é uma questão de *verdade* ou *mentira* (cf. 1 Jo 4:6): quando *conhecemos*

o amor de Deus por nós, *demonstramos* o amor de Deus a outros.

Assim, nestas três seções, encontramos três bons motivos pelos quais os cristãos devem amar uns aos outros:

1. Deus ordenou que amássemos (1 Jo 2:7-11).
2. Somos nascidos de Deus, e o amor de Deus habita em nós (1 Jo 3:10-24).
3. Deus revelou primeiro seu amor por nós (1 Jo 4:7-21). "Nós amamos porque ele nos amou primeiro".

João não apenas escreve sobre o amor, mas também o *prática*. Uma de suas formas prediletas de se dirigir a seus leitores é "amados". O apóstolo os amava. João é conhecido como o "apóstolo do amor", pois em seu Evangelho e em suas epístolas o amor é um tema de grande proeminência. No entanto, João não foi *sempre* o "apóstolo do amor". Certa vez, Jesus deu a João e seu irmão Tiago – ambos de personalidade irascível – o apelido de "Boanerges" (Mc 3:17), que significa "filhos do trovão". Em outra ocasião, os dois irmãos quiseram pedir fogo do céu para destruir uma vila (Lc 9:51-56).

Uma vez que o Novo Testamento foi escrito em grego, em vários casos os escritores usaram uma linguagem mais precisa. É uma pena que, em nossa língua, a palavra *amor* tenha tantas nuances (algumas contraditórias). Ao ler os textos de 1 João sobre o "amor", o termo grego utilizado é *ágape*, referindo-se ao amor de Deus pelos seres humanos, o amor de um cristão por outros cristãos e o amor de Deus pela Igreja (Ef 5:22-33).

Em outros textos, encontramos ainda o termo *philia*, o "amor da amizade", não tão profundo quanto o amor *ágape* (*eros*, palavra grega para amor sensual, de onde vem a palavra "erótico", não é usada nenhuma vez no Novo Testamento.)

O mais admirável é que o amor cristão é tanto antigo quanto novo (1 Jo 2:7, 8), o que parece uma contradição. O amor em si, obviamente, não é novo, como também não é novidade o mandamento para que os

homens amem a Deus e uns aos outros. Jesus combinou dois mandamentos do Antigo Testamento, Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18, e disse (Mc 12:28-34) que esses dois mandamentos resumem toda a Lei e os Profetas. Amar a Deus e amar o próximo eram responsabilidades antigas e bastante conhecidas muito antes de Jesus vir à Terra.

Em que sentido, portanto, "amar uns aos outros" é um "novo" (1 Jo 2:8) mandamento? Mais uma vez, devemos buscar a resposta na língua grega.

Os gregos tinham duas palavras diferentes para "novo": uma que significa "novo em termos de tempo" e outra que quer dizer "novo em termos de qualidade". A primeira palavra poderia ser usada, por exemplo, para descrever o modelo mais recente de um carro. Mas se alguém comprasse um carro de modelo revolucionário, *radicalmente* diferente, a segunda palavra seria mais apropriada: novo em termos de qualidade. (Em nossa língua, os termos "recente" e "inédito" são as expressões mais próximas dessa distinção: "recente" significa novo em termos de tempo, enquanto "inédito" significa novo em termos de qualidade.)

O mandamento para amar uns aos outros não é novo em termos de tempo, mas o é em termos de qualidade. Graças a Jesus Cristo, o antigo mandamento para "amar uns aos outros" adquiriu novo significado. Nestes cinco versículos curtos (1 Jo 2:7-11), vê-se que esse mandamento é novo de três maneiras importantes.

### 1. É NOVO EM SUA ÊNFASE (1 Jo 2:7)

No parágrafo anterior (1 Jo 2:3-6), João falou sobre "os mandamentos" em geral, mas agora se concentra em *um único mandamento*. No Antigo Testamento, a ordem para que os israelitas amassem uns aos outros era apenas uma dentre *muitas* injunções, mas agora esse mandamento antigo é elevado a uma posição de proeminência.

De que maneira é possível um mandamento ser elevado acima dos outros? Isso é explicado pelo fato de o amor ser o cumprimento da Lei de Deus (Rm 13:8-10).

Os pais devem cuidar dos filhos de acordo com a lei. A omissão em relação aos filhos é um crime sério. Mas quantos pais têm uma conversa como a que se encontra abaixo quando o despertador toca de manhã?

Esposa: - Querido, é melhor você se levantar e ir trabalhar. Não queremos ser presos.

Marido: - Tem razão. É bom você se levantar também e preparar o café da manhã e as roupas das crianças. A polícia pode aparecer a qualquer momento e nos colocar na cadeia.

Esposa: - Com certeza. Que bom que temos uma lei, pois, do contrário, ficaríamos na cama o dia inteiro!

É de se duvidar que o medo à lei seja, de modo geral, a motivação para trabalhar, para levantar o sustento e para cuidar dos filhos. Os pais cumprem suas responsabilidades (mesmo que, às vezes, de má vontade) porque amam um ao outro e aos filhos. Para eles, fazer a coisa certa não é uma questão de *lei*, mas sim de *amor*.

Da mesma forma, o mandamento para "amar uns aos outros" é o cumprimento da Lei de Deus. Quem ama não mente nem rouba as pessoas amadas. Também não tem o desejo de matá-las. O amor a Deus e aos outros motiva a obedecer aos mandamentos de Deus *sem sequer pensar sobre eles!* Quando alguém pratica o amor cristão, obedece a Deus e serve aos outros não por medo, mas por amor.

É por isso que João diz que "amar uns aos outros" é um novo mandamento: ele é *novo em sua ênfase*. Não é simplesmente um dentre vários mandamentos; agora, ocupa uma posição de destaque no alto da lista!

No entanto, essa ênfase é nova em outro sentido. Encontra-se no começo da vida cristã. "Não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes" (1 Jo 2:7). A expressão "desde o princípio" é usada de duas formas diferentes nesta epístola de João e é importante fazermos uma distinção entre elas. Em 1 João 1:1, em que é descrito o caráter eterno de Cristo, vê-se que ele existe "desde o princípio". Em João 1:1 - um versículo paralelo - lê-se que "No princípio era o Verbo".

Mas em 1 João 2:7, o assunto é o *princípio da vida cristã*. O mandamento para amar uns aos outros não é um apêndice à experiência cristã, algo acrescentado por Deus posteriormente. Pelo contrário! Está nem nosso coração desde o início de nossa fé em Jesus Cristo. Se não fosse assim, João não teria escrito: “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14). E Jesus disse: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:35).

O não salvo pode ser, por natureza, egoísta e até cheio de ódio. Por mais que se ame um bebê recém-nascido, deve-se admitir que a criança é egocêntrica e pensa que seu berço é o centro do mundo. A criança representa o não salvo. “Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros” (Tt 3:3). Esse retrato sem retoques do incrédulo pode não ser bonito, mas com certeza é preciso! Algumas pessoas não convertidas não apresentam as características mencionadas aqui, mas as obras da carne (Gl 5:19-21) estão sempre latentes em suas inclinações.

Quando um pecador crê em Cristo, recebe uma nova vida e uma nova natureza. O Espírito Santo de Deus passa a viver dentro dele e o amor de Deus é “derramado em [seu] coração” pelo Espírito (Rm 5:5). Deus não precisa fazer um longo sermão sobre o amor para o recém-convertido! “Porquanto vós mesmos estais por Deus [i.e., pelo Espírito Santo dentro de vós] instruídos que deveis amar-vos uns aos outros” (1 Ts 4:9). O cristão novo na fé descobre que agora detesta o que costumava amar e ama o que costumava detestar!

Assim, o mandamento para amar uns aos outros é novo em termos de ênfase: é um dos mandamentos mais importantes que Cristo deu (Jo 13:34). Na verdade, a ordem para “amar uns aos outros” é repetida pelo menos doze vezes ao longo do Novo Testamento (Jo 13:34; 15:9, 12, 17; Rm 13:8; 1 Ts 4:9; 1 Pe 1:22; 1 Jo 3:11, 23; 4:7, 11,

12; 2 Jo 5). E existem muitas outras referências ao amor fraternal. É importante compreender o significado do amor cristão. Não se trata de uma emoção sentimental e superficial que os cristãos tentam “produzir” a fim de se dar bem uns com os outros. É uma questão de *volição*, não de *emoção* – uma afeição e atração por certas pessoas. Consiste em assumir o propósito – resolver deliberadamente – de permitir que o amor de Deus alcance outros por meio de nós e, então, agir para com os outros de modo a demonstrar esse amor. Não se trata de hipocrisia, mas sim de obediência a Deus.

Talvez a melhor explicação do amor cristão encontre-se em 1 Coríntios 13. Convém ler uma tradução moderna desse capítulo para compreender todo o impacto de sua mensagem: a vida cristã sem amor não é NADA!

Mas o mandamento para “amar uns aos outros” não é novo apenas em termos de ênfase. Também é novo em outro sentido.

## 2. É NOVO EM SEU EXEMPLO (1 JO 2:8)

Conforme João ressalta, “amar uns aos outros” foi uma realidade, antes de tudo, na vida de Cristo e agora é uma realidade na vida daqueles que crêem em Cristo. Jesus Cristo é o Exemplo supremo desse mandamento.

Refletiremos mais adiante sobre a declaração grandiosa: “Deus é amor” (1 Jo 4:8), mas ela é antecipada aqui. Olhando para Jesus Cristo, vê-se a corporificação e a exemplificação do amor. Ao ordenar que amemos, Jesus não pede que façamos algo que ele próprio não tenha feito. Os quatro Evangelhos relatam uma vida de amor – em condições muito aquém do ideal. Na verdade, o que Jesus diz é: “Eu vivi esse grande mandamento e posso capacitá-los para seguir meu exemplo”.

Jesus ilustrou o amor na própria forma de viver. *Nunca* demonstrou ódio nem malícia. Sua alma justa detestava todo tipo de pecado e desobediência, mas *nunca detestou as pessoas que cometiam tais pecados*. Até mesmo em suas proclamações justas de julgamento, sempre se encontra a presença subjacente do amor.

É um grande estímulo pensar no amor de Jesus pelos doze discípulos. Eles devem tê-lo entristecido repetidamente ao discutir sobre quem dentre eles era o maior ou tentar impedir as pessoas de ver o Mestre. Cada discípulo era diferente dos outros, e o amor de Cristo era amplo o suficiente para abranger todos de maneira pessoal e compreensível. Foi paciente com a impulsividade de Pedro, com a incredulidade de Tomé e até com a traição de Judas. Ao ordenar que os discípulos amassem uns aos outros, Jesus apenas lhes dizia para fazer como ele havia feito.

Deve-se considerar, também, o amor de Cristo por pessoas de todo tipo. Os publicanos e pecadores foram atraídos (Lc 15:1) por seu amor, e até mesmo a mais abjeta das pecadoras chorou a seus pés (Lc 7:36-39). Nicodemos, um rabino espiritualmente faminto, encontrou-se com o Mestre em particular durante a noite (Jo 3:1-21), e quatro mil "pessoas comuns" ouviram os ensinamentos de Jesus durante três dias (Mc 8:1-9), tendo, depois, recebido dele uma refeição miraculosa. Ele segurou bebês em seus braços e falou sobre crianças que brincavam. Consolou até as mulheres que choravam, enquanto os soldados o levavam para o Calvário.

Talvez o aspecto mais extraordinário do amor de Jesus tenha sido sua maneira de tocar a vida até de seus inimigos. Olhou com ternidade para os líderes religiosos que, em sua cegueira espiritual, o acusaram de estar em conluio com Satanás (Mt 12:24). Quando a turba chegou para prendê-lo, Jesus poderia ter convocado os exércitos celestiais para protegê-lo, mas, em vez disso, se entregou aos seus inimigos. E, depois, morreu por eles... por seus inimigos! "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" (Jo 15:13, ênfase do autor). Jesus, porém, não morreu apenas por seus amigos, mas também por *seus inimigos!* E, enquanto eles o crucificavam, Jesus orou por eles: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34).

Em sua vida, seus ensinamentos e sua morte, Jesus é o Exemplo perfeito desse novo

mandamento: "amai-vos uns aos outros". É isso o que contribui para que seja um "novo" mandamento. Em Cristo, temos uma nova ilustração da verdade antiga de que Deus é amor e de que a vida de amor é a vida de alegria e de vitória.

O que há em Cristo também deve estar presente na vida de cada cristão. "Segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4:17). O cristão deve ter uma vida de amor cristão "porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha" (1 Jo 2:8). Isso lembra a ênfase (1 Jo 1) sobre andar na luz. Trata-se de um contraste entre dois modos de viver: os que andam na luz praticam o amor; os que andam nas trevas praticam o ódio. A Bíblia enfatiza esse fato repetidamente.

"As trevas se vão dissipando", mas a luz ainda não está brilhando plenamente sobre o mundo e ainda não penetra todas as coisas, nem mesmo na vida do cristão.

Quando Jesus nasceu, o "sol nascente das alturas" visitou o mundo (Lc 1:78). Seu nascimento foi o início de um novo dia para a humanidade! Ao viver diante dos homens, lhes ensinar e ministrar, Jesus espalhou a luz da vida e do amor. "O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz" (Mt 4:16).

Mas, neste mundo, há um conflito entre as forças da luz e as forças das trevas. "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não são capazes de extingui-la" (Jo 1:5, tradução literal). Satanás é o Príncipe das trevas e amplia seu reino através de mentiras e ódio. Cristo é o Sol da Justiça (Ml 4:2) e estende seu reino mediante a verdade e o amor.

Os reinos de Cristo e de Satanás estão em conflito hoje, "mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Pv 4:18). As trevas estão se dissipando aos poucos, e a Verdadeira Luz brilha cada vez mais em nosso coração.

Jesus Cristo é o padrão de amor para os cristãos. Ele disse: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34). E também:

“O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, *assim como eu vos amei*” (Jo 15:12, ênfase do autor). Não se deve medir o amor cristão de acordo com o amor de algum outro cristão (normalmente, escolhemos alguém cuja vida dificilmente é exemplar), mas sim de acordo com o amor de Jesus Cristo, nosso Senhor. O antigo mandamento torna-se “novo” para nós quando o vemos cumprir-se em Cristo.

Assim, o mandamento para “amarmos uns aos outros” é novo em sua ênfase e em seu exemplo. Também é novo de outra forma.

### 3. É NOVO EM SUA EXPERIÊNCIA (1 Jo 2:9-11)

A passagem continua com a ilustração da luz e das trevas. Se um cristão andar na luz e estiver em comunhão com Deus, também estará em comunhão com outros na família de Deus. O *amor* e a *luz* andam juntos, assim como o *ódio* e as *trevas* andam juntos.

É fácil falar sobre o amor cristão, mas é muito mais difícil praticá-lo. Em primeiro lugar, esse amor não é apenas conversa (1 Jo 2:9). O cristão que diz (ou canta!) que ama os irmãos, enquanto, na verdade, odeia outro cristão, está mentindo. Em outras palavras (uma verdade extremamente séria), é *impossível estar em comunhão com o Pai e, ao mesmo tempo, não estar em comunhão com outro cristão*.

Esse é um dos motivos pelos quais Deus instituiu a igreja local, a comunhão dos cristãos. “Não se pode ser um cristão sozinho” – uma pessoa não pode ter uma vida cristã plena e desenvolvê-la a menos que esteja em comunhão com o povo de Deus. A vida cristã tem planos relacionais: o vertical (com referência a Deus) e o horizontal (com referência às outras pessoas). E o que foi unido por Deus não deve ser separado pelos homens! Cada um desses relacionamentos deve ser de amor um pelo outro.

Jesus trata dessa questão no Sermão do Monte (ver Mt 5:21-26). A dívida sobre o altar não vale coisa alguma se o adorador tem uma contenda não resolvida com o irmão. É importante observar que Jesus não diz que o adorador tem algo contra o irmão, mas

sim que o irmão tem algo contra o adorador. Mas mesmo se nós formos ofendidos, não devemos esperar até que a pessoa que nos ofendeu venha nos procurar; *nós é que devemos procurá-la*. Se não o fizermos, Jesus adverte que acabaremos em uma prisão de julgamento espiritual, onde teremos de pagar até o último centavo (Mt 18:21-35). Em outras palavras, ao cultivar um espírito rancoroso e sem amor, os mais prejudicados somos nós mesmos.

Não é a primeira vez que se vê nesta epístola o contraste entre “dizer” e “fazer” (1 Jo 1:6, 8, 10; 2:4, 6). É fácil praticar um cristianismo de “palavras” – cantando os hinos certos, usando o vocabulário certo e fazendo as orações certas – e, em meio a tudo isso, se iludir achando-se espiritual. Esse erro também é ligado a algo que Jesus ensinou no Sermão do Monte (Mt 5:33-37). O que se diz deve ser a expressão verdadeira do caráter. Não deveria ser necessário usar palavras adicionais (“juramentos”) para corroborar o que se diz. O sim deve significar sim e o não deve significar não. Assim, se alguém *diz* que está na luz, prova que isso é verdade amando os irmãos. Muitos cristãos precisam encarecidamente ser aceitos, amados e encorajados.

Ao contrário da opinião geral, o amor cristão não é “cego”. Ao praticar o verdadeiro amor cristão, descobre-se que a vida se torna cada vez mais resplandecente. É o ódio que escurece a vida! Quando o verdadeiro amor cristão flui no coração, existe uma compreensão e uma percepção mais aguçada das coisas espirituais. É por isso que Paulo ora pedindo que o amor cresça em conhecimento e em percepção, “para [aprovamos] as coisas excelentes” (ver Fp 1:9, 10). O cristão que ama o irmão é capaz de ver com mais clareza.

Nenhum livro da Bíblia ilustra tão bem o poder que o ódio tem de cegar como o Livro de Ester. Os acontecimentos relatados nesse livro se passam na Pérsia, onde muitos judeus viviam depois do cativeiro. Hamã, um dos oficiais mais importantes do rei, odiava profundamente os judeus. A única maneira de satisfazer esse ódio seria ver a nação

inteira destruída, Assim, ele mergulhou de cabeça em uma trama perversa, completamente cego para o fato de que os judeus venceriam e ele próprio seria destruído.

O ódio continua cegando as pessoas até hoje.

O amor cristão não é um sentimento superficial, uma emoção passageira que, talvez, seja experimentada durante o culto na igreja. O amor cristão é *prático*; aplica-se às questões da vida diária. Ao considerar os mandamentos de "reciprocidade" no Novo Testamento, vê-se que amar uns aos outros é algo extremamente prático. Eis alguns exemplos (existem mais de vinte declarações desse tipo):

- Lavar os pés uns dos outros (Jo 13:14).
- Preferir uns aos outros (Rm 12:10).
- Ter o mesmo sentimento uns para com os outros (Rm 12:16).
- Não julgar uns aos outros (Rm 14:13).
- Receber uns aos outros (Rm 15:7).
- Admoestar uns aos outros (Rm 15:14).
- Edificar uns aos outros (1 Ts 5:11).
- Levar os fardos uns dos outros (Gl 6:2).
- Confessar os pecados uns aos outros (Tg 5:16).
- Oferecer hospitalidade uns aos outros (1 Pe 4:9).

Em resumo, amar outros cristãos significa tratá-los da maneira como *Deus* os trata - e da maneira como ele *nos* trata. O amor cristão que não aparece nas ações e atitudes (cf. 1 Co 13:4-7) é falso.

O que acontece com o cristão que não ama os irmãos? Vimos anteriormente o primeiro resultado trágico: ele vive em trevas, apesar de, provavelmente, *pensar* que vive na luz (1 Jo 2:9). Ele *pensa* que vê, mas, na verdade, está cego pelas trevas do ódio. Esse tipo de pessoa é capaz de causar uma série de problemas em grupos cristãos. Pensa que é um "gigante espiritual", com grande entendimento, quando, na verdade, é uma criancinha com pouquíssima percepção espiritual. Pode ler a Bíblia fielmente e orar com fervor, mas se tem ódio no coração, vive uma mentira.

O segundo resultado trágico é que esse cristão torna-se um tropeço (ver 1 Jo 2:10). É terrível quando o cristão faz mal a si mesmo (1 Jo 2:9), mas a situação torna-se ainda mais séria quando ele começa a fazer mal a outros. Andar em trevas é muito *sério*. Também é *perigoso* andar na escuridão, quando há pedras de tropeço no caminho! Um cristão que não ama tropeça e leva outros a tropeçar.

Certa noite, um homem andava por uma rua escura quando viu um ponto muito pequeno de luz vindo em sua direção com movimentos hesitantes. Pensou que a pessoa carregando a luz talvez estivesse doente ou bêbada, mas, ao se aproximar, viu que o homem com a lanterna também segurava *uma bengala branca*.

"Por que será que um homem cego está carregando uma lanterna acesa?", o homem pensou consigo mesmo e resolveu perguntar a ele. O cego sorriu e respondeu:

- Eu carrego essa luz não para que *eu veja*, mas para que *outros me vejam*. Não posso fazer coisa alguma a respeito da minha cegueira, mas posso fazer algo para não ser um tropeço.

A melhor maneira de ajudar outros cristãos a não tropeçar é amá-los. O amor transforma as pessoas em pedras de apoio, enquanto o ódio (e todos os seus correlatos, como a inveja e a malícia) transforma os indivíduos em pedras de tropeço. É importante que os cristãos exercitem o amor na igreja local, pois, de outro modo, sempre haverá problemas e desunião. Quando caímos uns sobre os outros em vez de elevar uns aos outros, tornamo-nos uma família espiritual extremamente infeliz.

Pode-se aplicar esse princípio, por exemplo, à questão das "coisas incertas" (Rm 14 e 15). Uma vez que os cristãos vêm de contextos diferentes, nem sempre concordam entre si. No tempo de Paulo, os cristãos diferiam em suas opiniões quanto a questões como normas alimentares e os dias santos. Um grupo dizia que não era espiritual comer carne oferecida a ídolos. Outro desejava que o sábado fosse observado de maneira bastante rígida. Era um problema com várias

facetas, mas o princípio fundamental para sua solução era: "Não nos julgemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão [...] Se, por causa de comida, o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida, não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu" (Rm 14:13, 15).

Outro resultado trágico do ódio é o atraso que produz no progresso espiritual do cristão (1 Jo 2:11). Um cego – alguém que anda em trevas – não é capaz de encontrar o caminho! O único ambiente que promove o crescimento espiritual é o ambiente da luz espiritual, do amor. Assim como os frutos e as flores precisam da luz do sol, também o povo de Deus precisa de amor para crescer.

O mandamento "amai-vos uns aos outros" renova-se nas experiências diárias. Não basta reconhecer que é novo em sua ênfase e dizer: "sim, o amor é importante!" Também não basta ver o amor de Deus exemplificado em Jesus Cristo. É preciso conhecer esse amor *por experiência própria*. O antigo mandamento: "Ami-vos uns aos outros" se torna um novo mandamento, quando se pratica o amor de Deus na vida diária.

Até aqui, foi visto o lado *negativo* de 1 João 2:9-11; agora, será apresentado o positivo. Ao praticar o amor cristão, quais serão os resultados maravilhosos?

Em primeiro lugar, o cristão vive na luz, em comunhão com Deus e com os irmãos em Cristo.

Em segundo lugar, não tropeça nem se torna pedra de tropeço a outros.

E, em terceiro lugar, há crescimento espiritual, tornando o cristão cada vez mais semelhante a Cristo.

Neste ponto, convém pensar no contraste entre "as obras da carne", tão repulsivas (Gl 5:19-21), e o belo fruto do Espírito – "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5:22, 23).

Quem está na luz, "a semente [que] é a palavra de Deus" (Lc 8:11) pode criar raízes e dar fruto. E o primeiro fruto que o Espírito produz é o amor!

Mas o amor não vive sozinho; ele produz alegria! O ódio torna a pessoa infeliz, mas o amor sempre traz consigo a alegria.

Um casal cristão foi procurar um pastor, pois o casamento deles começava a desintegrar-se.

– Nós dois somos cristãos – disse o marido desanimado –, mas não estamos felizes juntos. Não há alegria alguma em nosso lar.

Enquanto o pastor conversava com eles e ao refletirem juntos sobre o que a Bíblia tinha a dizer, um fato tornou-se claro: tanto o marido quando a esposa guardavam mágoas. Os dois se lembravam de uma porção de coisas pequenas, mas irritantes, que o outro havia feito!

– Se vocês dois realmente se amassem – disse o pastor –, não guardariam essas mágoas no coração. Elas supuram como feridas infeccionadas e contaminam todo o organismo.

Então, leu para eles que "[O amor] não se ressentido do mal" (1 Co 13:5) e explicou:

– Isso significa que o amor não guarda registro das coisas que o outro faz e que nos ofendem. Quando amamos de verdade uma pessoa, o amor cobre seus pecados e ajuda a curar as feridas que causaram. – E leu também: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados" (1 Pe 4:8).

Antes de o casal ir embora, o pastor os aconselhou:

– Em vez de guardarem registro de coisas que ferem, comecem a se lembrar das coisas que dão prazer. Um espírito rancoroso sempre nos enche de veneno, enquanto um espírito amoroso que vê e se lembra do melhor sempre traz saúde.

O cristão que anda em amor está sempre experimentando nova alegria, pois o "fruto do Espírito" é amor e alegria. E, quando misturamos o "amor" com a "alegria", temos a "paz", que nos ajuda a produzir "longanimidade". Em outras palavras, andar na luz, andar em amor, é o segredo para o crescimento na vida cristã, que quase sempre começa com o amor.

Mas todos nós devemos reconhecer que não se pode gerar amor cristão com as



próprias forças. Somos, por natureza, egoístas e propensos a odiar. Somente o Espírito de Deus enche nosso coração de amor para que sejamos capazes, então, de amar uns aos outros. "O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5:5). O Espírito de Deus torna o mandamento "amai-vos uns aos outros" uma experiência nova e empolgante no dia-a-dia. Se andarmos na luz, o Espírito de Deus produzirá amor. Se andarmos em trevas, nosso espírito egoísta produzirá ódio.

A vida cristã - a vida real - é uma mistura maravilhosa de "antigo e novo". O Espírito Santo pega as "coisas antigas" e as transforma em "coisas novas" em nossa experiência. Ao pensar sobre isso, vê-se que o Espírito Santo jamais envelhece! É eternamente jovem! Ele é a única Pessoa na Terra, *hoje*,

que já estava aqui séculos atrás quando Jesus viveu, ensinou, morreu e ressuscitou. Ele é o Único que pode pegar uma "verdade antiga" e transformá-la em algo inédito e cheio de vida na experiência cotidiana.

Esta epístola de João apresenta, na seqüência, outras verdades empolgantes, mas se não formos obedientes no que diz respeito ao amor, o restante desta carta será como "trevas" para nós. Talvez o melhor a fazer *agora* seja perscrutar o coração e ver se guardamos algo contra algum irmão ou se alguém tem alguma coisa contra nós. A vida real é honesta - e é uma vida que implica *fazer*, não apenas *falar*. É uma vida de amor ativo em Cristo. Isso significa perdão, bondade e longanimidade. Mas também significa alegria, paz e vitória.

A vida de amor é a única vida real!

## O AMOR QUE DEUS DETESTA

1 JOÃO 2:12-17

Um grupo de alunos da primeira série havia acabado de completar um *tour* pelo hospital, e a enfermeira que monitorava a visita quis saber se alguém tinha alguma pergunta.

– Por que as pessoas que trabalham aqui estão sempre lavando as mãos? – perguntou um garotinho.

Depois que todos pararam de rir, a enfermeira deu uma resposta sábia.

– Eles “estão sempre lavando as mãos” por dois motivos. Primeiro, amam a saúde e, segundo, detestam micróbios.

Em diversas áreas da vida, o amor e a aversão andam juntos. O marido que ama a esposa, certamente, detestará o que lhe poderia fazer mal. “Vós que amais o SENHOR, detestai o mal” (Sl 97:10). “O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem” (Rm 12:9).

Nesta epístola, primeiro João lembrou que devemos praticar o amor (1 Jo 2:7-11) – o tipo certo de amor. Agora, alerta para o fato de que há um tipo *errado* de amor que Deus detesta: o amor pelo que a Bíblia chama de “o mundo”.

Existem quatro motivos pelos quais os cristãos não devem amar “o mundo”.

### 1. POR CAUSA DAQUILO QUE O MUNDO É

No Novo Testamento, a palavra *mundo* tem pelo menos três significados diferentes. Por vezes, se refere ao mundo *físico*, a *Terra*: “O Deus que fez o mundo [nosso planeta] e tudo o que nele existe” (At 17:24). Também pode ser o mundo *humano*, a *humanidade*: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira” (Jo 3:16). Por vezes, esses dois conceitos

aparecem juntos: “O Verbo [Jesus] estava no mundo, o mundo [terra] foi feito por intermédio dele, mas o mundo [a humanidade] não o conheceu” (Jo 1:10).

Mas a advertência “não ameis o mundo” não se refere ao mundo natural nem ao mundo dos homens. Os cristãos devem apreciar a beleza e utilidade da terra que Deus criou, uma vez que é ele que “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1 Tm 6:17). E, sem dúvida, deve amar as pessoas – não apenas os amigos, mas também os inimigos.

Este “mundo” ao qual João refere-se como o inimigo é um sistema espiritual invisível contrário a Deus e a Cristo.

A palavra *mundo* com o sentido de um sistema faz parte de nosso linguajar diário. O repórter da televisão diz: “Agora, as notícias do mundo dos esportes”. O “mundo dos esportes” não é um planeta ou continente separado. Antes, é um sistema organizado, constituído de um conjunto de idéias, pessoas, atividades, objetivos etc. Da mesma forma, o “mundo dos negócios” bem como o “mundo da política” são sistemas independentes. Por trás do que vemos nos esportes ou nas finanças, existe um sistema invisível, responsável pelo funcionamento do universo.

Na Bíblia, “o mundo” é o sistema que Satanás usa para fazer frente à obra de Cristo aqui na Terra. É exatamente o oposto de tudo o que é piedoso (1 Jo 2:16), santo e espiritual. “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno” (1 Jo 5:19). Ao falar do mundo, Jesus disse que Satanás é “seu príncipe” (Jo 12:31). O diabo possui uma organização de espíritos malignos (Ef 6:11, 12) que trabalham com ele e influenciam o que se passa “neste mundo”.

Assim como o Espírito Santo usa pessoas para realizar a obra de Deus na Terra, Satanás usa pessoas para cumprir seus propósitos perversos. Quer percebam quer não, os não-salvos são motivados pelo “príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2:1, 2).

Os incrédulos pertencem a “este mundo”. Jesus os chama de “filhos do mundo”

(Lc 16:8). Quando Jesus estava aqui na Terra, as pessoas “deste mundo” não o compreenderam, como também não compreendem os que crêem em Jesus Cristo nos dias de hoje (1 Jo 3:1). O cristão faz parte do mundo *humano* e vive no mundo *físico*, mas não pertence ao mundo *espiritual* que é o sistema de Satanás para se opor a Deus. “Se vós fôsseis do mundo [do sistema de Satanás], o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15:19).

Assim, “o mundo” não é o hábitat do cristão. A cidadania do cristão está no céu (Fp 3:20), e todos os seus recursos eficazes para ele viver na Terra vêm do Pai celestial.

Em certo sentido, o cristão é como um escafandrista. A água não é o hábitat do ser humano, pois ele não está equipado para viver nela (ou abaixo dela). Quando um escafandrista mergulha, precisa de um equipamento especial para respirar.

Se não fosse pelo Espírito Santo vivendo dentro de nós e pelos recursos espirituais que temos na oração, na comunhão cristã e na Palavra, jamais seríamos capazes de sobreviver aqui na Terra. Queixamo-nos da poluição na atmosfera da Terra, mas a atmosfera do “mundo” também se acha tão saturada de poluição espiritual que o cristão não é capaz de respirar normalmente!

No entanto, há um segundo motivo, mais sério que o primeiro, pelo qual os cristãos não devem amar o mundo.

## 2. POR CAUSA DO QUE O MUNDO FAZ CONOSCO (1 Jo 2:15, 16)

“Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 Jo 2:15).

O mundanismo é mais uma questão de *atitude* do que de *atividade*. É possível o cristão manter-se afastado de diversões e de lugares suspeitos e, ainda assim, amar o mundo, pois o mundanismo encontra-se no coração. O amor que o cristão tem por Deus é *inversamente proporcional* a seu amor pelo sistema e pelas coisas do mundo.

O mundanismo afeta a forma de respondermos não apenas ao amor de Deus, mas

também à *vontade de Deus*. “Ora, o mundo passa [...] aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17).

Para os que vivem no amor de Deus, fazer a vontade de Deus é uma alegria. “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Mas quando o cristão não sente mais prazer no amor do Pai, tem dificuldade em obedecer à vontade do Pai.

Ao colocar esses dois elementos lado a lado, temos uma definição prática de mundanismo: qualquer coisa na vida do cristão que o faz sentir menos prazer no amor do Pai e menos desejo de fazer a vontade do Pai é mundana e deve ser evitada. A resposta ao amor do Pai (a vida devocional pessoal) e a obediência à vontade do Pai (a conduta diária) são os dois testes de mundanismo.

Muitas coisas neste mundo são inequivocamente erradas, e a Palavra de Deus as identifica como pecados. É o caso de roubar, mentir (Ef 4:25, 28) e ter relações sexuais ilícitas (Ef 5:1-3). Com referência a estas e a várias outras ações, o cristão tem pouco ou nenhum espaço para discutir. No entanto, existem áreas da conduta cristã não tão claras a respeito das quais até cristãos mais consagrados discordam entre si. Nesses casos, cada cristão deve aplicar o teste à própria vida e ser escrupulosamente honesto nessa auto-avaliação, lembrando que até mesmo uma coisa *boa* pode privar o cristão do prazer no amor de Deus e do desejo de fazer a vontade de Deus.

Um aluno do último ano de uma faculdade cristã era conhecido por suas excelentes notas e serviço cristão dedicado. Saía todos os fins de semana para pregar o evangelho e estava sendo usado por Deus para ganhar almas e para desafiar cristãos.

Então, algo aconteceu. Seu testemunho deixou de ser eficaz, suas notas começaram a cair e até sua personalidade começou a mudar. O diretor chamou-o para conversar.

– Sua vida e seu trabalho não são mais os mesmos – disse o diretor. – Gostaria que você me contasse o que está acontecendo.

O aluno foi evasivo por algum tempo, mas acabou contando sua história. Estava

noivo de uma moça cristã maravilhosa e planejando casar-se logo depois da formatura. Havia sido chamado para trabalhar em uma excelente igreja e sentia-se ansioso para se mudar com a esposa para a casa pastoral e começar o ministério.

- Fiquei tão empolgado com tudo que cheguei a desejar que o Senhor não voltasse! - confessou o rapaz. - Então, o poder desapareceu da minha vida!

Por mais excelentes e belos que fossem seus planos, criavam uma barreira entre esse rapaz e o Pai. Ele deixou de sentir prazer no amor do Pai e se tornou mundano!

João ressalta que o sistema do mundo usa de três artifícios para "fisgar" os cristãos: "a concupiscência [desejo] da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 Jo 2:16). Foram esses mesmos artifícios que seduziram Eva no jardim: "Vendo a mulher que a árvore era boa [concupiscência da carne] para se comer, agradável aos olhos [concupiscência dos olhos] e árvore desejável para dar entendimento [soberba da vida], tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu" (Gn 3:6).

A concupiscência da carne refere-se a qualquer coisa que agrade à natureza decaída do ser humano. A "carne" não é o "corpo", mas sim a natureza básica do ser humano não regenerado que o cega para a verdade espiritual (1 Co 2:14). A carne é a natureza que recebemos no nascimento físico; o espírito é a natureza que recebemos no segundo nascimento (Jo 3:5, 6). Quando cremos em Cristo, tornamo-nos "co-participantes da natureza divina" (2 Pe 1:4). O cristão possui tanto uma velha natureza (a carne) quanto uma nova natureza (o Espírito) em sua vida: duas naturezas que travam batalhas monumentais (Gl 5:17-23)!

Deus deu ao ser humano certos desejos inerentemente bons. A fome, a sede, o cansaço e o sexo não são, por si mesmos, desejos perversos. Não há nada de errado em comer, beber, dormir e gerar filhos. Mas quando a natureza carnal controla esses desejos, eles se tornam "concupiscências" pecaminosas. Não há nada de mau na fome, mas a gula é pecado. Não há nada de mau

na sede, mas a bebedice é pecado. O sono é uma dádiva de Deus, mas a preguiça é vergonhosa. Quando usado corretamente, o sexo é uma dádiva preciosa de Deus; mas quando usado indevidamente, se torna imoral.

Vê-se, agora, como o mundo funciona. Ele apela aos apetites normais e tenta o indivíduo a satisfazê-los de maneiras ilícitas. No mundo de hoje, estamos cercados de todo tipo de sedução que apela para a natureza mais vil - e "a carne é fraca" (Mt 26:41). Caso o cristão entregue-se a ela, se verá às voltas com "as obras da carne" (Gl 5:19-21 apresenta uma lista nada atraente).

É importante o cristão lembrar que tudo o que Deus diz sobre a velha natureza, a carne, é *negativo*. Na carne "não habita bem algum" (Rm 7:18). "A carne para nada aproveita" (Jo 6:63). O cristão não deve confiar na carne (Fp 3:3). Não deve "[dispor] para a carne" (Rm 13:14). A pessoa que vive para a carne leva uma vida negativa.

O segundo artifício que o mundo usa para seduzir o cristão é chamado de "concupiscência dos olhos". Às vezes, esquecemos que os olhos também podem ter desejos (você já ouviu a expressão: "é de encher os olhos"?).

A concupiscência da carne seduz os apetites inferiores da velha natureza, tentando a pessoa a satisfazê-los de maneiras pecaminosas. A concupiscência dos olhos, por sua vez, atua de maneira mais refinada. Trata-se, aqui, dos prazeres que satisfazem a vista e a mente: prazeres intelectuais e sofisticados. No tempo do apóstolo João, os gregos e os romanos viviam em função da diversão e das atividades que estimulavam os olhos. Os tempos não mudaram muito! Pensando na televisão, talvez a oração de todo cristão deva ser: "Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade" (Sl 119:37).

Um soldado chamado Acã (Jo 7) provocou a derrota do exército de Josué por causa da concupiscência dos olhos. Deus havia advertido Israel a não tomar qualquer espólio da cidade condenada de Jericó, mas Acã desobedeceu; e explicou: "Quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e

duzentos siclos de prata, e uma barra de ouro do peso de cinquenta siclos, cobicei-os e tomei-os" (Js 7:21). A concupiscência dos olhos o levou a pecar, e seu pecado causou a derrota do exército.

Assim como os outros sentidos, os olhos são um portal para a mente. A concupiscência dos olhos pode incluir atividades intelectuais contrárias à Palavra de Deus. Existe uma pressão para que os cristãos *pensem* da maneira que o mundo pensa. Deus adverte contra o "conselho dos ímpios" (Sl 1:1). Isso não significa que o cristão deva ignorar os estudos e a erudição secular, mas sim que deve ter o cuidado de não deixar que o intelectualismo coloque Deus de escanteio.

O terceiro artifício é "a soberba da vida". A glória de Deus é rica e plena; a glória do homem é vulgar e vazia. Na verdade, o termo grego traduzido por "soberba" era usado para descrever alguém arrogante que tentava impressionar os outros com sua importância. Desde tempos remotos, os indivíduos tentam sobressair-se mostrando quanto gastam e quanto conseguem conquistar. A soberba da vida motiva grande parte do que pessoas desse tipo fazem.

Por que tanta gente compra casas, carros, eletrodomésticos e roupas que, na realidade, *estão muito além de suas posses*? Por que sucumbe a propagandas do tipo "viaje agora e pague depois" e se mete em dívidas impossíveis de pagar só para tirar férias que não cabem em seu orçamento? Em grande parte, para impressionar os outros – por causa da "soberba da vida". É possível que queiram mostrar a outros quanto são ricos ou bem-sucedidos.

A maioria não vai tão longe, mas é impressionante quanta coisa tola as pessoas fazem só para causar boa impressão. Chegam a sacrificar a honestidade e a integridade, a fim de obter fama e de se sentirem importantes.

Sem dúvida, o mundo seduz o cristão por meio das concupiscências da carne, das concupiscências dos olhos e da soberba da vida. E o cristão não demora a perceber quando o mundo assume o controle nessas áreas. Perde o prazer que sentia no amor do Pai e

o desejo de fazer a vontade do Pai. A Bíblia torna-se enfadonha, e a oração passa a ser uma tarefa difícil. Até mesmo a comunhão cristã parece vazia e decepcionante. O problema não está nos outros, mas sim no coração mundano desse cristão.

É importante observar que nenhum cristão torna-se mundano de repente. O mundanismo infiltra-se aos poucos na vida do cristão; é um processo gradativo. Primeiro desenvolve-se uma *amizade com o mundo* (Tg 4:4). Por natureza, o mundo e o cristão são inimigos ("Irmãos, não vos maravilheis se o mundo vos odeia", 1 Jo 3:13). O cristão amigo do mundo é inimigo de Deus.

Em seguida, o cristão é *contaminado pelo mundo* (Tg 1:27). O mundo deixa suas marcas imundas em uma ou duas áreas de sua vida. Isso significa que, aos poucos, o cristão aceita e adota os comportamentos do mundo.

Quando isso acontece, o mundo deixa de odiar o cristão e começa a amá-lo! Portanto, João adverte: "Não ameis o mundo" – mas, muitas vezes, a amizade com o mundo transforma-se em amor pelo mundo. Em decorrência disso, o cristão torna-se *conformado com o mundo* (Rm 12:2), e é difícil fazer distinção entre um e outro.

No meio dos cristãos, o mundanismo aflora de várias maneiras sutis e irreconhecíveis. Por vezes, se mostra na tendência de idolatrar grandes atletas, artistas de televisão ou líderes políticos que se dizem cristãos – como se esses indivíduos fossem capazes de obter algum favor especial do Deus Todo-Poderoso. Ou, então, ao paparicar as pessoas "influentes" da igreja local, como se a obra de Deus não sobrevivesse sem a boa vontade ou o apoio financeiro dessas pessoas. *Muitas* formas de mundanismo não envolvem a leitura de livros errados nem qualquer tipo de diversão carnal.

Infelizmente, *conformar-se com o mundo* pode levar cristãos a ser "condenados com o mundo" (1 Co 11:32). Se o cristão confessa e julga o pecado, Deus o perdoa; mas se não o confessa, Deus precisa discipliná-lo com amor. Quando um cristão é "condenado com o mundo", não perde a filiação, mas

perde o testemunho e a utilidade espiritual. Existem, ainda, casos extremos de cristão que perderam até a vida (ver 1 Co 11:29, 30).

Os passos desse declínio e suas consequências são ilustrados na vida de Ló (Gn 13:5-13; 14:8-14; 19). Primeiro, Ló olhou na direção de Sodoma. Então, armou sua tenda voltada para Sodoma, nas planícies férteis do rio Jordão. Em seguida, se mudou para Sodoma. Quando a cidade foi capturada pelo inimigo, Ló também foi levado cativo. Ele cria em Deus (2 Pe 2:6-8), mas teve de sofrer com os pecadores incrédulos daquela cidade perversa. E quando Deus destruiu Sodoma, tudo aquilo a que Ló havia dedicado sua vida virou fumaça! Ló foi salvo como que pelo fogo e perdeu a recompensa eterna (1 Co 3:12-15).

Não é de se admirar que João nos advirta a não amar o mundo!

### 3. POR CAUSA DO QUE O CRISTÃO É (1 Jo 2:12-14)

Estamos diante de uma questão prática e importante sobre a natureza do cristão e a forma de se guardar do mundanismo.

A resposta encontra-se na forma incomum de discurso empregada em 1 João 2:12-14: "Filhinhos [...] Pais [...] Jovens".

A que o apóstolo se refere? Em primeiro lugar, "Filhinhos" (1 Jo 2:12) significa *todos os cristãos*. Literalmente, esse termo quer dizer "nascidos". *Todos* os cristãos nasceram na família de Deus por meio da fé em Jesus Cristo, e seus pecados foram perdoados. O próprio fato de alguém fazer parte da família de Deus e de compartilhar sua natureza deve desencorajá-lo a tornar-se amigo do mundo. Fazer amizade com o mundo é traição! "Não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constituiu-se inimigo de Deus" (ver Tg 4:4).

Mas há outro fator a ser considerado: começamos como "filhinhos" – nascidos –, mas *não devemos permanecer nesse estágio!* O cristão só vence o mundo à medida que cresce espiritualmente.

João fala de três tipos de cristãos que podem ser encontrados em uma congregação:

os pais, os jovens e os filhinhos (1 Jo 2:12-14). Os "pais" são, evidentemente, cristãos maduros que têm conhecimento pessoal íntimo de Deus. Uma vez que conhecem Deus, também conhecem os perigos do mundo. Nenhum cristão que já experimentou as alegrias e maravilhas da comunhão com Deus e do serviço para Deus deseja viver prazeres substitutos que o mundo oferece.

Os "jovens" são os conquistadores: venceram o maligno, Satanás, o príncipe do sistema deste mundo. De que maneira fizeram isso? Por meio da Palavra de Deus! "Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno" (1 Jo 2:14). Assim, os "jovens" ainda não alcançaram a plena maturidade, mas estão no processo de amadurecer, pois usam a Palavra de Deus de maneira eficaz. A Palavra é a única arma capaz de derrotar Satanás (Ef 6:17).

Os "filhinhos" aos quais João se dirige em 1 João 2:14 não são os mesmos aos quais ele se dirige em 1 João 2:12. No original grego, são empregados dois termos diferentes. A palavra em 1 João 2:14 dá a idéia de "indivíduos imaturos" ou crianças pequenas ainda sob a autoridade de pais e de tutores. São cristãos novos na fé que ainda não cresceram em Cristo. Como crianças no sentido literal, essas crianças na fé conhecem seu pai, mas ainda precisam crescer.

Eis, portanto, a família cristã! Todos são "nascidos", mas alguns já saíram da infância e entraram na idade adulta espiritual. *O mundo não atrai o cristão que está amadurecendo e crescendo*. Esse cristão está interessado demais no amor do Pai e em fazer a vontade do Pai. As atrações do mundo não o seduzem. Percebe que as coisas do mundo não passam de brinquedos e pode dizer como Paulo: "quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino" (1 Co 13:11).

O cristão mantém-se afastado do mundo por causa do que o mundo é (um sistema satânico que odeia a Cristo e que se opõe a ele), por causa do que o mundo faz conosco (nos seduz a viver de substitutos pecaminosos) e por causa do que o cristão é (um filho de Deus).

#### 4. POR CAUSA DO DESTINO DO MUNDO (1 Jo 2:17)

"O mundo passa" (1 Jo 2:17). Hoje em dia, não falta quem conteste essa declaração – pessoas convictas de que o mundo (o sistema em que vivemos) é tão permanente quanto qualquer coisa pode ser. Mas o mundo *não* é permanente. A única certeza a respeito do sistema deste mundo é que ele não vai durar para sempre. Um dia, este sistema desaparecerá, e as atrações agradáveis desvanecerão: tudo está passando. O que pode durar?

*Somente o que faz parte da vontade de Deus!*

Os cristãos espirituais mantêm uma ligação distanciada com este mundo, pois vivem em função de algo muito melhor. São "estrangeiros e peregrinos sobre a terra" (Hb 11:13). "Na verdade, não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir" (Hb 13:14). Nos tempos bíblicos, muitos cristãos viviam em tendas, porque Deus não desejava que se assentassem e se sentissem em casa neste mundo.

João contrasta dois estilos de vida diferentes: uma vida em função da eternidade e outra em função do tempo. O indivíduo mundano vive em função dos prazeres da carne, mas o cristão consagrado vive em função das alegrias do Espírito. O cristão mundano vive de acordo com o que pode ver – a concupiscência dos olhos –, enquanto o cristão espiritual vive em função das realidades invisíveis de Deus (2 Co 4:8-18). A pessoa de mentalidade mundana vive em função da soberba da vida, da vanglória que atrai os homens, mas o cristão que faz a vontade de Deus vive em função da aprovação de Deus. E "permanece eternamente".

Toda grande nação da história entrou em decadência e acabou sendo conquistada por outra. O que nos leva a crer que *nosso* país será uma exceção? Pelo menos dezenove civilizações do mundo desapareceram. Não há motivo algum para crer que nossa civilização durará para sempre. "A mudança e a deterioração nos cercam por toda parte", escreveu Henry F. Lyte (1793-1847), "e se nossa civilização não for corroída por elas,

certamente será eliminada e substituída por uma nova ordem na vinda de Cristo, que pode ocorrer a qualquer momento".

De modo lento porém inevitável, talvez antes do que os cristãos imaginem, o mundo está passando, mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

Isso não significa que todos os servos de Deus serão lembrados pelas gerações futuras. Das inúmeras pessoas famosas que viveram aqui na Terra, menos de duas mil foram lembradas por mais de um século.

Isso também não significa que a memória dos servos de Deus será perpetuada por seus escritos ou pela vida de pessoas que influenciaram. Esse tipo de "imortalidade" pode ser verdadeira, mas também se aplica a incrédulos como Karl Marx, Voltaire e Adolf Hitler.

Esta passagem (1 Jo 2:17) diz que os cristãos que se dedicarem a fazer a vontade de Deus – a obedecer a Deus – "permanecerão eternamente". Muito depois que o sistema deste mundo, com sua cultura jactanciosa e suas filosofias arrogantes, seu intelectualismo egocêntrico e seu materialismo ímpio, tiver sido esquecido e muito tempo depois que este planeta tiver sido substituído por novos céus e nova terra, os servos de Deus permanecerão, compartilhando a glória de Deus por toda a eternidade.

Essa perspectiva não se limita a Moody, Spurgeon, Lutero, Wesley e outros como eles, mas está aberta a todo cristão humilde. Se cremos em Cristo, está aberta para nós.

O sistema do mundo atual não é duradouro. "Porque a aparência deste mundo passa" (1 Co 7:31). Tudo a nosso redor está mudando, mas as coisas eternas permanecem sempre as mesmas. O cristão que ama este mundo nunca terá paz nem segurança, pois atrelou a vida a algo sempre mutável. Nas palavras do missionário e mártir Jim Elliot: "Não é insensato aquele que dá o que não pode guardar a fim de obter o que não pode perder".

O Novo Testamento trata, com frequência, da "vontade de Deus". Um dos "benefícios secundários" da salvação é o privilégio de conhecer a vontade de Deus (At 22:14).

E Deus deseja que tenhamos “pleno conhecimento da sua vontade” (Cl 1:9). A vontade de Deus não é algo a consultar de vez em quando, como uma enciclopédia, mas sim algo que controla inteiramente a vida. Para o cristão dedicado, não se trata de saber apenas se determinada ação é “certa ou errada”, “boa ou má”. A pergunta-chave é: “Isto é a vontade de Deus para mim?”

Deus deseja não apenas que sua vontade seja *conhecida*, mas também *compreendida* (Ef 5:17). “Manifestou os seus caminhos a Moisés e os seus feitos aos filhos de Israel” (Sl 103:7). Israel sabia *o que Deus fazia*, mas Moisés sabia *por quê!* É importante entender a vontade de Deus para a vida e vislumbrar o propósito que ele está cumprindo.

Uma vez que se descobre qual é a vontade de Deus, deve-se *fazê-la de coração* (Ef 6:6). Ninguém agrada ao Senhor apenas falando de sua vontade, mas sim fazendo o que ele ordena (Mt 7:21). E quanto mais alguém obedece a Deus, mais é capazes de “[experimental] [...] a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2). Descobrir e fazer a vontade de Deus é como aprender a nadar: para que isso aconteça, é preciso entrar na água. Quanto mais uma pessoa obedece a Deus, mais perceptiva se torna para a vontade dele.

O objetivo de Deus é nos “[conservar] feitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus” (Cl 4:12). Para isso, é preciso ser *maduros* na vontade de Deus.

A criança pequena está sempre perguntando aos pais o que é certo ou errado e o que querem ou não que ela faça. Mas ao conviver com os pais e ser treinada e disciplinada por eles, descobre, aos poucos, o que desejam que ela faça. Na verdade, uma criança disciplinada é capaz de “ler os pensamentos do pai” só de observar seus olhos e sua expressão facial! Um cristão imaturo está sempre perguntado aos amigos o que eles acreditam que é a vontade de Deus para ele. O cristão maduro permanece inteiramente dentro da vontade de Deus. Ele sabe o que Deus quer que ele faça.

De que maneira se descobre a vontade de Deus? O processo começa com um ato

de *entrega*: “apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo [...] E não vos conformeis com este século [...] para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:1, 2). O cristão que ama o mundo jamais descobrirá a vontade de Deus dessa maneira. O Pai compartilha seus segredos com os que lhe obedecem. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina” (Jo 7:17). A vontade de Deus não é um “bufê espiritual” do qual o cristão serve apenas o que lhe interessa e deixa o resto! A vontade de Deus deve ser aceita em sua totalidade, algo que requer a sujeição da vida toda a Deus.

Deus revela sua vontade por meio de sua Palavra. “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119:105). O cristão mundano não anseia pela Palavra. Quando lê a Bíblia, aproveita pouco ou nada. Mas o cristão espiritual, que separa um tempo cada dia para ler e meditar sobre a Palavra, encontra em suas páginas a revelação da vontade de Deus e a aplica às situações do cotidiano.

Também se pode descobrir a vontade de Deus pelas circunstâncias. Deus opera de maneiras maravilhosas abrindo e fechando portas. Deve-se confrontar as situações com a Bíblia, não o contrário!

Por fim, Deus conduz o cristão a fazer sua vontade por meio da oração e da operação do Espírito no coração. Ao orar sobre uma decisão, o Espírito fala ao coração do cristão. Uma “voz interior” pode concordar com as circunstâncias predominantes. Não se deve simplesmente segui-la, mas sempre confrontá-la com a Palavra, pois a carne (ou Satanás) pode usar as circunstâncias – ou os “sentimentos” – para desviar o cristão completamente do caminho.

Em resumo, o cristão está *no mundo* fisicamente (Jo 17:11), mas não faz parte *do mundo* espiritualmente (Jo 17:14). Cristo nos enviou *ao mundo* para dar testemunho dele (Jo 17:18). Como um escafandrista, devemos viver em um meio que não é o nosso, e, se não tivermos cuidado, esse meio pode nos sufocar. O cristão não tem como evitar estar dentro do mundo, mas



quando o mundo está dentro do cristão, as coisas se complicam!

O mundo entra no cristão pelo coração: "Não ameis o mundo!" Qualquer coisa que prive o cristão do prazer no amor do Pai ou de seu desejo de fazer a vontade do Pai é mundano e deve ser evitado. Assim, todo cristão precisa avaliar tais coisas por si mesmo, usando como base a Palavra de Deus.

O cristão deve decidir se vai viver apenas em função do presente ou se vai viver

em função da vontade de Deus e permanecer para sempre. Jesus ilustra essa escolha falando de dois homens. Um construiu sobre a areia e outro sobre a rocha (Mt 7:24-27). Paulo refere-se à mesma escolha falando de dois tipos de materiais de construção: os temporários e os permanentes (1 Co 3:11-15).

O amor ao mundo é o amor que Deus odeia. É o amor do qual o cristão deve guardar-se a qualquer custo!

---

## A VERDADE OU AS CONSEQÜÊNCIAS

1 JOÃO 2:18-29

“**N**ão importa em que você crê, desde que você seja sincero!”

Essa declaração expressa a filosofia pessoal de muita gente hoje, mas é de se duvidar que os que dizem isso já pararam para refletir sobre seu significado. A “sinceridade” é o ingrediente mágico que torna algo *verdadeiro*? Se é assim, deve ser possível aplicar o mesmo princípio a todas as áreas da vida, não apenas à religião.

Uma enfermeira em um hospital dá um medicamento a um paciente, e ele tem uma forte reação. A enfermeira é sincera, mas deu o medicamento errado e, por pouco, o paciente não morre.

Um homem ouve um barulho durante a noite e conclui que há um ladrão dentro da casa. Ele pega sua arma e atira no “ladrão”, que, na verdade, era sua filha! Sem sono, a menina havia se levantado para fazer um lanche e acabou tornando-se vítima da “sinceridade” do pai.

É preciso muito mais do que “sinceridade” para que algo seja verdadeiro. A fé em uma mentira sempre traz conseqüências sérias; a fé na verdade nunca é desperdiçada. *Aquilo em que uma pessoa crê faz toda diferença!* Se alguém deseja ir de carro de Chicago para Nova York, não há sinceridade que a faça chegar a seu destino, caso ela decida pegar a estrada para Los Angeles. A pessoa verdadeira constrói a vida sobre a verdade, não sobre superstições ou mentiras. É impossível viver uma vida real crendo em mentiras.

Deus advertiu a igreja (“Filhinhos”) sobre o conflito entre a luz e as trevas (1 Jo 1:1 – 2:6) e entre o amor e o ódio (1 Jo 2:7-17). Agora, ele adverte sobre um terceiro

conflito: entre a verdade e a mentira. Não basta ao cristão andar na luz e andar em amor. O que está em jogo é a verdade... ou suas conseqüências!

Antes de João explicar as conseqüências trágicas de afastar-se da verdade, o apóstolo enfatiza a seriedade da questão usando duas expressões: “a última hora” e “anticristos”. Ambas deixam claro que o cristão vive um momento de crise e deve guardar-se das mentiras do inimigo.

“A última hora” é uma expressão que lembra que uma nova era iniciou no mundo. “Porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha” (1 Jo 2:8). Desde a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, Deus faz “algo novo” aqui no mundo. Toda a história do Antigo Testamento preparou o caminho para a obra de Cristo na cruz. Toda a história desde esse tempo é apenas uma preparação para “o fim”, quando Jesus voltará e estabelecerá seu reino. Não há mais nada que Deus precise fazer para oferecer a salvação aos pecadores.

Pode-se perguntar: “Mas se era a ‘última hora’ no tempo de João, por que Jesus ainda não voltou?”

Trata-se de uma excelente pergunta, e as Escrituras dão a resposta. Ao contrário de suas criaturas, Deus não é limitado pelo tempo. Deus trabalha *dentro* do tempo humano, mas está *acima* dele (cf. 2 Pe 3:8).

“A última hora” começou na época de João e, desde então, vem crescendo em intensidade. No tempo do apóstolo, já havia falsos mestres ímpios, e, nos séculos subsequentes, esses impostores cresceram tanto em número quanto em influência. “A última hora” descreve um tipo de tempo, não sua duração. Esse tempo é descrito em 1 Timóteo 4. Assim como João, Paulo também observou as características de seu tempo, as quais se manifestam hoje de maneira ainda mais pronunciada.

Em outras palavras, os cristãos sempre viveram na “última hora” ou em tempos de crise. Portanto, é essencial saber em que crer e por que crer.

O segundo termo – “anticristos” – é usado na Bíblia apenas por João (1 Jo 2:18, 22; 4:3; 2 Jo 7). Descreve três coisas: (1) um

espírito no mundo que se opõe ou nega a Cristo; (2) os falsos mestres que personificam esse espírito; e (3) uma pessoa que irá liderar a rebelião mundial final contra Cristo.

O "espírito do anticristo" (1 Jo 4:3) está presente no mundo desde que Satanás declarou guerra contra Deus (cf. Gn 3). O "espírito do anticristo" está por trás de toda falsa doutrina e de todo substituto "religioso" para as realidades que o cristão possui em Cristo. Na verdade, o prefixo *anti* tem dois significados na língua grega. Quer dizer "contra" Cristo ou "no lugar de" Cristo. Satanás luta freneticamente *contra* Cristo e sua verdade eterna, colocando *no lugar de* Cristo imitações de realidades que só podem ser encontradas no Senhor Jesus.

O "espírito do anticristo" está no mundo hoje e, por fim, encabeçará a manifestação de um "super-homem satânico" que a Bíblia chama de "anticristo". Em 2 Tessalonicenses 2:1-12, ele é chamado de "o homem da iniquidade".

Essa passagem explica que existem duas forças em ação no mundo atualmente: a verdade operando por meio da Igreja e do Espírito Santo e o mal operando por meio da energia de Satanás. O Espírito Santo nos cristãos está refreando a iniquidade, mas quando a Igreja for levada embora no arrebatamento (1 Ts 4:13-18), Satanás conseguirá completar sua vitória temporária e dominar o mundo. (João fala mais sobre esse governante mundial e seu sistema perverso no Livro de Apocalipse, especialmente em 13:1-18; 16:13 e 19:20.)

Aquilo em que se crê faz alguma diferença? Faz toda diferença do mundo! Estes são tempos de crise – a última hora –, e o espírito do anticristo opera no mundo! É de importância vital conhecer e crer na verdade e ser capazes de detectar as mentiras com as quais nos deparamos.

A primeira epístola de João apresenta três características inequívocas do falso mestre controlado pelo "espírito do anticristo".

### 1. ELE SE AFASTA DA COMUNHÃO (1 Jo 2:18, 19)

"Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido

dos nossos, teriam permanecido conosco" (1 Jo 2:19).

Os pronomes "nosso" e "nossos" referem-se, evidentemente, à congregação dos cristãos, a igreja. Nem todos os que fazem parte de uma assembléia de cristão são, necessariamente, membros da família de Deus!

O Novo Testamento apresenta a igreja de duas formas: como uma família mundial e como uma série de unidades locais ou congregações de cristãos. A igreja tem um aspecto "universal" e outro "local". O conjunto de cristãos ao redor do mundo é comparado a um *corpo* (1 Co 12) e a um *edifício* (Ef 2:19-22). Quando um pecador crê em Jesus Cristo como Salvador, recebe a vida eterna e se torna, de imediato, um membro da família de Deus e parte do corpo espiritual de Deus. Deve, então, se identificar com um grupo local de cristãos (uma igreja) e começar a servir a Cristo (At 2:41, 42). Mas a questão, aqui, é que uma pessoa pode participar da igreja local sem ser parte do verdadeiro corpo espiritual de Cristo.

Um dos sinais da vida cristã autêntica é um desejo de estar com o povo de Deus. "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 Jo 3:14). Quando as pessoas participam da mesma natureza divina (2 Pe 1:4) e quando o mesmo Espírito Santo habita dentro delas (Rm 8:14-16), sentem o desejo de ter comunhão e de compartilhar suas experiências umas com as outras. Como vimos anteriormente, *comunhão* significa "ter em comum". Quando as pessoas têm realidades espirituais em comum desejam ficar juntas.

Mas os "falsos cristãos" mencionados em 1 João 2 não *permaneceram* na congregação. Foram embora. Isso não significa que "ficar na igreja" é o que mantém a pessoa salva; antes, permanecer em comunhão é uma indicação de que um indivíduo é um cristão autêntico. Na parábola do semeador (Mt 13:1-9, 18-23), Jesus deixa claro que os que produzem frutos são, verdadeiramente, nascidos de novo. É possível estar perto de uma experiência de salvação, até mesmo ter características que poderiam ser consideradas "cristãs", mas, ainda assim, não ser

um filho de Deus. As pessoas às quais 1 João 2 refere-se deixaram a congregação porque não possuíam a vida real e porque o amor de Cristo não estava em seu coração.

Infelizmente, existem muitas divisões no meio do povo de Deus hoje, mas qualquer que seja a denominação à qual pertencem, todos os cristãos têm certas coisas em comum. Crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus e que Jesus é o Filho de Deus. Confessam que os homens são pecadores e que a única forma de serem salvos é por meio da fé em Cristo. Crêem que Cristo morreu em nosso lugar na cruz, que ressuscitou dentre os mortos e que o Espírito Santo habita nos cristãos autênticos. Por fim, crêem também que, um dia, Jesus voltará. Os cristãos podem discordar em outras questões, como, por exemplo, o governo da igreja ou as formas de batismo, mas apresentam um consenso no que diz respeito às doutrinas fundamentais da fé.

Ao investigar a história das seitas e de sistemas religiosos contrários ao cristianismo hoje, vemos que, na maioria dos casos, seus fundadores *saíram de igrejas!* Estavam “[em] nosso meio” e, no entanto, “não eram dos nossos”, de modo que “se foram” e começaram os próprios grupos.

Por mais “religioso” que seja, qualquer grupo que se separa de uma igreja fiel à Palavra de Deus por motivos doutrinários deve ser considerado suspeito de imediato. Muitas vezes, esses grupos seguem líderes humanos e livros escritos por homens, em vez de seguirem a Jesus Cristo e a Palavra de Deus. O Novo Testamento (e.g., 2 Tm 3 e 4; 2 Pe 2) deixa claro que é perigoso afastar-se da comunhão.

## 2. ELE NEGA A FÉ (1 JO 2:20-25; 4:1-6)

A pergunta-chave para o cristão é: quem é Jesus Cristo? Ele é apenas um “Exemplo”, um “homem bom”, um “Mestre maravilhoso” ou é Deus vindo em carne?

Os leitores de João conheciam a verdade a respeito de Cristo, pois, de outro modo, não teriam sido salvos. “E vós possuís unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento” (ver 1 Jo 2:20, 27).

“E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9).

Os falsos cristãos do tempo de João costumavam usar duas palavras para descrever sua experiência: “conhecimento” e “unção”. Afirmavam ter uma unção especial de Deus que lhes dava um conhecimento singular. Eram “iluminados” e, portanto, viviam em um nível muito mais elevado do que o resto das pessoas. Mas João ressalta que *todos* os cristãos verdadeiros conhecem a Deus e receberam o Espírito de Deus! E, pelo fato de terem crido na verdade, reconhecem uma mentira quando se deparam com ela.

A grande declaração de fé que separa o cristão de outros é: *Jesus é Deus vindo em carne* (1 Jo 4:2).

Nem todos os pregadores e mestres que afirmam ser cristãos possuem uma fé autêntica (1 Jo 4:1-6). Só os que confessam que Jesus Cristo é Deus vindo em carne é que pertencem à fé verdadeira. Os que negam a Cristo pertencem ao anticristo. Estão *no* mundo e são *do* mundo, ao contrário dos verdadeiros cristãos chamados *para fora* do mundo. Quando falam, o mundo (os incrédulos) os ouve e crê neles. Mas o mundo ímpio não é capaz de compreender o verdadeiro cristão. O cristão fala sob a orientação do Espírito da Verdade; o falso mestre fala sob a influência do espírito da mentira – o espírito do anticristo.

Confessar que Jesus Cristo é Deus vindo em carne envolve muito mais do que a simples identificação de Cristo. Os demônios fizeram tal declaração (Mc 1:24), mas nem por isso foram salvos. A verdadeira confissão envolve a fé pessoal em Cristo – em sua Pessoa e em sua obra. Confissão não é apenas uma “declaração teológica” que recitamos; antes, é um testemunho pessoal, vindo do coração, relatando o que Cristo fez por nós. Se cremos em Cristo e confessamos nossa fé, temos a vida eterna (1 Jo 2:25). Os que não podem fazer essa confissão com honestidade *não* têm a vida eterna, uma questão da mais absoluta seriedade.

George Whitefield, o grande evangelista inglês, conversava com um homem sobre a sua alma e lhe perguntou:

– Em que o senhor crê?  
 – Creio naquilo que a minha igreja crê – respondeu o homem com todo respeito.  
 – E em quê a sua igreja crê?  
 – Na mesma coisa em que eu creio.  
 – E em quê você e sua igreja crêem? – insistiu o pregador.

– Na mesma coisa! – respondeu o homem. Uma pessoa não é salva ao aceitar o credo de uma igreja, mas sim ao crer em Jesus Cristo e dar testemunho dessa fé (Rm 10:9, 10).

Os falsos mestres costumam dizer: “Adoramos o Pai. Cremos que Deus é o Pai, mas não concordamos com vocês quanto a Jesus Cristo”.

Mas negar o Filho é o mesmo que negar o Pai. Não se pode separar o Pai do Filho, uma vez que ambos são um só Deus. Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30). Também deixou claro que o verdadeiro cristão honra *tanto* o Pai *quanto* o Filho: “A fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou” (Jo 5:23). Se dissermos que “adoramos um só Deus”, mas deixarmos Jesus Cristo de fora dessa adoração, não estaremos adorando como cristãos verdadeiros.

É importante manter-se fiel à Palavra de Deus. A Palavra (ou mensagem) que ouvimos “desde o princípio” é tudo de que precisamos para nos manter fiéis à fé. A vida cristã *prossigue* da mesma forma que *começou*: por meio da fé na mensagem da Bíblia. O líder religioso que aparece com “algo novo”, algo que contradiz o que os cristãos ouviram “desde o princípio”, não é digno de qualquer confiança. “Provai os espíritos se procedem de Deus” (1 Jo 4:1). Devemos deixar que a Palavra permaneça em nós (1 Jo 2:24) e, ao mesmo tempo, permanecer em Cristo (1 Jo 2:28); de outro modo, o espírito do anticristo nos fará desviar. Por mais promessas que os falsos mestres façam, temos a promessa garantida de vida eterna (1 Jo 2:25). Não é preciso mais nada!

Se os falsos mestres se contentassem em participar das próprias reuniões já seria ruim, mas, para piorar, insistem em tentar converter outros a suas doutrinas anticristãs. Essa é

a terceira característica do indivíduo que se afastou da verdade de Deus.

### 3. ELE TENTA ENGANAR OS FIÉIS (1 Jo 2:26-29)

É interessante observar que os grupos anticristãos raramente tentam converter pecadores perdidos. Em vez disso, passam grande parte do tempo procurando converter cristãos professos (de preferência, membros de igrejas) a suas doutrinas. Seu objetivo é “enganar” os fiéis.

O termo “enganar” dá a idéia de “ser levado pelo caminho errado”. Fomos advertidos de que isso aconteceria: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (ver 1 Tm 4:1).

Jesus chamou Satanás de “pai da mentira” (Jo 8:44). O objetivo do diabo é fazer os cristãos se desviarem ensinando-lhes doutrinas falsas (2 Co 11:1-4, 13-15). Não se deve aceitar tudo o que uma pessoa diz simplesmente porque ela afirma crer nas Escrituras, pois é possível “distorcer” a Bíblia de modo a fazê-la significar praticamente qualquer coisa (2 Co 4:1, 2).

Satanás não é um criador, mas apenas um falsificador que imita a obra de Deus. Tem, por exemplo, falsos “ministros” (2 Co 11:13-15) que pregam um falso evangelho (Gl 1:6-12), o qual produz falsos cristãos (Jo 8:43, 44) que dependem de uma falsa justiça (Rm 10:1-10). Na parábola do joio e do trigo (Mt 13:24-30, 36-43), Jesus e Satanás são retratados como semeadores. Jesus lança as sementes verdadeiras, os filhos de Deus, enquanto Satanás semeia os “filhos do maligno”. Enquanto vão crescendo, os dois tipos de planta são tão parecidos que os servos só conseguem fazer a distinção entre uma e outra quando aparecem os frutos! O principal estratagema de Satanás em nosso tempo é semear impostores em todo lugar onde Cristo planta cristãos verdadeiros. Assim, é importante ter a capacidade de distinguir entre o autêntico e o falso e separar as verdadeiras doutrinas de Cristo das doutrinas falsas do anticristo.

De que maneira o cristão faz isso? Dependendo da instrução do Espírito Santo. Todo cristão recebeu a *unção* do Espírito (1 Jo 2:20), e é o Espírito que lhe ensina a verdade (Jo 14:17; 15:26). Os falsos mestres não são guiados pelo Espírito da Verdade, mas sim pelo espírito da mentira (1 Jo 4:3, 6).

A palavra *ungir* lembra a prática encontrada no Antigo Testamento de derramar óleo sobre a cabeça da pessoa separada para um serviço especial. Costumava-se ungir sacerdotes (Êx 28:41), reis (1 Sm 15:1) e profetas (1 Rs 19:16). O cristão do Novo Testamento não é literalmente ungido com óleo; antes, recebe a *unção* do Espírito de Deus – uma *unção* que o separa para o ministério como um dos sacerdotes de Deus (1 Pe 2:5, 9). Não é preciso orar por uma “*unção do Espírito*”; o cristão já *recebeu* essa *unção* especial. Ela “*permanece em [nós]*” e, portanto, não precisa ser dada.

Vimos que os falsos mestres negam o Pai e o Filho e também negam o Espírito. Deus deixou o Espírito para “[ensinar] todas as coisas” (Jo 14:26), mas esses falsos cristãos desejam ser mestres e fazer outros se desviarem. *Tentam tomar o lugar do Espírito Santo!*

Somos advertidos a não deixar que qualquer *homem* seja nosso mestre, pois Deus já nos deu o Espírito para ensinar sua verdade. Não se trata de negar a importância de mestres humanos dentro da igreja (Ef 4:11, 12), mas sim do dever de, sob a orientação do Espírito, provar todas as ensinamentos dos homens perscrutando as Escrituras em nosso estudo pessoal da Palavra (ver At 17:11).

Um missionário entre os índios norte-americanos visitava Los Angeles acompanhado de um amigo índio recém-convertido. Enquanto andavam pela rua, passaram por um homem pregando com uma Bíblia na mão. O missionário sabia que aquele homem fazia parte de uma seita, mas o índio só viu a Bíblia e parou para ouvir a mensagem.

“Espero que meu amigo não fique confuso”, pensou o missionário, e começou a orar. Poucos minutos depois, o índio afastou-se do grupo reunido ao redor do pregador e foi para junto do missionário.

– O que você achou do pregador? – perguntou o missionário.

– Enquanto ele falava, algo dizia o tempo todo em meu coração que ele era um mentiroso!

Esse “algo” no coração, na verdade, era “Alguém”: o Espírito Santo de Deus! O Espírito conduz à verdade e ajuda a reconhecer a mentira. Essa *unção* de Deus não é “*mentira*”, “*porque o Espírito é a verdade*” (1 Jo 5:6).

Por que alguns cristãos deixam-se levar por falsas doutrinas? Porque não estão *permanecendo* no Espírito. O termo “*permanecer*” aparece várias vezes nesta seção de 1 João, de modo que convém fazer uma recapitulação:

- Os falsos mestres não permanecem na comunhão (1 Jo 2:19).
  - A palavra (mensagem) que ouvimos deve permanecer em nós (1 Jo 2:24).
  - A *unção* (o Espírito Santo) permanece em nós, e devemos permanecer no Espírito (1 Jo 2:27).
  - Ao permanecermos na Palavra e no Espírito, também permanecemos em Cristo (1 Jo 2:28).
- Também vimos o termo *permanecer* em outras passagens de 1 João:
- Se permanecemos em Cristo, devemos andar como ele andou (1 Jo 2:6).
  - Se amarmos o irmão, permaneceremos na luz (1 Jo 2:10).
  - Se a Palavra permanecer em nós, seremos espiritualmente fortes (1 Jo 2:14).
  - Se fizermos a vontade de Deus, permaneceremos para sempre (1 Jo 2:17).

“*Permanecer*” significa *ficar em comunhão*; e a comunhão é a idéia central dos dois primeiros capítulos desta carta. Dos capítulos 3 a 5, a ênfase é sobre a *filiação*, o fato de ser “*nascidos de Deus*”.

É possível alguém fazer parte de uma família e, ainda assim, não ter comunhão com o pai nem com os demais familiares. Quando o Pai celestial vê que não temos comunhão

com ele, trata de nós e nos faz voltar para o lugar onde permaneceremos com ele. Esse processo é chamado de “disciplina” e corresponde ao treinamento de uma criança (Hb 12:5-11).

O cristão deve permitir que o Espírito de Deus o ensine mediante as Escrituras. Uma das principais funções da igreja local é ensinar a Palavra de Deus (2 Tm 2:2; 4:1-5). O Espírito concede o dom do ensino a certos indivíduos da congregação (Rm 12:6, 7) que, então, ensinam os outros membros, mas seus ensinamentos devem ser testados (1 Jo 4:1-3).

Existe uma diferença entre o engano deliberado e a ignorância espiritual. Quando Apolo pregou na sinagoga em Éfeso, sua mensagem foi correta, mas incompleta. Priscila e Áqüila, dois cristãos maduros, reuniram-se com ele em particular e o instruíram sobre a mensagem completa de Cristo (At 18:24-28). O cristão que separa um tempo a cada dia para estudar a Bíblia e orar anda no Espírito e recebe o discernimento de que precisa.

O Espírito ensina “a respeito de todas as coisas” (1 Jo 2:27). Os falsos mestres costumam concentrar-se em um assunto só, sejam as profecias, a santificação ou mesmo a alimentação, deixando de lado a mensagem total das Escrituras. Jesus diz que é preciso viver “de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Paulo fazia questão de pregar “todo o desígnio de Deus” (At 20:27). “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil” (2 Tm 3:16).

Ignorar ou deixar de fora *qualquer* parte da Bíblia é procurar problemas. Devemos ler e estudar a Bíblia *inteira*, sendo capazes de “[manejar] bem” as Escrituras (2 Tm 2:15); ou seja, é preciso manejá-las com precisão e discernir, na Bíblia, o que Deus diz a pessoas diferentes em épocas diferentes. Certas passagens aplicam-se, especificamente, aos judeus, aos gentios ou à Igreja (1 Co 10:32). É preciso cuidado para distinguir entre elas. Apesar de a Bíblia ter sido escrita *para nós*, nem tudo o que se encontra em seu texto refere-se a *nós*. No entanto, os falsos mestres pegam (fora de contexto) apenas o que lhes interessa e, com frequência, aplicam aos

cristãos de hoje passagens que se referiam somente ao Israel da Antiguidade.

A segunda epístola de João apresenta outras advertências sobre falsos mestres (2 Jo 7-11). O cristão que se envolve com tais enganadores corre o risco de perder sua recompensa completa (2 Jo 8); não deve sequer lhes dar “boas-vindas”. Não se trata de ser indelicado ou cruel, pois isso não seria cristão, mas o cristão não deve deixar tais mestres entrarem em seu lar para explicar suas idéias. Recebê-los em casa pode acarretar duas conseqüências: primeiro, eles plantarão sementes de falsas doutrinas na mente dos que os ouvem, e Satanás as regará e cuidará delas de modo a produzirem frutos amargos. Mesmo que isso não aconteça, ao receber falsos mestres no lar, talvez acabem tendo acesso a *outros lares*! O enganador dirá a nosso vizinho:

- O senhor e a senhora Smith me receberam em sua casa, e você sabe como eles são cristãos devotos!

João conclui sua mensagem sobre a comunhão e está preste a começar a tratar da filiação. O apóstolo ressaltou os contrastes entre luz e trevas (1 Jo 1:1 - 2:6), amor e ódio (1 Jo 2:7-17) e verdade e mentiras (1 Jo 2:18-27). Explicou que o cristão real tem uma vida de *obediência* (andando na luz, não nas trevas), *amor* e *verdade*. É impossível viver em comunhão com Deus quando somos desobedientes, cheios de ódio ou dissimulados. Qualquer um desses pecados tira da realidade e conduz à falsidade. Passa-se a levar uma vida “artificial” em vez de uma vida “autêntica”.

O texto de 1 João 2:28 e 29 forma uma “ponte” entre a seção sobre a *comunhão* e a seção sobre a *filiação* (“nascidos de Deus”); nesses versículos, João usa três palavras que devem servir de estímulo à vida em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito.

• *Permanecer*. Essa palavra já foi vista anteriormente. É preciso reconhecer a importância de permanecer em Cristo. Na verdade, esse foi o tema dos dois primeiros capítulos desta epístola. Permanecemos em Cristo crendo na verdade, obedecendo à verdade e amando os outros cristãos: “os

irmãos". Obediência... amor... verdade. O cristão que não está em comunhão com Deus está em desobediência à Palavra, ou lhe falta amor por outro cristão, ou está acreditando em alguma mentira. A solução é confessar o pecado no mesmo instante e pedir perdão a Deus (1 Jo 1:9).

• *Manifestar*. Pela primeira vez nesta epístola, João menciona a volta de Cristo. O livro de Apocalipse trata, em detalhes, desses acontecimentos futuros. Esta epístola (1 Jo 2:28 - 3:3; 4:17) apenas menciona a volta de Cristo e o dia vindouro de julgamento.

Nem todos os estudiosos da Bíblia apresentam um consenso quanto aos detalhes desses acontecimentos futuros, mas todos os cristãos evangélicos acreditam que Cristo vai voltar para buscar sua Igreja (1 Ts 4:13-18). Os cristãos não serão julgados por seus pecados, mas sim com base em sua fidelidade no serviço ao Senhor (1 Co 3:10-15). Os que tiverem sido fiéis receberão recompensas (1 Co 4:5), e os que não foram fiéis as perderão. Esse acontecimento é chamado de "tribunal de Deus" ou "tribunal de Cristo" (Rm 14:10; 2 Co 5:10) e não deve ser confundido com o "grande trono branco" de julgamento dos incrédulos no fim dos tempos (Ap 20:11-15).

O fato de Jesus Cristo poder voltar a qualquer momento deve ser um incentivo para que se viva em comunhão com ele, em obediência a sua Palavra. Por esse motivo, João usa uma terceira palavra.

• *Envergonhados*. Alguns cristãos ficarão "envergonhados na sua vinda" (1 Jo 2:28). Todos os cristãos são "aceitos", mas há uma diferença entre ser "aceito" e ser "aceitável". A criança desobediente que vai para o quintal e volta toda suja será aceita quando voltar para dentro de casa, mas não será tratada como se fosse aceitável. "É por isso que também nos esforçamos [...] para lhe sermos agradáveis" (2 Co 5:9). O cristão que não andou em comunhão com Cristo em obediência, amor e verdade perderá as recompensas e, por isso, ficará envergonhado.

Não importa para onde o cristão olha, sempre encontra motivos para obedecer a Deus. Se olha para trás, vê o Calvário onde

Cristo morreu por ele. Se olha para dentro de si, vê o Espírito Santo que vive nele e lhe ensina a verdade. Se olha ao redor, vê os irmãos amados em Cristo; também vê o mundo perdido no pecado, precisando encarecidamente de seu testemunho piedoso. E se olha para frente, vê a volta de Cristo! "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 Jo 3:3). A volta de Cristo é uma grande inspiração para uma vida piedosa.

João escreveu sobre luz e trevas, amor e ódio, verdade e mentira e, em 1 João 2:29, resume a questão da vida cristã, como um todo, em uma só expressão: "[praticar] a justiça".

A vida *real* é uma vida que consiste em *prática*, não apenas em *palavras* ("Se dissermos [...]"; 1 Jo 1:8 - 2:9) ou em *aquiescência* mental mediante o reconhecimento de que uma doutrina é correta. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7:21, grifo nosso). Os cristãos não só se atêm a *crer* na verdade, mas também a *praticam* (1 Jo 1:6).

A pessoa que *professa* ser cristã mas não vive em obediência, em amor e em verdade, está enganada ou é enganadora. O filho tem, em si, a natureza do pai, e a pessoa "nascida de Deus" revela as características do Pai celestial. "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5:1). "Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento" (1 Pe 1:14, 15).

Uma professora de escola dominical parecia estar sempre com problemas. O pastor e o superintendente reuniram-se com a professora e com os presbíteros, mas nem assim houve qualquer progresso. Então, certo domingo de manhã, enquanto a igreja cantava o último hino do culto, a professora levantou-se e percorreu o corredor central da igreja em direção ao pastor. "Ela deve estar querendo consagrar a vida ao Senhor", pensou o pastor.



- Desejo confessar Jesus Cristo como meu Salvador - disse a mulher. - Durante todos estes anos, pensei que era salva, mas não era. Há sempre alguma coisa faltando em minha vida. Os problemas com a classe são *meus* problemas, mas agora foram resolvidos. Agora eu *sei* que sou salva.

"Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Co 13:5). Nossa vida tem as marcas da obediência, do amor e da verdade?

Nossa vida cristã é *real, genuína, autêntica*? Ou é uma imitação?

Ou dizemos a verdade, ou enfrentaremos as conseqüências!

---

## OS IMPOSTORES

### 1 JOÃO 3:1-10

**A** Casa da Moeda dos Estados Unidos tem um grupo especial de pessoas cujo trabalho é encontrar falsificadores. Claro que esses profissionais do governo precisam ser capazes de identificar uma cédula falsa.

Como aprendem a fazer isso? Por mais estranho que pareça, não são treinados passando horas examinando dinheiro falso. Em vez disso, estudam as *cédulas originais*. Passam a conhecer tão bem as notas autênticas que podem identificar as falsas só de olhar para elas ou de simplesmente as tocar.

Essa é a abordagem de 1 João 3, que adverte sobre a existência de cristãos falsos hoje: os “filhos do diabo” (1 Jo 3:10). Mas em vez de fazer uma lista de características malignas dos filhos do diabo, as Escrituras oferecem uma descrição clara dos filhos de Deus. O contraste entre os dois é evidente.

O versículo-chave deste capítulo é 1 João 3:10: o verdadeiro filho de Deus pratica a justiça e ama os outros cristãos apesar das diferenças. Primeira João 3:1-10 trata do primeiro tópico, enquanto 1 João 3:11-24 fala do segundo.

A prática da justiça e o amor pelos irmãos não são, obviamente, temas novos. Ambos já foram tratados nos dois primeiros capítulos desta epístola, mas 1 João 3 usa uma abordagem diferente. Nos dois primeiros capítulos, a ênfase é sobre a comunhão: o cristão que estiver em comunhão com Deus praticará a justiça e amará os irmãos. Mas em 1 João 3 a 5, a ênfase é sobre a *filiação*: o cristão praticará a justiça e amará os irmãos porque é “nascido de Deus”.

“Nascidos de Deus” é a idéia central destes capítulos (ver 1 Jo 2:29; 3:9; 4:7; 5:1, 4, 18).

Em 1 João 3:1-10, “praticar o pecado” e “viver pecando” são expressões que indicam a prática constante do pecado como um modo de vida, não se referindo, portanto, ao pecado *ocasional* que o cristão pode cometer. Por certo, nenhum cristão é impecável (1 Jo 1:8-10), mas Deus espera que o verdadeiro cristão não peque de modo *habitual*.

Todos os grandes homens e mulheres de fé mencionados na Bíblia pecaram em algum momento. Abraão mentiu a respeito da esposa (Gn 12:10-20). Moisés perdeu a calma e desobedeceu a Deus (Nm 20:7-13). Pedro negou o Senhor três vezes (Mt 26:69-75). Mas, para essas pessoas, o pecado não era uma prática constante. Antes, foi um *incidente* em sua vida, totalmente contrário a seus hábitos. Quando pecaram, reconheceram sua transgressão e pediram o perdão de Deus.

O não salvo (mesmo se dizendo cristão, mas sendo uma “imitação”) leva uma vida de *pecado habitual*. O pecado – especialmente a incredulidade – é algo normal em sua vida (Ef 2:1-3). Essa pessoa não tem recursos divinos dos quais pode valer-se. Se tem uma profissão de fé, não é real. É dessa distinção que trata 1 João 3:1-10: o verdadeiro cristão não vive em pecado. Ele *comete* pecados – atos ocasionais de transgressão –, mas não *pratica* o pecado, fazendo dele um hábito enraizado.

A diferença é que o verdadeiro cristão conhece a Deus. O cristão falso pode falar de Deus e participar de “atividades religiosas”, mas não *conhece*, verdadeiramente, a Deus. A pessoa “nascida de Deus” pela fé em Cristo *conhece* Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Uma vez que os *conhece*, vive em obediência: não pratica o pecado.

João apresenta três motivos para levar uma vida santa.

#### 1. DEUS O PAI NOS AMA (1 JO 3:1-3)

O amor de Deus por nós é singular. O versículo de 1 João 3:1 pode ser traduzido por:

“Vejam que amor peculiar e extraordinário Deus o Pai nos tem concedido”. Mesmo quando éramos *seus inimigos*, Deus nos amou e enviou seu Filho para morrer por nós!

O plano maravilhoso da salvação começa com o amor de Deus.

Vários tradutores acrescentam a 1 João 3:1 a oração em itálico: “a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus”. “Filhos de Deus” não é apenas uma designação nobre para os cristãos, é uma realidade! Somos, verdadeiramente, filhos de Deus. Não se espera que o mundo entenda esse relacionamento empolgante, pois ele nem sequer entende Deus. Somente uma pessoa que conhece a Deus por meio de Cristo pode apreciar devidamente o que significa ser chamado de filho de Deus.

Em 1 João 3:1 vemos o *que somos* e em 1 João 3:2, o *que seremos*. Trata-se, evidentemente, de uma referência à volta de Cristo para buscar sua Igreja. Esse fato é mencionado em 1 João 2:28 como um incentivo para a vida de santidade e é repetido aqui.

O amor de Deus por nós não se atém ao novo nascimento. Ele nos acompanha ao longo de toda a vida até a volta de Jesus Cristo! Quando o Senhor vier, todos os cristãos verdadeiros o verão e se tornarão como ele (Fp 3:20, 21). Isso significa, evidentemente, que terão um corpo novo e glorificado, adequado ao céu.

Mas o apóstolo vai ainda mais longe! Já disse o *que somos* e o *que seremos*. Agora, em 1 João 3:3, diz o *que devemos ser*. Tendo em vista a volta de Cristo, é preciso manter a vida pura.

Tudo isso lembra o amor do Pai. Somos filhos de Deus porque o Pai nos amou e enviou seu Filho para morrer por nós. Por causa desse amor, um dia, Deus quer nos ter junto dele. Do princípio ao fim, a salvação é uma expressão do amor de Deus. Somos salvos pela *graça* de Deus (Ef 2:8, 9; Tt 2:11-15), mas a provisão dessa salvação teve origem no amor de Deus. E, uma vez tendo experimentado o amor do Pai, não desejamos mais viver em pecado.

O incrédulo que peca é uma criatura pecando contra o Criador. O cristão que

peca é um filho pecando contra o Pai. Os pecados do incrédulo são contrários à Lei; os pecados do cristão são contrários ao amor.

Isso traz à memória o significado de uma expressão repetida com freqüência nas Escrituras: “O temor do Senhor”. Essa expressão não sugere que os filhos de Deus devem viver num clima de terror, “porque Deus não nos tem dado espírito de covardia [medo]” (2 Tm 1:7). Antes, indica que os filhos de Deus reverenciam o Pai e não lhe desobedecerão nem provarão sua paciência deliberadamente.

Um grupo de jovens estava em uma festa quando alguém sugeriu que fossem para certo bar.

– Prefiro ir para casa – disse Jan ao namorado. – Meus pais não gostam desse bar.

– Está com medo que seu pai lhe dê uma surra? – perguntou uma das garotas com sarcasmo.

– Não – respondeu Jan. – Sei que ele não vai fazer isso, mas tenho medo de magoá-lo.

Jan entendeu o princípio de que um verdadeiro filho de Deus, que experimentou o amor de Deus, não tem desejo algum de pecar contra esse amor.

## 2. DEUS O FILHO MORREU POR NÓS (1 Jo 3:4-8)

Aqui, João passa da vinda *futura* de Jesus (1 Jo 3:2) para sua vinda *passada* (1 Jo 3:5, em que “manifestou” significa “apareceu”). João dá dois motivos pelos quais Jesus veio à Terra e morreu: (1) para tirar nossos pecados (1 Jo 3:4-6), e (2) para destruir as obras do diabo (1 Jo 3:7, 8). Quando um filho de Deus peca, mostra que não entende ou não dá o devido valor ao que Jesus fez por ele na cruz.

**Cristo veio para tirar nossos pecados (vv. 4-6).** A Bíblia apresenta várias definições de pecado: “tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23). “Os desígnios do insensato são pecado” (Pv 24:9). “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tg 4:17). “Toda injustiça é pecado” (1 Jo 5:17). Mas a epístola de João define o pecado como *transgressão da lei* (1 Jo 3:4). Considera o

pecado uma *contaminação* (1 Jo 1:9 – 2:2), mas aqui o define como *rebeldia*.

A ênfase não é sobre os pecados (plural), mas sobre o *pecado* (singular): “Todo aquele que pratica o *pecado*”. Os *pecados* são frutos, mas o *pecado* é a raiz.

O fato de Deus ser amor não significa que não tenha qualquer regra ou norma para sua família. “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos” (1 Jo 2:3). “E aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3:22). “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos” (1 Jo 5:2).

Os filhos de Deus não estão sob o jugo da Lei do Antigo Testamento, pois Cristo nos redimiu e libertou (Gl 5:1-6). Mas os filhos de Deus também não devem viver sem lei! “Não [estão] sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo” (1 Co 9:21).

O pecado é, fundamentalmente, uma questão de *volição*. Insistir em fazer a própria vontade e contrariar a vontade de Deus é rebeldia, e a rebelião é a raiz do pecado. Não se trata simplesmente de o pecado revelar-se em um comportamento ilegal; na verdade, a própria *essência* do pecado é a transgressão da lei. Qualquer que seja a atitude exterior do pecador, sua atitude interior é a rebelião.

A pequena Judy andava de carro com o pai e decidiu ficar em pé no banco da frente. O pai ordenou que ela sentasse e colocasse o cinto de segurança, mas ela se recusou a obedecer. Ele repetiu a ordem e, mais uma vez, ela recusou.

– Se você não sentar *neste instante*, vou parar o carro no acostamento e lhe dar umas palmadas – disse o pai e, dessa vez a menina obedeceu. Mas, depois de alguns minutos ela disse baixinho:

– Papai, aqui por dentro eu ainda estou em pé!

Transgressão da lei! Rebelião! A atitude exterior pode ser contida, mas a rebelião interior persiste, e essa atitude é a *essência* do pecado.

Mas depois que o indivíduo torna-se filho de Deus, nascido de novo pela fé em Jesus Cristo, não pode fazer da rebelião seu estilo de vida! Em primeiro lugar, Jesus Cristo viveu sem pecado, e permanecer nele significa identificar-se com Aquele que é impecável. E, mais do que isso, Jesus Cristo morreu para *remover* os pecados! Quem conhece a Pessoa de Cristo e compartilha a bênção de sua morte não é capaz de desobedecer a Deus deliberadamente. Quando o cristão peca intencionalmente, toda a obra de Cristo na cruz é negada. Esse é um dos motivos pelos quais Paulo chama pessoas que pecam desse modo de “inimigos da cruz de Cristo” (Fp 3:18, 19).

“Todo aquele que permanece nele não vive pecando” (1 Jo 3:6). “Permanecer” é uma das palavras favoritas de João. *Permanecer* em Cristo significa ter comunhão com ele e não permitir que coisa alguma se coloque entre Cristo e nós. A *filiação* (“ser nascidos de Deus”) realiza nossa *união* com Cristo, mas a *comunhão* permite-nos permanecer em Cristo. É essa comunhão (permanecer) com Cristo que nos guarda de desobedecer deliberadamente à sua Palavra.

A pessoa que peca deliberada e habitualmente prova, com isso, que não conhece a Cristo e que, portanto, não permanece nele. A morte de Cristo na cruz tem mais implicações do que a salvação do julgamento. Por meio de sua morte, Cristo rompeu o poder do princípio do pecado sobre a vida. Romanos 6 a 8 trata da identificação com Cristo em sua morte e ressurreição. Cristo não apenas morreu por nós como também nós morremos com Cristo! Agora, é possível sujeitar-se a ele, e o pecado deixará de ter domínio sobre nós.

***Cristo manifestou-se para destruir as obras do diabo (vv. 7, 8).*** Essa passagem apresenta a seguinte lógica: se uma pessoa conhece a Deus, obedece a Deus; se perence ao diabo, obedece ao diabo.

João aceita a realidade de um diabo pessoal. Esse inimigo recebe vários nomes diferentes ao longo das Escrituras: Satanás (adversário, inimigo), diabo (acusador), Abadom ou Apoliom (destruidor), o príncipe

deste mundo, o dragão etc. Qualquer que seja o nome usado, não se deve esquecer que sua principal atividade é opor-se a Cristo e ao povo de Deus.

Há aqui um contraste entre Cristo (no qual não existe pecado algum, 1 Jo 3:5) e o diabo (que não faz outra coisa senão pecar).

A origem de Satanás é um mistério. Muitos estudiosos acreditam que, um dia, ele foi o mais exaltado dos anjos, escolhido por Deus para governar a Terra e os outros anjos e que pecou contra Deus e foi humilhado (Is 14:9-17; Ez 28:12-14).

Satanás não é eterno como Deus, pois é um ser criado. No entanto, não foi *criado* como um ser pecaminoso. Sua natureza atual é resultante de sua rebelião no passado. Satanás não é semelhante a Deus: não é onipotente, onisciente nem onipresente. No entanto, ele é auxiliado por um exército de criaturas espirituais conhecidas como demônios, que possibilitam sua atuação em vários lugares ao mesmo tempo (Ef 6:10-12).

Satanás é um rebelde, enquanto Cristo é o Filho obediente de Deus. Cristo “[tornou-se] obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:8). Cristo é Deus, mas se dispôs a tornar-se servo. Satanás era um servo e quis ser Deus. Satanás peca desde o começo de sua carreira, e Cristo veio para destruir as obras do diabo.

*Destruir* (1 Jo 3:8) não significa “aniquilar”. Sem dúvida, Satanás continua operando no mundo hoje em dia! Aqui, *destruir* significa “tornar ineficaz, privar de poder”. Satanás ainda não foi aniquilado, mas seu poder foi reduzido, e suas armas foram debilitadas. Ele ainda é um inimigo considerável, mas não é páreo para o poder de Deus.

Jesus compara este mundo a um palácio cheio de bens de grande valor. O palácio é guardado por um homem forte (“valente”, Lc 11:14-23). Esse homem é Satanás, e seus “bens” são os homens e mulheres perdidos. A única maneira de libertar os “bens” é amarrar o homem forte, e foi exatamente isso o que Jesus fez na cruz. Quando veio à Terra, Jesus invadiu o “palácio” de Satanás. Quando morreu, rompeu o poder de Satanás e tomou seus bens! Cada vez que um pecador

perdido é ganho para Cristo, mais um “espólio” é tomado de Satanás.

Vários meses depois do final da Segunda Guerra Mundial, soldados japoneses foram descobertos escondidos em cavernas e selvas das ilhas do Pacífico. Alguns desses soldados perdidos viviam como selvagens assustados e não sabiam que a guerra havia terminado. Só se entregaram quando entenderam que não precisavam mais lutar.

Os cristãos podem descansar no fato de que Satanás é um inimigo derrotado. Ainda que vença uma batalha aqui e outra ali, *já perdeu a guerra!* Sua sentença já foi pronunciada, mas ainda levará algum tempo para a pena ser aplicada. A pessoa que conhece a Cristo e que foi liberta do jugo do pecado por meio da morte de Cristo na cruz não tem desejo algum de obedecer a Satanás nem de viver como rebelde.

“Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém.” Os cristãos falsos tentavam convencer os cristãos verdadeiros de que uma pessoa poderia ser “salva” e, ainda assim, praticar o pecado. João não nega que o cristão *cometa pecados*, mas nega que possa *viver em pecado*. A pessoa capaz de sentir prazer em pecar deliberadamente e que não é convencida da própria culpa nem experimenta a disciplina de Deus precisa examinar a si mesma e determinar se, de fato, é nascida de Deus.

### 3. DEUS O ESPÍRITO SANTO VIVE EM NÓS (1 JO 3:9, 10)

“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado.”

Por quê? Porque possui dentro de si uma nova natureza que *não pode* pecar. João chama essa nova natureza de “divina semente”.

Quando alguém aceita a Cristo como Salvador, passa por grandes transformações espirituais. Recebe uma nova posição de Deus e é considerada justificada aos olhos de Deus. Essa nova posição é chamada de “justificação” e nunca sofre mudanças nem pode ser perdida.

Além disso, recebe uma nova condição: é separado para os propósitos de Deus, de modo a viver para sua glória. Essa nova

condição é chamada de “santificação” e muda a cada dia. Há dias em que estamos muito mais próximos de Cristo e lhe obedecemos muito mais prontamente.

Mas talvez a transformação mais dramática que ocorre na vida do cristão seja a “regeneração”. Ele é “nascido de novo” e passa a fazer parte da família de Deus (*re* significa “novamente” e *geração* quer dizer “nascimento”).

A justificação representa uma nova posição diante de Deus; a santificação representa a separação para os propósitos de Deus e a regeneração representa a nova natureza – a natureza de Deus (cf. 2 Pe 1:4).

A única maneira de ingressar na família de Deus é pela fé em Cristo e pelo novo nascimento. “Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus” (1 Jo 5:1).

Vida física produz apenas vida física; vida espiritual produz vida espiritual. “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). Os cristãos nasceram de novo, “não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pe 1:23). Pode-se dizer que os “pais espirituais” do cristão são a Palavra de Deus e o Espírito de Deus. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para convencer do pecado e revelar o Salvador.

Somos salvos pela fé (Ef 2:8, 9) “e, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). No milagre do novo nascimento, o Espírito Santo concede nova vida – a vida de Deus – para o pecador que crê, e, como resultado, esse indivíduo nasce para a família de Deus.

Assim como os filhos físicos têm a natureza dos pais, também os filhos espirituais de Deus têm sua natureza: possuem dentro de si a “divina semente”. O cristão possui a velha natureza correspondente a seu nascimento físico e a nova natureza correspondente a seu nascimento espiritual. O Novo Testamento faz um contraste entre essas duas naturezas e lhes dá vários nomes.

A velha natureza produz o pecado, mas a nova natureza conduz a uma vida de santidade. A responsabilidade do cristão é viver

de acordo com a nova natureza, não com a velha.

<i>Velha natureza</i>	<i>Nova natureza</i>
“nosso velho homem” (Rm 6:6)	“novo homem” (Cl 3:10)
“a carne” (Gl 5:24)	“o Espírito” (Gl 5:17)
“semente corruptível” (1 Pe 1:23)	“divina semente” (1 Jo 3:9)

Uma forma de ilustrar essa dinâmica é pela comparação entre o “homem exterior” e o “homem interior” (2 Co 4:16). O homem físico precisa de *alimento* e o homem interior ou espiritual também. “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Se o cristão não dedicar tempo diário à meditação da Palavra, faltará poder a seu ser interior.

Um índio convertido explicou: “Tenho dois cães dentro de mim: um bom e um mau. Os dois estão sempre em conflito. O cão mau quer que eu faça coisas más. O cão bom quer que eu faça coisas boas. Sabe qual deles ganha? *Aquele que eu alimento mais!*”

O cristão que alimentar sua nova natureza com a Palavra de Deus terá poder para levar uma vida piedosa. Nas palavras de Paulo: “nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13:14).

O homem físico precisa de *purificação*, e o ser interior também. Lavamos as mãos e o rosto com frequência. O cristão deve olhar diariamente no espelho da Palavra de Deus (Tg 1:22-25) e se examinar. Deve confessar seus pecados e pedir o perdão de Deus (1 Jo 1:9). De outro modo, seu ser interior ficará impuro, e a sujeira estimulará o surgimento de “doenças espirituais”.

Pecados não confessados constituem o primeiro passo para o que a Bíblia chama de “apostasia”: o movimento gradativo da intimidade com Cristo para uma vida tomada pelo mundo hostil em que vivemos.

A promessa de Deus, “eu curarei as vossas rebeliões” (Jr 3:22), deixa implícito que a apostasia é semelhante a uma enfermidade física. Primeiro, o corpo é invadido silenciosamente pelos micróbios causadores da

doença. Depois, vem a infecção e o declínio gradativo: falta de energia, de apetite e de interesse em atividades normais. Então, ocorre o colapso!

O declínio espiritual acontece de maneira parecida. Primeiro, o cristão é invadido pelo pecado. Em vez de combatê-lo, entrega-se a ele (cf. Tg 1:14), e a infecção instala-se. Segue-se um declínio gradativo. O cristão perde o apetite pelas coisas espirituais e se torna indiferente, até mesmo irritável, e por fim desfalece.

O único remédio é confessar o pecado e se voltar para Cristo a fim de que ele traga cura e purificação.

O ser interior não precisa apenas de alimento e de purificação, mas também de exercício. "Exercita-te, pessoalmente, na piedade" (1 Tm 4:7). A pessoa que se alimenta mas não se exercita torna-se obesa; a pessoa que se exercita mas não se alimenta pode sucumbir. É preciso haver um equilíbrio adequado.

Para o cristão, o "exercício espiritual" inclui compartilhar Cristo com outros, realizar boas obras em nome de Cristo e ajudar a edificar os outros cristãos. Cada cristão possui pelo menos um dom espiritual com o qual deve contribuir para a edificação da igreja (1 Co 12:1-11). "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1 Pe 4:10).

Eis um comentário claro sobre o processo de tentação e pecado: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1:13-15).

A tentação apela aos desejos naturais mais básicos. Não há nada de pecaminoso nos desejos em si, mas a tentação dá uma oportunidade de satisfazer a esses desejos de maneira ilícita. Não é pecado sentir fome, mas é pecado saciar a fome fora da vontade de Deus. Essa foi a primeira tentação que Satanás usou contra Jesus (Mt 4:1-4).

Os termos "atrair" e "seduzir" (Tg 1:14) são relacionados à caça e à pesca: colocar o chamariz na armadilha ou a isca no anzol. O animal passa por perto, e seus desejos naturais o atraem para junto da isca. Mas, ao pegá-la, é preso na armadilha ou fogado, e seu fim é a morte.

Os chamarizes que Satanás coloca em suas armadilhas são prazeres que apelam para a velha natureza, a carne. Mas nenhum desses chamarizes atrai a nova natureza divina dentro do cristão. Se o cristão entregar-se à velha natureza, ansiará pelo chamariz, irá atrás dele e pecará. Mas se seguir as inclinações de sua nova natureza, recusará o chamariz e obedecerá a Deus. "Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne" (Gl 5:16).

Entregar-se ao pecado é a característica peculiar dos "filhos do diabo" (1 Jo 3:10). Eles *professam*, ou declaram, uma coisa, mas *praticam* outra. Satanás é um mentiroso e pai da mentira (Jo 8:44), e seus filhos são como o pai. "Aquele que diz: Eu o conheço [Deus] e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade" (1 Jo 2:4). Os filhos do diabo tentam enganar os filhos de Deus, fazendo-os pensar que podem ser cristãos e, ainda assim, praticar o pecado. "Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo" (1 Jo 3:7).

No tempo de João, os falsos mestres ensinavam que o cristão não precisava se preocupar com o pecado, pois era apenas o corpo que pecava, e o corpo não afetava em nada o espírito. Alguns iam ainda mais longe e ensinavam que o pecado é algo inerente ao corpo, pois o corpo é pecaminoso.

O Novo Testamento condena essas idéias insensatas, mostrando que não passam de desculpas para pecar.

Em primeiro lugar, a "velha natureza" não é o corpo. O corpo, em si, é neutro: pode ser usado pela velha natureza pecaminosa ou pela nova natureza divina. "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de

iniqüidade; mas ofereci-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça" (Rm 6:12, 13).

De que maneira o filho de Deus vence os desejos da velha natureza? Primeiro, deve começar cada dia entregando seu corpo a Deus como sacrifício vivo (Rm 12:1). Deve dedicar tempo à leitura e ao estudo da Palavra de Deus, a fim de "alimentar" sua nova natureza. Deve dedicar tempo à oração, pedindo que Deus o encha com o Espírito Santo e lhe dê poder para servir e glorificar a Cristo.

Ao longo do dia, o cristão deve depender do poder do Espírito no ser interior. Quando vierem as tentações, deve voltar-se para Cristo imediatamente, pois só ele pode dar a vitória.

A Palavra de Deus no coração do cristão o ajudará a guardar-se do pecado somente se ele se voltar para Cristo. "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119:11). Se ele pecar, deve confessar o pecado a Deus no mesmo instante e pedir perdão. Mas o cristão não precisa pecar. Ao entregar seu corpo ao Espírito Santo que habita dentro dele, receberá o poder de que precisa para vencer o tentador.

Uma prática proveitosa é apropriar-se da promessa de Deus: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1 Co 10:13).

Um professor da escola dominical explicava as duas naturezas – o velho homem e o novo homem – a uma classe de adolescentes.

– Nossa velha natureza vem de Adão – disse ele – e nossa nova natureza vem de Cristo, que é chamado de "último Adão".

Em seguida, pediu que os alunos lessem 1 Coríntios 15:45: "Pois assim está escrito:

O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante".

– Então, existem dois "Adões" vivendo dentro de mim – comentou um dos adolescentes.

– Isso mesmo – respondeu o professor. – E qual é o valor prático dessa verdade?

A classe ficou em silêncio por algum tempo e, depois, um dos alunos falou:

– A idéia dos "dois Adões" me ajuda a lutar contra as tentações – disse ele. – Quando a tentação bater à porta, se eu mandar o primeiro Adão atender, cairei em pecado. Mas se mandar o último Adão, terei vitória.

O verdadeiro cristão não pratica o pecado; o cristão falsificado não pode evitar o pecado, pois não tem a nova natureza de Deus dentro de si. O verdadeiro cristão sempre ama outros cristãos, fato discutido em detalhes em 1 João 3:11-24.

Mas essas palavras não foram escritas apenas para checar a vida de *outros*. Foram inspiradas a fim de que se examine a *própria vida*. Cada um de nós deve responder com toda a honestidade diante de Deus:

1. Tenho em mim a natureza divina ou estou apenas  *fingindo*  ser cristão?
2. Cultivo essa natureza divina lendo a Bíblia e orando diariamente?
3. Meu ser interior encontra-se contaminado por algum pecado não confessado?
4. Permito que minha velha natureza controle meus pensamentos e desejos ou deixo que a natureza divina governe o meu ser?
5. Quando a tentação aparece, eu "entro em seu jogo" ou fujo dela? Entrego-me no mesmo instante à natureza divina dentro de mim?

A vida real é honesta com Deus acerca dessas questões vitais.



## AMOR OU MORTE

### 1 JOÃO 3:11-24

**A** Primeira Epístola de João foi comparada a uma escadaria em caracol, pois ele sempre volta a três assuntos: amor, obediência e verdade. Apesar de serem temas recorrentes, não são meramente repetitivos. Cada vez que voltamos a um tópico, olhamos para ele de um ponto de vista diferente para aprofundá-lo.

Já aprendemos sobre o amor por outros cristãos – “os irmãos” (1 Jo 2:7-11) –, mas a ênfase em 1 João 2 foi sobre a *comunhão*. O cristão que está “andando na luz” dá provas desse fato amando seus irmãos. Nesta seção, a ênfase é sobre seu *relacionamento* com outros cristãos.

Os cristãos amam uns aos outros porque nasceram de Deus, o que os torna irmãos e irmãs em Cristo.

A obediência e o amor são sinais de filiação e de irmandade. Tendo sido lembrados de que o verdadeiro filho de Deus pratica a justiça (1 Jo 3:1-10), vamos estudar a questão do amor pelos irmãos (1 Jo 3:11-24). Essa verdade é declarada inicialmente de forma negativa: “todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão” (1 Jo 3:10).

Convém observar uma grande diferença entre o estudo anterior e o presente estudo do amor pelos irmãos. Na seção sobre a comunhão (1 Jo 2:7-11), o apóstolo diz que amar os irmãos é uma questão de luz ou trevas. Sem amar uns aos outros, não se pode andar na luz, por mais sonora que seja a profissão de fé. Mas nesta seção sobre a irmandade (1 Jo 3:11-24), a epístola vai muito mais fundo. João afirma que amar os irmãos é uma questão de *vida ou morte*.

“Aquele que não ama permanece na morte” (1 Jo 3:14).

No que se refere à questão do amor, existem quatro “níveis de relacionamento”, por assim dizer, nos quais uma pessoa pode viver: homicídio (1 Jo 3:11, 12), ódio (1 Jo 3:13-15), indiferença (1 Jo 3:16, 17) e compaixão cristã (1 Jo 3:18-24).

Os dois primeiros não são, de maneira alguma, cristãos, o terceiro fica aquém do cristianismo; somente o quarto é compatível com o verdadeiro amor cristão.

#### 1. HOMICÍDIO (1 JO 3:11, 12)

O homicídio é, evidentemente, o nível mais baixo em que alguém pode se relacionar com outra pessoa. É nesse nível que o próprio Satanás existe. O diabo é um homicida desde o início de sua carreira decaída (Jo 8:44), mas os cristãos ouviram desde o princípio de sua experiência que devem “amar uns aos outros”. João enfatiza as *origens*: “Voltem para o começo”. Se a experiência espiritual teve origem no Pai, *deveremos* amar uns aos outros. Mas se teve origem em Satanás, odiaremos uns aos outros. “Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio” (1 Jo 2:24).

Caim exemplifica uma vida de ódio, conforme se vê no relato em Gênesis 4:1-16. É importante observar que, sendo irmãos, Caim e Abel eram filhos dos mesmos pais, e os dois ofereceram sacrifícios a Deus. Caim não é apresentado como um ateu, mas sim como um adorador. Essa é a questão: os filhos do diabo disfarçam-se em adoradores verdadeiros. Participam de eventos religiosos, como Caim fez, e podem até levar ofertas. Mas esses atos, por si mesmos, não valem como prova de que tais pessoas sejam nascidas de Deus. O teste real é o amor pelos irmãos, e nesse teste Caim foi reprovado.

Todo indivíduo possui tanto uma linhagem física quanto uma “linhagem espiritual”, e o “pai espiritual” de Caim era o diabo. Isso não significa, evidentemente, que Satanás gerou Caim em um sentido literal. Antes, significa que as atitudes e atos de Caim originaram-se em Satanás. Mostrou-se um homicida e mentiroso, como Satanás (Jo 8:44). Matou

seu irmão e, depois, mentiu sobre o que havia feito. “Disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei” (Gn 4:9).

Deus, pelo contrário, é amor (1 Jo 4:8) e verdade (Jo 14:6; 1 Jo 5:6); portanto, os que pertencem à família de Deus praticam o amor e a verdade.

A diferença entre a oferta de Caim e a de Abel estava na fé (Hb 11:4), e a fé sempre se baseia na revelação dada por Deus (Rm 10:17). Ao que tudo indica, Deus revelou instruções claras com respeito à maneira de ser adorado. Caim rejeitou a Palavra de Deus e decidiu adorá-lo a sua maneira. Esse fato deixa claro seu relacionamento com Satanás, pois Satanás está sempre interessado em fazer as pessoas se desviarem da vontade revelada de Deus. A pergunta do diabo: “É assim que Deus disse?” (Gn 3:1) foi o que deu início aos problemas para os pais de Caim e para toda a humanidade desde então.

A Bíblia não diz qual foi o sinal exterior de que Deus aceitou o sacrifício de Abel e rejeitou o de Caim. É possível que tenha enviado fogo do céu para consumir o sacrifício de animal e de sangue oferecido por Abel. Mas o texto relata os resultados: Abel deixou o altar levando no coração o testemunho da aceitação de Deus, enquanto Caim foi embora enraivecido e decepcionado (Gn 4:4-6). Deus advertiu Caim de que o pecado estava à espreita como uma fera perigosa (Gn 4:7), mas prometeu que, se Caim obedecesse ao Senhor, desfrutaria paz como Abel.

Em vez de dar ouvidos à advertência de Deus, Caim ouviu a voz de Satanás e planejou a morte do irmão, Abel. Sua inveja transformou-se em raiva e ódio. Sabia que era perverso e que o irmão era justo, mas, em vez de arrepender-se, como Deus lhe ordenou, decidiu destruir o irmão.

Séculos depois, os fariseus fizeram a mesma coisa com Jesus (Mc 15:9, 10), e Jesus também os chamou de filhos do diabo (Jo 8:44).

A atitude de Caim representa a atitude do sistema do mundo hoje (1 Jo 3:13). O mundo odeia Cristo (Jo 15:18-25) pelo mesmo

motivo pelo qual Caim odiava Abel: Cristo revela o pecado e a verdadeira natureza do mundo. Quando o mundo, assim como Caim, se depara com a realidade e a verdade, pode tomar uma de duas decisões: arrepender-se e mudar ou destruir o que o está desmascarando.

Satanás é “o príncipe do mundo” (Jo 14:30) e exerce seu controle por meio de homicídios e de mentiras. Que coisa horrível viver no mesmo nível de Satanás!

Um caçador abrigou-se em uma caverna durante uma tempestade. Depois de se secar um pouco, resolveu investigar seu lar temporário e acendeu a lanterna. Qual não foi sua surpresa quando descobriu que dividia a caverna com uma grande variedade de aranhas, lagartos e cobras! Saiu de lá feito um tiro!

Se o mundo não salvo pudesse ver, perceberia que vive em um nível ignóbil de homicídios e de mentiras, cercado pela antiga serpente, Satanás, e por seus exércitos demoníacos. Como Caim, o povo do mundo tenta encobrir sua verdadeira natureza com ritos religiosos, mas não crê na Palavra de Deus. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas que continuarem a viver nesse nível acabarão sendo lançadas nas trevas com Satanás, condenadas a sofrer longe de Deus para sempre.

## 2. ÓDIO (1 JO 3:13-15)

Nesse ponto, talvez alguns pensem: “Mas eu nunca matei ninguém!” E, a essa declaração, Deus responde: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino” (1 Jo 3:15; ver Mt 5:22). A única diferença entre o Nível 1 e o Nível 2 é o ato exterior de tomar uma vida. A intenção interior é a mesma.

Um homem que visitava o zoológico parou perto da jaula dos leões para conversar com o tratador.

– Tenho um gato lá em casa – disse o visitante –, e estes leões agem exatamente como ele. Veja como dormem tranquilos! É quase uma vergonha manter essas criaturas lindas atrás de grades!

– Meu amigo – respondeu o tratador sorrindo –, eles podem parecer com seu gato,

mas têm uma índole muito diferente. Em seu coração, esses leões são assassinos. Você deveria ficar feliz por estarem cercados de grades.

O único motivo pelo qual algumas pessoas nunca cometeram um homicídio é a presença constante de "grades" colocadas a seu redor: o medo da prisão e da vergonha, as penas da lei e a possibilidade de morte. No entanto, seremos julgados pela "lei da liberdade" (Tg 2:12). A pergunta não é tanto "o que você fez?", mas sim: "o que você quis fazer e o que teria feito, se tivesse liberdade de agir como bem entendesse?" É por isso que Jesus equipara o ódio ao homicídio (Mt 5:21-26) e a lascívia ao adultério (Mt 5:27-30).

Isso não significa, evidentemente, que o ódio no coração cause os mesmos estragos ou envolva o mesmo grau de culpa que um homicídio propriamente dito. Nosso vizinho com certeza acharia melhor que o odiássemos do que o matássemos! Mas, aos olhos de Deus, o ódio é o equivalente moral do homicídio e, se não for tratado, pode levar ao ato em si. O cristão passou da morte para a vida (Jo 5:24), e a prova disso é que ama os seus irmãos. Quando pertencia ao sistema do mundo, odiava o povo de Deus; mas agora que pertence a Deus, ele os ama.

Estes versículos (1 Jo 3:14, 15), como os que tratam do pecado habitual na vida do cristão (1 Jo 1:5 - 2:6), referem-se a uma prática consolidada: o cristão *praticamente* o amor aos irmãos, mesmo que, de vez enquanto, se exaspere com um deles (Mt 5:22-24). Episódios ocasionais de raiva não anulam esse princípio; pelo contrário, provam que é verdadeiro, pois o cristão que não está em comunhão com os irmãos é extremamente infeliz! Seus sentimentos deixam claro que há algo errado.

Convém observar outro fato: o texto não diz que um homicida não pode ser salvo. O apóstolo tomou parte no apedrejamento de Estêvão (At 7:57-60) e reconheceu que seu voto contribuiu para matar pessoas inocentes (At 26:9-11; 1 Tm 1:12-15). Mas, em sua graça, Deus salvou Paulo.

A questão aqui não é se um homicida pode tornar-se cristão, mas se uma pessoa pode *continuar* sendo homicida e ainda ser cristã. A resposta é não. "Ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si" (1 Jo 3:15). O caso não é que o homicida tinha a vida eterna e depois a perdeu; ele nunca a teve.

O fato de jamais termos matado alguém não deve nos tornar orgulhosos nem complacentes. Quem nunca alimentou o ódio no coração?

O ódio causa muito mais estrago na vida do que odeia do que na de qualquer outra pessoa (Mt 5:21-26). De acordo com Jesus, quem se irasse indevidamente contra seu irmão arriscava-se a enfrentar o tribunal local; quem insultasse seu irmão arriscava-se a enfrentar o Sinédrio, o tribunal superior dos judeus. Mas o homem que chamasse seu irmão de "tolo" correria perigo de sofrer o julgamento eterno no inferno. O ódio não confessado nem renunciado coloca a pessoa em uma prisão emocional e espiritual! (Mt 5:25).

O antídoto para o ódio é o amor. "Odiar e odiando-nos uns aos outros" descreve a experiência habitual dos não salvos (Tt 3:3). Mas quando um coração rancoroso abre-se para Jesus Cristo, torna-se um coração amoroso. Em vez de querer "matar" outras pessoas com seu ódio, o cristão passa a ter o desejo de amá-las e de compartilhar com elas a mensagem da vida eterna.

Uma noite, o evangelista e líder metodista John Wesley foi abordado por um ladrão que levou todo seu dinheiro. Wesley disse ao homem:

- Se um dia você tiver o desejo de deixar esse caminho mau que está trilhando e de viver para Deus, lembre-se de que "o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado".

Alguns anos depois, um homem foi procurar Wesley após um culto e lhe perguntou:

- O senhor se lembra de mim? Eu o assaltei uma noite, e o senhor me disse que o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado. Eu me entreguei a Cristo e mudei de vida.

### 3. INDIFERENÇA (1 JO 3:16, 17)

Mas a prova do amor cristão não é apenas deixar de fazer o *mal* a outros. O amor envolve a prática do *bem*. O amor cristão é, ao mesmo tempo, negativo e positivo. “Cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem” (Is 1:16, 17).

Caim é nosso exemplo de amor falso; Cristo é o exemplo de verdadeiro amor cristão. Jesus deu a vida por nós para que experimentemos a verdade. Todo cristão conhece João 3:16, mas quantos atentam para 1 João 3:16? É maravilhoso experimentar a bênção de João 3:16; mas é ainda mais maravilhoso *compartilhar* essa experiência obedecendo a 1 João 3:16: Cristo entregou a vida por nós, e devemos entregar a vida pelos nossos irmãos.

O amor cristão envolve serviço e sacrifício. Cristo não se ateu a *falar* sobre seu amor; ele morreu para prová-lo (Rm 5:6-10). Jesus não foi morto como um mártir; antes, *entregou* sua vida espontaneamente (Jo 10:11-18; 15:13). A “autopreservação” é a primeira lei da vida física, mas a “abnegação” é a primeira lei da vida espiritual.

Mas Deus não pede que entreguemos a vida à morte, apenas que amemos o irmão necessitado. João faz uma transição bastante sábia de “pelos irmãos” em 1 João 3:16 para “seu irmão” em 1 João 3:17.

É fácil falarmos sobre “amar os irmãos” e deixarmos de ajudar um único irmão em Cristo. O amor cristão é pessoal e ativo.

Era isso o que Jesus tinha em mente ao contar a parábola do bom samaritano (Lc 10:25-37). Um intérprete da Lei queria discutir uma questão abstrata: “Quem é o meu próximo?”, mas Jesus concentrou a atenção em *um único homem necessitado* e mudou a pergunta: “Para quem posso ser um próximo?”

Dois amigos participavam de um congresso sobre evangelismo. Durante uma das palestras, Larry deu por falta de Pete. Na hora do almoço, Larry encontrou Pete e comentou:

– Senti sua falta na palestra das dez horas, foi ótima! Onde você estava?

– Estava no saguão conversando com um funcionário do hotel sobre Jesus, e ele aceitou a Cristo – respondeu Pete.

Não há nada de errado em participar de congressos, mas quando tratamos de temas muito gerais, é fácil esquecermos as necessidades individuais. O teste do amor cristão não se encontra nas declarações sonoras de amor à igreja toda, mas nos gestos de terno cuidado para com um irmão necessitado. Se nem sequer ajudamos um irmão, é pouco provável que sejamos capazes de “dar a vida pelos irmãos”.

Uma pessoa não precisa ser homicida para pecar; dentro do coração, o ódio corresponde ao homicídio. Mas também não precisa sequer odiar o irmão para ter pecado. Basta ignorá-lo ou mostrar-se indiferente com suas necessidades. O cristão que possui bens materiais pode e deve aliviar as necessidades dos irmãos. “[Fechar] o coração” a um irmão é um tipo de homicídio!

A fim de ajudar os irmãos, é preciso cumprir três requisitos. Em primeiro lugar, ter os meios necessários para suprir o que lhe falta. Em segundo lugar, estar ciente de suas necessidades. E em terceiro lugar, ser amorosos o suficiente para ter o desejo de compartilhar.

O cristão que é pobre demais ou que não tem conhecimento das necessidades do irmão não é condenado. Mas o cristão que endurece o coração contra o irmão necessitado é condenado. Um dos motivos pelos quais o cristão deve trabalhar é “para que tenha com que acudir ao necessitado” (Ef 4:28).

Hoje em dia, existem tantas organizações filantrópicas que é fácil o cristão esquecer suas obrigações. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gl 6:10).

“Fazer o bem” não significa, necessariamente, dar dinheiro ou coisas materiais. Pode incluir o serviço pessoal e a dedicação aos outros. Muitos indivíduos na igreja estão necessitados de amor e receberiam de bom grado nossa amizade.

Uma jovem mãe reconheceu, durante uma reunião da igreja, que não conseguia encontrar tempo para fazer sua devocional diária. Tinha filhos pequenos para cuidar, e as horas do dia simplesmente evaporavam.

Qual não foi sua surpresa quando duas senhoras da igreja bateram a sua porta.

– Viemos cuidar das crianças – explicaram. – Pode ir para o seu quarto e fazer sua devocional.

Depois de receber essa ajuda durante vários dias, a jovem mãe conseguiu desenvolver sua vida devocional de tal modo a não se sentir mais perturbada com as exigências diárias impostas sobre seu tempo.

Quem deseja experimentar e desfrutar o amor de Deus no coração deve amar os outros a ponto de fazer sacrifícios por eles. Ao ser indiferentes às necessidades dos irmãos, privamo-nos do que mais precisamos: do amor de Deus no coração. É uma questão de vida ou morte!

#### 4. O AMOR CRISTÃO (1 Jo 3:18-24)

O verdadeiro amor cristão é expresso “de fato e de verdade”. O oposto de “de fato” é “de palavra” e o oposto de “de verdade” é “de língua”. Eis um exemplo do amor “de palavra”:

“Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?” (Tg 2:15, 16).

Amar “de palavra” significa, simplesmente, *falar* sobre uma necessidade, mas amar “de fato” significa *fazer* algo para suprir essa necessidade. É possível pensar que, por conversar sobre uma necessidade ou mesmo orar sobre ela, nossa parte já foi feita, mas o amor envolve mais do que palavras e pede atos de sacrifício.

Amar “de língua” é o oposto de “amar de verdade”. Significa amar sem sinceridade. Amar “de verdade” é amar uma pessoa de forma autêntica, não só da boca para fora. As pessoas são atraídas pelo amor genuíno e repelidas pelo amor artificial. Os pecadores eram atraídos para junto de Jesus (Lc 15:1, 2) porque tinham certeza de que ele os amava com sinceridade.

“Mas o cristão não precisa pagar um alto preço para exercitar esse tipo de amor?”

Sem dúvida. Jesus Cristo pagou com a vida. Mas os benefícios maravilhosos que resultam desse amor compensam generosamente qualquer sacrifício que venhamos a fazer. Claro que não se deve amar os outros porque desejamos receber algo em troca, mas o princípio bíblico “dai, e dar-se-vos-á” (Lc 6:38) aplica-se não só ao dinheiro, mas também ao amor.

João cita três bênçãos maravilhosas que o cristão recebe ao praticar o verdadeiro amor.

**Certeza (vv. 19, 20).** O relacionamento do cristão com outros afeta seu relacionamento com Deus. A pessoa que não está em ordem com um irmão deve acertar a questão antes de oferecer seu sacrifício no altar (cf. Mt 5:23, 24). O cristão que pratica o amor cresce no entendimento da verdade de Deus e desfruta um coração cheio de certeza diante de Deus.

O “coração que acusa” tira a paz do cristão. A “consciência que acusa” é outra maneira de expressar a mesma idéia. Por vezes, o coração nos acusa indevidamente, pois “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9). A resposta a essa pergunta é: “Deus conhece o coração!” Não são poucos os cristãos que acusam a si mesmos falsamente ou que são excessivamente duros consigo mesmos; mas Deus não comete esse erro. O cristão que anda em amor tem um coração aberto para Deus (“Deus é amor”) e sabe que Deus nunca julga incorretamente.

É possível que João se lembrasse de dois episódios ilustrativos desse importante princípio na vida de Jesus aqui na Terra. Ao visitar Betânia, Jesus hospedou-se na casa de Maria e Marta (Lc 10:38-42). Marta estava ocupada preparando a refeição, enquanto Maria permanecia assentada aos pés de Jesus ouvindo-o ensinar. Marta criticou tanto Maria quanto Jesus, mas Jesus conhecia o coração de Maria e a defendeu.

O apóstolo Pedro chorou amargamente depois de negar o Senhor e, sem dúvida, se encheu de remorso e de arrependimento por seu pecado. Mas Jesus sabia que Pedro

havia se arrependido e, depois de sua ressurreição, enviou uma mensagem especial (Mc 16:7) a Pedro que deve ter dado ao pescador impetuoso a certeza de ter sido perdoado. Talvez o coração de Pedro o tenha condenado, pois ele sabia que havia negado o Senhor três vezes, mas Deus era maior do que seu coração. Uma vez que conhecia todas as coisas, Jesus deu a Pedro a certeza de que precisava.

É preciso cuidado para que o diabo não nos acuse nem nos tire a confiança (Ap 12:10). Uma vez confessado e perdoado o pecado, não se deve permitir que a consciência continue nos acusando. Pedro foi capaz de encarar os judeus e dizer: "Vós, porém, negastes o Santo e o Justo" (At 3:14), pois o seu pecado ao negar Cristo havia sido tratado, perdoado e esquecido.

Nenhum cristão deve tratar o pecado de maneira leviana, mas nenhum cristão deve ser mais severo consigo mesmo do que Deus é. Existe um tipo mórbido de introspecção e de condenação própria que não é espiritual. Se praticarmos o amor verdadeiro para com os irmãos, nosso coração estará em ordem diante de Deus, pois o Espírito Santo não derrama seu amor em um coração no qual o pecado está sempre presente. Ao entristecer o Espírito, "cortase o suprimento" do amor de Deus (Ef 4:30 - 5:2).

**Orações respondidas (vv. 21, 22).** O amor pelos irmãos produz confiança diante de Deus, e essa confiança dá a ousadia de pedir o que se necessita. Isso não implica *adquirir o direito* de receber uma resposta às orações ao amar os irmãos. Antes, que o amor pelos irmãos comprova que se vive dentro da vontade de Deus e que, portanto, Deus responde às orações. "E aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos" (1 Jo 3:22). O amor é o cumprimento da Lei de Deus (Rm 13:8-10); logo, ao amar o irmão, obedecemos aos mandamentos de Deus, e ele atende a nossos pedidos.

O relacionamento do cristão com os irmãos não pode ser separado de sua vida de oração. Se, por exemplo, maridos e esposas

não obedecem à Palavra de Deus, suas orações são interrompidas (1 Pe 3:7).

Um evangelista havia acabado de pregar em um lar cristão e, depois da reunião, foi abordado pelo pai da família.

- Venho orando por meu filho rebelde há anos - disse o pai - e, até agora, Deus não respondeu à minha oração.

O evangelista leu para ele o Salmo 66:18: "Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido".

- Seja honesto consigo mesmo e com o Senhor - disse o evangelista. - Existe algo entre você e outro cristão que precisa ser resolvido?

O homem hesitou e, por fim, disse:

- Infelizmente, creio que sim. Estou ressentido com um membro da igreja.

- Então coloque esta situação em ordem - aconselhou o evangelista e, depois, orou com o homem. Antes de a campanha evangelística chegar ao fim, aquele pai viu o filho voltar para o Senhor.

É evidente que esses versículos não apresentam *todas* as condições para que as orações sejam respondidas, mas enfatizam a importância da *obediência*. Um dos grandes segredos para que as orações sejam respondidas é a obediência, e o segredo da obediência é o amor. "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15). "Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito [...] Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor" (Jo 15:7, 10).

Claro que é possível guardar os mandamentos de Deus com um espírito de medo e de servidão, não com um espírito de amor. Esse era o pecado do irmão mais velho da parábola do filho pródigo (Lc 15:24-32). O cristão deve guardar os mandamentos do Pai porque isso é agradável ao Senhor. O cristão que vive para agradar a Deus descobre que Deus encontra maneiras de agradar seu filho. "Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração" (Sl 37:4). Ao ter prazer no amor de Deus, aquilo que se deseja torna-se parte da vontade de Deus.

**Permanência (vv. 23, 24).** Quando um escriba pediu que Jesus dissesse qual era o maior mandamento, Jesus respondeu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" e acrescentou um segundo mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22:34-40). Mas Deus também dá *um mandamento* que inclui Deus e os homens: "Creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros" (1 Jo 3:23). As obrigações do cristão podem ser resumidas na fé em Deus e no amor ao próximo. O cristianismo é "a fé que atua pelo amor" (Gl 5:6).

A fé em Deus e o amor ao próximo são dois lados da mesma moeda. É fácil enfatizar a fé – a doutrina correta – e negligenciar o amor. No entanto, há quem diga que a doutrina não é importante e que o amor é a maior responsabilidade. *Tanto a doutrina quanto o amor são importantes.* Quando uma pessoa é justificada pela fé, deve saber que o amor de Deus está sendo derramado em seu coração (Rm 5:1-5).

"Permanecer em Cristo" é uma experiência essencial para o cristão que deseja ter confiança diante de Deus e respostas de oração. Em sua mensagem aos discípulos no cenáculo (Jo 15:1-14), Jesus ilustrou o "permanecer". Comparou seus seguidores a ramos de uma videira. Ao retirar sua energia da videira, os ramos produzem frutos. Mas quando se separam da videira, murcham e morrem.

Jesus não falava da salvação, mas sim de dar frutos. No instante em que o pecador crê em Cristo, passa a viver em *união* com Cristo; mas manter a *comunhão* é uma responsabilidade que precisa ser cumprida a cada momento. A fim de permanecer em Cristo, é preciso obedecer à Palavra e se manter puro (Jo 15:3, 10).

Como vimos, quando um cristão anda em amor, não tem dificuldade em obedecer a Deus e, portanto, mantém uma comunhão próxima com Deus. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14:23).

O Espírito Santo é mencionado explicitamente em 1 João pela primeira vez em 3:24. João já falou do "Santo" (1 Jo 2:20), dando ênfase ao ministério de unção e ensinamento do Espírito (um paralelo com Jo 14:26; 16:13, 14). Mas o Santo também é o Espírito *que permanece* (1 Jo 3:24; 4:13). Quando um cristão obedece a Deus e ama os irmãos, o Espírito Santo que habita dentro dele lhe dá paz e confiança. O Espírito Santo permanece com ele para sempre (Jo 14:16), mas quando o Espírito é entristecido, ele retém suas bênçãos.

O Espírito Santo também é o Espírito *que confessa* (1 Jo 4:1-6), testemunhando aos que são, verdadeiramente, filhos de Deus. Quando um cristão permanece em Cristo, o Espírito o orienta e adverte sobre os falsos espíritos que poderiam fazê-lo desviar.

Também é o Espírito *que autentica* (1 Jo 5:6-8), dando testemunho da Pessoa e da obra de Jesus Cristo. Esse testemunho do Espírito é mencionado em Romanos 8:14-16.

Todas as Pessoas da Trindade participam da "vida amorosa" do cristão. Deus Pai ordena que amemos uns aos outros. Deus Filho deu a vida na cruz, o exemplo supremo de amor. E Deus Espírito Santo vive dentro de nós para prover o amor de que precisamos (Rm 5:5). Permanecer no amor é permanecer em Deus, e vice-versa. O amor cristão não é algo que se produz quando é preciso. O amor cristão "é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo", e é isso o que se experimenta constantemente ao permanecer em Cristo.

Uma pessoa pode viver em quatro níveis: o nível mais baixo, o de Satanás, e praticar o homicídio. Os homicidas, "a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte" (Ap 21:8).

Ou pode escolher o nível seguinte: o ódio. Mas, aos olhos de Deus, o ódio equivale ao homicídio. O homem que vive cheio de ódio mata a *si mesmo* lentamente, e não a outra pessoa. De acordo com os psiquiatras, a maldade e o ódio causam problemas físicos e emocionais de vários tipos. Aliás, um especialista escreveu um livro chamado *Amar ou morrer!*

O terceiro nível - indiferença - é muito melhor do que os dois primeiros, os quais não são, de modo algum, cristãos. O homem que têm ódio constante no coração ou que pratica homicídios nunca nasceu de Deus. Mas é possível ser um cristão e permanecer indiferente às necessidades dos outros.

Aquele que comete homicídio pertence ao *diabo*, como Caim. Aquele que odeia pertence ao *mundo* (1 Jo 3:13), que se encontra sob o domínio de Satanás. Mas o cristão que se mostra indiferente vive para a *carne*, que serve aos propósitos de Satanás.

A única maneira de viver em santidade e em alegria encontra-se no nível mais elevado, o nível do amor cristão. Essa é a vida

de gozo, liberdade e orações respondidas que proporciona confiança e coragem apesar das dificuldades.

O dr. Rene Spitz, de Nova Iorque, realizou um estudo em instituições que cuidam de crianças abandonadas, a fim de determinar o impacto do amor e da negligência na vida dessas crianças. Sua pesquisa mostrou que as crianças negligenciadas e rejeitadas apresentavam desenvolvimento muito mais lento, e algumas até morriam. Mesmo no sentido físico, o amor é o elemento essencial para a vida e para o crescimento.

Isso se aplica de maneira ainda mais real à esfera espiritual. Na verdade, trata-se de uma questão de amor ou morte!



## O CERNE DO AMOR

1 JOÃO 4:1-16

**É** a terceira vez que tratamos do amor! Isso não significa que as idéias de João esgotaram-se, obrigando-o a se repetir. Antes, que Espírito Santo, o qual inspirou João, apresenta esse assunto novamente, oferecendo, agora, uma perspectiva ainda mais profunda.

Primeiro, o amor pelos irmãos foi apresentado como prova da *comunhão com Deus* (1 Jo 2:7-11); em seguida, foi apresentado como prova da *filiação* (1 Jo 3:10-14). Na primeira passagem acima, o amor é uma questão de luz ou trevas; na segunda, é uma questão de vida ou morte.

Mas, em 1 João 4:7-16, chega-se ao cerne da questão. Aqui se vê *por que* o amor é uma parte tão importante da vida real. O amor é o parâmetro válido para a comunhão e a filiação porque "Deus é amor". O amor faz parte da própria natureza e ser de Deus. Quem se encontra em união com Deus, por meio da fé em Cristo, compartilha de sua natureza. E, uma vez que sua natureza é amor, o amor é o teste da realidade da vida espiritual.

O navegador depende da bússola para ajudá-lo a determinar seu curso. Mas *por que* usar uma bússola? Porque ela indica os pontos cardeais. E *por que* a bússola aponta para o Norte? Porque é uma propriedade sua reagir ao campo magnético que faz parte da constituição da Terra. A bússola responde à natureza da Terra.

Pode-se dizer o mesmo do amor cristão. A natureza de Deus é amor. A pessoa que conhece a Deus e que nasceu de Deus responde à natureza de Deus. Da mesma forma como a bússola aponta para o Norte, o

cristão pratica o amor de forma natural, pois o amor é a natureza de Deus. Esse amor não é uma reação forçada; antes, é uma resposta natural. O amor do cristão pelos irmãos prova sua filiação e comunhão.

Em três ocasiões ao longo desta seção, João incentiva a amar uns aos outros (1 Jo 4:7, 11, 12). Apóia suas admoestações em três fatos fundamentais acerca de Deus.

### 1. AQUILO QUE DEUS É: "DEUS É AMOR" (1 JO 4:7, 8)

Essa é terceira de três expressões nos escritos de João que ajudam a compreender a natureza de Deus: "Deus é espírito" (Jo 4:24); "Deus é luz" (1 Jo 1:5); e "Deus é amor". É evidente que nenhuma delas constitui uma revelação *completa* de Deus, e seria errado separá-las.

*Deus é espírito.* Isso se refere a sua essência; ele não é feito de carne e sangue. Por certo, neste momento, Jesus Cristo possui um corpo glorificado no céu e, um dia, teremos um corpo como o dele. Mas uma vez que é, por natureza, espírito, Deus não é limitado pelo tempo nem pelo espaço como suas criaturas.

*Deus é luz.* Isso se refere a sua natureza santa. Na Bíblia, a luz simboliza santidade, e as trevas, o pecado (Jo 3:18-21; 1 Jo 1:5-10). Deus não pode pecar porque é santo. Uma vez que nascemos na família de Deus, recebemos essa natureza santa (1 Pe 1:14-16; 2 Pe 1:4).

*Deus é amor.* Isso não significa que "amor é Deus". E o fato de duas pessoas se amarem não significa, necessariamente, que seu amor seja santo. Alguém disse bem que "o amor não define Deus, mas Deus define o amor". Deus é amor e Deus é luz; portanto, seu amor é *santo* e sua santidade é expressa em amor. Tudo o que Deus *faz* expressa tudo o que Deus *é*. Até mesmo seus julgamentos são medidos em termos de amor e de misericórdia (Lm 3:22, 23).

Muito do que é chamado de "amor" na sociedade moderna não tem semelhança nem relação alguma com o amor santo e espiritual de Deus. No entanto, há faixas que dizem: "Deus é amor!" em vários eventos,

especialmente os que reúnem jovens fazendo o que bem entendem, como se fosse possível dignificar a imoralidade chamando-a de amor.

O amor cristão é um tipo especial de amor. É possível traduzir 1 João 4:10 por: "É desse modo que se vê o verdadeiro amor". Existe um amor falso que Deus não pode aceitar. O amor nascido da própria essência de Deus *deve* ser espiritual e santo, pois "Deus é espírito" e "Deus é luz". Esse amor verdadeiro "é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5:5).

Assim, o amor é um teste válido da verdadeira fé cristã. Uma vez que Deus é amor e que afirmamos ter um relacionamento pessoal com Deus, é preciso, necessariamente, revelar seu amor por nossa maneira de viver. O filho de Deus é "nascido de Deus" e, portanto, compartilha da natureza divina. Tendo em vista que "Deus é amor", os cristãos devem amar uns aos outros. A lógica é irrefutável!

Além de ser "nascido de Deus", o cristão também "conhece a Deus". Na Bíblia, a palavra *conhecer* tem um significado muito mais profundo do que o de mero entendimento intelectual. Esse verbo é usado, por exemplo, para descrever a união íntima entre marido e esposa (Gn 4:1). Conhecer a Deus significa ter um relacionamento profundo com ele – compartilhar sua vida, desfrutar e ter prazer em seu amor. Esse conhecimento não é apenas uma questão de entender os fatos, mas sim de compreender a verdade (ver 1 Jo 2:3-5).

É preciso entender a declaração "Aquele que não ama não conhece a Deus" (1 Jo 4:8) dentro desse contexto. Sem dúvida, muitos não cristãos amam a família e até se sacrificam por ela e, sem dúvida, diversos deles têm alguma compreensão intelectual de Deus. Mas o que lhes falta? *Experimentar Deus pessoalmente*. É possível parafrasear 1 João 4:8 como: "A pessoa que não tem esse tipo de amor divino nunca adquiriu um conhecimento pessoal e experiencial de Deus. Possui somente conhecimento intelectual que nunca chegou ao coração".

O que Deus é determina o que devemos ser. "Segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4:17). O amor dos cristãos uns pelos outros é evidência dessa comunhão com Deus e de sua filiação do Pai celestial e mostra que *conhecem a Deus*. Sua experiência com o Senhor não é apenas uma crise decisiva, mas também uma experiência diária de conhecê-lo cada vez mais. A verdadeira teologia (o estudo de Deus) não é um curso árido sobre doutrinas sem qualquer aplicação prática, mas sim uma experiência diária empolgante que torna o cristão cada vez mais semelhantes a Cristo!

Grande quantidade de material radioativo foi roubada de um hospital. Ao dar queixa na polícia, o administrador do hospital pediu:

– Por favor, avisem o ladrão que o material roubado é extremamente perigoso e impossível de esconder. Seus efeitos sobre seu portador são extremamente nocivos!

O indivíduo que afirma conhecer Deus e estar em união com ele deve ser pessoalmente influenciado por esse relacionamento. O cristão deve tornar-se aquilo que Deus é, e "Deus é amor". Qualquer um que diga o contrário mostra que não conhece a Deus!

## 2. AQUILO QUE DEUS FEZ: "ENVIU SEU FILHO" (1 JO 4:9-11)

Uma vez que Deus é amor, ele deve transmitir esse amor não apenas em palavras, mas também em atos. O verdadeiro amor nunca é estático ou indiferente. Deus revela seu amor à humanidade de várias maneiras. Ele preparou toda a criação para suprir as necessidades dos seres humanos. Enquanto o pecado humano ainda não havia colocado a criação sob o jugo do pecado, o homem tinha na Terra um lar perfeito no qual amar e servir a Deus.

O amor de Deus foi revelado em seu modo de tratar da nação de Israel. "Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava e [...] vos tirou com mão poderosa e vos resgatou" (Dt 7:7, 8).

A maior expressão do amor de Deus deu-se na morte de seu Filho. "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5:8).

O verbo "manifestar" significa "trazer à luz, tornar público". É o oposto de "esconder, tornar secreto". Na antiga aliança, Deus escondia-se atrás das sombras de rituais e de cerimônias (Hb 10:1); mas em Jesus Cristo "a vida se manifestou" (1 Jo 1:2). "Quem me vê a mim vê o Pai", disse Jesus (Jo 14:9).

Por que Jesus Cristo se manifestou? "Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados" (1 Jo 3:5). "Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir [tornar ineficazes] as obras do diabo" (1 Jo 3:8). Onde Jesus tirou os pecados e destruiu as obras de Satanás? *Na cruz!* Deus manifestou seu amor na cruz, quando entregou seu Filho como sacrifício pelos nossos pecados.

Essa é a única passagem da epístola em que Jesus é chamado de "Filho unigênito" de Deus. Esse título é usado no Evangelho de João (Jo 1:14) e significa "singular, o único de seu tipo". O fato de Deus ter enviado seu Filho ao mundo comprova a divindade de Jesus Cristo. Os bebês não são *enviados* ao mundo de algum outro lugar; eles *nasceram* no mundo. E como Homem perfeito, Jesus nasceu no mundo, mas como Filho eterno, foi enviado ao mundo.

Mas a vinda de Cristo ao mundo e sua morte na cruz não se deram por causa do amor dos homens por Deus. Antes, decorreram do amor de Deus pelos homens. A atitude do mundo para com Deus representa qualquer coisa, menos amor!

João apresenta dois propósitos da morte de Cristo na cruz: ela aconteceu para que vivêssemos por meio dele (1 Jo 4:9) e para que ele fosse a propiciação por nossos pecados (1 Jo 4:10). Sua morte não foi um acidente; foi um compromisso marcado. Cristo não morreu como mártir frágil, mas sim como um poderoso conquistador.

Jesus Cristo morreu para que vivêssemos "por meio dele" (1 Jo 4:9), "para ele" (ver 2 Co 5:15) e "em união com ele" (1 Ts 5:9, 10). Os pecadores precisam encarecidamente

de *vida*, pois estão "mortos nos [seus] delitos e pecados" (Ef 2:1). De certo modo, é um paradoxo Cristo ter de morrer para que possamos viver! Os mistérios de sua morte são insondáveis, mas de uma coisa sabemos: ele morreu por nós (Gl 2:20).

A morte de Cristo é descrita como uma "propiciação". João usou essa palavra anteriormente (1 Jo 2:2), de modo que não há necessidade de estudá-la aqui em detalhes outra vez. É preciso lembrar que *propiciação* não significa que o homem precise fazer qualquer coisa para apaziguar Deus ou para aplacar sua ira. A propiciação é algo que Deus faz, a fim de dar aos homens a possibilidade de receber seu perdão. "Deus é luz" e, portanto, deve defender sua Lei santa. "Deus é amor" e, portanto, deseja perdoar os pecadores. De que maneira Deus pode perdoar os pecados e, ainda assim, se manter fiel a sua natureza santa? A resposta é a cruz. Lá, Jesus levou sobre si o castigo pelo pecado e cumpriu os requisitos justos da Lei santa. Mas lá, Deus também revelou seu amor e tornou possível aos homens a salvação pela fé.

É importante observar que a ênfase é sobre a *morte* de Cristo, não sobre seu nascimento. O fato de que Jesus "se fez carne" (Jo 1:14) é, sem dúvida, evidência da graça e do amor de Deus, mas o texto ressalta que ele "o fez pecado por nós" (2 Co 5:21). O exemplo de Cristo, os ensinamentos de Cristo e toda a vida de Cristo aqui na Terra têm seu verdadeiro motivo e cumprimento na cruz.

Pela segunda vez, os cristãos são exortados a "amar uns aos outros" (1 Jo 4:11). Essa exortação é um mandamento a ser obedecido (1 Jo 4:7), e é baseada na natureza de Deus. "Deus é amor; conhecemos a Deus; portanto, devemos amar uns aos outros." Mas a exortação para amarmos uns aos outros é apresentada como um privilégio, não como uma responsabilidade: "Se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1 Jo 4:11). Não somos salvos por *amar* a Cristo, mas sim por *crer* em Cristo (Jo 3:16). Mas depois de ter a conscientização do que ele fez por nós na

cruz, nossa resposta natural deve ser amar a Deus e amar uns aos outros.

É importante os cristãos progredirem em sua compreensão do amor. Amar uns aos outros motivados apenas por um senso de dever é bom, mas amar por apreciação (não por obrigação) é muito melhor.

Esse pode ser um dos motivos pelos quais Jesus instituiu a Ceia do Senhor, a eucaristia. Quando repartimos o pão e compartilhamos o cálice, lembramos a morte de Cristo. Poucas pessoas (se é que existem) desejam que sua morte seja lembrada! Na verdade, lembramos a *vida* de um ente querido e tentamos esquecer a tristeza da morte. O mesmo não se aplica a Cristo. Ele *ordena* que lembremos sua morte: “faizei isto em memória de mim”.

Devemos lembrar da morte de Cristo de maneira espiritual, não apenas sentimental. Alguém definiu a emoção como “um sentimento sem responsabilidade”. É fácil sentir emoções solenes em um culto da igreja e, ainda assim, continuar levando a mesma vida derrotada. A verdadeira experiência espiritual envolve o ser humano como um todo. A *mente* precisa compreender a verdade espiritual; o *coração* precisa amar e apreciar essa verdade; e a *volição* precisa agir de acordo com ela. Quanto mais alguém se aprofunda no significado da cruz, maior será seu amor por Cristo e maior sua preocupação ativa pelos semelhantes.

Vimos o que Deus é e o que ele fez; mas um terceiro fundamento conduz a um nível ainda mais profundo de significado e de implicações acerca do amor cristão.

### 3. O QUE DEUS FAZ: “DEUS PERMANECE EM NÓS” (1 Jo 4:12-16)

Pode ser proveitoso recapitular o que João disse até agora sobre a verdade fundamental de que “Deus é amor”.

Essa verdade é revelada não apenas na Palavra, mas também na cruz, onde Cristo morreu por nós. “Deus é amor” não é apenas uma doutrina da Bíblia; é um fato eterno demonstrado claramente no Calvário. Deus disse algo *para nós* e Deus fez algo *por nós*.

Mas tudo isso serve de preparação para o terceiro fato grandioso: Deus faz algo *em nós*! Não somos apenas estudiosos lendo um livro ou espectadores assistindo a um acontecimento profundamente comovente. Somos *participantes* do grande drama do amor de Deus.

A fim de diminuir os custos, uma turma de artes cênicas de uma universidade não fez cópias do roteiro completo de uma peça para seus autores. Em vez disso, entregou a cada um apenas o roteiro referente a sua parte na encenação. Quando o diretor começou o ensaio, percebeu que nada dava certo. Depois de uma hora de deixas perdidas e de seqüências trôpegas, os atores desistiram.

Então, o diretor chamou todos para o palco e disse:

– Eu vou ler a peça inteira para vocês, fiquem em silêncio e prestem atenção.

Leu o roteiro completo em voz alta, e, quando terminou, um dos atores exclamou:

– Então é disso que a peça trata!

E quando os atores entenderam a história inteira, conseguiram encaixar um papel com o outro e ensaiar corretamente.

Quando lemos 1 João 4:12-16, temos vontade de dizer: “Então é disso que o texto trata!”, pois descobrimos nessa passagem o que Deus tinha em mente ao elaborar seu plano maravilhoso de salvação.

Em primeiro lugar, Deus deseja *viver em nós*. Não se contenta em *dizer* que ele nos ama nem mesmo *demonstrar* esse amor.

É interessante acompanhar os lugares onde Deus habitou conforme a Bíblia os registra. No princípio, Deus tinha comunhão direta com o homem (Gn 3:8), mas o pecado rompeu essa comunhão. Deus precisou derramar o sangue de animais para cobrir os pecados de Adão e Eva, a fim de que pudessem voltar a ter comunhão com ele.

Uma das palavras-chave do Livro de Gênesis é o verbo *andar*. Deus andava com o homem, o homem andava com Deus. Enoque (Gn 5:22), Noé (Gn 6:9) e Abraão andavam com Deus (Gn 17:1; 24:40).

Mas na época dos acontecimentos registrados em Êxodo, havia ocorrido uma

mudança: Deus não apenas *andava* com os homens, mas também *vivia* ou habitava com eles. O mandamento de Deus para Israel foi: "E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles" (Êx 25:8). O primeiro desses santuários foi o tabernáculo. Quando Moisés o consagrou, a glória de Deus desceu e veio habitar na tenda (Êx 40:33-35).

Deus habitava no acampamento, mas não habitava no corpo dos israelitas como indivíduos.

Infelizmente, a nação pecou, e a glória de Deus partiu (1 Sm 4:21). Mas Deus usou Samuel e Davi para restaurar a nação, e Salomão construiu um templo magnífico. Quando o templo foi consagrado, a glória de Deus voltou a habitar na Terra (1 Rs 8:1-11).

Mas a história repetiu-se; Israel desobedeceu a Deus e foi levado para o cativeiro, e seu templo esplendoroso foi destruído. Ezequiel, um dos profetas do cativeiro, viu a glória de Deus partir do templo (Ez 8:4; 9:3; 10:4; 11:22, 23).

A glória de Deus voltou? Sim, na Pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus! "E o Verbo se fez carne e tabernaculou em nosso meio e contemplamos a sua glória" (Jo 1:14, tradução literal). A glória de Deus habitou na Terra no corpo de Jesus Cristo, pois seu corpo era templo de Deus (Jo 2:18-22). Mas os homens perversos pregaram esse corpo em uma cruz. Crucificaram "o Senhor da glória" (1 Co 2:8). Tudo isso fazia parte do plano maravilhoso de Deus e Cristo ressuscitou dentre dos mortos, voltou para o céu e enviou seu Espírito Santo *para habitar nos homens*.

Agora, a glória de Deus habita no corpo dos filhos de Deus. "Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (1 Co 6:19). A glória de Deus partiu do tabernáculo e do templo quando Israel desobedeceu a Deus, mas Jesus prometeu que o Espírito habitará em nós *para sempre* (Jo 14:16).

Considerado esse contexto, é possível entender melhor o que 1 João 4:12-16 diz.

Deus é invisível (1 Tm 1:17), e nenhum homem pode vislumbrá-lo em sua essência. Jesus "é a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). Ao viver no mundo com um corpo humano, Jesus revelou Deus. Mas Jesus não está mais aqui na Terra. De que maneira, então, Deus se revela ao mundo?

Ele se revela pela vida de seus filhos. Os homens não podem ver Deus, *mas podem nos ver*. Ao permanecer em Cristo, vamos amar uns aos outros, e nosso amor uns pelos outros revelará o amor de Deus pelo mundo necessitado. O amor de Deus será experimentado *em nós* e, então, será experimentado *por meio de nós*.

Essa palavra importante - "permanecer" - é usada seis vezes em 1 João 4:12-16. Refere-se à comunhão pessoal com Cristo. Habitar em Cristo significa permanecer em união espiritual com ele, de modo que nenhum pecado se coloque entre nós. Uma vez que somos "nascidos de Deus", temos *união* com Cristo; mas é só ao confiar nele e ao obedecer a seus mandamentos que temos *comunhão* com ele. Da mesma forma que o marido e a esposa fiéis "permanecem no amor" mesmo separados por grandes distâncias, também o cristão permanece no amor de Deus. Esse *permanecer* é possível por causa do Espírito Santo que habita em nós (1 Jo 4:13).

Que maravilha e privilégio ter Deus habitando em nós! Os israelitas do Antigo Testamento olhavam com grande admiração para o tabernáculo ou para o templo, pois era lá que se encontrava a presença de Deus. Nenhuma pessoa ousava entrar no Santo dos Santos, onde Deus estava entronizado em glória! Mas *nós* temos o Espírito de Deus *vivendo dentro de nós*! Permanecemos em seu amor e experimentamos sua presença habitando em nós. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14:23).

O amor de Deus é *proclamado* na Palavra ("Deus é amor") e *provado* na cruz. Mas aqui encontramos algo mais profundo: o amor de Deus é *aperfeiçoado* no cristão. Por mais inacreditável que pareça, o amor de

Deus não é aperfeiçoado nos anjos, mas sim nos pecadores salvos pela graça divina. Nós, cristãos, somos, agora, tabernáculos e templos onde Deus habita. Ele revela seu amor por meio de nós.

G. Campbell Morgan, conhecido pregador inglês, teve cinco filhos, e todos se tornaram ministros do evangelho. Um dia, uma pessoa que visitava a família de Morgan teve a ousadia de perguntar:

- Qual dos seis é o melhor pregador?

E a resposta em uníssono foi: - A mamãe!

É evidente que a sra. Morgan nunca havia pregado um sermão formal em uma igreja, mas sua vida era um sermão constante sobre o amor de Deus. A vida de um cristão que permanece no amor de Deus é um testemunho poderoso de Deus no mundo. Os homens não podem ver Deus, mas podem ver seu amor nos movendo a realizar atos de socorro e de bondade.

Estes versículos sugerem três testemunhos distintos: (1) o testemunho *do* cristão de que Jesus Cristo é o Filho de Deus (1 Jo 4:15); (2) o testemunho *no* cristão pelo Espírito (1 Jo 4:13); (3) o testemunho *por meio* do cristão de que Deus é amor e enviou seu Filho para morrer pelo mundo (1 Jo 4:14).

Esses testemunhos não podem ser separados. O mundo não crerá que Deus ama os pecadores enquanto não vir seu amor operando na vida de seus filhos.

Uma jovem obreira do Exército da Salvação encontrou uma mulher abandonada na rua e a convidou para entrar na capela e ser ajudada. A obreira garantiu à mulher:

- Nós amamos você e desejamos ajudá-la. Deus ama você. Jesus morreu por você.

Mas a mulher não quis sair de onde estava. Assim, como que por impulso divino, a moça inclinou-se e beijou a mulher na face, tomando-a em seus braços. A mulher começou a soluçar e, como uma criança, deixou-se conduzir para dentro da capela, onde, mais tarde, aceitou a Cristo.

- Você *disse* que Deus me amava - ela comentou depois -, mas foi só quando *mostrou* que Deus me amava que desejei ser salva.

Jesus não se ateve a pregar o amor de Deus; ele o provou entregando sua vida na cruz e espera que seus seguidores façam o mesmo. Permanecendo em Cristo, permaneceremos em seu amor. Se permanecemos em seu amor, demonstraremos esse amor a outros. Ao compartilhar esse amor, provamos a nosso coração que estamos em Cristo. Em outras palavras, não existe separação entre a vida interior e a vida exterior do cristão.

Permanecer no amor de Deus gera dois benefícios espirituais maravilhosos na vida do cristão: (1) ele cresce em conhecimento; e (2) ele cresce na fé (1 Jo 4:16). Quanto mais amamos a Deus, mais compreendemos o amor de Deus. E quanto mais compreendemos o amor de Deus, mais fácil torna-se confiar em Deus. Afinal, quando conhecemos alguém intimamente e amamos essa pessoa de todo o coração, não há dificuldade em confiar nela.

Um homem estava na seção de cartões de uma loja e não conseguia escolher um cartão. A vendedora perguntou se ele precisava de ajuda, e ele respondeu:

- Minha esposa e eu estamos comemorando quarenta anos de casados, mas não consigo encontrar um cartão que diga o que eu tenho em mente. Quarenta anos atrás teria sido fácil escolher um cartão, pois, naquela época, eu pensava que sabia o que era amor. Mas agora, nosso amor um pelo outro é muito maior, e não consigo encontrar dizeres que o expressem corretamente!

Assim é a experiência de crescimento do cristão em seu relacionamento com Deus. Ao permanecer em Cristo e passar tempo em comunhão com ele, o cristão ama ao Senhor cada vez mais. Seu amor por outros cristãos, pelos perdidos e até pelos inimigos cresce. Ao compartilhar o amor do Pai com outros, experimenta mais desse amor na própria vida e o compreende cada vez melhor.

Assim, "Deus é amor" não é apenas uma declaração bíblica profunda. É a base para o relacionamento do cristão com Deus e com o próximo. Uma vez que Deus é amor, *nós* podemos amar. Seu amor não é algo do

passado; é uma realidade presente. “Ame-nos uns aos outros” começa como um *mandamento* (1 Jo 4:7), mas se torna um *privilegio* (1 Jo 4:11). No entanto, é mais do que um mandamento ou do que um privilégio. Também é uma *conseqüência* maravilhosa e uma evidência de que estamos em Cristo (1 Jo 4:12). Amar uns aos outros não é algo que simplesmente se *deve* fazer; é algo que se *deseja* fazer.

Podemos extrair algumas aplicações práticas dessa verdade fundamental.

Em primeiro lugar, quanto melhor se conhece o amor de Deus, mais fácil se torna viver como cristão. O conhecimento bíblico, por si só, não toma o lugar da experiência pessoal do amor de Deus. Na verdade, se não houver cuidado, pode ser um substituto perigoso.

Helen voltou para casa de um retiro de jovens extremamente empolgada com o que havia aprendido.

– Ouvimos uma palestra maravilhosa sobre as devocionais pessoais – contou para sua irmã Joyce. – Não vou deixar de fazer minha devocional um dia sequer.

Uma semana depois, enquanto Joyce passava o aspirador de pó na casa, ouviu Helen gritar:

– Você precisa fazer esse barulho todo? Não está vendo que eu estou tentando fazer minha devocional? – Terminada a explosão verbal, Helen bateu a porta com toda força.

O que ela ainda não havia aprendido é que as devocionais não são um fim em si. Se não ajudarem a amar a Deus e aos outros, não servem de muita coisa. A Bíblia é uma revelação do amor de Deus; quanto melhor se compreende seu amor, menos dificuldade haverá em obedecer ao Senhor e em amar aos outros.

Em segundo lugar, se não *amarmos* os perdidos, nosso testemunho verbal lhes será inútil. A mensagem do evangelho é uma mensagem de amor. Esse amor foi declarado e demonstrado por Jesus Cristo. A única maneira de ganhar outros para Cristo é declarar o evangelho e demonstrá-lo em nosso modo de viver. Muitos “testemunhos”, hoje em dia, não passam de uma porção de

palavras. As pessoas precisam de expressões de amor.

Um dos motivos pelos quais Deus permite que o mundo odeie os cristãos é que os cristãos paguem o ódio do mundo com amor. “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós [...] Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5:11, 44).

– Pastor, a Bíblia diz que devemos amar ao próximo, mas duvido que *alguém* seja capaz de amar pessoas como *meus* vizinhos – disse a sra. Barton no final de uma aula da escola dominical. – Já tentei ser agradável com eles, mas não funciona.

– Talvez a resposta não seja “ser agradável” – explicou o pastor. – É possível ser agradável com as pessoas por motivos errados.

– Vocês acha que eu estou tentando “suborná-los”?

– Algo assim... Creio que nós dois devemos orar para que Deus lhe dê amor *espiritual* verdadeiro por seus vizinhos. Ter amor cristão por eles não lhes fará mal algum – disse o pastor.

Demorou algumas semanas, mas a sra. Barton cresceu em amor por seus vizinhos; e também se viu crescendo na própria vida espiritual.

– Meus vizinhos não mudaram muito – comentou em seu grupo de oração –, mas *minha* atitude em relação a eles mudou bastante. Eu costumava fazer coisas por eles para conseguir sua aprovação. Agora, porém, faço as coisas por amor a Cristo, porque o Senhor morreu por eles, e isso faz toda diferença!

Neste parágrafo da primeira epístola de João, o apóstolo vai ao cerne do amor cristão. No entanto, ainda tem outras coisas a ensinar. Na seção seguinte, João trata do amor pessoal por Deus e de como Deus aperfeiçoa esse amor em nós.

Esses dois aspectos do amor cristão não podem ser separados um do outro: se amarmos a Deus, amaremos uns aos outros, e se amarmos uns aos outros, cresceremos no amor por Deus.

E as duas declarações acima são verdadeiras, porque “Deus é amor”.

## AMEM, HONREM E OBEDEÇAM

1 JOÃO 4:17 – 5:5

O noivo estava extremamente nervoso enquanto ele e a noiva tratavam dos planos para a cerimônia de casamento com o pastor.

- Gostaria de ver uma cópia dos votos matrimoniais – disse o rapaz, e o pastor lhe deu uma cópia do roteiro da cerimônia. O jovem leu com atenção e depois devolveu o papel dizendo: – Não serve! Aqui não diz em parte alguma que ela deve me obedecer!

A noiva sorriu, segurou a mão do noivo e disse:

- Querido, a palavra *obedecer* não precisa estar escrita num pedaço de papel. Ela já foi escrita com amor no meu coração.

Essa é a verdade que João tem em mente nesta parte de sua epístola. Até aqui, a ênfase foi sobre os cristãos amarem *uns aos outros*; mas agora, a ênfase é em um tópico mais profundo e mais importante: o amor do cristão *pelo Pai*. Não se pode amar o próximo nem o irmão sem antes amar o Pai celestial. Em primeiro lugar, deve-se amar a Deus de todo o coração; então, seremos capazes de amar o próximo como a nós mesmos.

A palavra-chave desta seção é *aperfeiçoar*. Deus deseja aperfeiçoar em nós seu amor por nós e nosso amor por ele. O termo *aperfeiçoar* dá a idéia de *maturidade* e de *plenitude*. O cristão não deve crescer apenas na graça e no conhecimento (2 Pe 3:18), mas também no amor pelo Pai. Esse crescimento se dá em resposta ao amor do Pai por ele.

Quão grande é o amor de Deus por nós? Grande o suficiente para ter enviado seu Filho para morrer por nós (Jo 3:16). Ele ama

seus filhos da mesma forma que *ama Cristo* (Jo 17:23). E Jesus diz que o Pai deseja que o amor com o qual ele ama seu Filho esteja em seus filhos (Jo 17:26).

Em outras palavras, a vida cristã deve ser uma experiência diária de crescimento no amor de Deus. À medida que cresce em amor, o cristão passa a conhecer o Pai celestial de maneira cada vez mais profunda.

É fácil fragmentar a vida cristã e se preocupar com esta ou aquela parte em vez de se preocupar com o todo. Um grupo pode enfatizar a “santidade” e instar seus membros a conquistar vitória sobre o pecado. Outro pode enfatizar o testemunho ou a “separação do mundo”. Mas, na verdade, cada uma dessas ênfases é apenas o produto de outra coisa: o amor crescente do cristão pelo Pai. O amor cristão maduro é a grande necessidade universal no meio do povo de Deus.

Como o cristão pode saber que seu amor pelo Pai está sendo aperfeiçoado? Este parágrafo de 1 João sugere quatro evidências.

### 1. CONFIANÇA (1 JO 4:17-19)

Aqui há duas palavras novas na epístola: “medo” e “tormento”. Convém lembrar que o apóstolo está se dirigindo a *cristãos*! Pode acontecer de um cristão ter uma vida cheia de medo e tormento? Infelizmente, muitos cristãos professos sentem-se amedrontados e atormentados diariamente. O motivo para isso é a falta de crescimento no amor de Deus.

O termo *confiança* pode significar “ousadia” ou “liberdade de expressão”. Não quer dizer impudência nem insolência. O cristão que experimenta o amor de Deus sendo aperfeiçoado em sua vida cresce na confiança em Deus. Possui temor reverente do Senhor, não medo atormentador. É um filho que respeita o Pai, não um prisioneiro que se encolhe de pavor diante de um juiz.

O termo grego usado para “medo” é *phobia*, uma palavra que faz parte de nosso vocabulário. Os livros de psicologia relacionam fobias de todo tipo como, por exemplo, *acrofobia*, o medo de altura, e *hidrofobia*, o medo de água. Aqui, João escreve sobre *krisisfobia*, o medo do julgamento. O



apóstolo já mencionou essa verdade solene em 1 João 2:28 e volta a tratar dela nesta passagem.

Quem sente medo normalmente tem algo no passado que o assombra, algo no presente que o perturba ou algo em seu futuro que o faz sentir-se ameaçado. Seu medo pode resultar, ainda, de uma combinação desses três elementos. O que crê em Jesus Cristo não precisa temer o passado, o presente nem o futuro, pois experimentou o amor de Deus, e esse amor está sedo aperfeiçoado em sua vida cada dia.

"Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9:27). Mas o cristão não precisa temer o julgamento futuro, pois Cristo já foi julgado por ele na cruz. "Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24). "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1). Para o cristão, o julgamento não é futuro, mas sim *passado*. Seus pecados já foram julgados na cruz e jamais serão usados para condená-lo outra vez.

Eis o segredo de nossa confiança: "segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4:17). Sabemos que quando Cristo voltar, seremos "como ele" (1 Jo 3:1, 2), mas essa declaração refere-se, principalmente, ao corpo glorificado que o cristão receberá (Fp 3:20, 21). *Posicionalmente*, já somos "como ele". Como membros do corpo de Cristo, somos identificados com ele de maneira tão próxima que nossa posição neste mundo é como a posição exaltada de Cristo no céu.

Isso significa que o Pai nos trata da mesma forma que trata seu Filho amado. Sabendo disso, que motivo há para temer?

Não é preciso temer o *futuro*, pois nossos pecados foram julgados em Cristo quando ele morreu na cruz. O Pai não iria julgar nossos pecados novamente sem julgar seu Filho, pois "segundo ele é, também nós somos neste mundo".

Não é preciso temer o *passado*, pois "Ele nos amou primeiro". Desde o princípio, nosso relacionamento com Deus sempre foi

definido pelo amor. Não fomos nós que o amamos; foi ele quem nos amou (ver 1 Jo 4:10). "Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:10). Se Deus nos amou quando não éramos filhos, vivendo em desobediência a ele, quão maior não é seu amor por nós agora que somos seus filhos!

Não é preciso temer o *presente*, pois "o perfeito amor lança fora o medo" (1 Jo 4:18). Ao crescer no amor de Deus, deixamos de temer o que ele fará.

É evidente que existe um "temor de Deus" correto, mas este não causa tormento. "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8:15). "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2 Tm 1:7).

Na verdade, o medo é o início do tormento. Fica-se atormentado ao olhar para o que se encontra adiante. Muita gente sofre intensamente ao pensar na próxima consulta com o dentista. Pode-se imaginar o sofrimento intenso de um não-salvo ao contemplar o dia do julgamento. Mas uma vez que o cristão tem confiança no dia do julgamento, também pode ter confiança ao encarar a vida no presente, pois nenhuma situação nesta vida sequer chega perto da severidade terrível do dia do julgamento.

Deus deseja que seus filhos vivam em um ambiente de amor, não de medo e de tormento. Não é preciso temer a vida nem a morte, pois somos aperfeiçoados no amor de Deus. "Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos

do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8:35, 37-39).

Que maravilhoso! Nada em *toda a criação* – presente ou futura – pode se colocar entre o amor de Deus e nós!

O aperfeiçoamento do amor de Deus em nossa vida normalmente envolve diversos estágios. Quando estávamos perdidos, vivíamos com medo e não sabíamos coisa alguma sobre o amor de Deus. Depois de aceitar a Cristo, encontramos uma mistura confusa de medo e amor no coração. Mas ao crescer em comunhão com o Pai, aos poucos, o medo foi desaparecendo, e nosso coração passou a ser controlado somente pelo amor de Deus. O cristão imaturo vê-se dividido entre o medo e o amor; o cristão maduro descansa no amor de Deus.

Um dos sinais de que o amor do cristão por Deus está amadurecendo é uma confiança cada vez maior na presença de Deus. Mas essa confiança não é o ponto final; ela sempre conduz a resultados morais.

## 2. HONESTIDADE (1 JO 4:20, 21)

Encontramos aqui, pela sétima vez, as palavras: "Se alguém disser...".

Cada vez que se vê essa expressão, já se sabe o que virá em seguida: uma advertência sobre o fingimento.

O medo e o fingimento costumam andar juntos. Na verdade, as duas coisas tiveram origem no pecado do primeiro casal. Quando Adão e Eva sentiram culpa, a primeira coisa que fizeram foi tentar esconder-se de Deus e cobrir sua nudez. Mas nem a cobertura e nem as desculpas que criaram podiam escondê-los dos olhos do Deus que vê todas as coisas. Por fim, Adão admitiu: "Ouvei a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi" (Gn 3:10).

Mas quando o coração tem confiança diante de Deus, não há necessidade de fingir nem para Deus, nem para as outras pessoas. O cristão que não confia em Deus também não confia no povo de Deus. Parte do tormento decorrente do medo consiste em uma preocupação constante. "O que será que as pessoas sabem, de fato, a meu respeito?" Mas quando temos confiança em Deus, esse

medo desaparece, e é possível encarar Deus e os homens sem preocupação.

– Quantos membros tem esta igreja? – perguntou um visitante ao pastor.

– Cerca de mil membros – respondeu o pastor.

– É um bocado de gente para você tentar agradar! – exclamou o visitante.

– Meu amigo, posso lhe garantir que nunca tentei agradar todos os membros, nem mesmo alguns deles – disse o pastor sorrindo. – Meu objetivo é agradar *uma* Pessoa: o Senhor Jesus Cristo. Se meu relacionamento com ele estiver em ordem, as coisas também estarão em ordem em meu relacionamento com os membros da igreja.

Um cristão imaturo que não cresce em seu amor por Deus pode pensar que precisa impressionar outros com sua "espiritualidade". Esse erro o transforma em um mentiroso! Professa algo que não pratica e desempenha um papel em vez de viver a vida.

Talvez o melhor exemplo desse pecado seja a experiência de Ananias e Safira (At 5). Os dois venderam uma propriedade e levaram *parte* do dinheiro para o Senhor, dando a impressão, porém, de que estavam ofertando *todo* o dinheiro. O pecado desse casal não foi tomar dinheiro de Deus, pois Pedro deixou claro que ficava a critério deles decidir como usar o dinheiro (At 5:4). O pecado deles foi a hipocrisia. Tentavam levar as pessoas a pensar que eram mais generosos e espirituais do que, na verdade, era o caso.

"Fazer de conta" é uma das brincadeiras prediletas de crianças pequenas, mas, por certo, não é um sinal de maturidade nos adultos. Os adultos devem *conhecer a si mesmos* e ser *autênticos*, cumprindo o propósito para o qual Deus os salvou. Sua vida deve ser marcada pela honestidade.

A honestidade espiritual traz paz e poder para quem a pratica. Não é preciso manter um registro das mentiras ditas nem gastar energia para encobrir a verdade. Uma vez que sua vida é franca e honesta diante do Pai, viverá de maneira honesta diante das pessoas. O amor e a verdade andam juntos. A pessoa sabe que Deus a ama e a aceita (mesmo com todos os seus defeitos) e, por

isso, não tenta impressionar os outros. Ama a Deus e, portanto, ama os irmãos em Cristo.

As notas de Jerry haviam caído bastante e, para piorar, ele estava com problemas de saúde. Preocupado com ele, seu colega de quarto finalmente o convenceu a falar com o psicólogo da universidade.

- Não consigo entender o que se passa comigo... - admitiu Jerry. - Ano passado, estava tudo indo bem nos estudos e, este ano, é como estar no meio de uma guerra.

- Você tem algum problema com seu novo colega de quarto? - perguntou o conselheiro.

A demora de Jerry em responder pareceu significativa ao psicólogo.

- Jerry, você está se concentrando em viver como um bom aluno ou tentando impressionar seu colega de quarto com suas habilidades?

- É, acho que esse é o problema... - respondeu Jerry com um suspiro de alívio. - Fiquei desgastado fingindo ser algo que não sou, e agora não tenho energia para viver de verdade.

A confiança em Deus e a honestidade com os outros são duas marcas da maturidade que sempre aparecem quando o amor de Deus está sendo aperfeiçoado.

### 3. OBEDIÊNCIA ALEGRE (1 Jo 5:1-3)

Não é apenas *obediência*, mas *obediência alegre!* "Os seus mandamentos não são penosos" (1 Jo 5:3).

Com exceção dos seres humanos, tudo na criação obedece à vontade de Deus. "Fogo e saraiva, neve e vapor e ventos procelosos que lhe executam a palavra" (Sl 148:8). No Livro de Jonas, os ventos, as ondas e até o peixe obedecem às ordens de Deus, enquanto o profeta insistia em desobedecer. Até mesmo a planta e o verme pequenino fizeram o que Deus ordenou. Mas o profeta obstinado insistiu em fazer as coisas a seu modo.

A desobediência à vontade de Deus é trágica, mas a obediência relutante e de má vontade não é melhor. Deus não deseja que lhe desobedeçamos, mas também não quer que obedecemos por medo ou por

necessidade. O que Paulo escreveu sobre as *ofertas* também se aplica à *vida*: "Não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria" (2 Co 9:7).

Qual é o segredo de obedecer *com alegria*? É reconhecer que a obediência é um assunto de família. Servimos a um Pai amoroso e ajudamos os irmãos e as irmãs em Cristo. Somos nascidos de Deus, amamos a Deus e aos filhos de Deus e demonstramos esse amor guardando os mandamentos de Deus.

Uma mulher foi ao escritório do editor de um jornal na esperança de lhe vender alguns poemas que ela havia escrito.

- Do que tratam seus poemas? - perguntou o editor.

- Eles falam de amor! - disse a poetisa com todo entusiasmo.

O editor reclinou-se para trás em sua cadeira e pediu:

- Leia um deles para mim. O mundo certamente precisa de um bocado de amor!

O poema que ela leu era cheio de *luares*, de *flores* e de outras expressões melosas, e o editor não pôde mais suportar.

- Sinto muito - disse ele -, mas você não entende nada de amor! Amar não é falar da Lua e das rosas. É assentar-se ao lado do leito de um enfermo a noite toda ou fazer hora-extra para poder comprar sapatos para os filhos. O mundo não precisa desse tipo de amor poético. Precisa do bom e velho amor *prático*.

D. L. Moody costumavam dizer: "Toda Bíblia deve ser encadernada com couro de sapato". Não se demonstra amor por Deus com palavras vazias, mas sim com obras cheias de disposição. Os cristãos não são escravos obedecendo a algum senhor, mas sim filhos obedecendo ao Pai. E o pecado é um assunto de família.

Um dos testes do amor em processo de amadurecimento é a atitude em relação à Bíblia, pois é nas Escrituras que está revelada a vontade de Deus para a vida. Um não salvo pode considerar a Bíblia um livro impossível, principalmente porque não entende sua mensagem espiritual (1 Co 2:14). Para o cristão imaturo, as exigências que a Bíblia

faz são um fardo pesado. Em certo sentido, é como uma criança pequena aprendendo a obedecer que pergunta: “Por que eu tenho de fazer isso?” ou “Não seria melhor eu fazer assim?”

Mas o cristão que experimenta o amor de Deus aperfeiçoa os caminhos de sua vida e encontra prazer na Palavra de Deus e a ama. Não lê a Bíblia como um livro didático, mas sim como uma carta de amor.

O capítulo mais longo da Bíblia é o Salmo 119, e seu tema é a Palavra de Deus. Em todos os versículos, com exceção de dois (Sl 119:122, 132), o salmista menciona, de uma forma ou de outra, a Palavra de Deus, chamando-a de “lei”, “preceito”, “mandamento” etc. O mais interessante, porém, é que o salmista *ama* a Palavra de Deus e gosta de falar a seu respeito! “Quanto amo a tua lei!” (Sl 119:97). Ele se regozija na Lei (Sl 119:14, 162) e se deleita nela (Sl 119:16, 24). É como mel para seu paladar (Sl 119:103). Aliás, ele transforma a Lei de Deus em cântico: “Os teus decretos são motivo dos meus cânticos, na casa da minha peregrinação” (Sl 119:54).

Imagine transformar decretos em cânticos. O que aconteceria se a orquestra sinfônica de nossa cidade apresentasse um concerto tendo as leis de trânsito com fundo musical? A maioria de nós não considera as leis uma fonte de cânticos jubilosos, mas era assim que o salmista via a Lei de Deus. Uma vez que ele amava ao Senhor, também amava sua Lei. Os mandamentos de Deus não eram opressivos nem pesados para ele. Assim como o filho que ama o pai obedece de bom grado a suas ordens, também o cristão cujo amor está sendo aperfeiçoado obedece com alegria às ordens de Deus.

Nesse ponto, é bom recapitular e compreender o significado prático do amor em processo de amadurecimento na vida diária. À medida que o amor pelo Pai torna-se mais maduro, há crescimento em confiança, e não há mais medo de fazer sua vontade. Há também honestidade mútua e se perde o medo da rejeição. Há, ainda, uma nova atitude diante da Palavra de Deus: ela é a expressão do amor de Deus, e existe

prazer em obedecer a ela. A confiança em Deus, a honestidade com o semelhante e a obediência alegre são as marcas do aperfeiçoamento do amor e os ingredientes para uma vida cristã feliz.

Também é possível ver como o pecado destrói tudo isso. Ao desobedecer a Deus, perde-se a confiança nele. Se o cristão não confessar seu pecado imediatamente e se não pedir o perdão de Deus (1 Jo 1:9), começará a fingir a fim de encobrir sua transgressão. A desobediência conduz à desonestidade, e ambas afastam o coração da Palavra de Deus. Em vez de ler a Bíblia com alegria para descobrir a vontade do Pai, ignora-se a Palavra ou, por vezes, lê-se a Bíblia de forma corriqueira.

O fardo da religião (seres humanos tentando agradar a Deus com as próprias forças) é extremamente pesado (ver Mt 23:4), mas o jugo que Cristo coloca sobre nós não é, de modo algum, penoso (Mt 11:28-30). O amor torna os fardos mais leves. Jacó teve de trabalhar sete anos para receber a esposa que amava, mas a Bíblia diz que “estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava” (Gn 29:20). O amor em aperfeiçoamento produz obediência alegre.

#### 4. VITÓRIA (1 JO 5:4, 5)

A deusa grega da vitória era Nike, e esse também é o nome de um tipo de míssil aéreo norte-americano. O termo grego *nike* (pronuncia-se “niqui”) significa, simplesmente, vitória. Mas qual é a relação entre a vitória e o amor cristão cada vez mais maduro?

Os cristãos vivem em um mundo real repleto de obstáculos tremendos. Não é fácil obedecer a Deus. É muito mais fácil seguir o fluxo do mundo e desobedecer a Deus, fazendo o que nos parece melhor.

Mas o cristão é “nascido de Deus”. Isso significa ter dentro de si a natureza divina, e ela é incapaz de desobedecer a Deus. “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo” (1 Jo 5:4). Quando a velha natureza está no controle, o cristão desobedece a Deus, mas quando sua nova natureza está no controle, obedece a Deus. O mundo ape-la para a velha natureza (1 Jo 2:15-17) e tenta

fazer os mandamentos de Deus parecerem pesados.

A vitória decorre da fé, e há crescimento na fé à medida que se cresce no amor. Quanto mais se ama uma pessoa, mais fácil é confiar nela. Quanto mais o amor por Cristo é aperfeiçoado, mais a fé em Cristo também o será, pois a fé e o amor devem amadurecer juntos.

João gostava do termo *vencer*; em 1 João 2:13, 14, refere-se à vitória sobre o diabo. O apóstolo usa essa palavra sete vezes em Apocalipse para descrever os cristãos e as bênçãos que recebem (Ap 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21). Não descreve uma categoria especial de cristão. Antes, usa o termo *vencedores* como designação do verdadeiro cristão. Ao nascer de Deus, somos vencedores.

Conta-se que um soldado do exército de Alexandre, o Grande, não lutava com bravura e sempre ficava para trás quando deveria avançar.

O grande general abordou-o e perguntou:

- Qual é seu nome, soldado?

- Meu nome é Alexandre - o homem respondeu.

O general olhou-o diretamente nos olhos e disse com firmeza:

- Ou você vai à luta ou muda de nome!

Qual é *nosso* nome? "Filhos de Deus - aqueles que são nascidos de novo e pertencem a Deus." Alexandre, o Grande, queria que seu nome fosse um símbolo de coragem; nosso nome traz consigo a certeza da vitória. Ser nascido de Deus significa ter parte na vitória de Deus.

É uma vitória de fé, mas fé em quê? Fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus! "Aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus" (1 Jo 5:5) vence o mundo. Não é a fé em nós mesmos, mas sim a fé em Jesus Cristo que nos dá a vitória. "No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16:33).

A identificação com Cristo em sua vitória traz à memória as diversas ocasiões em que aparece, na primeira epístola de João, a expressão "segundo [como] ele". "Segundo ele é, também nós somos neste mundo" (1 Jo 4:17). Devemos andar na luz, "como

ele está na luz" (1 Jo 1:7). Quem afirma permanecer nele deve portar-se como ele se portou (1 Jo 2:6). Seus filhos devem ser na Terra como ele é no céu. Tudo o que é preciso fazer é apropriar-se dessa posição maravilhosa *pela fé a agir* de acordo com ela.

Quando Jesus Cristo morreu, morremos com ele. Nas palavras de Paulo: "Estou crucificado com Cristo" (Gl 2:19). Quando Cristo foi sepultado, fomos sepultados com ele. E, quando ele ressuscitou, ressuscitamos com ele. "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Rm 6:4).

Quando Cristo subiu ao céu, subimos com ele e, agora, estamos assentados com ele nos lugares celestiais (Ef 2:6). E, quando Cristo voltar, participaremos de sua exaltação. "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3:4).

Todos esses versículos descrevem a posição espiritual do que crê em Cristo. Ao tomar posse dessa posição pela fé, participamos de sua vitória. Quando Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos, ele o fez "sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir [...] E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja" (Ef 1:20-22). Isso significa que, posicionalmente, todo filho de Deus tem o privilégio de assentar-se bem acima de todos os inimigos!

O lugar que a pessoa ocupa tem considerável influência sobre a autoridade que pode exercer. O que ocupa a cadeira de gerente exerce autoridade em âmbito restrito; o que ocupa a cadeira de vice-presidente exerce maior controle. Mas o que se assenta na cadeira do presidente exerce mais autoridade do que qualquer outro funcionário. Quer trabalhe em uma fábrica, quer em um escritório, ele é respeitado e obedecido em função do cargo que ocupa. Seu poder é determinado por sua posição, não por sua aparência pessoal nem pela forma de sentir-se.

O mesmo se aplica ao filho de Deus: sua autoridade é determinada por sua posição em Cristo. Quando aceitou a Cristo, identificou-se com ele por meio do Espírito Santo e passou a ser membro do corpo de Cristo (1 Co 12:12, 13). Sua vida pregressa foi sepultada, e ele foi ressuscitado para uma nova vida de glória. Em Cristo, está assentado no trono do universo!

Um veterano da Guerra Civil dos Estados Unidos vagava de um lugar para outro pedindo uma cama para dormir e um prato de comida, sempre falando sobre seu amigo, o "senhor Lincoln". As seqüelas dos ferimentos de combate não permitiam que ele trabalhasse normalmente, mas enquanto se esforçava para sobreviver, não parava de falar de seu amado presidente.

- Você diz que conheceu o presidente Lincoln - disse-lhe um cético. - Se isso é verdade, então prove!

Ao que o homem respondeu:

- Sem problemas. Eu tenho aqui um pedaço de papel que o próprio senhor Lincoln assinou e me entregou.

Tirou de sua velha carteira um pedaço de papel com várias dobras e mostrou para o homem.

- Não sei ler direito - desculpou-se -, mas sei que essa é a assinatura do senhor Lincoln.

Outra pessoa que estava por perto leu o que se encontrava escrito no papel e perguntou:

- Você sabe o que diz aqui? Você tem direito a uma excelente pensão do governo autorizada pelo presidente Lincoln. Não precisa viver como mendigo! Graças ao senhor Lincoln, você é um homem rico!

Parafaseando as palavras de João: "Vocês, cristãos, não precisam viver como derrotados, pois Jesus Cristo já os tornou vitoriosos! Ele já derrotou todos os inimigos, e vocês têm parte nessa vitória. Agora, apropriem-se dela *pela fé*".

O elemento essencial, obviamente, é a fé que, aliás, sempre foi a chave de Deus para a vitória. Os grandes homens e mulheres citados em Hebreus 11 conquistaram suas vitórias "pela fé". Creram na palavra de

Deus, agiram em função disso, e ele honrou sua fé e lhes deu vitória. Ter fé não é apenas *dizer* que a Palavra de Deus é verdadeira; ter fé é *agir* de acordo com a Palavra de Deus porque é verdadeira. Alguém disse que ter fé não é crer apesar das evidências, mas sim obedecer apesar das conseqüências.

A fé vitoriosa decorre de um amor cada vez mais maduro. Quanto mais conhecemos e amamos Jesus Cristo, mais fácil é confiar nele em meio às necessidades e batalhas da vida. É importante que esse amor em processo de amadurecimento torne-se habitual e prático na vida diária.

De que maneira o cristão experimenta esse tipo de amor e as bênçãos que fluem dele?

Em primeiro lugar, esse amor precisa ser cultivado. Não é resultante de uma amizade apenas razoavelmente bem-sucedida! Vimos em um estudo anterior que o cristão pode voltar a viver no mundo em estágios:

1. Desenvolve amizade com o mundo (Tg 4:4).
2. É contaminado pelo mundo (Tg 1:27).
3. Passa a amar o mundo (1 Jo 2:15-17).
4. Conformase com o mundo (Rm 12:2).

Nosso relacionamento com Jesus Cristo também se desenvolve em estágios.

**É preciso cultivar a amizade com Cristo.** Abraão "foi chamado amigo de Deus" (Tg 2:23), porque se separou do mundo e obedeceu a Deus. Sua vida não foi perfeita, mas nas ocasiões em que pecou, confessou seu pecado e voltou a andar com Deus.

**Essa amizade começará a influenciar nossa vida.** Ao ler a Palavra, orar e ter comunhão com Deus e com o povo de Deus, as virtudes cristãs começarão a se tornar visíveis em nossa vida. Nossos pensamentos serão mais puros; nossas conversas, mais significativas; nossos desejos, mais saudáveis. No entanto, não seremos transformados de modo instantâneo e total; será um processo gradativo.

**A amizade com Cristo e a semelhança cada vez maior com ele conduzirão a um amor mais profundo por ele.** No nível

humano, a amizade, *com freqüência*, conduz ao amor. No nível divino, a amizade deve conduzir ao amor. "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4:19). A Palavra de Deus revela o amor dele por nós, e a presença do Espírito Santo habitando em nós torna esse amor cada vez mais real para nós. Além disso, esse amor é praticado na obediência diária. O amor cristão não é uma emoção passageira, mas sim uma devoção permanente, um desejo profundo de agradar a Deus e de fazer sua vontade.

**Quanto mais conhecermos a Cristo, mais o amaremos, e, quanto mais o amarmos, mais semelhantes a ele nos tornaremos: "conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8:29).** É evidente que só nos tornaremos completamente conformes à imagem de Cristo ao encontrá-lo (1 Jo 3:1-3), mas devemos começar esse processo hoje.

Que maneira empolgante de viver! À medida que o amor de Deus é aperfeiçoado em nós, confiamos nele e, cada vez mais, deixamos de viver com medo. Uma vez que

o medo é lançado fora, é possível ser francos e honestos; não é preciso fingir. E, uma vez que o medo desaparece, a obediência aos mandamentos de Deus nasce do amor, não do terror. Descobrimos que seus mandamentos não são penosos. Por fim, ao viver nesse ambiente de amor, honestidade e obediência alegre, é possível encarar o mundo com fé vitoriosa e ser vencedores, não derrotados.

Esse processo não começa com uma experiência dramática e ousada, mas sim com a prática pessoal e tranqüila da oração. Pedro quis entregar a vida por Jesus, mas quando o Mestre pediu que ele orasse, Pedro adormeceu (Lc 22:31-33, 39-46). O cristão que começa o dia lendo a Palavra, meditando sobre ela e adorando a Cristo em oração e louvor experimenta esse amor que se aperfeiçoa cada vez mais.

O crescimento em amor ficará evidente não apenas para o cristão em particular, mas também para os que convivem com ele. Sua vida será marcada pela confiança, honestidade, obediência alegre e vitória.

## O QUE SABEMOS AO CERTO?

1 JOÃO 5:6-21

“**A**s únicas coisas certas na vida são a morte e os impostos.”

Benjamin Franklin escreveu essas palavras em 1789. É evidente que um homem culto como Franklin sabia da existência de diversas outras coisas tidas como certas. O cristão também conhece inúmeras certezas. Ao falar a respeito de verdade espiritual, os cristãos não temem dizer: “sabemos!” De fato, o verbo *saber* (traduzido, às vezes, por *conhecer*) é usado trinta vezes nesta pequena epístola de João, oito delas no último capítulo.

O ser humano anseia por segurança e está disposto até a envolver-se com coisas ocultas a fim de descobrir algo com certeza.

Um homem de negócios jantava com o pastor em um restaurante e lhe disse:

– Está vendo aqueles escritórios do outro lado da rua? Dentro deles trabalham alguns dos administradores mais influentes desta cidade. Muitos costumavam vir aqui com frequência para consultar uma cartomante. Ela não está mais por aqui, mas alguns anos atrás, era possível até sentir os milhões de dólares movimentando-se nesta sala, enquanto esses homens esperavam para consultar-se com ela.

A vida real é construída sobre certezas divinas encontradas em Jesus Cristo. O mundo pode acusar o cristão de ser orgulhoso e dogmático, mas isso não o impedirá de dizer: “eu sei!” Nestes últimos versículos da primeira epístola de João, há cinco certezas cristãs sobre as quais é possível construir a vida com toda segurança.

### 1. JESUS É DEUS (1 JO 5:6-10)

Em 1 João 5:1-5, a ênfase é sobre a fé em Cristo. A pessoa que crê em Jesus Cristo é

nascida de Deus e pode vencer o mundo. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é um requisito fundamental para a experiência cristã.

Mas *como* saber que Jesus Cristo é Deus? Alguns de seus contemporâneos chamaram-no de mentiroso e de enganador (Mt 27:63). Outros sugeriram que ele era um fanático religioso, um louco ou, talvez, um patriota judeu sincero mas completamente equivocado. As pessoas para as quais João escreveu estavam expostas à falsa doutrina, bem popular na época, de que Jesus era apenas um homem comum sobre o qual “o Cristo” manifestou-se no batismo, tendo sido deixado por ele na crucificação (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”), de modo que Jesus morreu como um ser humano qualquer.

A primeira epístola de João refuta essa falsa doutrina. Apresenta três testemunhas infalíveis para provar que Jesus é Deus.

**Primeira testemunha – a água.** Jesus “veio por meio de água e sangue”. A água refere-se a seu batismo no rio Jordão, quando o Pai dirigiu-se a ele do céu e disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3:13-17). No mesmo instante, o Espírito desceu sobre ele na forma de uma pomba e repousou sobre ele. Essa foi a atestação do Pai acerca do Filho no início do ministério de Jesus.

**Segunda testemunha – o sangue.** Mas o Pai deu outro testemunho quando se aproximava o tempo de Jesus morrer. Falou a Jesus audivelmente do céu e disse: “Eu já o glorifiquei [o meu nome] e ainda o glorificarei” (Jo 12:28). Além disso, o Pai testemunhou por meio de seu poder miraculoso quando Jesus estava na cruz: a escuridão sobrenatural, o terremoto e o rompimento do véu no templo (Mt 27:45, 50-53). Não é de se admirar que o centurião tenha exclamado: “Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mt 27:54).

Jesus não recebeu “o Cristo” em seu batismo e depois o perdeu na cruz. Nas duas ocasiões, Deus deu testemunho da divindade de seu Filho.

**Terceira testemunha – o Espírito.** O Espírito foi concedido para dar testemunho de



Cristo (Jo 15:26; 16:14). Pode-se crer no testemunho do Espírito “porque o Espírito é a verdade”. Nem você nem eu presenciamos o batismo e a morte de Jesus, mas o Espírito Santo estava lá. O Espírito Santo é a única Pessoa, ativa na Terra hoje, presente durante o ministério de Cristo aqui. O Pai é testemunha do passado, enquanto o testemunho do Espírito é testemunha hoje. O primeiro é exterior, enquanto o segundo é interior, e os dois são concordantes.

De que maneira o Espírito testemunha dentro do coração do cristão? “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8:15, 16). Seu testemunho é a certeza interior de que pertencemos a Cristo; não é algo “produzido” por nós, mas sim algo que Deus nos dá.

O Espírito também testemunha por meio da Palavra. Ao ler a Palavra de Deus, ele fala e ensina. Isso não se aplica aos não salvos (1 Co 2:14), mas apenas aos que crêem.

O cristão sente-se “em casa” quando está com o povo de Deus porque tem o Espírito habitando dentro de si. Essa é outra forma de o Espírito dar testemunho.

A Lei exigia três testemunhos para que uma questão fosse resolvida (Dt 19:15). O Pai testemunhou no batismo e na cruz, e o Espírito testemunha hoje dentro do cristão. O Espírito, a água e o sangue resolvem a questão: Jesus é Deus.

(A maioria dos estudiosos concorda que 1 João 5:7 não pertence à epístola original, mas sua exclusão não afeta em nada a doutrina ensinada nesta passagem.)

Uma vez que aceitamos o testemunho de homens, por que rejeitaríamos o testemunho de Deus?

É comum ouvir pessoas dizerem: “Gostaria tanto de ter fé!” Mas todo mundo vive pela fé! O dia todo, as pessoas confiam umas nas outras. Confiam no médico e no farmacêutico; confiam no cozinheiro do restaurante; confiam até no sujeito que dirige na faixa ao lado na avenida. Se somos capazes

de confiar em homens, o que nos impede de confiar em Deus? E não confiar nele é torná-lo mentiroso!

Jesus é Deus: essa é a primeira certeza do cristianismo, uma certeza fundamental para todo o resto.

## 2. OS CRISTÃOS TÊM A VIDA ETERNA (1 Jo 5:11-13)

A palavra-chave em 1 João 5:6-10 é *testemunho*. Deus deu testemunho de seu Filho, mas também deu testemunho de seus filhos – cada um dos cristãos. *Sabemos* que temos a vida eterna! Além do testemunho do Espírito dentro de nós, também temos o testemunho da Palavra de Deus. “Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 Jo 5:13).

A vida eterna é uma dádiva; não é algo conquistado por esforços próprios (Jo 10:27-29; Ef 2:8, 9). Essa dádiva é uma Pessoa: Jesus Cristo. A vida eterna é recebida não apenas de Cristo, mas também em Cristo. “Aquele que tem o Filho tem a vida” (1 Jo 5:12). Não é apenas “vida”, mas “a vida” – a “verdadeira vida” (1 Tm 6:19).

Essa dádiva é recebida pela fé. Deus registrou oficialmente em sua Palavra que oferece vida eterna aos que crêem em Jesus Cristo. Milhões de cristãos provaram que o registro de Deus é verdadeiro. Não crer é fazer Deus mentiroso e, se Deus é mentiroso, *nada* é certo.

Deus deseja que seus filhos *saibam* que pertencem a ele. João foi inspirado pelo Espírito a escrever seu Evangelho e a garantir que “Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (Jo 20:31). Escreveu esta epístola para que tenhamos certeza de que *nós* somos filhos de Deus (1 Jo 5:13).

Creio que convém recapitular as características dos filhos de Deus:

- “Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele” (1 Jo 2:29).
- “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado” (1 Jo 3:9).
- “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos” (1 Jo 3:14).

- “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1 Jo 4:7).

- “Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo” (1 Jo 5:4).

Se tivermos essas “marcas de nascença”, poderemos dizer com toda certeza que somos filhos de Deus.

Quando Sir James Simpson, o descobridor do clorofórmio, estava em seu leito de morte, um amigo lhe perguntou:

– Senhor, quais são suas especulações neste momento?

Ao que Simpson respondeu:

– Especulações! Não tenho especulação alguma! “Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia.”

### 3. DEUS RESPONDE ÀS ORAÇÕES (1 Jo 5:14, 15)

Uma coisa é saber que Jesus é Deus e que somos filhos de Deus; mas e quanto às necessidades e problemas da vida diária? Jesus ajudou as pessoas quando estava aqui na Terra; será que ele ainda as ajuda? Os pais humanos tomam conta dos filhos; será que o Pai celestial responde quando seus filhos o chamam?

Os cristãos são confiantes na oração, da mesma forma que são confiantes enquanto esperam o julgamento (1 Jo 2:28; 4:17). Como vimos, o termo *confiança* significa “liberdade de expressão”. Pode-se chegar ao Pai livremente e lhe falar de nossas necessidades.

É evidente que existem certas condições para isso.

Em primeiro lugar, o coração não deve nos condenar (1 Jo 3:21, 22). O pecado não confessado é um obstáculo sério ao recebimento de respostas de oração (Sl 66:18). É interessante observar que desentendimentos entre maridos e esposas cristãos podem ser um empecilho a suas orações (1 Pe 3:1-7). Se existe algo entre nós e outro cristão, é preciso resolver a questão (Mt 5:23-25). E a menos que o cristão permaneça em Cristo, suas orações não serão respondidas (Jo 15:7).

Em segundo lugar, é preciso orar segundo a vontade de Deus. “Faça-se a tua vontade” (Mt 6:10). Nas palavras de Robert Law: “A oração é um instrumento poderoso, não para conseguir que a vontade do homem seja feita no céu, mas para garantir que a vontade de Deus seja feita na Terra”. George Muller, que ofereceu a milhares de órfãos alimentos providos em resposta a orações, disse: “Orar não é vencer a relutância de Deus, mas sim se apropriar da disposição de Deus”.

Há ocasiões em que a única coisa a orar é: “Faça-se a tua vontade e não a minha”, pois simplesmente não sabemos qual é a vontade de Deus para uma questão. Mas, na maioria das vezes, é possível descobrir a vontade de Deus ao ler a Palavra, ouvir o Espírito (Rm 8:26, 27) e discernir as circunstâncias. A própria fé que demonstramos ao pedir algo a Deus é, muitas vezes, a prova de que ele quer conceder tal coisa (Hb 11:1).

A Bíblia contém muitas promessas das quais é possível apropriar-se. Deus prometeu suprir nossas necessidades (Fp 4:19) e não a nossa ganância! Quem obedece à vontade de Deus e precisar verdadeiramente de algo, ele a suprirá, a sua maneira e a seu tempo.

“Mas se é da vontade de Deus que eu tenha algo, por que preciso orar pedindo?” Porque a oração é o meio que Deus deseja usar para que seus filhos *obtenham* o que necessitam. Deus determina não apenas o fim, mas também o meio para alcançar esse fim: a oração. Quanto mais o cristão meditar sobre esse arranjo, mais claramente perceberá como ele é maravilhoso. Na verdade, a oração é o termômetro da vida espiritual. Quem deseja que Deus lhe supra as necessidades deve obedecer à ordem divina de andar junto dele.

João não diz: “Obteremos os pedidos que lhe temos feito”, mas sim: “Estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito” (ver 1 Jo 5:15). O verbo encontra-se no tempo presente. Talvez não se veja a resposta à oração de imediato, mas existe a certeza interior de que Deus já respondeu. Essa certeza, ou fé, é “a convicção de

fatos que se não vêem" (Hb 11:1). É Deus dando testemunho de que ouviu e respondeu.

A oração é para o ser espiritual aquilo que a respiração é para o ser físico. Se deixarmos de orar, começaremos a "esmorecer" (Lc 18:1). A oração não é apenas o que proferimos com os lábios, mas também o desejo do coração. "Orai sem cessar" (1 Ts 5:17) não significa que o cristão deva estar sempre orando em voz alta. Ninguém é ouvido pelas muitas palavras que diz (Mt 6:7). Antes, a oração incessante, bem como as palavras dos lábios, indicam a atitude do coração. O cristão que tem o coração firme em Cristo e que procura glorificá-lo ora constantemente, mesmo que não esteja consciente disso.

O conhecido pregador Charles Spurgeon trabalhava com afinco em uma mensagem, mas não conseguia concluí-la. Já era tarde, e sua esposa lhe disse:

- Por que você não vai para cama? Eu o chamo logo cedo, e você pode terminar o sermão pela manhã.

Spurgeon adormeceu e começou a pregar em voz alta o sermão que estava lhe dando tanta dor de cabeça! A esposa anotou tudo o que ele disse e, no dia seguinte, entregou as anotações ao pregador.

- Ora, era exatamente o que eu queria dizer! - exclamou o pregador, surpreso. A mensagem já estava em seu coração, só precisava ganhar expressão. O mesmo acontece com a oração. Se permanecermos em Cristo, Deus ouve até nossos desejos do coração, quer os expressemos audivelmente quer não.

As páginas da Bíblia e da história contêm inúmeros relatos de orações respondidas. A oração não é uma forma de auto-hipnose. Também não oramos porque isso nos faz sentir melhor. Oramos porque Deus ordenou que o fizéssemos e porque a oração é o meio determinado por Deus para que o cristão receba o que Deus deseja lhe dar. A oração mantém o cristão dentro da vontade de Deus, em uma posição em que pode servir e ser abençoado. Os cristãos não são mendigos, mas filhos de um Pai riquíssimo

que gosta de dar aos filhos o que eles necessitam.

Apesar de ser Deus encarnado, Jesus dependia da oração. Ele viveu na Terra da mesma forma que devemos viver: na dependência do Pai. Levantava logo cedo para orar (Mc 1:35), mesmo quando havia ficado acordado até tarde da noite curando multidões. Às vezes, passava a noite inteira em oração (Lc 6:12). No jardim do Getsêmani, orou "com forte clamor e lágrimas" (Hb 5:7). Também orou três vezes na cruz. Se o Filho de Deus, que não tinha pecado algum, precisava orar, quanto mais nós.

O mais importante na oração é a vontade de Deus. Deve-se gastar tempo para descobrir a vontade de Deus sobre uma questão, buscando na Bíblia promessas e princípios aplicáveis à situação. Uma vez conhecida a vontade de Deus, é possível orar com toda confiança e esperar que ele revele a resposta.

#### 4. OS CRISTÃOS NÃO PRATICAM O PECADO (1 JO 5:16-19)

"Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado" (1 Jo 5:18). "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado" (1 Jo 3:9). Não se trata, aqui, do pecado ocasional, mas sim do pecado habitual, da prática do pecado. Uma vez que o cristão possui uma nova natureza (a "divina semente"; 1 Jo 3:9), também possui novos anseios e apetites e não está interessado em pecar.

O cristão enfrenta três inimigos, e todos eles querem levá-lo a pecar: o mundo, a carne e o diabo.

"O mundo inteiro jaz no Maligno" (1 Jo 5:19), Satanás - o Deus desta era (2 Co 4:3, 4, tradução literal) e príncipe deste mundo (Jo 14:30). Ele é o espírito que opera nos filhos da desobediência (Ef 2:2).

Satanás usa vários artifícios para levar o cristão a pecar. Ele conta mentiras, como fez a Eva (Gn 3; 2 Co 11:1-3), e quando as pessoas crêem no que ele diz, desviam-se da verdade de Deus e lhe desobedecem. Satanás também pode infligir sofrimento físico, como fez com Jó e com Paulo (2 Co

12:7-9). No caso de Davi, Satanás usou o orgulho como arma e instigou-o a fazer um censo do povo e, desse modo, se rebelar contra Deus (1 Cr 21). Satanás é como uma serpente que engana (Ap 12:9) e como um leão que devora (1 Pe 5:8, 9). É um inimigo terrível.

Existe, ainda, o problema da *carne*, a velha natureza com a qual nascemos e que continua dentro de nós. Por certo, temos uma nova natureza (a "divina semente"; 1 Jo 3:9), mas nem sempre *nos entregamos* a ela.

O terceiro inimigo é o *mundo* (1 Jo 2:15, 17). É fácil entregar-se à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à soberba da vida! O ambiente em que vivemos torna difícil manter a mente pura e o coração fiel a Deus.

Então, *de que maneira* o cristão guarda-se do pecado?

A resposta está em 1 João 5:18: Jesus Cristo protege o cristão para que o inimigo não o toque. "Aquele [Cristo] que nasceu de Deus o guarda [o cristão], e o Maligno não lhe toca". Apesar de ser necessário o cristão guardar-se no amor de Deus (Jd 21), ele não deve depender de si mesmo para vencer Satanás.

A experiência de Pedro com Satanás ajuda a entender essa verdade com mais clareza. "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22:31, 32).

Em primeiro lugar, Satanás não pode tocar qualquer cristão sem a permissão de Deus. Satanás desejava peneirar *todos* os discípulos, e Jesus deu-lhe permissão. Mas Jesus orou especialmente por Pedro, e sua oração foi respondida. No final, apesar de a coragem de Pedro ter falhado, sua fé permaneceu firme. Pedro foi restaurado, tornando-se um servo poderoso e útil no trabalho de ganhar almas para Cristo.

Sempre que Satanás ataca, certamente Deus lhe deu permissão. E se Deus lhe deu permissão, também nos dará poder para vencer, pois jamais permite uma provação que vá além de nossas forças (1 Co 10:13).

Uma das características dos "jovens espirituais" é sua capacidade de vencer o maligno (1 Jo 2:13, 14). Qual é seu segredo? "A palavra de Deus permanece [neles]" (1 Jo 2:14). Uma das partes da armadura de Deus é a espada do Espírito (Ef 6:17), e essa espada derrota Satanás.

Quando o cristão peca, pode confessar seu pecado e ser perdoado (1 Jo 1:9). Mas o cristão não deve brincar com o pecado, "porque o pecado é a transgressão da lei" (1 Jo 3:4). A pessoa que pratica o pecado prova que pertence a Satanás (1 Jo 3:7-10). Além disso, Deus adverte que o pecado pode levar à morte física!

"Toda injustiça é pecado", mas alguns pecados têm conseqüências mais graves do que outros. *Todos* os pecados são abomináveis para Deus e também o devem ser para o cristão; mas alguns pecados são punidos com a morte. João relata (1 Jo 5:16, 17) o caso de um irmão (um cristão) cuja vida foi tirada por causa de seus pecados.

A Bíblia menciona pessoas que morreram por causa de seus pecados. Nadabe e Abiú, dois dos filhos do sacerdote Arão, morreram porque desobedeceram a Deus deliberadamente (Lv 10:1-7). Corá e seu clã opuseram-se a Deus e morreram (Nm 16). Acã foi apedrejado porque desobedeceu às ordens que Josué havia recebido de Deus em Jericó (Js 6 - 7). Um homem chamado Uzá tocou na arca e foi morto por Deus (2 Sm 6).

Há quem argumente que esses são exemplos do Antigo Testamento e que João escreve para cristãos do Novo Testamento que se encontram debaixo da graça.

Àquele a quem muito é dado, muito lhe será exigido. O cristão de hoje tem uma responsabilidade muito maior de obedecer a Deus do que os santos do Antigo Testamento. Temos a Bíblia completa, temos a revelação plena da graça de Deus e temos o Espírito Santo habitando dentro de nós para nos ajudar a obedecer a Deus. Mas há casos em que cristãos do Novo Testamento perderam a vida porque desobedeceram a Deus.

Ananias e Safira mentiram a Deus sobre sua oferta e ambos morreram (At 5:1-11).

Alguns cristãos de Corinto morreram por causa da forma de agir na Ceia do Senhor (1 Co 11:30). E 1 Coríntios 5:1-5 dá a entender que certo transgressor teria morrido, se não houvesse se arrependido e confessado seus pecados (2 Co 2:6-8).

Caso o cristão não julgue, confesse nem deixe o pecado, Deus precisará discipliná-lo. Esse processo é descrito em Hebreus 12:1-13, em que é sugerido que uma pessoa *que recusar* sujeitar-se ao Pai *não viverá* (Hb 12:9). Em outras palavras, Deus primeiro "dá umas palmadas" em seus filhos rebeldes e, se eles não se sujeitarem a sua vontade, poderá retirá-los do mundo para que a desobediência desses rebeldes não faça outros se desviarem nem envergonhe ainda mais o nome do Senhor.

O "pecado para a morte" não é um pecado *específico*, mas sim um *tipo* de pecado que conduz à morte. No caso de Nadabe e Abiú, foi sua presunção de exercer indevidamente o sacerdócio no santuário de Deus. No caso de Acã, foi a cobiça, e no de Ananias e Safira, a hipocrisia, tendo eles mentido até para o Espírito Santo.

Se um cristão vê um irmão cometer um pecado, deve orar por ele (1 Jo 5:16), pedir que ele confesse seu pecado e que volte a ter comunhão com o Pai. Mas se, ao orar, ele não sentir que está pedindo dentro da vontade de Deus (conforme a instrução em 1 Jo 5:14, 15), então não deve orar pelo irmão. "Tu, pois, não intercedas por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração, nem me importunes, porque eu não te ouvirei" (Jr 7:16).

Tiago 5:14-20 é, em certo sentido, paralelo a 1 João 5:16, 17. Tiago descreve um cristão enfermo, possivelmente por causa de seu pecado. Ele manda chamar os presbíteros; estes atendem e vão orar por ele. A oração da fé o cura e, se ele pecou, seus pecados são perdoados. A "oração da fé" é aquela feita dentro da vontade de Deus; conforme 1 João 5:14, 15, é orar "no Espírito Santo" (Jd 20).

Os cristãos não praticam o pecado deliberadamente. Possuem dentro de si a natureza divina; Jesus Cristo os guarda, e eles não querem que Deus precise discipliná-los.

## 5. A VIDA CRISTÃ É A VIDA REAL (1 Jo 5:20, 21)

Jesus Cristo é o Deus verdadeiro. Conhecemos *Aquele* que é verdadeiro e estamos *no* que é verdadeiro. Temos o que é real!

"Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna" (1 Jo 5:20). A *realidade* é um tema que aparece ao longo de toda a primeira epístola de João e do qual voltamos a ser lembrados nesta passagem.

É provável que João estivesse escrevendo a cristãos na cidade de Éfeso, uma cidade dedicada à idolatria. O templo de Diana, uma das maravilhas do mundo antigo, ficava em Éfeso, e a confecção e comercialização de ídolos era uma das principais ocupações dos efésios (At 19:21-41). Uma vez que se encontravam cercados pela idolatria, os cristãos de lá sofriam pressões tremendas para viver como o restante dos efésios.

Mas "sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus" (1 Co 8:4). Ou seja, um ídolo não possui existência real. O mais triste da idolatria é que uma imagem morta não pode fazer coisa alguma pelo adorador, pois não é verdadeira. Os escritores hebreus do Antigo Testamento chamavam os ídolos de "nada, coisas vãs, vapor, vazio". Um ídolo é um *substituto* inanimado e inútil do que é real.

Os Salmos condenam a idolatria com severidade (Sl 115:1-8; 135:15-18). Para os homens, os ídolos parecem reais - têm olhos, ouvidos, boca, nariz, mãos e pés -, mas não passam de imitações inúteis do que é real. Os olhos são cegos, os ouvidos são surdos, a boca é muda, as mãos e pés são inertes. O pior é que "[tornam]-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam" (Sl 115:8). As pessoas tornam-se semelhantes ao deus a quem adoram!

Esse é o segredo da vida real. Tendo conhecido o Deus verdadeiro por meio de seu Filho, Jesus Cristo, estamos em contato com a realidade. Nossa comunhão é com um Deus verdadeiro. Como vimos, a palavra "real" significa "original, que não é uma cópia" e

“autêntico, que não é uma imitação”. Jesus Cristo é a Luz verdadeira (Jo 1:9), o Pão verdadeiro (Jo 6:32), a videira verdadeira (Jo 15:1) e a própria Verdade (Jo 14:6). Ele é o Original; todas as outras coisas são cópias. Ele é o autêntico; todas as outras coisas não passam de imitações.

Os cristãos vivem em um ambiente de realidade. A maioria dos incrédulos vive em um ambiente de falsidade e de simulação. Os cristãos receberam discernimento espiritual para distinguir entre o verdadeiro e o falso, um discernimento que os incrédulos não possuem. Os cristãos não escolhem apenas entre o que é bom e o que mau, mas também entre o que é verdadeiro e o que é falso. Um ídolo representa o que é falso e vazio, e a pessoa que vive para os ídolos acaba se tornando, ela própria, falsa e vazia.

Hoje em dia, pouca gente prostra-se diante de ídolos de madeira e de metal. Ainda assim, existem outros ídolos que cativam sua atenção e afeição. A *avareza*, por exemplo, é idolatria (Cl 3:5). Um indivíduo pode idolatrar seu talão de cheques ou sua carteira de investimentos com o mesmo fervor que o chamado pagão adora seu ídolo repulsivo. “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4:10). *Adoramos aquilo a que servimos!* Tudo o que controla nossa vida e determina nossas ações é nosso deus.

Isso explica por que Deus adverte sobre o pecado da idolatria. Não é apenas uma transgressão de seu mandamento (Êx 20:1-6), mas também uma forma sutil de Satanás nos controlar. Quando “coisas” tomam o lugar de Deus na vida, há idolatria. Isso significa viver em função do que é *irreal* em vez de viver para aquilo que é *real*.

Para uma pessoa do mundo, a vida cristã é irreal e a vida mundana é real. Isso porque o indivíduo mundano vive em função do que pode ver e sentir (coisas), não do que Deus diz em sua Palavra. Um deus é uma *coisa* temporária, Jesus Cristo é o Deus eterno. “Porque as [coisas] que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas” (2 Co 4:18).

Como Moisés, o cristão “[permanece] firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11:27). A fé é “a convicção de fatos que se não vêem” (Hb 11:1). Noé nunca havia visto um dilúvio e, no entanto, pela fé, ele o “viu” chegando e fez o que Deus lhe ordenou. Abraão “viu” uma cidade e um país celestial pela fé e se dispôs a abrir mão de seu lar terreno para seguir a Deus. Todos os grandes heróis da fé citados em Hebreus 11 realizaram seus feitos porque “viram o invisível” pela fé. Em outras palavras, viveram em contato com a realidade.

O mundo gloria-se de seu esclarecimento, mas o cristão anda na *verdadeira* luz, pois Deus é luz. O mundo fala de amor, mas não sabe nada sobre o *verdadeiro* amor que o cristão experimenta, porque “Deus é amor”. O mundo exhibe sua sabedoria e conhecimento, mas o cristão vive na verdade, pois “o Espírito é verdade”. Deus é luz, amor e verdade, e, juntos, esses três elementos constituem a vida *real*.

“Não faz diferença em que a pessoa crê, desde que seja sincera!”

Essa desculpa tão comum nem merece refutação. Será que faz alguma diferença aquilo em que o farmacêutico, o médico ou o engenheiro químico crêem? Faz toda a diferença do mundo!

Derrame uma lágrima por Jimmy Brown;

O pobre Jimmy se foi.

Pois o que pensou ser H<sub>2</sub>O,

Era H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub>!

(H<sub>2</sub>O = água; H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub> = ácido sulfúrico)

A experiência dos cristãos é: “deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1 Ts 1:9). Os ídolos não têm vida, mas Cristo é o Deus vivo. Os ídolos são falsos, mas Cristo é o Deus verdadeiro. Esse é o segredo da vida *real*!

Assim, a admoestação de João: “guardai-vos dos ídolos” pode ser parafraseada assim: “Atentem para as imitações e para tudo o que é artificial e sejam autênticos!”

# 2 João

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Amar e viver a verdade

**Versículo-chave:** 2 João 4

### I. INTRODUÇÃO – vv. 1-3

### II. PRATICAR A VERDADE – vv. 4-6

### III. PROTEGER A VERDADE – vv. 7-11

### IV. CONCLUSÃO – vv. 12, 13

## CONTEÚDO

1. Uma família fiel  
(2 Jo)..... 685

## UMA FAMÍLIA FIEL

### 2 JOÃO

Os mestres apóstatas não só invadiam a igreja como também tentavam influenciar os lares cristãos. Tito enfrentou esse problema em Creta (Tt 1:10, 11) e Timóteo em Éfeso (2 Tm 3:6). A condição dos lares determina a condição da igreja e do país; portanto, a família é um alvo importante na guerra de Satanás contra a verdade.

A destinatária desta carta sucinta é uma mulher piedosa e seus filhos. De acordo com alguns estudiosos, a “senhora eleita” é uma referência à igreja local e os “seus filhos” são os cristãos que se reúnem na igreja. A “tua irmã eleita” (2 Jo 13) seria, então, uma referência à igreja irmã que envia saudações cristãs.

Apesar de ser verdade que, nesta epístola, João se dirige a um grupo (observar o uso do plural em 2 Jo 6, 8, 10, 12), também é fato que ele se dirige a um indivíduo (2 Jo 1, 4, 5, 13). Talvez a solução seja considerar que uma congregação de cristãos costumava reunir-se nesse lar com a família da “senhora eleita”, de modo que João escreve tanto para a família quanto para a congregação (ver Rm 16:5; 1 Co 16:19; Cl 4:15; Fm 2). Sua preocupação é que essa mulher piedosa não permita a entrada de qualquer coisa falsa em sua casa (2 Jo 10) ou congregação.

O tom predominante desta pequena epístola é a amizade e a alegria, misturadas, porém, com preocupação e advertências.

A fim de manter o lar fiel a Cristo, devemos ter as mesmas características que essa família para a qual João escreve.

### 1. DEVEMOS CONHECER A VERDADE (2 Jo 1-3)

João usa o termo “verdade” quatro vezes nesta saudação, de modo que se trata de uma palavra importante. Seu significado básico é “realidade”, contrastado com a mera aparência, o *absoluto* que serve de alicerce a tudo o que se vê ao redor. Jesus Cristo é “a verdade” (Jo 14:6), e a Palavra de Deus “é a verdade” (Jo 17:17). Deus revelou a verdade na Pessoa de seu Filho e nas páginas de sua Palavra. Ele deu o “Espírito da verdade” para ensinar e capacitar o cristão a conhecer a verdade (Jo 14:16, 17; 16:13).

Mas a verdade não é apenas uma revelação objetiva do Pai, é também uma experiência subjetiva na vida pessoal. Não se pode apenas *conhecer* a verdade, mas é possível “amar na verdade” e viver “por causa da verdade”. A verdade “permanece em nós e conosco estará para sempre”. Isso significa que “conhecer a verdade” é mais do que concordar com um conjunto de doutrinas, apesar de tal aquiescência ser importante. Significa que a vida do cristão é controlada pelo amor à verdade e por um desejo de engrandecer a verdade.

João começa sua carta com essa observação acerca da “verdade”, pois havia falsos mestres circulando pelas igrejas e espalhando mentiras. O apóstolo chama-os de enganadores e de anticristos (2 Jo 7). João não acreditava que todos os ensinamentos religiosos sejam verdadeiros e que não se deve fazer críticas, desde que as pessoas sejam sinceras. Para ele, havia uma grande diferença – aliás, uma diferença mortal – entre verdade e mentira, e ele não tolerava mentiras.

Uma vez que a verdade estará conosco para sempre, devemos, certamente, conhecê-la melhor no presente e aprender a amá-la. Claro que toda a verdade gira em torno de Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, com o qual viveremos para sempre (Jo 14:1-6). É maravilhoso contemplar o fato de que passaremos a eternidade cercados da verdade, crescendo no conhecimento da verdade e servindo ao Deus da verdade.



De que maneira essa senhora e seus filhos conheceram a verdade e se tornaram filhos de Deus? Por meio da graça e misericórdia de Deus (2 Jo 3). Deus é rico em misericórdia e graça (Ef 2:4, 7), e as canalizou para nós em Jesus Cristo. A salvação não é dada pelo amor de Deus, mas sim pela graça de Deus, que é “o amor que pagou um preço” (ver Ef 2:8, 9). Deus ama o mundo todo, mas nem por isso o mundo todo é salvo. Somente os que recebem sua graça abundante são salvos do pecado.

Quando recebemos graça e misericórdia de Deus, experimentamos sua paz. “Justificados [declarados justos], pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5:1). Deus não está em guerra com os pecadores perdidos; são os pecadores que estão em guerra com Deus (Rm 5:10; 8:7). Deus foi reconciliado com os pecadores pela obra de Cristo na cruz. Agora, os pecadores devem arrepende-se e se reconciliar com Deus pela fé em Jesus Cristo (2 Co 5:14-21).

É bastante significativo observar que João afirma a divindade de Jesus Cristo logo no início de sua segunda epístola. Ele o faz associando “o Senhor Jesus Cristo” a “Deus o Pai”. Suponhamos que 2 João 3 dissesse: “de Deus o Pai e do profeta Amós”. O leitor responderia no mesmo instante: “Amós não deve ser associado ao nome do Pai dessa maneira! Dá a impressão de que Amós é igual a Deus!”

Mas é exatamente esse o motivo pelo qual João coloca o Pai e o Filho juntos: ambos são, igualmente, Deus! Em seguida, para se certificar de que seus leitores entenderão a ênfase, João acrescenta “o Filho do Pai”. É impossível separar os dois. Se Deus é o Pai, então deve ter um Filho; Jesus Cristo é esse Filho. “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai” (1 Jo 2:23).

Vários falsos mestres argumentam: “Mas Jesus é ‘filho de Deus’ da mesma forma que somos filhos de Deus, feitos à imagem de Deus! Quando Jesus afirmou ser Filho de Deus, não estava, de fato, dizendo que era Deus”. Mas, quando Jesus disse aos judeus: “Eu e o Pai somos um”, eles ameaçaram apedrejá-lo, pois

consideraram que ele havia blasfemado! “Pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (Jo 10:30-33). Sabiam a que ele se referia ao se chamar de “Filho de Deus” e afirmar ser igual a Deus.

A fé cristã permanece ou desaparece de acordo com a doutrina da divindade de Jesus Cristo. Se ele não passa de um homem, por mais talentoso ou singular que seja, não é capaz de salvar. Se ele não é Deus em carne humana, a fé cristã é um conjunto de mentiras – e não a verdade –, e João começa sua carta com a ênfase errada.

O grande estadista norte-americano Daniel Webster estava em Boston jantando com um grupo de homens importantes, alguns dos quais de tendência unitária (os unitários negam a Trindade e a divindade tanto do Filho quanto do Espírito). Quando o tema da religião veio à baila, Webster afirmou com toda ousadia sua crença na divindade de Jesus Cristo e em sua obra expiatória.

– Mas, Sr. Webster – disse um dos homens –, o senhor é capaz de compreender de que maneira Cristo poderia ser Deus e homem ao mesmo tempo?

– Não, meu senhor, não posso compreender – respondeu Webster. – Se pudesse compreendê-lo, ele não seria maior do que eu, e, a meu ver, preciso de um Salvador sobre-humano!

Para que os lares e as igrejas sejam fiéis a Cristo e se oponham aos falsos mestres, é preciso conhecer a verdade. De que maneira se aprende a verdade? Estudando com cuidado a Palavra de Deus e permitindo que o Espírito nos ensine; ouvindo pessoas fiéis à fé e, em seguida, colocando em prática o que aprendemos. Além de *aprender* a verdade com a mente, deve-se também *amar* a verdade com o coração e *viver* a verdade pela volição. O ser como um todo deve sujeitar-se à verdade.

Como é importante os pais ensinarem os filhos a amar a verdade! Agradecemos a Deus pelas escolas dominicais e colégios cristãos, mas, em última análise, é o lar que deve instilar nas crianças o amor pela verdade e o conhecimento da verdade de Deus.

## 2. DEVEMOS ANDAR NA VERDADE (2 Jo 4-6)

"Andar na verdade" significa obedecer a ela e permitir que controle todas as áreas da vida. Este parágrafo começa e termina com uma ênfase sobre a obediência, sobre andar na verdade. É muito mais fácil estudar a verdade ou até mesmo discuti-la do que colocá-la em prática! Aliás, por vezes, os cristãos zelosos desobedecem à verdade pela própria maneira de tentar defendê-la.

Quando eu era pastor em Chicago, havia um rapaz que costumava ficar na calçada em frente à igreja distribuindo panfletos que condenavam vários líderes evangélicos com os quais eu tinha amizade. É evidente que eu não podia impedir o homem de entregar os panfletos, de modo que instruí os membros da igreja a pegarem o maior número possível de cópias e destruí-las!

Um dos membros de nossa congregação resolveu seguir o rapaz um dia e o viu andar até um parque da vizinhança, sentar-se à sombra de uma árvore e acender um cigarro! Poucos minutos antes, havia gritado repetidamente na frente da igreja:

- Estou lutando contra os fundamentalistas e não me envergonho disso!

Imagino que a maioria dos fundamentalistas que conheço se envergonhariam dele. Esse rapaz pensava estar promovendo a verdade e se opondo a mentiras e, no entanto, ele próprio não andava na verdade. Por meio de suas ações e de atitudes agressivas negava a verdade que queria defender.

**A alegria do apóstolo (v. 4a).** O apóstolo alegra-se porque a senhora eleita e seus filhos andam na verdade. Mas João não conhecia todos eles; a tradução literal é "alguns dos teus filhos". Durante uma de suas viagens, João encontrou-se com alguns dos filhos dela e viu como andavam em obediência ao Senhor. "Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3 Jo 4). Não há motivo para crer que João estivesse insinuando que outros filhos haviam se desviado e seguido falsos mestres. Se, ao falar de "filhos", João inclui os membros dessa "igreja domiciliar",

é possível que alguns membros dessa congregação tenham deixado o grupo e se juntado a impostores.

Sem dúvida, é motivo de grande alegria para o Pai ver os filhos obedecendo à sua vontade. Sei pessoalmente o que representa para o pastor ter uma congregação que se submete à Palavra e que faz a vontade de Deus. Poucas coisas são mais tristes para um pastor do que um membro desobediente e rebelde que se recusa a sujeitar-se à Palavra de Deus.

Quando o grande pregador batista Charles Spurgeon era menino, vivia com o avô, que pastoreava uma igreja em Stambourne, na Inglaterra. Um membro da igreja chamado Roads costumava freqüentar o bar local, onde bebia cerveja e fumava, uma conduta que entristecia o pastor profundamente.

Um dia, o jovem Charles disse ao seu avô:

- Eu vou matar o velho Roads, vou sim! Não vou fazer nada de mal, mas vou matá-lo, sim senhor!

O que o jovem Spurgeon fez? Confrontou Roads no bar com as seguintes palavras:

- Que fazes aqui, Elias? Assentado com os ímpios, você, um membro da igreja, entristecendo o seu pastor. Eu me envergonho de você! Tenho certeza que eu não entristeceria o coração de meu pastor!

Não demorou muito e Roads apareceu na casa do pastor para confessar seu pecado e pedir perdão pelo seu comportamento. De fato, o jovem Spurgeon o "matou"!

**O argumento do apóstolo (v. 4b).** Ele argumenta que Deus ordenou que andássemos em verdade e amor. A palavra "mandamento" é usada quatro vezes nesses poucos versículos. Os mandamentos de Deus *enfocam* "a verdade" sobre áreas específicas da vida. É preciso cuidado para "a verdade" não parecer vaga e geral, mas "os mandamentos" tornam a verdade específica e obrigatória.

Convém observar que os mandamentos são dados pelo "Pai". Cada mandamento é uma expressão de amor, não apenas uma lei. A vontade de Deus é a revelação do coração de Deus (Sl 33:11), não apenas de sua mente. Em decorrência disso, a

obediência à Palavra deve ser uma revelação de *amor*, não uma expressão de medo. "Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos" (1 Jo 5:3).

Os falsos mestres tentam fazer os mandamentos de Deus parecerem severos e difíceis e, então, oferecem a seus convertidos a "verdadeira" liberdade (2 Pe 2:19). Mas a maior liberdade possível encontra-se na obediência à vontade perfeita de Deus. Nenhum cristão que ama a Deus poderia considerar seus mandamentos severos e insuportáveis.

**O apelo do apóstolo (vv. 5, 6).** João desejava que a senhora eleita e sua família amassem uns aos outros, e seu apelo também se aplica a nós. "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros" (Jo 13:34). Mas João escreve que esse não é um novo mandamento (ver 1 Jo 2:7-11). Trata-se de uma contradição?

Por certo, o mandamento "Amai-vos uns aos outros" não é cronologicamente novo, pois até mesmo os israelitas do Antigo Testamento deveriam amar o próximo (Lv 19:18, 34) e os estrangeiros que viviam no meio deles (Dt 10:19). Mas, com a vinda do Filho de Deus à Terra, esse mandamento é novo em termos de ênfase e de exemplo. Jesus Cristo deu nova ênfase ao amor fraternal e o exemplificou em na vida. Também é uma nova experiência, pois temos o Espírito Santo de Deus habitando em nós e nos capacitando a obedecer. "Mas o fruto do Espírito é: amor" (Gl 5:22; cf. Rm 5:5).

É possível *ordenar* que se ame? Ao entender o verdadeiro caráter do amor cristão, vê-se que sim. Muitas pessoas têm a idéia equivocada de que o amor cristão é um sentimento, um tipo especial de "emoção religiosa" que faz buscar e aceitar o outro. Sem dúvida, o amor cristão envolve emoções, mas, em sua essência, é *um ato da volição*. Significa simplesmente tratar o semelhante da mesma forma que Deus nos trata! Na verdade, é possível até amar pessoas de quem não "gostamos".

Talvez não sejamos capazes de determinar as emoções pela vontade o tempo todo, mas é possível exercer a vontade sobre

atitudes e ações. Quando alguém for ríspido, retribuimos sendo gentis. Quando nos perseguirem, vamos orar e, se houver oportunidade, fazer-lhes o bem. Seguindo os sentimentos, é bem provável que acabemos nos vingando! Mas se pedirmos que o Espírito controle nossa volição, agiremos da mesma forma que Jesus agiria: em amor cristão.

João prossegue explicando que o amor e a obediência devem andar juntos (2 Jo 6). É impossível separar o relacionamento com Deus do relacionamento com as pessoas. Quem diz que ama a Deus mas odeia o irmão pode estar certo de que não ama a Deus de fato (1 Jo 4:20). Quem obedece a Deus, é aperfeiçoado nele o amor, e não terá problemas em amar o irmão (1 Jo 2:3-5).

Ao recapitular este parágrafo, é possível observar a presença de três temas entrecidos: a verdade, o amor e a obediência. Somos salvos ao crer na verdade – em Cristo e na Palavra. Essa salvação torna-se evidente no amor e na obediência, mas o amor e a obediência são fortalecidos à medida que se cresce no conhecimento da verdade. Dizemos a verdade em amor (Ef 4:15) e obedecemos aos mandamentos de Deus porque o amamos. A obediência permite aprender mais da verdade (Jo 7:17), e quanto mais da verdade aprendemos, mais amamos a Jesus Cristo, a Verdade!

Em lugar de viver em um "círculo vicioso", vivemos em um "círculo vitorioso" de amor, verdade e obediência!

### 3. DEVEMOS PERMANECER NA VERDADE (2 Jo 7-11)

João passa de uma verdade animadora para a oposição à mentira. Como Pedro, adverte que existem enganadores no mundo. O termo "enganador" abrange muito mais do que o ensino de falsas doutrinas. Refere-se, também, a conduzir as pessoas a viver de modo errado. João já deixou claro que a *verdade* e a *vida* andam juntas. As convicções determinam o comportamento. Doutrinas erradas sempre são acompanhadas de um modo de vida errado.

De onde vinham esses falsos mestres? "Muitos enganadores saíram para o mundo"

(tradução literal). Saíram *da igreja!* Em outros tempos, haviam professado crer na “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), mas se desviaram dessa fé e abandonaram a verdade e a igreja. “Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos” (1 Jo 2:19). “Dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles” (At 20:30).

A vigilância espiritual constante é absolutamente necessária para proteger uma família ou igreja local dos ataques traiçoeiros dos falsos mestres. Um pastor muito bem-sucedido comentou comigo:

– Se eu tirasse os olhos desta obra por vinte e quatro horas e parasse de orar, ela seria invadida em dois tempos.

Ele não estava enfatizando a própria importância (apesar de pastores piedosos serem essenciais para as igrejas consagradas), mas sim a importância da diligência e da vigilância.

Convém observar que havia muitos enganadores! Por quê? 2 Pedro 2:2 dá a resposta: “E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade”. Creio que foi Mark Twain quem disse que uma mentira dá a volta ao mundo enquanto a verdade ainda está calçando os sapatos. A natureza humana decaída deseja crer em mentiras e resiste à verdade de Deus. Vimos em 2 Pedro 2 os métodos desonestos que os apóstatas usam para seduzir as pessoas incautas e instáveis. Não é de se admirar que sejam bem-sucedidos!

Esses enganadores também são “anticristos” (ver 1 Jo 2:18-29). O prefixo grego *anti* significa “no lugar de” e “contra”. Esses mestres são *contra* Cristo, pois negam que ele é Deus vindo em carne (ver 1 Jo 4:1-6). Não apenas negam a verdade, como também oferecem a seus convertidos um “Cristo substituto” que não é o Cristo da verdadeira fé cristã. A primeira pergunta a fazer para qualquer mestre é: “o que pensa de Cristo? Ele é Deus vindo em carne?” Se ele hesitar ou se negar que Jesus é Deus vindo em carne, pode-se ter certeza de que se trata de um falso mestre.

Certa vez, estava pregando em Carrubers Close Mission, em Edimburgo, na Escócia, quando fui abordado por um rapaz antes de a reunião começar.

– Você acredita no nascimento virginal de Jesus Cristo? – perguntou ele. Respondi enfaticamente que sim e, então, preguei que Jesus Cristo é o Filho de Deus vindo em carne. Apesar de não ter gostado da atitude arrogante do rapaz, apreciei sua preocupação em saber se o homem que ocuparia o púlpito “permanecia na verdade”.

*Permanecer na verdade* significa permanecer fiel às doutrinas fundamentais da fé cristã. Os falsos mestres haviam se afastado da verdade e da comunhão da igreja e, portanto, eram perigosos. João ressalta três perigos que a igreja e seus membros enfrentam por causa dos enganadores no mundo.

**O perigo de retroceder (v. 8).** Trata-se do perigo de perder o que já foi obtido. Os falsos mestres dizem oferecer algo que não temos, quando, na realidade, tiram algo que já possuímos!

Satanás é ladrão, e seus ajudantes seguem seu exemplo. João desejava que seus leitores recebessem o “completo galardão”, expressão equivalente a 2 Pedro 1:11, uma entrada amplamente suprida no reino eterno. Como é triste quando os servos de Deus trabalham fielmente para edificar uma igreja e sua obra é destruída por ensinamentos falsos! Não é de se admirar que Paulo tenha escrito às congregações da Galácia: “Receio de [por] vós tenha eu trabalhado em vão para convosco” (Gl 4:11).

Kenneth Wuest traduz 2 João 8 assim: “Não percam as coisas que já realizamos”. Os membros da igreja devem respeitar o trabalho dos pastores e mestres fiéis e fazer tudo para proteger e avançar essa obra. Um dia, os servos de Deus terão de prestar contas de seus ministérios e desejam trabalhar “com alegria e não gemendo” (Hb 13:17). Quando a igreja retrocede e perde o que havia obtido, também perde parte da recompensa do tribunal de Cristo. É essencial apagar-se à verdade da Palavra de Deus!

**O perigo de avançar (v. 9).** O perigo, aqui, é de ir além dos limites das Escrituras e

fazer acréscimos à Palavra de Deus. O termo traduzido por "ultrapassar" significa "ir longe demais, passar dos limites definidos". Trata-se de um falso progresso! Os apóstatas querem levar a crer que são "progressistas", quando, na verdade, sua igreja encontra-se estagnada. Convidam a fazer parte de seu grupo, pois têm algo "novo e empolgante" para compartilhar. Mas a natureza de seu "progresso" os leva a abandonar a doutrina de que Jesus Cristo é o Filho de Deus vindo em carne.

Cinqüenta anos atrás, a imprensa norte-americana foi inundada de notícias sobre a "controvérsia entre modernistas e fundamentalistas". Os que se apegavam à verdadeira fé opunham-se ao "modernismo" nas principais denominações e procuravam trazer as escolas e a liderança dessas denominações de volta ao cristianismo histórico. Os "progressistas" chamavam a si mesmos de "modernistas", quando, na verdade, não havia coisa alguma de "moderna" em sua negação da doutrina cristã. Essa negação é tão antiga quanto a igreja! Um dos líderes modernistas, Harry Emerson Fosdick, disse em um de seus sermões: "O fundamentalismo ainda está presente em nosso meio, mas apenas em segundo plano". Se ainda estivesse vivo hoje, não faria tal declaração. Hoje, as maiores escolas dominicais, igrejas, seminários e missões apegam-se às doutrinas fundamentais.

Quem não permanece na verdadeira doutrina não tem nem o Pai nem o Filho. É impossível honrar o Pai e ignorar o Filho (ou dizer que ele é apenas um homem) ao mesmo tempo. "A fim de que todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou" (Jo 5:23). A "teologia progressista" que nega Cristo não tem nada de progressista; antes, é uma teologia retrógrada, que remete a Gênesis 3:1: "É assim que Deus disse?"

No entanto, ao dar essa advertência, João não condena o "progresso" em si. "O Senhor ainda tem mais luz a fazer resplandecer de sua Palavra". Deus deu o Espírito Santo para nos ensinar e para nos levar a uma

nova compreensão e aplicação da verdade (Jo 16:12-16), e devemos crescer sempre (2 Pe 3:18).

Mas se o "aprendizado" afastar-nos das doutrinas fundamentais e da Pessoa e obra de Jesus Cristo, entraremos em território perigoso.

**O perigo de condescender (vv. 10-13).** João adverte a família (e a igreja em sua casa) a não receber os falsos mestres que os visitavam, desejando ter comunhão com eles e talvez até desfrutar sua hospitalidade. A hospitalidade era um ministério cristão extremamente importante naquela época, pois havia poucas hospedarias onde os viajantes poderiam descansar com segurança, especialmente cristãos que desejavam manter-se afastados das influências perniciosas do mundo. Os cristãos são admoestados a abrir seu lar para visitantes (Rm 12:13; 1 Tm 3:2; 5:3-10; Hb 13:2; 1 Pe 4:8-10).

Também havia pastores e mestres itinerantes que precisavam de hospedagem (3 Jo 5-8). Os cristãos que ofereciam sua hospitalidade a esses servos de Deus eram "cooperadores da verdade", mas os que ajudavam falsos mestres participavam de suas obras perversas. A doutrina de Jesus Cristo serve de teste para a verdade, de base para a comunhão e de vínculo para a cooperação mútua.

Sem dúvida, esse princípio ainda se aplica hoje. Não é raro pessoas que se dizem cristãs baterem a nossa porta tentando mostrar fitas cassete ou vender revistas e livros. É preciso discernimento. Se não concordarem com a verdadeira doutrina de Cristo, não devem ser recebidas.

Por que João era tão inflexível quanto a essa questão? Porque não queria que qualquer um dos filhos de Deus: (1) desse a um falso mestre a impressão de que sua doutrina herética era aceitável; (2) fosse contaminado pelo contato e possível amizade com um falso mestre; e (3) desse ao falso mestre munção para usar no próximo lugar onde parasse. Ao receber em casa o membro de uma seita, posso dar a ele a oportunidade de dizer a meus vizinhos:

- Não há motivos para vocês não me deixarem entrar. Afinal, o pastor Wiersbe

me recebeu em sua casa, e tivemos uma conversa maravilhosa!

Minha desobediência poderia levar outra pessoa à destruição.

É preciso deixar claro que João não diz que só se deve receber convertidos em casa! O "evangelismo por amizade" ao redor da mesa é um modo maravilhoso de ganhar pessoas para Cristo. Os cristãos devem ser bons vizinhos e se mostrar hospitaleiros. O apóstolo admoesta a não receber nem incentivar falsos mestres que representam grupos anticristãos, pessoas que deixaram a igreja e que, agora, tentam seduzir outros para longe da verdade. Com certeza, os apóstatas usam todas as oportunidades possíveis para conseguir o apoio de cristãos verdadeiros.

Existe uma tradição sobre o apóstolo João que ilustra sua posição com respeito às falsas doutrinas. Um dia, quando vivia em Éfeso, João foi à casa de banho pública, onde

encontrou Cerinto, o líder de uma seita herética. João saiu correndo do edifício para que o local não fosse destruído pelo julgamento de Deus! Cerinto ensinava que Jesus era filho biológico de José e Maria, não Deus vindo em carne.

As últimas palavras de João (2 Jo 12, 13) são quase idênticas a sua despedida em 3 João e não exigem maiores explicações. No entanto, expressam a importância da comunhão cristã e a alegria que deve trazer ao coração (ver 1 Jo 1:4). É maravilhoso receber cartas, mas é ainda mais maravilhoso receber o povo de Deus em casa e no coração.

Esta pequena epístola escrita para uma mãe cristã e sua filha (e, talvez, para a igreja que se reunia em seu lar) é uma pérola da correspondência sagrada. No entanto, não se deve esquecer que sua ênfase principal é a necessidade de permanecer alertas. O mundo está cheio de enganadores!

# 3 JOÃO

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Ter um bom testemunho na igreja

**Versículo-chave:** 3 João 3

**I. GAIO, UM CRISTÃO AMADO -  
VV. 1-8**

**II. DIÓTREFES, UM CRISTÃO  
ORGULHOSO - VV. 9, 10**

**III. DEMÉTRIO, UM CRISTÃO  
EXEMPLAR - VV. 11, 12**

**IV. CONCLUSÃO -  
VV. 13, 14**

## CONTEÚDO

1. É a verdade  
(3 Jo)..... 693

# É A VERDADE

## 3 JOÃO

**A** batalha em defesa da verdade e contra a apostasia é travada não apenas no lar (2 Jo), mas especialmente na igreja local, onde entra em cena 3 João. Esta pequena carta (a epístola mais curta do Novo Testamento no texto original grego) permite vislumbrar uma congregação primitiva com seus membros e problemas. Ao ler esta carta sucinta, é possível observar que os tempos não mudaram tanto assim. Há pessoas e problemas semelhantes hoje.

Uma das palavras-chave desta carta é *testemunho* (3 Jo 3, 6, 12). Refere-se não apenas às palavras ditas, mas também à vida. Todo cristão é uma testemunha - para melhor ou para pior. Ou colaboramos com a verdade (3 Jo 8) ou lhe servimos de empecilho.

Esta carta é dirigida a Gaio, um dos líderes da congregação. Mas, nestes versículos, João também trata de dois outros homens: Diótrefes e Demétrio. Onde há pessoas, há problemas - e o potencial para *resolver* problemas. Cada um de nós deve se perguntar com honestidade: "sou parte do problema ou da solução?"

Consideremos agora os três homens desta carta, observando que tipo de cristãos eram.

### 1. GAIO: O MOTIVADOR (3 JO 1-8)

Não há dúvida de que o apóstolo João tinha grande amor por esse homem! Ele o chama de "amado" em sua saudação e em 3 João 5. É pouco provável que este fosse apenas um tratamento formal, como quando escrevemos "Prezado sr. Jones" (mesmo quando nem conhecemos o sr. Jones pessoalmente!). O texto de 3 João 4 sugere a

possibilidade de Gaio haver se convertido pelo ministério de João, e é evidente que as pessoas que levamos a Cristo são especialmente preciosas para nós. No entanto, o apóstolo amado considerava todos os cristãos seus "Filhinhos" (1 Jo 2:1, 12, 18), de modo que não se pode levar essa idéia longe demais.

Se Gaio fosse membro de uma igreja de meu pastoreio, sem dúvida eu não teria dificuldade em amá-lo! Vejamos as qualidades pessoais desse homem de grande caráter.

**Saúde espiritual (v. 2).** É possível que João esteja dando a entender que seu amigo não passava bem e que o apóstolo orava pela restauração de sua saúde: "Desejo que seja tão saudável na vida quanto o é na espiritual!" Se esse é o caso, comprova que é possível ser espiritualmente saudável mesmo estando fisicamente enfermo. No entanto, esse tipo de saudação era bastante comum na época, de modo que não se deve dar-lhe ênfase excessiva.

Contudo, fica claro que Gaio era um homem cuja "saúde espiritual" era visível a todos. "Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia" (2 Co 4:16). A saúde física é decorrente de boa nutrição, exercícios, higiene e de uma vida regrada e equilibrada. A saúde espiritual é decorrente de fatores semelhantes. É preciso alimentar-se da Palavra e usar seus nutrientes no exercício da piedade (1 Tm 4:6, 7). Deve-se manter a pureza (2 Co 7:1) e evitar a contaminação e poluição do mundo (2 Pe 1:4; Tg 1:27). Apesar de o exercício e o trabalho serem importantes, também é importante descansar no Senhor e renovar as forças por meio da comunhão com ele (Mt 11:18-30). Uma vida equilibrada é uma vida saudável e feliz, que honra a Deus.

**Um bom testemunho (vv. 3, 4).** Gaio era reconhecido como um homem que obedecia à Palavra de Deus e "[andava] na verdade" (ver 2 Jo 4). Alguns irmãos haviam visitado João várias vezes, relatando com grande alegria que Gaio era um excelente exemplo do que a vida cristã deve ser. Devo confessar que, em minha experiência



pastoral, fico um pouco tenso quando alguém me pergunta:

– Fulano de tal é membro da sua igreja?  
É ainda pior quando alguém exclama:

– Conheço muito bem um dos membros de sua igreja!

João não tinha essa preocupação quando se tratava de Gaio!

O que fazia de Gaio uma testemunha tão excelente? A *verdade de Deus*. A verdade estava nele e lhe permitia andar em obediência à vontade de Deus. Gaio lia a Palavra, meditava sobre ela, se deleitava nela e, então, a praticava em sua vida diária (ver Sl 1:1-3). A meditação é para a alma o que a digestão é para o corpo. Não basta *ouvir* a palavra ou *ler* a Palavra. Deve-se “digeri-la” internamente e torná-la parte do ser interior (ver 1 Ts 2:13).

Fica claro que a vida de Gaio era completamente envolta pela verdade. A vida autêntica vem da verdade viva. Jesus Cristo, a verdade (Jo 14:6), é revelado na Palavra, que é a verdade de Deus (Jo 17:17). O Espírito Santo também é a verdade (1 Jo 5:6) e ensina a verdade. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para revelar o Filho de Deus e, então, nos capacita para obedecer à vontade de Deus e a “andar na verdade”.

**Ministério prático (vv. 5-8).** Gaio também era um cooperador da verdade (3 Jo 8). Ajudava, de maneiras práticas, os que ministravam a Palavra. Não há indicação alguma de que o próprio Gaio fosse um pregador ou mestre, mas abria o coração e a casa para os que eram.

Na Segunda Epístola de João, vê-se como a hospitalidade cristã era importante na época. João advertiu a “senhora eleita” a não receber falsos mestres (2 Jo 7-11), mas, nesta carta, o apóstolo elogia Gaio por demonstrar hospitalidade aos verdadeiros ministros da Palavra. Gaio era um estímulo não apenas para os irmãos em geral, mas especialmente para os “estrangeiros” que passavam por lá para ter comunhão com a igreja e lhe ministrar (ver Hb 13:2).

Vivemos em tempos de medo e de violência e não é fácil receber desconhecidos em nosso lar. É evidente que, na Igreja

primitiva, os ministros itinerantes carregavam consigo cartas de recomendação da própria congregação (Rm 16:1), demonstrando que devemos saber alguma coisa sobre a pessoa que se pretende hospedar. No entanto, a hospitalidade requer fé e amor. Por mais que minha esposa e eu gostemos de abrir nossa casa, devemos confessar que houve ocasiões em que nos despedimos de nossos hóspedes com um sentimento alegre de alívio! A maioria de nossos hóspedes, porém, foram verdadeiros anjos, cuja presença trouxe bênção a nosso lar.

Gaio não apenas abria o lar, mas também o coração e a mão para dar ajuda financeira a seus hóspedes. A expressão “encaminha-os em sua jornada” significa “ajuda-os em sua jornada”. É possível que essa ajuda incluísse dinheiro e alimentos bem como o cuidado com as roupas ao lavá-las e costurá-las (ver 1 Co 16:6; Tt 3:13). Afinal, a fé deve ser demonstrada pelas obras (Tg 2:14-16), e o amor deve ser expresso em atos, não apenas em palavras (1 Jo 3:16-18).

O que motiva esse tipo de ministério prático aos santos? Em primeiro lugar, *ele honra a Deus*. A expressão “por modo digno de Deus”, em 3 João 6, significa “de modo condizente com Deus”. Não há ocasião em que o cristão se torne mais “condizente com Deus” do que quando serve. “A fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado” (Cl 1:10). Uma vez que esses ministros itinerantes representavam o nome do Senhor, qualquer ministério realizado em favor deles era, na verdade, o mesmo que servir a Jesus Cristo (Mt 10:40; 25:34-40).

O segundo motivo é que o sustento dado a servos de Deus é *um testemunho aos perdidos* (3 Jo 7). Deve-se ter em mente que, naquele tempo, havia inúmeros mestres itinerantes que compartilhavam suas idéias e viviam de mendigar. Apesar de Jesus ensinar claramente que os servos de Deus merecem seu sustento (Lc 10:7), é um princípio do Novo Testamento que tal sustento venha do povo de Deus. “Nada recebendo dos gentios” significa que esses obreiros itinerantes não pediam a ajuda a não cristãos.

Abraão seguia esse mesmo princípio (Gn 14:21-24), apesar de não obrigar seus companheiros a fazer o mesmo. Ao levantar uma oferta na igreja, muitos pastores deixam claro que não pedem coisa alguma a não cristãos que porventura estejam presentes na congregação.

Ao sustentar devidamente os servos de Deus, o povo de Deus dá um testemunho poderoso aos perdidos. Mas quando ministros, igrejas e outras organizações religiosas *pedem* contribuições de não cristãos e de empresas em geral, dão ao cristianismo um tom vulgar e comercial. Isso não significa que os servos de Deus devam recusar ofertas *voluntárias* de um não convertido, desde que a pessoa entenda que essa oferta não vai lhe comprar a salvação. E, ainda assim, é preciso cautela. A oferta do rei de Sodoma foi voluntária, mas Abraão a rejeitou (Gn 14:17-24)!

A terceira motivação para servir é a *obediência a Deus*. “Portanto, devemos acolher esses irmãos” (3 Jo 8). Esse ministério de hospitalidade e de sustento não é apenas uma oportunidade, mas também uma obrigação. Gálatas 6:6-10 deixa claro que os que recebem *bênçãos espirituais* do ministro da Palavra devem compartilhar com ele suas *bênçãos materiais*; 1 Coríntios 9:7-11 explica esse princípio com mais detalhes. Um diácono me disse certa vez na primeira igreja que pastoreei:

- Paga-se no lugar onde se come.

Não é bíblico os membros da igreja enviarem ofertas para o mundo inteiro e deixarem de sustentar o ministério da própria congregação local.

João dá um quarto motivo em 3 João 8: “para nos tornarmos cooperadores da verdade”. Gaio não apenas recebia a verdade e andava na verdade, como também era um “colaborador” que ajudava a promover a verdade. Não se sabe quais eram seus dons espirituais ou de que maneira ele servia a congregação, mas Gaio ajudava a transmitir e a defender a verdade, apoiando os que a ensinavam e pregavam.

Eu meu ministério itinerante, já me hospedei em diversos lares e fui encorajado em

meu trabalho. Os anfitriões podem não ser pessoas particularmente repletas de dons, mas seu ministério de hospitalidade bondosa me permitiu exercitar meus dons dentro da igreja. Quaisquer *bênçãos* que tenham sido recebidas nesse ministério certamente serão depositadas na conta deles! (Fp 4:17).

Uma coisa é lutar contra a apostasia e se recusar a receber falsos mestres; outra bem diferente é abrir o lar (e a carteira) a fim de *promover a verdade*. É necessário tanto o aspecto negativo quanto o positivo. Deveria haver mais pessoas como Gaio, espiritualmente saudáveis, obedientes à Palavra e que compartilham o que têm para promover a verdade. Infelizmente, porém, nem todo mundo é como Gaio! Voltamo-nos agora para um tipo inteiramente distinto de cristão.

## 2. DIÓTREFES: O DITADOR (3 Jo 9, 10)

Ao que parece, muitas igrejas têm membros que insistem em ser “manda-chuvas” e em fazer tudo a seu modo. Devo confessar que, por vezes, é o pastor que assume poderes ditatoriais e se esquece que a palavra *ministro* significa “servo”. Mas, outras vezes, é um dos presbíteros, diáconos ou, talvez, um membro de longa data da igreja que pensa ter “direitos adquiridos por tempo de serviço”.

Os discípulos de Jesus discutiram, em várias ocasiões, qual deles seria o maior no reino (Mt 18:1ss). Jesus teve de lembrá-los de que seu modelo de ministério não era o oficial romano que dominava sobre os outros, mas sim o próprio Salvador que veio como um servo humilde (Fp 2:1ss). Ao longo de meus muitos anos como ministro, tenho visto o modelo de ministério mudar e a igreja sofrer por causa disso. Tenho a impressão de que o “ministro bem-sucedido de hoje” é mais parecido com um magnata de Wall Street do que com um servo submisso. Não carrega uma pá, mas sim um telefone celular; em seu coração, em vez do amor pelas almas perdidas e pelas ovelhas de Deus, há somente ambição egoísta.

A motivação de Diótrefes era o orgulho. Em lugar de dar a primazia a Jesus Cristo (Cl 1:18), ele a tomava para si. Deveria ter a

última palavra em todas as coisas, e seu critério para tomar decisões era: "De que maneira isto beneficiará Diótrefes?" Era o oposto de João Batista que disse: "Convém que ele [Jesus Cristo] cresça e que eu diminua" (Jo 3:30). O verbo grego indica que a autopromoção de Diótrefes era *uma atitude constante*.

Quando a igreja tem um ditador de plano, os conflitos são inevitáveis, pois pessoas com mentalidade espiritual não toleram esse tipo de liderança. O Espírito Santo se entristece quando membros do corpo não têm liberdade de exercer seus dons só porque tudo deve ser feito à maneira de um único membro. No tribunal de Cristo, descobriremos quantos corações foram contristados e quantas igrejas foram destruídas por causa dos "ministérios" arrogantes de pessoas como Diótrefes. Consideremos, agora, o que ele fez.

**Recusou receber João (v. 9).** É incrível pensar que um líder da igreja (é possível que Diótrefes fosse um presbítero) não quisesse ter comunhão com um dos apóstolos do Senhor! Diótrefes teria aprendido muita coisa com João. Mas Jesus Cristo não tinha a primazia em sua vida, e, portanto, Diótrefes acreditava que poderia tratar o apóstolo idoso dessa maneira.

Por que Diótrefes rejeitou João? O motivo mais óbvio parece ser a objeção de João ao direito de esse homem ser um ditador sobre a igreja. João era uma ameaça para Diótrefes, pois possuía autoridade apostólica. Sabia a verdade a respeito de Diótrefes e estava disposto a divulgá-la. Satanás operava na igreja porque Diótrefes agia com base no orgulho e na glorificação de si mesmo, dois instrumentos amplamente usados pelo inimigo. Se João entrasse em cena, Satanás sairia perdendo.

**Mentiu sobre João (v. 10a).** A oração "proferindo contra nós palavras maliciosas" significa "fazendo acusações falsas e infundadas a nosso respeito". O que Diótrefes dizia a respeito de João era totalmente absurdo, e, no entanto, alguns gostavam de ouvir esse tipo de conversa e estão dispostos a acreditar em tais mentiras! Ao que parece, Diótrefes

havia feito acusações contra João em uma reunião da igreja na qual João não estava presente para se defender. Mas João advertiu que, em breve, acertaria as contas com Diótrefes, o ditador.

Os cristãos devem ter cuidado para não acreditar em tudo o que lêem ou ouvem sobre os servos de Deus, especialmente os que exercem um ministério amplo e são mais conhecidos. Parei de ler certas revistas, porque só publicavam acusações sem qualquer prova contra pessoas cujos ministérios Deus abençoa de maneira singular. Certo dia, falei de uma revista a um amigo e ele comentou:

- Conheço bem o editor; é um sujeito que distorce tudo!"

É sempre bom filtrar os relatos usando Filipenses 4:8.

**Rejeitou os colaboradores de João (v. 10b).** Diótrefes recusou-se a receber até os outros irmãos porque tinham comunhão com João! Usou o princípio da "culpa por associação". É impossível praticar esse tipo de "acepção" de modo coerente, pois ninguém possui todas as informações necessárias para saber o que seu irmão faz! Se eu me recusar a ter comunhão com alguém só porque se relaciona com outro indivíduo que não aprovo, de que maneira determinarei, ao certo, o grau de amizade que a pessoa tem com tal indivíduo? Como manter controle de tudo o que faz? Aquele que quiser manter a pureza absoluta em suas amizades precisará de um computador e de uma equipe trabalhando em tempo integral!

As Escrituras deixam claro que não se deve ter comunhão com apóstatas (conforme estudamos em 2 Pedro) e que não se deve entrar em sociedades com incrédulos (2 Co 6:14ss). Também é preciso evitar pessoas cujas posições doutrinárias são contrárias às Escrituras (Rm 16:17-19). Isso não significa cooperar apenas com os cristãos que interpretam as Escrituras exatamente da mesma forma que nós, pois até mesmo pessoas boas e piedosas não apresentam consenso sobre questões como o governo da igreja ou as profecias. Mas todos os cristãos podem concordar no tocante a elementos

fundamentais da fé e dar espaço para diferenças em outras questões.

Romper a comunhão pessoal com um irmão só porque discordo de seu círculo de amizade é, a meu ver, uma extrapolação das Escrituras. Diótrefes rejeitou João e, depois, os cristãos que tinham amizade com João! Mas não parou aí.

**Disciplinou os que discordavam dele (v. 10c).** Os membros da igreja que receberam os colaboradores de João foram expulsos da igreja! Mais uma vez, um caso de culpa por associação. Diótrefes não tinha autoridade nem base bíblica para expulsar essas pessoas da igreja, mas ainda assim o fez. Até ditadores religiosos precisam tomar cuidado para que a oposição não se torne forte demais!

O Novo Testamento ensina a disciplina eclesiástica e dá instruções que devem ser obedecidas. Mas a disciplina eclesiástica não é uma arma que um ditador possa usar para se proteger. Antes, é um instrumento a ser usado pela congregação para prover a pureza e glorificar a Deus. Não é uma imposição da autoridade do pastor ou do conselho da igreja. É o Senhor exercendo autoridade espiritual por meio da igreja local, a fim de resgatar e de restaurar um filho de Deus que se desviou do caminho da verdade.

Os "ditadores" da igreja são pessoas perigosas, mas, felizmente, não é difícil reconhecê-los. Gostam de falar a respeito de si mesmos e do que "fazem para o Senhor". Também têm o costume de julgar e de condenar os que discordam deles. São especialistas em rotular outros cristãos e em classificá-los em categorias rígidas segundo as próprias intenções. Baseiam sua comunhão na personalidade dos cristãos, não nas doutrinas fundamentais à fé. O mais triste é que esses "ditadores" são cristãos que acreditam, de fato, estar servindo a Deus e glorificando a Jesus Cristo.

De acordo com minha experiência, os maiores conflitos e divisões dentro das congregações e entre as igrejas são decorrentes, mais do que qualquer coisa, de questões de personalidade. É preciso voltar ao princípio do Novo Testamento, segundo o qual o teste

de comunhão deve ser a Pessoa e a obra de Jesus Cristo, não as amizades e as interpretações de doutrinas secundárias. Mas indivíduos como Diótrefes sempre terão seguidores fiéis, pois muitos cristãos sinceros, porém ignorantes, preferem seguir líderes desse tipo.

### 3. DEMÉTRIO: O EXEMPLO (3 Jo 11-14)

De acordo com o dicionário, um *exemplo* é "um ideal, um modelo, algo digno de ser imitado". Demétrio era um cristão exemplar. João adverte seus leitores a não imitarem Diótrefes: "Se vocês querem seguir um exemplo, sigam o de Demétrio!"

Mas será que é certo imitar líderes humanos? Sem dúvida, desde que eles, por sua vez, sejam imitadores de Jesus Cristo. "Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós" (Fp 3:17). "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Co 11:1). Não se pode ver Deus, mas é possível vê-lo operando na vida de seus filhos. A vida piedosa e o serviço consagrado de um cristão sempre me servem de encorajamento e de estímulo. É possível, por nosso bom exemplo, "[considerarmo-nos] também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras" (Hb 10:24).

Demétrio era um homem digno de ser imitado, pois a congregação lhe dava bom testemunho. Todos os membros o conheciam, o amavam e eram gratos a Deus por sua vida e ministério coerentes. Apesar de ser perigoso quando todos falam bem de nós: "Ai de vós, quando todos vos louvarem!" (Lc 6:26), é maravilhoso quando todos os cristãos de uma igreja local louvam nossa vida e testemunho. Se todos os homens, salvos e incrédulos, bons e perversos, falam bem de nós, pode significar que estamos fingindo ou fazendo concessões indevidas.

Mas, além do bom testemunho dos membros da igreja, Demétrio também tinha o bom testemunho da própria Palavra (verdade).

Como Gaio, Demétrio andava na verdade e obedecia à Palavra de Deus. Isso não significa que esses homens eram perfeitos,

mas sim que levavam uma vida coerente, procurando honrar ao Senhor.

Tanto a igreja quanto a Palavra davam testemunho da vida cristã de Demétrio, e o apóstolo João faz o mesmo (o que significa que Demétrio teria problemas com Diótrefes!) O apóstolo amado sabia por experiência própria e não se envergonhava de confessar que Demétrio era um homem de Deus.

João havia advertido que visitaria a igreja e que confrontaria Diótrefes (3 Jo 10) e, sem dúvida, Gaio e Demétrio apoiariam o apóstolo em oposição ao "ditador". Eram homens que defendiam a verdade e que se sujeitavam à autoridade espiritual verdadeira. Uma vez que seguiam a verdade, não havia perigo de outros cristãos imitarem seu exemplo.

A conclusão da epístola (3 Jo 13, 14) é semelhante à conclusão de 2 João, e talvez fosse a maneira habitual de encerrar uma carta no tempo de João. O apóstolo planejava visitar a igreja "em breve", o que certamente serviu de advertência para Diótrefes e de estímulo para Gaio e Demétrio. O amado João tinha "muitas coisas" para tratar com a congregação e com seus líderes, mas preferia fazê-lo pessoalmente, não por meio de uma carta.

"A paz seja contigo" (3 Jo 14) deve ter sido uma bênção de verdadeiro encorajamento a Gaio! Sem dúvida, seu coração e mente estavam aflitos por causa da divisão na igreja e da maneira nada espiritual e abusiva de Diótrefes tratar os membros da congregação. George Morrison, de Glasgow, escreveu: "Ter paz é possuir recursos adequados". O cristão pode desfrutar a "paz de Deus", pois possui os recursos adequados em Jesus Cristo (Fp 4:6, 7, 13, 19).

João faz questão de enviar as saudações dos cristãos da congregação onde ele se encontrava naquela ocasião. "Os amigos te saúdam." Que grande bênção ter amigos cristãos! Quando Paulo estava chegando a Roma, alguns irmãos foram a seu encontro: "Vendo-os Paulo e dando, por isso, graças a Deus, sentiu-se mais animado" (At 28:15). Tanto Paulo quanto João não apenas ganhavam

almas para Cristo, como também faziam amigos. Diótrefes era tão ditatorial que possuía cada vez menos amigos, enquanto João, ao compartilhar o amor de Cristo, fazia cada vez mais amigos.

"Saúda os amigos por nome." O apóstolo idoso não queria escrever uma carta extensa; além disso, planejava visitar os destinatários. Por vezes, Paulo terminava suas cartas com uma lista de saudações pessoais (ver Rm 16), mas, pelo menos nesta carta, João não faz isso. Pede que Gaio transmita suas saudações a seus amigos de modo pessoal e individual, como se o próprio João os estivesse saudando. João não se preocupava apenas com a igreja, mas também com os indivíduos que a constituíam.

É interessante fazer um contraste entre a segunda e a terceira epístolas de João e ver o balanço da verdade que o apóstolo apresenta. A carta de 2 João foi escrita a uma mulher piedosa e trata de sua família, enquanto 3 João foi escrita a um homem piedoso e trata de sua igreja. João adverte a "senhora eleita" sobre os falsos mestres de fora, mas adverte Gaio sobre os líderes ditadores dentro da congregação. Os falsos mestres em 2 João valiam-se do amor para negar a verdade, enquanto Diótrefes apelava para a verdade, sem amor algum, e atacava os irmãos.

Como é importante andar "em verdade e amor" (2 Jo 3) e dizer a verdade em amor (Ef 4:15). O que diz amar a verdade e, no entanto, odeia seu irmão, confessa sua ignorância acerca da vida cristã.

Quando o povo de Deus ama o Senhor, a verdade e uns aos outros, o Espírito Santo opera no meio da congregação e Jesus Cristo é glorificado. Mas quando qualquer membro dessa congregação, inclusive o pastor, torna-se orgulhoso e deseja ter a "primazia", o Espírito se entristece e não pode abençoar. A igreja pode parecer exteriormente bem-sucedida, mas interiormente lhe faltará a verdadeira unidade do Espírito que constitui a comunhão saudável.

É preciso haver mais gente como Gaio e Demétrio... e menos como Diótrefes!

# JUDAS

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Vencer os apóstatas

**Versículos-chave:** Judas 3, 4

**I. INTRODUÇÃO - VV. 1, 2**

**II. O ALERTA - VV. 3, 4**

**III. A ARGUMENTAÇÃO - VV. 5-16**

**IV. A ADMOESTAÇÃO - VV. 17-25**

## CONTEÚDO

1. À luta!  
(Jd 1-7)..... 700
2. Eis os apóstatas  
(Jd 8-16)..... 707
3. Não é preciso tropeçar  
(Jd 17-25)..... 714

## À LUTA

### JUDAS 1-7

Uma vez que o autor desta epístola era irmão de Tiago, conseqüentemente, também era meio-irmão de Jesus (ver Mc 6:3). Os irmãos de Jesus aqui na Terra não creram nele enquanto ministrava (Jo 7:5). Mas, depois da ressurreição, Tiago converteu-se (ver 1 Co 15:7), e há bons motivos para crer que Judas também foi salvo nessa ocasião. Atos 1:14 diz que “os irmãos dele [de Jesus]” faziam parte do grupo de oração que estava aguardando a vinda do Espírito Santo; 1 Coríntios 9:5 afirma que “os irmãos do Senhor” eram conhecidos na Igreja primitiva.

Isso é o que sabemos sobre o autor. Mas, por que ele escreveu esta epístola? Para advertir seus leitores de que os apóstatas já haviam entrado em cena! Pedro profetizou que eles viriam (2 Pe 2:1-3; 3:3ss), e sua profecia cumpriu-se. Ao que parece, Judas escreve aos mesmos cristãos que haviam recebido as cartas de Pedro, a fim de estimulá-los e de lembrá-los de levar a sério as advertências de Pedro. Ao estudar esta epístola fascinante e, por vezes, negligenciada, serão encontrados vários paralelos entre Judas e 2 Pedro.

Judas escreveu para exortar seus leitores (ver Jd 3). Na língua grega, esse termo era usado para descrever um general dando ordens ao exército; daí esta carta ter um clima “militar”. Judas havia começado a escrever uma carta devocional tranqüila acerca da salvação, mas o Espírito o instruiu a deixar a harpa e a tocar a trombeta! A epístola de Judas é uma convocação para a guerra.

#### 1. O EXÉRCITO (Jd 1, 2)

O Capitão do exército é Jesus Cristo, e os soldados que ele comanda são os que

compartilham a “comum salvação”. Judas chama-os de *santos* (Jd 3), que significa “separados”. Dirige-se a eles como *chamados*, que também significa “separados” (alguns manuscritos incluem “amados em Deus Pai”). É possível tratar-se de uma repetição de 1 Pedro 1:2, em que as três Pessoas da Trindade encontram-se envolvidas na salvação.

Sem dúvida, a salvação começa no coração de Deus, não na volição dos homens (Rm 9:16). Os mistérios da graça eletiva soberana de Deus vão além desta vida e só serão desvendados quando entrarmos em sua presença gloriosa. Por esse motivo, não é sábio tomar tais mistérios como base para discussões e divisões. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus” (Dt 29:29).

Em 2 Tessalonicenses 2:13, 14, fica claro que o mesmo Deus que escolhe separa pelo Espírito e chama pelo evangelho a crer em Jesus Cristo. A escolha e o chamado de Deus andam juntos, pois é ele quem determina o fim (a salvação) e os meios de alcançar esse fim (alguém nos convida a Cristo). Antes da conversão, não entendíamos de que maneira o Espírito operava em nossa vida, mas, ainda assim, ele estava trabalhando a fim de nos “separar” para Jesus Cristo.

Os santos de Deus não apenas são separados, mas também *guardados*, termo que significa “vigiados e protegidos com cuidado”. O cristão está seguro em Jesus Cristo. Esse mesmo termo é usado em Judas 6 e 13 (“guardado”) e também em Judas 21 (“guardai-vos”). Deus guarda os anjos caídos e os apóstatas para o julgamento, mas guarda seus filhos para a glória. Enquanto isso, pode nos preservar em nossa vida diária e não deixar que tropeçemos.

Uma vez que são separados e guardados, os soldados de Deus são recipientes das melhores bênçãos de Deus: misericórdia, paz e amor. Como o apóstolo Pedro, Judas desejava que essas bênçãos fossem multiplicadas na vida de seus leitores (1 Pe 1:2; 2 Pe 1:2). Em sua misericórdia, Deus não nos concedeu o que merecíamos. Em vez disso, deu esse castigo a seu próprio Filho na cruz. “Certamente, ele tomou sobre si

as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si [...] Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades" (Is 53:4, 5).

Por causa da obra de Cristo na cruz, os cristãos desfrutam *paz*. O não salvo está em guerra com Deus e não é capaz de lhe agradar (Rm 8:7, 8), mas quando crê no Salvador, a guerra termina, e o convertido recebe a paz de Deus (Rm 5:1).

Também experimenta o *amor* de Deus (Rm 5:5). A cruz é a demonstração desse amor (Rm 5:8), mas o amor de Deus só pode ser experimentado quando o Espírito entra no coração daquele que crê (Jo 14:21-24).

Por certo, os que conhecem a Cristo como Salvador desfrutam posição singular. São chamados *por* Deus a fim de ser separados *para* Deus, de modo a desfrutar o amor *com* Deus. Apesar de ser possível que sua comunhão com o Pai mude a cada dia, seu relacionamento como filhos não muda. São "guardados em Jesus Cristo". Tendo em vista que ainda vai escrever várias coisas nesta carta a respeito do pecado e do julgamento, Judas faz questão de definir, desde o início, o lugar especial que os cristãos ocupam no coração e no plano de Deus. Os apóstatas pecam, caem e são condenados, mas os verdadeiros cristãos são guardados em segurança em Jesus Cristo por toda a eternidade.

Convém repetir que um apóstata não é um cristão verdadeiro que abandonou a salvação. Antes, é uma pessoa que diz ter aceitado a verdade e a salvação em Jesus Cristo, mas que se desviou da "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3). Judas não contradiz o que Pedro escreveu, e Pedro deixa claro que os apóstatas não eram ovelhas de Deus, mas sim porcos e cães (2 Pe 2:21, 22). O porco foi limpo por fora, e o cão foi limpo por dentro, mas nenhum deles recebeu a nova natureza característica dos verdadeiros filhos de Deus (2 Pe 1:3, 4).

Assim, temos aqui o "exército espiritual" ao qual Judas se dirige. Quem crê em Cristo faz parte desse exército. Deus não procura voluntários; ele já nos alistou! A pergunta não é: "será que devemos nos tornar soldados?", mas sim "seremos soldados *leais*?"

Certa vez, Isaac Watts pregou um sermão sobre 1 Coríntios 16:13: "Sede vigilantes, permaneí firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos". Ao publicar o sermão, acrescentou um poema que hoje entoamos como cântico espiritual:

Sou um soldado da Cruz,  
Um seguidor do Cordeiro?  
Temerei eu sua causa confessar,  
Ou me envergonharei do seu nome  
declarar?

Devo ser levado para os céus  
Num confortável leito de flores?  
Enquanto outros, pelo prêmio lutaram  
E mares sangrentos navegaram?

## 2. O INIMIGO (Jd 3, 4)

Observou-se anteriormente que a intenção de Judas era escrever uma carta de encorajamento sobre a "comum salvação". O nome *Judas* (Judá) significa "louvor", e ele estava ansioso para louvar a Deus e se regozijar na salvação que Deus dá em Jesus Cristo. Mas o Espírito de Deus conduziu-o em outra direção e inspirou Judas a escrever sobre a batalha contra as forças do mal no mundo.

Devo confessar que entendo a situação de Judas. Em meu ministério, em vez de declarar guerra aos apóstatas, prefiro muito mais encorajar os santos. Mas quando o inimigo está no campo de batalha, os vigias não podem dormir.

Judas não perde tempo e identifica os inimigos.

**Ímpios (v. 4b).** Trata-se de uma das palavras prediletas de Judas. Apesar de *afirmarem* pertencer a Deus, na verdade, esses homens eram ímpios em sua forma de pensar e viver. Poderiam ter "forma de piedade", mas lhes faltava o *poder* da piedade que habita no verdadeiro cristão (2 Tm 3:5).

**Enganosos (v. 4c).** Eles se "introduziram com dissimulação". O termo grego significa "insinuar-se secretamente, infiltrar-se disfarçadamente". Por vezes, agentes de Satanás disfarçados são introduzidos no meio da congregação em segredo pelos que já fazem parte dela (ver Gl 2:4), mas esses homens



vieram por conta própria. Pedro advertiu que esses falsos mestres estavam a caminho (2 Pe 2:1), e aqui se vê que já haviam entrado em cena.

De que maneira falsos cristãos conseguiram infiltrar-se nas verdadeiras congregações dos santos? *Os soldados dormiram em seus postos!* Os líderes espirituais da igreja haviam se tornado complacentes e descuidados. Isso explica por que Judas teve de “tocar a trombeta” para despertá-los. Tanto Jesus quanto seus apóstolos advertiram que esses falsos mestres surgiriam, e, no entanto, algumas igrejas não deram ouvidos. Infelizmente, algumas igrejas continuam fazendo ouvidos moucos para essas advertências hoje.

***Inimigos da graça de Deus (v. 4d).*** Por que entraram nas igrejas? Para tentar mudar a doutrina e “[transformar] em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4). O termo *libertinagem* significa “devassidão, falta de controle moral, indecência”. A pessoa lasciva pensa *somente* em satisfazer suas concupiscências, e tudo o que ela toca é contaminado por esses desejos abjetos. A lascívia é uma das obras da carne (Gl 5:19) que procede do coração perverso dos homens (Mc 7:21, 22).

Pedro havia advertido essas pessoas de que os apóstatas argumentariam: “você foram salvos pela graça, portanto têm liberdade de viver como bem entenderem!” Prometiam liberdade, mas do tipo que conduzia a uma escravidão terrível (2 Pe 2:13, 14, 19). Os leitores aos quais tanto Pedro quanto Judas se dirigiram sabiam o que Paulo havia escrito (2 Pe 3:15, 16), de modo que deveriam ter sido fortalecidos por Romanos 6 e 1 Coríntios 5 e 6.

Assim como membros de seitas de hoje, os apóstatas usavam a Palavra de Deus para promover e defender suas doutrinas falsas. Seduziam cristãos jovens e imaturos ainda não firmados nas Escrituras. Todo soldado da cruz precisa passar por um “treinamento básico” na igreja local de modo a saber manejar as armas da guerra espiritual (2 Co 10:4, 5).

***Negavam a verdade de Deus (v. 4e).*** “Até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou” – essa foi a advertência de

Pedro (2 Pe 2:1). Ao se referir ao “único Soberano e Senhor, Jesus Cristo”, Judas não está tratando de duas pessoas, pois a construção gramatical grega exige que essas duas designações refiram-se à mesma Pessoa. Em outras palavras, Judas declara com veemência a divindade de Jesus Cristo. Jesus Cristo é Deus!

Mas os apóstatas negavam esse fato. Concordavam que Jesus Cristo foi um homem bom e um grande mestre, mas não o Deus eterno vindo em carne humana. Como vimos, o primeiro teste a ser aplicado em qualquer mestre religioso é: “O que você pensa de Jesus Cristo? Ele é Deus vindo em carne?” Qualquer um que negar essa doutrina cardeal é um falso mestre, *por mais correto que esteja em outras questões*. Se negar a divindade de Cristo, sempre faltará alguma coisa em todas as suas declarações.

***Pronunciados para condenação (v. 4a).*** Judas não diz que esses homens foram pronunciados para a apostasia, como se Deus fosse responsável pelo pecado deles. Tornaram-se apóstatas porque se afastaram deliberadamente da verdade. No entanto, Deus determinou que fossem julgados e condenados. Os profetas do Antigo Testamento acusaram abertamente os falsos profetas de seu tempo, e tanto Jesus Cristo quanto os apóstolos pronunciaram julgamentos contra os impostores.

Por que esses homens deveriam ser julgados por Deus? Em primeiro lugar, porque negaram o Filho de Deus! Esse fato, por si só, é motivo suficiente para sua condenação! Mas também haviam contaminado o povo de Deus ensinando que a graça do Senhor lhes permitia praticar o pecado. Além disso, zombavam da doutrina da vinda de Cristo (2 Pe 3:3, 4). “Onde está a promessa da sua vinda?” Escarneciam da própria promessa da vinda de Cristo e do julgamento que ele traria contra os ímpios.

É evidente que faziam tudo isso à guisa da religião, o que tornava seu pecado ainda mais grave. Enganavam pessoas inocentes para tirar dinheiro delas e desfrutar uma vida de impiedade. Jesus comparou-os com lobos em pele de ovelha (Mt 7:15).

De que maneira, então, a igreja deve reagir à presença desse inimigo traiçoeiro? Deve *batalhar diligentemente em defesa da fé*.

"A fé" é o conjunto de doutrinas dadas por Deus à igreja por intermédio dos apóstolos. A palavra *doutrina* é usada pelo menos dezesseis vezes só nas epístolas pastorais. Paulo admoesta tanto Timóteo quanto Tito a certificar-se de que ensinavam a "sã doutrina", ou seja, a "doutrina salutar" que promove a saúde espiritual da igreja local. Apesar de certas minúcias da teologia causarem controvérsias entre determinados mestres e pastores, existe um conjunto básico de verdade aceito por todos os cristãos autênticos.

Esse conjunto de verdade foi "entregue" (Jd 3) aos santos. Essa palavra significa "ser encarregado de algo". A igreja coletivamente e cada cristão de modo particular devem ser despenseiros. "Pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos" (1 Ts 2:4). Deus confiou a verdade a Paulo (1 Tm 1:11), e o apóstolo compartilhou-a com outros, como Timóteo (1 Tm 6:20). Também exortou Timóteo a compartilhar a Palavra com outros homens fiéis (2 Tm 2:2). Se não fosse pelos cristãos fiéis que guardaram esse depósito precioso ao longo dos séculos e o investiram em outros, não teríamos hoje as Escrituras.

A Igreja está sempre a uma geração da extinção. Se a *nossa* geração não guardar a verdade e se não a confiarmos a nossos filhos, será o fim! Ao pensar nos santos e mártires que sofreram e morreram para que tivéssemos a verdade de Deus, somos impelidos a assumir nosso posto no exército de Deus e ser fiéis até a morte.

O que significa "batalhar pela fé"? O termo grego faz parte do vocabulário esportivo e dá origem à palavra *agonizar*. É um retrato do atleta dedicado competindo nos jogos gregos e estendendo nervos e tendões, a fim de dar o melhor de si e vencer. Não se lutam as batalhas do Senhor acomodados em uma cadeira de balanço ou em uma cama confortável! Tanto o soldado quanto o atleta precisam concentrar-se em fazer o melhor e em dar tudo de si. Também é preciso haver trabalho de equipe; os cristãos

precisam trabalhar juntos para atacar e derrotar o inimigo.

Às vezes, se ouve gente bem-intencionada dizer:

- Concordo que é preciso batalhar pela fé, mas não é preciso ser tão contenciosos!

Apesar de ser verdade que alguns dos soldados de Deus causam rixas e divisões, também é verdade que outros pagam um alto preço para defender a fé. Como soldados cristãos, não devemos lutar uns contra os outros nem sair procurando brigas. No entanto, quando o inimigo tenta tomar o estandarte de Cristo, não é possível ficar parados e esperar conquistar a vitória "de salto alto".

Charles Spurgeon disse certa vez que "novos conceitos não são verdades antigas com roupas mais sofisticadas, e sim mentiras mortais com as quais não se pode ter relação alguma". A doutrina falsa é um veneno mortal a ser identificado, rotulado e evitado a todo custo. Spurgeon também disse: "Não consigo suportar as doutrinas falsas, por mais primorosa que seja sua apresentação. Você comeria carne envenenada só porque esta lhe é servida em um prato de porcelana finíssima?"

É preciso sempre dizer a verdade em amor e usar armas espirituais. Ao mesmo tempo, deve-se ter a ousadia de assumir uma posição firme em relação à fé, mesmo que isso ofenda alguns e perturbe outros. Não estamos lutando contra inimigos pessoais, mas sim, contra os inimigos do Senhor. A honra e a glória de Jesus Cristo estão em jogo. "Combate o bom combate da fé" (1 Tm 6:12).

### 3. A VITÓRIA (JD 5-7)

Como o apóstolo Pedro, Judas volta à história do Antigo Testamento e apresenta três exemplos da vitória de Deus sobre os que resistiram à sua autoridade e se desviaram da verdade. Pedro referiu-se aos anjos caídos, a Noé e a Ló (2 Pe 2:4-9) e seguiu a seqüência histórica. Também enfatizou o livramento dos justos e o julgamento dos ímpios. Judas, porém, não menciona Noé nem o dilúvio, usando, em seu lugar, a nação de Israel como exemplo.

Judas deseja mostrar que *Deus julga os apóstatas*. Portanto, os falsos mestres que haviam se infiltrado na igreja também seriam julgados um dia. Seu sucesso aparente não duraria; a última palavra seria de Deus.

**Israel (v. 5).** Tanto Paulo (1 Co 10) quanto o autor de Hebreus (Hb 3 e 4) usam a experiência de Israel para ilustrar verdades espirituais importantes. Pelo poder de Deus, a nação foi liberta do Egito e conduzida até a fronteira da Terra Prometida. Mas o povo assustou-se e não teve a fé necessária para entrar na terra e tomar posse dela (ver Nm 13 e 14). Moisés, Josué e Calebe tentaram encorajar os israelitas a obedecer a Deus pela fé, mas eles se recusaram. Na verdade, os líderes das tribos quiseram organizar o povo e voltar para o Egito, o lugar de escravidão!

Foi um ato de rebelião contra a Palavra de Deus, e Deus não pode tolerar a rebelião. Como resultado, todos no acampamento com 20 anos de idade ou mais foram condenados a morrer ao longo dos quarenta anos subseqüentes. Foram exterminados por causa de sua incredulidade.

Convém lembrar que Judas usa um acontecimento histórico apenas a título de ilustração e que não se fixa nos detalhes. A nação toda foi liberta do Egito, mas isso não significa que cada indivíduo tenha sido salvo pessoalmente por meio da fé no Senhor. A tônica do relato é que privilégios trazem consigo responsabilidades, e Deus não pode ignorar levemente os pecados de seu povo. Se algum dos leitores de Judas ousasse seguir os falsos mestres, também teria de enfrentar a disciplina de Deus. "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Co 10:12).

**Os anjos caídos (v. 6).** Estudamos a ilustração em 2 Pedro 2:4, mas Judas parece acrescentar uma nova dimensão a ela associando os anjos caídos com a destruição de Sodoma e Gomorra (Jd 7, "como Sodoma, e Gomorra [...] como aqueles"). Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que Judas ensina aqui não apenas a revolta dos anjos contra Deus, mas também uma invasão da terra por esses anjos caídos. Citam Gênesis 6:1-4 e afirmam que os "filhos de Deus" eram anjos

caídos que assumiram um corpo humano, coabitaram com as filhas dos homens e geraram uma raça de gigantes na Terra. Esse teria sido um dos motivos pelos quais Deus enviou o dilúvio.

Por mais atraente e popular que seja essa idéia, devo confessar que tenho dificuldade em aceitá-la. É verdade que os anjos são chamados de "filhos de Deus" (Jó 1:6; 2:1; 38:7), mas sempre com referência aos anjos *que não caíram*. Duvido que o Espírito Santo, escrevendo por meio de Moisés, chamaria anjos *rebeldes* de "filhos de Deus".

Meu segundo problema é que os anjos são espíritos sem corpo. O relato do Antigo Testamento fala de anjos que *apareceram* em forma humana, mas isso não era encarnação. De que maneira um espírito teria relações físicas como uma mulher, mesmo supondo que assumisse, temporariamente, um corpo de algum tipo? Jesus ensinou que os anjos não têm sexo (Mt 22:30).

Em terceiro lugar, tudo indica que Deus enviou o dilúvio por causa daquilo que o *homem* fez, não por causa dos anjos. "O meu Espírito não agirá para sempre no *homem* [...] Viu o SENHOR que a maldade do *homem* se havia multiplicado na terra [...] então, se arrependeu [entristeceu] o SENHOR de ter feito o *homem* na terra" (Gn 6:3, 5, 6; grifos nossos). Se essa idéia de "anjos caídos" for correta, Deus deveria ter se arrependido de haver criado *os anjos!*

Em quarto lugar, as orações "como em Sodoma, e Gomorra" e "como aqueles", em Judas 7, não precisam ser interpretadas como se significassem que os anjos fizeram o mesmo que os sodomitas, a saber, "[seguiram] após outra carne". Entendemos a mensagem ao observar as ligações gramaticais dentro do versículo: "como em Sodoma, e Gomorra [...] como aqueles [...] são postas para exemplo". Os anjos são um exemplo do julgamento de Deus, como também o são Sodoma e Gomorra.

Poderia acrescentar que Gênesis 6:4 apresenta um forte argumento *contra* a idéia de que anjos caídos coabitaram com mulheres e geraram uma raça de gigantes. "Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e

*também depois*" (grifos nossos). Para que isso acontecesse, seria necessário ter ocorrido uma *segunda* invasão de anjos caídos! Não há registro algum de tal acontecimento nas Escrituras.

Por fim, tanto Pedro quanto Judas afirmam claramente que esses anjos rebeldes foram acorrentados nas trevas e reservados para o julgamento. Para que a teoria em questão fosse verdadeira, seria necessário crer que os anjos invadiram a Terra *antes* de serem presos e acorrentados por Deus. Perguntamo-nos por que Deus permitira que ficassem "à solta" tempo suficiente para levar mulheres a pecar e contribuir para as causas do grande dilúvio. Apesar de ser apresentada por mestres que respeito, essa explicação toda me parece um tanto fantástica. A explicação mais simples para Gênesis 6 é que a linhagem piedosa de Sete (os "filhos de Deus") começou a misturar-se com a linhagem ímpia de Caim, derrubando os muros de separação e resultando em concessões indevidas e, por fim, em pecados degradantes. Mas qualquer que seja a interpretação que aceitamos, deve-se ter sempre em mente a lição central: os anjos se rebelaram e foram castigados por sua rebeldia.

**Sodoma e Gomorra (v. 7).** Tanto Pedro quanto Judas afirmam que essas cidades foram transformadas em exemplos para advertir os ímpios de que Deus verdadeiramente julga o pecado (ver 2 Pe 2:6). Ao combinar as descrições dos dois autores, vê-se que os cidadãos de Sodoma e Gomorra (bem como de outras cidades envolvidas) eram: ímpios, imundos, perversos, sem lei, injustos e dados à impureza. Não cometiam pecados sexuais realizando atos antinaturais *ocasionalmente*; antes, se entregavam a tais pecados constantemente e buscavam satisfazer suas concupiscências todo o tempo. O verbo grego é intensivo: "deleitavam-se em imoralidade excessiva". Esse era seu estilo de vida – e foi o que os levou à morte!

A "outra carne" refere-se a uma "carne diferente". Sua vida estava sempre em declínio, entregando-se a atos antinaturais (ver Rm 1:24-27). Os que defendem a interpretação de "anjos caídos" para Gênesis 6

acreditam que a "outra carne" seja uma referência a anjos em forma humana; mas quando foi que anjos invadiram Sodoma e Gomorra? E se o texto fala de anjos, de que maneira o pecado deles e dos sodomitas aplica-se a nós hoje, uma vez que não temos anjos caídos para nos tentar ou seduzir? É verdade que os homens à porta de Ló quiseram envolver-se em atividades homossexuais com os anjos que estavam na casa de Ló, mas os sodomitas não sabiam que os visitantes eram anjos. Outra possibilidade é que os sodomitas fossem culpados não apenas de sexo antinatural uns com os outros, mas também com animais, que seriam, então, a "outra carne". Deus condena tanto a homossexualidade quanto a bestialidade (Lv 18:22-25).

Essas cidades foram *postas* por Deus como exemplo e advertência para os ímpios de hoje. O verbo *pôr* significa "expor abertamente para os olhos do público". (É interessante que esse termo também era usado para um corpo sendo velado!) Mas as cidades da planície não estão mais publicamente expostas *hoje*. Existe praticamente um consenso entre os arqueólogos de que Sodoma e Gomorra encontram-se na extremidade sul do Mar Morto. De que maneira, então, essas cidades servem de exemplo? *Ao ser apresentadas nas páginas da Palavra de Deus.* Ninguém consegue ler Gênesis 18 e 19 sem ver claramente quanto Deus abomina o pecado e, ao mesmo tempo, quanto é paciente e está disposto a adiar o julgamento. Sem dúvida, essa idéia pode ser ligada à explicação de Pedro para a aparente demora da parte de Deus em cumprir a promessa da volta de Cristo (2 Pe 3:8ss).

O pecado de Israel foi a rebelião incrédula (Hb 3:12). O pecado dos anjos foi a rebelião contra o trono de Deus. O pecado de Sodoma e Gomorra foi a concupiscência antinatural. A incredulidade, a rebelião contra as autoridades e a imoralidade sexual eram pecados característicos dos falsos mestres. A conclusão é óbvia: os apóstatas serão julgados. Mas, enquanto isso não acontece, os soldados de Deus devem permanecer em seus postos e se certificar de que os falsos

mestres não se infiltrem nas congregações nem comecem a fazer as pessoas se desviar. “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (1 Tm 4:16).

O que se pode fazer, em termos práticos, para fazer oposição ao inimigo e manter a pureza e a unidade da igreja? Em primeiro lugar, é preciso conhecer a Palavra de Deus e ter coragem de defendê-la. Toda congregação deve ser um instituto bíblico, e cada cristão deve ser um estudioso da Bíblia. As pregações devem tanto proclamar a verdade positiva quanto condenar publicamente as mentiras.

Em segundo lugar, é preciso “vigiar e orar”. O inimigo já está aqui, de modo que não se pode dormir! Os líderes espirituais das congregações locais precisam manter-se alertas ao entrevistar candidatos para o batismo e para o rol de membros da igreja. As comissões precisam buscar a vontade de Deus ao nomear professores de escola

dominical, líderes de jovens e outros líderes da igreja. As congregações devem exercitar o discernimento ao selecionar presbíteros e diáconos.

Em terceiro lugar, as congregações e membros devem ter cuidado com as pessoas e organizações para as quais enviam contribuições em dinheiro. “Devias tu ajudar ao perverso e amar aqueles que aborrecem o SENHOR?” (ver 2 Cr 19:2).

Por fim, é preciso ter a coragem de manter uma posição firme de separação bíblica em relação aos que negam Cristo e as doutrinas fundamentais da Palavra (Rm 16:17-20; 2 Tm 2:15ss; 2 Jo 6-11). Isso não significa separar-se dos irmãos em Cristo por causa de diferenças doutrinárias de menor importância nem usar o princípio da “culpa por associação”. O exército verdadeiro de Deus precisa permanecer unido na batalha pela verdade.

Você já atendeu o chamado para entrar no combate?

## EIS OS APÓSTATAS

### JUDAS 8-16

Judas não se contenta em lembrar seus leitores de prestarem atenção ao que Pedro escreveu. Também deseja acrescentar as próprias palavras de advertência, descrevendo os falsos mestres e o que fariam com a igreja. O Espírito de Deus guiou Judas a escrever as características dos apóstatas, reforçando as palavras de Pedro e, ao mesmo tempo, acrescentando informações. Judas 8-16 e 2 Pedro 2 são textos paralelos e complementares.

Mas por que essa repetição aparentemente desnecessária? O apóstolo Paulo responde: “A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas” (Fp 3:1). Os pais repetem avisos e instruções para os filhos que, às vezes respondem:

– Já sei! Você me disse isso um milhão de vezes!

Mas pais prudentes sabem que algumas coisas *devem* ser ditas repetidamente para a segurança e o bem-estar de seus filhos – quer eles queiram ouvi-las quer não!

Tudo o que Judas escreveu sobre os apóstatas nestes versículos pode ser resumido em três declarações.

#### 1. REJEITAM A AUTORIDADE DIVINA (Jd 8-11)

Toda autoridade – seja do lar, da igreja ou do Estado – procede do trono de Deus. Os que exercem autoridade devem, antes de tudo, estar *sujeitos* à autoridade e prestar contas a Deus. Mas os falsos mestres rejeitam a doutrina de Deus e se estabelecem como autoridades de si mesmos.

A causa de sua rebelião pode ser encontrada no termo “sonhadores” (Jd 8). Essas

peças vivem em um mundo de sonhos e ilusões. Acreditam na mentira de Satanás: “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5). Uma vez que se afastaram da vontade de Deus, alimentam a mente com doutrinas falsas que inflam o ego e estimulam a rebelião. De acordo com Judas 10, os apóstatas são pessoas ignorantes que não sabem do que estão falando! Judas repete a descrição que Pedro apresenta desses homens como “brutos irracionais” (2 Pe 2:12, 22). Feito animais, os apóstatas vivem de acordo com seus instintos naturais. Quando os homens se rebelam contra Deus, descem ao mesmo nível dos animais.

O rumo dessa rebelião é descrito claramente por Judas. Como resultado de sua rebelião e orgulho, eles “contaminam a carne” vivendo de modo a satisfazer suas concupiscências animais. Quando uma pessoa despreza a autoridade de Deus, sente-se livre das leis de Deus e vive como bem entende. No entanto, ela se esquece que as leis têm penas associadas a si, de modo que ninguém pode desobedecer sem escapar das conseqüências.

Também usam a língua para expressar sua rebelião contra Deus. “Com a língua prevaleceremos, os lábios são nossos; quem é senhor sobre nós?” (Sl 12:4). A palavra “difamam”, em Judas 8 e 10, é o mesmo que “blasfemam”. A blasfêmia vai muito além de tomar o nome de Deus em vão, apesar de esta ser sua essência. A pessoa blasfema de Deus quando toma sua Palavra levianamente e até zomba dela, ou quando desafia Deus deliberadamente a julgá-la. “Contra os céus desandam a boca, e a sua língua percorre a terra. [...] E diz: Como sabe Deus? Acaso, há conhecimento no Altíssimo?” (Sl 73:9, 11).

A *conseqüência* de sua rebelião pode ser vista em sua ruína pessoal: “nessas coisas se corrompem” (Jd 10). Contaminam a si mesmos (Jd 8) e destroem a si mesmos e, no entanto, pensam estar promovendo a si mesmos! “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8:11). O caminho da rebelião conduz sempre à ruína.

As palavras arrogantes são perigosas, como também o é desprezar a autoridade que Deus instituiu. Nem mesmo o arcanjo Miguel (Dn 10:13) ousou repreender Satanás, respeitando, antes, a autoridade que lhe foi dada por Deus. O nome *Miguel* significa "Quem é como Deus?" É irônico que Satanás tenha dito em sua rebelião: "serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14:14) e que sua oferta para os homens seja: "e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3:5).

Não há informação alguma acerca do conflito entre Satanás e Miguel com respeito ao corpo de Moisés. Quando Moisés faleceu, o Senhor o sepultou, e ninguém ficou sabendo o local de seu túmulo (Dt 34:5, 6). Sem dúvida, o povo de Israel teria transformado o túmulo em um santuário e caído em idolatria, de modo que Deus não revelou a ninguém essa informação. O texto diz que "ninguém sabe [...] o lugar da sua sepultura". O termo "ninguém" significa "nenhum homem", de modo que talvez Satanás soubesse e tivesse tentado tomar o corpo de Moisés para si. Uma vez que Satanás possui certa autoridade sobre o reino dos mortos, é possível que pensasse ter o direito de interferir (Hb 2:14, 15).

A questão central, porém, é que Miguel não repreendeu Satanás, deixando que o Senhor lidasse com ele. É perigoso o povo de Deus confrontar Satanás diretamente e argumentar com ele, pois ele é muito mais forte do que qualquer ser humano. Se um arcanjo usa de cautela ao lidar com o diabo, precisamos ser muito mais cuidadosos! Apesar de ser verdade que temos parte na vitória de Cristo, também é verdade que não devemos ser presunçosos. Satanás é um inimigo perigoso, e devemos ser sóbrios e vigilantes ao resistir a ele (1 Pe 5:8, 9).

A expressão: "O Senhor te repreenda!" é paralela a Zacarias 3:1-5. O profeta teve uma visão na qual o sumo sacerdote estava diante do trono de Deus com vestes impuras, simbolizando a condição pecaminosa de Israel como nação depois do cativo na Babilônia. Satanás tinha todo direito de acusar o povo (ver Ap 12:9-11), exceto por

uma coisa: eram o povo escolhido de Deus, seu povo da aliança, e ele não voltaria atrás em sua Palavra. Deus perdoou seu povo e lhe deu vestes limpas, advertindo-o a andar nos caminhos do Senhor. Trata-se de uma ilustração do Antigo Testamento para 1 João 1:5 a 2:2.

A condenação dos falsos mestres é apresentada em Judas 11: "Ai deles!" Judas cita três exemplos do Antigo Testamento para ilustrar a enormidade dos pecados desses impostores, três homens que se rebelaram contra a autoridade de Deus e que sofreram por isso.

Caim rebelou-se contra o caminho de Deus para a salvação (Gn 4:1; 1 Jo 3:11, 12). Ao vestir Adão e Eva de peles de animais (Gn 3:21), Deus deixou claro que o único meio de obter o perdão era pelo derramamento de sangue. Esse é o caminho da fé, não das boas obras (Ef 2:8-10). Mas Caim rejeitou esse caminho instituído por Deus e apresentou no altar frutos do próprio trabalho. Deus rejeitou a oferta de Caim porque rejeitou o próprio Caim: seu coração não estava em ordem diante do Senhor. O sacrifício de Abel foi oferecido *pela fé* e, por isso, foi aceito por Deus (Hb 11:4).

O "caminho de Caim" é o caminho da religião sem fé, da justiça baseada no caráter e nas boas obras. O "caminho de Caim" é o caminho do orgulho, do homem decretando a própria justiça e rejeitando a justiça de Deus oferecida por meio da fé em Cristo (Rm 10:1-4; Fp 3:3-12). Caim tornou-se fugitivo e tentou superar sua condição desgraçada construindo uma cidade e desenvolvendo uma civilização (Gn 4:9ss). No final, teve tudo o que um homem poderia desejar; ou melhor, tudo menos Deus.

Estudamos anteriormente o "caminho de Balaão" (ver 2 Pe 2:15, 16). É aquele em que a pessoa comercializa dons e ministérios. É o uso do espiritual para obter o material (ver 1 Ts 2:5, 6; 1 Tm 6:3-21). Os falsos mestres cobiçavam o lucro material e, como Balaão, faziam qualquer coisa por dinheiro. O "erro de Balaão" era pensar que poderiam escapar incólumes de tal rebelião. Balaão era

um verdadeiro profeta de Deus, mas prostituiu seus dons e tentou destruir o povo de Deus. O Senhor transformou as maldições de Balaão em bênçãos (Dt 23:4, 5).

Enquanto falamos de Balaão, pode ser interessante observar a “doutrina de Balaão” (Ap 2:14), que é: “é possível transgredir sua posição separada e não enfrentar consequência alguma!” Conforme Balaão explicou para o rei Balaque, a maneira mais rápida de destruir Israel seria corromper a nação ao levar o povo a se contaminar com as nações a seu redor. Sua argumentação foi: “Vocês são o povo escolhido de Deus. Certamente um pouco de amizade com seus vizinhos não pode lhes fazer mal!” “[Transformou] em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4), e Deus julgou tanto Israel quanto Balaão.

A história de Coré é relatada em Números 16 e também gira em torno da rebelião contra a autoridade. Coré e seus seguidores não estavam satisfeitos com a liderança de Moisés e desafiaram Deus a fazer algo a respeito de sua rebelião. Ao falar contra Moisés, falavam contra o Senhor que havia dado autoridade a Moisés. Trata-se de um aviso para nós hoje, pois é extremamente fácil falar de líderes espirituais ou governamentais de maneira descuidada (ver Tt 3:1, 2). Deus julgou Coré e seus seguidores e estabeleceu claramente a autoridade de seu servo, Moisés.

Caim rebelou-se contra a autoridade de Deus com respeito à *salvação* ao se recusar a oferecer um sacrifício de sangue conforme Deus havia ordenado. Balaão rebelou-se contra a autoridade de Deus com respeito à *separação*, pois vendeu seus dons e levou Israel a se misturar com outras nações. Coré rebelou-se contra a autoridade com respeito ao *serviço*, negando que Moisés era o servo escolhido de Deus e tentando usurpar sua autoridade.

É interessante observar os verbos que Judas emprega neste versículo. Os apóstatas “prosseguiram pelo caminho de Caim”, “se precipitaram no erro de Balaão” e “pereceram na revolta de Coré”. Como é triste rejeitar a autoridade!

## 2. USAM DE HIPOCRISIA DELIBERADA (Jd 12, 13, 16)

Judas 12 e 13 apresentam seis retratos vívidos dos falsos mestres e ajudam a explicar por que eles são perigosos para a igreja.

**Rochas submersas (v. 12a).** Essa expressão também pode ser traduzida por “manchas de sujeira”. Pedro os chamou de “nódoas e deformidades” (2 Pe 2:13). Esses homens haviam invadido as “refeições de comunhão” das congregações locais, servindo apenas para contaminá-las. Em vez de contribuírem para a santidade da ocasião, eles a prejudicavam, como Judas Iscariotes na última Páscoa que Jesus celebrou com seus discípulos. O mais triste é que os membros da congregação não conseguiam enxergar o verdadeiro caráter desses homens! Pensavam que eram espirituais!

As “rochas submersas” podem ilustrar um marinheiro que, sem saber da presença delas, pode acabar destruindo rapidamente seu navio. O timoneiro deve estar sempre alerta, pois águas de aparência calma e segura podem esconder recifes traiçoeiros. Os líderes espirituais devem estar sempre de guarda.

**Pastores egoístas (v. 12b).** O termo traduzido por “apascentam” significa “pastoreiam”. Em vez de pastorear o rebanho e de cuidar das necessidades do povo, esses apóstatas cuidavam apenas de si mesmos. É possível que Judas tivesse em mente Isaías 56:10-12 e Ezequiel 34, passagens nas quais os profetas condenam os líderes políticos e espirituais de sua nação (os “pastores”) por explorarem o povo e se preocuparem apenas consigo mesmos.

Ser pastor do rebanho de Deus é uma responsabilidade séria. Nosso exemplo deve ser Jesus Cristo, o Bom Pastor, que deu a vida pelas ovelhas. Falsos pastores *usam* as pessoas e *abusam* delas, a fim de conseguir o que querem, e *elas gostam!* Paulo expressa sua admiração diante desse fato ao escrever 2 Coríntios 11:20: “Tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie no rosto”.

Esses pastores egoístas fazem tudo isso “sem qualquer recato”, expressão que também



pode ser traduzida por “sem qualquer medo”. São um bando de arrogantes! Esta é a diferença entre o verdadeiro pastor e o mercenário: o verdadeiro pastor preocupa-se com as ovelhas, enquanto o mercenário se preocupa apenas consigo mesmo. “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?” (Ez 34:2). Mas esses apóstatas *devem* temer, pois seu julgamento está a caminho.

**Nuvens sem água (v. 12c).** Nuvens que prometem chuvas mas não a derramam são uma decepção para o agricultor cujas plantações precisam encarecidamente de água. Os apóstatas dão a impressão de ser homens que podem oferecer ajuda espiritual e se vangloriam de suas aptidões, mas são incapazes de concretizar coisa alguma. “Como nuvens e ventos que não trazem chuva, assim é o homem que se gaba de dádivas que não fez” (Pv 25:14). Prometem liberdade, mas só oferecem escravidão (2 Pe 2:19).

Por vezes, a Palavra de Deus é comparada à chuva e ao orvalho. “Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho” (Dt 32:2). Isaías 55:10 compara a Palavra de Deus com a chuva e a neve do céu que trazem frutos na terra. Como as nuvens no céu, os falsos mestres podem ser proeminentes e até atraentes, mas se não são capazes de trazer chuvas, são inúteis.

**Árvores mortas (v. 12d).** A imagem é um pomar no outono, época em que o agricultor espera ver os frutos. Mas essas árvores são infrutíferas! “Pelos seus frutos os conheceréis” (Mt 7:16). Os que ensinam a Palavra têm a responsabilidade de alimentar outros, mas os falsos mestres não têm coisa alguma a oferecer. Além de não ter frutos, também não têm raízes (“desarraigadas”), por isso, são árvores “duplamente mortas”. Um contraste e tanto com o homem piedoso do Salmo 1:3!

Uma das evidências da verdadeira salvação é a produção de frutos. As sementes que caíram em solo duro, raso ou repleto de ervas daninhas não produziram frutos; mas a semente que caiu “em boa terra” produziu

frutos (Mt 13:1-9, 18-23). Não importa quantas passagens bíblicas os falsos mestres sejam capazes de citar, a semente não produz frutos em sua vida nem em seu ministério. Isso porque lhes faltam raízes espirituais. Falta-lhes vida espiritual.

O fruto possui dentro de si sementes para mais frutos (Gn 1:11, 12). Uma das evidências de que um ministério é, verdadeiramente, de Deus é que seus frutos se multiplicam. Os resultados “manufaturados” são estéreis e mortos, mas os verdadeiros frutos continuam a crescer e a se reproduzir na vida de outros.

**Ondas bravias (v. 13a).** Gosto de me sentar na praia e de contemplar a grandeza e o poder do mar. Mas, uma vez que não sou um bom nadador, não gosto de entrar na água, nem mesmo em um barco e, com certeza, não gostaria de estar no meio do mar durante uma tempestade! Como muitos navegadores descobrem por experiência própria, as ondas são extremamente poderosas. Judas, porém, compara falsos mestres a “ondas bravias”, não por causa de seu poder, mas sim por seu orgulho e por seu discurso arrogante. “A sua boca vive propalando grandes arrogâncias” (Jd 16). Como as ondas que se elevam, fazem muito barulho, *mas o que produzem?* Quem já andou na praia na manhã depois de uma tempestade deve ter visto os restos repugnantes que se acumulam na beira do mar.

É possível que Judas tivesse em mente Isaías 57:20: “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo”. As palavras de “grande arrogância” dos apóstatas só produzem espuma e refugo! Os verdadeiros mestres da Palavra trazem os tesouros das profundezas, enquanto os falsos mestres trazem apenas sujidade. E aquilo de que se vangloriam, na verdade, é motivo de vergonha! (ver Fp 3:19).

**Estrelas errantes (v. 13b).** Judas não se refere a estrelas fixas, a planetas nem a cometas, pois estes têm posição e órbita definidas. Antes, está falando de meteoros, estrelas cadentes que aparecem de repente e depois somem na escuridão para nunca

mais serem vistas. Jesus é comparado a uma estrela (Ap 2:28; 22:16), e os cristãos devem brilhar como estrelas neste mundo escuro (Fp 2:15). As estrelas fixas podem ser usadas como referência para orientar o viajante pela escuridão, mas quem seguir estrelas errantes acabará perdido.

Um de meus *hobbies* é colecionar livros de sermões, não apenas de pregadores famosos, mas também de homens obscuros e esquecidos que, um dia, foram muito conhecidos. Notei que muitos “luminares” do púlpito foram, na verdade, estrelas cadentes! É perturbador ler histórias e biografias e ver “como caíram os poderosos”. Em sua maioria, os que foram fiéis à Palavra continuam ministrando hoje, como luzes brilhando na escuridão, enquanto pregadores de falsas doutrinas caíram no esquecimento.

Deus reservou cadeias de trevas aos anjos rebeldes (Jd 6) e reservou “a negridão das trevas, para sempre” aos mestres apóstatas. É preciso cuidado para não seguir estrelas errantes, pois elas conduzirão a trevas eternas!

Ao recapitular estes seis retratos de falsos mestres, pode-se facilmente ver como são perigosos e como é importante a igreja mantê-los afastados.

**Murmuradores e descontentes (v. 16).** Judas 16 completa a descrição e enfatiza ainda mais o motivo de esses mestres serem tão perigosos: seu objetivo é agradar a si mesmos se aproveitando dos outros. Isso traz à memória as palavras de Pedro (2 Pe 2:14): “tendo coração exercitado na avareza” ou, segundo a tradução de Phillips: “Sua técnica de conseguir o que quer é, por meio de muita prática, extremamente desenvolvida”. O falso mestre dá a impressão de que deseja ajudar, mas, na verdade, só está interessado em satisfazer as próprias concupiscências.

Qual é a abordagem desses homens? Em primeiro lugar, murmuram e se queixam, levando outros a se tornarem descontentes com a vida. Apesar de ser verdade que se deve, à medida que Deus capacita, fazer todo o possível para melhorar a situação de vida, também precisamos cuidado para não criticar as providências de Deus nem ser um

empecilho para seus planos. A nação de Israel foi julgada por causa de sua murmuração (1 Co 10:1-10), e as Escrituras ordenam que os cristãos não murmurem (Fp 2:14-16). Se um falso mestre consegue levar uma pessoa a criticar o pastor ou a igreja, ou a ficar descontente com sua situação, pode levá-la, então, a desviar-se da verdadeira doutrina.

Os falsos mestres também usam palavras de “grande arrogância” para impressionar os ignorantes. Pedro chama seus discursos de “palavras jactanciosas de vaidade” (2 Pe 2:18). Impressionam as pessoas com seu vocabulário e oratória, mas suas palavras são vazias. Também usam a bajulação para manipular os ouvintes. Desfazem-se em mesuras e cobrem os outros de elogios, *quando* tal adulação lhes traz alguma vantagem.

Sabendo de tudo isso, é surpreendente que alguém dê ouvidos a esses apóstatas e os siga, mas é o que muitos fazem hoje! Existe algo próprio da natureza humana decaída que gosta de mentiras e que está disposto a segui-las, aonde quer que conduzam. Mas o sucesso dos apóstatas é apenas temporário, pois seu julgamento está a caminho.

### 3. RECEBEM A PENA QUE LHES É DEVIDA (JD 14, 15)

Tudo o que as Escrituras dizem sobre Enoque encontra-se em Gênesis 5:18-24, Hebreus 11:5 e nestes dois versículos de Judas. Ele é chamado de “o sétimo depois de Adão”, a fim de identificá-lo como o Enoque *piadoso*, uma vez que Caim teve um filho com esse mesmo nome (Gn 4:17). Em uma sociedade sendo rapidamente poluída e destruída pelo pecado, Enoque andou com Deus e manteve a vida pura. Também ministrou como profeta e anunciou o julgamento vindouro.

De acordo com os estudiosos da Bíblia, esta citação é de um livro apócrifo chamado *O livro de Enoque*. O fato de Judas citar esse Livro que não faz parte da Bíblia não significa que ele seja inspirado e confiável, da mesma forma que as citações de Paulo dos poetas gregos não colocam o “selo de aprovação” de Deus em tudo o que escreveram.

O Espírito de Deus instruiu Judas a usar esta citação e a torná-la parte das Escrituras inspiradas.

Quando Enoque transmitiu essa mensagem, é possível que também estivesse se referindo ao julgamento vindouro do dilúvio. Sem dúvida, vivia em uma era de impiedade, e, ao que parece, os pecadores escapavam incólumes das conseqüências de seus atos perversos. Mas Enoque deixou claro que o julgamento estava a caminho e que os ímpios seriam castigados!

No entanto, a aplicação última dessa profecia refere-se ao mundo no fim dos tempos, exatamente o julgamento sobre o qual Pedro escreve em 2 Pedro 3. Os falsos mestres zombavam dessa profecia; diziam que Jesus Cristo não voltaria e que Deus nunca enviaria o julgamento. Mas a própria atitude deles comprovava a veracidade da Palavra, pois tanto Jesus quanto os apóstolos e os profetas afirmaram que surgiriam escarnecedores nos últimos dias (2 Pe 3:1-4). Enoque deu essa profecia milhares de anos atrás! É possível ver como Deus tem sido paciente com os que se rebelam contra ele!

O que a profecia de Enoque diz sobre o julgamento vindouro? Será um julgamento *pessoal*: o próprio Deus virá julgar o mundo. Não enviará uma grande escassez de alimentos, nem um dilúvio, nem incumbirá um de seus anjos de realizar esse trabalho. Ele virá pessoalmente. Isso mostra a seriedade do acontecimento e também seu caráter decisivo. “Eis que o juiz está às portas” (Tg 5:9).

Apesar de ser um julgamento pessoal, o Senhor não julgará sozinho; os santos de Deus estarão com ele. Em Judas 14, a palavra “santos” pode se referir aos anjos (Dt 33:2; Mt 25:31). Contudo, Apocalipse 19:14; Colossenses 3:4 e 1 Tessalonicenses 3:13 afirmam que o povo de Deus acompanhará o Senhor quando ele voltar à Terra para derrotar seus inimigos e estabelecer seu reino de justiça (ver 1 Co 6:2, 3). Ao longo dos séculos, o povo de Deus tem sofrido nas mãos dos ímpios, mas, um dia, essa situação mudará drasticamente.

Será um julgamento *universal*. O Senhor executará seu julgamento sobre “todos”, ninguém escapará. Assim como o dilúvio destruiu todos os que estavam fora da arca, e o fogo e enxofre destruíram todos em Sodoma e Gomorra exceto Ló, sua esposa e suas duas filhas, também o julgamento final incluirá todos os ímpios. O termo *ímpio* e seus correlatos são usados quatro vezes só no versículo 14! Será “o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios” (2 Pe 3:7).

Será um julgamento *justo*. Deus os “[fará] convictos” de seus pecados, os declarará culpados, dará a sentença e executará a pena. Haverá um Juiz, Jesus Cristo (Jo 5:22), mas não haverá júri. Haverá um advogado de acusação, mas não haverá um advogado de defesa, pois toda boca será calada (Rm 3:19). Haverá uma sentença, mas ninguém poderá apelar, pois não existe tribunal superior ao julgamento final de Deus. O processo todo será justo, pois será conduzido pelo Filho justo de Deus.

O Senhor terá o registro de todas as “obras ímpias”. Também terá o registro das motivações e desejos ocultos na prática dessas obras, e até estes serão ímpios! Ele se lembrará das “palavras insolentes” (Jd 15) que proferiram contra o Senhor. O termo “insolente” também pode ser traduzido por “severo, ríspido, grosseiro”. Afinal, esses indivíduos eram “murmuradores” e “descontentes” (Jd 16) e diziam coisas duras contra Deus. Não “[temiam] difamar autoridades superiores” (2 Pe 2:10), mas no julgamento suas palavras testemunharão contra eles. Proferiram “palavras jactanciosas de vaidade” (2 Pe 2:18; Jd 16), mas no julgamento suas palavras de “grande arrogância” trarão grande ira.

Há momentos em que os filhos de Deus perguntam: “Até quando, SENHOR, os perversos, até quando exultarão os perversos? Proferem impiedades e falam coisas duras; vangloriam-se os que praticam a iniquidade” (Sl 94:3, 4). A resposta é dada no Salmo 50:3: “Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta”.

As palavras são conhecidas, mas aquilo que James Russell Lowell escreveu em

"A Crise Atual" certamente se aplica aos dias de hoje:

O grande Vingador parece desatento;  
as páginas da história registram  
Um embate mortal travado na  
escuridão  
entre os antigos sistemas e a Palavra;  
A verdade sempre no cadafalso,  
A injustiça sempre no trono -

Mas esse cadafalso governa o futuro,  
e por trás do que é desconhecido e  
obscuro,

Deus se encontra nas sombras,  
cuidando daqueles que são seus ...

"Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3:13).

"Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20).

# NÃO É PRECISO TROPEÇAR

JUDAS 17-25

**L**i em algum lugar que a Grande Muralha da China foi penetrada pelo menos três vezes pelos inimigos, sendo que, para isso, nas três ocasiões, os guardas foram subornados!

Uma defesa forte depende de pessoas fortes, e isso se aplica não apenas a confrontos militares, mas também a batalhas espirituais. A fim de que a igreja se oponha aos falsos mestres e os derrote, todos precisamos ser fortes e capazes de “ficar firmes contra as ciladas do diabo” (Ef 6:11). Existe o perigo constante de tropeçar (Jd 24), e o tropeço é o primeiro passo para a queda.

Neste último parágrafo, Judas dirige-se a seus leitores amados e lhes dá quatro instruções a seguir, a fim de que se mantenham firmes e resistam aos apóstatas.

## 1. LEMBREM-SE DA PALAVRA DE DEUS (JD 17-19)

Desde o início, Satanás sempre atacou a Palavra de Deus. “É assim que Deus disse?” – esse foi seu primeiro golpe quando conduziu Eva à desobediência no jardim (Gn 3:1). Uma vez que começamos a questionar a Palavra de Deus, ficamos vulneráveis aos outros ataques de Satanás, pois somente a verdade da Palavra pode nos proteger das mentiras do inimigo. “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20).

**Lembrem-se de quem deu a Palavra (v. 17).** Jesus teve muitos discípulos, mas escolheu apenas alguns apóstolos. Esse termo significa “aquele que foi enviado com uma comissão”. Para ser qualificado como tal, era preciso haver testemunhado a ressurreição

de Cristo (At 1:21, 22; 1 Co 9:1). Os apóstolos viveram com Cristo durante seu ministério, aprenderam dele e foram enviados ao mundo por ele para levar as boas-novas da salvação.

Em todo lugar onde existe algo autêntico, não custa a aparecer uma falsificação; foi o que aconteceu na Igreja primitiva. Falsos apóstolos e mestres começaram a surgir, e foi necessário desenvolver um sistema para proteger a Igreja de falsas profecias e de cartas forjadas. Uma vez que Cristo havia confiado a “fé” (Jd 3) a seus apóstolos, um dos principais testes na Igreja primitiva era a pergunta: “foi isso o que os apóstolos ensinaram?” Quando a Igreja reuniu os livros do Novo Testamento, um dos requisitos para a inclusão no cânone era que o livro tivesse sido escrito por um dos apóstolos ou alguém intimamente relacionado a um apóstolo. Os ensinamentos apostólicos eram, e ainda são, o teste da verdade.

Judas menciona as palavras anteriormente “proferidas” pelos apóstolos, pois, a princípio, não existiam epístolas do Novo Testamento. Ao longo dos anos, Paulo, Pedro e João escreveram cartas inspiradas que hoje se encontram no Novo Testamento. Também temos o registro de alguns dos sermões desses apóstolos no Livro de Atos. Não dependemos mais da tradição, pois temos as Escrituras completas, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo.

Sempre que alguém oferece uma “nova revelação”, ela deve ser testada com o que os apóstolos escreveram e com o que Jesus Cristo ensinou. Em pouco tempo, constata-se que essa “revelação” é uma mentira.

**Lembrem-se daquilo que eles disseram (v. 18).** Eles profetizaram que, nos últimos tempos, haveria escarnecedores que negariam a Palavra de Deus. Judas repete o que Pedro escreveu (2 Pe 3:3ss), mas Paulo e João também advertem sobre os apóstatas (1 Tm 4; 2 Tm 3; 1 Jo 2:18ss; 4:1-6). Quando um aviso é dado tantas vezes, devemos levá-lo a sério!

A expressão “andando segundo as próprias paixões” aparece em 2 Pedro 3:3 e Judas 16 e 18, e explica por que esses apóstatas

negam a verdade de Deus: não querem que Deus lhes diga como viver. Querem satisfazer os próprios desejos pecaminosos, e a Palavra de Deus condena esse tipo de vida egoísta. Quando uma pessoa diz: "Tenho algumas reservas intelectuais em relação à Bíblia", é bem provável que, na verdade, tenha reservas *morais*, pois a Bíblia contradiz o que ela faz. A única maneira de conhecer a verdade da Bíblia é obedecer a ela (Jo 7:17).

Antes de introduzir suas mentiras, Satanás precisa livrar-se da verdade da Palavra de Deus. Se não consegue argumentar contra essa verdade, o inimigo a despreza com zombarias e, normalmente, encontra quem o acompanhe.

**Lembrem-se por que eles disseram tais coisas (v. 19).** Os falsos mestres desejam dividir a igreja e tirar as pessoas da verdadeira comunhão, conduzindo-as a uma falsa comunhão. "E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles" (At 20:30). Seu apelo costuma ser: "Temos um conhecimento mais profundo da Palavra que sua igreja não possui! Temos uma compreensão mais clara das profecias ou da vida cristã do que vocês." Oferecem uma religião de "qualidade mais elevada" do que a fé dos apóstolos.

Os falsos mestres não apenas dividem a igreja, mas também a enganam, pois são "sensuais, que não têm o Espírito". *Sensual* é o oposto de "espiritual". Paulo emprega o termo dessa forma em 1 Coríntios 2:14-16, em que é traduzido por "natural" (a palavra grega é *psukikos*, que significa "da alma"). Uma vez que os falsos mestres não têm o Espírito de Deus, operam somente pelo poder natural da própria alma.

Um dos grandes problemas do ministério hoje é que alguns do povo de Deus não são capazes de discernir entre o "ministério da alma" e o "ministério do Espírito". Existem tantos "espetáculos espirituais" hoje em dia que os santos ficam confusos e são enganados. Da mesma forma que os rebeldes levaram "fogo estranho" para o tabernáculo (Lv 10), também encontramos "fogo estranho"

nas igrejas de hoje, de modo que devemos exercer discernimento cauteloso.

De que maneira se distingue entre o que é "da alma" e o que é "espiritual"? Usando a Palavra de Deus, capaz de "dividir alma e espírito" (Hb 4:12), e prestando atenção ao testemunho do Espírito de Deus dentro de nós (Rm 8:16). O ministério "da alma" engrandece o homem, enquanto o Espírito glorifica a Jesus Cristo. Quando o Espírito ministra por intermédio da Palavra, há edificação; mas quando a alma está apenas "manufaturando" um ministério, há entretenimento ou, na melhor das hipóteses, educação intelectual. É necessário que o Espírito de Deus ministre a nosso espírito e nos torne mais semelhantes a Jesus Cristo.

## 2. EDIFIQUEM A VIDA CRISTÃ (JD 20, 21)

A vida cristã não deve permanecer estagnada; se isso acontecer, o resultado será retrocesso. Uma casa que não recebe manutenção desintegra-se. O objetivo dos apóstatas é destruir, mas todo cristão deve dedicar-se à edificação – primeiro da própria vida espiritual e, depois, de sua congregação.

O *fundamento* da fé cristã é a "fé santíssima" (Jd 20), sinônimo da "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3). É claro que, em certo sentido, a fé em Jesus Cristo é a base para o crescimento, mas até mesmo essa fé depende do que Deus revelou em sua Palavra. A fé subjetiva depende da revelação objetiva da verdade.

A Palavra de Deus é, sem dúvida alguma, absolutamente essencial ao crescimento espiritual. Ainda estou para ver um cristão forte que produz muitos frutos, mas que ignora a Bíblia. Deve-se dedicar tempo diário para meditar sobre a Palavra, buscando a vontade de Deus. Também deve-se estudar a Palavra com regularidade e de forma disciplinada, a fim de compreender melhor o que ela ensina. O grande pregador chinês Watchman Nee costumava ler o Novo Testamento uma vez por mês. Isso fica evidente em seus livros, nos quais encontramos *insights* maravilhosos da Palavra de Deus. De acordo com um ditado dos membros da igreja chinesa: "Nada de Bíblia, nada de café da

manhã!" Se seguíssemos esse lema nos Estados Unidos, fico imaginando quanta gente passaria fome...

O poder para construir a vida cristã vem da oração: "orando no Espírito Santo" (Jd 20). A Palavra de Deus e a oração andam juntas no crescimento espiritual. Restringir-se a ler e a estudar a Bíblia trará muita luz, mas pouco poder. Concentrar-se na oração, porém, e deixar a Bíblia de lado pode deixar os cristãos cheios de zelo sem conhecimento. Ao ler a Palavra para crescer na fé (Rm 10:17), usa-se essa fé para pedir a Deus o que é preciso e o que sua Palavra diz que se pode ter.

A Palavra de Deus e a oração certamente andam juntas (At 6:4). O evangelista Billy Sunday costumava passar aos que se convertiam com sua pregação três regras para uma vida cristã bem-sucedida. Deveriam ler a Bíblia diariamente e deixar que Deus lhes falasse. Deveriam orar, ou seja, falar com Deus. E deveriam testemunhar e falar a outros sobre Deus. É difícil encontrar algo que melhore essas regras.

O que significa "orar no Espírito Santo"? (convém observar o contraste com Judas 19 – "que não têm o Espírito"). Significa orar de acordo com a orientação do Espírito. Alguém disse bem: "Orar não é garantir que a vontade do homem seja feita no céu, mas sim, que a vontade de Deus seja feita na Terra", o que está de acordo com 1 João 5:14, 15.

Como cristãos, podemos orar em particular (Mt 6:6), mas nunca *sozinhos*; o Espírito de Deus nos acompanha enquanto oramos (Rm 8:26-28), pois ele conhece a mente de Deus e pode nos orientar. Pode dar sabedoria e conhecimento da Palavra (Ef 1:15ss). Também pode nos ajudar a nos aproximar do Pai por meio do acesso que temos em Jesus Cristo (Ef 2:18). Adoramos a Deus "no Espírito" (Fp 3:3), e o Espírito nos motiva a orar, pois ele é "o espírito da graça e de súplicas" (Zc 12:10). Quando o cristão sujeita-se ao Espírito, ele o ajuda em suas orações, e Deus as responde.

Esse "processo de edificação" na vida cristã envolve a Palavra de Deus, o Espírito

de Deus e a oração. Mas, por mais preciosas que sejam, essas coisas podem se tornar rotineiras; assim, Judas acrescenta outro elemento: "guardar-se no amor de Deus" (Jd 21). Ele não escreve "guardai-vos na vossa salvação", pois já lhes garantiu que estão "guardados em Jesus Cristo" (Jd 1). O que lhes pede é: "guardai-vos no amor de Deus". Jesus fez uma declaração semelhante, relatada em João 15:9: "permaneço no meu amor".

Amar a Deus não significa apenas ter um tipo especial de sentimento. É evidente que, ao crescer na graça, experimenta-se uma comunhão mais profunda com o Pai (Jo 14:21-24) e, em certas ocasiões, sente-se que ele está mais próximo. A Bíblia compara isso ao amor entre o marido e a esposa (Ef 5:22ss). Qualquer casal que tenha um casamento feliz sabe que o amor se aprofunda ao longo dos anos.

Mas, assim como um casamento bem-sucedido, a vida cristã não é feita apenas de sentimentos enlevados. Também é preciso haver obediência e preocupação mútua. "Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus" (1 Jo 2:5). "Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor" (Jo 15:10). O amor por Deus crescerá quando ouvimos sua Palavra, obedecemos a ela e nos deleitamos em fazer o que lhe agrada. É assim que nos guardamos no amor de Deus.

O amor de Deus é santo, não um sentimento superficial. "Vós que amais o SENHOR, detestai o mal" (Sl 97:10). Amar a Deus é amar o que ele ama e detestar o que ele detesta! Agradamos a Deus fazendo o que ele ordena. Na família de Deus, é o cristão dedicado e separado que desfruta a comunhão mais profunda com o Pai (2 Co 6:14-18).

Edificamos a vida cristã sobre o alicerce da fé e por meio da motivação do amor. Além disso, porém, é preciso ter esperança: "aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tt 2:13). "Esperando e apressando a vinda do Dia de Deus" (2 Pe 3:12).

O termo traduzido por “esperando” (Jd 21) significa “aguardando com seriedade”. Descreve uma atitude de vida motivada pela promessa da volta do Senhor. A única coisa pela qual os apóstatas podem esperar é o julgamento, mas o povo de Deus espera receber misericórdia. Em sua misericórdia, Deus não apenas salva do pecado como também livra a Igreja deste mundo perverso. Em sua misericórdia, ele voltará para nos buscar e nos levar para junto de si.

Observamos anteriormente que esperar pela vinda do Senhor é um grande estímulo para a vida cristã. Essa expectativa cria em nós o desejo de nos mantermos puros (1 Jo 3:3) e de nos guardarmos das coisas da carne e do mundo (Fp 3:17-21). Nossa esperança em Cristo é como uma âncora (Hb 6:19) que nos mantém firmes em meio às tempestades da vida; também é como um capacete que nos protege nas batalhas da vida (1 Ts 5:8).

As três “virtudes cristãs” – fé, esperança e amor – capacitam ao crescimento espiritual. É possível edificar uma fundação sólida com materiais que não se deteriorarão. Não basta professar a fé com os lábios. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7:21). A parábola dos dois construtores (Mt 7:24-27) deixa claro que obedecer à vontade de Deus significa construir sobre uma fundação firme.

### 3. EXERCITEM O DISCERNIMENTO ESPIRITUAL (JD 22, 23)

Qual deve ser a atitude do cristão em crescimento em relação aos que se encontram sob a influência de apóstatas? Judas instrui seus leitores a exercitar o discernimento e a agir com base nele. Descreve três tipos diferentes de pessoas que precisam de ajuda espiritual. “E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida; salvai-os [outros], arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne”.

**Os que estão na dúvida (v. 22).** São os que estão vacilando. É provável que seja uma

referência às “almas inconstantes” sobre as quais Pedro escreve (2 Pe 2:14). São pessoas convertidas, mas não firmadas na fé. Nossa responsabilidade é ter misericórdia delas ou demonstrar compaixão para com elas, procurando afastá-las da influência dos apóstatas. Esse tipo de ministério exige muito amor e paciência, e se deve ter em mente que cristãos imaturos são como criancinhas que pensam ser capazes de fazer distinção entre o certo e o errado. Se lhes dissermos não, além de se rebelarem, se tornarão obstinados!

Uma das melhores maneiras de afastá-los dos falsos mestres é enfatizar tudo o que possuem em Cristo e compartilhar com eles o amor de Cristo de maneiras práticas. Deve-se mostrar-lhes como sua salvação é maravilhosa e como a Palavra é empolgante, pois, desse modo, perderão o interesse nos ensinamentos dos apóstatas. Não basta refutar doutrinas falsas; também é preciso haver o cuidado amoroso que garanta ao recém-convertido que nos importamos com ele.

Um pretense segredo, na verdade conhecido por todos, é que falsos mestres procuram, em especial, os membros descontentes das igrejas (ver Jd 16, “murmuradores” e “descontentes”). É importante o pastor e os outros membros demonstrarem amor e preocupação especiais pelos recém-convertidos além de ministrar aos membros maduros da igreja, a fim de que ninguém se desvie por negligência da congregação. Paulo enviou Timóteo aos recém-convertidos de Tessalônica a fim de confirmá-los na fé (1 Ts 3). Todo recém-convertido precisa de um cristão mais maduro para ensiná-lo a permanecer firme e a andar pela fé.

**Os que estão no fogo (v. 23a).** Ao que parece, esses indivíduos deixaram a congregação e, agora, fazem parte do grupo apóstata. Precisam ser arrebatados do fogo! Os anjos tomaram Ló pela mão e o arrastaram para fora de Sodoma (Gn 19:16), e, por vezes, é preciso fazer o mesmo, a fim de resgatar cristãos ignorantes e instáveis das garras de falsos mestres.

É provável que se trate de uma referência a Zacarias 3:2 e também a Amós 4:11. Na passagem de Zacarias, o “tição” era a



nação de Israel, trazida de volta da Babilônia e reassentada em sua terra. Deus via o povo como um “tição tirado do fogo”. Em Amós 4, Deus reprova seu povo por não dar ouvidos a suas advertências e julgamentos – pobreza, colheitas escassas, seca, pestes, guerra e até julgamentos como os que destruíram Sodoma e Gomorra. Eram como um “tição arrebatado da fogueira” e, no entanto, não davam o devido valor à misericórdia de Deus.

**Os perigosos (v. 23b).** A expressão “em temor” significa “com cautela”. Ao tentar ajudar os que se desviaram, deve-se ter o cuidado de não cair na mesma armadilha que eles! Muitos dos que foram salvar irmãos que afundavam acabaram, eles próprios, se afogando. Quando um cristão instável foi capturado por doutrinas falsas, é preciso ser cauteloso ao ajudá-lo, pois Satanás pode usá-lo para contaminar quem o está aconselhando. Ao procurar resgatá-lo, pode-se acabar sendo maculado ou queimado!

De acordo com o princípio que Judas apresenta, cristãos mais fortes jamais devem pensar que são imunes à influência satânica. Mesmo quando servem ao Senhor e procuram resgatar um de seus filhos, podem ser contaminados pelos que desejam socorrer. Os israelitas do Antigo Testamento precisavam tomar grande cuidado para evitar a contaminação cerimonial, e isso incluía até suas roupas (Lv 13:47ss; 14:47; 15:17). Uma pessoa “pura” que tocasse uma roupa “impura” ficava contaminada.

É claro que se deve amar o povo de Deus, mas, ao mesmo tempo, deve-se detestar o pecado. Onde quer que haja pecado, Satanás encontra um ponto de apoio para trabalhar na vida da pessoa. A contaminação espalha-se de maneira rápida e silenciosa e, portanto, requer medidas drásticas. Se um sacerdote israelita acreditasse que uma veste havia sido contaminada pela lepra, a veste deveria ser queimada.

Nem todo cristão está preparado para lidar com falsos mestres ou com os que foram influenciados e capturados por eles. É preciso ter um bom conhecimento da Palavra, uma vida fiel a Deus, uma compreensão

dos artifícios de Satanás e, sem dúvida alguma, a plenitude do Espírito de Deus. Também é necessário discernimento espiritual. É muito mais fácil instruir os recém-convertidos e mantê-los afastados de falsos mestres do que salvá-los do fogo.

#### 4. ENTREGUEM-SE A JESUS CRISTO (Jd 24, 25)

Esta bênção bastante conhecida é rica em verdades espirituais a serem recebidas pelo cristão. Quem deseja manter os pés no chão em termos espirituais, andar corretamente e não tropeçar deve entregar-se inteiramente ao Salvador. Somente ele pode nos guardar, mas devemos “[nos guardar] no amor de Deus” (Jd 21). Ele é capaz de nos guardar desde que estejamos dispostos a ser guardados!

Judas não escreve sobre a possibilidade de o cristão pecar e sair da família de Deus. Observamos anteriormente como ele deixa claro, em Judas 1, que os verdadeiros cristãos são “guardados” e não podem se perder. Antes, ele escreve aqui sobre a caminhada diária com o Senhor e sobre o perigo de desviar-se e de tropeçar. Quem desobedece a Deus pode confessar seus pecados e receber o perdão do Senhor (1 Jo 1:9). Se persistir nessa desobediência, Deus o disciplinará com amor (Hb 12:5-11). Jamais permite que um de seus filhos se perca.

O Pai fez uma aliança com o Filho prometendo que, um dia, todo o seu povo verá e participará de sua glória (ver Jo 17:22-24). Jesus Cristo terá a alegria especial de apresentar sua noiva, a Igreja, diante do trono do Pai! Foi a expectativa dessa “alegria” que o ajudou a suportar os sofrimentos na cruz (Hb 12:2). O propósito da salvação não é apenas resgatar os pecadores do inferno, por mais maravilhoso que isso seja. O propósito maior da salvação é que Deus seja glorificado por toda a eternidade (Ef 1:6, 12, 14).

A Igreja de hoje possui máculas e rugas, mas, nesse dia, o povo de Deus se apresentará imaculado. Satanás não terá como acusar. A noiva será adornada com a justiça de Cristo para a glória de Deus.

Sabendo disso, o cristão tem uma forte motivação de viver para Cristo e de obedecer

à sua Palavra. Deseja alegrar seu coração hoje, enquanto aguarda com grande expectativa a alegria do dia em que ele vai receber sua noiva no céu! Esse é o significado de 1 João 3:3: "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (ver Ef 5:27; Fp 2:15).

Judas 25 é o único trecho desta epístola curta em que Judas chama o Senhor de "Salvador". Pedro usa esse título cinco vezes. Mas Judas começa sua carta lembrando seus leitores da "comum salvação" (Jd 3) que compartilham por causa da fé em Jesus Cristo. Não basta dizer que Jesus Cristo é "um Salvador" ou "o Salvador"; deve-se declarar que ele é "nosso Salvador - meu Salvador".

Ele não é apenas nosso Salvador, mas também o "único Deus", Aquele que pode dar sabedoria a fim de vivermos para glória de Deus. Os falsos mestres vangloriavam-se de seu conhecimento especial, mas lhes faltava sabedoria espiritual. Deus dá sabedoria aos que pedem (Tg 1:5), desde que estejam sinceramente dispostos a obedecer a ele. Se os cristãos buscassem a sabedoria de Deus em sua Palavra, não tropeçariam nas armadilhas de falsos mestres, mas andariam de modo agradável ao Senhor (Cl 1:9, 10).

Por que devemos andar em obediência à vontade de Deus? Para que Cristo receba toda a glória!

A "glória" é a soma total do que Deus é e do que Deus faz. Tudo nele é glorioso! A glória do homem seca como a grama cortada, mas a glória de Deus permanece para sempre.

A "majestade" é sua "grandeza, magnificência". Somente Deus é grande. Quem louva a Deus exalta a Pessoa mais magnificente

do universo. Ele não é apenas Rei; ele é o Rei dos reis! Não é apenas Senhor; é Senhor dos senhores!

O "império" refere-se à soberania e ao domínio de Deus sobre todas as coisas. O termo grego significa "força, poder", mas dá a idéia de controle absoluto sobre tudo o que existe.

A "soberania" refere-se a sua "autoridade", o direito de usar o poder. Toda autoridade pertence a Jesus Cristo (Mt 28:18), inclusive a autoridade sobre os poderes das trevas (Ef 1:19-23). Quem se entrega a Cristo compartilha sua autoridade e realiza sua vontade.

Que doxologia maravilhosa! Conhecendo o objetivo de Judas ao escrever esta carta, sua doxologia torna-se ainda mais significativa. Judas lembra seus leitores da grandeza de Jesus Cristo. Se, pelo menos, conseguissem entender essa verdade, não seriam enganados pelos falsos mestres. Como o rapaz que, ao se apaixonar e se casar, perde todo o interesse pelas antigas namoradas, o cristão que se "[guarda] no amor de Deus" (Jd 21), envolto nas glórias do Salvador, não terá mais desejo algum de buscar os substitutos que Satanás oferece.

Não é preciso tropeçar.

Ao lembrar a Palavra, edificar a vida cristã sobre a fé, a esperança e o amor, exercitar o discernimento espiritual e se entregar a Cristo, o cristão será guardado pelo Senhor de tropeçar.

É preciso permanecer alertas, pois o inimigo é sutil, e os perigos são grandes.

Mas o único Deus, nosso Salvador, nos guardará em segurança e, um dia, nos apresentará com alegria na glória!

# APOCALIPSE

---

## ESBOÇO

**Tema-chave:** Jesus Cristo é vitorioso

**Versículos-chave:** Apocalipse 1:19; 17:14

### I. AS COISAS QUE VISTE – CAPÍTULO 1

A visão de João do Cristo exaltado

### II. AS COISAS QUE SÃO – CAPÍTULOS 2 – 3

As mensagens para as sete igrejas

### III. AS COISAS QUE HÃO DE ACONTECER – CAPÍTULOS 4 – 22

A. No céu: o trono –  
4 – 5

B. Na Terra: a Tribulação –  
6 – 19

1. A primeira metade – 6 – 9

2. O meio – 10 – 14

3. A última metade – 15 – 19

C. O reino de Cristo – 20

D. Os novos céus e a nova Terra –  
21 – 22

## CONTEÚDO

1. Um livro muito especial  
(Ap 1)..... 721
  2. Cristo e as igrejas, parte 1  
(Ap 2)..... 728
  3. Cristo e as igrejas, parte 2  
(Ap 3)..... 734
  4. Vinde, adoremos ao Senhor!  
(Ap 4 – 5)..... 741
  5. Os selos e os selados  
(Ap 6 – 7)..... 747
  6. Toquem as trombetas!  
(Ap 8 – 9)..... 753
  7. Um tempo de testemunho  
(Ap 10 – 11)..... 759
  8. O trio terrível  
(Ap 12 – 13)..... 766
  9. Vozes de vitória  
(Ap 14 – 16)..... 773
  10. Desolação e destruição!  
(Ap 17 – 18)..... 779
  11. O Rei e o seu reino  
(Ap 19 – 20)..... 785
  12. Todas as coisas novas!  
(Ap 21 – 22)..... 791
-

# UM LIVRO MUITO ESPECIAL

## APOCALIPSE 1

“**N**unca profetize”, aconselhou o humorista norte-americano Josh Billings, “pois se você profetizar incorretamente, ninguém se esquecerá; e se profetizar corretamente, ninguém se lembrará”.

Inúmeras profecias surgiram e desapareceram ao longo dos séculos e, no entanto, o livro que o apóstolo João escreveu no final do primeiro século continua conosco. Até hoje, depois de muitos anos de estudos intensivos, a mensagem e os mistérios desse livro continuam a me fascinar.

Em Apocalipse 1, João apresenta o livro e os dados essenciais para essa profecia ser considerada e compreendida.

### 1. O TÍTULO (AP 1:1A)

O termo grego *apokalypsis* dá origem à palavra “apocalipse” que, hoje em dia, infelizmente é sinônimo de caos e de catástrofe. O verbo significa, simplesmente, “descobrir, revelar, tornar manifesto”. Neste livro, o Espírito Santo abre as cortinas e dá o privilégio de ver o Cristo glorificado no céu e o cumprimento de seus desígnios soberanos no mundo.

Em outras palavras, Apocalipse é um livro aberto, no qual Deus revela seus planos e propósitos para a Igreja. Quando Daniel terminou de escrever sua profecia, recebeu a seguinte instrução: “encerra as palavras e sela o livro” (Dn 12:4); mas João foi instruído a fazer exatamente o contrário: “Não seles as palavras da profecia deste livro” (Ap 22:10). Por quê? Desde o Calvário, a ressurreição e a vinda do Espírito Santo, Deus iniciou os “últimos dias” (Hb 1:1, 2) e está cumprindo seus desígnios ocultos neste mundo. “O tempo está próximo” (Ap 1:3; 22:10).

A profecia de João é, em primeiro lugar, a revelação de Jesus Cristo, não a revelação de acontecimentos futuros. Não se deve separar a Pessoa da profecia, pois sem a Pessoa, a profecia não poderia se cumprir. Nas palavras de Merrill Tenney: “Ele não é secundário à ação, mas sim o Tema central”. Em Apocalipse 1 a 3, Cristo é apresentado como o Rei e Sacerdote exaltado ministrando às igrejas. Em Apocalipse 4 e 5, é apresentado no céu como o Cordeiro glorificado de Deus, reinando no trono. Em Apocalipse 6 a 18, Cristo é o Juiz de toda a Terra; em Apocalipse 19, ele volta à Terra como o Rei dos reis vitorioso. O livro encerra com o Noivo celestial conduzindo a noiva, a Igreja, à cidade celestial gloriosa.

Qualquer que seja a abordagem ao estudar este livro, o importante é conhecer melhor o Salvador.

### 2. O AUTOR (AP 1:1B, 2, 4, 9; 22:8)

O Espírito Santo usou o apóstolo João para oferecer três textos distintos: o Evangelho de João, as três epístolas e o Livro de Apocalipse. Seus objetivos podem ser resumidos da seguinte forma:

<i>Evangelho de João</i>	<i>Epístolas</i>	<i>Apocalipse</i>
Crer 20:31	Ter certeza 1 João 5:13	Estar preparado 22:20
A vida é recebida	A vida é revelada	A vida é recompensada
Salvação	Santificação	Soberania
O Profeta	O Sacerdote	O Rei

João escreveu Apocalipse por volta do ano 95 d.C., durante o reinado do imperador romano Tito Flávio Domiciano. O imperador havia exigido que todos o adorassem como “Senhor e Deus”, e a recusa dos cristãos em obedecer a seu édito resultou em intensa perseguição. De acordo com a tradição, foi Domiciano quem enviou João para a ilha de Patmos, uma colônia penal de Roma na costa da Ásia Menor. Uma vez que esse foi o local do exílio de João, talvez não seja surpreendente encontrar a palavra “mar” 23 vezes em Apocalipse.

Durante o ministério de Jesus aqui na Terra, João e seu irmão Tiago pediram a Jesus lugares especiais de honra junto a seu trono. O Senhor lhes disse que teriam de ser dignos desses lugares participando de seu sofrimento. Tiago foi o primeiro apóstolo martirizado (At 12:1, 2); João foi o último apóstolo a morrer, sofrendo, antes disso, no exílio em Patmos (ver Mt 20:20-23).

De que maneira o Senhor transmitiu o conteúdo deste livro a seu servo? De acordo com Apocalipse 1:1, 2, o Pai deu uma revelação ao Filho que, por sua vez, a compartilhou com o apóstolo usando "seu anjo" como intermediário. Em algumas ocasiões, é o próprio Cristo que transmite informações a João (Ap 1:10ss); outras vezes é um anjo (Ap 7:13); e, com frequência, é um anjo (Ap 17:1; 19:9, 10). Também há momentos em que uma "voz do céu" diz a João o que falar e fazer (Ap 10:4). Por mais variados que tenham sido os meios de comunicação, o livro foi transmitido por Deus a João e inteiramente inspirado pelo Espírito.

O texto original de Apocalipse 1:1 diz que a revelação foi "enviada através de um sinal". A palavra "sinal" é usada com um sentido semelhante em Apocalipse 12:1, 3; 15:1 e 19:20. Trata-se do mesmo termo empregado no Evangelho de João para falar dos milagres de Jesus Cristo, pois seus milagres transmitiam uma mensagem espiritual mais profunda e não eram, portanto, apenas demonstrações de poder. Em nosso estudo de Apocalipse encontraremos um bocado de simbolismo, grande parte dele relacionado ao Antigo Testamento.

Por que João valeu-se de simbolismo? Em primeiro lugar, esse tipo de "código espiritual" é compreendido somente pelos que conhecem a Cristo pessoalmente. Para um oficial romano que tentasse usar Apocalipse como prova contra os cristãos, o texto não passaria de um enigma. O motivo mais importante, porém, é que o simbolismo não sofre os efeitos do tempo. João lança mão das grandes "imagens" da revelação de Deus e as organiza na forma de um drama empolgante que tem encorajado santos perseguidos e aflitos ao longo dos séculos. No

entanto, não se deve concluir que o uso de símbolos indique que os eventos sejam fictícios. O apóstolo descreve acontecimentos reais!

Existe um terceiro motivo pelo qual João se valeu de simbolismo: os símbolos não apenas transmitem informações, mas também comunicam valores e suscitam emoções. João poderia ter escrito: "o mundo será governado por um ditador"; em vez disso, porém, descreveu *uma besta*. O símbolo é muito mais significativo do que o título "ditador". Em lugar de explicar o sistema do mundo, o apóstolo apresenta "a grande Babilônia" e contrasta a "meretriz" com a "noiva". O nome Babilônia, por si mesmo, era suficiente para transmitir verdades espirituais profundas aos leitores que conheciam o Antigo Testamento.

Mas ao procurar entender o simbolismo de João, não se deve deixar a imaginação correr solta. Os símbolos bíblicos são coerentes com a revelação das Escrituras em sua totalidade. Alguns são explicados (Ap 1:20; 4:5; 5:8); outros podem ser compreendidos a partir da imageria do Antigo Testamento (Ap 2:7, 17; 4:7); e alguns não são acompanhados de explicação alguma (a "pedrinha branca" em Ap 2:17). Há em Apocalipse quase trezentas referências ao Antigo Testamento! Isso significa que se deve basear as interpretações no que Deus já revelou pois, de outro modo, acaba-se tirando conclusões equivocadas acerca deste livro profético tão importante.

### 3. OS LEITORES (AP 1:3, 4)

Originalmente, o livro foi enviado a sete igrejas reais da Ásia Menor, mas João deixa claro que *qualquer* cristão pode ler e ser beneficiado (Ap 1:3). Aliás, Deus profetizou uma bênção especial para o que ler sua mensagem e obedecer a ela ("ler", aqui, significa "ler em voz alta"; inicialmente, Apocalipse foi lido em voz alta em reuniões das igrejas locais). O apóstolo Paulo enviou cartas a sete igrejas – Roma, Corinto, Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos e Tessalônica – e, agora, João envia seu livro a outras sete igrejas. Logo no início do livro, o

apóstolo apresenta uma mensagem especial de Cristo a cada igreja.

João não enviou este livro de profecias às congregações a fim de satisfazer a curiosidade de seus membros acerca do futuro. O povo de Deus passava por perseguições intensas e precisava ser encorajado. Quando o Livro de Apocalipse fosse lido para eles, sua mensagem lhes daria força e esperança. Mais do que isso, os ajudaria a examinar a própria vida (e cada congregação local) e definir as áreas que precisavam de correções. Não deveriam apenas *ouvir* a Palavra, mas também guardá-la como um tesouro e praticá-la. A bênção decorrente de *praticar* seria ainda maior do que a bênção decorrente de *ouvir* (ver Tg 1:22-25).

Convém observar que existem sete "bem-aventuranças" em Apocalipse: 1:3; 14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7,14. O número sete é importante neste livro, pois significa plenitude e consumação. Em Apocalipse, Deus diz como vai completar sua grande obra e trazer seu reino eterno. O livro fala de sete selos (Ap 5:1), sete trombetas (Ap 8:6), sete taças (Ap 16:1), sete estrelas (Ap 1:16) e sete candelários (Ap 1:12, 20). Outras formas de uso do número sete serão vistas ao longo deste estudo.

As mensagens especiais para cada uma das sete igrejas são apresentadas em Apocalipse 2 e 3. Alguns estudiosos acreditam que essas Igrejas constituem um "panorama da história da Igreja", desde os tempos apostólicos (Éfeso) até os dias de apostasia de nosso tempo (Laodicéia). Apesar de ser possível que essas igrejas *ilustrem* vários estágios da história da Igreja, provavelmente não foi esse o motivo principal pelo qual tais assembléias foram escolhidas. Antes, essas cartas nos lembram que o Cabeça da Igreja, o Cristo exaltado no céu, sabe o que se passa em cada congregação e que a relação de cada cristão com ele e com sua Palavra define a vida e o ministério dos grupos locais.

Deve-se ter em mente que as congregações da Ásia Menor enfrentavam perseguições, e era importante se relacionarem corretamente com o Senhor e umas com as

outras. Essas igrejas são retratadas como sete candelários, cada um irradiando sua luz em um mundo de trevas (Fp 2:15; Mt 5:14-16). Quanto mais escuro o dia, mais fulgurante deve ser a luz; infelizmente, em pelo menos cinco dessas congregações havia situações que precisavam ser corrigidas, a fim de que a luz brilhasse com mais intensidade. Ao ler Apocalipse 2 e 3, é possível observar que o Senhor sempre os lembra de quem ele é e os encoraja a ser "vencedores".

Além disso, a promessa da vinda de Jesus Cristo deve ser motivo de obediência e de consagração para todos os cristãos de todas as épocas (Ap 1:3, 7; 2:5, 25; 3:3, 11; 22:7, 12, 20; ver também 1 Jo 1:1-33). Nenhum cristão deve estudar as profecias apenas para satisfazer sua curiosidade. Quando Daniel e João receberam a revelação de Deus acerca do futuro, ambos caíram como se estivessem mortos (Dn 10:7-10; Ap 1:17). Ficaram sobrepujados! Deve-se abordar este livro como admiradores e adoradores, não apenas como estudiosos acadêmicos.

#### 4. A DEDICATÓRIA (AP 1:4-6)

Certa vez, um amigo me disse:

– Se você não parar de escrever livros, logo não vai ter mais a quem dedicá-los!

Aprecio o elogio, mas não concordo com a idéia. João não teve problema algum em saber a quem dedicar seu livro! Mas, antes de escrever a dedicatória, lembrou seus leitores de que era o Deus Triúno que os havia salvo e que os guardaria ao enfrentarem o sofrimento das tribulações abrasadoras.

Deus Pai é descrito como o Eterno (ver Ap 1:8; 4:8). Toda a história – inclusive a perseguição da Igreja – faz parte de seu plano eterno. Em seguida, o Espírito Santo é visto em sua plenitude, pois não há sete espíritos, mas somente um. É provável que essa idéia refira-se a Isaías 11:2.

Por fim, Jesus Cristo é visto nas três facetas de seu ministério como Profeta (Fiel Testemunha), Sacerdote (Primogênito dos mortos) e Rei (Soberano dos reis da Terra). *Primogênito* não significa "o primeiro a ser ressuscitado dentre os mortos", mas sim "o mais exaltado a ser ressuscitado dentre os

mortos". A designação "primogênito" indica honra (ver Rm 8:29; Cl 1:15, 18).

Mas, das três Pessoas da Trindade, é somente a Jesus Cristo que João dedica este livro, em função do que Cristo faz pelo povo. Em primeiro lugar, ele *nos ama* (tempo verbal presente na maioria dos manuscritos). Esse fato é paralelo à ênfase do Evangelho de João. Ele também, *nos libertou dos pecados*, ou, como dizem alguns textos, *nos purificou*. Esse fato é paralelo à mensagem das epístolas de João (ver 1 Jo 1:5ss). E, como ponto culminante, Cristo *nos constituiu reino de sacerdotes*, a ênfase do livro de Apocalipse. Hoje, Jesus Cristo é Rei e Sacerdote como Melquisedeque (Hb 7), e estamos assentados com ele em seu trono (Ef 2:1-10).

Em seu amor, Deus chamou Israel para ser um reino de sacerdotes (Êx 19:1-6), mas o povo fracassou, e seu reino lhes foi tirado (Mt 21:43). Hoje, os que fazem parte do povo de Deus (a Igreja) são seus reis e sacerdotes (1 Pe 2:1-10), exercendo autoridade espiritual e servindo a Deus neste mundo.

### 5. O TEMA (Ap 1:7, 8)

O tema predominante do Livro de Apocalipse é a volta de Jesus Cristo para derrotar todo o mal e estabelecer seu reino. É, sem dúvida alguma, um livro de vitória, e os cristãos são considerados "vencedores" (ver Ap 2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21; 11:7; 12:11; 15:2; 21:7). Em sua primeira epístola, João também considera o povo de Deus vencedor (ver 1 Jo 2:13, 14; 4:4; 5:4, 5). Para os olhos incrédulos, Jesus Cristo e sua Igreja não passam de derrotados neste mundo; mas para os olhos da fé, ele e seu povo são verdadeiros vencedores. Como Peter Marshall disse certa vez: "É melhor fracassar em uma causa que será bem-sucedida no final do que ser bem-sucedido em uma causa que fracassará no final".

A declaração em Apocalipse 1:7: "Eis que vem com as nuvens" é uma descrição da volta do Senhor à Terra, apresentada em mais detalhes em Apocalipse 19:11ss. Não se trata da mesma ocasião em que ele voltará *nos ares* para arrebatá-lo (1 Ts 4:13-18; 1 Co 15:51ss). Quando vier para arrebatá-lo

sua Igreja, chegará "como ladrão" (Ap 3:3; 16:15), e somente os nascidos de novo poderão vê-lo (1 Jo 3:1-3). O acontecimento descrito em Apocalipse 1:7 será testemunhado por todo o mundo, especialmente pela nação arrependida de Israel (ver Dn 7:13; Zc 12:10-12). Será público, não secreto (Mt 24:30, 31), e constituirá o ponto culminante do período de Tribulação descrito em Apocalipse 6 a 19.

Mesmo os estudiosos mais sérios da Bíblia nem sempre apresentam um consenso quanto aos fatos que levarão ao estabelecimento do reino eterno de Deus (Ap 21 - 22). É minha convicção pessoal que o próximo evento no cronograma de Deus será o arrebatamento, quando Cristo voltará nos ares e levará sua Igreja para a glória. A promessa de Cristo à Igreja em Apocalipse 3:10, 11 indica que a Igreja não passará pela Tribulação, o que é corroborado, ainda, por Paulo em 1 Tessalonicenses 1:10; 5:9, 10. Para mim, é bastante significativo a palavra *Igreja* não aparecer nenhuma vez entre Apocalipse 3:22 e 22:16.

Depois que a Igreja for arrebatada, sucederão os acontecimentos retratados em Apocalipse 6 a 19: a Tribulação, a ascensão do "homem da iniquidade", a Grande Tribulação (o "furor da ira" de Deus), a destruição do governo mundial humano e, por fim, a volta de Cristo à Terra para estabelecer seu reino. Daniel indica que esse período de conturbação mundial durará sete anos (Dn 9:25-27). Ao longo de todo o Livro de Apocalipse, vêem-se certas medidas de tempo que coincidem com esse período de sete anos (Ap 11:2, 3; 12:6, 14; 13:5).

Os títulos dados a Deus em Apocalipse 1:8 deixam claro que ele certamente é capaz de realizar seus propósitos na história humana. *Alfa* e *Ômega* são a primeira e a última letra do alfabeto grego, de modo que Deus é o princípio de todas as coisas e também o fim. Como Deus eterno (ver Ap 1:4), ele não é limitado pelo tempo. Também é Todo-Poderoso, capaz de fazer qualquer coisa. *Todo-Poderoso* é uma designação importante usada para Deus em Apocalipse (Ap 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7, 14; 19:6, 15; 21:22).

Deus o Pai é chamado de "Alfa e Ômega" em Apocalipse 1:8 e 21:6; mas esse nome também é aplicado ao Filho (Ap 1:11; 22:13). Trata-se de um forte argumento em favor da divindade de Cristo. O mesmo acontece com o título "primeiro e último" (ver Is 41:4; 44:6; 48:12, 13), outra prova de que Jesus é Deus.

## 6. A OCASIÃO (AP 1:9-18)

O Livro de Apocalipse nasceu de uma experiência espiritual profunda de João durante o exílio em Patmos.

**O que João ouviu (vv. 9-11).** No dia do Senhor, João ouviu uma voz como de uma trombeta atrás dele. Era Jesus Cristo falando! Tanto quanto sabemos, o apóstolo não havia ouvido a voz do Senhor desde a ascensão de Cristo mais de sessenta anos antes dessa ocasião. O Senhor incumbiu João de escrever este livro e de enviá-lo para as sete igrejas escolhidas. Posteriormente, João ouviu outra voz semelhante a uma trombeta, convocando-o para o céu (Ap 4:1). (Alguns estudiosos relacionam esse episódio a 1 Ts 4:13-18 e consideram o "arrebato" de João um retrato do arrebato da Igreja.)

**O que João viu (vv. 12-16).** O apóstolo teve uma visão do Cristo glorificado. Apocalipse 1:20 deixa claro que não se deve interpretar essa visão literalmente, pois é constituída de símbolos. Os sete candeeiros representam as sete igrejas que receberiam o livro. Cada igreja local é portadora da luz de Deus neste mundo escuro. É interessante comparar essa visão com a de Daniel (Dn 7:9-14).

Cristo está vestido como Juiz e Rei, alguém com honra e autoridade. Os cabelos brancos simbolizam sua natureza eterna, "o Ancião de Dias" (Dn 7:9, 13, 22). Seus olhos vêem todas as coisas (Ap 19:12; Hb 4:12), permitindo que julgue com justiça. Seus pés de bronze polido também sugerem julgamento, uma vez que o altar de bronze era o lugar onde o fogo consumia o sacrifício pelo pecado. O Senhor veio para julgar as igrejas e o sistema perverso do mundo.

O som "como voz de muitas águas" (Ap 1:15) lembra-me das cataratas do Niágara!

É possível que sugira duas idéias: (1) Cristo reúne todas as "correntes de revelação" e é a "última Palavra" do Pai para os homens (Hb 1:1-3); (2) ele fala com poder e autoridade e deve ser ouvido. A espada de sua boca representa, sem dúvida alguma, a Palavra viva de Deus (Hb 4:12; Ef 6:17). Ele luta contra os inimigos usando sua Palavra (Ap 2:16; 19:19-21).

De acordo com Apocalipse 1:20, as estrelas no céu representam os anjos ("mensageiros", ver Lc 7:24, em que o termo grego é traduzido desse modo), ou, talvez, os pastores das sete igrejas. Deus tem seus servos em suas mãos e os coloca em lugares onde deseja que "brilhem" para ele. Em Daniel 12:3, os prudentes e os que ganham almas são comparados a estrelas brilhantes.

O rosto resplandecente do Senhor lembra sua transfiguração (Mt 17:2) e também a profecia de Malaquias 4:2 ("nascerá o sol da justiça"). O Sol é uma representação conhecida de Deus no Antigo Testamento (Sl 84:11), lembrando não apenas suas bênçãos, mas também o julgamento. O Sol pode abençoar e também queimar!

Essa visão de Cristo é inteiramente distinta da aparição do Salvador que João viu "em carne", quando Jesus ministrava na terra. Não é o "dócil carpinteiro judeu" sobre o qual os sentimentalistas gostam de cantar. Antes, é o Filho de Deus ressurreto e exaltado, o Rei e Sacerdote que tem autoridade para julgar todos os homens, a começar pelo próprio povo (1 Pe 4:17).

**O que João fez (vv. 17, 18).** O apóstolo que se reclinara no peito de Jesus (Jo 13:23) prostrou-se aos pés do Senhor como se estivesse morto. Uma visão do Cristo exaltado não produz outra coisa senão grande reverência e temor (Dn 10:7-9). É preciso ter essa atitude de respeito hoje, quando tantos cristãos falam e agem com familiaridade indevida para com Deus. A reação de João ilustra o que Paulo escreveu em 2 Coríntios 5:16: "se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo". João não estava mais "aconchegado" junto ao coração do Senhor, relacionando-se com ele da forma que havia feito antes.



O Senhor tranqüilizou o apóstolo tocando-o e falando com ele (ver Dn 8:18; 9:21; 10:10, 16, 18). As palavras “Não temas!” são um grande encorajamento a todos os filhos de Deus. Não é preciso temer a vida, pois Cristo é “Aquele que vive”. Não é preciso temer a morte, pois ele morreu, está vivo e conquistou a morte. E não é preciso temer a eternidade, pois ele tem as chaves da morte e do inferno. Aquele que tem as chaves é Aquele que tem autoridade.

Logo no início deste livro, Jesus apresenta-se a seu povo em glória majestosa. O que a Igreja de hoje precisa é de uma nova consciência de Cristo e de sua glória. É necessário vê-lo “assentado sobre um alto e sublime trono” (Is 6:1). Existe uma ausência perigosa de reverência e de adoração nas congregações de hoje. Orgulhamo-nos de estar firmes nos próprios pés quando deveríamos estar quebrantados e prostrados aos pés do Senhor. Durante anos, Evan Roberts orou: “Quebranta-me! Quebranta-me!”, e, quando Deus respondeu, trouxe grande reavivamento no País de Gales.

## 7. O ESBOÇO (AP 1:19)

Tanto quanto eu sei, Apocalipse é o único Livro da Bíblia que apresenta um esboço inspirado de seu conteúdo. “As coisas que viste” referem-se à visão em Apocalipse 1: “As coisas que são” referem-se a Apocalipse 2 e 3, as mensagens especiais às sete igrejas. “As [coisas] que hão de acontecer depois destas” dizem respeito aos acontecimentos descritos em Apocalipse 4 a 22. Aquilo que João ouve em Apocalipse 4:1 corrobora essa interpretação.

Recapitulando, é possível resumir as características básicas deste livro da seguinte maneira:

**Seu tema central é Cristo.** Por certo, todas as Escrituras falam do Salvador, mas o Livro de Apocalipse magnifica de maneira especial a grandeza e glória de Jesus Cristo. Afinal, o livro é a revelação de Jesus, não apenas de acontecimentos futuros.

**É “aberto”.** João recebeu a ordem de não selar o livro (Ap 22:10), pois o povo de Deus precisava de sua mensagem. Apesar

de conter mistérios que talvez só sejam desvendados quando nos encontrarmos junto ao trono de Deus, Apocalipse *pode* ser compreendido. João enviou o livro para as sete igrejas da Ásia Menor na expectativa de que, quando lessem sua mensagem em voz alta, compreenderiam o suficiente de suas verdades de modo a serem grandemente encorajados nas situações difíceis que enfrentavam.

**É repleto de símbolos.** Os símbolos são eternos em sua mensagem e ilimitados em seu conteúdo. O símbolo da “Babilônia”, por exemplo, teve origem em Gênesis 10 e 11 e seu significado cresce à medida que é usado ao longo das Escrituras, chegando ao ápice em Apocalipse 17 e 18. O mesmo vale para os símbolos do “Cordeiro” e da “noiva”. É empolgante sondar os significados mais profundos transmitidos por esses símbolos.

**Trata de profecias.** Esse fato é declarado inequivocamente em Apocalipse 1:3; 22:7, 10, 18, 19; ver também 10:11. As cartas para as sete igrejas da Ásia Menor tratam de necessidades imediatas das congregações, que, aliás, continuam presentes nas igrejas de hoje; o restante do livro, porém, é dedicado quase inteiramente às revelações proféticas. Ao ver o Cristo vitorioso diante deles, os cristãos perseguidos encontraram encorajamento para a difícil tarefa de testemunhar. Quando estamos tranqüilos quanto ao futuro, temos estabilidade no presente. O próprio João sofria sob o poder de Roma (Ap 1:9), de modo que este é um livro nascido da aflição.

**Contém uma bênção.** Observamos anteriormente a promessa em Apocalipse 1:3, bem com outras seis “bem-aventuranças” espalhadas pelo livro. Não basta simplesmente ouvir (ou ler) o texto; é preciso responder à sua mensagem de coração, considerando-a pessoal e declarando “Amém!” com fé ao que ela diz (convém observar os vários “Améns” ao longo do livro: Ap 1:6, 7, 18; 3:14; 5:14; 7:12; 19:4; 22:20, 21).

**É relevante.** João escreveu sobre as coisas “que em breve devem acontecer” (Ap 1:1), “pois o tempo está próximo” (Ap 1:3) (ver também Ap 22:7, 10, 12, 20). A expressão

“em breve” não significa “logo” ou “de imediato”, mas sim “rapidamente, velozmente”. Deus não mede o tempo da mesma forma que nós (2 Pe 3:1-10). Ninguém sabe quando o Senhor voltará; mas quando ele começar a abrir os selos do livro (Ap 6:1ss), os acontecimentos sucederão rapidamente e sem interrupção.

**É majestoso.** Apocalipse é o livro “do trono”, pois a palavra “trono” é usada trinta e seis vezes ao longo do seu texto. O livro engrandece a soberania de Deus. Cristo é apresentado em sua glória e domínio!

**É universal.** João viu nações e povos (Ap 10:11; 11:9; 17:15) como parte do plano

de Deus. Também viu a sala do trono do céu e ouviu vozes dos confins do universo.

**É o ponto culminante.** Apocalipse é o ápice da Bíblia. Tudo o que começou em Gênesis será completado e cumprido de acordo com a vontade soberana de Deus. Ele é o “Alfa e Ômega [...] aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1:8). Deus termina tudo o que ele começa!

Mas antes de visitar a sala do trono do céu, é preciso parar e ouvir o homem “no meio dos candeeiros” revelando as necessidades pessoais das igrejas e do coração.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

# CRISTO E AS IGREJAS, PARTE 1

## APOCALIPSE 2

Quem já se mudou para outra comunidade e teve de escolher uma igreja nova para freqüentar sabe como é difícil examinar e avaliar uma igreja e seu ministério. Templos imponentes podem abrigar congregações moribundas, enquanto templos despretensiosos podem pertencer a congregações vigorosas em sua marcha para o Senhor. Uma igreja que parece “rica” pode ser pobre aos olhos de Deus (Ap 3:17), enquanto uma igreja “pobre” é, na verdade, rica para ele (Ap 2:9).

Somente Jesus Cristo, o Cabeça da Igreja, é capaz de sondar cada congregação de maneira exata e saber qual é sua verdadeira condição, pois ele vê os elementos interiores, não apenas as aparências (Ap 2:23b). Nestas mensagens especiais para as sete igrejas da Ásia Menor, o Senhor apresenta a cada congregação uma “radiografia” de sua condição. Mas seu desejo é que *todas* as igrejas leiam essas mensagens e sejam beneficiadas por elas (observar o plural “igrejas” em Ap 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22).

Mas o Senhor também fala a *indivíduos*, e é nesse ponto que entramos em cena. “Quem tem ouvidos, ouça.” As igrejas são constituídas de indivíduos, e são os indivíduos que definem a vida espiritual da congregação. Assim, ao ler estas mensagens, deve-se aplicá-las à vida, examinando o coração.

Por fim, deve-se ter em mente que João possuía o coração de um pastor e que procurava encorajar essas igrejas durante um tempo difícil de perseguição. Antes de Cristo julgar o mundo, deve julgar o próprio povo (Ez 9:6; 1 Pe 4:17). Uma igreja purificada não precisa jamais temer os ataques de Satanás

ou dos homens. Nas palavras de G. Campbell Morgan: “É admirável que a Igreja perseguida de Cristo seja a Igreja pura de Cristo. A igreja favorecida pelo mundo sempre foi a igreja contaminada”.

### 1. ÉFESO: A IGREJA DESCUIDADA (AP 2:1-7)

Cada uma das sete mensagens começa com uma descrição pessoal ou designação de Jesus Cristo proveniente da visão do Senhor apresentada em Apocalipse 1 (no caso de Éfeso, ver Ap 1:12, 16, 20). A congregação de Éfeso havia tido líderes “estelares” – Paulo, Timóteo e o próprio apóstolo João –, mas o Senhor lembra seus membros que *ele* está no controle de seu ministério, colocando as “estrelas” onde lhe convém. Como é fácil a igreja tornar-se orgulhosa e se esquecer de que os pastores e mestres são dádivas de Deus (Ef 4:11) que podem lhe ser tomadas a qualquer momento. Algumas igrejas precisam ser advertidas a adorar ao Senhor, não ao pastor!

**Aprovação (vv. 2, 3, 6).** Quanta bondade do Senhor começar com essas palavras de elogio! Em primeiro lugar, esta era uma igreja que *servia*, trabalhando com zelo na obra do Senhor. Sem dúvida, sua agenda semanal era repleta de atividades. Também era uma igreja que se *sacrificava*, pois o termo “labor” significa “trabalhar até a exaustão”. Os cristãos efésios pagavam um preço para servir ao Senhor. Eram uma congregação *firme*, pois o termo “perseverança” significa “resistência em meio às tribulações”. Não desistiam diante da adversidade.

A igreja de Éfeso era *separada*, pois examinava com cuidado os ministros que a visitavam (ver 2 Jo 7-11) para determinar se eram verdadeiros. Paulo havia advertido os presbíteros de Éfeso de que falsos mestres surgiriam vindos de fora e até mesmo do meio da igreja (At 20:28-31), e João os havia instruído a “[provar] os espíritos” (1 Jo 4:1-6). A igreja deve estar sempre alerta para detectar e rejeitar os ministros falsos de Satanás (2 Co 11:1-4, 12-15).

Os cristãos de Éfeso separavam-se não apenas de doutrinas falsas, mas também de obras falsas (Ap 2:6). A forma verbal do termo

*nicolaíta* significa “conquistar o povo”. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que se tratava de uma seita que “mandava” na igreja, privando o povo de sua liberdade em Cristo (ver 3 Jo 9-11) e que iniciou o que conhecemos hoje como a divisão entre o “clero” e os “leigos”, uma falsa divisão não ensinada em parte alguma do Novo Testamento. Todo o povo de Deus é “sacerdócio real” (1 Pe 2:9; Ap 1:6) e tem o mesmo acesso ao Pai por meio do sangue de Jesus Cristo (Hb 10:19ss). Veremos essa seita perigosa novamente ao estudar a mensagem para a igreja de Pérgamo.

Os cristãos de Éfeso eram um povo *sofredor*, que suportava pacientemente seus fardos e labutava sem esmorecer. E faziam tudo isso por amor ao nome do Senhor! Ao examinar essa congregação de vários ângulos diferentes, ela parece perfeita. No entanto, Aquele que estava entre os candeeiros via o coração dos efésios, e, portanto, seu diagnóstico é diferente do nosso.

**Acusação (v. 4).** Essa igreja ocupada, separada e disposta a se sacrificar sofria de “problemas amorosos” – os efésios haviam abandonado seu primeiro amor! Apresentavam “obras [...] labor [...] perseverança” (Ap 2:2), mas essas qualidades não eram motivadas pelo amor a Cristo (comparar com 1 Ts 1:3 – “da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança”). O que fazemos para o Senhor é importante, *mas o motivo pelo qual o fazemos também importa!*

O que é o “primeiro amor”? É a devoção a Cristo que caracteriza, com frequência, o recém-convertido: fervorosa, pessoal, desinibida, empolgada e demonstrada abertamente. É o amor da “lua-de-mel” de um casal (ver Jr 2:1, 2). Apesar de ser verdade que o amor conjugal maduro torna-se cada vez mais profundo e rico, também é verdade que nunca deve perder a empolgação e o fascínio dos primeiros dias de lua-de-mel. Quando o marido e a esposa deixam de dar o devido valor um ao outro e a vida se torna rotineira, o casamento corre perigo.

É possível servir, sacrificar-se e sofrer “por causa do meu nome” e, no entanto, não

amar Jesus Cristo verdadeiramente! Os cristãos de Éfeso estavam tão ocupados mantendo sua separação que deixaram de lado a adoração. O trabalho não substitui o amor; a pureza não substitui o fervor. A igreja precisa tanto de uma coisa quanto de outra a fim de agradar ao Senhor.

Ao ler a epístola de Paulo aos efésios, há pelo menos vinte referências ao *amor*. Também se vê que Paulo enfatiza a posição exaltada do cristão “em Cristo [...] nos lugares celestiais”. Mas a igreja de Éfeso havia caído e não vivia à altura de sua posição exaltada em Cristo (Ap 2:5). Só é possível servir a Cristo fielmente amando-o sincera e fervorosa (Ef 6:24).

**Admoestação (vv. 5-7).** O “primeiro amor” pode ser recuperado se forem seguidas as três instruções que Cristo dá. Em primeiro lugar, é necessário *lembrar* (literalmente, “continuar lembrando”) o que foi perdido e cultivar o desejo de restabelecer a comunhão íntima. Em seguida, é preciso *arrepender-se* – mudar de idéia – e confessar os pecados ao Senhor (1 Jo 1:9). Em terceiro lugar, deve-se *voltar à prática das primeiras obras*, o que indica a restauração à comunhão inicial, rompida pelo pecado e pela negligência. Para o cristão, isso significa orar, ler a Bíblia e meditar sobre ela, servir em obediência e adorar.

Apesar dos privilégios que havia desfrutado, a igreja de Éfeso corria o risco de perder a luz! Por mais correta que seja sua doutrina, a igreja que perde o amor logo perde também a luz. “Venho a ti” (Ap 2:5) não é uma referência à volta de Cristo, mas sim à vinda de seu julgamento *naquele momento e naquele lugar*. Hoje, a cidade gloriosa de Éfeso não passa de um montão de pedras onde não brilha mais luz alguma.

Apocalipse 2:7 deixa claro que os cristãos individuais dentro da igreja podem ser fiéis ao Senhor, a despeito das atitudes de outros. Nestas sete mensagens, os “vencedores” não são uma “elite espiritual”, mas sim verdadeiros cristãos, cuja fé lhes deu vitória (1 Jo 5:4, 5). O homem pecador foi banido para longe da árvore da vida (Gn 3:22-24), mas, em Cristo, há vida eterna e

abundante (Jo 3:16; 10:10). Desfruta-se essa bênção agora, e o será também, mais plenamente, na eternidade (Ap 22:1-5).

A igreja de Éfeso era uma "igreja descuidada", constituída de cristãos descuidados que negligenciaram o amor por Cristo. Será que não fazemos o mesmo?

## 2. ESMIRNA: A IGREJA COROADA (Ap 2:8-11)

O nome *Esmirna* significa "amargo" e é relacionado à palavra *mirra*. Essa comunidade ainda existe hoje com o nome de Izmir. A congregação de Esmirna foi perseguida por sua fé, o que explica por que o Senhor enfatiza sua morte e ressurreição no início desta mensagem. Quaisquer que sejam as experiências pelas quais o povo de Deus passar, o Senhor sempre se identifica com ele.

**Aprovação (v. 9).** As coisas não eram fáceis para a igreja de Esmirna! Seus membros eram perseguidos, provavelmente por sua recusa em ceder às exigências do mundo e dizer "César é Senhor". Esmirna era um centro importante do culto imperial romano, e, sem dúvida, qualquer um que recusasse reconhecer César como Senhor era excluído das associações de profissionais, resultando em uma situação de desemprego e de pobreza. O termo usado para *pobreza* nesta passagem significa "pobreza abjeta, que não possui absolutamente coisa alguma".

Também havia em Esmirna uma comunidade grande e próspera de judeus. É evidente que os judeus não precisavam aderir ao culto imperial, uma vez que sua religião era aceita por Roma; mas, certamente, não cooperavam com a fé cristã. Assim, os membros da igreja de Esmirna eram difamados e maltratados tanto por judeus quanto por gentios.

Mas esses cristãos eram ricos! Viviam em função dos valores eternos imutáveis, de riquezas que jamais poderiam lhes ser tiradas. "Pobres, mas enriquecendo a muitos" (2 Co 6:10; 8:9). Na verdade, seu sofrimento por Cristo só aumentava essa riqueza.

Nossas lutas não são contra a carne e o sangue, mas sim contra o inimigo, Satanás, que usa pessoas para cumprir seus propósitos. A

sinagoga judaica era, na verdade, uma sinagoga de Satanás. O verdadeiro judeu não é definido em termos físicos ou raciais, mas sim espirituais (Rm 2:17-29). Qualquer grupo religioso – quer judeu ou gentio – que não reconhece Jesus Cristo como Filho de Deus está, sem dúvida alguma, agindo de modo contrário à vontade de Deus.

**Admoestação (vv. 10, 11).** Não há qualquer palavra de acusação para a congregação de Esmirna! É possível que não tivessem a aprovação dos homens, mas certamente recebiam o louvor de Deus. O Senhor, porém, lhe dá uma admoestação solene diante do sofrimento crescente: "Não temas!"

Ele garante que conhece os planos de Satanás e está inteiramente no controle da situação. Alguns cristãos seriam presos e julgados como traidores de Roma. Contudo, sua tribulação não seria longa; na Bíblia, a expressão "dez dias" significa "por pouco tempo" ou "alguns dias" (Gn 24:55; At 25:6). O mais importante era sua *fidelidade*: permanecer leal a Cristo a despeito das ameaças do governo.

A "coroa da vida" era a coroa do vencedor entregue nos jogos esportivos anuais. Esmirna era uma participante de grande expressão nesses jogos, de modo que essa promessa deve ter sido especialmente significativa aos cristãos de lá. O Senhor reitera a promessa dada por Tiago (Tg 1:12) e garante a seu povo que não há motivo para medo. Uma vez que creram nele, eram vencedores – vitoriosos na corrida da fé (Hb 12:1-3) e, como vencedores, não precisavam temer coisa alguma. Mesmo martirizados, seriam levados à glória usando coroas! Estavam livres de uma vez por todas do julgamento terrível da segunda morte, o lago de fogo (Ap 20:14; 21:8).

O cristão consagrado sempre paga um preço e, em alguns lugares, esse preço é mais alto do que em outros. À medida que as pressões do fim dos tempos aumentarem, as perseguições também se multiplicarão, de modo que o povo de Deus precisa estar preparado (1 Pe 4:12ss). O mundo pode dizer que somos apenas "pobres cristãos", mas aos olhos de Deus somos ricos!

### 3. PÉRGAMO: UMA IGREJA TRANSIGENTE (Ap 2:12-17)

Chamada de “maior cidade da Ásia Menor”, Pérgamo abrigava o primeiro templo dedicado a César e era defensora fanática do culto imperial. É provável que a expressão “trono de Satanás”, em Apocalipse 2:13, seja uma referência a esse fato. A cidade também possuía um templo dedicado a Esculápio, o deus da cura, cuja insígnia de duas serpentes enroladas em uma vara ainda é um símbolo médico hoje. Satanás também é retratado como uma serpente (2 Co 11:3; Ap 12:9; 20:2).

**Aprovação (v. 13).** Como seus irmãos e irmãs em Esmirna, os cristãos de Pérgamo haviam sofrido perseguições, e um dos membros dessa congregação havia morrido por sua fé. Apesar do sofrimento intenso, a igreja permanecera fiel a Deus. Recusara-se a colocar incenso no altar e dizer: “César é Senhor”. A descrição que Cristo faz de si mesmo (“aquele que tem a espada afiada de dois gumes”, Ap 2:12) certamente animou seu povo, pois a espada também era um símbolo do procônsul romano. Era mais importante a igreja temer a espada de Cristo do que a espada de Roma (Ap 2:16).

**Acusação (vv. 14, 15).** Apesar de sua coragem diante da perseguição, os cristãos de Pérgamo não eram irrepreensíveis diante do Senhor. Satanás não havia sido capaz de destruí-los ao vir como leão que ruga (1 Pe 5:8), mas ganhava território como serpente que engana. Um grupo de pessoas transigentes infiltrara-se na congregação com doutrinas e práticas que Jesus Cristo detestava.

Esses infiéis são os “nicolaítas” que vimos anteriormente na igreja de Éfeso (Ap 2:6). A forma verbal desse termo significa “governar o povo”. Seus ensinamentos são chamados de “doutrina de Balaão” (Ap 2:14). O nome hebraico *Balaão* também quer dizer “senhor do povo” e, provavelmente, é sinônimo de *nicolaíta*. Infelizmente, esse grupo que afirmava ser cristão mandava no povo e o conduzia para longe da verdade.

Uma compreensão correta da história de Balaão ajuda a interpretar de modo mais preciso esse grupo insidioso (ver Nm 22 -

25). Balaão era um profeta verdadeiro que prostituiu seu dom em troca de uma soma em dinheiro paga pelo rei Balaque, o qual contratou o profeta para amaldiçoar o povo de Israel. Deus impediu que Balaão amaldiçoasse Israel – na verdade, Deus transformou as maldições em bênçãos! –, mas Balaque ainda recebeu o serviço pelo qual havia pago. De que maneira? Ao seguir o conselho de Balaão e fazer amizade com os israelitas, convidando-os a adorar e a banquetear-se com os moabitas junto a seus altares pagãos. “Se não é possível vencê-los, junte-se a eles!”

Os israelitas caíram na armadilha, e muitos adotaram a “política de boa vizinhança”. Comeram carne de altares idólatras e tiveram relações sexuais ilícitas como parte de ritos pagãos. Esse ato de desobediência e de transigência redundou na morte de 24 mil pessoas (Nm 25:1-9).

Qual a aplicação desse episódio da história antiga para a igreja de Pérgamo? Um grupo dessa igreja dizia que não havia nada de errado em ter relações amigáveis com Roma e que não havia mal algum colocar um pouco de incenso no altar e se declarar leal a César. Antipas recusou transigir e foi martirizado, mas outros seguiram o caminho mais fácil cooperando com Roma.

É pouco provável que as “coisas sacrificadas aos ídolos” sejam o mesmo problema do qual Paulo trata em 1 Coríntios 8 e 10. Essa acusação não deixa espaço para uma escolha pessoal, como Paulo faz. O Senhor acusa os cristãos de Pérgamo de cometer “prostituição espiritual”, dizendo “César é Senhor”. Por certo, essa transigência garantia sua aceitação nas associações romanas de profissionais e os protegia da perseguição romana, mas lhes custaria seu testemunho e sua coroa.

Os cristãos de hoje também são tentados a buscar realização pessoal fazendo concessões indevidas. O nome Pérgamo significa “casado” e lembra que toda congregação é “noiva de Cristo” e deve manter-se pura (2 Co 11:1-4). Veremos, mais adiante, que o sistema deste mundo é retratado como uma prostituta corrompida, enquanto a Igreja é apresentada como uma noiva pura.

A congregação ou o cristão que faz concessões indevidas ao mundo só para evitar o sofrimento ou ser bem-sucedido comete "adultério espiritual" e é infiel ao Senhor.

**Admoestação (vv. 16, 17).** Antipas havia sentido a espada de Roma, mas a igreja de Pérgamo sentiria a espada de Cristo – a Palavra (Hb 4:12) –, caso não se arrependesse. Não se trata de uma referência à volta do Senhor, mas sim a um julgamento presente que sobrevém à igreja quando ela é desobediente à Palavra de Deus. O Senhor apresentou-se como "aquele que tem a espada afiada" (Ap 2:12), de modo que a igreja não era ignorante desse perigo.

Como no caso das igrejas anteriores, o apelo final é aos indivíduos: "Quem tem ouvidos, ouça [...] Ao vencedor" (Ap 2:17, grifos nossos). Deus alimentou os israelitas com maná durante sua viagem pelo deserto, e um pote de maná foi colocado dentro da arca da aliança (Êx 16:32-36; Hb 9:4). Em vez de comer as "coisas sacrificadas aos ídolos" (Ap 2:14), os cristãos de Pérgamo precisavam do alimento santo de Deus, do pão da vida encontrado em Jesus Cristo por meio da Palavra (Mt 4:4; Jo 6:32ss). A arca da aliança era o trono de Deus (2 Sm 6:2; Sl 80:1; Is 37:16), contrastando com o trono de Satanás que exercia autoridade sobre Pérgamo (Ap 2:13).

Naquele tempo, ao votar pela absolvição de uma pessoa julgada, os juízes colocavam uma pedra branca em um vaso. Pedras desse tipo também eram usadas como "ingresso" para participar de um banquete. Sem dúvida, as duas imagens têm aplicação espiritual para o cristão: ele foi declarado justo por meio da fé em Cristo, participa de um banquete com o Senhor hoje (Ap 3:20) e banqueteará com ele na glória (Ap 19:6-9).

#### **4. TIATIRA: A IGREJA CORRUPTA (Ap 2:18-29)**

A mensagem mais longa é enviada à igreja da menor cidade! Tiatira era uma cidade militar e também um centro comercial com várias associações de profissionais. Em todo lugar onde existiam tais associações, quase sempre havia também idolatria e imoralidade – os dois grandes inimigos da Igreja primitiva.

A cidade orgulhava-se de ter um templo especial dedicado a Apolo, o "deus Sol", o que explica por que o Senhor apresenta-se como o "Filho de Deus" (a única vez que esse título é usado em Apocalipse). João teve de transmitir uma mensagem de advertência e de julgamento severos a essa congregação, o que explica a descrição dos olhos e dos pés do Senhor.

**Aprovação (v. 19).** Os cristãos de Tiatira eram extremamente ocupados! Exerciam ministérios sacrificiais por outros. Suas obras cresciam e eram caracterizadas por fé, amor e paciência, de modo que a igreja não realizava apenas "atividades religiosas".

**Acusação (vv. 20-23).** Infelizmente, o Senhor encontrou várias coisas para trazer à luz e condenar na congregação de Tiatira. Não há amor ou trabalho sacrificial que compense a tolerância do mal. A igreja permitia que uma falsa profetisa influenciasse as pessoas e as levasse a fazer concessões indevidas. É pouco provável que essa mulher se chamasse, de fato, "Jezabel", uma vez que não seria dado nome tão infame a alguém. Trata-se, antes, de um nome simbólico: Jezabel foi uma rainha idólatra que estimulou Israel a acrescentar a adoração a Baal a suas cerimônias religiosas (ver 1 Rs 16 – 19). Os ensinamentos sedutores de Jezabel eram semelhantes à "doutrina de Baal" que o Senhor condenou na igreja de Pérgamo (Ap 2:14). Ela ensinava os cristãos a transigir à religião romana e às práticas das guildas, a fim de não perderem o emprego nem a vida.

É interessante fazer um contraste entre a igreja de Éfeso e a de Tiatira. A igreja de Éfeso enfraquecia no amor e, no entanto, continuava julgando fielmente os falsos mestres. A congregação de Tiatira, por sua vez, crescia em seu amor, mas se mostrava tolerante em relação às falsas doutrinas. Os dois extremos devem ser evitados dentro da igreja. O equilíbrio bíblico é dizer "a verdade em amor" (Ef 4:15). Tanto a ortodoxia sem amor quanto a transigência com amor são detestáveis para Deus.

A igreja de Tiatira não apenas tolerava o mal como também se mostrava orgulhosa e

não desejava mudar de atitude. O Senhor deu à falsa profetisa tempo para se arrepender, mas ela se recusou. Agora, dá aos seguidores dessa mulher a oportunidade de voltar atrás. Seus olhos de fogo perscrutam-lhes os pensamentos e motivações, e seu julgamento será perfeito.

Na verdade, o Senhor ameaça usar a congregação de Tiatira como exemplo a “todas as igrejas”, a fim de que não tolerem o mal. Jezabel e seus filhos (seguidores) seriam sentenciados à tribulação e à morte! A idolatria e a transigência são retratadas na Bíblia como prostituição e infidelidade aos votos matrimoniais (Jr 3:6ss; Os 9:1ss). A cama de pecado de Jezabel se tornaria uma cama de enfermidade! O termo traduzido por “matarrei” indica “morte por pestilência”. Deus julgaria a falsa profetisa e seus seguidores de uma vez por todas.

**Admoestação (vv. 24-29).** Nem todos na congregação eram infiéis ao Senhor, e ele tem uma palavra especial aos cristãos consagrados. Haviam permanecido afastados das doutrinas falsas e das práticas transigentes de Jezabel e de seus seguidores, daquilo que Cristo condena como “coisas profundas de Satanás” (observar o contraste com 1 Co 2:10). O Senhor não faz qualquer exigência específica; apenas pede que se mantenham firmes em sua resistência ao mal. A expressão “Até que eu venha” refere-se à volta de Cristo para buscar seu povo, ocasião em que ele os recompensará por sua fidelidade (ver Ap 3:3; 16:15; 22:7, 17, 20). Esta é primeira vez em Apocalipse que se faz menção à volta de Cristo para buscar a Igreja, acontecimento que costumamos chamar de arrebatamento (ver 1 Ts 4:13-18). Entretanto, Apocalipse 1:7 refere-se à volta de Cristo à Terra para julgar, derrotar os inimigo e estabelecer seu reino (ver Ap 19:11ss).

Os cristãos de Tiatira receberam a promessa de autoridade sobre as nações, provavelmente uma referência ao fato de que o povo de Deus viverá e reinará com Cristo (ver Ap 20:4). Quando o Senhor estabelecer seu reino na Terra, será um reino de retidão e justiça perfeitas. Ele governará “com vara de ferro” (Sl 2:8, 9). Os rebeldes serão como

vasos de barro que ele poderá despedaçar sem qualquer dificuldade!

Jesus Cristo é “a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22:16). A promessa em Apocalipse 2:28 indica que o povo de Deus será identificado de maneira tão próxima com Cristo que ele “pertencerá” aos que são seus! No entanto, é possível que se trate também de uma alusão a Satanás, que deseja tomar o reino para si e que ofereceu os reinos do mundo a Cristo, se ele o adorasse apenas uma vez (Mt 4:8-11). Em Isaias 14:12, Satanás é chamado de “estrela da manhã”, em hebraico *Lúcifer*. O povo transigente de Tiatira seguia “as coisas profundas de Satanás”, que os conduziram a trevas e morte. Os vencedores de Deus, por outro lado, compartilhariam da Estrela da Manhã!

Ao recapitular essas quatro primeiras mensagens às igrejas, é possível vislumbrar os perigos que ainda existem para o povo de Deus. Como Éfeso, podemos ser zelosos e ortodoxos e, ao mesmo tempo, perder a devoção a Cristo. Ou, como Tiatira, nosso amor talvez esteja crescendo, mas, ainda assim, nos falte o tipo de discernimento necessário para manter a igreja pura (ver Fp 1:9-11). Como Pérgamo e Tiatira, podemos tolerar o mal, entristecer o Senhor e atrair sobre nós seu julgamento.

Será que teríamos escolhido Esmirna como a igreja mais espiritual dessas quatro? Provavelmente não, mas o Senhor escolheu! Não se deve julgar o povo de Deus de acordo com parâmetros errados, pois somente o Senhor vê o coração (ver 1 Co 4:5).

A exortação de Deus a essas igrejas (exceto a Esmirna) é: “arrependam-se, mudem de idéia!” Não são apenas pecadores perdidos que precisam arrepender-se; cristãos desobedientes também precisam mudar seus caminhos. Sem arrependimento e sem tratar do pecado em nossa vida e na das congregações, o Senhor poderá nos julgar e remover nosso candeeiro (Ap 2:5). Como é triste quando uma congregação abandona a fé gradativamente e perde a capacidade de testemunhar de Cristo!

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”



## CRISTO E AS IGREJAS, PARTE 2

### APOCALIPSE 3

**C**ontinuamos ouvindo o que o Espírito Santo tem a dizer para as igrejas, pois estas mensagens de Cristo foram escritas não apenas para as congregações do primeiro século, mas também para nós. As igrejas são constituídas de pessoas, e a natureza humana é a mesma. Assim, ao prosseguir com este estudo, não se deve olhar para estas cartas como relíquias de um passado distante, mas sim como espelhos nos quais podemos nos ver.

#### 1. SARDES: A IGREJA FRACA (Ap 3:1-6)

A antiga Sardes, capital da província da Lídia, era uma cidade extremamente importante. Ficava cerca de 80 quilômetros de Éfeso, no entroncamento de cinco grandes estradas, de modo que era um centro comercial. Também era um centro militar, pois se situava em um platô quase inacessível. A acrópole de Sardes ficava cerca de 500 metros acima das estradas principais e constituía um forte invencível. A principal religião da cidade era o culto a Ártemis, um dos "cultos naturais" que giravam em torno dos conceitos de morte e de renascimento.

Sardes também era conhecida pela produção de vestes de lã, um fato relevante na mensagem de Cristo para a igreja. Infelizmente, naquele tempo a cidade não passava de uma sombra de seu antigo esplendor, e é igualmente triste que a igreja de Sardes havia se tornado como a cidade - vivia só de nome.

A mensagem a Sardes é uma advertência a todas as "grandes igrejas" que vivem à custa da glória passada. Vance Havner costumava lembrar que os ministérios espirituais

muitas vezes passam por quatro estágios: um homem, um movimento, uma máquina e um monumento. Sardes encontrava-se no estágio do "monumento", mas nem tudo estava perdido!

Havia esperança, porque Cristo é o Cabeça da Igreja e é capaz de dar nova vida. O Senhor descreve a si mesmo como Aquele que possui os sete Espíritos e as sete estrelas. Existe apenas um Espírito Santo (Ef 4:4), mas o número sete indica plenitude e integridade. O Espírito Santo dá vida à Igreja, e era exatamente dessa vida que o povo de Sardes precisava. Esse Espírito sétuplo de Deus é representado nos setes candeeiros (Ap 4:5) e nos sete olhos que tudo vêem (Ap 5:6).

Todos os planos da Igreja criados por homens não são capazes de lhe dar vida, da mesma forma que um circo não é capaz de ressuscitar um cadáver. A Igreja nasceu quando o Espírito de Deus desceu no dia de Pentecostes (At 2), e sua vida vem do Espírito. Quando o Espírito está entristecido, a igreja começa a perder vida e poder. Quando o Espírito é confessado e os membros da igreja colocam a vida em ordem com Deus e uns com os outros, o Espírito infunde nova vida - um reavivamento!

Cristo também controla as sete estrelas, os mensageiros das igrejas (Ap 1:20), uma designação que se refere, mais provavelmente, aos pastores. Por vezes, uma igreja começa a morrer por culpa do pastor, e o Senhor precisa remover essa estrela e colocar outra em seu lugar.

Não há palavras de elogio para os cristãos de Sardes. O Senhor também não resalta qualquer problema doutrinário que precise ser corrigido. Também não há menção alguma de oposição nem de perseguição. A situação da igreja seria melhor se houvesse algum sofrimento, pois a congregação se tornara acomodada e complacente e vivia à custa de sua reputação no passado. Era uma reputação sem realidade, uma fachada sem poder. Como a própria cidade, a igreja de Sardes gloriava-se no esplendor passado, mas ignorava a decadência presente.

Na verdade, até mesmo o que ainda lhes restava estava preste a morrer, pois os cristãos

havam adormecido. Em toda sua longa história, a cidadela de Sardes foi capturada em duas ocasiões, ambas as vezes, porque as sentinelas faltaram com seu dever. Quando líderes e membros da igreja acostumam-se com as bênçãos e se tornam complacentes com seu ministério, o inimigo encontra uma brecha para entrar.

Ao que parece, a congregação em Sardes não testemunhava ativamente na cidade. Não eram perseguidos porque não invadiam o território inimigo. Não havia atrito porque não havia movimento! Os incrédulos de Sardes consideravam a igreja um grupo de pessoas respeitáveis, mas não perigosas nem invejáveis. Eram pessoas decentes, cujo testemunho morria e cujo ministério sucumbia.

O conselho de Cristo para a igreja começa com "Sejam vigilantes! Acordem!" (ver Rm 13:11ss). As "sentinelas" dormiam! O primeiro passo para a renovação em uma igreja que está morrendo é a consciência honesta de que há algo de errado. Em um organismo vivo, há crescimento, conservação, reprodução e força; se esses elementos não estiverem presentes dentro da igreja, ou ela está morrendo ou já morreu.

O Senhor avisou os santos de Éfeso que viria e removeria seu candeeiro, caso não se arrependessem (Ap 2:5). Advertiu a igreja de Pérgamo que viria e guerrearía usando a espada do Espírito (Ap 2:16). Se os cristãos de Sardes não seguissem suas ordens, o Senhor viria como um ladrão, quando menos esperassem, e isso significaria julgamento.

Contudo, muitas vezes, a igreja que está morrendo possui um remanescente de pessoas dedicadas. Os cristãos de Sardes ainda tinham vida, por mais enfraquecida que estivesse. Suas obras não correspondiam ao ideal, mas continuavam trabalhando. O Senhor admoesta-os a fortalecer o que resta e a não desistir só porque a igreja está fraca. Onde há vida, há esperança!

O que diferenciava esse remanescente dedicado? Não haviam contaminado suas vestes (Ap 3:4). Acredita-se que os adoradores da Antiguidade não tinham como se aproximar de seus deuses e deusas usando vestes sujas. O remanescente da igreja de

Sardes não transigira com a sociedade pagã a seu redor nem se tornara acomodado e complacente. Era nesse remanescente espiritual dedicado que se encontrava o futuro do ministério da igreja.

"Despertem! Vigiem! Lembrem-se da Palavra que receberam e obedeçam!" Essa é a fórmula para o reavivamento. Deve-se guardar a herança espiritual, mas não a petrificar. Não basta ser fiel à fé e ter uma história extraordinária. Essa fé precisa produzir vida e obras.

A promessa de Apocalipse 3:5 ("vestido de vestiduras brancas") deve ter sido especialmente significativa para esse povo que vivia em uma cidade onde se fabricavam vestes de lã. E a declaração sobre os nomes serem apagados do Livro da Vida também era sugestiva para os que viviam no império romano, onde a cidadania era de importância vital (ver At 22:24-30).

Encontra-se aqui uma advertência de que os cristãos verdadeiros podem perder a salvação? Creio que não. Ao que parece, o "Livro da Vida" de Deus contém o nome de todos os vivos, tanto dos ímpios quanto dos justos (Sl 69:28). Apocalipse 13:8 e 17:8 dá a entender que o nome dos salvos está escrito no livro desde a fundação do mundo – ou seja, antes que tivessem feito qualquer coisa boa ou ruim. Foram escolhidos em Cristo antes do começo dos tempos pela graça de Deus (Ef 1:4; ver também Mt 25:34).

Jesus disse a seus discípulos para se alegrarem, pois o nome de cada um havia sido "arrolado nos céus" (Lc 10:20). O verbo grego encontra-se no tempo perfeito, indicando que pode ser traduzido (conforme Kenneth Wuest sugere em sua *Tradução Expandida*) por "seus nomes foram escritos nos céus, onde se encontram permanentemente registrados". Jesus jamais cairia em contradição!

Se os nomes dos cristãos (os eleitos) estão escritos desde a fundação do mundo e se Deus sabe de todas as coisas, por que ele colocaria o nome de alguém que, um dia, abandonaria a fé e, portanto, teria de ser removido do livro? Estamos arrolados no céu porque nascemos de novo (Hb 12:23); por

mais desobediente que um filho seja, ninguém pode fazê-lo “desnascido”.

À medida que os incrédulos morrem, seus nomes são removidos do livro; assim, no julgamento final, o livro terá apenas o nome dos cristãos (Ap 20:12-15), tornando-se, então, o “Livro da Vida do Cordeiro” (Ap 21:27), pois somente os salvos pelo Senhor Jesus Cristo têm o nome registrado nele. Todos os outros nomes foram apagados, algo que Deus nunca faria no caso de um verdadeiro filho seu (ver Êx 32:32; Rm 9:3). É um livro de vida, e os pecadores perdidos estão mortos (Ef 2:1).

Encontra-se aqui uma advertência para não haver acomodação na igreja, senão começaremos a morrer lentamente. O encorajamento está no fato de que nenhuma igreja é um caso perdido, desde que exista nela um remanescente fiel disposto a fortalecer o que ainda resta.

## 2. FILADÉLFIA: A IGREJA FIEL (AP 3:7-13)

Como quase todos sabem, “filadélfia” significa “amor dos irmãos”. Sem dúvida, o amor fraternal é uma característica importante dos cristãos. Somos “por Deus instruídos que [devemos amar] uns aos outros” (1 Ts 4:9); somos instruídos por Deus Pai (1 Jo 4:19), Deus Filho (Jo 13:34), e Deus Espírito Santo (Rm 5:5). Mas não basta amar a Deus e aos irmãos em Cristo, também é preciso amar o mundo perdido e procurar alcançar os incrédulos com as boas-novas da cruz. A igreja de Filadélfia tinha essa visão de alcançar o mundo perdido, e Deus colocou diante dela uma porta aberta.

Filadélfia ficava em um local estratégico na rota principal do Correio Imperial de Roma para o Oriente, sendo chamada, assim, de “portal para o Oriente”. Também era conhecida como “pequena Atenas” por causa do grande número de templos na cidade. Sem dúvida, a igreja situava-se em um lugar de oportunidades extraordinárias.

O único problema mais sério em relação à localização era a ocorrência de abalos sísmicos. Filadélfia encontrava-se sobre uma falha geológica e, no ano 17 a.C., foi destruída por um forte terremoto, que também

devastou Sardes e outras dez cidades. Alguns cidadãos recusaram-se a voltar para a cidade depois desse acontecimento, preferindo permanecer nos campos ao redor, conhecidos como “terra queimada”. Ao que parece, a cidade do amor fraternal não era nada segura!

Jesus Cristo apresenta-se à igreja de Filadélfia como “o santo”. Isso equivale a dizer que ele é Deus, uma declaração obviamente verdadeira. Jesus Cristo é santo em seu caráter, em suas palavras, em suas ações e em seus propósitos. Como Aquele que é santo, ele é separado de modo singular de todas as outras coisas, e nada pode ser comparado a ele.

Mas ele também é verdadeiro, ou seja, autêntico. Ele é o original, não uma cópia; o Deus genuíno, não um deus manufaturado. Naquele tempo, havia centenas de deuses e deusas (1 Co 8:5, 6), mas somente Jesus Cristo tinha o direito de declarar ser o Deus verdadeiro.

Convém observar que, quando os mártires no céu se dirigem ao Senhor, eles o chamam de “santo e verdadeiro” (Ap 6:10). Argumentam que, pelo fato de ser santo, ele deve julgar o pecado e, pelo fato de ser verdadeiro, deve vindicar aqueles de seu povo que foram cruelmente assassinados.

Além de santo e verdadeiro, ele tem autoridade para abrir e fechar portas. O contexto dessa imagem é Isaías 22:15-25. A Assíria havia invadido Judá (conforme Isaías havia advertido), mas, em vez de confiarem que Deus livraria seu povo, os líderes judeus fiavam-se no Egito. Um dos líderes traidores era um homem chamado Sebna, que usava seu cargo não para o bem do povo, mas para benefício próprio. Deus providenciou para que Sebna fosse removido de seu cargo e para que um homem fiel, chamado Eliaquim, fosse colocado em seu lugar e investido de autoridade. Eliaquim era um retrato de Jesus Cristo, um administrador idôneo dos assuntos do povo de Deus. Jesus Cristo tem as chaves do inferno e da morte (Ap 1:18).

No Novo Testamento, uma “porta aberta” refere-se a uma oportunidade de ministério (At 14:27; 1 Co 16:9; 2 Co 2:12; Cl 4:3).

Cristo é o Senhor da ceifa e o Cabeça da Igreja, e é ele quem determina onde e quando seu povo deve servir (ver At 16:6-10). Ele deu à igreja de Filadélfia uma grande oportunidade de ministério.

Mas será que poderiam aproveitá-la? Para isso, precisavam vencer pelo menos dois obstáculos, sendo o primeiro deles a própria falta de forças (Ap 3:8). Ao que parece, a igreja da Filadélfia não era grande nem forte; no entanto, era uma congregação fiel. Mantinha-se firme na Palavra de Deus e não tinha medo de levar seu nome. Apocalipse 3:10 dá a entender que a igreja passara por alguma provação específica e havia se mostrado fiel. Não é o tamanho nem a força da igreja que determina seu ministério, mas sim sua fé no chamado e na autoridade do Senhor. "Deus sempre nos capacita a cumprir seus mandamentos." Se Jesus Cristo abriu uma porta, também daria a capacidade para atravessarem essa porta! Martinho Lutero expressou essa verdade com perfeição em seu conhecido hino "Castelo Forte":

A minha força nada faz,  
sozinho estou perdido.  
Um homem a vitória traz,  
por Deus foi escolhido.

O segundo obstáculo era a oposição dos judeus da cidade (Ap 3:9). Na verdade, era um antagonismo satânico, pois não lutamos contra carne e sangue (Ef 6:12). Esses indivíduos podiam ser judeus na carne, mas não eram o "verdadeiro povo de Israel" no sentido do Novo Testamento (Rm 2:17-29). Por certo, os judeus possuem uma grande herança, mas ela não lhes garante a salvação (Mt 3:7-12; Jo 8:33ss).

De que maneira esses judeus opunham-se à igreja de Filadélfia? Em primeiro lugar, excluindo os cristãos judeus da sinagoga. Além disso, é provável que também usassem como arma as falsas acusações, pois era assim que os judeus incrédulos costumavam atacar Paulo. Satanás é o acusador e se vale até de pessoas religiosas para ajudá-lo (Ap 12:10). Não é fácil testemunhar de Cristo enquanto os líderes da comunidade

espalham mentiras a nosso respeito. A igreja de Esmirna enfrentava o mesmo tipo de oposição (Ap 2:9).

Os cristãos de Filadélfia encontravam-se em uma situação semelhante à descrita por Paulo em 1 Coríntios 16:9 – havia oportunidades e obstáculos! E, uma vez que é o Senhor quem tem as chaves, é ele quem controla o resultado final! Então, por que temer? Enquanto ele mantém uma porta aberta, ninguém pode fechá-la. O medo, a incredulidade e a demora fazem a igreja perder muitas oportunidades que Deus lhe concede.

O Salvador oferece três promessas maravilhosas e encorajadoras. Em primeiro lugar, ele trataria de seus inimigos (Ap 3:9). Um dia, essas pessoas teriam de reconhecer que os cristãos estavam certos! (ver Is 60:14; Fp 2:10, 11). Deus encarrega-se das lutas do cristão que cuida da obra de Deus.

Em segundo lugar, ele os livraria da tribulação (Ap 3:10). Sem dúvida, trata-se de uma referência ao tempo de Tribulação que João descreve em Apocalipse 6 a 19, o "tempo de angústia para Jacó" (Jr 30:7). Essa não é uma tribulação local, pois envolve os "que habitam sobre a terra" (ver Ap 6:10; 8:13; 11:10; 12:12; 13:8, 12, 14; 14:6; 17:2, 8). A referência imediata pode ser à perseguição oficial romana que estava por vir, mas a referência final é à Tribulação que sobrevirá a toda a Terra antes de Jesus Cristo voltar para estabelecer o seu reino. De acordo com vários estudiosos da Bíblia, Apocalipse 3:10 é uma promessa de que a Igreja não passará pela Tribulação, pois será levada para o céu antes que esse período tenha início (ver 1 Ts 4:13 – 5:11). A admoestação "Venho sem demora" enfatiza essa idéia.

A terceira promessa aos cristãos de Filadélfia é que Deus os honraria (Ap 3:12). É provável que o simbolismo desse versículo fosse particularmente significativo para as pessoas que viviam sob o perigo constante de terremotos: a estabilidade da coluna, não precisar fugir, uma cidade celestial indestrutível. As cidades antigas muitas vezes homenageavam seus líderes construindo para eles colunas com seu nome inscrito. As colunas de Deus não são feitas de pedra, pois

não existe templo na cidade celestial (Ap 21:22). Suas colunas são as pessoas fiéis chamadas pelo nome de Cristo para a glória dele (Gl 2:9).

Em sentido bastante real, a Igreja de hoje é semelhante à igreja de Filadélfia, pois Deus colocou várias portas de oportunidade diante de nós. Se ele abre as portas, devemos trabalhar; se ele as fecha, devemos esperar. Acima de tudo, devemos ser fiéis a ele e ver as oportunidades, não os obstáculos. Quem deixar as oportunidades passarem perderá as recompensas (coroas), o que significa ficar envergonhado diante do Senhor quando ele vier (1 Jo 2:28).

### 3. LAODICÉIA: A IGREJA INSENSATA (Ap 3:14-22)

Como no caso das igrejas anteriores, o Senhor adapta suas palavras a algo significativo com respeito à cidade onde a congregação se encontra. Laodicéia era conhecida por sua riqueza, pela produção de um unguento especial para os olhos e também por um tecido preto e lustroso de lã. A cidade ficava próxima a Hierápolis, famosa por suas termas, e de Colossos, conhecida por sua água fria e pura.

O Senhor apresenta-se como “o Amém”, título de Deus no Antigo Testamento (ver Is 65:16, em que a palavra “verdade” é o termo hebraico *amém*). Ele é a verdade e diz a verdade, pois ele é “a testemunha fiel e verdadeira” (Ap 3:14). O Senhor está para dizer a essa igreja a verdade acerca de sua condição espiritual; infelizmente, porém, ela se recusará a crer em seu diagnóstico.

– Por que os recém-convertidos criam problemas para a igreja? – perguntou-me um jovem pastor.

– Eles não criam os problemas – respondi. – Apenas os *revelam*. Os problemas já estavam lá, mas nos acostumamos com eles. Os cristãos novos na fé são como crianças em casa: dizem a verdade sobre o que vêem!

A igreja de Laodicéia estava cega para as próprias necessidades e não queria encarar a verdade. No entanto, a verdadeira bênção começa com a honestidade, quando o cristão reconhece quem é, confessa os

pecados e recebe de Deus tudo de que precisa. Se desejamos o que Deus tem de melhor para nossa vida e para a igreja, devemos ser honestos com ele e lhe permitir que seja honesto conosco.

“O princípio da criação de Deus” (Ap 3:14) não indica que Jesus foi criado e, portanto, que não é o Deus eterno. O termo traduzido por “princípio” quer dizer “fonte, origem” (ver Jo 1:3; Cl 1:15, 18).

O Senhor apresenta quatro áreas de necessidade da igreja de Laodicéia.

#### ***Haviam perdido o vigor (vv. 16, 17).***

A vida cristã tem três “temperaturas espirituais”: um coração fervoroso, ardente por Deus (Lc 24:32), um coração frio (Mt 24:12) e um coração morno (Ap 3:16). O cristão morno é acomodado, complacente e alheio às próprias necessidades. Quem é frio pelo menos sente essa falta de calor! Tanto a água fria de Colossos quanto a água quente de Hierápolis ficavam mornas quando levadas pelos aquedutos até Laodicéia.

Ao crer em Jesus Cristo, há motivos de sobra para ser “fervorosos de espírito” (Rm 12:11). As orações fervorosas também são essenciais (Cl 4:12). O coração dos discípulos a caminho de Emaús começou a arder quando ouviram a Palavra (Lc 24:32). Não é de se admirar que Paulo tenha ordenado que sua carta aos cristãos de Colossos fosse enviada também à igreja de Laodicéia! (Cl 4:16).

Normalmente, gostamos de tomar bebidas geladas ou quentes, enquanto a bebida morna parece sem graça e insípida. De acordo com a segunda lei da termodinâmica, um “sistema fechado” sempre volta ao estado inicial e deixa de produzir energia. A menos que algo seja acrescentado por uma fonte exterior, o sistema se desintegra e deixa de existir. Na falta de gás, a água quente da caldeira esfria; na falta de energia elétrica, os produtos dentro do congelador voltam à temperatura ambiente.

A igreja não pode ser um “sistema fechado”. Jesus disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5). A igreja da Laodicéia era independente, presunçosa e segura de si. “Não precisamos de coisa alguma!” Enquanto

alimentava essa atitude, seu poder espiritual se deteriorava, e sua riqueza material e estatísticas impressionantes não passavam de mortaldas para um cadáver em decomposição. O Senhor estava *fora da igreja*, tentando entrar (Ap 3:20).

***Haviam perdido os valores (vv. 17, 18a).***

A igreja de Esmirna considerava-se pobre, quando, na verdade, era rica (Ap 2:9); a igreja de Laodiceia vangloriava-se de sua riqueza, quando, na verdade, era pobre. Talvez encontremos aqui uma indicação do que havia causado o declínio espiritual dessa igreja: haviam se tornado orgulhosos de seu ministério e começaram a usar parâmetros humanos como medida no lugar de valores espirituais. Aos olhos do Senhor, porém, esse povo era “infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”.

Laodiceia era uma cidade rica e um centro financeiro. Talvez um pouco dessa mentalidade comercial havia se infiltrado na igreja, distorcendo seus valores. Por que tantos boletins e papéis timbrados de igrejas mostram *edifícios*? Essas são as coisas mais importantes para nós? O conselho da igreja de Laodiceia podia mostrar com orgulho o último relatório anual com suas estatísticas impressionantes e, no entanto, Jesus estava preste a vomitá-los de sua boca!

A solução era pagar o preço e “[comprar] ouro refinado pelo fogo”. Essa afirmação indica a necessidade de perseguição, pois a igreja havia se acomodado (1 Pe 1:7). O sofrimento é o caminho mais rápido para levar o povo de Deus a examinar suas prioridades.

***Haviam perdido a visão (v. 18b).*** Os cristãos de Laodiceia estavam “cegos” para a realidade. Viviam na ilusão, orgulhando-se de uma igreja preste a ser rejeitada. De acordo com o apóstolo Pedro, quando um cristão cresce no Senhor, sua visão espiritual torna-se mais aguçada (2 Pe 1:5-9). A “nutrição” da pessoa afeta sua visão tanto no sentido físico quanto espiritual.

Essas pessoas estavam cegas para si mesmas. Não conseguiam ver que o Senhor encontrava-se à porta da igreja nem enxergavam as oportunidades a seu redor. Ficaram tão absortas com a construção do próprio

reino que se tornaram “mornas” em sua preocupação com o mundo perdido.

A solução era aplicar sobre seus olhos o unguento celestial! A cidade de Laodiceia era conhecida pela produção de um unguento especial para os olhos, mas o tipo de remédio que esses santos precisavam não poderia ser encontrado na loja de um boticário. O olho é uma das partes mais sensíveis do corpo, e somente o Médico dos médicos pode “operar” nesse órgão e restaurá-lo. Como no caso descrito em João 9, é possível que o Senhor precise causar certa irritação antes de curar. Mas quando nos sujeitamos a seu tratamento e cultivamos “hábitos saudáveis” na vida espiritual, a visão torna-se cada vez mais aguçada.

***Haviam perdido as vestes (vv. 17-22).***

Como o imperador do conto de Hans Christian Andersen, esses cristãos pensavam estar vestidos em esplendor quando, na realidade, estavam nus! A nudez representa derrota e humilhação (2 Sm 10:4; Is 20:1-4). Os cristãos de Laodiceia podiam adquirir tecidos finos de lã em seus mercados, mas isso não bastaria para suprir suas necessidades. Precisavam das vestes brancas da justiça e graça de Deus. De acordo com Apocalipse 19:8, devemos nos vestir do “linho finíssimo, resplandecente e puro” que simboliza “os atos de justiça dos santos”. Na salvação, a justiça de Cristo é *imputada*, depositada na conta de quem crê; mas na santificação, sua justiça é *comunicada*, de modo a fazer parte do caráter e conduta do cristão.

Essa igreja não recebe qualquer elogio do Senhor. Fica claro que os cristãos de Laodiceia estavam ocupados demais elogiando a si mesmos! Acreditavam estar glorificando a Deus quando, na verdade, envergonhavam o nome do Senhor, como se estivessem andando nus pelas ruas.

O Senhor encerra esta carta com três declarações:

Primeiro, uma *explicação*: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo” (Ap 3:19a). Ele ainda amava esses santos mornos, apesar de o amor deles por Deus haver esfriado. Planejava discipliná-los como prova de seu amor (Pv 3:11, 12; Hb 12:5, 6). Deus

permite que as igrejas passem por tempos de tribulação, a fim de que se transformem no que ele tem preparado para elas.

Depois, uma exortação: "Sê, pois, zeloso e arrepende-te" (Ap 3:19b). A igreja de Laodiceia deveria arrepender-se de seu orgulho e se humilhar diante do Senhor. Precisava "[reavivar] o dom de Deus" que havia nela (2 Tm 1:6) e cultivar um coração fervoroso.

Por fim, um convite (Ap 3:20-22). Costumamos usar estes versículos para levar os perdidos a Cristo, mas sua aplicação básica diz respeito ao cristão. O Senhor estava fora da igreja de Laodiceia! Aqui, se dirige ao indivíduo: "se alguém ouvir" – e não à congregação toda. Cristo apelou a um pequeno remanescente em Sardes (Ap 3:4, 5) e, agora, apela ao indivíduo. Deus pode fazer grandes coisas na igreja até mesmo por meio de uma única pessoa consagrada.

Cristo não estava impaciente. A expressão "eis que estou" tem o sentido de "postei-me, coloquei-me". Ele "bate à porta" usando

as circunstâncias e chama por meio de sua Palavra. O que ele pede? Comunhão, participação e o desejo de permanecer nele. A igreja de Laodiceia era independente e acreditava não carecer de coisa alguma; mas não permanecia em Cristo nem obtinha dele o poder de que precisava. Tinha um "programa bem-sucedido", mas não era fruto de sua permanência em Cristo (Jo 15:1-8).

Convém observar que, ao convidar Cristo para entrar, a sala de jantar transforma-se na sala do trono! É por meio da comunhão com o Senhor que se encontra a vitória, sendo, de fato, vencedores.

As cartas às sete igrejas são uma radiografia dessas congregações apresentada por Deus a fim de que cada um examine a própria vida e ministério. O mundo será julgado, mas o julgamento começará pela casa de Deus (1 Pe 4:17). Essas cartas trazem encorajamento e repreensão.

Que o Senhor nos ajude a ouvir aquilo que o Espírito está dizendo *hoje* à Igreja e aos indivíduos em cada congregação!

## VINDE, ADOREMOS AO SENHOR!

### APOCALIPSE 4 – 5

**A** verdadeira adoração espiritual é, talvez, uma das maiores necessidades da vida do indivíduo e das igrejas. Hoje, observamos uma ênfase constante sobre o testemunho e o serviço a Cristo, mas pouco se fala sobre a adoração ao Senhor. *Adorar* é “atribuir valor” (ver Ap 4:11; 5:12), é usar tudo o que somos e temos para louvar a Deus por tudo o que ele é e faz.

Uma vez que o céu é um lugar de adoração e o povo de Deus o adorará por toda a eternidade, talvez devêssemos começar a treinar agora! Um estudo de Apocalipse 4 e 5 certamente ajudará a entender melhor como adorar a Deus e dar a glória que lhe é devida.

Se Apocalipse 1:19 é o esboço inspirado de Deus para este livro, então Apocalipse 4 dá início à terceira divisão: “as coisas que hão de acontecer depois destas”. Na verdade, foi exatamente isso o que Deus disse a João quando o chamou para ir ao céu! Ao que parece, essa experiência de João ilustra o que acontecerá com o povo de Deus quando a era da Igreja chegar ao fim: o céu se abrirá; haverá uma voz e o som de uma trombeta e os santos serão arrebatados ao céu (1 Co 15:52; 1 Ts 4:13-18). Então, poderá ter início o julgamento de Deus sobre a Terra.

Mas antes de Deus derramar sua ira, ele permite que se vislumbre sua glória e que sejam ouvidas as criaturas que adoram no céu louvando ao Senhor. O texto apresenta dois aspectos dessa adoração para instrução e exemplo.

#### 1. ADORAM AO CRIADOR (AP 4)

A palavra-chave deste capítulo é *trono*: é usada doze vezes. Aliás, trata-se de uma

palavra-chave do livro todo, em que aparece quarenta e uma vezes. Não importa o que venha a acontecer na Terra, Deus está em seu trono e controla todas as coisas. Vários mestres interpretam Apocalipse de maneiras diferentes, mas todos concordam que João enfatiza a glória e soberania de Deus. Esse fato deve ter sido um grande estímulo aos santos aflitos do tempo de João e também aos cristãos de todas as eras da história.

Tendo em vista o trono como elemento central, é muito fácil entender a organização deste emocionante capítulo.

**Assentado no trono – o Deus Todo-Poderoso (vv. 2, 3a).** A referência é a Deus o Pai, pois o Filho aproxima-se do trono em Apocalipse 5:6, e o Espírito é retratado diante do trono em Apocalipse 4:5. Não se pode descrever em palavras humanas o que Deus é em sua essência. Para João, só resta usar comparações. O jaspe é uma pedra preciosa transparente (ver Ap 21:11), enquanto o sardônio é vermelho. Como se vê no Salmo 104:2 e em 1 Timóteo 6:16, o Senhor está coberto de luz como um manto. Tanto o jaspe quanto o sardônio (“sárdio”) faziam parte do peitoral do juízo usado pelo sumo sacerdote (Êx 28:17-21).

**Ao redor do trono – um arco-íris (v. 3b).** O arco-íris aqui não é apenas um arco, mas um círculo completo, pois no céu todas as coisas são completas. O arco-íris lembra a aliança de Deus com Noé (Gn 9:11-17), simbolizando sua promessa de jamais destruir a Terra novamente com um dilúvio. Como veremos adiante, Deus firmou sua aliança não apenas com Noé, mas com toda a criação.

O julgamento está prestes a sobrevir, mas o arco-íris lembra que, mesmo quando julga, Deus é misericordioso (Hc 3:2). Normalmente, o arco-íris aparece *depois* da tempestade; aqui, porém, aparece *antes* da tempestade.

**Ao redor do trono – os anciãos e seres viventes (vv. 3, 4, 6, 7).** O arco-íris circundava o trono em plano vertical, enquanto aqui os seres viventes o circundam em um plano horizontal. Pode-se dizer que constituem a corte do rei.



Quem são os 24 anciãos assentados em tronos? É pouco provável que sejam anjos, pois os anjos não são contados (Hb 12:22), nem coroados, nem tampouco entronizados. Além disso, em Apocalipse 7:11, os anciãos se distinguem dos anjos (ver também Ap 5:8-11). Suas coroas são "as coroas de vitória" (o termo grego é *stephanos*; ver Ap 2:10); e não há indicação alguma de que os anjos recebam recompensas.

É mais provável que esses anciãos simbolizem o povo de Deus entronizado e recompensado no céu. O templo do Antigo Testamento tinha 24 turnos de sacerdotes (1 Cr 24:3-5, 18; ver também Lc 1:5-9). O povo de Deus é "reino [e] sacerdotes para o seu Deus" (Ap 1:6), governando e servindo a Cristo. Devemos observar especialmente o louvor (Ap 5:9, 10). Quando Daniel (Dn 7:9) viu os tronos "postos", estes se encontravam vazios, mas quando João os viu, estavam ocupados. Uma vez que havia doze tribos em Israel e doze apóstolos, talvez o número 24 simbolize a inteireza do povo de Deus.

As vestes brancas e as palmas simbolizam a vitória (ver Ap 7:9). Esses são os "vencedores" que alcançaram a vitória pela fé em Cristo (1 Jo 5:4, 5).

Também ao redor do trono, João viu quatro "seres viventes", mais próximos de Deus do que os anjos e os anciãos. São semelhantes aos querubins da visão do profeta Ezequiel (Ez 1:4-14; 10:20-22), mas seu louvor (Ap 4:8) traz à memória os serafins de Isaías 6. Creio que essas criaturas especiais simbolizam a criação de Deus e são relacionadas à aliança de Deus com Noé (Gn 9:8-17). Os rostos dos seres viventes são paralelos à declaração de Deus em Gênesis 9:10 - o Senhor firmou sua aliança com Noé ("rosto como de homem"), com as aves ("semelhante à águia"), os animais domésticos ("semelhante a novilho") e os animais selváticos ("semelhante a leão").

Essas criaturas representam a sabedoria de Deus ("cheios de olhos") e proclamam a sua santidade. São lembranças celestiais de que Deus tem uma aliança com sua criação e que governa de seu trono sobre essa

criação. A presença do arco-íris semelhante à esmeralda ressalta essa imagem, pois, quando Deus fez a aliança com a criação, deu o arco-íris como sinal. Quaisquer que sejam os julgamentos terríveis a sobrevir à Terra de Deus, ele sempre será fiel no cumprimento de sua Palavra. Ainda que os homens o amaldiçoem durante os julgamentos (Ap 16:9, 11, 21), a natureza o louvará e engrandecerá por sua santidade.

O querubim descrito em Ezequiel 1 parece ter participação na operação providencial de Deus no mundo, retratada na imagem de "uma roda dentro da outra". Deus usa as forças da natureza para realizar sua vontade (Sl 148), e toda a natureza o louva e lhe agradece.

Alguns estudiosos acreditam que esses quatro rostos descritos (Ap 4:7) ilustram o retrato quádruplo de Cristo nos relatos dos Evangelhos. Mateus é o Evangelho do Rei (o leão). Marcos enfatiza o Senhor como servo em seu ministério (o novilho). Lucas apresenta Cristo como o Filho do homem, repleto de compaixão. João magnifica a divindade de Cristo, o Filho de Deus (a águia).

Por fim, o nome que essas criaturas proferem - "Senhor Deus, o Todo-Poderoso" - enfatiza o poder de Deus. Conforme mencionado no capítulo 1, a designação *Todo-Poderoso* é usada nove vezes em Apocalipse. Esse nome só é usado outra vez no Novo Testamento em 2 Coríntios 6:18, mas aparece pelo menos 31 vezes em Jó, um livro que engrandece o poder de Deus na natureza.

**Saindo do trono - sinais de tempestade (v. 5a).** "Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões." São sinais da aproximação de uma tempestade e lembranças do poder tremendo de Deus (ver Êx 9:23, 28; 19:16). Esses "sinais de tempestade" se repetirão durante o julgamento, sempre vindos do trono e do templo de Deus (Ap 8:5; 11:19; 16:18). Sem dúvida, Deus já preparou seu trono para o julgamento (Sl 9:7; ver também 77:18).

O mundo não gosta de pensar em Deus como um Deus de julgamento. As pessoas preferem ver o arco-íris ao redor do trono e

ignorar os relâmpagos e trovões. Sem dúvida, ele é um Deus cheio de graça, mas sua graça reina *pela justiça* (Rm 5:21). Essa realidade ficou clara na cruz, onde Deus manifestou tanto seu amor pelos pecadores quanto sua ira contra o pecado.

**Diante do trono - as tochas de fogo e o mar de vidro (vv. 5b, 6a).** As sete tochas dão a idéia de plenitude e simbolizam o Espírito Santo de Deus (Ap 1:4; ver também Ez 1:13). João também parece indicar em Apocalipse que o "santuário celestial" segue o padrão do tabernáculo e do templo aqui na Terra (ver Hb 9:23). Os elementos paralelos são os seguintes:

<i>Templo terreno</i>	<i>Santuário celestial</i>
Santo dos Santos	O trono de Deus
Candelabro com sete hastes	As sete tochas de fogo diante do trono
Bacia de bronze	Mar de vidro
Querubins sobre o propiciatório	Quatro seres viventes ao redor do trono
Sacerdotes	Anciãos (reis e sacerdotes)
Altar de bronze	Altar (Ap 6:9-11)
Altar do incenso	Altar do incenso (Ap 8:3-5)
Arca da aliança	Arca da aliança (Ap 11:19)

O céu não tem um templo no sentido material. O céu como um todo é santuário de Deus para os que servem diante de seu trono santo (Ap 7:15). João, porém, dá a entender, em Apocalipse 15:5-8, que existe um "santuário" especial de Deus (ver também Ap 11:19). Não haverá templo na eternidade (Ap 21:22).

O mar de cristal puro simboliza a santidade de Deus, e o fogo misturado refere-se a seu julgamento santo. Essa imagem traz à memória o "firmamento" de cristal na visão de Ezequiel (Ez 1:22), a fundação do trono de Deus. Veremos o "mar de vidro" novamente em Apocalipse 15, em que está relacionado à vitória de Israel sobre o Egito.

**Louvores ao que está assentado no trono (vv. 9-11).** Sempre que os seres viventes glorificam a Deus, os anciãos prostram-se

diante do trono para adorar ao Senhor. O Livro de Apocalipse é repleto de hinos de louvor (Ap 4:8, 11; 5:9-13; 7:12-17; 11:15-18; 12:10-12; 15:3, 4; 16:5-7; 18:2-8; 19:2-6). A ênfase sobre o louvor é significativa quando lembramos que João escreveu este livro para encorajar os que passavam por sofrimento e perseguição!

O tema deste hino é *Deus, o Criador*, enquanto em Apocalipse 5 os anciãos louvam a *Deus, o Redentor*. Apocalipse 4 é dedicado ao Pai no trono, enquanto Apocalipse 5 é dirigido ao Filho (o Cordeiro) diante do trono. O hino de encerramento (Ap 5:13) é voltado para ambos, outra prova da divindade de Jesus Cristo.

Se os 24 anciãos representam o povo de Deus no céu, é apropriado perguntar: "por que o povo de Deus deve louvar a Deus Criador?" Se os céus declaram a glória de Deus, nada mais natural que o povo de Deus participe do coral. A criação dá testemunho constante do poder, da sabedoria e da glória de Deus (Sl 19). Reconhecer o Criador é o primeiro passo para crer no Redentor (ver At 14:8-18; 17:22-31). "Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste [é mantido em coesão]" (Cl 1:16, 17).

Mas o ser humano pecaminoso adora e serve a criatura em vez do Criador, praticando, desse modo, a idolatria (Rm 1:25). Além disso, o ser humano pecaminoso poluiu e destruiu a criação maravilhosa de Deus e terá de pagar por isso (ver Ap 11:18). A criação existe para o louvor e prazer de Deus, e o ser humano não tem o direito de usurpar o que pertence a Deus por direito. O ser humano lançou a criação no pecado, de modo que a criação *boa* de Deus (Gn 1:31) hoje é uma criação *que geme* (Rm 8:22); mas, por causa da obra de Cristo na cruz, um dia ela será liberta e se tornará uma criação *gloriosa* (Ap 8:18-24).

É triste ver que a Igreja de hoje, muitas vezes, deixa de adorar o Deus da criação. A verdadeira resposta aos problemas ecológicos não é de caráter financeiro nem legal, mas sim espiritual. Esses problemas serão resolvidos somente quando o ser humano

reconhecer o Criador e começar a usar a criação para a glória de Deus.

## 2. ADORAM AO REDENTOR (Ap 5)

A atenção se volta agora para um livro com sete selos na mão Deus. O livro não pode ser lido, pois está enrolado e selado (como um testamento romano) com sete selos. João vê coisas escritas nos dois lados do rolo, indicando que nada mais pode ser acrescentado. Seu texto é completo e definitivo.

O livro represente a "escritura" de Cristo para tudo o que o Pai lhe prometeu por seu sacrifício na cruz. "Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão" (Sl 2:8). Jesus Cristo é o "herdeiro de todas as coisas" (Hb 1:2). Ele é o "parente-resgatador" amado, que se dispôs a entregar a vida para nos libertar da escravidão e para restituir a herança perdida (ver Lv 25:23-46; o Livro de Rute; Jr 32:6-15).

Vários acontecimentos dramáticos ocorrem, à medida que Cristo remove os selos. O sétimo selo dá início ao julgamento das sete trombetas (Ap 8:1, 2). Então, depois do toque da sétima trombeta, é anunciado o grande dia da ira de Deus, acompanhado das "taças de julgamento", o ponto culminante da ira de Deus (Ap 11:15ss; 15:1). É possível que os julgamentos das trombetas encontrem-se escritos de um lado do livro, enquanto do outro estejam os julgamentos das taças.

Uma escritura de propriedade ou testamento só pode ser aberto pelo devido herdeiro, nesse caso, Jesus Cristo. Ninguém no universo foi considerado digno de romper os selos. Não é de admirar que João tenha chorado, pois se deu conta de que o plano glorioso de redenção elaborado por Deus só poderia ser completado com a abertura do livro. O resgatador deveria ser alguém com laços próximos de parentesco, capaz de pagar o resgate e disposto a isso. Jesus Cristo cumpre todos os requisitos. Ele se tornou carne, de modo que é nosso Parente. Ele nos ama, deseja nos resgatar e pagou o preço, de modo que é capaz de redimir.

Agora, é possível envolver-se na experiência de adoração descrita no restante de

Apocalipse, em que se descobrem quatro fortes motivos para adorar a Jesus Cristo.

**Quem ele é (vv. 5-7).** O Senhor recebe três títulos singulares para descrever sua identidade. Primeiro, ele é o *Leão da Tribo de Judá*. Trata-se de uma referência a Gênesis 49:8-10, na qual, em um gesto profético, Jacó entrega o cetro a Judá e declara que sua descendência será a tribo dos reis. (Nunca fez parte dos planos de Deus que Saul estabelecesse uma dinastia, pois ele era da tribo de Benjamim. Deus usou Saul para disciplinar Israel, porque o povo pediu um rei; em seguida, o Senhor *Ihes deu Davi*, da tribo de Judá.)

A imagem do "leão" traz à mente dignidade, soberania, coragem e vitória. Jesus Cristo é o único judeu vivo que pode provar sua realeza pelos registros genealógicos. "Filho de Davi" era um título usado com frequência para Cristo quando ministrava aqui na Terra (ver Mt 1).

No entanto, ele também é a "raiz de Davi", o que significa que fez existir tanto o próprio Davi quanto sua linhagem. No tocante a sua humanidade, Jesus era proveniente da raiz de Davi (Is 11:1, 10); mas no tocante a sua divindade, Jesus é a Raiz de Davi. Trata-se, obviamente, de uma referência à natureza eterna do Senhor; ele é, de fato, o "Ancião de Dias" (Dn 7:9, 13, 22). Jesus apresentou aos fariseus o seguinte dilema: como é possível o Messias ser tanto Senhor de Davi quanto Filho de Davi? Eles não souberam lhe responder (Mt 22:41-46).

Quando João virou-se, não viu um leão, mas sim um *cordeiro*! Jesus é chamado de "Cordeiro" pelo menos 28 vezes no Livro de Apocalipse (o termo grego significa "um cordeirinho de estimação"), e não é difícil perceber a ênfase. A ira de Deus é a "ira do Cordeiro" (Ap 6:16). A purificação dá-se pelo "sangue do Cordeiro" (Ap 7:14). A Igreja é "a noiva, a esposa do Cordeiro" (Ap 21:9).

O tema do "Cordeiro" mostra-se relevante ao longo de todas as Escrituras, pois apresenta a pessoa e a obra de Jesus Cristo, o Redentor. A pergunta do Antigo Testamento: "Onde está o cordeiro?" (Gn 22:7) foi respondida por João Batista, que exclamou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado

do mundo!" (Jo 1:29). Os coros celestiais cantam: "Digno é o Cordeiro" (Ap 5:12).

Se fosse reproduzida literalmente por um artista, a descrição do Cordeiro (Ap 5:6) resultaria em uma imagem grotesca, mas quando entendida de forma simbólica, transmite verdades espirituais. Uma vez que o número sete representa perfeição, encontramos aqui poder perfeito (sete chifres), sabedoria perfeita (sete olhos) e presença perfeita (sete Espíritos em toda a Terra). Os teólogos chamariam essas qualidades de onipotência, onisciência e onipresença, três atributos de Deus. O Cordeiro é Deus Filho, Cristo Jesus!

Jesus Cristo é adorado por quem ele é. No entanto, existe um segundo motivo para ser adorado.

**Onde ele está (v. 6).** Em primeiro lugar, Jesus está no céu. Ele não está na manjedoura, em Jerusalém, na cruz ou no sepulcro. Foi elevado e exaltado no céu. Que grande estímulo para os cristãos aflitos saber que o Salvador derrotou todos os inimigos e está controlando tudo o que se passa da glória! Ele também sofreu, mas Deus transformou seu sofrimento em glória.

Mas onde, exatamente, está Cristo no céu? Ele está *entre* eles. O Cordeiro é o centro de tudo o que acontece no céu. Toda a criação (os quatro seres vivos) e todo o povo de Deus (os anciãos) gira em torno dele. Os anjos ao redor do trono rodeiam o Salvador e o louvam.

Ele também está *no trono*. Certos poemas e hinos cristãos desentronizam o Salvador e enfatizam sua vida aqui na Terra. Esses poemas e cânticos romanceiam o "dócil Carpinteiro" ou o "Mestre humilde", mas não exaltam o Senhor ressurreto! Não adoramos um bebê na manjedoura nem um corpo na cruz. Adoramos o Cordeiro de Deus que está vivo e reinando no meio de tudo no céu.

**Aquilo que ele faz (vv. 8-10).** Quando o Cordeiro vem e toma o livro (ver Dn 7:13, 14), cessa o choro e começa o louvor. O povo de Deus e os representantes da criação de Deus entoam em uníssono um cântico novo de louvor. Convém observar como a *oração* e o *louvor* são unidos, pois o incenso

é um retrato da oração subindo ao trono de Deus (Sl 141:2; Lc 1:10). Fala-se mais adiante das orações dos santos associadas ao incenso (Ap 6:9-11; 8:1-6).

Que tipo de cântico entoam? Em primeiro lugar, é um *hino de adoração*, pois afirmam: "Digno és!" Adorar significa "atribuir valor", e somente Jesus é digno. Quando eu pastoreava uma igreja, procurava começar cada culto matinal com um hino que elevasse a mente e o coração da congregação ao Senhor Jesus Cristo. Muitos cânticos de hoje se concentram no adorador, não em Cristo. Enfatizam de tal modo a experiência do cristão que praticamente ignoram o Senhor da glória. Sem dúvida, existe espaço para esse tipo de cântico, mas nada se compara a prestar culto a Cristo em adoração espiritual.

Mas se trata também de um *cântico evangelístico*! "Porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação". O termo traduzido por "morto" significa "assassinado de forma violenta" (Ap 5:6). O céu canta sobre a cruz e o sangue! Li em algum lugar que uma denominação havia revisado seu hinário oficial inteiro e removido todos os cânticos sobre o sangue de Cristo. Esse hinário jamais poderia ser usado no céu, pois lá todos glorificam o Cordeiro que foi morto pelos pecados do mundo.

Em Gênesis 22, um carneiro foi sacrificado no lugar de Isaque, um retrato de Cristo dando a vida *pelo indivíduo* (ver Gl 2:20). Na primeira Páscoa do povo de Israel, *para cada família*, um cordeiro foi morto (Êx 12:3). Isaías afirma que Jesus morreu *pela nação de Israel* (Is 53:8; ver também Jo 11:49-52). João declara que o Cordeiro morreu *pelo mundo inteiro*! (Jo 1:29). Quanto mais se medita sobre o poder e a abrangência da obra de Cristo na cruz, mais compelidos somos à humildade e à adoração.

Além disso, também é um *cântico missionário*. Os pecadores foram remidos "de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5:9). A *tribo* refere-se a um ancestral em comum, e a *língua* a um idioma em comum. O *povo* representa uma raça em comum, e a *nação*, a um governo em comum. Deus ama o mundo

inteiro (Jo 3:16), e seu desejo é que a mensagem da redenção seja levada ao mundo inteiro (Mt 28:18-20).

Conta-se a história de um cristão que era contra missões estrangeiras, mas que, de algum modo, se viu no meio de uma campanha missionária. Quando passaram recolhendo as ofertas, ele disse ao diácono:

- Eu não acredito em missões!

Ao que o diácono respondeu:

- Então pegue um pouco para você. Esta oferta é para os pagãos.

Esse cântico é, ainda, um *hino devocional*, pois anuncia a posição singular dos cristãos em Cristo como "reis e sacerdotes". Como Melquisedeque na Antiguidade, os cristãos são reis e sacerdotes (Gn 14:17ss; Hb 7; 1 Pe 2:5-10). O véu do templo se rasgou quando Cristo morreu, abrindo, assim, o caminho para Deus (Hb 10:19-25). "[Reinamos] em vida" ao nos sujeitarmos a Cristo e permitirmos que seu Espírito opere em nós (Rm 5:17).

Por fim, este também é um *hino profético*: "Reinarão sobre a terra" (Ap 5:10). Quando Jesus Cristo voltar à terra, estabelecerá seu reino de justiça por mil anos; e reinaremos com ele (Ap 20:1-6). As orações dos santos que pedem: "Venha o teu reino!" serão atendidas. A criação será liberta da escravidão do pecado (Is 11:1-10; Rm 8:17-23), e Cristo reinará com justiça e poder.

Que hino maravilhoso! A adoração seria extremamente rica se todas essas verdades fossem combinadas na honra ao Senhor!

**O que ele tem (vv. 11-14).** Neste irrompimento final de louvor, todos os anjos e todas as criaturas do universo unem-se para adorar ao Redentor. Que harmonia extraordinária João ouviu! Neste hino, os adoradores declararam o que Jesus Cristo merece receber por sua morte sacrificial na cruz. Quando estava aqui na Terra, as pessoas não lhe atribuíram tais coisas, pois ele próprio colocou muitas de lado em sua humilhação.

Nasceu em fraqueza e morreu em fraqueza; mas recebe todo o poder. Tornou-se o mais pobre dos pobres (2 Co 8:9) e, no entanto, possui todas as riquezas dos céus e da Terra. Os homens zombaram dele e o

chamaram de insensato, no entanto, ele é a própria sabedoria de Deus (1 Co 1:24; Cl 2:3).

Sem pecar, experimentou a fraqueza da humanidade, sentindo fome, sede e cansaço. Hoje, na glória, possui toda a força. Na Terra, experimentou humilhação e vergonha ao ser ridicularizado e escarnecido pelos pecadores. Zombaram de sua realeza, dando-lhe a imitação de um manto, um cetro e uma coroa. Mas tudo isso mudou! Ele recebeu toda a honra e glória!

Que bênção! Na cruz, ele se tornou maldição por nós (Gl 3:13), de modo que não estamos mais sob a maldição de haver transgredido a Lei (algumas versões apresentam o termo "louvor" em vez de "bênção", mas a palavra grega tem os dois sentidos). Ele é digno de todo o louvor!

O culto de adoração culmina com todo o universo louvando o Cordeiro de Deus e o Pai assentado no trono!

Os quatro seres viventes proferem um sonoro "Amém!". Podemos dizer "Amém!" no céu!

É importante ter em mente que todo esse louvor é para o Senhor Jesus Cristo, o Redentor. Não é para Cristo, o Mestre, mas para Cristo, o Salvador, tema de toda sua adoração. Apesar de ser possível não convertidos louvarem o Criador, por certo, não podem louvar de coração ao Redentor.

Os louvores do céu irromperam quando o Cordeiro recebeu o livro da mão do Pai. O plano eterno e maravilhoso de Deus está para se cumprir e a criação está para ser liberta da escravidão do pecado e da morte. Um dia, o Cordeiro romperá os selos e, com isso, desencadeará uma série de acontecimentos que culminarão com sua vinda à Terra e com o estabelecimento de seu reino.

Ao participar desses cultos de adoração celestial, seu coração está dizendo "Amém" ao que foi cantado? Talvez você creia em Jesus Cristo como Criador, mas será que já o aceitou como Redentor? Se você ainda não fez isso, por que não dar esse passo agora?

"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo" (Ap 3:20).

## OS SELOS E OS SELADOS

### APOCALIPSE 6 – 7

**A** adoração descrita em Apocalipse 4 e 5 é um preparativo para a ira descrita em Apocalipse 6 a 19. Pode parecer estranho adoração e julgamento andarem juntos, mas isso se deve ao fato de não entendermos plenamente a santidade de Deus nem, tampouco, a pecaminosidade do homem. Também não se consegue compreender a totalidade do que Deus deseja realizar nem a maneira de as forças do mal se oporem a ele. Deus é longânimo, mas deve julgar o pecado e vindicar seus servos.

De acordo com Daniel 9:27, o calendário profético de Deus dedica sete anos para Israel, período que começa com a assinatura de um acordo com o ditador mundial (o anticristo) e termina com a volta de Cristo à Terra para julgar o mal e estabelecer seu reino. Esse é o período descrito em Apocalipse 6 a 19. Ao consultar o esboço de João (Ap 1), vê-se que essa descrição é feita em três partes: os primeiros três anos e meio (Ap 6 – 9), os acontecimentos no meio desse período (Ap 10 – 14) e os últimos três anos e meio (Ap 15 – 19).

O que há de tão importante no meio do período de Tribulação? É a ocasião em que o anticristo rompe o acordo com Israel, deixando de ser seu protetor e se transformando em seu perseguidor (Dn 9:27).

Ao estudar esses catorze capítulos cheios de ação, é preciso lembrar sempre que o objetivo de João ao escrever é encorajar o povo de Deus de todas as eras da história. Não escreve apenas *profecias* que se cumprirão no fim dos tempos, mas também *teologia*, revelando de maneira dramática o caráter de Deus e os princípios de seu reino. Esses

capítulos descrevem o conflito cósmico entre Deus e Satanás, a Nova Jerusalém e a Babilônia. Qualquer que seja a “chave” usada para a compreensão de Apocalipse, sempre se vê o Rei dos reis exaltado vindicando seu povo e conduzindo seus “vencedores” ao triunfo.

Uma vez que a Igreja não sabe quando Cristo voltará, cada geração deve viver na expectativa de sua vinda. Portanto, o livro de Apocalipse deve ser capaz de comunicar a verdade a cada geração, não apenas às pessoas que estarão vivas quando esses acontecimentos ocorrerem. Versículos como Apocalipse 13:9; 16:15 e 22:7, 18-20 indicam o caráter atemporal da mensagem de João. Isso também explica por que João usa tanto simbolismo: eles nunca perdem seu significado. Em todas as eras da história, a Igreja teve de lutar contra a Babilônia (comparar Ap 18:4 com Jr 50 – 51) e o anticristo (ver 1 Jo 2:18ss). Apocalipse 6 a 19 é apenas o ponto culminante desse conflito.

Em Apocalipse 6 e 7, João caracteriza os primeiros dias da Tribulação como um tempo de retribuição, reação e redenção.

#### 1. RETRIBUIÇÃO (AP 6:1-8)

Nesta seção, João registra a abertura dos quatro primeiros selos e, à medida que cada selo é aberto, um dos quatro seres viventes chama um cavaleiro e um cavalo. Em outras palavras, os acontecimentos na Terra ocorrem pela direção soberana de Deus.

É provável que a imagem do cavalo seja relacionada à visão descrita em Zacarias 1:7-17. Os cavalos representam a atividade de Deus na Terra, as forças que ele usa para cumprir seus propósitos divinos. O centro de seu plano é Israel, especialmente a cidade de Jerusalém. (Jerusalém é mencionada 39 vezes no Livro de Zacarias.) Deus tem, em sua aliança, um propósito definido para Israel, e esse propósito será cumprido exatamente como prometeu.

Vejam, agora, quem são esses cavalos e seus cavaleiros.

**Anticristo (vv. 1, 2).** Daniel fala da existência de “um príncipe que há de vir”, que fará uma aliança com Israel e o protegerá

dos seus inimigos (Dn 9:26, 27). Em outras palavras, o futuro ditador mundial começará sua carreira como um pacificador! Avançará de vitória em vitória até, finalmente, controlar o mundo inteiro.

Alguns estudiosos sugerem que o cavaleiro no cavalo branco é, na verdade, um símbolo do "Cristo conquistador" que está derrotando hoje as forças do mal no mundo. Tomam como referência Apocalipse 19:11, mas a única semelhança é a presença de um cavalo branco. Se o cavaleiro é, de fato, Jesus Cristo, parece estranho ele ser apresentado como tal *no final do livro*, não no início!

É de se esperar que o anticristo se pareça com o Cristo, pois o anticristo é a grande imitação produzida por Satanás! Até mesmo os judeus (que devem conhecer as Escrituras) serão enganados por ele (Jo 5:43; 2 Ts 2:1-12). Esse grande impostor virá como um líder pacífico, carregando apenas um arco sem flechas (a arma de Cristo é a espada; Ap 19:15)! O anticristo resolverá os problemas do mundo e será recebido como o Grande Libertador.

A palavra usada para "coroa", em Apocalipse 6:2, é *stephanos*, que significa "a coroa do vencedor". A coroa que Jesus Cristo usa é *diadema*, "a coroa do rei" (ver Ap 19:12). O anticristo não poderia jamais usar um *diadema*, pois essa coroa pertence somente ao Filho de Deus.

É claro que, em certo sentido, Jesus Cristo está conquistando vitórias hoje, ao libertar as pessoas da escravidão do pecado e de Satanás (At 26:18; Cl 1:13). Mas essa conquista começou com sua vitória na cruz e, sem dúvida, não precisou esperar pela abertura de um selo! Observa-se mais adiante que a seqüência de acontecimentos em Apocalipse 6 constitui um paralelo bastante próximo com a seqüência apresentada por Jesus em seu discurso no monte das Oliveiras, sendo que o primeiro acontecimento mencionado é a aparição de falsos Cristos (Mt 24:5).

**Guerra (vv. 3, 4).** A conquista do anticristo começa em paz, mas logo ele troca o arco vazio pela espada. A cor vermelha é

associada, com freqüência, a terror e morte: o dragão vermelho (Ap 12:3), a besta escarlata (Ap 17:3). É o retrato de uma carnificina desenfreada. A guerra faz parte da experiência humana desde que Caim matou Abel, de modo que essa imagem é relevante para cristãos de todas as eras e os lembra de que Deus tem o controle absoluto de tudo, mesmo que não seja responsável pelos atos ilegais de homens e nações.

**Fome (vv. 5, 6).** A cor preta é associada com freqüência à fome (Jr 14:1,2; Lm 5:10). A fome e a guerra andam juntas. Uma escassez de alimentos sempre eleva os preços e força o governo a racionar o que se encontra disponível. "Entregarão [o pão] por peso" é uma expressão em hebraico que indica escassez de alimento (Lv 26:26). Uma moeda ("denário") era o salário padrão por um dia de serviço de um trabalhador comum (Mt 20:2), mas é evidente que tinha muito mais valor do que uma moeda nos dias de hoje. Uma "medida" de trigo correspondia a, aproximadamente, meio litro, o suficiente para as necessidades diárias de uma pessoa. Em geral, dava para comprar de 8 a 12 medidas de trigo com uma moeda e uma quantidade bem maior de cevada, que era o cereal mais barato.

No entanto, durante a Tribulação, um homem terá de trabalhar um dia inteiro só para garantir o alimento para si mesmo! Não haverá coisa alguma para a família! Enquanto isso, os ricos se refestelarão com azeite e vinho em abundância. Não é de se admirar que, por fim, o anticristo conseguirá controlar a economia (Ap 13:17) ao prometer alimentar as multidões famintas.

**Morte (vv. 7, 8).** João vê dois seres: a Morte, montada em um cavalo amarelo, seguida do Inferno (*hades*, reino dos mortos). Cristo tem as chaves da morte e do inferno (Ap 1:18), e, um dia, os dois serão lançados no lago de fogo (Ap 20:14). A morte leva o corpo, enquanto o inferno leva a alma dos mortos (Ap 20:13). João vê esses inimigos avançando para capturar suas presas armados com a espada, a fome, a pestilência ("mortandade") e as feras da terra. Na Antiguidade, era comum as guerras serem

acompanhadas de fome, pestilência e do ataque de animais selvagens (ver também Jr 15:2; 24:10; Ez 14:21).

Os tiranos conquistadores que causam fome e mortandade no mundo certamente não são novidade. Desde o povo aflito do império romano até as vítimas da guerra mais recente podem reconhecer facilmente os primeiros sinais desses quatro cavaleiros tão temidos. É por isso que o Livro de Apocalipse tem sido fonte de encorajamento para cristãos aflitos ao longo da história. Ao verem o Cordeiro abrir os selos, sabem que Deus está no controle e que seus propósitos se cumprirão.

## 2. REAÇÃO (AP 6:9-17)

João registra duas reações à abertura dos selos, uma no céu e outra na Terra.

**Os mártires (vv. 9-11).** Quando os sacerdotes do Antigo Testamento ofereciam um animal como sacrifício, o sangue dessa oferta era derramado na base do altar de bronze (Lv 4:7, 18, 25, 30). Na imageria do Antigo Testamento, o sangue representa vida (Lv 17:11). Assim, em Apocalipse, as almas dos mártires “debaixo do altar” mostram que suas vidas foram entregues de modo sacrificial para a glória de Deus. O apóstolo Paulo tinha essa mesma idéia em mente ao escrever Filipenses 2:17 e 2 Timóteo 4:6.

O termo grego *martus* dá origem à palavra *mártir*, que significa, simplesmente, “uma testemunha” (ver Ap 2:13; 17:6). Esses santos foram mortos pelo inimigo por darem testemunho da verdade de Deus e da mensagem de Jesus Cristo. As forças do anticristo não aceitam a verdade, pois Satanás deseja que as pessoas sejam enganadas e creiam em suas mentiras (ver Ap 19:20; 20:10 e também 2 Ts 2:9-12).

Uma vez que seus assassinos ainda estão vivos na Terra, tudo indica que esses mártires morreram no início do período de Tribulação. No entanto, representam *todos* os que entregaram sua vida por Jesus Cristo e pela causa da verdade de Deus e são um estímulo a todos, hoje, que porventura sejam chamados a segui-los. Eles garantem que as almas dos mártires estão no céu, esperando

pela ressurreição (Ap 20:4), e que repousam, vestidos com mantos de glória celestial.

Mas será que é “cristão” esses santos martirizados orarem pedindo vingança por sua morte? Afinal, tanto Jesus quanto Estêvão pediram que Deus perdoasse os que os mataram. Não tenho dúvidas de que, quando foram mortos na Terra, esses mártires também oraram por seus executores, como se deve fazer (Mt 5:10-12, 43-48).

A grande questão, porém, não é se seus inimigos seriam julgados, mas *quando*. “Até quando, ó Deus?” tem sido o clamor de muitos aflitos ao longo das eras (ver Sl 74:9, 10; 79:5; 94:3, 4; e também Hc 1:2). Os santos no céu sabem que, a seu tempo, Deus julgará o pecado e estabelecerá a justiça na Terra, mas não sabem qual é exatamente o cronograma de Deus. Não buscam vingança pessoal, mas sim a vindicação da santidade de Deus e o estabelecimento da justiça de Deus. Todo cristão de hoje que ora com sinceridade “Venha o teu reino!” repete o pedido desses santos.

Deus deixou claro a esses mártires que seu sacrifício era um encontro marcado, não um acidente, e que outros santos seriam martirizados depois deles. Deus está no controle de tudo, até mesmo da morte de seu povo (Sl 116:15), de modo que não há coisa alguma a temer.

Muitos outros seriam mortos por causa de sua fé antes de o Senhor voltar e estabelecer seu reino (ver Ap 11:7; 12:11; 14:13 e 20:4, 5). Naquele tempo, assim como hoje, a impressão é que o inimigo está vencendo, mas a última palavra será de Deus. Até mesmo em nossos tempos “esclarecidos”, milhares de cristãos entregaram a vida por Cristo e, sem dúvida, receberão a coroa da vida (Ap 2:10).

**Os habitantes da Terra (vv. 12-17).** Os mártires clamam: “Vinga-nos!”, mas os incrédulos da Terra suplicarão: “Esconde-nos!” A abertura do sexto selo produz cataclismos e catástrofes mundiais, inclusive o primeiro de três grandes terremotos (Ap 6:12; 11:13; 16:18, 19). A natureza toda será afetada: o Sol, a Lua e as estrelas, bem como os céus, as montanhas e as ilhas. É interessante



comparar essa cena com Joel 2:30, 31 e 3:15 e também com Isaías 13:9, 10 e 34:2-4.

Apesar de João ter escrito usando uma linguagem simbólica, esses versículos descrevem uma cena capaz de assustar até os mais corajosos. As pessoas tentarão esconder-se da face de Deus e da face do Cordeiro! Que loucura tentar esconder-se *de um cordeiro!* Certa vez, ouvi Vance Havner dizer que, um dia, o imóvel mais valioso do mundo será um buraco no chão, e ele estava certo.

Veremos mais da "ira de Deus" ao avançar no estudo deste livro (Ap 11:18; 14:10; 16:19; 19:15). Também veremos a ira de Satanás (Ap 12:17) e a ira das nações ao se oporem a Deus (Ap 11:18). Os homens e as mulheres que se recusam a se entregar ao amor de Deus e a ser transformados pela graça de Deus não têm como escapar da ira de Deus.

Posição e riqueza não livrarão ninguém desse dia terrível. A lista de João inclui reis, capitães e escravos, ricos e pobres. "Quem é que pode suste-se?"

A expressão "ira do Cordeiro" parece um paradoxo. O mais coerente seria falar da "ira do Leão". Estamos tão acostumados a enfatizar a mansidão e ternura de Cristo (Mt 11:28-30) que nos esquecemos de sua santidade e justiça. O mesmo Cristo que recebeu as crianças também expulsou os comerciantes do templo. A ira de Deus não é como o ataque de birra de uma criança nem como o castigo aplicado por um pai ou mãe impaciente. A ira de Deus é evidência de seu amor santo por tudo o que é correto e de sua aversão santa a toda perversidade. Somente uma pessoa tola e sentimental desejaria adorar um Deus que não trata o mal no mundo com justiça.

Além disso, as pessoas mencionadas aqui são *impenitentes!* Recusam-se a sujeitar-se à vontade de Deus. Preferem esconder-se de Deus cheias de medo (o que lembra Adão e Eva) do que correr para ele pela fé. São prova de que o julgamento *em si* não muda o coração humano. Os homens não apenas tentarão esconder-se de Deus, mas também blasfemarão contra ele (Ap 16:9, 11, 21).

Mas há alguma esperança para os cristãos durante esse tempo terrível de julgamento? E quanto ao povo escolhido de Deus, os judeus, que fizeram uma aliança com o anticristo? Sem dúvida, as pessoas aceitarão a Cristo como Salvador mesmo depois que a Igreja tiver sido arrebatada, mas o que será feito desses cristãos? É possível encontrar algumas das respostas em Apocalipse 7.

Antes, porém, de considerar o terceiro tema do qual João trata nesta seção – a redenção –, devem-se observar os paralelos entre as palavras proféticas de Cristo, em Mateus 24, e o que João escreve em Apocalipse 6. O resumo a seguir deixa clara essa correspondência.

Mateus 24	Apocalipse 6
Falsos Cristos (vv. 4, 5)	O cavaleiro no cavalo branco (vv. 1, 2)
Guerras (v. 6)	Cavalo vermelho – guerra (vv. 3, 4)
Fome (v. 7a)	O cavalo preto – fome (vv. 5, 6)
Morte (vv. 7b, 8)	O cavalo amarelo – morte (vv. 7, 8)
Mártires (v. 9)	Mártires debaixo do altar (vv. 9-11)
Caos mundial (vv. 10-13)	Caos mundial (vv. 12-17)

Mateus 24:14 apresenta a pregação do evangelho do reino pelo mundo todo, e é bem possível que seja paralelo a Apocalipse 7. Deus pode usar os 144 mil judeus selados para compartilhar sua palavra com o mundo e, como resultado, salvar multidões.

### 3. REDENÇÃO (AP 7:1-17)

É importante fazer um contraste entre os dois grupos de pessoas descritas neste capítulo.

7:1-8. Judeus	7:9-17 Gentios de todas as nações
Contados - 144 mil	Não podem ser contados
Selados na Terra	No céu, em pé diante de Deus

Apesar de as Escrituras não afirmarem, explicitamente, que os 144 mil judeus são testemunhas especiais de Deus e que a multidão de gentios foi salva por meio de seu ministério, esta nos parece ser uma dedução lógica; de outro modo, por que os dois grupos são relacionados neste capítulo? O paralelo com Mateus 24:14 também indica que os 144 mil darão testemunho do Senhor durante a Tribulação.

**Os judeus selados (vv. 1-8).** Os anjos são associados às forças da natureza: o vento (Ap 7:1), o fogo (Ap 14:18) e a água (Ap 16:5). A ordem de parar o vento indica a "calmaria antes da tempestade". Deus controla toda a natureza. No dia de sua ira, ele usará as forças da natureza para julgar a humanidade. A expressão "quatro ventos [ou cantos] da terra" é tão pouco científica quanto Isaías 11:12 ou quanto os jornais diários.

Nas Escrituras, o selo indica posse e proteção. Atualmente, o povo de Deus é selado pelo Espírito Santo (Ef 1:13, 14). Essa é a garantia de Deus de que somos salvos e estamos seguros e de que, um dia, ele nos levará para o céu. Os 144 mil judeus receberão o nome do Pai como seu selo (Ap 14:1), contrastando com a "marca da besta" que o anticristo dará àqueles que o seguirem (Ap 13:17; 14:11; 16:2; 19:20).

Este selo protegerá os judeus escolhidos do julgamento que "[fará] dano à terra e ao mar" (Ap 7:2) e ocorrerá quando os quatro anjos tocarem suas trombetas (Ap 8). Os julgamentos se tornarão mais intensos quando gafanhotos horríveis forem expelidos do poço do abismo (Ap 9:1-4). Protegidos desses julgamentos aterradores, os 144 mil poderão fazer seu trabalho e glorificar ao Senhor.

Em todas as eras, Deus sempre tem seu remanescente fiel. Elias pensou estar sozinho, mas Deus ainda tinha sete mil servos fiéis (1 Rs 19:18). O ato de selar descrito em Apocalipse 7 sem dúvida tem como contexto Ezequiel 9:1-7, em que os fiéis são selados antes de sobrevir o julgamento de Deus. Assim, apesar de os 144 mil judeus serem um povo eleito nos últimos dias com uma tarefa especial de Deus a cumprir, também

simbolizam os eleitos fiéis de Deus em todas as eras da história.

O número 144 mil é significativo, pois indica perfeição e plenitude (144 = 12 x 12). Alguns vêem aqui a plenitude de todo o povo de Deus: as doze tribos de Israel (os santos do Antigo Testamento) e os doze apóstolos (os santos do Novo Testamento). Pode se tratar de uma boa aplicação dessa passagem, mas não é sua interpretação básica, pois o texto diz que os 144 mil são todos judeus, e até suas tribos são citadas.

Certa vez, um homem me disse que era um dos 144 mil, de modo que eu lhe perguntei:

- A qual tribo você pertence e como pode prová-lo?

É claro que ele não poderia provar coisa alguma, da mesma forma que nenhum judeu hoje em dia tem como provar qual é sua tribo de origem. Os registros genealógicos foram todos destruídos. Mas as dez tribos levadas embora pelos assírios e que se "perderam" não são problema para Deus, pois ele conhece seu povo e sabe onde todos estão (ver Mt 19:28; At 26:7; Tg 1:1).

Isso não significa que a interpretação literal dessa passagem não apresente alguns problemas. Por que Levi é incluído, se não tem herança com as outras tribos (Nm 18:20-24; Js 13:14)? Por que José é citado, mas seu filho Efraim - normalmente associado a seu irmão, Manassés - é deixado de fora? Por fim, por que a tribo de Dã é omitida aqui, mas aparece na lista de Ezequiel da divisão da Terra (Ez 48:1)? Existem muitas sugestões, mas ninguém sabe as respostas. Devemos deixar as "coisas ocultas" por conta de Deus e não permitir que a ignorância a respeito disso seja um empecilho para a obediência ao que sabemos (Dt 29:29).

**Os gentios salvos (vv. 9-17).** Não se pode ler o Livro de Apocalipse sem uma perspectiva global, pois sua ênfase é no que Deus faz pelas pessoas *no mundo todo*. O Cordeiro morreu para redimir as pessoas "que procedem de toda tribo, língua, povo e nação" (Ap 5:9). As grandes multidões retratadas aqui são provenientes "de todas as nações, tribos, povos e línguas" (Ap 7:9). "Ide

por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" - essa foi a ordem do Senhor (Mc 16:15).

Não há dúvidas quanto a quem constitui essa multidão, pois um dos anciãos explica a João (Ap 7:14): são gentios salvos pela fé em Cristo durante a Tribulação (encontraremos o mesmo grupo novamente em Ap 14). Hoje em dia, é relativamente fácil confessar a Cristo em quase todo o mundo, mas esse não será o caso durante a Tribulação, pelo menos não em sua segunda metade. Nesse tempo, somente as pessoas com a "marca da besta" poderão comprar e vender; os que não tiverem a marca ficarão desprovidos até mesmo das necessidades mais básicas. Apocalipse 7:16 indica que sofrerão fome (ver Ap 13:17), sede (ver Ap 16:4) e falta de abrigo (expostos ao Sol; ver Ap 16:8, 9).

O fato de estarem em pé diante do trono, não assentadas ao redor dele, indica que essas pessoas não são identificadas com os 24 anciãos. Aliás, o próprio João não sabia quem eram! Se fossem santos do Antigo Testamento ou a Igreja, João os teria reconhecido. O fato de o ancião ter de identificá-las para o apóstolo demonstra que são, de fato, pessoas especiais.

É evidente que, na cidade celestial (Ap 21 e 22), todas as distinções deixarão de existir, e seremos todos o povo de Deus na glória. Mas enquanto Deus desenrola seu plano na história humana, ainda existem distinções entre judeus, gentios, a Igreja e os santos da Tribulação.

João apresenta uma bela descrição desse povo.

Em primeiro lugar, foram *aceitos*, pois estão diante do trono de Deus e do Cordeiro. Sem dúvida, haviam sido rejeitados na Terra por permanecerem fiéis à verdade em um tempo em que as mentiras eram a regra

e Satanás governava. Suas vestes brancas e as palmas simbolizam vitória: são verdadeiros vencedores! Os judeus usavam ramos de palmeiras na Festa dos Tabernáculos (Lv 23:40-43), um tempo especial de regozijo em todo Israel.

Em segundo lugar, estavam *alegres*. Cantavam louvores ao Pai e ao Cordeiro; e sua adoração se juntou à dos que estavam ao redor do trono.

Além disso, também foram *recompensados*. Tinham o privilégio de estar diante do trono de Deus e de servi-lo. Quando o povo de Deus chegar ao céu, terá trabalho a fazer! Será possível servir ao Senhor com perfeição! O Cordeiro será nosso Pastor e nos satisfará com tudo o que há de bom (ver Is 49:10; Ap 21:4).

A abertura do sétimo selo dará início aos sete "juízos das trombetas" (Ap 8 - 11), e a ira de Deus aumentará em intensidade e abrangência. Mas antes de isso ocorrer, existe a garantia de que, em sua ira, Deus se lembrará de sua misericórdia (Hc 3:2). Apesar da ira de Deus e do terror causado por Satanás e por seus colaboradores, multidões serão salvas pelo sangue de Jesus Cristo. Qualquer que seja a era ou dispensação, o caminho para a salvação é sempre o mesmo: a fé em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus.

Infelizmente, porém, nesse tempo também haverá multidões que rejeitarão o Salvador e crerão na "besta". Mas acaso não existem *hoje* pessoas que preferem Satanás em vez de Cristo e este mundo em vez do mundo por vir? Tais pessoas estão sob a mesma condenação que os pecadores da Tribulação que receberão a "marca da besta".

Se você ainda não creu no Salvador, faça isso agora. Se você já crê no Salvador, compartilhe as boas-novas da salvação com outros para que sejam libertos da ira vindoura.

# TOQUEM AS TROMBETAS!

APOCALIPSE 8 – 9

Os julgamentos dos selos chegaram ao fim e os julgamentos das trombetas estão prestes a começar. Serão seguidos dos julgamentos das taças, culminando com a destruição da Babilônia e a volta de Cristo à Terra. Convém observar que dos selos às trombetas, e destas às taças, os julgamentos tornam-se mais intensos. É interessante observar, também, que os julgamentos das trombetas e taças afetam as mesmas áreas, como mostra o resumo abaixo:

<i>As trombetas</i>	<i>Os julgamentos</i>	<i>As taças</i>
1. 8:1-7	A terra	16:1, 2
2. 8:8, 9	O mar	16:3
3. 8:10, 11	Os rios	16:4-7
4. 8:12, 13	Os céus	16:8, 9
5. 9:1, 2	A humanidade – tormento	16:10, 11
6. 9:13-21	Um exército	16:12-16
7. 11:15-19	Nações iradas	16:17-21

Os julgamentos das trombetas ocorrem durante a primeira metade da Tribulação, enquanto os julgamentos das taças dão-se na metade final, também chamada de “cólera de Deus” (Ap 14:10; 15:7). Os julgamentos das trombetas são paralelos às pragas que Deus enviou sobre a terra do Egito. E por que não? Afinal, o mundo inteiro diz como o Faraó: “Quem é o Senhor para que eu o sirva?”

A abertura do sétimo selo e o toque das seis primeiras trombetas têm resultados dramáticos.

## 1. PREPARAÇÃO (AP 8:1-6)

Essa preparação envolve dois elementos: silêncio (Ap 8:1) e súplicas (Ap 8:2-6).

As hostes celestiais acabaram de adorar ao Pai e ao Cordeiro com um volume tremendo de louvores (Ap 7:10, 12). Mas quando o Cordeiro abre o sétimo selo, o céu fica em silêncio por cerca de 30 minutos. João não menciona a causa desse silêncio, mas existem várias possibilidades. O livro é aberto completamente e, talvez, virado, de modo que todo o céu possa ver o plano glorioso de Deus se desdobrando. É possível que as hostes celestiais estejam simplesmente espantadas com o que vêem.

Sem dúvida, o silêncio é uma “calmaria antes da tempestade”, pois os julgamentos mais intensos de Deus estão prestes a ser lançados sobre a Terra. “Cala-te diante do Senhor Deus, porque o Dia do Senhor está perto” (Sf 1:7; ver também vv. 14-18, especialmente o v. 16, “dia de trombeta”). “Cale-se toda carne diante do SENHOR, porque ele se levantou da sua santa morada” (Zc 2:13). “O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra” (Hc 2:20).

Durante esse silêncio, os sete anjos recebem trombetas, instrumentos significativos para João que era judeu e entendia o papel das trombetas na vida de Israel como nação. De acordo com Números 10, as trombetas eram usadas de três formas importantes: para reunir o povo (Nm 10:1-8); avisar sobre guerras (Nm 10:9) e anunciar ocasiões especiais (Nm 10:10). Uma trombeta soou no monte Sinai quando a Lei foi entregue (Êx 19:16-19), e era costume tocar trombetas quando o rei era ungido e entronizado (1 Rs 1:34, 39). Por certo, todos que conheciam o Antigo Testamento se lembrariam das trombetas na conquista de Jericó (Js 6:13-16).

Para João, a voz do Senhor Jesus Cristo soa como uma trombeta (Ap 1:10). Uma voz como de uma trombeta convocou João ao céu (Ap 4:1), e alguns relacionam esse fato à promessa do arrebatamento da Igreja em 1 Tessalonicenses 4:13-18. O toque de sete trombetas, sem dúvida, anuncia uma declaração de guerra, bem como o fato de que o rei ungido de Deus está entronizado na glória e preste a julgar seus inimigos (Sl 2:1-5). Assim como as trombetas declararam a

derrota de Jericó, também trarão, por fim, a derrota da Babilônia.

O silêncio reverente é seguido das ações de um determinado anjo no altar de ouro no céu (ver Ap 9:13; 14:18; 16:7). Tanto no tabernáculo quanto no templo, o altar de ouro ficava antes do véu e era usado para queimar incenso (Êx 30:1-10). Era esse ministério que Zacarias estava realizando quando foi informado pelo anjo que ele, Zacarias, e sua esposa Isabel teriam um filho (Lc 1:5ss). Queimar incenso no altar é uma imagem das orações subindo a Deus (Sl 141:2).

As "orações dos santos" (Ap 8:4) não são orações de um grupo especial de pessoas no céu que alcançaram a "santidade". Em primeiro lugar, *todos* os filhos de Deus são santos – separados por Deus – por meio da fé em Jesus Cristo (2 Co 1:1; 9:1, 12; 13:13). Também, não existe nas Escrituras qualquer ensinamento claro de que as pessoas no céu orem pelos cristãos na Terra, ou de que podemos dirigir orações a Deus por intermédio desses santos. Oramos ao Pai por meio do Filho, pois somente ele é digno (Ap 5:3). Durante séculos, o povo de Deus tem orado pedindo: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade!" e, agora, essas orações estão prestes a ser respondidas. Semelhantemente, os mártires da Tribulação oraram pedindo a Deus que os vindicasse (Ap 6:9-11), súplica que Davi repete com frequência nos Salmos (ver, por exemplo, Sl 7; 26; 35; 52; 55 e 58). Esses "salmos imprecatórios" não são expressões de vingança pessoal egoísta, mas sim clamores para que Deus preserve sua santa Lei e defenda seu povo.

No Dia da Expição, o sumo sacerdote colocava incenso sobre as brasas do incensário e entrava no Santo dos Santos levando consigo o sangue do sacrifício (Lv 16:11-14). Mas, nesta cena, o anjo coloca o incenso no altar (apresentando as orações diante de Deus) e depois *atira as brasas* do altar sobre a Terra! O paralelo em Ezequiel 10 indica que esse gesto simboliza o julgamento de Deus, e os efeitos descritos em Apocalipse 8:5 confirmam essa idéia. Está para começar uma tempestade! (ver Ap 4:5; 11:19; 16:18).

Quer gostemos da idéia quer não, as orações do povo de Deus estão envolvidas nos julgamentos que ele envia. Existe uma relação entre o trono e o altar. Como dissemos em várias ocasiões, o propósito da oração não é levar a vontade do homem a ser feita no céu, mas sim garantir que a vontade de Deus seja feita na Terra – mesmo que isso implique julgamento. A verdadeira oração é algo muito sério, de modo que não se deve afastar o altar do trono!

## 2. DESOLAÇÃO (AP 8:7-13)

As quatro primeiras trombetas de julgamento dizem respeito à natureza, uma vez que afetam a terra, a água salgada, a água doce e os corpos celestes. Os dois julgamentos seguintes envolvem a libertação de forças demoníacas que primeiro causam tormento e, depois, morte. O último julgamento das trombetas (Ap 11:15-19) gera uma crise entre as nações do mundo.

**A desolação na Terra (v. 7).** A declaração "Houve saraiva e fogo de mistura com sangue" nos faz lembrar a sétima praga que Deus enviou sobre o Egito (Êx 9:18-26). O profeta Joel também prometeu "sangue, fogo e colunas de fumaça" nos últimos dias (Jl 2:30). Uma vez que se trata de um julgamento sobrenatural, não é preciso tentar explicar de que maneira saraiva, fogo e sangue se misturam. O "fogo" pode ser uma referência aos raios de uma forte tempestade elétrica.

O alvo desse julgamento é a vegetação em geral, as árvores e a relva, sendo que um terço de toda a flora é consumida pelo fogo. Pode-se imaginar como isso afetará não apenas o equilíbrio da natureza, mas também o suprimento de comida. O termo grego traduzido por "árvores" refere-se, normalmente, a "árvores frutíferas", e a destruição das pastagens acabará com a produção de carne e leite.

**A desolação nos mares (vv. 8, 9).** A transformação da água em sangue traz à memória a primeira praga no Egito (Êx 7:19-21). Convém observar que João não diz que uma montanha ardente é lançada do céu; antes, afirma que o objeto incandescente é como

uma grande montanha. O resultado é um julgamento triplo: um terço da água salgada transforma-se em sangue; um terço da vida marinha perece; e um terço das embarcações é destruído. Será uma catástrofe ecológica e econômica sem precedentes.

Ao considerar que os oceanos ocupam cerca de três quartos da superfície da Terra, pode-se imaginar a extensão desse julgamento. A poluição da água e a morte de tantas criaturas afetará imensamente o equilíbrio da vida marinha e, sem dúvida, causará mais problemas sem solução. Em 1º de janeiro de 1981 havia 24.867 navios mercantes marítimos registrados. Assim, é possível imaginar também a repercussão que a destruição súbita de 8.289 navios de grande valor terá na indústria marítima! Isso sem falar em suas cargas!

Alguns intérpretes entendem que o "mar" é uma referência ao mar Mediterrâneo. Se fosse o caso, o impacto sobre o mundo seria relativamente pequeno, pois o Mediterrâneo cobre uma área de apenas 2,5 milhões de quilômetros quadrados [o Oceano Atlântico, por exemplo, cobre uma área de 82,4 milhões de quilômetros quadrados] e tem, em média, apenas 1.600 metros de profundidade. É bem provável que todas as principais massas de água salgada estejam incluídas nesse julgamento.

**A desolação na água doce (vv. 10, 11).** Em seguida, a ira de Deus chega ao interior dos continentes e afeta rios e fontes (poços e nascentes dos rios), tornando toda essa água amarga como absinto. De acordo com a National Geographic Society, existem cerca de 100 grandes rios no mundo, desde o Amazonas, com mais de 6.400 quilômetros de extensão, até o rio da Prata, com cerca de 290 quilômetros de extensão. O Levantamento Geológico dos Estados Unidos indica a existência de trinta grandes rios no país, sendo o maior deles o Mississípi com quase 6 mil quilômetros de extensão. Um terço desses rios, bem como suas nascentes, se tornarão poluídos, e suas águas amargas poderão causar a morte.

Deus sabe o número exato de estrelas e o nome de cada uma (Jó 9:9, 10). É possível

que essa estrela cadente encontre-se fundida e, ao se aproximar da Terra, comece a se desintegrar e a cair em várias massas de água. Se uma estrela inteira atingisse a Terra, o planeta seria destruído; assim, é preciso que essa estrela se desintegre ao entrar na atmosfera. Sem dúvida, esse acontecimento será um julgamento controlado por Deus, de modo que não se deve tentar limitá-lo pelo uso das leis conhecidas da ciência.

O termo traduzido por *absinto* também é o nome de uma bebida alcoólica bastante conhecida em alguns países. A palavra original significa "intragável" e, no Antigo Testamento, era sinônimo de tristeza profunda e de grande calamidade. Jeremias, o "profeta chorão", costumava usar essa palavra com frequência (Jr 9:15; 23:15; Lm 3:15, 19), e Amós também a emprega em várias ocasiões (Am 5:7, "Vós que converteis o juízo em alosna [absinto]"). Moisés advertiu que a idolatria causaria grande tristeza a Israel, como "raiz que produz erva venenosa e amarga" (Dt 29:18). Salomão advertiu que a imoralidade pode parecer agradável, mas que "o fim dela é amargoso como o absinto" (Pv 5:4).

Se as pessoas que bebem dessas águas correm perigo de morte, o que será dos peixes e de outras criaturas que vivem nessas águas? E o que acontecerá com a vegetação próxima a esses rios? Se os ecologistas estão preocupados com as conseqüências mortais da poluição das águas nos dias de hoje, o que pensarão quando a terceira trombeta tocar?

Não existe qualquer paralelo direto com uma praga do Egito. No entanto, depois do êxodo, Israel deparou-se com águas amargas em Mara (que significa "amarga"), e Moisés teve de torná-las potáveis (Êx 15:23-27). Durante a Tribulação, porém, não haverá qualquer purificação sobrenatural.

**A desolação nos céus (vv. 12, 13).** O julgamento das três primeiras trombetas afeta somente um terço da Terra e das águas, mas o quarto julgamento afeta o mundo todo. Isso porque atinge a fonte de vida e energia da Terra, o Sol. Com um terço de luz solar a menos, haverá um terço de energia

disponível a menos para sustentar os sistemas vitais dos seres humanos e da natureza.

Esse julgamento é paralelo à nona praga do Egito (Êx 10:21-23), que durou três dias. “[O Dia do SENHOR] é dia de trevas e não de luz” (Am 5:18). É possível imaginar as mudanças enormes de temperatura que ocorrerão e como afetarão a saúde humana e a produção de alimentos.

Esse julgamento, em particular, talvez seja temporário, pois o julgamento da quarta taça o inverterá, e o poder do Sol será intensificado (Ap 16:8, 9). Então, no final da Tribulação, o Sol e a Lua escurecerão novamente para anunciar a volta do Salvador (Mt 24:29, 30; ver também Lc 21:25-28).

“Tocai a trombeta em Sião”, disse o profeta Joel, “porque o Dia do SENHOR vem, já está próximo [...] dia de escuridão e densas trevas, dia de nuvens e negridão!” (Jl 2:1, 2). Sem dúvida, será um dia de densas trevas! Não apenas a natureza em geral sofrerá perdas, como também a natureza humana se aproveitará da longa escuridão e, sem dúvida alguma, se entregará à criminalidade e à perversidade. “Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz” (Jo 3:20).

Nesse ponto, um mensageiro extraordinário surgirá no céu, proclamando aflição para os habitantes da Terra. A maioria dos manuscritos usa o termo “águia” em vez de “anjo”, mas qualquer um dos dois certamente chamará a atenção do povo! É possível que se trate do ser vivente semelhante a uma águia que João viu diante do trono (Ap 4:7, 8). Deus enviará tal ser numa missão especial? Não há como dizer ao certo, mas é uma possibilidade.

Os três “ais!” em Apocalipse 8:13 referem-se ao julgamento ainda por vir, quando os outros três anjos tocarem suas trombetas. É como se o mensageiro gritasse: “se vocês acham que isto foi terrível, esperem só... o pior ainda está por vir!”

A expressão “[os] que moram na terra” ou “os que habitam sobre a terra” aparece doze vezes em Apocalipse (Ap 3:10; 6:10; 8:13; 11:10 [duas vezes]; 12:12; 13:8, 12, 14; 14:6; 17:2, 8). Não diz respeito apenas às “pessoas que moram na Terra”, pois esse

é o lugar onde *todas* as pessoas vivas habitam. Antes, se refere a um *tipo* de pessoa: os que vivem *para* a Terra e para as coisas *da* Terra. São exatamente o oposto dos que têm a cidadania no céu (Fp 3:18-21). João descreveu esse tipo mundano de pessoa em sua primeira epístola (1 Jo 2:15-17) e, mais adiante nesta profecia, ele volta a deixar claro que “os que habitam sobre a terra” não são nascidos de novo (Ap 13:8).

No começo da história humana, o céu e a Terra encontravam-se unidos, pois nossos primeiros antepassados honravam a Deus e obedeciam à sua vontade. Satanás tentou-os a olhar apenas para a Terra, levando-os a desobedecer a Deus; desde então, existe um grande abismo entre o céu e a Terra. Ao vir à Terra e morrer pelos pecados dos homens, o Filho de Deus criou uma ponte sobre esse abismo.

### 3. LIBERTAÇÃO (Ap 9:1-21)

O falecido Dr. Wilbur M. Smith, que concentrou seus estudos no Livro de Apocalipse, escreveu certa vez: “É provável que, com exceção da identificação exata da Babilônia em Apocalipse 17 e 18, o significado dos dois julgamentos nesses capítulos represente o problema de maior dificuldade em Apocalipse” (*Wycliffe Bible Commentary*, p. 1509). Apocalipse 9 descreve dois exércitos temíveis que serão soltos no devido tempo e terão permissão de julgar a humanidade.

**O exército do abismo (vv. 1-12).** Lucas deixa claro que esse “poço do abismo” é o lugar onde habitam os demônios (Lc 8:31), e João afirma que Satanás será preso nesse local temporariamente durante o reinado do Senhor sobre a Terra (Ap 20:1-3). O anticristo (i.e., “a besta”) surgirá desse abismo (Ap 11:7; 17:8). Não se trata do lago de fogo – que será a “prisão” final de Satanás e de todos os seus seguidores (Ap 20:10) – mas sim de parte do submundo oculto que se encontra sob a autoridade do Senhor. Neste momento, o exército temível já se encontra encarcerado nesse local esperando pelo momento em que será solto.

A “estrela caída” é uma pessoa, o rei dos seres do abismo (Ap 9:11). Não tem

autoridade *total*, pois precisou receber a chave do abismo antes de libertar seu exército. É provável que essa "estrela" seja Satanás e que o exército seja constituído de seus demônios (Ef 6:10ss). Um dos nomes usados para Satanás é *Lúcifer*, que quer dizer "esplendor"; ele também é comparado à "estrela da manhã" (Is 14:12-14). Jesus disse a seus discípulos: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10:18).

Quando o abismo se abre, uma nuvem de fumaça sobe como se a porta de uma fornalha tivesse sido aberta (Mt 13:42, 50), imagem que deve fazer as pessoas refletirem antes de zombarem dela. A fumaça polui o ar e escurece o Sol, já parcialmente encoberto no toque da quarta trombeta.

Mas o que enche a humanidade de terror é o que sai da fumaça: um exército de demônios comparados a gafanhotos. A oitava praga do Egito foi uma nuvem destruidora de gafanhotos (Êx 10:1-20). Quem não conhece bem esses insetos não faz idéia do estrago que podem causar. Quando Deus precisava julgar seu povo, enviava, por vezes, gafanhotos para destruir as plantações (Dt 28:38, 42; Jl 2).

Não se trata de gafanhotos no sentido literal, pois esses insetos não podem ter ferrões como os de escorpiões em sua cauda. As criaturas desse exército não devoram a vegetação; aliás, não têm permissão para isso. Esse exército demoníaco é incumbido de atormentar todos os que não foram protegidos pelo selo de Deus. Logo, os 144 mil homens das tribos de Israel escaparão desse julgamento terrível (Ap 7:1-8). Na verdade, é bem provável que *todos* os que aceitaram a Cristo serão selados de alguma forma especial e protegidos do tormento.

O gafanhoto vive cerca de cinco meses (de maio a setembro), e essa será a duração do julgamento. Os demônios ferirão as pessoas e, desse modo, causarão uma dor tão intensa que suas vítimas desejarão morrer, mas a morte fugirá delas (Jr 8:3).

Ao ler a descrição detalhada dessas criaturas, percebe-se que João não escreve sobre gafanhotos comuns. No entanto, apesar do simbolismo evidente, essa imagem retrata

com perfeição um exército poderoso armado para a batalha. Com corpo semelhante ao de um cavalo e rosto parecido com o de homem, cada demônio tem uma coroa sobre uma longa cabeleira. Tem dentes como os de leões e pele como uma cota de malha. Quando todos voam juntos, fazem o ruído de um exército de carros passando a toda velocidade. Não é necessário "espiritualizar" esses símbolos nem interpretá-los à luz dos equipamentos bélicos modernos. João apresenta uma sucessão de imagens para nos forçar a sentir o horror desse julgamento.

Os verdadeiros gafanhotos não têm rei (Pv 30:27), mas esse exército segue as regras de Satanás, o anjo do poço do abismo. Seu nome é "Destruidor" (em hebraico, *Abadom*; em grego, *Apoliom*). "O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir" (Jo 10:10). Os verdadeiros gafanhotos destroem tudo, mas este exército tortura apenas aqueles que não pertencem ao Senhor.

Como povo de Deus, é possível dar graças porque Jesus Cristo tem as chaves do inferno e da morte (Ap 1:18) e exerce autoridade divina até mesmo sobre Satanás. Deus tem seu cronograma para todos esses acontecimentos, e nada acontecerá cedo demais nem tarde demais (2 Ts 2:6; ver também Ap 9:15).

**O exército do Oriente (vv. 13-21).** O anjo ofereceu as orações dos santos no altar de ouro do incenso (Ap 8:3-5); agora, uma voz fala desse mesmo altar, ordenando que quatro anjos sejam soltos. Tudo indica que são anjos perversos, pois nenhum anjo santo seria atado. Cada anjo é encarregado de uma parte de um exército imenso que os segue depois de sua libertação: 200 milhões de seres! O exército é solto no momento certo, com um propósito específico: matar (não apenas atormentar) um terço da população do mundo. Uma vez que um quarto da população mundial já foi morto (Ap 6:8), isso significa que, quando o sexto julgamento da trombeta se completar, *metade da população do mundo terá morrido*.

Deve-se identificar esse exército de modo literal, constituído de homens, avançando para conquistar o mundo? Provavelmente



não. Em primeiro lugar, a ênfase desse parágrafo não é sobre os cavaleiros, mas sobre os cavalos. A descrição não se encaixa com os cavalos de guerra que conhecemos nem condiz com equipamentos modernos de guerra, como, por exemplo, tanques. Afirmar que se trata de um exército literal e apontar para uma nação (como a China) que afirma ter 200 milhões de soldados é entender equivocadamente a mensagem que João está procurando transmitir.

O poder mortal desses cavalos está na boca e na cauda, não em suas pernas. De sua boca saem fogo, fumaça e enxofre, enquanto a cauda se parece com serpentes que mordem. Podem atacar as pessoas com a parte posterior e anterior.

A meu ver, trata-se de outro exército demoníaco, liderado por quatro anjos caídos; nesse momento, todos se encontram presos pelo Senhor e só poderão agir quando Deus lhes der permissão. O texto não explica por que os quatro anjos estão atados junto ao rio Eufrates, apesar de este ser o berço da civilização (Gn 2:14) e também uma das fronteiras de Israel (Gn 15:18).

Seria de imaginar que a combinação de cinco meses de tormentos seguidos de morte (pelo fogo, fumaça e enxofre) faria os homens e mulheres se curvarem em arrependimento; mas não é o que acontece. Esses julgamentos não têm a função de corrigir, mas sim de vingar: Deus está preservando sua Lei e vindicando seu povo aflito (ver Ap 6:9-11). Até mesmo uma leitura superficial de Apocalipse 9:20, 21 revela a perversidade tremenda da humanidade, mesmo em meio aos julgamentos de Deus. O que mais assusta em Apocalipse 9 não são os julgamentos que Deus envia, mas os pecados que os homens persistem em cometer, *enquanto estão sendo julgados por Deus*.

Vejamos quais serão esses pecados.

A *adoração a demônios*, que anda lado a lado com a *idolatria* (ver 1 Co 10:19-21), será o principal pecado. Satanás opera (sempre de acordo com a permissão de Deus), e seu desejo é ser adorado (Is 14:12-15;

Mt 4:8-10). Nesse tempo, haverá muitas “religiões”, mas todas serão falsas. As pessoas adorarão às obras das próprias mãos, inclusive os edifícios que construirão, as máquinas que montarem e as cidades que levantarem, bem como seus ídolos.

São pecadores mortos adorando deuses mortos (ver o Sl 115). Seus deuses não poderão protegê-las nem livrá-las e, no entanto, continuarão a rejeitar o Deus verdadeiro, preferindo adorar a Satanás e seus ídolos!

*Homicídio e roubo* serão crimes comuns nesses dias, como também o será a *imoralidade sexual*. O termo traduzido por “feitiçarias” é *pharmakia*, que significa “o uso de drogas”. Era costumeiro usar drogas em rituais religiosos pagãos e ritos de adoração a demônios. Ao observar a expansão atual da “cultura das drogas”, não há dificuldade em visualizar uma sociedade inteira entregue a essas práticas demoníacas.

A humanidade estará quebrando os dois primeiros mandamentos mosaicos ao fazer e adorar ídolos. Ao cometer homicídio, estará transgredindo o sexto mandamento; ao roubar, o oitavo; ao ter relações sexuais ilícitas, o sétimo. Será uma era sem lei, na qual “cada um [fará] o que [achar] mais reto” (ver Jz 21:25).

Mas Deus está realizando seu plano, e nem os pecados da humanidade nem os artifícios de Satanás poderão impedi-lo de cumprir sua vontade.

Chegamos agora à metade da Tribulação (Ap 10 - 14), um tempo no qual deverão ocorrer alguns acontecimentos importantes. Até aqui, tratamos de cerca de três anos e meio desse período (Dn 9:27). Durante esse tempo, o anticristo começará sua carreira como um pacificador e amigo especial de Israel; então, seu verdadeiro caráter será revelado. Ele romperá a aliança de paz e perseguirá o povo de Deus.

As coisas não parecerão promissoras para o povo de Deus nesse estágio intermediário da jornada profética, mas eles ainda serão vencedores pelo poder do Rei dos reis e Senhor dos senhores!

## UM TEMPO DE TESTEMUNHO

### APOCALIPSE 10 – 11

**A**pocalipse 10 a 14 descreve os acontecimentos que ocorrerão na metade dos sete anos de Tribulação. Isso explica por que João menciona repetidamente, de uma forma ou de outra, o período de três anos e meio (Ap 11:2, 3; 12:6, 14; 13:5). No começo desse período, o anticristo começou sua conquista prometendo proteger os judeus e ajudá-los a reconstruir o templo em Jerusalém. Depois de três anos e meio, ele romperá o acordo, invadirá o templo e começará a perseguir o povo judeu.

Por mais deprimentes que pareçam os acontecimentos da parte central da Tribulação, o testemunho de Deus continua presente no mundo. Em Apocalipse 10 e 11, vemos três testemunhos importantes: de um anjo forte (Ap 10:1-11), de duas testemunhas especiais (Ap 11:1-14) e dos anciãos no céu (Ap 11:15-19).

#### 1. O TESTEMUNHO DO ANJO FORTE (Ap 10:1-11)

Há mais de sessenta referências a anjos no livro de Apocalipse. Eles constituem o exército de Deus enviado para realizar seus propósitos na Terra. É raro os cristãos de hoje pensarem sobre esses servos (Hb 1:14), mas um dia, no céu, será mostrado tudo o que fizeram por nós.

**A descrição do anjo (vv. 1-4).** Esse anjo é admirável, pois possui algumas das características específicas do Senhor Jesus Cristo. João havia visto e ouvido “um anjo forte” (Ap 5:2), e o mesmo termo grego é empregado nesta passagem. Todos os anjos se distinguem por sua força (Sl 103:20), mas, ao que parece, alguns têm mais poder e autoridade do que outros.

Vimos o arco-íris pela primeira vez ao redor do trono de Deus (Ap 4:3); agora, ele aparece como uma coroa sobre a cabeça desse mensageiro. O arco-íris foi o sinal que Deus deu à humanidade como garantia de que jamais destruiria o mundo novamente com um dilúvio. Mesmo em sua ira, Deus se lembra de sua misericórdia (Hc 3:2). Qualquer que seja a identidade desse anjo, ele é investido da autoridade do trono de Deus.

Em várias ocasiões, Deus é identificado com nuvens. Ele conduziu Israel usando uma nuvem de glória (Êx 16:10), e o monte Sinai foi coberto por nuvens escuras quando Deus entregou a Lei (Êx 19:9). Quando aparecia para Moisés, Deus se revelava em uma nuvem de glória (Êx 24:15ss; 34:5). O salmista diz a respeito do Senhor: “tomas as nuvens por teu carro” (Sl 104:3). Na ascensão, Jesus foi recebido no céu com uma nuvem (At 1:9); e voltará “com as nuvens” (Ap 1:7).

O fato de o rosto do anjo ser “como o sol” corresponde à descrição de Jesus Cristo em Apocalipse 1:16; a descrição de seus pés corresponde à imagem em Apocalipse 1:15. Sua voz como o rugido de um leão lembra Apocalipse 5:5. É possível que este seja o Senhor Jesus Cristo, aparecendo a João como um anjo majestoso. No Antigo Testamento, Jesus aparece em várias ocasiões como “o Anjo do SENHOR” (Êx 3:2; Jz 2:4; 6:11, 12, 21, 22; 2 Sm 24:16). Trata-se de uma forma de manifestação temporária com um propósito específico, não de uma encarnação permanente.

Duas outras características sugerem a possibilidade de identificar o anjo como sendo Jesus Cristo: o livrinho em sua mão e a postura impressionante que essa figura assume. O livrinho contém o restante da mensagem profética que João transmitirá. Uma vez que o Senhor é o único digno de tomar o livro e abrir os selos (Ap 5:5ss), pode-se concluir que ele é o único digno de entregar a seu servo o restante da mensagem.

A postura do anjo é de um conquistador tomando posse de seu território. Apropriase do mundo todo (ver Js 1:1-3). É evidente que somente o Salvador vitorioso pode reivindicar essa posse. Em breve, o anticristo

completará sua conquista e obrigará o mundo todo a se sujeitar a seu controle. Mas antes que isso aconteça, o Salvador tomará posse do mundo, pois é a herança que o Pai lhe prometeu (Sl 2:6-9). Satanás ruge como um leão para assustar sua presa (1 Pe 5:8), mas o Leão de Judá ruge para anunciar a vitória (ver Sl 95:3-5; Is 40:12-17).

O texto não diz por que João é proibido de escrever o que os sete trovões proferem, a única coisa "selada" em um "livro aberto" (ver Dn 12:9; Ap 22:10). A voz de Deus é comparada várias vezes com um trovão (Sl 29; Jó 26:14; 37:5; Jo 12:28, 29). Quando Deus decide velar sua verdade, não adianta especular (Dt 29:29).

**A declaração do anjo (vv. 5-11).** Essa declaração é espantosa, não apenas por seu conteúdo, mas também pela forma de ser transmitido pelo anjo. Em um gesto solene, o anjo levanta a mão para o céu em juramento.

Mas se esse anjo é o Senhor Jesus Cristo, por que precisaria se colocar sob juramento? A fim de afirmar a solenidade e certeza das palavras ditas. Deus colocou-se "sob juramento" quando fez sua aliança com Abraão (Hb 6:13-20) e quando declarou que seu Filho é Sumo Sacerdote (Hb 7:20-22). Também fez um juramento ao prometer a Davi que Cristo viria de sua família (At 2:29, 30).

A ênfase em Apocalipse 10:6 é sobre Deus o Criador. Os céus, a Terra e o mar já sofreram diversos julgamentos, e ainda outros estão por vir. O termo "demora" indica que Deus vem adiando seus julgamentos para que os pecadores perdidos tenham tempo de se arrepender (2 Pe 3:1-9); agora, porém, ele apressará seus julgamentos e cumprirá os seus propósitos.

Convém lembrar que os santos martirizados que se encontram no céu se preocupam com a aparente demora de Deus em vingar a morte deles (Ap 6:10, 11). "Até quando, Senhor?" tem sido o clamor dos cristãos aflitos ao longo das eras. Essa aparente demora de Deus em cumprir suas promessas dá aos escarnecedores a oportunidade de negar a Palavra de Deus e de questionar sua sinceridade (ver 2 Pe 3:3ss). A Palavra de Deus é verdadeira, e o tempo de Deus é

perfeito. Para os santos, isso é um consolo, mas para os pecadores, um julgamento.

Na Bíblia, um *mistério* é um "segredo santo", uma verdade oculta aos que são de fora, mas revelada ao povo de Deus por meio da sua Palavra (Mt 13:10-12). O "mistério de Deus" é relacionado ao problema de longa data da presença do mal no mundo. Por que existe mal natural e moral no mundo? Por que Deus não faz alguma coisa? É claro que os cristãos sabem que Deus "fez alguma coisa" no Calvário, quando Jesus Cristo foi feito pecado e experimentou a ira divina no lugar do mundo pecador. Também se sabe que Deus permite que o mal se multiplique até que o mundo esteja pronto para o julgamento (2 Ts 2:7ss; Ap 14:14-20). Uma vez que Deus já pagou o preço pelo pecado, tem liberdade de adiar seu julgamento, e não pode ser acusado de injustiça nem de indiferença.

O sinal para o cumprimento desse mistério é o toque da sétima trombeta (Ap 11:14-19). A última metade da Tribulação tem início quando os anjos começam a derramar as taças nas quais "se consumou [encheu] a cólera de Deus" (Ap 15:1).

As instruções que o anjo dá a João (Ap 10:8-11) devem lembrar a responsabilidade de assimilar a Palavra de Deus e de torná-la parte do ser interior. Não bastava que João visse o livro nem soubesse de seu conteúdo e propósito. Era necessário que o recebesse em seu ser interior.

A Palavra de Deus é comparada a alimento: pão (Mt 4:4), leite (1 Pe 2:2), carne (1 Co 3:1, 2) e mel (Sl 119:103). Os profetas Jeremias (Jr 15:16) e Ezequiel (Ez 2:9 - 3:4) sabiam o que significava "comer" a palavra antes de poder compartilhá-la com outros. A Palavra sempre deve "se [fazer] carne" (Jo 1:14) antes de poder ser entregue aos que precisam dela. Ai do pregador ou mestre que apenas repete a Palavra de Deus sem encarná-la, torná-la uma parte viva do próprio ser!

Deus não coloca sua Palavra em nossa boca à força, obrigando-nos a recebê-la. Ele sempre a entrega, e devemos aceitá-la. Ele também não pode mudar os efeitos

da Palavra em nossa vida: ela sempre trará tristeza e alegria, amargor e doçura. A Palavra de Deus contém promessas e certezas doces, mas também contém advertências e profecias de julgamento amargas. O cristão dá testemunho tanto de vida como de morte (2 Co 2:14-17). O ministro fiel "[anuncia] todo o desígnio de Deus" (At 20:27). Não dilui a mensagem de Deus só para agradar seus ouvintes (2 Tm 4:1-5).

O anjo incumba João de profetizar *novamente*; seu trabalho ainda não chegou ao fim. Deve declarar a verdade profética de Deus "a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis" (Ap 5:9). O termo "nações" refere-se às nações gentias. Ao apresentar o restante de sua profecia, João discorrerá amplamente acerca das nações do mundo.

## 2. O DEPOIMENTO DAS DUAS TESTEMUNHAS (AP 11:1-14)

**O ministério das testemunhas (vv. 1-6).** O local é Jerusalém, e o tempo, a primeira metade da Tribulação. Israel está adorando novamente em seu templo restaurado, construído sob a proteção do anticristo, cujo verdadeiro caráter ainda não foi revelado. Espiritualizar Apocalipse 11:1, 2 e considerar o templo uma referência à Igreja cria uma porção de problemas sérios. Em primeiro lugar, de que maneira João poderia medir um grupo invisível de pessoas, mesmo que a Igreja ainda estivesse na terra? Se o templo é a Igreja, então quem são os adoradores e o que é o altar? E, uma vez que a Igreja une judeus e gentios (Ef 2:11ss), por que os gentios são segregados nesse templo? Parece mais prudente interpretar o templo de modo literal, como um edifício na cidade santa de Jerusalém (Ne 11:1, 18; Dn 9:24).

A medição do templo realizada pelo apóstolo é um ato simbólico. Medir algo significa tomar posse de tal coisa. Quando vendemos nossa casa em Chicago, os novos proprietários trouxeram um arquiteto para medir várias partes e recomendar possíveis mudanças. Se o arquiteto tivesse aparecido antes de os compradores fecharem negócio, eu o teria mandado embora. O Senhor está dizendo por meio de João: "esta cidade e

este templo são meus e tomo posse de ambos!" O contexto no Antigo Testamento pode ser encontrado em Ezequiel 40 e 41 e Zacarias 2:1-3.

O que João faz é especialmente significativo, porque os gentios assumiram o controle de Jerusalém. O anticristo rompeu seu acordo com Israel (Dn 9:27) e, agora, está preste a usar o templo para seus propósitos diabólicos (2 Ts 2:3, 4). Tudo isso será apresentado de maneira mais detalhada em Apocalipse 13. Jesus disse: "até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles" (Lc 21:24). Os "tempos dos gentios" tiveram início em 606 a.C., quando a Babilônia começou a devastar Judá e Jerusalém, e continuará até Jesus Cristo voltar para livrar a Cidade Santa e redimir Israel (Zc 14).

Convém observar que as duas testemunhas ministram durante a *primeira* metade da Tribulação (Ap 11:3; 1.260 dias). Em seguida, Jerusalém é dominada pelos gentios durante 42 meses, a *última* metade da Tribulação.

Seu testemunho é relacionado a Israel e ao templo. O mais triste é que o poder de Deus e a Palavra de Deus estarão *fora* do templo, não dentro dele como em eras passadas. Como o templo do qual Jesus saiu, essa nova casa ficará deserta (ver Mt 23:38). Os dois homens são chamados especificamente de profetas (Ap 11:3, 6) e, a meu ver, trata-se de uma referência ao ministério profético no sentido do Antigo Testamento, chamando as nações a se arrependerem e voltarem para o verdadeiro Deus de Israel.

Essas testemunhas não apenas proclamam a palavra de Deus, como também realizam as obras de Deus e milagres de julgamento, nos trazendo à memória tanto Moisés quanto Elias (Êx 7:14-18; 1 Rs 17:1ss; 2 Rs 1:1-12). Alguns estudiosos citam Malaquias 4:5, 6 como evidência de que uma dessas testemunhas pode ser Elias, mas Jesus aplicou essa profecia a João Batista (Mt 17:10-13).

No entanto, João Batista negou ser Elias de volta à Terra (Jo 1:21, 25; ver também Lc 1:16, 17). Essa confusão pode ser explicada,

em parte, ao se entender que, ao longo de toda a história de Israel, Deus enviou mensageiros – os “Elias” – para chamar seu povo ao arrependimento; assim, nesse sentido, a profecia de Malaquias será cumprida pelas testemunhas.

Em vez de relacionar o ministério das testemunhas a Moisés e Elias, o anjo que falou a João associou esse ministério a Zorobabel e Josué, o sumo sacerdote (Zc 4). Esses dois homens ajudaram a restabelecer Israel na Palestina e a reconstruir o templo. Foi um trabalho desanimador, e os gentios dificultaram ainda mais a situação, mas Deus proveu o poder especial de que precisavam para cumprir sua missão. Essa verdade é um estímulo aos servos de Deus em todas as eras, pois a obra do Senhor nunca é fácil.

#### **O martírio das testemunhas (vv. 7-10).**

Seu martírio ocorre somente depois que terminam de testemunhar. Os servos obedientes de Deus são imortais até concluírem seu trabalho. A “besta” (o anticristo) está no poder e deseja assumir o controle do templo; mas só poderá fazê-lo depois que as duas testemunhas estiverem fora do seu caminho. Deus permitirá que o anticristo as execute, pois ninguém será capaz de lutar contra a “besta” e vencer (Ap 13:4).

As testemunhas não poderão, sequer, ser devidamente sepultadas (ver Sl 79:1-3). Mas até mesmo essa obscenidade será usada por Deus para dar testemunho à humanidade. Sem dúvida, as emissoras de televisão terão câmeras em Jerusalém e mostrarão a cena para pessoas do mundo inteiro e os analistas dos noticiários discutirão seu significado. Os habitantes da Terra se regozijarão com o fim de seus inimigos e celebrarão um “natal satânico” enviando presentes uns para os outros. Assim, tudo indica que o poder dessas duas testemunhas não se limitará a Jerusalém; o que farão terá influência em outras partes do mundo.

Sem dúvida, esses dois profetas estarão relacionados de algum modo a Israel; e a maior parte do mundo não aprova a nação de Israel. No meio da Tribulação, a “besta” se voltará contra Israel e começará a perseguir os judeus. As duas testemunhas não

estarão mais presentes para proteger a nação, e seguir-se-á um movimento anti-semita assustador.

Jerusalém é chamada de “grande cidade” (Ap 11:8), e, do ponto de vista humano, é uma declaração verdadeira. Mas Deus olha para os homens e nações do ponto de vista *espiritual*. Para ele, Jerusalém será considerada tão poluída e mundana quanto Sodoma e tão rebelde e orgulhosa quanto o Egito.

**A ressurreição das testemunhas (vv. 11-14).** As duas testemunhas serão não apenas ressuscitadas, mas também arrebatadas! Deus as resgatará de seus inimigos e dará testemunho solene ao mundo que observa os acontecimentos. A grande alegria do mundo se transformará subitamente em grande medo (é interessante observar que a palavra “grande” é usada oito vezes em Ap 11).

Devemos interpretar os três dias e meio de modo literal? Ou se trata de uma expressão que significa apenas “pouco tempo depois”? Parece específica demais para ser entendida dessa maneira. Será que simboliza um período mais longo, de três anos e meio, por exemplo? É pouco provável que dois corpos seriam deixados na rua de uma cidade por mais de três dias. Talvez se trate de uma imagem do arrebatamento de todos os santos no meio da Tribulação, e os três anos e meio compreendam a primeira metade desse período. Se esse é o caso, então o que a *morte* das duas testemunhas simboliza? Essa interpretação resolve um problema mas cria outro.

Ao que parece, os dias são literais, como também são literais os 42 meses em Apocalipse 11:2. A Bíblia não explica o porquê desse tempo específico, e de nada adianta especular.

Os *amigos* de Jesus o viram subir ao céu (At 1:9-12); aqui, os *inimigos* das testemunhas as verão ressuscitar e serão tomadas de medo. Seu medo aumentará quando ocorrer o terremoto, matando sete mil homens e destruindo 10% de Jerusalém. Também há um grande terremoto na abertura do sexto selo (Ap 6:12), e haverá outra ainda maior quando a sétima taça for derramada (Ap 16:18-20).

### 3. O TESTEMUNHO DOS ANCIÃOS (Ap 11:15-19)

Desde Apocalipse 8:13, espera-se pelo terceiro "Ai" que aparece agora. Quando o sétimo anjo toca a trombeta, ocorrem três acontecimentos dramáticos.

**Uma proclamação de vitória (v. 15).** É provável que essas "grandes vozes" sejam provenientes do coro celestial. A grande proclamação é que o reino (João usa agora o singular, pois a "besta" governa sobre o mundo todo) deste mundo pertence a Jesus Cristo. É vidente que Jesus só toma posse de seus direitos reais em sua volta; mas a vitória já foi conquistada. Satanás ofereceu a Jesus os reinos do mundo, mas ele recusou a oferta (Mt 4:8, 9). Em vez disso, morreu na cruz, ressuscitou e voltou vitorioso ao céu, onde o Pai lhe deu sua herança (Sl 2:4-9).

No entanto, não se deve supor indevidamente que o Senhor não esteja reinando *no presente*, pois está. De acordo com Hebreus 7:1, 2, Jesus Cristo é o "Rei da justiça" e o "Rei da paz". Está entronizado com o Pai (Ap 3:21) e reinará até derrotar seus inimigos (1 Co 15:25). Hoje, ele governa sobre um reino espiritual; mas nesse dia vindouro, reinará sobre as nações do mundo e governará com um cetro de ferro.

Por mais difíceis que sejam as circunstâncias, ou por mais derrotado que o povo de Deus pense estar, Jesus Cristo ainda é o Rei dos reis e Senhor dos senhores e está no controle. Um dia, havemos de triunfar!

**Uma aclamação de louvor (vv. 16-18).** Os anciãos deixam seus tronos e se prosternam em adoração diante do trono de Deus. Dão graças por três bênçãos específicas: Cristo reina supremamente (Ap 11:17), ele julga retamente (Ap 11:18) e ele recompensa graciosamente (Ap 11:18).

Em Apocalipse 4:10, 11, os anciãos louvaram ao Criador e, em Apocalipse 5:9-14, adoraram o Redentor. Aqui, a ênfase é sobre o Conquistador e Rei. É preciso lembrar que, no tempo de João, a Igreja na Terra parecia derrotada, pois os romanos eram os conquistadores e reis. João lembra os santos de que *eles* são "reino [de] sacerdotes",

reinando com o Salvador (Ap 1:5, 6). Por vezes, pode parecer que o trono do céu está vazio, mas não é verdade. Jesus Cristo tem tanto o poder quanto a autoridade - aliás, tem *toda* a autoridade (Mt 28:18). Uma boa tradução é: "Tu [...] começaste a reinar" (ver Ap 11:17, NVI).

Cristo não apenas reina supremamente, mas também julga retamente (Ap 11:18). O Cordeiro também é o Leão! Em Apocalipse 11:18, encontramos o "índice" do restante do Livro de Apocalipse. Esses acontecimentos não ocorrem no mesmo instante em que o anjo tocar a trombeta; o toque apenas indica o início do processo e, a partir de então, tudo transcorre conforme planejado.

"As nações se enfureceram." Qual o motivo dessa ira? Sem dúvida, o Senhor demonstrou bondade e graça para com as nações. Proveu suas necessidades (At 14:15-17; 17:24-31), demarcou seus territórios e, em sua graça, adiou seu julgamento, a fim de dar aos homens a oportunidade de serem salvos. Mais do que isso, porém, enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo. Hoje, Deus oferece o perdão às nações! O que mais poderia fazer por elas?

Então, por que as nações estão enfurecidas? *Porque desejam que as coisas aconteçam a seu modo.* "Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas" (Sl 2:1-3). Desejam adorar e servir a criatura em lugar do Criador (Rm 1:25). Como filhos adolescentes, as nações desejam viver sem qualquer limite: e *Deus permitirá que o façam.* O resultado será outra "Babilônia" (Ap 17 e 18), a última tentativa humana de construir sua Utopia, o "céu na Terra".

Convém observar a mudança de atitude demonstrada pelas nações do mundo. Em Apocalipse 11:2, as nações tomam Jerusalém sem qualquer piedade. Em Apocalipse 11:9, se regozijam com a morte das duas testemunhas. Mas, agora, estão enfurecidas; sua arrogância e alegria não duraram muito tempo. Por fim, essa atitude beligerante fará

as nações se unirem para lutar contra Deus na grande batalha do Armagedom.

“Chegou, porém, a tua ira.” O termo traduzido por “enfureceram”, em Apocalipse 11:18, é a forma verbal da palavra traduzida por “ira” nessa expressão. Mas a ira do homem jamais poderá se equiparar à ira do Cordeiro (Ap 6:16, 17). Até mesmo a ira de Satanás, por mais cruel que seja, não chega perto da ira de Deus (Ap 12:17). Na primeira metade da Tribulação, houve sofrimento intenso, mas somente a última metade revelará a ira de Deus (Ap 11:18; 14:10; 16:19; 19:15). Existem dois termos gregos para ira: *thumos*, que significa “fúria, ódio passional”, e *orge*, usado aqui, e significa “indignação, uma atitude estável de ira”. A ira de Deus não é uma explosão temperamental; é indignação santa contra o pecado. As duas palavras gregas são usadas em Apocalipse para descrever a ira de Deus: *orge* é usada apenas quatro vezes, e *thumos*, sete vezes (Ap 14:10, 19; 15:1, 7; 16:1, 19; 19:15). A ira de Deus não é impassível, pois ele detesta o pecado e ama a retidão e a justiça; mas também não é temperamental nem imprevisível.

As palavras “e o tempo determinado para serem julgados os mortos” levam até o final do plano profético de Deus. Em certo sentido, todo dia é o “Dia do Senhor”, pois Deus está sempre julgando com justiça. Deus é longânimo para com os pecadores perdidos e, com freqüência, adia o julgamento, mas haverá um julgamento final dos pecadores, e nenhum deles escapará. Esse julgamento é descrito em Apocalipse 20:11-15.

Também haverá um julgamento dos filhos de Deus, conhecido como o “tribunal de Cristo” (Rm 14:10-13; 1 Co 3:9-15; 2 Co 5:9-11). Deus recompensará seus servos fiéis (Mt 25:21), e os sofrimentos pelos quais passaram aqui na Terra serão esquecidos na glória da presença do Senhor. Os filhos de Deus não serão julgados por seus pecados (esse julgamento foi realizado na cruz), mas serão julgados por suas obras e recompensados generosamente por seu Senhor.

O “tribunal de Cristo” ocorrerá no céu depois que ele trouxer seu povo para o lar celestial. Quando Cristo voltar à Terra para

estabelecer seu reino, os santos estarão prontos para reinar com ele, e toda imperfeição da Igreja será removida (Ef 5:25-27; Ap 19:7, 8). No presente, gememos enquanto servimos a Deus, pois conhecemos bem nossas limitações e imperfeições; mas, um dia, o serviremos *perfeitamente!*

A expressão “os que destroem a terra” refere-se aos habitantes rebeldes da Terra que se recusam a sujeitar-se a Deus. Que ironia essas pessoas viveram em função da Terra e de seus prazeres e, ao mesmo tempo, *destruírem* essa Terra que adoram! Quando o homem esquece que Deus é o Criador e ele é a criatura, começa a explorar indevidamente os recursos que lhe foram dados por Deus e a causar destruição. O ser humano é mordomo da criação, não seu proprietário.

Como mencionamos anteriormente, Apocalipse 11:18 é um resumo de acontecimentos por vir. É o cântico de louvor do céu pela fidelidade do Senhor em realizar seus propósitos no mundo. Mais uma vez, parece estranho os seres celestiais poderem cantar sobre julgamento. Talvez, se tivéssemos mais da perspectiva do trono, seríamos capazes de nos juntar a eles em seus louvores.

**Uma garantia da fidelidade de Deus (v. 19).** Este capítulo começa com um templo da Terra, mas aqui, vemos o templo no céu. A atenção volta-se para a arca da Aliança, o símbolo da presença de Deus com seu povo. No tabernáculo e templo do Antigo Testamento, a arca ficava no Santo dos Santos, atrás do véu. A glória de Deus repousava sobre a arca e, dentro dela, encontrava-se a Lei de Deus, ilustrando de maneira muito bela que os dois nunca devem ser separados. Ele é o Deus santo e deve tratar do pecado com justiça. No entanto, também é o Deus fiel, que cumpre o que promete a seu povo. A arca da aliança foi adiante de Israel na travessia do Jordão e conduziu o povo à herança (Js 3:11-17). Essa visão da arca deve ter sido um grande estímulo ao povo aflito para o qual João enviou este livro. O apóstolo está lhes dizendo: “Deus cumprirá suas promessas! Ele revelará sua glória! Confiem nele!”

Mais uma vez, João vê e ouve os sinais de uma tempestade (ver Ap 4:5; 8:5). Um julgamento ainda maior está preste a cair sobre o povo rebelde da Terra! Mas o povo de Deus não precisa temer as tempestades, pois o Senhor está no controle. A arca os faz lembrar a presença do Senhor e a fidelidade de suas promessas. Sobre essa arca

ficava o propiciatório, no qual se aspergia o sangue do sacrifício a cada Dia da Expição (Lv 16:15-17). Mesmo em sua ira, Deus se lembra de sua misericórdia (Hc 3:2).

O palco está preparado para a manifestação dramática da "besta", a obra-prima de Satanás, o falso Cristo que controlará o mundo.



## O TRIO TERRÍVEL

### APOCALIPSE 12 – 13

**A**pocalipse 12 e 13 apresentam três personagens-chave no drama da última metade da Tribulação: Satanás (o dragão), o falso Cristo e o falso profeta. Esses três são, em certo sentido, uma trindade malévola, opondo-se ao Deus verdadeiro e a seu povo na Terra. Apesar de esses acontecimentos serem especialmente relevantes para o povo de Deus naquele tempo, a mensagem destes dois capítulos pode encorajar os santos aflitos de qualquer era.

Satanás é o grande inimigo da Igreja e luta contra Deus e seu povo, acusando os santos no céu e atacando-os na Terra. Mas Cristo venceu “a antiga serpente” e dá a vitória a seu povo.

O adversário sempre opera por meios humanos, nesse caso a “besta” (o falso Cristo ou anticristo) e o falso profeta. Satanás é um imitador, um falsificador, e procura controlar os homens por meio do engano. A “besta” é o futuro ditador mundial que promete resolver os problemas mais prementes das nações; o falso profeta é seu “ministro de propaganda política”. Durante algum tempo, o trio satânico parece bem-sucedido, mas seu império mundial começa a se desintegrar, as nações se reúnem para a última batalha, Jesus Cristo aparece e a batalha termina.

Não tem sido esse o padrão dos conflitos da Igreja com o mal ao longo dos séculos? Quer o governante seja César, Hitler, Stalin ou um humanista agnóstico, sua fonte de poder e motivação é Satanás. O governante promete suprir todas as necessidades e atender a todos os desejos do povo, mas só o conduz à escravidão. Esse líder costuma ter um colaborador que promove seu

programa junto ao povo e seduz ou obriga as pessoas a obedecerem, submissão que, com freqüência, beira a adoração.

Deus permite que seu povo sofra sob o despotismo desses governantes, mas também dá a seus servos a capacidade de experimentar grandes vitórias e, até mesmo, de enfrentar o martírio. São verdadeiros vencedores! Então, Deus dá o livramento, começando mais um de vários ciclos nos quais cada ditador subsequente é pior do que o anterior. O ponto culminante será o surgimento do anticristo em seu tempo (2 Ts 2).

#### 1. O DRAGÃO (AP 12)

A visão de João começa com *dois grandes sinais no céu* (Ap 12:1-6). O primeiro é uma mulher dando à luz um filho. Uma vez que a criança é identificada como Jesus Cristo (comparar Ap 12:5 com Ap 19:15 e Sl 2:9), a mulher simbólica só pode ser a nação de Israel. Foi por meio de Israel que Jesus Cristo veio ao mundo (Rm 1:3; 9:4, 5). Ao comparar também a descrição em Apocalipse 12:1 com Gênesis 37:9, 10, parece não restar dúvidas quanto a essa identificação.

No Antigo Testamento, Israel é comparado, com freqüência, a uma mulher e, até mesmo, a uma mãe em trabalho de parto (Is 54:5; 66:7; Jr 3:6-10; Mq 4:10; 5:2, 3). O sistema apóstata do mundo é comparado a uma meretriz (Ap 17:1ss), e a Igreja, a uma noiva pura (Ap 19:7ss).

O filho nasce e é arrebatado para o trono de Deus (Ap 12:5). Vê-se simbolizado, aqui, o nascimento de Cristo e sua ascensão vitoriosa, mas não há menção alguma de sua vida e morte. A vírgula no final do versículo 1 representa 33 anos de história!

A mulher grávida é o primeiro sinal; o grande dragão é o segundo. Apocalipse 12:9 deixa claro que se trata de Satanás. A cor vermelha é associada à morte (Ap 6:4), e Satanás é um homicida (Jo 8:44). As cabeças, chifres e coroas voltam a aparecer em Apocalipse 13:1 e 17:3. As cabeças representam montanhas (Ap 17:9), enquanto os chifres representam reis (Ap 17:12). O significado desses símbolos será estudado de modo mais detalhado posteriormente.

O dragão é expulso do céu (Ap 12:9) e leva consigo um terço dos anjos (Ap 12:7, 9). Em Apocalipse 12:4 (ver também Dn 8:10) diz-se que são "estrelas". Trata-se, evidentemente, de uma referência à queda de Satanás (Is 14:12-15), quando ele e suas hostes revoltaram-se contra Deus. Todavia, a expulsão descrita em Apocalipse 12:7-10 ainda está para ocorrer.

Assim que a criança nasce, Satanás tenta destruí-la. Esse conflito entre Satanás e a "mulher" teve início logo depois da queda do homem (Gn 3:15). Ao longo de toda a história do Antigo Testamento, Satanás tentou impedir o nascimento do Redentor. Havia sempre um "dragão" por perto, esperando para destruir Israel ou os antepassados do Messias. O Faraó é chamado de "crocodilo enorme" (Ez 29:3), e Nabucodonosor, de "grande monstro marinho" (Jr 51:34), duas designações que podem ser traduzidas por "dragão". Houve um momento crítico em que a linhagem real limitou-se a um menino (2 Rs 11:1-3). Quando Jesus Cristo nasceu, Satanás usou o rei Herodes para tentar destruí-lo (Mt 2). Satanás pensou ter vencido ao usar Judas para trair o Senhor e entregá-lo às autoridades, a fim de ser crucificado. Mas, na verdade, a cruz foi a derrota de Satanás! "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro" (Ap 12:11).

Ainda hoje, Satanás tem acesso ao céu, onde acusa o povo de Deus; no entanto, não pode desentronizar o Salvador exaltado. Sua estratégia é perseguir os que são do povo de Deus e, se possível, devorá-los (1 Pe 5:8). Tem um ódio especial pelos judeus e tem sido o poder por trás do anti-semitismo desde os dias do Faraó e Hamã (do Livro de Ester), até Hitler e Stalin. Por fim, no meio da Tribulação, ocorrerá uma onda de anti-semitismo nunca antes vista no mundo (Ap 12:6). Mas Deus protegerá seu povo durante esses três anos e meio (1.260 dias; ver Ap 11:2; 13:5).

Além dos 144 mil (selados e protegidos), um remanescente de judeus tementes a Deus sobreviverá a esse tempo extremamente difícil. O texto não diz onde Deus os protegerá nem quem tomará conta deles.

Mateus 24:15-21 terá um significado especial para os judeus cristãos que viverem nos últimos dias. Convém observar especialmente o parêntese em Apocalipse 12:15.

Também estamos envolvidos em um conflito semelhante hoje (ver Ef 6:10ss). Satanás está determinado a destruir a Igreja, e nossa vitória só pode ser conquistada por meio de Jesus Cristo.

A próxima cena desse drama cósmico é uma guerra no céu (Ap 12:7-12). As Escrituras deixam claro que, ainda hoje, Satanás tem acesso ao céu (Jó 1 e 2). Ele era um dos anjos de Deus de posto mais elevado, mas se rebelou contra Deus e foi atirado à Terra (Is 14:12-15). É interessante como, à medida que a Igreja serve a Cristo fielmente e ganha os perdidos, Satanás é humilhado e derrotado (Lc 10:1, 2, 17-20; Mt 16:18; ver também 12:29).

É evidente que a morte de Jesus Cristo na cruz representou a derrota final de Satanás (Jo 12:31-33). Um dia, ele será expulso do céu (Ap 12:7-10) e, por fim, lançado no inferno (Ap 20:10).

O que representa todo esse conflito celestial? O fato de Miguel conduzir os anjos de Deus à vitória é significativo, pois Miguel é identificado com a nação de Israel (Dn 10:10-21; 12:1; ver também Jd 9). O nome *Miguel* significa "quem é como Deus?" e, sem dúvida, é paralelo ao ataque egocêntrico de Satanás a Jeová - "serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14:14). Ao que parece, o ódio do diabo contra Israel o incitará a realizar um último ataque contra o trono de Deus, mas o inimigo será derrotado por Miguel e por uma hoste celestial.

No entanto, é possível haver outro fator envolvido nessa guerra. Depois que a Igreja for levada ao céu, os cristãos comparecerão ao tribunal de Cristo, onde suas obras serão avaliadas. Os galardões serão distribuídos com base nesse julgamento (Rm 14:10-12; 1 Co 3:10-15; 2 Co 5:10, 11). Parece bastante provável que Satanás se apresentará nessa ocasião para acusar os santos, apontando para suas "máculas e rugas" (ver Ef 5:24-27).

O nome "diabo" significa "acusador", e "Satanás" quer dizer "adversário". Satanás

coloca-se junto do trono de Deus e luta contra os santos fazendo acusações contra eles (ver Jó 1 e 2; Zc 3). Mas Jesus Cristo, o "Advogado junto ao Pai" (1 Jo 2:1, 2), representa a Igreja diante do trono santo de Deus. Uma vez que Jesus Cristo morreu por nós, é possível vencer essas acusações "por causa do sangue do Cordeiro". A salvação é garantida não por causa de obras humanas, mas por causa da obra consumada de Cristo no Calvário.

Satanás se enfurecerá quando a Igreja apresentar-se na glória "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Quando o acusador vir que sua tática falhou, será tomado de ira e ameaçará a própria paz do céu.

De que maneira essa guerra futura aplica-se à Igreja de hoje? A mesma serpente que acusa os santos no céu também engana as nações na Terra (Ap 12:9); e uma de suas estratégias é mentir sobre a Igreja. Satanás engana as nações, levando-as a pensar que o povo de Deus é perigoso, iludido e até mesmo destrutivo. Os ardis do inimigo levam os líderes das nações a unir-se contra Cristo e seu povo (Sl 2; At 4:23-30). O povo de Deus *de todas as eras* deve esperar a oposição do mundo, mas a Igreja pode sempre derrotar o inimigo permanecendo fiel a Jesus Cristo.

O sangue que Cristo derramou nos torna perfeitamente justificados diante de Deus (1 Jo 1:5 - 2:2). Mas nosso testemunho da Palavra de Deus e nossa disposição de entregar a vida por Cristo também derrotam Satanás. O inimigo não é igual a Deus: não é onipotente, onipresente e onisciente. Seu poder é limitado, e suas táticas não funcionam quando o povo de Deus confia no poder do sangue e da Palavra. Se nos sujeitarmos ao Senhor, Satanás não pode fazer coisa alguma para nos tirar "a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo" (Ap 12:10). Deus cumprirá seus desígnios maravilhosos!

Por mais difíceis que sejam suas experiências, os cristãos em qualquer era ou situação podem se regozijar nessa vitória. Nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra as potestades espirituais do maligno,

e estas já foram derrotadas pelo Salvador (Ef 6:10ss; ver também Ef 1:15-23).

O céu se regozijará quando Satanás for expulso, mas os habitantes da Terra não compartilharão dessa alegria, pois a última metade da Tribulação será de sofrimento intenso para o mundo. O "ai" em Apocalipse 12:12 lembra os "três ais" em Apocalipse 8:13. O primeiro "ai" é descrito em Apocalipse 9:1-12, e o segundo em Apocalipse 9:13-21. O terceiro "ai" encontra-se em Apocalipse 11:14ss, mas essa passagem apenas resume os acontecimentos que representarão o ponto culminante do plano de Deus para a Terra. É possível que parte desse "ai" seja a expulsão de Satanás do céu e a permissão para que ele mostre sua fúria terrível na Terra.

Temos aqui, portanto, a terceira cena do drama: *a ira de Satanás na Terra* (Ap 12:13-16). Sabendo que seu tempo é curto e não tendo mais acesso ao céu, o alvo da ira do adversário é a Terra. Ele começa com Israel (a mulher) e cria uma onda de anti-semitismo. Satanás sempre odiou os judeus, pois são o povo escolhido de Deus e o meio pelo qual a salvação veio ao mundo. O desejo de Satanás é destruir a nação, especialmente à medida que se aproxima o tempo da volta do Messias para estabelecer o reino prometido. É necessário que um remanescente judeu esteja pronto para receber Cristo e formar o núcleo do reino (Zc 12:9 - 14:21; Ap 1:7).

Deus preparará um lugar especial para proteger o remanescente judeu e cuidar dele. É interessante que a fuga do remanescente de Satanás é descrita como o vôo de uma águia, uma imagem usada repetidamente no Antigo Testamento com referência a Israel. Deus livrou Israel do Egito "sobre asas de águia" (Êx 19:4) e cuidou de seu povo no deserto como uma águia cuida de seus filhotes (Dt 32:11, 12). Sua volta do cativeiro da Babilônia é comparada a "[subir] com asas como águias" (Is 40:31).

Devemos observar que o remanescente será protegido durante a última metade da Tribulação. Não se sabe, nem é preciso saber, onde será esse refúgio. Mas a lição é clara: Deus cuida dos que ele deseja usar para cumprir seus propósitos na Terra. Por

certo, algumas pessoas darão a vida (Ap 12:11), mas outras serão poupadas (para um exemplo desse princípio, ver At 12).

A expressão “água como um rio” não é explicada, mas há um paralelo no Salmo 124 (ver também a expressão “Salvou-se [...] como um pássaro”, no versículo 7 desse mesmo Salmo). É provável que esse “rio” seja uma referência à expansão do ódio e do anti-semitismo. Ou, ainda, pode simbolizar os exércitos que invadem Israel e que procuram derrotar o remanescente. Nesse caso, o fato de a terra se abrir pode muito bem ser um terremoto que Deus envia para destruir os invasores. Quando Satanás descobre que o alvo de seu ataque mortal está protegido, volta-se contra os que não foram levados para o refúgio. O inimigo declarará guerra, e Deus permitirá que obtenha uma vitória temporária (Ap 13:7); mas, por fim, a antiga serpente será derrotada.

## 2. A BESTA DO MAR (AP 13:1-10)

O mar simboliza as nações gentias (Ap 17:15). De uma dessas nações, Satanás fará surgir seu “Superlíder”, o homem que chamamos de anticristo. Até aqui, o anticristo havia liderado a coalizão de dez nações européias; mas agora, está preste a iniciar uma nova carreira como ditador mundial a serviço de Satanás.

É importante lembrar que o anticristo começará sua carreira como pacificador (Ap 6:2), chegando até a “resolver” os conflitos entre árabes e israelitas ao fazer uma aliança com os judeus, garantindo-lhes proteção durante sete anos (Dn 9:27). Com essa proteção, Israel poderá reconstruir o templo e reinstaurar os rituais religiosos (Dn 9:27; Ap 11:1). Mas, no meio desse período de sete anos (o momento que estudamos em Ap 10 - 14), o anticristo rompe seu acordo, suspende as cerimônias e coloca a si mesmo como deus no templo (Dn 9:27; 2 Ts 2:1-12).

A descrição simbólica da “besta” revela algo acerca de sua origem e caráter. Deus não o vê como um homem feito à imagem do Criador, mas sim como um animal selvagem sob o controle de Satanás. É um ser humano (Ap 13:18), mas é impelido pelo

inferno, pois vem do abismo (Ap 11:7; 17:8). Assim como Jesus Cristo é Deus em carne, a “besta” é Satanás em corpo humano (ver Jo 13:2, 27).

As sete cabeças representam sete montanhas (Ap 17:9), e uma vez que Roma era construída sobre sete colinas, é possível que se trate de uma referência velada a essa cidade poderosa (ver Ap 17:18) – uma alusão extremamente significativa na época de João!

Os dez chifres representam dez reinos (Dn 7:24; Ap 17:12). Ao que parece, o anticristo governará os “Estados Unidos da Europa”, um império romano reavivado, antes de se tornar ditador do mundo. Por certo, todas as nações terão grande admiração por ele e lhe serão gratas pela “paz” que ele promoveu, sem suspeitar da enorme aflição e destruição que trará ao mundo.

Os três animais citados em Apocalipse 13:2 lembram as quatro feras que Daniel viu em seu sonho (Dn 7): um leão (a Babilônia), um urso (a Média-Pérsia), um leopardo (a Grécia) e um “animal terrível” (o anticristo). João vê esses animais, ou reinos, na ordem inversa, uma vez que olha *para o passado*, enquanto Daniel olha *para o futuro*. O último império mundial será alicerçado sobre todos os impérios anteriores e concentrará todo o seu mal e poder. Além da ferocidade desses animais, também agregará o poder, o trono e a autoridade do próprio Satanás!

O que acontecerá depois que Satanás apresentar ao mundo sua grande “obra-prima”, o falso Cristo?

Primeiro, todos ficarão *maravilhados* (Ap 13:3). Sem dúvida, o mundo aterrorizado se espantará com o poder do anticristo e sua ascensão repentina à fama e autoridade internacional. Mas a humanidade também se espantará com a cura de sua “ferida”. O que vem a ser essa “ferida”? João não explica, mas talvez o que ele escreve mais adiante (Ap 17:9-13) possa ajudar a interpretar esse simbolismo. A “ferida” deve ser importante, pois João a menciona em três ocasiões (Ap 13:3, 12, 14), incluindo o fato de que foi causada por uma espada.

As sete cabeças representam não apenas sete montanhas, mas também sete reis

ou reinos (Ap 17:10). O anticristo ou a "besta" é um desses sete reis (Ap 17:11), mas também é o oitavo. Ao que parece, ele reina duas vezes. Mas como isso é possível? Alguns estudiosos sugerem que "a besta" será um líder europeu que formará uma federação de dez nações (Ap 17:12), mas será assassinado durante esse processo. Apocalipse 11:7 e 17:8 afirmam que a "besta" surgirá do abismo. Dá para imaginar que (com a permissão de Deus) Satanás ressuscitará um homem? Se Satanás tem poder para dar vida a um ídolo morto (Ap 13:15), será que também não pode dar vida a um corpo morto?

Se a "besta" governou como um dos sete reis, foi morta e ressuscitada, pode, então, governar como o oitavo rei. Se, porém, essa imagem é considerada uma representação de reinos, não de indivíduos, temos o reaparecimento de um reino que se encontrava "morto" no cenário internacional. No entanto, é difícil entender de que maneira um reino poderia ser morto por uma espada. A meu ver, é mais apropriado aplicar essa profecia a indivíduos.

O mundo não apenas ficará maravilhado como também *prestará culto* (Ap 13:4). A adoração é justamente o que Satanás sempre quis (Mt 4:8-10), e receberá, por meio da "besta". A segunda "besta" descrita na última metade deste capítulo organizará e promoverá o culto ao anticristo, instituindo-o como religião oficial do mundo!

Também haverá *palavras* (Ap 13:5, 6). Quase todos os ditadores alcançaram o poder controlando as pessoas com suas palavras. Alguns ainda se lembram de quando Adolf Hitler estava em ascensão e de como ele encantava grandes multidões com seus discursos. Satanás fará com que a "besta" seja um grande orador, cujos discursos blasfemarão contra Deus, seu nome, seu tabernáculo (o céu) e os santos no céu. Uma vez que, a essa altura, Satanás terá acabado de ser expulso do céu, tal blasfêmia não é inesperada.

Satanás não pode fazer coisa alguma sem a permissão de Deus (ver Jó 1 e 2; Lc 22:31, 32), de modo que a autoridade da

"besta" é *delegada*, não herdada. Terá duração definida de três anos e meio, a última metade da Tribulação.

Em sua visão noturna, Daniel distinguiu a "besta" como o quarto e último império (Dn 7:19-28). Tanto em sua visão quanto na de João, se tem a imagem dos dez chifres, com a revelação adicional de que a "besta" deve derrotar três dos reis para conseguir o controle. Daniel também ouviu as palavras blasfemas da "besta" (Dn 7:25).

Por fim, haverá *guerra* (Ap 13:7-10). Deus permitirá que o anticristo lute contra seu povo ("e os santos lhe serão entregues nas mãos", Dn 7:25) e até derrote alguns deles. João profetiza que alguns santos serão capturados, outros, martirizados. Mas, por causa de sua fé, terão paciência ou perseverança (ver Hb 6:12; Ap 1:9) e não negarão o Senhor, apesar da perseguição e da morte.

A população do mundo ficará dividida: os salvos, cujos nomes estão no livro de Deus, não se sujeitarão à "besta"; os perdidos – os habitantes da Terra – adorarão a "besta" e obedecerão a suas ordens. É interessante observar que Apocalipse 13:9 aplica essa verdade a "alguém", ou seja, a qualquer pessoa em qualquer época. Sem dúvida, no tempo de João, essas verdades eram significativas, pois todo cidadão romano deveria reconhecer que "César é Senhor". Semelhantemente, ao longo da história da Igreja, os verdadeiros cristãos sempre tiveram de assumir uma posição firme em Cristo, a despeito das circunstâncias.

É preciso ter em mente que a "besta" é um Cristo falsificado. O mundo não recebeu Jesus Cristo, mas aceitará o anticristo (Jo 5:43). O mundo recusou a verdade, mas acreditará na mentira (2 Ts 2:8-12). Jesus proferiu (e continua a proferir) palavras cheias de graça e de salvação, e os homens fizeram ouvidos moucos; mas darão ouvidos às palavras blasfemas da "besta". O mundo recusa adorar o Cristo, mas se curvará diante do anticristo.

Em Apocalipse 17, veremos que a "besta" sobe ao poder por meio da "meretriz", um símbolo da Igreja apóstata do mundo. Não se trata de uma denominação ou religião

específica, mas sim do sistema religioso do mundo que rejeitou o Filho de Deus e a verdade de Deus. Quando, porém, a "besta" alcançar o poder universal, não precisará mais da "meretriz" e, portanto, a destruirá e instituirá a própria religião satânica.

### 3. A BESTA DA TERRA (AP 13:11-18)

Em Apocalipse 16:13; 19:20 e 20:10, a besta da Terra é chamada de "falso profeta". O dragão ou Satanás é uma falsificação do Pai ("serei semelhante ao Altíssimo"), a "besta" é uma falsificação de Cristo, e o falso profeta é uma falsificação do Espírito Santo, completando, assim, a trindade satânica.

Um dos ministérios do Espírito Santo é glorificar a Cristo e levar as pessoas a crer no Senhor e a adorá-lo (Jo 16:7-15). O falso profeta apontará para o anticristo e sua imagem e obrigará as pessoas a adorar Satanás por meio da "besta".

A imagem dos chifres (Ap 13:11) sugere que o falso profeta possui autoridade, mas a ausência de uma coroa indica que sua autoridade não é política. Jesus advertiu que haveria falsos profetas (Mt 24:11, 24), e este será o maior de todos eles. Terá "aparência" de cordeiro, mas voz de dragão. Será um grande enganador, e o mundo lhe dará ouvidos!

Quando Jesus ministrava na Terra, os líderes judeus pediram, em várias ocasiões, que ele lhes desse um sinal de que era, verdadeiramente, o Messias – pedido que Jesus não atendeu. Mas o falso profeta realizará sinais enganosos que levarão o mundo todo a adorar ao diabo (ver 2 Ts 2:9). Seu maior sinal será o "abominável da desolação", mencionado por Daniel (Dn 9:27; 11:36), Jesus (Mt 24:15) e Paulo (2 Ts 2:4).

O que é o "abominável da desolação"? É a imagem da "besta" que será colocada no templo em Jerusalém. Um ídolo já é algo terrível, mas um ídolo dentro do templo é o cúmulo da blasfêmia. Uma vez que Satanás não conseguiu comandar a adoração no céu, assumirá o controle do templo judeu na Cidade de Jerusalém (ver Dn 8:9-14).

Pelo poder de Satanás, o falso profeta realizará "sinais e prodígios da mentira"

(2 Ts 2:9) e até imitará alguns dos sinais realizados pelas duas testemunhas (Ap 13:13; ver também 11:5). Até este momento, as duas testemunhas ministrarão no templo em Jerusalém, mas a "besta" as destruirá e assumirá o controle do templo. Quando Deus ressuscitar as duas testemunhas e as levar para o céu, o falso profeta responderá a esse desafio dando vida à imagem da "besta". A imagem não apenas se moverá, mas também falará!

O falso profeta não se contentará em controlar o povo por meio de dissimulação religiosa e também instituirá medidas econômicas radicais. Todos (com exceção dos cristãos; Ap 20:4) receberão um sinal especial, e a única forma de obtê-lo será se sujeitando e adorando à "besta". Por certo, se trata de uma forte alusão ao culto a César no império romano, mas o mesmo procedimento tem sido adotado por líderes políticos ao longo da história.

Essa marca especial é o nome ou número da "besta" – o místico 666. Na Antiguidade, as letras do alfabeto eram usadas como números tanto no grego quanto no hebraico e, há anos, estudiosos da Bíblia têm procurado desvendar o mistério desse nome e número. Com algum esforço, é possível encaixar praticamente *qualquer* nome!

Uma vez que o homem foi criado no sexto dia, 6 é o número do homem. A criação foi feita para o homem e, portanto, também é marcada pelo número 6: o dia tem 24 horas (4 x 6), o ano tem 12 meses (2 x 6); 7 é o número da perfeição e plenitude, mas 6 é o "número humano", um pouco aquém da perfeição.

Apesar de todos os cálculos imaginativos, deve-se reconhecer que ninguém sabe o significado desse nome e número. Sem dúvida, os cristãos que estiverem na Terra nesse tempo o entenderão claramente. A "trindade satânica" não pode tomar para si o número sete; deve contentar-se, portanto, com 666.

Uma coisa é certa: nos últimos anos, temos visto em todo o mundo o uso cada vez maior de números como forma de identificação. Nos Estados Unidos, o número da

previdência social de cada pessoa é indispensável. Na verdade, para os computadores os números são mais importantes do que os nomes! É possível que tudo isso seja um preâmbulo do que ocorrerá na Terra quando a "besta" estiver no poder.

Chegamos ao meio do período de Tribulação, mas o palco ainda não está preparado para a volta do Senhor. Antes de revelar de que maneira o grande drama culminará,

João faz uma pausa para realizar um levantamento dos grandes acontecimentos que estão por vir - assunto do qual trataremos a seguir.

O mundo acha-se sob a forte influência de um sistema anticristão, e os verdadeiros cristãos não devem participar de tal sistema (1 Jo 2:15-17). É preciso rejeitar a falsa adoração (1 Co 10:14-22), a fim de permanecer fiéis ao Senhor nestes últimos dias (2 Tm 3).

---

## VOZES DE VITÓRIA

### APOCALIPSE 14 – 16

Um dos temas que interliga os capítulos 14, 15 e 16 de Apocalipse é expresso pela palavra “voz”, usada 11 vezes nesta seção. Deus fala a seu povo ou ao mundo perdido; suas criaturas louvam ao Senhor ou advertem o mundo. O céu não permanece em silêncio, enquanto o mundo caminha para a segunda metade da Tribulação.

#### 1. A VOZ DOS 144 MIL (AP 14:1-5)

Esse grupo especial de homens judeus foi selado por Deus antes da abertura do sétimo selo (Ap 7), e agora é visto no monte Sião com o Senhor Jesus Cristo. Pode-se fazer um contraste entre essa imagem e aquela descrita em Apocalipse 13: os seguidores da “besta”, cujo sinal é colocado na testa de cada um (Ap 13:16). Por mais perverso que o mundo se torne, Deus sempre tem um povo fiel.

Os 144 mil estão *em pé* com Cristo no monte Sião. Mas que monte é este: o celestial (Hb 12:22-24) ou o terreno? Pessoalmente, creio que se trata do monte Sião celestial e que esta cena antevê a coroação de Cristo e o estabelecimento de seu reino quando ele voltar à Terra (Zc 14:4ss). Hoje, Cristo encontra-se entronizado no monte Sião celestial (Sl 2:6) e estamos entronizados com ele (Ef 2:6). A cena em Apocalipse 14 é a garantia para o povo de Deus de que ele cuida de seus filhos e de que, a seu tempo, os levará para a glória.

Os 144 mil não apenas estão *em pé* como também estão *cantando* (Ap 14:2, 3). As experiências particulares que tiveram durante a Tribulação lhes deram um novo cântico do qual outros não podem participar

(ver Sl 33:3; 40:3; 96:1; 98:1; 144:9; 149:1). São acompanhados de harpas e de outras vozes celestiais. É um grande estímulo saber que, um dia, nossas tristezas serão transformadas em cânticos!

João também ressalta sua *separação* (Ap 14:4, 5). Os 144 mil não pertenciam ao mundo, pois haviam sido remidos *do* mundo; não eram habitantes da Terra, mas sim cidadãos do céu. Os cristãos de hoje não pertencem a esse grupo muito especial, mas, como eles, são remidos e não fazem parte do sistema deste mundo (ver Jo 17:14-19; Fp 3:17-21).

A oração “não se macularam com mulheres” não significa que o sexo dentro do casamento é mau, pois isso não é verdade (Hb 13:4). Indica apenas que esses 144 mil homens judeus não eram casados. Na Bíblia, as relações sexuais ilícitas e, mais especificamente, o adultério simbolizam a idolatria (Êx 34:15; Tg 4:4). Quase todo o mundo curvou-se diante da imagem da besta, mas os 144 mil permaneceram fiéis ao Deus verdadeiro. Enquanto outros mentiram para conseguir o que precisavam, os 144 mil se mostraram sinceros e imaculados.

O termo *primícias* refere-se “àquilo que há de melhor”. Mas também tem o sentido de uma colheita esperada. Na Festa das Primícias, o sacerdote movia um feixe de cereais diante de Deus como sinal de que a colheita inteira pertencia ao Senhor (Lv 23:9-14). Os 144 mil podem ser as primícias de uma colheita que ainda está por vir; também podem ser o núcleo do reino vindouro. No entanto, parece difícil um grupo *celestial* como esse estabelecer um reino terreno.

#### 2. AS VOZES DOS ANJOS (AP 14:6-20)

Pelo menos seis anjos aparecem nessa cena, e cada um deles tem uma mensagem para proclamar.

**“É chegada a hora do juízo!” (vv. 6, 7).**

Na era presente, os anjos não têm o privilégio de pregar o evangelho. Essa responsabilidade foi dada ao povo de Deus. As nações temerão a “besta” e a honrarão, mas esses mensageiros instarão o povo a temer e a honrar somente a Deus. Trata-se de uma



lembrança de que Deus é o Criador, e somente ele merece toda a adoração. Esta não é a mensagem do evangelho como a conhecemos (1 Co 15:1-4); antes, é uma volta à mensagem de Romanos 1:18ss, aquilo que os teólogos chamam de "teologia natural".

Toda a criação dá testemunho da existência de Deus, bem como de seu poder e sabedoria. Ainda assim, o anticristo vencerá os homens de que ele está no controle do mundo e de que o destino de todos está em suas mãos. Essa mensagem dos anjos chama os homens de volta aos fundamentos: Deus é o Criador - adorem-no e sirvam-no. "O temor do SENHOR - não o medo da "besta" - é o princípio da sabedoria" (Pv 9:10).

**"Caiu a grande Babilônia!" (v. 8).** Essa proclamação prenuncia os acontecimentos de Apocalipse 18 (ver também Ap 16:18, 19). Trataremos disso em mais detalhes ao estudar esse capítulo. A "Babilônia" é o nome que Deus dá ao sistema do mundo governado pelo anticristo, toda a organização política e econômica que ele controla. A "meretriz" (Ap 17) é o sistema religioso que a "besta" emprega para ajudar a construir sua organização. Quando o anticristo estabelecer a própria religião (Ap 13:11-15), destruirá a "meretriz"; a Babilônia, porém, será destruída por Deus.

**"Escapem da ira de Deus!" (vv. 9-13).** A terceira mensagem é dirigida especialmente aos que ainda estão decidindo se vão seguir a "besta". É uma advertência de que "o caminho mais fácil" é, na verdade, o mais difícil e de que "seguir o mundo" significa afastar-se de Deus. O texto grego diz: "se algum homem continua a adorar a besta" e indica que ainda há oportunidade de arrependimento e salvação.

"Beber do cálice" é uma imagem usada ocasionalmente para o julgamento (Jr 25:15ss; 51:7ss; ver também Ap 14:8). Os julgamentos finais de Deus sobre a humanidade serão "taças de ira" derramadas do céu (Ap 16). Deus não acrescentará misericórdia a esses julgamentos (Sl 75:8; Hc 3:2); não diluirá sua indignação antes de derramá-la sobre o mundo.

Alguns não gostam de imagens como "fogo e enxofre" (Ap 14:10) e "fumaça" (Ap 14:11) e perguntam: "como é possível um Deus de amor permitir que suas criaturas sofram o tormento eterno?" Não se pode esquecer, porém, que o amor de Deus é um amor santo, não baseado em sentimentalismo, de modo que Deus *deve* tratar do pecado com justiça. Talvez a palavra *tormento* não seja de nosso agrado, mas ainda assim faz parte destas Escrituras (Ap 14:10; ver também 9:5; 11:10; 20:10).

Também devemos lembrar que Deus advertiu os pecadores repetidamente. O primeiro anjo desta seqüência convidou os pecadores a se voltarem para Deus, enquanto o segundo advertiu que todo o sistema da "Babilônia" seria destruído. Quem persiste em seus pecados, mesmo depois que Deus envia julgamentos e advertências, só tem a si mesmo para culpar.

João desejava que seus leitores percebessem o contraste entre Apocalipse 14:11 e 13: não há descanso para os perversos, mas os santos recebem o descanso eterno (ver 2 Ts 1:3-12). É melhor reinar com Cristo para sempre do que com o anticristo por uns poucos anos! É melhor suportar a perseguição com paciência do que escapar disso e sofrer por toda a eternidade!

**"A seara da terra já amadureceu!" (vv. 14-20).** A Pessoa retratada aqui na nuvem branca é, sem dúvida alguma, o Senhor Jesus Cristo (ver Dn 7:13, 14; Ap 1:13). A imagem da taça foi vista, e, agora, aparece a imagem da ceifa, tanto dos cereais (Ap 14:14-16) quanto das uvas (Ap 14:17-20). Mais uma vez, trata-se de uma prenúncia do julgamento final do mundo.

A imagem da colheita ilustra o trabalho de ganhar almas para Cristo (Jo 4:34-38) e também o julgamento de Deus (Mt 13:24-30, 36-43; Lc 3:8-17). Deus permite que as sementes da iniquidade cresçam até amadurecer e, então, envia seu julgamento (Gn 15:16).

A colheita das uvas é, com freqüência, um retrato do julgamento (ver Jl 3:13ss, que antevê o Dia do Senhor). Na verdade, as Escrituras retratam três tipos de "videira".

Israel era a videira de Deus, plantada na Terra a fim de dar frutos para a glória de Deus; mas a nação falhou e teve de ser cortada (Sl 80:8-16; Is 5:1-7; ver também Mt 21:33-46). Hoje, Cristo é a Videira, e os cristãos são seus ramos (Jo 15). Mas o sistema do mundo também é uma videira, a "videira da terra", contrastando com Cristo, a Videira celestial. A "videira da terra" amadurece para o julgamento. Um dia, esse sistema perverso – a Babilônia –, que embriaga e controla as pessoas, será cortado e destruído no "lagar da cólera de Deus".

Alguns consideram essa imagem uma prenúncia da "batalha do Armagedom", quando os exércitos do mundo se reunirão contra Jerusalém (Zc 14:1-4; Ap 16:16). Sem dúvida, João usa uma hipérbole ao descrever um rio de sangue com mais de um metro de profundidade e mais de 350 quilômetros de extensão (ver também Is 63:1-6). Hoje, Deus está falando ao mundo em sua graça, mas os homens recusam-se a ouvir. Por isso, um dia, ele terá de falar em sua ira. O cálice amargo será bebido, a colheita do pecado será ceifada, e a videira da Terra será cortada e lançada no lagar.

### 3. A VOZ DOS VENCEDORES (Ap 15:1-4)

Aqui, João vê sete anjos preparados para agir, segurando sete taças da ira de Deus. O mundo perverso está preste a "[beber] do vinho da cólera de Deus" (Ap 14:10); mas antes de os anjos derramarem os julgamentos, há um "interlúdio" de bênção. Antes de enviar o "terceiro ai" (Ap 11:14), Deus volta a tranquilizar seu povo fiel.

João vê os cristãos da Tribulação que venceram a "besta" e seu sistema. São as pessoas que, "mesmo em face da morte, não amaram a própria vida" (Ap 12:11). Uma vez que não cooperaram com o sistema satânico nem receberam o sinal da "besta", não puderam mais comprar nem vender (Ap 13:17). Dependiam inteiramente do Senhor para seu pão de cada dia. Alguns foram presos, outros mortos (Ap 13:10); mas todos praticaram a fé e a paciência.

Esta cena lembra Israel depois do êxodo. A nação havia sido liberta do Egito pelo

sangue do cordeiro, e o exército egípcio havia sido destruído no mar Vermelho. Os israelitas expressaram sua gratidão a Deus entoando o "cântico de Moisés" à beira do mar.

Os santos da Tribulação que João vê e ouve estão em pé junto ao "mar de vidro" no céu (Ap 4:6), como os israelitas estavam à beira do mar Vermelho. Entoam o "cântico de Moisés" e também o "cântico do Cordeiro". O "cântico de Moisés" encontra-se em Êxodo 15 e seu refrão é: "O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação" (Êx 15:2). O cântico dos 144 mil não poderia ser entoado por mais ninguém, mas este cântico pode ser entoado por todos os santos.

Quando Israel voltou do cativeiro na Babilônia, restabeleceu seu governo e restaurou a adoração no templo, o povo usou esse mesmo refrão no culto de consagração do templo (Sl 118; ver especialmente o v. 14).

De acordo com a profecia de Isaias, no futuro, quando Deus chamar seu povo de volta a sua terra, eles entoarão esse cântico outra vez (Is 11:15 – 12:6). O "cântico de Moisés" é, sem dúvida alguma, um hino importante para o povo judeu.

Esta cena dá forças e consolo para os santos aflitos de qualquer época da Igreja. É possível vencer o sistema do mundo! Não é preciso sujeitar-se ao sinal da "besta". Fomos libertos pelo sangue do Cordeiro. A obra do Senhor na cruz é um "êxodo espiritual" realizado por meio de seu sangue (ver Lc 9:31, em que o termo "partida" é uma tradução da palavra grega *exodus*).

Em seu cântico, os santos da Tribulação louvam a Deus por suas obras e por seus caminhos. Os habitantes da Terra recusaram-se a louvar a Deus por suas obras e, por certo, jamais entenderam seus caminhos. As obras de Deus são grandes e maravilhosas, e seus caminhos são justos e verdadeiros. Não se encontra aqui nenhuma queixa por Deus haver permitido que essas pessoas sofressem! Seríamos poupados de um bocado de tristeza na vida, se reconhecêssemos a soberania de Deus dessa maneira hoje! "Justo é o SENHOR em todos os seus

caminhos, benigno em todas as suas obras” (Sl 145:17).

A designação “Rei das nações” também pode ser traduzida por “Rei dos santos” ou “Rei das eras”. Deus é o Rei eterno, mas está no controle da história. Nada acontece por acidente. O desejo dos cantores é glorificar e honrar a Deus, exatamente o mesmo louvor proclamado pelo primeiro anjo em Apocalipse 14:7. É possível encontrar antecedentes desse cântico nos Salmos 86:9; 90:1, 2; 92:5; 98:2; 111:9 e 145:17.

Apocalipse 15:4 é outra antevisão do reino, prenunciando o tempo em que todas as nações adorarão ao Cordeiro e lhe obedecerão. Este versículo também anuncia que o julgamento está preste a se manifestar.

#### 4. A VOZ DO CUMPRIMENTO (Ap 15:5 – 16:21)

A “grande voz” do templo ordena que os sete anjos derramem o conteúdo de suas taças (Ap 16:1) e, depois, anuncia: “Feito está!” (Ap 16:17). O “mistério de Deus” está consumado! (Ap 10:7). Os mártires na glória perguntaram: “Até quando?” (Ap 6:9-11), e agora seu clamor será respondido.

Os sete anjos surgem do santuário celestial (ver Ap 11:19), pois sua obra é santa, como também são santos os julgamentos que trazem. As vestes dos anjos trazem à memória as vestes sacerdotais, pois seu serviço é um ministério divino. Quando o tabernáculo e o templo do Antigo Testamento foram consagrados, Deus encheu essas construções terrenas com sua glória (Êx 40:34, 35; 2 Cr 7:1-4); mas agora, o templo *celestial* enche-se de fumaça (ver Is 6:4; Ez 10:4). Essa fumaça também é evidência da glória e do poder de Deus.

Cada um dos anjos tem um “alvo” específico para o conteúdo de sua taça. Os habitantes da Terra já sofreram os julgamentos dos selos e das trombetas, mas esta série final de julgamentos será o ponto culminante do plano de Deus, levando à queda da Babilônia e à volta de Jesus Cristo à Terra.

**Úlceras malignas e perniciosas (v. 2).** Esse julgamento da taça faz lembrar a sexta praga do Egito (Êx 9:8-12; ver também

Dt 28:27, 35). Somente os que se sujeitaram à “besta” e que rejeitaram o aviso do primeiro anjo sofrerão esse julgamento (Ap 14:6, 7).

Apocalipse 16:10, 11 dá a entender que essas úlceras não desaparecerão, pois, quando for derramada a quinta taça, as pessoas ainda estarão sofrendo com o primeiro julgamento. No entanto, sua dor não os levará ao arrependimento (ver Ap 9:20, 21). William R. Newell costumava dizer: “Não há coisa alguma que possa conquistar os que não são conquistados pela graça”.

É assustador pensar que quase metade da população da Terra será acometida de uma enfermidade dolorosa e incurável. A dor constante afetará de tal modo a disposição da pessoa que ela sentirá dificuldade em se relacionar com outros. Sem dúvida, as relações interpessoais nesse período se desintegrarão completamente.

**Águas transformadas em sangue (vv. 3-6).** A segunda e a terceira taças são paralelas à primeira praga do Egito (Êx 7:14-25). A segunda taça afeta o mar e a terceira transforma as águas do continente (rios e nascentes) em sangue. No segundo julgamento da trombeta, um terço do mar transforma-se em sangue; mas neste julgamento, toda a água salgada fica poluída. A terceira trombeta torna um terço das águas do continente tão amargas quanto o absinto; mas a terceira taça transforma toda essa água em sangue.

O céu dá a razão para esse julgamento terrível: os habitantes da Terra derramaram o sangue do povo de Deus, de modo que é justo beberem sangue. No sistema de Deus, o castigo é adequado ao crime. O Faraó tentou afogar os meninos hebreus recém-nascidos; mas foi o próprio exército egípcio que acabou afogando-se no mar Vermelho. Hamã planejou enforcar Mordecai e exterminar os judeus, mas ele mesmo acabou executado na forca que preparou, e sua família foi exterminada (Et 7:10; 9:10). O rei Saul recusou obedecer a Deus e matar os amalequitas, de modo que ele foi morto por um amalequita (2 Sm 1:1-16).

**O calor intenso do Sol (vv. 8, 9).** Toda a vida na Terra depende da luz do Sol. Em

juílgamentos anteriores, uma parte do Sol foi escurecida (Ap 8:12), mas agora o calor solar é intensificado. Qualquer um que já esteve em um deserto sabe como o calor solar pode ser inclemente. É importante lembrar que todas as águas deixaram de ser potáveis, de modo que as pessoas sofrerão de sede terrível. Infelizmente, nem mesmo esse juílgamento levará os homens ao arrependimento! (ver Ml 4:1).

**Trevas (vv. 10, 11).** Não se trata de uma escuridão mundial; somente a "besta", seu trono e seu reino serão afetados. Isso lembra a quinta trombeta (Ap 9:2) e a nona praga no Egito (Êx 10:21-23). Onde fica o trono da "besta"? Sua imagem está no templo em Jerusalém, de modo que talvez este seja seu centro operacional. Ou, talvez, seja em Roma, onde coopera com a igreja apóstata sediada nesse local.

Quando Deus enviou a nona praga sobre o Egito, a terra toda foi coberta pelas trevas, com exceção de Gósen, onde viviam os hebreus. O juílgamento da quinta taça é exatamente o oposto: há luz no mundo, mas as trevas reinam na sede da "besta"! Sem dúvida, será um golpe extremamente prejudicial para a sua imagem diante do mundo.

**O rio Eufrates seca (vv. 12-16).** Esse rio famoso foi mencionado anteriormente em Apocalipse, quando soou a sexta trombeta (Ap 9:13ss), e os anjos que estavam atados junto ao rio foram soltos. Nessa ocasião, também foi libertado um exército de cavaleiros demoníacos. Agora, um exército das nações do mundo se reúne para a grande batalha em Armagedom. Uma vez que as águas do Eufrates secam, os "reis que vêm do lado do nascimento do sol" passam a ter acesso à Palestina e podem invadir a Terra Santa.

Falamos com frequência da "batalha do Armagedom", mas a Bíblia não usa essa expressão em parte alguma. No dia 2 de setembro de 1945, quando supervisionou a assinatura do tratado de paz com o Japão, o general Douglas MacArthur disse: "Tivemos nossa última chance. Se não criarmos algo maior e mais justo [do que as guerras] logo teremos à nossa porta o Armagedom".

O nome *Armagedom* vem de duas palavras hebraicas: *har Megiddo*, o monte de Megido. A palavra *Megido* significa "lugar de tropas" ou "lugar de carnificina". O local também é chamado de Planície de Esdraelom e Vale de Jezreel. Trata-se de uma área com cerca de 22,5 quilômetros de largura por 32 quilômetros de comprimento, formando o que Napoleão chamou de "campo de batalha mais natural de toda a terra". Ao observar a grande planície do alto do monte Carmelo, é possível entender por que esse local será usado para reunir os exércitos das nações.

Foi nessa planície que Baraque derrotou os exércitos de Canã (Jz 5:19). Gideão lutou contra os midianitas nesse vale (Jz 7), e foi lá que o rei Saul morreu (1 Sm 31). Tito e o exército romano costumavam usar esse corredor natural, como também o fizeram os cruzados da Idade Média. O general inglês Allenby usou o local quando foi derrotado pelos exércitos turcos em 1917.

Do ponto de vista humano, tudo indica que os exércitos das nações se reúnem por conta própria; mas João deixa claro que esse movimento militar ocorre de acordo com o plano de Deus. Por meio de seus poderes demoníacos, a trindade satânica influenciará as nações e levará os governantes do mundo a reunirem seus exércitos. Chegarão até a realizar milagres que impressionarão os governantes e que os farão cooperar. Mas tudo isso será apenas o cumprimento da vontade de Deus e servirá para cumprir os seus propósitos (ver Ap 17:17). As nações gentias considerarão o Armagedom uma batalha, mas Deus o verá apenas como uma "grande ceia" para as aves do céu (Ap 19:17-21).

Zacarias 12 e 14 descrevem esse acontecimento do ponto de vista de Israel. Uma vez que o anticristo colocou sua imagem no templo em Jerusalém e que muitos judeus recusam-se a curvar-se diante dele, é natural que a Cidade Santa seja o alvo do ataque. Todavia, o conflito não diz respeito somente aos judeus, pois Deus também tem um propósito para as nações gentias. Joel 3:9-21 é paralelo às referências de Zacarias, e Joel 3:19 deixa claro que Deus castigará

os gentios pela maneira de tratarem os judeus (ver também Is 24; Sf 3:8ss).

O resultado da "batalha" encontra-se registrado em Apocalipse 19: o Senhor voltará e derrotará seus inimigos. Por certo, exércitos reunindo-se e marchando não representam problema algum para o Deus Todo-Poderoso. Quando as nações se enfurecem contra Deus e o desafiam: "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles. Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá" (Sl 2:4, 5).

**"Feito está!" (vv. 17-21).** Satanás é o "príncipe da potestade do ar", de modo que, talvez, a sétima taça tenha um efeito especial sobre a sua esfera de ação (Ef 2:2). Mas o resultado imediato é um terremoto devastador que afeta as cidades das nações. Todo o sistema de Satanás está prestes a ser julgado por Deus: tanto no âmbito religioso (a "meretriz"; Ap 17), quanto econômico, político (a "Babilônia"; Ap 18) e militar (os "exércitos"; Ap 19).

É bem provável que a "grande cidade" (Ap 16:19) refira-se a Jerusalém (ver Ap 11:8). O profeta Zacarias prenunciou um terremoto que mudaria a topografia de Jerusalém (Zc 14:4). Mas a idéia central desta passagem é que a Babilônia cairá (ver Jr 50 e 51). O grande sistema econômico da "besta" que oprime o povo do mundo será completamente destruído por Deus.

Além do terremoto, haverá uma tempestade de granizo, com pedras extremamente pesadas (um talento de prata corresponde a aproximadamente cinquenta e seis quilos!). Esse julgamento faz lembrar a sétima praga do Egito (Êx 9:22-26). Assim como o Faraó e os líderes egípcios recusaram-se a arrepender-se, também os habitantes da Terra não se arrependerão; em vez disso, blasfemarão

contra Deus! Não é de se admirar que chova granizo, pois a pena para os blasfemos era a morte por apedrejamento (Lv 24:16).

Ao recapitular esses três capítulos, vê-se que são um estímulo para os cristãos aflitos. Os 144 mil selados chegarão ao monte Sião e louvarão a Deus (Ap 14:1-5). Os mártires também estarão na glória, louvando a Deus (Ap 15:1-4). A mensagem de João é clara: é possível conquistar a "besta" e ser um vencedor!

A movimentação de exércitos, a criação de confederações multinacionais e a oposição mundial a Deus não podem impedir o Senhor de cumprir a sua Palavra e de realizar seus propósitos. Os homens pensam estar livres para fazer o que bem entenderem, mas, na realidade, apenas realizam os planos e os desígnios de Deus!

Todas as gerações de cristãos até hoje puderam identificar-se com os acontecimentos de Apocalipse 14 a 16. Sempre há uma "besta" que oprime o povo de Deus e um falso profeta que tenta afastar os cristãos dos caminhos do Senhor. Sempre se está à beira do "Armagedom", enquanto nações lutam entre si.

Mas nos últimos dias, esses acontecimentos ocorrerão de modo mais acelerado, e, por fim, todas as profecias bíblicas se cumprirão. Creio que a Igreja não estará mais aqui nesse período, mas haverá cristãos judeus e gentios na Terra que terão de suportar o governo do anticristo.

A admoestação de Apocalipse 16:15 aplica-se a todos nós: "Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha". Jesus Cristo pode voltar a qualquer momento; portanto, devemos manter a vida pura, permanecer vigilantes e ser fiéis.

## DESOLAÇÃO E DESTRUIÇÃO!

### APOCALIPSE 17 – 18

A partir de Apocalipse 17, João descreve todas as etapas da vitória do Cordeiro sobre a “besta” e seu reino. Em Apocalipse 17, vemos o julgamento do sistema religioso; em Apocalipse 18, os sistemas econômico e político são julgados. Por fim, o próprio Senhor volta à Terra, onde julga Satanás, a “besta” e o falso profeta (Ap 19:19, 20) e, em seguida, estabelece seu reino.

João usa o simbolismo, dentre outras coisas, para que sua mensagem seja um estímulo aos cristãos de qualquer período da história da Igreja. A verdadeira Igreja é uma virgem pura (Ap 19:7, 8; ver também 2 Co 11:2), enquanto o sistema religioso falso é uma “meretriz” que abandonou a verdade e se prostitui para obter um lucro pessoal. Em todas as épocas, o povo de Deus sempre foi perseguido por uma “meretriz”, e essa perseguição chegará a seu ponto culminante nos últimos dias com um sistema religioso apóstata mundial.

Semelhantemente, todas as eras têm sua “Babilônia”, um sistema político e econômico que visa controlar a mente e o destino das pessoas. Assim como a “meretriz” contrasta com a noiva pura, também a “Babilônia” contrasta com a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, o lar eterno preparado para a esposa do Cordeiro (Ap 21:9ss). Cada geração de cristãos deve se manter pura, guardando-se da contaminação tanto da “meretriz” quanto da “Babilônia”.

Nestes dois capítulos, João profetisa dois julgamentos divinos.

#### 1. A DESOLAÇÃO DA MERETRIZ (AP 17)

A cena começa com um convite (Ap 17:1, 2). Um dos anjos pede que João venha e

veja o que Deus fará com o sistema religioso mundial da “besta”. Em quatro ocasiões neste capítulo, a mulher é chamada de “meretriz” (Ap 17:1, 5, 15, 16), e seu pecado é chamado de “prostituição” (Ap 17:2, 4). Sua influência perniciosa estende-se sobre o mundo todo, chegando até mesmo aos cargos mais elevados (“os reis da Terra”).

Depois do convite, João é transportado “em espírito” para o deserto. Lá, ele encontra a “meretriz” e faz uma descrição do que vê (Ap 17:3-6). Gênesis 2 fala de uma noiva pura em um lindo jardim; mas no fim da Bíblia, a civilização encontra-se de tal modo degenerada que não passa de uma meretriz impura em um deserto! É isso o que o pecado faz com o mundo.

A descrição é detalhada. A mulher veste roupas caras, decoradas com ouro e pedras preciosas. Segura uma taça e está embriagada com o sangue dos santos. Traz em sua testa (ver Ap 13:16; 14:1) um nome especial.

Sua postura é importante. Está assentada “sobre muitas águas” (Ap 17:1) e montada em uma besta escarlate com sete cabeças e dez chifres. Não é para menos que João tenha se admirado “com grande espanto” ao ver a mulher e a “besta”.

Mas qual é o significado de tudo isso? Felizmente, o anjo dá a João (e a todos os cristãos) a explicação desses símbolos (Ap 17:7-18).

Começamos com a *mulher*. Apocalipse 17:18 deixa claro que ela é identificada com uma cidade que existia no tempo de João (“domina” encontra-se no tempo presente). Essa cidade é próspera e poderosa, mas também idólatra (“nomes de blasfêmia”; v. 3) e perigosa. Em primeiro lugar, a cidade em questão contamina as nações com sua imundícia e abominação (retratadas pelo cálice de ouro); além disso, persegue os que pertencem ao Senhor (Ap 17:6). Poder, riqueza, contaminação, perseguição: essas palavras resumem o envolvimento com a “grande meretriz” em nível mundial.

O nome da mulher também tem um “mistério” (Ap 17:5). No Novo Testamento, um “mistério” é uma verdade oculta que somente os espiritualmente iniciados podem

entender. Compreender um dos grandes mistérios de Deus requer inteligência e discernimento espirituais. Nesse caso, o mistério é relacionado à Babilônia.

A cidade da Babilônia foi fundada por Ninrode (Gn 10:8-11). O nome *bab-el* significa "porta de Deus". Ironicamente, a famosa torre de Babel (Gn 11:1-9) foi uma tentativa idólatra dos seres humanos de desafiar Deus. Quando o Senhor enviou o julgamento sobre os construtores multiplicando as línguas da humanidade, o termo *bab-el* passou a significar confusão. Posteriormente, a Babilônia tornou-se um grande império, que acabou conquistado pela Média-Pérsia. Mas desde o início da cidade de Ninrode, em Gênesis 10, é possível sentir uma "influência babilônica" insidiosa e contrária a Deus.

A mulher é "a grande meretriz", mas também é "a mãe das meretrizes". De uma forma ou de outra, todas as falsas religiões nascem do sistema babilônico. Ela também seduz os homens para que se oponham a Deus e persigam os servos do Senhor.

É provável que as sete montanhas (Ap 17:9) simbolizem a cidade de Roma, construída sobre sete colinas. Sem dúvida, no tempo de João, o império romano vivia no luxo, espalhando falsas religiões, contaminando as nações com sua idolatria e pecado e perseguindo a Igreja.

Não seria surpresa alguma aos leitores de João ele usar uma meretriz depravada para simbolizar uma cidade ou sistema político perverso. Deus chegou a chamar Jerusalém de meretriz (Is 1:21). Isaías usou a mesma designação para Tiro (Is 23:16, 17), e Naum para Nínive (Na 3:4; ver Jr 50 e 51 para mais paralelos históricos com a mensagem profética de João).

Conforme observamos anteriormente, o escarlate é a cor de Satanás (Ap 12:3) e do pecado (Is 1:18). Era uma cor bastante usada em Roma, e tanto o escarlate quanto a púrpura eram associados a cargos elevados e riquezas.

Mas a mulher não deve ser separada da "besta" sobre a qual está montada. A "besta" tem sete cabeças e dez chifres. As sete

cabeças simbolizam sete montanhas (Ap 17:9) e também sete reis ou reinos (Ap 17:10), segundo a imageria do Antigo Testamento (Sl 30:7; Dn 2:35). Conforme sugeri anteriormente, as sete montanhas podem ser interpretadas, geograficamente, como as sete colinas de Roma, mas também, historicamente, como sete reinos.

De acordo com Apocalipse 17:10, cinco desses reis (ou reinos) saíram de cena, um está presente no tempo de João e um ainda está por vir. Se esse é o caso, os cinco reinos passados podem ser o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Pérsia e a Grécia. O reino presente é Roma e o reino futuro é o da "besta". A fim de compreender Apocalipse 17:10, 11, deve-se considerar Apocalipse 17:12.

Além das sete cabeças, a "besta" também tem dez chifres que representam dez reis. Tratam-se de reis muito especiais; tornam possível que "a besta" suba ao poder e se mostrem dispostos a lhe entregar sua autoridade. Convém lembrar que, quando é aberto o primeiro selo (Ap 6:1, 2), o anticristo começa sua conquista "pacífica" das nações. Organiza os "Estados Unidos da Europa", promove a paz no Oriente Médio e dá a impressão de ser o grande líder que o mundo conturbado procura.

Mas no meio do período de sete anos, esse governante rompe sua aliança com Israel (Dn 9:27) e começa a perseguir o povo de Deus, bem como a nação de Israel. Impedido por Satanás e assistido pelo falso profeta, o anticristo (a "besta") torna-se o ditador mundial e também seu deus. Nesse sentido, a "besta" é tanto "o que procede dos sete" como "o oitavo". Seu reino é apenas um reavivamento do império romano ("o que procede dos sete"), mas também é um novo reino ("o oitavo").

Mas de que maneira tudo isso está relacionado à Babilônia? O "sistema babilônico" de religião falsa faz parte da história desde que Ninrode fundou a cidade. Estudiosos descobriram que tal sistema é extremamente parecido com a fé cristã! Infelizmente, é a falsificação de Satanás da verdade de Deus. Os babilônios adoravam mãe e filho e até acreditavam na ressurreição do filho.

Os leitores da época de João identificariam a “meretriz” com o império romano. É possível que os leitores da Idade Média tenham identificado a “meretriz” com o sistema eclesiástico romano. Hoje, alguns cristãos vêem “a meretriz” e o sistema babilônico em uma igreja apóstata e mundana que menospreza a verdade doutrinária, rejeita a autoridade da Palavra e tenta unir cristãos professos com base em outros elementos que não a fé em Jesus Cristo.

Contudo, no tempo do cumprimento da profecia de João, algo extraordinário acontecerá: a “meretriz” será desolada pelo próprio sistema sobre o qual estava montada! É importante observar que a “meretriz” está montada sobre a “besta”. Satanás (o anticristo) usará o sistema religioso apóstata para alcançar seus fins (i.e., obter o poder mundial) e, depois, se livrará da “meretriz” e instituirá o próprio sistema religioso. E tudo isso ocorrerá em cumprimento à Palavra de Deus (Ap 17:17).

Uma vez que a “besta” coloca sua imagem no templo na metade do período de Tribulação, pode-se supor que a “meretriz” e a “besta” trabalharão em conjunto durante os primeiros três anos e meio. Essa idéia é corroborada pelo fato de que os dez reis ajudam o anticristo a desolar a “meretriz” (Ap 17:16). Estes são os mesmos dez reis associados ao anticristo quando ele institui os “Estados Unidos da Europa” durante a primeira metade da Tribulação.

Ao longo da história, os sistemas políticos têm usado instituições religiosas para promover suas causas políticas. Ao mesmo tempo, a história da Igreja mostra que grupos religiosos também têm usado a política para alcançar seus fins. A união Igreja-Estado não é um casamento feliz e, com frequência, gera filhos problemáticos. Quando os ditadores simpatizam com a religião, normalmente é sinal de que desejam usar sua influência e, depois, destruir suas instituições. A Igreja de Jesus Cristo exerce mais impacto no mundo quando se mantém separada.

É interessante comparar a descrição da desolação da “meretriz” com a descrição da morte de Jezabel (2 Rs 9:30-37).

Por fim, convém observar que todos os que confiam no Senhor não são influenciados pela “meretriz” nem derrotados pelos reis (Ap 17:14). Mais uma vez, João ressalta que os cristãos verdadeiros são “vencedores”.

A religião falsa de Satanás é sutil e requer discernimento espiritual para ser reconhecida. Uma das grandes preocupações de Paulo era que as igrejas locais que ele fundava não fossem seduzidas e desviadas de sua devoção sincera a Cristo (2 Co 11:1-4). Em todas as eras, os cristãos sempre sofrem enorme pressão para se conformarem com a “religião popular” e abandonarem os fundamentos da fé. Nestes últimos dias, é preciso atentar para a admoestação em 1 Timóteo 4 e 2 Timóteo 3 e permanecer fiéis ao Senhor.

## 2. A DESTRUIÇÃO DA BABILÔNIA (AP 18)

A Babilônia não era apenas uma cidade antiga e um império poderoso, mas também o símbolo da rebelião da humanidade contra Deus. Em Apocalipse 18, a Babilônia representa o sistema do mundo governado pela “besta” e, mais especificamente, seus aspectos econômicos e políticos. Ao mesmo tempo, João refere-se à Babilônia como uma “cidade” pelo menos oito vezes (Ap 14:8; 17:18; 18:10, 16, 18-21). Ao que parece, as profecias do Antigo Testamento deixam claro que a cidade em si não será reconstruída (Is 13:19-22; Jr 51:24-26, 61-64). Para alguns, a Babilônia é Roma, especialmente porque a “meretriz” e a “besta” cooperam durante a primeira metade da Tribulação. É possível que Pedro tenha usado a designação *Babilônia* como um “codinome” para Roma ao escrever sua primeira epístola (1 Pe 5:13). Sem dúvida, os leitores de João pensariam no império romano ao ler essas palavras sobre a Babilônia.

João ouve quatro vezes fazerem quatro proclamações importantes.

**A voz de condenação (vv. 1-3).** Essa proclamação foi antevista em Apocalipse 14:8 (alguns comentaristas incluem ainda Apocalipse 16:19, mas, a meu ver, a “grande cidade” desse contexto é Jerusalém). Encontra-se, aqui, uma referência clara a Jeremias 51 e 52, em que o profeta vê a queda da



Babilônia histórica. Mas nesta passagem, João vê a destruição da Babilônia espiritual, o sistema do mundo organizado pela "besta". A proclamação não é feita por um anjo comum, pois ele tem grande poder e glória que irradia por toda a Terra. Apesar dos ardis de Satanás e da oposição dos homens perversos, "a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR" (Hc 2:14).

A exclamação "Caiu! Caiu..." não apenas acrescenta dramaticidade à proclamação como também indica julgamento duplo: da Babilônia eclesíastica, a "meretriz", em Apocalipse 17, e da Babilônia política, em Apocalipse 18. Essa idéia é reforçada por Apocalipse 18:6, quando Deus anuncia que a Babilônia receberá "em dobro" por seus muitos pecados.

A Igreja, a noiva do Cordeiro, é a "habitação de Deus" (Ef 2:22); a Babilônia, por outro lado, é a habitação de Satanás (Ap 18:2). Trata-se de um paralelo com o julgamento da antiga Babilônia (Is 13:21ss; Jr 51:37ss). Além disso, João chama a cidade de "esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável" (Ap 18:2). Na parábola que Jesus contou sobre o semeador, as aves também eram uma imagem de Satanás (Mt 13:31, 32).

Esse julgamento sobreveio porque o "sistema" babilônico corrompeu o mundo todo. Como no julgamento da "meretriz", o pecado é de "prostituição" ou idolatria. O sistema inebriava as pessoas com todas as riquezas e prazeres que tinha para oferecer. Satisfazia os "mais amigos dos prazeres do que amigos de Deus" (2 Tm 3:4).

Cristãos de todas as épocas tiveram de dar ouvidos à advertência em 1 João 2:15-17. Como é fácil render-se à fascinação das coisas que este mundo oferece! Como uma pessoa que toma um gole pequeno de vinho, logo é possível acabar bebendo profundamente e ansiando por mais. O sistema do mundo, contrário a Cristo, sempre esteve presente, e deve-se tomar cuidado com sua influência sutil.

O sistema do mundo satisfaz os desejos dos habitantes da Terra que seguem a "besta" e rejeitam o Cordeiro. Mas as coisas do

mundo nunca são duradouras nem trazem satisfação permanente. O amor pelos prazeres e bens é apenas uma forma insidiosa de idolatria; sua origem é demoníaca, e seus resultados, destrutivos.

**A voz da separação (vv. 4-8).** Esta admoestação é paralela a Jeremias 50:8 e 51:6, 45. Em todas as épocas, o verdadeiro povo de Deus teve de se separar daquilo que é mundano e contrário a Deus. Quando Deus chamou Abraão, ordenou que ele saísse de sua terra (Gn 12:1). Deus separou o povo de Israel do Egito e advertiu os israelitas a não voltarem. A Igreja de Deus deve se separar de tudo o que é pecaminoso (Rm 16:17, 18; 2 Co 6:14 - 7:1).

João apresenta dois motivos pelos quais o povo de Deus deve separar-se do sistema diabólico. O primeiro é evitar a contaminação, tornando-se "cúmplices em seus pecados" (Ap 18:4). "Não te tornes cúmplice de pecados de outrem" (1 Tm 5:22). O termo "cúmplices" significa "unido em comunhão ou parceria". Existe uma comunhão boa no Senhor (Fp 4:14), mas também existe uma comunhão perversa da qual o cristão deve se guardar (Ef 5:11). O Espírito promove união verdadeira no meio dos cristãos, mas não devemos transigir associando-nos aos que se opõem a Cristo.

O segundo motivo é para que o povo de Deus seja poupado das pragas terríveis que ele enviará sobre a Babilônia; Deus suportou com paciência os pecados cada vez maiores do sistema perverso, mas agora é chegada a hora de ele derramar sua ira. Tratará a Babilônia como ela tratou o povo de Deus.

Quais são os pecados específicos que Deus julgará? Observamos anteriormente a influência nociva da Babilônia sobre as nações do mundo, seduzindo-as à *idolatria*. Outro pecado que será julgado é o *orgulho*: "a si mesma se glorificou" (Ap 18:7). A Babilônia considerava-se uma rainha que não poderia ser desentronizada, uma falsa confiança e orgulho que o Senhor jamais poderia aceitar (ver Is 47, especialmente os vv. 7-9).

O terceiro pecado da Babilônia é o *culto aos prazeres e à luxúria*. "[Viver] em luxúria"

(Ap 18:7) é viver arrogantemente em meio ao luxo enquanto outros passam necessidade. É fazer dos bens e prazeres as coisas mais importantes da vida e ignorar as necessidades dos outros. João resume essa atitude como “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 Jo 2:16).

O povo de Deus deve separar-se sem demora desse sistema perverso, pois o julgamento divino virá repentinamente, e a Babilônia será destruída em um único dia. Por vezes, os julgamentos de Deus operam silenciosamente, “como a traça” (Os 5:12), mas em outras ocasiões, são “como um leão” (Os 5:14): súbitos e inescapáveis. O império econômico será arruinado em um único dia! Mas os que tiverem sua cidadania no céu se alegrarão com o julgamento de Deus.

**A voz de lamentação (vv. 9-19).** Este parágrafo longo descreve o lamento dos comerciantes ao verem a Babilônia transformar-se em fumaça e toda a sua riqueza ser destruída. É a imagem de uma cidade próspera da Antiguidade, onde aportavam muitos navios. A riqueza da vida provê para muitas nações e gera inúmeros empregos. Vale observar que o lamento pela queda da Babilônia vem não apenas dos comerciantes (Ap 18:11), mas também dos reis da Terra (Ap 18:9). Os negócios e o governo encontram-se de tal modo entretrecidos que ambos são afetados pelas mesmas coisas.

Sem dúvida, a cidade de Roma era o centro do comércio internacional e do governo na época de João e também era conhecida por sua extravagância e luxo. O povo do império dependia de Roma tanto em termos políticos quanto econômicos. Hoje, com todas as relações complexas que existem entre governos e empresas, não levaria muito tempo para a “Babilônia” ruir e o sistema econômico mundial ser destruído.

O termo traduzido por “chorarão” (Ap 18:9) refere-se a “um lamento em alta voz”, não a um choro silencioso, e também é traduzida por “choram” em Apocalipse 18:11. É importante observar que os mercadores não lamentam pela cidade, mas por si

mesmos: perderam os preciosos fregueses! Deus acabou com seu luxo e com suas riquezas. Até mesmo seus empregados chorarão (Ap 18:17, 18).

João apresenta uma relação de alguns dos bens que enriqueciam esses reis, comerciantes e donos de navios mercantes. Os primeiros itens da lista são ouro, prata e pedras preciosas. Em seguida, o apóstolo descreve roupas suntuosas (ver também Ap 18:16) e produtos feitos de materiais caros. A “madeira preciosíssima” (Ap 18:12) era proveniente de um tipo de conífera extremamente valorizada pelos romanos, que a usavam para fazer armários decorativos e outros móveis de luxo.

Havia, naquele tempo, uma grande demanda de especiarias importadas, tanto para uso alimentício quanto para uso pessoal na forma de perfumes. Como tantos países de hoje, a cidade de Roma dependia de alimentos importados. Na verdade, grandes cidades da atualidade passariam fome, se não fosse pelos caminhões e trens que as abastecem de carnes, frutas e legumes todos os dias.

O último item da lista e o mais perturbador são os “escravos e até almas humanas” (Ap 18:13). Calcula-se que um terço da população do império romano era constituído de escravos e que não era incomum leiloar até dez mil seres humano em um dia nos grandes mercados de escravos do império. É provável que houvesse mais de 60 milhões de escravos por todo o império, pessoas tratadas como objetos: compradas, vendidas, usadas e maltratadas.

João sugeriu que, no fim dos tempos, haverá uma volta à prática da escravatura? Talvez não no sentido antigo, mas sem dúvida pode-se observar que, cada vez mais, as pessoas estão perdendo sua liberdade no mundo da atualidade. Pessoas são “compradas e vendidas” (ou mesmo trocadas!) por clubes esportivos, enquanto grandes corporações procuram controlar cada vez mais a vida de seus administradores e funcionários. À medida que as pessoas tornam-se mais escravas do luxo, com mais contas a pagar, também se encontram cada vez mais presas ao “sistema”.

Não é preciso muita imaginação para visualizar uma escravidão universal sob o governo da "besta". Observamos anteriormente que o anticristo exigirá que sua marca seja colocada sobre todos os que desejam comprar ou vender (Ap 13:16, 17) e que obrigará as pessoas a adorar sua imagem. Prometerá "liberdade", mas colocará homens e mulheres sob o jugo da escravidão (2 Pe 2:19). Aproveitará as concupiscências do povo (Ap 18:14), usando-as como instrumentos de escravidão.

É possível que João tivesse em mente Ezequiel 27, o lamento pela queda de Tiro. Ao ler esse capítulo, são encontrados vários paralelos.

**A voz de celebração (vv. 20-24).** Contrastando com o lamento dos reis e comerciantes, há o regozijo dos habitantes do céu com a destruição da Babilônia. É essencial o povo de Deus analisar os acontecimentos do ponto de vista divino. Na verdade, as Escrituras ordenam que nos alegremos com a destruição da Babilônia, pois nesse julgamento Deus vindicará seus servos martirizados (ver Ap 6:9-11).

Convém observar o refrão: "Nunca jamais". Jeremias usa uma abordagem semelhante ao advertir Judá de que a nação estava preste a ser julgada pelas mãos dos babilônios (Jr 25:8-10). Agora, o mesmo julgamento sobrevém à própria Babilônia! Essa descrição das perdas e danos que a Babilônia sofrerá mostra que tanto os luxos quanto as provisões mais básicas lhe serão tirados. A música e a indústria, os empregos e o casamento, tudo terá um fim violento.

Apocalipse 18:24 deve ser comparado com Apocalipse 17:6 e Mateus 23:35. Satanás usa a religião e as atividades econômicas para perseguir e matar o povo de Deus.

Durante a primeira metade da Tribulação, a "besta" sobe ao poder, a Babilônia eclesiástica e político-econômica coopera na oposição ao Senhor e a seu povo. Deus parecerá não se importar; mas, no tempo certo, vindicará seu povo e destruirá tanto a "meretriz" quanto a grande cidade. Deus é paciente com seus inimigos, mas quando começa a operar, sua intervenção é repentina e completa.

Não se deve imaginar que essa voz de celebração seja um convite para nos alegrarmos com o julgamento dos pecadores. O julgamento divino deve sempre quebrantar o coração, pois os pecadores perdidos estão condenados ao castigo eterno. A alegria, nessa passagem, gira em torno do julgamento reto de Deus, do fato de que se fez justiça. É fácil polemizar essas questões hoje, enquanto se estuda a Bíblia no conforto de nosso lar. Se estivéssemos com João em Patmos ou entre os santos aflitos aos quais ele escreveu, é possível que víssemos as coisas de outra forma. Não se deve cultivar a vingança pessoal (Rm 12:17-21), mas sim regozijar-se com o julgamento justo de Deus.

A esta altura deste estudo, o sistema político e econômico da "besta" finalmente foi destruído. Resta apenas Jesus Cristo voltar do céu, encontrar-se pessoalmente com a "besta" e derrotar seus exércitos. É exatamente isso o que fará e, então, estabelecerá o seu reino de justiça na Terra.

Mas a pergunta importante é: "Somos cidadãos da 'Babilônia' ou do céu?"

Você pode se regozijar porque seu nome está escrito no céu? Se sua resposta é não, esta é a hora de você crer em Jesus Cristo, "sair da Babilônia" e passar a fazer parte da família de Deus.

## O REI E O SEU REINO

### APOCALIPSE 19 – 20

“**C**omo será o fim?” Há séculos, essa é a grande pergunta da humanidade. Os historiadores estudam o passado na esperança de encontrar alguma pista que os ajude a entender o futuro. Os filósofos tentam penetrar o significado das coisas, mas até hoje não encontraram a chave. Não é de se admirar que o desespero leve muitos a voltar-se para a astrologia e para o espiritismo.

A Palavra profética de Deus resplandece “como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso” (2 Pe 1:19) e é a verdade na qual podemos nos firmar. Em Apocalipse 19 e 20, João registra cinco acontecimentos críticos que ocorrerão antes de Deus encerrar a história humana e introduzir os novos céus e nova Terra.

#### 1. O CÉU SE REGOZIJARÁ (AP 19:1-10)

Quando a Babilônia caiu na Terra, ouviu-se a ordem no céu: “Exultai sobre ela” (Ap 18:20), e o que se encontra nesta seção é a resposta a essa ordem. A palavra “aleluia” é a forma grega do termo hebraico *hallelujah*, que significa “louvor ao Senhor”. Esse é o “Cântico de Aleluia” do céu, entoado por três motivos.

**Deus julgou seus inimigos (vv. 1-4).** Uma vez que a “grande meretriz” de Apocalipse 17 foi destruída pela “besta” e pelos outros governantes (Ap 17:16) no meio da Tribulação, a “grande meretriz” desta passagem deve ser, então, a “grande Babilônia”. Ao comparar Apocalipse 17:2 com 18:3 e 9, a relação é evidente. Tanto o sistema religioso apóstata quanto o sistema político-econômico satânico fizeram o mundo desviar-se e contaminaram a humanidade. Ambos são

culpados de perseguir o povo de Deus e de martirizar inúmeros cristãos.

O cântico enfatiza os atributos de Deus, pois essa é a forma apropriada de honrá-lo. Não nos regozijamos com a pecaminosidade da Babilônia, nem mesmo com a enormidade de sua queda. Antes, nos regozijamos porque os caminhos de Deus são “justos e verdadeiros” (Ap 15:3; 16:7; 17:6) e ele é glorificado em seus julgamentos santos. Como vimos em Apocalipse 8:1-6, o trono e o altar de Deus encontram-se associados a seus julgamentos. Apocalipse 19:3 deve ser comparado com Apocalipse 14:10, 11, e Apocalipse 19:4 com Apocalipse 5:6-10.

**Deus reina (vv. 5, 6).** A tradução literal é “O Senhor Deus Todo-Poderoso começou a reinar”. Isso não significa que o trono do céu estivesse desocupado ou inativo, pois não é o caso. O Livro de Apocalipse é o “livro do trono” e, de fato, o Deus Todo-Poderoso está cumprindo seus propósitos na Terra. Essa interrupção do louvor repete o Salmo 97:1: “Reina o SENHOR. Regozije-se a terra”.

Deus sempre reinou no trono do céu, mas agora está preste a conquistar os tronos da Terra bem como o reino de Satanás e da “besta”. Em sua soberania, ele permitiu que homens e anjos perversos fizessem o pior, mas agora é chegada a hora de a vontade de Deus ser feita na Terra como ela é feita no céu. Quando João estava em Patmos, o imperador de Roma era Domiciano, e um dos títulos que tomou para si foi “Senhor e Deus”. Para os leitores de João, deve ter sido bastante significativo o apóstolo usar a palavra *aleluia* quatro vezes nos seis primeiros versículos deste capítulo, pois, de fato, somente Jeová é digno de adoração e de louvor.

**A noiva está pronta (vv. 7-10).** A noiva é, evidentemente, a Igreja (2 Co 11:2; Ef 5:22-33), e Jesus Cristo, o Cordeiro, é o Noivo (Jo 3:29). Nas cerimônias de casamento, normalmente o centro das atenções é a noiva, mas, nesse caso, o Noivo recebe a honra! “Alegrmo-nos, exultemos e demos-lhe a glória”.

Quando alguém comenta sobre um casamento, sempre há quem pergunte: “Como era o vestido da noiva?” Aqui, a noiva do Cordeiro está vestida com “os atos de justiça

dos santos" (v. 8). Quando a noiva chegou ao céu e se apresentou no tribunal de Cristo, não estava tão bela (aliás, de acordo com Paulo em Ef 5:27, estava coberta de máculas, rugas e defeitos); mas, agora, se mostra radiante em sua glória. Ela "a si mesma já se ataviou" para a cerimônia pública.

Os casamentos judaicos daquela época eram bem diferentes das cerimônias de casamento ocidentais. Em primeiro lugar, havia o noivado, normalmente firmado entre os pais dos futuros noivos, quando estes últimos ainda eram bastante jovens. Esse noivado era um compromisso sério e só podia ser rompido por meio de um tipo de divórcio. Qualquer infidelidade durante o noivado era considerada adultério.

Quando a cerimônia pública estava prestes a acontecer, o noivo ia buscar a noiva em casa a fim de tomá-la para si. Em seguida, a levava para a casa dele, onde era realizado um banquete nupcial com todos os convidados e com o casal feliz. As comemorações chegavam a durar até uma semana.

Hoje, a Igreja está "noiva" de Jesus Cristo, e, mesmo sem tê-lo visto, nós o amamos (1 Pe 1:8). Um dia, ele voltará e levará a noiva para o céu (Jo 14:1-6; 1 Ts 4:13-18). No tribunal de Cristo, as obras da noiva serão julgadas, e todas as suas máculas e rugas serão removidas. Depois disso, a igreja estará pronta a voltar à Terra com o Noivo no final da Tribulação e para reinar com ele em glória (ver Lc 13:29; Mt 8:11). Alguns estudiosos acreditam que a era do reino corresponderá ao "banquete de casamento".

Apocalipse 19:9 apresenta a quarta das sete "bem-aventuranças" deste livro (ver Ap 1:3). Claro que a noiva não é convidada para o próprio casamento! Os convidados são os crentes da era do Antigo Testamento e da Tribulação. Na eternidade, não haverá distinção alguma no meio do povo de Deus; mas na era do reino, ainda haverá diferenças enquanto a Igreja estiver reinando com Cristo e Israel estiver desfrutando as bênçãos messiânicas prometidas.

João fica tão sobrepujado com essa visão que se prostra com o rosto em terra para

adorar o anjo que o está guiando, um gesto que repete posteriormente (Ap 22:8, 9). É evidente que os anjos não devem ser adorados (Cl 2:18), e João sabia disso. Todavia, é preciso levar em consideração o grande peso emocional da experiência de João. Assim como o apóstolo, o anjo era apenas um servo de Deus (Hb 1:14), e não adoramos servos (ver At 10:25, 26).

## 2. CRISTO VOLTARÁ (AP 19:11 - 20:3)

Primeiro, João descreve o Conquistador (Ap 19:11-16) e, em seguida, suas conquistas (Ap 19:17 - 20:3). O cavaleiro montado no cavalo branco (Ap 6:2) é o falso Cristo, mas esse Cavaleiro é o verdadeiro Cristo. Não está vindo *nos ares* para levar seu povo para o lar (1 Ts 4:13-18); antes, está vindo à Terra com seu povo, para conquistar os inimigos e estabelecer seu reino.

É importante observar a ênfase sobre os nomes de Jesus (Ap 19:11-13, 16). Ele é "Fiel e Verdadeiro" (ver Ap 3:14), ao contrário da "besta", que é infiel (rompe a aliança com Israel) e falsa (governa por meio da dissimulação e da idolatria). Os santos aflitos precisam ser lembrados de que Deus é fiel e não os abandonará, pois suas promessas são verdadeiras.

Talvez o "nome escrito que ninguém conhece" (Ap 19:12) corresponda ao "novo nome" (Ap 3:12). Uma vez que não se sabe qual é esse nome, não é possível comentar sobre ele, mas é empolgante saber que, mesmo no céu, vão ser aprendidas coisas novas sobre o Senhor Jesus!

O "Verbo de Deus" é uma designação conhecida para o Senhor nas Escrituras (Jo 1:1-14). Assim como revelamos nossa mente e coração a outros por meio de nossas palavras, também o Pai revela-se a nós por meio de seu Filho, o Verbo encarnado (Ap 14:7-11). Uma palavra é constituída de letras, e Jesus Cristo é "o Alfa e o Ômega" (Ap 21:6; 22:13). Ele é o "alfabeto divino" da revelação de Deus a nós.

A Palavra de Deus "é viva, e eficaz" (Hb 4:12); além disso, cumpre os propósitos de Deus na Terra (Ap 17:17; ver também Ap 6:11; 10:7; 15:1). O próprio Senhor diz:

“porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1:12). Assim como a Palavra foi o Agente de Deus na criação (“Verbo”; Jo 1:1-3), também é seu Agente de julgamento e consumação.

O nome mais importante de Cristo é “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19:16). Esse é seu nome vitorioso (Ap 17:14), e traz à mente passagens como Daniel 2:47 e Deuteronômio 10:17. Paulo usa a mesma designação para o Senhor Jesus Cristo em 1 Timóteo 6:15. Esse título refere-se à soberania de Cristo, pois todos os reis e senhores devem sujeitar-se a ele. Não importa quem ocupava o trono do império romano, Jesus Cristo era o Rei e Senhor!

A grandeza de Cristo não é vista apenas em seus nomes, mas também na descrição que João apresenta do Rei conquistador (Ap 19:12-16). Os olhos “são chama de fogo”, simbolizando seu julgamento perscrutador que vê todas as coisas (Ap 1:14). As muitas coroas (“diademas”) indicam seu governo magnificente e sua soberania. O manto tinto de sangue refere-se ao julgamento e, provavelmente, é relacionado a Isaías 63:1-6 e a Apocalipse 14:20, a conquista de seus inimigos. O manto do Senhor não é tinto com o próprio sangue, mas sim com o sangue de seus adversários.

A espada afiada simboliza a Palavra de Deus (Ap 19:21; ver também Ef 6:17; Hb 4:12; Ap 1:16). Essa imagem harmoniza com o fato de que Cristo destruirá o inimigo “com o sopro de sua boca” (2 Ts 2:8; ver também Is 11:4). O “cetro de ferro”, que já vimos em outras passagens (Ap 2:27; 12:5), simboliza sua justiça ao governar sobre a Terra. A imagem do lagar deve ser associada ao julgamento no Armagedom (Ap 14:14-20; ver também Is 63:1-6).

Jesus não está sozinho em sua conquista; é seguido de hostes celestiais. Quem são eles? Sem dúvida, os anjos fazem parte desse exército (Mt 25:31; 2 Ts 1:7); mas os santos também estão presentes (1 Ts 3:13; 2 Ts 1:10). Judas descreve esta mesma cena (Jd 14, 15). A palavra *santo* significa “os que são sagrados” e pode ser usada tanto para cristãos quanto para anjos.

O exército não precisará lutar, pois o próprio Cristo derrotará o inimigo por meio de três grandes vitórias.

***Derrotará os exércitos dos reis da Terra (vv. 17-19, 21).*** Esses guerreiros reuniram-se para lutar e conspirar “contra o SENHOR e contra o seu Ungido” (Sl 2:1-3), mas suas armas mostram-se inúteis. A batalha transforma-se em uma carnificina – uma “grande ceia” para as aves de rapina! A primeira metade de Apocalipse 19 descreve o banquete de casamento do Cordeiro; a segunda metade descreve “a grande ceia de Deus” (ver Mt 24:28; Lc 17:37).

A palavra “carne” é usada seis vezes neste parágrafo. Apesar de a referência imediata de João ser ao corpo humano consumido pelos abutres, também se vê aqui um significado mais profundo: o homem fracassa porque é carne e se apóia na carne. A Bíblia não diz nada de bom sobre a natureza humana decaída. É possível lembrar das palavras de Deus antes do dilúvio: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal” (Gn 6:3; ver também Jo 3:6; 6:63; Rm 7:18; Fp 3:3). “Pois toda carne é como a erva” (1 Pe 1:24) e deve ser julgada.

Esse é o relato da tão conhecida “Batalha do Armagedom”, prenunciada em passagens anteriores (Ap 14:14-20; 16:13-16). Cristo só precisará proferir sua Palavra e a “espada afiada” de sua boca destruirá seus inimigos.

***Derrotará a “besta” e o falso profeta (v. 20).*** Uma vez que os “aliados” de Satanás são os líderes da revolta, é justo que sejam capturados e confinados. Em seguida, são lançados no “lago de fogo” (ver Ap 20:10, 14, 15), o lugar final e permanente de castigo a todos os que se recusam a sujeitar-se a Jesus Cristo. A “besta” e o falso profeta são os primeiros a irem para o inferno. Satanás os seguirá mil anos depois (Ap 20:10) e estará acompanhado daqueles cujos nomes não foram registrados no Livro da Vida (Ap 20:15).

Hoje, quando um incrédulo morre, seu espírito vai a um lugar chamado *hades*, que significa “o mundo invisível”, ou seja, o reino dos mortos. Quando os cristãos morrem,

vão imediatamente para a presença do Senhor (2 Co 5:6-8; Fp 1:19-23). Um dia, o *hades* será esvaziado de seus mortos (Ap 20:13), que serão, então, lançados no inferno para se juntarem a Satanás, à “besta” e ao falso profeta.

**Derrotará Satanás (20:1-3).** O “abismo”, em Apocalipse 20:1, não é o mesmo que o inferno, mas sim o “poço do abismo” que vimos antes em nosso estudo (Ap 9:1, 2, 11; 11:7; 17:8). Satanás não é lançado imediatamente no inferno, pois Deus ainda tem mais uma tarefa para ele realizar. Antes, o adversário é confinado no abismo por mil anos. Primeiro, foi expulso do céu (Ap 12:9), e, agora, é expulso da Terra!

Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que Satanás foi “acorrentado” quando Jesus morreu na cruz, ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu. Apesar de ser verdade que Jesus conquistou sua vitória decisiva sobre Satanás na cruz, a pena contra o diabo ainda não foi aplicada. Ele é um inimigo derrotado, mas ainda tem liberdade de atacar o povo de Deus e de se opor à obra de Deus (1 Pe 5:8). Creio que foi James M. Gray quem comentou que, se Satanás está acorrentado hoje, sua corrente deve ser extremamente longa! Paulo estava certo de que o adversário continuava solto (Ef 6:10ss), e João concorda com ele (Ap 2:13; 3:9).

Depois de tratar de seus inimigos, o Senhor está livre para estabelecer seu reino na Terra.

### 3. OS SANTOS REINARÃO (AP 20:4-6)

A expressão “mil anos” é usada seis vezes em Apocalipse 20:1-7. Esse período da história é conhecido como “o Milênio”, designação originária de duas palavras em latim: *mille* (“mil”) e *annum* (“ano”), o reino milenar de Cristo na Terra. Finalmente, Cristo e sua Igreja reinarão sobre as nações da Terra, e Israel desfrutará as bênçãos prometidas pelos profetas (ver Is 2:1-5; 4:1-6; 11:1-9; 12:1-6; 30:18-26; 35:1-10).

Trata-se de um reino literal na Terra ou esses versículos devem ser “espiritualizados” e aplicados à Igreja de hoje? Alguns intérpretes afirmam que a expressão “mil anos”

é apenas um número que expressa a “perfeição suprema” (10 x 10 x 10 = 1.000). Dizem que é um símbolo da vitória de Cristo e das bênçãos maravilhosas que a Igreja desfruta, agora que Satanás foi derrotado e acorrentado. Esse ponto de vista é conhecido como *amilenialismo*, que significa “nenhum milênio”, ou seja, nenhum reino literal.

O problema dessa abordagem é que ela não explica por que João apresenta esse período com a ressurreição dos mortos. Por certo, o apóstolo não se refere a uma ressurreição “espiritual”, pois diz até como essas pessoas morreram! Em Apocalipse 20:5, João escreve sobre outra ressurreição literal. Se já estamos no reino milenar de vitória, quando ocorreu essa ressurreição? Parece razoável supor que João escreve sobre uma ressurreição física literal dos mortos e sobre um reino literal na Terra.

Qual é o propósito desse reino milenar? Em primeiro lugar, o cumprimento das promessas feitas por Deus a *Israel* e a *Cristo* (Sl 2; Lc 1:30-33), promessas que Jesus reafirmou a seus apóstolos (Lc 22:29, 30). Esse reino será uma demonstração mundial da glória de Cristo e a ocasião em que toda a natureza será liberta da escravidão do pecado (Rm 8:19-22). Será a resposta à oração dos santos: “Venha o teu reino”. Também será a demonstração final de Deus da atrocidade do pecado e da perversidade do coração humano desprovido da graça divina, assunto do qual trataremos mais adiante.

Os mártires da Tribulação serão ressuscitados dentre os mortos e receberão tronos gloriosos e recompensas. A Igreja participará desse reino, conforme simbolizado pelos 24 anciãos (Ap 5:10; ver também 2:26-28; 3:12, 21; 1 Ts 4:13-18; 2 Tm 2:12). Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que os santos do Antigo Testamento também farão parte dessa “primeira ressurreição” (Dn 12:1-4).

A expressão *ressurreição geral* não é usada na Bíblia. Pelo contrário, a Bíblia ensina que haverá *duas* ressurreições: a primeira é dos salvos e conduz à bênção; a segunda é de todos os perdidos e conduz ao julgamento (ver especialmente Jo 5:28, 29; Dn

12:2). Essas duas ressurreições serão separadas pelo período de mil anos.

Apocalipse 20:6 descreve as bênçãos especiais dos que participarão da primeira ressurreição. Essas bênçãos não são *meritórias*; antes, fazem parte da herança dos que crêem em Jesus Cristo. Esta é a sexta das sete "bem-aventuranças" de Apocalipse. A sétima encontra-se em Apocalipse 22:7. Esses cristãos ressurretos participarão da vida gloriosa de Cristo, governando com ele como reis e sacerdotes, e jamais experimentarão a "segunda morte", o lago de fogo (inferno, Ap 20:14).

Durante o Milênio, a Terra será habitada não apenas pelos santos glorificados, mas também pelos cidadãos das nações que se curvam em submissão a Jesus Cristo (ver Mt 25:31-40; também 8:11). Por causa das condições perfeitas da Terra, as pessoas terão uma vida longa (Is 65:17-25, especialmente o v. 20). Casarão, terão filhos e, exteriormente, se mostrarão conformes com o governo reto de Cristo. Mas à medida que o Milênio se desenrolar, nem todas se converterão de fato; isso explica como Satanás conseguirá reunir um grande exército de rebeldes no final da era do reino (Ap 20:8).

Há séculos, o homem sonha com uma "era dourada", uma "utopia" na qual a raça humana se verá livre de guerras, enfermidades e até mesmo da morte. Os seres humanos tentaram alcançar esse objetivo por conta própria e falharam. Somente quando Jesus Cristo reinar no trono de Davi é que o reino virá, e a Terra será liberta da opressão de Satanás e do pecado.

#### **4. SATANÁS SE REVOLTARÁ (AP 20:7-10)**

No final do Milênio, Satanás será solto do poço do abismo e terá permissão de liderar a última revolta contra o Senhor. Qual o motivo disso? Esse episódio servirá de prova incontestável de que o coração humano é terrivelmente perverso e só pode ser transformado pela graça de Deus. É possível imaginar a tragédia dessa revolta: pessoas vivendo em um ambiente perfeito, sob o governo perfeito do Filho de Deus, finalmente reconhecerão a verdade e se rebelarão contra o Rei!

Sua obediência era apenas uma submissão  *fingida*, não verdadeira fé em Cristo.

O fato de "Gogue e Magogue" (Ap 20:8) serem citados não significa que essa batalha seja a mesma descrita em Ezequiel 38 e 39; pois o exército ao qual o profeta se refere vem do Norte, enquanto este vem dos quatro cantos da Terra. No entanto, os dois acontecimentos são relacionados, no sentido de que as duas batalhas giram em torno de Israel. Nesse caso, o alvo será Jerusalém ("o monte Sião, que ele amava"; Sl 78:68; 87:2). Deus tratará dessa revolta com rapidez e eficiência, e Satanás será lançado no inferno. Convém observar que a "besta" e o falso profeta ainda estarão sofrendo no lago de fogo depois de mil anos! (ver Mt 25:41).

Em certo sentido, o reino milenar será um "resumo" de tudo o que Deus afirmou sobre o coração do homem ao longo dos vários períodos da história. Será um reino de lei e, no entanto, a lei não mudará o coração perverso do homem. Os seres humanos se revoltarão contra Deus. O Milênio será um período de paz em um ambiente perfeito, um tempo em que a desobediência será julgada com rapidez e justiça; e, no entanto, os súditos do Rei seguirão Satanás e se rebelarão contra o Senhor. Nem um ambiente perfeito é capaz de gerar um coração perfeito.

Deus está preste a encerrar a história humana, mas ainda resta um grande acontecimento para se desenrolar.

#### **5. OS PECADORES RECEBEM SUA RECOMPENSA (AP 20:11-15)**

Haverá uma segunda ressurreição, depois da qual os não salvos comparecerão ao julgamento de Deus. Não se deve confundir o julgamento diante do trono branco com o tribunal de Cristo, no qual as obras dos santos serão julgadas e recompensadas. A cena que João descreve nesta passagem é assustadora. O céu e a Terra "fugirão", e os pecadores não terão onde se esconder! Todos terão de se apresentar diante do Juiz!

O Juiz é Jesus Cristo, pois o Pai colocou todo o julgamento em suas mãos (Mt 19:28; Jo 5:22-30; At 17:31). Esses pecadores



perdidos rejeitaram a Cristo em vida, de modo que serão julgados por ele e enfrentarão a morte eterna.

De onde vêm esses "mortos"? A morte entregará os corpos, e o *hades* (o reino dos espíritos dos mortos) entregará os espíritos. Corpos ressuscitarão até do mar. Nenhum pecador escapará.

Jesus Cristo julgará os incrédulos com base no que está escrito "nos livros". Quais são esses livros? Em primeiro lugar, a Palavra de Deus estará presente. "A própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia" (Jo 12:48). Todo pecador terá de prestar contas da verdade que ouviu nesta vida.

Também haverá um livro com as obras dos pecadores sendo julgados, o que não sugere, porém, que uma pessoa possa fazer boas obras em número suficiente para lhe permitir entrar no céu (Ef 2:8, 9; Tt 3:5). Por que, então, Jesus Cristo julgará as obras boas e más das pessoas diante do trono branco? Para determinar o grau de seu castigo no inferno. Todas essas pessoas serão lançadas no inferno. Sua rejeição pessoal de Jesus Cristo já determinou seu destino. Mas Jesus Cristo é um Juiz justo e dará a cada pecador o que merece.

Existem diferentes graus de castigo no inferno (Mt 11:20-24). Cada pecador perdido receberá exatamente o que lhe é devido, e ninguém poderá discutir com o Senhor nem questionar sua decisão. Deus sabe o que os pecadores estão fazendo, e seus livros revelarão a verdade.

O "Livro da Vida" também estará presente, trazendo os nomes do povo remido de Deus (Fp 4:3; Ap 21:27; ver também 13:8; 17:8). Nenhuma pessoa incrédula terá seu nome escrito no Livro da Vida do Cordeiro; somente os verdadeiros cristãos serão arrolados em suas páginas (Lc 10:20).

Quando o julgamento terminar, todos os perdidos serão lançados no inferno, o lago de fogo, a segunda morte. Muitos rejeitam o preceito bíblico do inferno, pois o consideram contrário ao cristianismo. No entanto, Jesus ensinou essa doutrina claramente (Mt 18:8; 23:15, 33; 25:46; Mc 9:46). Existe um tipo sentimental e humanista de religião que

se recusa a encarar a realidade do julgamento, ensinando, antes, que Deus ama todas as pessoas e, por isso, abrirá as portas do céu a todos e não lançará ninguém no inferno.

O inferno dá testemunho do caráter justo de Deus. É essencial que Deus julgue o pecado. O inferno também dá testemunho da responsabilidade humana, do fato de que o homem não é um robô nem tampouco uma vítima impotente, mas sim uma criatura capaz de fazer escolhas. Deus não "manda as pessoas para o inferno"; elas próprias selam seu destino ao rejeitarem o Salvador (Mt 25:41; Jo 3:16-21). O inferno também dá testemunho da atrocidade do pecado. Se ao menos pudéssemos ver o pecado como Deus o vê, entenderíamos por que existe um lugar como o inferno.

Tendo em vista a obra realizada no Calvário, nenhum pecador perdido pode condenar Deus por lançá-lo no inferno. Deus proveu uma saída e está esperando pacientemente que os pecadores se arrependam. Não rebaixará seus padrões nem mudará seus requisitos. Deus determinou que a fé em seu Filho é o único caminho para a salvação.

O trono branco de julgamento será completamente diferente dos processos nos tribunais modernos. No trono branco, haverá um Juiz, mas não um júri; haverá acusação, mas não defesa; haverá uma sentença, mas não apelação. Ninguém será capaz de se defender nem de acusar Deus de injustiça. Será uma cena assustadora!

Antes de Deus trazer os novos céus e nova Terra, terá de tratar em definitivo da questão do pecado, e é isso o que fará no grande trono branco.

Pode-se escapar desse julgamento terrível crendo em Jesus Cristo como o Salvador pessoal. Quem o fizer não participará, de modo algum, da segunda ressurreição nem experimentará os horrores da segunda morte, o lago de fogo.

Jesus disse: "quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24).

Você já aceitou a Cristo e passou da morte para a vida?

# TODAS AS COISAS NOVAS!

## APOCALIPSE 21 – 22

A história humana começa em um jardim e termina em uma cidade bela como um jardim. No tempo do apóstolo João, Roma era uma cidade admirada por muitos, mas Deus a compara a uma meretriz.

“Pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus” (Lc 16:15). A cidade eterna de Deus é comparada com uma linda noiva (Ap 21:9), pois é o lar eterno do povo amado de Deus.

As declarações de Deus registradas em Apocalipse 21:5, 6 resumem, apropriadamente, esses dois últimos capítulos: “Eis que faço novas todas as coisas [...] Tudo está feito”. O que começou em Gênesis é concluído em Apocalipse, como se pode ver no quadro sinóptico abaixo:

<i>Gênesis</i>	<i>Apocalipse</i>
Os céus e a Terra são criados, 1:1	Novos céus e nova Terra, 21:1
O Sol é criado, 1:16	O Sol é desnecessário, 21:23
A noite é definida, 1:5	Não há noite, 22:5
Os mares são criados, 1:10	Os mares não existem mais, 21:1
A maldição é anunciada, 3:14-17	Não existe mais maldição, 22:3
A morte entra na história, 3:19	Não há morte, 21:4
O homem é afastado da árvore, 3:24	O homem é restaurado ao paraíso, 22:14
A tristeza e a dor têm início, 3:17	Não há mais lágrimas nem dor, 21:4

### 1. OS CIDADÃOS (AP 21:1-8)

João apresenta uma descrição tripla dos cidadãos da nova Jerusalém.

*São o povo de Deus (vv. 1-5).* O primeiro céu e a primeira Terra foram preparados para o primeiro homem e mulher e seus descendentes. Deus dispôs todas as coisas para eles quando os colocou no Jardim. Infelizmente, os primeiros antepassados pecaram e trouxeram a morte e a corrupção ao mundo maravilhoso de Deus. A criação está angustiada e cativa (Rm 8:18-23), e “nem os céus são puros aos seus olhos [de Deus]” (Jó 15:15).

Deus prometeu a seu povo um novo céu e uma nova Terra (Is 65:17; 66:22). A antiga criação deve ser removida, a fim de que a nova criação de Deus seja glorificada. Jesus chama esse acontecimento de “regeneração” da Terra (Mt 19:28), e Pedro o explica como uma purificação e renovação pelo fogo (2 Pe 3:10-13). Os estudiosos da Bíblia não apresentam um consenso quanto a esse processo; alguns acreditam que os antigos elementos serão renovados, enquanto outros pensam que serão destruídos e substituídos por uma criação inteiramente nova. O fato de o verbo grego traduzido por *novo* significar “novo em caráter” (Ap 21:1, 5) pode corroborar a primeira alternativa.

A declaração “O mar já não existe” não significa que não existe mais água. Indica apenas que a Terra será organizada de outra maneira no que diz respeito a suas águas. Três quartos do planeta consistem de água, mas não será o caso na eternidade. No tempo de João, o mar representava perigo, tempestades e separação (o próprio João estava em uma ilha quando escreveu este livro!), de modo que, talvez, o apóstolo não esteja apenas dando uma lição de geografia.

Mesmo com esta descrição que as Escrituras apresentam, é difícil imaginar como será a cidade eterna. João a caracteriza como uma cidade *santa* (ver Ap 21:27), *preparada* (ver Jo 14:1-6) e *bela*, como uma noiva no dia de seu casamento, e expande essas características em Apocalipse 21 e 22.

Mas o mais importante sobre a cidade é que Deus habita nela com seu povo. A Bíblia apresenta um registro interessante dos lugares de habitação do Senhor. No início, Deus andava com o homem no jardim do

Éden. Então, passou a habitar com Israel no tabernáculo e, posteriormente, no templo. Quando Israel pecou, Deus deixou essas habitações. Então, Jesus Cristo veio à Terra "tabernacular" entre nós (Jo 1:14). Hoje, Deus não vive em templos feitos por mãos humanas (At 7:48-50), mas sim no corpo dos que fazem parte de seu povo (1 Co 6:19, 20) e na igreja (Ef 2:21, 22).

Tanto o tabernáculo quanto o templo tinham um véu que separava os homens de Deus. Esse véu foi rasgado ao meio quando Jesus morreu e, desse modo, abriu um "novo e vivo caminho" para o povo de Deus (Hb 10:19ss). Apesar de Deus habitar nos cristãos por meio de seu Espírito, nem sequer começamos a entender Deus ou a ter comunhão com ele como gostaríamos; mas, um dia, habitaremos na presença do Senhor e desfrutaremos sua companhia para sempre.

A cidade eterna é tão maravilhosa que a melhor maneira que João encontra para descrevê-la é por meio de contrastes - "não haverá", "não existirá". Os primeiros cristãos a ler este livro inspirado devem ter se regozijado em saber que no céu não haverá mais dor, tristeza nem morte, pois muitos dentre esses santos haviam sido torturados ou mortos. A esperança do céu é fonte de ânimo para os cristãos aflitos de todas as épocas.

**Os cidadãos do céu são um povo saciado (v. 6).** As pessoas que vivem em cidades modernas não pensam muito em água, mas essa era uma grande preocupação no tempo de João. Sem dúvida, uma vez que trabalhava nas minas romanas, o próprio apóstolo sabia o que significava ter sede. Os santos torturados ao longo da história certamente se identificaram com essa promessa maravilhosa do Senhor. Água viva gratuita e abundante para todos!

**Os cidadãos celestiais são vencedores (vv. 7, 8).** O termo "vencedor" é extremamente importante em Apocalipse (2:7, 11, 17, 26; 3:5, 12, 21; ver também 12:11). Conforme João ressaltou em sua primeira epístola, todos os cristãos verdadeiros são vencedores (1 Jo 5:4, 5), de modo que esta

promessa não se aplica apenas a uma "elite espiritual". Uma vez que somos filhos de Deus, herdaremos todas as coisas.

Depois do grande incêndio em Chicago, em 1871, o evangelista Dwight L. Moody voltou a seu bairro para ver o que havia restado de sua casa. Um amigo que passava por lá comentou:

- Alguém me falou que você perdeu tudo.  
- Você entendeu mal - replicou Moody.  
- O que me restou ainda é muito mais do que aquilo que perdi.

- Como assim? - perguntou o amigo curioso. - Não sabia que você era tão rico.

Então, Moody abriu a Bíblia e leu Apocalipse 21:7 para ele: "O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus".

Contrastando com os vencedores, Apocalipse 21:8 descreve pessoas *vencidas* pelo pecado, que se recusaram a crer no Senhor. Qual é seu destino? O lago de fogo! O mundo considera os cristãos "fracassados", mas, na verdade, os não salvos é que são!

Os "covardes" são os que se mostraram temerosos, os que não tiveram coragem de assumir sua fé em Cristo (ver Mt 10:32, 33). O termo "abomináveis" significa "contaminados" e se refere aos que se entregaram ao pecado e, desse modo, contaminaram sua mente, espírito e corpo (2 Co 7:1). As outras características mencionadas em Apocalipse 21:8 não precisam de qualquer explicação especial, exceto pela observação de que todas elas se aplicam aos seguidores da "besta" (notar Ap 17:4, 6; 18:3, 9; 19:2).

## 2. A CIDADE (Ap 21:9 - 22:5)

A cidade eterna não é apenas o lar da noiva; ela é a noiva! Não é constituída de edifícios, mas sim de pessoas. A cidade que João vê é santa e celestial; ela desce à Terra vinda do céu, onde foi preparada. A descrição de João é estonteante, mesmo considerando o uso extensivo do simbolismo. O céu é um lugar real de glória e de beleza, o lar perfeito para a noiva do Cordeiro.

Observamos anteriormente que a "glória de Deus" manifestou-se em diferentes locais ao longo da história. A glória de Deus habitou no tabernáculo e, em seguida, no

templo. Hoje, sua glória habita nos cristãos e em sua Igreja. Essa glória será vista por toda a eternidade na cidade santa de Deus e lhe proverá toda a luz necessária.

A descrição da cidade segue o padrão das cidades que os leitores de João conheciam: tem fundamentos, muralhas e portas. Os fundamentos simbolizam *permanência*, contrastando com as tendas onde habitavam os “estrangeiros e peregrinos” (Hb 11:8-10; ver também Hb 11:13). As muralhas e portas indicam *proteção*. O povo de Deus jamais precisará temer qualquer inimigo. Os anjos às portas servirão de sentinelas!

Nesta cidade, os santos da antiga e da nova aliança serão unidos. As doze portas são identificadas com as doze tribos de Israel, e os doze alicerces, com os doze apóstolos (ver Ef 2:20). Contando com a tribo de Levi, na verdade havia treze tribos, e, contando com Paulo, havia treze apóstolos. Ao relacionar as tribos, em Apocalipse 7, João deixa de fora Dã e Efraim, indicando, talvez, que nossa interpretação não deve ser excessivamente literal. João está simplesmente garantindo que todo o povo de Deus estará na cidade (Hb 11:39, 40).

O apóstolo mediu a Jerusalém terrena (Ap 11), mas agora, é convidado a medir a cidade celestial. “Quadrangular”, em Apocalipse 21:6, significa “equilátera”, de modo que a cidade pode ser como um cubo ou pirâmide. Mais importante do que isso, porém, é que essa característica da cidade eterna de Deus indica sua perfeição: nada é desordenado ou desequilibrado.

As medidas são impressionantes! Se considerarmos que um *côvado* corresponde a aproximadamente 46 centímetros, as muralhas têm mais de 66 metros de altura! Se um *estádio* corresponde a cerca de 206 metros (as medidas variavam na Antiguidade), então a cidade cobre uma área de aproximadamente 2.500 quilômetros quadrados! Haverá espaço de sobra para todos!

É impossível não ficar fascinados com a construção da cidade. As muralhas são de jaspe, uma pedra cristalina; mas a cidade em si é feita de ouro puro, semelhante a cristal límpido. A luz da glória de Deus resplandecerá

por toda a cidade, como se esta fosse um “Santo dos santos” em grande escala.

Os fundamentos das construções costumam ser subterrâneos, mas não apenas são visíveis, como também belamente adornados de pedras preciosas. Cada fundamento separado terá as próprias jóias, criando uma mistura maravilhosa de cores quando a luz de Deus brilhar através delas.

Não se pode afirmar com certeza a cor dessas pedras preciosas e, na verdade, isso não importa. O jaspe, como vimos, é transparente. A safira é azul, e a calcedônia provavelmente é de cor azul-esverdeada. A esmeralda, evidentemente, é verde; o sardônio é semelhante a nosso ônix, uma pedra branca com traços marrons, apesar de alguns estudiosos a descreverem como sendo vermelha e branca.

O sárdio é uma pedra vermelha (descrita, por vezes, como tendo a cor de sangue), e o crisólito é um quartzo amarelo, como aquilo que chamamos hoje de topázio; o berilo é verde, e o topázio é de cor verde-amarelada. Não se sabe, ao certo, a cor do crisópraso; alguns acreditam que seja de tom dourado, enquanto outros o comparam com a cor da maçã verde. O jacinto provavelmente é azul, mas há quem afirme que é amarelo; a ametista é de cor roxa profunda ou vermelha azulada.

Nosso Deus é um Deus de beleza e espalhará beleza em abundância por toda a cidade que está preparando para seu povo. Talvez Pedro tivesse a cidade santa em mente quando escreveu sobre a “multiforme graça de Deus” (1 Pe 4:10), pois a palavra traduzida como “multiforme” significa “multicolorida, variegada”.

Na Antiguidade, a pérola era considerada uma “jóia real”, produzida por um molusco como revestimento para um grão de areia que causa irritação na porção interior da concha. Mas as portas de pérola da cidade nunca serão fechadas (Ap 21:25), pois não haverá coisa alguma para entrar e perturbar nem para contaminar seus habitantes.

João observa que a cidade é desprovida de alguns elementos, mas a ausência destes só magnifica sua glória. Uma vez que a

cidade toda será habitada pela presença de Deus, não haverá templo. Aliás, no céu não haverá distinção entre "secular" e "sagrado". O Sol e a Lua não estarão presentes, pois o Senhor será a luz da cidade, e nunca haverá noite (ver Is 60:19).

A menção feita às nações em Apocalipse 21:24 e 26 indica que haverá diversos povos na nova Terra. Considerando-se que na eternidade só existirão seres glorificados, não se deve imaginar que a Terra será habitada por várias nações como as que existem hoje. Antes, esses versículos refletem um costume de monarcas e nações da Antiguidade de oferecer riquezas e glória à cidade do rei mais poderoso. Na cidade celestial, todos honrarão o "Rei dos reis" (ver Sl 68:29; 72:10, 11; Is 60).

Em Apocalipse 22:1-5, entra-se na cidade e descobre-se que ela é semelhante a um lindo jardim que lembra o Éden. O jardim do Éden era cortado por quatro rios (Gn 2:10-14), mas somente um rio atravessa a cidade celestial. Ezequiel viu um rio purificador fluindo do templo – sem dúvida, uma cena associada ao Milênio (Ez 47); mas esse rio fluirá diretamente do trono de Deus, a fonte de toda pureza. O homem não podia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal e foi impedido de comer da árvore da vida (Gn 2:15-17; 3:22-24). Mas no lar eterno, o homem terá acesso à árvore da vida. O rio e a árvore simbolizam vida abundante na cidade gloriosa.

A declaração: "Nunca mais haverá qualquer maldição" remete a Gênesis 3:14-19, em que teve início a maldição. É interessante que até as últimas palavras do Antigo Testamento são: "para que eu não venha e fira a terra com maldição" (Ml 4:6). Mas o Novo Testamento anuncia: "Nunca mais haverá qualquer maldição". Satanás terá sido entregue ao inferno; Deus fará novas todas as partes da criação, e o pecado desaparecerá para sempre.

O que faremos no céu por toda a eternidade? Sem dúvida, não apenas louvaremos ao Senhor, mas também o serviremos. "Os seus servos o servirão" (Ap 22:3) são palavras de grande estímulo a nós, pois, no céu,

nosso serviço será perfeito. Ao servir ao Senhor na Terra, sempre enfrentamos os obstáculos impostos por pecados e fraquezas; mas todos os impedimentos serão removidos quando chegarmos à glória. Serviço perfeito em ambiente perfeito!

O que será esse serviço? A Bíblia não diz, e também não é preciso saber. Basta saber o que Deus deseja que seja feito *hoje*. Nossa fidelidade nesta vida é uma preparação para o serviço mais exaltado no céu. Na verdade, alguns estudiosos acreditam que teremos acesso a toda imensidão do universo e que seremos enviados a outros lugares em missões especiais. Mas é inútil especular, pois Deus achou por bem não revelar os detalhes.

No céu, não seremos apenas servos, mas também reis. Reinaremos para todo o sempre! Trata-se de uma referência ao fato de participar da autoridade de Cristo na glória. Como cristãos, estamos assentados com Cristo hoje nos lugares celestiais (Ef 2:1-10); mas, na eternidade, reinaremos sobre os novos céus e a nova Terra. Quanta honra! Quanta graça!

Sem dúvida, é possível fazer inúmeras perguntas interessantes acerca da futura habitação celestial, mas só haverá respostas quando chegarmos ao lar na glória. Na verdade, João encerra seu livro lembrando: uma vez que vamos para o céu algum dia, temos certas responsabilidades a cumprir *hoje*.

### 3. O DESAFIO (Ap 22:6-21)

O céu é mais do que um destino: é uma motivação. A consciência de que vamos habitar na cidade celestial deve fazer diferença em nossa vida aqui e agora. A visão da cidade celestial levou os patriarcas a andar com Deus e a servi-lo (Hb 11:10, 13-16). A consciência de que voltaria para o Pai no céu também encorajou Jesus Cristo quando ele encarou a cruz (Hb 12:2). A certeza do céu não deve tornar os salvos acomodados nem descuidados; antes, deve servir de estímulo para que cada cristão cumpra seus deveres espirituais.

**É preciso guardar a Palavra de Deus (vv. 6-11, 18, 19).** O que João escreveu é a

Palavra de Deus e, portanto, suas palavras são fiéis e verdadeiras (ver Ap 19:11). O mesmo Deus que falou por intermédio dos profetas também falou ao apóstolo João. Uma vez que é o ponto culminante da revelação de Deus, o Livro de Apocalipse não pode ser separado do restante da Bíblia. Negar que João escreveu a verdade é também negar os profetas.

O que significa “[guardar] as palavras da profecia deste livro” (Ap 22:7)? Basicamente, significa defender, vigiar, manter intacto. Não se deve acrescentar nem subtrair coisa alguma da Palavra de Deus (ver Dt 4:2; Pv 30:5, 6). Trata-se de uma responsabilidade especialmente grande à luz da volta de Cristo. A expressão “sem demora”, em Apocalipse 22:7, significa “em breve”. A Igreja está à espera da volta de Cristo desde o tempo dos apóstolos, e o Senhor ainda não veio; mas, quando as profecias de João começarem a se cumprir, tudo acontecerá rapidamente. Não haverá qualquer atraso.

As advertências em Apocalipse 22:18, 19 não sugerem que as pessoas que mudam o texto bíblico serão trazidas de volta à Terra a fim de sofrerem as pragas da Tribulação nem que perderão a salvação. Ninguém compreende a Bíblia inteiramente nem é capaz de explicar todo seu conteúdo; os que ensinam a Palavra, por vezes, precisam mudar suas interpretações, à medida que crescem em conhecimento. Deus vê o coração e pode distinguir entre ignorância e cinismo, imaturidade e rebelião.

Os escritores da Antiguidade costumavam colocar advertências desse tipo no final de seus livros, pois as pessoas que copiavam seus textos, a fim de os distribuir ao público, poderiam ser tentadas a mudar o conteúdo. No entanto, a advertência de João não é dirigida a um copista, mas sim ao ouvinte, ao cristão da congregação em que o livro está sendo lido em voz alta. Por analogia, porém, é possível aplicar suas palavras a qualquer um que leia e estude o livro hoje. Mesmo não sendo capazes de explicar as penas apresentadas, de uma coisa temos certeza: é perigoso mudar a Palavra de Deus. O que guardar a Palavra e lhe obedecer será

abençoado, enquanto o que a adulterar será, de algum modo, disciplinado.

Pela segunda vez, João é sobrepujado pelo que vê e ouve e se prostra para adorar o anjo que lhe fala (ver Ap 19:10). O anjo dá a João três conselhos: não adore anjos; adore a Deus; não sele a Revelação. O profeta Daniel recebeu ordens de selar seu livro (Dn 12:4), pois ainda não era chegado o tempo certo. Mas o livro de João é um “apocalipse”, uma revelação (Ap 1:1) e, portanto, não deve ser selado.

Mais uma vez, o Espírito Santo nos lembra da unidade viva da Palavra de Deus. Vimos neste estudo que João foi guiado pelo Espírito a voltar ao Antigo Testamento e usar várias de suas imagens, inclusive as profecias de Daniel. A melhor maneira de interpretar as Escrituras é pelas próprias Escrituras.

Apocalipse 22:11 sugere que Deus não deseja que os homens se arrependam e mudem seus caminhos? Não, pois isso seria contrário à mensagem de Apocalipse e ao próprio evangelho. As palavras do anjo devem ser entendidas à luz das declarações: “Eis que venho sem demora” (Ap 22:7, 12), e também, “porque o tempo está próximo” (Ap 22:10). A vinda de Cristo será tão rápida que os homens não terão tempo de mudar de caráter.

Assim, Apocalipse 22:11 é um aviso solene, indicando que as decisões determinam o caráter, e o caráter determina o destino. Cristãos aflitos podem perguntar: “vale a pena levar uma vida piedosa?” A resposta de João é: “sim, pois Jesus está voltando, e ele nos recompensará!” Em seguida, vemos a segunda admoestação do apóstolo.

**O cristão tem a responsabilidade de servir ao Senhor (vv. 12-14).** As palavras “e comigo está o galardão” indicam que Deus está atento ao sofrimento e ao serviço, e o que fazemos para ele não é em vão. No tribunal de Cristo, os santos serão julgados segundo suas obras, e os galardões serão entregues aos que foram fiéis.

Ao longo de toda a história da Igreja, sempre houve os que, nas palavras de Dwight L. Moody, “se tornaram tão preocupados com o céu a ponto de não fazerem bem algum

na Terra". Pediram demissão, venderam seus bens e se sentaram para esperar a volta de Cristo. É evidente que todos foram envergonhados, pois não é bíblico estipular datas para a vinda do Senhor. Também não é bíblico ser descuidados e preguiçosos só porque acreditamos que Jesus voltará em breve. Paulo enfrentou esse problema com alguns dos cristãos de Tessalônica (2 Ts 3).

Não é de se admirar que João tenha acrescentado: "Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro" (ou "guardam os mandamentos de Deus"; Ap 22:14). Quem crê, de fato, que Jesus voltará em breve, permanece vigilante e fiel (Lc 12:35ss).

Apocalipse 22:13 é um grande estímulo a todos os que procuram servir ao Senhor. Deus sempre termina tudo o que começa, pois ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último (ver Fp 1:6; 2:12, 13).

**É preciso manter-se puro (vv. 15, 16).** Há aqui um contraste entre os que obedecem aos mandamentos de Deus e entram na cidade e os que rejeitam sua Palavra e ficam de fora da cidade (ver Ap 21:8, 27). É improvável que os que "lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro" constituam uma elite ou grupo especial de santos. Essa expressão é semelhante ao termo "vencedores" e caracteriza o povo de Deus. A obediência à Palavra de Deus é a marca da verdadeira salvação.

Os títulos de Cristo em Apocalipse 22:16 são extremamente interessantes. A "raiz" fica enterrada no solo, onde ninguém pode vê-la, mas a "estrela" fica no céu, onde todos podem vê-la. A designação "a Raiz e a Geração de Davi" é o nome judeu de Jesus, mas a "Estrela da manhã" é seu nome universal. O primeiro refere-se a sua humildade, o segundo, a sua majestade e glória.

Como "Raiz [...] de Davi", Jesus Cristo fez Davi existir. Como "Geração de Davi",

Jesus veio ao mundo como judeu da linhagem de Davi. Ficam evidentes aqui tanto a divindade quanto a humanidade de Cristo. Para um texto paralelo, ver Mt 22:41-46.

A "estrela da manhã" anuncia que a aurora não tarda. Jesus Cristo virá buscar sua Igreja como a "Estrela da manhã". Mas quando voltar para julgar, será como "Sol da justiça", em fúria ardente (Ml 4:1-3). Os cristãos que vivem na expectativa da volta de seu Senhor mantêm a vida pura e consagrada a ele (1 Jo 2:28 - 3:3).

**É preciso continuar esperando pela volta de Jesus Cristo (vv. 17, 20, 21).** Em três ocasiões neste último capítulo, João escreve: "Eis que venho sem demora" (Ap 22:7, 12, 20). Mas o Senhor está "adiando" sua volta há quase 2 mil anos! Pedro explica por quê: Deus deseja dar a todo o mundo pecador a oportunidade de arrepender-se e de receber a salvação (2 Pe 3:1ss). Enquanto isso, o Espírito de Deus, por meio da Igreja (a noiva), pede que Jesus venha, pois a noiva deseja se encontrar com o Noivo e entrar em seu lar. "Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 22:20).

No entanto, os cristãos também devem convidar pecadores perdidos a se entregarem a Cristo e a beberem da água da vida. Não há dúvida de que, quando a igreja vive na expectativa da volta de Cristo, essa atitude impele seu ministério e evangelismo e estimula a pureza do coração. Há o desejo de falar a outros sobre a graça de Deus. Uma compreensão correta das profecias bíblicas deve nos levar a obedecer à Palavra de Deus e a compartilhar o convite de Deus com o mundo perdido.

Se o estudo de Apocalipse for, verdadeiramente, guiado pelo Espírito, cada cristão acompanhará João nesta última oração da Bíblia:

"Amém! Vem, Senhor Jesus!"  
Você está preparado?